

...E O Vento Levou

Margaret Mitchell

Título original: GONE WITH THE WIND

Copyright 1936 by The Macmillan Company Copyright renewed 1964 by Stephens Mitchell and Trust Company of Georgia as Executors pf Margaret Mitchell Marsh Copyright renewed 1964 by Stephens Mitchell

All rights reserved Protected under the Berne, Universal and Buenos Aires Conventions

Tradução de Maria Franco e Inés Duque Ribeiro

1.ª edição 1954

2.ª edição-1959

3.ª edição 1265 (reimpressão: 1971)

4.ª edição 1988

Coedição EDITORIAL MINERVA Rua da Alegria, 30 Lisboa

CONTEXTO, EDITORA Rua Ilha Terceira, 42-D, Pavilhão 2, Lisboa

...E O Vento Levou

Margaret Mitchell

VOLUME 1

PRIMEIRA PARTE

SCARLETT O'HARA não seria bela, mas só muito raramente os homens davam por isso quando seduzidos pelo seu encanto pessoal, como era o caso dos gêmeos Tarletons. No seu rosto combinavam-se em contraste flagrante as feições suaves da mãe, aristocrata do litoral, de origem francesa e os traços grosseiros do pai, irlandês vermelhusco. Contudo, era deveras interessante, com a sua carinha de maxilares fortes e queixo aguçado. Os olhos, de um verde-pálido em que não se vislumbrava a mais leve tonalidade castanha, brilhavam em duas molduras de pestanas negras, sedosas, levemente arqueadas nas extremidades. A coroa-los, as sobrancelhas cor de ébano, espessas e oblíquas destacavam-se de forma surpreendente sobre a tez de magnólia - o tom de cútis que as mulheres do Sul tanto apreciam e tão cuidadosamente protegem do sol ardente de Geórgia, com chapéus, véus e miberies.

Formava um quadro encantador, sentada com Stuart e Brent Tarleton à sombra fresca do alpendre da Tara - a fazenda do pai - naquela tarde radiosa de Abril de 1861.

O vestido novo de casisa verde, florida, em cuja confecção tinham sido empregados doze metros de tecido, caía-lhe às mil maravilhas sobre a volumosa saia de balão e condizia perfeitamente com os sapatinhos rasos de marroquim, que o pai lhe tinha trazido de Atlanta, pouco tempo antes. O vestido realçava-lhe a esbelteza da cintura a mais fina das redondezas; o corpete justo revelava seios bem desenvolvidos para os seus dezesseis anos: Mas, não obstante a simplicidade da saia, rodada, a maneira modesta como usava o cabelo, enrolado sobre a nuca, e a quietude das pequeninas mãos brancas que lhe repousavam, cruzadas, no regaço, a sua verdadeira personalidade conseguia sobressair. Apesar da expressão calma que a fisionomia normalmente ostentava, os olhos dela eram inquietos, voluntariosos, cheios de vida, o que estava em completo desacordo, com a sua atitude recatada. As maneiras discretas, estudadas, tinham-lhe sido impostas pelas suaves repressões



maternas e pela disciplina mais dura que a ama preta a fizera observar; mas os olhos eram dela, muito seus, e s,6 a ela obedeciam.

Os gêmeos ladeavam-na, comodamente instalados em espreguiçadeiras entortando os olhos para o sol, através dos copos altos dos refrescos cruzando negligentemente as pernas, metidas em botas de montar abotoadas até ao joelho, que quase estalavam sob a pressão dos músculos que escondiam e eram fruto de longa prática na sela. Com dezenove anos de idade, um metro e noventa de altura, ossatura alongada e músculos rijos, faces queimadas pelo sol e cabelos castanhos arruivados, olhos sorridentes e arrogantes, e o corpo envolto em idênticos casacos azuis e calções cor de mostarda, esses irmãos pareciam-se como duas gotas de água.

Enquanto os três riam e conversavam, o Sol ia descendo lá fora, no pátio, derramando luz dourada sobre os noveleiros cobertos então de massas compactas de flores brancas, que se recostavam sobre o fundo verde-claro da folhagem. As montadas dos dois gêmeos, amarradas a duas árvores da majestosa alameda eram animais corpulentos de pêlo semelhante à cor do 6belo dos donos; entre as pernas dos alazões brigavam os galgos, possantes e nervosos 'que acompanhavam Stuart e Brent por toda a parte. Um pouco mais longe como convinha a um aristocrata, um cão malhado descansava o focinho sobre as patas, aguardando pacientemente que os gêmeos voltassem para casa, a fim de jantar.

Entre os cavalos, os cães e os dois irmãos havia algo de mais profundo que os laços criados por uma convivência quase constante. Possuíam traços comuns: eram todos eles animais juvenis e sadios, fortes impetuosos, guapos, que viviam despreocupadamente; e, embora os rapazes fossem tão fogosos como os alazões que montavam, tão fogosos e perigosos, isso não impedia que se tornassem mansos e dóceis quando manobrados por mãos hábeis.

Ap@sar de a infância dos três jovens que conversavam debaixo do alpendre haver decorrido no ambiente calmo das fazendas, sob a vigilância permanente duma criadagem solícita que lhes satisfazia todos os desejos, os seus rostos não denotavam o mais leve vestígio de fraqueza ou de brandura. Tinham a, vivacidade e a energia características das pessoas que passam os dias ao ar livre e pouco se preocupam com os problemas enfadonhos de que os livros tra-

tam. A vida na comarca de Clayton, ao norte de Geórgia, continuava a ser a mesma, uma vida simples e, segundo o padrão de Augusta, Savarinali e Charleston, um tanto rústica. Os habitantes das comarcas mais antigas do Sul, indivíduos avisados e circunspectos, torciam o nariz aos, fazendeiros do Norte; mas ali, na zona setentrional de Geórgia, a ausência dos requintes de uma educação clássica não desprestigiava ninguém, contanto que se fosse conhecedor das coisas que na realidade interessavam. E cultivar bom algodão, montar com destreza, atirar bem, dançar com elegância, mostrar-se delicado, no trato com as senhoras e aguentar o, álcool como um fidalgo, era de facto o que interessava.

Ambos os gêmeos manifestavam em todos estes capítulos uma capacidade notória, -como notória era também a sua, incapacidade para'assimilar o conteúdo dos livros, fosse qual fosse o assunto neles versado. A família Tarleton tinha mais dinheiro, mais -cavalos, mais escravos do que qualquer outra da comarca, mas os dois rapazes eram incontestavelmente muito menos cultos do que a maioria dos seus vizinhos, que viviam na pobreza.

Era precisamente por essa razão que Stuart e Brent se encontravam naquele momento sob o alpendre de Tara, naquela tarde de Abril. Àcabavam de ser expulsos da Universidade de Geórgia, a quarta que os havia recambiado para a casa paterna no curto espaço de dois anos; e os dois irmãos mais velhos 'Tom e Boyd, tinham regressado juntamente com eles, pois que de forma alguma lhes agradaria prosseguir os estudos numa instituição em que os gémeos eram mal vistos, Stuart e Brent teciam os mais jocosos comentários em torno da sua recente expulsão e Scarlett, que de sua livre vontade não tornaria a abrir um livro desde que abandonara a Academia Feminina de Fayetteville 'um ano antes, encarava o acontecimento com o mesmo bom humor dos companheiros.

- Sei perfeitamente que vocês os dois não ligam importância nenhuma ao caso, e que Tom também se não deve ralar muito com isso -disse ela. - Boyd é que com certeza, ficou furioso. Está disposto a tirar um curso e vocês ambos já o obrigaram a sair das Universidades de Virgínia, de Alabama, de Carolina do Sul.e., agora, de Geórgia. Por esse andar, nunca mais conseguira chegar ao fim. . .

-Ora, ele pode muito bem entender Direito com o Juiz

11

Parmalee, em Fayetteville -respondeu Brent.- Aliás, isso verdadeiramente não importa. Fosse como fosse, teríamos de voltar para casa antes que o período acabasse.

- Porquê?

- Por causa da guerra, tolinha! Está prestes a rebentar, e você decerto não nos supõe capazes de continuarmos tranquilamente na Faculdade com toda a gente aos tiros cá por fora, pois não?

- Sabe muito bem que não haverá guerra nenhuma

- ripostou Scarlett, aborrecida. - Isso é tudo conversa, nada mais. Ainda a semana passada, Ashley Wilkes e o pai afirmaram cá em casa, que os nossos delegados em Washington chegariam a um... a um acordo amigável com o senhor Lincoln sobre a Confederação. E, além do mais, os yankees têm demasiado medo de nós para se atreverem a dar-nos luta. Não haverá guerra nenhuma e, se querem que lhes diga, já estou farta de ouvir falar nisso.

-Não haverá guerra nenhuma? -exclamaram os gémeos, indignados, como se alguém acabasse de os defraudar.

- Não diga isso Scarlett - redarguiu Stuart, instantes depois. - Não pode deixar de haver guerra. É certo que os yankees nos temem a valer, mas depois de o general Beauregard os ter expulsado a tiro do Forte Sumter, anteontem, não terão outro remédio senão pegar em armas se quiserem evitar que toda a gente lhes chame cobardes. E a Confederação... @,a-1eU fé. uma careta de impaciência.

- Se voltam a falar em guerra mais uma vez que seja, garanto-lhes que vou para casa e que fecho a porta. Além da palavra guerra só há outra que me causa tão grande aborrecimento: Secessão. O meu pai leva o dia inteiro a falar na guerra e os homens que vêm visitá-lo, parecem todos exclusivamente preocupados em discutir a questão do Forte Sumter, os Direitos Estaduais e a política de Abraham Lincoln. Fico tão saturada de os ouvir que às vezes até me dá vontade de gritar. E os rapazes também não falam senão da guerra e do Regimento. Já nesta Primavera ninguém se divertiu, pois que os moços até durante as festas nos maçavam com as suas teorias acerca da situação. Por isso, já sabem: se repetem a palavra guerra, nem que seja apenas mais uma vez vou-me embora.

E estava resolvida a fazê-lo porque Scarlett não podia tolerar durante muito tempo uma conversa de que não

12

fosse ela o foco Principal. No entanto, sorriu ao dizer aquilo, acentuando propositadamente as covinhas do rosto e batendo as pálpebras de pestanas negras e sedosas, que mais pareciam as asas frementes de uma borboleta. Os gémeos ficaram encantados -precisamente o que ela pretendia - e apressaram-se a pedir-lhe desculpa de estarem a enfadá-la. Contudo, não ficaram mal impressionados em face do desinteresse demonstrado por ela. Muito pelo contrário. A guerra, era um assunto que não competia às mulheres discutir, mas sim aos homens, e os dois rapazes viram na atitude da sua graciosa companheira uma prova da feminilidade que devia ser apanágio de todas as raparigas..

Tendo conseguido desta forma desviar a conversa do tema desagradável em perspectiva, Scarlett, procurou interessar-se novamente pela sorte dos dois gémeos.

- Que lhes disse a mãe quando soube que vocês: tinham sido expulsos outra vez?

Os -rapazes entreolharam-se, contrafeitos, recordando com certa inquietação a recepção que a mãe lhes dispensara três meses antes, quando tinham voltado para casa a pedido do reitor da Universidade de Virgínia.

- Ora... - respondeu Stuart - para lhe falar com franqueza, ela ainda não teve ocasião de nos dizer nada. Tom saiu de casa connosco, de manhã cedo antes de a mãe se levantar e foi passar o dia com os F@ntajne. Nós viemos para aqui...

-E quando chegaram, ontem à noite, não disse nada?

- Ontem à noite, tivemos uma sorte dos demónios. Chegámos pouco depois de terem ido entregar lá a casa o garanhão que a mãe comprou em Kentucky o mês passado, e estava tudo em rebuliço, O animal é um colosso, Scarlett. Há-de dizer ao seu pai que o vá ver quanto antes. Durante o caminho deu uma dentada no braço do moço que o conduzia e arrancou-lhe um pedaço. de carne. Além disso, atropelou os dois moleques que a nossa mãe mandou à estação -de Jonesboro a fim de esperarem o comboio, e quase deitou abaixo a @@trebaria. Acertou uma parelha de coices em Strawberry, velho garanhão da fazenda, que por um triz o não matou. Quando nós entrámos, a mãe estava na cavaliçã com um saco de açúcar, tentando acalmar o bicho, de tal maneira que gostava que você a visse. os moleques tinham trepado para os barrotes do tecto, apavorados, mas

13

- @__@_-Uàw

a mãe falava com o cavalo como se estivesse tratando com uma criança mimada e punha na palma da mão torrões de açúcar, que ele comia gulosamente, Não há ninguém que saiba lidar com cavalos como, a nossa mãe! Quando ela nos viu, perguntou apenas: "Santo Deus que fazem vocês os quatro outra vez em casa nesta altura do ano? São Piores do que as pragas do, Egípto!" Mas o animal começou a relinchar e a fazer marcha-atrás e a mãe pouco mais nos disse. "Vão-se embora, vão-se embora. Não vêem que o cavalo já está nervoso coitadinho? Amanhã de manhã, falaremos". Fomos-nos ajeitar, imediatamente e hoje, mal a noite chegou, levantámo-nos os três, antes que ela fosse tratar-nos da saúde, e deixámos Boyd incumbido de acalmar as iras maternas.

-Acho que a mãe baterá em Boyd? Como sucedia com toda a população da comarca, também Scarlett nunca lograra compreender a maneira rude como a pequenina senhora Tarleton tratava os filhos, homens já feitos, a ponto de os castigar com o chicote sempre que as faltas cometidas assumiam a seus olhos aspectos graves.

Beatrice Tarleton era uma mulher que andava sempre atarefada com os afazeres domésticos, pois tinha a seu cargo não só uma extensa plantação de algodão, uma centena de escravos e oito filhos mas também a maior coudelaria de todo o Estado. De gênio facilmente irritável, não podia conformar-se com as frequentes expulsões dos filhos, e era a ninguém permitisse vergastar um negro ou um criança. Era de opinião de que uma chicotada de vez em quando não fazia mal nenhum aos rapazes.

-Tenho a certeza de que nem sequer lhe tocará. Ela nunca gostou de bater em Boyd, talvez por ser o mais velho e também o mais pequeno da ninhada - afirmou Stuart, muito ufano da sua estatura. -Foi por isso que o incumbimos de explicar tudo à mãe, Corri franqueza, é tempo de perder a inércia de nos chicotear! Nós já fizemos dezanove anos e Tom tem vinte e um; apesar disso, trata-nos como

se ainda usássemos calções. ...tar o novo garanhão,

-A mãe de vocês tenciona mandá-lo para ir à festa em casa dos Willkes, amanhã?

- Está com vontade disso, mas o meu pai diz que é um perigo. Seja como for, estou certo de que as nossas irmãs a dissuadirão da ideia, Ainda não desistiram de a convencer

14

cer a irmã, pelo menos a uma festa, de carruagem, como compete a uma senhora.

- Espero que não chova amanhã - disse Scarlett. -

Há uma semana que chove todos os dias. Não há nada pior do que uma festa ao ar livre transformada à última hora num piquenique dentro de quatro paredes,

-Oh, amanhã vai estar um dia lindo e quente, como os dias de Junho! - declarou Stuart. - olhe para o céu. Já viu como está vermelho? Parece mesmo cor de fogo. Não é difícil fazer a previsão do tempo pelo pôr-do-Sol.

Olharam através da extensão imensa dos campos de algodão de Gerald O'Hara, recentemente arados e contemplaram o horizonte encarniçado. Agora que o Sol estava prestes a sumir-se atrás das colinas, para lá do rio Flint, * calor tépido daquela tarde de Abril começava a dar lugar * uma brisa suave e fresca.

A Primavera. tinha chegado cedo nesse ano, apressando com as suas chuvas quentes de breve duração, -a floração dos pessegueiros e dos noveleiros, cujos botões rosados se destacavam como estrelas brancas na superfície escura do rio e nas colinas distantes. A lavra estava quase terminada e o esplendor sangrento do crepúsculo intensificava os tons purpúreos dos novos sulcos abertos no solo argiloso de Geórgia. A terra húmida, que aguardava com avidez as sementes do algodão, apresentava tons levemente rosados ao longo das leiras, enquanto nas trincheiras uma série de tonalidades escalonadas entre o vermelho e o castanho formavam sombras intensas. A residência dos O'Haras, casa de tijolo, calada de branco, fazia lembrar uma ilhota perdida em mar revolto, num oceano rubro em que as ondas se continuavam em espirais gigantescas e que nela ter-se petrificado no momento em que as vagas, de cristas cor-de-rosa, se quebravam sobre a sua superfície. Porque ali não se viam as leiras rasgadas em linha recta, como nos campos de argila amarelada de Geórgia Central, onde o terreno não era tão acidentado, e nas vastas planuras de terra castanha-escura das regiões costeiras. Nas comarcas de Geórgia Setentrional, cujo solo se desdobrava em cadelas ininterruptas de colinas e outeiros, as fazendas eram lavradas segundo linhas curvas, para evitar que as águas das chuvas arrastassem a terra fecunda ao longo das encostas, deixando-a perder-se no rio.

Era uma região tórrida e agreste, cuja terra adquiria

15

cor de sangue depois das chuvas e se cobria de poeira cor de tijolo após as secas prolongadas; contudo, não havia no mundo inteiro outra como aquela para cultivar algodão. Na imensidão dos campos, erguiam-se as minúsculas casas dos fazendeiros, sucediam-se os terrenos de cultivo deslizavam rios preguiçosos, de águas amarelentas. A paisagem, oferecia os mais diversos contrastes, alterando as sombras acolhedoras com os soalheiros inóspitos. Os lavrados para as plantações e os terrenos de cultivo sorriam para um sol abrasador, plácido e complacente. A cercá-los, quais molduras verdejantes, erguiam-se florestas virgens, sombrias e frescas, mesmo nas tardes mais cálidas, levemente sinis-tras, impregnadas de mistério e pinhais sussurrantes, que pareciam espreitar, com uma paciência secular o ensejo de realizarem a ameaça que segredavam, baixinho: "Cuidado! Cuidado! Essa terra já foi nossa. Havemos de a recuperar um dia!"

Aos ouvidos da rapariga e dos dois rapazes chegavam os ruídos dos cascos dos animais no solo, o tilintar das correntes dos arreios e o riso agudo e descuidado dos pretos,, que regressavam dos campos, conduzindo as parelhas de muares. No interior da casa, soou a voz suave da mãe de Scarlett, Ellen O'Hara chamando à negrinha que trazia a cesta das chaves. Respondeu-lhe uma vozita infantil e estridente. "Já vai, sinhora". Seguiu-se-lhe um rumor de passos que se encaminhavam para a porta das traseiras, em direcção à despensa, onde Ellen distribuiria as rações aos trabalhadores que se aproximavam. Dentro de casa elevava-se também o tinir da louça de porcelana e dos talheres de prata que o copeiro de Tara de nome Pork, punha, na mesa onde mais tarde seria servido o jantar.

Ao ouvirem estes ruídos, os dois irmãos compreenderam que já eram horas de regressar a casa. Mas estavam com receio de enfrentar a mãe e retardaram a partida, pensando que talvez Scarlett se decidisse convidá-los para o jantar.

- Escute, Scarlett - disse Brent. - O facto de termos estado fora, e de ignorarmos que os Wilkes iam dar uma festa amanhã, não a impede de dançar connosco várias vezes, não é verdade? Ainda não prometeu todas as valsas, pois não?

- Prometi, pois! Como havia, eu de adivinhar que ché gavam ontem? Não podia arriscar-me a servir de jarrão por causa de vocês.

16

-Servir de jarrão? Os rapazes riram às gargalhadas.

- Seja como for, tem de reservar a primeira valsa para mim e a última para Stuart. Além disso, queremos que nos faça companhia durante a, ceia. Iremos sentar-nos no pata- @nar da escada., como fizemos no último baile, e pediremos a velha Jiney que nos leia a sina,

-Não gosto que Jincy me leia a sina. Bem sabem que ela me disse da outra vez que eu havia de casar com um homem de cabelo preto como azeviche e de bigodes grandes, e eu detesto os homens de cabelo preto.

- Prefere os ruivos, não é? - perguntou Brent, com um sorriso feliz. - Vamos, prometa que dançará connosco todas as valsas e que nos fará companhia à ceia.

- Se prometer, contar-lhe-emos um segredo - acrescentou Stuart.

-Que segredo é?-inquiriu Scarlett, manifestando curiosidade infantil.

-Referes-te ao que nos disseram ontem em Atlanta, Stuart? Se é isso, lembra-te de que prometemos não revelar nada a ninguém.

- Foi uma coisa que a senhora Pitty nos disse.

- Senhora quê?

- Pittypat, Hamilton, tia de Charles e de Melanie Hamilton, que vive em Atlanta. Conhece, não conhece? É prima de Ashley Wilkes...

- Conheço muito bem e confesso que nunca encontrei uma velha assim tão estúpida, em toda a minha- vida.

- Estivemos a conversar com ela ontem à porta da estação de Atlanta., enquanto esperávamos pelo comboio. Ia a passar na sua carruagem quando nos avistou, e deteve-se uns minutos a falar connosco. Foi nessa altura que nos disse que amanhã, no baile dos Wilkes, será oficialmente anunciado um casamento.

-Ora, isso já eu sei há muito tempo -declarou Scarlett'sem ocultar a sua decepção. -Deve ser o idiota do sobrinho dela, Charles Hamiltou com Honey Wilkes. Toda a gente sabia há séculos que eles'acabariam por casar, mais cedo ou mais tarde, embora não se mostrassem muito entusiasmados com a ideia.

- Acha que Charles é idiota? - perguntou Brent. - No entanto, ainda o ano passado, pelo Natal, você deixava-O andar atrás de si.

2 - Vento Levou -I

17

- Que havia eu de fazer? Não o podia impedir de andar atrás de mim - redarguiu Scarlett, encolhendo os ombros negligentemente. - Que até o acho bastante efeminado.

-Pois está enganada. Não é o casamento dele que vai ser anunciado - ripostou Stuart, em tom de triunfo - mas sim o de Ashley Wilkes com a irmã de Charles, Melanie Hamilton!

A fisionomia de Scarlett não sofreu a mais leve alteração, mas os lábios tornaram-se-lhe brancos, como os de uma pessoa que, sem esperar, recebe um choque tremendo, e fica paralisada de surpresa durante alguns momentos, incapaz de compreender o que lhe aconteceu. Encarou Stuart com uma expressão tão parada que o rapaz cuja perspicácia deixava muito a desejar, julgou que @ atitude dela traía apenas espanto e curiosidade.

- A senhora, Pitty disse-nos que eles só tencionavam casar-se para o ano, porque a Melly tem andado adoentada; mas, com todos estes boatos que correm acerca da guerra, ambas as famílias concordaram que seria conveniente apressar o enlace e resolveram anunciá-lo amanhã à noite, num dos intervalos da ceia. E, agora que já lhe contámos o segredo, você tem de prometer que ceará connosco...

-Prometo-disse Scarlett, maquinalmente. -...E que nos concederá todas as valsas...

- Está bem.

- É uma jóia! Aposto que toda a rapaziada vai ficar louca de raiva.

- Que fique! - exclamou Brent. - Nós os dois sózinhos, podemos muito bem com todos eles. Escute, Scarlett: Venha amanhã pela manhã, connosco, ver assar as reses.

-O quê? Stuart repetiu o pedido.

- Como quiserem. Os gêmeos entreolharam-se, radiantes, mas com certa surpresa. Embora se considerassem pretendentes privilegiados, a verdade é que nunca até ali tinham obtido com tanta facilidade provas tão concludentes. Geralmente obrigava-os a pedir e a suplicar, recusando-se a dIzer-lh@s sim ou não, lançando-lhes a confusão no espírito, rindo se os via ficarem tristes, mostrando-se fria e altiva, se eles se irritavam. Contudo, Scarlett acabava de prometer dedicar-lhes praticamente todo o seu dia. Prometera assistir ao espectáculo das espetadas, dançar com eles todas as valsas

18

(e tratariam de arranjar as coisas de forma que só tocassem valsas) e passar na sua companhia os intervalos da ceia. Como recompensa de terem sido expulsos da Universidade não podiam esperar melhor prêmio,

Arrastados pelo entusiasmo do êxito alcançado, continuaram a conversar, esquecidos das horas, falando acerca da festa, do baile, de Astiley Wilkes e de Melanée Hamilton, interrompendo-se mutuamente, gracejando e rindo dos seus ditos'mostrand<> claramente o desejo de que a rapariga os convidasse para jantar. Só mais tarde repararam que Scarlett quase não havia falado. A atmosfera mudara, como e porquê não sabiam os gêmeos explicar. Sabiam apenas que o encanto daquela tarde de Abril se extinguiu de repente. Scarlett pouca atenção parecia prestar àquilo que eles diziam, embora lhes respondesse sempre acertadamente. Côncios de ter sucedido algo que não logravam perceber, desconcertados e aborrecidos, os dois irmãos ainda se demoraram mais algum tempo, até que se levantaram com manifesta relutância, consultando o relógio com olhares significativos e eloquentes.

O Sol estava prestes a desaparecer na linha do horizonte, lançando os derradeiros clarões do dia sobre os campos lavrados de fresco. Os bosques densos e sombrios, que se estendiam para lá do rio, recortavam uma silhueta negra, imensa, contra o fundo alaranjado do firmamento. As andorinhas, que tinham os seus ninhos na chaminé, cruzavam velozmente o pátio de Tara em voos baixos, enquanto as galinhas 'os patos e os perus regressavam às capoeiras, vindos de todas as direcções, bamboleando-se sobre as pernas curtas.

Stuart cliamou: "Jeeros!" e não tardou que um preto, de estatura aproximadamente igual à deles e que aparentava a mesma idade, surgisse das traseiras da casa, correndo rapidamente em direcção ao local onde os gêmeos tinham deixado os alazões amarrados. Jeems era o pajem dos dois irmãos e, como acontecia com os cães, também ele os seguia para toda a parte, Fora-lhes oferecido para companheiro de folgedos, ao completarem o seu décimo aniversário natalício. Ao verem-no aproximar-se, os galgos puseram-se de pé, sacudindo a poeira avermelhada que se lhes agarrara ao pêlo enquanto aguardavam arhegada dos donas. Stuart e Brení despediram-se de Scarlett com uma ligeira vénia e

um aperto de mão, e não se retiraram sem lhe dizerem que

19

iriam cedo para casa dos Wilkes, a fim de esperarem por ela. Em seguida, encaminharam-se à pressa ao longo da alameda orlada de cedros, montaram nos cavalos e partiram em galope desenfreado, acenando-lhe com o chapéu e gritando-lhe palavras de adeus, Assim que acabaram de descrever a curva da estrada poeirenta que lhes ocultou a casa dos O'Haras, Brent fez estacar a sua montada sob um maciço de noveleiros e Stuart imitou o irmão, enquanto o pajem negro se imobilizava alguns passos mais atrás. Os cavalos, sentindo as rédeas folgadas, curvaram o pescoço para comerem a erva tenra e os galgos, armadndo-se de toda a sua paciência, tornaram a deitar-se no leito poeirento da estrada, observando com olhares ávidos as andorinhas que evoluçionavam rente às árvores, sobre as quais o crepúsculo vespertino fazia descer já as primeiras sombras, Brent tinha estampada no rosto largo e ingénuo uma expressão intrigada, em que se lia também leve indignação,

- Ouve - disse ele para o irmão - não te parece que Scarlett devia ter-nos convidado para jantar?
- Decerto - respondeu Stuart. - Ainda esperei que ela tivesse essa atenção, mas foi o que se viu. - Como interpretas a sua atitude?

-De maneira nenhuma. Não percebo. Na minha opinião, ela não foi lá muito delicada para connosco, nesse ponto. Tanto mais que já não nos via há bastante tempo. E nós ainda tínhamos um ror de coisas para lhe contar.

-Tive a impressão de que Scarlett, ficou deveras satis-feita quando nos viu aparecer.

-Também eu. -E, no entanto, há questão de meia hora, como que perdeu a fala.

-Também reparei nisso, mas confesso que não liguei importância. Ter-se-á ela sentido mal, de repente?

-Não faço ídeia. Nós não dissemos nada que pudesse tê-la aborrecido, pois não?

Quedaram-se ambos a ponderar esta hipótese. -Creio que não. Aliás, quando Scarlett se aborrece com alguém, vê-se logo. Ela não se dá ao trabalho de disfarçar o seu enfado, como a maioria das raparigas costuma fazer.

-Tens razão. É essa justamente uma das coisas que mais me agradam nela. Scarlett diz na cara das pessoas aquilo que sente - não usa de fingimentos ou de subterfú-

20

gios. Contudo, suponho que foi alguma coisa que nós lhe dissemos ou fizemos que provocou aquela reacção. Calou-se de repente, como se estivesse com uma dor de cabeça horrível, e depois disso não tornou praticamente a falar. Eu era capaz de jurar que a nossa vinda lhe causou grande alegria e que ela tencionava na realidade convidar-nos para o jantar.

- Quem sabe se não foi por termos sido expulsos outra vez?

- Que ideia 'meu Deus! Não sejas tolo. Lembra-te só da maneira como ela se riu quando lhe contámos a nossa proeza. Scarlett tem tanto amor aos livros coffio, nós.

Brent voltou-se na sela e chamou o preto:

- Jeems!

- Sinhô? -Ouviste a nossa conversa com a menina Scarlett, não ouviste?

-Não ouvi nada, sinhô Brent. Não escuto, conversa de branco.

- Deixa-te disso, homem! Vocês sabem tudo o que se diz. Sim 'e escusas de mentir, pois que eu te vi, com os meus úlhos, agachado atrás do canteiro de jasnins, junto à parede do prédio, um pouco para lá do alpendre. Ouviste-nos dizer alguma coisa que pudesse ter ofendido ou irritado, a menina Scarlett?

Vendo-se desmascarado, Jeems desistiu de continuar a fingir que não tinha ficado à escuta e franziu a testa negra e reluzente.

- Não, sinhô, não <)uvi nada para deixá ela de mau

humô. Pareceu a mim que tava com sodades de sinhôs e que ficô contente por os vê. Vi minina alegue como passalinho novo té os sinhôs falá de,sinhô Ashley casá com minina Melly. Depois disso ela ficou muda como pomba quando topa gavião avoá.

Os gêmeos entreolharam-se e assentiram com a cabeça, embora estivessem cada vez mais intrigados.

- Jeems tem razão. Mas não compreendo o que aconteceu - confessou Stuart. - Meu Deus! Ashley não deve ser para ela mais do que um amigo. Scarlett não o ama, com certeza. Está doidinha por nós.

Brent inclinou a cabeça, num gesto de aquiescência.

- Talvez ela tenha ficado aborrecida pelo facto de Ashley não lhe haver participado a sua intenção de anunciar

21

o casamento amanhã à noite - alvitrou. - Tu bem sabes como as raparigas são. Gostam de ser sempre as primeiras a saber estas coisas e ficam furiosas quando isso não acontece. Scarlett deve ter ido aos arames por ver que Ashley, seu amigo há tantos anos, a não pôs ao corrente da situação.

- É possível, mas como poderia ele pô-la ao corrente da situação se se tratava duma surpresa? Além disso, a gente tem o direito de guardar segredo daquilo que entende, não tem? Nós mesmos ainda não saberíamos nada se a tia de Melly não houvesse dado com a língua nos dentes. E Scarlett não devia ignorar que Ashley acabaria por casar com Melanie. Já é tradicional nas duas famílias os primos casarem com as primas. Era certo e sabido que Ashley Wilkes desposaria Melanie Hamilton e é certo e sabido que Charles Hamilton desposará Honey Wilkes num futuro mais ou menos próximo.

-Deixemos isso. Tenho pena de que ela não nos convidasse para jantarmos lá em casa. Não me seduz nada a ideias de ter a mãe novamente à perna por haveremos sido expulsos outra vez. Ela diz sempre a mesma história; não

4já forma de se habituar.

- Talvez Boyd já tenha conseguido acalmá-la um pouco. Conheces bem as falinhas mansas daquele mariola. Acaba, sempre por levar a mãe à certa.

-Lá isso é verdade, mas às vezes demora bastante tempo, Lembra-te dos rodeios que Boyd tem de fazer e das complicações que precisa de imaginar para obrigar a mãe

* desistir de compreender o que aconteceu. E então, com

* cabeça feita em água, ela diz-lhe que se cale e aconselha-o a poupar a voz para os exames de Direito. A estas horas ainda ele não teve tempo de começar. A mãe está tão excitada com o cavalo que comprou que só quando vir Boyd sentado à mesa para jantar é que se compenetrará de que já estamos de volta outra vez. E então, não queiras saber. Vai ser o bom e o bonito. Hão-de bater as dez horas antes que Boyd consiga explicar-lhe que não seria decente que algum de nós continuasse na Faculdade depois -do que o reitor nos disse, a ti e a mim. E só por volta da meia-noite terá logrado virar a mãe do avesso contra o pobre do reitor, a ponto de ela lhe perguntar por que motivo não ferrou um tiro no patife do homem, Nada! Não me atrevo a entrar em casa antes da meia-noite. Os dois irmãos fitaram-se mutuamente, com olhares

22

sombrios. Não tinham medo nenhum de montar cavalos selvagens, de provocar rixas ' de excitar contra eles a má--vontade da vizinhança, mas quase se finavam com receio da mãe, das suas repreensões severas e do chicote de montar, com que ela não tinha o menor escrúpulo de lhes vergastar o lombo.

-Então, olha-sugeriu Brent-talvez não seja i-pai pensado irmos até casa dos Wilkes. As pequenas ficaram radiantes e não deixarão de nos convidar para jantar.

Stuart não se mostrou entusiasmado com a ideia, -Não, acho melhor não irmos lá. Devem estar atrapalhado; com os preparativos para amanhã e, além disso...

- Oh, diabo, nem de tal coisa me lembrava! - exclamou Brent, com vivacidade. -De facto, não convém irmos lá.

Esporearam a montada e galoparam em silêncio, durante alguns minutos. As faces morenas de Stuart haviam-se ruborizado de constrangimento, Stuart tinha namorado India Wilkes até meados do Verão transacto, de pleno acordo de ambas as famílias e de toda a população da 4ª, omarca. Era opinião geral que o temperamento calmo e reservado de India Wilkes não deixaria de exercer sobre <3 génio turbulento de Stuart Tarleton uma influência benéfica. Pelo menos, era isso que toda a gente desejava que sucedesse, E Stuart teria talvez acabado por desposar India se Brent se não houvesse mostrado pouco satisfeito com a ideia, Brk,-nt gostava da rapariga, mas achava~a tímida e demasiadamente simples circunstância que a seus olhos representava um obstáculo intransponível, que o impedia de se apaixonar por ela e'consequentemente ,de fazer com panhia ao irmão. Foi essa a primeira vez que os interesses dos dois homens divergiram e Brent ficou de certo modo ressentido por ver o irmão fazer a. corte a uma rapariga que ele não considerava nada de especial.

A situação foi-se todavia arrastando até que, uma bela tarde de Verão do ano anterior, os gémeos; repararam em Scarlett O'Hara, durante um comício político realizado num soute de carvalhos em Jonesboro, Conheciamna havia muitos anos e desde crianças que se tinham habituado a ver nela uma excelente companheira de folguedos pois Scarlett montava a cavalo e trepava às árvores quase @ão bem como eles. Mas, de repente e com grande surpresa dos gémeos, a rapariga tinha-se feito mulher e uma mulher bonita e elegante, simpática como poucas.

23

Só então notaram como eram brilhantes e travessos os ,seus olhos verdes, como eram profundas as covinhas que se lhe cavavam nas faces, quando ria, como era fina a cintura, como eram deliciosas as mãos e pequenos os pés.

As inteligentes observações deles desencadearam na jovem uma torrente de gargalhadas cristalinas e ' persuadidos de que ela os considerava um dueto notável, excederam-se a si próprios.

Aquele dia ficou memorável na vida dos dois gémeos. Daí em diante, não podiam recordá-lo sem pensar como havia sido possível não terem reparado mais cedo nos encantos de Se rl tt C tudo, nunca lhes ocorreu a ideia de que ela nessa tar@@ tho,'esse decidido tornar-se notada por eles. Scarlett não podia admitir a hipótese de que um homem se apaixonasse por outra mulher que não fosse ela, e a visão do par formado por Stuart Tarleton e India Wilkes durante o comício em Jonesboro como que desafiara os seus instintos rapaces. Não se contentando apenas com seduzir Stuart, resolveu também cativar Brent e de tal forma se houve que em breve ambos tinham ficadosob o jugo dos seus encantos.

E agora, que a admiração inicial se havia transformado numa Daixão avassaladora, tanto India Wilkes como Letty MunrGe, de Lovejov, que Brent cortejara por desfastio, tinham sido votadas ao esquecimento. O que o preterido faria, no caso de Searlett aceitar um dos irmãos, era um problema que por enquanto os não preocupava. Apenas atravessariam essa ponte quando chegasse o momento próprIo. Presentemente, sentiam-se ambos satisfeitos por terem enc@ntrado uma rapariga que agradava simultâneamente aos dois, visto os, gémeos não terem ciúmes um do outro. Era uma situação que interessava a vizinhança e que trazia a senhora Tarleton sèriamente inquieta, pois que nunca tinha visto Searlett com bons olhos.

-Não terão mais do que merecem se aquela boa peça escolher um de vocês - costumava a mãe dizer-lhes. - Ou talvez ela prefira optar pelos dois e então, é que eu vou rir' Terão de fugir para Utah, se é que os mórmones estão dispostos a dar-lhes asilo por lá ' do que duvido... No entanto, o que mais me apoquento é o receio de que vocês, um dia, comecem a ter inveja e ciúmes um do outro e desatem aos murros ou aos tiros por causa daquela serigaita fingida, de olhos de gata. Contudo, há, por vezes, males que vêm por bem.

24

Desde o dia do comício, Stuart nunca mais se sentiu à vontade na presença de India Wilkes. Não que esta alguma vez o tivesse censurado abertamente, ou sequer dado a entender por um gesto ou

um olhar que conhecia a razão da súbita mudança operada na atitude dele. Era muito bem educada para isso. Todavia, Stuart sentia-se culpado e comprometido diante dela. Tinha consciência de que havia despertado o amor de India e sabia que ela continuava a amá-lo e, no seu íntimo, pesava-lhe o remorso de não ter procedido como um cavalheiro. Ainda gostava bastante dela e admirava-a pela finura do trato, pela cultura literária, pelas boas qualidades que possuía. Mas, seiscentos diabos, era tão pálida, tão insípida e atraente, não havia que hesitar. Uma pessoa podia prever as reacções de India, mas o mesmo não sucedia com Scarlett. E se isto, por um lado, era suficiente para levar um homem à loucura, por outro não deixava de ter os seus encantos.

- Nesse caso, podemos ir jantar a casa de Cade Calvert. Scarlett disse que Cathleen já regressou de Charleston. Talvez ela saiba acerca do que se passou no Forte Sumter alguns pormenores que nós ignoramos.

- Duvido que Cathleen saiba o que quer que seja a esse respeito. Aposto contigo, dobrado contra singelo ' que ela não sabia que o posto era defendido por um forte e muito menos que esse forte estava repleto de yankees até nós correremos com eles. Ela só sabe o que se refere aos bailes a que assistiu e aos namorados que arranjou.

-Em todo o caso, Cathleen sabe contar as coisas com graça, e nós sempre teríamos onde estar enquanto a -mãe não fosse para a cama.

- Até aí está tudo muito bem. Cathleen é uma rapariga simpática, tem muita piada a falar, e eu gostaria imenso de ouvir notícias de Caroline Rhett e da rapaziada de Charleston. Mas confesso que só a ideia de ficar toda uma refeição junto da madrastra dela me causa arrepios.

- Isso já é embirração tua, Stuart. Ela não faz aquilo por mal.

-Não é embirração nenhuma. Tenho imensa pena dela, mas não se é obrifado a gostar das criaturas de quem se

tem pena. E ela preocupa-se tanto em nos rodear de atenções, em nos pôr à vontade que, quase sempre, a sua atitude acaba por produzir em nós o efeito exactamente oposto.

25

Desculpa, Brent mas aquela mulher contende-me com os nervos. E, como @ yankee, pensa que todos os habitantes do Sul são bárbaros primitivos. Foi ela própria que o disse à nossa mãe. Tem um medo louco dos sulistas. Quando nós lá vamos a casa, fica transida de pavor. Dá-rfle a ideia duma galinha choca empoleirada numa cadeira, com os olhos brilhantes, vazios e espavoridos, pronta a bater as asas e a bicar uma pessoa -ao primeiro gesto suspeito que faça.

- Seja como @or, não tens o direito de a censurar por isso. Lembro-te do tiro que deste na perna de Cade.

- Nessa altura eu estava de cabeça perdida, pois de contrário não o teria feito -redarguiu Stpart. -' E Cade não\ guardou qualquer espécie de ressentimento contra mim. E o mesmo se verificou -tanto com Cattileen, como com Raiford e o senhor Calvert. Foi só a madrastra que barafustou e se atreveu a dizerque eu era pior que um selvagem e que nenhuma pessoa decente podia viver tranquila nesta terra de bárbaros.

- Continuo na minha: não tens o direito de a censurar. Ela é yankee e, ainda por cima não tem boas maneiras. E, vistas bem as coisas, tu alvejaste Cade, que é seu enteado.

-Ora, ora! Isso não era razão para me insultar! Tu não és enteado da nossa mãe e, no entanto, ela não barafustou quando Tony Fontaine te acertou na perna. Limitou-se a mandar chamar o velho Dr. Fontaine, para fazer o curat@vo' e_a observar que a pontaria de Tony andava muito por baixo, acrescentando que certamente era o álcool que o impedia de ser bom atirador. Tony foi aos axames, recordas-te?

Os dois rapazes desataram a rir às gargalhadas. -A mãe é um grande ponto! -exclamou Brent, afectuosamente. - Sabe fazer as coisas como deve ser e nunca nos deixa mal colocados diante de estranhos.

- Pois sim, mas talvez não nos deixe muito bem vistos aos olhos do pai e das pequenas esta noite, quando chegarmos a casa - disse Stuart em tom lúgubre. - Desta vez é que nós podemos perder a

esperança de ir à Europa, Brent. Lembra-te de que ela nos ameaçou de não nos dar dinheiro para a viagem, caso voltássemos a ser expulsos de mais alguma Universidade.

-Quero lá saber disso' Não perderemos grande coisa, acredita. Que haverá na Europa digno de se ver, não me

26

dirás@ Tenho a certeza de que em nenhum país de lá existem coisas que nós não tenhamos aqui, em Geórgia, Aposto que não possuem raparigas mais bonitas nem cavalos mais velozes do que os nossos e estou convencido de que, por muito que procurássemos, não encontraríamos em parte alguma um whisky de centeio que se compare ao que o nosso pai faz.

-Ashley Wilkes afirma que na Europa há paisagens maravilhosas e que a música é esplêndida.

Ashley veio encantado. Não fala noutra coisa,

-Não admira. Tu bem sabes como os Wilkes são. Adoram a música, a leitura, as paisagens, A nossa mãe explicou-me um dia que é por causa do avô deles ter nascido e vivido muitos anos em Virgínia. Em Virginia é que as pessoas ligam grande importância a essas coisas, diz ela.

-Tanto melhor para eles. Dêem-me um bom cavalo para montar, uma garrafa de aguardente velha para beber, uma moça bonita para namorar e outra para passar uns momentos agradáveis, e a Europa que vá para o diabo. Que podemos nós perder em não fazermos a viagem? Supõe que estávamos na Europa, com a guerra prestes a rebentar aqui. Não conseguiríamos chegar a tempo. E eu prefiro uma guerra a todas as viagens possíveis e imagináveis.

- Também eu... Olha, Brent! Já sei onde havemos de ir jantar. Podemos atravessar o pantano e ir procurar Able Wynder para lhe darmos a notícia de que estamos de volta os três e queremos recomençar com a instrução.

- Boa ideia! - exclamou Brent, entusiasmado. - Ficaremos a conhecer as últimas novidades acerca do Regimento e saberemos enfim qual a cor que acabaram por escolher para os uniformes.

-Se for a mesma cor da farda dos zuavos, garanto-te que não me alistarei. Até nem me sentiria bem, com aqueles horríveis calções vermelhos enfiados nas pernas. Parecem-se com as calças de flanela que as mulheres usam.

-Sinhôs vão a casa de sinhô Wynder? Porque si vão não contem com jantá-disse Jeems.-O cozinheiro dele tá morto e inda não comprô outro. Tem preta agora a cozi~ nhá e nêgos todo dizê que não há pió nas redondeza.

- Santo Deus! E por que foi que o senhor Wynder não comprou outro cozinheiro?

- Onde branco pobre ir arranjá dinheiro p'ra comprá escravo? Sinhô Wynder nunca teve mais de quatro hê90.

27

A voz de Jeems traduzia franco desprezo. A situação dele era firme, pois que os Tarletons. possuíam uma centena de pretos, e, como todos os escravos dos fazendeiros ricos, encarava com certo desdém os lavradores menos abastados ' que não podiam ter ao seu serviço mais do que meia dúzia,deles.

-Esse atrevimento vai sair-te caro-ripostou Stuart, em tom feroz. 'Não permito que te refiras a Able Wynder dessa maneira.]@ pobre, sem dúvida, mas, isso não obsta a que seja merecedor da nossa admiração e estima. E eu não estou disposto a admitir que alguém, seja de que raça for, lhe falte ao respeito. Não há nesta comarca outro homem que lhe chegue aos calcanhares; de contrário, como se explicaria que lhe tivessem dado o posto de alferes?

- Nunca compreendê isso muito bem - retrucou Jeems, sem se importar com a expressão ameaçadora do amo. -

Quanto a mim, eles não devia escolhê oficiá senão das família rica, em lugá de gente do panto.

- Já te disse que Able Wynder é pessoa respeitável. Ou quererás tu compa á-lo aos Slatterys? Esses sim, é que são ordinários. Able t apenas contra si o, f@cto de não ser rico. P, um lavrado ouco endinheirado e as suas propriedades são pobres, mas, se os rapazes o julgaram suficientemente

digno para o nomearem alferes, nenhum preto tem o direito de o desconÉiderar. A tropa sabe muito bem o que faz.

O corpo de cavalaria tinha sido criado três meses antes, no próprio dia em que Geórgia se separara da União. Desde então, todos os recrutas aguardavam impacientemente o "-", Meço das hostilidades. Embora não faltassem, 'sugestões, oR dirigentes do movimento ainda não tinham assentado numa designação a dar ao grupo de voluntários já alistados. Todas as pessoas emitiam uma opinião muito própria sobre o assunto, opinião essa que teimavam em fazer prevalecer sobre as dos outros, e o mesmo se verificava no que dizia respeito à cor e ao feitio dos uniformes. "Gatos Selvagens de Clayton", "Homens de Fogo", "Hussardos de Geórgia do Norte", "Zuavos", "Fuzileiros do Interior" (embora as tropas fossem armadas de pistolas sabres e facas de mato, mas não de fuzis), "Voluntários de àynton", "Tonantes e Audazes", "Os Sempre Prontos", eram as designações que tinham mais partidários. Enquanto se aguardava a solução do caso, toda a gente se referia à milícia pela designação <:1,e "O Regi-

28

mento", nome por que ficou sendo conhecida, mau grado o título pomposo que finalmente foi adoptado.

Os oficiais eram eleitos pelos membros pois que, salvo meia dúzia de antigos combatentes das @uerras contra o México e contra os índios seminolas, nenhum habitante da C-0marca possuía a mais vaga experiência militar. Por outro lado, se fosse escolhido para chefe um veterano que não gozasse de estima e consideração geral, a população metê-lo-ia a ridículo. Toda a gente gostava dos quatro irmãos Tarletons e dos três Fontaines, mas ninguém propôs a sua escolha porque os Tarletons bebiam demais e eram ainda muito acriançados e os Fontaines não sabiam conter os seus ímpetos e, quando encolerizados, atiravam a matar. Ashley Wilkes foi eleito capitão, pois que era considerado o melhor cavaleiro da comarca e todos depositavam grandes esperanças na sua calma para manter a ordem nas fileiras. A Raiford Calvert nomearam-no tenente, visto de&frutar da simpatia geral, e Able Wynder, filho de um caçador do pântano e pequeno lavrador, foi escolhido para ocupar o posto de alferes.

Able era uma espécie de gigante analfabeto, perspicaz e austero, de coração bondoso e maneiras agradáveis. Sabia lidar com as senhoras, tão bem ou melhor do que a maioria dos voluntários, todos eles muito mais novos. O pretensiosismo era coisa que praticamente não existia no Regimento. Em grande parte, os, pais e avós dos seus componentes tinham começado como pequenos lavradores e só muito mais tarde haviam -conhecido a ventura de uma vida desafogada. Além disso, Able era o melhor atirador do Regimento, tão certo na sua pontaria que lograva alvejar um esquilo nos olhos a setenta e cinco metros de distância, e conhecia todos os segredos da vida ao ar livre. Sabia como acender uma fogueira debaixo de chuva, como seguir o rasto de um animal, como e onde encontrar um veio de água, Todos os homens alistados no Regimento se curvavam ante o verdadeiro mérito e foi por isso que nenhum deles hesitou em dar a Able a patente de alferes. Ele aceitou a honra, com uma gravidade digna, como uma coisa que lhe era devida, mas não se enaideceu por isso. No entanto as mulheres dos fazendeiros e os escravos não esque,ci@m que Able era de origem humilde, embora os ho@mens livres não atribuíssem qualquer importância ao facto.

Ao princípio, o recrutamento era feito apenas entre os

29

filhos dos fazendeiros, os quais deviam apresentar-se devidamente equipados à sua própria custa, com montada, arreios, uniforme e impedido. Mas na comarca recente de Clayton escasseavam os fazendeiros ricos e para formar um regimento digno desse nome, foi neces@o recorrer aos filhos dos pequenos lavradores, dos caçadores que viviam nas florestas e nas margens dos pântanos e em casos excepcionais, até aos filhos de algumas famílias pobres, desde que o seu nível fosse um pouco superior ao das restantes.

Estes últimos estavam tão desejosos de combater os yankees como os seus vizinhos ricos caso rompesse a guerra; mas havia que atender ao delicado aspecto financeiro da questão. Eram poucos os pequenos lavradores que tinham cavalos, pois quase todos eles cultivavam as suas propriedades com o auxílio de muare. Raramente possuíam mais do que quatro e, como este número só muito dificilmente, lhes bastava, não poderiam dispensar nenhuma, mesmo que o Regimento as aceitasse, hipótese que estava completa, mente posta---de parte. Quanto aos brancos pobres, já se dariam por-muito felizes se tivessem uma mula só que fosse. Os habitantes dos bosques e os caçadores dos pântanos, esses não possuíam nem cavalos nem muare. Viviam ,exclusivamente do produto das suas leiras e da caça nos charcos, baseando as transacções no sistema de trocas, pelo que só excepcionalmente chegavam a ter cinco dólares em caixa ao fim do ano. Nestas condições, tanto os cavalos como os uniformes estavam fora do seu alcance, Apesar disso, mostravam-se tão orgulhosos e altivos na sua pobreza como os fazendeiros na sua opulência, e jamais aceitariam dos vizinhos ricos fosse o que fosse que pudessem cheirar- ,lhes a espolia. Foi por este motivo que, para dotar o Regimento, de tudo o que precisava sem ferir susceptibilidades, o pai de Scarlett, juntamente com John Wilkes, Buck Munroe, Jim Tarleton e Hugh Calvert, ou seja a totalidade dos grandes fazendeiros da comarca, com a excepção única de Angus Mac Intosh, contribuíram com fundos para completar o equipamento individual e colectivo. Por fim ficou assente que cada fazendeiro pagaria o equipamento dos filhos e de certo número de outros rapazes, e que seriam tomadas as providências necessárias no sentido de permitir aos recrutas mais pobres aceitarem cavalos e equipagem, sem se sentirem feridos no seu amor-próprio.

30

Os recrutas reuniam-se duas vezes por semana em Jonesboro, onde recebiam instrução e suplicavam a Deus o rompimento das hostilidades. Não obstante os esforços dos dirigentes, havia muitos homens que ainda não dispunham de montada. No entanto, aqueles a quem já tinham sido distribuídos cavalos executavam nos terrenos atrás do tribunal movimentos confusos que a seus olhos constituíam autênticas manobras de cavalaria, levantando nuvens de poeira, enrouquecendo de tanto gritar, brandindo espadas antigas, dos tempos da Revolução, retirados das paredes dos salões. Os que ainda não haviam conseguido cavalos passavam as horas de instrução sentados na beira do passeio fronteiro aos Armazéns Bullard entreendendo-se a observar os seus camaradas a mascar tabaco e a contar anedotas, quando não organizavam concursos de tiro ao alvo. Não havia necessidade de ensinar os recrutas a atirar. A maioria dos sulistas tinha nascido com uma arma na mão e o gênero de vida que levavam, em caçadas constantes, fazia deles belíssimos atiradores. Dos solares dos fazendeiros e das cabanas dos caçadores, os recrutas levavam para aquelas reuniões armas de todas as espécies e feitios: velhas espingardas de caça, de cano longo, que tinham sido estreadas contra os Alleghenies, bacamartes antigos, de carregar pela boca, que tinham abatido mais de um índio quando Geórgia ensaiava ainda os primeiros passos, pistolas de arção, usadas em 1812 nas guerras do México e na luta contra os Semínolas, pistolas de duelo, com guarnições de prata, revólveres, caçadeiras e carabinas de fabrico inglês, novinhas em folha, com a coronha reluzente, de madeira preciosa.

Os exercícios militares terminavam sempre nos botequins de Jonesboro. E, ao cair da noite eram tantas as rixas entre os recrutas que os oficiais se viam em palpos de aranha para evitar que houvesse mortos e feridos antes que a guerra estalasse. Foi durante uma dessas contendas que Stuart Tarleton atingiu Calvert e Tony Fontaine feriu Brent. Os gêmeos tinham sido corridos da Universidade de Virgínia havia pouco tempo e estavam em casa quando o Regimento foi criado. Alistaram-se, entusiasmados, mas, após o incidente do tiroteio ocorrido em Jonesboro dois meses antes a mãe tinha-os expedido para a Universidade Estadual, com ordens formais para se absterem de proezas susceptíveis de provocar nova expulsão. Durante esse Pe-

31

ríodo, os dois irmãos tinham sentido profundamente o seu afastamento ao verem-se privados das alegrias da instrução militar. Seria de bom grado que ambos interromperiam os estudos contanto que os deixassem galopar, gritar e dar tiros na companhia dos seus camaradas do Regimento.

- Podemos ir pelo atalho - sugeriu Brent. - Atravessaremos o charco do senhor O'Hara e o prado dos Fontaineg e chegaremos a casa de Able antes de escurecer.

- Nós não vai achá nada pra comê, sinão cueio e ligume - protestou Jeems.

1 -Mas tu nem mesmo os legumes provarás - resmungou Stuart. -Vais voltar para casa imediatamente a fim de prevenir a minha mãe de que não jantaremos em casa.

- Não, isso não! - implorou Jeems, alarmado. - Não quero i, sinhô! Também não gostá de apanhá chicotadas nos lombo.. Senhora vai logo perguntá como é que deixei meus amos se expulso. Depois há-de perguntá porque é que não levei sinhô pra casa pra ela dá também chicotadas nas costas. Depois, vai atirá-se a mim como pata a caracó... e nêgo pagã tudo, como da outra vez. Se sinhô não me levá a casa de senhora Wynder, durmo toda a noite nos mato. Não quero apanhá tunda de senhora quando está de mau humôr.

Os gêmeos encararam o escravo, perplexos e indignados.

- Este parvo é muito capaz de se deixar apanhar pelas patrulhas e então ninguém poderá aturar a mãe nestas semanas mais próximas. Talvez não queiras crer, mas não há nada que mais me aborreça do que estes selvagens. Às vezes penso que os abolicionistas estão dentro da razão.

- Seja como for, não acho justo expor Jeems a uma sorte que nós próprios desejamos evitar. Temos de levá-lo conosco, Mas ouve bem o que eu te digo, negro idiota. Se tu fores armar-te em fidalgo para junto dos pretos do senhor Wynder e te puseres para lá com insinuações de que nós temos todos os dias, em nossa casa, galinha assada e presunto, e eles não comem outra coisa senão coelho e legumes, já sabes. Contarei tudo à senhora. E, para castigo, não te deixaremos ir à guerra conosco.

- Armá em fidalgo? Armã em fidalgo diante de nêgos barato? Não, sinhô; sou bem educado.

Senhora também insinúa a mim pra tê boas maneiras.

- Pois olha que não conseguiu grande coisa COM nenhum de nós os três, - observou Stuart. - Vamos embora.

32

O rapaz obrigou o ginete a dar meia volta e aplicou-lhe as esporas nos flancos, levando-o a transpor sem dificuldade a cerca de madeira que o separava da plantação de Gerald O'Hara. Brent imitou o irmão, seguido por Jeems, que se agarrou desesperadamente à crina e ao selim. Jeems detestava saltar barreiras, mas já tinha pulado outras bastante mais altas do que aquela, não querendo renunciar à companhia dos gêmeos.

Galoparam através do terreno rasgado pelos sulcos avermelhados recentemente abertos pelo arado, descendo a colina em direcção ao rio, sobre o qual já tinham caído as primeiras sombras da noite. A certa altura, Brent gritou para o irmão:

-Ouve, Stuart! Não te parece que Scarlett devia ter-nos convidado para jantar?

-Eu sempre esperei que ela o fizesse- respondeu Stuart.-Por que diabo seria que...

2

Assim que os gêmeos se afastaram, deixando-a sózinha, de pé, sob a alpendre de Tara, e o tropel dos cavalos se desvaneceu ao longe, Scarlett voltou para a sua cadeira, como uma sonâmbula. Tinha as feições endurecidas, como se estivesse a sentir-se mal, e doíam-lhe bastante os músculos da face, que contraira em sorrisos forçados para impedir os dois irmãos de adivinharem o seu segredo.

Deixou-se cair na cadeira com ar cansado, sentando-se sobre uma das pernas. O coração como que lhe inchava no peito, a tal ponto que parecia prestes a estalar de dor, palpitando desordenadamente, em rápidas pulsações irregulares. As mãos dela estavam frias como gelo e oprimia-a um augúrio de catástrofe, numa angústia indizível. O seu rosto denotava um misto de intenso sofrimento e doloroso espanto como o de uma criança mimada, que sempre tinha visto satisfeito os seus desejos e caprichos e que, pela primeira vez, se via face a face com as contrariedades da vida.

Ashley ia casar com Melanie Hamilton! Oli, não podia ser verdade! Os gêmeos estavam enganados. Aquilo não passava de mais uma partida do gênero, que eles tanto gostavam de pregar. Ashley não gostava de

3 - Vento Levou - 1

33

Melanie. Era impossível. Ninguém poderia gostar de uma lambisgóia como Melanie. Scarlett recordou com desdém a figura magrizona e infantil de Melanie, com o seu rosto em forma de coração, tão destituído de atractivos que chegava a ser quase grosseiro. E Ashley não a via há tanto tempo!... Não tinha ido a Atlanta mais do que duas vezes, depois da festa que havia dado nos Doze Carvalhos no ano anterior. Não, Ashley não podia estar apaixonado por Melanie, porque... porque estava apaixonado por ela. Tinha a certeza disso. Ela, Scarlett, era a única mulher que Ashley amava... sabia-o muitíssimo bem.

Scarlett ouviu os passos pesados da ama preta atravessando o vestíbulo. Endireitou-se na cadeira, corrigindo a posição da perna, e tentou imprimir ao rosto uma expressão mais calma. Precisava de evitar a todo o custo que Babá desconfiasse de alguma coisa. A pobre negra convencer-se de que os O'Haras lhe pertenciam de corpo e alma e julgava-se no direito de conhecer todos os seus segredos. Assim que pressentia a existência de um mistério punha-se imediatamente em campo e não descansava enquanto não descobria o que, se estava passando ou o que havia acontecido.

Scarlett sabia por experiência própria que, se a velha ama não visse a sua curiosidade prontamente satisfeita, iria confiar as suspeitas a Ellen e então ela não teria outro remédio senão contar tudo à mãe ou inventar à pressa qualquer mentira plausível para lhe dizer.

Babá emergiu do vestíbulo. Era uma preta retinta, obesa, já idosa, de tipo genuinamente africano, tez luzidia olhos pequeninos e maliciosos como os dum elefante. Deolhada aos O'Haras até à última gota do seu sangue, constituía o principal, esteio de Ellen, o desespero de Scarlett e das suas duas irmãs e o terror dos outros criados da casa. Não obstante pertencer à raça negra, tinha um código moral e uma noção de respeitabilidade que nada ficavam a dever aos dos senhores.

Começara como criada de quarto de Solange Robillard, mãe de Ellen O'Hara, francesa de nariz afilado, de feitio difícil e índole reservada, que infligia 'tanto aos filhos como aos criados, o justo castigo por todo e qualquer atropelo à etiqueta. Mais tarde, servira de ama a Ellen, que nunca a abandonou, nem sequer quando ela se casou e veio fixar-se na zona mais acidentada da comarca de Clayton. Exigia das pessoas que estimava uma perfeição absoluta e, como adorava Scarlett e tinha um orgulho ilimitado

34

nela, passava praticamente todo o seu tempo a repreendê-la por isto e por aquilo.

-Os gêmeos já foram embó? Porquê não fez eles ficarem para jantar, minina Scarlett? Já mandei Pork pôr mais dois táies na mesa para eles. Que maneiras são essas?

- Já estava tão farta de os ouvir falar em guerra que não conseguiria aturá-los durante o jantar, tanto mais que o papá não deixaria de fazer coro com eles e de lhes apontar outra vez todos os defeitos do senhor Lincoln.

- Minina não tem mais educação que o negro do campo e a senhora e eu trabalhei para nada porque minina não aprende. Ainda por cima tá aqui fora sem xale com a cacimba da noite caindo! Quantas vezes já ouviu a mim falar nas febres que dá na gente quando se fica ao relento com os ombros descalçados? E' mió minina ver p'ra dentro, já.

Scarlett voltou-se com uma negligência estudada, satisfeita ao ver que a ama estava demasiadamente preocupada com a questão do xale para reparar na sua fisionomia.

-Ainda é cedo. Quero ficar aqui para ver o pôr-do-Sol.

15, tão lindo! Vai buscar o meu xale depressa, sim? O papá deve estar a chegar e eu esperarei por ele aqui.

- Minina tá com voz rouca e vai se constipar - resmungou a negra, com desconfiança.

- Não digas tolices - redarguiu a rapariga impaciente.

- Vai buscar-me o xaile, se fazes favor.

A velha ama afastou-se, bamboleando as ancas largas, e desapareceu no vestíbulo, Scarlett ouviu-a chamar, em voz baixa, a criada preta que se encontrava ao cimo das escadas.

- Rosa! Dá xale de minina Searlett. - E, momentos depois, acrescentou, erguendo a voz: - Não serve para nada, esta nêga. Tá sempre nos lugá onde não precisa. Agora tenho de subi para i buscá!

Scarlett ouviu os degraus da escada gemerem sob o peso da ama e levantou-se de mansinho.

Quando ela voltasse, decerto prosseguiria o sermão já iniciado sobre a má falta de hospitalidade. E Scarlett, com o coração a estalar de dor, não se sentia em condições de suportar a arenga da velha preta. Hesitou por instantes perguntando a si própria onde refugiar-se até que a mágoa intensa que a atormentava se desvanecesse um pouco. De súbito ocorreu-lhe uma ideia que fez raiar no seu espírito uma pálida esperança. O pai dela tinha ido a cavalo aos Doze Carvalhos, designação por que era conhecida a fazenda dos Wilkes, na

35

Quando de comprar Dilcey, a gorda mulherdo seu criado íntimo, Dilcey era quem dirigia o serviço feminino e lá também as de parteira; mais delicada, bem conhecia as funções, tinha dado desde que se casara, seis meses atrás Dilcey não, o amor ao marido: que com um momento, de descansa, a pra, disse Dilcey, para que os dois fossem a viver na rua da casa dessa tarde, com a paciência completamente plantada. E, dirigira-se a esgotada, Gerald O'Hara montara a cavalo e algum, fundamente (LO papá decerto saberá dizer-me se tem um a absurda que germeos lhe contaram", Mento a história do ne' "Ainda que ele não tivesse ouvidos pensou Scarlett. Leixaria de notar a natural humilhação directa não da excitação dos irmãos da família nem lhe passaria despercebida a modificação operada no ambiente Se puder perceber a modificação operada talvez Consiga a escabridar-lhe a s, seis antes de jantar, ao gosto dos 01 tudo uma brincadeira de m verdade -que f dois Manos Tarletons)@. se queria conversar com Gerald devia estar a chegar e or que tinha -ret@s o Melh salvo de ouvidos 1 da e le a , encontro. Esperá-lo-ia ao princípio fazer era ir-lhe ao a Desceu sem ato onde a estada se bifurcava alameda, no Po' utelosamente Por ruído os degraus da entrada, olhando ca .t ama não estaria a espremer cima do ombro paraver se a rdo-sp cado através das vidraças do , Lúcio anda, Tei , certifi. a to negro, corado pela densa carapinha de que o largo ros emboscado atrás das cortinas branca, não se encontrava janelas, Scarlett arregaçou ondulantes que guarneciam as a em direcção à levemente a saia -verde de balão e correios os sapatinhos alameda, o mais depressa que lhe permitiam de fitas. 3, Mas os lados do caminho Os cedros que cresciam de ' s formando um. dril@@hãs entrelaçavam os ramos , ta na calçada de pe k se - viu envolto longo túnel, verde e sombrio Assim que os das árvores, que e-umbra projectada Pelos braços dos nodos Scarlett abandonou o Passo, of e-

36

a estrada. De novo o seu coração começou a sobressaltar-se,

colina como um templo grego.

peito, num compassado.

um vizinho como qualquer outro. Até que um

apresentar cumprimentos à família O'Hara. Scarlett, vira-o então com Outros

37

raíara no seu coração juvenil.

minha ausência, Scarlett", dissera-lhe ele. E, subindo os degraus da entrada, pegara-lhe na mão- e

beijara-a. E a sua voz!... Scarlett jamais esqueceria o sobressalto que a fez estremecer quando a ouviu: uma voz bem tímbrada, pausada, musical.

Desejara-o desde esse primeiro instante, com a mesma simplicidade, com a mesma naturalidade com que até ali desejara alimentos para saciar a fome, cavalos para montar, uma cama para dormir. No decurso desses dois anos, Ashley havia-a acompanhado a toda a parte, a bailes, a festas, a pescarias, aos julgamentos no tribunal de Atlanta. Contudo nunca a procurara com tanta insistência como os gémeos Tarletons ou Cade Calvert, nem se mostrara tão empreendedor como os dois filhos mais novos dos Fontaines. Apesar disso, não se passava uma semana sem que ele fosse fazer-lhe uma visita.

Que Astiley nunca lhe tinha feito a corte, era certo. Scarlett, nunca, lhe notara nos olhos aquele brilho ardente que tantas vezes via dilatar as pupilas dos homens que se deixavam apaixonar por ela. E, no entanto... tinha a certeza de que Ashley a amava. Não podia estar enganada. Seu instinto, mais forte do que o raciocínio, a sua experiência, fruto de uma longa prática, dizia-lhe que ele a amava. Quantas vezes não o surpreendera a observá-la com

38

um olhar diferente do que lhe era habitual, não sonhador e distante, mas temo e trisrte, que tanto a intrigava? Era impossível que Ashley a não amasse, Contudo, por que nunca lho teria dito? Não conseguia perceber. Mas a verdade é que havia muito mais coisas acerca dele que nunca lograra compreender. '

Ashl" mostrava-se sempre de uma condescendência respeitosa, mas permanecia distante, como se vivesse noutro planeta. Ninguém era capaz de lhe decifrar o pensamento e Scarlett muito menos do que qualquer outra pessoa. Numa região em que toda a gente se apressava a manifestar as suas ideias assim que elas lhe acudiam ao espírito a reserva de Ashley tornava-se exasperante. Não ficava at@ã dos outros rapazes da mesma idade no que dizia respeito aos divertimentos usuais da comarca. Caçava jogava, dançava e discutia política com a mesma facilidade que todos eles e, em equitação era, lhes muitíssimo superior; apenas diferia dos restantes pelo facto de não colocar naquele gênero de actividades o objectivo e o ideal da sua vida. Por isso, era o único moço em toda a região que se interessava pelos livros, pela música e pela poesia, que para ele constitua uma verdadeira paixão. Daí talvez o principal motivo por que se isolava dos companheiros, buscando, na solidão da floresta ou na tranquilidade do quarto, o ambiente próprio para dar largas ao seu temperamento de artista.

Oh, por que teria ele um cabelo tão lindG, dum louro tão brilhante? Por que teimaria em manter uma atitude tão distante e respeitosa? Por que seria às vezes tão maçador com os seus discursos acerca, da Europa, dos livros da música, da poesia e de tantas outras coisas que para §carlett eram letra morta... e apesar de todos estes contras, tão simpático e atraente? koite após noite, quando -ia deitar-se depois de ter passado curtas horas sentada ao lado dele na penumbra da varanda, Scarlett ficava, às voltas na cama, durante muito, tempo buscando, lenitivo na esperança de que Astiley se deciasse no dia seguinte. Mas o dia seguinte chegava e ele vinha e ia-se embora outra vez, sem que nada acontecesse... nada a não ser o redobramento da paixão que a devorava.

Scarlett, amava Ashley de todo o seu coração, desejava-O ardentemente, embora não o compreendesse. Era tão natural e simples como a brisa que soprava sobre Tara, como o rio de águas barrentas que serpenteava entre as colinas

39

.ot

verdejantes, e, por muitos anos que vivesse jamais lograria c@0mPre'erLder uma coisa complicada. E ago@@, pela primeira vez na sua ainda curta existência Searlett encontrava-se em face de uma natureza cornplex@.

Ashley descendia de uma linhagem de indivíduos que dedicavam os seus momentos de ócio não a actividades insensatas, mas à reflexão e à concepção de estranhas fantas'as, em que não se vislumbrava o mais pequeno traÇO de realidade. Ashley vivia num mundo à parte, interior, mais belo do. que Geórgia, o, qual só com muita relutância abandonava. Encarava a vida como um espectador sem entusiasmos nem tristeza. Observava os homens como se eles pertencessem a uma espécie desconhecida, diferente da sua, sem manifestar por eles amor nem aversão. Aceitava o Universo e o lugar que nele lhe fora reservado na medida do seu justo valor e, encolhendo os ombros, procurava refúgio num mundo melhor, com <>9 seus livros e a sua música, Scarlett não sabia explicar como Ashley com uma maneira de ser tão diferente da sua, pudera enfeitá-la assim.

O mistério que envolvia a personalidade dele espicava a sua curiosidade, como uma porta sem chave nem fechadura. Tudo aquilo que nele não lograva compreender era como que um incentivo para o amor que lhe votava e a sua corte, tão estranha, tão cheia de reticências, não fazia mais do que vincar no espírito da rapariga a ideia de o conquistar só para si. Scarlett jamais duvidara de que Ashley acabaria por pedi-la em casamento. Era ainda muito jovem e vivera sempre rodeada de todas as atenções, de forma que não conhecera nunca o trago duma derrota: E eis que, de súbito, desabava sobre ela a maior de todas as catástrofes. Ashley ia casar com Melanie! Não, não podia ser verdade.

Ainda na semana anterior, quando regressava de Fairhill, a cavalo, ao entardecer, ele afirmara-. "Scarlett, tenho uma coisa importante para lhe dizer, mas confesso que não sei como me exprimir". E ela baixara, os olhos modestamente, enquanto o coração lhe galopava no peito, louco de alegria, convencida de que tinha chegado o. momento pelo qual há tantos meses suspirava. Mas Ashley apressara-se a acrescentar- "Hoje, não. Já estamos quase ao pé de sua casa e não haveria tempo, Oh, Scarlett, como sou covarde!" E, aplicando as

40

espaldas aos flancos da montada, subira à desfilada a vertente da colina.

Sentada sobre o cepo, Scarlett meditou nestas palavras, que a haviam transportado ao sétimo céu e, de repente ' viu que elas podiam ser tomadas noutro sentido muito diferente e adquirir um horrível significado. Quem sabe se não seria o seu próximo casamento que Ashley pretendia anunciar-lhe? "Por que será que o meu pai se demora tanto hoje?" Não podia suportar por mais tempo aquela expectativa. De novo perscrutou a fita interminável da estrada e de novo sofreu uma decepção.

O Sol tinha desaparecido na linha do horizonte e o clarão avermelhado que tingira o céu na zona do poente começava a diluir-se em tons róseos. O firmamento ia passando gradualmente de azul celeste à tonalidade verde-azulado dos ovos do pintarroxo, enquanto a calma sobrenatural do crepúsculo se espalhava furtivamente em torno de Scarlett. As trevas da noite começavam a descer sobre os campos. Os sulcos rubros, abertos pelo arado, e a faixa vermelha da estrada tinham renunciado à magia da sua cor sangrenta e não eram mais do que simples retalhos de terra castanha. Nas pastagens que se estendiam para lá da estrada, os cavalos, as mulas e as vacas permaneciam imóveis, com o focinho apoiado sobre a cerca. das propriedades, aguardando o momento de regressarem aos estábulos para comerem. As sombras projectadas pelas moitas que ladeia, vãos os prados infundiam temor aos animais que miravam Scarlett com as orelhas fitas e os olhos brilhantes de gratidão, como se os tranquilizasse a sua companhia.

Destacando-se sobre a misteriosa tela do lusco-fusco ' as silhuetas esguias dos pinheiros que cresciam de um e de outro lado do rio, de um verde tão quente quanto iluminado pelo sol, assemelhavam-se agora a gigantes negros, encarregados de dissimular as águas barrentas que deslizavam lentamente a seus pés. Na colina que dominava a margem oposta, as altas chaminés brancas da casa dos Wilkes iam-se esbatendo gradualmente na noite que tombava, perdendo-se na escuridão que já envolvia em parte os vastos sotos. Apenas as luzes vacilantes e longínquas dos candeeiros pousados sobre a mesa, denunciava a existência duma habitação naquele local. Uma brisa morna, carregada de humidade, trazia até Scarlett o delicioso perfume

da terra lavrada de fresco e da vegetação que brotava das leiras, buscando o contacto vivificante do ar livre.

O pôr-do-Sol, a Primavera, os mantos verdejantes, o renovamento das culturas não representavam milagre algum aos olhos de Scarlett. Eram espectáculos cujos encantos ela aceitava naturalmente, como o ar que respirava e a água que bebia., pois que a beleza sbmente a impressionava quando revestia aspecto de coisas reais e tangíveis, como um rosto feminino, um cavalo ou um vestido de seda. No entanto, a penumbra serena que baixara sobre os terrenos bem tratados da vaista fazenda de Tara trouxe certa tranquilidade ao seu espírito atormentado. Inconscientemente, Scarlett amava aquela terra com todas as veras da sua alma, da mesma maneira que amava o rosto materno quando iluminado pela luz bruxuleante do candeeiro., à hora da prece comum.

Continuava a não distinguir vestígios de Gerald na estrada sinuosa. A velha ama já devia andar à procura dela, a fim de a rebocar para casa e de censurar o seu procedimento. Enquanto investigava com o olhar a escuridão que se adensava sobre, a estrada, ouviu o tropel dis@tante dum ginete, algures na pradaria, e viu as vacas e os cavalos fugirem amedrontados em todas as direcções.

Cortando através dos campos Gerald O'Hara regressava a casa num galope desenfreado.'

No momento em que o avistou, vinhae já galopando a encosta da colina, montado no seu alazão, cavalo corpulento, de peito largo e pernas finas. Ao longe, fazia lembrar um adolescente cavalgando um animal em demasia grande para o seu tamanho. Com a sua longa cabeleira encanecida flutuando ao vento., incitava com gritos e leves chicotadas o cavalo que parecia voar com a barriga rente ao solo.

Mau grado a angústia que a dominava, Searlett contemplou o pai com um orgulho terno pois que Gerald O'Hara era sem dúvida um excelente cav'aleiro.

"Gostaria de saber por que motivo o papá se julga na obrigação de saltar as vedações sempre que bebe demais", pensou ela. "Depois da, queda que deu, justamente neste sitio, e que teve como consequência a fractura de uma rótula, devia mostrar-se mais prudente. E, ainda por cima, jurou à mama que não voltaria a saltar".

Scarlett não tinha receio nenhum do pai e sentia-se muito mais próxima dele do que das irmãs.

Transpor

obstáculos a cavalo, às escondidas da mulher e@tar de posse dum segredo que nem mesmo Ellen coáecia, produziam em Gerald uma satisfação pueril, uma alegria maliciosa apenas comparável ao prazer que Scarlett experimentava em ludibriar a mãe. Levantou-se do tronco em que estava sentada, a fim de melhor observar o pai,

O fogado cavalo aproximou-se da cerca, tomou balanço e elevou-se no ar com a leveza dum pássaro.

O cavaleiro soltou um grito de entusiasmo e agitou o pingalim acima da cabeça, com a cabeleira branca solta ao vento. As trevas que já reinavam sob o arvoredado impediram Gerald de avistá.r a filha. Assim que chegou à estrada, fez estacar o ginete e pôs-se a acariciar com a mão o pescoço do animal.

- Não há outro que te iguale, nas redondezas. Nem sequer em toda a Geórgia- acrescentou, orgulhoso, falando para a montada, numa linguagem em que se notava o sotaque característico da comarca de Meath, e que ainda não perdera, apesar de viver na América havia trinta e nove anosí. Comp4s apressadamente a cabeleira revolta., meteu a fralda da'camisa para dentro e endireitou a gravata, eufa nó lhe tinha, ido parar atrás duma orelha. Scarlett sabia que o pai se entregava àqueles preparativos sumários com o único objectivo de aparecer diante da mulher com a aparência circumspecta dum indivíduo que volta tranquilamente paracasa após a visita a um vizinho. E sabia. também ser aquela a melhor altura para entabular conversa com o pai, sem denunciar a verdadeira razão da, sua presença ali àquela hora.

Soltou uma gargalhada sonora que despertou ecos adormecidos. Sucedeu precisamente o que ela esperava, Gerald, surpreendido por aquele ruído insólito, estremeceu e, ao reconhecer a filha, estampou-se-lhe no rosto uma expressão meio provocante, meio comprometida, como uma criança apanhada em flagrante, mas que não quer dar parte de fraca. Desmontou com certa dificuldade devido à anquilose do joelho e, passando as rédeas à volta do braço, aproximou-se de Scarlett. - Com que então, minha bisbilhoteira -disse ele, belis-cando,-lhe a face - vieste espiar-me para depois ires contar tudo à mãe, como a, tua irmã Suellen fez, ainda não há uma semana? A voz dele, grave e levemente roufenha, exprimia ao

43

mesmo tempo irritação e meiguice. Para o arreliar, Searlett fez estalar a língua contra os dentes enquanto lhe ajeitava a gravata, num gesto decidido, e ekielente. Sentiu no rosto o hálito quente do pai, impregnado dum forte cheiro a whisky, ao qual se juntava o aroma de hortelã. Além destes Gerald O'Hara exalava também certos odores característie@s dum fazendeiro de Geórgia, tais como os do tabaco mascado, do couro ensebado e de cavalos; Scarlett, associava sempre a esses cheiros a figura do seu pai e, instintivamente, gostava de os encontrar também em certos homens. -Não, papá. Descanse que eu não sou mexeriqueira como Suellen -afirmou recuando um passo a fim de examinar melhor o vestuário paterno.

Gerald era, baixo. Não media mais do que um metro e sessenta e cinco de altura, mas tinha o tórax tão desenvolvido e o pescoço tão grosso que, quando o viam sentado, quase todas as pessoas o julgavam mais alto do que na realidade era. O corpo maciço apoiava-se sobre duas pernas curtas e robustas, normalmente aprisionadas em botas de montar, do mais fino couro, e levemente arqueadas. Quase todos os homens de baixa estatura que pretendem impor-se aos outros acabam por cair no ridículo; mas assim como um galito da Índia se faz respeitar na capoeira, também com Gerald O'Hara se verificava uma circunstância análoga, pois que a ninguém ocorreria a, ideia temerária de o julgar figura ridícula.

Apesar de contar já sessenta anos e de os seus cabelos ondulados estarem completamente encanecidos, o rosto dele não apresentava; rugas e os olhos, pequeninos e duros, dum azul profundo e quase transparente, conservavam a juventude eterna dum indivíduo que nunca se preocupava com problemas mais graves do que saber quantas cartas deitar fora numa partida de poker. Encamava o tipo perfeito do irlandês que se topava a cada passo na pátria longínqua, abandonada havia tão longos anos-cara redonda, verme-

lhusca, nariz curto, boca larga e agressiva.

Sob a sua aparência belicosa, Gerald O'Hara ocultava o

mais terno dos corações. Não podia, Ver um escravo choramingar após uma repreensão, por inais justa que ela tivesse sido, nem ouvir um gato miar aflitivamente ou umacriança chorar, mas horrorizava-o a ideia de que alguém se apercesse da sua fraqueza. ignorava que cinco minutos de con-

44

versa com ele eram mais do que suficientes para uma pessoa lhe adivinhar a natureza bondosa. O seu amor-próprio sofreria rude choque se um dia viesse a descobrir o facto, pois que lhe era grato pensar que, quando berrava uma ordem com a sua voz tonítrua, toda a gente tremia e se apressava a obedecer. Nunca lhe passara pela cabeça a ideia de que a única voz que em Tara se fazia prontamente obedecer era a voz suave de Ellen. E esse segredo jamais ele a descobriria porque, desde a mulher ao mais humilde dos trabalhadores, todos conspiravam tacitamente para o deixarem viver na ilusão de que a sua palavra era lei.

Quem menos se deixava, impressionar com os rompantes e os gritos estrondosos de Gerald era Scarlett, a mais velha das três filhas. A partir do momento. em que se compenetrara de que já não lhe restava possibilidades de substituir por outros filhos varões os três rapazes que dormiam o sono

eterno no cemitério da família Gerald tinha-se habituado a tratar Scarlett como se fosse um homem, coisa que a ela agradava imenso. Scarlett, era mais parecida com o pai do que as irmãs, Carreen e Suellen. A primeira, cujo, nome verdadeiro era Caroline Irene, possuía constituição média e espírito sonhador; a segunda, baptizada com o nome de Susan Elinor, tinha, a mania da elegância e das boas maneiras.

Scarlett e o pai encontravam-se coligados por um pacto de silêncio. Se Gerald surpreendia a filha a saltar uma vedação a fim de evitar a volta dum quilómetro para chegar a determinado local, ou se a descobria a uma hora inconveniente nos degraus da entrada a namorar algum dos seus inúmeros pretendentes, encarregava-se ele próprio de a admoestar severamente, nunca dizendo nada nem a Ellen nem à velha ama. E, quando Scarlett o via transformar os terrenos de cultivo num campo de obstáculos, após a promessa solene que tinha feito à mulher, ou por intermédio, das comadres da terra vinha a saber o montante exacto das suas perdas ao poker, impunha-se a si própria a obrigação de guardar segredo, ao contrário do que se verificava com Suellen, artista consumada no capítulo das inconveniências premeditadas. Tanto Scarlett como o pai partilhavam da opinião de que levantar estas questões em frente de Ellen seria magoá-la profundamente e por nada deste mundo eles queriam causar-lhe desgosto.

Scarlett, examinou o pai à luz frouxa -do dia que expi-

45

rava e, sem saber porquê, sentiu-se reconfortada. Na sua presença. Havia em Gerald O'Hara algo de primitivo e rude -que lhe agradava. Como era desprovida de qualquer sentido crítico, estava longe de atribuir o facto à afinidade existente entre " respectivas naturezas, pois que, até certo ponto, ambos possuíam as mesmas qualidades, apesar dos porfiados esforços que Ellen e a ama tinham feito para as abalar, no caso de Scarlett.

- Agora já está mais apresentável - disse ela - e, a menos que vá gabar-se, ninguém suspeitará da proeza que acaba de cometer. Mas tenho a impressão de que, depois de ter quebrado o joelho, no ano passado, ao saltar aquela vedação...

- Ora aí está! Só me faltava mais esta, que a minha própria filha viesse ensinar-me aquilo que eu não devo fazer! - exclamou, beliscando-lhe a face - outra vez. - Se eu partir a espinha, isso é comigo! E, já agora, quero que me expliques uma coisa, minha atrevida: Que andas tu a fazer por aqui, sem xai, a uma hora destas?

Vendo naquela pergunta um pretexto para desviar o rumo da conversa, Scarlett enfiou o braço no do pai e respondeu: ,

- Estava à sua espera. Não fazia ideia de que pudesse vir tão tarde. Queria simplesmente saber se sempre comprou Dilcey,

- Pois comprei, por um preço fabuloso, deixa-me dizer-te. E também comprei Prissy, a filha dela. John Wilkes estava disposto a oferecer-me-a, mas eu não quero que pensem que Gerald O'Hara se aproveita da-s, suas amizades para explorar o próximo. Obriguei-o a aceitar trezentos dólares pelas duas.

- Meu Deus! Trezentos dólares! E para mais o papá não tinha necessidade nenhuma de comprar Prissy.

- Pronto! Lá está a filha outra vez a criticar as acções do pai - repontou Gerald, sem convicção.. - Prissy é uma...

- Eu conheço-a muito bem. P, uma criatura estúpida e preguiçosa - atalhou Scarlett, não se deixando intimidar pelo clamor paterno. - E a única razão por que o pai a comprou foi por que Dilcey lho pediu, com certeza.

Como sempre acontecia quando era apanhado em falso, dando provas da sua extrema bondade, Gerald ficou emba-

46

raçado. E a filha, ao notar a sua atrapalhão, soltou uma risada alegre.

-E depois, que mal tem isso? De que nos adiantaria comprarmos Dilcey e deixarmos lá a filha? Não nos faltariam choraminguices em casa. Mas esta história serviu-me de emenda. Nunca mais permitirei que um preto meu se "com uma escrava de outro fazendeiro. A brincadeira saiu-me cara. Vamos andando, filha. Já são mais do que horas.

As trevas adensavam-se cada vez mais. Os últimos reflexos esverdeados haviam desaparecido do céu e a brisa, tépida, primaveril, começava a arrefecer. Mas Scarlett andava o passo, perguntando a si própria como aflorar o assunto que a levava ao encontro do pai, sem que este suspeitasse das suas intenções. Era um problema difícil pois que Scarlett não primava pela subtilidade e Gerald ' que conhecia a filha tão bem como se conhecia a si próprio, descortinava, os pobres subterfúgios a que ela recorria com a mesma facilidade com que a rapariga descortinava os seus, por uma razão recíproca. E, como ambos careciam da mais elementar parcela de tacto, desmasicavam-se mutuamente, com a maior sem-cerimónia.

-Como vão todos por lá, nos Doze Carvalhos?

- Como de costume. Cade Calvert apareceu no momento em que eu acabava de efectuar a transacção e depois fomos sentar-nos os três na varanda. Tomámos ponche e aproveitámos a oportunidade para conversarmos um pouco. Cade tinha chegado de Atlanta nessa mesma tarde e contou-nos que a população de lá se encontra em completa efervescência com a ideia da guerra... Scarlett suspirou. Se por infelicidade, o pai começasse a dissertar acerca das possibilidades dum conflito e do problema da Secessão, não se calaria naquelas duas horas mais próximas. Para evitar que tal acontecesse, ela desviou bruscamente o rumo da conversa.

-Falaram alguma coisa a respeito do piquenique de amanhã?

-Agora que me perguntas, creio que sim, que falaram. Aquela pequena muito simpática que esteve cá no ano passado... não me recordo do nome dela... Mas tu sabes quem é, a prima de Ashley... uma Hamilton, suponho... Exactamente Melanie Hamilton. Ela e o irmão chegaram hoje, de Atlanta, e...

47

- Ah, ela já chegou?! -Pois já. É uma rapariga muito delicada, muito metida consigo. Nunca ouvi aquela alma dizer uma palavra a seu respeito. Assim é que todas as mulheres deviam ser. Vamo, andando, filha; não te deixes ficar para trás, senão a tua mãe ainda vem por aí à nossa procura.

A notícia da chegada de Melanie abalou rudemente o coração de Scarlett. Alimentara a esperança absurda de que qualquer incidente inesperado retivesse Melanie e Hamilton em Atlanta, onde vivia. E, ao verificar que o seu próprio pai manifestava tão grande apreço pelo carácter afável e tranquilo de Melanie, tão indiferente do seu, decidiu queimar os últimos cartuchos.

-E Ashley? Também lá estava?

- Também. Gerald largou o braço da filha e, voltando-se para ela, fitou-a a direito, nos olhos.

- Se foi para saberes isso que vieste ao meu encontro, por que não me disseste abertamente, em vez de andares a brincar às escondidas e~go?

Scarlett, não encontrou resposta para lhe dar. Sentiu o sangue afluír-lhe ao rosto e um calor intenso, queimar-lhe as faces.

-Vamos, desembucha, Scarlett continuava a guardar silêncio. Por sua vontade, naquele momento, teria agredido o pai, para o obrigar a calar-se.

- Ashley estava em casa e tanto ele como as irmãs me perguntaram por ti. Ashley disse-me que estavam todos a contar contigo para a festa de amanhã. Quanto a mim, estou convencido de que nada te impedirá de ir-declarou o pai, com um sorriso irónico. -E agora, vejamos: Que há entre ti e Ashley?

-Não há nada-respondeu Scarlett, puxando o pai pelo braço.-Venha, papa.

- Inverteram-se os papéis, pélo que vejo. Agora és tu que estás com a pressa toda. Pois eu não sairei daqui enquanto não me disseres o que se passa. Quero saber aquilo com que posso contar. De facto, tu tens andado esquisita, últimamente. Ele fez-te namoro? Falou-te em casamento?

- Não - respondeu Scarlett, secamente.

- Nem falará - asseverou Gerald. Searlett parecia prestes a explodir, num assomo de

48

fúria, mas o pai acalmou-a, erguendo o braço num gesto conciliatório.

-Poupa a saliva, filha. John Wilkes disse-me, esta tarde, confidencialmente, que Ashley desposará Melanie, num futuro, próximo, O casamento será anunciado amanhã.

A mão de Scarlett caiu, inerte. Por consequência, sempre era verdade! Sentiu o -coração dilacerado por uma dor aguda, como se um animal feroz nele houvesse cravado as suas garras aceradas. Gerald observava a filha com um olhar em que se vislumbrava uma pontinha de tristeza e, ao mesmo tempo, um leve aborrecimento, por se ver em face de problema que ele não estava à altura de solucionar. Adorava a filha, mas não lhe agradava nada que ela o colocasse em obrigação de lhe resolver os problemas. Ellen é que @abia encontrar resposta para tudo. Scarlett teria feito melhor em confiar à mãe as suas preocupações.

- Com que então a menina andou a dar espectáculo?

- prosseguiu, erguendo a voz, como era seu costume nos momentos de excitação. - Deixaste que esse vizinho fizesse troça de ti, e de nós, Não tiveste vergonha de correr atrás dum homem que não te amava, tu que podias e podes aspirar aos melhores partidos da região?

O despeito e o amor-próprio, suavizaram um pouco o sofrimento de Scarlett.

- Eu não corri atrás dele, papá. Apenas... apenas fiquei surpreendida.

-Mentes-ripostou Gerald. E, inclinando-se sobre o rosto angustiado da filha, acrescentou, num impulso de súbita ternura: - Tenho imensa pena, minha querida. Mas kWa-te de que és ainda uma criança e de que não faltam rapazes por aí.

- A mamã tinha só quinze anos quando casou consigo e eu já fiz dezasseis-ripostou ela, com voz sumida.

-A tua mãe era diferente. Nunca foi tão leviana como tu. Vamos, filha, é preciso ter coragem. Para a semana que vem, irás passar uns dias com a tua tia Eulalie, em Charleston, e com a barafunda que por lá vai, devido aos acontecimentos ocorridos no Forte Sumter, verás que depressa esqueces Ashley.

"Toma-me por uma criança", pensou Scarlett, sufocada pela mágoa e pelo furor. "Está convencido de que bastará oferecer-me um brinquedo para eu olvidar o golpe que acabo de receber".

4 - Vento Levou - 1

49

- Escusas de fazer essa cara, minha filha -continuou Gerald.-Se tu tivesses uma centelha de juízo, há muito que estarias casada com Stuart ou com Brent, Tarleton. Pensa nisso, minha querida. Casa-te com um dos gémeos e as duas fazendas ficarão numa só família. Mandaremos construir, Jim Tarleton e eu, uma belíssima casa para vocês viverem, no meio do pinhal que fica...

- Por favor, não continue a tratar-me como a uma criança! - exclamou Scarlett. - Não tenciono ir para Charleston, não desejo casar com nenhum dos gémeos, nem tão,-pouco me interessa que mande construir uma casa no meio do pinhal, seja ela para quem for. O que eu quero é

Calou-se bruscamente mas já era tarde. Gerald adivinhou-lhe @ pensamento e, numa voz que de súbito se tornou calma, disse pausadamente, como se estivesse a ir buscar as palavras a um recôndito do pensa, mento, de que raras vezes se utilizava:

-.O que tu queres é Ashley, @nas não o terás. E, mesmo que ele viesse pedir-me a tua mão, seria com a maior das apreensões que eu daria, o meu consentimento, pois a amizade, profunda que me

liga a John Wilkes não me permitiria uma recusa. -E, ao reparar no olhar espantado com que Scarlett o fitava, concluiu: -Quero que a minha filha seja feliz e acredita que o não serias com ele. - Seria, sim, papá! Tenho a certeza! -Não digas isso, filha. Só pode haver felicidade num casamento quando entre o marido e a mulher existem afinidades. Scarlett sentiu de repente vontade de lhe gritar: "Mas o papá. e a mamã foram felizes e, todavia, não há afinidade alguma entre os dois". Conteve-se, porém, com receio de que o pai a esbofeteasse pela sua impertinência. -A nossa família é muito diferente da deles - prosseguiu Gerald lentamente, continuando a escolher as pala. vras. -Os WiU@es são diferentes de todos os nossos vizinhos... de todas--as famílias que conheço. São criaturas esquisitas. Mais vale que continuem a casar-se com os primos e com as primas, pois que, dessa maneira, conservarão toda a esquisitice na família. - Mas Astiley não é... - Caluda, menina! Eu não disse nada contra o rapaz, tanto mais que simpatizo bastante com ele. Esquisitice não tem nada que ver com loucura. A dele nem de longe se com-

50

para com as dos Calverts que são capazes de apostar toda a sua riqueza num caval@, nem com as dos Tarletons, que ficam sempre a cair de bêbados quando tomam um copo de vinho a mais, nem com as dos Fontaines, que até pare- cem feras e não hesitam em matar um homem por qualquer afronta imaginária. Esse gênero de esquisitice é fácil de compreender e estou certo de que, sem a ajuda de Deus, Gerald O'Hara reuniria na sua humilde pessoa todos esses defeitos. Também não quero dizer que Astiley fosse pessoa para fugir com outra mulher, uma vez casado contigo, nem para te bater. No entanto, talvez fosses mais feliz se ele procedesse assim, pois que sempre compreenderias a sua atitude nesse caso. A esquisitice de Astiley é de outra espécie, de uma natureza ia que ninguém entende. Gosto muito do rapaz, mas na minha opinião, a maior parte dascoisas que ele diz não têm pés nem cabeça. Confessa, minha filha, que nem tu própria consegues perceber a preocupação dele @ livros, com a música, a poesia, a pintura a óleo e com os eu sei lá que mais. - Oli, papá, por amor de Deus! -exclamou Scarlett, impaciente. - Se eu casasse com ele modificá-lo-ia por completo. - Gostaria de ver isso - ripostou Gerald, lançando à filha um olhar penetrante. -Ainda conheces muito mal os homens. Deixa Astiley em paz. Nenhuma mulher até hoje logrou modificar o carácter do marido. Não te esqueças disto. Quanto a essa ideia. de converter um Wilkes... nem parece tua. Toda a família lê pela mesma cartilha; têm sido sempre assim e creio que continuarão a sê-lo através dos séculos. Aquilo já nasce com eles. Repara só nos trabalhos em que se metem para irem a Nova Iorque e Boston ouvir uma ópera ou ver uma exposição de quadros a óleo. Mas há mais. Encomendam livros franceses e alemães aos yankees e ficam horas esquecidas a lê-los e a pensar não sei em quê, em vez de passarem o tempo, a caçar ou a jogar ao poker;como fazem os homens dignos desse nome. -Não há ninguém por aqui que monte a cavalo tão bem como Astiley -protestou Scarlett, furiosa por ver o pai acusar o rapaz @ de ser efeminado - a não ser talvez o pai dele. Quanto ao poker, não é verdade que Ashley ainda a semana passada lhe ganhou duzentos dólares, em Jonesboro? - Os Calverts andaram outra vez com mexericos - res-

51

mungou Gerald, resignado - pois, de contrário, tu não saberias ao certo quanto perco. De facto, Ashley é o melhor cavaleiro, e também o melhor jogador de poker. Além disso, quando ele se mete a beber, não há ninguém que consiga acompanhá-lo até ao fim. Vão, rolando todos para debaixo da mesa até Astiley ficar sózinho, sem competidores. Ele faz isso, é certo, mas fá-lo sem entusiasmo. Por isso eu digo que se comporta de maneira esquisita.

Scarlett não respondeu, com o coração como que estrangulado. Não tentou argumentar contra as afirmações do pai, pois sabia que ele tinha razão. Ashley era um cavaleiro exímio, um atirador emérito, mas não revelava entusiasmo pelas práticas desportivas nem pelos outros passatempos em que a maioria dos homens buscava distração; tudo o que os outros rapazes da sua idade consideravam primordial apenas parecia despertar nele um interesse relativo. Interpretando correctamente o silêncio da filha, Gerald afagou-lhe o braço e disse-lhe, em tom de triunfo:

- Concordas, não é verdade? Que farias tu com um marido como Astley? Os Wilkes são todos a mesma coisa.

- E acrescentou, com voz mais terna: - Se há pouco me referi aos Tarletons' não julgues que foi com o sentido de manifestar qualquer preferência. São ambos excelentes rapazes, mas se te sentes mais inclinada para Cade Calvert, deixa-me dizer-te desde já que não vejo nisso inconveniente nenhum. Os Calverts são belíssimas criaturas, embora o velhote tenha casado com uma mulher yankee... E, quando eu morrer... escuta, filha... quando eu morrer, deixarei Tara para vocês os dois...

- Eu não quero Cade para nada, nem que me aparecesse coberto de ouro - declarou Scarlett - completamente fora de si. - E gostaria que o pai deixasse de se preocupar por minha causa. Não quero ficar com Tara nem com nenhuma outra fazenda. De que servem as terras quando...

- Ia acrescentar: "Quando uma mulher não tem o homem que ama" mas--Gerald, indignado pela forma desdenhosa como a filha acolhera a oferta de Tara -o que ele mais apreciava no mundo além de Ellen - interrompeu-a com um rugido surdulo.

-Decerto não vais dizer-me que a terra, de Tara não representa nada para ti, Scarlett.

A rapariga sacudiu obstinadamente a cabeça. Estava tão desesperada que nem sequer reparava na exaltação do pai.

52

- A terra é a única coisa que conta na vida duma pessoa - clamava Gerald, furioso, gesticulando com os braços curtos -e musculosos. - É a única coisa no mundo que fica para além de nós. Nunca te esqueças disto. A terra é a única coisa pela qual vale a pena trabalhar, combater... e até morrer!

*

- Oli, meu Deus! - redarguiu Scarlett, num tom de enfado. - O pai fala como um irlandês!

-Pois falo, e olha que nunca me envergonhei de tal. Pelo contrário: tenho muito orgulho nisso. Lembra-te de que tu mesma ainda és metade irlandesa. E, para todos aqueles em cujas veias corre uma gota de sangue irlandês, a terra, em que vivem, e que lhes dá o pão que comem, é como a própria mãe. Palavra que nunca esperei isso de ti, Scarlett. Ofereci-te a fazenda mais linda que existe em toda a América ... com excepção, talvez das que há na comarca de Meath ... e como foi que tu me agradeceste? Recusando!

Gerald começava a dar-lhe curso a um dos acessos de cólera explosiva em que parecia encontrar tanta satisfação, quando notou na fisionomia angustiada de Scarlett algo que o fez modificar a sua atitude.

-Mas tu ainda és nova. O amor pela terra que te viu nascer virá mais tarde. E então não resistirás ao seu apelo, pois que nas tuas veias corre também o meu sangue, o sangue de um irlandês. Por enquanto, não passas duma rapariga enamorada e desiludida. Só quando fores mais velha compreenderás o verdadeiro significado das minhas palavras. Até lá, pensa no que eu te disse. Escolhe Cade, ou qualquer dos gémeos, ou um dos filhos de Evan Muriroe, e verás o que farei por ti.

-Oh, meu pai! Por esta altura já Gerald começava a estar farto de discutir o assunto e aborrecido por ver o problema recair-lhe sobre os ombros. Além disso, sentia-se ofendido, por saber que a filha continuava desgostosa, apesar de lhe ter sugerido os melhores partidos da região e de lhe ter oferecido Tara como dote de casamento. Gerald gostava que recebessem os seus presentes com palmas e lhes agradecessem com beijos.

-E agora, deixa-te de fazer beicinho, minha filha. Casa-te com quem muito bem entenderes, desde que se trate dum homem quç encare a vida da mesma maneira que tu, que saiba portar-se como um cavalheiro, que possua.

53

boa dose de orgulho e que seja um sulista ferrenho. Para a mulher, o amor só chegadepois docasamento.

- Oli, meu pai! Hoje já ninguém pensa assim.

- Pois fazem mal, Os americanos como que foram atacados pela mania de fazerem casamentos de amor e agora é deixá-los! Isso é bom para os criados e para os yankees. Podes ter a certeza de que os casamentos mais felizes são aqueles em que os pais escolhem os noivos para as filhas. Como é que uma tontinha como tu poderá diferenciar um homem de bern de um patife? Repara nos Wilkes. Por que foi que eles se conservaram dignos e fortes através de tantas gerações? Porque se têm casado sempre com pessoas que pensam da mesma forma, respeitando as indicações dos pais, baseadas na experiência da vida.

- Oli! - gemeu Searlett, sentindo reavivar-se a, dor que lhe amarfanhava o coração, ante a inexorável verdade contida nas palavras de Gerald.

Baixou a cabeça e o pai, inquieto, voltou-se para um lado e para o outro, sem saber o que fazer.

- Não estás a chorar, espero? - disse ele, tentando desajeitadamente obrigar Scarlett a erguer o queixo, enquanto no seu rosto se estampava uma expressão de tristeza, ante a profunda mágoa da filha.

- Não - respondeu ela desabridamente, desviando a cara.

- Mentas e isso só -me dá prazer. Agrada-me ver que tens brio. E amanhã, na festa, quero que te mostres alegre, como se não fosse nada contigo. Seria aborrecido que toda a gente começasse a inventar coisas e a fazer troça de ti, por te teres apaixonado por um homem que a teu respeito só tinha pensamentos amigáveis.

"Oh, eu sei muito bem que ele tinha outros pensamentos", pensou Scarlett, tristemente. "Não me restam dúvidas nenhuma a esse respeito. Se eu tivesse tido mais tempo, decerto que o obrigaria a falar... Oli, meu Deus, se não fosse aquela maldita mania de os primos casarem com as prinas!" Gerald enfiou o braço dela no seu.

- Agorã-vamos direitinhos para casa e não se fala mais no assunto. A coisa ficará apenas entre nós. Não quero aborrecer a tua mãe com mais problemas e estou certo de que tu, neste caso,@ és da mesma opinião. Assoa-te, minha filha.

54

Scarlett limpou o nariz no lenço, que se encontrava reduzido a um trapo amarrotado. De braço dado, pai e filha subiram a alameda escura seguidos pelo cavalo que avançava a passo, lentamente.

@uando estava quasé a chegar a casa, Scarlett abriu a boca, para dizer qualquer coisa, mas avistou a mãe 'debruçada na varanda, e não chegou a falar. Ellen tinha o chapéu na cabeça, os mitenes calçados e um xaile pelos ombros. Atrás dela, distinguia-se o corpo volumoso da velha ama, com o rosto ensombrado por uma nuvem ameaçadora, segurando nas mãos o saco de couro em que Ellen O'Hara costumava transportar ligaduras e remédios para socorrer os escravos doentes. Babá tinha os beiços grossos e revirados e quando por qualquer motivo se encolerizava, o lábio inf@rior parecia duplicar as suas dimensões. Tal era o caso naquele momento, pelo que Scarlett não teve dificuldade em perceber que a negra devia estar ruminando algo que lhe desagradava bastante.

-;- Senhor O'Hara - chamou Ellen quando Gerald e Scarlett se preparavam para subir os áegraus da entrada. Ellen pertencia a uma geração de criaturas que, mesmo a@ós dezassete anos de vida. conjugal e o nascimento de seis filhos, conservavam as maneiras cerimoniosas dos tempos anteriores ao casamento. - Os Slatтеры estão atrapalhados lá em casa. Eminie deu à luz um menino, mas a criança não deve resistir e já mandaram buscar o padre para a baptizarem. Eu vou até lá com a ama, ver se posso ajudar nalguma coisa.

Na voz dela adivinhava-se uma interrogação muda, como se Ellen, para realizar o seu projecto, precisasse realmente de prévia autorização do marido. No fundo, aquilo não passava duma formalidade a que Gerald, no entanto, ligava grande apreço.-

-Com seiscentos diabos! - exclamou ele. - Essa, corja de vadios não sabia escolher uma hora melhor para nos incomodar? Justamente na altura em que eu esperava que nos sentássemos todos à mesa para vos contar os boatos que correm em Atlanta, a respeito da guerra! Por amor de Deus, senhora O'Hara não se atrase por nossa causa. Se eu a não deixasse ir ficaria toda a noite às voltas na cama, sabendo que estava uma pe~a doente na vizinhança e que não podia ajudá-la. Vá, que é melhor assim.. Ao menos, quando se deitar, já poderá dormir descansada.

- Ela nunca tem sossego e de noite se levanta pra cuidá

55

' @L 4

dos nêgo e dos branco miserave qui pode,cuidá deles mesmo

- resmungou Babá, em voz baixa, enquanto descia os degraus, dirigindo-se para a carruagem estacionada numa álea lateral.

- Toma o meu lugar à cabeceira da mesa - disse Ellen a Scarlett, afagando-lhe o rosto, com a mão calçada de mitene.

Não obstante as lágrimas que só a muito custo lograva conter Scarlett estremeceu, ao sentir no rosto a carícia dos dedos @a mãe, o que sempre a comovia. Chegou-lhe às narinas o aroma delicado de verbena, que se emanava do saquitel que Ellen usava cosido à saia de seda. Havia em Ellen O'Hara algo que intrigava Scarlett, algo que tinha o condão de a impressionar, de a encantar ou acalmar, conforme as circunstâncias.

Gerald auxiliou a mulher a subir para a carruagem e ordenou ao c(>cheiro que conduzisse com prudência. Toby, que, havia mais de vinte anos, cuidava dos cavalos do anic4 fez uma careta de desgosto ao ouvir o conselho, que tinha por escusado. Toby e a velha ama, que se sentara ao lado del na boleia ofereciam naquele instante, com a suas beij@laesdependuradas, uma perfeita imagem de desaprovação, segundo os mais sagrados cânones africanos.

- Se eu não os houvesse ajudado tanto - murmurou Gerald - eles não teriam saldado as dívidas contraídas e a estas horas já estariam longe daqui. Ter-nos-iam vendido aqueles miseráveis acres de terreno pantanoso, no vale, e a comarca ter-se-ia visto livre para sempre desse bando de trastes. - Fez uma, pausa e, antegozando a perspectiva de arreliar o criado, acrescentou: -Anda, filha, vamos dizer a Pork que, em vez de comprarmos Dilcey, o vendemos a ele a John Wilkes.

Entregando as rédeas do cavalo a um moleque que se encontrava perto, começou a subir os degraus, esquecido da profunda mágoa que atormentava a filha, pensando apenas na partida que ia pregar a Pork. Scarlett seguiu-o vagarosamente, subindo com passos pesados a escadinha que levava à porta. Pensava que, apesar de tudo, uma união entre ela e

Ashley não seria mais extraordinária do que o casamento de Ellen Robillard com Gerald O'Hara e repetiu a si própria a pergunta para a qual ainda não conseguira achar resposta, como teria sido possível a um homem como o pai, tão vulgar e rude, desposar uma mulher tão carinhosa e tão fina

56

como a suamãe. Porque a verdade é que nunca os sagrados laços do matrimónio haviam unido duas criaturas tão diferentes em nascimento, educação e formação intelectual.

ELLEN o'HARA contava apenas trinta e dois anos e, segundo o critério daquela época, podia considerar-se mulher de meia-idade, que dera à luz seis filhos dos quais já perdera três. De estatura elevada a cabeça erguia-se-lhe muito acima da do seu minúscul@ e impetuoso marido; contudo, Ellen movia-se com tanta graça e leveza que a sua altura passava quase despercebida. O pescoço, bem torneado ' cor de alabastro, emergia da blusa de tafetá preto, dando a impressão de se inclinar sempre levemente para trás, vergado sob o peso da opulenta cabeleira, que ela usava presa numa rede, junto à nuca. Da mãe, francesa, cujos pais tinham fugido para o Haiti durante a

Revolução de 1791, herdara os olhos escuros e oblíquos, orlados de pestanas e a farta cabeleira cor de azeviche; e do pai, que servira sob as ordens de Napoleão, o nariz comprido e rectilíneo e o queixo quadrado que a delicada curvatura das faces suavizava. Mas só a vida poderia ter concedido ao rosto de Ellen a expressão de orgulho em que não havia altivez, a graciosidade suave e melancólica e a serenidade cheia de tristeza que o caracterizavam.

Ellen. seria surpreendentemente bela se no seu olhar houvesse um pouco de vivacidade, se o seu sorriso fosse comunicativo, se na sua voz, que aos ouvidos das pessoas da família e dos criados soava meiga e melodiosa, existisse uma nota de alegria. Tinha, a maneira de falar suave e modulada dos habitantes das zonas costeiras da região, doce nas vogais, branda nas consoantes, com leve pronúncia francesa. Ellen nunca levantava a voz nem para dar ordens aos criados, nem para repreender as crianças; no entanto, era cegamente o!::@-decida em Tara, o que não acontecia com o marido, a cujos gritos e fanfarronadas ninguém ligava importância. Para Scarlett, tão longe quanto podia ir a sua memória, a mãe fora sempre a mesma. Expressava-se em tom calmo e agradável tanto quando elogiava como quando repreendia; jamais perdera a serenidade apesar das

57

complicações que diariamente lhe trazia o governo duma casa de tanto movimento como a de Gerald O'Hara; conservava sempre a atitude tranquila, não se deixando ver-. gar, nem mesmo ao peso dos desgostos causados pela morte dos três filhos. Scarlett nunca vira a mãe recostar-se numa cadeira, assim como jamais se lembrava de a ver sentada sem ter entre as mãos um trabalho de costura excepto à hora das refeições, ou quando tinha doentes @ara tratar, ou fazia a contabilidade da fazenda. Se recebia visitas, aproveitava o tempo para bordar e, à noite, quando em família, entretinha-se a engomar as camisas amarrotadas do marido, a coser os vestidos das filhas ou a remendar o vestuário dos escravos. Scarlett não p@dia recordar as mãos da mãe sem o seu dedal de ouro; e, quando pensava nela, via-a sempre acompanhada da pretinha, cuja função consistia em tirar alinhavos e transportar a caixinha de costura de pau-rosa de quarto em quarto à medida que Ellen se deslocava p@la casa toda, dando o@@!ens. na cozinha, vigiando a limpeza dos aposentos e o trabalho das costureiras encarregadas das roupas para os trabalhadores.

Também não se lembrava de ver a mãe perder a calma austera, nem de ter notado o mais pequeno desalinho no seu traje, quer de dia, quer de noite. Quando Ellen se preparava para um baile ou para receber visitas, ou ainda para ir a Jonesboro <@wistir a um julgamento, gastava normalmente cerca de duas horas e ocupava duas criadas, além da velha ama, para ficar ataviada a seu gosto. No entanto, em casos de emergência, era assombrosa a rapidez com que se vestia.

o quarto de Scarlett dava para o vestíbulo e ficava mesmo em frente do aposento ocupado pela mãe. Desde a

mais tenra infância, ela habituara-se a ouvir o leve rumor dos pés descalços dos pretos arrastando--se no sobrado, até altas horas da noite 'seguido do bater imperioso na porta do quarto fronteiro e das vozes dos escravos abafadas e cheias de medo anunciando doenças, nascime@tos e óbitos, ocorridos na lo@ga fila, de cubatas caiadas de branco que lhes estavam reservadas. Como criança que era, Scarlett muitas vezes trepara pela porta e, espreitando por uma fenda estreita, vira Ellen surgir do quaxto imerso em trevas, aureolado pela luz vacilante da vela que erguia à altura da cabeça, de cabelos bem penteados, blusa cuidadosamente abotoada, trazendo a caixa dos medicamentos debaixo do

58

braço, enquanto o ressonar ritmado e indiferente de Gerald se fazia ouvir no silêncio da noite.

Scarlett experimentava sempre uma sensação de conforto e segurança, quando ouvia a mãe murmurar em tom firme, mas compassivo, enquanto em bicos de pés se dirigia para a porta da rua: "Falem mais baixo para não acordar o senhor O'Hara. Não se trata dum caso de vida ou de morte". Sim, era bom voltar para a cama, sabendo que Ellen saía e que tudo correria bem.

De -manhã, depois de haver passado a noite em claro, à "beceira de parturientes ou moribundos nas ocasiões em que os dois doutores Fontaines tinham sido chamados para atenderem outros doentes e não havia possibilidade de entrar em contacto com eles, Ellen presidia ao primeiro almoço como de costume, com os olhos escuros cercados de olheiras profundas, não revelando cansaço nem nos gestos, nem na voz. Sob a sua aparente fragilidade, possuía, uma resistência de aço, que se impunha a todos os que com ela viviam e ao -marido tanto como às filhas, embora preferisse mil vezes morrer a ter de o confessar. Às vezes, quando Scarlett, de noite, se punha em bicos de pés para beijar o rosto da mãe, reparava na sua boca pequena, de lábios meigos, uma boca que a vida tão facilmente atormentava, e perguntava a si própria se alguma vez ela teria rido, com gargalhadinhas maliciosas 'tal como as pequenas costumam fazer, ou se também teria confiado os seus segredos às amigas, durante os longos serões, no Inverno. Mas não, isso era-impossível. A mãe devia ter sido sempre o que era, ainda hoje, um pilar de resistência,, uma fonte de sabedoria, a única pessoa que encontrava resposta para todas as perguntas.

Mas Scarlett enganava-se. Muitos anos antes, Ellen Robillard, de Savannah, tinha rido, com gargalhadinhas maliciosas, como qualquer outra rapariguinha de quinze anos, nessa encantadora cidade do litoral. Trocara confidências com as amigas, contara-lhes todos os seus segredos, menos um. Foi nessa altura que Gerald O'Hara, vinte e oito anos mais velho do que ela, entrou na sua vida; e também foi nesse ano que a alegria de viver e o seu primo Philippe Robillard a deixaram para sempre. Porque, quando Philippe, com os seus olhos negros e maneiras rudes, deixou Savannah para não voltar nunca mais, levou consigo todo o calor que existia no coração de Ellen, deixando para

59

F~1 1

o pequeno irlandês de pernas. bambas que a desposou um invólucro gentil, mas vazio.

Mas Gerald não pedia mais, deslumbrado com a felicidade inesperada de casar com ela. E, se Ellen tinha sofrido alguma modificação, ele nunca deu por isso. Esperto Corno era, sabiamuito bem que só um milagre permitiria que ele, irlandês pobre e sem família -que o recomendasse, conseguisse conquistar a filha de uma das famílias mais ricas e orgulhosas da região. Porque Gerald tinha-se feito a si próprio.

Gerald viera da Irlanda para a América ao vinte e um anos de idade. Tal como muitos outros irlandeses, melhores ou piores do que ele, haviam feito antes e depois, Gerald deixara o seu pa@s à pressa, e transportara consigo sómente a roupa qVe tinha no corpo. Trouxera apenas dois xelins, além do dinheiro para a passagem, e a cabeça posta a prémio o que ele considerava um exagero, dada a insignificânéia do crime que havia praticado. Aos olhos do Governo Britânico e aos do diabo propriamente dito, não havia no mais velho continente do inferno terrâqueo um único irlandês protestante que valesse uma centena de libras; mas, se o governo dava, tanto valor à morte do rendeiro de um súbdito inglês ausente, Gerald não tinha outro, remédio senão partir, e partir depressa, antes que fosse demasiado tarde. Na verdade, ele insultara o rendeiro chamando-lhe "protestante patife", mas esse facto, do ponto de vista de Gerald, não dava ao homem o direito de lhe retribuir o insulto assobiando os primeiros compassos da -canção The Boyne Water.

A batalha de Boyne desenrolara-se mais de cem anos

antes, mas para os O'Haras e respectivos vizinhos era como se tivesse tido lugar na véspera, pois que nela haviam perdido as suas esperanças, os seus sonhos, as suas terras e riquezas, varridas na mesma nuvem poeirenta que envolvera a fuga dum príncipe Stuart aterrorizado, o qual permitira que Guilherme de Orange e os seus detestáveis soldados 'de plumas alaranjadas no chapéu, aniquilassem os seus partidários irlandeses.

-Por esta razão e por outras ' a família de Gerald não estaria disposta a ligar grande importância ao desfecho trágico da -questão, se ela lhes não houvesse acarretado tão graves dissabores. Havia muitos anos que os O'Haras não

60

eram bem vistos pela polícia inglesa, pois que pesavam sobre eles suspeitas de actividades contra o Governo; e Gerald não era o primeiro da família a meter pés ao caminho e a abandonar a Irlanda às primeiras horas do amanhecer. Os seus dois irmãos mais velhos, James e Andrew, tinham feito precisamente o mesmo. Recordava-se vagamente de muitas vezes os ter visto sair de casa pela calada da noite, para só voltarem de madrugada. Era frequente desaparecerem durante semanas inteiras, deixando a mãe ansiosa e inquieta. Alguns meses antes tinham-se visto na necessidade de partir para a América, logo após a descoberta de um pequeno depósito de espingardas numa pocilga existente na sua propriedade.

E agora estavam a ponto de enriquecer como comerciantes, em Savannah, "embora só Deus saiba onde essa terra fica", como dizia a mãe sempre que lhe falavam nos seus dois filhos mais velhos, a cujos cuidados o jovem Gerald foi entregue.

Gerald abandonou o lar paterno levando nas faces dois beijos apressados da mãe, e nos ouvidos a sua bênção, e meia dúzia de preces com que ela, católica devota, o recomendara à protecção divina, bem como o conselho do pai que no momento da partida lhe dissera: "Lembra-te de que não deves apropriar-te nunca daquilo que não te pertence". Os seus cinco irmãos, de estatura avançada, despediram-se dele, com sorrisos de admiração e com ar levemente protector, pois que Gerald, além de ser o mais novo, era também o membro mais pequeno e franzino duma família de gigantes.

Na verdade, tanto o pai como os outros filhos excediam um metro e noventa, de altura e eram bem proporcionados, ao passo que Gerald, aos vinte e um anos, chegara à conclusão de que um metro e sessenta e poucos centímetros era tudo o que Deus, na Sua infinita sabedoria, Se dignara conceder-lhe. Contudo, não estava no feitio de ele perder tempo com lamentações inúteis acerca da exiguidade da estatura, que não considerava susceptível de obstar à realização dos seus desejos.

Efectivamente foi a sua pequenez que em grande parte contribuiu para fazer dele o que era, porque bem cedo compreendeu que os homens pequenos precisavam de ser duros, para viverem entre os grandes. E Gerald era duro.

Os irmãos, altos e desempenados, formavam um grupo

61

@@ 40 @@

sosegado e triste. A tradição de glórias familiares, perdidas para sempre despertava, neles um ódio surdo e concentrado, que de vez em quando se manifestava em acessos de profundo mau-humor. Se Gerald fosse forte e bem constituído, decerto teria seguido o exemplo de todos os seus antepassados vivendo, sem alarde, entre os rebeldes que na sombra conspiravam contra o governo. Mas Gerald, bem pelo contrário, era "desembaraçado e não tinha papas na língua" como afectuosamente dizia a mãe. De temperamento impulsivo, estava sempre pronto para, a luta e não se dava ao trabalho de o disfarçar. Pavoneara-se no meio dos O'Haras com a mesma arrogância com que um galito da Índia se pavoneia numa capoeira cheia de galos gigantes da Cochinchina. Os irmãos estimavam-no e às vezes provocavam-no propositadamente só para o ouvirem barafustar, dando-lhe socos com os seus punhos grandes e possantes, sem empregarem muita força, mas apenas a suficiente para * conservarem no seu lugar de irmão mais novo.

Se as habilitações literárias que Gerald trouxera para a América eram insuficientes, ele nunca deu por isso; e, se lhe tivessem chamado a atenção para o facto, decerto se limitaria a encolher os ombros, sem ligar importância. A mãe ensinara-o a ler e a escrever correctamente; além disso, Gerald fazia contas sem dificuldade e, na verdade, a sua sapiência não ia mais longe. Do latim conhecia apenas os resposos que rezava na igreja e da História os diversos erros cometidos pela Irlanda. Salvo os poemas de Moore, a poesia era para ele letra morta e jamais se sentiu capaz de compreender qualquer música que não fosse a das canções populares irlandesas transmitidas de pais a filhos, através dos séculos. Embora a cultura dos outros lhe inspirasse o mais profundo respeito, não se sentia mal na sua ignorância. Demais a mais, que diferença lhe poderia fazer uma dose mais ou menos elevada de conhecimentos, num país em que os irlandeses mais incultos, conseguiam

arranjar riquezas enormes, num país onde, bastava ser-se forte e trabalhador? James e Andrew que o receberam nos seus armazéns de Savannah, também não lamentavam a sua falta de instrução' A boa caligrafia, os números que sabia desenhar tão bem, a perspicácia que evidenciou nos negócios, depressa o impuseram ao conceito deles; ao passo que, se Gerald possuísse uma grande cultura literária e soubesse apreciar boa música, apenas teria ganhado o seu desprezo.

62

No princípio do século, a América havia acolhido os irlandeses com a máxima simpatia. James e Andrew, que tinham principiado como navegantes, trabalhando para uma empresa que assegurava o transporte de mercadorias entre Savanali e as cidades do interior de Geórgia, possuíam agora um negócio que prosperava. E Gerald prosperou com eles.

Simpatizou com o Sul, desde o primeiro momento, e depressa se tornou - na sua opinião, pelo menos - um verdadeiro Sulista. Contudo havia no Sul e nos sulistas muitas coisas que ele não vinha nunca a perceber; mas, com a condescendência própria da sua natureza simples, adoptou as ideias e os costumes do país tal como os compreendia. Começou a jogar ao poker e a frequentar as corridas de cavalos; apaixonou-se pela política, pelo código de duelos e pelos direitos dos Estados; votou ódio de morte aos yankees, defendeu a manutenção da escravatura e a cultura do algodão em larga escala; exagerou o seu desprezo pelos brancos pobres e a sua cortesia para com as mulheres, Chegou ao ponto de aprender a mascar tabaco. Só não precisou de que o ensinassem a suportar bem o whisky, pois nesse capítulo parecia ter nascido ensinado.

Contudo, Gerald era sempre o mesmo. Tinha modificado as ideias e o gênero de vida que levava até ali, mas a sua maneira de ser não a modificaria ele nunca, ainda que pudesse. Admirava a elegância indolente dos opulentos cultivadores de arroz e algodão que, dos seus domínios verdejantes, vinham até Savanali, montando animais de puro sangue e fazendo-se acompanhar de carruagens que transportavam as suas mulheres, ricamente ataviadas e de carroças a abarrotar de escravos. Todavia, jamais conseguiria arranjar modos finos e distintos. As vozes arrastadas e dolentes, agradavam-lhe ao ouvido, mas não-lograra nunca trocar o seu sotaque forte de irlandês pela pronúncia suave de Geórgia. Apreciava a graça descuidada com que tratavam os negócios mais importantes, arriscando uma fazenda, uma riqueza ou um escravo numa simples cartada., e pagando os prejuízos com o despreocupado bom-humor com que atiravam moedas a um moleque. Mas Gerald, que conhecera a pobreza de muito perto, jamais tinha, aprendido a perder dinheiro despreocupadamente. 'Com as suas vozes meigas' os seus acessos repentinos de cólera e a sua encantadora volubilidade, os habitantes da região torna-

63

w,a Jd @f1-

vam-se simpáticos e agradáveis e Gerald gostava deles. Mas a actividade viva e inquieta que caracterizava o moço irlandês recém-chegado dum país onde o vento soprava húmido e frio e o nevoeiro dos pântanos não provocava febres, impedia-o de se misturar com aquela burguesia indolente, duma região onde o clima era semitropical e a malária germinava nos tremedais. Dos seus costumes e ensinamentos, aproveitou apenas o que lhe pareceu conveniente e desprezou o resto.

Chegou à conclusão. de que o &ker assim como o uso do whisky, para aqueles que tinham a cabeça suficientemente sólida, constituíam as duas melhores instituições do Sul. E foi a sua tendência, natural para as cartas e para o álcool que lhe granjeou dois dos três bens mais preciosos que possuía: o criado e a fazenda. Quanto ao terceiro, a mulher, só podia atribuir a sua posse a uma misteriosa protecção de Deus.

O criado, Pork, negro e lúcido valorizado pelo conhecimento da arte de alfaiate, era o favorito resultado duma noite inteira de poker com um cultivador da ilha de St. Simon, cuja coragem no bluff igualava a de Gerald, mas cuja cabeça não suportava, como a dele, o rum de Nova Orleães. Apesar de o antigo proprietário de Pork se ter oferecido, -mais tarde, para o comprar pelo dobro do

seu valor, Gerald recusou-se obstinadamente a vendê-lo, porque a posse dum negro e dum negro unânimemente considerado como o melhor criado de toda a região, representava o primeiro passo para a realização dos seus sonhos. Na realidade, Gerald ambicionava possuir muitos escravos e transformar-se num grande proprietário rural.

Estava firmemente resolvido a não passar os dias encafuado num armazém e as noites a fazer contas intermináveis, à luz duma vela, como acontecia a James e a Andrew. Ao contrário do que sucedia com os irmãos - sentia o desprezo que a sociedade votava aos que se dedicavam ao -comércio.

Queria ser plantador. Com a impaciência dum irlandês que já se vira na necessidade de alugar uma terra que outrora havia pertencido aos seus antepassados, desejava ardentemente ver alargarem-se diante de si enormes extensões de campos verdejantes, de que fosse ele o proprietário. Impelido por esta aspiração - ansiava por obter uma casa só para si, uma fazenda que lhe pertencesse exclusivamente, cavalos e escravos de que pudesse dispor à

64

11

sua vontade. E ali, naquele país novo, ao abrigo do duplo perigo que o espreitava na pátria que acabava de deixar

- impostos que lhe absorviam os rendimentos das colheitas e do celeiro e a ameaça constante duma confiscação -

Gerald resolveu realizar o seu sonho. Mas com o correr do tempo, descobriu que entre ter ambições e alcançar o seu objectivo havia uma grande diferença. Geórgia do litoral estava firmemente guardada nas mãos duma aristocracia por demais intransigente. Tentar romper as suas defesas seria rematada loucura.

Foi nesta altura que um golpe do Destino e do poker se combinaram para lhe entregar a fazenda, à qual mais tarde pôs o nome de Taxa, desterrando-o das regiões costeiras para o planalto ao norte de Geórgia.

Num botequim de Savannali, numa noite quente de Primavera, o moço irlandês ouviu a conversa dum forasteiro que se sentara não muito longe da sua mesa, e que o pôs logo de sobreaviso. O desconhecido, natural de Savannah, regressara à cidade natal, após doze anos de ausência no interior. Fora um dos contemplados na lotaria que o Governo organizara para distribuição das terras cedidas pelos índios no centro de Geórgia, no ano anterior à chegada de Gerald à América. Havia ido para lá e conseguira arranjar uma, fazenda; mas a casa fora destruída por um incêndio e agora, farto do "maldito lugar", estava disposto a desfazer-se dela.

Gerald, que não renunciara nunca à ideia de possuir uma plantação, tratou logo de arranjar forma de ser apresentado ao desconhecido. E o seu interesse foi subindo de ponto, à medida que ele lhe dizia que a região setentrional do Estado se estava enchendo rapidamente de gente vinda de Carolinas e de Virgínia. Gerald tinha vivido em Savannah o tempo suficiente para adquirir os pontos de vista, dos seus habitantes. Por consequência, na opinião dele, o resto do Estado era constituído apenas por florestas onde, por detrás de cada moita, espreitava um índio. Nas viagens de negócios que fizera por conta da firma Irmãos O'Haras, deslocara-se até Augusta, situada a umacentena de milhas * montante do rio Savannali e tinha percorrido igualmente * interior, visitando as velhas cidades da região. Sabia que nessa zona reinava a mesma tranquilidade do litoral, mas, das descrições que o forasteiro lhe fez, deduziu que a fazenda a que ele se referia se encontrava a maás de tre@-

5 - Vento Levou - 1

65

-1, é" 1 @

zentos quilómetros a noroeste de Savannah e um pouco ao sul do rio Chattahoochee. Gerald não, ignorava que a região situada a norte desse rio se encontrava ainda em poder dos Cherokees, pelo que ficou surpreendido ao ouvir o desconhecido trocar dos boatos & complicações com os índios e descrever o progresso das cidades e plantações daquela região.

Uma hora mais tarde, quando a conversa já ia perdendo o interesse, o irlandês, com uma astúcia que a inocência dos seus olhos azuis e brilhantes contradizia, propôs ao companheiro uma partida de poker. As horas foram passando e os copos vazios foram-se acumulando ao lado dos jogadores. A certa altura, porém, a maioria dos parceiros pousou as cartas na mesa, deixando Gerald e o desconhecido frente a frente. O forasteiro atirou para a mesa todas as suas fichas, juntando-lhes o título de propriedade da plantação. Com as que possuía, o irlandês, por seu turno, colocou-lhe em cima a carteira com todo o dinheiro que trazia consigo. Se o dinheiro que depôs sobre a mesa pertencia à firma Irmãos O'Haras a sua consciência não o importunou a ponto de o obrigar a confessar a culpa, na missa do dia seguinte. Sabia muito bem o que queria e, quando pretendia alguma coisa, procurava, a maneira mais simples de a obter. Além disso, a sua fé no destino e nos dados que rolavam diante dos seus olhos era tão grande, que nem por um momento se deteve a perguntar a si próprio onde iria desencantar a quantia necessária para pagar ao parceiro, no caso de ele possuir uma "mão" mais forte do que a sua.

- Você não fez um negócio por aí além, e eu sinto-me feliz por não ter que pagar mais impostos - suspirou o detentor de um full de ases, pedindo caneta e tinta para escrever. -A casa. ardeu há um ano, aproximadamente, e o terreno que a cerca está a monte, coberto de mato e de pinheiros bravos. Tudo isso lhe pertence, agora.

- Poker e whisky são duas coisas que ninguém deve misturar - declarou Gerald a Pork, nessa mesma noite -

a não ser que se esteja habituado a, bebê-lo desde o berço

O preto, que já nutria' pelo seu novo amo grande admiração, tentou responder-lhe em irlandês, mas não conseguiu. O resultado foi uma estranha miscelânea em que o dialecto Geechee se misturava com o de Meath de tal maneira que teria, deixado estupefacto quem o ouvisse.

O rio Flint corria, silencioso e lamacento, por entre

66

muralhas de pinheiros e carvalhos cobertos de trepadeiras, envolvendo num abraço a nova propriedade de Gerald, que limitava por dois lados. Para ele, de pé sobre o pequeno outeiro onde primitivamente se erguera a casa, aquela barreira alta de verdura era tão majestosa e fazia-o experimentar uma sensação de posse tão intensa, como se fosse uma cerca por ele próprio construída para limitar o seu domínio'. Com os pés apoiados sobre as pedras negras da casa incendiada, fitou o longo renque de árvores que se estendia até à estrada e praguejou com violência, pois o prazer que sentia era demasiadamente intenso para se manifestar por meio de uma prece. Aquelas muralhas sombrias de verdura eram suas' como seu era também aquele relvado inculto, onde o galracho crescia, sob as magnólias em flor. Aqueles campos maninhos, de terra argilosa e superfície ondulante, marchetados de moitas de arbustos e de pinheiros raquíticos, que se estendiam a perder de vista, em todas as direcções, pertenciam a Gerald O'Hara -um irlandês de cabeça rija, capaz de suportar os vapores do álcool e que tivera a audácia de arriscar dinheiro alheio numa partida de poker.

Gerald fechou os olhos, e no silêncio que o rodeava, sentiu que lograra, enfim, realizar o seu sonho. Ali mesmo, no sítio onde poisava agora os pés, havia de construir uma casa de tijolos brancos; do outro lado da estrada, erguer-se-iam as cercas para as vacas gordas e cavalos de puro sangue; um manto de algodão, branco e resplandecente, cobriria a terra vermelha que descia, sinuosa, pela encosta do outeiro até às margens férteis do rio. E a família O'Hara alcançaria de novo a prosperidade.

Munido do pouco dinheiro que ganhara ao jogo, dum pequeno empréstimo concedido sem entusiasmo algum, pelos irmãos e duma importância razoável obtida sobre hipoteca da propriedade, Gerald comprou os seus primeiros escravos e veio para Tara. Instalou-se, sozinho, na casita destinada ao feitor, enquanto esperava que a sua residência fosse construída.

Desbravou a terra, plantou algodão e pediu a James e

Andrew mais dinheiro emprestado para comprar nova. Porção de escravos. Os O'Haras mantinham-se sempre unidos, tanto nas alegrias como nas tristezas não porque nutrissem uns pelos outros afeição muito afeituada, mas porque a adversidade, contra a qual haviam lutado em tempos passados, lhes ensinara que, para uma família sobreviver tinha

67

que apresentar ao mundo uma frente inexpugnável. Emprestaram a Gerald o dinheiro de que ele necessitou e, mais tarde, receberam-no acrescido dos juros. Gradualmente, a plantação foi-se desenvolvendo, à medida que Gerald comprava os terrenos que a cercavam e, a certa altura, a casa de tijolos brancos deixou de ser um sonho para, se transformar em realidade.

Os próprios escravos a haviam construído. Era um edifício pesado, de linhas direitas, que se erguia no todo do outeiro, dominando os prados verdes que se estendiam até ao rio; e um enorme prazer invadiu o seu proprietário, ao verificar que, apesar de nova, a casa parecia antiga. Os velhos carvalhos, sob os quais os índios tinham passado, cercavam-na de perto com os troncos enormes e estendiam a folhagem sobre o telhado, envolvendo-o numa sombra espessa. O trevo e a grama abundavam no prado coberto de ervas e Gerald ordenou que os tratassem com especial cuidado. Desde a alameda ladeada de cedros até às cubatas reservadas aos escravos, reinava em Tara uma atmosfera de segurança, de estabilidade e de firmeza; e de cada vez que Gerald, montando a cavalo, dava uma volta à propriedade e via, de longe, o telhado emergir da folhagem verde que o rodeava, estremecia de prazer como se aquele espectáculo fosse sempre novo para si.

Ele tinha feito aquilo tudo, ele, o irlandês pequeno de cabeça dura e modos fanfarrões. Gerald dava-se bem com todos os vizinhos na região, à excepção dos Mac Intoshes, cuja propriedade limitava a sua pela esquerda, e dos Slatтеры, que possuíam três miseráveis acres de terreno à direita da sua plantação estendendo-se ao longo dos pântanos, entre o rio e a fazenda de John Wilkes.

Os Mac Intoshes eram meio escoceses - meio irlandeses e orangistas ferrenhos; possuíam, havia muitas gerações, todas as virtudes enumeradas no calendário católico, o que era mais do que suficiente para os fazer cair na antipatia de Gerald. Tinham vindo para a Geórgia há mais de setenta anos e, antes disso, passaram toda uma geração no Estado de Carolina; mas dos seus antepassados, o primeiro que desembarcara na América viera directamente de Ulster e isso, aos olhos de Gerald, constituía uma falta na verdade imperdoável.

Os Mac Intoshes eram reservados e altivos. Não manti-

68

nham relações de amizade com os vizinhos e, para casar, escolhiam sempre os parentes que residiam em Carolina. A antipatia que tinham inspirado a Gerald estendera-se a todos os habitantes da comarca, pois que, sendo de seu natural sociáveis e condescendentes, os georgianos não-toleravam quem não possuísse essas qualidades. O boato de que os Mac Intoshes perfilhavam ideias abolicionistas prejudicava, em parte, a sua popularidade. No entanto, o velho Angus não concedera nunca a liberdade a nenhum dos seus criados e já tinha cometido o erro, irremissível aos olhos da sociedade, de vender alguns negros aos mercadores de escravos que passavam a caminho das plantações de cana-de-açúcar da Louisiana. Apesar disso os boatos persistiam.

-Não há dúvida de que ele é um abolicionista - afirmava Gerald a John Wilkes. -Mas sempre que um princípio vai de encontro ao carácter obstinado dum escocês, o primeiro é que é sacrificado e não o segundo.

Com os Slatтеры o caso, porém, era diferente. Pertencendo ao número dos "brancos-pobres" não mereciam sequer a consideração que os vizinhos embora de má vontade, davam à independente altivez de Angus Mac Intosh.

O velho Slattery, que se agarrava desesperadamente àquele terreno pobre que lhe pertencia sem dar ouvidos às repetidas propostas que tanto Gerald como John Wilkes lhe haviam feito, não tinha um centímo e passava a vida a lamentar-se. A mulher, de cabeleira suja e emaranhada, apresentava aspecto doentio e fatigado. Era mãe duma ninhada de crianças tristes e sombrias, cujos traços

faziam lembrar focinhos de coelhos ' ninhada essa que aumentava regularmente todos os anos. Tom Slattery não possuía um único escravo. Ele e os dois filhos mais velhos esfalfavam-se a trabalhar os magros acres de algodão que lhes pertencia, enquanto a mulher, ajudada pelas crianças mais novas, tratava daquilo a que eles tinham combinado chamar horta. Contudo, embora não houvesse justificação possível para o facto, Tom Slattery jamais conseguiu fazer vingar o seu algodão, da mesma maneira, que a mulher, talvez devido à circunstância de se encontrar sempre grávida, raramente conseguia que a horta produzisse o suficiente para alimentar a prole. Slattery passava os dias a rondar as portas dos vizinhos, pedindo sementes de algodão ou um bocado de toucinho "para amparar o estômago". Odiava os seus conterrâneos

69

com a pouca energia que lhe restava, adivinhando, sob os seus modos cortes, o desprezo que lhe votavam; mas era contra os "negros das casas ricas" que o seu rancor se voltava com mais violência. Os pretos das casas ricas consideravam-se superiores aos brancos-pobres e o mal disfarçado desprezo com que os tratavam magoava profundamente Slattery que, ao mesmo tempo lhes invejava a posição segura que desfrutavam. Ao passo que Slattery levava uma vida miserável, aqueles negros eram bem alimentados, bem vestidos, bem tratados quando estavam doentes ou quando chegavam à velhice. Mostravam-se orgulhosos da boa reputação dos seus senhores e, na sua maioria, envaldeciam-se por pertencerem às famílias que constituíam o escol do país, ao passo que Slattery se sentia desprezado por todos.

Podia ter vendido a propriedade pelo triplo do seu valor a qualquer cultivador da comarca. Todos teriam dado por bem empregado o dinheiro que livrasse a, comunidade de gente tão indesejável como aquela; mas Tom Slattery preferia ficar a dever a subsistência dos seus à caridade dos vizinhos e ao produto da venda do único fardo de algodão que todos os anos conseguia produzir. Com o resto dos fazendeiros Gerald mantinha relações de amizade, chegando até a contactar -alguns amigos íntimos entre eles. Os Wilkes os Calverts, os Tarletons, os Fontaines sorriam quando viam galopar ao longo das suas áreas a figura pequena de Gerald montado num enorme cavalo branco. Recebiam-no sempre com alegria e mandavam servir cálices de Bourbon com açúcar e folhas de hortelã esmagadas. Gerald era bastante sociável e algum tempo depois de o conhecerem, os vizinhos descobriram o que as crianças, os pretos e os cães adivinhavam logo à primeira vista: que por trás das maneiras rudes e da voz de trovão, Gerald ocultava um coração sensível, um ouvido atento a todos os queixumes e uma bolsa aberta para os que dela necessitassem.

A sua chegada provocava sempre barulho e confusão. Aos latidos alegres dos cães juntava-se o alarido dos moleques que corriam ao seu encontro, disputando entre si o direito de segurar as rédeas docavalo empurrando-se uns aos outros e sorrindo, sob a torrente de fingidos ralhos com que Gerald os mimoseava. As crianças brancas pediam-lhe que as encavalitasse nos joelhos, enquanto ele explicava, às mais velhas as infâmias cometidas pelos políticos yankees;

70

as filhas dos amigos confiavam-lhe os seus segredos amorosos; e os jovens seus vizinhos, receosos de confessarem aos pais as dívidas contraídas no jogo encontravam nele um amigo sempre pronto a auxiliá-los.

- Tens coragem de estar a dever isto há um mês, meu grande patife - gritava encolerizado. - Mas por que diabo não me vieste procurar há mais tempo?

A sua maneira ríspida de falar era bastante conhecida para que alguém se ofendesse com ela. Os rapazes sorriam, embaraçados, e respondiam:

- Ora, eu não queria incomodá-lo ' e o meu pai...

- O teu pai é uma ótima criatura, ninguém pode dizer o contrário, mas muito austero. Toma lá o dinheiro e não se fala mais nisto.

As mulheres dos fazendeiros foram as últimas a capitular. Mas uma tarde, depois de Gerald ter saído, a senhora Wilkes que, segundo a opinião dele, era "uma grande dama que possuía o condão de saber guardar silêncio", voltou-se para o marido e disse referindo-se ao visitante:

- Tem uma maneir@ a rude de falar, mas é um autêntico cavalheiro.

Gerald O'Hara ganhara a partida. Contudo, Gerald nunca desconfiara de que lhe tinhar. sido necessários dez anos para conseguir essa classificação social, pois que lhe passara completamente despercebido o desprezo com que, a<> princípio, fora tratado pelos seus vizinhos. Estava convencido de que, desde que pela primeira vez pisara o chão de Tara, o haviam recebido em pé de igualdade.

Aos quarenta e três anos Gerald estava transformado num indivíduo alentado, de @aces rubicundas cuja figura parecia recortada duma antiga gravura de ca@a.. Foi pouco mais ou menos nessa altura que ele chegou à conclusão de que o amor que dedicava a Tara e a amizade dos vizinhos,. que o recebiam sempre de braços abertos e rosto sorridente, não bastavam para preencher a sua vida.. Faltava-lhe uma companhe4ra.

Em Tara sentia-se a. necessidade imperiosa duma dona de casa. O cozinheiro, negro gordo que principiara por tratar apenas da criação e que, pela força das circunstâncias, fora elevado à categoria de chefe de cozinha nunca preparava as refeições a horas; quanto à criada d.@ quarto, velha escrava que Gerald, de início, havia contratado para traba-

71

lhar no campo, deixava a poeira acumular-se nos móveis, não se dando ao trabalho de os limpar; a chegada de qualquer hóspede causava sempre uma barafunda indescritível, pois que a preta jamais conseguia trazer a roupa da casa em ordem. Pork era o único servo decente da propriedade e, por isso, Gerald encarregara-o de dirigir o resto do pessoal; mas até mesmo ele se tornara preguiçoso e negligente, deixando-se influenciar pelo feitio descuidado do amo. Como criado de quarto, trazia os aposentos de Gerald sempre em ordem; como mordomo, esmerava-se no desempenho do cargo e servia à mesa com estilo e dignidade; ao resto do serviço, porém, não prestava a mínima atenção. Com o seu instinto infalível, os negros haviam descoberto que o patrão se assemelhava aos cães que ladram mas não mordem e ' sem o menor escrúpulo, aproveitavam-se da situação. A atmosfera em Tara estava sempre carregada de ameaças. Gerald afirmava-lhes, em altos gritos, que ia vend&los aos mercadores do Sul, que havia de os fustigar sem dó nem piedade; mas eles bem sabiam que em Tara nã:> se negociavam escravos e apenas se, lembravam de ter visto aplicar o chicote uma vez @i um preto que, tendo sido encarregado de tratar do cavalo de Gerald, o havia esquecido por completo, deixando-o sem ração, depois de ele ter passado o dia inteiro numa caçada. Com os seus penetrantes olhos azuis, Gerald notara a maneira eficiente pela qual as mulheres dos seus vizinhos, de cabelos lisos e saias roçagantes 'dirigiam a criadagem. Ignorava que, desde o romper do dia até altas horas da noite, aquelas mulheres desenvolviam uma actividade constante, cosendo e lavando as roupas de casa, tratando da cozinha e vigiando as crianças. Só conhecia o resultado dessa actividade e achava-o impressionante.

Certa manhã quando estava a preparar-se para ir à cidade assistir @ um julgamento ' chegou à conclusão de que precisava casar quanto antes. Pork entregara-lhe a sua camisa favorita, de folhos, que a criada de quarto havia passajado; contudo, tão desajeitadamente se houvera que só o criado a poderia vest' r.

-Sinhô Gerald-observou Pork, dobrando a camisa, sem conseguir esconder a sua satisfação-o sinhô precisa mas é de muié, de muié que sabe mandá em casa chênha d9 nêgo, Gerald repreendeu Pork pela impertinência, mas sabia

72

que ele tinha razão. Era sua intenção casar e ter filhos e, se não tratasse disso quanto antes, depois seria tarde demais. Também não queria desposar a primeira que lhe aparecesse, como tinha feito Calvert que, ao ver-se viúvo, resolvera casar com a govemanta yankee dos seus filhos. A senhora

O'Hara deveria ser uma dama de boas famílias, que possuísse a distinção e a graciosidade da senhora Wilkes e que fosse capaz de administrar Tara tão bem como ela governava os seus domínios.

Mas a hipótese de se aliar a qualquer família da comarca apresentava duas sérias dificuldades. A primeira residia no facto de haver poucas raparigas---em idadecasadoira por aquelas redondezas. A segunda, e a mais grave, devia-se à circunstância de que, apesar de Gerald viver na região havia quase dez anos, nunca, tinha deixado de ser "o forasteiro" na opinião daquela gente. Ninguém sabia nada acerca da sua família. Embora a sociedade do interior de Geórgia fosse mais acessível do que a do litoral, nenhum pai consentiria que uma filha sua se unisse a um homem cujo avô ninguém conhecia.

Gerald não ignorava que, apesar da real afeição que inspirava aos homens da comarca com os quais caçava, bebia e discutia política, dificilmente encontraria um disposto a aceitá-lo como genro. E não queria que, de maneira nenhuma, os seus vizinhos e amigos comentassem o facto de este ou aquele indivíduo se ter visto na penosa obrigação de negar a Gerald O'Hara autorização para fazer a corte a sua filha. Mas nem por isso se sentia diminuído aos olhos dos outros fazendeiros. Nunca em toda a sua vida se considerara inferior a ninguém, fosse no que fosse. Tratava-se simplesmente dum curioso costume da comarca, segundo o qual as raparigas só deveriam contrair matrimónio com descendentes de famílias que tivessem vindo estabelecer-se no Sul vinte e dois anos antes, pelo menos. Além disso, tornava-se necessário que essas famílias possuíssem terras e escravos e que, durante aquele lapso de tempo, houvessem dado provas de terem adquirido somente os vícios considerados de bom-tom.

- Faz as malas - ordenou a Pork. - Vamos para Savannah. E se alguma vez te ouvir dizer "safa" ou "livra" vender-te-ei logo, porque são as expressões que eu próprio raras vezes emprego.

Talvez James ou Andrew soubessem aconselhá-lo. Tam-

73

bém podia dar-se o caso de entre os amigos dos irmãos, haver algum cuja filha preenchesse os requisitos necessários e, ao mesmo tempo, estivesse disposta a aceitá-lo, para marido. James e Andrew escutaram-no pacientemente, mas não o encorajaram no seu intento. Não possuíam em Savannah nenhum parente a quem pudessem pedir auxílio, visto terem casado antes de virem para a América. Quanto às filhas dos amigos, estavam casadas havia vários anos e consagravam todo o seu tempo à educação dos filhos.

- Tu não és rico - observou James. - Nem pertences a uma grande família.

- Já consegui enriquecer - acudiu Gerald, - Posso criar uma grande família. Mas não quero casar com qualquer rapariga.

-Tu voas muito alto-observou Andrew, secamente. No entanto, esforçaram-se por ajudar o irmão. Já estavam ambos a caminho da velhice e desfrutavam da consideração geral, em Savannah.

Tinham muitos amigos e, durante um mês, acompanharam Gerald de casa em casa, levaram-no a ceias, a bailes e a piqueniques.

- De entre todas, só uma conseguiu prender-me a atenção -disse Gerald, finalmente. -E ainda não era nascida quando cheguei à América.

- De quem se trata? -De Ellen Robillard- respondeu Gerald, procurando falar com naturalidade, pois os olhos escuros e levemente oblíquos de Ellen Robillard haviam-lhe prendido mais do que a atenção.

Apesar do seu desprendimento, tão estranho numa rapariga de quinze anos, Ellen enfeitiçara Gerald. Os olhos dela tinham uma expressão de desespero, de animal perseguido, que foi direito ao coração do irlandês e o obrigou a tratá-la com uma gentileza que ainda não tinha usado com outra qualquer pessoa.

-Mas tu podias ser pai dela!

- Estou na força da vida - gritou Gerald, ofendido. -Com franqueza, Jerry -disse James sem se alterar

- de todas as raparigas de Savarinali fost@ escolher precisamente aquela com quem menos probabilidades tens de -casar. O pai é um Robillard, e estes franceses são orgulhosos como o diabo. E a mãe - Deus lhe tenha a alma em descanso - era uma verdadeira senhora.

- Isso não me interessa - respondeu energicamente

74

Gerald. - No fim de contas, a mãe dela morreu e o velho Robillard simpatiza comigo.

- Como, homem, não digo que não. Mas como genro, tenho cá as minhas dúvidas.

- A rapariga não te aceitará, de maneira nenhuma -

interveio Andrew.-Há cerca dum ano que está apaixonada pelo estróina do primo, Philippe Robillard, apesar de a família levar os dias inteiros tentando fazê-la mudar de ideias.

- Philippe partiu para a Louisiana no princípio deste mês - explicou Gerald.

- Como o soubeste?

- Disseram-mo - respondeu Gerald, que não estava especialmente interessado em revelar aos irmãos que fora Pork quem lhe fornecera a preciosa informação, nem tencionava informá-los de que Philippe Robillard partira por expressa determinação da família. -E não creio que a paixão dela seja tão grande que não consiga esquecê-lo. Uma rapariga de quinze anos não sabe o que é o amor.

-A família há-de preferir mil vezes vê-la casada com um primo a aceitar-te no seu selo.

1 Por isso James e Andrew ficaram tão surpreendidos como o resto da cidade, quando em Savannah se espalhou a notícia de que a filha de Pierre Robillard ia casar com aquele irlandês do interior.

Savannah comentava o facto à boca pequena e perdia-se em conjecturas acerca de Philippe Robillard, que se retirara para o Oeste. Mas, apesar de toda a bisbilhotice, ninguém logrou chegar a qualquer conclusão. A razão que levava a mais bonita filha de Robillard a desposar aquele homem pequeno, barulhento e vermelhusco, aue mal lhe dava pela orelha, conservou-se um mistério indecifrável para toda a gente. Nem sequer Gerald conseguiria explicá-lo. Apenas poderia dizer que se havia operado um milagre. Pela primeira e única vez na sua vida sentiu-se profundamente humilde quando Ellen, pálida mas calma, lhe dissera pousando-lhe a mão branca e delicada no braço:

-Estou disposta a casar consigo, senhor O'Hara. A decisão caiu como um raio sobre os Robillards. Mas Ellen e a ama conheceram todo o horror daquela noite, em que a, pequena chorou até de madrugada,@@omo uma criança, com o coração despedaçado. Na man a seguinte, Ellen era uma mulher e havia tornado a sua decisão.

Com desagradável pressentimento, a preta levava à sua

75

menina um embrulho pequeno, remetido de Nova Orleães e cujo endereço havia sido escrito por alguém, cuja caligrafia Ellen desconhecia.

O embrulho continha um medalhão com a fotografia dela, que Ellen deixou cair no chão, soltando um grito de angústia, bem como quatro cartas que tempos antes escrevera a Philippe Robillard e um bilhete lacónico dum sacerdote de Nova Orleães, anunciando-lhe que o. primo tinha morrido numa rixa em que se envolvera, num botequim daquela cidade.

-Foram eles que tiveram a culpa: o pai a tia Pauline e a tia Eulalie! Foram eles que o obrigarar@ a partir. Ah, se soubessem como os odeio! Se soubessem como os odeio a todos! Não quero voltar a vê-los! Quero ir-me embora daqui, para um sítio onde nem sequer torne a ouvir o nome deles. Não posso continuar a viver aqui, nesta casa! Tenho de fugir para muito longe onde não haja nada que me faça pensar em Philippe.

De madrugada 'a ama, que tinha levado a noite a ch<>rar, com o rosto encostado à cabeceira negra da rapariga, protestou:

- A minina não pode fazê isso! -Mas faço. Gerald é simpático. Ou caso com ele ou então entro para o convento de Charleston.

Foi a ameaça do convento que acabou por vencer a resistência de Pierre Robillard. Desnorteado e ofendido com a atitude de Ellen, acabou por dar o seu consentimento. Presbiteriano intransigente, embora o resto da família professasse a religião católica, preferia mil vezes casá-la com Gerald O'Hara 'cujo único defeito, no fim de contas, era o de não ter família, a vê-la tomar o hábito de freira.

Pondo de parte o seu nome de solteira, Ellen voltou as costas a Savannah disposta a não voltar lá nunca mais, E, acompanhada d@sse marido de meia-idade, de sua velha ama e de vinte criados negros, dirigiu-se para Tara.

No ano seguinte nasceu uma menina que recebeu o nome da avó paterna, Katia Searlett.

Gerald ficou desiludido, pois desejava um rapaz, mas

* sua satisfação, ao acariciar a penugem negra que cobria

* cabeça da filha, foi tão grande, que mandou servir uma boa dose de rum a todos os seus escravos e ele próprio apanhou uma bebedeira ruidosa.

Se alguma vez Ellen lamentou a sua repentina decisão

76

de casar com ele, nunca ninguém o soube, e muito menos Gerald, que quase estoirava de orgulho sempre que olhava para a mulher. No dia em que deixara Savannah, Ellen banira da memória a cidadezinha marítima, de população afável e cortês onde tinha decorrido a sua mocidade, bem como as recorências que a ela podiam prendê-la. E, desde que chegara a Clayton, a Geórgia do Norte havia-se tornado o seu lar.

Ao abandonar para sempre a casa paterna, Ellen deixara atrás de si um edificio de linhas belas e harmoniosas como as dum corpo de mulher ou dum navio que navega a todo o pano, com as velas enfunadas pelo vento, uma moradia de estuque cor-d@-rosa pálido, graciosa e fria, mas sombria e pouco acolhedora construída segundo o estilo colonial francês e cujo, perfil elegante se recortava contra o céu. Dava-lhe acesso uma escadaria em espiral, ladeada por balaústres de ferro forjado e artísticos rendilhados.

1 Mas Ellen não deixara atrás de si apenas uma residência encantadora e luxuosa; abandonara também toda a civilização que ela representava, para entrar num mundo estranho e tão diferente daquele a, que estava habituada; chegava a ter a impressão de haver mudado de continente.

No norte da Geórgia, o solo era acidentado e o povo rude. Do planalto dominado pela vasta cordilheira das Montanhas Azuis, a rapariga via desenrolarem-se diante de si as colinas arredondadas e vermelhas, junto das quais se erguiam rochas de granito e pinheiros descarnados, de aparência sombria, Tudo aquilo apresentava. aspecto grave e selvático aos seus olhos afeitos à beleza calma das ilhas atapetadas de musgo cinzento e envoltas no manto verde das suas florestas ao longo enfiamento, de praias aquecidas por um sol @emitropical, às perspectivas uniformes duma zona arenosa, semeada de palmeiras.

Naquela região, que suportava o frio do Invern<> tão bem como o calor do Estio, os habitantes possuíam energia e vigor para ela desconhecidos, Era gente amável, cortês, generosa, cheia de bons sentimentos mas robusta viril e facilmente irritável. Os homens do 'litoral podiar@ orgulhar-se de saberem resolver todos os seus problemas, até duelos e contendas, com certo arde indiferença; no entanto, os ge<>rgianos do Norte preferiam recorrer à violência. Junto à, costa a vida decorria suave e tranquila; ali, tudo era juventude, alegria, movimento. As pessoas que Ellen conhecia em

77

Savannali pareciam ter sido feitas todas segundo o mesmo molde, tão parecidos eram os seus pontos de vista e tradições; ali porém havia uma enorme -variedade de gente. Os colonos áa Geórgia Setentrional provinham das mais variadas partes do mundo: das Carolinas, da Virgínia, da Europa,

dos estados do Norte e até de outros pontos da própria Geórgia. Alguns, como Gerald tinham ido em busca de riqueza. Outros, como Ellen membros de famílias antigas achando insuportável a existência nos seus lares, haviam procurado a felicidade naquelas terras distantes. Uma grande parte, porém, viera para ali sem nenhuma razão especial, obedecendo simplesmente ao espírito inquieto herdado dos pioneiros infatigáveis que haviam sido os seus pais.

Toda esta população, proveniente dos mais diversos pontos do globo e com antecedentes tão diferentes emprestava à vida da comarca uma alegria nova para Ellen, uma vivacidade a que ela não estava habituada. Instintivamente, Ellen sabia como as pessoas do litoral agiriam nesta ou naquela circunstância; contudo não era capaz de prever quais as reacções dos georgianos do Norte.

E, para estimular a actividade da comarca, uma onda de prosperidade invadia o Sul. O mundo inteiro necessitava de algodão e o solo fértil de Clayton até então inexplorado, produzia-ocum abundância. O algodão era para aquela zona como o coração palpitante, e a plantação e a colheita como que a diástole e a sístole da terra vermelha. Uma riqueza imensa brotou dos sulcos abertos pelo arado e juntamente com ela cresceu também a arrogância - uma arrogância baseada em tufos de verduras e flocos de algodão. E, se naquela geração os fazendeiros tinham conseguido enriquecer na seguinte seriam milionários.

Esta certeza do dia de amanhã dava-lhes energia e vigor e fazia com que gozassem a vida com um entusiasmo que Ellen não lograva compreender. Possuíam dinheiro e escravos em quantidade mais do que suficiente para poderem passar os dias a jogar, e eles apreciavam esse divertimento. Não pareciam nunca, tão ocupados com os seus negócios que se vissem na necessidade de recusar convite para uma pescaria, para uma batida às raposas ou uma corrida de cavalos, e era raro passar-se uma semana sem piquenique ou baile.

Ellen não quis nunca ou não pôde identificar-se com eles-deixara muito de si? própria em Savannah-mas res-

78

peitava-<>s. E, com o tempo, aprendeu a apreciar a franqueza e a honestidade dessa gente que não sabia usar de subterfúgios e que avaliava um homem pelo seu real mérito.

Em pouco tempo, tornou-se a mulher mais estimada da comarca. Era uma dona de casa económica e afável, boa mãe e esposa dedicada. Em vez de consagrar o seu coração dilacerado à igreja, abdicando de si própria, Ellen preferiu dedicar toda a sua vida aos filhos, à casa e ao homem que a havia arrancado a Savannah e às suas recordações sem nunca lhe fazer pergunta nenhuma.

Segundo a opinião de Babá Scarlett, quando completou um ano, era, mais forte e saudável do que convinha a uma menina da sua idade. Foi nessa altura que Ellen deu à luz a sua segunda filha, que recebeu o nome de Susan Elinor, embora toda a gente a chamasse Suellen. Passado o tempo estritamente necessário, surgiu a terceira irmã O'Hara, inscrita na Bíblia de família como Caroline Irene, mas que toda a gente passara a tratar por Carreen. A seguir vieram três rapazes que morreram antes de começarem a andar, três rapazes que jaziam à sombra dos cedros de troncos nodosos, no cemitério, a cerca de cem metros de casa, dormindo o sono eterno debaixo de três lousas, em cada uma das quais se lia a inscrição "Gerald O'Hara Júnior".

A partir do dia em que Ellen chegara a Tara, a propriedade tinha sofrido uma modificação radical. Apesar de não ter mais de quinze anos, a senhora O'Hara estava apta a arcar com a tremenda responsabilidade que o casamento com um fazendeiro lhe havia acarretado. Em solteiras, as raparigas deviam mostrar-se meigas, gentis e decorativas; contudo, uma vez casadas, tornava-se necessário que soubessem governar a sua casa, onde frequentemente tinham de dirigir uma centena, ou mais, de criados pretos e brancos; a educação que recebiam visava precisamente esse fim.

Como todas as filhas de boas famílias, Ellen fora preparada para desempenhar as suas funções de mulher casada; além disso, fizera-se acompanhar de Babá a ama preta, cuja actividade constante seria capaz de galvanizar qualquer negro, por muito indolente que fosse, e levava consigo a ordem, a dignidade e a, graça ao lar do marido. Sob a sua orientação, Tara ganhou novo encanto.

Gerald havia construído a casa sem qualquer preocupação de ordem estética, acrescentando-lhe dependências onde lhe pareciam necessárias e à medida que a sua falta se

79

fazia sentir. Ellen conseguiu transformar aquela mansão desajeitada numa residência encantadora, e confortável. A alameda, que ia da estrada até à porta de casa -essa alameda indispensável a todas as plantações da Geórgia -era fresca e sombria, e a folhagem escura dos cedros que a ladeavam fazia, ao contrário, o verde mais claro das outras árvores. As glicínias que revestiam as varandas punham uma nota colorida sobre os tijolos brancos, misturando as suas flores garridas com os tufo de murta cor-de-rosa, que cresciam junto da porta e com as magnólias floridas do jardim, disfarçando, em parte, as linhas desleigadas do edifício.

Na Primavera- e no Verão, o trevo e a relva das Berinudas, que tapetavam a alameda, ganhavam um tom verde-esmeralda tão lindo que os bandos de patos e de perus, que deveriam conservar-se nos terrenos situados atrás da casa, não resistiam à tentação de ir para ali debicar. Os mais atrevidos tentavam entrar clandestinamente no jardim, atraídos pela relva fresca, e pela deliciosa promessa dos botões de jasmim e dos canteiros de zinias. A fim de repelir estas invasões, Gerald tinha colocado, em frente do alpendre um moleque de sentinela, o qual, sentado nos degraus da escada e munido duma toalha, esfarrapada, fazia parte integrante do quadro bucólico de Tara. A sua missão era bem aborrecida, pois não podia bater nos animais, devendo limitar-se a agitar o trapo de forma a afugentá-los sem lhes tocar.

Ellen empregava dúzias de pretinhos neste trabalho, que representava a primeira tarefa de responsabilidade que em Tara era exigida aos escravos do sexo masculino. Logo que os moleques completavam dez anos, entregava-os ao velho Daddy, sapateiro da fazenda, para que ele lhes ensinasse o ofício; ou a Amos, que desempenhava as funções de carpinteiro; ou ao vaqueiro Phillip; ou então ao almocreve Cuffee. Se não mostravam vocação para qualquer destes géneros de actividade, mandava-os trabalhar no campo. Neste caso, segundo a opinião dos companheiras, perdiam para sempre qualquer possibilidade de ascensão, na sua escala social.

Ellen não tinha uma vida sossegada, nem se sentia feliz, mas a verdade é que jamais esperara viver tranquila e, quanto a felicidade cedo se convencera de que não fazia parte do quinhão destinado às mulheres. O mundo fora feito para os homens e, como tal, o aceitava. O homem

80

possuía a propriedade, a mulher governava-a. O homem atribuía a si próprio o mérito duma boa administração, a mulher louvava-o pela sua habilidade. O homem urrava como um toiro se espetava um espinho num dedo, a mulher abafava os gemidos que as dores do parto lhe arrancavam, para não incomodar o marido. O homem tinha uma má, neira rude de falar e aparecia, frequentemente, embriagado. A mulher não via a sua rudeza e ajudava o, marido bêbado a deitar-se, sem o recriminar. O homem era grosseiro e incapaz de fiscalizar os seus sentimentos; a mulher devia mostrar-se sempre gentil, graciosa e indulgente.

Ellen tinha sido educada segundo a tradição das suas aristocráticas antepassadas e ficara habilitada a suportar tão pesado fardo sem perder a seu encanto. Naturalmente, de-sejava que as filhas lhe seguissem o exemplo. As duas mais novas corresponderam aos seus esforços. Suellen, sempre ansiosa por agradar, escutava atentamente os conselhos da mãe e procurava segui-los e Carreen, tímida por natureza, deixava-se guiar facilmente. Scarlett, porém, digna sucessora de Gerald, achava a aprendizagem em demasia dura.

A indignação de Babá não tinha limites quando a via desprezar a companhia das irmãs e das meninas Wilkes, primorosamente educadas, e escolher para companheiros de folguedos os filhos dos escravos da fazenda e os rapazes da vizinhança. A velha negra não conseguia compreender como uma filha de Ellen podia manifestar semelhantes tendências e não se cansava de lhe recomendar: "Tenha modos de minina de família". Contudo, Ellen julgava Scarlett com mais indulgência, encarando a questão dum ponto de vista mais elevado. Sabia que os amigos de

infância, com o decorrer dos tempos, se transformavam em pretendentes, e que a principal preocupação duma rapariga devia ser o casamento. Dizia de si para si que a filha tinha muita vida e que era cedo ainda para a iniciar na difícil arte de se mostrar atraente aos olhos dos homens. Os esforços de Ellen e de Babá visavam o mesmo Objetivo. Searlett, à medida que ia crescendo, mostrava-se aluna aplicada, neste capítulo, se bem que pouco mais conseguisse aprender. Apesar da série de professores que lhe tinham proporcionado e dos dois anos passados na Academia Feminina de Fayetteville, próximo de Tara, a sua educação era bastante incompleta; contudo, não havia em toda a comarca

6 - Vento Levou -1

81

outra rapariga -capaz de dançar com tanta graça, e leveza como ela. Sabia sorrir de forma a aprofundar as covinhas que se lhe cavavam nas faces e caminhar nos bicos dos pés, para imprimir às saias de balão meneios provocantes; sabia como fitar um homem em pleno rosto e como baixar os olhos, batendo as pálpebras fingindo estar vibrando sob forte emoção. E, acima de tudo, tinha aprendido a, ocultar dos pretendentes -a sua inteligência aguda, dissimulando-a sob uma expressão suave e inocente, como a de uma criança.

Ellen, por meio de suaves reprimendas, e Babá, com os seus ralhos constantes acabaram por lhe inculcar as qualidades que deviam fazer de Scarlett uma esposa desejável. . -Tens de ser mais gentil, minha querida -dizia-lhe Ellen. - Mais delicada. Não deves interromper os homens a meio duma conversa, ainda que estejas convencida de que conheces o assunto, melhor do que eles. Os homens não gostam de raparigas metedidas.

- Minina que franze testa, espeta queixo e que diz: Eu quê, eu há-de, não acha marido, Mininas têm que baixá os olho e dizê: Sim, sinhô. r@, mesmo assim.

A mãe e a ama tentaram ensinar-lhe tudo o que uma verdadeira senhora devia saber, mas apenas conseguiram que ela adquirisse uma leve camada de verniz superficial. Scarlett nunca chegou a penetrar o segredo da suavidade de tudo que Ellen possuía nem nunca sentiu a necessidade de o desvendar. Bastava-lhe guardar as aparências. O seu ar de grande dama havia-lhe granjeado popularidade; não ambicionava mais nada, Gerald dizia que a filha era a rapariga mais bonita daquelas cinco comarcas, e com certa razão, pois que tinha recebido pedidos de casamento de quase todos os moços da, vizinhança, e até de muitos outros lugares mais distantes 'como Atlanta e Savannah.

Graças aos esforços conjugados de Ellen e Babá, Searlett, aos dezasseis anos, dava a impressão de ser meiga, encantadora e frívola quando ' na realidade, era voluntariosa, presumida e obstinada. Do pai ' tinha, herdado a natureza impulsiva e apaixonada, característica dos irlandeses, e da mãe apenas uma pequena parcela da sua índole generosa e indolente. Ellen não chegou nunca a compreender quão pequena era aquela parcela, porque Scarlett tinha o cuidado, de se mostrar sempre sob o seu melhor aspecto, quando estava junto da mãe. Ocultava-lhe as suas levandades, dominava-se e fazia o, possível por

82

parecer dócil, na presença de Ellen, que, com um só olhar, podia fazê-la chorar de vergonha,. Mas Babá não alimentava ilusões acerca da sua menina, e conservava-se sempre de atalaia., pronta a corrigir a mais pequena falta que ela cometesse. Os olhos da preta eram mais perspicazes que os de Ellen, e Scarlett não se lembrava de jamais ter conseguido ludibriá-la por muito tempo. Não era que as duas afectuosas tutoras lamentassem a vivacidade, a inteligência e o encanto. de Scarlett, Muito pelo contrário, as mulheres do Sul orgulhavam-se destes predicados. Mas apoquentava-as a teimosia e a natureza impetuosa que a rapariga herdara do pai. Ellen e Babá receavam que ela não lograsse ocultar os seus defeitos até fazer um bom casamento, Scarlett, porém, tinha resolvido casar - e casar com Ashley - e fazia o possível por parecer modesta, dócil e frívola, uma vez que eram estas as qualidades que atraíam os homens. Por que motivo eles procediam assim, não poderia dizê-lo. Sabia apenas que aqueles métodos davam resultado. A

questão nunca a tinha interessado ao ponto de a fazer investigar o porquê, pois que não percebia nada do funcionamento do, cérebro humano, nem sequer do seu. Estava persuadida de que, se procedesse de determinada maneira, os homens reagiriam segundo uma norma pré-estabelecida, Era como que uma fórmula matemática, cuja aplicação se tornaria fácil para ela, visto ter sido a matemática a única disciplina do curso liceal que Scarlett. aprendera sem dificuldade. Se não sabia muita coisa acerca da mentalidade dos homens, a verdade é que ainda sabia menos acerca da das mulheres, uma vez que o interesse que sentia por elas era muito reduzido. Nunca tivera uma amiga, nem lhe sentia a falta. Para ela, todas as mulheres, incluindo as próprias irmãs, eram inimigas naturais, que lutavam para alcançar o mesmo prémio-o homem. Todas as mulheres, excepto a mãe. Ellen O'Hara era diferente, e Searlett considerava-a um ente sagrado, à parte do resto da humanidade. Em criança tinha-a confundido, muitas vezes, com a Virgem Maria, e mesmo agora, & pois de crescida, não via necessidade de modificar a sua opinião. Aos olhos da filha, Ellen representava a segurança máxima que só o céu ou a mãe podem oferecer, era como que a personificação da justiça, da ver-

83

dade, da ternura e de profunda sabedoria -uma autêntica senhora. Scarlett desejava ardentemente ser tal qual como Ellen. A dificuldade estava em que, sendo justa, leal, terna e generosa, arriscava-se não só a perder uma grande parte das alegrias que a vida proporciona, mas ainda a afugentar muitos dos seus prováveis pretendentes. E a vida era tão curta que não valia. a apenas ela privar-se de coisas tão agradáveis. Mais tarde quando tivesse desposado Ashley e comesse a envelher, quando houvesse um bocado de tempo disponível, então procuraria imitar a mãe. Mas até lá...

4

NESSA NOITE, ao jantar, Scarlett, na ausência da mãe, desempenhara-se das funções de dona de casa, mas, perturbada pela terrível notícia que soubera a respeito de Ashley e de Melanie, não logrou mostrar-se calma, como era seu desejo. Com a, alma negra como a noite, aguardou que Ellen regressasse de casa dos Slattery, pois sem a presença dela sentia-se só e desamparada. Que direito tinham. w,, Slattery de, com as suas doenças e achaques, virem arrancar-lhe a mãe de casa, precisamente numa altura f:rn que tanto precisava dela?

Dure.nte a refeição, a voz k;rossa de Gerald nem por um só momento deixou de lhe atroar aos ouvidos, a ponto de ela che@,ar a supor que não conseguiria suportá-la mais tempo. Ele tinha esquecido completamente a conversa que tivera com a filha no fim da tarde e, sublinhando os seus pontos de vista com murros sobre a mesa e gesto:, desordenado:z;, não cessava de perorar acerca das últimas novidades a respeito do Forte Surnter. Gerald aproveitava as horas das refeições para expor os @eus pontos de vista sobre c,@g diversos assuntos que o interessavam e, normalmente, Scarlett, absorva nos seus próprios pense,mentos, mal lhe prestava atenção. G)ntudo, nessa noite, não conseguia alhear-se do matraqu2ar fatigante da voz @>aterna, apesar dos esforços que fazia para não Me passar despercebido o barulho das rodas da carruagem,,que as,:inalaria o regresso de Ellen.

Não tencionava confiar à mãe o desgosto que, implaca-

84

velmente 'continuava a amargar-lhe o coração. Ellen ficaria surpreendida e pesarosa se soubesse que uma filha sua queria desposar um homem que estava noivo de outra mulher. No entanto, ao ver-se a braços com a primeira tragédia em que representava o papel de vítima, sentia necessidade do conforto que a companhia da mãe lhe proporcionaria.. Sempre experimentara uma curiosa sensaçã<> de segurança junto de Ellen. A sua presença física parecia possuir o condão de mitigar os maiores sofrimentos.

Scarlett levantou-se bruscamente da cadeira, ao chegar-lhe aos ouvidos o chiar das rodas de uma carruagem - mas logo tornou a sentar-se. O veículo contornara o edifício a fim de se dirigir para o pátio. Não era a mãe, com certeza, pois Ellen ter-se-ia apeado à porta principal. No pátio elevou-se então um murmúrio confuso. Os negros corriam dum lado para outro, soltavam exclamações e gargalhadas estridentes. Scarlett olhou através da janela. Viu Pork que saíra momentos antes da sala de jantar, brandir um pedaço de resina, enquanto dois vultos indecisos desciam da carruagem. As vozes, alegres e musicais as risadas e as exclamações fundiam-se num amálgama e ruídos agradáveis, de rumores suaves e familiares, de sons guturais e doces, que perturbava o calmo silêncio da noite. Nos degraus da varanda que deitava para o pátio ouviram-se os passos arrastados dum grupo de pessoas que avançou ao longo do corredor que estabelecia comunicação com o corpo principal do edifício, até chegar ao vestíbulo, onde estacou, em frente da porta que dava para a casa de jantar. Após um breve conciliábulo em voz baixa, Pork penetrou no aposento. Parecia ter renunciado à atitude circunspecta que lhe era habitual. Os olhos rolavam-lhe nas órbitas e os lábios entreabriram-se-lhe num sorriso largo que lhe punha à mostra duas fileiras de dentes brilhantes.

- Sinhô Gerald - anunciou ele, ofegante e deixando transparecer-lhe no rosto o orgulho dum moço recém-casado - a sua nova escrava já chegou.

- A minha nova escrava? Mas eu não comprei escrava nenhuma - respondeu Gerald, fingindo não estar ao facto do assunto.

- Comprou - sim sinhô - redarguiu o preto, comovidíssimo rindo e esfregando as mãos de contentamento. -

E ela foi lá fora pra falar com sinhô.

- Está bem, a noiva que entre - disse Gerald.

85

E Pork, rodando sobre os calcanhares, fez sinal à mulher, que acabava de chegar de casa dos Wilkes para ficar em Tara ao serviço da família O'Hara e se encontrava à espera, no vestíbulo. Dilcey entrou na sala trazendo agarrada as pernas - quase escondida pela sombra da roda da sua sala de chita, a filha, uma negrinha de doze anos.

Dilcey era alta e apumada. O seu rosto impassível, cor de bronze, quase não tinha rugas, pelo que se podia dar-lhe qualquer idade compreendida entre os trinta e, os sessenta anos. O sangue índio que lhe corria, nas veias contrabalançava as características negróides. O tom avermelhado da tez escura, a testa alta e estreita, as maçãs do rosto salientes o nariz arqueado cuja extremidade se esborrachava sobre os beiços grossos denunciavam clara-mente o cruzamento das duas raças. Tinha porte erecto e movia-se com uma dignidade que ultrapassava mesmo a da mãe de Scarlett visto que enquanto a desta havia sido adquirida no decorrer dos anos, a de Dilcey era inata.

Dilcey exprimia-se numa voz muito menos confusa do que a da mãe, dos pretos e era evidente a sua preocupação de escolher as palavras adequadas.

- Boa-noite, minha minina. Sinhô Gerald, desculpe incomodá-lo, mas eu não podia deixar de vir agradecer de tê comprado a mim e à criança. Muitos sinhôs podiam tê comprado a iriim mas eles não queriam a minha Prissy e depois não me levavam para eu não andar desgostosa. De modo que vim agradecer ao sinhô e dizer que hei-de fazê o possível para agradá-lo e nunca hei-de esquecer o, sinhô n, @'LC> me separará da minha filha.

- Hum... hum... - pigarreou Gerald - embaraçado perante aquela demonstração eloquente da bondade que lhe inundava o peito,

Dilcey voltou-se para Scarlett e a sombra dum - Iso enrugou-lhe os cantos dos olhos.

- Minina Scarlett, Pork contou que a minina pediu ao sinhô seu pai para me comprar. Por isso dou a minha Prissy à minina para E@ê sua criada de quarto.

E, agarrando a filha por um braço, obrigou-a a largar-lhe a saia e empurrou-a para a frente. Prissy era uma garota de tez acastanhada e pernas altas e esguias, como as dum pássaro. Uma infinidade de trancinhas de cabelo crespo, com as pontas amarradas por pedaços de cordel, dava-lhe à cabeça o aspecto dum porco-espinho. - Os olhos

dela, penetrantes e maliciosos' não deixavam escapar fosse o que fosse e tinham uma expressão alvar, que não era natural, mas fingida,

-Obrigada, Dilcey- agradeceu Searlett-mas receio que a minha ama não esteja pelos ajustes.

Lembra-te de que ela se encontra ao meu serviço desde o dia em que eu nasci.

- Mas já stá indo para velha - argumentou Dilcey com uma calma que teria. enfurecido a velha ama.

-]@ r@uíto boa criada, mas a minina já está uma senhora e precisa, duma rapariga nova para fazê as suas coisa e a minha Prissy tava como criada de quarto de minina India vai para um ano. E já sabe cozê e fazê os penteado como uma pessoa grande.

Instigada pela mãe, Prissy fez uma brusca vénia e dirigiu um sorriso a Scarlett que não teve outro remédio senão sorrir também.

"_9,s uma boa peste" pensou a jovem. Em vez disso, porém, disse, em voz alta:

- Obrigada, Dilcey. Veremos esse caso quando a minha mãe chegar.

-Muito agradecida. Boas noites para todos-murmurou a preta, retirando-se, seguida pela filha e pelo marido, que não ocultava a sua satisfação.,

Assim que levantaram a mesa, Gerald retomou o fio do discurso, sem grande entusiasmo, talvez por notar o desinteresse com que a sua arenga era escutada pelo reduzido auditório. As suas sombrias previsões acerca do conflito que se avizinhava, as suas imagens de retórica tendentes a levantar protestos contra os insultos de que os sulistas estavam sendo vítimas por parte dos yankees não logravam provocar a desejada reacção nas filhas, que se limitavam a murmurar, em tom de manifesto enfado, "Sim, papá" e "Não, papá". Sentada junto da, mesa, alheia ao que se passava em volta, Carreen estava absorta na leitura dum romance em que a heroína, após a morte do seu bem-afiado, se retirava para um convento. E, vertendo lágrimas silenciosas, a rapariga fantasiava-se já toda. vestida de branco, transformada em noviça. Suellen ocupada a bordar aquilo que, por graça, chamava enxoval, dava tratos à imaginação, tentando descobrir o processo de, no dia seguinte, durante a festa em casa dos Wilkes, conseguir arrancar Stuart Tarleton à influência magnética que Scarlett apa-

87

rentemente exercia sobre os dois gémeos e subjugá-lo com os delicados atributos femininos que ela possuía e que à irmã totalmente escasseavam. Quanto a, Scarlett os seus pensamentos pairavam muito longe dali, revolutando tumultuosamente em torno de Asley. Parecia-lhe impossível que o pai, sabendo como o seu coração estava atormentado, se mostrasse tão incompreensivo, a ponto de a flagelar de novo com o relato dos acontecimentos ocorridos no Forte Suniter desde a expulsão dos yankees. Como quase sempre acontece com toda a gente moça, Scarlett não se conformava com a ideia de que os outros pudessem ficar alheios ao seu sofrimento e o mundo continuasse a girar da mesma forma, quando para ela a vida tinha mudado completamente.

Sentia-se exausta, aniquilada como se um furacão lhe houvesse assolado o espírito e est'ranhava que a sala de jantar se mantivesse tão tranquila., tão semelhante àquilo que sempre tinha sido. A mesa e os aparadores de mogno maciço, a baixela de prata, de incalculável valor, os tapetes de cores garridas, que cobriam o soalho encerado, conservavam-se nos seus lugares habituais 'como se nada se houvesse passado. Era um aposento confortável e acolhedor, onde Searlett normalmente gostava de ficar com a família, após a ultima refeição do dia, rindo e conversando vendo as horas passar, numa tranquilidade amena. Ness@ noite, porém, tinha-lhe verdadeiro horror e, se não fosse o receio de que o pai depois a fuzilasse com perguntas indiscretas, ter-se-ia levantado surrateiramente, e saldo da sala, para, a coberto da escuridão que reinava no vestíbulo, ir refugiar-se na saleta de Ellen, onde, estendida sobre o velho sofá, daria livre curso às lágrimas que lhe marejavam os olhos.

De entre todas as divisões da casa era da saleta de Ellen que Scarlett mais gostava. Todas as manhãs, após o primeiro almoço, a mãe ia sentar-se diante da sua majestosa escrivaninha de mogno,

a fim de proceder à escrituração da fazenda e ouvir os relatórios do capataz Jonas Wilkerson. Os restantes membros da família aproveitavam sempre a oportunidade para invadirem o gabinete, e aí ficavam durante largos minutos, tagarelando despreocupadamente, enquanto a grossa pena de pato de Ellen arranhava inexoravelmente as páginas dos livros. Gerald instalava-se na cadeira de balouço, já decrépita, e as filhas apoderavam-se

88

das velhas almofadas do sofá, cuja decadência não permitia a sua utilização noutras salas mais frequentadas. Naquele momento, Scarlett ansiava por encontrar a mãe sózinha no seu minúsculo gabinete e poder esconder a cabeça no colo, dela para chorar à vontade. Por que seria que Ellen se demorava tanto?

Chegou-lhe então aos ouvidos o crepitar da areia da alameda esmagada sob as rodas da carruagem e, instantes depois, a voz suave de Ellen dispensando o cocheiro. Quando ela entrou na sala Gerald e as filhas ergueram vivamente a cabeça para @ observarem. Vinha fatigada, com as feições veladas por uma nuvem de tristeza. Com ela entrou também o discreto perfume de verbena, que não tardou a espalhar-se pelo aposento, o qual parecia evoluar-se das pregas da saia rodada. Scarlett aliava sempre aquele aroma à imagem da mãe. A velha ama negra apareceu volvidos alguns momentos, de beijo pendente e fronte enrugada, empunhando o saco de couro, que continha os medicamentos. Não cessava de resmungar, mas" como de costume, tinha o cuidado de fazer as suas reflexões em voz bastante baixa para que ninguém entendesse o que ela dizia e suficientemente alta para que o seu descontentamento não passasse despercebido.

-Não calculas como estou aborrecida por ter chegado tão tarde -disse Ellen ao marido, tirando o xaile e entregando-o a Scarlett, cuja face acariciou de passagem.

O rosto de Gerald tinha-se iluminado como por encanto assim que ele vira entrar a mulher.

- Então, a, criança? Sempre a baptizaram? - inquiriu.

- Baptizámos. Ainda bem que tinham mandado chamar o padre, pois que a pobrezinha já morreu - respondeu Ellen. -Cheguei a recear que Eramie não resistisse, mas agora já tenho esperanças de que se salve.

Surpreendidas 'as filhas voltaram-se para ela, com a mais viva curiosidade no rosto. Gerald abanou a cabeça, filosoficamente.

- Talvez tenha sido melhor assim. Não passaria dum ba st...

- Já é tarde. P, melhor fazermos quanto antes as nossas orações -interrompeu Ellen com tanta doçura que Searlett, se não a conhecesse tão @em, não teria dado por nada. ,Seria interessante saber quem era o pai da criança que Emmie Slattery dera, à luz, mas Scarlett tinha a certeza de

89

que nunca o viria a saber, se estivesse à espera de que a mãe lho dissesse. Scarlett, desconfiava que fosse Jonas Wilkerson, pois o tinha visto várias vezes, acompanhado por Emmie, a passear na estrada.

Jonas era yankee, solteiro, e as suas funções de capataz haviam-lhe vedado para todo o sempre o ingresso na sociedade de Clayton. Não podia aspirar a fazer um casamento que lhe conviesse porque nenhuma família decerto o admitiria no seu seio e não podia frequentar outras companhias que não fossem os Slatterys ou a gentilha da mesma espécie. Jonas possuía educação bastante superior à dos Slatterys, pelo que não era muito de estranhar que não quisesse casar com Emmie, embora fosse visto frequentemente a passear com ela ao anoitecer, através dos campos e ao longo das estradas.

Scarlett suspirou, espicaçada pela curiosidade. Ellen era muitas vezes testemunha de acontecimentos interessantes aos quais, todavia, não prestava a menor atenção. Possuía o condão de se alhear do que pudesse brigar com o seu sentido das conveniências e debalde se esforçava por inculcar no espírito de Scarlett os mesmos princípios.

Ellen acercou-se da prateleira da chaminé a fim de tirar o rosário de dentro do cofrezinho onde habitualmente o guardava. Ao ver que ela não tencionava comer nada, a velha ama protestou energicamente.

-A senhora tem de comê o jantá antes de começá com as reza.

- Obrigada, mas não tenho apetite.

- Vou arranjá tudo para senhora comê - persistiu a preta, encaminhando-se através do vestíbulo em direcção à cozinha, com as sobranceiras franzidas de indignação. Pork! - gritou, do corredor. - Vá dizê ao cozinheiro para cendê o lume; a senhora já chegou.

As tábuas do soalho gemeram sob o seu peso e a voz dela soava agora com mais intensidade, permitindo que a família, reunida, na sala de jantar, ouvisse o seu estranho solilóquio.

- Tô farta de dizê, não adianta fazê nada pelos branco reles. São o pessoá mais ruim e mais ingrato do mundo inteiro. E a senhora não devia andá a se cansá para ajudá gente que não presta que nem tem nêgo para servi a eles. Mas não vale de nadá falá...

A voz dela foi-se sumindo à medida que se afastava ao

90

longo do alpendre que conduzia à cozinha. Tinha um método muito especial de dar a conhecer aos seus senhores a natureza exacta das suas opiniões. Sabia que os brancos consideravam quebra de dignidade prestar atenção às palavras que uma escrava como ela resmungava entre dentes. E sabia também que, para manterem essa dignidade, os brancos faziam ouvidos de mercador, mesmo que ela se encontrasse no aposento contíguo, gritando a plenos pulmões. Ficava assim a salvo de quaisquer censuras e, contudo, a ninguém podiam restar dúvidas quanto à maneira como encarava os diversos problemas da existência.

Pork entrou na casa de jantar, trazendo numa bandeja a louça, o talher e um guardanapo, imediatamente seguido por Jack, moleque de dez anos, que com uma das mãos abotoava à pressa a jaqueta de linho branco e com a outra brandia o enxota-moscas feito de finas tiras de papel de jornal, amarrotadas na extremidade delgada numa cana mais alta do que ele. Ellen possuía um enxota-moscas estupendo, de penas de pavão, mas só o utilizava em circunstâncias excepcionais e depois duma luta épica com Pork, com a cozinheira e a ama, que eram supersticiosas e estavam convencidas de que as penas de pavão traziam desgraça.

Ellen sentou-se na cadeira que Gerald lhe ofereceu e imediatamente se tornou alvo dum tiroteio de perguntas que a atacavam em quatro direcções diferentes.

- Mamã, a renda do meu vestido de baile novo não cai bem e eu queria levá-lo amanhã à festa, nos Doze Carvados. É capaz de a arranjar, por favor?

- Mamã, o vestido novo de Scarlett é muito mais bonito do que o meu e o cor-de-rosa fica-me horrivelmente. Scarlett podia levar o meu e eu vestiria o dela, o verde.

O cor-de-rosa fica-lhe bem, a ela.

- Mamã, deixa-me ir ao baile amanhã à noite? Já tenho treze anos...

- Talvez não queira crer, senhora O'Hara - mas... Silêncio, meninas, antes que o chicote comece a trabalhar. Como eu ia dizer, o Cade Calvert foi esta manhã a Atlanta e trouxe as últimas novidades... Calem-se, que assim ninguém se entende. Segundo o que ele conta, as coisas lá por aquelas bandas -estão cada vez piores. A agitação aumenta dia a dia, não se ouve falar noutra coisa, a não ser em guerra, nas manobras da milícia e no recrutamento do

91

pessoal. E as notícias mais recentes vindas de Charleston parecem indicar que a população de lá decidiu ripostar pela força das armas aos insultos dos yankees.

No meio, de todo aquele tumulto de vozes, Ellen teve um sorriso de cansaço e respondeu ao marido em primeiro lugar, como era dever duma boa esposa.

- Há muitas pessoas sensatas entre a população de Charleston, e se eles pensam dessa forma, estou certa de que em breve também nós partilharemos dos seus pontos de vista - declarou,

profundamente convencida de que, em nenhum outro sítio do vasto continente norte-americano, com excepção de Savannah, se encontravam famílias de tão nobre estirpe como no pequeno porto de Charleston, cujos habitantes, naturalmente, eram da mesma opinião.

--- Não Carreen, tens de esperar ainda mais um ano, minha querida. Então já poderás ir ao baile. Levarás vestidos lindos' como os das tuas irmãs, e divertir-te-ás à grande. Não faças essa cara triste. Lembra-te de que poderás ir ao piquenique e assistir ao jantar. Quanto a bailes, só depois dos catorze anos. Vai buscar o vestido, Scarlett, que é para eu te arranjar a renda, quando tivermos acabado de rezar. E tu, minha querida Suellen, devias ter vergonha de dizer o que disseste. O teu vestido cor-de-rosa é encantador e fica-te muitíssimo bem, tão bem como o de Scarlett lhe fica a ela. Mas podes levar o meu colar de granadas, amanhã à noite.

Aproveitando a circunstância de Ellen estar de costas voltadas para ela, Suellen mimoseou Scarlett com uma careta triunfante. A irmã, que tencionava pedir o colar à mãe, retribuiu a atenção exibindo meio palmo de língua rosada. Suellen era insuportável com as suas choraminguices e o seu egoísmo não conhecia limites. Se não fosse

* repressão que a mãe exercia sobre ela, Scarlett passaria

* vida a esbofetear a irmã.

-Agora, senhor O'Hara-tornou Ellen-faça o favor de me contar a conversa que teve com Cade Calvert, acerca da situação em Charleston.

Scarlett sabia que a mãe não se interessava nada por questões de guerra ou de política, as quais, no seu entender, apenas diziam respeito. aos homens constituindo problemas inacessíveis à inteligência feminina. Mas Gerald gostava de expor os seus pontos de vista e ela, para lhe agradar, fazia o possível por lhe oferecer o maior número de oportunidades.

92

Enquanto Gerald dissertava, a velha ama ia colocando em frente de Ellen os pratos com a comida - biscoitos dourados, peito de galinha assada e inhame preparado em molho de manteiga, ainda fumegante. A certa altura, a preta deu um beliscão a Jack que prontamente recomeçou

* agitar num movimento cadenciado as tiras de papel sobre

* cabeça de Ellen. A escrava quedou-se então imóvel, junto da ama, observando atentamente a trajetória do garfo que a sua senhora levava do prato à boca, como se estivesse disposta a meter-lhe a comida pela garganta abaixo ao menor sinal de fastio. Ellen engolia a comida rapidamente, mas Scarlett não teve dificuldade em perceber que a mãe se achava demasiadamente fatigada para notar sequer o que estava a comer. Apenas a expressão severa patente no rosto da ama poderia constrangê-la a esvaziar o prato.

Quando acabou de comer, ainda o marido não tinha terminado os seus comentários acerca da falta de honestidade dos yankees que pretendiam abolir a escravatura, mas não estavam dispostos a gastar um cêntimo para comprarem a liberdade dos negros. Ellen esperou uns momentos e em seguida levantou-se.

- Vamos fazer as orações? - inquiriu o marido, coritrariado.

- Vamos. Já é tão tarde... São dez horas - acrescentou, ao ouvir as badaladas surdas que o relógio acabava de bater.

- Carreen já devia estar deitada há muito tempo. Baixa-me o candeeiro, Pork, se fazes favor. E tu - continuou, dirigindo-se à negra -vai buscar-me o livro das orações, sim?

Obedecendo às instruções da velha ama, Jack pousou o enxota-moscas e começou a levantar a mesa enquanto a preta vasculhava uma das gavetas do aparador à procura do livro de orações de Ellen. Elevando-se sobre as pontas dos pés, Pork esticou o braço acima da cabeça até alcançar um anel adaptado à corrente de suspensão e desceu lentamente o candeeiro até que o tampo da mesa ficou inundado de luz e o tecto se perdeu na obscuridade. Ellen ajeitou a saia, ajoelhou-se no soalho, pousou o livro sobre a mesa à sua frente abriu-o e juntou as mãos. Gerald ajoelhou-se junto da mulher. Scarlett e Suellen instalaram-se nos lugares habituais, do outro lado da mesa, e entalaram as

suas amplas saias rodadas sob os joelhos 'a fim de os não maparem no sobrado. Carreen, que em virtude da sua baixa estatura não conseguia ajoelhar-se cómodamente em frente da

93

mesa, utilizava para o efeito uma cadeira, cujo fundo lhe facultava um confortável apoio para os cotovelos. Corno era raro ela não adormecer durante as orações preferia ficar naquela posição, pois assim só muito dificilmente a mãe a surpreenderia.

A criadagem, que enchia o vestibulo com o rumor dos seus passos arrastados e o ruje-ruje das saias rojando pelo chão, vinha ajoelhar-se à entrada da sala. A velha ama soltava gemidos surdos ao flectir os joelhos. Pork ficava muito direito como uma baqueta de tambor; Rosa e Teena, duas raparigas graciosas que desempenhavam as funções de criadas de quarto, e;palhavam em tomo de si, no soalho, as saias de algodão, de cores garridas, ao lado da cozinheira, velha magra, de carapinha branca 'enquanto Jack, a cair de sono, ia postar-se o mais longe possível da ama, para evitar os seus beliscões. Os olhos dos negros brilhavam de impaciência pois que rezar juntamente com os seus senhores era uma das praxes diárias e, embora as frases cheias de colorido da velha liturgia, de evocações orientais, se lhes afigurassem vazias de sentido, nem por isso deixavam de lhes despertar no coração algo que os comovia. E embalados por essa sensação estranha que os invadia, baiouçavam o corpo, da esquerda para a direita, entoando as respostas: "Senhor, tende piedade de nós, Jesus, tende piedade de nós".

Ellen fechava os olhos e principiava a rezar. A sua voz ganhava intensidade, para depois baixar gradualmente, tornando-se acariciante e meiga. No interior do círculo luminoso, as cabeças curvavam-se para o peito e Ellen rendia graças a Deus por ter concedido saúde e felicidade ao seu lar, à sua família e aos escravos.

Assim que terminava as preces por intenção de todos os que viviam sob o tecto de Tara, do seu pai e da sua mãe, dos três filhos mortos e de "todas as pobres almas do purgatório", tomava o rosário de contas brancas entre os dedos afilados e começava a desfiar as Ave-Marias. Semelhante ao sopro duma brisa suave, as vozes dos pretos e dos brancos respondiam-lhe em unísono: "Santa Maria, mãe de Deus, orai por nós, pecadores, agora e na hora nossa morte, dmen".

Apesar do desgosto enorme que nela provocara a notícia do próximo casamento de Astiley e não obstante o sofrimento que lhe causara o esforço para conter as lágrimas, Scarlett sentiu, como sempre sentia àquela hora, uma sere-

94

nidade imensa inundar-lhe o coração. A desilusão que ela tivera nessa tarde e o receio, com que passara, a encarar o dia seguinte, desde o momento em que o pai lhe confirmara a terrível novidade, desvaneceram-se em parte, dando lugar a uma esperança ténue, mas reconfortante. Não fora o esteio da sua fé em Deus que lhe proporcionara o benefício daquele bálsamo, porque para Scarlett a religião não lhe passava dos lábios. Fora ' sim, a, visão do rosto sereno da mãe, voltado para o trono de Deus, dos santos e dos anjos, enquanto suplicava ao Senhor a Sua bênção para todos aqueles que ela amava. Quando via a mãe elevar aos céus as suas preces, Scarlett tinha a certeza de que todos os desejos seriam satisfeitos.

Ellen acabou de rezar e Gerald, que nunca conseguiu encontrar o seu rosário na devida altura, começou a contar furtivamente as dez Ave-Marias pelos dedos. Ao som dessa voz monótona, os pensamentos de Scarlett divagaram para muito longe dali, embora ela ainda houvesse tentado contê-los. Sabia que era chegado o momento de fazer o seu exame de consciência. Ellen havia-lhe ensinado que, ao fim de cada dia, todas as pessoas têm o dever de examinar a fundo a sua consciência, de reconhecer as faltas que porventura tenham cometido e de pedir a Deus perdão e forças para as não repetir. Em vez da alma, porém, Scarlett examinou o coração.

Apoiou a fronte sobre as mãos erguidas à altura do seio, para que a mãe não lhe visse o rosto, e os seus pensamentos de novo se volveram para Astiley. Como poderia ele pensar em casar-se com

Melanie se era a ela, Scarlett, que realmente amava? E, sabendo quanto era amado, como poderia ele despedaçar-lhe assim o coração?

De súbito, uma ideia fantástica lhe atravessou o cérebro como um relâmpago.

"Meu Deus! E se Asliley ainda não compreendeu que eu o amo?"

Estava tão longe de fazer esta descoberta que por pouco não deixou escapar dos lábios uma exclamação de surpresa. Sentiu faltar-lhe a respiração e o sangue como que se lhe paralisou nas veias, durante uma breve fracção de segundo. Depois, os seus pensamentos retomaram o curso precipitado pelo qual momentos antes haviam enveredado.

"Como podia ele adivinhar? Eu tratei-o sempre com tal reserva, mostrei-m@p sempre tão cheia de não-me-toques, que

95

ele supõe que a meus olhos não passa dum simples amigo. Com certeza. Foi por isso que nunca teve coragem para se declarar! Julga que o seu amor não é correspondido, Assim se explica que tenha ficado tão..."

E a memória transportou-a prontamente, através do tempo, àqueles momentos em que o surpreendera a fitá-la duma, maneira estranha àqueles instantes em que os seus olhos, que normalmente sabiam velar tão bem os pensamentos que lhe cruzavam o espírito, pareciam dilatar-se e d-spojar-se de todo o mistério, até não reflectirem mais do @@e o sofrimento e o desespero que lhe--atormentavam a alma.

"Ashley tem o coração dilacerado pelo ci' -me porque pensa que eu estou apaixonada por Brent ou po@ Stuart, ou talvez por Cade Calvert. E, persuadido de que jamais consentiria em ser sua, decidiu casar com Melanie, para fazer a- vontade aos pais. Mas se soubesse quanto o amo..."

O seu espírito, extremamente volúvel, passou num ápice do mais completo abatimento à mais risonha das felicidades. Acabava de descobrir a explicação das reticências sempre manifestadas por Ashley e do seu estranho procedimento. E ele não sabia! Não sabia que o seu amor era retribuído com verdadeira paixão. Scarlett exultava. A sua vaidade voara em socorro do desejo de acreditar naquela teoria e transformara a hipótese numa certeza. Assim que Ashley soubesse que ela o amava, correria ao seu encontro. Bastar-lhe-ia apenas...

"Oh, como fui tola em não ter compreendido isto mais cedo!" pensou, radiante, passando os dedos pela fronte enrugada. "Tenho de encontrar um processo de lhe dar a conhecer os meus sentimentos a seu respeito. Ele não desposará Melanie, se souber que o amo. Como poderia fazê-lo?"

Estremeceu, ao verificar que Gerald já acabara de rezar as dez Ave-Marias e que a mãe tinha os olhos cravados nela. Apressou-se a rezar por sua vez, passando automaticamente as contas do rosário, mas deixando transparecer na voz tal comoção que a ama. entreabriu as pálpebras e dardejou sobre ela um olhar desconfiado. Assim que terminou as preces, deixou que o espírito de novo se concentrasse no pensamento que a electrizara, enquanto Suellen, e depois Carreen rezavam os mistérios.

Mesmo agora, ainda não era tarde! A comarca já por várias vezes tinha sido tea-tro, de escândalos provocados pela fuga dum dos noivos com uma terceira peum, horas

96

antes de o enlace se realizar. E o casamento de Ashley ainda nem sequer tinha sido anunciado! Sim, ainda havia muito tempo!

Se Asliley e Melanie não se amavam e apenas existia entre ambos uma promessa feita há muito tempo, constituiria isso motivo suficientemente forte para o impedir de romper o noivado a fim de casar com outra? Decerto que não. E seria precisamente assim que Ashley procederia logo que soubesse que ela o amava, Tinha a certeza. Precisava aperijs de descobrir o processo mais prático e eficaz de o pôr ao facto dos sentimentos que por ele nutria. E então...

Scarlett despertou bruscamente do sonho maravilhoso em que havia mergulhado, pois que se distraíra e deixara de recitar o responso. A mãe fitou-a com o olhar de reprovação e ela apressou-se

a remediar o seu esquecimento. Passeou rapidamente a vista em torno de si. As figuras ajoelhadas ao redor do aposento, a luz suave do candeeiro, os vultos <:ios negros envoltos na penumbra que reinava no vestíbulo, os próprios objectos que lhe eram tão familiares e que ainda algumas horas antes lhe haviam causado profunda aversão, adquiriram dum instante para outro um matiz análogo ao das emoções que nesse momento estava experimentando, a. ponto de o ambiente da " de jantar lhe parecer de novo amigo e acolhedor. Jani?@is esqueceria aquele momento e aquela cena.

- Virgo fidelissima -entou a mãe, iniciando a ladainha da Virgem.

Dócilmente, Searlett respondeu: -Ora pro nobis. Com a sua voz sonora, de contralto Ellen prosseguia na glorificação dos atributos da Mãe de Deus. Desde pequenina que para Scarlett era aquele o momento em que a sua adoração pela mãe ultrapassava, a que tinha pela Virgem, Embora pudesse incorrer em sacrilégio, Scarlett via sempre, através das pálpebras semicerradas, à medida que as frases consagradas se iam sucedendo o rosto de Ellen substituir o da Virgem Maria.. Salus infir;norum... Refug@-um peccatorum... Sedes sapienti)ae... Rosa m-yst"... eram palavras magníficas que correspondiam perfeitamente aos predicados de Ellen. Mas nessa noite, devido ao seu estado de espírito, Scarlett, viu em todo o cerimonial, nas palavras pronunciadas a meia voz, e no murmúrio dos ora pro nobis,

7 -Vento Levou - 1

97

uma beleza que excedia tudo quanto até então conhecera. E c> seu coração enamorado elevou até Deus sincero tributo de gratidão, por lhe ter guiado os passos até à berma do caminho que a levaria do seu profundo desespero ao enco-ntro da felicidade nos braços de AshIey.

Assim que na sala ressoou o último Ámen, levanta@ ram-se to-dos, com as pernas ligeiramen@e entorpecidas. Pork pegou numa torcida que jazia sobre a chaminé, acendeu-a no candeeiro e encaminhou-se para o vestíbulo. Defronte da escada de caracol que conduzia ao primeiro andar, havia um aparador de'nogueira ' demasiadamente grande para caber na sala de jantar, sobre o qual se alinhavam diversos candelabros e uma série de velas com os respectivos castiçais. Pork acendeu um dos candelabros e três velas e, com a pompa dum camareiro da Casa Real alumando o caminho de Suas Majestades o Rei e a Rainha, tomou o comando do cortejo que se dirigia para a escada, elevando o candelabro bem acima da cabeça.

Ellen subiu os degraus pelo braço do marido, seguida pelas três filhas que iam atrás, empunhando cada uma um castiçal.

Scarlett entrou no seu quarto, pousou o castiçal em cima duma cómoda alta e vasculhou à pressa o interior do guarda-fato à procura do vestido de baile que precisava de ser arranjado. Com ele no braço, atravessou calmamente o corredor em direcção à alcova dos pais. A porta encontra~ va-se entreaberta e, antes que ela tivesse tido tempo de bater, ouviu a mãe dizer, em voz baixa, mas autoritária:

- Senhor O'Hara, é preciso despedir Jonas Wilkerson. Gerald explodiu:

- E onde vou eu descobrir outro feitor que não me roube?

-]@ preciso despedi-lo quanto antes, amanhã de manhã o mais tardar. Big Sam é óptimo elemento que poderá tomar conta de tudo até que se contrate novo feitor.

- Ah! Ah! - ripostou o marido. - Agora já estou a compreender. Com que então foi o respeitável Jonas quem...

- Tem de o despedir, seja como for. "Por consequência é ele o pai da criança que Emmie Slattery deu à luz est@ noite", pensou Searlett. "Nem outra coisa seria de esperar dum yankee e duma rapariga de pé, descalço".

Esperou uns instantes para dar tempo a que o pai se

98

acalmasse, e bateu. Ellen veio à porta e a filha entregou-lhe o vestido.

No curto espaço de tempo que levou a despir-se e a apagar a vela, Searlett elaborou um pormenorizado plano de acção para o dia seguinte. Era um projecto extremamente simples, pois,

como digna sucessora de Gerald que não desperdiçava tempo em considerações inúteis, jamais perdia de vista o seu objectivo principal, preGcupando-se apenas em descobrir o meio mais directo de o atingir.

Para começar, seguiria à risca os conselhos que o pai lhe tinha dado nessa tarde. Desde que chegasse aos Doze Carvalhos, mostrar-se-la sob o aspecto mais alegre e atraente. Não queria que ninguém suspeitasse do violento abalo que o seu coração sofrera com a notícia do próximo casamento de Ashley com Melanie. Deixar-se-ia cortejar por todos os homens que lá estivessem. Asliley ficaria furioso, mas a atitude dela ainda espicaçaria, mais o desejo de a conquistar. Não desanimaria nenhum homem em idade de casar, desde o velho Frank Kennedy o apaixonado de Suellen, de suíças ruivas, ao tímido Char@es Hamilton, irmão de Melanie. Havia, de fazer com que todos andassem à volta dela como um enxame de abelhas em torno do cortiço. E, mais tarde ou mais cedo, Asliley abandonaria Melanie para se juntar ao círculo dos seus admiradores. Manobraria então de forma a poder ficar a s6s com ele alguns minutos. Searlett esperava que tudo se passasse desta maneira, porque, de contrário, teria maior dificuldade em conseguir o seu intento. Em todo o caso, se Asliley não tornasse a iniciativa, ela imaginaria um processo de solucionar o problema. E, quando se encontrassem s6s, Ashley teria ainda patente na memória a imagem dos outros homens turbilhonando â volta dela e estaria ainda impressionado pelo pensamento de que todos aqueles homens a cobiçavam. E, então, os seus olhos fitá-la-iam de novo com aquela expressão triste e desesperada. Ela restituir-lhe-a a alegria perdida, dando-lhe directamente a entender que o preferia a todos, não obstante as promessas tentadoras que lhe tinham sido feitas. E uma vez que ela houvesse revelado desta forma o seu segredo, com uma graciosidade plena de modéstia, a atitude de Asliley tornar-se-la ainda mais elo-quente. Sem dúvida que se portaria como uma senhora da sociedade. Nem sequer lhe passava pela cabeça a ideia de lhe dizer abertamente que o amava... Isso não daria resultado. Coil-

99

tudo, as palavras de que havia de servir-se constituíam simples instrumento acessório que não lhe causava a mínima preocupação. Já se tinha visto noutras situações idênticas e sempre se saíra bem. Estendida no leito, envolta na claridade fria do luar, imaginou a cena. Viu a expressão de surpresa e de felicidade que se estamparia no rosto de Ashley, quando com@preendesse que o seu amor era retribuído, e chegou até a ouvir as palavras que ele pronunciaria ao, pedir-lhe que o aceitasse para marido.

Nesta altura, não podia esquecer-se de lhe responder que era contra os seus princípios aceitar a corte dum ho~ mem que estava noivo de outra, mas Astiley insistiria e ela acabaria por se deixar convencer. Em seguida, planeariam

* fuga e, nessa mesma tarde, partiriam para Jonesboro...

No dia seguinte, àquela mesma hora, já ela poderia ser

* senhora Ashley Wilkes!

Sentou-se no leito, enlaçando os joelhos com os braços, e, durante largos momentos de felicidade, imaginou-se mulher de Aslile Wilkes,... a noiva de Ashley. Mas, de súbito, uma leve frUdade lhe trespassou o coração. E se as coisas se não passassem daquela maneira? E se Ashley não lhe suplica-sse que fugisse com ele? No entanto, baniu resolutamente esta ideia do espírito.

"Não quero pensar nesta possibilidade, agora", disse de si para si, com energia. "Se começo a magicar no pior, sou capaz de me enervar e só teria a perder com isso. Aliás, não há motivos para suportar que o plano não dê resultado... se Asliley realmente me tem amor, E eu sei que ele gosta de mim".'

Ergueu o queixo e os seus olhos verdes, de longas pestanas negras, brilharam ao luar. Ellen nunca lhe tinha dito que o desejo e o êxito eram duas coisas bem diferentes e a experiência ainda não lhe ensinara que a vitória nem sem-. pre cabe aos mais arrojados. Scarlett repousava, envolta no véu prateado do luar, armazenando coragem e organizando planos, com a inconsciência característica duma rapariga, de dezasseis anos para quem a vida se apresenta tão bela e agradável que 'as

possibilidades de derrota se afiguram nulas, e um vestido bonito e uma tez acetinada parecem armas capazes de vencerem o Destino.

100

5

Du horas da manhã. Estava um dia excessivamente quente para Abril e através das cortinas azuis que guarneciam as janelas amp@as, o sol entrava a jorros no quarto de Scarlett. A luz dourada reflectia,@se nas paredes de cor creme e, incidindo sobre os móveis altos de mogno maciço, arrancava, -lhes fulgores rubros de viAho velho, E, salvo nos locais em que os tapetes punham as suas notas garridas, o soalho brilhava como um espelho.

Já se pressentia na atmosfera a proximidade do Verão, esse Verão que na Geórgia tem início no momento em que

* Primavera, em todo o seu esplendor cede contra vontade

* uma temperatura canicular. Uma brisa tépida e deliciosa, impregnada de eflúvios suaves percorria a alcova, perfumando o ambiente com o arom@ dos pomares em flor, dos rebentos verdejantes, da terra vermelha e húmida. Através das vidraças, Scarlett conseguia ver as duas fileiras de junquilhos, que orlavam a álea coberta de brita miúda, entregarem-se a uma orgia de cores garridas, e as massas douradas de jasmins que atapetavam o solo com os seus tufos floridos e graciosos, cujas formas lembravam crínolinas. Soltando gritos estridentes, furibundos, protestando com vozes lamentosas, os tordos e os gaios continuavam a disputar a posse da, magnólia que se erguia junto ao prédio. Nas manhãs radiosas como, aquela, Scarlett costumava ficar horas esquecidas à janela, com o rosto repousando entre a palma da,% mãos e os cotovelos apoiados sobre o parapeito largo, sorvendo a longos haustos os perfumes familiares de Tara, deixando-se embalar pelo canto das aves e pelos rumores caseiros. Nesse dia, porém o azul-cobalto do céu e o esplendor do sol primaveril a@enas despertara,m no seu espírito um pensamento: "Ainda bem que não chove!" Cuidadosamente dobrado dentro duma caixa, de papelão, o vestido de seda verde-maçã,com folhos de renda crucial jazia aos pés da cama aguardando que o levassem para os 1),oze Carvalhos, ond@ Scarlett o envergaria no m(>mento de começar o baile. No entanto, encolheu os ombros, alo vê-lo. Se os acontecimentos se desenrolassem segundo 0 plano que architectara, não chegaria a úsá-lo nessa noite. Muito antes do baile ter início, já ela e Ashley deveriam ir a caminho de Jonesboro, a fim de se casarem. Apenas um

101

pormenor a preocupava, ' agora: Que vestido deveria levar ao piquenique?

Qual seria o traje capaz de a tornar irresistível aos olhos de Ashley? Desde as oito horas da manhã que não fazia outra coisa senão experimentar vestidos sem conseguir chegar a uma conclusão. E ela ali estava, @inda na dúvida, desanimada, furiosa, envergando umas calças de renda, um corpinho de tule sobre o espartilho e três saias de linho, franzidas na cintura e com aplicações de renda em toda a volta, na orla. E' espalhada pelo, chão, em cima das cadeiras e sobre a cama 'via-se uma profusão alegre de vestidos dos mais variados feitios, que ela havia rejeitado.

0 de organdi cor-de-rosa, com o cinto largo, feito do mesmo tecido, ficava-lhe bem, mas já o levara aos Doze Carvalhos no ano anterior, numa altura em que Melanie se encontrava a passar as férias em casa dos Wilkes. Não podia arriscar-se a que a sua rival o reconhecesse, e a criticasse por ainda usar, um vestido tão antigo. 0 de bombazina preta, de mangas tufadas e gola de renda, realçavalhe admiravelmente a cútis branca, mas fazia-a um pouco mais velha. Scarlett examinou ansiosamente ao espelho o seu rosto encantador, como se receasse descobrir nele músculos flácidos ou rugas prematuras. Ante a radiosa mocidade de Melanie não lucraria nada em parecer mais idosa ou circunspecta. 0 vestido de cassa azul com largos entremeios de renda, junto à bainha, era simplesmente magnífico irias não convinha, ao seu tipo. Favoreceria extraordinariar@iente o perfil delicado de Carreen e emprestar-lhe-ia vida ao rosto, mas a ela dava-lhe um aspecto de colegial. E, ao, lado de Melanie, tão senhoril, não seria prudente mostrar-se menina de escola. 0 vestido de

taletá verde, aos quadrados guarnecido de folhos estreitos debruados de veludo c!@zento-esverdeado assentava-lhe divinamente. De entre todos, era mesmo o q@e ela preferia, pois lhe escurecia os olhos, dando-lhes uma tonalidade de esmeralda. Contudo estava praticamente inutilizado, visto apresentar uma larga nódoa de gordura em pleno peito. Evidentemente, Scarlett poderia tentar ocultá-la pregando-lhe um broche em cima, mas temia que Melanie fosse tão observadora como ela e descobrisse aquela mancha horrível. Restavam-lhe os vestidos de algodão, multicolores, que não considerava suficientemente bons para levar a uma festa bem como os vestidos de baile e o de musselina verde, ãe flores, que trouxera

102

na véspera. No enta-nto, este era mais um vestido de tarde, ,pouco indicado para as circunstâncias, pois tinha as mangas tufadas e muito curtas, e parecia mais próprio para baile, em virtude do seu decote exagerado. Mas Scarlett, não teve outro remédio senão optar por ele. Não se importava nada que.não fosse adequado para a ocasião. Não tinha o menor acanhamento, em mostrar o pescoço, os braços e o colo, aInda que a etiqueta condenasse exhibições de plástica feminina a: horas tão matinais.

Torcendo-se em frente do espelho de maneira a ver-se de perfil, Searlett chegou à conclusão de que nada tinha a recear quanto à perfeição das suas formas. O pescoço era curto, mas bem torneado, e os braços carnudos e tentadores. Os seios, alterados pelo espartilho, possuíam um encanto muito especial. Aocontrário do que se verificava com a maioria das raparigas de dezasseis anos, nunca tivera necessidade de coser ao forro dos corpetes pequenos chumaços de seda franzida, para dar ao busto as curvas desejadas. Regozijava-se com o facto de ter herdado da mãe as mãos brancas e delicadas e os pés quase minúsculos. Desejaria também ser tão alta como Ellen, embora a sua estatura lhe não desagradasse totalmente. Pena era que não pudesse mostrar as pernas, cheias mas elegantes, pensou, levantando as saias e mirando com um ar pesaroso os graciosos torno,zelos que as calças de renda não cobriam. Como eram lindas, as suas pernas,! As suas colegas da Academia de Fayetteville por mais de uma vez lho tinham afirmado! Quanto à cintura... não existia outra assim em Fayetteville ou em Jonesboro, nem em qualquer dos três estados circunvizinhos.

Estas considerações acerca da esbelteza da sua, cintura fizeram-lhe convergir os pensamentos para questões mais práticas. O vestido de musselina verde tinha apenas quarenta e três centímetros de cinta e Babá havia-a, espartilhado de forma a poder levar à festa o de bombazina de seda que tinha quarenta e cinco centímetros. Por consequência, precisavaque ela a apertasse ainda mais. Abriu a porta e, do vestibulo do rés-do-chão, chegou-lhe aos ouvidos o rumor dos passos arrastados da preta. Impaciente, chamou-a em altos gritos sabendo que podia fazê-lo impunemente, visto que Ell@n estava na despensa a, entregar à cozinheira os mantimentos para, o resto do dia.

- Não posso. avoá - resmungou a velha ama, enquanto

103

subia as escadas, arrastando as pernas. -Não tenho asa no pé.

Entrou no quarto ofegante. Segurava entre as manápuas negras uma b@ndeja sobre a qual fumegavam dois inhames enormes, cobertos de manteiga, ao lado dunia pilha de broas de trigo mouro embebidas em calda de aÇúcar e uma grande fatia de presunto nadando em gordura. Ao avistar o pesado fardo que a ama transportava, a expressão fisionómica de Scarlett sofreu uma transformação radical. A leve irritação que sentia deu lugar a um sentimento mais belicoso. Obcecada pela preocupação de experimentar os vestidos ' Scarlett tinhase esquecido da regra inflexível que Babá impunha às suas três pupilas, sempre que elas se preparavam para ir a qualquer reunião, e que consistia em as obrigar a comerem tanto antes de saírem de casa que ficassem impossibilitadas de provar o que quer que fosse durante o resto do dia.

-]@ escusado. Não toca-rei na comida. Podes levar essa tralha toda para a cozinha.

A velha ama pousou a bandeja em cima da mesa e fincando as mãos nas ancas, foi postar-se em frente de Scakett.

-Não diga isso, minina. Vai comê tudo antes de sal. Pensa, que a mim esqueceu a última festa? Tava eu muito doentee não pude vi trazê comida para minina e ninguém se lembrou. Não arredo daqui enquanto houvê comida nos prato.

-Já te disse que não tocarei em nadal Vem apertar-me

* espartilho um pouco mais. A carruagem já deu a volta,

* que significa que estamos; atrasadas.

A preta assumiu um tom conciliador.

- Vaznos, minina. Não seja mãzinha e prove só um poquinho. As outra minina já comeram tudo.

- Isso não me surpreende - replicou Scarlett, desdenhosamente. -As minhas irmãs são estúpidas como uma porta. Mas, comigo, essa conversa não pega. Escusas de perder tempo, porque não tenciono provar nada. Ainda não me esqueci do que me aconteceu por ocasião da festa em casa dos Calverts. Obrigaste-nie a comer tanto que, quando lá cheguei nem vontade tinha para sa-borear o sorvete de creme que'haviam encomendado especialmente a um pasteleiro de Savannah. Não, desta vez estou resolvida a divertir-me e a comer de tudo o que me apetecer.

Perante tamanha heresia, a velha a-ma franziu as sobran-

104

celhas, indignada. Segundo o seu código das conveniências, entre o que uma jovem podia ou não fazer havia uma diferença tão grande como do dia. para a noite. Não admitia meio termo. Suellen e Carreen eram como pedaços de argila que as suas mãos possantes modelavam a seu bel-prazer. Seguiam à risca os conselhos que lhes dava e obedeciam-lhe cegamente. Com Scarlett, porém sucedia exactamente o contrário, Debalde se esforçava por lhe fazer ver que as suas atitudes eram, de maneira geral, impróprias de uma senhora educada. As poucas vitórias que sobre ela conseguira tinham sido obtidas à custa de grandes sacrifícios e representavam o fruto da aplicação de estratégias desconhecidos dos brancos.

-Si minina não importa que as gente fale da família, a mim importa - vociferou ela. - Não qué que vão dizê p'rá i que minina não sabe portasse bem. Tou farta de explicá que uma senhora educada é passarinho a comê. Não vai a casa de sinhô Wilkes para se pô lá a comê à doida, como muié dos campo.

-Mas a minha mãe é uma, senhora educada e come bastante bem - contestou Scarlett.

- Quando a minina, se casá pode comê à vontade'

- redarguiu a ama. -Quando a sua mamã tinha a idade de minina nunca comia nada fora de casa, nem as sua tia Pauline e Eulalie. E elas todas se casaram. Moça que come muito fica para tia porque não encontra marido.

- Isso é o que tu dizes. Naquela festa a que eu fui sem comer nada, por estares doente e não poderes obrigar-me, Ashley Wilkes disse-me que gostava de ver uma rapariga com bom apetite.

A negra meneou a cabeça de maneira inquietante. -Os home diz uma coisa e pensa outra muito diferente -declarou ela. -E a prova é que sinhô Ashley inda não pediu a minina em casamento.

Scarlett sentiu subir-lhe a mostarda ao nariz e ainda chegou a abrir a boca para dar uma resposta áspera, mas conteve-se. Em face da expressão irada patente no rosto da pupila, a preta pegou na bandeja e com a firmeza astuciosa característica da sua raça, muáou de tática, dirigindo-se para a porta, com um suspiro.

- Tá bem, minina - murmurou. - Inda há bocado, quando a cozinheira tava preparando os prato na bandeja, disse para ela: "A gente vê logo se uma minina é bem

105

educada pela maneira como ela toca em comida. E nunca vi minina comê tão pouco, como minina Melly Hamilton, de uma vez que ela teve em casa de sinhô Ashley... desculpe, em casa de minina India.

Scarlett dardejou sobre ela um olhar carregado de desconfiança, mas o rosto da ama exprimia apenas uma candura impenetrável e o desgosto de que Scarlett não fosse uma senhora como Melanie Hamilton.

-Pousa a bandeja e vem apertar-me , ordenou Scarlett com voz irritada. - Talvez eu ainda me decida a comer um pouco. Se comesse já, depois não poderia espartilhar-me.

Babá tornou a colocar a bandeja sobre a mesa, sem deixar transparecer na fisionomia a sua satisfação pela vitória obtida.

-Que vestido vai livá minha querida?

- Este - respondeu Séarlét, apontando a massa vaporosa da musselina verde, estampada.

Foi quanto bastou para que a ama voltasse à carga.

- Não, a minina não pode levá esse. Não serve para de @nanhã. Não té gola nem manga e a, garganta, só podê andá a mostra depois das três hora. Minina quer ficar cheia de sarda? Depois vem pidi a mim para esfregá com creme de nata, como tive de fazê este Inverno para tirá as sarda que minina arranhou na praia, em Savannah. Vou mas é contá tudo à senhora.

-Se fores dizer à minha mãe uma palavra que seja antes que eu tenha acabado de me vestir, garanto-te que nem sequer provarei a comida -declarou Scarlett, secamente. -Quando eu estiver vestida, a mãe já não terá tempo para me obrigar a mudar de roupa.

Vendo-se derrotada, a ama soltou um suspiro de resignação. Mais valia que Scarlett usasse pela manhã um vestido de passeio a ir empaturrar-se como uma probretona, em casa dos vizinhos.

- Sigure-se a qualquer coisa e prenda folgo - disse ela, em tom autoritário.

Scarlett obedeceu, agarrando-se a uma das colunas do leito, enquanto Babá puxava os cordões. Sob a pressão das baleias do espartilho, a cintura da rapariga foi diminuindo gradualmente de perímetro e um brilho de orgulho e de ternura iluminou por momentos os olhos da velha escrava.

- Não conheço ninguém com cintura tão fina como a da minha frôzinha - murmurou a preta, envaidecida. - Sem-

106

pre que aperto sua mana Suellen para menos de cinquenta centímetros, ela perde sentido.

-Ufa-disse Scarlett, sentindo-se tão apertada que até tinha dificuldade em falar.-Mas eu nunca desmaiei.

- n pena porque às vez até convém as rapariga desmaiaá-retor@uiu a ama.-Minina tem altura em que parece mais home que muié. Não tem medo di cobra, nem di rato. nem douto bicho qualqué.

Quando tá só não faz mal, más quando tá com gente ao pé...

- Despacha-te 'anda! Fala menos e não te preocupes, que eu hei-de arranjar marido, mesmo sem gritinhos nem desmaios. Santo Deus, como o espartilho está apertado! Vamos, enfia-me o vestidG. Com todas as precauções, a ama fez deslizar os doze metros de musselina verde sobre a sala de crinolina e em seguida abotoou-lhe o corpete nas costas.

- Não se esqueça de pô o xale pelo ombo quando tivé ao sol e não tire chapéu mesmo se senti calô - aconselhou.

- Senão minina voltá para casa escura como a Babá. Agora vem cumê, minha frôzinha, mas não dê pressa a engoli. Não adianta nada se a comida volta para cima outra vez.

Scarlett sentou-se resignadamente em frente da bandeja. Perguntava a si própria se, mesmo que comesse pouco, o espartilho ainda teria elasticidade suficiente para lhe permitir respirar, A velha ama pegou numa toalha do lavatório e passou-lha em torno do pescoço, tendo o cuidado de a desdobrar de forma a cobrir-lhe todo o peito. Scarlett começou pelo presunto, que comia sempre com apetite, disposta a fazê-lo desaparecer do prato.

- Oh, quem me dera já casada! - exclamou, num desa- bafo, servindo-se do inhame, ainda que contra vontade. -

Estou farta, deste gênero de vida. Uma pessoa não pode ser senhora de si própria nem fazer o que lhe apetece. Estou ,cansada de fingir que sou como um passarinho a comer, de caminhar a passo

quando a minha vontade é correr, de dizer, após uma valsa, que sinto a cabeça a andar à roda quando poderia dançar dois dias a fio sem me cansar. E quase que rebento quando me vejo na obrigação de dizer: "Você é extraordinário!" a imbecis que, em matéria de inteligência, são muito piores do que eu, ou de afectar ignorância, para que os rapazes se sintam cheios de si e desatem a ensinar-me coisas que eu já sei de cor e salteado, enquanto... Não posso comer mais.

107

À L.:IL-

-Experimente broa quente-teimou a ama, implacável.

- Por que será que uma mulher tem de se fazer passar por estúpida para arranjar marido?

-Porque os home não sabe o qui eles quê. Julga qui sabe mas não sabe. E, fazendo o que os home pensa qui quê, as minina livra-se duma carga de tabalho e não fica para tia. Eles pensa qui quê rapariga qui come pouco e qui não tem dois dedo de testa. Os home não gosta de casá com muié mais esperta qui eles.

- Não achas que os homens devem ficar bastante admirados quando chegam à conclusão de que a *mulher é muito diferente do que supunham?

- Pode sê, mas então já é tarde, porque estão casado. Depois os home até gosta que a muié deles tenha juízo.

-Qualquer dia dá-me na veneta e começo a fazer tudo o que me vier à cabeça. E, se pensarem mal de mim, que vão todos para o diabo.

- Não, minina não há-de fazê nada disso - asseverou Babá, em tom lúgubre. - Pelo menos enquanto tivé viva sua ama. Vá comendo as broa. Ensopa primeiro na calda, frôzinha.

- Duvido que as raparigas yankees se façam passar por tolas - dissç Scarlett. -Ainda o ano passado, quando estivemos em Saratoga, vi dezenas delas que, mesmo diante dos homens, mostravam ser inteligentes.

A preta soltou unia gargalhada depreciativa.

- A rapariga ya?ikee! Sim, minina, elas sabe dizê coisas muito bonita, mas os casamento são cada vez menos em Saratoga.

- Mas os yankees também se casam -argumentou Searlett. -Eles não aparecem neste mundo por obra e graça do Espírito Santo. Se não casassem não teriam filhos. E olha que não faltam bebês em Saratoga.

-Os home casam com elas p'ro interesse -retrucou a escrava.

Scarlett molhou a broa na calda de açúcar e levou-a à boca. Devia haver um fundo de verdade no que a ama acabava de dizer, pois que já ouvira a mãe manifestar a mesma opinião, embora usando termos diferentes, mais elegantes. De facto, as mães de todas as raparigas suas amigas inculcavam no espírito das filhas a necessidade de parecerem criaturinhas frágeis e tímidas e incapazes de se valerem a si próprias. Devia ser preciso ter certa arte para cultivar e

108

manter tão difícil atitude. Talvez ela se tivesse mostrado muito impetuosa e resoluta. Quantas vezes discutira com Ashley e lhe manifestara livremente as suas opiniões? Já lhes perdera a conta. E os passeios a pé e as correrias a cavalo, através dos canipos... Quem sabe se não teria sido isso que o afugentara e o fizera aproximar-se mais da débil Melanie? Se ela mudasse de táctica, talvez ainda estivesse a tempo de... Mas Scarlett tinha a sensação nítida de que Ashley perderia toda a sua consideração se se deixasse iludir por uma série de artimanhas femininas, premeditadas. Um homem que se deixasse cativar por um sorriso falso, por um desmaio fingido ou por uma frase do gênero "Oh, você é simplesmente extraor& nário!", dita a propósito, não valia nada aos seus olhos. Mas a verdade é que todos pare- ciam gostar disso.

Se tivesse usado de táctica errada para com Ashley durante aquele tempo todo... Mas o tempo vai e não volta e só o futuro é que conta. Nesse dia, utilizaria outro método. Queria Ashley e apenas dispunha de algumas horas para o conquistar. Se fingir um chilique era o meio mais aconselhável,

não hesitaria em empregá-lo. Se fosse necessário mostrar-se namorada ou tola para cativar Ashley, de bom grado faria o papel de I Evi@na ou afetaria uma estupidez ainda maior do que a de Cathleen Calvert. Nesse dia jogaria a última cartada!

Ninguém tinha ainda feito notar a Scarlett que a sua personalidade, efusiva e irrequieta, era muito mais atraente do que todos os disfarces de que pudesse revesti-la. E, mesmo que alguém lho dissesse, ela ficaria lisonjeada, mas não acreditaria. E a sociedade de que fazia parte também não ocultaria o seu cepticismo, pois em nenhuma época anterior ou posterior àquela a naturalidade na mulher teve tão baixa cotação.

Enquanto a carruagem descia a estrada de terra vermelha que levava à fazenda dos Wilkes, Scarlett deixou-se invadir por uma sensação de prazer pecaminoso, ao pensar que nem a mãe nem a ama assistiriam à festa. Poderia pôr em prática o plano que arquitetara na véspera, na certeza de que se alguma vez olhasse à sua volta, não veria ninguém Eranzir as sobrancelhas ou torcer a cara em advertência, mudas e discretas. Evidentemente, Suellen não deixaria de contar tudo à mãe no dia seguinte; mas, se tudo

109

corresse como Scarlett esperava, a surpresa dos pais ao saberem que ela estava noiva de Ashley ou que este tinha fugido com ela decerto que faria mais do que compensar o seu descontentamento. Na verdade, sentia-se radiante por Ellen ter ficado em casa.

Animado por um bom trago de aguardente, Gerald havia despedido Jonas Wilkerson logo pela manhã, o que obrigou Ellen a permanecer em Tara, a fim de verificar a contabilidade da fazenda, antes da partida do feitor. Scarlett tinha ido despedir-se da mãe ao escritório, onde a encontrou sentada à secretária, cujas gavetas transbordavam de papéis. Jonas Wilkerson, conservava-se de pé diante dela, com o chapéu na mão. No seu rosto amarelento e anguloso transparecia a cólera que fervia dentro dele ao ver-se bruscamente despedido de um emprego como a havia outro em toda a comarca. E tudo isto porque se divertira um pouco com uma rapariga leviana. Ainda tentara atenuar a falta que o patrão lhe imputara, dizendo que a paternidade do filho de Emmie Slattery tanto poderia ser-lhe atribuída a ele como a uma boa dezena de outros homens a quem se haviam deparado idênticas facilidades -com o que Gerald estava plenamente de acordo-mas Ellen não transigira, visto o argumento apresentado não o isentar da culpa e apenas pôr em dúvida a sua responsabilidade. Jonas detestava os sulistas. Detestava-os pela cortesia distante com que eles o tratavam pelo desprezo que lhes inspirava a sua condição social, embora o verniz que a educação lhes impu-

4ha os inibisse de o manifestarem abertamente. E acima de tudo, detestava Ellen O'Hara, que aos seus olhos reunia todos os defeitos que caracterizavam os sulistas.

Na sua qualidade de chefe do pessoal feminino Babá também ficara em casa a fim de ajudar Ellen, e fora Dilcey quem tomara lugar na boleia ao lado, do cocheiro, transportando no regaço a volumosa caixa de papelão que continha os vestidos de baile. Excitada-pelo cálice de aguardente e satisfeito por ter resolvido com tanta facilidade a desagradável questão de Wilkerson, Gerald O'Hara cavalgava ao lado da carruagem, escarranchado sobre o seu ginete predilecto. Descarregara todas as responsabilidades sobre os ombros de Ellen e nem sequer lhe acudia à mente a ideia de que a mulher podia ter ficado com pena de não ir à festa, onde certamente encontraria pessoas amigas e conhecidas. Estava uma linda manhã de Primavera, os campos

110

tinham aspecto magnífico, os pássaros chilreavam alegremente e Gerald sentia-se novo, em excesso e extraordinariamente bem disposto para se preocupar com alguém que não fosse consigo próprio. Numa sequência rápida, entoou uma série de canções populares da Irlanda, começando pela melodia Peg foi passear de carrinha e terminando com uma balada triste de Robert Enimet intitulada Ela está longe da terra onde repousa o seu herói.

A perspectiva de passar uma tarde inteira a bramar contra os yankees, e a discutir as possibilidades de guerra, enchiam-no de grande prazer. As suas três filhas, encantadoras nos vestidos de saia de balão que envergavam, acolhidas à sombra protectora dos guarda-sóis de renda, faziam-no impar de orgulho. A conversa que no dia anterior tivera com Scarlett havia-se-lhe varrido por completo da memória. Naquele momento, Gerald pensava apenas que a filha era bonita e elegante, que a sua figurinha gentil constituía uma obra de arte digna de elogio, que os seus olhos pareciam ainda mais verdes que as colinas da Irlanda. E esta comparação decerto despertou nele alguma evocação poética, porque decidiu mimosear as filhas cantando com voz -vibrante mas um tanto ou quanto desafinada, a famosa canção Verde Erin.

Scarlett, encarou-o com a indulgência afectuosa que as mães ecstasiam manifestar para com os filhos fanfarrões e não teve dificuldade em pensar que, muito antes do pôr-do-Sol, já o pai estaria quase a cair de bêbado. E, de regresso a casa já de noite, tentaria, como era hábito saltar todas as vedações que se erguiam entre os Doze Cavalos e Tara. Scarlett esperava que, graças à Providência divina e ao bom senso do cavalo, o pai conseguisse chegar são e salvo. Gerald desdenharia a existência da morte e atravessaria a corrente a nado com a montada, e entraria em Tara vociferando a plenos pulmões. Como costumava fazer em ocasiões semelhantes, Pork estaria à sua espera no vestíbulo, com o candeeiro aceso, a fim de o conduzir até ao sofá do escritório onde ele passaria o resto da noite, depois de mudar de roupa.

O fato, cinzento que acabava de estrear ficaria completamente inutilizado. E, no dia seguinte, após uma série de imprecações violentas, Gerald, explicaria minuciosamente à mulher como, ao atravessar a ponte sobre o rio Flint, o cavalo caíra à água, arrastando-o a ele na queda. Graças a esta mentira, que não iludiria ninguém, mas em que todos

111

fingiriam acreditar, Gerald ficaria com a ilusão de ter dado provas de uma esperteza pouco vulgar. "Pobre pai", pensou Scarlett, num assomo de ternura, "que delicioso egoísta tu és! Não -se pode levar-te nada a mal". Sentia-se tão comovida, tão feliz, nessa manhã que negligenciava o mundo inteiro no seu afecto, juntamente com Gerald. Era bonita e tinha consciência disso. Ashley pertencer-lhe-ia antes que as trevas da noite voltassem a descer sobre a terra. O Sol irradiava sobre os campos uma luz suave e tépida, e a Primavera da Geórgia exibia perante os olhos sonhadores de Scarlett todo o esplendor dos seus encantos. Ao longo das bermas da estrada as silvas dissimulavam sob o seu manto de verdura tenra os sulcos avermelhados abertos pelas chuvas hibernais, e os blocos de granito semeados nos barrancos de terra rubra cobriam a sua nudez com os rebentos novos das roseiras, enquanto à volta o solo se juncava de violetas bravas, duma delicadíssima tonalidade roxa. Na outra margem do rio, nas colinas coroadas de densos bosques, as flores brancas das alfenas recortavam largas manchas cintilantes, como se a neve ainda permanecesse entre a vegetação das lombadas. As macieiras em flor faziam lembrar paletas gigantescas, onde as tintas iam desde o branco mais diáfano ao cor-de-rosa mais intenso e, sobre o vasto tapete de caruma que se desdobrava em torno dos pinheiros, destacavam-se os tufos garridos das madressilvas, em magníficos cambiantes escarlates, róseos e alaranjados. Soprava uma brisa leve e imprudente da fragrância discreta dos arbustos, que fazia crescer a água na boca, como se a terra e as árvores e as flores fossem um manjar apetitoso.

"Jamais esquecerei a beleza deste dia" pensou Scarlett. "Talvez seja o dia do meu casamento!" E, com o coração a palpitar num ritmo mais acelerado, viu-se acompanhada por Ashley galopando a toda a brida através duma paisagem deslumbrante, de botões recentemente desabrochados, de rebentos viçosos e prados verdejantes, seguidos pelos últimos raios do sol-poente ou pela fria claridade da Lua e das estrelas, a caminho de Jonesboro e em busca dum sacerdote que os casasse. Evidentemente, tornar-se-ia necessário que o padre de Atlanta abençoasse a união, mas isso podia ficar para mais tarde e era um assunto que, verdadeiramente, dizia mais respeito a Ellen e a Gerald do que a eles. Estremeceu, ao pensar no

112

desgosto que a mãe não deixaria de sentir quando soubesse que ela tinha fugido com um homem que estava noivo de outra. No entanto, tinha a certeza de que Ellen lhe perdoaria, quando visse como ela era feliz. 'Quanto a Gerald, apesar das inevitáveis manifestações ruidosas através das quais daria largas ao seu desagrado pelo procedimento da filha, e não obstante o que ainda na véspera lhe dissera acerca de Ashley, sentir-se-ia profundamente lisonjeado ao ver que aquela aliança iria estreitar ainda mais os laços de amizade que ligavam as duas famílias.

"Tenho muito tempo para me preocupar com isso depois do casamento", dizia Scarlett de si para si, disposta a afastar da mente tudo quanto fosse susceptível de a incomodar.

O calor do Sol, a beleza da Primavera, as chaminés dos Doze Carvalhos que principiavam a despontar na colina do outro lado do rio faziam com que fosse impossível experimentar outra sensação que não a de uma alegria esfuziante.

"Hei-de moi-ar ali toda a minha vida. Verei cinquenta Primaveras como esta, ou talvez mais ' e descreverei aos meus filhos e aos meus netos a beleza sem par desta manhã".

Ficou tão radiante com a ideia que, inconscientemente, acompanhou o pai nas últimas estrofes da Verde Erin, o que lhe valeu os aplausos veementes de Gerald.

-Não sei por que razão te mostras tão contente esta manhã - observou Suellen, mal humorada, pois continuava persuadida de que o vestido verde de baile, de Searlett, lhe ficaria melhor a ela do que à sua legítima proprietária. Por que diabo seria a irmã assim tão egoísta, que sempre se recusava a emprestar-lhe os vestidos? E por que seria também que a ama fazia sistematicamente coro com Scarlett, afirmando que o verde não condizia cgm a sua cor? -Tu sabes tão bem como eu que será anunciado esta noite o casamento de Ashley com Melanie. O pai deu-nos a novidade antes de sairmos. E eu bem te tenho visto a fazer-lhe olhos bonitos, nestes últimos tempos.

- E não viste mais nada? - repontou Scarlett, deitando a língua de fora à irmã.

Estava disposta a evitar discussões susceptíveis de empanar a boa disposição que sentia nesse instante e sorriu, ao imaginar a cara que Sue faria no dia seguinte, quando fosse informada da sua fuga.

-Não digas disparates, Susie -protestou Carreen, in-

8 - Vento Levou - 1

113

dignada. -Bem sabes que Searlett está mesmo doidinha de to-do por Brent, Scarlett contemplou a irmã mais nova com olhar sorridente, perguntando a si própria como podia uma criatura ainda tão nova evidenciar tão nobres sentimentos. Ninguém da família ignorava que o coração juvenil de Carreen pertencia a Brent Tarleton, o qual nunca a olhara a não ser como a irmã mais nova de Scarlett. Sempre que tinham * certeza de não serem surpreendidas pela mãe ' Suellen * Scarlett entretinham-se a arrelhar Carreen com'piadas a respeito dela e de Brent, a ponto de a fazerem chorar.

- Oh, minha querida, eu não ligo importância alguma a Brent-declarou Scarlett, tão feliz que não teve relutância em se mostrar generosa. - E Brent também não se interessa por mim. De ti, sim, é que ele gosta, mas está à espera que tu cresças.

Cobriu uma onda de rubor o rosto infantil de Carreen, cuja satisfação lutava por levar a melhor sobre a sua incredulidade.

- Palavra, Scarlett?

- Scarlett, tu sabes perfeitamente que a mamã acha Carreen ainda muito nova para pensar nessas coisas, e, apesar disso não te importas e estás a meter ideias tolas na cabeça 6 pequena. -.Podes miar à vontade que não me aqueces nem me arrefeces - ripostou Searlett. - O que tu queres é que ela se convença de que ainda é uma garota, para te deixar o campo livre. Mas, daqui a um ano, Carreen será mais bonita do que tu ' e então... =Ou vocês se portam com juízo ou trabalha o chicote - advertiu Gerald. -Silêncio, agora. Parece que estou a ouvir o rodar de uma carruagem. Devem ser os Tarletons ou os Fontaines.

À medida que se aproximavam do local onde a estrada desembocava na que descia das Mimosas e de Fairhill através dos bosques, iam-lhes chegando aos ouvidos, com crescente nitidez, um chiar de rodas e um tropel de cavalos. Por trás da densa cortina de árvores elevavam-se vozes aWadáveis, de mulheres. Gerald esporeou a montada e pa!9sou à frente da carruagem. Ao chegar à encruzilhada, imobilizou o ginete e fez sinal ao cocheiro para abrandar o trote da parelha.

- É a carruagem dos Tarletons - gritou para as filhas,

114

com o rosto luzindo de satisfação, pois que, além de Ellen, não havia em toda a comarca outra mulher de quem ele gostasse tanto como da mãe dos gêmeos, com os seus cabelos cor de fogo. -E é a senhora Tarleton que segura as rédeas. Parece impossível que uma mulher seja capaz de dominar tão bem os animais! Não há outra com umas mãos assim. São delicadas como plumas e fortes como o couro cru e tão bonitas que é um prazer beijá-las. Vocês deviam ter pena de as suas mãos não serem assim -disse ele, lançando às filhas um olhar afectuoso, mas em que se lia censura muda. - Carreen tem medo de tocar num cavalo, Suellen fica sem acção nos dedos quando pega nas rédeas e tu, gatinha....

- Em todo o caso 'eu nunca me deixei cair de um cavalo abaixo - acudiu Scarlett, abespinhada. - Ao passo que a senhora Tarleton acaba sempre por se espalhar ao comprido em todas as caçadas às raposas.

- E suporta as dores como um homem - retorquiu Gerald. - Nem desmaios, nem lágrimas, nem dramas. Agora, silêncio, que já vêm perto!

Ergueu-se nos estribos e fez um rasgado cumprimento com o chapéu ao mesmo tempo que a carruagem, conduzida pela senhora Tarleton em pessoa, conforme Gerald tinha anunciado, surgia de trás das árvores, transportando um grupo de bonitas raparigas vestidas de cores claras, envoltas em véus vaporosos -e ar@nadas de sombrinhas. Com as quatro filhas, a ama e a caixa dos vestidos de baile, não havia lugar para o cocheiro. Aliás Beatrice Tarleton nunca confiava as rédeas dos seus caval@s a ninguém, nem a pretos nem a brancos, salvo quando andava com algum dos braços ao peito. Frágil, de estatura delicada e tez duma alvura tal que dava a impressão de que toda a sua cor lhe tinha sido roubada pela massa exuberante da cabeleira ruiva, possuía, no entanto, saúde de ferro e energia inesgotável. Dera à luz oito filhos, todos eles com os mesmos cabelos ruivos e a mesma vitalidade esfuziante. Havia quem dissesse que se ela tinha conseguido educá-los tão bem, isso se devi@ ao facto de ter empregado para com eles método idêntico ao que utilizava na criação de potros, deixando-os crescer em liberdade, mas sujeitando-os simultâneamente a uma disciplina severa. "Dobrar não é partir", tal era a divisa da senhora Tarleton.

Tributava adoração@aos cavalos e todos os assuntos que

115

lhes diziam respeito constituíam Para ela motivo do maior interesse. Compreendia os animais e não se conhecia ninguém na região que os soubesse criar melhor do que ela. Os potros viviam soltos numa vasta cerca erguida no prado fronteiro à casa onde ela morava da mesma maneira que os seus oito filhos gozavam de pl@na liberdade adentro da residência, cheia de recantos e desvãos, empoleirada no topo da colina. Sempre que ela ia dar uma volta pela propriedade, fazia-se acompanhar pelos potros e pelos cães, pelos filhos e pelas filhas, que se lhe precipitavam no encalço. A senhora Tarleton afirmava que os cavalos e sobretudo Nellie, a sua égua baia, eram tão inteligentes como os homens. E, se os afazeres domésticos a retinham em casa à hora a que costumava dar o seu passeio quotidiano a cavalo, entregava um açucareiro a um moleque e ordenava-lhe: "Dá meia dúzia de torrões a Nellie e dize-lhe que não me demoro".

Salvo em raras ocasiões, o seu traje habitual era o de montar, pois, quer tencionasse andar a pé ou de carruagem, precisava de estar pronta a, saltar para a sela de um instante para outro. Por isso achava preferível envergar o fato de amazona, assim que se levantava. Quer chovesse, quer fizesse sol, Nellie era arreada logo de manhãzinha e ficava passeando para trás e Para diante,-em frente da

casa, até que a dona lhe pudesse consagrar uma hora de atenção. Fairhill era uma propriedade que dava imenso trabalho e por isso os momentos de ócio escasseavam deveras. A maioria das vezes, Nellie passeava horas e horas a fio sem a dona, enquanto Beatrice Tarleton se atarefava daqui para ali e dali para acolá com a, cauda da sala no braço e as pernas cerradas até aos joelhos nas suas reluzentes botas de montar.

Nessa manhã, trazia um vestido preto, de seda, que enfiara desajeitadamente sobre a saia de crinolina, e, na cabeça, um chapéu também preto, ornado de pluma comprida, com a aba derrubada sobre os olhos inquietos; apesar disso dava a impressão de trajar da mesma forma o seu habitual de amazona, pois o vestido era estreito, sem roda, talhado segundo um figurino antigo, e até porque o chapéu constituía uma réplica exacta do que ela costumava levar à caça, Brandiu o chicote ao avistar Gerald e fez estacar a parelha de cavalos, que caracoleavam. As quatro raparigas, que

116

viajavam comprimidas no banco traseiro debruçaram-se para fora da carruagem e saudaram Gerárd O'Hara e as filhas com exclamações tão estridentes que os animais se empinaram, assustados. A avaliar pelo júbilo manifestado de parte a parte, dir-se-ia que os Tarletons e os O'Haras não se viam há muitos anos, mas a verdade é que ainda dois dias antes as duas famílias tinham estado reunidas. As filhas da senhora Tarleton eram deveras sociáveis e adoravam os vizinhos, especialmente as duas O'Haras, Suellen e Carreen pois que, salvo a possível excepção da desmiolada Cathleen 'dalvert, não se encontraria em toda a comarca uma só rapariga que gostasse verdadeiramente de Scarlett.

Durante o Verão era raro passar-se uma semana sem que num ponto ou outro daquela região houvesse um piquenique seguido de baile, mas, para as quatro Tarletons, que pareciam possuir capacidade inesgotável de se divertirem, cada piquenique e cada baile constituíam acontecimento importantíssimo na sua vida, como se nunca tivessem assistido a nenhum do gênero, Bonitas e elegantes, formavam um quarteto encantador, apertadas no banco de trás da sege, cujo interior quase desaparecia sob as saias franjadas, de crinolina. Por cima da cabeça delas, protegida do calor do Sol por largos chapéus de palha atados sob o queixo com laços de veludo preto e ornamentados de rosas, entrechocavam-se as sombrinhas de renda. As cabeleiras que se abrigavam sob as abas do chapéu formavam como que um mostruário vivo de tonalidades ruivas, em que, juntamente com os cabelos fulvos de Hetty, se alinhavam os de Camilla, louros com reflexos purpúreos, os de Randa castanhos claros, com fulgências acobreadas, e os da pequena Betsy, que tinha uma cor análoga à da cenoura crua.

- Que lindo ramalhete aí leva, senhora Tarleton - disse Gerald, com galantaria, refreando o trote do cavalo de forma a poder acompanhar o andamento da carruagem. - No entanto, ainda lhe falta muito para fazerem sombra à mãe.

A senhora Tarleton rolou os olhos nas órbitas e mordeu comicamente o lábio inferior, enquanto as filhas exclamavam, divertidas:

- Mamã, faça favor de acabar com esse namoro, se não quer que contemos tudo ao papá.

E, voltando-se para Gerald acrescentaram a rir: --P, como v[^], senhor O'Hara. A nossa mãe rouba-nos

117

todas as oportunidades sempre que nos aparece à frente um homem simpático como o senhor. Scarlett riu também, embora a chocasse a liberdade com que as filhas tratavam a mãe. Era como se fossem todas da mesma idade e nenhuma tivesse ultrapassado ainda os dezassete anos. Só a ideia de dizer coisas como aquelas a Ellen se afigurava a Scarlett um autêntico sacrilégio. E, no entanto... havia algo de enternecedor nas relações da senhora Tarleton com as filhas, as quais, apesar de todas

as ,crítkas, de todas as piadas e remos com que constantemente a mimoseavam, mostravam ter pela, mãe verdadeira adoração. Não que ela preferisse trocar Ellen pela senhora Tarleton, disse Scarlett de si para si, numa espontânea afirmação de lealdade para com a autora dos seus dias; contudo devia ser divertido manter com a mãe uma camaradagem que permitisse intimidades daquela natureza. Scarlett sabia que tal ideia representava, por si só, falta de respeito para com Ellen e envergonhou-se desse pensamento. Tinha a certeza de que semelhantes escrúpulos jamais haviam causado preocupação às consciências que viviam sob aquelas cabeleiras fulvas que mais pareciam tochas ardentes. E, como era vulgar acontecer sempre que ela se sentia diferente das outras raparigas, experimentou uma perplexidade irritante.

Embora fosse dotada de raciocínio rápido, faltava-lhe o dom da análise; não obstante, tinha a vaga impressão de que, apesar de as Tarletons serem indomáveis como potros e selvagens como lebres na Primavera todas elas eram caracterizadas por uma ingenuidade naífa, hereditária. Os seus avós, maternos e paternos, tinham nascido na Geórgia Setentrional, e haviam pertencido à geração que herdara a terra directamente dos pioneiros que a tinham desbravado. Mostravam-se senhoras de si e do ambiente em que decorria a sua existência. Sabiam instintivamente aquilo que procuravam na vida, da mesma maneira que sucedia com os Wilkes, dos quais, no entanto divergiam em muitos pontos, e ignoravam os conflitos que frequentemente se travavam em Scarlett, em cujas veias corria o sangue duma aristocrata do litoral, culta e delicada, misturado com o dum campónio irlandês, impulsivo e rude. Scarlett queria respeitar a mãe e adorá-la como a um ídolo, e às vezes sentia desejo enorme de a deparar ou de a arreliar, por brincadeira. Aquelas duas facetas do seu carácter eram incon-

118

ciliáveis, não podiam coexistir, nem que fosse por momentos. Sempre que uma se manifestava, a outra como que desaparecia. Este mesmo complexo emocional tão depressa a impelia a assumir para com os rapazes a atitude de uma donzela ingénua como a tomar os ares de menina leviana, que se deixa beijar facilmente.

- A sua mulher não vem? - perguntou a senhora Tarleton.

- Não. Despedimos o nosso capataz esta manhã e ela ficou em casa a fim de fazer contas com ele. E o seu marido e os seus filhos, que é feito deles?

-Oh já devem estar nos Doze Carvalhos há muito tempo! Imaginam para lá de manhã cedo a fim de prova, sem o ponche, não fosse ele ter ficado fraco demais! Como se até amanhã de manhã não tivessem tempo de o fazer! Desta vez, tenciono pedir a John Wilkes que os deixe passar a noite lá em casa, nem que seja na cavalaria, se não houver outro sítio melhor. Cinco homens embriagados são demais para mim. Com três, ainda eu me aguento, mas...

Gerald apressou-se a mudar o rumo da conversa. Tinha a certeza de que as filhas fariam troça dele, ao recordar-se do lindo estado, em que voltara dos Doze Carvalhos, por ocasião da última festa a que lá tinha ido, no Outono anterior.

-Por que não veio a cavalo, senhora, Tarleton? A senhora é um verdadeiro Estentor; sem Nellie, nem parece a mesma pessoa.

- Imaginem, eu, um Estentor! -exclamou a senhora Tarleton, arremedando o sotaque do seu vizinho.

-Nunca o supus tão ignorante, senhor O'Hara. Centauro é, que o senhor queria dizer. Estentor era um homem cuja voz soava como um gongo de bronze.

1 -Estentor ou Centauro é a mesma coisa, -redarguiu Gerald, sem se atrapalhar. -Aliás, a senhora podia muito bem ser um Estentor, pois que a sua voz vibra bastante quando incita perdigueiros, nas batidas.

-Ora fique-se lá com essa, mamã! - interveio Hetty. -Eu bem lhe dizia que a mãe grita como um comanche quando avista uma raposa...

- P, impossível, mas podes ter a certeza de que não grito tanto como tu quando a criada te lava as orelhas! - respondeu a senhora Tarleton. - Devias envergonhar-te de fazer cenas dessas, com dezasseis anos. E agora, senhor

O'11ara, deixe-me explicar-lhe que, se não vim a cavalo, foi porque Nellie pariu esta madrugada. -Palavra? -exclamou Gerald, vivamente interessado, deixando transparecer nos seus olhos brilhantes a paixão que, como bom irlandês, tinha pelos cavalos.

De novo Scarlett comparou a mãe com a senhora Tarleton e uma vez mais sentiu a mesma estranha sensação de constrangimento. Para Ellen, nem as éguas nem as vacas pariam, nem as galinhas punham ovos. Eram acontecimentos que ela parecia ignorar. A senhora Tarleton, porém, não usava reticências.

- Uma éguazinha, não?

- Não, um lindo pGItro de pernas compridas, quase com dois metros de altura. Não deixe de ir vê-lo, senhor O'Hara. É um verdadeiro cavalo Tarleton. Tem o pêlo ruivo como o cabelo de Hetty.

- E até se parece com ela - observou Camilla, que imediatamente se submergiu gritando, num turbilhão de saias, pantalonas e chapéus de palha, enquanto Hetty, cujo ro,sto era alongado, a beliscava impiedosamente.

- As minhas quatro jumentinhas estão demasiadamente excitadas esta manhã - disse a senhora Tarleton. - Não têm feito outra coisa senão bater os cascos, desde que souberam do próximo casamento de AshIey com a prima de Atlanta. Como se chama ela? Melanie. Que Deus a abençoe, é uma verdadeira simpatia, Mas, não sei porquê, nunca me lembro do nome nem da cara dela. A gorducha da nossa cozinha é a mulher do copeiro dos Wilkes, o qual esteve ontem em nossa casa e contou que o casamento seria anunciado oficialmente logo à noite. As minhas filhas ficaram muito admiradas, mas ainda não consegui perceber porquê. Toda a gente sabia há muito tempo que AshIey casaria com ela, a não ser que preferisse desposar uma das suas primas Burrs, de Macon, da mesma maneira que se sabe que Honey Wilkes casará com Charles, irmão de Melanie. Sempre go@taria que me explicasse, senhor O'Hara, a razão por que os Wilkes não casam- senão com primos e primas. Estarão eles proibidos de casar com outras pessoas? Porque, se estão...

Searlett não ouviu o resto do comentário da senhora Tarleton, a qual rematou a frase com uma gargalhada alegre. Por momentos, teve a impressão de que o Sol havia desaparecido atrás duma nuvem negra, deixando a Terra mergulhada numa semiobscuridade, roubando o colorido à

120

paisagem. Os rebentos dos arbustos, as ramagens dos noveleirQs e as flores das macieiras, cujo viço, ainda poucos segundos antes se quedara a admirar, pareciam ter amarelecido de um instante para outro. Scarlett cravou as unhas no estofo do banco e a mão que eITIDunhava a sombrinha estremeceu momentâneam ente. Uma coisa era saber que Astiley estava noivo de Melanie, outra coisa as observações acidentais dos vizinhos acerca do caso 'Mas de súbito, sentiu renascer a coragem, e o Sol vältou a bril@ar e os campos retomaram o seu encanto. Sabia que Ashley a amava. Tinha

* certeza. E aflorou-lhe um sorriso aos lábios, ao imaginar

* surpresa da senhora Tarleton quando ouvisse anunciar, não um noivado, mas sim uma fuga que ninguém previra. E, então, a senhora Tarleton contaria às pessoas amigas a conversa que nessa manhã tivera com Gerald O'Hara e como Scarlett escutara sem pestanejar as referências que ela fizera a Melanie Hamilton, embora já tivesse certamente combinado com Ashley ... Os lábios entreabriram-se-lhe num sorriso prazenteiro e as covinhas das faces cavaram-se-lhe ainda mais fundas. Hetty, que a mirava atentamente, a fim de observar o efeito produzido pelas palavras da mãe sobre ela, recostou~se no banco da sege, intrigada.

-Não me iii teressa o que o senhor pensa - argumentava a senhora Tarleton, acaloradamente. -Os casamentos entre primos nunca dão resultado, Já não acho bem que Asliley-case com Melanie, mas pode crer que ainda será muito pior se Honey cair na patetice de querer para marido esse desbotado do Charles Hamilton.

-Honey não conseguirá encontrar outro homem que esteja disposto a casar com ela-declarou Randa, que, segura dos seus encantos físicos, não tinha pejo de se mostrar cruel. - Charles Hamilton foi o primeiro pretendente que lhe apareceu e creio que será o último. Apesar de estarem noivos há tanto tempo, a verdade é que Charles parece ter pouca pressa de dar o nó. Lembra-te Scarlett, da maneira como ele andou atrás de ti, no Natal de ano passado?

- Não seja intrigante, menina - repreendeu a mãe. -

Os primos não devem casar-se entre si porque isso provoca o enfraquecimento da raça, Não é como os cavalos. Uma pessoa pode acasalar uma égua com um irmão, ou um cavalo com a filha pois que, se conhecermos bem a sua linhagem, sempre há a possibilidade de obtermos bons resultados. Mas com a gente é muito diverso. Poderemos con-

121

seguir exemplares de bom aspecto, mas de constituição débil. O senhor bem sabe...

-Desculpe, mas não estou de acordo.]@ capaz de me apresentar uma raça melhor que a dos Wilkes? E há séculos que se casara com os primos e com as primas.

- Mas é tempo de pararem, pois que já começam a aparecer certos sintomas alarmantes. Não me refiro a Ashley, que é uma jóia de rapaz, embora, enfim... Mas repare nas irmãs dele. Quase não têm força para se aguentarem de pé. São bonitinhas, é certo, mas andam sempre tão pálidas, coitadas! E olhe para Melanie Hawthorne, magra que nem um arenque e tão fraquinha que uma pessoa chega a ter medo que o vento a parta pelo meio. E sem personalidade. Parece que não tem ideias próprias. "Não, senhora! Sim, senhora!" é tudo o que ela sabe dizer. Está a ver aonde eu quero chegar? A família precisa de sangue novo, de sangue jovem e forte como o das minhas cabecinhas ruivas ou o da sua Scarlett. Vejamos se nos compreendemos, senhor O'Hara. No meu entender, os Wilkes são riquíssimas pessoas, no seu gênero e o senhor bem sabe que eu simpatizo bastante com todos eles. Mas, falando com toda a sinceridade, não os acha um tanto ou quanto esquisitos? São pessoas extraordinariamente cultas, que aliam aos primores da sua educação uma reserva sem limites, mas falta-lhes qualquer coisa. São capazes de ganhar uma corrida de cavalos, numa pista plana e seca, mas, se for em terreno acidentado e lamacento, duvido que consigam chegar entre os dez primeiros. Perdem todo o vigor e, numa emergência, não serão capazes de transpor os obstáculos que porventura lhes surjam pela frente. IÉ@ uma raça que só poderá vingar com tempo seco. Quanto a mim, prefiro os cavalos que sabem adaptar-se às circunstâncias e que não receiam correr sejam quais forem as condições atmosféricas. À força de se cqsarem com os primos acabaram por se tornar diferentes de todos os vizinhos, Passam a vida sentados ao piano, ou mergulhados na leitura de alfarrábios. Estou convencida de que Ashley gosta mais de ficar em casa a ler um livro do que tomar parte numa batida de raposas. P, como lhe digo, senhor O'Hara! E, senão, repare como são franzinos. Precisam de cruzamentos com animais robustos....

- Hum... - pigarreou Gerald, apercebendo-se de súbito que o rumo que a conversa acabava. de tomar, embora o interessasse profundamente, desagradaria a Ellen. Sabia

122

que a mulher ficaria desgostosa se descobrisse que as filhas haviam assistido a um diálogo tão prosaico.

A senhora Tarleton, porém, não lhe deu ouvidos. Ninguém lograva fazê-la calar-se, uma vez que tivesse aflorado o seu tema predilecto - o da criação - quer se tratasse de cavalos ou de pessoas.

- Falo com conhecimento de causa, pois tive primos que se casaram com primas e os resultados foram desastrosos. Os filhos nasceram todos com os olhos -salientes' como os sapos, pobres crianças. Houve uma altura em que os meus pais se lembraram de me casar com um primo em segun !o grau, mas eu barafustei, opondo-me terminantemente à ideia, Ainda me recordo de ter dito: "Não, minha mãe, não pense nisso. Não quero que os meus filhos tenham esparavões". A minha mãe desmaiou ao ouvir-me falar em esparavões, mas eu não cedi e a minha avó ' que estava bem

enfrentada em questões de criação de cavalos, deu-me razão e defendeu-me até à última. Foi ela que preparou a minha fuga com Tarleton. Agora, olhe para os meus filhos. São altos, robustos e esbeltos. Nenhum deles saiu franzino ou anão, enquanto Boyd mede apenas um metro e sessenta e cinco de altura. E veja os Wilkes...

-E se mudássemos de assunto, senhora Tarleton? sugeriu Gerald bruscamente, ao surpreender o olhar intrigado de Carreen e a expressão de curiosidade patente na fisionomia de Suellen. Receava que as filhas, quando regressassem a casa, comessem a fazer perguntas embaraçosas à mãe, através das quais revelariam aos olhos de Ellen a incompetência dele para lhes servir de pai de cabeleira. Scarlett parecia absorver outros pensamentos, conservando uma atitude distante, senhora, o que em parte o reconfortou.

Hetty Tarleton veio inconscientemente em seu auxílio.

- Por amor de Deus, mãe, vamos, embora! - exclamou com impaciência. - O sol esquenta e, se continuarmos aqui mais tempo parados, ficarei com o pescoço coberto de sardas.

- Um momento só, senhora Tarleton antes que nos punhamos novamente em marcha - disse Gerald. - Que resolveu sobre a venda de cavalos para o Regimento? A guerra pode rebentar de um momento para outro e os rapazes gostariam de saber ao certo aquilo com que podem contar. Trata-se dum esquadrão de recrutas da comarca de

123

Clayton, e seria interessante que nós lhe distribuíssemos animais também criados na região. Mas a senhora, obstinada como é, tem-se recusado a vender-nos as suas esplêndidas montadas,

-Talvez não chegue a haver guerra-objectou a senhora Tarleton, para ganhar tempo.

Já esquecera completamente os Wilkes: e os seus estranhos hábitos matrimoniais.

-Não diga uma coisa dessas, minha senhora. Bem vê que...

- Ouça ' mãe - interrompeu Hetty novamente - não seria possível tratarem desse assunto nos Doze Carvalhos? Sempre estariam mais à vontade do que aqui no meio da estrada, ao -sol...

- Tem razão, menina - concordou Gerald. - Não as reterei mais do que um minuto. Não tarda que cheguemos aos Doze Carvalhos, e, assim que nos virem aparecer, todos os homens, moços e velhos, nos cairão em cima para saberem o que há a respeito dos cavalos. Palavra que me custa ver uma criatura tão sensata como é a sua mãe mostrar-se tão avarenta por causa dos animais. Que é feito do seu patriotismo, senhora Tarleton? Não acredito que a Confederação seja letra morta para si...

- Mãe! - protestou a pequena Betsy. - Randa sentou-se em cima do meu vestido e agora tenho a saia toda amarrotada.

-Obriga a tua irmã a levantar-se e cala-te! E, agora,, preste atenção, Gerald O'Hara -replicou ela, batendo as pálpebras. - Essa história de me lançar a Confederação em rosto é um truque indecente. O senhor sabe bem o que a Confederação representa para mim tanto ou mais do que para si.

Lembre-se de que tenho os meus quatro filhos alistados ao passo que o meu caro vizinho não tem nenhum. No entanto, é preciso notar que os meus rapazes sabem tomar conta de si, o mesmo já não podendo eu dizer dos cavalos. Dá-los-ia de bom grado, se tivesse a certeza de que seriam montados por moços meus conhecidos, habituados a lidar com animais de raça. Nesse caso, não hesitaria um momento e, em vez de os vender, oferecê-los-ia gratuitamente. Mas deixá-los à mercê de caçadores furtivos ou de campônios que nunca montaram senão jumentos, isso nunca! Nem dormiria descansada, só de pensar que ninguém saberia fazer-lhes os curativos necessários sempre

124

que se ferissem. Julgava-me capaz de consentir que os meus queridos animais, de bom ou de mau grado, fossem distribuídos a idiotas que os deixariam a sangrar e que os chicoteariam sem dó nem piedade até eles nem atinarem com o caminho? Já estou toda arrepiada, só de me lembrar disso. Não, senhor O'Hara, fico-lhe muito grata pela sua ideia, mas creia que o melhor que tem a fazer é ir até Atlanta comprar pilecas para os seus recrutas. Verá que eles nem sequer notarão a diferença.

- Mamã, vamo-nos embora, por favor! -disse Camilla, juntando os seus protestos impacientes aos das irmãs. -

A mãe sabe muito bem que, seja de que maneira for, acabará por ceder os seus pobres animais.

Quando o papá e os manos principiarem a dizer que o Regiment<> precisa deles, a mamã debulhar-se-á em lágrimas, mas entregá-los-á.

A senhora Tarleton fez uma careta e sacudiu as rédeas.

- Jamais farei tal coisa - assegurou ela 'aflorando o pêlo dos animais com a ponta do pingalim.

A carruagem pôs-se em marcha, rapidamente. -]5@, uma mulher estupenda-disse Gerald, pondo o chapéu na cabeça e retomando o seu lugar, junto à portinhola da sege.-Vamo,-nos embora Toby.

Tanto havemos de a maçar que ela acabará por @eder. No entanto, não deixa de ter certa razão. Se um homem não estiver habituado a montar, apenas servirá para dar cabo dos cavalos e, então seria melhor que o pusessem na infantaria. Mas, seguindo esta ordem de ideias, também nãoG encontraremos, na comarca cavaleiros em número suficiente para formar um esquadrão. Que achas `gatinha?

-Acho que o papá devia passar para a frente da carruagem ou deixar-se ficar um pouco para trás.

Levanta uma poeirada tão grande que nós vamos aqui quase sufocadas-respondeu Scarlett, que se sentia incapaz de lhe prestar atenção.

Se continuasse a tagarelar, não conseguiria concentrar os pensamentos e ela precisava de pôr as suas ideias em ordem e de compor a fisionomia, de modo, a chegar aos Doze Carvalhos com uma expressão serena e atraente estampada no rosto. Gerald obedeceu. Esporeou o caval<> e afastou-se a galope, envolto numa nuvem de poeira vermelha, em perseguição da carruagem da senhora Tarleton, a fim de prosseguir a discussão interrompida.

125

a

A CARRUAGEM atravessou o rio e subiu a colina. Antes de avistar a majestosa residência dos Doze Carvalhos, Scarlett divisou uma nuvem de fumo que se espreguiçava sobre a copa das árvores e aspirou os aromas inconfundíveis que se exalavam dos troncos de nogueira queimados e dos carneiros e porcos a assarem no espeto.

As fogueiras para a espetada tinham ficado acesas desde a noite anterior e deviam estar agora transformadas em largos montões de cinzas duni cor-de-rosa avermelhado, sobre as quais rodavam lentamente nos espetos diversas reses, cuja gordura derretida escorria em grossas gotas para o lume, fazendo chiar as brasas. Scarlett sabia que o cheiro trazido pela brisa leve que soprava provinha do denso souto de carvalhos que se erguia nas traseiras do solar, ao cimo da encosta do outeiro, a qual descia suavemente até a um roseiral umbroso. Era ali que John Wilkes costumava fazer os piqueniques, aproveitando a sombra das árvores e a beleza do sítio, bastante mais agradável do que o local em que os Calverts habitualmente organizavam as suas festas ao ar livre. A senhora Calvert detestava o odor da carne assada, que, segundo dizia, se entranhava por móveis e nos cortinados e a perseguia durante vários dias. Por isso, desterrava os convidados para um descampado, a quinhentos metros de distância, onde eles ficavam expostos às ardências solares, sem um abrigo onde se refugiarem do calor. Mas John Wilkes, famoso em toda a região pela sua hospitalidade, assistia a todos os preparativos e tomava as providências necessárias para que os seus convivas pudessem desfrutar as melhores comodidades.

As longas mesas armadas sobre cavaletes e recobertas de toalhas de linho, que os Wilkes: guardavam especialmente para aquelas ocasiões, eram sempre montadas nos sítios mais frescos e sombrios. De um lado e de outro, alinhavam-se bancos sem espaldar e, para aqueles que não se acomodavam nisso encontravam-se profusamente espalhados pelas clareiras; tamboretos estofados, almofadas e cadeiras elásticas. A uma distância suficiente para que a fumarada não incomodasse os convidados, estavam dispostos os espetos em que as reses eram assadas, bem como as tripeças de ferro que suportavam os enormes caldeirões,

126

donde emanava o cheiro apetitoso dos guisados. Uns doze moleques, propositadamente treinados para aquele traba" lho, andavam numa roda-viva de um lado para outro, transportando IJratos e travessas para servirem os convivas. A retaguarda do celeiro preparava~se sempre outra espetada, que se destinava aos criados e cocheiros dos hóspedes, os quais se regalavam com broas de milho, inhames e tripas de porco, de que os pretos são tão grandes apreciadores e, quando na época própria, com suculentas melancias que lhes matavam a sede.

Searlett aspirou, deliciada, o aroma da carne de porco ,usada que a aragem lhe trazia às narinas e fez votos por que já lhe tivesse voltado o apetite quando os moleques a levassem para a mesa. Naquele momento, tinha o estômago tão cheio e o espartilho tão apertado que receava arrotar, o que seria uma calamidade, visto que só as pessoas de idade podiam fazê-lo sem incorrer na reprovação geral das testemunhas.

Ao atingirem a lomba da colina, a vasta moradia de paredes brancas surgiu-lhes diante dos olhos. Era uma construção perfeitamente simétrica, guarnecida de altas colunas e varandas lar-as com o tecto plano que parecia possuir estranha beleza@, a beleza duma muffier tão compenetrada da sua formosura que pode prodigalizar a todos a sua generosa graciosidade. Scarlett gostava mais do solar dos Doze Carvalhos do que da sua própria casa, pois aquele possuía um encanto majestoso, uma dignidade suave que em Tara não encontrava.

Ao longo da alameda,, que descrevia uma curva larga antes de chegar ao alpendre da residência, aglomeravam-se carruagens e cavalos de sela. Os convidados apeavam-se rapidamente, cumprimentando os amigos e vizinhos. Os moleques, entusiasmados como . sempre que os senhores davam uma festa, conduziam, com um sorriso nos lábios, os animais para a cavalaria, a fim de os despojar dos arreios ou das selas. Em verdadeiros enxames, as crianças, brancas e de cor soltavam gritos estridentes, corriam velozmente sobre o relvado fresco, brincavam aos quatro cantinhos, saltavam o eixo, desafiavam-se mutuamente para ver quem comeria mais. O imenso vestíbulo, que atravessava a casa em todo o seu comprimento, regurgitava de convidados. Quando a carruagem dos O'Haras se deteve em frente dos degraus de entrada, Scarlett pôde ver dezenas

127

de raparigas, com as suas saias de crinolina irrequietas como borboletas, subindo ou descendo as esca&s que levavam ao segundo andar. Enlaçadas pela cintura, paravam para se debruçarem sobre o corrimão suportado por finos balaústres, rindo ou inbrometendo-se com os rapazes que passavam no átrio, em baixo.

Através das largas janelas abertas de par em par, viu de relance alguns grupos de senhoras mais idosas, sentadas na sala de visitas. Muito circunspectas nos seus vestidos de seda, de cores discretas, abanavam-se com o leque, contavam umas às outras as mais recentes proezas dos respectivos rebentos, conversavam acerca de doenças, falavam a respeito de casamentos, dando todos os pormenores possíveis e imagináveis. Equilibrando na palma da mão uma bandeja de prata, o mordomo dos Wilkes, Tom, circulava entre os convidados e, cumprimentando e sorrindo, distribuía copos de refrescos aos rapazes elegantemente vestidos de camisas de linho fino e punhos de renda e calções cinzentos ou castanhos.

A varanda da fachada principal também se encontrava repleta de convidados. "Sim", pensou Searlett, "devia encontrar-se ali quase toda a população branca da comarca". Os quatro filhos da senhora Tarleton estavam encostados às colunas, juntamente com o pai. Inseparáveis como sempre, os dois gêmeos, Stuart e Brent 'permaneciam lado a lado, enquanto os outros dois@ irmãos, Boyd e Tom, conversavam animadamente com o pai, James Tarleton 'a dois passos de distância. O senhor Calvert não abandonava a mulher, certa y,ankee que, após uma estadia de quinze anos na @Geórgia, ainda dava mostras de se não sentir completamente à vontade entre os sulistas. Todos a tratavam com delicadeza e respeito, pois que tinham pena dela, mas o certo é que ninguém se esquecera ainda de que a senhora Calvert, além de ter nascido no Norte, fora inicialmente contratada pelo actual marido para lhe tomar conta dos filhos, o que, numa sociedade como aquela,

constituía um óbice intransponível. Raiford e Cade Calvert estavam junto da irmã, a loura Cattileen, troçando do moceno Joe Fontaine e da sua futura noiva, Sally Munroe, rapariga deveras atraente. Alex e Tony Fontaine segredavam aos ouvidos de Dimity Munroe gracejos que a faziam rir até às lágrimas. Viam-se famílias vindas de Lovejoy, a quatro léguas de distância, de Fayetteville e de Jonesboro, e algumas provenientes

128

até de Atlanta e de Macon, A casa parecia transbordar duma multidão barulhenta, cujas vozes se confundiam num amálgama sonoro, acima da qual se elevavam de momento a momento risadas e exclamações femininas.

De pé sobre os degraus do alpendre, John Wilkes recebia os convidados, muito apurados, com a cabeleira prateada pelos anos 'irradiando em torno de si uma simpatia inefável e prodigalizando w tesouros da sua hospitalidade, da mesma maneira que, no Verão, o sol da Geórgia prodigalizava a todos a, riqueza do seu calor. Ao lado do pai, Honey Wilkes, cujo nome de baptismo fora substituído por aquele diminutivo familiar, em virtude do tratamento afectuoso que ela dispensava a todos indistintamente, desde o seu progenitor até ao mais humilde trabalhador dos campos, saracoteava-se, sorridente, fazendo as honras da casa.

Honey denunciava abertamente a preocupação doentia de agradar aos homens e a sua atitude contrastava vivamente com o porte sereno e digno do pai. Scarlett pensou que, vistas bem as coisas, talvez existissem alguns foros de verdade nas palavras da senhora Tarleton. Não havia dúvida de que, na família dos Wilkes, os homens eram muito mais perfeitos do que as mulheres. As pestanas, louras e espessas que emolduravam os olhos cinzentos de John Wilkes, encontravam-se reduzidas a meia dúzia de pêlos descorados nas suas* duas filhas Honey e India. Os olhos de Honey lembravam os dum c@elho e, quanto a India, o seu aspecto só poderia ser qualificado de insignificante.

India não aparecia em pai-te nenhuma, mas Scarlett calculava que ela estivesse na cozinha, dando as últimas instruções à criada. "Pobre India", disse Scarlett de @si para si, "vive tão atarefada com a lida da casa, desde que lhe morreu a mãe, que nunca mais conseguiu arranjar outro namorado além de Stuart Tarleton. E eu não tenho culpa de que Stuart me preferisse a ela".

John Wilkes desceu os degraus para oferecer o braço -a Scarlett. No momento em que se apeava, Scarlett surpreendeu Suellen a fazer sinalefas na direcção do vestibulo e chegou à conclusão de que a irmã já tinha avistado Frank Kennedy no meio da multidão.

"Eu até me matava se não arranjasse outro pretendente melhor do que essa, solteirona de calças", pensou Scarlett, enquanto recompensava John Wilkes com um sorriso de agradecimento.

9 - Vento Levou - I

129

Frank Kennedy adiantou-se para ajudar Suellen a descer da carruagem. A rapariga tomou um ar tão superior que Scarlett sentiu ganas de a esbofetear. Frank Kennedy podia muito bem ser o maior proprietário da comarca e possuir um belíssimo coração, que isso não o impedia de ter já quarenta anos. Usava uma barbicha cor de gergelim que lhe dava aspecto patusco, e aliava ao seu nervosismo constante e à sua extrema magreza as maneiras frívolas duma solteirona, que provocavam no espírito das pessoas com quem ele tratava uma impressão desfavorável. Contudo, Scarlett recordou-se do plano que havia traçado na véspera e, dissimulando a sua antipatia, lançou a Frank Kennedy um olhar provocante que o fez estacar aturdido, ficando com o braço estendido na direcção de Suellen. e os olhos deslumbrados fixos no rosto dela.

Respondendo distraidamente às perguntas, que John Wilkes lhe fazia acerca do motivo que retivera Ellen em Tara, Scarlett debalde tentou descobrir Ashley entre a multidão de convidados que se acotovelavam no vestibulo. A sua passagem, os rapazes conhecidos gritavam-lhe bons dias e Stuart e Brent Tarleton correram ao encontro dela. As duas irmãs Muriros precipitaram-se para lhe admirarem o vestido, soltando ruidosas exclamações de surpresa e não tardou que Scarlett se visse

rodeada dum círculo de pessoas que se esforçavam por falar mais alto do que, todas as outras, a fim de fazerem ouvir a voz acima do barulho enorme que enchia a sala.

Apenas Ashley não aparecia. Nem ele, nem Charles, nem Melanie. Onde estariam metidos?

Disfarçadamente, de maneira a não trair a súbita inquietação que a invadira, Scarlett passeou o olhar em torno de si, inspecionando as profundezas do vestíbulo, onde se encontrava reunido um grupo de gente nova, a conversar animadamente.

Enquanto ria e tagarelava, ia relanceando a vista pelo interior da casa e pelo pátio anexo, em busca de Asliley. A certa altura, os olhos pousaram-se-lhe num desconhecido, que, isolado a um canto do vestíbulo, a fitava com insolência. Scarlett experimentou uma sensação estranha, misto de satisfação, como toda a mulher que se vê alva da atenção de um homem, e de constrangimento, por sentir que tinha o vestido decotado demais no peito. O indivíduo em questão já não devia ser muito novo; aparentava pelo menos trinta e cinco anos, mas a sua figura, sólida e aprumada, desta-

Ir-

cavar-se entre as dos restantes convidados. Scarlett nunca tinha visto um homem com os ombros assim tão largos e musculosos, pelo que chegou à conclusão de que o de, -:Pconhecido devia pertencer a uma camada social diferente da sua. Quando os seus olhares se cruzaram, os lábios dele entreabriram-se-lhe num sorriso que lhe descobriu duas fileiras de dentes, cuja alvura animal era realçada pelo bigode negro, aparado rente, que lhe ornava o lábio superior. Possuía a tez bronzada dum pirata e o olhar turvo e dominador dum flibusteiro que avalia a riqueza do galeão que vai abordar ou a formosura da donzela que se prepara para raptar. O sorriso dele patenteava tal impudência e na sua boca pairava uma expressão tão irónica que Scarlett ficou com a respiração suspensa. Sabia que qualquer outra rapariga que se encontrasse no seu lugar se sentiria ofendida em fase de tão manifesto atrevimento e irritou-se consigo própria ao ver que não experimentava o menor ressentimento perante o insulto. Ignorava completamente quem ele pudesse ser, mas havia algo no seu rosto que traía bom nascimento, o que era confirmado pelo nariz aquilino, pelos lábios, vermelhos e carnudos, pela fronte larga, pelos olhos, grandes e profundos.

Scarlett desviou o olhar sem retribuir a sorriso e ele voltou-se ao ouvir alguém chamá-lo.

- Rhett! Rhett Butler! Venha cá! Vou apresentá-lo à rapariga de coração mais insensível de toda a Geórgia.

Rhett Butler? Este nome dizia qualquer coisa a Scarlett, qualquer coisa relacionada com uma história interessante e escandalosa, de que naquele momento se não lembrava. Mas, como tinha o pensamento obcecado pela ideia de encontrar Ashley, não prestou mais atenção ao assunto.

-Preciso de ir lá acima passar um pente no cabelo, -

disse ela a Stuart e a Brent ' que procuravam livrá-la da multidão. -Esperem ambos aqui por mim e não experimentem ir atrás de outra rapariga, se não querem que eu lhes faça uma cena em público.

Já compreendia que Stuart ia ser difícil de manobrar nessa tarde, caso a surpreendesse a fazer olhos meigos para outro. Estava com um grão na asa e Scariett sabia que, quando ele aparecia com aquele aspecto arrogante e belicoso, eram enormes os riscos de surgirem graves complicações.

Deteve-se no vestíbulo para cumprimentar diversas pessoas amigas e dar os bons dias a India, que,

Com 0

131

cabelo em desordem e a testa coberta de camarinhas de suor, saía da cozinha. Pobre India! Como se lhe não bastas, sem os cabelos descorados 'as pestanas ralas e c> queixo proeminente, sinal inconfundível de carácter voluntarioso, e ainda lhe fosse necessário aquele aspecto de solteirona, não obstante contar apenas vinte anos! Ficou a cismar se India lhe queria mal por ela lhe ter roubado o amor de Stuart. Havia quem afirmasse que India ainda o amava, mas a verdade é que ninguém, sabia adivinhar ao certo os sentimentos dos Wilkes. Se ela lhe tinha guardado rancor,

nunca lho dera a entender, pois sempre a tratara com a mesma reserva e a mesma afabilidade que anteriormente.

Scarlett trocou algumas palavras com a sua juvenil hospedeira e, em seguida, encaminhou-se para o fundo da escada. Preparava-se para começar a subir os degraus quando ouviu uma, voz tímida chamá-la pelo nome. Voltou-se e deparou-se-lhe Charles Hamilton. O irmão de Melanie era bonito rapaz, de cabelos negros, ondulados, que lhe caíam para a, testa branca em madeixas fartas, e olhos castanho-escuros meigos e tristes como os dum cão@-de-pastor. Trajava fato de fino corte, composto de jaquetão preto e calças cor de mostarda, bem como. uma camisa pregueada, sobre a qual se destacava a mais larga e bela das gravatas negras. Um leve rubor lhe tingiu as faces quando Scarlett se virou para lhe falar: sempre sentira estranho acanhamento com as mulheres. Como geralmente sucede com a maioria dos rapazes tímidos, também ele nutria grande admiração pelas raparigas resolutas e desenvoltas como Scarlett, a qual até à data não testemunhara por ele mais do que amável condescendência. Por isso, quando a viu estender-lhe ambas as mãos e acolhê-lo com um sorriso radiante, quase perdeu os sentidos.

-Charles Hamilton! Não esperava ter o prazer de o encontrar aqui! Aposto que veio de Atlanta propositadamente para roubar o meu pobre coração!

Charles quase gaguejou de comoção, ao tomar nas suas as pequeninas mãos tépidas.de Scarlett, cujos olhos verdes pareciam despedir chispas incendiárias. Era assim que as raparigas costumavam falar aos outros moços, mas não a ele. Embora não soubesse porquê, todas elas o tratavam como uma espécie de irmão mais. novo e, as que eram mais reca-tadas, nem sequer perdiam tempo a arreliá-lo. O seu maior desejo era encontrar raparigas que brincassem com

132

ele da mesma maneira que brincavam com outros rapazes muito menos cultos e menos favorecidos pela sorte. Mas, nais raras ocasiões em que tal acontecia, Charles ficava tão embaraçado que emudecia, sem atinar com o que dizer, e o seu acanhamento causava-lhe, então, verdadeiro suplício. E à noite, na cama, sem conseguir conciliar o sono, passava horas e horas a imaginar os galanteios com que poderia ter respondido. Contudo, nunca chegava a ter oportunidade de recuperar o caminho perdido, porque as raparigas, após uma ou duas tentativas, desistiam de o procurar. Até com Honey Wilkes ele permanecia na defensiva e guardava um silêncio de múmia, embora o seu casamento com esta tacitamente estivesse acordado para os meados de Outubro, altura em que atingiria a maioridade. Às vezes, chegava a assaltá-lo, a terrível desconfiança de que os requebros de Honey e os seus ares protectores lhe não davam crédito nenhum a ele, uma vez que a rapariga era tão leviana que se comportaria da mesma forma com qualquer outro homem que lhe desse ensejo para isso. Charles não estava muito entusiasmado com a ideia de a desposar, visto que Honey nunca havia logrado despertar nele nenhuma das emoções intensas que, segundo as afirmações dos seus livros preferidos, constituíam provas irrefutáveis do amor que o homem sente pela mulher que as provoca. Charles sempre tinha sonhado com a paixão duma criatura magnífica, maleável e ardente. E, de repente, Scarlett acusava-o de ter vindo de Atlanta aos Doze Carvalhos para lhe roubar o coração!

Tentou imaginar uma réplica condigna, mas não conseguiu, e, intimamente abençoou Scarlett por ter continuado a falar, poupand@-lhe assim a necessidade imperiosa de encontrar qualquer coisa que dissesse. Aquilo era bom demais para ser verdade.

- Espere aqui por mim valeu? Quero tê-lo ao meu lado durante o piquenique. E agora não vá fazer namoro a outra porque eu sou muito ciumenta.

Os lábios rubros de Scarlett tinham pronunciado estas palavras inacreditáveis, enquanto um' sorriso lhe acentuava as covinhas das faces e os seus longos cílios negros se uniam pudicamente, velando os olhos glaucos.

- Não sairei daqui - conseguiu Charles articular por fim, muito longe de imaginar que nesse mesmo instante

"aia~

Scarlett o estava comparando a um bezerro que fica amarrado ao poste, à espera do carniceiro. A rapariga bateu-lhe no braço com o leque fechado, ao de leve, e dispunha-se a subir as escadas quando o seu olhar de novo se cruzou com o do indivíduo que dava pelo nome de Rhett Butler. Estava parado a poucos passos de distância de Charles e devia ter ouvido toda a conversa, pois dirigiu a Scarlett um sorriso malicioso de felino, tornando a envolvê-la num olhar desrespeitoso a que ela não estava habituada.

"Com seiscientos diabo&!" disse Scarlett de si para si, indignada, empregando a exclamação favorita de Gerald. "O homem olha para mim como se... como se já me tivesse visto em camisa".

E, voltando a cabeça num gesto desdenhoso, começou a subir a escada.

No quarto de cama que servia de vestiário, -encontrou Cathleen Calvert, que se mirava e remirava ao espelho, mordendo os lábios, a fim de parecerem mais vermelhos. As rosas frescas que trazia presas na cintura tinham a mesma cor das suas faces e nos olhos azuis, travessos e irrequietos, brilhava-lhe um clarão alegre.

-Cathleen-disse Scarlett, esforçando-se por fazer subir o corpo do vestido-quem é aquele homem indecente, chamado Butler, que está lá em baixo?

-O quê ' não sabes quem é? - segredou Cathleen, -com vivacidade relanceando o olhar para a quarto contíguo onde Dilee@ e a cria 'da dos Wilkes estavam a conversar.

- Duvido que o senhor Wilkes tencionasse convidá-lo, mas, segundo ouvi dizer, o senhor Butler estava de visita ao, senhor Kennedy, em Jonesboro, a fim de tratar de um negócio de algodão, e naturalmente, este não teve outro remédio senão trazê-l@ consigo. Não podia vir para a festa e deixá-lo sózinho.

-Mas o que há contra ele?

- Oh, filha, ninguém o quer receber! -Não rffe digas! -- P, assim mesmo! Scarlett escutou em silêncio a informação que a amiga acabava de lhe prestar e engoliu em seco, pois que nunca até então se encontrara sob o mesmo tecto com um indivíduo que tivesse sido posto, à margem da sociedade. Era uma situação invulgar e excitante.

134

@ 'I@ '%@'

- Que fez ele?

- Oh, Scarlett, tem urna reputação horrível! Chama~se Rhett Butler. É natural de CharlQston e os pais, pertencem à;melhor sociedade de lá, mas estão de relações cortadas .com ele..Caroline Rhett contou-me a história toda no Verão, passado. O Butler não lhe é nada, mas isso não impede que ela saiba tudo o que há a seu respeito. E, ao que parece, toda, a gente está bem informada acerca da vida dele. Começou por ser expulso de West Point, imagina tu, por razões tão boas ou tão más que Caroline não conseguiu encontrar ninguém que tivesse coragem de lhe contar o que se passou. E depois houve aquela história com a tal rapariga...

- Qual rapariga,?

- Mas, então, tu não sabes ... ? Caroline contou-me o caso no ano passado e tenho a certeza de que a mãe dela morreria de desgosto se adivinhasse que a filha sabe uma coisa destas. Pois bem, o Butler convidou uma pequena, de Charleston para um passeio de carruagem. Nunca, logrei averiguar o nome da rapariga, mas calculo quem ela é. Seja quem for, porém, não, deve ser muito sensata, porque, de contrário, não teria saído ao anoitecer com um homem que mal conhecia e sem mais ninguém. Só te sei dizer que passaram quase toda a noite, fora e, quando por fim chegaram a casa, desculpam-se pretextando, que o cavalo se tinha espantado, deixando--os perdidos no bosque. E vê lá se adivinhas o que...

-Não tenho jeito nenhum para adivinhas. Conta-me o que aconteceu -disse Searlett, vibrando de entusiasmo, à espera do pior.

- No dia seguinte, o Butler recusou-se a casar com ela.

- Oh! -exclamou Searlett, desiludida. -Afirmou que não lhe tinha feito... hum... que não lhe tinha feito mal nenhum e que, por consequência, não via motivo para tomar tal compromisso. É claro, o irmão da rapariga pediu-lhe uma explicação da sua atitude e o Butler respondeu que preferia apanhar um tiro nos miolos a desposar uma leviana. Batera-se em duelo e o Butler feriu o rapaz, que morreu pouco depois. Butler teve de sair de Charleston e agora toda a gente se recusa a recebê-lo - concluiu Cathleen, em tom de triunfo, e na melhor altura, pois que Dilcey entrou nesse instante no aposento, a fim de ajudar Scarlett a compor o vestuário.

135

- E ela chegou a ter algum nenê? - segredou Scarlett ao ouvido da amiga.

Cathleen sacudiu violentamente a cabeça.

- Mas ficou com a reputação arruinada, da mesma maneira - respondeu num sussurro.

"Quem me dera que Ashley me compromettesse assim", pensou Searlett, de súbito. "Como cavalheiro que é, não deixaria de casar comigo".

Mas, fosse como fosse, não pôde evitar que no subconsciente se lhe insinuasse um estranho sentimento de respeito, por Rhett, Butler, que se recusara a desposar uma rapariga leviana. Scarlett estava sentada numa otomana de pau-rosa, de espaldar alto, à sombra dum carvalho secular que se erguia nas traseiras da casa. Em torno dela desdobravam-se os doze metros de musselina do vestido machedo, de cuja saía emergiam os sapatinhos de marroquim verde que deixavam entrever um centímetro dos tornozelos o máximo que uma senhora podia mostrar se queria manter boa cotação no conceito geral. Tinha na mão um prato de carne, em que mal havia tocado, e, à sua volta, nem mais, nem imenos do que sete admiradores. O piquenique atingira o auge e o ar vibrava com os risos e com a tagarelice das raparigas, com o tinir dos talheres sobre a porcelana, com as emanações pesadas dos assados e dos molhos. Por vezes a brisa soprava mais forte e as longas baforadas de fumo proveniente das fogueiras envolviam os convivas. As mulheres recebiam-nas com, gritinhos de protesto e tentavam repeli-las agitando energicamente os leques de palmito. A maior parte das raparigas tinha tomado lugar nos bancos que flanqueavam as mesas. Mas Scarlett, compreendendo que nessas condições apenas lhe seria possível ter um admirador de cada lado, procurava um lugar isolado onde pudesse reunir em torno de si o maior número de homens. As mulheres casadas tinham-se instalado sob o caramanchão e os seus vestidos de tons sombrios punham unia nota austera no ambiente alegre e colorido. Fosse qual fosse a sua idade, formavam sempre um grupo à parte, observando a distância a animação dos novos e dos namorados, escutando o estrépito das gargalhadas que a brisa lhes fazia chegar aos ouvidos, pois que no Sul a garridice não lhes era permitida.

136

Desde a velha avó Fontaine, que se valia da sua avançada idade para arrostar à vontade até à pequena Alice Munroe, que, com dezasseis anos apenas, já lutava contra os incómodos duma primeira gravidez, todas tomavam parte em discussões intermináveis sobre ginecologia e obstetrícia, que tornavam aquelas reuniões agradáveis e instrutivas.

Scarlett lançava-lhes olhares de desprezo e, intimamente, comparava-as a um bando de galinhas anafadas. As mulheres casadas nunca se divertiam. Ainda não lhe tinha ocorrido a ideia de que, desposando Ashley, seria automaticamente relegada para o grupo de matronas. E, então, passaria a sentar-se, debaixo dos caramanchões ou nas salas de visitas, onde entabularia conversas fastidiosas com as suas não menos fastidiosas companheiras. E, como sucedera com elas, teria de renunciar aos vestidos claros e policromos, e a todas as distrações que tanto apreciava. A sua imaginação, como a da maioria das raparigas, limitava o casamento à cerimónia da igreja. Além disso, sentia-se demasiadamente infeliz naquele instante para se entregar a pensamentos abstractos. Baixou os olhos para o prato e mordiscou um biscoito, com tal elegância e tamanha falta-de apetite que a ama, se ali estivesse, não teria deixado de a felicitar. Nunca se vira cercada de tantos

admiradores, mas também nunca se sentira tão atormentada. Sem que soubesse porquê, a plano que arquitectara na véspera havia falhado redondamente na parte que dizia respeito a Ashley. Cativara dezenas de homens, mas não conseguira atrair Ashley, e todos os receios que experimentara no dia anterior a assaltavam de novo agora, fazendo palpar-lhe o coração em ritmo desordenado. As faces, normalmente rosadas, ora se lhe ruborizavam até ficarem vermelhas como cerejas, ora empalideciam a ponto de Darecerem exangues.

Ashley não fizera qualquer tentativa para se aproximar do grupo que a rodeava. Além, dos cumprimentos da praxe, ainda não conseguira trocar com ele uma palavra a sós. Ashley tinha vindo falar-lhe assim que a vira entrar no jardim situado nas traseiras da casa, mas trazia Melanie pe],> braço. Melanie que mal lhe chegava ao, ombro!

Pequenina e frágil, parecia uma criança mascarada com a volumosa saia de balão da mãe -ilusão que era acentuada pela expressão tímida, quase receosa, dos seus olhos castanhos, demasiadamente grandes. A cabeleira negra e ondulada, estava severamente comprimida numa r@de,cujas

137

malhas apertadas não deixavam escapar nenhuma madeixa rebelde e formava, a meio da fronte, um longo bico que lhe tornava mais pronunciada a semelhança do rosto com um coração. De malares largos e queixo pontiagudo, tinha uma figura delicada e meiga, embora não fosse bonita nem lhe restasse a possibilidade de recorrer a qualquer dos artifícios de que as mulheres costumam lançar mão para fazerem passar despercebida a sua carência de atractivos. Parecia aquilo que na realidade era - simples como a terra, boa como o pão, transparente como a água duma fonte. No entanto, apesar da falta de beleza e da exiguidade de estatura, havia nos seus gestos uma dignidade tranquila, impressionante, que a fazia aparentar muito mais do que dezassete anos.

O vestido de organdi cinzento, com a sua faixa de cetim cor de cereja, dissimulava sob as pregas e franzidos um corpo ainda infantil, e o chapéu amarelo, de fitas também cor de cereja, emprestava-lhe brilho à alvura da cutis. Os pesados- pingentes dos brincos com franja de ouro, que emergiam debaixo dos bandós que lhe ocultavam as orelhas, balouçavam junto <las olhos castanhos cujos reflexos plácidos lembravam a superfície dum lago da floresta, em pleno Inverno, quando através da água parada se vêem luzir no fundo as folhas caídas, das árvores.

Com um sorriso tímido, mas afável, cumprimentou Scarlett e não regateou elogias ao vestido que ela trazia. Scarlett, porém, teve de fazer um esforço para lhe responder cortesmente, tão forte era o seu desejo de se encontrar a sós com Asliley. A partir desse momento, Asliley, sentado num tamborete aos pés, de Melanie, longe dos seus convidados, quedara-se a conversar tranquilamente com a noiva, com os lábios entreabertos naquele sorriso indolente que Scarlett tanto apreciava. E o que agravava a situação era o facto de o sorri,-Qo de Ashley despertar nos olhos de Melanie um clarão que - Scarlett não pôde deixar de o reconfiecer apesar de toda a sua animosidade -lhe iluminava a fisianomia, tornando-a quase bela. Sempre que Melanie encarava Ashley, o seu rosto de feições apagadas parecia ficar resplandecente, como se dentro dele ardesse uma chama intensa. E, se é possível a face de uma criatura expressar o que lhe vai no coração a de Melanie Hamilton denunciava claramente toda a pa'ixão que lhe queimava o peito.

Scarlett não conseguia despregar os olhos dos dois na-

138

morados, por mais que se esforças-se por se alhear da presença deles. De cada vez que os fitava, de relance, o seu júbilo parecia recrudesce. Passeava um olhar estonteado pelos admiradores que a cercavam, ria com os seus grace- jos, respondia-lhes com, frases audaciosas, provocava--os com momices e esgares travessos, meneando a cabeça de maneira a fazer abanar os brincos num gesto de incredulidade, quando lhe dirigiam galanteios. Chamava-lhes tolos, acusava-os de mentirosos, jurava-lhes que jamais acreditaria no que os homens lhe dissessem. Mas, Asliley não lhe ligava importância alguma. Continuava a conversar com a noiva, e os seus olhos nã(> se afastavam do

rosto dela, enquanto Melanie o fitava com uma expressão que revelava abertamente o amor que lhe tinha.

Ante aquele quadro, Scarlett não podia deixar de se sentir profundamente infeliz.

No entanto, aos olhos de todos aqueles que baseavam os seus juízos em meras aparências, nunca uma rapariga tivera tão fracos motivos para se sentir infeliz. Scarlett era sem dúvida a rainha da festa, o centro de todas as atenções. Noutra altura, tinha desvanecido o entusiasmo que estava despertando nos homens que a rodeavam, bem como o rancor que ardia nos corações das outras raparigas ao verem-se suplantadas por ela.

Charles Hamilton, estimulado pelo caloroso acolhimento que ela lhe dispensara, tinha-se postado à sua direita e não arredava pé, apesar dos esforços desesperados dos dois genéricos Tarletons para o desalojarem da sua posição. Segurava numa das mãos o leque de Scarlett e na outra o prato da carne assada em que ela mal tocara e recusava-se obstinadamente a encarar Honey Wilkes, que parecia prestes a

desfazer-se em lágrimas. Estendido graciosamente no chão, à esquerda de Cade Calvert, não cessava de lhe puxar o vestido, a fim de lhe chamar a atenção, ao mesmo tempo que lançava olhares furibundos na direcção de Stuart. A atmosfera entre ele e os gêmeos estava carregada de electricidade, o que já dera origem a uma troca de palavras desagradáveis. Frank Kennedy corria dum lado para outro, como uma

galinha preocupada com a sustento do único pinto que lhe restasse da ninhada, numa roda-viva entre as mesas e a sombra dos carvalhos, procurando guloseimas para Scarlett, como se não houvesse ali uma dúzia de criadas para o efeito. Em consequência disso, Suellen esquecera-se de

139

que uma senhora bem educada deve ocultar o seu ressentimento e dardejara olhares assassinos sobre a irmã. A pequena Carreen a custo reprimia as lágrimas, pois, apesar das palavras com que Scarlett nessa manhã a encorajara, Brent limitara-se a dizer-lhe apenas "Bom dia, petiza", e a desatar-lhe a fita que lhe prendia os cabelos, antes de consagrar toda a sua atenção a Scarlett. Costumava tratá-la com tanta gentileza e deferência que Carreen ficava com a impressão de ser já uma mulherzinha. E, então, sonhava em segredo com o dia em que, levantando o penteado e alongando as saias, pudesse considerá-lo seu namoro. No entanto, naquela altura, parecia-lhe que Scarlett o havia monopolizado. As irmãs Munroes tentavam desesperadamente dissimular o seu despeito pela deserção dos irmãos Fontaines e era com evidente desagrado que observavam os esforços que Tony e Alex faziam para se conservarem perto de Scarlett.

Com um ligeiro franzir de sobrancelhas, telegrafaram a Hetty Tarleton a reprovação que lhes merecia o procedimento de Scarlett. "Descarada", era o único qualificativo que lhe assentava bem. Com um sincronismo perfeito, as três brandiram as suas sombrinhas de renda, disseram que já tinham comido o suficiente e, tocando com as pontas dos dedos nos braços dos homens que estavam mais próximos delas, manifestavam delicadamente o desejo de visitar o roseiral, a nascente e o jardim. Esta retirada estratégica, feita em boa ordem, não passou despercebida às mulheres que se encontravam presentes, ao contrário do que sucedeu com os homens, que não prestaram atenção ao facto.

Scarlett soltou uma risada de escárnio, ao ver a sua corte desfalcada de três homens que eram arrastados quase à força pelas raparigas, a pretexto de irem visitar locais que eles conheciam desde a infância. Lançou um olhar de esguelha a Astiley, na esperança de que ele tivesse reparado na manobra. Mas Ashlev estava entretido a brincar com as pontas da faixa de Melanie e sorria, embevecido, para ela. Uma dor aguda estrangulou o coração de Scarlett, que sentiu ganas de cravar as unhas na pele ebúrnea da rival até o sangue correr. E com que prazer o faria!

Ao desviar a vista de Melanie, surpreendeu o olhar de Rhett Butler, que se mantinha à parte dos restantes convivas conversando com John Wilkes. Tinha estado a observá-la e, quando ela o fitou, desatou às gargalhadas. Scarlett

140

experimentou uma sensação de constrangimento ao pensar que aquele homem, que toda a gente se recusava a receber, era o único dos presentes, que sabia o que se passava por trás da sua alegria transbordante. E, vendo a satisfação sardónica com que ele se ria do seu sofrimento, sentiu vontade de o agatilhar também.

"Se eu conseguir resistir até logo à tarde", pensou, "talvez me seja possível falar a sós com Ashley, quando todas as outras raparigas se retirarem para dormir a sesta, a fim de estarem frescas para o baile, à noite. Deixar-me-ei ficar no rés-do-chão e, seja como for, hei-de arranjar maneira de conversar com ele em particular. É impossível que Ashley não tenha reparado no meu êxito". Deixou-se embalar por uma nova esperança. "Se formos a ver bem as coisas, ele não podia proceder de outra forma. No fim de contas, Melanie sempre é sua prima. Tem direito a ser tratada com toda a deferência e Ashley bem deve saber que, se não fosse ele a distraí-la, também 'nenhum outro rapaz se daria a esse incómodo, clo".

Este pensamento instilou-lhe coragem nova e desvaneceu o receio que de novo começava a assaltá-la. Redobrou de atenções para com Charles, que a devorava com os seus olhos castanhos, melancólicos. Foi um dia extraordinário, um dia de sonho, para o moço Hamilton, que se apaixonou loucamente por Scarlett sem o menor esforço. Em face daquela emoção nova, Honey Wilkes transformou-se numa sombra que não tardou a desaparecer por completo aos olhos dele. Honey não era mais do que um pardal, de voz estrídula, que o deixava deslumbrante, que o fascinava. Scarlett implicava com ele, favorecia-o com sorrisos e olhares incandescentes. Fazia-lhe perguntas sobre perguntas, a

que ela própria respondia, de forma a dar a entender que tinha em alto apreço a sua inteligência, embora Charles não dissesse uma palavra. Os outros rapazes estavam ao mesmo tempo aborrecidos e intrigados perante o interesse que Scarlett manifestava por Charles, pois sabiam que ele era absolutamente incapaz de alinhar uma frase com sentido. Viram-se obrigados a apelar para toda a sua polidez a fim de ocultarem o furor crescente que os dominava. Estavam todos apaixonados por ela e, se não fosse a indiferença revelada por Ashley, o triunfo de Scarlett teria sido completo. Quando viu os últimos convivas levarem à boca as derradeiras garfadas de porco, carneiro e galinha, Scarlett jul-

141

gou chegado o momento de India se levantar e sugerir às senhoras uns minutos de repouso. Eram duas horas da tarde e o sol escaldava, mas India, fátigada pelos preparativos para a festa, que se tinham arrastado durante três dias consecutivos, parecia satisfeita com aqueles breves instantes de descanso, ali sob o caramanchão. Estava estendida a falar com um convidado vindo de Fayetteville e que não ouvia bem, pelo que se via forçada a levantar a voz, a qual se elevava acima do rumor confuso das conversas.

Apoderou-se, de todos os convivas uma modorra preguiçosa. Sem pressas, os criados negros começaram a levantar as longas mesas, sobre as quais ainda se viam restos de comida. As gargalhadas foram rareando e as vozes principiaram a baixar de tom. Os grupos calaram-se uns após outros, até o silêncio ser quase completo. Os convidados aguardavam com certa ansiedade que a dona da casa desse por terminada aquela primeira parte da festa. As ventarolas de palmas moviam-se mais lentamente e algumas pessoas mais idosas, sufocadas pelo calor e com o estômago sobrecarregado de carnes e dos mais diversos acepipes, cabeceavam com sono. O piquenique findara e todos desejavam procurar outros locais mais frescos e isolados onde pudessem repousar à vontade, enquanto o Sol não descesse irais4 no firmamento.

Durante as horas que medeavam entre o piquenique e o baile, os convidados pareciam formar uma multidão pacífica e indolente. Apenas os novos conservaram a vivacidade de que, horas antes, toda a gente havia dado, mostras. Circulando de grupo em grupo, exprimindo-se com vozes suaves e arrastadas, eram tão belos como garanhões de puro sangue e tão perigosos como eles, o calor da

tarde tinha vencido os convidados, mas, sob aquele langor aparente, vibravam temperamentos, assoniadiços, que, uma vez excitados, podiam dum instante para outro levá-los a todos os excessos. Mulheres e homens eram garbosos e selvagens, de uma selvajaria primitiva que dissimulavam sob as, suas maneiras gentis, sob a fina camada superficial de verniz de que a civilização os revestira. O sol escaldava -cada vez mais e tanto Searlett como os restantes convivas olharam de novo para India Wilkes.

O rumor das conversas tinha esmorecido quase completamente quando, no meio do silêncio, se elevou de súbito a voz de Gerald, vibrando de indignação. O proprietário de

142

Tara estava de Dê a alguma distância das mesas, discutindo vivamente com John Wilkes.

- Com seiscentos diabos, homem! Pensar num entendimento pacífico com os yankees depois de os termos expulsado a tiro do Forte Sumter? Entendimento pacífico! O Sul há-de provar, com armas nas mãos que não se deixa insultar impunemente! E que, se se desligou da União, não foi por condescendência desta, mas sim porque tem plena consciência da sua força.

"Deus, do céu!" pensou Scarlett. "Só me faltava mais esta! Deram-lhe corda e agora não acaba antes da meia-noite!"

Numa fracção de segundo, a multidão sonolenta despertou da pesada modorra que momentos antes se apoderara de todos e o ambiente como que se galvanizou de súbito. Estabeleceu-se um tumulto, Os homens levantaram-se bruscamente abandonando o conforto das cadeiras, bancos e tamboretas. Queriam falar todos ao mesmo tempo e gesticulavam violentamente. Cada qual tentava fazer ouvir a sua voz acima das restantes, do que resultou que daí a pouco já ninguém conseguia entender-se no meio daquele barulho infernal. Durante a manhã, ninguém se atrevera a fazer nenhuma alusão à guerra em perspectiva nem a aflorar questões políticas, pois John Wilkes pedira a todos os convidados que se abstivessem de tocar nesses assuntos, tão desagradáveis para as senhoras. Mas Gerald acabava de se referir ao Forte Sumter e foi quanto bastou para que todos se esquecessem da recomendação que o dono da casa lhes fizera.

"Pois com certeza que nos bateremos!" - "Os yankees são uma corja de ladrões" - "Daremos cabo deles em menos dum mês" - "Um sulista vale por vinte yankees" -

"Hão-de aprender à sua própria custa" - "Pacíficos? Pois eles nunca nos deixaram em paz!" -

"Viram como Lincoln insultou os nossos emissários?" - "É verdade! Andou a entretê-los durante semanas inteiras com promessas de mandar evacuar o Forte Sumter e afinal foi o que se viu!" -

"Querem guerra? Pois não-de tê-la!"

E, dominando todas as vozes, ouvia-se a de Gerald, clamando sem cessar:

-Direitos dos Estados! Valha-me Deus! Direitos dos Estados!

143

Gerald estava satisfeitiíssimo, mas o mesmo já não sucedia com a filha.

A Secessão, a guerra... Havia muito tempo já que estas palavras exasperavam Scarlett, à força de tanto as ter ouvido. Naquele momento, porâni, sentiu invadi-la um ódio mortal por elas, Os homens ficariam ali a discutir a situação durante horas a fio e ela não teria oportunidade de falar a sós com Asliley. Evidentemente, toda a gente sabia que a guerra nunca ultrapassaria o domínio das hipóteses, mas os homens pareciam encontrar prazer especial em pintar o futuro com as mais sombrias cores, preconizando o início das hostilidades para breve e delirando com essa possibilidade.

Charles, Hamilton não se levantara como os demais e, vendo-se praticamente sózinho ao lado de Searlett, aproximou-se mais dela e decidiu aproveitar o ensejo para se lhe declarar, com a audácia dum moço que, pela primeira vez, sente o coração pulsar ao ritmo do verdadeiro amor.

- Menina O'Hara... eu... eu estive a pensar e resolvi ir alistar-me na Carolina do Sul, no caso de haver guerra. Constou-me que Wade Hamplon está a organizar um corpo de cavalaria e eu gostaria bastante de lutar sob as ordens dele. Era o melhor amigo do meu pai e considero-o ótima criatura.

"Que diabo espera ele que eu faça?" pensou Scarlett. "Que bata palmas?" Porque a fisionomia de Charles dizia-lhe que o pobre moço lhe estava revelando o mais íntimo segredo do seu coração. Sem saber que resposta dar, limitou-se a encará-lo pensando como os homens por vezes eram tolos a ponto de julgarem que as mulheres se interessavam pela guerra e pela política. Tomando a atitude dela como uma aprovação tácita, Charles prosseguiu; vivamente, com uma ousadia de que nunca se julgara capaz:

- Se eu for... sentirá a minha falta, menina O'Hara? -Passarei as noites inteiras a chorar- respondeu Scarlett, de brincadeira, mas Charles interpretou as palavras dela como sendo sinceras e corou de prazer.

Scarlett tinha a mão oculta no colo sob as pregas do vestido, e Charles surpreendido perante a sua própria ousadia e a aquiescência da rapariga, apoderou-se cautelosamente dela e apertou-a entre os dedos, com meiguice, a medo.

-Rezará por mim.?

144

"Que, idiota!" pensou Scarlett, com azedume, lançando um olhar ansioso à sua volta, na esperança de que alguém viesse interromper a conversa.

- Rezará?

- Pois com certeza, senhor Hamilton. Três rosários ao deitar, nada menos.

Charles olhou rapidamente em redor e inspirou fundo, contraindo os músculos do estômago. Encontravam-se praticamente sózinhos e talvez que nunca mais se lhe deparasse uma oportunidade semelhante àquela. Não bastaria que Deus lhe concedesse a graça de lhe proporcionar novo ensejo; seria preciso também que a coragem lhe não faltasse na altura própria.

- Menina O'Hara... quero dizer-lhe uma coisa... Eu... eu amo-a!

- Hum? - murmurou Scarlett, distraída, tentando descortinar, através da multidão de homens aglomerados em

torno de Gerald, o local onde Asliley e Melanie continuavam sentados, conversando animadamente.

- Amo-a! - repetiu Charles, numa voz sussurrante, admirado por ver que Scarlett não rira nem gritara, nem sequer perdera os sentidos, como sempre julgava-que acontecia naquelas circunstâncias. - Adoro-a! Você é a rapariga mais... mais... - Pela primeira vez na sua

vida parecia ter encontrado a língua. -...A rapariga mais bonita que eu até hoje conheci, a mais delicada e gentil. Amo-a com toda a minha alma. Sei que Dara um homem como eu seria muita felicidade junta ver o seu amor correspondido por uma rapariga tão bela. Mas garanto-lhe que, se me animar com uma só palavra que seja, farei o impossível por conquistar o seu coração. Farei...

Charles calou-se bruscamente, sem conseguir imaginar nada que se lhe afigurasse suficientemente difícil de fazer para demonstrar a Scarlett quão profundos eram os sentimentos que ela lhe inspirava. Pensou durante alguns momentos e disse, com simplicidade:

- Quero casar consigo. Scarlett como que despertou dum sonho, ao ouvir falar em casar. Acabava nesse instante de pensar em Asliley, na fuga que planeava, no casamento em Jonesboro, e encarou Charles com um olhar glacial, em que deixou transparecer toda a sua irritação. Por que diabo teria aquele idiota, de olhos de carneiro mal morto, escolhido precisamente um

10 - Vento Levou - 1

145

dia em que ela estava tão atormentada quase louca de desespero, para a importunar com uma declaração de amor? Fitou imediatamente os olhos castanhos que a miravam, suplicantes, mas não viu neles nem o encanto da primeira paixão dum rapaz tímido, nem a adoração dum ideal que finalmente se corporizava, nem a maravilhosa felicidade e ternura que devoravam o coração de Charles como uma chama, Scarlett estava acostumada a ser pedida em casamento por homens

muito mais atraentes que Charleg Hamilton e suficientemente astutos para evitarem fazer declarações de amor no fim dum piquenique e justamente numa altura em que o pensamento dela se encontrava tão preocupado com outros problemas. À sua frente viu apenas um rapaz de vinte anos, vermelho que nem um pimentão e de ar atoleimado, Teve pena de não lhe poder dizer o que na realidade pensava a respeito dele. Maquinalmente, afluíra-lhe aos lábios as palavras que Ellen lhe havia ensinado para ocasiões como aquela.

Senhor Hamilton - murmurou baixando os olhos pudicamente, pela força do hábito - estou-lhe muito grata pela honra com que acaba'de me distinguir, desejando fazer de mim sua esposa, mas confesso que fiquei tão surpreendida que nem sei G que responder.

Era aquele o melhor processo de deixar o homem na dúvida, sem todavia ferir o seu amor-próprio. Charles caiu imediatamente na esparrela, como se a armadilha fosse nova e ele o primeiro a deixar-se apanhar.

-Esperarei a vida inteira, se for preciso! Aliás, nunca casaria consigo sem que estivesse seguro dos seus sentimentos. Por favor, menina O'Hara, acha que posso ter uma esperança?

Hum! - murmurou Scarlett, cujos olhos de lince aca, bavam de notar que Ashley, agora de pé para tomar párté na discussão, sorria nesse instante para Melanie.

Se ao menos aquele idiota que lhe apertava a mão com uns dedos que mais pareciam tenazes se calasse por alguns momentos apenas, talvez ela conseguisse ouvir um fragmento da conversa dos dois namorados. Estava com curiosidade de saber o que Melanie dizia a Ashley para o interessar a tal ponto.

Mas Charles continuava a falar, abafando a voz deles, impossibilitando-a de perceber as palavras.

146

- Chiu! -ordenou, em tom autoritário beliscando-lhe a mão, sem mesmo se dar ao trabalho de'olhar para ele.

Surpreendido, Charles perdeu a linha e enrubescceu, mas, vendo os olhos de Scarlett cravados em Melanie, sorriu compreensivamente. Scarlett estava com receio de que alguém ouvisse o que nesse momento lhe dizia. Naturalmente, sentiu-se constrangida e intimidada. Charles impou de orgulho, pois que nunca até ali tinha conseguido intimidar uma rapariga. Sentia que estava a operar-se em si uma estranha metamorfose cuja evolução o transformaria num homem novo, dife@nte, intrépido e viril. Tentou imprimir à fisionomia uma expressão serena e, por seu turno, beliscou também a mão de Scarlett, a fim de lhe mostrar que possuía bastante experiência da vida para compreender e aceitar a sua advertência.

Scarlett, porém, nem sequer sentiu o beliscão pois que nesse instante ouvia distintamente a voz doce d@ Melanie:

-Tenho muita pena, mas não concordo consigo, no que se refere às obras de Thackeray. P, um cínico e estou persuadida de que o seu cavalheirismo fica muito aquém do de Dickens.

"Que tolice! Discutir literatura com um homem!" pensou Scarlett, com um sorriso de alívio e fazendo um esforço sobre si mesma para não soltar uma gargalhada. "Melanie tem a mania dos livros e toda a gente sabe o que os rapazes pensam acerca das mulheres assim... Para despertar e manter bem vivo o interesse dum homem não há nada como falar-lhe a seu respeito e ir desviando a pouco e pouco o rumo ao assunto até nos tornarmos nós o fulcro da conversa".

Se Melanie houvesse dito: "Você é extraordinário! " ou: "Como, pode pensar em todas essas coisas? A minha cabeça rebentaria, certamente, se alguma vez tentasse compreendê-las!", Scarlett ter-se-ia alarmado. Em vez disso porém, Melanie, com um homem sentado a seus pes, falava com ele como se estivesse numa igreja, discutindo temas sérios e profundos. Foi tal a sua satisfação, o futuro afigurou-se-lhe tão risonho que voltou para Charles um olhar radioso, encarando-o com um sorriso alegre. Deslumbrado com aquela manifestação de afecto ' o rapaz tomou-lhe o leque das mãos e pôs-se a abaná-la com tanto frenesi que os cabelos de Scarlett começaram a esvoaçar.

- Ashley, você ainda não nos deu a sua opinião - disse

a I-

Jim Tarleton, destacando-se do grupo de homens aglomerados em torno de Gerald O'11ara. Ashley pediu desculpa a Melanie e, levantando-se, encaminhou-se na direcção dos convidados. Scarlett observou a graça da sua atitude desprendida, a maneira encantadora como o sol lhe acariciava o bigode e os cabelos dourados, e pensou que, de todos os presentes, era ele sem dúvida o rapaz mais simpático e atraente. Até os próprios velhos se calaram para o escutar.

- Evidentemente que meus senhores, se a Geõrgia entrar em luta, eu me baterei por ela -declarou com voz calma. -Foi por isso mesmo que me alistei.

Os seus olhos cinzentos dilataram-se e o brilho lânguido que normalmente ostentavam deu lugar a um clarão metálico que Scarlett nunca lhes tinha visto.

-No entanto, tal qual sucede com o meu pai, também eu espero que os yankees nos deixem tranquilos e que não haja guerra... - Levantou. a mão num gesto conciliatório e sorriu, ao ouvir os protestos dos irmãos Tarletons e dos Fontaines. -Sim, sim, eu sei muito bem que nos insultaram, que nos mentiram... Mas imaginemos por momentos que nos encontrávamos no lugar dos yankees e que eles de repente resolviam abandonar a União. Que teríamos nós feito? O mesmo ou pior do que eles. Não ficaríamos nada satisfeitos com a graça.

"Lá está ele outra vez! Parece que sente prazer especial em se meter nos chinelos dos outros", pensou Scarlett. Para ela, em qualquer disputa só uma opinião contava. Por isso não compreendia a atitude de Ashley.

- Não nos precipitemos e façamos o possível por evitar um conflito. A maioria das desgraças da humanidade são provocadas pelas guerras. E o mais curioso é que, findas as hostilidades, ninguém sabe ao certo o que as motivoV.

Scarlett fez uma careta. Felizmente que Ashley tinÊa a sua reputação de homem corajoso a salvo de qualquer ataque, pois de contrário arriscar-se-ia a passar um bocado desagradável. Ainda Scarlett nãa tinha acabado de formular este pensamento, quando um coro de vozes indignadas, furiosas, se fez ouvir em protestos violentos contra o arrazoado de Ashley.

Sob o caramanchão, o velhote surdo, que se deixara ficar sentado ao lado de India, chamou a, atenção desta com meia dúzia de cotoveladas imperiosas.

-Que aconteceu? Que estão eles a dizer?

148

- Estão a falar em guerra - berrou-lhe India ao ouvido. - Querem bater-se contra os yankees.

-Com que então eles querem guerra? -exclamou o ancião, olhando em torno de si, à procura da bengala. Em seguida, ergueu-se da cadeira, demonstrando uma energia de que ninguém o supunha capaz. -Eu é que lhes vou dizer o que a guerra é. Já estive em duas e sei muitíssimo bem o que isso representa.

Era muito raro o senhor MeRae ter oportunidade de falar nas suas campanhas, pois as senhoras da sua família detestavam ouvir referências a tais banalidades. Coxeando, brandindo a bengala, gritando a plenos pulmões, o velhote aproximou-se rapidamente do grupo e como não ouvia os comentários que lhe faziam, em brev@ ficou senhor absoluto da situação.

- Escutem, rapazes,! Deixem-se de fanfarronices e tenham juízo! Não pensem mais na guerra. Eu já combati em duas e sei o que isso é. Tomei parte na luta contra os índios seminolas e fui suficientemente tolo para também me alistar nas tropas que se bateram no México. Vocês ignoram todos o que uma guerra é. Julgam que se trata duma aventura interessante, que consiste em montar um lindo cavalo e voltar para casa como heróis, cobertos de flores atiradas pelas raparigas. Pois acreditem que não é nada disso! Não, meus senhores!]@ uma coisa completamente diferente. Uma pessoa farta-se de passar fome, arrisca-se a apanhar uma carga de sarampo ou uma pneu=nia, à força de dormir ao relento. E, quando não se apanha nem sarampo nem pneumonia, são as tripas

que se revoltam. Sim, meus caros senhores, gostaria que fizessem ideia do estado em que uma guerra deixa os intestinos dum homem... com a disenteria e outras doenças do gênero. As senhoras coraram até à raiz dos cabelos. Como a avó dos Fontaines, com as suas eructações estrondosas, o senhor MeRae fazia acudirem ao espírito da maioria dos convivas recordações duma época quase apagada nas coisas do passado, duma época que todos desejariam ter esquecido. -Vá depressa buscar o avô -segredou uma das filhas do ancião a uma garota que se encontrava perto. E acrescentou, dirigindo-se às matronas que a cercavam: - O meu pai está cada, vez pior. Imaginem que ainda esta manhã ele disse a Mary, que tem apenas dezasseis anos: "Ouve, minha filha ... "

149

E a voz dela perdeu-se num murmúrio enquanto a neta de MeRae se esgueirava entre os convidados, a fim de dar a entender ao, avô que seria mais conveniente retomar o seu lugar à sombra.

Entre to-da aquela gente que, fugindo do calor do Sol, buscara a frescura, do arvoredado, apenas uma pessoa parecia conservar a calma.' Scarlett passou a vista à sua volta, observando a multidão que a rodeava, composta na sua grande maioria por raparigas, que sorriam, enervadas, e por homens que discutiam acaloradamente, e o seu olhar pousou sobre a figura de Rhett Butler. Encostado a uma árvore, com as mãos enfiadas nas algibeiras, ali se deixara ficar, sózinho, desde o momento em que John Wilkes o abandonara, a fim de atender os restantes convidados. Até àquele momento, tinha assistido aos debates sem pronunciar uma palavra. Sob o bigode aparado rente, os lábios entreabriam-se-lhe num sorriso irónico e nos olhos brilhava-lhe um clarão sarcástico, como se estivesse presenciando uma controvérsia de garotos que falavam sem conhecimento de causa. "Um sorriso deveras, impertinente", pensou Scarlett. Butler escutou em silêncio os argumentos apresentados de parte a parte, até que Stuart Tarleton, com a cabeleira ruiva desgrenhada e os olhos coruscantes exclamou:

- P, como lhes digo! Derrotá-los-emos em menos dum mês! Os nobres sempre lutaram melhor da que a ralé. Um mês... nem tanto será preciso talvez. É possível que a questão fique resolvida a nosso favor logo na primeira batalha...

- Senhores - interveio Rliett Bufler, com a pronúncia arrastada, característica dos naturais de Charleston e sem mudar de posição nem tirar as mãos dos bolsos - dão-me licença que diga @ma palavra?

A sua atitude, a própria maneira como ele encarava as pessoas que o cercavam, denunciavam o mais profundo desdém, um desdém velado por um ar cortês que, fosse porque fosse, parecia meter a ridículo toda a assistência.

O grupo voltou-se para ele e dispensou ao seu pedido o acolhimento devido a um estranho. ,

-os senhores já pensaram no facto de que não existem fábricas de armamento para cá da linha Mason-Dixon? Já repararam no reduzido número de fundições de aço que existem no sul? E na falta de fábricas de curtumes e de tecelagem de lã e de algodão? Já se lembraram de que não possuímo@ um único vaso de guerra e que a Armada yankee

150

poderia bloquear-nos nos portos em menos de uma semana, impossibilitando-nos de exportar o algodãG? Tenho a certeza de que todos os senhores já meditaram nestes pequenos pormenores, não é verdade?

"P, preciso ter coragem!" pensou Searlett, corando de indignação. "Fala como se os rapazes fossem todos asnos chapados!"

Não foi ela a única pessoa a quem ocorreu essa, ideia, pois que uma grande parte dos rapazes espetou o 'q'ueixo e empertigou o peito. John Wilkes retomou o seu lugar ao lado do orador, como

para fazer notar a todos os presentes que aquele homem era seu convidado e que, além disso, se encontravam senhora a assistir à cena.

-O nosso mal-prosseguir Rhett Butler-é que, ou viajamos muito pouco, ou não tiramos proveito nenhum das viagens que fazemos. Evidentemente, os senhores são pessoas bastante viajadas e, por conseguinte as minhas palavras não podem ser-lhes aplicadas. No entanto, que viram os senhores durante essas viagens? Foram à Europa, visitaram Nova Iorque, estiveram em Filadélfia? As senhoras, naturalmente, conhecem todas Saratoga. - Fez uma ligeira vénia na direcção do grupo de matronas reunido sob o caramanchão. - Pernoitaram nos melhores hotéis, percorreram os museus, dançaram nos clubes, jogaram nos casinos e voltaram para casa mais convencidos do que nunca de que não há nada que se compare com o Sul! Eu nasci em Charleston, mas tenho vivido estes últimos anos no Norte. - Um sorriso largo descobriu-lhe duas fileiras de dentes brancos, como se estivesse persuadido de que ninguém ignorava o motivo por que tivera de abandonar Charleston e o facto lhe fosse completamente indiferente. - Tenho visto muita coisa que nenhum dos senhores viu. Vi mulheres de emigrantes que não hesitarão em pegar em armas contra os exércitos do Sul a troco de um bocado de pão e de meia dúzia de dólares, para não falar nas fábricas, nas fundições, nos estaleiros de construção naval, nas minas de ferro e de carvão... e em muitas outras coisas que nós não possuímos. Porque a verdade é que, além do algodão, dos escravos e duma tremenda dose de arrogância, nós não temos mais nada. Se houver guerra, eles é que nos destruirão em menos de um mês.

Calou-se e, durante longos momentos, um silêncio opressivo reinou sob o arvoredor. Rhett Butler tirou do bolso um

151

lenço de linho fino e sacudiu negligentemente de-a-manga do casaco um grão de poeira. Depois, elevou-se da multidão um murmúrio surdo, enquanto o caramanchão lhe chegava aos ouvidos um rumor que lembrava o zumbido duma colmeia de abelhas enfurecidas. Embora sentisse ainda as faces a arder de cólera, Scarlett não pôde deixar de reconhecer que havia grande fundo de verdade nas palavras de Rhett Butler. Pela boca dele acabava de falar o bom-senso. De facto, Scarlett nunca vira uma fábrica nem sabia de ninguém que as tivesse visto, no Sul. Mesmo assim, porém, um cavalheiro nunca faria afirmações daquela ordem no decurso duma festa onde as pessoas tinham ido em busca de distração.

De sobranceiras franzidas, Stuart Tarleton avançou um passo, seguido de Brent. Ambos os gérmeos eram suficientemente bem educados para se absterem de armar zaragatas num piquenique, por muito que fossem provocados. Apesar disso, as senhoras experimentaram uma emoção agradável, pois que só muito raramente lhes era dado assistir a cenas de pugilato, das quais só costumavam ter conhecimento por intermédio de terceiras pessoas. - Que pretende insinuar com isso, cavalheiro? - inquiriu Stuart em tom glacial.

Rhett fitou-o com olhar cortês, mas irónico, e respondeu:

- O mesmo que Napoleão... espero que o nome não lhe seja estranho... ao afirmar certo dia: "Deus está sempre ao lado do exército mais forte!" - E, voltando-se para John Wilkes numa atitude sinceramente respeitosa, acrescentou:

- Permita-me, senhor, que lhe recorde o seu prometimento. Seria abusar da sua paciência pedir-lhe agora que me mostrasse a sua biblioteca? Deixei uns negócios pendentes em Jonesboro, de forma que terei de regressar mais cedo.

Virou-se para fazer face à multidão bateu os calcanhares e curvou-se numa mesura, rápida como um mestre de dança, agradecendo, no palco, os aplausos dos espectadores. Foi um gesto gracioso, dada a sua corpulência, mas tão insolente como uma bofetada em pleno rosto. Em seguida, atravessou o relvado na companhia de John Wilkes, de frente erguida e busto empertigado num ar muito rilarcial. Os ecos do seu riso desagradável chegaram até aos ouvidos daqueles que tinham ficado junto das mesas.

Ao silêncio profundo da sua presa seguiu-se novamente o murmúrio das conversas. Com ar fatigado India abandonou a cadeira em que estivera sentada, sob o caramanchão,
152

e acercou-se de Stuart Tarleton, que escumava de raiva. Scarlett não conseguiu ouvir o que India lhe disse mas a maneira como ela o fitou causou-lhe uma espécie de remorso. Era o mesmo olhar de eterna dedicação com que Melanie costumava encarar Asliley. Stuart, porém parecia não dar por isso. India continuava a amá-lo. Scarlett pensou por instantes que se no ano anterior não tivesse animado as atenções de Stuart, há muito que ele teria casado com India. Mas os remorsos depressa se dissiparam, ante o raciocínio tranquilizador que lhe dizia não ter ela culpa de que as outras raparigas não soubessem reter os homens que haviam escolhido.

Stuart acabou por sorrir para a sua antiga namorada e sacudi a cabeça afirmativamente, num gesto de concordância. Possivelmente, India tinha ido pedir-lhe que deixasse o senhor Bufler em paz e não provocasse conflitos. De entre o arvoredo elevou-se o rumor confuso dos convivas que se levantavam, sacudindo as migalhas do colo. As senhoras casadas chamavam as criadas e as crianças, a fim de as reunirem antes de partir. Rindo e conversando, as raparigas encaminharam-se para casa, aos grupinhos, em direcção aos dormitórios, onde aproveitariam as horas da sesta para fazerem comentários e trocarem confidências.

As mulheres casadas, com excepção da senhora Tarleton, retiraram-se também, deixando os homens em liberdade à sombra dos carvalhos e do caramanchão. Gerald O'Hara, Jim Calvert e outros retiveram junto de si a mãe dos gêmeos, na esperança de conseguirem uma resposta favorável acerca da venda de cavalos para o Regimento.

Com um sorriso pensativo e ao mesmo tempo divertido a bailar-lhe nos lábios Asliley aproximou-se lentamente do local onde Scarlett e Charles se encontravam sentados.

-Que arrogância a daquele sujeito - observou, seguindo com a vista a figura de Rhett Butler, que se afastava. - Até faz lembrar um dos Bórgias, não faz?

Scarlett, passou rapidamente em revista os nomes das pessoas conhecidas e não logrou recordar-se de nenhuma família da comarca nem de Atlanta ou de Savannah, que usasse aquele apelido.

- Não conheço ninguém com esse nome. São parentes dele? Onde vivem?

Uma expressão estranha anuviou o rosto de Charles, em que a incredulidade e a desilusão lutavam com o amor. Con-

153

ü@'àI"

tudo, o amor triunfou. Charles compreendeu que uma rapariga não precisava ser culta; bastava-lhe ser meiga e gentil e formosa. E apressou-se a explicar, em tom desprendido:

- Os Bórgias eram italianos...

- Ah! - exclamou Scarlett, desinteressando-se. - Estrangeiros...

Dirigiu a Ashley um sorriso provocante mas por qualquer razão que não descortinou no momento, ele desviou a vista e fitou Charles, com olhos que traíam um sentimento misto de compreensão e pesar.

Scarlett saiu para o patamar e debruçou-se cautelosa mente sobre o corrimão a fim de ver o vestíbulo do pavimento inferior. Estava vazio. Dos quartos de cama situados no último andar chegava-lhe aos ouvidos o murmúrio incessante de vozes femininas, em surdina, entrecortadas por gritinhos e risos abafados e perguntas como estas: "Palavra que fizeste isso?" ou "E que disse ele?" As raparigas repousavam nas seis vastas alcovas transformadas em dormitórios colectivos, com os cabelos soltos, depois de terem despido os vestidos e afrouxado os espartilhos. A sesta era costume da região, que se tornava necessidade durante festas como aquela, que principiavam de manhã cedo e terminavam já de noite, com um baile. Durante cerca de meia hora, as raparigas iam tagarelar a respeito disto ou daquilo e entremeando as frases com bocejos cuja frequência aumentaria gradualmente até que as criadas baixassem as persianas. E então, na semiobscuridade tépida que

envolveria as salas e as suas ocupantes, o rumor das conversas esmoreceria a pouco e pouco, transformando-se em sussurro que acabaria por se desvanecer totalmente, dando lugar a um silêncio apenas interrompido pelo ritmo da respiração calma e regular.

Antes de se aventurar no corredor e de começar a descer a escada, Scarlett tratou de se certificar de que Melanie se encontrava deitada numa das camas, em companhia de Honey Wilkes, e de Hetty Tarleton.

Através da janela do patamar avistou o grupo masculino sob o caramanchão. Os homens continuavam a discutir, a julgar pela maneira como gesticulavam e, sufocados pelo calor, esvaziavam copos sobre copos das mais variadas bebidas. Procurou Ashley entre eles, mas não conseguiu descobri-lo. Em seguida, apurou o ouvido e reconheceu-lhe a

154

voz, que chegava até ela, muito sumida. Como calculara, Asliley encontrava-se ainda na alameda, despedindo-se das senhoras e das crianças que se retiravam para as suas casas.

Com o coração na garganta, Scarlett precipitou-se pela escada abaixo. E se topasse com o senhor Wilkes? Que desculpa invocaria ela para o facto de andar a vaguear pela casa numa altura em que todas as outras raparigas dormiam a sesta? Era um risco que -tinha, de correr, já que o não podia evitar.

No momento em que chegou ao fundo dos degraus, ouviu o barulho que fazia a criadagem, na sala de jantar, removendo, sob as ordens do mordomo, a mesa e as cadeiras, a fim de prepararem o aposento para o baile. A porta da biblioteca, que se rasgava na parede oposta do vestíbulo, estava aberta.. Dirigiu-se para lá, com passos rápidos e silenciosos. Esperaria ali que Ashley acabasse de receber os cumprimentos de despedida e chamá-lo-ia quando ele se preparasse para entrar em casa. A biblioteca estava quase às escuras, pois o mordomo tinha mandado descer as persianas, por causa do sol. O aspecto sombrio do vasto aposento, cujas paredes quase desapaeciam atrás das estantes que as forravam impressionou-a imenso. Aquele estava muito longe de ser o local que sempre idealizara para ouvir uma declaração de amor dos lábios do homem que amava. A visão de grande número de livros deprimia-a, produzindo nela o mesmo efeito que lhe causavam todas as pessoas que tinham a paixão da leitura - todas à excepção de Ashley. Os móveis de mogno maciço, pareciam erguer-se contra ela, ameaç@do-res, na

penumbra que reinava na sala. A mobília compunha-se de cadeiras de espaldar, de assento profundo e braços largos, feitas especialmente para homens da estatura dos Wilkes, e duma série de poltronas baixas, de veludo, confortavelmente estofadas, que se destinavam às raparigas. Ao fundo da biblioteca, na parede oposta à lareira, via-se um enorme sofá, cujo encosto se assemelhava ao dorso arqueado dum corpulento animal adormecido. Era aquél ele o refúgio predilecto de Ashley.

Deixando apenas uma fresta aberta, Scarlett cerrou a porta e tentou acalmar o coração, que parecia galopar-lhe @entro do peito. Tentou recordar-se do que na véspera, à noite, projectara dizer a Ashley, mas já não se lembrava de nada. Teria ela pensado nalguma coisa especial de que

155

se houvesse esquecido ou seria Asliley que, segundo o plano architectado, deveria tocar-lhe no assunto? Assaltou-a um terror mortal, ao verificar que não lograva chegar a conclusão nenhuma. Se ao menos o coração deixasse de bater daquela maneira, talvez ela conseguisse reconstituir o plano que formara na noite anterior. Mas o ritmo surdo e precipitado das pulsações ainda se acelerou mais quando ouviu Ashley dizer um derradeiro adeus e penetr@r no vestíbulo.

Apenas um pensamento lhe acudia ao cérebro, o pensamento obcecante de que o seu amor por Ashley ultrapassava todos os limites. Amava tudo nele, desde o porte altivo da cabeça loura às botas que calçava, adorava as suas gargalhadas mesmo quando troçava dela, assim como as crises de siláciosa abstracção em que tão frequentemente incorria. Oh, se ele entrasse na biblioteca e a tomasse nos braços! Evitar-lhe-ia a necessidade de falar. Ashley amava~a, com certeza. Quem sabe se, rezando... Fechou os olhos e pôs-se a murmurar, à pressa:

-Ave Maria, cheia de graça... -Que surpresa tão agradável, Scarlett! A voz de Asliley abafou o zumbido que lhe soava aos ouvidos, lançando-a na mais inquietante confusão. Pela porta entreaberta, Asliley encarava-a com um sorriso írfnico nos lábios.

- De quem veio esconder-se aqui? De Charles ou dos gêmeos Tarletons;?

Sentiu cortar-se-lhe a respiração. Afinal, não passara despercebido a Asliley o êxito que ela nessa manhã obtivera junto dos homens. Encarou-o abertamente e estremeceu ao ver como ele era belo, com os seus olhos brilhantes que pareciam ignorar a profunda emoção que a dominava. In@capaz de dizer uma palavra, estendeu a mão e puxou Ashley para dentro da biblioteca. Surpreendido e intrigado, o rapaz acedeu ao desejo da s@ia encantadora companheira e entrou. Não se lembrava de ter visto Searlett tão excitada como

naquele momento, nem se recordava de alguma vez lhe ter notado nos olhos um brilho tão intenso. Apesar da obscuridade que reinava na sala, pôde distinguir a vermelhidão que afogueava as faces dela. Num gesto maquinal, fechou a porta e tomou as mãos de Scarlett.

-Que aconteceu? - perguntou em voz baixa. Ao sentir nas mãos o contacto dos dedos de Ashley, Scarlett estremeceu. Tinha chegado o inomento por que

156

tanto ansiara. Tudo iria passar-se como ela previra. Cruzavam-se-lhe no espírito mil pensamentos incoerentes e, no entanto, não conseguia articular uma só frase. Limitava-se a tremer e a contemplar Ashley com um olhar apaixonado. Por que razão não lhe diria ele nada?

- Que mistério é este? - inquiriu. - Quer contar-me algum segredo?

De súbito Scarlett recobrou a fala e, nesse mesmo instante, todas @s lições que durante tão longos anos a mãe lhe tinha dado se perderam na bruma do esquecimento. A alma irlandesa, o espírito impetuoso, objectivo, de Gerald, falou pela boca dela.

- S4m, quero contar-te um segredo... Amo-te. Durante longo momento reinou na sala um silêncio tão profundo que se diria que tanto ele como ela tinham cessado de respirar. Scarlett parou de tremer. Inundou-lhe o coração uma sensação mista de alegri 'a e de orgulho. Por que não teria ela mais cedo recorrido àquele processo? Era tão simples, à vista dos complicados estratagemas que lhe haviam ensinado... Ergueu a cabeça lentamente, para fitar Ashley. Os olhos dele exprimiam naquele instante incredulidade, consternação e qualquer coisa mais que Scarlett não lograva definir. Que seria? Já tinha visto uma expressão assim nos olhos de Gerald, num dia em que o seu cavalo preferido partira uma perna e ele fora obrigado a matá-lo. Por que teria ela ido buscar uma ideia tão estúpida? E por que seria que Ashley a encarava com ar tão estranho, sem dizer nada? Como que em resposta à sua pergunta muda, Ashley esboçou um sorriso afável, imprimindo à fisionomia uma expressão cuidadosamente estudada.

-Pelo que vejo, ainda não está contente com a sua obra. Não lhe basta o elevado número de corações que já hoje coleccionou - disse ele, com a sua voz acariciante, mas irónica. - Pretende completar a colecção com o meu, não é verdade? Mas bem sabe que o meu coração sempre lhe pertenceu. Foi nele até que afiou as unhas.

As coisas não estavam a correr-lhe bem... Não tinha sido aquela reacção que Scarlett previra. Entre todas as ideias que lhe tumultuavam no cérebro, houve uma que principiou a tomar forma. Fosse porque fosse Ashley estava a comportar-se como se julgasse que ela @ão fazia mais do que procurar divertir-se à sua custa. E, no entanto... Ashley devia saber que não era esse o caso.

157

- Ashley... Ashley... dize-me... Tens de me dizer... Por amor de Deus, Ashley, não faças troça de mim, agora. P, verdade que o teu coração me pertence? Oh, meu querido, eu...

Ashley pousou-lhe vivamente a mão nos lábios, deixando cair a máscara.

- Por favor, Scarlett, abstenha-se de dizer essas coisas. Não vê que não deve dizê-las? Não está a falar a sério, certamente. Ficará aborrecida consigo própria por ter falado assim e comigo por lhe haver dado ouvidos!

A rapariga atirou a cabeça para trás. Sentiu percorrer-lhe o corpo um frémito escaldante.

- Eu jamais poderia ficar aborrecida contigo. Ashley. Amo-te, não receio dizer-to e sei que tu retribuis o meu amor, porque... - Calou-se ruscamente. Nunca em toda a sua vida vira uma expressão de tão profundo embaraço.

- Ashley, tu... tu gostas de mim, não gostas?

- Sim - respondeu, com voz apagada. - Gosto de ti. Se ele lhe houvesse dito que a odiava, Scarlett nem por isso teria ficado mais estarecida. Avassalada por um receio enorme, agarrou-se ao braço de Ashley, incapaz de pronunciar um som.

- Esqueçamos as palavras que dissemos, sim? - sugeriu ele. - Vamo-nos embora 'Scarlett.

- Não - murmurou ela. - Não sairei daqui sem que me expliques o que se passa. Não queres... não queres casar comigo?

Ele respondeu apenas: - Estou noivo de Melanie. Inconscientemente, Scarlett deixou-se cair numa das poltronas de veludo. Sentado num tamborete aos pés dela, Ashley conservava-lhe as mãos prisioneiras entre os seus dedos. Não cessava de lhe dizer coisas... coisas que não faziam sentido, que ela não lograva compreender. Scarlett tinha a cabeça completamente vazia. Os pensamentos que ainda momentos antes lhe tumultuavam no espírito haviam desaparecido como por encanto deixando no seu lugar o vácuo absoluto, e as palavras de Ashley não produziam nela mais efeito do que a chuva sobre um vidro. Caíam em ouvidos surdos. Eram palavras ternas, plenas de compaixão, como as que um pai diz a um filho desgostoso, mas Scarlett não as escutava.

Apenas o nome de Melanie conseguiu chamá-la de novo a si. Ao ouvi-lo, ergueu a cabeça para encarar Ashley e

158

surpreendeu nos olhos dele aquela expressão distante que sempre a desconcertava - e uma expressão de ódio por si próprio.

- O meu pai tenciona anunciar o noivado esta noite. Devemos casar-nos brevemente. Não lhe disse nada porque supus que já soubesse. Pensei que ninguém ignorasse... tanto mais que toda a gente falava nisso de há alguns anos para cá. Nunca imaginei que a Scarlett ... Tem tantos apaixonados... Sempre julguei que Stuart ...

A vida, a sensibilidade, a compreensão começavam a iluminar de novo o espírito de Scarlett.

- Mas tu ainda há pouco disseste que gostas de mim... As mãos ardentes de Ashley escaldaram as dela.

- Quer obrigar-me a dizer-lhe coisas que a magoarão?

O silêncio de Scarlett forçou-o a prosseguir: - Como hei-de eu fazê-la compreender certas realidades da vida? Não tão nova, tão irreflectida... Ainda não sabe o que o casamento significa.

- Sei que te amo e é quanto basta.

- Aí é que está o seu engano, Scarlett. O amor não basta para garantir a felicidade de um casamento, quando se trata de duas criaturas tão diferentes como nós. Você exigiria tudo dum homem - o corpo, o coração, a alma, os pensamentos - e, se os não possuísse, considerar-se-ia infeliz. E eu nunca poderia pertencer-lhe inteiramente, Scarlett. Nem a si, nem a qualquer outra mulher. Quanto a mim, contentar-me-ia com o seu amor, com um pouco do seu espírito e da sua alma. Não reclamaria tudo e a Scarlett acabaria por detestar-me, por votar-me o mais profundo rancor. Odiaria todos os livros que leio e a música, que adoro pois que tanto os livros como a música me afastariam de si, embora por curtos momentos, apenas. E eu... eu...

- Gosta de Melanie?

- Melanie possui um temperamento semelhante ao meu. Corre-nos, em parte, o mesmo sangue nas veias e compreendemo-nos perfeitamente. Oh, Scarlett! Como eu gostaria de conseguir fazê-la

compreender que só pode haver harmonia e paz num casamento quando entre marido e mulher existem certas afinidades!

Já outra pessoa lhe dissera a mesma coisa ainda que por palavras diferentes. Quem teria sido? Scariett tinha a impressão de haver ouvido aquela frase um milhão de anos antes, mas continuava sem lhe apreender o sentido.

159

- Mas disse que gostava de mim - insistiu. - Não o devia ter dito. Algures no espírito de Scarlett brotou uma chama pálida que alastrou rapidamente transformando-lhe o cérebro numa fornalha de ódio que a cegava.

- Contudo, se levou a sua grossaria a ponto de confessar...

Ele empalideceu.

- De facto, fui bastante grosseiro. Não devia ter dito que gostava de si, estando noivo de Melanie. Procedi muito mal consigo, mas creia que ainda procedi muito pior para com ela. Devia ter-me calado. Ser-me-ia impossível não, gostar de si, Scarlett. Tem uma vivacidade que eu próprio desejaria possuir, pode vibrar de amor e de ódio com uma violência de que não sou capaz. Aos meus olhos, é simples como o fogo e o vento, ao passo que eu...

Scarlett pensou em Melanie e viu de súbito os seus olhos castanhos e tranquilos, de expressão distante, as suas mãos pequeninas e delicadas, dentro dos mitenes de renda preta, e imaginou-a mergulhada num daqueles transes de abstracção em que era vulgar encontrá-la. E então, explodiu, incapaz de conter por mais tempo a cólera que a devorava, uma cólera semelhante àquela que levara Gerald a matar um homem e os seus antepassados irlandeses a cometerem actos desonestos que haviam expiado na forca. O temperamento impetuoso dos O'Haras suplantou a calma dignidade dos Robillards, cuja educação esmerada lhes permitia suportarem em silêncio as contrariedades da vida e os reveses da sorte.

- Nesse caso, por que não diz a verdade? Nunca pensei que fosse tão covarde! Afinal o que tem é medo de casar comigo! Prefere unir o seu destino a uma parva que só sabe abrir a boca para dizer sim ou não e que lhe dará uma ninhada de crianças tão idiotas como ela. Ainda-

- Não consinto que fale assim a respeito de Melanie! - Vá para o inferno! Quem julga que é, para me dizer que não consente? Covarde! Canalha!... Andou a iludir-me, dando-me a entender que casaria comigo, que...

- Seja franca - suplicou Ashley. - Eu alguma vez... Mas Scarlett não queria nada com a franqueza, nesse instante, embora reconhecesse a justiça das palavras dele. Nem uma só vez Ashley havia transposto os limites da amizade, e este pensamento, longe de a acalmar, ainda ati-

160

çou mais o seu rancor, o rancor de uma rapariga que se vê ferida no seu amor-próprio. Correrá atrás de um homem que a não amava, que preferia desposar uma enfezada como Melanie! Oh, como estava arrependida de não ter seguido os conselhos que a mãe e a ama tantas vezes lhe haviam dado, recomendando-lhe que nunca revelasse a um homem os seus sentimentos a respeito dele nem que se tratasse apenas de simpatia. Tudo teria sido preferível à pesada humilhação porque estava passando agora!

Levantou-se dum pulo, com os punhos cerrados. Ashley pôs-se de pé também, dominando-a com a sua estatura

O seu rosto exprimia o sofrimento mudo de uma pessoa que se vê forçada a fazer face às realidades da vida, quando essas realidades são tristes e angustiosas.

- Odiá-lo-ei até à hora da morte! Covarde... infame... infame...

Desejaria empregar um termo mais violento ainda, mas desistiu de o procurar, pois não lhe ocorria nenhum.

- Scarlett... por favor... - murmurou ele, estendendo-lhe a mão.

Num acesso de raiva, ela esbofeteou-o com toda a sua força. No silêncio que reinava na sala o ruído do bofetão

ffibito @ rancor de Scarlett soou como uma chicotada. De s dissipou-se e uma dor pungente invádiu-lhe o coraçãoG.

No rosto pálido e fatigado de Ashley notavam-se distintamente as marcas avermelhadas dos dedos dela. Sem dizer nada, Ashley tomou a mão de Scarlett, levou-a aos lábios e beijou-a. E, antes que ela tivesse tempo de falar, saiu da biblioteca, fechando a porta mansamente, atrás de si.

Scarlett deixou-se cair na poltrona. Os joelhos recusavam-se-lhe a suportar o peso do corpo, tal o abalo que sofrera. Asliley tinha-se ido embora e a recordação dos vergões que ela lhe deixara no rosto persegui-la-ia toda a vida.

Escutou atentamente o rumor dos seus passos, que se afastavam no vestíbulo, até deixar de o ouvir por completo e só então compreendeu a monstruosidade do que fizera. Tinha perdido Astiley para sempre. A partir daquele instante, ele teria razão para a odiar e, sempre que a visse, recordar-se-ia certamente da bofetada que apanhara, embora nunca houvesse feito nada que justificasse tão veemente castigo.

11 - Vento Levou - 1

161

k, -

"Afiml eu valho tanto como Honey Wilkes", pensou de súbito, lembrando-se da maneira como toda a gente, e ela mais do que ninguém troçava do procedimento de Honey. Viu-a agarrada aos b@ãos dos rapazes, ouviu as suas risadinhas provocantes, num esforço para chamar sobre si a atenção dos homens e sentiu-se igualmente desprezível. As censuras que a consciência movia ao. seu procedimento ainda a enfureceram mais e um novo acesso de raiva se apoderou dela, de raiva contra, si própria, contra. Ashley, contra o mundo inteiro. O ódio que sentiu por si mesma estendia-se agora a todos os outros com a violência característica duma rapariga imperiosa/de dezasseis anos, que vê o seu amor desprezado. Na paixão que a avassalava existia apenas uma pequena parcela de ternura; o resto era um amálgama de vaidade e de confiança extraordinária no valor dos seus encantos. Agora, que tinha perdido a partida, acima do travo amargo da derrota pairava o receio de haver dado espectáculo. Ter-se-ia ela tornado tão ridícula como Honey W11kes? Quem sabe -se naquele momento não estariam todos a criticá-la... a rir e a troçar da cena que fizera? Esse pensamento revoltou-a.

Pousou a mão numa mesita, ao seu lado sobre a qual repousava uma jarra de porcelana fina, amp@rada por dois querubins sorridentes. Contemplou o vaso, absorta. Reinava no aposento um silêncio tão profundo que teve vontade de gritar. Precisava de fazer qualquer coisa se não queria enlouquecer. Pegou na jarra e arremessou-@ furiosamente através da sala. O projétil fez tabela no espaldar do sofá e foi esmigalhar-se contra o mármore da lareira.

-Com franqueza isto agora já é demais! -exclamou uma voz, vinda das @rofundezas do sofá.

Nunca Scarlett tinha experimentado tão profundo espanto nem tão enorme receio como os que a aturdiavam naquele instante. A boca secou-se-lhe a ponto de não poder pronunciar uma palavra.

Segurou-se ao espaldar da poltrona, tremendocomo varas verdes, enquanto Rhett Bufler se erguia do sofá onde estivera descansando e a cumprimentava com exagerada delicadeza.

-Além de ter interrompido a minha sesta com a cena de que fui testemunha involuntária, ainda pretende atentar contra a minha vida!

Era bem ele, não havia dúvida; não se tratava dum fantasma. Mas, santo Deus, aquele homem tinha ouvido tudo!

162

Apelando para os resquícios de energia que lhe restavam, Scarlett tentou assumir uma atitude digna.

- O senhor devia ter denunciado a sua presença. -Acha que sim? -Arreganhou os lábios num sorriso que deixou entrever os dentes brilhantes e lançou-lhe um olhar sarcástico. -No entanto, não fui eu o intruso. Vi-me forçado a esperar pelo senhor Kennedy e, persuadido de que talvez não fosse pessoa grata no jardim, tive a feliz ideia de dissimular a minha presença indesejável num local onde contava não ser incomodado. Mas, afinal, foi o que se viu!

Encolheu os ombros e sorriu novamente. Scarlett sentiu reacender-se dentro de si a cólera que pouco antes a havia subjugado 'ao pensar que aquele indivíduo, grosseiro e impertinente, tinha escutado todo o diálogo que travara com Ashley, tinha surpreendido palavras de que ela própria se sentia já tão envergonhada que preferia a morte a tê-las pronunciado.

-Espião... -vociferou Scarlett, furibunda. -Os espões ouvem por vezes coisas bastante curiosas e instrutivas - disse ele, a rir. - A minha experiência no capítulo da espionagem tem-me valido...

-O senhor não é um cavalheiro! -Opinião absolutamente justificável -redarguiu Rhett jocosamente. - Quanto a si, deixe-me dizer-lhe que também não a considero uma senhora. - O aspecto de Scarlett devia parecer-lhe cómico, pois que desatou a rir novamente ' em gargalhadas quase silenciosas. - Nenhuma mulher pode atribuir-se a classificação de verdadeira senhora quando faz e diz coisas como aquelas a que eu acabo de assistir. No entanto, devo confessar que só muito raramente as senhoras conseguem impressionar-me. Adivinho-lhes facilmente os pensamentos e verifico que, na maioria das vezes, ou lhes falta a coragem, ou a sua educação as inibe de exteriorizarem os pensamentos. E isso acaba por se tornar enfadonho. Consigo, porém, o caso é diferente, menina O'Hara. Considero-a dotada de carácter quase excepcional, admirável, perante o qual me curvo e tiro o chapéu. Não consigo compreender os encantos que o elegante senhor Wilkes pode ter para uma criatura de temperamento tão impetuoso como o seu. O senhor Wilkes devia agradecer a Deus, de joelhos, a graça de lhe ter enviado uma rapariga com

163

tanta... como foi que ele disse?... com tanta vivacidade. Todavia, como é um pobre de espírito...

-Tomara o senhor chegar-lhe aos calcanhares! - bradou ela, enraivecida.

-E eu que julguei tê-la ouvido dizer que o odiaria até à morte! - ripostou Rhett Butler, recostando-se no sofá, a rir.

Scarlett tê-lo-ia morto ali mesmo se pudesse. Mas como não podia, saiu da biblioteca com toda a dignidade e bateu a porta atrás de si.

Subiu as escadas tão depressa que quando chegou ao último lance de degraus julgou que iria desmaiar. Parou e agarrou-se ao corrimão. O coração pulsava-lhe com tal violência, sob os efeitos da cólera, do despeito e do sentimento de revolta que a dominava, que parecia querer saltar-lhe do peito. Procurou respirar fundo, mas a ama tinha-lhe apertado demais o espartilho. Se desmaiasse e a encontrassem ali caída, ao cimo dos degraus 'que pensariam dela? Pensariam o pior, certamente, não só Ashley e aquele ignóbil Rhett Butler, mas também as outras raparigas, que a invejavam tanto. Pela primeira vez na sua vida desejou trazer consigo o frasquinho de saís que nunca abandonava a maioria das mulheres. Contudo ela nunca usara nenhum, pois que sempre se orgulhava de jamais ter sentido vertigens ou receado perder os sentidos. Naquele momento, porém, tinha de evitar desmaiar, custasse o que custasse.

A pouco e pouco, o seu mal-estar foi-se desvanecendo. Assim que se sentisse completamente refeita das emoções por que acabava de passar, deslizaria silenciosamente para

* gabinete contíguo ao quarto de India, a fim de desapertar

* espartilho. Em seguida iria, pé ante pé, deitar-se junto das outras raparigas que dormiam nas camas e nos sofás. Tentou dominar as pulsações do seu coração e dar à fisionomia uma expressão mais tranquila. Tinha a certeza de que, naquele instante, o seu aspecto fazia lembrar o de uma demente. Se alguma das que repousavam na alcova de India se encontrasse acordada e a visse aparecer com o rosto tão transtornado, decerto desconfiaria de que qualquer coisa de grave ou de escandaloso se teria passado. E era preciso que ninguém suspeitasse de nada.

Através da janela do patamar podia ver os homens ainda recostados nas cadeiras, sob o arvoredor e à sombra

L

do caramanchão. Como os invejava! Desejaria ser homem, pois que se o fosse, jamais conheceria os desgostos que acabava de sofrer e que continuavam a torturá-la. Quedou-se a contemplá-los com os olhos a arder e as fontes latejantes. De súbito, ouviu o galope veloz dum cavalo que se aproximava ao longo da alameda, fazendo estalar sob as patas a areia que juncava o solo. Chegou até ela uma voz inquieta, perguntando qualquer coisa a um dos escravos e de novo se elevou no silêncio da tarde o tropel das ferraduras sobre o leito da alameda. A certa altura, Scarlett viu surgir no retângulo da janela um cavaleiro, que atravessou o relvado vicejante, em direcção aos carvalhos. "Um convidado que chega tarde", pensou Scarlett. Mas, se assim fosse, como se atreveria ele a pisar a relva fresca, de que Índia tanto se orgulhava? Não conseguiu reconhecê-lo, porém, quando o viu desmontar e agarrar-se freneticamente ao braço de John Wilkes, compreendeu que o homem tremia de comoção. Largando os copos e as ventarolas sobre a mesa, os convivas aproximaram-se do recém-vindo, cercando-o por todos os lados. Apesar da distância a que estavam, Scarlett pôde ouvir o rumor confuso das exclamações e pressentiu o frémito de emoção que se apoderou de todos aqueles homens. Dominando o tumulto que de súbito se estabeleceu, Stuart Tarleton soltou um brado que atroou os ares, como se estivesse numa caçada.

- Iii-in-pi! Scarlett acabava de ouvir nesse momento, sem que o soubesse, o grito dos rebeldes. Seguido pelos Fontaines, os quatro Tarletons destacaram-se do grupo e precipitaram-se na direcção das cavalariças, chamando:

- Jeems! * Eli, Jeems! Sela os cavalos! "Deve haver fogo em casa de alguém", pensou Scarlett. Fosse como fosse, porém, precisava de voltar para o quarto antes que a sua ausência se tornasse notada.

O coração já não lhe pulsava com tanta violência. Nos bicos dos pés, acabou de subir a escada e avançou pelo corredor silencioso. Um torpor pesado e tépido reinava por toda a parte, como se a própria casa também estivesse a repousar, aguardando que a noite tombasse, para viver algumas horas de mágico esplendor, ao som da música e à luz das velas. Scarlett abriu cautelosamente a porta do quarto de vestir e entrou. Ainda não tinha largado a maça-

165

neta, quando, pela porta entreaberta que dava acesso à alcova lhe chegou aos ouvidos a voz abafada de Honey Wilke.

- Scarlett tem-se portado hoje duma maneira indecente

- segredava ela.

O coração de Scarlett retomou o galope desordenado que ainda momentos antes abandonara.

Maquinalmente, ela levou a mão ao peito, como se, com aquele gesto, pudesse abrandar o ritmo das pulsações. "(>s espiões ouvem por vezes coisas bastante curiosas e instrutivas", dissera-lhe Rhett Butler, alguns minutos apenas. Mas a memória dela parecia ter olvidado já estas palavras. Quedou-se atrás da porta, na dúvida. Que deveria fazer? Tornar a sair ou revelar a sua presença, a fim de humilhar Honey, como ela merecia? Pensou por instantes e decidiu escutar o que viria a seguir. E quando ouviu a voz de Melanie nem uma palavra de mulas conseguia arrancá-la do focal em que se encontrava.

- Oh, Honey, por amor de Deus! Não sejas maldosa. Scarlett é uma rapariga alegre, cheia de vida. Eu acho-a encantadora -declarou a noiva de Ashley.

"Oh!" exclamou Scarlett, de si para si, cravando as unhas no espartilho. "Era o que faltava, ouvir aquela papa-açorda tomar a minha defesa.

As palavras de Melanie mortificaram-na mais do que a maledicência de Honey. Scarlett nunca depositara confiança nas mulheres, e, à excepção da mãe, não reconhecia nelas intuições que não fossem ditados pelo egoísmo. Melanie sabia perfeitamente que Ashley estava enamorado dela e por

isso não tinha relutância alguma em se mostrar indulgente e compreensiva: Scarlett viu na atitude da rival apenas uma maneira de alardear a sua conquista e de apregoar bondade. Scarlett já por mais duma vez tinha recorrido àquele processo, quando 'em presença dos seus admirado---res, se vira na obrigação de falar a respeito de outras raparigas. E os homens, pobres tolos, deixavam-se cair na esparrela, ficando muito convencidos de que ela era duma generosidade sem limites e possuía um coração de pomba.

- É preciso que sejas cega para dizeres uma coisa dessas -retrucou Honey elevando a voz.

- Fala mais baixo, @oney - recomendou Sally Munroe -se não queres que toda a gente te ouça.

Honey Wilkes baixou a voz e prosseguiu:

166

- Vocês não viram o descaramento com que ela se atirava a todos os homens que lhe passavam ao alcance? Imaginem que nem sequer deixou escapar o senhor Kennedy, que é o namorado da irmã. Nunca vi uma coisa assim! E, não contente com isso, também começou a fazer olhos brilhantes a Charles -declarou Honey, exasperada.-Ora vocês sabem muito bem que Charles e eu... -Afinal, sempre é verdade? -indagaram, em coro, várias vozes.

-- n' mas, por favor, não espalhem a notícia... por enquanto ainda não convém.

ouviram-se risadinhas abafadas e as molas da cama gemeram, como se as outras raparigas se tivessem lançado sobre Honey. Melanie apre,,@sou-se a manifestar o prazer que teria em ver Honeycasada com o irmão.

-Pois eu não terei o mínimo prazer em que Scarlett. venha a ser minha cunhada-disse Hetty Tarleton, em tom agressivo. - P, a rapariga mais desavergonhada que eu conheço. Está praticamente noiva do meu irmão Stuart. Brent afirma que ela não lhe liga. muita importância, mas eu creio que é por ter ciúmes.

- Se querem que lhes diga a minha opinião - murmu-

rou Honey, com ar misterioso e importante - só há um homem por quem ela realmente se interessa. É por Ashley!

Enquanto no quarto contíguo as três amigas - Melanie Hamilton Sally Munroe e Honey Wilkes - prosseguiram

na sua tr@ca de confidências e se alvejavam mutuamente com um sem-número de perguntas, Scarlett ficou imóvel, atrás da porta, paralisada de terror e de humilhação. Honey era disparatada e tola, metia-se à cara dos homens, mas, em relação às mulheres possuía uma intuição a que Scarlett nunca até então t1@ha dado o justo valor. o profundo golpe que tanto Asliley como Rliett. Butler haviam vibrado no seu orgulho era como que uma simples alfinetada com-parado com o que estava agora a sofrer. De maneira geral, podia-se confiar na discrição dos homens, ainda que fossem da qualidade de Rhett Butler, mas Honey Wilkes era MULher e a língua dela assemelhava-se por vezes ao badalo dum sino, Se começasse a falar antes de anoitecer já toda a região estaria a par da histó@ia! E Gerald que ainda na véspera lhe dissera que não estava disposto @ permitir que fizessem troça da filha! Conio toda a. gente iria metê-la a ridículo e zombar dela, assim que a novidade se espalhasse.

167

As gotas de suor frio começaram a escorrer-lhe dos sovacos, ao longo do corpo.

Tranquila e comedida, a, voz de Melanie elevou-se acima das restantes.

-Honey, tu sabes que isso não é verdade. Por favor, não sejas maledicente -murmurou em tom levemente recriminativo.

- Po, eu di

Is go-te que é verdade, Melly, e se tu não vivesses tão preocupada em descobrir boas qualidades nas pessoas que nunca as possuíram, partilharias também da minha opinião. E é muito bem feito para Scarlett. Ela gosta de armar intrigas e de roubar os namorados às outras, mas desta vez saíram-

lhe as contas furadas, Roubou Stuart a India e agora nem sequer faz caso dele. E ainda hoje tentou repetir a graça com o senhor Kennedy, com Asliley e com Charles...

"Tenho de voltar para e-asa quanto a-ntes!" pensou Scarlett. "Não posso continuar aqui nem mais um minuto!"

Se houvesse um meio qualquer, nem que fosse por magia, de se fazer transportar a Tara naquele momento, Scarlett não teria hesitado. Queria encontrar-se de novo junto da mãe, para a ver, para a sentir ao pé de si,- para lhe abraçar as pernas e chorar no seu regaço, para lhe confessar as humilhações que sofrera. Mais uma palavra só e Searlett atirar-se-ia sobre Honey, para lhe arrancar às mãos-cheias os cabelos desbotados, e cuspiria em pleno rosto de Melanie para lhe mostrar o aPreço em que linha a sua falsa caridade. Mas já fizera bastantes figuras tristes nesse dia e aí é que estava o mal. Portara-se como uma rapariga sem educação e merecera amplamente o castigo, que acabava de receber.

Apanhou a, roda da saia. para que nao roçasse, e saiu do quarto de vestir, recuando furtivamente, como um-animal selvagem. "Só me resta regressar a casa" -dizia consigo, avançando rapidamente ao longo do corredor, deixando atrás de si as portas fechadas dos quartos silenciosos, "Só me resta regressar a casa".

Desceu a es@cada a correr e ia atravessar o vestíbulo deserto quando um pensamento a deteve. Não podia ir para casa, assim sem mais nem menos! Seria como que confessar Publicamente a sua derrota! Não, a fuga não remediaria nada, Pelo contrário: agravaria a situação. Tinha de suportar tudo até ao fim, com estoicismo: a male-

168

dicência das outras raparigas, a sua própria humilhação, o duro fardo da mágoa que a atormentava! Fugir serviria apenas para dar novas armas às suas inimigas.

Martelou. com os punhos cerrados as altas colunas brancas desejando possuir a força de Sansão para provocar a derrocada dos Doze Carvalhos e a morte de todos os que a moradia abrigava. Faria pagar bem caro a taça de fel que a tinham obrigado a beber. Havia de lhes mostrar aquilo de que ela era capaz quando lhe desafiavam a ira. Igndrava ainda o processo de lograr os seus intentos, mas acabaria por descobrir um. Retribuiria- cam juros o mal que lhe tinham feito,

Naquele momento, AshIey já não era Ashley... Deixava de ser.o homem estranho que amava, para ser apenas um dos membros da família Wilkes, um dos moradores dos Doze Carvalhos, um dos habitantes da comarca. A todos ela detestava, por terem rido à sua custa, por terem vibrado tão rude golpe no seu orgulho. Aos dezasseis anos,-a vaidade é rmais forte do que o amor e no coração incandescente de 9carlett apenas havia lugar agora para um ódio implacável.

"Não vou para casa", decidiu por fim. "Ficarei aqui até que a festa acabe, para me ving@r de todos. Nem direi nada à minha mãe. Nem a ela, nem a ninguém".

Reconfortada pela perspectiva das suas represálias, dispunha-se a voltar para dentro e subir novamente a escada a fim de se ir deitar noutro quarto, quando se lhe deparou Charles Hamilton, que entrara no vestíbulo pela parte das traseiras. Ao avistá-la o rapaz correu ao Seu encontro. Tinha os olhos arregal@dos e o rosto vermelho que nem um pimentão.

- Sabe o, que aconteceu? - gritou, excitadíssimo, antes de chegar junto dela. - Não ouviu a última novidade? Paul Wilson acaba de nos trazer a notícia. de que...

Estacou, sem fôlego, em frente de Scarlett, que o fitou sem dizer palavra.

- O senhor Lincoln convocou homens para servirem nas fileiras, isto é, soldados... setenta e cinco mil voluntários. é quanto ele pede!

Abrãham LincoIn que não voltasse à balha. Por que seria que os homens se não interessavam realmente por coisas sérias? Teria aquele idiota a pretensão de a impressionar com a narrativa das proezas do senhor LincoIn, jus-

169

tamente numa altura em que o coração dela estalava de dor e a sua reputação estava quase perdida?

Charles observou-a atentamente. Scarlett estava branca como a cal da parede. Os seus olhos verdes fulgiam como esmeraldas. Nunca vira uma expressão daquelas no rosto duma rapariga e assustou-se.

- Desculpe, Searlett. Sou um bruto - dizia ele. - Devia ter-lhe dado a notícia com mais cautela, mas a verdade é que me esqueço sempre de que as senhoras são duma delicadeza extrema e não podem sofrer emoções fortes assim de chofre. Perdoe-me, sim? Está a sentir-se mal? Quer que lhe vá buscar um copo de água?

- Não - respondeu Searlett esboçando um sorriso.

- Vamos sentar-nos num banco? - sugeriu ele, tomando-lhe o braço.

Ela aquiesceu, inclinando a cabeça afirmativamente. Charles ajudou-a a descer os degraus e amparando-a carinhosamente, conduziu-a através do relvado até ao banco de ferro existente sob um carvalho frondoso que se erguia defronte da casa. "É fantástico! Como as mulheres são frágeis e delicadas", pensou Charles. "Basta uma simples referência à guerra para desmaiarem!" Esta ideia despertou nele uma força protectora e redobrou de atenções para com Scarlett: tinha uma expressão tão esquisita, o seu rosto pálido possuía beleza tão deslumbrante que Charles sentiu o coração começar-lhe aos saltos dentro do peito. Tê-la-ia abalado a tal ponto o receio de ele ir para a guerra? Não. Seria pura presunção imaginar uma coisa dessas. Mas por que o fitaria ela assim, com um olhar tão brilhante? Por que lhe tremiam tanto as mãos, entre as quais amarfanhava o fino lenço de renda? E os seus cílios sedosos, palpitantes de amor e de timidez, como os das heroínas de tantos romances que lera, por que estremeceriam?

Pigarreou três vezes para falar e das três vezes nem um som lhe saiu da garganta. Baixou os olhos para não ver os de Searlett que o fitavam como se ele não estivesse ali.

De súbito, Searlett concebeu um plano ousado. "Charles é muito rico", pensou. "Não tem 'parentes que me macem e reside em Atlanta. Se eu me casar com ele quanto antes, Asliley será forçado a crer que eu apenas pretendia divertir-me à sua custa... que foi tudo brincadeira da minha parte. E, Honey terá um desgosto terrível. Nunca mais arranjará outro namorado e todas as raparigas zombarão

170

dela. Melanie também deve ficar pesadosa, visto adorar o irmão, e Stuart e Brent Tarleton esses ficarão piores do que baratas assopradas... Scarleu não sabia explicar por que motivo gostaria de ferir também os dois gêmeos a não ser talvez para se vingar directamente da maledicência de Hetty. Ficarão todos desiludidos e mortos de inveja, quando me virem aqui de visita, com uma carruagem luxuosa, vestidos riquíssimos e uma casa minha, só minha. Ninguém mais se atreverá a fazer troça de mim".

- Evidentemente que haverá luta - conseguiu Charles articular por fim, após uma série de tentativas infrutíferas.

- Mas tenha paciência, menina Scarlett. Obrigaremos os yankees a deporem as armas dentro dum mês, acredite. Derrotá-los-emos em toda a linha. Por nada deste mundo eu perderia uma ocasião destas. Receio bem que o baile resulte num fracasso. O Regimento foi convocado para uma reunião em Jonesboro logo à noite e os Tarletons já partiram a espalhar a notícia. Calculo @ decepção que as raparigas vão sofrer...

- Oh! - murmurou ela, à falta de melhor; mas não foi preciso mais.

Ela recobrando a calma a pouco e pouco e principiava a ordenar as ideias, tentando raciocionar com clareza. Sentia as emoções embotadas por um manto gélido, que a inibia de reagir, e pensou que nunca mais voltaria a experimentar na vida uma sensação de calor. Por que não havia de aceitar para marido aquele rapaz tímido, mas simpático? Valia tanto como qualquer outro; aliás, isso verdadeiramente não lhe interessava, Nem que vivesse cem anos, -jápaís voltaria a gostar dum homem.

-@@_Ainda não sei por qual optar, se pela Legião da Cavalaria do Sul, comandada pelo senhor Wade Hampton, se pela Guarda de Atlanta.

- Oh! - murmurou novamente Scarlett. Os olhos dela cruzaram-se com os de Charles e desta vez foi o rapaz que baixou os seus.

- Quer esperar por mim, menina Scarlett? Partiria radiante se soubesse que a encontraria à minha espera, quando voltasse da guerra!

Charles ficou com a respiração cortada, aguardando a resposta dela, observando a maneira como os seus lábios se comprimiam numa linha suave. Só então reparou nas sombras que se lhe formavam aos cantos da boca e estre-

171

meceu, ao pensar no prazer que decerto sentiria se a beijasse. Scarlett aconchegou uma das mãos húmidas de transpiração, entre os dedos tépidos de Charles.

-Eu preferiria não esperar- respondeu, curvando a cabeça, pudicamente.

Charles encarou-a boquiaberto, conservando a mão dela apertada na sua, enquanto Scarlett o observava entre as pálpebras semicerradas, comparando-o mentalmente a um sapo gigante. O rapaz balbuciou meia dúzia de sons incompreensíveis, abriu e fechou a boca várias vezes, e de novo as faces se lhe tingiram duma vermelhidão intensa.

-Será possível que me ame, menina Scarlett?-perguntou finalmente.

Ela não respondeu, limitando-se a deixar pender a cabeça para o peito. De novo Charles mergulhou num transe estático e na mais intensa perplexidade. Talvez um homem não devesse fazer daquelas perguntas a uma rapariga, E talvez uma rapariga não devesse responder naquelas circunstâncias. Como nunca até ali conseguira reunir coragem para criar situações análogas, Charles não sabia que partido tomar. O seu desejo era gritar, cantar, beijar Scarlett, fazer piruetas sobre o relvado, dizer a toda a gente, a brancos e a pretos, que ela o amava. Mas contentou-se em lhe apertar a mão a ponto de lhe cravar os anéis na carne.

Quer casar comigo já, menina Scarlett? Hum! - respondeu ela, evasivamente, alisando as pregas da saia.

- Casar-nos-emos ao mesmo tempo que Melan... -Não, isso não -atalhou ela vivamente, lançando-lhe um olhar ameaçador.

Charles compreendeu que tinha cometido outro erro. Naturalmente, as raparigas preferiam uma cerimônia só para elas... não queriam partilhar com ninguém, salvo com os respectivos noivos, a glória desse dia. Como Scarlett era gentil a ponto de o ajudar a vencer o seu acanhamento! Se ao menos já fosse noite, a escuridão dar-lhe-ia coragem e então talvez se atrevesse a beijar-lhe a mão e a murmurar as palavras de amor que ansiava por lhe dizer.

-Quando poderei falar ao seu pai? -Quando auiser -respondeu Scarlett, na esperança de que Charles lhe largasse a mão, antes que a dor a obrigasse a pedir-lhe esse favor. - Mas quanto mais cedo for, melhor.

Charles levantou-se dum pulo. Scarlett chegou a recear

172

que ele fosse dar uma cambalhota, para exteriorizar o seu entusiasmo. O rapaz contemplou-a com um olhar radiante, em que transparecia toda a pureza e simplicidade da sua alma. Nunca ninguém a tinha fitado daquela maneira nem nenhum outro homem deveria ter ocasião de a mirar assim.

Scarlett, porém, ficou indiferente notando apenas a estranha semelhança de Charles com @m bezerro.

- Vou procurar o seu pai imediatamente - disse ele, com o rosto iluminado por um sorriso. - Não quero esperar. nem mais um minuto. Desculpe-me, sim... minha querida?

Custou-lhe a pronunciar a última palavra, mas assim que ela lhe soou aos ouvidos, repetiu-a, com manifesta satisfação.

- Está bem - respondeu Scarlett. - Eu aguardarei aqui o seu regresso. Esta sombra é tão agradável!

Charles afastou-se, atravessou o relvado e desapareceu atrás da casa. Scarlett ficou sózinha sob o carvalho rumorejante. Das cavaliças saía um fluxo ininterrupto de cavaleiros seguidos pelos seus

criados pretos, que galopavam velozmente para não perderem contacto com os seus senhores. Os irmãos Munroes passaram como flechas, montando ginetes, que pareciam voar com o ventre a rasar o solo, e acenando com os chapéus. Os Fontaines e os Calverts desfilaram uns atrás dos outros em direcção à estrada, soltando gritos estridentes. Os quatro Tarletons atravessaram o relvado a trote largo e, quando iam a passar em frente de Searlett, Stuart gritou-lhe:

-A mãe vai vender-nos os cavalos! li-aii-hi! -Nuvens de poeira levantavam-se sob os cascos dos animais. Os Tarletons sumiram-se ao longe. Scarlett ficou de novo só.

Diante dela a morada branca, com as suas colunas, parecia distanciar-se numa reserva plena de dignidade. Ao contrário do que planeava, aquela casa nunca chegaria a ser sua. Não seria ela que atravessaria o limiar nos braços de Ashley. Oh, Ashley, Ashley! Que mal fiz eu? Vencendo as barreiras do amor-próprio ultrajado e duma índole calculista, algo vibrou dentro dela, causando-lhe mágoa profunda. Experimentou uma comoção intensa, mais forte do que o seu egoísmo atroz do que a sua vaidade incomensurável, marejando-lhe os olhos de lágrimas. Amava Ashley, sabia que o amava, e só quando viu Charles sumir-se na curva da alameda pôde avaliar bem a intensidade da paixão que a dominava.

173

7

No breve espaço de duas semanas, Scarlett desposou Charles Hamilton que, dois meses depois a deixou viúva. Depressa a rapariga se viu livre dos laços que havia contraído com tão pouca prudência e tanta precipitação; contudo, jamais voltaria a conhecer a despreocupada liberdade dos tempos de solteira. A viuvez seguiu de perto o matrimónio, mas Scarlett não tardou a verificar, com horror, que a maternidade também não se faria esperar.

Quando, mais tarde, tentava evocar os últimos dias de Abril daquele ano de 1861, deparava-se-lhe sempre a impossibilidade de recordar pormenores. A época e os acontecimentos pareciam esbatidos numa bruma distante, como que fazendo parte dum pesadelo horrível, em que não se vislumbrava um fundo de verdade nem sequência lógica. Jamais conseguiria preencher as lacunas da sua memória, ao relembrar aquele período. Especialmente vagas eram as suas recordações do tempo decorrido entre o momento em que aceitara Charles e o dia em que casara. Duas semanas, apenas! Um período tão curto seria impossível em tempo de paz. Normalmente, o decoro exigia o intervalo dum ano ou, pelo menos, de seis meses. Mas a guerra devastava o Sul. Os acontecimentos desenrolavam-se vertiginosamente, como que acelerados por um vento de tempestade. A cadência suave dos dias de outrora havia desaparecido. Ellen torcera as mãos, desesperada, e pedira à filha que não tivesse pressa, que reflectisse bem, antes de decidir. Mas Scarlett não prestara atenção às súplicas da mãe. Tinha de casar, quanto antes. Dentro de duas semanas.

Sabia que o casamento de Ashley, marcado para o Outono, tinha sido antecipado para o primeiro dia de Maio, a fim de que ele pudesse partir com o Regimento, logo que fosse chamado a prestar serviço, e resolveu o seu para o dia anterior. Ellen protestou, mas Charles, impaciente por se juntar às tropas de Wedge Hampton, na Carolina do Sul, defendeu a causa com um ardor que lhe era pouco habitual e Gerald fez coro com eles. Estava excitado com a ideia da guerra e encantava-o a escolha que a filha tinha feito. Além disso, quem era ele para obstar à realização dos desejos de dois jovens que se amavam, numa altura em que já se tra-

174

vavam as primeiras escaramuças? Perplexa com o rumo que os acontecimentos estavam a tomar, Ellen acabou por ceder, como cederam muitas outras mães. O mundo tranquilo, no qual até então tinham vivido sofrera uma reviravolta completa e as suas súplicas, preces e conselhos nada podiam contra as forças que os arrastavam.

O Sul vibrava de entusiasmo e de exaltação. Era do conhecimento de todos que bastaria uma batalha para pôr termo às hostilidades. Os mancebos corriam a alistar-se no Regimento, receosos de não chegarem a tempo e apressavam-se a desposar as namoradas, antes de embarcarem para a Virgínia,

a fim de combaterem os yankees. Celebravam-se dezenas de casamentos de guerra. Não havia tempo para chorar os que partiam. Os sulistas viviam horas de terrível ansiedade, atarefados com os preparativos para a luta, numa efervescência incessante, que lhes não dava oportunidade para se preocuparem com as ideias tristes, ou pensamentos profundos. As mulheres confeccionavam uniformes, faziam meias de lã e enrolavam ligaduras, enquanto os homens recebiam instrução militar e se exercitavam em tiro ao alvo. Comboios cheios de soldados atravessavam diariamente Jonesboro, a caminho de Atlanta e da Virgínia. Alguns destacamentos trajavam os garridos uniformes das secções especiais da milícia social, em que predominavam o vermelho, o verde e o azul-claro; outros grupos, mais pequenos, envergavam camisolas grosseiras e gorros de peles; além destes, havia ainda vários esquadrões cujos componentes não usavam fardamentos, apresentando-se vestidos com fatos de boa qualidade e camisas de linho fino. Apesar de se encontrarem mal treinados e de possuírem equipamento mais do que deficiente, todos eles deliravam de entusiasmo, como se fossem para um piquenique. A passagem daqueles homens, a caminho da frente de batalha, semeou o pânico entre os rapazes da comarca, os quais recearam que a guerra acabasse antes de poderem chegar à Virgínia e envidaram todos os esforços no sentido de activar a partida do Regimento.

Foi no meio desta agitação que decorreram os preparativos: para as bodas de Scarlett. 'E, sem quase dar por isso, ela encontrou-se vestida com o traje nupcial de Ellen, descendo pelo braço do pai a larga escadaria de Tara para defrontar a multidão de convidados que enchia a casa. Mais tarde, Scarlett lembrava como num sonho as centenas de

175

velas que brilhavam nas paredes, o rosto terno, levemente inquieto, de Ellen, cujos lábios se moviam numa prece silenciosa pela felicidade da filha, a face rubicunda de Gerald, transbordante de álcool e de orgulho, por ver Scarlett casar com um homem que, além de ser rico pertencia a uma das melhores famílias de Atlanta e, ao fundo dos degraus, a figura aprumada de Ashley, que dava o braço a Melanie.

Ao reparar na expressão que ele tinha estampada no rosto, Scarlett pensou: "Nada disto se está a passar, realmente. Tudo um sonho, um pesadelo que só terminará quando eu acordar. Tenho de pensar noutra coisa senão ainda desato aos gritos em frente desta gente toda. Mas eu não posso pensar agora. Não. Pensarei mais tarde, quando me sentir melhor, quando os olhos dele estiverem bem longe dos meus".

De facto, parecia um sonho, o trajecto entre as duas alas de convidados sorridentes, o rosto escarlate de Charles, as suas palavras balbuciadas, e as respostas dela, tão incisivas tão frias. Depois, foram as felicitações, os abraços, os discursos o baile... tudo, tudo como num sonho. Até o beijo que Ashley lhe depôs na face e as palavras que Melanie lhe segredou ao ouvido: "Agora, sim, somos realmente irmãs". Até a comoção causada pelo desmaio da volumosa e ultra-sensível Pittypat Hamilton, tia de Charles, se lhe afigurou irreal.

Contudo, quando os brindes findaram e o baile terminou, quando os primeiros alvares da madrugada surgiram no horizonte, quando todos os convidados de Atlanta, que Ellen conseguira acomodar em Tara e no barracão do capataz, foram deitar-se nas camas, sofás e colchões espalhados pelo chão, e os vizinhos se retiraram para as suas casas, a fim de repousarem um pouco antes de tomarem o caminho dos Doze Carvalhos onde iriam assistir ao casamento de Ashley com Melanie o sonho desfez-se como uma bola de sabão para dar lugar à realidade crua e simples. E essa realidade era nem mais nem menos do que Charles; vermelho que nem um pimentão emergindo do quarto de vestir em camisa de noite - tentando evitar o olhar estupefacto que Scarlett lhe lançou por cima do lençol aconchegado ao pescoço.

Evidentemente, Scarlett sabia que era costume marido e mulher partilharem do mesmo leito; contudo, nunca esse

176

pensamento a apoquentara. Achava natural que o pai e a mãe dormissem juntos 'mas jamais se imaginara na mesma situação.. Só então pôde avaliar ao certo aquilo a que o seu procedimento irreflectido a havia exposto. Horrorizava-a a ideia de que aquele homem, que mal conhecia e que na realidade nunca desejara desposar ia deitar-se na sua cama, quando ela começava já a arr@pender-se do seu acto precipitado e a sentir a angústia de haver perdido Asliley para sempre. E, quando Charles se aproximou, hesitante, ela murmurou, com voz surda:

- Se te aproximares de mim, gritarei com quanta força tiver. Vai-te embora. Não te atrevas a tocar-me, nem que seja só com um dedo!

Charles Hamilton passou a sua noite de núpcias sentado numa cadeira de braços, a um canto do aposento. Não se considerou infeliz por isso, pois que compreendeu, ou

julgou compreender, a reacção da noiva, que supunha natural numa rapariga pudica e recatada. Não se importaria de esperar até que aquela crise de terror se dissipasse. Contudo... - Suspirou, procurando uma posição mais confortável -...tinha tão pouco tempo, antes de partir para a guerra... Por muito que a houvesse atormentado o pesadelo das suas núpcias, o do casamento de Asliley não a atormentou menos. Trajando o vestido verde-maçã "do dia seguinte", Scarlett encontrou-se no vestíbulo dos Doze Carvalhos, profusamente iluminado i)or centenas de velas, perante a mesma multidão amiga da noite anterior. Como uma sonâmbula, assistiu à transfiguração do rosto sem artifício de Melanie Hamilton, o qual se inundou de alegria a ponto de parece r quase belo no momento em que a cerimónia atingiu o ponto culminante. AshIey estava perdido para sempre. O seu Asliley. O seu, não. Agora já não era seu. E tê-lo-ia sido, alguma vez? Tudo aquilo lhe fazia uma confusão tremenda. Tinha o cérebro tão exausto tão desnortado, que já mal conseguia pensar. Asliley árifessara-lhe que a amava, mas preferia casar com outra. Porquê? Debalde Scarlett se esforçou por descobrir o motivo. Despo@sando Charles, fizera calar as más línguas. Mas que lucrara com isso? O facto, que a certa altura se lhe afigurara de tão vital importância, apresentava@se-lhe agora completamente destituído de interesse. Só Ashley contava na sua vida. Contudo, Ashley abandonara-a e, se .m sabercomo, ela

12 - Vento Levou - I

177

encontrava-se casada com um homem que, longe de lhe despertar amor, só lhe inspirava desprezo. Oh, como estava arrependida do que tinha feito! Ouvira dizer muitas vezes que há pessoas que provocam a sua própria desgraça, mas sempre julgara ver nesta frase uma simples figura de retórica. Só agora compreendia bem o significado daquelas palavras. Embora se tivesse apoderado dela um desejo frenético de se livrar de Charles de regressar a Tara e retomar a sua vida de solteira, não @odia deixar de reconhecer que era ela a única culpada da situação em que sé encontrava. Ellen fizera o possível por dissuadi-la de casar com Charles, mas não quisera dar-lhe ouvidos. Mergulhada numa espécie de hebetismo, Searlett dançou toda a noite, no baile do casamento de AshIey, falando e sorrindo maquinalmente, pasmada com a estupidez dos convidados que teimavam em ver nela uma noiva feliz, longe de imaginarem o drama que lhe enlutara o coração. Graças a Deus, ninguém parecia suspeitar a verdade, da terrível verdade que ela tentava a todo o custo ocultar.

Nessa noite, quando a velha ama acabou de a ajudar a despir-se e se retirou e Charles surgiu timidamente no limiar da porta que dava para o quarto de vestir, perguntando a si próprio se iria novamente dormir na cadeira de braços, Scarlett rompeu em pranto. Aflito, o marido sentou-se na cama ao lado dela, procurando confortá-la. Scarlett chorou, chorou, sem pronunciar uma única palavra, até que as lágrimas se lhe esgotaram e ela acabou por adormecer, com a cabeça deitada no ombro de Charles.

Em tempo de paz, os dois casais passariam a semana seguinte aos respectivos matrimónios fazendo as visitas exigidas pela etiqueta, a todas as famílias conhecidas, residentes na região. Em sua honra, realizar-se-iam bailes e piqueniques, até que os noivos partissem para Saratogá ou White Sulphur,

em viagem de núpcias. Se não fosse a guerra, Scarlett teria de usar os diversos vestidos, correspondentes ao terceiro, quarto e quinto dia de casada para assistir às festas que os Fontaines, os Calverts e os Tarletons organizariam por ocasião da visita que a pragmática a obrigaria a fazer-lhes. Mas a ocasião não era para festas, nem para viagens de núpcias. Oito dias após o seu casamento, Charles abandonou Tara, a fim de se juntar às tropas do coronel Wade Hampton e, duas semanas mais tarde, Ashley

178

partiu também incorporado nas forças do Regimento. A comarca ficou praticamente deserta. Durante esses quinze dias, Scarlett nunca viu Ashley sozinho nem teve oportunidade de conversar com ele em particular. Nem sequer no terrível momento da despedida, quando Ashley passou por Tara a caminho da estação, para apanhar o comboio que o levaria a Jonesboro, logrou falar-lhe sem testemunhas. Com a cabeça protegida por um chapéu de palha e os ombros cobertos por um xaile de cambraia, Melanie não largava o braço do marido, muito ufana do seu novo estado. Todo o pessoal de Tara, incluindo os escravos, foi assistir à partida de Ashley.

-Deves beijar Scarlett, Ashley -observou Melanie, no instante em que os dois trocavam o aperto de mão convencional. - Lembra-te de que ela agora é minha irmã.

Impassível, com as feições rigidamente contraídas, o marido curvou-se e pousou, durante uma fracção de segundo, os lábios gélidos na face aveludada de Scarlett, a qual não tirou prazer nenhum daquele beijo, não só por se tratar de um gesto quase protocolar, mas por ter sido a mulher quem lhe sugerira a ideia, Melanie quase que a sufocou com um abraço, ao despedir-se.

-Vem até Atlanta passar uns dias comigo e com a tia Pittypat, sim? - disse-lhe ela. - Não calculas a alegria que nos dará a tua visita. Queremos conhecer melhor a mulherzinha de Charles.

Durante as cinco primeiras semanas, Scarlett recebeu notícias do marido com certa regularidade. Da Carolina do Sul, Charles escrevia-lhe cartas tímidas, extáticas, apaixonadas, em que lhe falava dos projectos que tencionava pôr em prática assim que a guerra acabasse, do seu desejo de se bater como um herói, para que ela pudesse orgulhar-se do marido, da veneração que tinha pelo comandante do esquadrão, o coronel Wade Hampton. Na última semana, Scarlett recebeu um telegrama assinado pelo próprio coronel, bem como uma carta de pêsames, redigida em termos dignos e carinhosos. Charles tinha morrido. o coronel desejara telegrafar mais cedo, mas Charles opusera-se à ideia, pois que, julgando o mal sem gravidade, não quisera alarmar a família. O pobre rapaz morrera iludido não só no que dizia respeito ao amor que supunha ter conquistado, mas também no que se referia à glória de que sonhara cobrir-se nos campos de batalha. Falecera

ignominiosa-

179

mente em virtude duma pneumonia que lhe tinha sobrevivido a um ataque de sarampo, sem sequer ter avistado os destacamentos yankees, pois não chegara a sair dos acampamentos da Cavalaria do Sul.

O filho de Charles nasceu no fim do tempo previsto e, segundo a moda dessa época recebeu na pia baptismal os dois nomes do comandante do pai, Wade Hampton. Scarlett tinha chorado lágrimas de desespero ao descobrir que estava grávida e chegara a desejar a morte. Contudo, a gestação não lhe acarretou incómodos e o parto foi tão, fácil e o restabelecimento tão rápido que Babá aproveitou a primeira altura em que ficou a sós com ela para a censurar, acusando-a de se haver portado como uma mulher ordinária, visto que as senhoras costumavam sofrer mais. Scarlett não sentia grande afeição pelo filho e não se dava ao trabalho de ocultar o facto. Nunca desejara a sua vinda, a qual só lhe causara aborrecimento e, agora que o tinha ao pé de si, parecia-lhe impossível que ele lhe pertencesse, que fosse carne da sua carne, sangue do seu sangue.

Se bem que fisicamente se houvesse restabelecido do parto num espaço de tempo vergonhosamente curto, a verdade é que, moralmente, não podia sentir-se mais deprimida. Não obstante os esforços de todos aqueles que viviam em Tara no sentido de a fazerem retomar o gosto pela vida, Scarlett

definhava a -olhos vistos. Ellen andava dum lado para outro, inquieta, com a testa franzida sob o peso da preocupação que lhe inspirava o estado da filha. Gerald praguejava mais do que habitualmente e cumulava a primogênita de presentes que trazia de Jonesboro. Até o velho Dr. Fontaine se mostrou embaraçado ao verificar que o seu tônico, feito com base de enxofre, melão e ervas medicinais, não surtia o efeito desejado. Chamando Ellen de parte, explicou-lhe então que o abatimento e a irritabilidade que a sua paciente manifestava eram devidos ao profundo d'esgosto que ela acabava de sofrer. No entanto, se Scarlett quisesse falar, poderia muito bem dizer-lhes que o seu mal era muito mais complexo do que julgavam. Mas preferiu calar-se e não revelar a ninguém que na verdade o que a tinha conduzido àquele extremo fora o tédio, a surpresa de se ver com um filho nos braços e, sobretudo, a ausência de Ashley.

Vivia num aborrecimento mortal. Após a partida do Regimento, a vida elegante na comarca cessara por completo. Todos os rapazes com quem simpatizava se tinham

180

alistado: <>s quatro Tarletons, os dois Calverts, os Fontaines, os Muriros. Em Jonesboro, Fayetteville e Lovejoy não se encontrava um único rapaz atraente. Estavam todos encorporados nas forças empenhadas em combater os yankees. Em qualquer daquelas cidades tinham ficado apenas os velhos, os aleijados e as mulheres, as quais passavam os dias ocupadas com os seus trabalhos de costura, e de malha, ou com a criação de porcos, vacas e carneiros para o Exército, ou com a intensificação das culturas de algodão e trigo.. Não se via na região um único homem realmente digno desse nome, a não ser uma vez por mês, quando as tropas da administração militar, chefiadas por Frank Kennedy, o apaixonado de Suellen, vinham abastecer-se de mantimentos. Contudo, os homens que as compunham nada tinham de simpáticos e a corte tímida que Frank fazia a Suellen. exasperava Scarlett, a ponto de lhe ser quase impossível tratá-lo, como devia, Se ao menos eles resolvessem o caso numa vez para sempre!

Mesmo que os oficiais daquela arma fossem dos mais interessantes, isso em nada poderia afectar a situação, de Scarlett, a qual não passava duma viúva e cujo coração, portanto, devia encontrar-se sepultado junto ao corpo do marido. Todos os vizinhos estavam convencidos de que era isso o, que se verificava no caso dela, pelo que esperavam vê-la proceder segundo os costumes da região. Tal ideia irritava Scarlett, pois que, apesar de todos os seus esforços, o mais que Charles conseguia recordar era o olhar de carneiro mal morto que lhe surpreendera no instante em que aceitara casar com ele. E até essa recordação se ia desvanecendo a pouco, e pouco. Fosse como fosse, tinha enviado e, por consequência, precisava de agir em conformidade com o seu novo estado. Os divertimentos das raparigas solteiras estavam-lhe vedados para sempre. A sua atitude, agora, devia ser grave e recatada. Ellen, tinha-lhe explicado isso pormenorizadamente no dia em que a surpreendera no jardim, sentada no baloiço que um dos subalternos de Frank empurrava, fazendo-a rir às gargalhadas. Profundamente consternada, Ellen dissera-lhe que o comportamento de uma viúva se podia prestar facilmente à maledicência, pelo que a sua atitude devia ser duas vezes mais severa do que a de uma mulher casada.

"E só Deus sabe como as mulheres casadas levam vida enfadonha", pensou Scarlett escutando de repente a voz

181

ÁÚk.

suave da mãe. "Quanto às viúvas, mais valia que morressem".

As viúvas viam-se obrigadas a trajar vestidos pretos, hediondos, sem qualquer enfeite que lhes desse vida; não podiam usar flores, nem fitas, nem cordões, nem jóias, a não ser broches de ônix ou colares feitos com os cabelos do defunto<>. E o véu de crepe que envolvia o chapéu devia chegar-lhe aos joelhos. Só três anos após a morte do marido poderia cortá-lo à altura dos ombros. A uma viúva não assistia o direito de conversar animadamente nem de rir alto. Mesmo quando sorria, era

preciso que o seu sorriso fosse triste, quase trágico. Mas o pior de tudo é que não podia, de maneira nenhuma, mostrar-se empenhada em arranjar companhias masculinas. E, se houvesse algum homem tão mal educado que se atrevesse a manifestar o mais leve interesse por ela, o seu dever seria metê-lo na ordem, sem se esquecer de fazer uma referência digna e adequada ao marido morto. "Sim-pensou Scarlett tristemente-há viúvas que casam segunda vez, mas só quando já estão velhas e quase reduzidas ao esqueleto. E sabe Deus com que dificuldades lutam para o conseguir, vigiadas como são pelos vizinhos? Em geral, acabam por casar com viúvos horríveis, já caducos também, que vivem atrapalhados com os negócios da fazenda e com uma dúzia de filhos para, criar". O casamento, em si, já não era grande coisa, mas ficar viúva equivalia a morrer para a vida. E ainda havia pessoas tão estúpidas que tinham o, desprazer de lhe falar na consolação que o pequeno Wade Hampton devia ser para ela, agora que Charles a deixara para sempre! Que tolice, tentarem convencê-la de que o filho constituiria, dali para o futuro, a sua razão de existir! Todos lhe diziam que devia considerar-se muito feliz por possuir aquela prenda póstuma do seu amor e Searlett não os contradizia, embora fosse de opinião muito diferente. Sentia um interesse muito reduzido pelo filho e, por vezes, nem se lembrava de que ele lhe pertencia.

Todas as manhãs, ao acordar, ficava mergulhada durante breves momentos numa espécie de torpor e voltava a ser Scarlett O'Hara. O sol acariciava a magnólia que crescia junto à sua janela, os melros cantavam no jardim e o cheiro agradável do toucinho frito enchia-lhe o quarto. Uma sensação de juventude e de liberdade a empolgava de novo, como nos tempos de solteira. Mas, de súbito, chegavam-lhe

182

aos ouvidos os protestos dum nenê esfomeado. E, então, Scarlett experimentava sempre, sempre a mesma surpresa. "De quem será aquela criança?" perguntava a si própria. E só nessa altura se lembrava, de que a criança era dela. Como isso lhe fazia confusão!...

E Ashley?! Oli, principalmente Ashley! Pela primeira vez na sua vida Scarlett odiou Tara, bem como a longa fita da estrada de terra vermelha, que descia da colina até ao rio, e os campos rubros onde brotava o algodão. Cada palmo de terra, cada árvore, cada regato, cada azinhaga, cada atalho lhe recordava Asliley. Asliley pertencia a outra mulher e partira para a guerra, mas, ao cair da noite, o seu espírito vagueava pelos caminhos, sorria-lhe, com os seus olhos cinzentos e sonhadores a brilharem na penumbra do alpendre. Sempre que, ao longo da estrada que conduzia aos Doze Carvalhos, Scarlett ouvia aproximar-se o tropel de um cavalo, um nome querido lhe acudia aos lábios -

o de Asliley.

Detestava também essa quinta, que tanto amara. Detestava-a, mas ao mesmo tempo sentia-se atraída para ela, pois que era lá que ouvia John Wilkes e as filhas falarem a respeito, de Ashley... Ouvia-os lerem as cartas que ele escrevia da Virgínia e que tanto a magoavam mas sem as quais não podia viver. Scarlett detestava Ináia, pelo seu orgulho, e Honey, pela sua tagarelice, e sabia que as duas irmãs lhe pagavam na mesma moeda, mas tudo isso ela esquecia para saber notícias do homem que amava. E, de cada vez que, vinda dali, regressava a Tara, Scarlett metia-se directamente na cama e recusava-se a comer.

Era justamente esta recusa dos alimentos que, acima de tudo, alarmava a mãe e a velha ama. Babá levava-lhe bandejas repletas de iguarias e debalde lhe insinuava que uma viúva podia comer à vontade tudo o que quisesse, mas Searlett não tinha apetite.

Quando o Dr. Fontaine, com uma expressão grave estampada no rosto, disse a Ellen que os desgostos levavam frequentemente as mulheres à sepultura, a pobre mãe empalideceu. Aquele receio já ela o trazia há muito no fundo do seu coração.

-E não haverá nada a fazer, doutor?

- Uma mudança. de ambiente seria o melhor remédio

- respondeu o médico, ansioso por se libertar de uma doente difícil.

183

Scarlett resolveu acatar o conselho do médico,. Acompanhada pelo filho'partiu para Savannah a fim de visitar os parentes O'Hara, e Robillard e, daí, seguiu para Charleston, onde viviam as irmãs de Ellen, Pauline e Eulalie, Tinha abandonado Tara sem entusiasmo algum e voltou um mês antes da data prevista para o seu regresso, recusando-se a dar qualquer explicação, Da recepção que lhe fora dispensada em Savannah trazia recordações agradáveis. Contudo, James e Andrew O'Hara, bem como as respectivas mulheres estavam já muito velhos e passavam os serões à lareira, evocando um passado que em nada a interessava. O mesmo se verificava no caso das tias maternas, com a agravante de que Charleston era uma cidade insuportável, na opinião de Scarlett.

A tia Pauline e o marido, velhote cerimonioso, cujo olhar tinha a expressão vaga duma pessoa que vive fora da sua época, moravam numa fazenda que se estendia ao longo da margem dum rio e que ficava ainda mais isolada do que Tara, Para se chegar à plantação mais próxima, aituada a cerca de vinte milhas de distância, tornava-se necessário percorrer caminhos sombrios através de matas de ciprestes e carvalhos, cujas franjas de musgo cinzento infundiam um i)avor tremendo a Scarlett, trazendo-lhe à memória as lenáas que Gerald costumava contar, dos fantasmas que na Irlanda erravam pelos bosques nos dias de nevoeiro. Como única distração, levavam os dias inteiros a fazer malha, e à noite entretinham-se a ouvir o tio Carey lendo em voz alta as obras edificantes de Bulwer-Lytton.

Eulalie vivia em Battery, na comarca de Charleston. Habitava um casarão enorme que os muros altíssimos do jardim resguardavam dos olhares indiscretos e era a monotonia em pessoa. Habituada aos vastos horizontes das colinas ondulantes de Tara, Searlett sentia-se ali como que prisioneira. Eulalie mantinha convívio mundano mais intenso do que a sua irmã Pauline, mas Scarlett não gostava nada das pessoas que visitavam a tia, com os seus ares enfatuados, com a intransigência das suas tradições, com o orgulho das suas nobres linhagens. Sabia perfeitamente que to-das elas a consideravam fruto dum casamento desigual e que perguntavam umas às outras como teria sido possível uma Robillard haver casado com um irlandês que, praticamente, era desconhecido na região. Scarlett não teve dificuldade em perceber que, mal voltava costas, a tia pedia

184

desculpa às visitas de as ter importunado com a sua presença. Isto irritava-a formidavelmente pois que, tal como sucedia com Gerald, &arlett não ligava importância nenhuma à linha aristocrática da sua ascendência materna, Orgulhava-se do pai e de tudo o que ele tinha conseguido fazer sem qualquer espécie de auxílio, a não ser o que lhe havia prestado o seu cérebro arguto de irlandês. E os habitantes de Charleston mostravam-se tão superiores depois do que se passara no Forte Suinter que era quase impossível aturá-los! Santo Deus-, -eustar-lhes-la assim tanto a perceber que se não tivessem sido eles, outros idio@ tas quaisquer se haveriam encarregado de disparar o tiro que deu início à guerra? Acostumada como estava à pronúncia vibrante do interior da Geórgia, a maneira de falar dolente é arrastada de Charleston contendia-lhe com os nervos. Sentia que, se tornasse a ouvir dizer as palavras daquela forma tão aborrecida, acabaria por se revoltar,,a valer e gritaria de raiva. Certo dia, a sua irritação subiu a tal ponto que, em conversa com umas visitas de cerimónia, tratou de imprimir à voz o sotaque irlandês que aprendera com o pai. A tia ficou sem saber onde meter-se, e Scarlett resolveu regressar a Tara no dia seguinte. Preferia mil vezes ver-se atormentada pelas saudades de Ashley a sujeitar-se à tortura da dicção afectada da população de Charleston.

Ellen, que vivia mais atarefada do que nunca, trabalhando de dia e de noite para. aumentar a produção de Tara, a fim de auxiliar a Confederação, ficou aterrada ao ver a filha regressar a casa magra, pálida e mais irritável do que quando tinha partido. Sabia por experiência própria o que eram desgostos de amor e, noite após noite, deitada ao lado de Gerald que ressonava como uma locomotiva, tentava descobrir um remédio para o mal de Searlett. A tia de Charles, Pittypat

Hamilton, já em diversas ocasiões lhe escrevera a pedir que autorizasse Scarlett a ir passar uns meses a Atlanta em casa dela. Pela primeira vez, Ellen considerou a hipótese de consentir. Melanie e a tia, viviam sózinhas num imenso casarão e sem qualquer protecção masculina desde que Charles falecera, confessava a tia Pittypat numa das suas epístolas"]@ certo que o meu irmão Henry reside em Atlanta, mas não mora connosco. Scarlett já deve ter-lhe falado a respeito de meu irmão e, por conseguinte, abstenho-me de

185

comentários, tanto mais que não seria delicado confiá-los ao papel. Melly e eu sentir-nos-íamos mais tranquilas, muito mais tranquilas se Scarlett viesse fazer-nos companhia. Três mulheres sempre valem mais do que duas. E talvez Scarlett encontrasse aqui um lenitivo para o seu desgosto, como sucedeu com Melly, que para matar o tempo e distrair o espírito `trabalha no h@spital, ajudandG a tratar dos nossos feridos... Aliás, escusado será dizer que estamos ambas ansiosas por conhecer o filho de Charles ... "

Ellen emalou uma vez mais os vestidos de Scarlett que, acompanhada pelo filho e respectiva ama, de nome Prissy, partiu para Atlanta com a cabeça a transbordar de recomendações que a mãe e Babá lhe tinham feito e a bolsa recheada com cem dólares em notas da Confederação, que Gerald lhe oferecera. Não tinha interesse especial em ir até Atlanta. Na sua opinião, a tia Pitty era a mais estúpida das velhas e a ideia de habitar sob o mesmo tecto que a mulher de Asliley estava muito longe de lhe agradar. No entanto a vida em Tara, com as suas tristes recordações, tornara-se-lhe insuportável, e uma mudança de ambiente só lhe faria bem.

186

SEGUNDA PARTE

8

À MEDIDA que o comboio a levava para o norte, naquela manhã de Maio de 1862, Scarlett pensava que Atlanta não podia, de maneira nenhuma, ser mais enfadonha do que Savannah ou Charleston. Mau grado a antipatia que a tia Pittypat e Melanie lhe inspiravam, sentia certa curiosidade em verificar as transformações por que a cidade teria passado, desde que a visitara pela última vez, no Inverno anterior à guerra.

Atlanta sempre a interessava mais do que qualquer outro burgo, pois desde os seus tempos de criança ouvia o pai dizer-lhe que tinham ambas a mesma idade. No entanto, Scarlett havia chegado à conclusão de que Gerald forçara um pouco a nota, como costumava fazer quando pretendia dar realce às suas histórias. Atlanta era nove anos mais velha do que ela, mas, em relação às outras cidades que Scarlett conhecia pelo menos de nome, estava ainda na infância. Savannah e Charleston tinham já uma idade respeitável; a primeira atravessava o seu segundo século de existência e @a outra preparava-se para entrar no terceiro. Ambas davam a Scarlett a ideia de duas avós, quase caquéticas, abanando-se placidamente com os seus leques, ao sol. Atlanta, porém, pertencia à sua geração. Possuía a sem-cerimónia da mocidade e, tal como Scarlett, era obstinada e impulsiva. A história que Gerald lhe contara baseava-se no facto de Atlanta e Scarlett terem sido baptizadas no mesmo ano. Durante o novénio anterior ao nascimento de Scarlett, a cidade fora sucessivamente conhecida pelos nomes de Terminus e Marthasville e só no ano em que ela vira pela primeira vez a luz do dia passara a chamar-se Atlanta.

Quando Gerald chegou à Geórgia, Atlanta ainda não, existia, nem sequer sob a forma dum simples povoado. No local onde mais tarde deveria erguer-se a cidade crescia apenas a vegetação selvagem das zonas inexploradas. Contudo, no ano seguinte, ou seja em 1836, o Estado autorizou

187

a construção duma linha de caminho de ferro que atravessaria o território recentemente cedido pelos índios Cherokees, na direcção Noroeste. Ficou inicialmente estabelecido que o ramal se estenderia até Tennessee e às regiões do Oeste, mas o seu ponto de partida só foi conhecido quando, em

meados de 1837, um engenheiro cravou na terra rubra e fofa uma estaca que ficou assinalando o extremo sul da via. Nesse dia, Atlanta principiou a sua carreira, sob a designação de Terminus. Naquele tempo, as redes de exploração ferroviária eram ainda muito limitadas, e a Geórgia do Norte não dispunha de nenhuma linha férrea que a servisse. No decurso dos anos que medearam entre a chegada de Gerald à Geórgia e o seu casamento com Ellen, a pequena estação Terminus transformara-se gradualmente numa vila, enquanto o assentamento dos carris prosseguira, em direcção ao Norte. Começara a fase da construção dos caminhos de ferro. Um segundo troço, partindo da velha cidade de Augusta e estendendo-se para Oeste, cruzava o Estado e ia entroncar com o ramal de Tennessee. De Savannah saía uma terceira via férrea que ligava esta cidade com Macon, em pleno coração da Geórgia, e que mais tarde foi prolongada para o Norte, até Atlanta, através da comarca de Clayton para se unir aos outros dois ramais e dar ao Torto de Savannah uma linha de penetração para Oeste. E, a partir do incipiente burgo de Atlanta, transformada em importante entroncamento de caminho de ferro, foi construída uma quarta linha que, cortando para o Sul, servia Montgomery e Mobile.

Nascida duma linha férrea, Atlanta crescia a olhos vistos, à medida que a rede ferroviária se alargava, facilitando-lhe as comunicações com o Sul, com o Oeste e com o litoral e, através de Augusta, com o Norte e Leste. Graças ao enorme incremento de tráfego que através dela circulava diariamente, devido à sua localização privilegiada, a pequena vila progrediu com surpreendente rapidez.

Scarlett contava dezasseis anos apenas e Atlanta não precisara de mais tempo. Para, duma simples estaca cravada na terra, se tornar próspero centro populacional de dez mil habitantes, que atraía sobre si as atenções gerais. As cidades mais antigas e pacatas encaravam-na com espanto absolutamente análogo ao que uma galinha manifesta quando vê surgir, entre a ninhada de pintos que acaba de chocar, um marreco solitário. Por que seria

188

Atlanta tão diferente dos restantes burgos da Geórgia? Por ia desenvolvido tão depressa? Porque, no fim de contas, Atlanta não possuía nada de especial, a não ser as suas vias férreas e um punhado de homens resolutos e empreendedores.

De facto, a gente que edificara a cidade e que sucessivamente a denominara Terminus, Marthasville e Atlanta, tinha demonstrado excelentes qualidades de trabalho. Constituída por um grupo de indivíduos enérgicos e infatigáveis, provenientes das comarcas mais antigas da Geórgia e de outros Estados da União, fora atraída por aquela vila que se expandia em torno do núcleo ferroviário e nela se tinha estabelecido animada de vibrante entusiasmo. E assim se edificaram os primeiros armazéns, nas proximidades da estação e ao longo das cinco estradas lamacentas, de barro vermelho, que lhe davam acesso, bem como as belas moradias que orlavam Whitehall Street e Washington Street. Em breve os prédios cobriram a elevação de terreno sobre a qual inúmeras gerações de índios, calçados de mocassins, tinham aberto uma estrada que ficara sendo conhecida pela curiosa designação de Peachtree Trail. Os habitantes do novo burgo orgulhavam-se da sua obra, da rapidez com que a viam progredir, do esforço com que tinham contribuído para o seu desenvolvimento. As outras cidades que dissessem a respeito de Atlanta o que muito bem lhes aprouvesse. Atlanta não lhes ligava importância.

E era justamente pelas mesmas razões por que Savannah, Augusta e Macon a detestavam que Scarlett gostava de Atlanta. Possuíam ambas um estranho amálgama das velhas tradições e dos modernos hábitos da Geórgia, que se entrecrocavam num conflito permanente. E não era raro que as velhas tradições se vissem relegadas para segundo plano na luta constante que lhes moviam os seus adversários, mais novos e vigorosos. Além disso, aos olhos de Scarlett havia algo de apaixonante numa cidade que nascera, ou que pelo menos havia sido baptizada no mesmo ano em que ela o fora.

Durante a noite desencadeara-se forte temporal e chovera torrencialmente, mas, quando Searlett chegou ao seu destino, brilhava no firmamento um Sol radioso ' que parecia empenhado em secar as ruas, transformadas em rios de lama avermelhada. No largo que circundava o edifício da

189

AMffi

estação a argila do solo tinha sido tão bem amassada e trabalhada pelo vaivém incessante do tráfego que o seu aspecto lembrava o duma enorme pocilga. Aqui e ali, viam-se carruagens e carroças atoladas até aos eixos das rodas. Uma fila interminável de ambulâncias e viaturas militares ocupava-se na descarga dos feridos que os comboios traziam da frente da batalha e no transporte de mantimentos e mercadorias que se destinavam às forças em luta, revolvendo o lodaçal e tornando a confusão ainda maior. Os condutores dos veículos insultavam-se mutuamente, praguejavam, barafustavam contra tudo e contra todos, enquanto as mulas se esfalfavam para atravessar o atoleiro, salpicando lama em todas as direcções.

Scarlett imobilizou-se sobre o último degrau da carruagem, com a sua figurinha gentil envolta num elegante traje de viúva e o rosto pálido oculto sob o véu de crepe que lhe cala quase até aos pés. Hesitou, pois que lhe repugnava a ideia de enlamear os sapatos e a barra do vestido e olhou à sua volta tentando descobrir o vulto gorducho e rubicundo da s61teirona sobre a plataforma da estação. Não conseguiu avistá-la ' porém, e dispunha-se a procurá-la entre o barulhento aglomerado de carruagens e ambulâncias quando se lhe deparou um negro já idoso, magro, de cabelos grisalhos e ar austero e digno, que se aproximava dela, com o chapéu na mão.

- Minina Searlett, não é? Sou Peter, cocheiro de senhora Pitty. Não vá descê p'rá lama - ordenou em tom severo, ao ver Scarlett juntar as saias, preparando-se para abandonar o degrau do vagão. -A minina é tão tonta como senhora Pitty que gosta de mulhá os pé na lama como, as criança. Eu carrego minina, num instantinho.

Apesar da sua aparente fragilidade, o velho pegou em Scarlett ao colo com toda a facilidade e, lançando uma olhadela a Prissy, que se deixara ficar na plataforma da carruagem com o pequeno Wade Hampton nos braços, estacou e disse:

- Aquela garota é que sê a e 'riada? n muito nova ainda para carregá o filho único de sinhô Charles. Mas depois a gente trata disso. Eli, pequena, vem atrás de nós e tem cautela, não vás deixá o nenê cal!

Scarlett deixou-se transportar dócilmente para a carruagem que a aguardava à entrada do edifício da estação e nem sequer protestou contra a maneira peremptória como

190

o preto ousava criticá-la, a ela e a Prissy. O grupo pôs-se em marcha, através da lama. Prissy caminhava atrás do cocheiro, resmungando entre dentes. Antes de chegarem junto da viatura Scarlett teve tempo de recordar as palavras que Charles' lhe dissera a respeito do Peter.

- Fez toda a guerra do México, sempre ao lado do meu pai, e foi ele quem praticamente lhe salvou a vida, tratando-o com o máximo desvelo, quando foi ferido. Foi ele também quem nos educou, a Melanie e a mim, pois que éramos ambos ainda crianças quando os nossos pais faleceram. Pouco tempo depois, a tia Pitty zangou-se com o irmão o tio Henry, e veio viver connosco, a pretexto de tomar co@ta de nós. n a criatura mais indolente que conheço. Não passa duma criança grande e o Peter trata-a como tal. Nem que a sua vida corresse perigo ela seria capaz de erguer um dedo para se salvar. O Peter é quem toma todas as resoluções lá em casa. Foi ele que decidiu exigir que a minha iresada fosse aumentada e que me obrigou a tirar a licenciatura em Harvard, embora o tio Henry quisesse que eu apenas acabasse o curso, Foi ele que um belo dia determinou que Melanie já tinha idade para levantar os cabelos e frequentar as festas para que era convidada. E ainda hoje é ele quem diz à Pittypat que está excessivo frio para sair de casa, ou que precisa de pôr o xaile por causa da humidade... n o escravo mais inteligente que eu até hoje encontrei, e também o mais dedicado. O

pior é que às vezes abusa, como sabe que nos é indispensável e tem consciência do ascendente que possui sobre nós.

Inconscientemente, Peter confirmou as palavras de Charles, mal subiu para a boleia e pegou no chicote.

- Sinhora Pitty está toda nervosa porque não pôde vim lhe arrecebê. Ficou com medo que minina Scarlett não percebesse as razão 'mas eu disse a ela que ia sujã o vestido novo de lama e minina Melly também. Foi por isso que elas não vieram, mas eu prometi explicá tudo à minina. Minina Searlett, é mío pegá nessa criança. A rapariga vai deixã ela caí.

Scarlett olhou para Prissy e suspirou. De facto, Prissy estava longe de ser uma ama-seca modelo. A sua recente promoção, dera-lhe volta ao miolo, Impava de satisfação e orgulho por haver trocado as saias curtas pelo comprido vestido de chita que apra usava; e a touca branca, enfeitada, que lhe coroava a carapinha negra, dava-lhe a sen-

191

sação de ter adquirido uma categoria à Parte. S6 as emergências da guerra e as exigências, cada vez maiores, do oficial destacado para a região de Tara, impossibilitando Ellen de dispensar Babá, ou Dilcey ou Rosa, ou mesmo Teena, haviam forçado a mãe de Sc@rlett a confiar a uma criança inexperiente tão grande responsabilidade. Prissy nunca se afastara dos Doze Carvalhos ou de Tara mais de dois quilómetros. A viagem d"omboio, aliada à sua nomeação para ocargo de ama-seca do pequeno Wade Hampton, hav'am-lhe transtornado o juízo. As vinte milhas de trajecto entre Jonesboro e Atlanta tinham"na excitado a tal ponto que Scarlett se vira obrigada a transportar o filho :ao colo durante quase todo. o tempo. E, agora, a visão de tão numerosos edifícios e de tanta gente nas ruas completara o desvairamento. da moça. Virava a cabeça dum lado para o outro, apontava em todas as direcções, torcia-se para olhar @ara trás, enfim, tanto sacudiu o nenê que ele acabou por romper num pranto lamentoso.

Scarlett sentiu nesse instante a falta. dos braços roliços da sua velha ama. Bastava que ela pegasse numa criança para que esta se acalmasse e deixasse de chorar. Mas Babá tinha ficado em Tara 'e Scarlett nada podia fazer. Nada lucraria em tirar o filho das mãos de Prissy, pois tinha a certeza de que ele gritaria da mesma forma nas suas. E, além disso, puxar-lhe-ia as fitas docha-péu e amarrotar---lhe-ia, o vestido, o que era, ainda pior. Fingiu não ter ouvido a sugestão de Peter e continuou a observar. distraidamente, os transeuntes que se acotovelavam nas ruas.

"n possível que com o tempo eu me ajeite com crianças", pensou, irritada, enquanto a carruagem balouçava, e estremecia num esforço desesperado para sair do atoleiro, "mas duvido que venha alguma vez a gostar de brincar com elas".

E, ao ver as faces do filho, já escarlata de tanto chorar, ordenou com maus modos: . - Dá-lhe a boneca de açúcar que tens no bolso, Prissy. Dá-lhe qualquer coisa, contanto que ele se cale. Sei que está com fome, mas agora não posso valer-lhe.

Prissy extraiu da algibeira a chucha com açúcar que Babá lhe entregara nessa manhã e o menino calou-se imediatamente mal começou a chupar. Restabelecida a calma no interior@ da carruagem, Scarlett sentiu-se mais reanimada, ante o espectáculo novo que tinha diante dos olhos.

192

.wü

Quando Peter logrou por fim arrancar o veículo do lodaçal e meter o animal a trote ao longo de Peachtree Street, Searlett experimentou pela primeira vez naqueles últimos meses uma onda de interesse pelo que a rodeava, pelas pessoas e Delas coisas. Como a cidade se tinha desenvolvido! Ainda não havia um ano que estivera ali e parecia-lhe impossível que a pequenina Atlanta, que então conhecera, tivesse mudado assim.

Searlett passara esses curtos meses tão exasperada pelas notícias da guerra, tão absorta nas suas próprias mágoas, que ainda ignorava que, desde o começo das hostilidades, Atlanta sofrera uma transformação radical. As mesmas vias férreas que haviam feito da cidade um centro de tráfego

comercial, em tempo de paz, tinham-na tornado ponto estratégico de importância vital em tempo de guerra. Afastada do teatro de operações, Atlanta e as suas linhas serviam de traço de união entre os dois exércitos da Confederação, um dos quais defendia Virgínia eo outro Tennessee, bem como os Estados situados mais a Oeste, Pela mesma razão, Atlanta constituía ainda o ponto de contacto entre esses dois exércitos e o Sul, donde provinham todos os abastecimentos necessários às tropas -em campanha. Além disso, para fazer face às necessidades impostas p@lo, conflito, Atlanta transforinara-se num centro fabril, numa base hospitalar e num dos principais entrepostos de armazenamento e expedição de mantimentos e material destinados às forças combatentes.

Scarlett debalde procurou com os olhos a cidadezinha de que se recordava tão bem. A velha Atlanta desaparecera como por magia. O burgo que se estendia agora à sua frente dava a impressão duma criança que no breve espaço duma noite se houvesse metamorfoseado numa espécie de gigante, cheio de vitalidade.

Atlanta vivia horas de intensa actividade, como, unia colmeia em plena laboração. Consciente e orgulhosa do importante papel que desempenhava na vasta máquina bélica da Confederação, trabalhava dia e noite para converter unia região agrícola em zona industrial. Anteriormente à guerra, poucas eram as fábricas de tecelagem de algodão e lã, e raros os arsenais e centros metalúrgicos e de construção mecânica ao sul de Maryland, facto de que todos os sulistas se mostravam ufanos. O Sul criava homens de Estado e

13 - Vento Levou - I

193

cabos de guerra, fazendeiros e doutores, advogados e poetas, tudo menos engenheiros e mecânicos. Os yankees que abraçassem essas obscuras profissões! Mas agora. todos os portos marítimos da Confederação estavam bloqueados pelas canhoneiras yankees. A quantidade de produtos importados da Europa, que conseguia passar através do bloqueio, era ínfima e o Sul tentava a todo o custo fabricar o material de guerra, de que necessitava, pelos seus próprios meios. O Norte tinha à sua disposição, os recursos e os soldados do mundo inteiro. Milhares de irlandeses e de alemães engrossavam as fileiras dos exércitos da União, atraídos pelas generosas ofertas dos abolicionistas. O Sul não podia contar senão consigo.

As fábricas de maquinaria montadas em Atlanta desde o início das hostilidades produziam lentamente os engenhos necessários ao fabrico de material de guerra -lentamente porque no Sul existiam muito poucas máquinas que pudessem servir de modelo e quase todas as rodas e engrenagens tinham de ser feitas segundo desenhos vindos de Inglaterra, através do bloqueio,. Nas ruas de Atlanta viam-se agora casas muito estranhas; os cidadãos que, ainda no ano anterior, teriam apurado o ouvido ao escutarem meia dúzia de palavras pronunciadas com o sotaque característico dos habitantes do Oeste, não ligavam já a menor atenção aos diversos idiomas dos europeus que haviam enfrentado o bloqueio da esquadra yankee a fim de construírem máquinas e produzirem munições para as tropas sulistas. Sem essas centenas de peritos 'a Confederação teria visto esgotarem-se rapidamente as fracas reservas de pólvora, revólveres e canhões de que dispunha ao começar a guerra.

Quase que se podiam escutar as vigorosas pulsações do coração da cidade, que prosseguia sem desfalecimento na absorvente tarefa de expedir armamento para as duas frentes de batalha. Dezenas de comboios militares, puxados por locomotivas resfolegantes, cruzavam Atlanta de dia e de noite, num vaivém incessante. As novas fábricas faziam chover, sobre as moradias brancas, torrentes de fuligem negra. As fornalhas continuavam acesas mesmo depois de o Sol ter transposto a linha do horizonte e os cidadãos adormeciam ao som estridente e obcecante dos martelos nas forjas, que os perseguia em sonhos e os acordava na manhã seguinte, mais forte do que nunca. Onde outrora se desdobravam terrenos baldios erguiam-se presentemente vastos

194

edifícios em que se i>rocedia à manufactura de selas, arreios e botas, arsenais improvisados donde saíam carabinas e canhões, instalações de laminagem e fundições que produziam carris e furgões para substituir os que eram destruídos pelos yankees, enfim, toda a espécie de indústrias indispensáveis para o fabrico de esporas, bridões, fivelas botões, pistolas e espadas. As fundições começavam já a'ressentir-se da falta de matéria-prima, pois era difícil, quase impossível, fazê-la atravessar o bloqueio e, além disso, as minas de Alabama estavam a produzir cada vez menos, em virtude de uma grande parte dos mineiros ter sido chamada para as fileiras. Em Atlanta já não existiam gradeamentos nem portões, nem varandas nem estatuetas ou qualquer armação de ferro. Tudo isso tinha sido tragado pela insaciável voragem dos cadinhos das fundições e dos rolos dos lam!nadores.

Os serviços auxiliares dos exércitos em luta haviam estabelecido os seus quartéis-generais ao longo de Peachtree Street e das artérias adjacentes. As diversas repartições encontravam-se perfeitamente pejudicadas de homens uniformizados, pertencentes às forças da manutenção, ao serviço de transmissões, ao corpo de estafetas ' É-brigada de transportes por via férrea, à secção de justiça. Nos arrabaldes da cidade, tinham sido instalados os depósitos de remonta, onde cavalos e muares se aglomeravam em cercas enormes. Por fim, havia ainda os hospitais disseminados pelas ruas de menos concorrência. Pelo que @>eter lhe contou, Scarlett ficou com a impressão de que Atlanta devia estar transformada numa estância para feridos e doentes, pois já não tinham conta os hospitais gerais, os de moléstias contag,o,qas e os de convalescença. E todos os dias, num ponto situado levemente ao sul da bifurcação, os comboios despejavam mais feridos e mais doentes.

O pequeno burgo deixara de existir e a cidade que surgira no seu lugar e rai)idamente crescera em todas as direcções vibrava com uma intensidade que não conhecia tréguas. Arrancada à vida calma e descuidada dos campos, Searlett quase perdeu o fôlego, à vista de tal efervescência. Mas nem por isso ficou menos satisfeita. A atmosfera do local estimulou-a e o seu coração começou a palpitar num sincronismo perfeito com o de Atlanta.

A carruagem avançava lentamente ao longo da pista lamacenta em que estava convertida a principal artéria da

195

cidade. Scarlett teve assim tempo para observar em pormenor os novos edifícios e rostos com que ia topando no caminho. Nos passeios, acotovelaram-se indivíduos uniformizados, exibindo as insígnias relativas às diversas patentes e a todos os serviços. A rua estreita encontrava-se atravancada de veículos -carruagens, carroças, ambulâncias, viaturas militares, fechadas cujos condutores pareciam querer suprir a sua falta de habilidade no manejo das rédeas com as mais obscenas injárias, atiradas das boleias aos pobres animais que chapinhavam no lodaçal. Estafetas fardados de cinzento transportavam a galope ordens e mensa~ gens dum quartel-general para outro, fazendo voar a lama sob os cascos das montadas. Convalescentes, geralmente ladeados por senhoras caridosas, passeavam nas proximidades dos hospitais respectivos, com o auxílio de muletR@Dos campos de treino, onde os recrutas recebiam instrução, subiam os toques de clarim, o rufar dos tambores, as vozes de comando, gritadas a plenos pulmões. Scarlett sentiu o coração subir-lhe à garganta ao ver pela primeira vez o uniforme dos yankees, quando Peter apontou com o chicote na direcção dum grupo de soldados ' que trajavam fardamento azul-marinho, e era conduzido sob a escolta duma patrulha sulista, armada de carabinas com as baionetas caladas, para o depósito de prisioneiros, donde mais tarde transitaria para o campo de concentração.

"Oh!" pensou Scarlett que, pela primeira vez, desde o dia do piquenique, experimentava uma alegria verdadeira, "vou gostar disto aqui! n tão animado, tão estimulante!"

Contudo, a cidade era ainda muito mais divertida do que ela imaginava visto existirem por toda a parte botequins em abundân@ia. Sempre no encalço das forças combatentes, uma horda de prostitutas tinha invadido Atlanta e os bordéis transbordavam de mulheres, facto que profundamente consternava a população religiosa. Os hotéis, pensões e algumas residências

1)articulares regurgítavam de hóspedes, vindo de todos os pontos, a fim de se encontrarem mais

perto dos parentes hospitalizados. Não se passava uma semana sem que houvesse um baile, uma festa, ou um bazar, especialmente organizados com o objectivo de recolher fundos para obras de assistência às vítimas e respectivas famílias. Os casamentos de guerra sucediam-se num ritmo impressionante e os noivos, em gozo de licença, envergando a farda cinzento-clara com alamares dourados,

196

passavam sob filas de espadas, conduzindo orgulhosamente pelo braço as raparigas a quem acabavam de unir os seus destinos e as quais desfilavam, radiantes muito apuradas nos seus vestidos finos importados da Europa através do bloqueio. Durante as festas bebia-se champanhe e, quando chegava a altura das despedidas, vertiam-se algumas lágrimas de sincero pesar. À noite, nas ruas sombrias ladeadas de árvores rumorejantes, ressoavam os passos arrastados dos pares que dançavam nos salões, as notas melancólicas arrancadas aos pianos e as vozes de soprano entoando em coro com os soldados canções embaladoras, como *Os clarim* tocavam a cessar fogo ou *A tua carta* chegou, mas já não veio a tempo, baladas sentimentais que faziam chorar muitos olhos sonhadores, que nunca haviam vertido uma lágrima de verdadeira dor.

A carruagem continuava a descer a rua lamacenta e Scarlett não cessava de bombardear Peter com perguntas a que ele, ufano dos seus conhecimentos, ia respondendo sempre, apontando com o chicote ora para a direita, ora para a esquerda.

- Ali é o arsenal. Sim, minina onde eles guarda os canhão e outra arma. Não minina: aquilo não é loja nenhuma. P, o esquitório do I@Ioqueio. O quê, minina Scarlett, então inda não sabe o que é o esquitório do bloqueio? n o lugá onde os estrangeiro compra algodão p'ra embarcá em Char'ton. e Wilmin'ton. e onde eles vende à gente a pólvora p'ros canhão. Não, minina, não sei donde eles vem. Senhora Pitty diz que são quase todos inglês, mas a gente não entende patavina da fala dele. Tem razão, minina, é um fumo terrível que suja as cortinas de seda de senhora Pitty e que vem das fundição e dos laminadô. Faz uma barulheira de noite que nós nem pode dormir. Não, minina Scarlett não vou pará por mô da minina vê mió porque prometi a senhora Pitty de a levá direitinha p'ra casa. Minina Scarlett, faz uma vénia, por favô, As senhora Merriwether e Elsing tão a cumprimentá a minina.

Scarlett recordou-se vagamente de duas senhoras com esses nomes que tinham ido de Atlanta assistir ao seu casamento e, ao mesmo tempo, lembrou-se de que eram elas as duas melhores amigas da tia Pittypat. Voltou-se vivamente na direcção que Peter lhe indicava e inclinou a cabeça. As duas mulheres estavam sentadas numa carruagem estacionada à porta duma loja de tecidos. Com os braços ajouçados

197

de peças de algodão, o proprietário do estabelecimento e dois empregados atendiam os clientes, no passeio. A senhora Merriwether era uma dama alta e corpulenta, tão eficientemente comprimida no espartilho que G busto se lhe projectava para a frente como a proa dum navio. A sua cabeleira grisalha era completada por uma franja postiça, de caracóis, que parecia vangloriar-se da sua cor castanha e desprezar a circunstância de não se harmonizar com o resto do cabelo. O rosto redondo, de faces coradas, exprimia simultaneamente argúcia, bonomia e uma índole autoritária. A senhora Elsing aparentava menos idade. Era uma criatura- delgada e frágil, que outrora devia ter possuído grande beleza, da qual lhe restavam ainda certos vestígios, aliados a um ar imperioso e distinto. Juntamente com outra amiga, a senhora Whiting, estas duas mulheres eram os pilares da vida social de Atlanta. Cada uma delas assumira a administração da paróquia a que pertencia, dirigindo os clérigos, os fiéis e até os meninos do coro. O triunvirato assim constituído promovia a realização de bazares presidia à formação de círculos de costura, patrocinavam bailes e piqueniques, e, além destas, desenvolvia outras actividades de não menor importância. Qualquer das três amigas poderia fornecer de um instante para outro uma lista completa dos casais que viviam felizes ou daqueles que se davam mal, ou revelar os nomes de pessoas que se embriagavam secretamente, ou indicar de

cor, sem uma falha as mulheres que estavam à espera de nenê e as datas previstas para os partos. Todas elas eram consideradas autoridade em matéria de genealogia; conheciam a origem de todas as famílias de Geórgia, Virgínia e Carolina do Sul, e se não abrangiam nas suas investigações os restantes Estados da Confederação era por estarem convencidas de que não havia ninguém importante fora daquelas três. Sabiam os usos e costumes inerentes às pessoas bem-nascidas e todas as normas de etiqueta não se eximindo a manifestarem publicamente as suas opiniões sobre o assunto. A senhora Merriwether exprimia os seus pontos de vista com voz retumbante, a senhora Elsing preferia expor o que pensava a esse respeito em tom displicente mas cortês e a senhora Whiting assumia uma atitude de profundo constrangimento, como que para mostrar até que ponto detestava aflorar tais problemas. As três mulheres abominavam-se mutuamente e desconfiavam umas das

198

Gutras como os componentes do primeiro triunvirato romano, E talvez a estreita aliança que existia entre elas tivesse uma explicação análoga à que ditara a coligação dos antigos senhores de Lácio.

-Já disse a Pitty que preciso de si no meu hospital -

gritou a Merriwether, sorridente. -Agora veja lá se vai comprometer-se com a senhora Meade ou com a senhora Whiting.

-Fique descansada que não o, farei-as-sevQrou Scarlett sem ter a minima ideia do que a Merriwether pretendia. No entanto, não pôde deixar de experimentar uma sensação deveras agradável ante o caloroso acolhimento, que lhe estava sendo dispensado e o empenho com que desde já a sua presença era disputada. -Espero tornar a vê-la brevemente.

A carruagem continuou a avançar laboriosamente ao longo da rua. A certa altura deteve-se por instantes, a fim de dar passagem a duas sei@horas que, segurando nos braços cestos repletos de ligaduras, procuravam atravessar o lodaçal, servindo-se das pedras escorregadias quase submersas na lama. Durante essa curta pausa o olhar de Scarlett deteve-se na figura curiosa duma mulher parada no

passeio, a qual envergava um vestido de cores vivas, demasiadamente garridas para ser usado fora de casa tendo pelos ombros um xaile de Paisley cujas franjas qu@se lhe chegavam aos tornozelos. Voltando-se na direcção oposta, deparou-se-lhe outra mulher, alta e atraente, de feições um pouco duras e farta cabeleira ruiva, muito ruiva para ser verdadeira, na cor pelo menos. Era a primeira vez que Scarlett via uma mulher que com certeza tinha feito qualquer coisa ao cabelo e quedou-se a mirá-la fascinada.

- Peter, quem é aquela? - perguntou, em voz baixa. -Não sei, minina. -Sabes, sim. Tenho a certeza de que sabes. Quem é?

- Chama-se Belle Watling - respondeu Peter, esticando o lábio inferior.

Scarlett não deixou passar despercebido o facto de que Peter não fizera preceder o nome nem de senhora nem de menina.

-Quem é ela? -Minina Scarlett -redarguiu Peter, em tom Soturno, chicoteando o cavalo, que quase pulou de surpresa -a tia de minina com certeza que não vai gostá de a vê fazê per-

199

gunta de coisa que não é própria. Agora na cidade há uma porção de gente que não presta e de muié que nem é bom falá.

"Deus do Céu!" pensou Scarlett, remetendo-se ao silêncio. "Deve ser uma mulher de má vida!"

Nunca até então tinha visto uma Drostutita e foi-se voltando no banco para a seguir com a vista, até que ela se sumiu entre a multidão.

Os armazéns e os edifícios construídos para fins militares começavam a rarear. Entre eles estendiam-se agora lotes de terreno baldio e em breve a carruagem deixou para trás a zona comercial. Diante dos olhos de Scarlett principiaram a desfilar os prédios residenciais. A rapariga identificava-os como velhos amigos: a casa dos Leydens, majestosa e digna; a moradia dos

Bonnells, com as suas colunas brancas e persianas verdes; a vivenda da família McLure, de tijolos vermelhos, construída segundo o estilo característico de Geórgia e parcialmente oculta pela cerca baixa. A viatura abrandara o andamento atendendo aos pedidos das senhoras que, dos passeios, al@ndres e varandas, chamavam Scarlett, Esta conhecia algumas apenas de vista e de outras guardava sómente uma vaga recordação; a maioria, porém, era-lhe completamente estranha. Pittypat Hamilton tinha espalhado a notícia da sua chegada, com certeza. Viu-se obrigada a pegar no filho ao colo vezes sem conta e a erguê-lo nos braços para que as senhoras que se aventuravam na lama até junto da carruagem pudessem extasiar-se a contemplá-lo. Todas elas lhe pediram que aderisse aos seus círculos de costura ou clubes de malha e às comissões hospitalares a que pertenciam, e Scarlett fazia promessas temerárias a torto e a direito.

No momento em que a carruagem passava defronte duma casa verde de madeira, recoberta de trepadeiras, uma negrinha, p@stada nos degraus do alpendre, gritou:

- Lá vem ela! Seguido pela mulher e pelo filho, um rapaz de treze anos que dava pelo nome de Phil, o doutor Meade correu ao encontro de Scarlett, a fim de lhe apresentar cumprimentos de boas-vindas. Scarlett lembrava-se de os ter visto também no seu casamento, A senhora Meade saltou para o estribo da carruagem e esticou o pescoço para ver a criança, enquanto o mariaio, sem fazer caso da lama, se postava ao lado dela. o Dr. Meade era homem alto e magro,

200

de barba grisalha, talhada em bico. As roupas dançavam-lhe no corpo, esquelético como que açoitadas por um vendaval. Toda a gente em Atlanta o considerava a fonte da força e da sabedoria humanas e, por consequência, não era de estranhar que ele próprio partilhasse até certo ponto da opinião dos seus concidadãos. Não obstante a sua mania de fazer previsões fantásticas, como um oráculo, e as maneiras afectadas que por vezes assumia, era indubitavelmente a criatura mais bondosa e simpática da cidade.

Depois de ter apertado a mão de Scarlett e de haver espetado um dedo no estômago do nenê, à guisa de cumprimento, o médico anunciou que a tia Pittypat lhe havia prometido, sob juramento, que Scarlett não--- daria o seu concurso a nenhuma comissão hospitalar, salvo àquela que era presidida pela senhora Mêade.

- Oh, meu Deus! - exclamou Searlett. - Mas eu já me comprometi com centenas de senhoras!

-Aposto que encontrou a senhora Merriwether! - re-

pontou a Meade, indignada. - Apre! Aquela mulher parece que vai esperar todos os comboios!

- Convidaram-me e eu aceitei, embora não faça a menor ideia do que se trata -confessou Scarlett. - Que vêm a ser alinal as comissões hospitalares?

Tanto o Dr. Meade como a mulher pareceram ficar escandalizados ante aquela confissão de ignorância.

-Evidentemente uma pessoa que vive isolada no meio do campo não pode saber o que se passa cá por fora -

declarou a senhora Meade, procurando desculpá-la. -Para fazermos face às necessidades impostas pela guerra, lembrámo-nos de organizar turnos de enfermeiras que trabalham nos diferentes hospitais, revezando-se sucessivamente. Tratamos dos feridos e doentes, auxiliamos os médicos, enrolamos ligaduras preparamos as roupas e, quando os homens têm alta pa@a convalescer, levamo-los para nossas

casas até que eles se sintam em condições de regressar para a frente. Além disso, olhamos pelas mulheres e pelas famílias dos feridos que não possuem meios, ou se mostram em eirfunstâncias ainda piores. O Dr. Meade trabalha no

InsU7tuto Hospitalar onde funcionam os meus turnos. Todos o acham um médico, exemplar... ectuosamente.

- Basta, basta - interrompeu o doutor, af -Não vês que te fica mal elogiar-me à frente de outras

201

pessoas? Eu pouco faço. Uma vez que tu não me deixaste alistar no Exército...

- Eu não deixei? - exclamou a mulher, indignada. -

Eu? Foi a cidade em peso que se opôs e tu bem o sabes. imagine, Scarlett, que mal se espalhou a notícia de que o meu marido tencionava partir para Virgínia como cirurgião militar, todas as senhoras de Atlanta se apressaram a assinar uma petição para que ele ficasse. Que seria da cidade sem ti. não me dirás?

- Pronto, não insistas - atalhou o marido, sensibilizado pelo elogio. - 'JÉ', possível que a presença dum filho na frente de batalha seja suficiente como contribuição para o nosso esforço bélico.

-E, para o ano, vou eu!-afirmou o jovem Phil, pulando de entusiasmo. -Alistar-me-ei como tambor. Já ando a treinar-me. Quer ouvir? n só um momento, enquanto vou buscar...

Não, agora não - opôs-se a mãe, puxando o filho para si, com as feições súbitamente crispadas. -

Não quero que tu vás já no próximo ano. Talvez no outro...

-Mas nessa altura, já a guerra terá acabado! - protestou Phil. furtando-se ao abraço materno. - Além disso, tinham-me prometido...

Por cima da cabeça do moço, marido e mulher trocaram um olhar que surpreendeu Scarlett. Darey Meade estava em Virgínia e aos pobres pais repugnava a ideia de verem * filho mais novo partir também.

Peter apurou a garganta.

- Sínhora Pitty tava tão nervosa quando eu saí que se * gente não volta depressa vai desmaiar com certeza.

- Adeus, adeus - disse a Meade, que acrescentou ainda: -Logo à tarde,~darei um p41o até lá. E previna a sua tia de que, se eu não puder contar consigo, não haverá nada que a salve das minhas unhas.

A carruagem pôs~se de novo em movimento, prosseguindo ao longo da rua lamacenta. Scarlett recostou-se no banco, sorridente. Havia muitos meses já que não experimenta,va uma sensação tão intensa. Com as suas multidões, a sua agitação, a sua atmosfera galvanizante, Atlanta era bem mais agradável do que a fazenda solitária dos arredores de Charleston, onde os gritos dos agitadores quebravam o silêncio da noite; bem mais divertida do que a própria cidade, com os seus jardins adormecidos, cercados de

202

muros altos; bem mais atraente do que Savannah, com as suas ruas largas, ornadas de palmeiras e a ma ribeira de águas barrentas. Sim, naquele momento, Atlanta era mesmo preferível a Tara, fosse qual fosse o lugar que Tara ocupava no coração de Scarlett.

Havia algo de cativante naquela cidade de ruas estreitas, circundada por colinas avermelhadas, algo de primitivo * rude, que coadunava com o feitio impulsivo de Scarlett, * qual Ellen e Babá debalde tinham tentado sepultar sob uma camada de verniz. Scarlett compreendeu de súbito que era a esta que ela pertencia e não a qualquer das outras cidades antigas, plàcidamente espreiadas ao longo das margens dos rios que as banhavam.

As moradias eram agora cada vez mais espaçadas. Scarlett debruçou-se sobre a portinhola da carruagem e avistou a casa da tia Pittypat, com as suas paredes de tijolos vermelhos e telhado de ardósia. Era quase o último prédio na zona setentrional da cidade. Naquele ponto, Peachtree Road transformava-se num caminho estreito, que continuava para o norte, serpenteando entre árvores frondosas, até se perder na floresta silenciosa. A cerca, de madeira cuidadosamente aparada, tinha sido recentemente pintada de branco e o jardim por ela delimitado emoldurava a, casa num friso de verdura, marchetado pelos últimos junquinhos da estação. Sobre os degraus do alpendre, viam-se duas mulheres vestidas de preto e, atrás delas uma, terceira, de pele amarelenta, com as mãos ocultas s@b o avental e os dentes brancos descobertos por um sorriso largo. A gorducha Pittypat, tomada de forte comoção balouçava-se dum lado para outro, sobre os pés minúsculos, enquanto com as mãos comprimia o peito, como que para acalmar as palpitações do coração. Searlett reconheceu Melanie de pé ao lado da tia, e pensou, desgostosa, que só a 'presen@a daquela criatura

franzina, de luto, que tão bem soubera alisar os seus caracóis rebeldes para ficar com um aspecto mais senhoril e que nesse instante avançava ao seu encontro, com um sorriso a iluminar-lhe o rosto em forma de coração, poderia ofuscar o prazer que estava disposta a tirar da visita que viera fazer a Atlanta.

Quando um meridional se dava ao trabalho de preparar as malas e de cobrir um percurso de vinte milhas para visitar um amigo ou pessoa de família, era raro que a sua

203

visita durasse menos que um mês -geralmente prolongava-se por muito mais tempo. Os sulistas faziam visitas com o mesmo entusiasmo com que as recebiam e, às vezes, parentes convidados para as festas do Natal iam-se deixando ficar até Julho do ano seguinte. Também sucedia com frequência casais em lua-de-mel demorarem-se em casa dum amigo mais hospitaleiro até ao nascimento do segundo filho e nada havia de extra-ordinário no facto dum tio ou uma tia de idade já avançada, que aparecera em casa dos sobrinhos para o jantar de domingo, só de lá sair alguns anos mais tarde, a caminho do cemitério. As visitas não incomodavam, pois que todas as moradias dispunham de quartos com fartura e os escravos eram em número mais que suficiente para enfrentar o acréscimo de trabalho. Aliás, uma boca a mais ou a, menos não chegava a constituir um problema, em região tão rica como aquela. Toda a gente fazia visitas: casais em viagens de núpcias, mães juvenis desejosas de apresentar às pessoas conhecidas os seus últimos rebentos,- convalescentes de longa enfermidade, raparigas a quem os pais pretendiam afastar de namorados indesejáveis ou que tinham atingido a idade crítica dos vinte anos sem casar e alimentavam a esperança de encontrar marido sob a égide de parentes estabelecidos noutras regiões. Para os meridionais, as visitas eram sempre motivo de satisfação, visto quebrarem a monotonia dos seus dias sempre iguais.

Scarlett chegou a Atlanta sem fazer a mínima ideia do tempo que iria demorar-se. Se visse que a sua estadia ali prometia tornar-se enfadonha como acontecera em Charleston e Savannah, regressaria a Tara no fim do primeiro mês. Caso contrário, prolongá-la-ia indefinidamente. Contudo, Pittypat e Melanie trataram logo de início de conjugar os seus esforços para a convencerem a instalar-se definitivamente em Atlanta. Recorreram a todos os argumentos possíveis e imagináveis para lograrem o seu intento. Queriam tê-la junto delas, porque a estimavam imensamente. Sentiam-se tão sós naquele casarão enorme e às vezes tinham tanto medo de noite, que a sua presença lhes daria coragem. A sua companhia, graciosa e gentil, decerto contribuiria para minorar o desgosto que as minava. Agora que Charles morrera, o lugar dela e do, filho era junto da família do marido. Além disso, Charles deixara-lhe em testamento a metade da casa que herdara dos

204

pais, E, por último, a Confederação necessitava de todas as mãos disponíveis para trabalhos de costura e de malha, bem como para o tratamento dos feridos e preparação de ligaduras. O tio de Charles, Henry Hamilton, celibatário inveterado que vivia no Hotel Atlanta, próximo da estação, também tomou o assunto a peito e tentou persuadir Scarlett a fixar residência na cidade. Henry Hamilton era um homenzinho baixo, barrigudo, de face vermelhusca e longos cabelos brancos. Tinha um feitio irascível e não tolerava mulheres tímidas ou atreitas a desmaios. Fora por esta última razão que ele praticamente, cortara relações com a irmã, a gorducha Pittypat. Desde criança que os seus temperamentos se tinham revelado incompatíveis, mas as primeiras desinteligências sérias só se verificaram quando Henry se lembrou de censurar a irmã pela forma como estava educando Charles. "Por esse andar - dissera ela - ainda acabas por fazer do filho dum soldado um autêntico mariquinhas". Alguns anos atrás - Henry Hamilton ofendera gravemente a irmã e a partir de então, sempre que Pittypat baixava tanto a voz e empregava palavras que se referia a ela, ela respondia com tantas reticências que, quem não conhecesse o honesto advogado, julgá-lo-ia um assassino, pelo menos. O incidente que motivou o rompimento ocorreu no dia em que Pittypat decidiu desfalcar em quinhentos dólares, o seu património, de que Henry era o fiel depositário, para os aplicar numa mina de ouro que nunca existira. Henry Hamilton opôs-se tenazmente à ideia e, no auge da sua

exaltação, acusou a irmã de ter ainda menos juízo do que uma criança, acrescentando que até sentia formigueiros nas pernas, quando estava mais de cinco minutos a conversar com ela. Desde então, Pittypat passara a visitá-lo apenas no último dia de cada mês, quando Peter a levava ao escritório, a fim de ela receber o dinheiro necessário para o governo da casa. Sempre que voltava dessas rápidas visitas Pittypat, metia-se na cama e passava o resto do dia debruçada em lágrimas, sem largar o frasquinho dos saís. Melanie e Charles, que mantinham boas relações com o tio, por várias vezes se tinham oferecido para ir receber a mesada no seu lugar, mas Pittypat fazia beicinho como uma criança, punha os pés à parede e teimava em ir ela pessoalmente. Henry era a sua cruz e portanto, havia de a arrastar até ao fim. Charles e Melanie tinham acabado

205

por chegar à conclusão de que a tia gostava, de passar por aquelas comoções, as únicas que lhe consentia a vida monotona que levava.

Henry Hamilton simpatizou imediatamente com Scarlett porque, segundo ele mais tarde confessou a rapariga possuía, sob a tola afectação das suas atitudes, uma razoável dose de bom-senso. Henry era o fiel depositário não só dos bens de Pitty e de Melanie, como também do que Charles deixara a Scarlett, a qual experimentou agradável surpresa ao saber que 'além de metade da casa em que se encontrava instalada, Charles lhe legara igualmente diversas propriedades no campo e na cidade. Scarlett era agora uma viúva rica. Os armazéns e depósitos que alinhavam ao longo da linha férrea até junto da estação e faziam parte da sua herança haviam triplicado de valor desde que a guerra se desencadeara. Foi precisamente na altura em que estava a prestar contas do legado de Charles que o tio Henry aflorou a questão da mudança definitiva de Scarlett para Atlanta, -Quando Wade Hampton atingir a maioridade terá ao seu dispor uma riqueza considerável -disse ele -e, com o incremento que a cidade está a tomar, tenho a certeza de que dentro de vinte anos, o seu património valerá dez vezes mais. É necessário que o rapaz cresça e seja, educado aqui em Atlanta, para que aprenda a administrar os bens que lhe pertencem, assim como os de Pitty e de Melanie. Dentro de pouco tempo, será ele o único homem da família, visto que eu não possuo o dom da eternidade.

Peter, esse já se tinha compenetrado da ideia de que Scarlett ficaria a residir definitivamente com Pittypat e Melanie. Aliás, não podia admitir a hipótese de que o filho único de Charles fosse criado longe de Atlanta onde não tivesse oportunidade de vigiar a sua educação. Scarlett escutava todos estes argumentos com um sorriso nos lábios e guardava silêncio. Não queria assumir qualquer compromisso sem saber se a vida em Atlanta e a convivência permanente com a família do seu defunto marido lhe agradava ou não. Além disso, havia de consultar previamente Gerald e Ellen, os quais, por certo, se oporiam a uma separação definitiva. Acima de tudo, porém, preocupava-a uma descoberta que só recentemente fizera. Tinha saudades de Tara. Agora que se encontrava longe da casa paterna, começava a sentir uma estranha nostalgia. As colinas de

206

terra vermelha, os tufos verdes dos algodoeiros e, sobretudo, o silêncio doce dos crepúsculos, tudo isso lhe fazia falta. E só então compreendeu o verdadeiro significado das palavras do pai, quando lhe afirmava que ela tinha com certeza o amor pela terra entranhado nas veias, Scarlett evitou habilmente dar resposta categórica às perguntas que lhe dirigiam quanto à duração da sua estadia e foi-se deixando arrastar pela existência agradável que levava na grande casa de tijolos vermelhos que se elevava quase ao fim de Peachtree Road, longe do bulício do centro da cidade.

A vida em comum com os parentes de Charles proporcionou-lhe ensejo de ficar com uma ideia mais precisa acerca do homem que, em tão curto espaço de tempo, havia feito dela esposa, viúva e mãe. Sabia agora por que razão ele era tão tímido, tão simples, tão sonhador. Se Charles herdara algumas das qualidades do soldado austero intrépido e impulsivo que fora o seu pai, a atmosfera de equitativa feminilidade em que decorreram a sua infância destruíra-a por completo. Devotara-se de

corpo e alma à pueril Pittypat e a sua afeição por Melanie era muito superior à que vulgarmente se encontra num irmão.

A tia de Charles fora baptizada sessenta anos atrás com o nome de Sarah Jane Hamilton, mas desde o dia já longínquo em que o pai, que a adorava, se lembrara de lhe chamar Pittypat, por ela ter os pés minúsculos e não ser capaz de os conservar imóveis por um momento, ninguém mais a tratara de outra maneira. No decurso dos anos que se seguiram a esse segundo baptismo o sobrenome acabou por se tornar ridículo em face das transformações operadas no aspecto físico de Sarah Jane. Com efeito a criança irrequieta que ela fora não restava mais do que os pés minúsculos, desproporcionados em relação ao peso do corpo e aquela forte propensão para tagarelar e rir por tudo por nada. Gorducha, de faces rubicundas e cabelos grisalhos, usava o espartilho tão apertado que até tinha dificuldade em respirar. Era, incapaz de andar distâncias superiores a cem metros, pois trazia os pés sempre comprimidos dentro de sapatos de medida inferior à que devia calçar. À menor contrariedade, o coração, de uma sensibilidade extrema, entrava a palpar desordenadamente, e ela abusava dessa circunstância com o maior desprazer, desmaiando com frequência e a propósito de qualquer coisa.

207

Todos sabiam que, duma maneira geral, os seus delírios eram fingidos, mas queriam-lhe tanto bem que lho não davam a perceber. Toda a gente gostava dela e a estragava com mimo, tratando-a, como a uma criança. Por isso mesmo, ninguém a tomava a sério-ninguém a não ser o irmão, Henry Hamilton.

Não havia nada que lhe agradasse mais do que conversar, nem sequer os prazeres de uma boa mesa. Costumava passar horas a fio, a tagarelar acerca da vida dos outros, não por espírito de maledicência, mas como passatempo. A sua memória não retinha nomes nem datas, nem locais, e era frequente confundir os intérpretes de um drama ocorrido em Atlanta com as personagens duma tragédia que se desenrolara noutra cidade qualquer. No entanto, ninguém coíntia a imprudência de lhe dar crédito, pelo que os equívocos em que incorria não eram susceptíveis de causar aborrecimentos a quem quer que fosse. Todos evitavam contar-lhe episódios impressionantes ou histórias escandalosas, pois que se tornava necessário respeitar o seu estado de velha solteirona, não obstante os sessenta anos que lhe pesavam sobre os ombros, e todas as pessoas amigas conspiravam gentilmente para a preservarem do mal e a conservarem mimada como uma criança de colo.

Melanie era bastante parecida com a tia sob muitos aspectos. Parecia ter herdado dela a mesma timidez, os mesmos rubores súbitos a mesma modéstia embora fosse dotada de bom-senso... "De um género muito especial, é preciso que se note", pensava Scarlett, mau grado seu. Tal qual sucedia com Pittypat, também Melanie tinha no rosto a expressão inocente e confiante de quem sempre encontrara à sua volta singeleza e candura, lealdade e amor, de quem ignorava o mal e não o reconhecia se um dia viesse a topar com ele no seu caminho. Vivera sempre feliz, e o seu desejo era, que todos partilhassem da mesma felicidade ou que, pelo menos, se sentissem satisfeitos consigo próprios. A sua bondade induzia-a a ver apenas o lado bom das pessoas e a exaltar as virtudes que nelas porventura lograva descobrir. Não havia, servo, por mais estúpido que fosse, em que ela não encontrasse vestígios redentores de fidelidade e nobreza de sentimentos, nem rapariga feia ou

antipática que não achasse elegante e íntegra, nem homem indigno ou maçador, cujos defeitos, aos olhos dela, sobrepujassem as suas imaginárias qualidades.

208

Tais predicados, nascidos espontaneamente dum coração sincero e generoso, havia-lhe granjeado a estirpe de todo. De facto, quem é capaz de resistir ao encanto duma criatura que descobre nas outras pessoas virtudes admiráveis, que elas próprias nunca tinham suposto possuírem? Melanie contava mais amigos do que qualquer outra rapariga de Atlanta, tanto entre a população feminina

como entre a masculina. E, se não vivia rodeada de admiradores era porque lhe faltavam a malícia e o egoísmo tão úteis para colher na armadilha os corações dos homens.

Melanie limitava-se a pôr em prática as lições que as raparigas meridionais recebiam des-de pequeninas e que tinham como principal objectivo conseguir que todas as pessoas se sentissem despreocupadas e -satisfeitas na sua companhia. Era esta simpática conspiração feminina que tornava a sociedade do Sul tão, agradável. As mulheres sabiam por experiência própria que numa terra onde os homens não fossem contrariados nem feridos na sua vaidade a sua vida decorreria numa atmosfera tranquila e aprazível. Por isso, desde o berço até à sepultura ' elas se empenhavam em lhes proporcionar uma existência feliz atenção que os homens retribuía prodigamente com galantaria e estima, cumulando-as de gentilezas, 'reconhecendo espontâneamente todas as suas virtudes e qualidades, salvo. a da inteligência. Scarlett conseguia exercer sobre as pessoas com quem lidava o mesmo fascínio que Melanie, suprimindo a natural simplicidade da cunhada por pro,cessos estudados que punha em prática com a perícia duma artista consumada. A diferença entre as duas residia no facto de que, no caso de Melanie, as palavras gentis e lisonjeiras eram ditadas exclusivamente Delo desejo de criar à sua volta uma atmosfera de felicidade ' ainda que passageira, ao passo que Scarlett só as pronunciava quando podia tirar delas algum prove@to pessoal.

Criado sob a influência de duas criaturas a quem devotara ilimitado afecto, num lar que ambas se esforçavam por tornar suave como um ninho> Charles fez-se homem sem praticamente tomar êontacto com a dura realidade da vida, o que teve como consequência que o seu carácter se forjassem em moldes pouco másculos. Na opinião. de Searlett, aquela caísa, tão antiga, tão tranquila e modesta em relação a Tara, precisava de ser impregnada dos odores masculinos de tabaco, do álcool e de óleo de Macaçar. Sentia-se ali a

14 - Vento Levou - 1

209

falta de armas de fogo, de suíças, de selas e de arreios, dunia voz rude praguejando de vez em quando, de cães a ladrarem no pátio, de rumores de discussões que tão frequentemente se ouviam em Tara quando Ellen não estava próximo para intervir -de Babá questionando com Pork, de Rosa implicando com Teena, de Gerald ameaçando este mundo e o outro da própria Scarlett repontando com Suellen, Não era d@ admirar que Charles se houvesse transformado no rapaz tímido que Scarlett desposara, vivendo num ambiente daqueles, onde os dias se passavam numa monotonia exa-sperante, onde todos se curvavam delicadamente perante os pontos de vista alheios e seguiam as directrizes impostas pelo déspota negro, de cabelos grisalhos, quesoubra colocar sob a sua superintendência, inicialmente circunscrita à cozinha, o resto da habitação, bem como os respectivos ocupantes. Scarlett que, ao escapar à estreita vigilância da ama, imaginara ter dado um passo firme no caminho da libertação ' verificou com pesar que Peter tinha ideias mais estritas que as de Babá acerca da maneira como devia conduzir-se uma senhora em geral, e a viúva do senhor Charles em particular.

Sob aquele tecto, Searlett recobrou o seu equilíbrio emocional quase sem dar por isso. Tinha apenas dezassete anos, gozava de excelente saúde, transbordava de energia e a família de Charles não se poupava a esforços para que ela -se sentisse feliz na sua companhia. Se não lograram inteiramente o propósito que os niovsJa, a culpa não era deles, pois que ninguém podia arrancar do coração de Scarlett a dor pungente que a assaltava sempre que se pronunciava o nome de Ashley. E Melanie pronunciava-o tão amiúde! Contudo, tanto ela como a tia manifestavam a preocupação constante de encontrarem forma de suavizar o desgosto que julgavam torturá-la. Chegavam ao ponto de recalcar as suas tristezas para tentarem distraí-la. Rodeavam-na de atenções, cozinhando os pratos de que ela mais gostava, conven 1-

cendo-a a repousar após as refeições, persuadindo-a a dar curtos passeios de carruagem, para espairecer as mágoas. Não só deliravam de admiração por ela, pela sua vivacidade, pela sua cintura fina, pelos seus pés tão pequeninos, pelas suas mãos tão delicadas, pela sua cútis tão branca e

aveludada, como também lho diziam sem reboço, pontuando os elogios que lhe faziam com beijos e carícias.

Scarlett ligava pouca, importância às demonstrações afec-

210

tivas da tia e da cunhada, mas experimentava uma satisfação imensa, ao ouvir os cumprimentos que não cessavam de lhe dirigir. Nunca em Tara lhe tinham dito coisas agradáveis, Pelo contrário. Babá não se cansava de lutar contra a sua presunção: O pequeno Wade Hampton já não constituía um empecilho, pois que toda a família, bem como vizinhos-e escravos, o adorava, disputando acaloradamente o prazer de lhe pegarem. Melanie tinha uma verdadeira loucura pelo sobrinho, Até no auge das suas piores crises de choro, ela o achava encantador e exclamava, embevecida:

-Que amor de nenê! Como eu gostaria que ele fosse meu!

Por vezes,, Scarlett tinha dificuldade em dissimular os -seus sentimentos. Para, ela, a tia Pittypat continuava a ser a mais estúpida das solteironas e a sua inconstância bem como as vertigens a que era tão atreita, irritavam-a ao mais alto ponto. Quanto a Melanie, sentia por ela uma aversão ciumenta que ia aumentando de intensidade à medida que os meses corriam, Não era raro ter de abandonar a sala bruscamente, quando a cunhada, com o rosto iluminado por uma expressão de orgulho e amor, começava a falar de Ashley ou decidia ler as cartas dele em voz alta. Apesar de tudo, a vida decorria o mais agradavelmente possível. Atlanta era muito mais divertida do que Savannah, Charleston ou Tara, e a guerra proporcionava passatempos tão imprevistos que Scarlett não tinha vagar para reflectir nem para se preocupar com ideias tristes. No entanto, quando à noite, depois de ter apagado a vela, escondia a cabeça no travesseiro, assaltavam-na pensamentos sombrios. E então, sem conseguir conciliar o sono, ela suspirava e dizia de si para si: "Oh, se ao menos Ashley não estivesse casado! Se ao menos eu não tivesse de trabalhar naquele maldito hospital! Se ao menos pudesse ter alguns namorados!"

Scarlett detestara o serviço de enfermeira desde o primeiro instante, mas não podia esquivar-se ao compromisso tomado, tanto, mais que fazia parte de duas comissões, pelas senhoras Meade e Merriwether. isso representava ao fim de cada semana quatro manhãs perdidas no hospital, abafado e pestilento, com os cabelos metidos à força numa toalha e o corpo envolto num avental quentíssimo que a cobria do pescoço aos pés. Velhas ou novas, todas as mulheres casadas de Atlanta praticavam a enfer-

211

magem nos serviços de assistência hospitalar às vítimas de guerra, desempenhando-se da sua, missão com um entusiasmo que roçava pelo fanatismo. Todas elas estavam conscientes de que Scarlett se encontrava imbuída do mesmo fervor patriótico que as movia e ficariam profundamente consternadas se pudessem adivinhar o interesse quase nulo que à sua juvenil colega mereciam todos os problemas relacionados com a guerra. A marcha do conflito e o destino da Confederação apenas a preocupavam na medida em que pudessem afectar a segurança de Ashley, por cuja vida receava num tormento constante. E, se continuava a tratar dos feridos, era porque não via maneira de se furtar a essa horrível tarefa.

A profissão de enfermeira não tinha nada de romanesco. Para ela, significava apenas gemidos, delírios, mortes e cheiros fétidos. Os hospitais estavam a abarrotar de homens imundos, barbudos, cobertos de parasitas, que tresandavam terrivelmente e apresentavam ferimentos horríveis, cujo aspecto provocava náuseas. O fedor agriço da gangrena assaltava as narinas de Scarlett, antes que ela transpusesse a porta do hospital, e entranhava-se-lhe na pele e nos cabelos, perseguindo-a de noite, em sonhos. Densos enxames de moscas, melgas e mosquitos revoloteavam no ar, zumbindo sobre os catres, cujos ocupantes, atormentados pelas dores e pelas picadelas dos insectos, praguejavam impotentes, ou soluçavam, exaustos. Para minorar o sofrimento deles, Scarlett passava parte das manhãs a agitar pesados leques de palmito à cabeceira das camas, até as costas lhe doerem e lhe faltarem as forças para coçar os braços e as mãos, onde os mosquitos a picavam.

Havia ocasiões em que, desesperada, chegava a desejar que todos aqueles homens morressem para a deixarem em paz.

Melanie, porém, parecia não se impressionar, nem com as emanções pútridas dos membros gangrenados, nem com o aspecto repelente das chagas 'nem sequer com a nudez dos feridos, facto que Scarlett estranhava numa criatura recatada e tímida como era a, cunhada. Às vezes, Melanie ficava lívida, quando o Dr. Meade achamava para o ajudar nas operações e a, obrigava, a segurar em bacias e instrumentos cirúrgicos, enquanto ele retalhava carnes putrefactas. Certo dia, após uma intervenção deste gênero, Scarlett foi encontrá-la fechada na rouparia, a vomitar tranquilamente para uma toalha. Mas, enquanto permaneciasob os

212

olhares dos feridos e doentes, Melanie mostrava-se sempre tão meiga, tão compreensiva e animosa, que bem merecia o epíteto de "Anjo de Caridade", como era conhecida em todos os hospitais.

Scarlett gostaria de receber título idêntico, mas isso implicaria tocar em homens cobertos de piolhos, meter os dedos nas gargantas dos feridos inconscientes não fossem eles estar sufocados por pontas de cigarro, edaixar com ligaduras cotos de membros amputados e retirar bichos de carnes apo-drecidas. Não, a vida de enfermeira estava muito longe de a seduzir!

Se ao menos lhe fosse permitido exercer a magia dos seus encantos sobre os convalescentes, entre os quais havia alguns bastante simpáticos, descendentes de boas famílias, talvez ela tivesse encontrado em tão espinhosa actividade uma espécie de compensação. Mas enviuvara muito recentemente e era preciso guardar as aparências... Os convalescentes estavam entregues aos cuidados das raparigas solteiras'às quais não era permitida a prática de enfermagem, medida tendente a evitar que elas vissem espectáculos inconvenientes para os seus olhos pudicos de donzelas. Não sendo nem casadas nem viúvas, gozavam de plena liberdade e faziam autênticas razias entre os seus protegidos. Scarlett observou, não sem certa melancolia, que até as raparigas menos atraentes conseguiam arranjar noivo com a maior facilidade.

Exceptuando as manhãs que perdia no hospital à cabeceira dos moribundos e dos feridos de maior gravidade, Scarlett passava o tempo rodeada de mulheres, o que lhe era duplamente desagradável, não só pela desconfiança que lhe inspiravam as representantes do seu sexo, mas também pelo aborrecimento que sempre experimentava na companhia delas. Não obstante a sua repugnância pelos ambientes em que predominasse o elemento feminino Scarlett tinha de participar três vezes por semana nas reuniões dos círculos de costura e de empacotamento de ligaduras, dirigidos pelas amigas de Melanie. As jovens que constituíam esses grupos e que, sem uma única excepção, tinham conhecido Charles, mostravam-se muito delicadas e atenciosas para com ela, especialmente Fanny Elsing e Maybelle Merriwether, filhas das duas viúvas mais célebres de Atlanta. Contudo, Scarlett notava na gentileza com que elas a tratavam a deferência devida a uma velha, cuja vida se aproxima do seu termo. E, ao ouvi-las falar a respeito de bailes e de

213

namorados 'numa tagarelice incessante e despreocupada,, Scarlett acabava por invejar a sorte delas, com saudades dos folguedos dos seus tempos de solteira. No, entanto, tinha a certeza de que era, três vezes mais atraente do que Fanny ou Maybelle! Oli, como a vida se mostrava injusta! Como podia haver pessoas que supunham o seu coração sepultado, com o corpo do marido, quando ele lutava na Virgínia, ao lado de Ashley!

Apesar de todos estes inconvenientes, Atlanta agradava-lhe bastante e as semanas iam correndo sem que lhe acudisse a ideia de regressar a Tara.

9

DEBRUÇADA na janela do seu quarto, Scarlett seguia com um olhar desconfiado as carruagens peçadas de soldados e de raparigas, acompanhadas pelas respectivas vigilantes, que nessa manhã de Verão rodavam alegremente ao longo de Peachtree Road, em busca de galhos floridos 'para ornamentação da sala em que, à noite, se realizaria a festa de beneficência a favor dos hospitais. As

árvores, que ladeavam o caminho, entrelaçavam os ramos, formando um túnel de verdura, enquanto a sombra da folhagem desenhava sobre a terra avermelhada complicados arabescos. Levantavam-se nuvens de Doeira rubra sob as patas dos cavalos, que trotavam livremente como se já conhecessem o destino que levavam. Abria c, cortejo uma carruagem que transportava quatro negros enormes, munidos de machados para afastarem as trepadeiras e deceparem os galhos. Empilhados na retaguarda do veículo, viam-se diversos cestos cobertos por guardanapos de linho e canastras de vime ' contendo provisões para a merenda, bem como uma dúzia de melancias, Um dos pretos levava um banjo e outro uma harmónica bocal, com os quais estropiavam a canção "Se Queres Divertir-te, Alista-te na Cavalaria". Atrás deles seguiam os restantes carros da alegre caravana 'nos quais viajavam dezenas de raparigas que trajavam vestidos leves, de cassa florida, xales de algodão, chapéus e mitenes com que preservavam a cutis do ardor do Sol, e empunhando guarda-~sois pequenos de renda, erguidos acima da, cabeça; e senhoras idosas, que sorriam plácida-mente perante a alegria

214

ruidosa das suas juvenis companheiras, as quais riam às gargalhadas e trocavam ditos e gracejos duma carruagem para outra; e soldados convalescentes, apertados entre corpulentas damas, que serviam de vigias, e donzelas elegantes a demonstrarem uma solicitude sem limites para com os homens entregues aos seus cuidados. A par das viaturas cavalgavam oficiais das diversas armas do exército da Confederação, muito aprumados na sela. O cortejo avançava lentamente numa sinfonia colorida em que, ao ranger das rodas, ao tilintar das esporas e ao cântico plangente dos negros, se aliavam as fulgências douradas do s meta@s dos arreios, a brancura das sombrinhas rendadas e as cores garridas dos vestidos das moças. Toda a gente conver,-ia para a estrada, a fim de colher ramos floridos, simples pretexto para um piquenique à sombra das árvores. "Toda a gente menos eu", pensava Scarlett tristf=ente.

Ao passarem sob a sua janela, os ocupantes das carriagejus; acenavam-lhe cordialmente, dando-lhe os bons dias. Searlett esforçava-se por corresponder graciosamente aos cumprimentos que lhe dirigiam, mas encontrava certa dificuldade em o fazer. Sentiu uma dorzita aguda estrangular-lhe o coração, uma dor que foi- subindo, subindo, até lhe chegar à garganta, onde se transformou num nó que não tardaria a desfazer-se em lágrimas. Toda a gente ia ao piquenique, excepto ela. E toda a gente iria também ao baile, nessa noite. Toda a gente, excepto ela. Excepto ela e a tia Pittypat e Melanie e todas as outras infelizes que estavam de luto e não podiam sair de casa para se.distraírem um pouco. No entanto, a cunhada e a tia pareciam não se importar com isso. Aparentemente nem sequer tinham pensado ainda na possibilidade de ir@m à festa. Mas Searlett tinha pensado. E sentia um desejo louco de dançar e de se divertir.

Com franqueza, aquilo não era justo! Trabalhar duas vezes mais do que qualquer outra rapariga a fim de arranjar artigos para a quermesse. Fizera gorros e peúgas de malha para crianças, bem como regalos e mantas e diversos metros de renda; pintara toda urna série de o@jectos de porcelana; bordara meia dúzia de almofadas com a bandeira da Confederação (nalgumas, as estrelas tinham ficado ligeiramente à banda e havia casos em que lhes acrescentara uma ou duas pontas às cinco que elas deviam ter, mas o efeito era excelente). Na véspera esfalfara-se até mais não

215

poder no velho celeiro poeirento do antigo Arsenal, guarnecendo as barracas, que se alinhavam ao longo das paredes, com tiras de pano amarelas, verdes e cor-de-rosa, tarefa já de si bastante desagradável, quanto mais com as três presidentes das comissões hospitalares a vigiarem o serviço. Porque a verdade é que não havia possibilidade alguma de distracção num local onde se encontrassem reunidas ao mesmo tempo as senhoras Merriwether, Elsing e Whiting, as quais não hesitavam em mandar o pessoal de um lado para outro, como se estivessem dando ordens aos escravos, e ainda por-cima o maçavam com historietas absurdas, tendentes a demonstrar a

popularidade de que as filhas gozavam. Para cúmulo de infelicidade, Scarlett arranjara duas bolhas nos dedos ao ajudar a tia Pittypat e a cozinheira a fazerem bolos para o sorteio final. E agora, depois de haver trabalhado como uma criada, tinha de retirar-se da cena justamente quando ia começar a @esta. Sim, não era justo que, pelo facto de ter enviuvado recentemente e de haver dado à luz a criança que chorava, aos gritos, no aposento contíguo, ela se visse obrigada a ficar em casa, afastada para sempre de tudo o que tornava a existência agradável e digna de ser vívida. Havia pouco mais dum ano, ainda ela usava vestidos de cores berrantes em lugar daquela vestimenta negra e era assediada pela corte assídua que lhe faziam três do@ melhores partidos da comarca. Tinha apenas dezassete anos e os seus pés morriam de desejo por dançar. Não 'não era justo. A vida desfilava-lhe ante os olhos ao longo daquela estrada umbrosa impregnada de calor estival, num espectáculo deslumbrante de uniformes cinzentos, esporas cintilantes, vestidos de organdi e banjos a tocarem. Fez um esforço desesperado para não sorrir, para não acenar com excessivo entusiasmo, aos homens que conhecia melhor, àqueles a quem tinha tratado no hospital, mas era-lhe difícil, praticamente impossível, disfarçar as covinhas que se lhe cavavam nas faces e manter a atitude austera de uma viúva cujo coração estivesse na tumba, junt@o do -cadáver do marido-quando afinal não estava. Scarlett cessou bruscamente de corresponder às saudações que lhe eram dirigidas. Esbaforida por ter subido a escada, a tia Pitty irrompeu no aposento e arrancou-a da janela,,com a maior sem-cerimónia.

- Perdeste o juízo, minha querida? Que ideia foi essa

216

de vires para a janela do teu quarto de cama acenar aos homens? Com franqueza, Scarlett, nunca esperei que fosses capaz de fazer uma coisa dessas! Que diria a tua mãe?

- Oli, tia! Eles não sabem que o meu quarto de cama é aqui!

- Não sabem mas podem calcular, o que vem a dar no mesmo. Não, minha querida, não deves proceder assim. Isso é o bastante para que toda a gente comece a censurar-te, a dizer que és uma leviana... Aliás a senhora Merriwether sabe perfeitamente onde fica o teu quarto.

- E não deixará de ir contar o que eu fiz a quem quiser dar-lhe ouvidos. Diabos a levem!

-Oh, Scarlett, por amor de Deus! Dolly Merriwether é a minha melhor amiga.

-O que não impede que seja uma intriguista formidável. Oli, tia, desculpe! Não chore, por favor! Esqueci-me que se tratava da janela do meu quart<>. Descanse que não voltarei a fazê-lo... Eu... eu queria vê-los passar. Gostaria de ir também.

- Scarlett!

- Palavra, tia. Estou farta de ficar em casa, sentada, enquanto os outros se divertem.

- Scarlett, promete que não tornas a dizer barbaridades dessas. As más língu. as nunca mais se calariam. Começariam logo a dizer que tu não mostras o devido respeito pela memória do pobre Charles...

-Oh, tia, não chore! -Pronto! Agora fui eu que também te fiz çJiorar! - exclamou Pittypat, entre dois soluços, procurando o, lenço nas algibeiras da saia. O nó que se formara na garganta de Scarlett acabarw finalmente por se desfazer em lágrimas, lágrimas que não eram de saudade pelo desditoso Charles, como Pittypat, supunha, mas sim de desgosto por não poder incorporar-se na alegre caravana, por não poder juntar-se àquele ruidoso grupo de jovens, cujas gargalhadas estrepitosas lhe chegavam aos ouvidos cada vez mais sumidas na distância. Melanie surgiu no limiar da porta que estabelecia comunicação com o quarto contíguo. Segurava na mão uma escova do fato e uma ruga apreensiva aproximava-lhe as sobrancelhas. Os cabelos, que trazia sempre cuidadosamente penteados, sob a rede, flutuavam agora, em liberdade, envolvendo-lhe o rosto numa moldura de caracóis e anéis.

217

'.iêà@

-Que aconteceu?

- Charles!... - soluçou Pittypat, entregando-se completamente ao prazer da sua mágoa e escondendo a cabeça no ombro de Melanie.

- Oli! - murmurou Melly, cujo lábio inferior se pôs a tremer, ao ouvir o nome do irmão. - Coragem, minha tia! Não chore. Oli, Scarlett!

Scarlett tinha-se atirado para cima da cama e dava livre curso ao pranto, carpindo a -sua mocidade perdida e as alegrias que lhe eram negadas, chorando de indignação e de desespero, como uma criança que conseguiu sempre o que quis -com meia dúzia de lágrimas vertidas na altura própria e que de súbito verifica que as lágrimas de nada lhe valem já. Ocultando a cabeça sob a almofada, soluçou e esperneou sobre a colcha que revestia o leito.

- Quão me dera morrer! -dizia ela no auge do desespero.

Perante tão veemente demonstração de pesar, o pranto fácil de Pittypat cessou como por encanto e Melanie foi sentar-se à cabeceira da cama, tentando reconfortar a cunhada.

- Não te aflijas assim, minha querida! Pensa na paixão que Charles tinha por ti e que isso te sirva de consolação. Lembra-te do filho que ele te deixou.

Furiosa por ver a sua reacção tão mal compreendida, e irritada por saber que jamais poderia voltar a divertir-se como as outras raparigas da sua idade, Scarlett foi incapaz de proferir um som, circunstância que redundou em benefício próprio, pois que se houvesse chegado a falar, teria dito tudo aquilo que sentia, sem medir as palavras, à maneira impulsiva de Gerald. Melanie afagou-lhe os ombros, enquanto Pittypat atravessava a alcova nos bicos dos pés, a fim de cerrar as persianas.

- Não faça isso! - gritou Scarlett, erguendo do travesseiro o rosto inchado e vermelho. -Eu ainda não morri, para que me ponha o quarto às escuras... E daí talvez fosse melhor ter morrido! Vão-se embora, por favor! Deixem-me ficar sózinha.

Enterrou novamente a cabeça na almofada e, após breve conciliábulo, a tia e a cunhada saíram do quarto, sem fazer ruído. Scarlett ainda ouviu Melanie murmurar, no momento em que principiavam a descer as escadas:

-Acho conveniente abstermo-nos de falar de Charles à

218

frente dela. Não há dúvida que- isso a aflige imenso. Coitada, às vezes faz uma cara muito triste e esforça-se por não chorar, mas eu bem vejo.

Num assomo de raiva impotente, Scarlett deu um pontapé no colchão, enquanto procurava expressão suficientemente grosseira para dar largas à sua ira.

- Com seiscentos diabos! - exclamou por fim, e foi quanto bastou para se sentir um pouco mais aliviada. Conio, podia Melanie viver satisfeita, sempre ali metida em casa, sem nunca se divertir, muito resignada no seu vestido de luto pelo irmão, como se não tivesse apenas dezoito anos, mas sim quarenta ou cinquenta? Fosse como fosse, Melanie parecia alhear-se da vida que desfilava sob a sua janela numa cavalgada florida e musical.

"Não admira", pensou Scarlett, vibrando os punhos cerrados sobre o travesseiro. "Melanie é tão sorumbática! Nunca se tornou popular e, por consequência, não sente a falta que eu sinto, de ir a um baile ou a uma festa, de vez em quando. Além disso... além disso, ela tem AsÉley e eu... e eu não tenho ninguém!"

E este pensamento teve o condão de lhe reavivar a dor e de novo as lágrimas lhe jorraram dos olhos em torrentes caudalosas.

Deixou-se ficar no quarto até quase ao entardecer. Assistiu à passagem das seges que regressavam do piquenique carregadas de ramos de pinheiro, de trepadeiras, de avencas e polipódios, e de novo a assaltou uma tristeza infinda. Rapazes e raparigas pareciam todos vergados ao peso duma fadiga agradável, ao dizerem-lhe adeus, acenando com as mãos. Scarlett correspondeu maquinalmente às saudações que lhe dirigiam. A vida para ela transformara-se numa tal sensaboria que não valia a pena ser vivida...

A sua libertação surgiu quando menos o esperava. As senhoras Merriwether e Elsing apareceram inesperadamente pouco depois do jantar. Alvorçadas com aquela visita a hora tão insólita, Melanie, Scarlett e Pittypat levantaram-se à pressa das camas onde costumavam descansar após as refeições, abotoaram o vestido, alisaram os cabelos e desceram à saleta.

- Os filhos da senhora Bonnell adoeceram com sarampo

- anunciou a senhora Merriwether sem qualquer preâmbulo, dando a entender claramente que, na sua opinião, a

219

única pessoa responsável pelo ocorrido era a própria Bonneli. _E as filhas da senhora McLure partiram inesperadamente para a Virgínia - informou a senhora Elsing, com a sua voz sumida, abanando-se lânguidamente com o leque, como se nem um nem outro facto tivessem importância alguma. - Dallas McLure foi ferido,

- Que horror! - exclamou Pittypat, fazendo coro com as sobrinhas, -O ferimento é de...

- Não. Foi uma arranhadura no ombro nada mais respondeu a Merriwether, em tom ríspido.-'No entanto, o acidente não podia ter acontecido em pior ocasião. As irmãs partiram para o Norte, a fim de o trazerem para casa. Santo Deus, não temos tempo a perder! Precisamos de voltar para o Arsenal quanto antes, se queremos que a ornamentação fique pronta a horas. Pitty, é necessário que tu e Melly nos ajudeis esta noite, visto não haver mais ninguém que possa substituir a senhora Bonnell e as duas McLures.

-Oh, Dolly! Sabes muito bem que não podemos ir... -Não me digas uma coisa dessas a mim, Pittypat Hamilton! - atalhou a Merriwether b@uscamente. - Precisamos de ti para vigiar os moleques no bufete. E você, Melly, ficará na barraca das McLures, para vender as prendas...

- Mas não é possível... O pobre Charles morreu há tão pouco tempo ainda...

- Compreendo perfeitamente o que sentem, mas todos nós devemos sacrificar-nos pela causa - atalhou a senhora Elsing em voz suave, que não admitia réplica.

- Gostaríamos imenso de ser prestáveis, mas... Por que não arranjam duas pequenas engraçadas para as auxiliarem no bufete e na barraca?

A senhora Merriwether soltou uma risada que reproduziu fielmente um som roufenho dum trombone desafinado.

-Ignoro o que acontece às raparigas modernas ' mas a verdade é que elas não têm a menor noção das responsabilidades. Convidámos uma porção delas, de entre as que ainda não tinham tarefa distribuída, e não houve uma só que não apresentasse mil e um pretextos para se esquivar. Mas a mim é que elas não enganam. Querem ter plena liberdade para poderem namorar os oficiais. E, além disso, receiam que os seus vestidos novos não dêem nas vistas,

220

por ficarem ocultas em parte atrás dos balcões. Pena é que esse homem que passa as coisas através do bloqueio... como -se chama ele?

-Capitão Butler-lembrou a senhora Elsing, -Pena é que ele não traga mais material hospitalar e menos rendas e crinolinas. Não foi um apenas, mas vinte, vinte vestidos que eu hoje vi e que lhe foram comprados. Capitão Butler... já nem posso ouvir-lhe o nome. É escusado Pitty, não temos tempo a perder com discussões inúteis' Precisamos de vocês duas. Toda a gente compreenderá. E ninguém te verá nas traseiras do bufete. Quanto a Melly, a barraca fica situada ao fundo da sala, num local pouco concorrido, e a ornamentação é pobre, de forma que a sua presença quase se não tornará notada.

- Eu acho que devíamos ir - declarou Scarlett, tentando disfarçar o interesse que sentia e imprimir ao rosto uma expressão natural e simples. - É o menos que podemos fazer em benefício do hospital. Nenhuma das visitantes tinha pronunciado o nome dela. Ambas se voltaram para a encarar, lançando-lhes olhares penetrantes. Apesar de estarem decididas a tudo para preencher as faltas

originadas pelo impedimento da senhora Bonnell e das duas McLures, ainda lhes não tinha ocorrido a ideia de convidarem uma viúva de tão frescadata a apresentar-se na reunião embora se tratasse apenas duma festa de beneficência. Scarlett suportou o exame a que as senhoras Merriwether e Elsing a submeteram, com o ar mais ingênuo deste mundo, -Na minha opinião devemos ir as três, se com isso pudermos contribuir de alguma forma para o êxito, da festa -acrescentou ela. -Eu ficaria na barraca com Melly porque... Estou convencida de que não pareceria tão mal serem duas, em vez duma. Que dizes Melly? -Sim... -murmurou a cunhada, à míngua de argumentos. A ideia de aparecer em público, estando ainda de luto pela morte do irmão, afigurava-se-lhe tão absurda que não sabia que dizer, - Scarlett tem razão - afirmou a Merriwether, vendo Melanie prestes a ceder. Levantou-se e arranhou as pregas do vestido, dando ao corpo uma sacudidela brusca. - Portanto, conto com as duas, isto é, com as três. Por amor de Deus, Pitty, não comeces novamente a procurar desculpas-

221

Pensa apenas no dinheiro que é preciso para comprarmos mais camas e medicamentos para o hospital. Além disso, tenho a certeza de que Charles gostaria que vocês auxiliassem a causa pela qual ele morreu.

1 Pois sim... -disse Pittypat, dando-se por vencida, -como sucedia sempre que tinha de lutar com uma personalidade mais forte do que a sua. -Se vocês acham que as pessoas compreenderão... "Isto é bom de mais para ser verdade! É bom de mais para ser verdade!" cantava o coração maravilhoso de Scarlett, enquanto Melanie e ela se esgueiravam discretamente para dentro da barraca, enfeitada com tiras de tecido amarelo e cor-de-rosa, que devia ter ficado a cargo das McLures. Até que enfim voltava a um baile! Após um ano de reclusão, de crepes e de vozes abafadas, durante o qual chegara a reacear enlouquecer de tédio, ia de novo assistir a uma festa, a uma verdadeira festa, como ainda não se realizara outra em Atlanta. Poderia ver gente, contemplar a iluminação da sala, ouvir música, admirar por si própria os vestidos, as rendas e as camisas de folhos, que o famoso capitão Butler conseguira trazer para Atlanta apesar do bloqueio, na sua última viagem.

Deixou-se cair sobre um dos tamboretos colocados do lado de dentro do balcão e passou o olhar deslumbrado duma ponta a outra do vasto salão que, ainda na véspera, não era mais do que um simples armazém nu e gélido. Quanto trabalho não fora necessário para operar aquela transformação! O aspecto da sala era magnífico. Scarlett teve a impressão de que deviam encontrar-se ali todos os candeeiros e candelabros existentes na cidade. Do tecto pendiam lustres de prata, alguns deles com uma dúzia de braços, bem como lampadários de porcelana finíssima, decorados na base com figurinhas deliciosas, enquanto sobre os cavaletes das espingardas alinhadas ao longo das paredes, nas mesas cobertas de flores, nos balcões das barracas e até sobre os peitoris das janelas rasgadas através das quais penetrava no--salão a brisa quente dessa noite de Estio, jaziam altos castiçais de bronze, erectos e dignos, nos quais ardiam velas dos mais diversos feitios, tamanhos e cores, que exalavam um cheiro agradável, de resina.

Suspensa do tecto por uma corrente ferrugenta, a meio da sala, havia outro candeeiro, que fazia parte do mobiliário-

222

rio do antigo arsenal e cujo aspecto fantasmagórico desaparecera quase totalmente sob os ramos de hera e de vinha virgem em que tinha sido envolvido para o efeito e os quais já principiavam a murchar devido ao calor. Um odor acre emanava dos galhos de pinheiro que guarnecia as paredes e formavam aos cantos lindos nichos onde mais tarde se refugiariam as senhoras idosas e as damas de companhia. Por toda a parte se viam grinaldas e festões de folhagem natural, enquadrando as portas e as janelas, destacando-se sobre as tarlatanas garridas das barracas. Dezenas de flâmulas e de

galhardetes ornavam a sala, com as estrelas da Confederação fulgindo sobre o fundo vermelho e azul do pavilhão sulista.

O estrado onde ficariam os músicos tinha sido decorado com supremo gosto artístico. Um friso de verdura e de bandeiras dissimulava a plataforma, deixando ver apenas os degraus de acesso. Scarlett sabia que todos os vasos de plantas que existiam na cidade tinham sido levados para ali a fim de COMpGr aquela moldura viçosa, em que figuravam begónias, oleandros, e até os quatro preciosos exem~ plares da árvore-de-borracha pertencente à senhora Elsing, os quais ocupavam lugares de honra, nas quinas do estrado.

As sênhoras tinham-se eclipsado através duma porta fronteira à plataforma ' porta essa que se rasgava numa parede da qual pendiam dois enormes retratos do Presidente Davis e do "pequeno Alec" Stephens, natural de Geórgia, que ocupava o cargo de Vice-Presidente da Confederação. A encimar os quadros, drapejava suavemente uma bandeira imensa e, por baixo, sobre compridas mesas, acumulavam-se as ofertas dos jardins de Atlanta: avencas e polipódios, nastúreios multicolores ramos de rosas vermelhas, amarelas e brancas palmas'de gladiolo dourados e heliantos esguios, cujas fl@res cremes e castanho-escuras se debruçavam sobre as outras plantas, Entre os vasos, ardiam serenamente as velas, como num altar. Das suas molduras, os dois chefes contemplavam a cena sem pestanejar. Não podia ser mais surpreendente o con@raste oferecido pelas expressões fisionómicas dos homens que, naquele momento crítico, presidiam aos destinos da Confederação. Davis possuía o aspecto macilento e o olhar frio de asceta, e os seus lábios permaneciam obstinadamente cerrados numa linha firme; Stehpens tinha olhos negros ' brilhantes, profundamente engastados nas órbitas, e o seu rosto deno-

223

tava os sintomas inconfundíveis duma longa luta contra a doença e a dor, da qual lograra triunfar graças à sua vontade férrea e à indomável energia de que era dotado. Duas figuras quase antagónicas, mas que toda a gente aprendera a estimar.

As organizadoras da festa, sobre as quais recaíam as responsabilidades inerentes a tão ousada iniciativa, percorriam o salão duma ponta a outra, imponentes nos seus vestidos roçagantes, como veleiros navegando a todo o pano. Nas suas rondas, iam empurrando para dentro das barracas as raparigas que chegavam atrasadas, bem como as que, tendo embora comparecido à hora marcada, riam e cochichavam pelos cantos. Em seguida, retiravam-se por uma das portas laterais, a fim de inspeccionarem a dependência onde se encontrava instalado o serviço de refrescos, levando no encalço a ofegante Pittypat.

Os músicos tomavam os seus lugares no tablado. A orquestra era composta exclusivamente por negros, cujos rostos sorridentes reluziam já de transpiração. Compenetrados da importância do seu papel na festa, demoravam-se alguns minutos a afinar os instrumentos até pegar na batuta e impor silêncio o velho Levi, cocheiro da senhora Merriwether, o qual dirigira todos os agrupamentos musicais chamados a abrilhantar os bailes, casamentos e quermesses efectuados em Atlanta desde o tempo em que a cidade ainda era conhecida pelo nome de Marthasville.

Não obstante a assistência estar ainda praticamente reduzida às senhoras que desempenhavam qualquer papel na festa, todos os olhares emergiram para o maestro. O ruído das conversas cessou por momentos e então os violões, os violoncelos, os banjos e os harmónios atacaram a valsa Lorena, com ritmo lento, demasiadamente lento para dançar. Mas o baile só começaria muito mais tarde, quando já não houvesse nada para vender nas barracas, Scarlett sentiu o coração pulsar-lhe mais depressa, no peito, ao recordar-se dos versos daquela valsa melancólica.

Os anos passam devagar, Lorena! * neve cai de novo sobre o chão * o Sol já se não vê no céu, Lorena.

Um-dois-três, um-dois-três, roda agora... três, roda novamente... dois-três! Que linda valsa! Seatlett estendeu os

224

w

braços, cerrou as pálpebras e balançou o corpo, ao ritmo embalador e nostálgico da música, Havia algo de estranho naquela melodia trágica, nos versos que contavam a história triste dos amores de Lorena, que a perturbou a ponto de sentir um nó na garganta e de subirem as lágrimas aos olhos. Como que atraídos pela música ouviam-se agora sons que se elevavam das ruas, banha6s, pelo luar. Ao tropel dos cavalos juntava-se o ranger das rodas das carruagens, o estrépito das gargalhadas que ecoavam nG silêncio da noite e o rumor das discussões dos cocheiros, que disputavam entre si os melhores sítios para prenderem os animais. Na escada que dava acesso à sala estabelecera-se um alegre tumulto. As vozes frescas das raparigas misturavam-se com as dos seus. companheiros, mais graves mas bem moduladas, num amálgama sonoro, agradável ao ouvido, As pessoas conversavam jovialmente, soltando exclamações de prazer ao reconhecerem amigos com quem ainda nessa tarde tinham estado a falar.

De súbito, uma onda de animação invadiu a sala, que de um momento para outro ficou cheia duma multidão de raparigas, que pareciam flutuar no espaço, envoltas em vestidos policromos, tufados por amplas saias de crinolina, sob as quais se vislumbravam fugazmente pantalonas com aplicações de renda, e ostentando decotes guarnecidos de fGltios rendilhados, que deixavam a descoberto ombrers níveos e roliços e leves esboços de seios pequeninos e macios. Todas elas traziam, negligentemente dobrados no braço finos xails de cambraia e, presos ao pulso por estreitas fitas de veludo, leques floridos e enfeitados de arminho, lantejoulas ou penas de pavão, Lado a lado com meninas de cabelos pretos pentea@os em grossos carrapitos cujo peso as fazia inclinar levemente a cabeça para trás, numa atitude altiva, passeavam moças de fartas cabeleiras fulvas, que lhes caíam sobre os ombros em cascatas de caracóis e anéis, entre os quais cintilavam os pingentes que lhes pendiam das orelhas. No curto espaço de alguns minutos o vasto salão ficara convertido num mar ondulante d@ rendas, folhos e alamares, que tinham sido passados através do bloqueio e que por isso mesmo eram usados com maior orgulho, visto constituírem nova afronta aos yankees. Não eram todas as flores da cidade as que engalanavam a sala, em homenagem aos chefes da Confederação.

15 -Vento Levou - 1

225

..ddt

As raparigas tinham reservado para si as mais pequenas e perfumadas: rosas abertas que espreitavam por trás das orelhas delicadas, minúsculas grinaldas de jasmim-d(>-Cabo que se balouçavam ao sabor dos movimentos ondulantes de madeixas aneladas, botões de rosa que emergiam tImidamente das faixa@ de cetim, flores que, ao terminar a festa, seriam oferecidas como recordação e desapareceriam no bolso dum uniforme cinzento.

Viam-se dezenas e dezenas de homens fardados entre a multidão, muitos dos quais Scarlett conhecia, por os ter encontrado nos catres do hospital, nas ruas de Atlanta, nos campos de instrução. O aspecto dos uniformes era magnífico, com os seus botões cintilantes, as suas duplas fileiras de galões nos punhos e na gola, as listas vermelhas, azuis e amarelas que, consoante as armas em que eles serviam, lhes guarneciam os calções, realçando a cor cinzenta da fazenda. Aqui e acolá, distinguíam-se reflexos de sabres refulgentes espelhando-se nas botas luzidias ' ouvia-se o tilintar intermitente das esporas, vislumbravam-se faixas rubras e douradas.

"Que homens tão simpáticos!" pensou Scarlett, sentindo um frémito de orgulho percorrer-lhe o corpo, ao vê-los trocarem cumprimentos, acenarem aos amigos, curvarem-se sobre as mãos das senhoras de idade. Tinham todos uma aparência ainda tão juvenil, apesar dos seus bigodes louros e agressivos, das suas barbas pretas e castanhas! Eram todos tão atraentes, tão elegantes ' tão senhores de si! Alguns traziam a cabeça envolvida por ligaduras brancas que contrastavam com a cor da pele, bronzeada pelo sol, outros um braço ao peito, e muitos caminhavam com o auxílio de muletas! Como as raparigas se mostravam orgu- lho'sas ao lado deles! Com que solicitude abrandavam o passo de forma a acompanharem a sua marcha, lenta e saltitante! Entre os homens

uniformizados que se encontravam na sala, havia um cuja farda parecia ter sido arrancada de uma aguarela garrida e fazia empalidecer os tons vivos das belas vestes femininas - um zuavo, da Louisiana, moreno, baixo, sorridente que passeava dum lado para outro, todo empertigado no dólman vermelho, muito justo, e nos calções largos, de listas azuis e brancas. Andava com os braços apoiado numa atadura de seda negra que lhe passava em torno do pescoço e a sua figura exótica destacava-se no meio da multidão como a duma ave tro-

226

pical. Era René Picard, o pretendente mais favorecido de Maybelle Merriwether. O salão estava repleto de gente. Os hospitais deviam ter ficado vazios, pois todos os homens que podiam aguentar-se de pé haviam acorrido ali. Juntamente com os soldados convalescentes ou dispensados até ao dia seguinte, aglomeravam-se praças, sargentos e oficiais dos serviços de transportes ferroviários, de missões, de abastecimento e saúde, dos diversos aquartelamentos disseminados pela área que circundava Atlanta até Macon. Como as organizadoras da festa deviam estar satisfeitas! O hospital ia arrecadar um dinheirão naquela noite!

Ouvia-se rufar os tambores, na rua, logo seguidos pelo rumor de passos marciais e coro de gritos de admiração, saltados pelos cocheiros. Momentos depois 'soou o toque de clarim e uma voz grave deu ordem de destroçar. Um destacamento da Guarda Nacional e da Milícia, precipitou-se então para a entrada do antigo Arsenal, subiu a escada estreita a correr, fazendo estremecer a madeira dos degraus, e invadiu o salão, cumprimentando, saudando, trocando apertos de mão. A Guarda contava nas suas fileiras um grande número de adolescentes que não escondiam o seu orgulho pelo papel, embora inactivo, que estavam desempenhando, e que juravam a todos os seus deuses que no ano seguinte abalariam para Virgínia, se a guerra durasse até lá, bem como uma série de velhotes de barbas brancas, que desejariam voltar algumas décadas atrás e que, ao vestirem o uniforme, sentiam reflectir-se em si a glória dos filhos que combatiam na frente. A Milícia compunha-se principalmente de indivíduos de meia-idade, mas também englobava nos seus quadros algumas centenas de homens que se encontravam em muito boas condições para pegarem em armas contra os yankees; esses, todavia, não manifestavam o espírito patriótico e guerreiro demonstrado pela totalidade dos novos e pela maioria dos anciãos. Havia muita gente já que murmurava, perguntando a si própria e às pessoas amigas por que não iriam eles unir-se às tropas do general Lee. Como conseguiriam caber todos ali dentro do salão?

O velho Arsenal, que poucos minutos antes parecia ainda deserto, encontrava-se pejado duma multidão que se ia comprimindo cada vez mais, a fim de arranjar espaço para os que chegavam. As emanações da noite estival, unidas à fragrância dos saquitéis de perfume, das águas-de-colónia,

das

227

~-.*d- ---0~001

brilhantinas e pomadas para o cabelo, ao aroma que exalavam as velas acesas e as flores, impregnavam a atmosfera dum odor agradável que se infiltrava nas narinas. A noite estava quente, do soalho vetusto elevava-se uma nuvem de poeira fina. O rumor das conversas era quase ensurdecedor. Contagiado pela alegre excitação que reinava na sala, o velho Levi fez calar a orquestra a meio dum compasso da valsa Loana e, ao sinal da batuta os músicos atacaram com entusiasmo vibrante A Bela É-andeira. Azul.

Duas centenas de vozes entoaram os versos em uníssono, cantando-o a plenos pulmões gritando-os como uma aclamação. O corneteiro da Guarda subiu ao estrado e começou a acompanhar a orquestra no momento preciso em que a multidão principiava o estribilho. As notas do clarim soaram em estridências metálicas acima do coro das vozes, causando arrepios na pele dos braços nus e provocando frêmitos de genuína comoção ao longo da espinha:

Hurra! Hurra! Petos direitos do Sul! Pela nossa bela Bandeira azul Que tem sómente uma estrela!

A segunda estrofe foi entoada ainda com mais calor do que a primeira e Scarlett, que cantava juntamente com os outros, ouviu atrás de si uma voz suave de soprano, cintilante e límpida como o som argentino do clarim. Voltou-se e deparou-se-lhe Melanie, de pé, com as mãos a comprimirem o seio e de pálpebras cerradas, vertendo lágrimas silenciosas pelos cantos dos olhos. Quando a música cessou e ela viu a expressão de surpresa patente na fisionomia da cunhada, que a fitava como se nunca a tivesse visto antes, esboçou um sorriso constrangido e encolheu os ombros, como que a pedir desculpa, ao mesmo tempo que amarfanhava o lenço entre as mãos.

- Sinto-me tão feliz - murmurou ela - e orgulhosa dos nossos soldados, que quando penso neles até me dá vontade de chorar.

Nos olhos brilhava-lhe um clarão ardente, apaixonado, que por momentos iluminou o seu rosto banal, tornando-o magnífico.

Todas as mulheres se voltaram para os homens que amavam, no instante em que os ecos dos últimos acordes se extinguiram. As raparigas voltaram-se para os seus

228

namorados ou pretendentes, as mães para os filhos, as esposas para os maridos; todas elas tinham a mesma expressão radiosa no rosto, as mesmas lágrimas de orgulho nas faces lisas ou enrugadas, o mesmo brilho intenso no olhar, o mesmo sorriso nos lábios. Todas elas pareciam possuir naquela ocasião a beleza ofuscante que transfigura até a mulher mais desprovida de encantos, quando se sente protegida, quando se sabe amada e retribui esse amor com uma paixão infinita.

Elas adoravam os seus homens, nos quais depositavam confiança ilimitada, uma fé que as acompanharia para além da morte. Que desastre poderia jamais atingir aquelas mulheres, quando entre elas e os yankees se erguia a muralha intransponível dos uniformes cinzentos? Teriam alguma vez existido soldados mais valorosos, mais intrépidos, mais nobres, mais ternos, desde que o mundo era mundo? Que se poderia augurar a uma causa justa e legítima como a que esses homens defendiam senão uma vitória retumbante? Porque só uma vitória total, esmagadora poderia coroar a luta por uma causa cuja defesa até as mulheres haviam tomado, colocando ao serviço dela, não só as suas mãos, mas também os seus corações. Todas elas devotavam à Causa um amor intenso, como o que nutriam pelos seus homens. A Causa era o motivo predominante, das conversas, dos pensamentos e sonhos era algo por que não hesitariam em sacrificar maridos, filhos e parentes cuja perda suportariam com o mesmo apuro com que eles empunhavam os estandartes nos campos de batalha.

A população de Atlanta vivia em maré cheia de fervor e

de orgulho e a estrela da Confederação brilhava no zénite, pois que a vitória final estava já próxima. Os triunfos alcançados por "Stonewall" Jackson e a derrota infligida aos yankees na batalha dos Sete Dias, travada nos arrabaldes de Richmond, assim o davam a entender claramente. Nem outra coisa seria de esperar de um exército que tinha como chefes homens da ténpera de Lee e de Jackson. Mais uma vitória apenas, e os yankees ficariam prostrados por terra, suplicando a paz. E, então os soldados regressariam aos seus lares e as mulheres receberiam-nos com beijos e com risos de alegria. Mais uma vitória apenas e acabaria a guerra!

Evidentemente, havia muitas cadeiras que ficariam vagas para sempre, centenas de crianças que nunca che-

229

.i- @,

gariam a conhecer os pais, milhares de túmulos que permaneceriam ignorados ao longo dos regatos tranquilos da Virgínia e das montanhas, escarpadas do Tennessee. Contudo, tal preço não poderia considerar-se exagerado, quando estavam em jogo os destinos da Confederação. Tornava-se cada vez mais difícil encontrar seda para um vestido, o chá e o açúcar escasseavam no mercado, mas não era isso o

que realmente importava. Tanto mais que o capitão Butler e uma série de aventureiros igualmente arrojados continuavam a romper o bloqueio, com grande desespero dos yankees, com carregamento de tecidos e de outros géneros de primeira necessidade, cuja posse era disputada a peso de ouro e constituía, por isso, motivo de prazer imenso. Em breve Raphael Senimes e a Armada da Confederação escoraçariam as canhoneiras yankees e abririam as portas do Sul ao comércio com o estrangeiro. E a Inglaterra não tardaria a fornecer aos exércitos sulistas o auxílio que mais rapidamente os conduziria à vitória, pois que as suas fábricas de tecelagem estavam inactivas por falta de algodão. Aliás, a aristocracia britânica manifestava natural simpatia pela população dos estados confederados ' apoiando a sua atitude contra uma raça que tinha a paixão do dinheiro, como era o caso dos yankees.

Por isso as mulheres, encantadoras nos seus vestidos de seda, se mostravam tão satisfeitas. Sabiam que em face do perigo o amor se torna mais vibrante e doce e contemplavam os seus homens com o peito a transbordar de orgulho.

O prazer de se encontrar de novo no ambiente festivo de uma reunião mundana fizera palpar de início o coração de Scarlett em ritmo acelerado. Contudo, a sua alegria como que se desvaneceu quando reparou na expressão patente no rosto de todos os que a cercavam e cujo verdadeiro significado não logrou compreender logo à primeira vista. Todas as mulheres denotavam uma comoção que ela estava longe de sentir. Ficou surpreendida e ao mesmo tempo consternada. Não saberia explicar porquê, mas a verdade é que a sala já não lhe parecia tão linda nem as raparigas tão sedutoras como alguns minutos antes. E aquele entusiasmo pela Causa que iluminava todos os rostos afigurou-se-lhe... sim, afigurou-se-lhe estúpido!

De súbito, e com grande espanto seu, Scarlett verificou que não compartilhava do orgulho feroz daquelas mulheres nem do seu espírito de sacrifício. Antes mesmo que a sua

230

consciência tivesse tempo para lhe dizer, horrorizada: "Não, não! Não deves pensar assim. Fazes mal... é um pecado!", Scarlett compreendeu que a Causa nada significava para ela. Era com verdadeiro enfado que ouvia toda aquela gente falar no assunto com um brilho fanático no olhar. A seu ver, a Causa nada tinha de sagrado. E a guerra contra os yankees não chegava a ser uma cruzada santa, como pretendiam fazer crer, mas uma calamidade que se "ria apenas para causar a morte de milhares de homens, para gastar rios de dinheiro e tornar quase impossível a compra de objectos de luxo, de vestidos de seda e de géneros alimentícios. Reconheceu que estava farta de passar tardes inteiras a fazer malha, a enrolar ligaduras, a preparar parches de linho, para aplicar nas chagas, trabalho que lhe arruinava as unhas. E estava tão saturada de hospital! Saturada do cheiro nauseabundo da gangrena, dos gemidos incessantes, do espectáculo horrorizante que lhe oferecia a visão da morte próxima nos rostos exangues dos feridos.

Olhou furtivamente à sua volta receando que alguém lhe lesse na face os pensamentos ab@urdos: e traiçoeiros que nesse instante lhe cruzavam o cérebro. Gostaria de vibrar como as outras mulheres, de experimentar o mesmo fervor, o mesmo entusiasmo. Todas elas se tinham dedicado de corpo e alma à Causa. Todas as suas palavras e actos denotavam a sinceridade que as movia. E se alguém suspeitasse de que... Mas isso não podia acontecer. Tinha de evitar a todo o custo que viessem a desconfiar do que se passava no seu íntimo. Precisava de se fingir imbuída de exaltação e de orgulho por uma causa que lhe era indiferente; precisava de representar de forma convincente o papel de viúva de um oficial dos exércitos confederados, que suportava estoicamente o seu desgosto, cujo coração ficara sepultado juntamente com o cadáver do defunto e para quem a morte do marido em defesa da nobre Causa, longe de constituir motivo de desespero, representava uma glória eterna.

Oli, por que seria ela tão diferente das restantes mulheres, por que viveria num mundo tão à parte?! Scarlett não compreendia que se pudesse amar alguém ou alguma coisa tão desinteressadamente. Experimentava uma terrível sensação de isolamento, ela que nunca se tinha sentido só, nem física

nem espiritualmente. Ainda tentou sufocar estes pensamentos, mas não lho permitiu a franqueza rude latente no seu espírito. E, enquanto nas barracas se procedia à

231

venda dos artigos, enquanto ela e Melanie atendiam os clientes ao balcão o seu cérebro trabalhava febrilmente, procurando justificar-se a si própria, tarefa que raras vezes achava difícil. As outras mulheres pareciam-lhe, simplesmente ridículas e histéricas com as suas histórias de patriotismo e amor da Causa, e os homens não lhe ficavam muito atrás, com as suas axengas acerca de questões vitais e dos direitos dos Estados. Entre toda a gente que se encontrava ali reunida era ela, Scarlett O'Hara Hamilton, a única pessoa que conservava um pouco de bom-senso característico dos indivíduos de ascendência irlandesa. Não estava disposta a fazer o papel de tola, pondo a Causa acima de todos os seus interesses pessoais, mas também não tencionava sujeitar-se a críticas e a censuras, confessando os seus sentimentos íntimos. Era suficientemente esperta para saber encarar a situação através do prisma mais prático. Procederia de maneira que ninguém sequer suspeitasse da sua opinião a respeito da guerra e de tudo o que com ela estava relacionado. Como não ficaria surpreendida, toda aquela multidão se de súbito a ouvisse divulgar os seus pontos de vista! Que escândalo não seria se ela inesperadamente subisse ao estrado da orquestra e declarasse que o melhor que havia a fazer era pôr termo à guerra para que os homens que combatiam na frente pudessem regressar aos seus lares e dedicar-se de novo à cultura, do algodão, para que pudessem tornar a haver bailes e piqueniques, namoros e idílios, e vestidos de seda em abundância. Convencida da justiça das suas ideias, sentiu-se reanimada por momentos, embora lhe persistisse no espírito a sensação de enfado que a assaltara minutos antes. Como afirmara a senhora Merriwether, a barraca das McLures estava de facto situada num local muito pouco concorrido e passavam-se longos períodos sem que nenhum presumível comprador se acercasse do balcão. Scarlett não tinha mais que fazer senão observar com inveja a multidão alegre que enchia a sala. Melanie reparou na expressão melancólica patente no rosto da cunhada, mas, supondo-a motivada pelo desgosto de não ter o marido junto de si, absteve-se de comentários e nem sequer tentou entabular conversa. Entreteve-se a arrumar os objectos sobre o balcão da barraca de forma a atraírem mais a atenção, enquanto Scarlett continuava sentada, olhando a sala com visível

232

mau-humor. Até os tufos de flores colocados sobre os retratos de Davis e de Stephens não lhe desagradavam já.

"Aquilo até parece um altar", disse ela de si para si. "E aqueles dois são tratados com tanto respeito que bem podiam ser o Pai e o Filho". Mas logo se arrependeu de tal pensamento, e, aterrorizada pela sua irreverência, levou o polegar à fronte a fim de se persignar. Contudo, ainda se dominou a tempo.

"Mas é assim mesmo" argumentou com a consciência. "Toda a gente fala deles como se fossem santos, quando a verdade é que são homens como quaisquer outros, e bastante feios por sinal". Bem entendido, Stephens não tinha culpa nenhuma, pois que havia sido toda a vida um doente, mas Davis... Scarlett examinou esse rosto altivo, de traços bem marcados, como os dum camafeu. A barba aparada em bico era de tudo o que mais lhe desagradava. Os homens deviam usar a cara rapada, um bigode decente ou então a barba completa, por inteiro.

"De cada vez que olho para o retrato, fico com a impressão de que aquela barbicha foi o máximo que o infeliz conseguiu arranjar", pensou Scarlett, sem reparar no ar inteligente, austero e resolutivo do homem que ali estava naquele momento o peso da chefia duma nação nova..

Não, Scarlett já se não sentia alegre, embora, a princípio a tivesse deleitado a ideia de se encontrar no meio daquela multidão buliçosa e entusiástica. Já lhe não bastava estar presente. Queria tomar parte activa na quermesse. Ninguém lhe prestava atenção e de todas as raparigas livres era ela a única que não tinha namorado, ela que se habituara a ver concentradas sobre a sua pessoa as atenções gerais. Não era justo! Contava apenas dezassete anos e os seus pés acariciavam o soalho,

num desejo louco de dançarem, de deslizarem no sobrado ao som da música que a orquestra não cessava de tocar. Contava apenas dezassete anos, mas tinha um marido sepultado no cemitério de Oak-land e um filho a choramingar no berço, em casa. Apesar disso, tanto Pittypat como todas as pessoas que Scarlett conhecia pensavam que ela devia dar-se por feliz com a sua sorte. Não havia ali na sala nenhuma rapariga que tivesse o colo mais níveo, a cintura mais fina ou os pés mais delicados do que os seus, mas isso em nada podia alterar a

situação. Para todos os efeitos, era como se ela estivesse

233

enterrada sob a mesma lousa, que cobria a campa de Charles, a cujo epitáfio faltaria acrescentar somente: "E a sua bem-amada esposa", ou qualquer outra frase semelhante.

Não era solteira para ter a liberdade de dançar e namorar, nem casada para ao menos lhe restar a consolação de se juntar ao grupo das matronas e com elas criticar as outras raparigas nem suficientemente idosa para já estar viúva. As viúvas deviam sempre ser velhas - tão velhas que nunca sentissem desejo de dançar ou de namorar ou de se verem cercadas por uma corte de admiradores. Não, não era justo que ela fosse obrigada a ficar ali tranquilamente sentada, personificando a viúva modelo, digna e circunspecta, com dezassete anos apenas! Não era justo que tivesse de reduzir a voz a um murmúrio e de baixar os olhos modestamente quando os homens, alguns deles bem simpáticos, por sinal, se aproximavam da sua barraca!

Todas as jovens de Atlanta se encontravam rodeadas de pretendentes. Até as que menos deviam à beleza se comportavam como autênticas beldades. E os seus vestidos, como eram lindos!

Scarlett quase chorou de raiva ao verificar o contraste que o seu traje sombrio faria ao pé daqueles trajes luxuosos e garridos. Mirou-se de alto a baixo e teve a impressão de que parecia um corvo, no seu vestido de tafetá preto, abotoado até ao pescoço e apertado nos pulsos, sem qualquer feitiço nem adorno, a não ser o alfinete de peito, de ágata, que lhe oferecera a mãe. Quedou-se a observar as raparigas esgalgadas que passavam diante do balcão, de braço dado com moços atraentes. Estava condenada a não sair dali até que a festa acabasse, e tudo porque Charles Hamilton se lembrara de adoecer com um ataque de sarampo!... Nem ao menos morreria como um herói, em combate, para que ela, na sua viuvez, pudesse vangloriar-se da valentia do marido.

Revoltada, fincou os cotovelos no balcão da barraca e passeou um olhar turvo pela multidão, desprezando as repetidas advertências de Babá, que sempre a aconselhara a não se apoiar sobre os cotovelos para evitar que eles ficassem ásperos e enrugados. Mas, agora, que poderia ela perder com isso? Provavelmente, nunca mais teria oportunidade de voltar a mostrar os cotovelos. Admirou maravilha-da, os vestidos que via desfilar pela sua frente, vestidos de seda amarela, enfeitados com grinaldas de flores ainda

2,34

em botão, de cetim cor-de-rosa, com dezoito folhos debruados a veludo negro, de tafetá azul-claro com dez metros de roda na sala e cascatas de rendas vaporosas. E contemplou com inveja os óculos descobertos e os ramalhetes de flores que as raparigas exibiam. Maybelle Merriwether dirigiu-se para a barraca contígua, pelo braço do zuavo. Trazia um vestido de tarlatana verde-maçã, tão rodado que a sua cintura parecia reduzida a nada, o qual ostentava enorme profusão de aplicações de renda de Chantilly, vinda de Charleston pelo último navio que atravessara o bloqueio. Todavia, Maybelle saracoteava-se tão orgulhosamente que dir-se-ia ter sido ela e não o capitão Butler quem a afrontara o perigo.

"Como aquele vestido me ficaria bem!" pensou Scarlett, louca de inveja. "Maybelle tem a cintura mais grossa do que uma vaca. Aquele tom de verde é precisamente a, cor de que eu mais gosto e faria com que os meus olhos parecessem... Por que será que as loiras têm a mania de usar aquela cor? Ficam com a pele esverdeada como queijo velho. E pensar que nunca mais hei-de usar uma cor

tão linda, nem sequer quando despir o luto! Ainda que venha a casar outra vez terei de usar sempre tons neutros, como cinzento, castanho e lilás!"

Durante alguns momentos Scarlett meditou na injustiça de tudo aquilo. Como passava fugaz a idade dos divertimentos, dos belos trajes, dos bailes e dos namorados! Meia dúzia de anos apenas, meia dúzia de anos breves como relâmpagos! Depois, vinha o casamento e uma rapariga via-se obrigada a substituir os vestidos alegres e vistosos por outros, simples e tristonhos; e apareciam os primeiros filhos, que arruinavam a elegância das formas. Durante os bailes, a recém-casada ficava sentada a um canto, juntamente com as restantes matronas, e só esporadicamente dançava, com o marido ou com cavalheiros idosos que lhe martirizavam os pés com sucessivas pisadelas. E se ela se não conformasse com estes costumes as outras mulheres não a poupariam a críticas nem a censuras; e em breve a sua reputação estaria perdida e a família posta à margem da vida social. Parecia-lhe contrário às leis da lógica que uma pessoa levasse tantos anos a aprender a arte de ser bela e de seduzir os homens para depois dispor de tão pouco tempo para aplicar os seus conhecimentos.

Recordou as lições que a mãe e a velha ama lhe tinham dado e com-

235

OhL4i@_

preendeu que a sua educação naquele capítulo fora completa e eficaz, visto ter colhido óptimos resultados sempre que pusera em prática os ensinamentos. Havia certo número de regras fixas que convinha seguir fielmente se uma rapariga queria ver os seus esforços coroados de êxito.

Com as senhoras de idade precisava mostrar-se sincera, delicada e de uma ingenuidade sem limites, pois que elas estavam sempre de olho à espreita como gatas prontas a saltarem sobre a sua vítima, ao menor atropelo à etiqueta, quer na linguagem, quer no procedimento; com os velhos verificava-se justamente o caso oposto: convinha, ser ousada, tagarela, um nadinha provocante, a fim de lhes espicaçar a vaidade. Eles sentiam-se rejuvenescer, imaginavam-se de novo possuídos do vigor duma mocidade já longínqua e beliscavam-lhe a face, acompanhando o gesto de epítetos adequados às circunstâncias. Evidentemente nessas ocasiões era forçoso e-orar, pois de contrário os tolos beliscá-

4a-iam com maior prazer ainda e, em casa, conversando com os filhos, acusá-la-iam de ser uma doidivanas.

Com as outras mulheres novas, solteiras ou casadas, devia usar de uma meiguice extrema, devia beijá-las sempre que as encontrasse, nem que tivesse de o fazer dez vezes por dia, enlaçá-las pela cintura e permitir que elas lhe pagassem na mesma moeda, embora detestasse que a, abraçassem, admirar-lhes os vestidos ou os filhos, indiscriminadamente, elogiar-lhes os namorados e gabar-lhes os maridos, sorrir discretamente e declarar-se ofuscada pelo fulgor dos seus encantos, e acima de tudo não manifestar jamais qualquer opinião íosse a que re@peito fosse, da mesma forma que nenhuma delas se atrevia a dizer o que realmente pensava,

Quanto aos maridos das outras, a etiqueta exigia que os deixasse em paz, ignorando totalmente a sua existência, nem mesmo que os houvesse namorado antes de eles terem contraído matrimónio ou simDatizasse com eles a, valer. Se uma rapariga se mostrasse @lemasiadamente gentil para com um homem casado, a mulher dele trataria imediatamente de lhe dar fama de leviana e a sua reputação ficaria perdida para sempre a ponto de nunca mais haver rapaz algum que pensasse em namorá-la.

Mas com os rapazes solteiros... ah, com esses o caso era muito diferente! Podia sorrir-lhes abertamente e, quando eles, pressurosos, a abordassem a fim de pergíntar qual o

236

k%,á, -_@.

motivo do sorriso, recusar-se a dar-lhe qualquer explicação e sorrir de novo, deixando-os meios tontos de curiosidade, sem desistirem de obter uma resposta elucidativa. Podia prometer-lhes com os olhos toda uma infinidade de coisas, encorajando-os a manobrar no sentido de conseguirem encontrar-se a sós com ela. E então, quando@ um deles lograsse o seu intento e resolvesse

aproveitar-se do facto de estarem longe de vistas indiscretas, para lhe roubar um beijo, devia mostrar-se muito, muito ofendida, ou muito, muito triste, perante o atrevimento, e obrigá-lo, a pedir desculpa da sua vil ousadia, acabando por lhe perdoar com doçura, de maneira que o rapaz não desistisse completamente do seu intuito e fizesse segunda tentativa. Às vezes, mas só muito raramente, podia até deixar-se beijar. (Nem a mãe nem a ama lhe tinham aconselhado este processo; contudo, ela já conhecia a sua; eficácia). Todavia, sempre que tal sucedesse, não podia esquecer-se de verter umas lágrimas de arrependimento e de dizer que não compreendia c, que lhe tinha acontecido, manifestando o receio de que, ele, depois duma cena daquelas, nunca mais a respeitasse. O moço ajudá-la-ia então a enxugar os olhos e normalmente acabaria por lhe propor casamento, a fim de lhe mostrar de modo insofismável a consideração que por ela tinha. E além disso, havia... Oli, santo Deus, havia tantas estratégias de que uma rapariga podia lançar mão para cativar um rapaz solteiro! Scarlett sabia-os todos: os olhares de soslaio, os sorrisos provocantes por trás do leque, o meneio de ancas para obrigar a saia de balão a agitar-se como um sino, as lágrimas, o riso, a lisonja, a meiguice ' a compreensão, enfim, uma série quase interminável de ardis que nunca deixavam de produzir efeito... a não ser no caso de Ashley.

Não, decididamente não era justo que uma rapariga aprendesse tantos artifícios para os -aplicar durante tão breve espaço de tempo e os esquecer em seguida. Que bom seria não casar nunca para continuar a usar lindos vestidos#@ de seda verde-maçã e poder aceitar livremente a, corte dos seus admiradores! No entanto havia que ter cautela e não prolongar demais os devaneios, para não correr o risco de ficar solteira como India Wilkes de quem toda a gente dizia "pobre pequena" com ar d@ falsa comiseração. Não, vistas bem as coisas, o melhor ainda era, casar e manter incólume a sua dignidade, ainda, que para isso tivesse, de renunciar para sempre a todos os divertimentos.

237

, .A

Oli, como a vida era complicada! Por que teria ela cometido a suprema tolice de desposar Charles e retirar-se da vida com dezasseis anos apenas, justamente na altura em que principiava a gozá-la? Enquanto no cérebro de Scarlett se cruzavam estes pensamentos de revolta e de desespero contra a iniquidade do Destino, a multidão tinha aberto uma clareira a meio da sala, comprimindo-se ao longo das paredes. As mulheres protegiam cuidadosamente a, armação das saias, temendo que um contacto imprevisto as deformasse e lhes descobrisse as pernas, das pantalonas para além dos limites tidos por convenientes. Erguendo@se nas pontas dos pés, Scarlett viu o comandante da Milícia subir ao estrado da orquestra e gritar algumas ordens breves. Metade da companhia formou em linha e durante alguns minutos os soldados exibiram-se num rápido exercício que os deixou -a transpirar e lhes granjeou fortes aplausos da assistência. Scarlett bateu palmas com o ar de quem cumpre uma obrigação a que não pode eximir-se e, assim que os soldados se encaminharam para a barraca do ponche e dos refrescos após terem destroçado, voltou-se- para Melanie, convencida de que já era tempo de fingir um pouco de entusiasmo pela Causa.

- Dá gosto vê-los, não dá? - disse ela. M ela nie continuava a pôr em ordem os artigos de malha que jaziam empilhados em cima do balcão.

- Nem por isso. Preferia vê-los com o uniforme cinzento, de abalada para Virgínia - respondeu, sem baixar a voz.

Perto da barraca, encontravam-se diversas mulheres que se orgulhavam de ter os filhos na Milícia e que ouviram a censura de Melanie. A senhora Guinan fez-se escarlate e depois lívida ' porque o seu primogénito, Wilhe, que contava vinte e cinco anos, pertencia àquela organização.

Scarlett ficou muda de espanto. Jamais esperara ouvir da boca da cunhada semelhante observação.

O quê, Melly? P, assim mesmo, Scarlett. Não me refiro aos mocinhos nem aos velhos, evidentemente, mas não há dúvida de que grande parte dos homens que se alistaram na, Milícia estão em muito boa idade de pegar numa espingarda e de marchar para a frente, e era isso o que eles já deviam ter feito...

-Mas tu... tu não vês que... - tartamudeou Searlett, que nunca até ali tinha meditado no assunto. - n preciso que alguém fique nas linhas da retaguarda para... para...

238

-Qual fora o pretexto que Willie Guinan lhe apresentara a fim de justificar a sua presença em Atlanta? -...para proteger o Estado duma possível invasão.

- Mas quem é que fala em invasão? - ripostou Melanie, num tom glacial, lançando um olhar desprezível na direcção de um grupo de milicianos. -Além disso, a melhor maneira de evitar uma invasão seria combater os yankees em Virgínia. Quanto a essa história de a Milícia ficar para impedir a revolta dos escravos, é das tais que nem lembra ao diabo. Confesso que nunca ouvi tamanha parvoíce. Por que razão haviam os escravos de se revoltar? 2 uma desculpa própria de cobardes! Tenho a certeza de que derrubaríamos os yankees em menos dum mês, se as Milícias de todos os Estados se juntassem às tropas que lutam em Virgín@a e no Tennessee. r., como te digo!

-Oh, MelIv!- exclamou Scarlett, estupefacta. Os meigos ilhos escuros de Melanie brilhavam de indignação .

-Nem o meu marido nem o teu tiveram medo de partir. E eu preferia sabê-los ambos mortos a vê-los aqui em Atlanta... Oh' querida, perdoa-me! Que crueldade a minha!

Tocou afectuosamente no braço de Scarlett que a fitava, estarrecida. Mas não era no falecido Charles que ela estava a pensar. Era em Ashley. E se ele morresse também? Voltou-se rapidamente e esboçou um sorriso maquinal para receber o Dr. Meade que se encaminhava na direcção da barraca.

- Boa noite, meninas - disse ele, cumprimentando-as.

- Foram ambas muito gentis em terem vindo. Compreendo perfeitamente o sacrifício que representa a sua presença aqui esta noite, mas, de facto 'os interesses supremos da Causa devem ser postos acima de tudo. Vou desvendar-lhes um segredo. Imaginei um novo processo de arranjar mais dinheiro para o hospital, e tenciono pô-lo em prática esta noite. No entanto, receio que as senhoras presentes fiquem escandalizadas com a ideia...

Calou-se e soltou uma risadinha, gutural, enquanto cofiava a barba pontiaguda. .

- Oh! O que é, Dr. Meade? Diga-nos!

- Pensando melhor, acho preferível deixá-las também na dúvida. Tentem adivinhar. Mas, já sabem, conto com o seu apoio, no caso de os paroquianos se revoltarem e pretenderem expulsar-me da comunidade. Eu apenas tenho em

239

mente angariar mais fundos para o hospital. Verão, daqui a pouco. Nunca se fez coisa parecida até hoje!

E afastou-se pomposamente na direcção dum grupo de damas já idosas que se encontrava a um canto da sala. As duas senhoras entreolharam-se e dispunham-se a trocar impressões acerca da conversa que acabavam de ter com o médico, quando se acercaram do balcão dois velhótes que, numa voz tonitruante, pediram dez metros de renda. "Mais valem dois homens de idã&-do que nenhum", pensou Scarlett, procedendo à medição, enquanto um dos compradores lhe afagava o queixo num gesto levemente paternal. Os velhos conquistadores dirigiram-se então para um local onde eram servidas as limonadas e foram substituídos por outros. A barraca de Melanie e de Scarlett não tinha metade da clientela que se aglomerava em torno daquelas onde ressoavam a voz fresca de Maybelle Merriwether ais risadas galhofeiras de Fanny Elsing e as respostas e 'irisp tuosas das manas Whitings. Compenetrada do seu papel como compete a urna caixaira conscienciosa, Melly ia vendendo os artigos a homens que não faziam a menor ideia de como os utilizar. Scarlett pautava o seu procedimento pelo da cunhada.

Era cada vez maior a afluência de compradores às outras barracas, junto das quais se viam grupos de raparigas tagarelando des preocupadamente. Quase todos os clientes Que Melanie atend@a

t@nham nara ela palavras amáveis a respeito de Ashley, evocando o seu alto espírito de camaradagem, de que guardavam gratas recordações desde os tempos da Universidade, ou elogiando-lhe a bra-

ilitar; e manifestavam-lhe, o pesar com que vira como ele haviam tomado conhecimento da morte de Charles, que para Atlanta representava uma perda irreparável.

A certa altura, a orquestra atacou os compassos alegres e vibrantes da canção "Johnny Booker 'vai ajudá os neguinho" e Scarlett até sentiu vontade de gritar. Apoderou-se dela um desejo louco de dançar. Queria dançar a todo o custo. Olhou através da sala, marcando com os pés o compasso, da música. Os olhos dela, que pareciam faiscar, cruzaram-se durante uma fracção, de segundo com os de um indivíduo alto, que acabava de chegar e se quedava no limiar da porta de entrada. O homem estremeceu, ao reconhecê-la, e observou atentamente os olhos cintilantes de Scarlett, que se assemelhavam a dois carvões acesos num rosto sombrio

940

e revoltado ' sorrindo, ante o convite mudo que neles viu e que qualquer representante do sexo masculino saberia interpretar.

Tinha ombros largos, cintura estreita e Dêes extraordinariamente pequenos em relação à sua elevaaaa, estatura que excedia a de todos os oficiais; que assistiam à festa. E@vergava um fato preto, de feitiço sóbrio ' camisa de folhos e calças justas no tornozelo, que lhe ocultavam o canto curto das botas envernizadas. O requintado vestuário do recém-vindo formava estranho contraste com o seu aspecto físico e até com a sua expressão fisionómica, pois que, embora ele trajasse como um jogador, a sua figura era a de autêntico atleta, cuja força jazia latente sob uma indolência graciosa. Tinha os cabelos negros como azeviche e usava um bigodinho aparado rente aos lábios o qual, comparado com as bigodeiras façanhudas dos oficiais de cavalaria, parecia deveras esquisito. Ao vê-lo, ficava-se com a impressão de estar na presença dum homem sensual, ávido dos prazeres da carne, o que correspondia em absoluto à realidade. Tinha ar de tremenda arrogância, de desagradável insolência e havia um brilho malicioso nos seus olhos, que conservou cravados em Scarlett até que esta ' sentindo que estava alguém a observá-la, se voltou de novo na sua direcção. Scarlett, ouviu badalar num dos arcanos da sua memória o sino distante duma vaga recordação, mas não logrou reconhecer o indivíduo logo de início. Contudo, era aquele o primeiro homem que, desde o dia em que ela casara, lhe manifestava abertamente um interesse inconfundível. Sorriu-lhe, ele fez-lhe uma vénia, Scarlett respondeu com uma leve cortesia. No entanto, assim que o viu endireitar-se e dirigir-se para ela, caminhando com a flexibilidade característica <los índios levou a mão à boca, horrorizada, pois acabava de o identificar.

Scarlett, ficou imóvel, como que fulminada por um raio, enquanto ele se aproximava, abrindo caminho através da multidão. Desesperada, voltou-se e tentou fugir para a barraca dos refre-cos, mas a saia prendeu-se-lhe num prego. Debateu-se furiosamente para se libertar, rasgou

* tecido e, antes que tivesse tempo de efectuar a retirada,

* homem chegou junto dela.

- Dê-me licença - disse ele, baixando-se, e desprendendo o folho do prego que o rompera. - Nunca esperei que me reconhecesse, menina O'Hara.

16 - Vento 1^ou - 1

241

A voz quente e bem timbrada, de perfeito cavalheiro, e o sotaque lento e arrastado, comum a todos os naturais de Charleston, soaram agradavelmente aos ouvidos de Scarlett.

Ela corou de vergonha ao lembrar-se da cena passada na biblioteca dos Doze Carvalhos, no dia em que tinha sido anunciado o enlace de Ashley com Melanie. Ergueu para ele um rosto suplicante e depararam-se-lhe os olhos mais negros que até então tinha visto, nos quais parecia brilhar um clarão trocista, implacável. Por que seria que, de entre tantos homens que existiam à superfície da terra, logo havia de encontrar ali aquela criatura horrível, que surpreendera o diálogo que ela travara com Ashley, e cuja memória ainda lhe causava pesadelos, aquele ser abjecto que não hesitava em

comprometer a reputação das raparigas e que as pessoas de bem se recusavam a receber, aquele indivíduo desprezível que ousara acusá-la, embora com justo motivo, de não saber portar-se como convinha a uma senhora?

Ao ouvir-lhe a voz, Melanie voltou-se e, pela primeira vez na sua vida, Scarlett deu graças a Deus pela existência da cunhada.

- n... é o senhor Rhett Butlér, se não estou em erro? -disse Melanie, estendendo-lhe a mão, com um sorriso afável. -Creio que fomos apresentados...

- No dia particularmente feliz em que foi anunciado o seu noivado com o senhor Ashley Wilkes - concluiu ele, pousando-lhe os lábios ao de leve nos dedos. - n muita gentileza sua recordar-se de mim ainda, senhora Wilkes.

- Que faz por aqui, tão longe de Charleston, senhor Butler?

- Vim tratar de uma enfadonha questão de negócios. E espero que, doravante as minhas visitas a Atlanta se tornem mais frequentes. 'Acabo de chegar à conclusão de que não só devo desembarcar as mercadorias nesta ci, como também proceder à sua distribuição,

- Desembarcar as mercadorias?... - repetiu Melly, franzindo a testa intrigada. Mas logo um sorriso alegre lhe iluminou o semblante. - Nesse caso... o senhor deve ser o famoso capitão Butler, que tanto tem dado que falar, ultimamente... o homem que desafia o bloqueio das conhoneiras yankees. Duvido que se encontre aqui esta noite uma rapariga cujo vestido não tenha sido importado por seu intermédio. Scarlett, não achas interessante... Que tens tu,

242

minha querida! Não te sentes bem? Experimenta descansar um pouco.

Scarlett deixou-se cair sobre um tamborete, respirando com dificuldade, a ponto de reear que rebentassem os cordões do espartilho. Que surpresa tão horrível lhe estava reservada! Nunca pensara sequer na possibilidade de tornar a ver aquele homem e eis que desúbito o encontrava de novo na sua frente! Com soílcitude n@anifestamente exagerada, Butler pegou no leque preto que ela largara sobre o balcão da barraca e pôs-se a abaná-la, tendo no rosto uma expressão suave, mas conservando nos olhos um brilho irónico.

-Está muito quente aqui dentro-observou ele.-Não me causa admiração que a senhora O'Hara se tenha sentido indisposta com todo este calor. Posso conduzi-la até à janela?

- Não - respondeu Scarlett, numa voz tão áspera que Melly ficou boquiaberta, a olhar para ela, intrigada.

-Ela casou, senhor Butler-explicou Melanie, julgando ter compreendido o motivo da irritação patente na atitude da cunhada. -Passou a chamar-se Hamilton. É minha cunhada, agora - acrescentou, lançando um olhar carinhoso a Scarlett, a qual sentiu faltar-lhe o ar em face da expressão sarcástica que se estampou no rosto do capitão Butler.

- Estou certo de que esse casamento constituiu duplo prazer para ambas - murmurou ele, curvando a cabeça levemente.

Era um cumprimento banal, ciue todos costumavam fazer, mas que, nos lábios de Rhett Butler, parecia ter significado completamente oposto.

-Os vossos maridos também vieram à festa, presumo? Teria muito gosto em renovar conhecimento com eles.

-O meu marido está em Virgínia- respondeu Melanie, erguendo a cabeça, orgulhosamente. - Quanto ao meu irmão Charles...

A voz morreu-lhe na garganta. -Faleceu no acampamento -declarou Scarlett, em tom brusco, quase martelando as palavras.

Quando é que aquele indivíduo resolveria ir-se embora e deixá-la em paz? Melanie fitou a cunhada surpreendida, enquanto o capitão Butler esboçava um gest@ de auto-recriminação...

243

- Minhas caras senhoras... estava muito longe de imaginar... Queiram perdoar-me. Ao mesmo tempo, permitam que um estranho lhes- ofereça > conforto de dizer que morrer ao serviço da Pátria é viver para sempre.

Melanie sorriu-lhe através das lágrimas que lhe marejavam os olhos, mas Scarlett sentiu-se invadir por uma cólera e um ódio impotentes que lhe devoravam as entranhas. De novo ele tivera um.T- frase amável, um cumprimento análogo ao que qualquer indivíduo bem educado faria em semelhantes circunstâncias, mas sem a menor sinceridade. Bufler pretendia apenas trocar dela, com aquelas palavras de falso dó, pois sabia, melhor do que ninguém, que Charles lhe fora indiferente. E Melanie era uma ingênua, que não percebia o seu jogo. "E oxalá ninguém perceba!" pensou Scarlett, aterrada. Seria ele capaz de levar o seu atrevimento ao ponto de contar o que sabia? Evidentemente, aquele homem não era um cavalheiro e, nessas condições, tornava-se impossível prever até onde iria a sua discricção. Não havia bitola que permitisse adivinhar as prováveis reacções duma criatura que não recebera a educação devida. Ergueu a cabeça para o encarar e viu-lhe os cantos da boca descaídGs num trejeito de compassiva ironia, enquanto com uma das mãos continuava a abanar o leque. Havia na sua expressão algo que desafiou o espírito. rebelde de Searlett, restaurando-lhe as forças num acesso de rancor. Num gesto brusco, arrancou-lhe o leque das mãos.

- Já estou bem - disse, com azedume. - Escusa de me despentear.

- Oli, Scarlett, parece impossível! Perdoe-lhe ' capitão Butler. Ela fica sempre assim quando lhe falam no marido. Já estou arrependida de termos vindo. Ainda nos encontramos de luto, como vê, e o sacrifício de aparecer numa reunião mundana. tão cedo anós a morte de Charles, abalou-a profundamente. Além disso, a música, a agitação, a alegria, também devem ter contribuído bastante para provocar esta crise,

-Compreendo perfeitamente - murmurou ele, com gravidade forçada. Voltou-se e lançou a Melanie um olhar perscrutador que pareceu chegar-lhe ao último recôndito da alma. Depois, compenetrado da sinceridade que lhe transparecia no rosto, cuja doçura uma sombra de inquietação toldava, a sua fisionomia transfigurou-se por com-

244

pleto, passando a exprimir um respeito receoso, primeiro, e finalmente o mais profundo apreço.- Admiro a sua coragem, senhora Wilkes.

"E nem uma palavra a meu respeito!" pensou Scarlett, indignada, enquanto Melanie, sorrindo confundida, respondia:

-Não sei porquê, capitão Butler! A comissão hosi~ talar precisou de nós à última da hora em virtude de... Uma fronha para almofada? Aqui tem esta, bem linda, com a nossa bandeira bordada. Virou-se a fim de atender três soldados de cavalaria que estavam ao balcão. Pensou, com agrado, na gentileza do capitão Butler e, em seguida, atravessou-lhe a mente o desejo de que alguma coisa mais sólida do que a tarlatata separasse a sua saia do escarrador colocado da parte de fora da barraca, pois que os longos jactos de saliva amarelecida pelo tabaco que os três cavaleiros mascavam eram muito menos certos que o fogo das suas pistolas. Com a chegada de novos clientes, Melanie esqueceu temporariamente os problemas de Scarlett e da situação do escarrador.

Entretanto, Scarlett continuava sentada no tamborete, abana.ndo-se tranquilamente com a leque, sem se atrever a

levantar os olhos, e pedindo a Deus que o capitão Butler voltasse quanto antes para bordo do barco que comandava.

- O seu marido morreu há muito tempo? -Sim, há já bastante. Vai fazer um ano.

- Uma eternidade. E quanto tempo esteve casada? Perdoe a minha curiosidade, mas como sabe, tenho vivido completamente afastado da sociedade...

-Dois meses -respondeu Sca-rlett, contrafeita. -De qualquer maneira, foi uma tragédia- tornou ele, no mesmo tom despreocupado.

"Diabos o levem!" pensou a rapariga, louca de raiva. "Se se tratasse de qualquer outra pessoa, facilmente me livraria dela. Tomaria um ar glacial e não lhe daria conversa. Mas este maldito ouviu o que se passou com Ashley e sabe que eu não amava Charles. Tenho as mãos atadag".

Cravou os olhos no leque e guardou silêncio.

- P, esta a primeira reunião a que assiste após a morte do seu marido?

- Sei que não parece bem - explicou ela, rapidamente

- mas as raparigas 'que deviam tomar conta da barraca

245

não puderam vir e, como não havia mais ninguém disponível, Melanie e eu...

-A Causa merece todos os sacrifícios. A senhora Elsing havia empregado esta mesma frase e, no entanto, Scarlett tinha a impressão de que ela não dissera a mesma coisa. Conteve a custo as palavras irritadas que lhe acudiram aos lábios. No fim de contas, se ela se encontrava ali não era por amor à Causa, mas por estar farta de ficar metida em casa.

-Sempre pensei - declarou o capitão com ar meditativo -que o hábito de pôr luto, de envol@er a mulher em crepes para o resto da vida e de impedir que ela se distraia é quase tão bárbaro como a pira crematória dos hindus.

-Como a quê? Ele riu e Scarlett corou, envergonhada da sua ignorância. Detestava as pessoas que usavam palavras cujo significado desconhecia.

- Na Índia, quando um homem morre, o corpo não é sepultado. Queimam-no numa enorme pilha de madeira, juntamente com a mulher.

- Que horror! Por que é que eles fazem isso? E a polícia não intervém?

- Evidentemente que não. Uma viúva hindu que se não deixasse incinerar juntamente com o cadáver do marido ficaria posta à margem da sociedade. Todas as outras mulheres casadas a censurariam, acusando-a de não proceder como uma senhora bem educada, precisamente o que fariam as respeitáveis matronas que além estão sentadas ao canto, se a vissem aparecer a si vestida de encarnado ou mear uma quadrilha. Na minha opinião 'a pira funerária é muito menos cruel do que o nosso extraordinário costume meridional que obriga as viúvas a sepultarem-se em vida.

Como se atreve a dizer-me uma coisa dessas?]@ curioso como as mulheres se apegam às correntes que as prendem! Acha bárbaro o costume hindu, mas... diga~me com franqueza, teria coragem de,aparecer aq@I esta noite, se a causa da Confederação não houvesse exigido a sua presença?

Scarlett tinha verdadeiro horror a este gênero de discussões. Os argumentos apresentados pelo capitão Butler, esses horrorizavam-na mais do que quaisquer outros, pois que, embora não lograsse compreendê-los inteiramente, não

246

podia deixar de reconhecer neles certo fundamento. Desta vez, porém, ia reduzi-los a nada.

-]@ claro que não. Seria, além de falta de respeito para com a memória de Charles, como que uma prova de que eu não o havia a...

Ele parecia espreitar-lhe as palavras nos lábios com um olhar em que se lia prazer cínico. Searlett não ousou prosseguir. Rhett Butler sabia que ela nunca sentira pelo marido mais do que fria indiferença e recusar-se-ia a atribuir-lhe os nobres sentimentos que se propunha expressar. Como era desagradável ter de lidar com indivíduos mal educados! Os cavalheiros tinham o dever de aceitar como verdadeiras as mentiras femininas. Assini o estipulava a pragmática sulista. Um homem de sociedade respeitava todos os preceitos@ da etiqueta, exprimia-se sempre com a devida correcção, facilitava ao máximo a vida das mulheres. Mas àquele homem, pouco se lhe davam as regras e era com m@nifesto prazer que ele se atrevia a falar de assuntos a que não deveria aludir sequer.

-Estou suspenso dos seus lábios! -P, simplesmente insuportável- redarguiu ela, desconcertada baixando os olhos.

Butler ábeuçou-se sobre o balcão, até quase tocar com a boca no ouvido de Searlett, e segredou-lhe, numa fiel imitação dos vilões das peças que, de ano a ano, eram representadas no palco de Athenaeum Hall:

-Nada receie, formosa dama. Saberei guardar o seu segredo.

-Oh!-murmurou Searlett, febrilmente.-Como se atreve a dizer-me semelhante coisa?

- Quis apenas tranquilizar-lhe o espírito. Ou preferia talvez que lhe dissesse: "Seja minha, linda criatura, ou revelarei tudo?"

Involuntariamente, Scarlett, ergueu os olhos, que se cruzaram com os dele -nos quais bailava um brilho travesso, de garoto. De súbito, soltou uma risada. A situação não deixava de ter o seu lado cómico. Rhett riu também e as suas gargalhadas retumbaram no interior da barraca. Algumas senhoras idosas, que estavam reunidas no canto da sala, voltaram a cabeça na sua direcção. E, ao verem que a viúva de Charles Hamilton se divertia com um estranho, aproximaram mais as cadeiras umas das outras e trataram de comentar o escândalo.

247

Os tambores rufaram. Várias vozes gritaram "chiu!", enquanto o Dr. Meade trepava ao estrado e abria os braços, pedindo silêncio.

-Todos nós somos devedores dos mais sinceros agradecimentos às nobres senhoras de Atlanta que, numa bela afirmação de fervor patriótico e de infatigável energia, conjugaram os seus esforços no sentido não só de organizar esta festa de beneficência, que está sendo um êxito pecuniário, mas também no de transformar este armazém arruinado num recanto adorável, verdadeiro canteiro onde florescem os lindos botões que aqui veio.

Ressoaram palmas em todo o salão. -As senhoras deram-nos um belo exemplo de quanto pode a sua vontade, não poupando esforços, nem tempo, fazendo com as próprias mãos os delicados artigos que embelezam as barracas.

Redobram os aplausos e Rhett Butler, que se deixara ficar encostado ao balcão de Scarlett, em atitude negligente, sussurrou ao ouvida da rapariga:

-Que bode tão vaidoso, não acha? Horrorizada a princípio por este crime de lesa-majestade contra o cidadão mais venerado de Atlanta, Scarlett estremeceu e fixou o capitão, com um olhar de censura. Mas o facto era que o doutor lembrava realmente um bode, com a sua barbicha grisalha, aparada em ponta, subindo, e baixando à medida que ele pronunciava as palavras. E foi -com grande dificuldade que ela logrou dominar o riso.

- Isso, porém, não basta. As bondosas senhoras que nos hospitais têm acariciado com mãos suaves tantas fronte atormentadas pelo sofrimento, e arrancado das garras da morte inúmeros soldados feridos em defesa da mais sagrada das causas, conhecem perfeitamente as nossas necessidades. Não vou enumerá-las aqui. Limitar-me-ei a dizer que precisamos de mais dinheiro para mandar vir de Inglaterra os medicamentos que já escasseiam. Por uma feliz coincidência, encontra-se esta noite entre nós o intrépido capitão que de há um ano para cá vem rompendo o bloqueio com o maior êxito e que continuará a trazer-nos carregamentos das especialidades farmacêuticas que nos faltam.

Refiro-me, como já devem ter calculado, ao capitão Rhett Butler.

Embora apanhado de surpresa, o capitão curvou-se numa vénia graciosa - graciosa em demasia, @ensou Scar-

248

lett, tentando analisá-la mentalmente. Teve a impressão de que ele exagerara de propósito a sua reverencia numa demonstração velada do desprezo que toda aquela gente lhe inspirava. De novo se ouviram palmas, enquanto as senhoras agrupadas ao canto espetavam o pescoço, para verem melhor. Com que então era com ele que a viúva do pobre Charles Hamilton estava a conversar! E pensar qu<i> havia um ano apenas que o marido falecera!

-Precisamos de dinheiro - prosseguiu o doutor -e é isso justamente que eu pretendo obter. Vou pedir-vos um sacrifício tão insignificante comparado com o que os nossos bravos soldados estão

fazendo na frente de batalha que sereis vós os primeiros a rir. Minhas senhoras, eu quero as vossas jóias. Eu? Eu, não, a Confederação. A Confederação quer as vossas jóias'exige-as, e estou certo de que nenhuma de vós lhe recusará o seu auxílio. Como cintilam as pedrarias nos vossos pulsos delicados! Como refulgem os broches de oiro nios vossos colos magníficos! Mas o sacrifício é mais belo do que to-das as gemas da índia. O oiro será fundido, as pedras serão vendidas £ todo o dinheiro que se apurar será aplicado na compra de medicamentos e de material sanitário. Minhas senhoras: dois dos nossos feridos atravessarão, a sala, transportando cada um o seu cesto e...

Uma tempestade de palmas e vivas abafou o resto do discurso.

O primeiro pensamento que <>correu a Scarlett foi o de profunda gratidão pelo luto que a impedia de usar as grossas arrecadas e a valiosa corrente de oiro que tinham-pertencido à sua avó ' Solange Robillard, bem como as pulseiras de esmalte preto e de Q@ro e o broche de granadas. Viu o zuavo (que percorrera a sala em várias direcções trazendo no braço válido uma cesta onde recolhia os preciosos donativos) avançar na sua direcção, enquanto as mulheres, novas e velhas, se apressavam a tirar os braceletes 'a despojar-se dos brincos a abrir os fechos renitentes dos colares, a desprender o@ alfinetes do peito, ajudan<lc>-se umas às outras, sorridentes, fingindo machucar as orelhas ou picar ós dedos. O tinir dos metais e pedrariag era ocasionalmente abafado por exclamações joviais.

"Espere... espere um momento? Pronto, já está. Aqui temf" Maybelle Merriwether desfez-se alegremente de dois adoráveis braceletes que usava acima e abaixo do cotovelo. Fanny Elsing gritou: "Marnã, dá licença?" e arrancou o diaderna de

249

Êàwk, @ @ â'.1L.

pérolas e oiro maciço que estava na posse da família há muitas gerações. Cada oferta era acompanhada por uma salva de palmas e um coro de aplausos.

O zuavo continuou a aproximar-se da barraca de Scarlett. Trazia um sorriso nos lábios e a cesta cheia de jóias. No momento em que passava perto de Rliett Buttler, este lançou sobre a enorme pilha de preciosidades uma elegante cigarreira de oiro, com a mesma naturalidade com que deitaria fora uni objecto inútil, sem valor. Quando o simpático oficial chegou junto de Scarlett e pousou a pesada cesta em cima do balcão, a rapariga abanou a cabeça e estendeu as mãos, abertas, a fim de mostrar que não tinha nada para oferecer. Experimentou uma sensação deveras desagradável ao verificar que, de entre todas as raparigas presentes, havia sido ela a única que até ali não contribuía com qualquer donativo. Baixou a cabeça, envergonhada, e nesse instante os seus olhos viram reluzir no anelar da mão esquerda a grossa aliança de oiro.

Durante uma fracção de segundo, Scarlett tentou lembrar-se do rosto de Charles, da sua expressão fisionómica no momento em que ele lhe enfira no dedo o anel simbólico. Mas não conseguiu; a memória toldou-se-lhe sob o império da cólera que sempre a assaltava quando procurava evocar as recordações desse dia fatídico. Charles... fora ele que lhe arruinara a vida, que com a sua morte prematura a deixara automaticamente englobada no rol das velhas.

Num gesto rápido e decidido quis tirar o anel, que resistiu. O zuavo já se encaminhava na direcção de Melanie.

- Espere! - gritou Searlett. - Tenho aqui uma coisa para si.

1

Acabou por tirar a aliança e ia a deitã-la na cesta, que transbordava de cordões, relógios anéis, broches, braceletes e pulseiras, quando os seus offios se cruzaram com os de Rhett Butler, cujos lábios se arquearam num leve sorriso. Com ar de desafio, lançou o anel sobre a pilha das jóias.

- Oh, minha querida! - exclamou Melanie em voz baixa, agarrando-lhe o braço, com os olhos brilhantes de amor e de orgulho. -Como tu és corajosa! Espere... por favor, t£nente Picard, espere um instante. Também tenho uma coisa para si.

E esforçava-se por tirar a aliança, a qual, segundo ela própria confessara, à cunhada, jamais lhe saíra do dedo

250

desde o momento em que Ashley nele a colocara; Scarlett não teve dificuldade em imaginar o sacrifício que para Melanie devia representar aquela dádiva. Por fim, conseguiu retirar o anel e durante um breve momento, apertou-o na palma da mão; em seguida, depô-lo cuidadosamente sobre o montão das jóias que pejavam a cesta.

As duas raparigas quedaram-se a ver o zuavo afastar-se na direcção do canto onde se encontravam reunidas as damas de idade, Scarlett com um ar altivo, Melanie com uma expressão mais comovedora do que as lágrimas. Rhett Butler observava-as a ambas, atentamente.

- Se tu não houvesse tomado a iniciativa, eu nunca me teria atrevido a fazer o que fiz - murmurou Melanie, enlaçando a cunhada pela cintura e apertando-a afectuosamente.

O primeiro impulso de Scarlett foi o de a empurrar e exclamar "Valha-me Deus!" a plenos pulmões, como Gerald costumava fazer quando estava irritado. Contudo, notou que Rhett Butler continuava a fitá-la e esboçou um sorriso contrafeito. Como sempre, Melanie dera uma interpretação errada ao seu rasgo. A ingenuidade da cunhada principiava a contender-lhe com os nervos. Mas talvez fosse melhor assim. Talvez fosse preferível deixá-la viver na ilusão acerca das suas intenções a dar ensejo a que ela suspeitasse da verdade.

- Que magnífica atitude - comentou Rhett Butler, com voz suave. - São sacrifícios como os vossos que incutem coragem aos bravos rapazes dos uniformes cinzentos..

Foi com séria dificuldade que Scarlett logrou reprimir as palavras desagradáveis que lhe acudiram aos lábios. Aquele homem tinha o condão de a irritar. Em todas as suas frases, Scarlett vislumbrava uma sombra de escárnio. Por que não se iria ele embora? Por que continuava ali, encostado ao balcão da barraca, com aquele ar de soberba indiferença que Scarlett tanto detestava? Contudo, não podia deixar de reconhecer que havia nele algo de estimulante e de atraente como se da sua figura atlética se desprendesse um eflúvio magnético, electrizante. Os olhos negros pareciam lançar-lhe uma estranha provocação, desafiando o ardor impulsivo do sangue irlandês que lhe corria nas veias. Decidiu rebater a prosápia do indivíduo na primeira oportunidade. Rhett Butler conhecia o seu segredo e isso dava-lhe um ascendente perante c> qual ela ficava em

251

manifesta desvantagem. Tinha que descobrir uma forma de inverter os papéis. Conteve-se para não lhe dizer exactamente o que pensava a seu respeito, Lembrou-se do ditado que tantas vezes ouvira da boca da sua velha ama: "Não é com vinagre que se apanham moscas" e resolveu lançar mão dum processo melífluo que lhe permitisse subjugar aquela mosca impertinente e libertar-se dela para sempre.

- Muito obrigada - agradeceu com voz meiga, fingindo não reparar no sarcasmo. - Um cumprimento desses, feito por um homem célebre como o capitão Butler, tem incontestável valor. Ele deitou a cabeça para trás e soltou duas gargalhadas retumbantes. "Parece um molosso a ladrar", pensou Scarlett, furiosa, corando até à raiz dos cabelos.

- Por que não tem a franqueza de dizer o que realmente pensa? - inquiriu Rhett Butler, baixando a voz para que só ela ouvisse as suas palavras. - Por que não diz, por exemplo, que eu sou um patife da pior espécie, e não me iitima a sair daqui, sob a ameaça de chamar um daqueles mancebos uniformizados para me expulsar destas proximidades?

Ela teve uma resposta torta na ponta da língua, mas, num esforço que roçou pela heroicidade, conseguiu engoli-la no último instante.

- Por amor de Deus, capitão! Que ideia a sua! Como se alguém ignorasse a sua valentia, a sua gentileza, a sua...

a sua...

- Estou desiludido consigo - declarou ele.

- Desiludido?

- Sim. Quando nos encontrámos pela primeira vez, disse de mim para mim: "Aqui está uma rapariga que, além de bonita, é corajosa". E, agora, acabo de verificar que é apenas bonita.

- Quer dizer com isso que sou covarde? - ripostou ela, arrepiando-se como uma galinha no choco.
- Exactamente. Não tem coragem para dizer o que realmente pensa. Quando tive o prazer de travar conhecimento consigo, pensei: "Até que enfim encontro uma rapariga com ideias próprias. Estou certo de que não há outra assim num milhão, Não é como essas idiotas que acreditam em tudo o que as mães lhes ensinam e seguem à risca os seus conselhos sejam quais forem os problemas que as apoquentem, @ue ocultam os seus sentimentos, os seus
252

desejos, as suas desilusões atrás duma barragem de pala-' vras doces e agradáveis". É disse para Mra os meus botões: "Esta O'Hara é uma rapariga dotada de raro bom-senso. Sabe muitíssimo bem aquilo que quer e não tem papas na língua. A sua pontaria a atirar jaras é que deixa um pouco a desejar, mas isso ... "

- Oh! - exclamou Scarlett vermelha de raiva. - Pois já que se mostra tão interessado em saber o que penso a seu respeito, aqui vai. Se houvesse bebido em pequeno umas gotinhas de chá, nunca se teria aproximado desta barraca nem me dirigiria a palavra onde quer que me encontrasse. Teria compreendido que seria. uma humilhação para mim tomar a pôr-lhe a vista em cima. Mas o senhor não é um cavalheiro. Não passa dum indivíduo mal-educado, que pelo facto de romper o bloqueio dos yankees com os seus malditos navios se julga com o direito de vir para aqui fazer troça dos homens que arriscam a vida e de mulheres que tudo sacrificam pela Causa...

-Um momento, um momento -suplicou ele, com um sorriso divertido. - Não podia ter começado melhor e tenho a certeza de que as palavras que lhe ouvi traduzem fielmente a opinião que forma acerca da minha mo-desta pessoa. Mas, por favor, não me venha agora falar na Causa. Estou farto de aturar essas patranhas, e a senhora também, aposto...

-Como foi que adi... -ia Scarlett a dizer, mas logo se conteve, reprimindo a custo o resto das sílabas, furiosa por se ter deixado cair na armadilha.

- Quando me viu além à entrada da sala, já eu lá estava havia alguns minutos, a observá-la -disse ele. -Comparei a sua atitude com a das outras raparigas aqui presentes. Todas elas tinham estampada no rosto a mesma expressão, uma expressão muito diferente da que notei no seu. A senhora deixa transparecer na, face tudo o que lhe vai no pensamento. Não foi amor à Causa, nem interesse pelo hospital que li na sua fisionomia, mas sim o desejo de dançar, a necessidade de se divertir e o desespero de não poder sair daqui. Vamos, seja sincera e confeie que tenho razão.

-Não lhe direi nem mais uma palavra, capitão Butler

- ripostou ela, o mais cerimoniosamente que pôde, tentando envolver-se nos farrapos de dignidade que ainda lhe restavam. -A sua fama de "herói do blo-queio" não lhe dá direito a insultar senhoras.
253

-Herói do bloqueio, eu? Boa anedota, essa. Por favor, conceda-me mais um instante do seu precioso tempo antes de me votar ao esquecimento. Não quero deixar tão encantadora patriota equivocada quanto ao real valor da minha contribuição para a Causa dos Confederados.

-Não me interessam as suas proezas, -Para mim, o bloqueio é um negócio, do qual tiro certas vantagens financeiras e que porei de parte quando deixar de render dinheiro. Que diz agora?

-Digo que o senhor é um mercenário sem escrúpulos, como os yankees.

- Tem toda a razão - respondeu a rir. - São precisamente os yankees que me ajudam a enriquecer. Ainda no mês passado estive com o meu navio no porto de Nova Iorque, a fim de meter carga.

-O quê? -exclamou Scarlett, interessada a contragosto. - E não o atacaram?

-Que ingenuidade a sua! Claro que não. Em Nova Iorque existe uma boa.porção de ferrenhos patriotas da União que não vêem inconveniente em vender mercadorias à Confederação, desde que lhas paguem por bom preço. Entro com o meu navio no porto, desembarco, vou discretamente procurar uns comerciantes de espírito desempoeirado compro os artigos que pretendo e depois venho-me e@@bora. Quando a coisa começa a tornar-se arriscada, vou a Nassau onde tenho à minha espera um carregamento completo que os referidos patriotas ali mandaram pôr à minha

disposição, incluindo pólvora, balas e vestidos de senhrra. Sempre é mais vantajoso do que atravessar o oceano para ir a Inglaterra. Às vezes, corre-se algum perigo para chegar até Charleston ou Wilmington... mas cairia das nuvens se soubesse o que se consegue com um pouco de dinheiro.

- Eu tinha a certeza de que os yankees eram uma raça de miseráveis, mas nunca supus...

- Por que havemos nós de censurar os yankees que nos vendem as suas mercadorias? Eles apenas procu----ganhar a vida. Daqui a cem anos já ninguém se lembrará do que fizeram e o resultado será o mesmo. Sabem perfeitamente que a Confederação será vencida mais tarde ou mais cedo 'e por consequência, só se fos@em tolos é que não se aproveitariam da ocasião.

- Vencida... a Confederação? -Sem dúvida.

254

Façame o favor de se ir embora... ou será preciso que mande chamar a minha carruagem e regresse já a casa, a fim de me ver livre da sua presença?

-Prefiro deixá-la em Daz, minha pequena rebelde -

respondeu ele com um sorriso.

Fez-lhe uma vénia e afastou-se lentamente, deixando-a a vibrar de indignação e de raiva impotente, Scarlett quedou-se imóvel, atormentada por uma horrível sensação de logro, como uma, criança que, de súbito ' vê desfeitas as suas ilusões. Com que direito tinha ele roubado todo o sabor de aventura à epopeia dos heróis que formavam o bloqueio? Como se atrevia a afirmar que a Confederação seria vencida? Só por isso merecia ser fuzilado... fuzilado como traidor. Passou um olhar penetrante pelos rostos familiares que enchiam o salão, nos qua-is leu a mesma expressão de confiança e de bravura. E, no entanto, sentiu um calafrio arrefecer-lhe o peito. Vencida, a Confederação, quando em sua defesa se batiam homens como aqueles? Impossível! Era uma hipótese absurda, desleal.

-De que estiveram a falar? - inquiriu Melanie, assim que os compradores se retiraram. -A senhora, Merriwether não tirava os olhos de vocês dois e tu bem sabes como ela é amiga de censurar.

- Oli, aquele homem é simplesmente insuportável!... Nunca vi criatura tão mal-educada -declarou Scarlett. -

Quanto à senhora Merriwether, que fale à vontade. Estou farta de fazer papel de parva por causa dela.

- Oli, Scarlett! -exclamou Melanie, escandalizada.

- Atenção! - disse Scarlett. - O Dr. Meade vai falar outra vez.

Fez-se profundo silêncio entre a assistência. O doutor começou por agradecer a todas as senhoras presentes a generosa dádiva das suas jóias.

- E agora,, senhoras e senhores ---@ prosseguiu o orador vou propor uma surpresa... uma inovação que poderá impressionar mal alguns de vós, mas que é ditada somente pelo desejo de angariar novos fundos para beneficiar o hospital e os rapazes que nele se encontram internados.

Todos se acercaram cheios de curiosidade tentando adivinhar o que (> sensato doutor poderia ter imaginado de impressionante.

-O baile vai principiar dentro de momentos e o primeiro número será, evidentemente, uma quadrilha, à qual

255

se seguirá uma valsa. As polcas, mazurcas e danças escocesãs serão igualmente precedidas de quadrilhas. Recordo~me bem das rivalidades que surgem quando se trata, de marcar uma quadrilha... - continuou o doutor, eni@jgando o suor que lhe humedecia a fronte e lançando um olhar interrogativo na direcção do,_canto onde a mulher estava sentada, juntamente com as outras senhoras de idade - _e resolvi aproveitar-me desse facto. Cavalheiros! Se quiserem entrar na quadrilha@ com uma dama da sua escolha, terão de concorrer a um leilão, do qual serei o pregoeiro e cujo lucro rever-terá para o hospital.

Os leques imobilizaram-se de súbito e elevou-se da assistência um murmúrio de excitação. Estabeleceu-se tumulto no grupo das damas venerandas e a senhora Meade, ansiosa por Apoiar a iniciativa do marido, com a qual, todavia, não concordava, sentiu-se numa posição falsa. As senhoras Elsing, Merriwether e Whiting coraram de indignação. Mas, de súbito, os homens da Guarda Civil romperam em aplausos, no. que foram logo seguidos por todos os outros indivíduos uniformizados. As raparigas bateram palmas e pularam, entusiasmadas,

- Não achas que é... que é... que é quase- um leilão de escravos? -segredou Melanie ao ouvido da cunhada, fitando com olhar indeciso o doutor, que até ali sempre considerara perfeito. Scarlett não respondeu. Sentiu um aperto no coração e nos olhos raiou-lhe um brilho estranho. Se não estivesse viúva!... Se pudesse voltar aos seus tem" de solteira!... Se pudesse usar de novo um vestido verde, guarnec'do de fitas, de veludo da mesma cor, com as pontas a balouçarem-lhe do seio, e uma grinalda de tuberogas a enfe-itarÀlhe a cabeleira negra... seria, ela quem marcaria a quadrilha. Disso não tinha Scarlett a mais pequena dúvida. Seria disputada a peso de oiro Dor uma dúzia de homens e o Dr. Meade obteria um dinheirão. Mas tudo isso era um sonho, um desejo irrealizável. Contra, a sua vontade, teria de ficar ali sentada, qual jarrão e ver Fanny Elsing ou Maybelle Merriwether marear a @ririleira quadrilha, como a rapariga mais formosa de Atlanta! Acima da vozearia que reinava no salão elevou-se a voz do zuavo, que disse na sua pronúncia crioula:

-Se me dão licença... vinte dólares para a menina Maybelle Merriwether.

256

Ruborizada, Maybelle escondeu o rosto no ombro de F.anny e as duas procuraram evitar os olhares que convergiam na sua direcção, ocultando as faces incendiadas no colo uma da outra, enquanto o leilão prosseguia e as ofertas aumentavam. O Dr. Meade já sorria outra vez, sem fazer caso dos sussurros indignados que se ouviam no canto onde se encontravam reunidas as senhoras da comissão hospitalar.

A senhora Merriwether começara por afirmar, em voz alta' e num tom que não deixava lugar a dúvidas, que a filha dela não tomaria parte em tão aviltante almoeda; porém, ao verificar que o nome de Maybelle era citado cada vez com mais frequência e que o maior lanço já atingira a cifra dos setenta e cinco dólares'calou-se e não protestou mais. Scarlett fincou os cotovelos no balcão e observou com um olhar turvo a multidão sorridente que cercava o estrado da orquestra, vibrando de entusiasmo, com as inas cheias de notas da Confederação.

Daí a pouco iriam todos dançar... todos menos ela e as pessoas de idade. Todos se divertiriam, excepto a infeliz viúva do desditoso Charles Hamilton. Avistou Rhett Butler de pé, junto do doutor, e, antes que tivesse tido tempo de imprimir à fisionomia uma expressão mais xdiscreta e conveniente, viu-o olhar para ela e erguer uma sobranceira, numa pergunta muda. Scarlett, fitou--o desdenhosamente e dispunha-se a voltar a cara quando ouviu o seu nome pronunciado por aquela voz inconfundível ' de sotaque charlestoniano, que soou distintamente acima de todas as outras.

- Para a senhora Charles Hamilton, cento e cinquenta dólares... em oiro!

Ao ouvir-se o nome e a importância, fez-se súbito silên-4 cio na sala. Scarlett ficou tão estupefacta que nem sequer se moveu. Como estava, assim continuou, com o queixo apoiado nas mãos e os cotovelos cravados sobre o balcão, Mas os olhos arregalaram-se-lhe de espanto, como se ela não pudesse acreditar no que acabava de ouvir. Toda a assistência se voltou na sua direcção. Scarlett viu o doutor descer do estrado e murmurar qualquer coisa ao -ouvido de Rhett Butler, explicando-lhe provavelmente, que a senhora em questão se enconIra@a de luto pelo marido, e que, por consequência, não poderia dançar. Em resposta, Rliett Butler limitou-Áse a encolher os ombros num gesto de soberba indiferença.

17 -- Vento Levou - 1

257

- Talvez outra das nossas beldades? -.sugeriu o médico.

- Não - respondeu Rhett, em tom categórico, passeando um olhar frio pela multidão que enchia a sala. -

Mantenho a minha oferta.

-Mas já lhe disse que é impossível -insistiu o doutor. -A senhora Hamilton não pode...

Scarlett ouviu uma voz, que a princípio não reconheceu como sendo a sua, dizer:

-Posso, sim. Endireitou-se dum pulo. O coração batia-lhe tão apressado dentro do peito que chegou a recear não conseguir manter-se de pé, tão abalada ficou pela comoção de ser de novo alvo de todos os olhares, pelo orgulho de ter vencido as restantes competidoras e, acima de tudo, pela perspectiva de poder dançar outra vez.

"Oh, não me importo! Não me interessa que digam mal de mim!" pensou, enquanto um frenesi delicioso se apoderava dela. E, erguendo a cabeça em ar de desafio, saiu da barraca, fazendo soar os saltos dos sapatos como castanholas, abrindo inteiramente o leque de seda preta. Viu de relance a expressão de incredulidade estampada no rosto de Melanie, os olhares de censura que as velhas lhe lançavam, o espanto das outras raparigas, a aprovação unânime dos militares.

Quando chegou ao meio da sala, notou na fisionomia de Rhett Butler, que se dirigia para ela através da multidão, o sorriso escarninho que lhe era habitual. Mas não fez caso. Não lhe importava o que ele pudesse pensar a seu respeito. Ia dançar novamente e por nada deste mundo deixaria de o fazer, nem que tivesse como par o próprio Abraham Lincoln. Ia marcar a primeira quadrilha do baile e, para ela, nada a mais contava. Fez uma rápida vénia na direcção de Rhett Butler e dirigiu-lhe um sorriso fascinante, a que ele correspondeu com profunda cortesia, levando a mão ao peito.

Horrorizado o velho Lievi conseguiu recompor-se a tempo e salvar a situação, gritando:

- Escolham os seus pares para a quadrilha! E a orquestra atacou os compassos da mais linda das músicas que Scarlett conhecia: Dixie.

- Como teve coragem de me tornar alvo das atenções gerais, capitão Butler?

258

-Mas não era justamente esse o seu desejo, senhora Hamilton? Tive a impressão de que sim.

-Como ousou gritar o meu nome em público, sabendo que eu estou de luto?

-A senhora poderia ter recusado...

- Seria trair a Causa... Nem... nem sequer pensei em mim quando o ouvi oferecer uma quantia tão elevada, em oiro, Não ria assim tão alto, por favor. Estão todos a olhar para nós.

-E continuarão a olhar, de qualquer maneira. Não tente impingir-me essa, da sua dedicação pela Causa, a mim, pois que perde o seu tempo. Estava ansiosa por dançar e eu ofereci-lhe a oportunidade que tanto ambicionava. Esta marcha é a última figura da quadrilha, não é?

- P., sim. Logo que ela acabar, terei de voltar para a barraca.

-Porquê? Pisei-a muita vez? -Não... mas, se continuar a dançar, toda a gente dirá mal de mim.

-E isso apoquentava-a... realmente?

- Hum... -Não está a fazer mal nenhum, não é verdade? Por que não dança a valsa comigo?

-Se a minha mãe alguma vez sonhasse... -Logo vi. Continua agarrada às saias da mamã... -Oh! Tem uma maneira tão aborrecida de meter as virtudes a ridículo...

-Todas as virtudes são ridículas. Importa-se de que digam mal de si?

- Não mas... n melhor mudarmos de assunto. Ainda bem que 'a valsa já começou. As quadrilhas deixam-me sempre ofegante.

-Não iluda as minhas perguntas. Já alguma vez se preocupou com o que as outras mulheres possam pensar a seu respeito?

-Já que quer saber deixe-me dizer-lhe que não. Mas todas as raparigas devem preocupar-se com a opinião em que são tidas. Esta noite, porém nada disso me interessa.

- Bravo! Não deixe aos outros o trabalho de pensarem por si. Pense n esse o princípio da sabedoria.

- Pois sim, mas... -Quando a. sua reputação tiver sido atacada tão violentamente como a minha, compreenderá então quão pouco

importa a opinião dos outros. Imagine só: Não existe uma única casa em Charleston onde eu seja recebido. Nem sequer a minha contribuição em prol da nossa justa e santa Causa conseguiu levantar a interdição que pesa sobre mim.

- Que horror!

- Não diga isso. Não calcula como se fica aliviado quando se chega à conclusão de que a nossa reputação não pode ser pior.

-As suas teorias são simplesmente escandalosas!...

- Escandalosas, mas verdadeiras! Quando um indivíduo tem muita coragem... ou dinheiro de sobra... pode perfeitamente alhear-se do conceito que os outros formam de si.

-O dinheiro não compra tudo. -Essa ideia não é sua. Alguém lha meteu na cabeça.

O que é o que o dinheiro não compra, já pensou?

- Não... Mas não deve comprar a felicidade... nem o amor.

- Engana-se. Geralmente, compra. E nos restantes casos assegura-nos a posse de óptimos substitutos.

- Tem assim tanto dinheiro, capitão Butler? -Que pergunta tão indiscreta, senhora Hamilton! Estou pasmado consigo. Sim, é verdade que tenho. A um indivíduo que foi posto fora de casa dos pais quando ainda usava calções, sem um cêntimo no bolso, acho que não se poderia exigir mais. E, se a guerra durar ainda um ano ou dois, tenho a certeza de que chegarei a milionário com esta história do bloqueio.

-Não me diga! -Digo, sim! As pessoas é que não querem acreditar que a derrocada dum império é susceptível de dar tanto dinheiro a ganhar como a sua reconstrução.

-Que quer dizer com isso?

- Os seus pais, os meus, assim como todos os indivíduos que se encontram aqui presentes, enriqueceram à custa dos esforços feitos para transformarem um deserto num centro de civilização. Construíram um império e amealharam riquezas fabulosas. Mas é provável que eu venha a lucrar ainda mais do que eles com a sua destruição.

-A que império se refere?

- A este em que vivemos... o Sul... a Confederação... o Empório do Algodão... que está ruindo rapidamente sob os nossos pés. Só os doidos varridos teimam em não com-

60

preender a situação e se recusam a tirar proveito do colapso. Mas eu hei-de enriquecer à custa do naufrágio.

-Está realmente convencido de que perderemos a guerra?

-Sem dúvida. Por que havemos nós de esconder a cabeça como o avestruz?

-Meu Deus! Não calcula como me aborrece discutir assuntos tão sérios! Não sabe falar de coisas mais agradáveis, capitão Butler?

-Sentir-se-ia mais feliz se lhe dissesse que os seus olhos são dois enormes lagos de água verde e transparente e que, quando as estrelas se reflectem neles, como sucede agora com as luzes desta sala, a senhora fica diabolicamente sedutora?

- Não. Esse género de conversa também não me agrada muito. Oh, como esta valsa é linda! Não me importaria ficar aqui a dançar toda a noite. Nunca supus que um baile pudesse fazer tanta falta.

- 2, a mais bela mulher com quem dancei até hoje. -Capitão Butler, não me aperte tanto. Está toda a gente a olhar para nós.

-E que esteja? Importa-se? -Por favor, capitão Butler, não perca a cabeça. -Pede o impossível.

Quem não perderia a cabeça consigo nos braços? Que música é esta? n recente, presumo?

-É. Não a acha deliciosa? Roubámo-la aos yankees. -Como se chama? -Quando a guerra acabar... - Como é a letra? Cante-a para eu ouvir. Scarlett trauteou os versos:

Lembras-te quando nos vimos Pela vez derradeira? De joelhos, confessaste

O teu amor por mim.

Oh, como estavas belo Na farda cor de cinza, Quando foste da pátria Para onde nem sei,'

261

Eu triste e só fiquei A -suspitar em vão! Quando a guerra acabar Há-de voltar então.

- Evidentemente, a letra yankee fala numa farda azul, mas nós fizemos a correção que se impunha. Como valsa bem, capitão Butler! A maioria dos homens altos e fortes não sabe valsar... E pensar que vão passar-se meses e meses antes que eu volte a dançar!...

- Será apenas uma questão de minutos. Arrematá-la-ei novamente no leilão seguinte, e no outro e assim por diante.

- Oh, não! Não faça isso! Não quero! Ficarei com a minha reputação completamente arruinada.

-Mais do que ela já está, não é possível. Por consequência, por que não há-de dançar comigo outra vez? Talvez eu me resolva a dar uma oportunidade aos outros homens, após as cinco ou seis primeiras séries, Mas a última há-de ser minha.

-Seja assim. Sei que perdi o juízo, mas não me importo. Não me interessa o que possam dizer a meu respeito. Estou farta de ficar em casa. Quero dançar, dançar...

- Por que não despe o luto? Detesto ver as mulheres vestidas de crepes...

- Oh, isso é que eu não poderei fazer tão depressa! Capitão Butler, não me aperte tanto, Olhe que me zango!

-Fica encantadora quando se zanga. Até sou capaz de a apertar outra vez... assim... só para ter o prazer de a ver zangada. Não calcula como estava fascinadora naquela tarde em que nos encontramos na biblioteca dos Doze Carvalhos, quando se irritou e começou a atirar com coisas.

-Oh, por favor!..@ Não é capaz de esquecer essa triste cena?

-Não. É uma das minhas mais preciosas recordações. Uma beldade do Sul demonstrando o atavismo impulsivo do seu sangue irlandês. Porque a senhora é bem irlandesa!

- Oh, que pena! A música cessou e a minha tia acabou de sair do bufete e vem quase a correr na nossa direcção. Tenho a certeza de que a senhora Merriwether a foi avisar. Por amor de Deus vamos até ali à janela. Não quero cair-lhes nas unhas, aíora. Os olhos dela parecem dois carvões acesos.

262

10

QUANDO na manhã seguinte se sentaram à mesa para tomar o primeiro almoço, Pittypat tinha os olhos vermelhos de ch@rar, Melanie conservava-se silenciosa e Searlett mirava ambas com expressão de desafio estampado no rosto.

- Não me interessa o que possam dizer a meu respeito -declarou ela. -Aposto o que quiserem em como consegui arranjar mais dinheiro para o hospital do que qualquer das outras raparigas que se encontravam na festa. Tenho a certeza de que nem a venda daquelas bugigangas todas rendeu tanto como o meu auxílio.

- Mas oh meu Deus! - gemeu Pittypat, torcendo as mãos, des@esperada. - Que me importa a mim o dinheiro? Eu a princípio nem queria acreditar no que os meus olhos viam. Pensar que ainda não há um ano que o nosso pobre Charles morreu... e aquele horrível capitão Butler a expor-te à maledicência de toda a gente. Oh, Scarlett, esse homem é simplesmente insuportável! A prima da senhora Whiting, a senhora Coleman, cujo marido nasceu em Charleston, esteve a falar-me acerca dele, Rhett Butler é a ovelha ranhosa duma família distinta. Não percebo como um Butler conseguiu degenerar a tal ponto. Em Charleston ninguém o recebe. Ficou com uma reputação tremenda depois do que se passou entre ele e certa rapariga... um escândalo de tal ordem que nem a senhora Coleman conhece os pormenores...

-Eu não acredito que o capitão Butler seja tão mau como o pintam-atalhou Melly, com voz suave.- Tenho até a impressão de que é um perfeito cavalheiro e, quando penso no patriotismo de que tem dado provas, arriscando a vida para atravessar o bloqueio...

-Não é por patriotismo que Rhett Butler atravessa o bloqueio - interrompeu Scarlett, deitando uma chávena de calda de açúcar sobre as filhós de que se servira -mas sim por interesse pessoal. Foi isso o que ele me disse, pelo menos. Os destinos da Confederação não o preocupam. Além disso, não hesita em afirmar que seremos vencidos dentro de pouco tempo. Mas dança admiravelmente. Pitty e Melanie guardaram silêncio, horrorizadas. -Estou farta de ficar em casa, metida entre estas quatro paredes - prosseguiu Scarlett. - Vou acabar com esta

263

vida. Se toda a gente me censura por causa do que aconteceu ontem à noite, a minha reputação está perdida e, por conseguinte, não lucrarei nada em modificar a minha atitude.

A ideia de que fora aquela a teoria que Rhett Butler lhe expusera na véspera não ocorreu a Scarlett, tão bem ela se coadunava com o seu pensamento naquele instante.

-Oh! Que dirá a tua mãe, quando souber? Que ficará ela a pensar de mim?

Scarlett sentiu-se assaltar pelos remorsos ao imaginar a consternação da mãe quando tivesse conhecimento do seu procedimento escandaloso. Contudo, as vinte e cinco milhas que separavam Atlanta de Tara tranquilizaram-na um pouco. A tia Pitty decerto não se atreveria a contar a Ellen o sucedido, pois que, se o fizesse, colocar-se-ia numa posição muito pouco favorável como pau de cabeleira. E, desde que Pittypat não desse com a língua nos dentes, a situação estava salva.

- Eu acho - começou Pitty - sim, eu acho que talvez fosse melhor escrevermos uma carta a Henry... conquanto deteste fazê-lo... Mas ele é o único homem da família e, portanto, compete-lhe ir procurar o capitão Butler a fim de lhe pedir uma explicação. Oh, meu Deus! Se ao menos Charles ainda fosse vivo!... Scarlett, nunca mais deves tornar a falar com esse homem... nunca mais. Melanie, conservava-se calada, com as mãos pousadas no regaço, enquanto as filhós arrefeciam no prato que tinha à sua frente. De súbito, porém, levantou-se e, passando por trás da cunhada, abraçou-a carinhosamente.

-Não te apoquentes, minha querida-disse ela.Compreendo perfeitamente quanto deve ter-te custado o sacrifício que fizeste e não há dúvida de que o auxílio que prestaste ao hospital foi incalculável. Se alguém se atrever a criticar-te na minha presença... terá de se haver comigo. Por favor, tia Pitty, não chore mais. Tem sido muito duro para Scarlett viver aqui fechada em casa, sem distração nenhuma. Bem vê, ela é ainda uma criança - replicou, acariciando os cabelos negros de Scarlett. - E, vendo bem as coisas talvez não fosse mau assistirmos de vez em quando a uma ou outra reunião. Não podemos entregar-nos por completo ao nosso desgosto. A guerra modificou tudo, já se não repara nessas coisas. Quando penso naqueles pobres soldados, tão longe dos seus lares, sem uma

264

pessoa amiga com quem se possam entreter à noite... e nos que se encontram hospitalizados, suficientemente fortes para andarem a pé, mas ainda impossibilitados de pegarem em armas... Na verdade, temos sido muito egoístas. Devíamos hospedar em nossa casa três convalescentes, pelo menos, e convidar alguns para jantarem conosco, aos domingos, como toda a gente faz. Não te aflijas, Scarlett. A nossa atitude acabará por servir de exemplo e ninguém mais dirá mal de nós. Sabemos muito bem que tu eras amiga de Charles. . Scarlett estava muito longe de se afligir. Contudo, irritavam-na as carícias de Melanie, que continuava a afagar-lhe os cabelos. Tinha vontade de sacudir a cabeça e gritar "Vão para o diabo e deixem-me em paz!" pois que a lembrança do baile da véspera e da forma por que os guardas civis, milicianos e soldados haviam disputado o prazer de dança com ela, a enchia de felicidade. A ideia de ser defendida por Melanie, a pessoa que mais detestava, desagradava-lhe profundamente. Podia defender-se muito bem sózinha, não precisava de ajuda. E, s---e as velhas harpias da comissão hospitalar estavam dispostas a hostilizá-la, tanto melhor... Aliás ' não tencionava ligar importância nenhuma às críticas... Havia por esse mundo fora muitos oficiais simpáticos e gentis. Não valia a pena incomodar-se com a opinião de gente caduca.

Pittypat acabava de enxugar os olhos ' reconfortada pelas palavras tranquilizadoras de Melanie, quando PrL,,@,s_y entrou na sala oe jantar, trazendo nas mãos um sobrescrito volumoso.

-Para senhora Melly-disse ela.-Muleque qui trouxe. -Para miro?-perguntou Melanie admirada, rasgando o sobrescrito.

Entretida com as filhós, Searlett só prestou atenção ao que se estava passando quando uma explosão de lágrimas de Melanie a fez levantar os olhos do prato. Pittypat levou as mãos ao coração.

- Ashley morreu! - gritou, lançando a cabeça para trás e deixando cair os braços

- Santo Deus! - exclamou @karlett, sentindo o sangue gelar~se-lhe nas veias.

- Não, não! - bradou Melanie. - Depressa! O frasco dos sais, Scarlett! Então, então sente-se melhor?

Respire fundo. Não, não se trata de A@hley. Estou desolada por

265

lhes ter pregado este susto. Eu chorei mas foi de alegria.

- E, abrindo a mão na qual aperta@a um objecto que levou aos lábios, murmurou: - Sinto-me tão feliz...

E rompeu em pranto novamente. De relance, Scarlett surpreendeu o brilho fugaz duma grossa aliança de ouro.

- Leiam - disse Melanie 'apontando a carta que deixara cair para o chão. - Oh! como ele é delicado e generoso!

Intrigada, Scarlett pegou na folha de papel onde urna mão firme tinha escrito a tinta preta as seguintes palavras:

A Confederação pode reclamar o sangue dos seus homens até à última gota, mas não exigiu ainda o coração das suas mulheres. Queira aceitar, minha senhora, esta prova da admiração que me despertou a coragem que ontem a vi manifestar, e não pense que se sacrificou em vão, pois que este anel foi resgatado por um preço dez vezes maior do que o seu real valor.

Capitão Rhett Butler.

Melanie enfiou a aliança no dedo e mirou-a, embevecida.

- Eu não disse que ele era um cavalheiro? - observou, voltando-se para Pittypat e sorrindo por entre as lágrimas que lhe deslizavam pelo rosto. -Só um homem de sentimentos nobres -seria capaz de compreender quanto me custou ter que... Enviar-lhe-ei o meu cordão de ouro, em substituição do anel. Tia Pitty, tem de escrever ao capitão Butler, convidando-o para jantar connosco no próximo domingo, a fim de eu lhe agradecer a sua gentileza.

No meio daquela agitação toda, nem ela, nem a tia pareciam ter notado que Rhett Butler não resgatara a aliança de Scarlett. No entanto, o facto não passou despercebido à juvenil viúva, em e 'ujo rosto se estampou uma expressão de profundo aborrecimento. Sabia muito bem que não fora por cavalheirismo que o capitão Butler procedera daquela forma. Queria ser recebido em casa da tia Pittypat e resolvera lançar mão dum processo que reputava infalível.

Fiquei desolada ao saber do teu recente procedimento -assim começava a carta que Ellen escreveu à filha. Scarlett, que estava sentada à mesa, franziu a testa. As más notícias propagavam~se depressa.

Ouvira muitas vezes a

266

habitantes de Charleston e de Savanah diziam que -não havia em todo o Sul gente mais mexeriqueira e amiga de se meter na vida dos outros do que a de Atlanta e agora tinha ali na sua frente a confirmação desse fact@. A festa realizara-se na noite d-e segunda-feira e três dias depois já ela recebia uma carta da mãe a censurá-la pelo seu audacioso procedimento, Qual das velhas harpias teria escrito a Ellen? Ainda chegou a suspeitar de Pittypat, mas não tardou a pôr a ideia de parte. A pobre Pitty tremia como varas verdes com receio de que a censurassem pela atitude da sobrinha mais nova e seria a última pessoa a confessar a Ellen o seu fracasso como mentora de Scarlett. Provavelmente fora a senhora M-erriwether.

Custa-me a crer que tenhas esquecido a taí ponto o respeito que deves a ti própria e bem assim a educação que recebeste em casa dos teus pais - continuava Ellen. - Já não falo na triste ideia de apareceres em público estando de luto, pois compreendo o teu desejo de auxiliar o hospital. O que me surpreende é que tenhas levado a tua ousadia ao extremo de dançar sobretudo com um homem como o capitão Butler! Tenho ouvido falar muito a respeito dele, como toda a gente. Na carta que me escreveu a semana passada, Pauline diz que Rhett Butler possui uma reputação péssima e que ninguém o recebe, a não ser, claro, a

sua pobre mãe. É um homem de mau carácter, que se aproveitou da tua ingenuidade e inexperiência para te comprometer publicamente e encher de opróbrio a tua família. Como pôde a senhora Pittypat negligenciar a esse ponto os seus deveres para contigo?

Scarlett lançou à tia um olhar de esguelha. A velhota reconheceu a letra de Ellen e tinha a boca, pequena e de lábios carnudos, contraída num trejeito pueril, como uma criança que cometeu uma falta e recorre às lágrimas para escapar ao castigo.

Foi com verdadeira mágoa que tomei conhecimento do que se passou. Faltam-me palavras para te exprimir a

minha consternação - ao saber o desprezo a que votaste os princípios em que foste educada. Resolvi chamá-te imediatamente para Tara - mas depois pensei que talvez fosse melhor deixar isso - ao critério do teu pai, que partirá para

267

aí na próxima sexta-feira, a fim de falar com o capitão Butler e de te acompanhar a casa. Receio bem que, não obstante os pedidos que lhe fiz, ele se mostre severo para contigo. Espero e peço a Deus que tenham sido apenas a fraca experiência da vida e a falta de reflexão características da juventude os factores que ditaram o teu estranho procedimento. Ninguém pode arrogar-se maior desejo que o meu de servir a Causa, pela qual gostaria de ver as minhas filhas manifestarem igual entusiasmo, mas daí ao ponto de envergonharem...

A carta prosseguia no mesmo teor, mas Scarlett interrompeu a leitura. Pela primeira vez na sua vida, estava realmente aterrorizada. Perdera toda a arrogância e audácia que manifestara na manhã seguinte ao baile. Experimentava a mesma sensação de culpa que no dia em que atirara à cara de Suellen uma bolacha barrada de manteiga, havia mais de dez anos. A mãe, que sempre se mostrara tão gentil e meiga para com ela, censurava-a amargamente e o pai decidira pedir uma satisfação ao capitão Butler. Só agora começava a vislumbrar a gravidade da situação que a sua leviandade criara. Gerald puni-la-ia severamente. Scarlett sabia que, desta feita, nada lucraria em tentar amansar-lhe as iras com sorrisos e artimanhas. Não conseguiria evitar o castigo - nem mesmo sentando-se-lhe nos joelhos e afagando-lhe o rosto, como costumava fazer, em semelhantes circunstâncias.

- Não... não são más notícias? - indagou Pittypat, com voz trémula.

- O pai deve chegar amanhã e tenciono atirar-se a mim que nem gato a bofe - respondeu Scarlett, sucumbida.

- Prissy, dá-me os saís! - berrou Pittypat afastando a cadeira da mesa onde o prato dela ficou quase intacto. -

Eu... sinto que vou desmaiar.

- Estão no bolso da saia - informou Prissy que passarinhava em torno da ama, radiante com o drama em perspectiva.

Quando estava de mau humor, Gerald proporcionava sempre um espectáculo divertidíssimo, desde que a sua cólera não recaísse sobre a cabeça encarapinhada da negrinha. Pittypat rebuscou nos bolsos e levou o frasco ao nariz.

- Não me abandonem durante todo o dia, amanhã -

implorou Scarlett. - Não me deixem sózinha com o pai

268

nem que seja só por um minuto! Ele gosta tanto de ambas que não terá coragem para me repreender na sua presença.

- Não contes comigo, Scarlett. Eu não posso - respondeu Pittypat, com voz débil, pondo-se de pé. - Eu... estou doente. Tenho de ir para a cama. Duvido que amanhã consiga levantar-me. Não se esqueçam de lhe apresentar as minhas desculpas.

"Cobarde!" pensou Scarlett, lançando-lhe um olhar feroz. Melly prontificou-se a defender a cunhada, embora a ideia de enfrentar o pai de Scarlett, cujas crises de mau-humor se tinham tornado célebres em toda a região, a assustasse deveras, a ponto de ficar branca como a cal da parede.

- Eu... ajudar-te-ei a explicar-lhe tudo. Dir-lhe--ei que tu apenas pretendeste auxiliar o hospital. Estou certa de que ele acabará por compreender.

- Duvido bastante - redarguiu Scarlett. - Oh, meu Deus, morro de vergonha se ele me leva de castigo para Tara, como a, minha mãe diz na carta,

-Mas tu não podes voltar para casa! -exclamou Pittypat, desatando a chorar. - Se te fores embora... sim, se te fores embora, ver-me-ei na necessidade de pedir ao meu irmão que venha morar connosco e toda a gente sabe que Henry -e eu somos como o cão e o gato. Desde que a cidade foi invadida por esta multidão de estranhos 'tenho um medo horrível de ficar aqui sózinha de noite, com Melly. Mas tu és tão corajosa que não me assusta a ideia de não ter nenhum homem em casa, - enquanto cá estiveres.

-O teu pai não pode obrigar-te a voltar para Tara! -

interpôs Melly, que parecia prestes a romper em pranto.

- A tua casa agora é esta. Que havíamos nós de fazer sem ti?

"Como vocês desejariam ver-se livres de mim, se soubessem o que penso a respeito de ambas!" disse Scarlett de si para si, com azedume. Intimamente, lamentou o facto de não poder contar com outra pessoa qualquer para a proteger do embate com a cólera de Gerald. Irritava-a a perspectiva de ser defendida por uma criatura que tanto detestava.

-Talvez seja melhor anularmos o convite que mandámos ao capitão Butler-sugeriu Pittypat.

- Isso nunca! Seria o cúmulo da grossaria! - exclamou Melanie, aflita.

269

íkàb" ---k à@

- Ajudem-me a ir para a cama. Estou a sentir-me muito mal. Oli, Scarlett! O sarilho em que tu me foste meter!

Pittypat encontrava-se de cama doente, quando Gerald chegou, na tarde do dia seguinte. Àtravés da porta do seu quarto, pediu-lhe que a descu~ de não o receber pessoalmente e descarregou sobre os ombros das duas apavoradas @aparigas a responsabilidade de fazerem ao visitante as honras da casa. Pittypat nem sequer desceu para jantar. No decurso -da refeição, Gerald manteve um silêncio pleno de ameaças, embora à chegada tivesse beijado Scarlett e beliscado a face delicada de Melanie, tratando-a por "prima. Melly". Scarlett teria preferido mil vezes que o pai a houvesse acusado logo de entrada, gritando e blasfemando como éra seu hábito. Fiel à sua promessa, Melanie não se afastou de Scarlett nem por uma fracção de segundo, seguindo-a por toda a parte, colando-se-lhe às salas, como se fosse a sua própria sombra e Gerald, com o seu cavalheirismo, absteve-se de fazer @ma cena à filha na presença da irmã de Charles. Scarlett não teve outro remédio senão reconhecer que a cunhada se estava a mostrar à altura das circunstâncias, agindo como se não tivesse acontecido nada de anormal e sustentando calmamente a conversa com Gerald durante todo o jantar.

-Quero saber tudo o que se tem passado em Clayton r@estes últimos tempos -disse ela, com o melhor dos sorrisos. - India e Honey são péssimas correspondentes, mas o senhor com certeza que está ao corrente dos acontecimentos. Descreva-nos, por exemplo, o casamento de Joe Fontaine. Lisonjeado, Gerald contou que a cerimónia se realizara na maior intimidade, "ao contrário do que sucedeu quando vocês casaram", pois que Joe tivera apenas três dias de licença. Sally, a azougada

filha dos Munroes, estava muito bonita. Não, não se lembrava do vestido que ela levava. Apenas se recordava de ter ouvido dizer que Sally não tivera "vestido do dia seguinte",

-Não teve?! -exclamaram as duas raparigas, escandalizadas.

- Evidentemente que não - confirmou Gerald - e pela simples razão de que para ela não chegou a haver "segundo dia".

Gerald desatou às gargalhadas, mas de repente lembrou-se de que talvez aquele gênero de gracejos não fosse

270

próprio para senhoras e tentou conter o riso. Scarlett criou ânimo ao ver o pai bem disposto e abençoou o ta--to de Melanie.

- Joe teve que voltar para Virgínia na manhã seguinte

- apressou-se Gerald a explicar. - Por -isso não fez visitas nem pôde assistir aos bailes do costume.

Os dois gêmeos Tarletons estão em casa.

- Já sabíamos. Ainda correm perigo?

- Não. Os ferimentos deles eram leves. Stuart foi atingido num joelho e Brent tinha um estilhaço de granada alojado num ombro. Naturalmente também já sabem que foram ambos louvados por feitos de bravura em combate?

-Não. Isso, para nós, é novidade. Conte-nos tudo, por favor.

- São malucos, tanto um como outro. Estou em crer que lhes correm nas veias umas gotas de sangue irlandês - prosseguiu Gerald, em tom complacente. - Não me recordo da façanha que eles cometeram, mas o facto é que Brent foi promovido a tenente.

Scarlett experimentou uma sensação de prazer ao ouvir tão agradáveis notícias dos seus antigos namorados, como se as proezas dos dois gêmeos ainda pudessem interessar-lhe realmente. De facto, estava convencida de que todos os rapazes que lhe tinham feito a corte haviam ficado a pertencer-lhe para sempre e de que o brilho de glória de que porventura se cobrissem vinha a reflectir-se na sua própria pessoa.

-Mas trago outras novidades muito mais palpitantes -continuou Gerald.-Constou-me que Stuart anda a rondar outra vez os Doze Carvalhos.

-Qual delas? Honey ou India? ---inquiriu Melanie, -excitada, enquanto Scarlett fitava o pai com ar indignado.

- Oh, India, pois quem havia de ser? Não era ela que Stuart namorava, quando esta prenda da minha filha resolveu deitar-lhe a feteixa?

-Oh!-dísse Melly, um tanto ou quanto embaraçada ante a franqueza rude de Gerald.

-E ainda há mais. Brent Tarleton passa os dias em minha casa. E esta?

Scarlett estava engasgada. A deserção dos seus antigos pretendentes era quase um insulto para ela. Recordou-se da reacção que ambos tinham manifestado quando lhes dera a notícia de que decidira desposar Charles Hamilton

271

kbd'à.A@,

e sentiu o sangue ferver-lhe nas veias. Stuart até ameaçara matar Charles com um tiro, ou matá-la a ela, ou suicidar-se, ou matar os dois primeiro e suicidar-se em seguida. Fora uma coisa louca. E, no entanto, agora...

- Suellen? - perguntou Melly, entreabrindo os lábios num sorriso prazenteiro. - Mas pensei que o senhor Kennedy...

- Oli, esse?! - redarguiu Gerald. - Frank Kennedy não ata nem desata. Parece que tem- medo até da própria sombra. Se ele não tomar uma decisão nestas semanas mais próximas, irei eu próprio perguntar-lhe quais são as suas intenções, afinal. Não' desta vez é a minha pequerrucha que está na berlinda.

- Carreen? -Mas Carreen não passa duma criança -objectou Scarlett com, voz áspera, recuperando o uso da fala,

- Tem um ano menos do que tu quando casaste, minha querida. Ou dar-se-á o caso de estares com ciúmes do teu antigo namorado?

Melly, que não estava habituada a ouvir as pessoas falarem com franqueza tão objectiva, corou até à raiz dos cabelos. Fez sinal a Peter para trazer o pudim de batata doce e deu tratos à imaginação, em busca de assunto que conduzisse a conversa para um campo impessoal e distraísse Gerald do objectivo principal da sua viagem. Não conseguiu descobrir nenhum, mas também não era preciso, Uma vez aflorado um tema qualquer, Gerald não necessitava de outro estímulo além do que sempre lhe proporcionava um auditório complacente. Falou na roubalheira da brigada de abastecimento, que todos os meses aumentava o volume das requisições, na malandrice e estupidez de Jefferson Davis, na patifaria dos irlandeses que combatiam ao lado dos yankees, a troco de grossas remunerações.

Quando o mordomo serviu o vinho e as duas raparigas se levantaram, dispostas a deixá-lo sózinho, Gerald franziu as sobrancelhas e, encarando a filha com expressão severa, reclamou a sua presença, a sós, durante alguns minutos. Scarlett lançou um olhar desesperado a Melanie que torceu o lencinho de renda nas mãos, sem saber o que fazer, e acabou por sair da sala, fechando suavemente a porta atrás de si,

- E agora vamos ajustar contas 'minha menina -disse Gerald, na sua voz retumbante, servindo-se dum cálice de

272

vinho do Porto. -Lindo procedimento, o teu, É de outro marido que andas à caça? Não tens vergonha, tu que enterraste o primeiro há tão pouco tempo ainda?

-Não fale tão alto, meu pai, Os criados...

- Tenho a certeza de que eles estão tão bem informados como eu acerca do que se passou - atalhou Gerald. - Toda a gente sabe da nossa vergonha. A tua pobre mãe adoeceu com o desgosto e eu não me atrevo a olhar de frente para quem quer que seja. Que desgraça, meu Deus! Não, minha linda! Escusas de te aproximar de mim com esses olhos tristes e lacrimosos. Desta vez o caso não fica assim -

acrescentou apressadamente, deixando transparecer na voz certa inquietação ao ver Scarlett bater as pestanas e fazer beicinho, como quem vai chorar, -Eu conheço-te de ginja. Tu serias capaz de arranjar namoro até no enterro do teu marido. Não chores -que não vale a pena. Descansa, que eu já não digo mais nada esta noite mesmo porque tenho de sair. Quero ir falar com esse tal capitão Butler, que tão pouca importância ligou à reputação duma filha de Gerald O'Hara. Mas amanhã de manhã... Vamos,-deixa-te de lágrimas. Não lutarás nada com isso. Já tomei uma resolução. Irás comigo para Tara antes que nos desgraças a todos. Não chores, meu amor. Vê o presente que te trouxe. É bonito, não achas? Repara bem. Não gostas? Meteste-me num sarilho tão grande que me vi na obrigação de abandonar os meus afazeres em Tara e vir até cá eu que nem sei para onde me voltar com a carga de trabalhos que desabou sobre mim, Limpa esse nariz, anda.

Melanie e Pittypat já dormiam havia muito tempo, mas Scarlett continuava acordada, contemplando as trevas que a envolviam. Tinha o coração pesado que nem chumbo e sentia no peito uma angústia indizível. Deixar Atlanta precisamente na altura em que a vida principiava a sorrir-lhe de novo, voltar para Tara e encarar a mãe era superior às suas forças. Preferia mil vezes morrer a enfrentar Ellen. E talvez mais lhe valesse estar morta, porque, naquele momento pelo menos todos lamentariam a severidade com que a haviam julgado. Voltou-se e tornou-se a voltar na cama, procurando ar-omodar melhor a cabeça sobre a almofada quente, até que um rumor longínquo, vindo da rua, lhe chegou aos ouvidos. Apesar de a principio não conseguir distingui-lo bem, aquele ruído era-lhe familiar. Saltou

18 -Vento Levou -1

273

da cama e chegou à janela. Sob um céu pontilhado de estrelas, a estrada desdobrava-se-lhe diante dos olhos, sombria e deserta ladeada de árvores frondosas, que mais adensavam a escuridão. O ruído soava cada vez mais próximo. Scarlett ouviu um ranger de rodas, o tropel das patas de um cavalo e vozes de homens que se elevavam ainda longe, na quietude da noite. De súbito, ela sorriu, pois acabava de reconhecer a voz pastosa e avinhada que entoava a canção *Peg in a low-backed car*. Não fora dia de julgamento em Jonesboro, mas isso não impedia que Gerald regressasse a casa completamente embriagado, como normalmente sucedia nessas ocasiões,

Scarlett viu a silhueta negra de uma carruagem imobilizar-se em frente da casa e dois vultos apearem-se dela. Gerald não vinha só. Os dois homens estacaram junto ao portão. Da rua, subiu o estalido da lingueta da fechadura ao correr seguida pela voz de Gerald, agora mais clara:

— Cheguei a altura de lhe proporcionar o prazer de escutar o Lamento de Robert Emmet. Já uma canção que já devia conhecer, meu rapaz. Vou ensinar-lha,

— Terei muito gosto em aprendê-la — redarguiu o companheiro, deixando transparecer na voz arrastada a mais profunda ironia. — Mas noutra ocasião talvez, senhor O'Hara.

"Oh, meu Deus! O capitão Butler, outra vez!" pensou Scarlett, aborrecida. Mas logo criou ânimo. Se estavam ambos ali era porque não se tinham atirado um ao outro, pelo menos. E até deviam encontrar-se em termos bastante amistosos 'pois que, de contrário, não regressariam a casa àquela hora e em semelhantes condições.

— É melhor agora — insistiu Gerald. — Preste atenção, se não quer levar um tiro, seu orangista de uma figa.

Orangista, não. Charlestoniano. Ainda pior. Tenho duas cunhadas em Charleston e sei muito bem de que força elas são.

"Irá ele acordar toda a vizinhança?" perguntou Scarlett a si própria, tomada de pânico e enfiando o roupão à pressa. Que havia de fazer? Não podia sair de casa àquela hora da noite, nem que fosse para obrigar o pai a recolher-se a penates.

Sem outro aviso, Gerald, que se tinha apoiado no portão do jardim, lançou a cabeça para trás e começou a cantar o Lamento, com a sua voz estentórica de barítono. Scarlett debruçou-se no peitoril da janela e escutou o pai, sorrindo

274

involuntariamente. Era uma canção lindíssima uma das que ela mais apreciava mas Gerald não tinha nenhum para a música e atraía-a a melodia sem dó nem piedade. A letra da balada começava com os versos:

Ela é longe da terra em que repousa o herói E já, à sua volta, os namorados...

Gerald continuou a cantar. A certa altura, Scarlett surpreendeu um ligeiro rumor nos quartos de Pittypat e de Melanie. Coitadas como deviam sentir-se inquietas e apoquentadas! Nenhuma delas estava habituada a lidar com homens dotados de temperamento impulsivo e ardente como o de Gerald. A canção terminou e as duas silhuetas fundiram-se numa só. Gerald e o companheiro avançaram ao longo da alameda e subiram os degraus do alpendre. Na porta de entrada soaram então duas pancadas discretas.

"Tenho de ir lá abaixo", pensou Scarlett. "No fim de contas, é o meu pai que está lá fora e a pobre Pitty morreria de medo antes de conseguir abrir a porta". Scarlett não queria que os criados vissem Gerald naquele estado. E se Peter tentasse metê-lo na cama, poderia verificar-se algum incidente desagradável. Em ocasiões como aquela, a única pessoa capaz de manobrar o irascível irlandês era Pork, velho mordomo de Tara.

Scarlett apertou cuidadosamente o roupão, ajustando-o ao pescoço com um broche, acendeu a vela do castiçal que jazia sobre a mesa de cabeceira e desceu apressadamente as escadas em direcção ao vestíbulo. Pousou o castiçal sobre a mesa consola e abriu a porta. À luz vacilante que a vela irradiava à sua volta, Scarlett viu Rhett Butler, impecavelmente vestido, amparando o corpo atarracado e maciço de Gerald. O Lamento fora, sem sombra de dúvida, o canto do cisne de O'Hara que se

abandonava por completo nos braços do companheiro. Não trazia chapéu e as suas longas melenas crespas lembravam uma crina branca. A gravata tinha ido parar debaixo de uma orelha e o peitilho da camisa apresentava nódoas de aguardente.

- Já o seu pai, creio eu? -disse o capitão Butler, com uma expressão divertida a iluminar-lhe o rosto moreno.

Rebentou no vestuário leve da sua interiorista e lançou-lhe um olhar que parecia traspasar o tecido do roupão.

- Traga-o para dentro -sugeriu secamente.

275

Sentia-se pouco à vontade naquele traje diante de Rhett; Butler e estava furiosa com o pai, por ter dado, ensejo a que o capitão pudesse trocar dela uma vez mais.

Rhett arrastou Gerald para o centro do vestíbulo. -Quer que a ajude a levá-lo lá para, cima? Não, pense em carregar com ele sózinha. É pesado demais para as suas forças.

Scarlett encarou o capitão, boquiaberta. A audácia da proposta deixara-a simplesmente horrorizada. Imagine-se o que Pittypat e Melanie não pensariam quando ouvissem Rhiett Butler subir as escadas àquela hora da noite!

- Por amor de Deus, não! - respondeu. - Deite-o naquele sofá, perto da porta.

-Do lado de dentro ou do lado de fora?

- Seja mais delicado, se faz favor-ripostou Scarlett friamente. -Aqui. Agora levante-o levemente para lhe meter a almofada debaixo da cabeça.

-Deseja que lhe tire as botas? -Não vale a pena. Já tem dor nas costas corria elas muitas vezes.

Teve ganas de morder a língua, mas as palavras acabaram de lhe sair dos lábios, Rhett Butler riu baixinho, enquanto ajeitava as pernas de Gerald, cruzando-as uma sobre a outra.

-E agora retire-se por favor. Rhett encaminhou-se para a porta e apanhou o chapéu que deixara cair ao entrar.

-Voltaremos a ver-nos no domingo à noite, ao jantar -disse ele, saindo e fechando cuidadosamente a porta atrás de si.

Scarlett levantou-se às cinco e meia da manhã, antes que os criados abandonassem as dependências que lhes estavam reservadas no pátio das traseiras, a fim de iniciarem a labuta diária, e desceu as escadas pé ante pé. Gerald já estava acordado, A filha encontrou-o no sofá, apertando a cabeça desgredada entre as mãos, como se quisesse esmagá-la. Quando ouviu Scarlett entrar no vestíbulo lançou-lhe um olhar de esguelha, mas a dor que esse simples gesto lhe causou foi tão forte que não logrou conter um gemido.

-Maldito dia!

- Bonito procedimento o seu, não haja dúvida, meu pai

- segredou-lhe Scarlett, enfurecida. - Não contente com

276

voltar para casa a uma hora daquelas e no estado em que vinha, ainda resolveu acordar a vizinhança com as suas cantorias.

- Mas eu cantei alguma coisa? -Ainda pergunta? Evidentemente que cantou. Alarmou meio mundo a, entoar o Lamento.

-Não me lembro de nada. -Mas a vizinhança- ainda não deve ter-se esquecido. Duvido mesmo que alguém se esqueça até à hora da sua morte. E o que sucedeu com os vizinhos verificou-se igualmente com a tia Pittypat e Melanie.

- Nossa Senhora, das Dores! - gemeu Gerald, passando a língua ressequida pelos lábios gretados. - As minhas recordações são muito vagas a partir do momento em que principiou o jogo.

- Que jogo?

- Esse bonifrate do Rhett Butler começou a gabar-se de não haver quem o batesse ao poker em toda a...

- Quanto Perdeu meu pai?

- Perder, eu? Quanto ganhei, queres tu dizer. Porque não há dúvida de que fui eu que ganhei, o que, aliás, já era de esperar. Um gole ou dois de whisky ajudam-me sempre, bem sabes.

- Mostre-me a carteira. Como se cada movimento lhe provocasse um sofrimento atroz, Gerald retirou a carteira do bolso do casaco e abriu-a. Estava completamente vazia e ele virou-a, estupefacto.

-Quinhentos dólares- murmurou. -E eu que tinha tanta coisa que comprar para a tua mãe! Nem sequer me resta dinheiro para a viagem de regresso.

Enquanto fixava, indignada, a carteira vazia, uma ideia luminosa surgiu e tomou forma no espírito de Searlett.

- Nunca mais me atreverei a levantar os olhos do chão aqui em Atlanta - começou ela.. - O pai cobriu-nos de vergonha, a todos nós.

- Não digas tolices, querida. A cabeça dói-me tanto que até parece que vai rebentar de um instante para outro.

- Nunca pensei! Chegar a casa embriagado e na companhia de um indivíduo como o capitão Butler cantando a plenos pulmões, como se quisesse acordar toda a cidade e, ainda por cima, perder tanto dinheiro ao poker!

-O capitão Butler joga, bem demais para ser um cavalheiro. Tenho a certeza de que ele...

277

- Que dirá a mãe, quando souber? Gerald ergueu para a filha um olhar angustiado. -Tu não vais dizer nada à tua mãe, não é verdade? Aborrecê-la-ias sem precisão.

1 Scarlett cerrou os lábios numa linha firme e não respondeu.

-Pensa no desgosto que lhe darias, a ela que é tão boa, tão carinhosa...

- E o pai pense no que me disse ainda ontem à noite, acusando-me de ter desgraçado a família inteira, só porque dancei uma quadrilha numa festa de beneficência para os soldados! - atalhou Searlett. - Cada vez que me lembro até sinto vontade de chorar!

- Não chores, por favor! -implorou Gerald.-A minha cabeça já não aguenta mais. Está prestes a estoirar.

- Além disso o pai afirmou que eu... -Vamos miúda, filha querida vamos! Espero que as palavras do teu velho pai te não hajam ofendido. Bem sabes que não era essa a minha intenção. Estou certo de que tu procedeste de boa-fé, o que constituí uma enorme atenuante...

- E queria levarme para Tara, de castigo.

- Oli, céus! Eu seria lá capaz de cometer tamanha barbaridade! Quis arrelhar-te um pouco e nada mais. Suponho que não tencionas realmente falar à tua mãe naquele dinheiro, justamente agora que ela anda tão preocupada com as despesas, pois não minha filha?

- Não - respondeu Scarlett francamente. - Não direi absolutamente nada se o pai -me deixar ficar em Atlanta e convencer a mãe de que tudo o que lhe mandaram dizer foram coisas inventadas, por duas velhas alcoviteiras que não merecem crédito.

Gerald lançou à filha um olhar nublado. -Isso é chantagem da, autêntica. -Também o que o pai fez ontem à noite foi um escândalo, dos autênticos-ripostou Scarlett.

- Está bem - condescendeu Gerald. - Não falemos mais no caso. Achas que uma senhora tão fina como a Pittypat é capaz de ter por aí algures uma garrafinha de aguardente? Com o pêlo do mesmo cão...

Scarlett voltou-se e atravessou silenciosamente o vestíbulo, que continuava mergulhado no mais profundo silêncio, em direcção à sala de jantar, onde foi buscar o frasco

278

de aguardente a, que Melanie e ela costumavam chamar "o remédio dos chilies", em virtude de Pittypat beber sempre um -ou dois tragos quando desmaiava ou fingia desmaiar. Uma expressão de triunfo iluminava o rosto de Scarlett, no qual se não vislumbrava o mais leve vestígio de remorsos pela maneira tão pouco respeitosa, por que trai tara o pai. Se mais alguma alma caridosa se lembrasse de escrever a Ellen a comentar a atitude da filha, Gerald encarregar-se-ia de tranquilizar a mulher com urna série de mentiras. Scarlett continuaria em Atlanta e poderia fazer o que entendesse, pois que Pittypat, fraca como ora, não conseguiria opor-se à sua vontade. Abriu a frascadeira e retirou de lá a garrafa de aguardente e um copo, que apertou contra o peito, quedando-se de pé, junto do móvel, a imaginar o futuro.

Diante dela abria-se uma série interminável de piqueniques nas margens do rio Peachtree e nas Montanhas Rochosas, de bailes e recepções de chás dançante-s, de corridas de cavalos e ceatas nas Aoltes de domingo. Assistiria a todas as reuniões onde voltaria a ver-se rodeada de admiradores, alvo das atenções gerais. E os homens apalxonavam-se com tanta facilidade pelas enfermeiras que os tratavam! O serviço no hospital já lhe não repugnava tanto. Tinha chegado à conclusão de que os soldados eram muito mais sensíveis aos encantos femininos enquanto doentes do que depois de restabelecidos. E então, durante a sua Can~ valescença, caíam nas teias das raparigas com a, mesma simplicidade com que os pêssegos maduros tombavam no chão, quando Scarlett abanava, os pessegueiros em Tara.

Voltou para junto do pai levando nas mãos a garrafa e o copo, enquanto mentahnmente dava graças a Deus por Gerald 'não obstante a sua extraordinária resistência aos vapores do álcool, ter apanhado a tremelinda bebedeira da véspera, e perguntava a si própria se em tudo, aquilo não teria andado o dedo mágico de Rhett Butler.

11

Numa bela tarde da semana seguinte, Searlett voltou de hospital extremamente fatigada e aborrecida. Passara a manhã inteira de pé, a andar de um lado para outro e,

279

como se tal não bastasse, a senhora Merriweter ainda, se julgara no direito de a repreender severamente por ela se ter sentado na cama de um doente enquanto lhe ligava o braço ferido. Vestidas de ponto em branco, Pittypat e Melanie esperavam-na debaixo do alpendre, na companhia de Wade Hampton e de Prissy, para a habitual ronda, de visitas semanais. Scarlett pediu-lhes desculpa de não poder acompanhá-las e meteu-se no quarto.

Logo que deixou de ouvir o ruído da carruagem e teve a certeza de se encontrar ao abrigo dos olhares indiscretos da família, esgueirou-se para a alcova de Melanie, fechando a porta à chave. Era, um aposento singelo, virginal, que se encontrava meticulosamente arrumado e que os raios oblíquos do sol das quatro horas iluminavam e aqueciam. Reinava ali uma calma absoluta. No chão, que brilhava de asseio, viam-se apenas alguns tapetes pequenos, de cores vivas. As paredes, brancas e nuas, não ostentavam, nenhum ornamento. Contudo, a um dos cantos da sala, Melanie tinha arranjado uma espécie de relicário.

Sob a bandeira da Confederação, pregada na parede, dependurara o sabre com punho de oiro que o pai usara na guerra do México e que Charles tinha levado consigo quando partira de Atlanta. Não se esquecera do cinturão do irmão, nem da pistola, que também ali figurava, com o respectivo coldre. Entre o sabre e a pistola via-se um da,guerreótípo, de Charles, apumado e orgulhoso no seu, uniforme cinzento, com uma expressão luminosa e sonhadora nos olhos grandes e castanhos e um sorriso tímido a entreabrir-lhe os lábios,

Scarlett não se deteve a olhar para o retrato do marido. Sem a mais leve hesitação, atravessou o quarto e parou em frente da cama estreita, junto da mesinha de cabeceira, sobre a qual Melanie havia arrumado a papeleira quadrada de pau~rosa onde costumava guardar a correspondência. Abriu e retirou de lá um maço de cartas escritas por Ashley, atado com uma fita de seda. azul. A

encimálo, encontrava-se a que* havia chegado nessa manhã. Foi sobre ela, que recaiu a atenção de Scarlett.

Quando principiara a ler secretamente a correspondência de Melanie, Scarlett sentira remorsos tão graiidffi e tal receio de ser descoberta que o tremor das mãos quase a impossibilitava de retirar as cartas de dentro dos sobrescritos. Contudo, a sua consciência pouco escrupulosa fora

280

emudecendo gradualmente à medida que ela ia renovando a falta. Por vezes, o coração cerrava--se, lhe de, angústia e perguntava, a si mesma: "Que diria a minha mãe se adivLnhasse o que eu estou a fazer!" Tinha a certeza de que Ellen preferiria mil vezes vê-la morta a sabê-la culpada de tão feia acção e isto a principio afligira-a deveras, pois que desejava ardentemente seguir o exemplo da mãe. Mas a tentação de ler as cartas de Ashley era superior às suas forças e afastava resolutamente Ellen do pensamento. Ultimamente, Scarlett esforçava-se por afugentar do espírito todas as ideias susceptíveis de a abGrrecerem. Habitua-se a dizer com os seus botões: "Ainda é cedo para me preocupar com o assunto. Amanhã se verá o que posso fazer". E duma maneira geral, no dia seguinte já se não, lembrava do caso ou, se ele ainda lhe ocorria à mente, a importância, que na véspera lhe atribuíra parecia-lhe exagerada e acabava por esquecê-la. E, assim ' tinha chegado ao, extremo de achar natural o abuso de confiança que cometia violando as cartas de Ashley.

Melanie mostrava-se sempre generosa, lendo em voz alta alguns passos daL9 missivas que recebia do marido, para que Scarlett e a tia ouvissem. Mas era precisamente a parte que ela guardava para si que excitava, a curiosidade de Scarlett e a levava a ler às escondidas a correspondência da cunhada. Queria saber se Ashley se apaixonara por Melanie depois de a ter desposado. Perguntava a si mesma se ele se daria, ao trabalho de fingir que a amava, e quais as frases de carinho que empregava para a tratar. Que sentimentos deixaria Ashley transparecer nas suas missivas e com que intensidade?

Scarlett extraiu cuidadosamente do sobreescrito a folha de papel. ;Soltou um suspiro de alívio ao ver a primeira frase. "Minha querida mulher" escrevera Ashley na sua caligrafia miudinha e uniforme@. Ainda não a tratava por "meu amor" ou "minha bem-amada", o que, por um lado, constituía indício tranquilizador.

Minha querida mulher:

Na tua Última carta queixas-te de eu te ocultar os meus verdadeiros pensamentos e perguntas-me, G@armada, o que me está preocupando...

281

"Santo Deus!" pensou Searlett, assustada, com uma sensação de culpa a pesar-lhe na consciência.

"Melanie queixa-se de o marido lhe ocultar os seus verdadeiros pensamentos! Terá ela adivinhado o que tem Ashley? Ou o que eu tenho? Suspeitará de que Asliley e eu ... "

Com mãos trémulas, aproximou a carta dos olhos para ver melhor. O período seguinte, Dorém, tranquilizou-a:

e,

Querida Melanie se por acaso te oculte' algumas das minhas preocupações, fi-ta movido apenas pelo desejo de não acrescentar à tua per7Manente inquietação acerca do meu estado de saúde uma nova ansiedade pela minha disposição de espírito. Mas já vejo que não posso ter segredos para ti, porque tu dás logo por isso. Todavia, não deves al,armar-te. Não fui ferido, nem me sinto doente. Dão-me a comida de que necessito e, quando calha, uma cama para dormir. Um soldado não pode exigir mais. Contudo, Melanie trago o coração pesado como chumbo e preciso de des@bafar contigo '-

Nestas noites de Verão em que o sono me abandona e quando todo o acampamento se encontra hd muito já adormecido, levanto os olhos para as estrelas que brilham no céu e pergunto a mim

mesmo, não uma vez, nem duas, mas muitas vezes: "Que fazes aqui, Ashley Wilkes? Que Causa e essa por que te estás batendo? Para que te ali estás, zé no Exército?"

Não foi para obter honras nem glórias.. com certeza. A guerra é uma coisa repugnante e eu tenho horror a tudo o que é menos limpo. Não sou militar e não me sorri a ideia de alcançar louvores sob o troar dos canhões. Contudo, a verdade é que me encontro num campo de batalha -eu cuja missão na terra seria estudar e gerir os negócios numa plantação. Porque, minha querida Melanie - o som dos clarins não me entusiasma e o rufar dos tambores de guerra não me indiferente. Só agora vejo que fomos traídos.

O nosso sangue ardente de sulistas induziu-nos em erro, fazendo-nos crer que cada um de vós chegaria para uma dúzia de yankees e que o algodão nos daria poder para governarmos o mundo. Sim, Melanie todos nós fomos traídos, não só pela nossa arrogância de do Sul, mas também pelas palavras empoladas e ocas com que nos trituvavam os ouvidos tais como Rei Algodão, Escravidão, Direitos dos Estados, Malditos Yankees, pelos ódios e pre-

282

conceitos dos homens que, em virtude dos cargos elevados que ocupam, se impuseram ao nosso respeito.

E quando à noite, embrulhado no meu cobertor, admito o céu crivado de estrelas, pergunto a mim próprio: "Por que razão estás combatendo?" Penso nos direitos dos Estados, no algodão, nos pretos e nos yankees que os nossos pais nos ensinaram a detestar desde pequenos, e chego à conclusão de que não foi nada disso que me levou a pegar em armas. Mas, se me deixo assaltar pelas recordações, revejo os Doze Carvalhos nimbados pelo luar, cujos raios oblíquos se alongam entre as colunas brancas, relembro o aspecto irreal das magníficas desabrochando no crepúsculo, contemplo uma vez mais a varanda cheia de sombra onde me parece ver ainda a minha mãe sentada a costurar. Mesmo nos meus tempos de criança. Ouço novamente o vozear dos escravos que regressam do campo ao entardecer, fatigados mas a cantar, prontos para a ceia, e o chiar do cabrestante quando faz mergulhar o balde na água fria do poço. A paisagem que conheço desde que nasci desenrola-se-me diante dos olhos da memória, com a sua estrada vermelha e poeirenta que desce até ao rio, através das plantações, envolta na tênue neblina que se ergue do vale ao anoitecer. Foi essa a razão que me trouxe até aqui -a mim, que detesto

* morte e a dor, a miséria e a glória.. e que não tenho ódio

* ninguém. Talvez haja alguém que chame a isto patriotismo, amor pela terra natal e pelo lar.

Creio, porém, que se trata dum sentimento mais profundo, pois que tudo aquilo -a que me referi simboliza o género de existência que amo e pelo qual arrisco a vida. Luto pelos dias passados, pelos costumes de outros tempos, que adoro e receio ver perdidos para sempre, seja qual for o desfecho do conflito, sabido como, vencidos ou vencedores, nós ficaremos a perder.

Se ganharmos a guerra e conquistarmos o reino do algodão com a nossa vitória, nem por isso a nossa vitória será completa, visto que todos nós teremos sofrido uma metamorfose total. Nunca mais voltaremos a gozar os velhos dias de outrora, cheios de paz e de tranquilidade. O mundo inteiro virá bater-nos à porta, clamando por algodão, que venderemos a qualquer preço. Se assim acontecer, o poder e a riqueza acabarão por nos subir à cabeça e passaremos a ser os mesmos defeitos que hoje apontamos aos yankees.

283

E, se perdermos a guerra.--- Ai de nós, Melanie, se formos derrotados!

Não receio o perigo nem me apeneta a ideia de ser ferido ou morto, se tiver de morrer. A certeza, porém, de que nunca mais voltaremos a desfrutar a desculpada felicidade dos tenidos dias mesmo depois de terminada a guerra, assustava-me bastante. É que eu pertenço ao passado, calmo e saudoso, e não ao agitado presente.. cuja preocupação parece exclusivamente a de matar. Tenho medo de não conseguir adaptar-me ao futuro que nos espera, mau grado todos os esforços que fizer nesse sentido, E outro tanto sucederá contigo, minha querida, pois que nos corre nas veias o -

mesmo sangue. Ignoro o que a vida nos reserva; sei apenas que não voltará a oferecer-nos a beleza feliz dos dias que se foram e nunca mais voltarão.

Estendido no meu catre, lanço um olhar dos rapazes adormecidos que me rodeiam, perguntando a mim próprio se estes pensamentos já ocorreram a-os gêmeos Tarletons, ou a Cade Calvert ou a Alex Fontaine. "starid de saber se eles já repararam que estão a bater-se por uma causa perdida desde o primeiro momento de lu@a. Porque na verdade, o que se encontra em jogo é a nossa maneira de viver e essa nunca mais tornará a ser o que era. Mas não creio que eles se preocupem com estes problemas.

Não vrevi esta catástrofe quando te pedi qu-e casasses comigo. Pensei, que a vida nos Doze Carvalhos decorreria sempre fácil, cheia de paz, imutável. Nós parecemo-nos muito um com o outro, Melanie. Gostamos de tudo o ~ é calmo, tranquilo. Imaginei que se estendia à nossa frente uma longa série de anos sempre iguais, que passaríamos a ler, a ouvir música ea sonhar. Imaginei tudo, menos isto! Nunca me atravessou a cabeça a hipótese de vir a assistir um dia ao naufrágio de um passado inteiro ' a uma carnificina assim, a uma explosão de ódio tão violenta como a que originou este conflito. Não. há nada que desculpe esta guerra, Melanie. Nem os direitos dos Estados. nem os escravo- nem o algodão. Nada poderá justificar 'o que nos está aco@tecendo agora, nem o que poderá vir a acontecer, porque, se os yankees vencerem, o nosso futuro Terá desastroso. E, minha querida MeMnie, é muito provável 'que a vitória se incline para o lado deles.

Eu não devia escrever estas coisas nem sequer pensá-las, mas tu pediste-me que usasse de franqueza e o meu

284

coração alberga o receio da derrota. Lembras-te dum indivíduo chamado Butler, de sotaque característico dos habitantes de Charleston, que no dia do piquenique em que foi anunciado o nosso cmamento ila armando sarilho com as observações que fez a respeito da ignorância dos sulistas? Os gêmeos Tarletons até quiseram pregar-lhe dois tiros por ele afirmar que não possuíamos oficinas de fundição, nem laminadores, nem navios. nem arsenais, nem fábricas de maquinaria em quantidade suficiente para suDrir as nossas necessidades, e dizer Que a esquadra yankee poderia i-mvoss@bilitar~nos de exnortar o algodão ' bloqueando os nossos portos. Butler tinha 71azão@ Melanie. Estamos a enfrentar as carabinas modernas dos yankees oom arcabuzes do tempo de Revolução e podes crer que dentro de bem poucos meses nem mesmo os medicamentos indispensáveis conseguirão atravessar o bloqueio. Pena foi que não nos tivéssemos orifnitado pela opinião de cínicos como esse tal Butler. pois que falavam com conhecimento de causa, em vez de darmos crédito a estadistas sentimentais Que ignoravam, e continuam a ignorar, o sentido das realidades. Butler declarou que, para fazerem frente aos yankees, os sulistas não dispunham senão de algodão e de arrogância. O algodão ' agora não vale nada; resta-nos, portanto, aquilo a que ele c"mou arrogância. A isso, porém, chamo eu coragem e se...

Aborrecida, Scarlett dobrou cuidadosamente a carta, sem acabar de a ler, e meteu-a de novo no sobrescrito donde a tirara. O tom em que estava, escrita, deprimia-a, com o seu tolo pessimismo. No fim de contas, ela não devassava a correspondência de Melanie- para se preocupar com as ideias de Asliley, que se lhe a-figuravam enigmá~ ticas e absolutamente falhas de interesse. Para isso bastavam as que ele lhe havia impingido no tempo em que conversavam juntos, sentados sob o alpendre de Tara. .

Scarlett apenas pretendia saber se Asliley escrevia cartas de amor à mulher. Até àquela data, ainda lhe não enviara nenhuma. Scarlett lera toda a correspondência da Ipapeleira de pau-rosa e não encontrara uma única frase que não pudesse ser dirigida, por qualquer homem a uma irmã sua. Ashley escrevia cartas espirituais, ternas através das quais revelava os devaneios do seu espírito @onhador, mas não deixava transparecer a mais leve paixão.

285

O elevado número de epístolas amorosas que Scarlett recebera antes de casar permitira-lhe familiarizar-se com o estilo de um homem verdadeiramente enamorado e o de Ashley, desse ponto de vista, não convencia ninguém. Como sempre que acabava de violar a correspondência da cunhada, Scarlett sentiu-se invadir por uma onda de satisfação, pois adquirira, uma vez mais, a certeza de que Ashley continuava a amá-la. Perguntava a si própria, desdenhosamente "como seria possível que Melanie ainda não tivesse descoberto que o marido não nutria por ela mais do que sincera amizade. Evidentemente ela não notava falta nenhuma nas missivas de Ashley porque nunca recebera cartas de amor de outros homens, que pudessem servir-lhe de termos de comparação.

"Ashley é um idiota a escrever", pensou Scarlett. "Se um marido meu se atrevesse a impingir-me patacoadas deste gênero, teria de me ouvir! Imaginem, até Charles conseguia alinhar frases mais bonitas do que estas!"

Scarlett examinou as datas dos sobrescritos, recordando o que cada carta dizia. Não havia em nenhuma delas descrições interessantes dos acampamentos, nem dos assaltos da infantaria, como nas que Darcy Meade enviava aos pais, ou nas que a Faith e a, Hope haviam recebido do irmão, o pobre Dallas McLure. Tanto os Meade como as duas solteironas mostravam orgulhosamente as cartas -que o filho e o irmão lhes remetiam, e Scarlett por várias vezes ficara envergonhada por Ashley não versar os mesmos temas, para que Melanie pudesse ler a sua correspondência em voz alta nos círculos de costura.

Scarlett tinha a impressão de que, quando escrevia a Melanie, Ashley procurava esquecer completamente a guerra e fazia o possível por criar à volta de ambos uma atmosfera mágica, em que o tempo não contasse e em que permanecesse nas trevas a memória dos acontecimentos posteriores ao trágico incidente do Forte Sumter. Era quase como se Ashley tentasse a todo o custo convencer-se de que não estavam em guerra. Falava nos livros que ele e Melanie haviam lido juntos nas canções que preferiam, nos amigos que conheciam desde a infância, nos lugares que visitara durante a sua digressão pela Europa. Das cartas dele desprendia-se uma saudade imensa da sua quinta, enchia páginas e páginas com descrições de caçadas e de longos passeios a cavalo, ao comprido das sendas tortuosas

286

da floresta, sob o céu estrelado e frio do Outono, de piqueniques a que tinha assistido, e aludia à quietude das noites enluaradas, ao encanto suave do seu velho solar.

Scarlett recordou as palavras que lera momentos antes: "Imaginei tudo, menos isto" e, de repente, julgou ouvir o grito angustiado de uma alma atormentada, que se vê na necessidade de enfrentar uma catástrofe inevitável e sente faltarem-lhe as forças. Ashley era um homem estranho que ela não conseguia compreender. Se não tinha medo de ser ferido, nem de morrer, como se explicavam nesse caso os seus temores? Dotada de poder de análise bastante reduzido, Scarlett debatia-se ante a complexidade do problema.

"A guerra perturba-o", pensou "e ele não gosta de coisas que o perturbem... como eu, por exemplo... Ashley amava-me, mas não se atreveu a casar comigo por recear que eu alterasse a sua maneira de pensar e de viver. E, daí, talvez não... talvez o seu receio fosse outro, porque Ashley não é cobarde. De contrário, não teria sido louvado nem o coronel Sloan se teria dado, ao trabalho de escrever a Melanie, relatando a bravura com que ele dirigira a última carga de cavalaria. Quando Ashley se resolve a fazer qualquer coisa, não há nada que o demova do seu propósito e ninguém o excede em energia e coragem. Contudo, não é como as outras pessoas; vive num mundo interior, muito s-eu, e detestá que o arrastem para fora dele... Não sei explicar o que se passa no seu íntimo. Se me tivesse sido possível compreendê-lo, tenho a certeza, de que já estaríamos casados há muito tempo".

Scarlett conservou-se imóvel, por instantes, com o maço de cartas apertado contra o peito. Pensava em Ashley. Os seus sentimentos não tinham sofrido qualquer alteração desde o momento em que por ele se apaixonara, três anos antes. Eram precisamente os mesmos que a haviam deixado, muda de surpresa no dia em que, de pé sob o alpendre de Tara, vira surgir Ashley a cavalo, ao fundo da

alameda orlada de cedros, avançando na sua direcção, sorridente, com o cabelo a brilhar como um capacete de oiro, sob o sol da manhã. O seu amor por Ashley não era mais do que a fanática admiração duma criança por um homem que não compreendia e que julgava dotado de todas as qualidades que ela própria não possuía, mas admirava Ashley continuava a encarnar o príncipe encantador dos seus sonhos. Não ambicionava mais do que obter acerteza

287

L

do amor dele e não pedia mais do que um beijo dos seus lábios.

Depois de ler as cartas de Ashley, Scarlett ficava per, suadida de que ele a, amava, muito embora tivesse desposado Melanie, e, na sua juventude e inocência, não exigia mais nada. Se Charles, com as suas carícias tímidas e desajeitadas, tivesse feito, vibrar as cordas do prazer e do desejo que nela permaneciam adormecidas talvez o seu sonho não terminasse apenas por um beijo. Mas naquelas poucas noites de luar que passara na companhia do marido, Searlett não experimentara qualquer comoção profunda, nem tão~pouco havia atingido a maturidade. A sua intimidade com Charles não a fizera entrever os prazeres da carne, nem despertara nela nenhum sentimento, de ternura, nem sequer a habilitara a compreender a verdadeira comunhão dos corpos e dos espíritos. Para &a.rlett, a paixão não significava mais do que brutal servidão a uma inexplicável loucura do homem, à qual a mulher tinha de se submeter e que, mais cedo ou mais tarde, conduzia fatalmente à dolorosa experiência da maternidade. Que o casamento se resumia a isso, já ela sabia há muito tempo. Durante o seu noivado, ouvira a, mãe insinuar que, para suportar o matrimónio, a mulher precisava de se mostrar corajosa e digna, e os comentários que as outras matronas lhe haviam feito, depois de ela enviuvar tinham confirmado aquela opinião. Sentia-se feliz por se @er visto livre de Charles e do grilhão do casamento, embora não se houvesse libertado do amor, pois a sua ado@ração por Ashley nada tinha de comum com os sentimentos que experimentara, durante a vida conjugal. Era um sentimento, diferente, belo e sagrado, uma comoção deliciosa que a fazia vibrar de felicidade nos seus longos dias de silêncio forçado e qtie se alimentava de recordações e de esperanças. @carlett soltou um longo suspiro e tornou a atar o maço de cartas com a fita de seda, perguntando a si própria, pela rnilésima vez, o, que haveria de estranho em Aghley que escapava à sua compreensão. Por alguns momentos a-inda tentou descobrir uma resposta satisfatória mas como sempre, o cérQbro recusou-se-lhe a pensar. Voltou a colocar as cartas, na papeleira, e fechou-a. De súbito, franziu as sobrancelhas. Acudiram-lhe à memória algumas das frases da carta que acabava de ler e em que Ashley se referia ao, capitão Butler. Parecia impossível que Ashley se tivesse

288

deixado impressionar pelo que aquele patife dissera um ano antes. Sim, porque o capitão Butler era um patife, embora dançasse admiravelmente. S6 um tratante, e da pior espécie, ousaria referir-se à Confederação nos termos em que Butler o fizera no dia do piquenique.

Scarlett atravessou o quarto em direcção ao espelho, diante do qual parou, alisando os cabelos com ar de aprovação. Invadiu-a uma onda de alegria, como geralmente sucedia quando contemplava a sua pele branca e os olhos verdes. Sorriu para acentuar as covinhas das faces, recordando o encanto que Ashley nelas encontrava. Esquecera por completo a existência do capitão Butler. Os remorsos de gostar de um homem casado e de devassar a correspondência que ele dirigia à mulher não conseguiam empanar -a satisfação que lhe proporcionavam a consciência da sua juventude e formosura e a certeza de ser amada por Ashley.

Abriu a porta e principiou a descer a escada de caracol, mergulhada numa discreta penumbra. A meio do caminho, começou a trautear os versos da, canção Quando a GuerrA Aoabar.

As operações militares prosseguiram quase sempre com êxito para as tropas do Sul, mas as pessoas já não diziam: "Mais uma vitória e acabará a guerra", nem proclamavam, como a princípio, a cobardia dos yankees. Todos verificavam agora que os abolicionistas estavam muito longe de justificarem a fama de poltrões e que seria, preciso mais de uma derrota para eles se darem por

vencidos. No entanto, as vitórias dos exércitos confederados obtidas pelos generais Morgan e Forrest em Tennessee e o triunfo da segunda batalha, de Bull Run constituíam resultados notáveis, visíveis COMO escalpos de yankees, diante dosquais os sulistas poderiam dançar de alegria. Mas esses escalpos tinham custado Caro. Os hospitais e as casas particulares de Atlanta regurgitavam de feridos e doentes e era cada vez maior o número de mulheres vestidas de luto. Iam-se alongando dia a dia no cemitério de Oakland as monótonas filas de sepulcros de soldados. O dinheiro confederado baixara de modo alarmante e o preço dos mantimentos e do vestuário aumentara na mesma proporção. O intendente dos abastecimentos lançava impostos tão pesados sobre os gêneros

19 - Vento Levou - 1

289

alimentícios que todas as mesas de Atlanta começavam a ressentir-se já desse facto. A farinha de trigo escasseava no mercado e a pouca que se encontrava à venda, era tão cara que a broa acabara por substituir os pãezinhos e as bolachas. Quase não havia carne de vaca nos talhos e a, de carneiro estava pela hora da morte, a ponto de só a gente rica poder dar-se ao luxo de a comprar. No entanto, ainda havia abundância de carne de porco, de galináceos e de legumes. . O bloqueio das canhoneiras yankees aos portos da Confederação era cada vez mais apertado e os artigos considerados de luxo, tais como chá, café, sedas, barbas de I@aleia, perfumes, figurinos e livros, rareavam muito o que aumentava consideravelmente o seu custo. Até o@ tecidos de algodão de mais fraca qualidade tinham atingido preços fabulosos, circunstância que forçava as mulheres a usarem, pesarosas, vestidos que já haviam servido uma estação. Certos teares, que durante muitos anos haviam acumulado poeira, nas profundezas do sótão, voltaram a ser utilizados no fabrico de tecidos rústicos, que serviam outrora '@ara a ornamentação das salas e que passavam a ser indistintamente usados por militares civis crianças, mulheres e escravos. A cor cinzenta dos @niforries foi substituída a pouco e pouco pelo tom pardacento do pano feito em casa.

Os médicos dos hospitais já começavam a inquietar-se com a falta de quinino, calomelanos, ópio, clorofórmio e lodo. As ligaduras de linho e de algodão tinham adquirido valor incalculável, pelo que já não eram destruídas após a sua primeira aplicação. Todas a,,; mulheres que desempenhavam as funções de enfermeiras levavam diariamente para casa cestos cheios de tiras de pano ensanguentado, que mandavam lavar e passar a ferro, a fim de as poderem usar novamente.

Contudo, aos olhos de Searlett, que acabara de romper a crisálida da sua viuvez, a guerra servia apenas para marear uma época de alegria e de excitação. Sentia-se tão feliz por ver de novo abertas à sua frente as portas da vida de sociedade que aceitava de bom grado as pequenas privações que lhe eram impostas no domínio do vestuário e da alimentação. . - -

Quando pensava na existência monótona que levava no ano anterior, parecia-lhe que o tempo agora voava com incrível rapidez. Os dias sucediam-se num ritmo alucinante, facultando-lhe novas distrações, proporcionando-lhe

290

inúmeras oportunidades de travar conhecimento com rapazes simpáticos que lhe pediam autorização para a visitarem, que lhe -exaltavam a beleza e lhe afirmavam que seria uma honra lutar e morrer por ela. Scarlett amava Ashley com todo o, seu coração, mas isso não a impedia de induzir os outros homens a pedirem-na em casamento.

A preocupação da guerra, latente em todos os espíritos, dava às relações mundanas uma sem-cerimónia agradável, que alarmava as pessoas de idade. As mães viam as filhas cortejadas por indivíduos que não conheciam, que ousavam bater-lhes à porta sem carta de apresentação e cujos antecedentes elas ignoravam por completo. Horrorizadas, chegavam a surpreender as filhas de mãos dadas com esses homens. A senhora Merriwether, que só havia beijado o marido depois da cerimónia nupcial, nem queria acreditar nos seus olhos quando apanhou Maybelle aos beijos com o tenente Renê Picard, e a sua consternação subiu de ponto ao verificar que a filha se recusava terminantemente a confessar-se arrependida do seu procedimento. Renê apressou-se a pedir a

rapariga em casamento, mas isso não remediou a situação, A Merriwether só então verificou que o Sul estava a caminho da desmoralização total e não teve relutância em o afirmar diante das outras mães, que concordaram plenamente com ela e atribuíram as culpas à guerra em curso.

Mas a verdade é que os homens que se arriscavam a morrer de um momento para outro não podiam estar um ano à espera de autorização para tratarem a namorada pelo nome próprio nem tão~pouco estavam dispostos a perder tempo com n@ivados longos e discretos, como a etiqueta exigia antes da guerra. Propunham casamento ao fim de três ou quatro meses de namoro e as raparigas, embora soubessem perfeitamente que uma menina bem educada só à quarta tentativa deveria ceder, apressavam-se a aceitar logo à primeira.

Este relaxamento de costumes transformara a guerra num divertido passatempo para Scarlett. Se não fosse a tarefa exaustiva de tratar dos doentes e a fastidiosa obrigação de enrolar ligaduras, não se importaria de que a guerra durasse uma eternidade. Já não lhe custava tanto suportar o ambiente do hospital, que para ela constituía, óptimo terreno de capa. Tanto os feridos como os doentes lhe sucumbiam sem resistência ao jugo dos encantos. Bas-

291

tava, mudar-lhes os pensos, lavar-lhes a cara, arranjar-lhes o travesseiro ou enxotar-lhes as moscas para os infelizes ficarem completamente perdidos de amor por ela. Era como que viver num céu aberto, depois de ter passado um a-no no inferno. ,Scarlett regressara, enfim, ao mundo que havia frequentado antes de desposar Charles. Sentia-se como se nunca tivesse passado pela desagradável aventura do matrimónio, nem sofrido o dissabor de enviuar, nem conhecido o sacrifício de dar à luz. A guerra, o casamento e a maternidade não tinham despertado nela qualquer comoção mais profunda: continuava a ser a mesma rapariga alegre e despreocupada dos seus tempos de solteira. Tinha um filho, mas quase esquecia a sua existência, pois tanto a cunhada como a tia disputavam entre si o prazer de cuidarem da criança. Para ela tudo se passava como se houvesse voltado a ser Scarleti O'Hara, a moça. mais bonita da comarca. Os seus pensamentos e actividades continuavam a ser os mesmos que nos velhos dias de outrora, mas era muito mais vasto o campo de acção que se estendia agora diante dela. Ignorava as críticas das amigas de Pittypat, e fazia tudo o que lhe apetecia, como se o facto de ser viúva não tivesse importância nenhuma. Assistia a todas as festas, namorava este e aquele, conduzia-se como uma rapariga completamente livre, mas ainda não deixara o luto, convencida de que Pitty e Melanie não resistiriam ao desgosto de a verem trajar de novo vestidos de cores garridas. Conservava intacto o seu espírito jovial, mostrava-se agradável, quando não a contradiziam, gostava de fazer favores que lhe não acarretassem grandes incómodos e orgulhava-se da sua beleza e popularidade.

O futuro, que ainda poucas semanas antes se lhe afigurava sombrio, aparecia-lhe agora cheio, de promessas. Vivia feliz, rodeada por uma corte de admiradores que lhe não regateavam lisonjas nem galanteios, tão feliz quanto poderia viver sabendo AshIey casado com Melanie e e m. perigo na, linha de fogo. Fosse porque fosse, o pensamento de que AshIey desposara outra mulher parecia-lhe mais fácil de suportar, agora que ele se encontrava ausente. As centenas de milhas que separavam Atlanta dos campos de batalha de Virginia permitiam-lhe por vezes acalentar a ilusão de que AshIey pertencia a ambas.

Passou vertiginosamente para Searlett o Outono de 1862

292

e ela, atarefada com o, serviço no hospital, com a desinfecção e enrolamento, de ligaduras, com bailes e passeios, quase não deu pela aproximação do Inverno. As curtas visitas que fazia a. Tara causavam-lhe sempre terrível decepção, pois só raramente encontrava oportunidade de travar com a mãe as longas palestrascom que sonhava ao partir de Atlanta, ou de estar sentada a seu lado a vê-la

costurar, aspirando a suave fragrância de lúcia-lima que se evolava dos seus vestidos ao mais ligeiro movimento, sentindo nas faces a carícia das suas mãos delicadas.

Ellen emagrecera. Vivia numa preocupação constante e levantava-se antes de o Sol nascer, para só recolher ao leito quando toda a gente na plantação já dormia. As exigências do intendente dos abastecimentos dw exércitos confederados tornavam-se cada vez maiores e era a ela que competia aumentar a produção de Tara. Até Gerald andava numa roda-viva, pela primeira vez em muitos anos, visto não ter conseguido ainda preencher o lugar que Jonas Wilkerson deixara vago. Passava os dias inteiros a cavalo, fiscalizando o trabalho dos escravos. Privada da companhia do pai que só vinha a casa para tomar as refeições e da mãe, q@e mal tinha tempo para lhe desejar as boas noites, Scarlett aborrecia-se em Tara. Até as irmãs se mostravam absortas nos seus próprios problemas. Suellen que lograra finalmente chegar a um entendimento com Fra@nk Kennedy levava os dias a cantarolar Quando esta guerra acabar, com uns modos provocantes que exasperavam Scarlett, e Carreen, mergulhada nos seus sonhos de amor com Brent Tarleton quase não conversava com ninguém.

Conq@antó. Scarlett, ao iniciar as viagens para Tara, se sentisse sempre radiante com a ideia de voltar a ver a família e a casa onde nascera, nem por isso deixara de receber com satisfação as cartas que Pittypat e Melanie invariavelmente lhe enviavam, pedindo-lhe que regressasse quanto antes. Ellen suspirava sempre no momento da des~ pedida, com pena de ver a filha mais velha e o seu único' neto partirem urna vez mais, sem que houvesse tido tempo de lhes dispensar umas horas de atenção.

-Mas não quero ser egoísta retendo-te aqui em Tara quando precisam de ti em Atlanta -dizia ela. -0 que me custa é deixar-te ir embora sem ter tido ocasião de con- versar contigo, para ficar com a certeza de que tu ainda és a minha filha.

293

- Serei sempre a sua filha - respondia Searlett, escondendo a cabeça no colo de Ellen, enquanto a consciência lhe lançava em rosto a sua culpa.

Não ousava confessar à mãe que não era o amor à Causa que a chamava a Atlanta, mas sim o desejo de dançar e de se ver cercada pelos seus inúmeros admiradores, Havia muitas coisas que Scarlett ocultava a Ellen. As visitas que Rhett Butler fazia, cada vez com mais frequência, a casa de Pittypat Hamilton constituíam um dos segredos que ela guardava mais cuidadosamente,

Durante os meses que se seguiram à festa de beneficência realizada no antigo arsenal, Rhett ia visitá-la sempre, assim que chegava a Atlanta. Levava-a a passear na, sua carruagem, acompanhava-a a festas e a quermesses e esperava, a à saída do hospital, a fim de a conduzir a casa. Scarlett perdera o receio de que ele divulgasse a conversa que surpreendera na biblioteca dos Doze Carvalhos, embora conservasse sempre presente no espírito a recordação inquietante de que ele a tinha visto sob o seu pior aspecto e conhecia a verdade acerca de Ashley. Era esse pensamentoc> que fazia com que se dominasse quando Rhett a aborrecia, o que se verificava frequentemente.

Rhett Butler contava cerca de trinta e cinco anos. Scarlett, que nunca conhecera admiradores ou pretendentes de idade tão avançada, debalde lançava mão dos recursos de que habitualmente se servia, para o vexar.

Tinha Rhett o aspecto dum homem que nunca tomara a vida a sério nem manifestara espanto pelo que quer que fosse. Scarlett estava convencida de que ele se divertia imenso quando a, via sufocada pela ira. Irritava-se com muita facilidade, não só porque Rhett parecia possuir o condão de enfurecer as pessoas, mas também porque, sob a enganadora doçura da sua expressão fisionómica, vibrava nela o temperamento irascível que herdara do pai. Até ali nunca se dera ao trabalho de reprimir os acessos de cólera, salvo na presença da mãe. Por isso lhe custava tanto agora engolir as palavras que lhe acudiam aos lábios, com receio de -ver despertar nos de Rhett aquele sorriso trocista que a enraivecira ainda mais. Se ao menos ele também se irritasse uma vez por outra, já Scarlett se não sentiria. tão humilhada.

Após as discussões que travava com Rhett e das quais

ela raramente saía vitoriosa, Scarlett jurara aos seus deuses que nunca mais tornaria a falar-lhe, acusando-o de insuportável e de malcriado, de não saber portar-se como um cavalheiro. No entanto, quando, mais tarde ou mais cedo, Rhett voltava a Atlanta e ia lá a casa, a pretexto de visitar Pittypat, Scarlett não tinha coragem de recusar a caixa de bombons que ele comprara em Nassau para lhe oferecer, o que fazia sempre com inexcedível galantaria, ou o bilhete para o concerto dessa tarde, ou o convite para ir ao próximo baile. Achava tanta graça à sua ilimitada impudência que sorria e olvidava todas as razões de queixa que tinha dele, até ao momento em que surgia novo atrito e ela reiterava a jura de nunca mais lhe falar.

Não obstante todos os aparentes defeitos que encontrava em Rhett Butler, Scarlett aguardava, as suas visitas com manifesta ansiedade. Havia nele algo de atraente que não conseguia analisar, algo que o diferenciava dos homens que ela conhecia. A sua figura atlética possuía graciosidade insinuante e, quando ele entrava numa sala, todas as pessoas presentes experimentavam como que um choque brusco. Nos seus olhos negros bailava permanentemente um clarão trocista que desafiava. o espírito rebelde de Scarlett, a qual debalde procurava uma forma de humilhar aquele indivíduo presunçoso, e arrogante.

"Até parece que estou apaixonada por ele" — pensava Scarlett, intrigada. "Mas a verdade é que não estou. Palavra que não percebo".

Embora não estivesse apaixonada, a sensação estranha que experimentava na presença dele persistia no seu espírito durante muito tempo. Sempre que Rhett, após uma ausência mais ou menos prolongada, lhe ia fazer uma visita, a velha mansão senhoril e austera, da tia Pittypat, parecia, exígua para, albergar a sua figura máscula; dava

* impressão de ser fútil e bolorenta. Das três mulheres que

* habitavam, não era Scarlett a única que passava por uma série de estranhaE; reacções quando ele aparecia, pois a pobre Pittypat, de cada vez que ouvia o mordomo anunciá-lo, ficava aflita e confusa.

Se bem que soubesse perfeitamente que Ellen jamais concordaria com as visitas de Butler à filha, e conhecesse a atitude que os habitantes de Charleston havia adoptado para com o capitão, facto que ninguém menosprezara, PittY não lograra, resistir aos seus delicados cumprimentos e

295

beija-mãos, da mesma maneira que a mosca não resiste ao boião de mel. Além disso Rhett costumava levar-lhe qualquer lembrança comprada em Nassau, assegurando-lhe que a adquirira, exclusivamente para ela e passara através do bloqueio com risco da própria vida -cartas de alfinetes e de agulhas, botões carrinhos de linha de seda e ganchos para o cabelo, ninharias quase impossíveis de obter, devido à guerra. As mulheres usavam ganchos de madeira e empregavam bolotas de pau recobertas de pano em lugar de botões. Pitty sentia faltar-lhe coragem para recusar tais presentes e como a curiosidade que a assaltava -ao ver um embrulho era superior às suas forças, não descansava enquanto o não abria e, depois de o ter aberto, considerava-se na obrigação de o aceitar. E, naturalmente, tendo aceitado as suas gentis ofertas, não se atrevia, a dizer-lhe que a péssima reputação que ele granjeava tornava pouco recomendáveis as suas visitas a uma casa em que viviam sózinhas três mulheres, sem qualquer protecção masculina. Porque a tia Pitty tinha a sensação nítida de necessitar de protecção masculina, sempre que Rhett Butler se encontrava na sua frente.

-Não sei explicar o que acho nele -suspirava, perplexa, a pobre solteirona - mas, enfim... tenho a impressão de que seria muito mais simpático se... se se mostrasse um pouco respeitador...

Desde que Rhett lhe resgatara a aliança,, Melanie convencera-se de que era um indivíduo de sentimentos realmente delicados e melindrava-se com os comentários que a tia fazia acerca da sua pessoa. O capitão usava sempre a máxima deferência para com ela, mas intimidava-a, o que era largamente devido à natural timidez da rapariga, que não conseguia sentir-se à vontade na presença

de homens que não conhecesse desde a infância. Intimamente, Melanie sentia pena de Rhett, o qual, por certo, ficaria bastante divertido com a ideia, se alguma vez chegasse a descobrir a mágoa, que a sua sorte nela despertara. Melly tinha a certeza de que fora uma paixão infeliz que lhe destroçara a vida e o tornara duro e insensível, e estava persuadida de que bastaria o amor de uma mulher honesta e recatada para o redimir. Passara toda a sua vida enclausurada em casa, - pelo que não tivera oportunidade de tomar contacto com a maldade dos homens, a qual punha -constantemente em dúvida. Negava-se a dar crédito aos boatos que lhe

296

chegavam aos ouvidos acerca do que se passara entre Rhett Butler e a tal rapariga de Charleston, boatos que lhe causavam a mais profunda indignação. Em vez de lhe voltar as costas, ainda se mostrava mais afável para com ele visto considerar ultrajante a injustiça que a sociedade @stava a corpeter.

Scarlett concordava, em silêncio, com a tia Pittypat. Também ela se convencera já de que Rhett Butler não tinha a mais leve sombra de respeito pelas mulheres, a não ser talvez por Melanie. Quando os olhos dele lhe percorriam o corpo de alto a baixo, como que a despiam. Não que alguma vez se tivesse atrevido a dizer-lhe alguma coisa, pois que, nesse caso'o chamaria à ordem, em termos mais ou menos violentos. Era, sim, a maneira por que os seus olho-s a fitavam, com uma insolência desagradável, coino se ela lhe pertencesse e fosse escrava da sua vontade. Melanie devia ser a única mulher, para quem Rhett olhava de forma diferente. Scarlett nunca lhe vira nos olhos aquele clarão trocista, aquela expressão apreciativa, quando ele falava com a cunhada. Nessas ocasiões, até a sua voz parecia adquirir inflexões suaves e respeitosas, como se ansiasse por lhe ser prestável.

-Não compreendo por que é que o senhor se mostra mais delicado para com,ela do que para mim - comentou Scarlett com petulância, certa tarde, depois de Melanie e Pittypat se terem retirado para os seus quartos a fim de dormirem a sesta, deixando-a a sós com ele.

Durante uma hora tinha observado a paciência com que Rhett segurara a meada de lã que Melanie estivera a dobar, bem como a impenetrável máscara afivelada no rosto enquanto a rapariga descrevia orgulhosa e pormenorizadamente os feitos de Asliley e a sua recente promoção. Scarlett sabia que Rhett não formava opinião muito favorável a respeito de Astiley, nem estava interessado no facto de ele ter sido elevado ao posto de maior. E, no entanto, sempre que se lhe oferecia ensejo para tal, ele não deixava de murmurar uma palavra de simpatia, ou de tecer um elogio discreto, à bravura de Ashley.

"E, todavia, basta eu mencionar o nome de Asliley para ele levantar uma sobrancelha e arvorar aquele sorriso irritante", pensou Scarlett,

Sou muito mais bonita do que Melanie - prosseguiu

297

aquela - e confesso que não vejo motivo para o senhor se mostrar mais atencioso para com ela do que para comigo.

- Dar-se-á o caso de estar com ciúmes?

- Não seja tonto!

- Mais uma ilusão desfeita. Pois fique sabendo que sou -mais atencioso para com a senhora Wilkes porque ela o -merece. A sua cunhada é uma das raras criaturas absolutamente sinceras e desinteressadas que tenho conhecido. Mas não me custa a crer que não tenha reparado nestas qualidades, Além disso, e não obstante ser ainda tão nova, considero@-a uma das poucas senhoras realmente dignas desse nom 1e, com quem até hoje tive a'honra de falar.

- Quer dizer com isso que eu não. sou uma senhora a valer, não é verdade?

- Suponho que já tínhamos chegado a um acordo sobre esse ponto, por ocasião do nosso primeiro encontro...

-E o senhor- que não trouxesse o assunto de novo à balha! Como pode ser tão desagradável? Por que teima em humilhar-me constantemente, com a recordação duma cena pueril? Foi uma coisa passada há tanto tempo... Desde então para cá múdei milito. Fiz-me mulher e, se ainda não esqueci o que aconteceu, é porque o senhor anda sempre com insinuações...

- A cena que eu presenciei não teve nada de pueril e duvido que a protagonista haja mudado. Continuo a supô-la capaz de a-tirar uma jarra à cabeça de qualquer indivíduo, sempre que ele se oponha, à realização dos seus desejos. No entanto, ultimamente 'tem conseguido levar a sua avante e, por isso, não se vê na necessidade de recorrer a meios tão violentos.

-,Oh! O senhor é... Que pena eu tenho de não ser homem! Desafiá-lo-ia para um duelo e...

- E iria desta para melhor num abrir e fechar de olhos. Acerto facilmente em qualquer moeda à distância de quarenta e cinco metros. Aconselho-a a servir-se das suas armas: sorrisos, jaras e coisas semelhantes.]É, um patife!

-Julga que me irrita com isso? Lamento desgostá-la, mas eu nunca me zango quando me chamam nonies que mereço. Se era isso que pretendia, acredite que perdeu o seu tempo, Pois claro que sou um patife. Por que não havia de' ser? Nascemos num país em que cada um tem a liberdade de escolher o gênero de vida que mais lhe agrada. Só

298

as pessoas hipócritas, que tentam ocultar a sua verdadeira maneira de ser por trás de aparências inofensivas é que ficam furiosas quando alguém as mimoseia com os @pítetos que melhor lhes assentam.

Com o seu sorriso imperturbável e as suas observações impertinentes, feitas na voz arrastada que caracterizava os habitantes de Charleston, Rhett Butler acabava sempre por reduzir Scarlett à impotência. Esta nunca tinha encontrado um homem tão invulnerável. O desprezo, a indiferença, o insulto nada podiam contra -ele. Sabia por experiência própria que eram precisamente os mentirosos aqueles que mais encarniçadamente defendiam a sua sinceridade, os poltrões os que mais alto proclamavam a sua coragem, os labregos os que mais falavam da sua delicadeza, e os biltres os que mais alardeavam a sua honestidade; com Rhett, porém, sucedia precisamente o contrário. Era o primeiro a reconhecer a justiça das críticas que lhe faziam e ao' ouvir as censuras de Scarlett, ria descaradamente e'incitava-a a prosseguir.

Durante vários meses, Rhett fez diversas visitas a Atlanta, Chegava sem, prevenir ninguém e partia sem se despedir. Scarlett nunca logrou descobrir que espécie de negócios o traziam àquela cidade, pois eram raros os heróis do bloqueio cujos interesses comerciais os faziam afastar-se a tão grande distância da costa. Desembarcavam os seus carregamentos em Wilmington ou em Charleston, onde eram acolhidos por verdadeiros enxames de negociantes e especuladores vindos de todas as províncias do Sul e que ali se reuniam a fim de comprarem as, mercadorias nos leilões em que costumavam ser vendidas. Scarlett sentir-se-ia imensamente lisonjeada se pudesse acreditar que ele fazia aquelas longas viagens com c> único propósito de a

ver, mas até a sua incomensurável vaidade se recusava a crer em tal. Se Rhett alguma vez lhe tivesse dado a entender que a amava ou demonstrado. ciúmes dos outros homens que permanentemente a rodeavam, se alguma vez lhe houvesse pegado na mão, ou pedido um retrato ou um lenço como lembrança, Scarlett não teria hesitado em cantar vitória, pensando, triunfante, que ele sucumbira finalmente ao jugo dos seus encantos. No entanto, Rhett Butler não se conduzia como homem verdadeiramente apaixonado e, o que era pior, parecia adivinhar as manobras que ela fazia para o seduzir.

299

As mulheres ficavam excitadas assim que sabiam da sua chegada, Rhett Butler não só s@ encontrava aureolado da glória romântica que toda a gente atribuía aos intrépidos heróis do bloqueio, como também trazia consigo o perfume capitoso do fruto proibido. Tinha tão má reputação! Contudo, de cada vez que as matronas de Atlanta se reuniam para tecer malévolos

comentários ao arrojado capitão, o seu prestígio aumentava aos olhos das raparigas solteiras e como quase todas conservavam a ingenuidade dos tempos de criança, sabiam apenas que Rhett Butler se mostrava "bastante atrevido com as mulheres". Todavia, o que elas ignoravam e, por consequência, o que mais as intrigava, era a maneira como um homem devia proceder para se mostrar assim tão atrevido. Também tinham ouvido dizer que nenhuma rapariga podia considerar-se em segurança na sua companhia. Com uma reputação de tal ordem, tornava-se bastante estranho o facto de ele nem sequer ter beijado a mão de nenhuma solteira, desde que chegara a Atlanta. Mas isso apenas servia para o tornar mais misterioso e atraente. O seu nome andava de boca em boca, juntamente com os dos soldados que mais se tinham distinguido por feitos em combate. Toda a gente sabia que fora expulso da Academia Militar de West Point por embriaguez e por urna "questão de saias". Era do domínio público o escândalo terrível referente à rapariga de Charleston que ele comprometera e cujo irmão matara em duelo. Sabia-se de fonte limpa que o pai, ancião encantador, de carácter indomável e vontade de ferro, o pusera na rua aos vinte anos, sem um cêntimo na algibeira, e que fora mesmo ao ponto de riscar o nome dele da Bíblia da família. Pouco tempo depois, em 1849, Rhett emigrara para a Califórnia em busca de ouro, e daí seguira para a América do Sul e para Cuba, onde as suas actividades não foram das mais recomendáveis. Segundo o que constou em Atlanta, a sua carreira englobava uma série de casos com mulheres, diversas cenas de tiro, contrabando de armas para os revolucionários da América Central e, pior do que tudo isso, vários feitos como jogador profissional.

Quase todas as famílias de Geórgia contavam pelo menos um membro que, para desgosto dos restantes, tinha a paixão do jogo e perdia à banca dinheiro, casas, terras e escravos, Mas isso era diferente. Podia um homem fie-ar sem um cêntimo ao jogo e continuar a ser um cavalheiro,

300

mas um jogador profissional ficava para sempre desclassificado aos olhos de toda a gente. Sem as condições anormais impostas pela guerra e os serviços por ele prestados ao governo da Confederação, Rhett Butler nunca teria sido recebido pela sociedade de Atlanta. Mas até os indivíduos que tinham mais arreigados no espírito os velhos preconceitos reconheciam que numa crise como a que estavam atravessando havia que sacrificar certas exigências aos interesses da Pátria. Os mais sentimentais mostravam-se inclinados a crer que a ovelha ranhosa da família Butler se arrependera do que até então tinha feito e se esforçava por remir os seus pecados com risco da própria vida. As mulheres julgavam-se no dever de fechar os olhos às proezas anteriores do intrépido capitão, que forçava o bloqueio dos yankees com tão notável sangue-frio. Todos sabiam sem a mais leve sombra de dúvida que os destinos da Confederação dependiam tanto da perícia dos seus marinheiros; como da coragem dos homens que lutavam em Virgínia e Tennessee.

Corria em Atlanta o boato de que o capitão Butler era um dos melhores pilotos de todo o Sul, navegador experimentado, e senhor absoluto dos seus nervos. Criado em Charleston, conhecia todas as angras, enseadas baixios e reeis da costa de Carolina nas imediações do porto bem como nas proximidades de Wilmington. Nunca perdera um navio, nem se vira na necessidade de alijar a carga como último recurso para salvar a embarcação sob o seu comando. Quando estalara a guerra, surgira da obscuridade com dinheiro suficiente para comprar um barco, pequeno mas veloz e, agora que as mercadorias passadas através do bloqueio davam lucro de dois mil por cento, já possuía uma frota de quatro navios. Tinha ao seu serviço ótimos pilotos, que recebiam soldos principescos e que, a coberto da escuridão da noite, iludiam a vigilância das (-,anhoneiras -ynkees, com as suas embarcações carregadas de algodão, rumo a Nassau, a Inglaterra ou ao Canadá. As fábricas inglesas de fição estavam paradas por falta de matéria-prima e os operários quase morriam de fome.

Qualquer lobo do mar que lograsse vencer o bloqueio enriqueceria numa só viagem, vendendo o algodão em Liverpool pelo preço que entendesse. A frota de Rhett Butler parecia singrar sob uma estrela benfazeja, não só transportando o algodão confederado, como trazendo remessas de material

de guerra, cuja falta assumia proporções gravíssimas no Sul. Sim, as mulheres julgavam-se na obrigação de perdoarem muitas coisas a um homem que demonstrava possuir tal bravura. Rhett Butler tinha figura imponente, que não passava despercebida onde quer que ele se encontrasse. Gastava dinheiro, a rodos, montava um cavalo preto, puro-sangue, e vestia com o maior apuro e elegância. Bastaria este pormenor para atrair as atenções gerais, pois os militares trajavam uniformes sujos e esfriados e os civis já não tinham fatos que não apresentassem cerzaduras e remendos habilmente aplicados. Scarlett dizia de si para si que nunca vira calças tão bem talhadas como as que Rhett usava, castanhas, de padrão escocês, ou de xadrez preto e branco, miudinho. Os seus coletes, esses então eram um verdadeiro encanto, especialmente os de seda branca, bordados com minúsculos botões de rosa. Mas o que, acima de tudo, tornava o seu aspecto ainda mais distinto era o facto de ele se mostrar alheio ao espanto dos trajes que envergava. Poucas mulheres conseguiam resistir-lhe aos atractivos, principalmente quando ele decidia aplicá-los, e por fim, até a senhora Merriwether desceu do pedestal ao qual se empoleirava, convidando-o para jantar em sua casa, num domingo, à noite.

Maybelle Merriwether resolvera casar com o zuavinho assim que o noivo obtivesse licença. Contudo, rompia num pranto convulsivo quando pensava no seu próximo enlace, pois sempre architectara o sonho de levar à cerimónia um vestido de cetim branco e não havia cetim à venda em nenhum estabelecimento da Confederação. Também não podia acalentar a esperança de encontrar alguém que lhe emprestasse um vestido feito desse tecido, visto todos os artigos de vestuário confeccionados com cetim haverem sido transformados em bandeiras. Debalde a patriótica Merriwether tentou convencer a filha de que o tecido caseiro seria o mais aconselhável para o traje nupcial de uma rapariga que compreendia o verdadeiro significado da Causa. Maybelle queria cetim. Não se importaria, pelo contrário até se sentiria orgulhosa de não, levar ganchos no cabelo nem botões, nem sapatos a rigor, nem teria pena de passar sem bombons, chá e guloseimas. Mas o vestido de cetim branco, lá isso é que ela não dispensava.

Rhett, que teve conhecimento do facto por intermédio

302

de Melanie, trouxe de Inglaterra metros e metros de cetim fulgurante, bem como um véu de renda, que ofereceu a Maybelle como presente de núpcias, em termos tais que nem ela nem a mãe poderiam pensar em lhe pagar. Maybelle ficou tão contente que por pouco não o beijou. A senhora Merriwether sabia que a oferta dum presente tão caro, e muito especialmente dum vestido, era considerada imprópria, mas não logrou descobrir forma alguma de recusar, depois de Rhett lhe ter dito, em linguagem recheada de primores de retórica, que "nada era mais demais para vestir a noiva de um dos nossos heróis". A senhora Merriwether não teve outro remédio senão convidá-lo para jantar em sua casa no domingo seguinte, plenamente convencida de que a sua concessão era mais do que suficiente para lhe pagar o presente que ele oferecera à filha.

Contudo, Rhett não só trouxe a Maybelle o tecido, como lhe deu excelentes indicações quanto ao feitio do vestido de casamento. Em Paris a moda exigia nesse ano saias mais curtas e crinolinas mais tufadas. Os folhos já não se usavam franzidos, mas sim recortados em festões, de forma a deixarem aparecer os bordados das salas interiores. Informou-a também de que já não via nas ruas da capital francesa as rendas das pantalonas despontando sob as crinolinas, pelo que supunha que tinham sido relegadas para segundo plano. Num desabafo, a senhora Merriwether confessou à senhora Elsing ter chegado a recear que, se Maybelle houvesse continuado a permitir o seu relato, ele se atrevesse a descrever o feitio das calcinhas das parisienses.

A facilidade em recordar pormenores do vestuário feminino que via nas cidades que visitava, e bem assim os pormenores dos penteados mais em voga não lhe faltavam sem dúvida -ranjeado fama de efeminado, se ele não possuísse figura tão máscula. Embora constrangidas, as senhoras não deixavam de o interrogar acerca das últimas novidades

de elegância feminina que lhe fora dado observar. Estavam isoladas do mundo das modas como naufragos numa ilha deserta, pois eram raros os figurinos que lhes chegavam às mãos,

em virtude do bloqueio. As francesas podiam muito bem ter decretado, a moda da cabeça rapada à navalha, e dos gorros de pele de rato que elas continuariam a usar os mesmos penteados echap@us. Nesta conformidade, a memória de Rhett constituía excelente substituto dos figurinos e revistas similares. Anotava men-

303

talmente os pormenores que reputava mais dignos de interesse, do ponto de vista feminino e, mal regressava de mais uma viagem ao estrangeiro, e@a imediatamente assaltado por grupos de raparigas solteiras e de mulheres casadas, que o bombardeavam com perguntas a que ele pacientemente respondia. Estavam em moda os chapéus peq4enos, colocados no alto da cabeça-e enfeitados de plumas, que tinham substituído as flores; a Imperatriz de França desistira da cuia para a noite e penteava a cabelo quase' no cocuruto da cabeça, ficando as orelhas completamente à mostra. E os decotes tinham atingido novamente proporções assustadoras.

Rhett Butler foi durante alguns meses a figura mais popular da cidade apesar da péssima reputação que a'sua vida aventuro;sa Ige havia acarretado e dos vagos rumores que corriam a seu respeito, segundo os quais, além de estar empenhado em forçar o bloqueio ' também se encontrava, envolvido numa vasta especulação com géneros alimentícios. As pessoas que não simpatizavam com ele diziam que, após cada visita que fazia a Atlanta, os preços aumentavam, cinco dólares, pelo menos. Não obstante os boatos que circulavam acerca dele, Rhett poderia ter conservado a popularidade de que gozava se se tivesse dado ao trabalho de a cultivar. Em vez disso ' porém, a atitude que adoptou depois de haver travado relações com os patriotas mais conceituados de Atlanta e após ter -conquistado o seu res@peito e simpatia, parecia ditada por uma intenção perversa que o forçava a modificar o procedimento e a afrontar as pessoas, dando-lhes claramente a entender que a forma como até ali se conduzira fora apenas uma farsa que já nem sequer o divertia.

Era como se nutrisse o mais profundo desprezo por tudo * que se relacionava com o Sul, -e em eSDecial pela Causa, * não tivesse a preocupação de o dissimular. Foram as suas observações acerca da Confederação que fizeram com que Atlanta o encarasse a princípio com espanto, mais tarde com frieza e, por fim, com verdadeiro rancor. Antes mesmo que o ano de 1862 se houvesse transformado no de 1863, já os homens o cumprimentavam com estudada indiferença e as mulheres chamavam as filhas para junto de si, logo que o viam aparecer nalguma reunião.

Parecia que Rhett sentia prazer não só em ridicularizar

304

o alto espírito de lealdade dos habitantes de Atlanta mas também em se apresentar sob o pior aspecto possível. Sempre que indivíduos bem-intencionados elogiavam a bravura de que dava mostras rompendo o bloqueio 'ele explicava invariavelmente que os perigos que corria lhe causavam um medo semelhante àquele que decerto sentiam os valentes soldados que se batiam nas linhas de fogo. Toda a gente sabia que nas fileiras dos exércitos confederados não havia um único cobarde, pelo que achavam aquela comparação particularmente irritante. Referia-se aos militares, empregando sempre as expressões "os nossos bravos rapazes" ou "os nossos heróis de cinzento" mas dando às palavras uma entoação insultuosa. Quando as raparigas mais empreendedoras, na mira dum namoro, exaltavam a coragem com que lutava por elas, Rhett agradecia-lhes com uma reverência e declarava que não era bem esse o caso, pois não hesitaria em fazer o mesmo pelas mulheres yankees, desde que auferis-se iguais lucros.

Logo no primeiro encontro que tivera com Scarlett em Atlanta, Rhett falara-lhe nesses termos; agora, porém, levava a sua impudência ao ponto de expor as mesmas ideias a toda a gente, deixando transparecer nãs suas palavras uma leve nota de escárnio. Quando o felicitavam pelos serviços prestados à Confederação, respondia que o bloqueio representava paxa ele apenas um meio de ganhar a vida. "Se eu pudesse tirar os mesmos proventos de contratos com o governo", dizia ele, olhando significativamente para os que se encontravam nessas condições, "renunciaria

imediatamente aos riscos do bloqueio e passaria a vender às autoridades da Confederação roupas de má qualidade, açúcar com areia, farinhas impróprias para consumo e couros apodrecidos".

A maioria das suas afirmações não poderia sofrer contestação, o que tornava a situação ainda pior. Já tinha havido diversos escândalos com os indivíduos que mantinham contratos desse gênero com o governo. Os soldados que estavam na frente não cessavam de se queixar nas cartas que escreviam à família. Eram os sapatos que não duravam mais do que uma semana, a pólvora que não detonava, as rédeas que rebentavam ao mais leve esticão, a carne que cheirava a podre e a farinha cheia de bichos. A população de Atlanta debalde procurava convencer-se de que os homens que tinham a audácia de iudibriar tão ostensivamente

20 - Vento Levou - 1

305

o governo deviam ser adjudicatários de Alabama, de Virgínia ou de Tennessee, mas nunca de Geórgia. Os fornecedores de Geórgia pertenciam às melhores famílias e eram os primeiros a contribuir com importantes donativos para o fundo de assistência hospitalar e a socorrer os filhos dos militares mortos em combate. Eram eles também os que mais vibrantemente aclamavam a Confederação e os que, pelo menos através das suas frases inflamadas, se mostravam mais sedentos de sangue,

b yankee. A cólera dos habitantes da cidade contra os vis especuladores ainda não atingira o paroxismo e as insinuações de Eliett Butler eram tomadas como a prova cabal da sua falta de educação.

Rhett não só afrontava toda a população com as alusões veladas à venalidade dos homens que ocupavam os mais altos cargos da administração pública e à cobardia dos soldados sulistas, como se comprazia em meter a ridículo o patriotismo manifestado por todos os cidadãos. Não lograva resistir à tentação de espicaçar a vaidade, a hipocrisia e o patriotismo, feroz dos que o cercavam, da mesma forma que um garoto não consegue vencer o desejo de furar um balão com o primeiro alfinete que apanha a jeito. Parecia sentir prazer malévolo em desmascarar os ignorantes e os tartufos e em ferir o amor próprio dos vaidosos mas fazia-o com tão grande habilidade usava de tal arte para atrair as suas vítimas às ciladas que lhes preparava que elas nunca sabiam onde o seu interlocutor queria chegar, a não ser quando se viam expostas através dum prisma que as mostrava como pessoas afectadas, levianas e um tanto ou quanto estúpidas.

Contudo, nem sequer durante os meses em que a cidade suportou as impertinências de Rhett Butler Scarlett se deixou iludir por ele. Tinha a certeza de que os seus galanteios, os seus discursos empolados lhe saíam apenas da boca e não do coração. Ele próprio lhe afirmara que não era por patriotismo que se arriscava a forçar o bloqueio, mas somente com a ganância do lucro e para satisfazer o seu espírito de aventura. Por vezes, tinha a impressão de que Rhett se assemelhava aos rapazes com quem fora criada-aos endiabrados gêmeos Tarletons, com a mania das partidas que não cessavam de pregar, aos Fontaines, implicantes e maldosos, aos Calverts capazes de passarem noites inteiras a imaginar mistificações colossais. Mas havia uma diferença, pois que, por trás da aparente sim-

306

plicidade de Rhett, parecia espreitar uma sombra de malícia que chegava a ser sinistra na sua suave brutalidade.

Embora não tivesse dúvida quanto aos propósitos que o moviam, Scarlett preferia imaginar Rhett Butler no papel romântico do aventureiro audacioso, o que, por um lado tornava as relações que mantinha com ele bastante mais fáceis do que a princípio. Era principalmente por esse motivo que ela se irritava sempre que Rhett desfiz a máscara e se propunha iniciar uma campanha deliberada no sentido de fomentar a inimizade da população de Atlanta. E isto aborrecia-a especialmente por que uma parte das críticas recaía sobre ela.

Foi por ocasião do concerto organizado pela senhora Elsing em benefício dos convalescentes, que Rhett Butler assinou o decreto que o votou, finalmente, ao ostracismo. Nessa tarde, acasa da senhora Elsing encontrava-se repleta de soldados em gozo de licença, de homens que estavam hospitalizados mas tinham obtido autorização para assistirem ao concerto, de membros da Guarda Civil e da Milícia, de matronas, viúvas e raparigas solteiras. Não havia nem uma cadeira vaga e até a escada de caracol que conduzia ao andar superior estava pejada de convidados. A enorme taça de cristal em que o mordomo recebia os donativos dos retardatários já tinha sido aliviada duas vezes da sua pesada carga de moedas de prata, o que, por si só, bastava para assegurar o êxito do concerto, visto que, nos tempos que corriam, um dólar de prata valia sessenta dos de papel.

Todas as meninas que se julgavam com talento, quer no domínio da música, quer no do canto, haviam tocado piano ou feito ouvir as suas vozes. Os quadros vivos obtiveram fartos aplausos. Scarlett estava deveras satisfeita consigo própria, pois não só Melanie e ela tinham representado a contento o comovente dueto Quando o orvalho cai sobre a flor e bem assim uma versão alegre do Por amor de Deus, senhora. deixa o Stephen em paz, como fora escolhida para encarnar o espírito da Confederação no último quadro.

Envolta numa espécie de peplo branco, com cinto vermelho e azul, entusiasmara a assistência segurando numa das mãos a bandeira da Confederação e brandindo com a outra, na direcção do capitão Carey Ashburn, de Alabama, ajoelhado aos seus pés, o sabre com punho de ouro que pertencera a Charles e ao pai.

Assim que Scarlett abandonou o palco improvisado, o

307

seu cuidado foi o de procurar os olhos de Rhett, a fim de averiguar se ele tinha apreciado a beleza do quadro a que acabava de dar vida. Verificou, porém, exasperada, que Rhett estava a discutir com um grupo de convidados e que, naturalmente, não prestara atenção ao que se passara no palco. Pelas expressões patentes no rosto dos indivíduos que o rodeavam, não teve dificuldade em compreender que os argumentos apresentados por ele os tinham enfurecido.

Acercou-se do grupo e, de súbito, quebrando o silêncio que inesperadamente se fizera na sala, ouviu a voz de Willie Guinan, da Milícia, que dizia:

- Quererá o senhor insinuar com isso que a Causa pela qual os nossos heróis morreram não é sagrada?

- Se o meu amigo for trucidado por um comboio, a sua morte não santifica a companhia, pois não? - redarguiu Rliett, num tom de voz humilde, que parecia solicitar apenas um esclarecimento.

- Senhor-começou Willie, branco de raiva-se não estivéssemos sob este tecto...

- Até já estou a tremer, com medo do que poderia acontecer-me - ripostou Rliett. - A sua bravura é por demais conhecida...

Willie fez-se escarlate. Desceu sobre a sala um silêncio glacial. Os convidados entreolharam-se com visível embaraço. Willie era um mocetão forte e saudável, que tinha muito boa idade de prestar serviço nas fileiras, mas que não se alistara no Exército. Evidentemente que a mãe se opusera a isso, com receio de perder o seu único filho; aliás, sempre era preciso alguém para defender a retaguarda. No entanto, quando Rliett aludiu à sua pretensa bravura, ecoaram na sala os risos abafados de alguns oficiais convalescentes.

"Oh, meu Deus, que mania a dele!" pensou Scarlett, indignada. "Já está a falar demais e, daqui a pouco, acaba por estragar a festa toda!"

O Dr. Meade franziu ameaçadoramente a testa. - Para si não há nada sagrado meu rapaz-disse no mesmo tom em que costumava fazer os seus discursos mas felizmente que os patriotas do Sul não pensam da mesma maneira. Para eles ainda existem muitas coisas sagradas. Expulsar da nossa terra o usurpador, eis uma. Os direitos dos Estados, outra. A...

Rhett encarou o médico, numa atitude que parecia deno-

308

tar suprema indiferença, deixando transparecer na voz, misteriosamente aveludada, uma nota de aborrecimento.

- Todas as guerras são sagradas - declarou - para aqueles que se vêem obrigados a bater-se, claro *Se os indivíduos que as provocam lhes não dessem esse carácter, haveria alguém suficientemente louco para se meter nelas? Duvido, Contudo, sejam quais forem os incentivos que os oradores apresentem aos idiotas que lutam, sejam quais forem os nobres propósitos que atribuam às guerras, a verdadeira causa dos grandes conflitos armados que apoquentam a nossa civilização é sempre a mesma: c> dinheiro. Todas as guerras são ditadas por motivos de ordem financeira ou económica. Mas podem contar-se pelos dedos as pessoas que se apercebem deste facto. Toda a gente traz os ouvidos cheios dos toques dos clarins, do rufar dos tambores e dos patrióticos discursos dos oradores que não têm idade ou coragem para se alistarem. Umas vezes o grito de guerra é "Salvem o túmulo de Cristo das garras dos Infiéis"; outras, "Abaixo o Papa" ou "Queremos Liberdade" ou ainda, "Algodão, Eàcravatu@a e Direitos dos Estados!"

"Que terá o túmulo de Cristo a ver com a guerra?" pensou Scarlett. "E para que diabo trouxe ele o Papa à balha?"

Continuou a avançar na direcção do grupo, mas, n(> momento em que estava prestes a chegar junto dele, viu Rhett inclinar-se numa curta vénia e dirigir-se para a porta, através da multidão.

Preparava-se para lhe seguir no encalço, quando sentiu a mão da senhora Elsing agarrá-la pela saia, imobilizando-a.

-Deixe-o ir -disse a envinagrada viúva, numa voz clara que ressoou no silêncio sepulcral em que ainda pareciam ecoar as últimas palavras de Rhett Butler. - Ele é um traidor à Causa, um reles especulador! É twna víbora que acalentamos no nosso seio!

Rhett, que nesse instante se encontrava já a meio do vestíbulo, com o chapéu na mão ouviu o que a senhora Elsing dissera deliberadamente @ara ele ouvir e, voltando-se, passou o olhar irónico pelo mar de gente que enchia a sala. Em seguida, olhou fixamente para o peito completamente liso da senhora Elsing, arreganhou os lábios num sorriso sarcástico e, fazendo nova reverência, saiu.

A senhora Merriwether regressou a casa na carruagem de Pittypat.

309

- Que me dizes ao que se passou, Pittypat Hamíton?

- explodiu, assim que se deixou cair no assento. - Deves estar radiante!

- Radiante porquê? - indagou Pittypat, apreensiva.

- Pelo procedimento desse cretino que recibes em tua casa,

Pittypat corou até à raiz dos cabelos. A acusação da amiga desconcertou~a de tal forma que nem sequer se lembrou de que a Merriwether também havia convidado Rhett Butler a jantar em casa dela por várias vezes. Scarlett e Melanie tiveram a resposta na ponta da língua mas, educadas no respeito devido às pessoas mais velhas: refrearam o ímpeto de protestar, cravando os olhos nas mãos protegidas pelos mitenes de renda.

- Ele insultou-nos a todos e à Confederação também

- voltou a senhora Merriwether, cujo seio avantajado arfava violentamente sob os passamanes reluzentes que lhe guarneciam o espartilho. -Atrever-se a dizer que nós fomos para a guerra por dinheiro e que os nossos chefes nos mentiram! Deviam pô-lo a ferros! Não tenham dúvidas. Hei-de falar a este respeito com o Dr. Meade, amanhã. Se o Merriwether ainda fosse vivo ele próprio se encarregaria de o castigar. E, agora, Pitty Èamilton, espero que o incidente desta tarde te haja aberto os olhos e não admitas que esse canalha volte a bater-te à porta.

- Oh! - murmurou Pitty, sucumbida, como se preferisse estar morta a passar por uma coisa daquelas. Lançou um olhar suplicante às duas raparigas, que continuavam a examinar as unhas atentamente e em seguida, fitou durante alguns momentos as costas erectas de Peter. Sabia que o mordomo, escutara a conversa, como era seu hábito, e pediu a Deus que ele interviesse, o que também costumava fazer com certa frequência. Desejaria que ele dissesse: "Por favô, senhora Dolly, não

aborrece senhora Pitty", mas a verdade é que o velho negro nem sequer se moveu. Peter detestava Rhett Butler e a pobre Pitty não o ignorava.

- Enfim - murmurou ela, com um suspiro - se tu pensas que...

- Pois claro que penso - retorquiu a senhora Merriwether 'em tom categórico. - Confesso que ainda não percebi como caíste na patética de receber um homem daquela espécie em tua casa. Depois do que se passou esta tarde,

310

tenho a certeza de que ninguém lhe abrirá novamente a porta. Trata de arranjar um pouco de coragem para fazeres o mesmo.

Virou-se no banco e assestou um olhar severo sobre as duas raparigas.

- Espero que vocês tenham prestado atenção - prosseguiu - porque, em parte, foi por se mostrarem tão agradáveis para com ele que isto sucedeu. Façam~lhe notar, em termos correctos, mas enérgicos que a sua presença e as suas teorias são indesejáveis lá em casa.

Por esta altura, já Scarlett fervia de raiva, pronta a espinotear, como uma égua ao sentir as rédeas empunhadas por mãos brutais. Alas não se atreveu a falar. Não, queria arriscar-se a que a senhora Merriwether escrevesse outra carta a Ellen.

"Bruxa duma figa!" disse de si para si, corada de indignação a custo reprimida. "Quanto não daria eu para te lançar em rosto tudo o que penso de ti e dos teus modos autoritários!"

- Nunca julguei que houvesse alguém capaz de falar assim duma Causa sagrada como a nossa - continuou a senhora Merriwether, furibunda. - Todos os homens que pensam como ele mereciam ser enforcados! Agora, vejam lá se ainda lhe dão conversa depois da maneira indecente como ele nos ofendeu. Virge@n Santa, que mosca lhe mordeu, Melly?

Melly estava lívida e os olhos dela brilhavam como dois holofotes.

- Falar-lhe-ei sempre que o encontrar - declarou, em voz baixa. - Não serei mal-educada para com ele. Nem sequer tenciono proibi-lo de nos visitar.

A senhora Merriwether perdeu o fôlego, como se tivesse recebido um soco violento em pleno peito. Pittypat deixou cair o queixo, escancarando a boca, e Peter voltou-se na boleia para observar Melly.

"Por que foi que eu não tive coragem, de lhe responder assim?" pensou Scarlett, lutando entre a inveja e a admiração. "Como é que esta lambisgóia conseguiu arranjar ânimo para desafiar as iras da Merriwether?"

Melanie tinha as mãos trémulas, mas prosseguiu, apressadamente, como se temesse que uma pausa maior lhe arrefecesse o ardor inicial:

- Não serei grosseira para com Rhett Butler, por ter

311

feito as afirmações que fez, visto que... Bem sei que ele não devia ter dito aquilo e que foi muito rude... muito imprudente... mas os pontos de vista que expôs são precisamente os mesmos... os mesmos de Ashley. E eu não posso recusar hospitalidade a um homem que pensa como o meu marido. Seria injusto.

Tendo recobrado o fôlego, a senhora Merriwether voltou à carga.

- Melly, essa é a maior mentira que ouvi até hoje. Que eu saiba, na família dos Wilkes nunca houve nenhum covarde...

- Eu não disse que Ashley fosse covarde - retorquiu Melly, de olhos coruscantes. - O que disse foi que ele pensava exactamente como o capitão Butler, com a diferença de que não exprime as suas ideias em termos tão desagradáveis, nem as proclama publicamente no decurso de concertos. No entanto, já mas expôs numa carta que tenho lá em casa.

Scarlett estremeceu, assaltada por uma sensação de culpa, sem todavia se lembrar de ter visto nas epístolas de Ashley qualquer passo que permitisse a Melanie fazer tão melindrosa afirmação. Tinha a memória muito fraca e esquecia facilmente aquilo que lia. A explicação mais plausível que encontrou para a atitude da cunhada foi a de ela haver perdido o juízo.

-Ashley diz que não devíamos ter entrado em guerra com os yankees e que fomos arrastados para a luta pelas palavras enganosas de estadistas e oradores que falavam sem conhecimento de causa - prosseguiu Melly rapidamente. -Além disso, é de opinião de que nada poderá compensar o mal que esta bravata nos está causando. Para ele não há glória na guerra, há apenas miséria e lama.

"Oh, já sei que carta foi!" pensou Scarlett. "Mas seria isto mesmo que ele queria dizer?"

-Não acredito -declarou a senhora Merriwether, em tom firme. - Com certeza que não percebeu bem.

- Percebo perfeitamente o que Ashley escreve - redarguiu Melanie ' sem perder a calma embora os lábios lhe tremessem. - Nunca interpretei má as suas palavras; seria esta a primeira vez. Posso garantir-lhe que, neste caso, Ashley vê as coisas da mesma maneira que o capitão Bufler, conquanto não se expresse de forma tão rude.

-Devia envergonhar-se de comparar um homem tão

312

digno, como é o seu marido, a esse patife do capitão Butler! Mas é possível que também ache a Causa indigna dos sacrifícios que estamos fazendo! -

- Eu... eu já não sei o que penso -respondeu Melanie titubeando. O ardor com que de início ripostara à senhora Merriwether começava já a abandoná-la, cedendo lugar ao receio de se haver excedido. - Estou pronta a morrer pela Causa, como Ashley. Mas... a meu ver... acho que devemos deixar aos homens o trabalho de pensar. Eles são muito mais inteligentes do que nós...

- Nunca ouvi tamanho disparate - resmungou a senhora Merriwether. - Pare, Peter! Já passou a minha casa!

Preocupado com a conversa que se desenrolava atrás de si, o, velho mordomo ultrapassara a moradia da senhora Merriwether que se apeou da carruagem com as fitas do chapéu a lh@ ondular em agressivamente em torno do pescoço, como velas numa tempestade.

- Talvez se arrependa - disse com voz ameaçadora. Peter chicoteou o cavalo.

- As minina devia tê vergonha de pó sinhora. Pitty nesse estado - observou ele, em tom de censura.

- Não te preocupes por minha causa - interveio Pitty, com firmeza, o que surpreendeu as duas raparigas, visto que normalmente nem tanto era preciso para ela desmaiar. -

Melly, minha querida, sei muito bem que disseste aquilo para me defenderes e confesso que fiquei deveras satisfeita por ver Dolly levar no nariz. Tem a mania de mandar e é bem feito que apanhe uma liçãozinha de vez em quando. Onde foste tu arranjar coragem para tanto? Contudo, acho que não devias ter falado assim a respeito de Asliley.

-Limitei-me a dizer a verdade -redarguiu Melanie, que desatou a chorar silenciosamente. - E fique a tia sabendo que não me envergonho de eme Asliley pense dessa maneira. Ele está convencido de que a guerra é uma estupidez, mas não se recusou a lutar. E para isso é preciso muito mais coragem do que quando se combate por uma causa que se julga justa.

- Por amô de Deus, minina, não chore no meio da rua

- murmurou Peter fazendo estalar o chicote para apressar o andamento do cavalo. -As pessoa hã"e pensá o

pió. Espere para chegá a casa.

Searlett guardou silêncio. Nem sequer apertou a mão,

que Melanie enfiara na sua, em busca de conforto. Lera as

313

cartas de Ashley apenas com um objectivo o de se certificar de que ele ainda a amava. Contudo, a cunhada acabava de dar a certos passos das missivas que recebera do marido uma interpretação com que ela nem sequer sonhara. Ficou perplexa, perguntando a si própria como seria possível que um homem tão perfeito e inteligente como Ashley tivesse algo de comum com um indivíduo da estirpe de Rhett Butler. Pensou: "Ambos compreendem o verdadeiro significado desta guerra, mas, ao passo que Ashley se arrisca a perder a vida por uma causa que não sente, Rhett apenas procura

enriquecer, o que prova o seu bom-senso". Fez uma pausa, horrorizada por ter deixado Ashley sair diminuído da comparação com Rhett Butler. "Ambos vêem as coisas como elas são, mas enquanto Rhett as encara abertamente e as lança no rosto de toda a gente, só pelo prazer de irritar as pessoas, Ashley prefere sofrer em silêncio".

Era uma ideia desconcertante.

13

INSTIGADO pela senhora Merriwether, o Dr. Meade endereçou ao diário de Atlanta uma carta em que, embora não mencionasse o nome de Rhett Butler, o atacava violentamente iniciando assim a campanha contra ele. O director, preve@do o escândalo que aquela missiva não deixaria de provocar, publicou-a na segunda página do periódico, o que representava uma inovação sensacional, visto as duas primeiras páginas serem reservadas a anúncios de escravos, de machos, charruas e caixões e de remédios para doenças de carácter especial, drogas abortivas e reconstituintes de virilidade perdida.

A carta do médico mareou o prelúdio de um coro de imprecações que não tardou a erguer-se em todo o Sul, contra os especuladores e todos aqueles que negociavam com o governo. Em Wilmington ponto sulista de maior actividade, agora que o de Charleston estava bloqueado pelas canhoneiras yankees o caso tomou as proporções de um verdadeiro escândalo. A cidade estava infestada de escroques que, dispondo de dinheiro a rodos, açambarcavam os carregamentos de géneros alimentícios durante períodos mais ou menos longos, para que a sua escassez no mercado justificasse aumento de preços. E esse aumento

314

acabava sempre por se verificar, agravando cada vez mais a situação económica. A população civil, se não queria passar sem eles, via-se na necessidade de se sujeitar às exigências dos negociantes. As condições de vida das famílias pobres e remediadas tornaram-se insustentáveis. À medida que a carestia aumentava, o dinheiro da Confederação ia-se desvalorizando e começou a grassar entre os sulistas a paixão desenfreada da opulência. Inicialmente, os proprietários dos barcos que forçavam o bloqueio haviam sido encarregados dos transportes de mantimentos destinados ao consumo público, embora também lhes fosse permitido negociar em objectos de luxo. Não tardou, porém, que passassem a encher os navios de coisas supérfluas, que lhes davam lucros maiores, deixando completamente de parte mercadorias de que a Confederação tinha necessidade vital. Com receio de que ' mais tarde, lhes pedissem por essas futilidades o dobro do que elas custavam agora, e que o dinheiro dos confederados sofresse nova quebra, todos se apressavam a adquiri-las.

O facto de a cidade de Wilmington estar ligada à de Richmond apenas por uma linha de caminho de ferro contribuía, em grande parte, para piorar a situação. E, enquanto milhares de barricas de farinha de trigo e de caixas de presunto se deterioravam nas estações intermédias, por falta de meios de transporte, os traficantes pareciam não ter dificuldade nenhuma em fazer chegar a Richmond carregamentos completos de vinho, sedas e café, dois dias depois de os terem desembarcado em Wilmington.

Foi pouco mais ou menos nessa altura que toda a gente começou a discutir abertamente um boato que a princípio não passara de simples murmúrio e, segundo o qual, Rhett Butler não só vendia a carga dos seus quatro navios por preços fabulosos, como ainda comprava a que os outros comerciantes traziam até Richmond, esperando que a subida de preços se verificasse, para proceder à sua revenda. Constava, também, que ele se encontrava à frente duma empresa cujo capital excedia um milhão de dólares; empresa que escolhera Wilmington para centro de operações e se dispunha a comprar nas docas mercadorias passadas através do bloqueio. Era também voz corrente que essa sociedade possuía em Wilmington e Richmond dúzias de armazéns que abarrotavam de tecidos e de géneros alimentícios, que ali aguardavam ocasião propícia para serem

315

lançados no mercado. Tanto os militares como os civis começavam já a clamar contra esse estado, de coisas, juntando o coro dos seus protestos aos comentários implacáveis que choviam sobre Rhett Butler e os seus sequazes.

"Existem muitos patriotas entre os marinheiros a quem a Confederação confiou a espinhosa tarefa de romper o bloqueio yan@kee -afirmava o Dr. Meade nos últimos períodos da carta - homens desinteressados que arriscam a sua vida e a riqueza para que nós possamos sobreviver. Os seus nomes estão indelêvelmente gravados nos corações de todos os sulistas. Ninguém inveja os magros lucros que porventura lhes rendem as suas arriscadas viagens. São indivíduos que dão provas de abnegação ilimitada, pelo que se tornam credores da nossa consideração e estima. Mas não é a esses que me refiro.

"Há outros, verdadeiramente mercenários, que se ocultam sob a capa de heróicos capitães, movidos pela ambição de enriquecerem à custa da miséria alheia. É sobre esses que deve recair o justo desprezo de um povo que, de armas nas mãos, luta pela mais santa das Causas. São verdadeiros abutres humanos que trazem a bordo cetins e rendas, enquanto os nossos soldados morrem por falta de quinine, que carregam as suas embarcações de chás e vinhos, quando os nossos heróis se torcem com dores nos leitos dos hospitais por não haver morfina que lhes suavize o sofrimento. @Como médico e como, patriota, nutro o mais profundo asco por esses que estão sugando o sangue dos homens que militam nas fileiras de Robert Lee, ess-es monstros que transformaram uma missão nobre num vil processo de satisfazer a sua ganância desmedida. Como poderemos tolerar entre nós tais corvos, com as suas botas altas de verniz, quando os nossos soldados combatem descalçw? Como poderemos nós tolerar a afronta de os vermos deliciarem-se com chami)anhe e fígado de-ganso, enquanto os nossos bravos defensores tremem de frio, em torno das fogueiras nos acampamentos, roendo, nacos de presunto bolorento? Apelo para todos os sulistas leais, na esperança de que os expulsem duma vez para sempre".

Toda a população de Atlanta leu a carta do, Dr. Meade e, como se tivessem escutado a voz dum oráculo, apressou-se a banir Rhett Butler do seu convívio.

De todas as pessoas que no Outono de 1862 o recebiam, era talvez Pitty Hamilton a única que em 1863 ainda o

316

admitia em sua casa. E, se não fosse Melanie, nem mesmo essa lhe abriria a porta. A pobre Pitty ficava completamente transtornada quando tinha conhecimento da sua chegada à cidade. Sabia perfeitamente que as amigas a censuravam por ela continuar a receber Rhett Butler, mas não conseguia arranjar ânimo para lhe dizer que, dadas as circunstâncias, as suas visitas eram indesejáveis. Sempre que a informavam da presença dele em Atlanta, Pitty cerrava os lábios numa linha firme e garantia às sobrinhas que iria em pessoa, abrir-lhe a porta, a fim de lhe proibir a ent@ada. Mas, quando o via à sua frente, com um embrulhinho na mão e um galanteio nos, lábio-s, perdia a coragem e calava-se.

-Não sei o que hei-de fazer- lamentava-se ela, logo que Rhett se retirava.-O capitão Butler olha para mim, sorri e... e eu fico com um medo de morte, só de pensar no que me aconteceria se o impedisse de entrar. Ele tem tão má reputação! Vocês acham que seria capaz de me bater... ou... ou... Oli, meu Deus, se ao menos o pobre Charles ainda fosse vivo! Scarlett, tu é que podias dizer-lhe que não voltasse cá, em termos correctos e delicados. Valha-me Nossa Senhora! Estou convencida de que, longe de o desanimares, ainda o incitas a procurar-nos sempre que vem a Atlanta. Toda a cidade nos censura e 'se a tua mãe vem a descobrir o que se passa, deve ficar com muito boa impressão a meu respeito, não haja dúvida! E tu, Melly, por que não tentas mostrar-te menos amável? Se adoptares uma atitude fria e distante, ele acabará por compreender, decerto. Oli'Melly não será melhor eu escrever a Henry a pedir-lhe que faie com o capitão Butler?

- Nã@, tia, não, pense nisso - respondeu Melly. - E, o que é mais, não tenciono maltratá-lo. A meu ver estão todos a proceder estupidamente para com o capitão íButler. Tenho a certeza de que ele não

é tão maucomo o Dr. Meade e a senhora Merriwether o pintam. CGnsidero-o incapaz de reter os géneros nos armazéns, na mira de maiores lucros, sabendo que há gente a morrer de fome. Pois se ainda há bem pouco tempo ele me entregou cem dólares para distribuir pelos órfãos! Na minha opinião 'o capitão Butler é tão leal como qualquer de nós. Se não se defende das acusações que lhe fazem, deve ser apenas por uma questão de orgulho. Bem sabe como os homens são obstinados quando se lhes mete uma idpia na cabeça.

317

A tia Pitty não conhecia os homens suficientemente bem para se atrever a discutir a opinião da sobrinha e limitava-se a torcer as mãos sapudas, desesperada. Quanto a Scarlett, há muito que se resignara a ouvir a cunhada tomar sistematicamente a defesa dos outros. Melanie era uma tola, que teimava em ver apenas o lado bom das pessoas, e ninguém conseguiria modificá-la.

Scarlett sabia que Ilhett não estava agindo em prol da Confederação, mas sim em defesa dos seus interesses e, embora preferisse morrer a confessá-lo, ela pouco ou nada se importava com isso. O que principalmente lhe interessava eram os presentes que Rhett lhe trazia de Nassau, bugigangas que uma senhora podia aceitar, sem quebra da sua dignidade. Com a vida tão cara como estava e com a escassez de artigos de toda a espécie que se verificava no mercado 'onde diabo poderia ela obter agulhas bombons e ganchos para o cabelo, se o proibisse de lá ir a @asa? Não, preferia, descarregar essa responsabilidade sobre os ombros da tia, Pittypat, que afinal era a dona da casa, o pau de cabeleira e a mentora, tanto de Melanie como dela. Scarlett tinha a certeza de que toda a cidade criticava as visitas que Rhett Butler fazia a Pittypat e de que nem mesmo o seu próprio procedimento se encontrava ao abrigo de censuras, mas sabia igualmente que aos olhos de Atlanta, Melanie Wilkes era incapaz de proc@der mal; por consequência, enquanto ela defendesse o capitão Butler, a presença dele na, casa de tijolos vermelhos não provocaria as más línguas.

Contudo, a vida seria muito mais agradável se Rh@@tt tivesse tido o bom-senso de não dizer tão graves heresias. Isso ter-lhe-ia poupado o aborrecimento de ver as pessoas voltarem delicadamente a cara ao seu companheiro, quando sala com ele para dar um passeio a<:> longo da Peachtree Street.

- Que necessidade tem o senhor de dizer aquilo que pensa? - censurava ela. - Se não falasse tanto, a situação seria muito mais agradável para nós ambos já reparou?

-Com que então, é essa a sua política, @ela hipócrita de olhos verdes? Ai, Scarlett_Scarlett! Nunca esperei que assumisse atitude tão pouco corajosa. Julguei que os irlandeses nunca se coíbiam de dizer o que lhes vem à mente. Ora, confesse: Não há ocasiões em que quase estoira de raiva, por ter de se calar?

-Sim, é certo que há -confessou Scarlett, com relu-

318

11 tância. - Não calcula, por exemplo, como me aborrece ouvir os enfadonhos sermões a respeito da Causa, desde que me levanto até à hora de me deitar. Mas, meu Deus! Se me atrevesse a dizer isto, ninguém mais falaria comigo, nem haveria um único rapaz que viesse buscar-me para dançar.

- E, claro, a gente precisa de dançar, sejam quais forem os sacrifícios que isso implique. Minha querida amiga, admiro imenso o seu autodomínio, mas creia que não estou empenhado em seguir o conselho que acaba de me dar. Sinto-me incapaz de me dissimular sob o manto romanesco de patriota quaisquer que sejam os benefícios que daí me possam ad@ir. Já é grande o número de imbecis que arriscam o último centimo no bloqueio e que ficarão arruinados para to-da a vida quando a guerra terminar. Não me interessa ver o meu nome figurar no mesmo rol, nem para avivar a fogueira do patriotismo, nem para aumentar a lista dos mendigos. Eles que fiquem com a glória. Merecem-na (acredite que estou a falar a sério, neste momento) e, além do mais, será a glória a única coisa que lhes res-tará, daqui a um ano ou dois.

- Não acho bem que faça tão desagradáveis insinuações, sabendo como sabe, que não tardará que a França e a Inglaterra venham em nosso auxílio e...

-Com franqueza, Scarlett! Tem lido o jornal, sem sombra de dúvida! Estou surpreso consigo. Não torne a fazer esse disparate. A leitura dos periódicos serve apenas para lançar a confusão no espírito das mulheres. Para seu governo, deixe-me lembrar-lhe de que estive em Inglaterra ainda não há um mês. O que vi e ouvi foi mais do que suficiente para me convencer de que os ingleses jamais virão ajudar-nos. A Inglaterra nunca aposta num cavalo moribundo. P, justamente por esse motivo que ela ainda não pereceu. Além disso, a gorducha holandesa que actualmente ocupa o trono é uma alma temente a Deus, que não concorda com a escravidão. Podem os operários das fábricas morrer de fome por não haver algodão para alimentar os teares que ela não dará um passo a favor dos sulistas. Quanto à França, nem sequer se dignará responder ao nosso apelo. O fraco imitador de Napoleão que a governa está excessivamente preocupado em estabelecer os seus no México para se preocupar connosco. Pelo contrário até deve ter sentido enorme alívio quando soube desta guerra, certo de que ficaríamos temporariamente impossibilitados de ZL

319

correr com eles do México... Não, Scarlett, essa ideia de recebermos auxílio do estrangeiro não passa duma invenção jornalística para, levantar o moral dos sulistas. A Confederação está condenada. Vai vivendo das reservas que ainda tem armazenadas, mas até essas já se encontram quase no fim. Continuarei a forçar o bloqueio durante mais seis meses, e basta. A partir dessa altura será demasiadamente arriscado. Venderei os meus barcos a algum inglês idiota que ainda veja possibilidades de explorar o negócio. Seja como for, não tenciono apoucar-me por causa disso. Já ganhei bastante dinheiro, que depusitei em bancos ingleses e converti em ouro. Dinheiro em papel nada vale para mim.

Rhett Butler parecia ter o condão de imprimir às suas palavras um cunho de veracidade que impressionava Scarlett. Podia toda a gente considerar subversivas as suas teorias, mas o facto é que se lhe afiguravam sensatas e plausíveis. Estremeceu, horrorizada, ao verificar que também ela concordava com os seus pontos de vista, quando devia sentir-se ofendida, como qualquer patriota leal.

- Estou cada vez mais persuadida de que o Dr. Meade teve razão naquilo que escreveu a seu respeito, capitão Butler. Só vejo uma forma de resgatar os seus pecados: alistando-se no Exército, assim que tiver vendido os barcos. No fim de contas, frequentou a Academia de West Point e...

- Por amor de Deus, 'Scarlett! Faz-me lembrar um pastor baptista pregando um sermão para angariar novos adeptos. E se eu não quiser resgatar os meus pecados? Além disso, por que cargas de água havia de pegar em armas para apoiar um sistema, que me renegou? Creia que até ficarei satisfeito quando o vir por terra, esmagado.

-Nunca ouvi falar em nenhum sistema-disse ela, aborrecida por ter de alardear de novo a sua ignorância.

-Não? No entanto, está integrada num, como eu já estive, e aposto que não gosta mais dele do que eu gostava então. Sabe por que é que me chamam a ovelha ranhosa da família Butler? Por esta razão muito simples: porque não me conformei com a sociedade de Charleston. Mesmo que tivesse tentado, nunca o conseguiria. E Charleston é como que encarna todas as qualidades e defeitos do Sul, numa mistura mais do que concentrada. Já pensou na estopada que isso representa? Uma série de coisas que somos obrigados a fazer porque toda a gente as faz. Um rol enorme de distrações inofensivas que nos são vedadas pelo mesmo

1 o

32

motivo. Milhares de preconceitos que tornam a vida insuportável. O facto de não ter casado com aquela rapariga de quem já deve ter ouvido falar, foi a gota que fez transbordar a taça. Entenderam

que eu devia casar com a idiota da moça, só porque um acidente inesperado nos impediu de regressarmos a casa antes de anoitecer. E por que diabo havia de me deixar matar pelo irmão alucinado, se sabia atirar muito melhor do que ele? Se eu fosse um fidalgo que pusesse a honra do nome acima da alegria de viver, ter-me-ia exposto às balas do meu adversário, a fim de apagar a mancha do brasão dos Butlers. Mas eu... gosto desta vida. Defendi-me como pude e ainda cá estou. Tenho gozado à minha maneira. De cada vez que me lembro do meu irmão, que vegeta no meio das vacas sagradas de Charleston, e penso na mulher dele, uma autêntica barrica de seis arrobas, nos seus infundáveis arrozais, nos insípidos bailes de Santa Cecília... é que vejo bem quanto ganhei em romper com o sistema. A nossa maneira de viver é, pelo menos, tão antiquada como o sistema feudal da Idade Média. Só me surpreende que tenha durado tantos anos, Contudo, estava condenado a desaparecer e começou a afundar-se agora. Como ousou acalantar a esperança de que eu desse ouvidos a oradores como o Dr. Meade que só sabem maçar as pessoas com essa estafada treta de que a nossa Causa é justa e sacrossanta? Queria que eu me deixasse arrebatado pelo rufar dos tambores, a ponto de agarrar num bacamarte e marchar para Virgínia, a fim de verter o meu rico sangue por Robert? Por quem me toma, Scarlett? Por um imbecil qualquer? Não, essa história de beijar a mão que nos ofendeu, também não pega comigo. O Sul e eu estaremos quites, agora. O Sul renegou-me um dia, sem se importar com a possibilidade de eu morrer de fome. Graças a Deus, consegui resistir à adversidade e hoje sou eu que estou a assistir às vascas da sua agonia. O dinheiro que já ganhei e que ainda hei-de ganhar servir-me-á de compensação pela herança paterna que perdi.

- Você é um mercenário sem escrúpulos - observou Scarlett, maquinalmente.

A maior parte do que Rhett lhe dissera entrara-lhe por um ouvido e saíra-lhe pelo outro, como normalmente acontecia com todas as conversas que não tinham a sua pessoa como tema principal. No entanto, a opinião dele acerca da vida em Charleston havia-lhe prendido a atenção, De facto,

-Vento Levou - 1

321

a sociedade elegante vivia acorrentada a uma série de preconceitos absurdos. O seu caso bem podia ser tomado Como exemplo característico. Via-se obrigada a chorar o marido, embora a sua morte a houvesse regozijado. Deixara toda a gente horrorizada pelo simples facto de ter dançado na quermesse. Tinha que arrostar com as censuras das amigas de Pittypat, sempre que ousava manifestar uma opinião que contrariava a das outras raparigas ou o seu procedimento se não coadunava com o estabelecido. Apesar disso, toda ela se abespinhava ao ouvi-lo atacar essas tradições, que tanto a revoltavam. Fora criada entre pessoas que dominavam completamente a arte da dissimulação e ficava perturbadíssima quando ouvia os seus próprios pensamentos expostos em palavras tão claras.

- Mercenário eu? Não, minha querida Scarlett. Limite-me a ser prudente. Talvez estas duas palavras tenham o mesmo significado. Pelo menos é essa a designação que devem dar-me os indivíduos que não foram tão providentes como eu. Qualquer patriota, que em 1861 tivesse mil dólares no cofre, poderia ter feito o que eu fiz. Contudo, bem poucos foram suficientemente mercenários para se aproveitarem da situação. Por exemplo, o primeiro cuidado que tive assim que o Forte Sumter caiu em nosso poder foi o de comprar alguns milhares de fardos de algodão por um preço irrisório e exportá-lo para Inglaterra antes que os yankees viessem bloquear-nos os portos. Ainda tenho o algodão depositado em diversos armazéns de Liverpool. Só o venderei quando as fábricas de fição não tiverem mais nenhum para alimentarem os teares e aceitarem o preço que eu então lhes impuser. Não me surpreenderei se vier a ganhar dois dólares em cada quilo, - 2 muito possível, no dia em que as galinhas tiverem dentes!

-Ainda não perdi a esperança, Em Inglaterra, já está a dólar e meio o quilo. Tudo me leva a crer que fique milionário antes de acabar a guerra. E porquê? Porque fui um homem de visão larga... perdão, um mercenário. Já lhe disse uma vez que há duas grandes oportunidades para se ganhar

dinheirG: a primeira, durante a fundação dum império, a segunda,-no -decorso da sua derrocada. Aquela

4proporciona meios lentos e, por vezes, incertos; esta faculta processos rápidos e infalíveis. Não se esqueça das minhas palavras. Talvez lhe sejam úteis, no futuro.

322

- Não há nada que eu mais aprecie do que um bom conselho - redarguiu Scarlett, com todo o sarcasmo de que foi capaz. -Mas a verdade é que não preciso dos seus. Julga que o meu pai é um pobretão? O dinheiro que ele tem é mais do que suficiente para suprir todas as minhas necessidades e, além disso, lembre-se de que também herdei de Charles.

-Os aristocratas franceses também pensaram assim até ao dia em que a miséria lhes bateu à porta. Rhett chamava frequentemente a atenção de Scarlett para a inconsistência do seu procedimento teimando em usar luto, não obstante participar já de toda@ as actividades mundanas. Gostava de cores garridas e os vestidos fúnebres de Scarlett, bem como o véu de crepe que lhe descia do chapéu até quase aos calcanhares, divertiam-no e irritavam-no ao mesmo tempo. Mas a rapariga recusava-se terminantemente a abandoná-los, certa de que, se os trocasse por trajes coloridos sem esperar mais alguns anos, a cidade em peso criticá-la-i@ com muito mais acrimónia do que já o fazia. E que explicação daria ela à mãe?

Rhett dizia-lhe a todo o momento que o véu de crepe lhe dava o aspecto dum corvo e que o vestido a envelhecia dez anos. Sempre que ele lhe fazia tão assustadora afirma, ção, Scarlett corria para o espelho, a fim de averiguar se na realidade apresentava vinte e oito anos e não dezoito.

- Julguei que tivesse um pouco de amor-próprio e detestasse toda e qualquer semelhança com a senhora Merriwether-observava, escarninho. -Além disso, nunca supus que o seu mau-gostG chegasse ao ponto de a fazer usar esse véu só para alardear um desgosto que certamente nunca sentiu. Quer apostar que dentro de dois meses subs- tituirá esse chapéu horrível por um modelo de Paris?

- Não pense nisso - respondeu Scarlett, aborrecida com a alusão a Charles. - Mudemos de assunto ' sim?

Rhett 'que nessa mesma tarde devia partir para Wilmington, onde já tinha o seu navio aparelhado para nova viagem à Europa, despediu-se com um sorriso enigmático a bailar-lhe nos lábios. Semanas depois, por uma bela manhã de Estio, reapareceu, trazendo na mão uma caixa de, chapéus, lindamente enfeitada, e uma expressão radiante estampada no rosto. Depois de se-certificar de que Scarlett se encontrava sózi-

323

nha em casa, abriu a caixa. Envolto em diversas folhas de papel de seda repousava um chapéu, criação da mais afamada modista parisiense, que arrancou a Searlett uma exclamação de alegria: "Que maravilha!" Privada havia tempos não só de usar como de ver novidades em matéria de vestuário feminino, mirou, extasiada, o chapéu que tinha diante de si, pensando que nunca até então lhe fora dado contemplar outro tão bonito. Era de tafetá verde-escuro, debruado a seda verde-jade, duma tonalidade suave. As fitas que o guarneciam ' e que se destinavam a _ser atadas sob o queixo, tinham a largura da sua mão e eram também verdes. E, enrolada à volta da copa, destacava-se uma vistosa pluma de avestruz esverdeada.

-Ponha-o-disse Rhett, sorrindo. Scarlett precipitou-se na direcção do espelho ' colocou * chapéu na cabeça, puxou o cabelo para trás, de maneira * mostrar os brincos e deu um laço junto ao pescoço.

- Que tal me fica? - inquiriu rodando sobre os calcanhares e meneando a cabeça para fazer oscilar a pluma.

Tinha a certeza de que o chapéu lhe ficava às mil maravilhas, mas nem por isso se sentiu menos feliz quando leu nos olhos de Rhett a confirmação do seu próprio pensamento, O chapéu realçava-

lhe a beleza provocante. O debrum verde-claro como que lhe escurecia os olhos cor de esmeralda, transformando-os em dois fachos cintilantes.

- Oli, Rliett, de quem é este chapéu? Quero comprá-lo. Darei por ele todo o dinheiro que possuo.

-O chapéu pertence-lhe -respondeu ele. -Quem mais poderia usar essa tonalidade de verde? Não lhe parece que guardei bem na memória a cor dos seus olhos?

- Mandou fazê-lo propositadamente para mim?

- Mandei. Foi confeccionado na Rue de La Paix, como pode ver pelo rótulo da caixa, Espero que saiba o que isso quer dizer...

Scarlett ignorava o significado desse pormenor, mas nem sequer tentou interpretá-lo. Toda a sua atenção convergia agora sobre a imagem deslumbrante que o espelho reflectia. Naquele instante nada mais lhe interessava além do facto de que estava realmente encantadora, com o primeiro chapéu bonito que punha na cabeça após dois anos de luto. O que ela não faria com aquela maravilha! De súbito, porém, o sorriso apagou-se-lhe dos lábios.

- Gosta?

324

-Oh! ir, um verdadeiro encanto! Não calcula o que me vai custar esconder este verde tão lindo sob o véu de crepe e tingir a pluma de preto.

Rhett acercou-se dela rapidamente e, com movimentos destros e precisos, desfez o laço das fitas. Antes que Scarlett pudesse compreender o que se passava, já o chapéu jazia no fundo da caixa.

- Que está a fazer? Você disse que era para mim.

- Mas não para o transformar em chapéu de luto. Hei-de descobrir outra rapariga de olhos verdes que saiba apreciar devidamente o meu gosto.

-Isso é que não! Eu morro se mo tirar! Por favor, Rliett, não seja mau. Dê-mo!

-Para fabricar com ele outra monstruosidade igual às que lhe tenho visto usar? Nunca!

Scarlett cravou as unhas na caixa. Jamais consentiria que aquele lindo chapéu, que a tornava tão jovem e sedutora, fosse parar às mãos de outra rapariga. Pensou no desgosto que Pitty e Melanie não deixariam de sentir. Pensou na mágoa que causaria à mãe, e estremeceu. Mas * vaidade levou a melhor.

- Não o modificarei, prometo. Por favor, Rliett, dê-me * chapéu. Ele entregou-lhe a caixa com um sorriso sardónico, * observou-a atentamente, enquanto ela o punha mais uma vez na cabeça e se mirava ao espelho, fascinada.

- Quanto custa? - perguntou, de repente ao mesmo tempo que uma nuvem de tristeza lhe toldava @ semblante.

- De momento, disponho apenas de cinquenta dólares, mas para o mes que vem ja poderei...

- Custa quase dois mil dólares na moeda da Confederação - informou Rhett, e riu, ao ver a expressão de desânimo que se lhe estampou na face.

- Meu Deus... O mais que posso fazer é pagar-lhe agora os cinquenta dólares e dar-lhe o resto quando. receber.

- Não quero dinheiro nenhum - esclareceu ele. - Esse chapéu é oferta minha.

Scarlett ficou boquiaberta. A pragmática da sociedade era particularmente severa no que se referia aos presentes oferecidos por um homem a uma senhora.

"Doces e flores e talvez um livro de poesias, ou um álbum, ou um fra@co de Água da Florida são as únicas coisas que uma senhora pode aceitar de um ca-valheiro",

325

dissera-lhe Ellen, centenas de vezes. "Nunca. um presente de valor real, mesmo que seja oferecid<> por um namorado, nem jóias ou artigos de vestuário ainda que seja apenas um par de luvas ou um simples le@ço. Quando uma mulher aceita presentes deste gênero, o homem fica convencido de que ela não é uma senhora e aproveita-se da primeira ocasião para tomar liberdades".

"Valha-me Deus!" disse Scarlett de si para si, contempnando-se no espelho e erguendo os olhos para o rosto indecifrável de Rhett. "Onde hei-de eu arranjar coragem para recusar este chapéu? P, tão bonito que... nem sei... quase prefiro que ele tome uma liberdade qualquer... desde que não seja muito grande ... "

De súbito, enrubescou, ao tomar consciência do que acabava de pensar.

- Deixe-me... deixe-me dar-lhe os cinquenta dólares...

- Se mos der, atirá-los-ei à primeira sarjeta que encontrar! Melhor ainda, mandarei rezar meia dúzia de missas por intenção da sua, alma. Tenho a certeza de que bem precisa delas.

Scarlett riu, contrafeita, e a imagem que viu no espelho dissipou-lhe as últimas dúvidas.

-Que quer fazer de mim?

- Por enquanto., limito-me a tentá-la com belos presentes até que os seus ideais pueris se transformem em fumo e fique inteiramente à minha mercê - respondeu ele. - "Apenas deves aceitar guloseimas e flores, minha filha" - acrescentou, com voz de falsete.

Scarlett soltou uma gargalhada.

- P, matreiro como uma raposa velha. Sabe muito bem que um chapéu destes não se pode recusar. Os <>lhos dele miraram-na apreciativamente com um brilho irónico.

- Evidentemente nada impede que diga à sua tia que me deu uma amostr@ do tafetá e da seda, bem como um desenho do chapéu e que eu lhe extorqui cinquenta dólares por ele.

- Não. Dir-lhe-ei que paguei cem dólares e ela irá contar a toda a gente. As outras raparigas vão ficar verdes' de in eja e hão-de censurar a minha extravagância. Mas, por favor, Rhett, não torne a trazer-me presentes tão dispendiosos. P, muito gentil da sua parte, mas acredite que não poderei aceitar mais nada.

326

-Ali, sim?! Pois fique sabendo, que continuarei a ofe-,recer-lhe presentes enquanto me apetecer e sempre que encontrar qualquer adorno susceptível de realçar os seus encantos. Trar-lhe-ei um corte de seda verde para vestido. No entanto, desde já a previno de que não sou tão gentil como pensa. Hei-de tentá-la com chapéus e vestidos até conseguir o meu intento. Lembre-se de que tudo o que faço visa um fim determinado. Nunca dou ponto sem nó. E, até aqui, todas as mulheres a quem ofereci presentes pagaram-mos duma maneira ou de outra.

Os olhos dele fitaram-na abertamente e c'ravarairi-se-lhe nos lábios. Scarlett baixou a cabeça, sentindo-se invadir .por uma estranha perturbação, persuadida de que Rhett se preparava para tomar alguma liberdade como Ellen previra. Beijá-la-ia, com certeza, ou, pelo m' enos, faria qualquer tentativa para o conseguir. Scarlett não sabia que atitude tomar. Se recusasse, era muito possível que lhe arrancasse o chapéu da cabeça e fosse oferec&1o a outra rapariga. Por outro lado, se ela permitisse um leve ósculo, talvez Rhett a presenteasse com o corte de seda a que aludira, na esperança de a poder beijar novamente. Os homens davam imenso valor a um beijo, ela não compreendia bem porquê. Não era raro apaixonarem-se por uma rapariga após o primeiro beijo e chegaram ao ponto !e fazer papéis tão cómicos, quando ela sabia manob,,,ar e resistir às investidas seguintes. Devia ser estimulEnte ver Rhett Butler apaixonado por ela, ouvir-lhe declarar o seu amor e suplicar a esmola de um beijo ou de um sorriso. Sim, estava resolvida a deixar-se beijar.

No entanto, Rhett nem sequer esboçou um gesto para o fazer. Scarlett lançou-lhe um olhar de esguelha, por entre as pálpebras cemicerradas e murmurou animadamente:

-Com que então, faz-s@ pagar sempre, não é? E que gênero de pagamento espera, de mim.

- Isso é o que resta ver.

- Se espera que eu case consigo por me ter oferecido o chapéu, pode tirar daí o sentido - ripostou com ar provocante, meneando a cabeça, de forma a fazer oscilar a pluma.

Os dentes alvos de Rhett brilharam sob o, bigodinho.

- Não tenha ilusões a esse respeito, minha senhora. Não casarei consigo nem com nenhuma outra mulher. Sou um adepto fervoroso do celibato.

- Palavra? - redarguiu Scarlett, desiludida e ao mesmo

tempo resolvida a provocá-lo até ao ponto de ele perder a cabeça e tomar uma liberdade qualquer. - Antes disso porque a verdade é que não tenciono dar-lhe nem um beijo, sequer.

- Então por que é que está a fazer boquinhas para mim?

- Oli! - exclamou ela, ao ver no espelho os seus lábios vermelhos contraidos na expectativa de um beijo. - Oli! -

exclamou novamente, perdendo a calma e batendo o pé. -

ir, a criatura mais detestável que até hoje conheci! Não calcula como ficaria satisfeita se nunca mais o tornasse a ver à minha frente! _ Se isso fosse verdade, calcaria o chapéu ao pé. Está furiosa. e eu gosto imenso de a ver assim. Por que hesita, Scarlett? Vamos, pise o chapéu, para me mostrar o que pensa de mim e dos meus presentes.

- Não se atreva a tocar no chapéu - preveniu ela, levando a mão à aba e recuando.

Rhett seguiu-a até à outra extremidade da sala e pegou-lhe na mão.

- Oli, Scarlett - disse ele rindo suavemente - é tão infantil que até me causa dó! Afinal, @empre estou disposto a beijá-la, só para a não deixar desiludida a meu respeito.

- E, inclinando-se negligentemente, roçou o bigode--pe-la face aveludada da rapariga. - Então, nem sequer me esbofeteia para salvar as aparências?

Com os lábios cerrados numa linha rebelde, Searlett ergueu os olhos e viu nos de Rhett uma expressão tão gaiata que não logrou conter-se @.

e rompeu às gargalhadas. Como ele era irritante e arrelíador! Se não queria desposá-la, nem mesmo beijá-la, qual seria a sua intenção? E, se não estava apaixonado, por que a visitava com tanta frequência e lhe levava tão ricos presentes?

-Assim é melhor- murmurou Rhett.-Searlett, já reparou na influência perniciosa que estou a exercer sobre si? Se tivesse um pouco, de bom-senso, mandar-me-ia passear quanto antes... embora eu talvez não fosse. Só muito dificilmente uma rapariga bonita consegue livrar-se de mim. No entanto, creia que a minha companhia só a prejudica.

- Acha que sim?

- Então não vê? Desde que nos encontrámos no bazar, a sua reputação tem descido aos poucos, pelo que me sinto, em parte, responsável. Quem foi que a animou a dançar? Quem a forçou a reconhecer que, para si, a Causa não era

328

justa e muito menos santa? Quem a levou a confessar que considerava loucura um homem deixar-se matar em defesa de princípios tão altissonantes? Quem a ajudou a fornecer às amiguinhas da sua tia pasto para a maledicência? Quem acaba de a convencer a despir o luto mais cedo do que seria aconselhável? E, para findar o rol, quem a persuadiu a aceitar um presente que nenhuma senhora, que se prezasse de o ser, aceitaria?

-Não seja pretensioso, capitão Butler! Até à data, o meu procedimento nada teve de escandaloso e acredite que, com a sua ajuda ou sem ela, eu teria feito tudo isso a que acaba de aludir.

- Tenho cá as minhas dúvidas-disse ele - e o seu rosto assumiu, de súbito, uina expressão calma e soturna. - Continuará a ser a inconsolável viúva de Charles Hamílton e teria conquistado a admiração e a estima de toda a população pela maneira desvelada como trata os feridos... Contudo... Mas Scarlett, já não o estava a ouvir. Com um sorriso prazenteiro, contemplava-se no espelho, sob todos os ângulos, pensando nas invejas que iria atçar junto das outras raparigas e nos galanteios que os moços não deixariam de lhe dirigir quando saísse com o chapéu. E decidiu estreá-lo nessa mesma tarde, quando fosse ao hospital levar aos oficiais convalescentes os ramos de flores que lhes prometera.

Que havia um certo fundo de verdade nas últimas palavras de Rhett foi coisa que lhe passou completamente despercebida. Rhett abriu-lhe as portas da prisão da sua viuvez, restituindo-a à

liberdade, para competir de novo com as moças solteiras, quando o seu tempo já devia ter passado há muito, No entanto, ela não deu por isso, corno também não notou que, influenciada pelas suas teorias quase esquecera já os ensinamentos da mãe. A metamorf@se por que estava passando operava-se tão gradualmente que a quebra de um preconceito parecia não ter relação nenhuma com o atropelo dos anteriores, nem ser devido ao ascendente que Rhett'ia tomando sobre ela. Scarlett não compreendia ainda que, animada por ele, desprezara os conselhos maternos quanto ao respeito pelas conveniências e olvidara as duras regras de proceder que uma senhora devia observar. Naquele momento, só via que nunca possuía um chapéu tão bonito como aquele. Não lhe custara um cêntimo e Rhett com certeza estava apaixonado por ela para lhe

329

oferecer um presente tão caro, embora fosse suficientemente orgulhoso para não confessar o facto. No entanto, havia de descobrir forma de o obrigar a declarar-se.

No dia seguinte, Scarlett encontrava-se diante do espelho, com o pente numa das mãos e a boca cheia de ganchos, quando chegou até ela, vindo do andar inferior um leve ruído de passos, atravessando o vestíbulo. Devi@ ser Melanie, que regressava do hospital, findo o seu turno de serviço. Ouviu-a subir as escadas a correr e deteve-se com um gancho a meio caminho da cabeça, convencida de que acontecera algo de anormal, para que Melly, que geralmente se deslocava dum lado para outro com a calma dignidade durna viúva, se mostrasse tão excitada. Correu para a porta e abriu-a, deixando em meio o novo penteado que Maybelle, recentemente chegada de Richmond, onde fora visitar o marido, lhe dissera estar fazendo furor na capital. Intitulava-se "Gatos, Ratões e Ratinhos", e apresentava muitas dificuldades. O cabelo, dividido por uma risca ao meio, devia ser penteado em três rolos de tamanho diferente, de cada lado da cabeça. O primeiro, e maior, era o "Gato". Esse e o "Ratão", armavam-se bem 'mas o "Ratinho" prendia-se constantemente nos ganchos. Era uma coisa irritante. Todavia, Scarlett estava resolvida a arranjar o cabelo daquela forma, pois Rhett deveria ir jantar a casa dela e nunca deixava de comentar as inovações da moda, tanto em matéria de vestidos, como de penteados.

Após meia hora de luta com as suas madeixas rebeldes, Scarlett ainda não conseguira terminar metade do toucado. Limpou com as costas das mãos as camarinhas de suor que lhe aljofravam a testa e aguardou que a cunhada chegasse ao cimo das escadas.

Melanie precipitou-se para dentro do quarto. Vinha corada, com uma expressão de terror estampada no rosto, como uma criança oprimida sob o peso de tremenda culpa.

Trazia patentes nas faces enrubescidas os sulcos de grossas lágrimas e c> chapéu pendia-lhe do pescoço, preso pelas fitas. Os anéis do cabelo estremeciam, à medida que os soluços lhe sacudiam o corpo. Apertava freneticamente na mão um objecto do qual se exalava um perfume activo que não tardou a encher o quarto.

- Oli, Scarlett! -exclamou, fechando a porta e atirando-se sobre o leito..-, A tia já chegou? Ainda bem, meu

330

Deus! Scarlett, não sei como não morri de vergonha! Imagina que por pouco não desmaiei e agora o Peter diz que vai contar tudo à tia Pitty.

-Mas contar o quê? -Que estive a falar com... isto é com a... - Melanie limpou com o lenço as faces afoguesas. - ...Com aquela mulher dos cabelos ruivos, a Belle Watling!

- Não me digas! - exclamou Scarlett, arregalando os olhos, surpreendida.

Belle Watling era a ruiva que ela tinha visto na rua, poucos momentos após ter desembarcado em Atlanta, pela primeira vez depois da morte do marido, e que não tardara a granjear fama em toda a cidade. Não tinham conta as prostitutas que haviam afluído a Atlanta, atrás da soldadesca, mas Belle destacava-se das restantes, em virtude da cor do cabelo e dos vestidos, elegantes e vistosos, que usava. Raramente passava pela Peachtree Street ou por qualquer das outras ruas onde viviam as

famílias mais respeitáveis. No entanto, sempre que isso acontecia, todas as pessoas se apressavam a atravessar para o passeio oposto, a fim de a evitarem. E Uelanie atrevera-se a falar com ela! Razão tinha Peter para estar revoltado.

-Eu morro se a tia Pitty vier a descobrir! Bem sabes como ela é, Desata a chorar, a chorar, e depois vai contar tudo às amigas. E eu ficarei com a minha reputação arruinada para sempre - soluçou Melanie. - Mas não tive culpa nenhuma, acredita. Não... não havia de fugir dela não te parece? Seria uma crueldade. Eu... eu tive pena dela, Scarlett. Achas que procedi muito mal?

Todavia, a Scarlett pouco se lhe dava a ética do procedimento da cunhada. Como sucedia com grande parte das raparigas ingénuas e educadas, também Scarlett sentia curiosidade sem limites por tudo quanto se referia às prostitutas.

-Que te queria a mulher? Como é que ela fala?

- Oli, farta-se de atropelar a gramática, mas, coitada! Não imaginas o esforço que faz para se exprimir em termos correctos e elegantes, Quando saí do hospital, Peter ainda não tinha chegado com a carruagem e eu decidi voltar a pé para casa. Ia a passar em frente do jardim dos Emersons, quando ela me surgiu pela frente. Tinha-se escondido atrás da cerca de arbustos que circundavam a moradia. Ainda bem que os Emersons estão em Macon! Depois, aproxi-

331

4r

mou-se de mim e disse: "Por favor, senhora Wilkes, pode dar-me um minuto de atenção?" Ignoro como conseguiu descobrir o meu nome; só sei que deveria ter deitado a fugir, mas... ela estava tão triste e... e encarou-me com ,olhar tão suplicante que não tive coragem para o fazer. Trazia vestido e chapéu preto e não estava pintada, de modo que pareceria uma mulher decente se não fosse o cabelo. Antes que eu tivesse tido tempo de responder, acrescentou: "Bem sei que não deveria dirigir-me à senhora mas já experimentei ir ao hospital para falar com essa @elha galinha choca da senhora Elsing, que se recusou a atender-me ... "

- Ela chamou galinha choca à senhora Elsing? - indagou Scarlett, rindo de satisfação.

O caso não é para rir, Scarlett! Não lhe acho graça nenhuma. Pelo que depreendi 'a... essa mulher queria trabalhar no hospital. Já alguma vez te passou pela cabeça semelhante ideia? Ofereceu-se para servir de enfermeira todas as manhãs e, evidentemente, a senhora Elsing ficou de tal modo horrorizada com essa possibilidade que a mandou imediatamente embora. "Eu também quero fazer alguma coisa", disse-me ela depois de ter contado a conversa que teve com a senh@ra Elsing. "Ou não serei uma confederada tão boa como a senhora?" E a verdade é que fiquei comovida Scarlett, ao ver que ela desejava auxiliar a Causa. Se se n@ostra disposta a colaborar connosco é porque não é assim tão má como a pintam, não te parece? Julgas que seja um crime pensar como eu penso, Scarlett?

- Por amor de Deus, Melly, que importância tem isso? Ela disse-te mais alguma coisa?

- Disse que estivera,,,a ver passar as senhoras que iam para o hospital e que achou que eu... que eu tinha cara de boa pessoa. Foi por isso que resolveu abordar-me. Possuía algumas economias e queria entregar-mas para serem empregadas em benefício do hospital. Meteu-me o dinheiro na mão, embrulhado num lenço, e suplicou-me que não dissesse a ninguém quem mo entregara. Explicou que a senhora Elsing não o aceitaria se soubesse de que espécie de dinheiro se tratava. Foi ao ouvir isto que eu estive quase, quase a desmaiar. Fiquei tão aflita que respondi: <Obrigada. A senhora é muito amável", ou qualquer coisa do género. Ela sorriu e disse: "Os seus sentimentos são

332

os duma verdadeira alma cristã". Uf! Já reparaste no perfume que isto tem?

Melanie estendeu a Scarlett um lenço de homem, enxovalhado, que continha uma porção de moedas amarradas com um nó.

-Estava ela a agradecer-me e a prometer que todas as semanas me entregaria mais dinheiro, quando c> Peter passou e me viu.-Melanie rompeu em lágrimas novamente e afundou a cabeça na

almofada.-E, quando reconheceu a mulher com quem eu estava a falar, ralhou comigo, Searlett-ralhou comigo! Nunca ninguém me tinha g@itado assim, em toda a minha vida. E ordenou: "Entre já na carruagem, minina!" Obedeci imediatamente e durante todo o trajecto ele não fez senão censurar-me, sem me dar tempo para lhe explicar o que tinha acontecido, e ameaçando contar tudo à tia Pitty. Scarlett, és capaz de me fazer um favor? Vai lá abaixo e pede-lhe que não diga nada à tia. Talvez te dê ouvidos. A tia morrerá de desgosto se souber que eu estive a conversar com uma mulher daquelas em plena rua. Vais?

-Vou, sim. Mas antes deixa-me ver quanto te deu ela.

O lenço está pesadíssimo.

Desfez o nó e rolou para cima da cama uma mancheia de moedas de oiro.

- São cinquenta dólares, Scarlett! Cinquenta dólares em oiro! - exclamou Melanie, deslumbrada, quando acabou de contar as moedas refulgentes. - Dize-me uma coisa: achas que devemos usar este dinheiro, ganho por um processo tão pouco... tão pouco honesto, em benefício dos rapazes? Achas que Deus compreenda que ela apenas pretende ajudar a Causa e não leve a mal que estes dólares estejam poluídos por um pecado tão grave? Cada vez que penso nas coisas que são precisas no hospital...

Mas Scarlett já não a ouvia. Os olhos dela estavam cravados no lenço enxovalhado que conservava entre as mãos. A um canto do quadrado de cambraia via-se bordado um monograma composto pelas iniciais "R. K. B.". Na primeira gaveta da cómoda do seu quarto encontrava-se um lenço absolutamente igual àquele. Rhett Butler, na véspera, emprestara-lho para envolver os pés das flores que tinham ido apanhar ao campo, e ela pensava devolver~lho nessa noite, quando viesse jantar.

Pelos vistos, Rhett tinha relações com essa tal Belle

333

Watling e dava-lhe dinheiro. Era dele afinal que provinha aquela contribuição para o fundo hospitalar, Dinheiro ganho à custa do bloqueio. E pensar que Rhett se atrevia a encarar uma mulher decente depois de ter estado com tão vil criatura! Pensar que chegara a acalentar a ilusão de que Rliett se havia apaixonado por ela, Scarlett! Tinha ali diante dos olhos a prova irrefutável de que as suas esperanças não possuíam o menor fundamento.

As mulheres de mau porte e tudo aquilo que as rodeava pertenciam a um domínio misterioso, cuja existência revoltava Searlett. Sabia que os homens procuravam o convívio dessas criaturas por motivos a que nenhuma senhora jamais deveria aludir ou melhor a que apenas poderia referir-se em voz baix@ e por meias palavras, Sempre julgara que só os indivíduos de baixa condição visitavam tais mulheres. Até àquele instante nunca lhe ocorrera a ideia de que homens finos, isto é, homens que conhecera em casa de pessoas decentes e com quem chegou a dançar, pudessem fazer semelhante coisa. A descoberta que tinha feito vinha abrir novos horizontes à sua imaginação, horizontes esses que a horrorizavam. Era mesmo muito possível que todos os homens tivessem ligações daquelas! Não lhes bastava forçarem as consorte§ a submeter-se a práticas que ela considerava indignas, mas ainda tinham o desplante de procurar mulheres dessa ordem! Os homens eram uma corja de miseráveis, a que presidia Rhett Butler, o pior de todos.

Guardaria aquele lenço para lho atirar à cara e intimá-lo-ia a sair e a nunca mais ter a ousadia de lhe dirigir a palavra. Mas reconsiderou. Não, não podia agir assim. Precisava evitar que Rliett descobrisse que ela tinha conhecimento da existência de tal espécie de mulheres e, muito menos, que estava ao corrente das visitas que lhes fazia. Não era próprio de uma senhora encontrar-se ao facto de tais pormenores.

"Oh!", pensou, furiosa, "Se não fosse bem educada, que -coisas eu não diria a esse monstro!"

E, amarfanhando o lenço nas mãos desceu as escadas e dirigiu-se para a cozinha em busca áe Peter. Ao passar junto do fogão, lançou o lenço sobre as chamas e, dominada por uma raiva impotente 'ali se deixou ficar até que o pequeno quadrado de tecido se transformou num minúsculo monte de cinzas.

334

DE novo os corações de todos os sulistas palpitarão de esperança com a aproximação do Estio de 1863. Não obstante as privações e dificuldades que estavam a passar, não obstante a especulação com os géneros alimentícios e outros flagelos do mesmo género, não obstante a morte, a doença e o sofrimento que haviam deixado a sua marca indelével na grande maioria das famílias, a população do Sul já repetia o estribilho do Verão anterior, talvez com maior convicção até: "Mais uma vitória só e ganharemos a guerra". os yankees tinham-se mostrado um osso duro de roer, mas já começavam a fraquejar.

O Natal de 1862 decorrera de feição não só para Atlanta, como para todo o Sul. A Confederação obtivera retumbante vitória em Fredericksburgo, onde os yankees haviam deixado milhares de mortos e feridos. Toda a gente aproveitara aquele curto período de férias para se divertir e felicitar pela reviravolta operada na marcha das operações. As hostes confederadas tinham ganhado consciência do seu valor, os generais que as comandavam haviam posto à prova os seus dotes de chefia e já ninguém duvidava de que o inimigo seria definitivamente derrotado na Primavera, quando se reacendesse a luta.

Veio a Primavera e recomeçou a batalha. Em Maio, os exércitos confederados alcançaram outro triunfo estrondoso em Chancellorsville. O Sul vibrou de entusiasmo,

Uma incursão da cavalaria da União no território de Geórgia redundou em mais uma vitória para os heróis de cinzento. Os sulistas continuavam a rir e a dar palmadinhas nas costas dos amigos, dizendo, maravilhados: "P, assim mesmo! Quando o velho Nathan Bedford Forrest lhes aparece pela frente o melhor que eles têm a fazer é fugir!" Nos fins de Abrii, o coronel Streight, à testa duma força de cavalaria composta por oitocentos homens, atacara de surpresa e invadira Geórgia, tendo como objectivo a cidade de Rome, situada a pouco mais de sessenta milhas ao norte de Atlanta. O plano dos yankees consistia em cortar as comunicações ferroviárias entre Atlanta e o Termessee, de importância vital para o Sul, e, posterior mente, em avançar para a zona meridional de Geórgia,

335

a fim de destruir as fábricas e centros de abastecimentos de material de guerra concentrados na área de Atlanta, cidade-chave de toda a Confederação.

Fora um golpe audacioso e que poderia ter tido consequências nefastas para o Sul, se aos invasores não se houvessem deparado as tropas de Forrest. Dispondo apenas de cerca de trezentos homens este lançara-se em perseguição dos yankees, conseguindo alcançá-los antes de chegarem a Rome, dera-lhes luta sem tréguas e acabara por capturá-los a todos. Que soldados -e que cavaleiros!

A notícia do feito chegou a Atlanta quase ao mesmo tempo que a da vitória de Chancellorsville, e a cidade exultou. O triunfo conseguido em Chancellorsville poderia ter mais valor do ponto de vista estratégico, mas o aprisionamento dos cavaleiros de Streight deixou os yankees cobertos de ridículo.

"Era melhor@que não viessem provocar o velho Forrest", gritou Atlanta, em peso, quando soube do ocorrido, e a narrativa da perseguição aw invasores correu de boca em boca.

A sorte das armas favorecia agora a Confederação, incutindo novo alento no ânimo dos soldados e de toda a população. Era certo que o exército yankee, sob o comando do general Grant, cercava Vicksburgo desde meados de Maio e que o Sul sofrera uma perda irreparável com a morte de Stonewall Jackson, ferido na batalha de Chancellorsville; também não era menos verdade que Geórgia ficara sem um dos seus mais bravos e dilectos filhos, no momento em que o general T. R. R. Cobb caíra em Fredericksburgo, vitimado por uma bala inimiga. Mas os yankees não suportariam outras derrotas como as de Frederiksburgo e Chancellorsville. Teriam de pedir a paz e, então, a guerra cruel passaria à história.

Vieram os primeiros dias de Julho e com eles o boato, mais tarde confirmado pelos comunicados oficiais, de que Lee atravessara a fronteira de Pensilvânia. Lee no terr 'itório inimigo! Lee a forçar a batalha decisiva! Sem dúvida, a campanha aprc>ximava-se do seu termo!

Atlanta vivia horas de intensa exaltação patriótica. Os seus habitantes deliravam de satisfação, acalentando no íntimo um pertinaz desejo de vingança. Agora, sim, é que os yankPes iam saber o que custava ver as suas terras assoladas pela guerra, as suas colheitas devastadas, o seu gado roubado, as suas casas incendiadas, os velhos e os rapazes

336

impiedosamente encarcerados, e as mulheres e as crianças vagueando pelas. ruas a morrerem de fome.

Toda a gente sabi@ o que os yankees tinham feito noa Estados de Missouri, Kentucky, Tennessee e Virginia. Até as crianças descreviam, com as suas vozinhas infantis a vibrarem de pavor e ódio os horrores que as tropas da União haviam infligido às'populações dos territórios por elas ocupados. Atlanta regurgitava de refugiados do leste de Tennessee, pelos quais tomara conhecimento das atrocidades cometidas pelos invasores. Nessa região, os simpatizantes da Causa confederada encontravam-se em minoria e fora sobre eles que o peso da guerra mais se fizera sentir, como aliás sucedeu na maioria dos Estados que confinavam com a União, onde os vizinhos se denunciavam mutuamente e os irmãos se matavam uns aos outros sem o menor constrangimento. Esses refugiados desejavam ver Pensilvânia transformada num lençol de chamas. Até as velhinhas mais meigas e serenas sorriam de prazer, ante-gozando as represálias.

Quando chegou a notícia de que Lee dera aos seus homens ordens terminantes no sentido de evitarem destruir as propriedades particulares, em Pensilvânia, e decretara que seriam punidos com a morte os autores de pilhagem e que as suas tropas pagariam uma indemnização por tudo o que porventura requisitassem, só o respeito que toda a gente lhe tributava salvou a sua popularidade. Por que não havia o general de deixar os soldados despejarem à vontade os ricos depósitos e armazéns daquele Estado tão próspero? Qual seria a ideia dele? Estaria assim tão cego que não visse a necessidade dos seus homens, esfomeados, rotos e descalços?

Uma carta rabiscada à pressa por Darey Meade a seu pai foi a primeira informação de fonte fidedigna que chegou a Atlanta naqueles princípios de Julho. O médico fê-la circular pelo vasto grupo de pessoas suas amigas, que a leram indignadas.

E agora quero pedir-lhe uni favor, meu pai. Há duas semanas que ando descalça e, como não vejo possibili&de de conseguizr um par de botas nestes meses mais próximos, muito agradecia que me enviasse um. Se eu não tivesse os pés tão grandes o problema não me apoquentaria. Os campos estão semeados de cadáveres de yankees, cu@as botas

22 -Vento Levou -I

337

poderia aproveitar para mim, como os outros rapazes fazem, mas a verdade é que ainda não encontrei nenhum que calçasse a mesma medida que eu. Se o pai mas puder arranjar, não as mande pelo correio. Roubd-1as-iam, pelo caminho e não seria eu a censurar o ladrão. Phil que se meta no comboio e venha entregar-mas pessoalmente, pois só assim chegarão até mim.Voltarei a escrever-lhe em breve, não sei donde. Ignoro para onde vamos. Só passo dizer que estamos em Maryland e que continuamos a avançar para o Norte. Há quem afirme que o general Lee tenciona invadir Pensilvânia...

Sempre supus que nos fosse permitido aplicaraos yankees o mesmo tratamento a que eles nos submetem, mas o general proibiu-nos de exercer represálias. Pelo que me diz respeito, não me assusta a perspectiva de ser fuzilado @ não será por isso que deixarei de me dar ao prazer de mcendiar meia dúzia de casas yankees. Atravessámos esta tarde uma das maiores searas que eu até hoje vi. O nosso milha não cresce tanto como o daqui. Confesso que todos nós roubámos umas maçarocas às escandidas porque estávamos esfomeados. O general ia muito dista@ciado de nós e

decidimos aproveitar a oportunidade. No entanto, o milho verde não nos fez bem. A rapaziada, que já estava com disenteria, ainda ficou pior. É mais fácil uma pessoa caminhar com a perna ferida do que com ataque de disenteria. Por favor, meu pai, faça o possível por me arranjar as botas que lhe pedi. Fui promovido a capitão e um capitão deve apresentar-se calçado, ainda que não tenha uniforme novo, nem dragonas.

Contudo, o que interessava saber era que o exército do general Lee invadira Pensilvânia. Mais uma batalha apenas e terminaria a guerra! E Darey Meade teria então quantos pares de botas quisesse. Os rapazes seriam des, mobilizados e a alegria voltaria a reinar em todo o Sul. Os olhos da senhora Meade encheram-se de lágrimas ao imaginar o filho de regresso ao lar.

Na manhã de 3 de Julho, emudeceram bruscamente os cabos aéreos que asseguravam as comunicações telegráficas com o Norte, guardando um silêncio opressivo. que durou até ao princípio da tarde do dia seguinte. Só então começaram a chegar ao quartel-general, instalado em Atlanta, notícias fragmentadas. Travara-se rija peleja perto duma

338

localidade conhecida pelo nome de Gettysburgo, em Pensilvânia, e na qual tomara parte o exército de Lee. As notícias eram incoerentes e vinham com considerável atraso, em virtude de a batalha se ter desenrolado em território inimigo e os relatos serem transmitidos por intermédio dos postos de Maryland e de Richmond.

A incerteza quanto ao desfecho da luta foi aumentando gradualmente à medida que as horas decorriam e não tardou que uma angústia indizível se apoderasse de todos os habitantes. Não podia haver tortura pior do que viver na

ignorância do que se estava a passar. Famílias que tinham parentes no Exército pediam fervorosamente a Deus que os seus rapazes não houvessem tomado parte na batalha, enquanto aqueles que sabiam que os filhos, sobrinhos primos ou simples amigos pertenciam ao regimento de Ijarey Meade cerravam os dentes e diziam que era para eles uma honra ajudarem o general Lee a vibrar o golpe de misericórdia nos yankees.

Em casa da tia Pittypat, as três mulheres entreolhavam-se. Asliley pertencia ao regimento de Darey. No dia 5, chegaram as primeiras notícias desanimadoras, vindas do Oeste e não do Norte.

Vicksburgo caíra em

poder do inimigo, após um cerco brutal, que suportara durante longos meses. Praticamente, todo o rio Mississippi, desde Saint Louis e Nova Orleães, estava agora nas mãos dos yankees. A Confederação fora dividida ao meio. Em qualquer outra altura, a notícia deste desastre teria alarmado toda a população de Atlanta e provocaria sérias apreensões. Naquele momento, porém, ninguém deu mos-

tras de compreender o real significado da queda de Vicksburgo. As atenções gerais volviam-se para a presença de Lee na Pensilvânia, procurando enfrentar as hostes adversárias no seu próprio campo. A perda de Vicksburgo não constituiria uma catástrofe se Lee vencesse no Leste, abrindo caminho até Filadélfia. Nova Iorque e Washington. A conquista destas cidades paralisaria todo o Norte e compensaria de sobra o desaire sofrido nas margens do Mississippi.

As horas passavam e a sombra negra da tragédia pairava sobre Atlanta. Por toda a parte, sob os alpendres, nos passeios, e até em plena rua, as mulheres se reuniam em grupos mais ou menos numerosos, dizendo umas às outras

339

que a falta de notícias era bom sinal, tentando tranquilizar-se mutuamente, procurando assumir uma atitude corajosa. Pelas ruas silenciosas corriam boatos terríveis, como morcegos voando às cegas. O general Lee morrera em combate, os sulistas tinham perdido a batalha e as listas das baixas, que pareciam intermináveis, deviam estar a chegar de um instante para outro. Conquanto não quisessem dar crédito a esses rumores, os habitantes das povoações mais próximas de Atlanta acorreram à

cidade, avassalados pelo pânico, e assediaram as redacções dos jornais e o quartel-general, pedindo notícias, quaisquer notícias, nem que fossem más.

A multidão comprimia-se em torno da estação do caminho de ferro., aguardando a chegada dos comboios vindos de Leste, na esperança de saberem alguma coisa de concreto, junto do posto de telégrafo, em frente do edifício onde estava instalado o quartel-general, diante daqueles onde eram impressos os diários de Atlanta, e cujas portas se encontravam cuidadosamente fechadas e trancadas. Era uma multidão estranha, que se mantinha imóvel e silenciosa, e que cada vez engrossava mais. Ninguém falava. Só de tempos a tempos a voz trémula dum velho rompia o silêncio a fim de pedir notícias. Contudo, longe de despertar reacção violenta da parte dos circunstantes, esses gritos esporádicos pareciam exercer precisamente o efeito contrário, pois o silêncio que se erguia tornava-se ainda mais profundo e opressivo. E, quando a resposta habitual surgia: "Continua a não haver notícias do Norte, salvo a, de que se travou uma batalha, cujos resultados são por enquanto desconhecidos", era como se todos os parentes ficassem derreados sob um peso descomunal. O friso de mulheres que aguardavam o comunicado oficial, a pé firme ou nas suas carruagens ' continuava a adensar-se e o calor provocado por aquela enorme aglomeração de corpos humanos, bem como a poeira levantada por milhares de pés impacientes, tornavam a atmosfera quase irrespirável. As mulheres não falavam, mas os seus rostos, pálidos e desfigurados, ostentavam expressões suplicantes que eram muito mais eloquentes do que quaisquer lamentações.

Devíam ser raras as mulheres que não tinham um irmão, um filho, o pai, o marido ou o noivo na frente de batalha. Todas elas tremiam só de pensar na possibilidade de a Morte lhes ter batido à porta. Estavam ali à espera duma notícia

340

que confirmasse os seus temores e não arredariam pé do local onde se encontravam enquanto não soubessem o que de facto acontecera. Aguardavam notícias da Morte, mas não admitiam sequer a possibilidade da derrota. Que as tropas do general Lee tivessem sido desbaratadas era um pensamento que se apressavam a banir do espírito. Podiam os homens que elas amavam estar nesse momento agonizando sobre a erva verdejante dos prados de Pennsylvânia, podiam os regimentos sulistas estar sofrendo a mais rude punição e os soldados tombando aos milhares, vitimados pelas balas do inimigo, que não pereceria a Causa por que eles tão galhardamente haviam lutado. Para tornar o lugar dos que tinham sucumbido surgiram novos efectivos, com o grito de revolta nos lábios e o coração a transbordar de amor-pátrio. Donde esses homens saíam, ninguém o sabia dizer. Sabiam apenas, e isso constituía para eles uma coisa tão certa como a existência dum Deus zeloso e justo no céu, que o general Lee era um cabo de guerra pro-digioso e o Exército de Virginia uma força indestrutível.

Com as sombrinhas abertas, Scarlett, Melanie e Pittypat estavam sentadas na sua carruagem, cuja capota se encontrava descida, em frente do edifício do Daily Examiner. As mãos de Scarlett tremiam tanto que o guarda-sol lhe dançava sobre a cabeça; Pitty estava tão inquieta que o nariz se lhe franzia num trejeito frenético como o do coelho; e Melanie conservava-se imóvel, como que petrificada, com os olhos iluminados por um clarão de angústia que se acentuava à medida que o tempo ia passando. Naquelas últimas duas horas, apenas tinha aberto a boca uma vez, no momento em que estendera à tia o frasquinho dos sais que retirara da bolsa, para lhe dizer, num tom em que pela primeira vez não pusera a habitual no-ta de ternura:

-Tome, minha tia, e sirva-se dele, caso venha a sentir-se mal. Previna-a de que, se desmaiar, será o Peter que a levará para casa, pois não sairei daqui enquanto não tiver notícias de... enquanto não tiver notícias. E não pense que vou permitir que Scarlett me deixe aqui sózinha...

Scarlett não tencionava abandonar o local, pois estava ansiosa por saber notícias de Ashley. Não sairia dali nem

que Pittypat corresse o risco de morrer de calor ou COMOÇÃO. Ashley fazia parte do exército do general Lee; por consequência, poderia ter sido ferido e estar moribundo ou

ser já cadáver, e a redacção do Daily Examiner era o sítio mais indicado para colher uma informação concreta acerca da sua sorte.

Passeou um olhar pela multidão que a rodeava, cumprimentando com leve inclinação de cabeça as pessoas suas amigas e simples conhecidas. Lá estava a senhora Meade, com o chapéu à banda, de braço dado com o filho mais novo, Phil, mancebo de quinze anos apenas; as duas manas McLures, tentando dissimular sob os lábios trémulos os dentes protuberantes; a senhora Elsing, direita que nem um fuso, traíndo apenas a sua ansiedade pelo desalinho dos caracóis grisalhos e que se lhe haviam soltado da cula, e tendo a seu lado a filha, lívida como um fantasma. (Com certeza que Fanny não se apoquentaria assim por causa do irmão. Teria ela algum namorado na frente, sem que ninguém suspeitasse?). A senhora Merriwether, cómodamente instalada na sua carruagem, afagava a mão de Maybelle, a qual, embora houvesse tentado disfarçar o ventre volumoso sob o xaile em que se envolvera, se encontrava num estado de gravidez tão adiantado que não conseguia iludir ninguém. Scarlett pensou que era vergonhoso uma mulher apresentar-se em público naquelas condições. Aliás Maybelle não tinha motivos para estar preocupada. Não contava que as tropas de Louisiana houvessem tomado parte na invasão de Pennsylvânia. Àquela hora, o tenente René Picard devia estar tranquilamente a salvo, em Richmond.

A determinada altura, a multidão agitou-se para dar passagem a Rhett Butler, que conduzia cuidadosamente a montada na direcção do local onde se encontrava estacionada a carruagem da tia Pitty. "Eu preciso ter coragem para se atrever a aparecer aqui numa ocasião destas!" pensou Scarlett. "Ele bem sabe que toda a gente o detesta e que basta o facto de não usar farda para que sintam o desejo de lhe reduzir os ossos a uma massa informe". Ao vê-lo aproximar-se teve ganas de lhe atirar a primeira pedra. A presença de Rhett Butler era como um insulto a todos os circunstantes. Como ousava ele apresentar-se ali, montado naquele magnífico animal, com as botas altas reluzentes como um espelho, impecável no seu fato de linho branco, despreocupado, bem nutrido e de charuto nos lábios, enquanto Ashley e todos os outros rapazes arriscavam a vida na luta contra os yankees, afrontando os horrores da fome, do calor, do cansaço e da disenteria?

342

Rhett Butler avançava com precaução perseguido pelos olhares rancorosos que a multidão lhe lançava. Os velhotes resmungaram entre dentes à sua passagem e a senhora Merriwether, que não tinha medo de nada nem de ninguém, soergueu-se no banco da carruagem e, com voz clara e nítida, lançou-lhe em rosto o mais venenoso e ultrajante dos epítetos: "Especulador!" Rhett não deu resposta. Continuou a aproximar-se, sem prestar atenção à multidão que o cercava, descobriu-se para cumprimentar Melly e Pitty, contornou a carruagem, fez o cavalo estacar ao lado da portinhola junto da qual Scarlett estava sentada e, inclinando-se, segredou-lhe ao ouvido:

- Não acha que faz falta aqui o Dr. Meade, para botar um daqueles discursos em que acaba sempre por falar na "vitória que um dia há-de vir pousar como uma águia altaneira sobre os nossos estandartes?"

Scarlett voltou-se para, o encarar, como uma gata assanbada, com os nervos tensos pela ansiedade. Abriu a boca a fim de o invectivar, mas Rhett fê-la calar-se com gesto autoritário.

- Minhas senhoras - disse ele em voz alta - quis ter o privilégio de lhes comunicar que, segundo informações que acabo de receber no quartel-general, já chegaram a Atlanta as primeiras listas das baixas sofridas pelo regimento do general Lee, em Pennsylvânia.

Elevou-se um murmúrio entre as pessoas que rodeavam a carruagem de Pittypat e que se encontravam suficientemente próximas para ouvirem as palavras de Rhett Butler. A novidade espalhou-se com a rapidez do relâmpago e a multidão esboçou um movimento colectivo na intenção de se precipitar para a Whitehall Street, em direcção ao quartel-general.

-Esperem! -gritou Rhett, erguendo-se sobre os estribos. -As listas já foram enviadas para as redacções dos jornais, onde estão agora a ser impressas. Fiquem onde estão, por favor!
- Oh, capitão Butler! - exclamou Melanie ' voltando-se para ele, com os olhos marejados de lágrimas. -Que gentileza a sua, a de nos vir dar essa notícia! Quando será<> distribuídas as listas?
-Dum momento para outro, minha senhora. os originais foram entregues nas redacções há cerca de meia hora.
O oficial encarregado da publicação da lista não quis que

343

ib@ IL.,

a notícia fosse comunicada ao público mais cedo, com receio de que a multidão assaltasse os edifícios dos jornais antes de a impressão estar feita. Ah! Ali as tem!

Abriu-se uma das janelas da fachada lateral do prédio, através da qual surgiu a mão de alguém brandindo um punhado de provas tipográficas, ainda húmidas da tinta e cobertas de nomes impressos em linhas cerradas, formando colunas intermináveis, O povo atirou-se a elas, arrancando-as da mão que as empunhavam rasgando-as, numa ânsia indescritível. Os que tinham con@eguido ficar com um pedaço tentavam retirar-se, a fim de o ler em sossego, e os que não haviam logrado apanhar nenhuma empurravam os restantes'gritando: "Deixem-me passar!"

-Segure aqui nas rédeas -ordenou secamente Rhett, desmontando e entregando o bridão a Peter. Viram-no abrir caminho através da população, aplicando brutalmente a força hercúlea dos seus ombros musculosos para chegar até junto da janela. Daí a pouco estava de volta com meia dúzia de listas. Entregou uma a, Melanie e distribuiu as restantes pelas senhoras que ocupavam as carruagens estacionadas no local -as irmãs McLures, e as senhoras Meade, Merriwether, Elsing e outras.

-Depressa, Melly-disse Searlett com o coração na garganta e vibrando de impaciência ao ver que as mãos de Melly tremiam tanto que era praticamente impossível ler o que estava escrito.

-Vê tu -sugeriú Melanie, e a, cunhada arrancou-lhe prontamente a lista dos dedos. O W? Onde diabo estaria o W? Ah, lá estava ele, ao fundo da folha, quase ilegível! White - murmurou Scarlett e, de súbito, a voz dela estremeceu. - Wilkens... Winn... Zebulon... Oh, Melly, o nome dele não vem aqui! O nome dele não vem aqui! Deus seja louvado! Melly, apanha o frasco dos sais. Ajuda-me a endireitar a tia! 1

Chorando de alegria, Melanie agarrou no queixo da tia Pitty e aplicou-lhe o frasco dos sais sob o nariz. Do outro lado, Scarlett passou um braço em torno da cintura da velhota, com o coração a transbordar de alegria. Ashley estava vivo. Nem sequer figurava no rol dos feridos. Como Deus fora misericordioso em o poupar! Como...

Ouviu um gemido surdo e, voltando-se, viu Fanny Elsing,e--conder a cabeça no ombro da mãe e a lista das baixas escorregar-lhe dos dedos para o tapete da carruagem.

344

A senhora Elsing abraçou a filha e disse ao cocheiro, com lábios tr@mulos:

-Para casa,. De 'prè@sa! Scarlett deitou unia olhadela rápida às listas. De nenhuma delas constava o nome de Hugh Elsing. Fanny devia. ter o namoradâ@-.na guerra e agora chorava a sua morte. Guardando un@'silêncio constrangido, a multidão abriu alas para dar passagem ao trem dos Elsings, logo seguido pelo carrinho das McLures. Era Faith que empunhava as rédeas, de fisionomia contraída numa expressão dura e com os lábios cerrados numa linha severa que lhe cobria os dentes. Pálida como cera, Hope ama@fanhava desesperadamente a saia, da irmã, junto da qual ia sentada, muito direita, com os olhos fixos num ponto do espaço à sua frente. Pareciam duas velhas. Dallas McLure era o único parente que lhes restava à superfície da terra. E também ele tinha sucumbido naquela hecatombe infernal.

- Melly! Melly! - gritou Maybelle, radiante. - Renê está vivo! E Ashley também, graças a Deus! -O xaille escorregara-lhe dos ombros e a sua condição estava agora bem patente aos olhos de todos. No entanto, nem ela nem a mãe davam mostras de @e preocuparem com o facto naquele momento. -

Oh, senhora Meade! Renê... - A voz dela perdeu, de súbito, toda a! vivacidade. - Melly, olha! Senhora Meade, faça favor! Dar estará...
A senhora Meade tinha a cabeça caída para o peito e nem sequer a levantou quando ouviu Maybelle chamá-la. No entanto, o rosto de Phil, que não abandonara a mãe durante aquele tempo todo, era como que um livro aberto no qual qualquer pessoa poderia ler o que tinha acontecido.
- Vamos, minha mãe! Coragem! - murmurava ele, sem grande convicção.
A mãe levantou a cabeça, e os olhos dela cruzaram-se com os de Melanie.
-Pobre filho! Já não precisa das botas que nos pediu...
- Oh, meu Deus! -exclamou Melly, principiando a soluçar.
E, descarregando o fardo que para ela constituía a cabeça inerte da tia Pitty sobre o ombro de Scarlett apeou-se da carruagem e encaminhou-se na direcção da d@ médico.
- Lembre-se de que ainda me tem a mim _ dizia Phil, num esforço desesperado para reconfortar a criatura lívida

345

que estava junto dele. - Deixe-me partir, minha mãe, para exterminar de vez esses malditos yank...
A senhora Meade agarrou o braço do filho como se não tencionasse largá-lo, mais, e disse, com a voz embargada pela angústia:
- Não!
- Phil Meade, faça o favor de se calar! - interveio Melanie num tom autoritário que só excepcionalmente empregava, sentando-se ao lado da senhora Meade e tomando-a nos braços. - Pensa que a sua mãe se tranquiliza com a ideia de que você quer arriscar-se a ter a mesma sorte que Darey? Que disparate, meu Deus! Leve-nos para casa, depressa!
E, enquanto Phil empunhava as rédeas, voltou-se para Scarlett e acrescentou:
-Vê se consegues meter a tia Pitty na, cama e depois vem ter comigo a casa da senhora Meade. Capitão Butler, quer ter a amabilidade de se encarregar de levar a triste nova ao Dr. Meade? Está no hospital...
A carruagem afastou-se entre a multidão que dispersava, Viam-se mulheres a chorarem de alegria, mas a maior parte estava como que assombrada, incapaz de avaliar a verdadeira extensão da tragédia que as atingira. Scarlett examinou de novo as listas manchadas de tinta ainda fresca, que Rhett Butler lhe tinha trazido, e passou rapidamente em revista os nomes que delas constavam, em busca dos que porventura lhe fossem familiares. Agora que sabia Ashley salvo, já podia preocupar-se com a sorte dos amigos. Como o rol era longo! Como era pesado o tributo pago por Atlanta e por toda a Geórgia!
Deus do Céu! "Raiford Calvert, tenente". Raif! De súbito, Scarlett recordouse dum dia já distante em que tinham fugido juntos e haviam voltado para casa ao anoitecer, exaustos e famintos com medo da escuridão.
"Joseph K. Fontaine, soldado". O pequeno Joe, irascível e asmmadiço! E a pobre Sally, que ainda se não refizera completamente do parto!
"Lafayette Munroe, capitão". Lafe estava noivo de Catherine Calvert. Que pouca sorte a daquela rapariga! Sofrera uma perda dupla, o irmão e o noivo. Mas a de Sally ainda fora maior: o irmão e o marido.
Oh, aquilo era terrível! Scarlett quase receava prosseguir a leitura. A tia Pitty respirava ruidosamente com a

346

cabeça apoiada no ombro da sobrinha, fazendo ouvir de tempos a tempos um suspiro prolongado. Sem a menor cerimónia, Scarlett reclinou-a contra o canto oposto da carruagem e continuou a ler. Não, não podia ser!... Três Tarletons naquela lista!

O tipógrafo decerto repetira o apelido, com a pressa por engano. Mas não, eles ali estavam, os três. "Bent @arleton, tenente". "Stuart Tarletori, cabm. -"Thomas Tarleton, soldado". E, a juntar àqueles, havia ainda o de Boyd, morto no primeiro ano da guerra e sepultado algures em Virgínia. Dos quatro irmãos Tarletons, nenhum restava agora! Tom e os gêmeos, pernaltas, preguiçosos, com a sua paixão pela tagarelice disparatada, pelas brincadeiras maliciosas, e Boyd que tinha a graciosidade dum bailarino e uma língua víperina, todos eles haviam sido ceifados pelas balas yankees...

Interrompeu a leitura e largou as listas sobre o assento da carruagem. Não queria passar pela desgosto de ver no rol das baixas sofridas pelo exército do general Lee os nomes de mais alguns dos seus antigos companheiros de infância, com quem crescera e brincara, com quem mais tarde havia dançado namorado e até trocado os primeiros beijos de amor. Debatendo tentou chorar ou fazer qualquer coisa susceptível de aliviar a pressão dos dedos férreos que lhe apertavam a garganta.

- Estou sinceramente penalizado, Scarlett - disse Rhiett. A rapariga levantou os olhos para ele.

Olvidara por completo a sua presença ali. - Há muitos amigos seus?

Scarlett inclinou a cabeça afirmativamente e fez um esforço para falar.

- Quase todas as famílias da comarca estão de luto, agora... E os três Tarletons... morreram todos... O rosto dele ostentava uma expressão austera, quase sombria. Nos seus olhos não se vislumbrava o habitual clarão zombeteiro.

- E ainda não chegámos ao fim - observou. - Estas são as primeiras listas e, como tal, devem estar bastante incompletas. A lista definitiva só será conhecida amanhã. - Baixou a voz de forma que as pessoas que se encontravam próximo não pudessem ouvir o que ia dizer e prosseguiu - Ou -eu me engano muito. Scarlett, ou o general Lee perdeu a batalha. Há quem diga que foi obrigado, a retirar para Maryland.

347

A rapariga ergueu para Rhiett um olhar desvairado. Contudo, não era o pavor da derrota que lhe atormentava o espírito. A lista definitiva só seria conhecida no dia seguinte! Mais vinte e quatro horas de cruel incerteza! Não pensara nessa eventualidade, tão satisfeita tinha ficado ao verificar que o nome de Ashley não figurava, no rol. Mas haveria no dia seguinte uma segunda relação, decerto muito maior com muitos outros nomes além daqueles. Quem lhe garantia a ela que naquele momento Ashley não se encontrava também entre os cadáveres que juncavam o campo de batalha, dormindo já o sono eterno? E, no entanto, só no dia seguinte ou talvez uma semana ou duas mais tarde poderia saber ao certo o que lhe acontecera!

- Oh, Rhiett, para que haverá guerras?! Não teria sido muito melhor que os yankees houvessem comprado os escravos... ou que nós lhes tivéssemos cedido gratuitamente?

- Esta guerra não tem nada que ver com a escravatura, Scarlett. A questão, dos negros foi um mero pretexto. Os homens adoram as guerras e só assim se explica, que se metam nelas. As mulheres detestam-nas, mas os homens não. Têm mais amor a uma guerra do que a qualquer rapariga, por mais bonita que seja.

Os lábios arquearam-se, lhe no sorriso trocista que lhe era peculiar e o rosto iluminou-se-lhe novamente.

- Até à vista, Scarlett - disse ele, tirando o chapéu. -

Vou ver se encontro o Dr. Meade. Calculo que a ironia do Destino, que me indigitou para lhe levar a notícia da morte do filho, lhe passe despercebida. E tenho a certeza de que, daqui a algum tempo, ele há-de revoltar-se contra a ideia de que foi um especulador quem o informou do triste fim dum herói,

Scarlett meteu a tia Pittypat na cama, obrigou-a a tomar um estimulante e, deixando-a entregue aos cuidados de Prissy e da cozinheira preta, saiu para a rua, encaminhando-se na direcção da casa do Dr. Meade. A senhora Meade tinha recolhido ao seu quarto, no primeiro andar, acompanhada pelo filho e aí aguardava o regresso do marido. Enquanto estava sentada na sala, de visitas conversando em voz baixa com um grupo de vizinhas que tinham vindo apresentar os pés à família enlutada,

enquanto, de agulha e tesoura nas mãos, modificava o vestido de luto que a senhora Elsing emprestara à senhora Meade. Invadira a

348

casa o cheiro acre das roupas que a cozinheira, chorosa, remexia no caldeirão onde as pusera a tingir de preto.

- Como está ela? - inquiriu Scarlett, sem erguer a voz.

- Ainda não verteu uma lágrima - respondeu a cunhada. - P, terrível quando se quer chorar e não se pode. Não sei como os homens conseguem passa-r por estes transe sem chorar. Creio que é por serem mais fortes e corajosos do que nós. A senhora Meade está disposta a ir sózinha até Perinsylvânia a fim de trazer o corpo do filho para casa.

O doutor não pode abandonar o hospital nesta altura.

-Que horror! Por que não incumbe o filho desse trabalho?

- Porque receia que Phil se aliste no Exército assim que se veja fora de casa. Bem sabes que ele está bastante desenvolvido para a idade que tem. Além disso nos distritos de recrutamento já estão a aceitar rapazes com dezasseis anos.

As vizinhas foram-se retirando uma a uma, a fim de não se encontrarem presentes quando o Dr. Meade chegasse a casa. Scarlett e Melanie ficaram na sala, a costurar. Embora se mostrasse triste, Melanie estava calma. De vez em quando as lágrimas rolavam-lhe pelas faces e caíam-lhe sobre o vestido que tinha entre as mãos. A julgar pelo seu aspecto ainda não lhe ocorrera a ideia de que a batalha podia, ter prosseguido. e Ashley sido morto após a elaboração da lista que haviam lido. Angustuada, Scarlett perguntava a si própria que decisão tomar, se repetir à cunhada as palavras de Rhett e buscar um conforto duvidoso, no sofrimento de Melly, se guardar silêncio. Por fim, resolveu calar-se. Era preferível que Melanie continuasse a ignorar que também ela se preocupava com a sorte de Asliley. Deu graças a Deus pelo facto de toda a gente, incluindo a tia e a cunhada, se encontrar suficientemente apoquentada com os seus próprios problemas para não haver reparado na atitude dela, nessa manhã.

Continuaram a costurar durante largo tempo, até que ouviram o tropel de um cavalo que acabou por estacar à porta do jardim. Espreitaram através das cortinas e viram o Dr. Meade desmontar. Trazia os ombros descaídos e a cabeça curvada, com a barba aberta em leque sobre o peito. Entrou em casa lentamente e, pousando o chapéu e a maleta, beijou as duas raparigas sem dizer palavra. Em seguida, encaminhou-se vagarosamente para ar, escadasPhil desceu poucos instantes depois. Era um moço alto,

349

1 &WA@

quase esquelético, desengonçado e tímido. Scarlett e Melanie dirigiram-lhe com o olhar um convite mudo para se lhes reunir mas ele abriu a porta da rua e sentou-se no primeiro d@grau do alpendre, escondendo a cabeça entre as mãos.

Melly suspirou.

- Está furioso porque os pais não o deixam alistar-se. Imagina tu, Scarlett: tem apenas quinze anos e já quer ir para a guerra! Como deve ser bom ter um filho assim!

- Para quê? Para o ver morrer estúpidamente? - ripostou Scarlett, em tom desabrido, pensando em Darey. . _1r,preferível ter-se um filho, nem que o Destino o talhe para morrer numa guerra, a não ter nenhum - retrucou Melanie, engolindo em seco. - Tu não compreendes, Scarlett, porque Deus já te concedeu essa graça, mas a mim... Oh, Searlett, não calculas como eu desejo ter um filho! Sei que não é muito próprio dizer uma coisa destas, assim sem mais nem menos, mas é a pura verdade, Todas as mulheres desejam ter filhos e tu não o ignoras.

Scarlett teve que fazer um @sforço, sobre si própria para conter uma gargalhada.

-Se for da Vontade'de Deus que Ashley tenha de... de morrer, estou convencida de que teria força para arrostar com esse golpe muito embora preferisse morrer também. No entanto s@ponho que

Deus me daria ânimo para resistir ao desgosto. Mas tenho a certeza de que não suportaria a desgraça de ficar sem ele e sem... e sem um filho para me reconfortar da sua perda! Oh, Scarlett, como és feliz! Perdeste Charles, é certo, mas ficaste com o filho dele. Ao passo que se Ashley falecer, ficarei sem ninguém. Perdoa-me, queri4 mas às vezes chego a ter ciúmes de ti.

- Ciúmes... de mim? - repetiu Scarlett, sentindo-se de súbito esmagada pelo peso dos remorsos.

- Sim, por teres um filho e eu não. Às vezes, deixo-me embalar pela ilusão de que Wade Hampton me pertence, tão grande é a falta que sinto!

- Tolices! - exclamou Scarlett, aliviada. Lançou um olhar de esguelha à cunhada; que continuava entretida com o arranjo do vestido. As faces dela estavam ruborizadas até às orelhas. Melanie podia muito bem desejar filhos, mas não tinha corpo para os conceber. Pouco mais alta era do que uma rapariga de doze anos e tinha as ancas estreitas e os seios pequenos como duas

350

tangerinas enfezadas. Repugnava-lhe a ideia de que Melanie viesse a conceber. E a este pensamento seguiram-se outros que tentou afastar do espírito. Se Melanie tivesse um filho de Ashley, seria como se lhe arrancassem, a ela, Scarlett, algo que lhe pertencesse.

- Perdoa-me o que disse a respeito de Wade Hampton. Tu sabes como eu gosto dele. Não estás zangada, pois não?

- Não sejas pateta - ripostou secamente a cunhada. -

Deixa-te dessas coisas e vai confortar Phil que está lá fora, a chorar.

15

O EXÉRCITO do general Lee rechaçado para Virgínia após a batalha de Gettysburgo, @assou a estação invernosa biva, cado na região de Rapidan. A derrota infligida pelas tropas abolicionistas deixara as forças confederadas exaustas e com o moral rudemente abalado. Ashley chegou a Atlanta poucos dias antes do Natal, a fim de passar a quadra festiva com a família. Ao vê-lo após tão prolongada ausência, Scarlett ficou assustada com a veemência das emoções que a sua chegada nela reacendeu. Quando, no vestíbulo dos Doze Carvalhos, assistira ao casamento dele, pensara que nunca, o seu coração despedaçado poderia amá-lo com mais intensidade. Só agora verificava que as sensações que experimentara nessa noite longínqua eram do mesmo gênero das que experimenta uma criança que de súbito se vê despojada dum brinquedo. Agora, os seus sentimentos eram muito mais profundos e intensos, pois 6,,; longos devaneios e a repressão constante que se vira obrigada a exercer sobre si própria para não trair o seu segredo tinham tornado mais forte o amor recalcado. Com o uniforme desbotado e coberto de remendos, e o cabelo loiro tostado, pela inclemência do sol estival, o Ashley que tinha diante dos olhos era muito diferente do rapaz sentimental e sonhador que amara com verdadeira paixão antes da guerra, O homem de agora parecia-lhe mil vezes mais atraente do que o rapaz indolente que vira partir dos Doze Carvalhos a caminho do campo de batalha. Havia emagrecido e a sua pele, outrora pálida, adquirira ao contacto com o ar livre uma tonalidade bronzeada que, juntamente com o bigode de guias descaídas, que deixara

351

crescer segundo as velhas tradições da cavalaria sulista, lhe dava o aspecto dum verdadeiro soldado. Aprumado no seu uniforme póido pelo uso ' conservando a atitude marcial do militar que toma a sério o seu papel, com o coldre suspenso do cinturão, e a, bainha da espada, cheia de amolgadelas, a bater-lhe garbosamente contra o cano da bota alta e as esporas brilhantes a tilintarem-lhe a cada passo, ele ali estava diante de si -o major Ashley Wilkes, C. S. A. O hábito do comando dera-lhe um ar austero e autoritário, como que o tornara mais senhor de si, e as rugas que começavam a delinear-se-lhe nos cantos da boca acentuavam ainda mais essa impressão. Havia algo de estranho na rigidez da sua atitude, no brilho glacial que lhe iluminava o olhar, A lentidão e a indolência de outrora`tinha dado lugar a uma vivacidade felina, a irrequietude vigilante duma criatura que vive com os nervos sob tensão permanente, como as cordas dum violino.'Nos olhos dele pairava uma

expressão de fadiga que denunciava as suas preocupações e a ossatura delicada do rosto quase ameaçava romper-lhe a pele tisonada... Era bem aquele o seu adorado Ashley, mas como estava diferente!

Scarlett planeava passar o Natal em Tara mas assim que chegou (> telegrama de Ashley nenhuma graça @errena, nem mesmo um convite directo de Ellen, conseguiria arrancá-la da cidade. Se Ashley tencionasse gozar a licença em casa, Scarlett ter-se-ia apressado a fazer as malas e a partir para Tara; no entanto, ele escrevera à família, pedindo que se lhe viesse reunir e tanto John Wilkes como Honey e India se encontravam já em Atlanta. Voltar para Tara sem matar as saudades de Ashley, que fora acumulando durante aqueles dois anos? Desperdiçar o prazer de ouvir o som melodioso da sua voz e a ventura de lhe ler nos olhos a certeza de que a não esquecera? Nunca! Nem mesmo a própria mãe merecia tamanho sacrifício!

Ashley desembarcou em Atlanta quatro dias antes -do Natal, acompanhado por um pequeno grupo de rapazes de Clayton, igualmente em gozo de licença tudo o que restava do numeroso contingente humano fornecido, pela comarca, após a hecatombe de Gettysburgo. Desse punhado de homens fazia parte Cade Calvert, um Cade esquelético e desfigurado, que não cessava de tossir, bem como dois dos Munroes, radiantes por estarem de licença-a primeira que obtinham desde 1861 -e Alex e Tony Fontaine, sem-

352

pre barulhentos conflituosos e embriagados. Todos eles tinham de esperar duas horas pela chegada do comboio que os levaria para o Sul e, como os componentes mais sóbrios se viam em apuros para evitar que os Fontaines brigassem um com o outro e se envolvessem em desordem com os desconhecidos que aguardavam transporte ao longo da estação Ashley decidiu levá-los até casa da tia Pittypat.

-Todos nós julgávamos que eles ficassem fartos de lutar depois do que passámos em Virgínia e Pensilvânia, -comentou Cade Calvert, com azedume, enquanto os dois irmãos quase se engalfinhavam, como dois galos de combate, disputando a primazia de beijar a mão da solteirona, que os observava embevecida e inquieta ao mesmo tempo.

- Mas não. Desde que desembarcámos em Richmond que eles não fazem outra coisa senão beber e arranjar sarilhos. Ainda chegaram a estar presos e se não fosse o palavriado de Astile decerto teriam passado o Natal na cadeia.

Mas Scarlett, não prestou atenção ao que ele disse, tão enlevada estava por se encontrar de novo junto de Astile. Como tinha ela podido pensar, durante aqueles dois anos, que havia outros homens simpáticos, atraentes ou interessantes? Como pudera permitir que eles lhe houvessem feito a corte, se Ashley ainda se encontrava vivo? No entanto, Ashley estava de regresso ao lar. Naquele momento, apenas

* largura da alcatifa que cobria o soalho da sala de visitas

* separava dele. Tinha de fazer um esforço quase sobre-humano para não se debulhar em lágrimas sempre que levantava os olhos e o via diante de si, recostado no sofá entre Melanie e India com Honey debruçada sobre o seu ombro. Se ao menos lhe assistisse também o direito de se sentar a seu lado e de passar o braço em torno da cintura dele! Se ao menos pudesse afagar-lhe durante alguns minutos a manga do dólman, para se certificar de que ele estava realmente ali, pegar-lhe na mão e servir-se do seu lenço para limpar as lágrimas de alegria que lhe marejavam os olhos! Porque Melanie estava a fazer tudo isso, sem o menor pejo ou constrangimento. A satisfação de ter novamente * marido junto de si havia logrado vencer a sua timidez * reserva. Agarrada a Ashley como um náufrago à tábua de salvação, manifestava abertamente a sua adoração por ele, tanto no olhar terno com que o fitava como nos sorrisos que lhe dirigia e nas lágrimas que lhe rolavam pelas faces. Scarlett estava em demasia contente para se ressentir

23 - Vento Levou - 1

353

da, atitude da cunhada, em demasia feliz para ter ciúmes dela. Ashley tinha voltado são e salvo!

De vez em quando levava a mão ao rosto acariciando, o ponto em que, a boca dele tinha aflorado aface, e como que sentia de novo a, comoção que experimentara nessa altura, enquanto os lábios se lhe entreabriam num sorriso. Ashley não a beijara a ela primeiro, evidentemente. Melanie lançara-se-lhe nos braços, chorando incoerentemente, apertando-o contra si como se nunca mais o quisesse largar. Em seguida, fora a vez de Honey e de India, que o haviam arrancado dos braços de Melly sem cerimónia e coberto de beijos. Depois, Ashley oscultara a fronte do pai com uma ternura que demonstrava de forma bem clara os fortes laços de amizade que os uniam e a da tia Pitty, que não parava quieta um instante, vibrando de excitação. Por fim, voltara-se para ela, rodeada pelos outros rapazes que reclamavam um beijo, e pousara-lhe os lábios ao de leve na face, exclamando:

- Oh, Scarlett, como está bonita! Esse ósculo tivera o condão de a fazer esquecer as palavras de boas-vindas que estudara para lhe dizer. Só muito mais tarde ela reparou que Ashley não a havia beijado na boca.. Perguntou então a si própria se ele o teria feito, caso a houvesse encontrado sózinha, se ele teria curvado o seu corpo vigoroso sobre o dela, erguendo-a até mal tocar no chão com as pontas dos pés e conservando-a assim nos braços durante longos momentos... E, como esta ideia a tornava feliz, optou pela afirmativa. Contudo, Ashley viera com oito dias de licença e, por conseguinte teria muito tempo para falar com ele longe de vistas e @lhares indiscretos. E 'então, perguntar-lhe-ia: "Lembra-se dos passeios a cavalo que costumávamos dar através dos bosques?" Lembra-se do luar naquela noite em que nos sentámos nos degraus do alpendre de Tara e me recitou uma poesia?" (Santo Deus! Como, diabo era o título da poesia?) "Lembra-se daquela tarde em que eu torci um pé e me levou ao colo para casa? Chegámos já ao anoitecer, não foi?"

Oh, havia tantas frases que ela poderia começar com aquele "lembra-se"! Tantas recordações queridas que o fariam volver aos dias encantados em que ambos, como duas crianças descuidadas, vagueavam pelos bosques da comarca, tantas coisas que o fariam reviver as horas de enlevo que passara na sua companhia, antes de Melanie ter

354

entrado em cena! E enquanto estivessem a recordar o passado talvez ele deixasse transparecer no olhar um lampejo de comoção que lhe permitisse oertificar-se de que, não obstante a barreira criada pelo seu afecto conjugal por Melanie, continuava a amá-la com a mesma intensidade que no dia do piquenique, em que deixara escapar dos lábios a verdade que tanto se empenhava em ocultar.

Contudo, nem sequer se deu ao trabalho de imaginar o que fariam os dois no caso de Asliley lhe declarar o seu amor por palavras inequívocas. Já se contentava em saber que ele a amava... sim, nada perderia em esperar. Podia deixar Melanie`agarrar-se à vontade ao braço do marido, e chorar até se faltar, que a sua vez chegaria. Vendo bem as coisas, que podia uma rapariga ingénua e tola como Melanie saber acerca da difícil arte de amar?

- Pareces um maltrapilho, meu amor - observou Mela~ nie, passados os primeiros instantes de comoção. - Quem foi que te remendou a farda e por que utilizaram pedaços de tecido azul?

-Minha querida, e eu que me julgava o árbitro das elegâncias! -disse Asliley, lançando um olhar apreciativo ao uniforme. - Mas compara-me com aquela meia dúzia de vagabundos e talvez mudes de opinião. Foi Mose quem me remendou a roupa e, se queres que te diga, nunca supus que ele fosse capaz de fazer obra tão asseada, tendo em atenção que nunca havia pegado numa agulha. Quanto à cor do tecido usado nos remendos, não há hesitação possível quando uma pessoa chega ao ponto em que ou se resigna a vestir a farda toda esburacada, ou se sujeita a tapar os orifícios e rasgões com pedaços recortados dos uniformes apreendidos aos yankees. E, no que se refere ao facto de o meu aspecto lembrar o de um maltrapilho, deves dar graças a Deus por não ter chegado a Atlanta descalço. As minhas botas soltaram o último suspiro aí no fim da s,emana passada -e eu ver-me-ia obrigado a empreender a viagem com dois pedaços de serapilheira enrolados nos Pés se não houvesse tido a sorte de abater dois soldados yankees que andavam em serviço de patrulha. As botas dum deles serviram-me perfeitamente.

E estendeu as pernas para que a mulher pudesse admirar as botas altas, cobertas de esfoladelas, de que havia despojado o cadáver da patrulha yankee.

- Eu é que já não tive tanta sorte - lamentou-se Cade.

355

@@JOJII@ ~ Ap

h. iã_

-As botas do outro eram dois números abaixo do que eu e-alço e magoam-me horrivelmente. Seja como for, não as descalçarei enquanto não chegar a casa.

- E pensar que este egoísta imundo não as oferece a nenhum de nós - censurou Tony. - Umas botas que se adaptariam maravilhosamente aos pêzinhos aristocráticos dos Fontaines! Com franqueza, até tenho vergonha de me apresentar diante da minha mãe -com estas chancas. Antes da guerra nem os nossos escravos queriam usá-las.

- Não te preocupes - disse Alex -lançando um olhar cobiçoso às botas de Cade. - Libertá-l->-emos daquela tortura assim que nos apanharmos no comboio. Não me importaria que a mãe me visse tal qual como, estou a-ora mas aparecer diante de Dimity Munroe com os dedo@ de'fora, nessa é que eu não caio!

- Não querias mais nada! - protestou Tony. - Aquelas botas pertencem-me de direito. Fui eu que as reclamei primeiro.

E encarou o irmão com um olhar coruscante. Receando, que eles chegassem a vias de facto, Melanie apressou-se a intervir e conseguiu afastar o perigo.

- Eu trazia uma barba lindíssima para lhes fazer surpresa -disse AshIey em tom pesaroso, esfregando o rosto onde ainda se viam sinais evidentes dos lanhos duma navalha romba - uma barba como não havia outra. Posso garantir-lhes que nem a de Jeb Stuart, nem a de Nathan Bedford Forrest levavam a melhor à minha. Porém, quando chegámos a Richmond, estes dois patifes - prosseguiu, apontando na direcção dos Fontaines -depois de se barbearem, resolveram barbear-me também. Seguraram-me à força e raparam-me a cara de tal jeito que ainda estou para saber como foi que me deixaram a cabeça no seu lugar. Se o bigode escapou à razia destes vândalos, devo-o à enérgica intervenção de Evan e de Cade.

- Deixe-o falar, senhora Wilkes. A senhora devia agradecer-nos o favor que lhe fizemos, pois tenho a certeza de que não reconheceria o seu marido com aquelas barbas indecentes - declarou Alex. - Fechar-lhe-ia a porta na cara assim que o visse aparecer. Além disso, se o barbeámos, foi para lhe manifestar a nossa eterna gratidão pelo discurso que impingiu ao preboste, a fim de o convencer a soltar-nos. Uma palavra sua e rapar-lhe-emos o bigode enquanto o diabo esfrega um olho.

356

- Oh, não, agradeço muito a vossa boa vontade, mas não é preciso! - respondeu apressadamente Melanie, agarrando-se ao marido com uma expressão de pavor estampada no rosto, ao ver os dois irmãos dispostos a juntar o gesto às palavras. -Acho que o bigode lhe fica às mil maravilhas.

- Muito pode o amor - comentaram os Fontaines em coro, meneando a cabeça um para o outro, como quem diz: "Ali não há nada a fazer".

Assim que AshIey saiu para a rua a fim de transportar os amigos à estação de caminho de ferro na carruagem de Pitty, Melanie agarrou Scarlett pelo braço e disse:

-O uniforme de Ashley está um horror, não achas?

O dólman que lhe vou oferecer será uma bela surpresa para ele. Oh, se ao menos o pano chegasse também para os calções!

O dólman destinado a Ashley constituía um assunto deveras penoso para Scarlett, que tão veementemente desejaria ser ela e não a cunhada a oferecer-lhe aquele valioso presente de Natal. A lâ cinzenta usada na confecção dos uniformes tinha atingido preços fabulosos que rivalizavam com os das mais raras pedras preciosas, motivo por que a farda de AshIey fora feita com tecido de

fabríco caseiro. Até o próprio pano de algodão já escasseava no mercado, a ponto de a grande maioria dos soldados ter passado a usar uniformes apreendidos aos yankees mortos em combate, depois de tingidos devidamente com cascas de noz verde. Todavia, Melanie tivera a sorte de arranjar um corte de fazenda de lã com o comprimento suficiente para fazer um dólman -um dólman tanto ou quanto curto - é certo, mas que, de qualquer maneira, seria, bastante melhor do que aquele que Ashley trazia agora vestido. Melanie servira de enfermeira a um rapaz de Charleston que se encontrava hospitalizado e, quando ele morrera, cortara-lhe uma pequena madeixa de cabelo que enviou à mãe juntamente com o parco conteúdo das suas algibeiras e um relato reconfortante dos seus últimos momentos, em que não havia qualquer alusão ao atroz sofrimento que antecipara o desenlace. Essa caridosa atenção originara uma troca de correspondência entre ela e a mãe do desventurado moço a qual, ao saber que Melanie tinha o marido na frente de batalha, lhe mandara o corte de tecido e os botões de latão que havia comprado para oferecer ao filho. Era uma bela peça de fazenda, grossa e quente, de tonalidade escura, que decerto

357

fora passada ao bloqueio e custara bastante caro. Encontrava-se agora nas mãos do alfaiate e Melanie já lhe enviara recado para ter o dólman pronto na manhã do dia de Natal. Scarlett pagaria tudo o que lhe pedissem pelos artigos necessários à confecção do resto do uniforme, os quais infelizmente não existiam à venda, em nenhum estabelecimento de Atlanta.

O presente que tinha para Ashley era quase insignificante, comparado com o esplendor do dólman cinzento de Melanie. Consistia, num estojo pequeno forrado de flanela, com a preciosa carta de agulhas que Rhett lhe trouxera de Nassau, três lenços de linho da mesma origem, dois tubos de linho e uma tesoura pequena. No entanto gostaria de lhe oferecer algo com cunho mais pessoal, algo com que uma mulher desejasse presentear o marido -camisa, par de luvas, chapéu... Oli, sim, um chapéu! O bivaque deformado que Ashley trazia era simplesmente ridículo. Scarlett sempre detestara ver os soldados com aquela, espécie de barrete enfiado na cabeça. Qual seria o aspecto de Stonewall Jackson se em vez do velho chapéu de feltro usasse um ornamento daqueles? Os bivaques estavam muito longe de dar aos soldados a aparência distinta que lhes convinha. Mas os únicos chapéus que havia à venda em Atlanta eram uns quicos horríveis, de lã, que nada tinham a invejar aos bivaques.

Ao pensar no problema do chapéu, lembrou-se de Rhett Butler, que os possuía em grande quantidade: panamás para o Verão, cartolas para cerimônia, chapéus para caça e chapéus de feltro, de abas largas, azuis, pretos e castanhos. Para que precisaria ele de tantos - enquanto o seu adorado Ashley afrontava as inclemências da chuva, cavalcando ao encontro do inimigo, com a água a escorrer-lhe do bivaque pelo pescoço abaixo até lhe deixar as costas completamente encharcadas? "Tenho de convencer Rhett Butler a oferecer-me o chapéu de feltro que comprou em Nassau nesta última viagem", pensou ela. "E, @, preto, mas debruá-lo-ei com uma fita cinzenta e pregar-lhe-ei na coxa o distintivo do regimento de Ashley. Vai ficar uma maravilha".

Cogitou durante alguns momentos na dificuldade que decerto iria encontrar em persuadir Rhett a desfazer-se do chapéu sem lhe dar uma explicação plausível. Não podia dizer-lhe que tencionava oferecê-lo a Asliley. Rhett fran-

358

zira as sobrancelhas naquele trejeito irritante que costumava fazer sempre que ela mencionava o nome de Asliley, e com certeza que se recusaria a dar-lhe o chapéu. Só lhe restava um recurso. Inventaria uma história de fazer chorar as pedras, acerca de um soldado que necessitava urgentemente de chapéu e Rhett nunca chegaria a saber a verdade. . Durante toda a tarde, Scarlett manobrou no sentido de conseguir ficar a sós com Asliley por alguns minutos que fossem, mas Melanie não o abandonava nem por um instante sequer e, como se tal não bastasse, Honey e India seguiam-no por toda a parte, com os olhos, quase desguarnecidos de pestanas brilhando de prazer.

Até John Wilkes, visivelmente orgulhoso do filho, debalde procurava uma oportunidade de conversar com ele em particular.

Durante o jantar foi a mesma coisa. Toda a gente o bombardeou com perguntas a respeito da guerra. A guerra! Quem se preocupava com a guerra? Scarlett tinha a impressão de que nem o próprio Asliley se interessava grandemente pelo que se estava passando nos campos de batalha. Não cessava de falar e ria-se amiúde, dominando a conversa com um á-vontade que Scarlett nunca até então notara nele, versando assuntos meramente triviais. Contou-lhes incidentes cómicos ocorridos com os amigos, descreveu humoristicamente certas peripécias da luta contra os yankees, evitando dramatizar os sofrimentos devidos à fome e às longas marchas debaixo de chuva, e pintou-lhes a figura do general Lee, que, do alto do seu cavalo após a derrota de Gettysburgo, se voltara para eles e lhes dissera: "Sois de Geórgia, camaradas, não é verdade? Nesse caso, vamos todos juntos, pois que sem vós não poderemos avançar!"

Scarlett chegou à conclusão de que ele falava ininterruptamente com o único objectivo de impedir que lhe fizessem perguntas a que não queria responder. E, quando o viu curvar a cabeça, vencido, ante o olhar perturbado com que o pai o fitava, sentiu-se invadir por uma estranha inquietação e perguntou a si mesma o que seria que Asliley tentava por aquela forma oculta. Mas foi uma crise passageira, pois no seu espírito não havia lugar para mais nada a não ser uma radiante sensação de felicidade e o desejo de lhe falar a sós.

Essa sensação de felicidade persistiu até que todos os

componentes do círculo agrupados em torno da lareira começaram a bocejar e John Wilkes se levantou a fim de regressar ao hotel, com as filhas. Após as despedidas, Ashley, Melanie, Scarlett e Pittypat encaminharam-se para a escada, precedidos por Peter, que alumiava o caminho, e só então ela se apercebeu dum facto que a deixou como que petrificada, enquanto um calafrio lhe percorria a espinha. Até àquele momento Asliley tinha sido dela só dela e de mais ninguém, apesar de não haverem trocado uma palavra em particular durante toda a tarde. Mas agora, ao dar-lhes as boas-noites, acabava de notar que Melanie estava a tremer e que as suas faces, normalmente pálidas, se encontravam cobertas de estranho rubor. Com os olhos cravados no tapete que cobria o soalho do vestíbulo do primeiro andar, parecia dominada por um receio indefinível e envergonhada da própria felicidade. Melaffie nem sequer ergueu os olhos do chão quando o marido abriu a porta da alcova afastando-se para a deixar entrar primeiro.

Ashley desafiou-se com umas "boas-noites" tanto ou quanto bruscas evitando igualmente encarar Scarlett.

A porta fechou-se sobre ele, deixando Scarlett boquiaberta a meio do vestíbulo, só e desiludida. Ashley já não lhe pertencia. Pertencia a Melanie, e enquanto esta vivesse, Scarlett jamais poderia entrar com ele para um quarto e fechar a porta, deixando da parte de fora o resto da humanidade -o mundo inteiro.

Asliley estava prestes a partir de novo para Virgínia onde o aguardavam as penosas marchas sob chuva, e, graças a nizo, acampamentos nas planícies nevadas, fome, cansaço, sofrimento e o risco de o radioso encanto da sua cabeça loira e do seu corpo esbelto desaparecer de um momento para outro, como uma formiga debaixo de insensível tacão. Aproximavam-se do seu termo os dias de luminosa beleza, as horas de inexcedível felicidade.

Aquela semana passara como num sonho, um sonho impregnado da suave fragrância dos ramos de pinheiro das árvores de Natal, iluminadas por dezenas de pequeninas velas de cera e carregadas de bugigangas feitas em casa, um sonho cujos minutos haviam decorrido lesto como as palpitações dum coração. Fora uma semana extenuante, no decurso da qual um sentimento misto de prazer e de tristeza levava Scarlett a povoar e a sobrecarregar os minutos de incidentes que lhe ficariam como recordações queri-

das da curta visita de Ashley e que ela poderia relembrar a seu bel-prazer durante os longos meses de saudade que viriam, de pequenos pormenores de que mais tarde procuraria tirar todo o prazer que lhe pudessem proporcionar. Cantara, dançara, rira, rodeando Ashley de todos os cuidados, satisfazendo os seus menores desejos antes mesmo que ele os manifestasse. Sorrira quando o viu sorrir, acompanhara todos os seus gestos e movimentos com um olhar atento, de forma que cada linha do seu corpo esbelto, cada trejeito dos lábios, cada variante da expressão fisionômica lhe ficasse gravada na memória, porque uma semana passaria depressa e a guerra duraria uma eternidade.

Sentada no sofá do vestibulo do rés-do-chão, com o seu presente no regaço, Scarlett aguardava que Ashley acabasse de se despedir da mulher, pedindo a Deus lhe concedesse a graça de permitir que ele descesse sozinho, a fim de poder gozar por alguns minutos o prazer da sua presença a salvo de olhares indiscretos. Debalde apurava o ouvido, esforçando-se por sentir o que se estava passando no andar de cima, mas a casa parecia mergulhada num silêncio sepulcral, em que o ruído da sua respiração ofegante se elevava como o resfolegar de uma locomotiva. A tia Pittypat devia estar no quarto, a chorar, com a cabeça enterrada no travesseiro pois que Ashley já se tinha despedido dela. Da alcova de Melanie, cuja porta se encontrava, fechada, não provinha som nenhum, nem mesmo um murmúrio de vozes ou o rumor dum soluço. Scarlett tinha a impressão de que Ashley entrara para o quarto da mulher havia algumas horas já e lamentava amargamente os instantes preciosos que ele estava a perder junto de Melanie; o tempo voava e a hora da partida soaria, dentro em pouco.

Recordou tudo o que tencionara dizer-lhe durante aquela semana. Todavia, não tivera ensejo de falar com ele à sua vontade e agora só muito dificilmente Surgira uma oportunidade para o fazer. Relembrou as frases que arquitetara, as recomendações que a si própria prometera fazer-lhe 'algumas delas bem tolas, por sinal: "Tem cuidado, sim, Ashley". "Por favor, evita molhar os pés. Bem sabes como te constipas facilmente". "Não te esqueças de pôr um jornal à volta do peito, por baixo da camisa, para não sentires tanto a friagem do vento". Mas havia muitas outras coisas que também lhe queria dizer. Outras coisas muito mais importantes, que

361

1~,

desejaria confiar-lhe tão importantes como as que gostaria de lhe ouvir dos lábios ou de ler nos seus olhos sonhadores, caso lhe faltasse coragem para as confessar de viva voz...

Querida dizer-lhe tanta coisa e o tempo era já tão pouco! E até os escassos minutos que ainda lhe restavam poderiam resultar inúteis se Melanie decidisse acompanhá-lo à porta a fim de o ver entrar para a carruagem que o levaria à estação. Por que não se esforçara ela por conseguir criar essa oportunidade com a necessária antecedência? A culpa fora de Melanie, que nunca saía de junto dele, sempre a acariciá-lo com o seu olhar apaixonado, para não falar nos amigos, parentes e vizinhos que, de manhã até à noite, não haviam deixado a Ashley um único momento de liberdade. E, quando acabavam de jantar, Ashley subia com a mulher para o quarto deles, a porta fechava-se e Scarlett via passar assim mais um dia sem conseguir o seu intento. Nem por uma só vez no decurso daquela breve semana, Ashley demonstrara a Scarlett, através de uma palavra ou de um olhar, nutrir por ela mais do que o afecto que um irmão, dedica a uma irmã ou a um amigo, a um amigo de infância. Não podia deixá-lo partir, talvez para sempre, sem saber se ele continuava a amá-la. Porque então, mesmo que Ashley morresse, restar-lhe-ia até ao fim dos seus dias a consolação do amor que ele lhe consagrara em segredo.

Após um quarto de hora de espera que se lhe afigurou uma eternidade, ouviu no andar superior o rumor dos seus passos e o ruído provocado pela porta do aposento que se abriu e fechou logo a seguir. Do topo das escadas chegou até ela o ranger das botas altas. Vinha só! Agradeceu a Deus o ter atendido a sua prece, Melanie devia estar completamente acabrunhada pela ideia de se separar dele uma vez mais e ficara estendida sobre o leito, a chorar a sua dor. Ia ter, finalmente, o ensejo por que tanto ansiara. Poderia falar-lhe a sós durante alguns minutos, durante momentos preciosos.

Asliley descia as escadas vagarosamente, fazendo tinir as esporas. Scarlett ouvia distintamente o ruído do sabre batendo contra o cano da bota, cada vez mais próximo, até que ele surgiu à entrada do vestibulo. Os seus olhos pareciam velados, sombrios. Fez um esforço para sorrir, mas o rosto dele estava lívido e desfigurado, como o de alguém que sofre uma ferida invisível, a qual não cessa de sangrar. Scarlett levantou-se ao vê-lo aproximar-se, pensando,

362

Mã . . 1- 11;

com o mesmo orgulho que sente um proprietário ao contemplar os seus domínios, que nunca tinha visto um oficial tão simpático e atraente, em toda a sua vida. O coldre e o cinturão reluziam como espelhos e tanto as esporas de prata como a bainha do sabre faiscavam, após o rigoroso tratamento a que Peter os submetera. O dólman não lhe assentava muito bem, visto que o alfaiate, para satisfazer o pedido de Melanie, acabara a obra à pressa e até deixara tortas algumas costuras. Além disso, o estado dos calções, desbotados e remendados, e das botas, velhas e esmurradas, não condizia com o dólman, acabado de estrear, não obstante as suas deficiências. Nem seria preciso envergar um arnés de prata brilhante para encarnar mais fielmente a imagem do cavaleiro encantado dos seus sonhos.

- Asliley - disparou-lhe ela à queima-roupa - posso acompanhá-lo à estação?

- Acho melhor que não vá, Scarlett. O meu pai e as minhas irmãs prometeram ir lá despedir-se de mim. Seja como for, prefiro levar a recordação de lhe ter dito adeus aqui e vê-la ficar tiritando de frio na estação. Os últimos momentos são os que custam mais, bem sabe, e eu não quero partir preocupado por sua causa.

Scarlett desistiu imediatamente do plano que traçara. Uma vez que India e Honey, que a detestavam, iriam despedir-se dele à estação, nada lucraria em o acompanhar até lá.

- Nesse caso, não irei - murmurou ela. - Contava dar-lhe este presente no momento em que o comboio fosse a partir, mas assim ofereço-lhe já. Veja e diga-me se gosta.

Um tanto acanhada, agora que chegara a altura de lho entregar, Scarlett estendeu-lhe o embrulho que tinha na mão. Asliley abriu. Continha uma faixa comprida de seda natural, espessa, terminada por uma franja pesada. Rliett Butler trouxera-lhe de Havana, alguns meses antes, um xaile de seda, amarelo, com bordados a vermelho e a azul, que representavam pássaros e flores. Durante toda a semana, Scarlett desmanchara pacientemente o bordado e, cortando o xaile em diversas tiras da mesma largura, ligara-as umas às outras, até obter a faixa com o comprimento desejado.

- P, linda! Foi a Scarlett que a fez? Nesse caso tem muito mais valor para mim. Enrole-me à cintura, por iavor.

363

A rapaziada vai ficar verde de inveja quando me vir aparecer com faixa e casaco novo.

Scarlett passou-lhe a faixa de seda brilhante em torno da cinta, de maneira a não. ocultar o cinturão, e atou as duas extremidades com um laço artístico. Melanie presenteara-a com o dólman, mas aquela faixa fora-lhe oferecida por ela, que a confeccionara com as suas próprias mãos. AshIey usá-la-ia em combate e recordar-se-ia da pessoa que lha tinha dado sempre que olhasse para ela. Sim, aquela faixa era bem um presente seu, a sua recompensa secreta. Afastou-se um pouco e mirou-o, envaidecida. Nem o próprio Jeb Stuart, com a sua cinta dourada e o seu feltro de plumas, podia rivalizar em elegância com o homem que ela elegera para reinar no seu coração.

- J9@, linda! - repetiu AshIey, afagando a franja com os dedos. - Mas decerto inutilizou um vestido ou um xaile para fabricar esta maravilha, Não o devia ter feito, Scarlett. Os tecidos bons e bonitos, como este, custam um dinheirão hoje em dia.

-Oh, AshIey! Eu... Ia a dizer: "Cortaria o próprio coração para tu o usares, se quisesse", mas reprimiu-se a tempo e concluiu:

-...faria tudo só para lhe ser agradável. -Palavra? -perguntou ele e o rosto como que se iluminou de súbito. - Nesse caso, há uma coisa que eu muito agradeceria que me fizesse, Scarlett, algo que contribuiria bastante para me sentir mais tranquilo enquanto estiver ausente.

-O que é? -inquiriu ela, radiante, disposta a prometer milagres.

-Scarlett, é capaz de olhar i)or Me)ly?

- Olhar por... Olhar por Me)ly? Sentiu-se desfalecer, como se a desilusão que acabava de receber lhe houvesse estrangulado o coração. Era aquele então o último pedido que Ashley decidira fazer-lhe, a ela que estava pronta a prometer-lhe algo de extraordinário, algo de espectacular? Uma raiva surda se apossou dela. Passara uma semana inteira à espera de um momento em que pudesse ter Ashley só para si. E eis que de súbito, apesar de ausente, Melanie vinha interpor a sua sombra pálida entre os dois. Como podia ele evocar o nome da mulher num momento daqueles? Como se atrevera a pedir-lhe tão grande sacrifício?

364

Ele, porém, não reparou na expressão de logro que se estampou no rosto de Scarlett. Como tantas vezes o vira fazer outrora, Ashley fitava-a com olhar distante, como se ela fosse transparente ou não estivesse ali.

-Sim, Não a perca de vista e tome cuidado nela. Melanie é duma fragilidade extrema, embora nem sequer tenha consciência disso. Receio que se esfalte a tratar dos feridos e a costurar e que depois - fi~ para aí doente. n tão meiga, tão tímida! Além da tia Pittypat, do tio Henry e de si, não tem mais ninguém no mundo, a não ser uns primos em terceiro grau, os Burrs, que vivem em Macon. Quanto à tia Pitty... bem sabe, Scarlett, que é pior do que uma criança. E o tio Henry está a cair de velho. Melanie gosta de si, não só por ter casado com Charles, mas também por... por ser quem é. Estima-a como a uma irmã. Talvez não queira crer, Scarlett, mas até sinto calafrios quando penso no que será dela se eu morrer e a deixar sem ninguém que a tome ao seu cuidado. Promete?

Scarlett nem chegou a prestar atenção à pergunta que ele lhe fez, tão horrorizada ficou ao ouvi-lo pronunciar aquelas palavras agoirentas: "Se eu morrer".

Lia diàriamente a lista das baixas, com o coração num sobressalto constante, persuadida de que, para ela, <> mundo acabaria se acontecesse alguma coisa a Astiley. Contudo, sempre tivera a intuição de que, muito embora os exércitos da Confederação viessem a ser derrotados em todas as frentes, Ashley escaparia da guerra com vida, são e escorreito. E eis que ele acabava de pronunciar aquelas palavras de mau agoíro! Sentiu percorrer-lhe o corpo um calafrio gelado ao mesmo tempo que um pressentimento sinistro lhe assolava o coração, um pressentimento horrível que não lograva dominar com as armas frágeis do raciocínio. Era supersticiosa como todos os irlandeses principalmente no capítulo respeitante a presságios fúne@res 'e nos olhos cinzentos de Ashley julgou ver uma expressão de profunda tristeza, que podia apenas interpretar como sendo a de um homem queJá sentira no ombro o dedo frígido da Morte.

-Não diga isso! Nem sequer deve pensar nessa possibilidade! Dá azar pensar na Morte! Reze uma oração, depressa!

- Reze-a por mim e, já agora ' acenda também uma

vela, ou duas -disse ele, sorrindo perante o pavor patente na fisionomia da interlocutora.

365

Mas Scarlett não respondeu, aterrorizada pelas visões que a sua imaginação fantasiava e em que invariavelmente, aparecia o cadáver do seu adorado Asliley abandonado sobre a neve lamacenta dos prados de Virgínia, tão longe dela. Ashley continuou a falar, deixando transparecer na voz uma nota de resignação triste que fez aumentar a angústia que a atormentava e diluir os últimos vestígios do ressentimento que pouco antes sentira.

-Faço-lhe este pedido por uma razão muito simples, Scarlett. Ignoro o que me vai acontecer a mim e a todos nós, mas sei que, quando o fim chegar, estarei muito longe daqui, mesmo que ainda me encontre com vida nessa altura. E então ser-me-á absolutamente impossível proteger Mefanie. '

- Quando o fim chegar? O fim de quê?

- Da guerra... e do mundo.

- Mas, Asliley, será possível que acredite na vitória dos yankees? Pois se durante a semana que passou não fez outra coisa senão proclamar que o general Lee...

- Menti, Scarlett. Menti desde o princípio ao fim, como costumam fazer todos os homens que vêm de licença. De que serviria alarmar Melanie e a tia Pittypat com tanta antecedência? Estamos perdidos, Scarlett. Gettysburgo foi o princípio do fim. O povo é que ainda não se apercebeu do facto. Toda esta gente desconhece a gravidade da situação, mas a verdade é que... não poderemos resistir muito mais tempo. A maioria dos meus homens anda descalça e agora a neve tem quase meio metro de altura 'em Virginia. Quando olho para aqueles pobres pés enregelados, envoltos em trapos e em sacos velhos, quando vejo os rastos ensanguentados que deixam atrás de si, sobre a alvura da neve, e penso que uso botas quase novas... até sinto vontade de me descalçar e de marchar como eles...

-Oh, Ashley! Prometa-me que não fará uma coisa dessas!

-Quando comparo as condições em que se batem os nossos soldados com as dos mercenários yankees, acabo sempre por reconhecer que o fim se aproxima a passos de gigante. Os yankees estão a recrutar homens aos milhares, na Europa. Na maior parte os prisioneiros que Últimamente caíram em nosso poder nem sequer sabem falar inglês. São alemães polacos e irlandeses, que falam línguas ininteligíveis. E@quanto nós, se perdemos um só homem que seja,

366

não conseguimos encontrar outro que o substitua. Quando as solas dos sapatos acabam de se romper já não temos outros para calçar. Estamos engarrafados num beco sem saída, Scarlett. E não podemos lutar contra o mundo inteiro.

"Por que não deixas a Confederação entregue ao seu destino? Por que tentas entravar a sua ruína se és o primeiro a concordar que não há nada a fazer?" pensou Scarlett, alucinada. "Que importa que o mundo acabe, desde que tu te salves? Bem sabes que eu não resistiria, se tu morresses!" . -Espero que não repita a ninguém o que acabo de dizer- prosseguiu Ashley.-Não quero alarmar a população. E se tomei a liberdade de lhe confiar os meus receios foi para lhe explicar o motivo que me levou a pedir-lhe que olhe por Melanie. Ela é tão fraca, tão acanhada, e a Scarlett é tão forte e decidida! Será grande conforto para mim saber que estarão sempre as duas juntas, suceda o que suceder. Promete não promete?

- Oh, sim! - exclamou Scarlett. Naquele instante, ao

ver a sombra negra da Morte a procurar envolvê-lo no seu manto gélido, prometeria tudo o que ele lhe pedisse. -

Ashley! Não quero que parta! Não posso deixá-lo ir-se embora, sabendo o perigo que vai correr!

- Coragem, Scarlett - disse ele, e a sua voz mudou de tom. Parecia agora mais grave, mais profunda e quente,

e as palavras saíam-lhe mais fluentemente dos lábios, como que dilatadas por uma sensação fremente. -Precisa de ter coragem, minha querida. De outra forma, como conseguirei eu afastar-me daqui?

Os olhos dela perscrutaram-lhe o rosto, ávidos e radiantes, buscárido a confirmação do significado que dera às suas palavras. Queria Astiley dizer que o desgosto de a deixar lhe dilacerava o coração, da mesma maneira que sucedia com o dela? Mas Ashley tinha as feições contraídas numa expressão triste, análoga à que lhe vira no momento em que chegara ao vestíbulo depois de se ter despedido da mulher, e os seus olhos não revelavam coisa nenhuma. Fitou Scarlett por momentos e, em seguida, curvou-se, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-a ao de leve, na testa.

- Scarlett, Scarlett! É tão bonita tão forte tão generosa! Não é só o seu'rosto que é belo, mas íoda a.sua

ssoa: o seu corpo, o seu espírito, a sua alma.

367

- Oh. Ashley! -murmurou Scarlett, radiante de felicidade, estremecendo ao ouvir o elogio e ao sentir nas faces a carícia dos dedos dele. -Se soubesse como eu...

- Às vezes, agrada-me pensar que ninguém a conhece tão bem como eu que ninguém consegue descortinar as belas qualidades l'atentes no seu íntimo, que eu vejo e os outros não, porque não se detêm a estudar o que existe para além desse rosto, encantador...

Calou-se e deixou cair as mãos ao longo do corpo, continuando, todavia, com os olhos pregados nela. Scarlett, esperou um momento com a respiração suspensa, aguardando que ele contin@asse o discurso interrompido e pronunciasse a palavra mágica. Mas essa palavra não veio.]Ela quedou-se trémula e ansiosa, a examinar-lhe a expressão fision&ffica, tentando descobrir o que AshIey estaria pensando, até que chegou à conclusão de que ele tinha realmente acabado de falar.

Pela segunda vez em tão curto espaço de tempo, Scarlett viu ruírem as suas esperanças. Era mais do que o seu coração podia suportar. Soltou um "Oh!" de desilusão, como uma criança, e deixou-se cair no sofá com os olhos marejados de lágrimas. Através da janela, chegou-lhe então aos ouvidos um rumor vindo da álea que conduzia à rua, um som que lhe trouxe à mente o doloroso pensamento de que Asliley partiria dentro de instantes. Nem um pagão ao ouvir o chapinhar da água contra o costado da barca de Caronte teria sentido angústia maior. Cuidadosamente embrulhado num cobertor de lã, Peter acabava de trazer para a porta principal a carruagem que devia levar Astiley à estação.

Asliley dirigiu-lhe um "Adeus", com voz repass;@d-a de ternura e, tomando de cima da mesa o chapéu de feltro que ela conseguira extorquir a Rhett Butler, encaminhou-se para a porta.

Imobilizou-se de súbito, com a mão sobre a rnaçaneta de bronze e, voltando-se para trás, fitou-a com olhar desesperado, durante longos momentos, como se quisesse levar consigo uma recordação fiel de todos os traços daquela fisionomia, de todas as curvas desse corpo. Através da cortina de lágrimas que lhe velava os olhos, viu o rosto dele, triste, angustiado E com o coração a pulsar-lhe na garganta, pensou qu'e ÁshIey se ia embora para muito longe dela, talvez para sempre, abandonando a atmosfera de tranquilidade que se respirava naquela casa, desaparecendo novamente da sua vida, deixando atrás de

368

si o porto seguro do seu lar, sem lhe ter dito as palavras que ela ardentemente desejava ouvir. O tempo voara e agora já era demasiadamente tarde. Precipitou~se através do vestíbulo e agarrou-o pelas extremidades da faixa que ela própria lhe enrolara em torno da cintura.

- Beije-me - suplicou, num sussurro. - Beije-me antes de partir.

Ashley tornou-a delicadamente nos braços e curvou a cabeça sobre o rosto dela. Ao sentir nos seus o contacto dos lábios dele, Scarlett passou-lhe os braços à volta do pescoço, apertando-o contra si com todas as suas forças. Durante uma fracção de segundo, os dois corpos palpitaram unidos.

Depois, Scarlett sentiu-o retesar os músculos. Como derradeiro recurso, AshIey deixou cair o chapéu e, levantando a mão, conseguiu libertar o pescoço dos braços dela.

-Não, Scarlett, não -disse ele em voz baixa, conservando-lhe os pulsos cruzados nas tenazes férreas dos seus dedos.

- Amo-te -declarou Scarlett, com a voz estrangulada na garganta. - Sempre te amei. Nunca gostei de nenhum outro homem a não ser de ti. Casei com Charles apenas para... para te fazer sofrer. Oh, Ashley, o meu amor por ti é tão grande que não me importaria de palmilhar a pé a distância que nos separa de Virgínia só para ter a satisfação de me encontrar ao teu lado! Cozinhará para ti, engralxar-te-ia as botas, cuidaria do teu cavalo... AshIey, diz que me amas! Diz que me amas e bastará isso para eu viver feliz até ao fim dos meus dias!

Ashley curvou-se bruscamente para apanhar o chapéu e &arlett viu de relance a expressão que tinha estampada no rosto uma expressão infeliz e preocupada, que nunca até então surpreendera nele e

traía a sua luta íntima---em que o amor que lhe dedicava e a satisfação de saber o seu afecto correspondido se digladiavam com o desespero e a consciência das responsabilidades.

- Adeus - disse ele, com voz rouca. Abriu a porta e uma lufada de vento frio invadiu a casa, fazendo drapejar os cortinados. Scarlett estremeceu ao vê-lo correr em direcção à carruagem com a bainha do sabre reluzindo sob o tépido sol de Inverno e a franja da faixa a esvoaçar garbosamente.

24 - Vento Levou - 1

369

16

PASSARAM OS meses de Janeiro e Fevereiro de 1864, fazendo-se assinalar apenas por uma invernada agreste que fustigou os acampamentos dos soldados com chuvas frias e terríveis vendavais. O desânimo toldou o espírito dos sulistas da mesma maneira que as nuvens sombrias toldavam a vasta abóbada do firmamento. Como complemento das derrotas de Gettysburgo e Vicksburgo, a frente das tropas confederadas tinha cedido à pressão do exército yankee ao longo de toda a zona central e, após uma luta sem tréguas, quase todo o território de Tennessee se encontrava agora em poder das forças da União. Mas nem mesmo esta série de desaires abalou a coragem dos heróicos homens de cinzento. Embora as fagueiras esperanças de vitória, que -a princípio tinham acalentado, houvessem cedido lugar a uma vontade férrea de resistir até à última, todos eles vislumbravam ainda uma estreita nesga de luz no, horizonte sombrio que os rodeava. Com efeito, os yankees tinham sido energicamente repelidos em Setembro do ano anterior ao invadirem Geórgia, numa tentativa para explorar o êxito alcançado na campanha de Tennessee.

Fora em Chickamauga, localidade situada a noroeste do Estado, que se travara a mais importante batalha ocorrida no território georgiano desde o início das hostilidades. Após a tomada de Chattanooga, os yankees, avançando pelos desfiladeiros haviam penetrado no território, mas tinham sido rechaçados com pesadas baixas.

Atlanta com os seus caminhos de ferro desempenhara papel primordial na vitória das forças do Sul em Chickamauga. Fora pelas vias férreas que ligavam Atlanta a Virgínia e a Tennessee que o regimento comandado pelo general Longstreet se fizera transportar, a toda a pressa, até ao teatro da luta. Num percurso de várias centenas de milhas, as linhas tinham sido desimpedidas e todo o material rolante existente no Sul fora mobilizado para assegurar o transporte das tropas.

Durante horas seguidas Atlanta assistira ao desfile de algumas dezenas de comboios, compostos por carruagens de passageiros e mercadorias, que atravessavam a cidade

370

apinhada de soldados barulhentos. Todos eles tinham embarcado à pressa, sem dormir, sem comer, sem as respectivas montadas, sem serviço de abastecimento ou de assistência médica a que pudessem recorrer, e assim, sem repouso nem alimento, haviam tomado parte no combate. E de tal forma se portaram que os yankees não tiveram outro remédio senão abandonar o solo de Geórgia e entrincheirar-se de novo em Tennessee.

Foi o maior feito da guerra e Atlanta exultou, orgulhosa dos seus caminhos de ferro, pois sabia que sem eles não teria sido possível alcançar aquele estrondoso êxito.

A notícia da vitória de Chickamauga teve notável repercussão em todo o Sul, cuja população vinha necessitando havia muito tempo já dum incentivo semelhante para conservar o moral intacto através da quadra invernal. Já ninguém punha em dúvida a coragem dos soldados yankees nem o valor dos seus generais. Grant era um autêntico carniceiro, que não olhava a sacrifícios humanos ou materiais para obter uma vitória, única coisa que lhe interessava, e o nome de Sheridan bastava para causar calafrios a todos os meridionais. Além destes dois, havia ainda outro, chamado Sherman, que era citado cada vez com mais frequência e que durante as campanhas de Tennessee e do Oeste granjeara reputação de grande cabo-de-guerra, a qual vinha firmando dia a dia.

Nenhum deles, evidentemente, se podia comparar ao general Lee. Ainda não sofrera quebra a confiança dos sulistas nos seus soldados e no comandante supremo dos seus exércitos. A fé na vitória final nunca os abandonara. Mas a guerra arrastava-se há tanto tempo! E era já tão grande o número de mortos de feridos, de mutilados de viúvas e de órfãos, embora a luta ainda estivesse muito longe do seu termo! Até lá, quantos mortos feridos, mutilados, viúvas e órfãos as balas, as epidemias e os estilhaços de granadas não causariam mais?

Para agravar a situação, começava a insinuar-se no espírito da população uma vaga desconfiança quanto à competência das pessoas que ocupavam os cargos mais importantes. Muitos jornais acusavam abertamente o próprio Presidente Davis, censurando a maneira como estava a conduzir a guerra. Havia graves divergências entre os ministros confederados e cada vez eram mais notórias as dissensões entre o Presidente e os generais. A moeda des-

371

&ÊW

valorizava-se dia a dia com rapidez alarmante. Os combatentes queixavam-se da falta de calçado, e de vestuário e a provisão de mantimentos e de remédios decrescia assustadoramente. A administração dos caminhos de ferro precisava de vagões novos para substituir os que se avariavam e carris com que reparar os danos causados pelas forças yankees nas vias férreas que asseguravam as comunicações com o Norte. Os comandantes dos exércitos em campanha reclamavam com urgência tropas frescas, quase impossíveis de recrutar. E, como se tal não bastasse para tornar a situação desesperada, alguns dos governadores estaduais entre os quais figurava o governador Brown, de Geórgia ainda se recusavam a enviar contingentes das milícias policiais e guardas civis para as frentes de batalha. Contavam-se por milhares os homens capazes de pegar em armas alistados nas forças de segurança interna, mas resultavam inúteis todos os esforços do governo no sentido de conseguir arrastá-los para a luta, não obstante o Exército necessitar de novos efectivos para fazer face às investidas do inimigo.

Com a desvalorização da moeda os preços subiram ainda mais. A carne de vaca e a de porco bem como a manteiga, custavam trinta e cinco dólares o arrátel, e uma barrica de farinha de trigo não poderia ser obtida por menos de mil e quatrocentos dólares. O arrátel de soda era vendido por cem dólares, e o chá por quinhentos. Os agasalhos, cada vez mais raros, haviam atingido preços proibitivos de tal forma que as mulheres de Atlanta não tinham outro recurso senão o de forrar os vestidos velhos de trapos reforçados com folhas de jornal a fim de enfrentarem o frio do Inverno. O preço dos sapatos oscilava entre duzentos e oitocentos dólares, consoante fossem fabricados com percalina ou couro autêntico. As mulheres usavam polainas feitas de antigos xales de lã ou de tapetes e as solas dos sapatos que calçavam eram de madeira.

Embora muitas pessoas ainda não houvessem dado por isso, a verdade é que o Norte estava sujeitando o Sul a um cerco implacável. As canhoneiras yankees tinham apertado o bloqueio dos portos confederados e eram pouquíssimos os barcos que logravam iludir a sua vigilância. O Sul sempre vivera do produto da lavoura do algodão, com o qual depois comprava tudo aquilo que o seu solo fértil não produzia. Agora, porém, encontrava-se completamente impossibilitado de efectuar transacções comerciais

372

com o exterior. Gerald O'Hara tinha armazenado num alpendre anexo à adega de Tara as colheitas de três anos consecutivos mas de nada lhe valia isso. Em Liverpool, esses milhares de fardos render-lhes-iam pelo menos cento e cinquenta mil dólares; a dificuldade residia em descobrir maneira de os fazer chegar até Inglaterra. Gerald, que antes da guerra vivia sem quaisquer preocupações, não sabia agora como sustentar a família e os escravos durante o Inverno. Quase todos os plantadores do Sul se encontravam na mesma situação. Com o bloqueio cada vez mais eficaz da armada yankee não havia possibilidade de abastecer o mercado algodoeiro de

Inglaterra nem de adquirir, com o produto das vendas efectuadas os artigos de que a Confederação necessitava. E uma @egião essencialmente agrícola como o Sul, para fazer frente a uma potência industrial como a do Norte, precisava de imensas coisas que nunca em tempo de paz sonhara adquirir.

A situação era de molde a favorecer as actividades dos especuladores e comerciantes oportunistas que pululavam por toda a parte e não deixavam fugir nenhuma oportunidade de enriquecer, embora à custa da miséria, alheia.

O clamor do povo contra os especuladores foi ganhando incremento à medida que escasseavam os géneros e os artigos de vestuário e subiam os preços respectivos até que, nos princípios de 1864, todos os jornais publicaram longos editoriais protestando contra "esses parasitas e sanguewugas da população sulista" e solicitando a intervenção do governo para tomar as providências drásticas que o caso requeria. O governo fez o que pôde, mas os seus esforços resultaram improficuos, pois urgia resolver problemas muito mais importantes de ordem militar.

Ninguém inspirava tanta aversão ao povo como Rhett Butler, que tratara de vender os seus quatro navios assim que a esquadra yankee redobrou de vigilâncias e se dedicava agora à especulação com géneros alimentícios. Os boatos que chegavam a Atlanta, via Richmond e Wilmington, faziam corar de vergonha as pessoas que o haviam recebido outrora.

Não obstante todas estas provações, a população de Atlanta duplicara durante os três anos de guerra, computando-se agora em cerca de vinte mil almas. Até o bloqueio contribuía para aumentar o prestígio da cidade. Desde

373

tempos imemoriais que " postos marítimos da Confederação dominavam o Sul, não só no capítulo comercial como em todos os outros. Presentemente, porém estavam bloqueados os poucos portos que ainda não tinham caído nas mãos dos yankees, pelo que o Sul apenas podia contar com os seus próprios meios. O interior era o que interessava agora, se o Sul queria ganhar a guerra, e Atlanta encontrava-se situada mesmo ao centro do interior. A população da cidade estava passando pelos mesmos transe e sofrendo as mesmas crises que o resto da Confederação, mas Atlanta lucrava com a guerra mais do que perdera. Atlanta, verdadeiro coração da Confederação, continuava a pulsar sem desfalecimento, impulsionando ao longo das vias férreas, que eram as suas artérias um fluxo ininterrupto de homens, munições e abastecim'entos.

Noutra ocasião qualquer Scarlett teria vergonha de usar vestidos velhos e sapatos tão remendados como os, que trazia agora, Nas circunstâncias, porém, em que se via, não se importava absolutamente nada, tanto mais que a pessoa que realmente lhe interessava não estava ali para assistir a isso. Durante aqueles dois meses ela experimentou uma felicidade que não sentia havia muitos anos já. Não escutara o bater apressado do coração de Ashley, quando lhe passara os braços à volta do pescoço? Não vira o seu olhar desesperado, mais eloquente do que todas as confissões que a sua boca pudesse fazer? Ashley arnava-a. Estava certa disso e essa certeza,tornava-a tão feliz que passou a tratar a cunhada com mais afabilidade. Melanie inspirava-lhe dó, e um pouco de desprezo também, pela sua cegueira, e estúpide2

z. "Logo que esta guerra acabe", dizia Scarlett. de si para si, "nessa altura, então ... "

Às vezes pensava com leve aperto no coração: "Então, o quê?" Mas afastava resolutamente essa, dúvida do pensamento. Quando a guerra terminasse tudo se arranjará, duma maneira ou de outra.

Se Ashl@y a amava não era justo que continuasse a viver com Melanie,

Mas de forma nenhuma podia ser admitida a hipótese, dum divórcio. Ellen e Gerald católicos intransigentes, não consentiriam nunca que a tilha desposasse um homem divorciado, Seria o mesmo que renegar a religião. Scarlett pensou no caso a. sério e chegou à conclusão de que, se

374

um dia tivesse que escolher entre a Igreja e Asliley, preferiria o último. Provocaria um escândalo enorme, é claro, visto que os divorciados ficavam à margem não só da igreja mas também da sociedade. Por amor de Ashley, porà@, arrostaria com todos os perigos. Não havia sacrifícios que não estivesse disposta a fazer.

E quando aquele conflito terminasse, tudo se arranjará por si mesmo, disse tinha ela a certeza. Se Ashl@y.a amava tanto como lhe dera a entender, decerto conseguiria encontrar maneira de sair daquela situação. Ela própria o ajudaria a achar o remédio. E, à medida que os dias iam passando, mais se lhe arreigava no espírito a convicção de que Ashley estava apaixonado por ela a certeza de que, uma vez batidos os yankees, seriam re@n<>vidos todos os obstáculos que agora a separavam dele. Era verdade que Ashley havia afirmado que a vitória caberia às tropas da União, mas Scarlett não dera crédito às suas palavras, O marido de IVne anie devia estar cansado e aborrecido quando emitira semelhante opinião. Na realidade, deixava-a indiferente a perspectiva de os abolicionistas vencerem. Apenas lhe interessava ver a guerra acabada para que Asliley pudesse regressar a casa. Foi durante o mês de Março época em que os aguaceiros obrigavam toda a gente a r@fugiar-se em casa, que um golpe tremendo feriu Scarlett. Com os olhos brilhantes de alegria, curvando levemente a cabeça cheia duma timidez em que se misturava um pouco de or@ulho, Melanie anunciou-lhe que ia ser mãe.

-O Dr. Meade disse-me que a criança deve nascer em fins de Agosto ou princípios de Setembro. Eu já desconfiava, mas não tinha ainda a certeza. Oli, Scarlett, não achas que é tão bom?! E eu que te invejei tanto por causa de Wade! Sempre desejei ardentemente ter @m filho e estava com receio de o não conseguir nunca. Agora quero, pelo menos, uma dúzia.

Diante do toucador, Scarlett preparava-se para se pentear, antes de se meter na cama, quando Melanie aparecera para lhe dar a novidade.

-Santo Deus! -exclamou Scarlett. No primeiro ins~ tante não apreendeu bem o significado das palavras que acabava de ouvir. De repente, porém, voltou a. ver diante de si a porta fechada do quarto de Melanie e uma dor aguda trespassou-lhe o coração, como se As@ley fosse o

375

seu próprio marido e a tivesse atraído. Um filho! Um filho de Astiley! Como podia Ashley ter procedido assim, se era a ela que amava e não a Melanie?

-Eu já calculava que isto seria grande surpresa para ti -continuou Melanie ' quase sem fôlego. - Tenho a impressão de que estou a sonhar. Ol-@, Scarlett, nem sei como hei-de participar a novidade a Ashley! Custar-me-ia muito menos dizer-lhe de viva voz, ou então... deixar que percebesse a pouco e pouco...

- Santo Deus! - repetiu Scarlett quase num soluço.

O pente escapou-se-lhe por entre o@ dedos e mal teve tempo de se encostar ao toucador para não cair.

- Não te aflijas, minha querida! Ter um filho não é assim tão difícil como isso. Tu mesma mo afirmaste muitas vezes. Não quero que te apoquentes por minha causa, embora agradeça o teu interesse por mim. O Dr. Meade, é claro, disse-me que' eu sou... - Uma onda de rubor alastrou pelas faces pálidas de Melanie -...que eu sou muito estreita de ancas, mas que talvez a criança nascesse sem dificuldade. Searlett, quando descobriste que estavas grávida, escreveste a Charles dizendo-lhe o que se passava? Ou foi tua mãe que se encarregou disso? Talvez tivesse sido o teu pai, não? Oli, se ao menos a minha mãe ainda fosse viva, talvez ela gostasse de dar a notícia a Ashley! 1@ que eu nem sei como...

---Cala-te! - gritou Scarlett, furiosa. - Cala-te!

- Oli, Scarlett, sempre sou muito estúpida! Sinto muito, minha querida! As pessoas felizes são sempre egoístas. Estou tão contente que até me esqueci de que Charles...

- Cala-te! - repetiu Scarlett, tentando recompor-se da comoção que, por momentos, a assaltara. Por nada deste mundo -queria que Melanie suspeitasse do que se estava passando no seu íntimo. -

Melanie sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas. Tinha levado a sua crueldade ao ponto de recordar a Scarlett a tristeza daquele dia em que havia dado à luz Wade, alguns meses depois de Charles ter morrido. Que leviandade a sua, santo Deus!

- Vou ajudar-te a despir o vestido, minha queridíssima humildemente. -Em seguida, escovar-te-ei os cabelos.

- Deixa-me sózinha-ordenou Scarlett, friamente. E Melanie, desfeita em pranto, apressou-se a sair do quarto. Profundamente ferida no seu orgulho e com o coração a reben-

376

tão de inveja, Scarlett atirou-se para cima da cama, sem verter uma única lágrima.

Pensou, cheia de desespero que não podia viver nem mais um dia na companhia de >uma mulher que ia ter um filho de Ashley. Só lhe restava voltar para casa, regressar a Tara, que, afinal de contas era o seu verdadeiro lar, Não poderia encarar de novo Melanie, sem trair o seu segredo. Quando se levantou, na manhã seguinte, estava firmemente resolvida a fazer as malas e a partir sem demora após o primeiro almoço. Sentadas à volta da mesa, Pitty e as duas sobrinhas guardavam um silêncio constrangido. Scarlett parecia a, cabrunhada, Pitty nervosa, Melanie triste e inquieta. A refeição estava quase no fim quando entrou na sala um criado, que trazia na mão um telegrama.

Fora expedido por Mose, criado de quarto de Asliley, e rezava o seguinte:

Procurei-o por toda a parte. Não consegui encontrá-lo. Devo regressar?

Ninguém sabia o que aquilo queria dizer, mas as três mulheres entreolharam-se, cheias de terror.

Scarlett esqueceu, por completo, a sua resolução de voltar para Tara. Sem pensarem em acabar de comer, saíram imediatamente a fim de telegrafarem ao comandante de Aghley. Na estação do correio, porém encontraram um telegrama dirigido pelo coronel a Melanie e cujo teor era o seguinte:

Sinto informar major Wilkes não respondeu chamada desde expedição reconheci,7nento, há três dias. Continuarei dando notícias.

A viagem de regresso foi lúgubre. A tia Pitty chorava, tapando os olhos com o lenço; Melanie, lívida, conservava uma imobilidade de estátua; quanto a Scarlett, sentara-se a um canto da carruagem, demasiadamente atordoada para poder pensar. Logo que chegou a casa, subiu a correr as escadas que levavam ao andar de cima. Entrou no seu quarto e, pegando no rosário que estava sobre a mesa de cabeceira, ajoelhou-se sobre o tapete. Quis rezar uma oração, mas não lhe ocorreu nenhuma. Assaltou--a, então, uma onda de terror. Tinha pecado e Deus desviara dela o Seu olhar misericordioso. Além de amar um homem casado,

377

tentara roubá-lo à mulher e Deus castigara--a, ditando a morte dele. De novo procurou orar, sem todavia se atrever a levantar os olhos para o Céu. Queria chorar, mas as lágrimas pareciam acumular-se-lhe no peito, queimando-a como ferro em brasa.

A porta do quarto abriu-se suavemente e Melanie entrou. O seu rosto assemelhava-se a um coração recortado em papel branco e emoldurado pela massa escura dos cabelos. Os olhos, esbugalhados, pareciam os duma criança assustada, perdida na escuridão.

- Scarlett - murmurou, estendendo as mãos - desculpa o que te disse ontem. Tu és... tu és tudo o que me resta, agora. Tenho a certeza de que o meu querido Asliley morreu, Scarlett!

Caiu nos braços da cunhada, sem que esta pudesse dizer como. Os seios, pequeninos arfavam tumultuosamente, sacudidos por soluços. Scarlett desequilibrou-se e as duas raparigas tombaram sobre a cama, agarradas uma à outra. Contagiada pela angústia de Melanie, Scarlett pôs-se a chorar também, com o rosto encostado ao da cunhada. As lágrimas, de ambas confundiam-se numa só torrente.

O pranto era doloroso, mas pior seria não poder chorar. "Ashley morreu ..." pensou Scarlett; "está morto... e fui eu que o matei com o meu amor". Os soluços brotavam-lhe do peito em vagas

sucessivas, fazendo-a estremecer violentamente. Reconfortada pelas suas lágrimas, Melanie apertou-a mais ternamente contra si.

-Ao menos- segredou-lhe ela ao ouvido- _ao menos, deixou-me o filho.

"E a mim", pensou Searlett, muito angustiada agora para experimentar sensações mesquinhas como a inveja, "a mim não me deixou nada... nada a não ser a recordação do seu rosto, no momento em que me disse adeus".

Os primeiros comunicados diziam apenas: "Desaparecido -dado como. morto", pelo que o nome de Ashley figurava na lista das baixas. Melanie telegrafou uma dúzia de vezes ao coronel Sloan e acabou por receber uma carta de condolências na qual o comandante do grupo lhe explicava que Astiley tinha partido à testa dum esquadrão de cavalaria, em missão de reconhecimento, e que não mais, tornara a ser visto. Constava que tinha travado uma breve escaramuça no interior das linhas ya-nkees, e Mose, louco de dor, de-

378

balde arriscara a vida em busca do cadáver do amo. Melanie, que após a crise inicial ficara singularmente calma, remeteu-lhe um vale telegráfico, ordenando-lhe que regressasse a casa. Quando o nome de Ashley apareceu incluído na lista dos que eram dados como tendo caldo nas mãos do inimigo, uma tênue esperança ralou no espírito das três mulheres. Melanie passava os dias à porta da estação do telégrafo e assistia à chegada de todos os comboios, à espera de notícias, ou duma carta tranquilizadora. O seu estado de saúde deixava muito a desejar, tanto mais que a gravidez se fazia sentir através de inúmeras manifestações desagradáveis. No entanto, recusava-se a obedecer às instruções do Dr. Meade, que a aconselhava a não sair da cama. Apoderara-se dela um nervosismo febril, que a não deixava parar um momento quieta, e, à noite, muito depois de se ter deitado, Scarlett ouvia-lhe ainda o rumor dos passos no quarto contíguo.

Numa tarde, Scarlett viu-a regressar a casa no trem conduzido pelo Peter, amparada ao braço de Rhett Butler, e teve um sobressalto ao reparar na expressão patente no rosto do velho cocheiro. Melanie desmaiara no posto do telégrafo e Rhett, que por acaso ia a passar no local e se aproximou para averiguar o que acontecera, transportou-a à carruagem. Searlett desceu para abrir a porta a Rhett que, pegando em Melanie ao colo, subiu as escadas e foi depô-la na cama, enquanto a criadagem se precipitava em todas as direcções, acorrendo com a garrafa do whisky, com lençóis, cobertores e tijolos quentes.

-Senhora Wilkes -inquiriu Rhett, de súbito, depois de lhe ter ajeitado as almofadas debaixo da cabeça -a senhora está para ter uma criança, não está?

Se Melanie se não sentisse tão mal, tão fraca e tão desgostosa, decerto teria desmaiado ante a inconveniência da pergunta. Até perante as amigas ficava embaraçada sempre que se referia ao seu estado e as visitas que fazia ao Dr. Meade constituíam para ela obrigações vexatórias. E tal pergunta feita por um homem, especialmente por um homem como Rhett Butler, era uma coisa inconcebível. Mas sentia-se tão débil, tão desanimada, que não pensou em nada disso. limitando-se a acenar a cabeça afirmativamente. SÓ depois de o ter feito, verificou que não havia nada de vergonhoso naquela confissão muda.

-Então, precisa de ter mais cuidado consigo-disse

379

ele, fitando-a com uma expressão afectuosa a iluminar~lhe o rosto. - Essas correrias e apoquentações de nada poderão valer-lhe e talvez prejudiquem o seu filho. Se me permite, senhora Wilkes, usarei toda a minha influência junto das autoridades de Washington, a fim de averiguar a sorte de seu marido. Se ele está prisioneiro, o seu nome deve constar das listas federais; caso não esteja... enfim, não há nada pior do que a incerteza. Mas para isso tem de me prometer que terá cuidado consigo, pois de contrário, acredite, não darei um só passo,

- Oli, é tão gentil! - exclamou Melanie. - Como pode haver gente capaz de dizer a seu respeito coisas tão desagradáveis?

E, consciente da sua falta de tacto, horrorizada por se ter visto na necessidade de confessar o seu estado, Melanie começou a chorar. Scarlett, que entrou no quarto a correr, com um tijolo quente embrulhado numa flanela, encontrou Rhett a afagar-lhe a mão.

Butler cumpriu a sua promessa. Nunca chegaram a saber quais os cordelinhos que ele manejou. Receavam fazer-lhe perguntas, convencidas de que uma resposta sincera implicaria a confissão das relações que mantinha com certos elementos das esferas oficiais yankees. Passou-se um mês antes que ele obtivesse notícias, notícias essas que as deixaram radiantes ao princípio, mas que mais tarde lhes despertaram dolorosa ansiedade.

Ashley não morrera! Tinha sido ferido e feito prisioneiro e, segundo constava dos comunicados yankees, encontrava-se em Rock Island, campo de concentração situado no Illinois. Quando Rhett lhes deu a novidade, não pensaram em mais nada, a não ser que ele estava vivo. Mas, passado, os primeiros momentos de excitação, as duas raparigas entreolharam-se e exclamaram: "Em Rock Island!" no mesmo tom em que teriam dito: "No Inferno!" Porque, assim como Andersonville era um nome que horrorizava, os yankees, também Rock Island enchia de pavor o coração dos sulistas que tinham parentes presos nesse campo.

Quando Lincoln se recusava a trocar prisioneiros na esperança de que os encargos que para os confederados representaria um campo de concentração viessem a apressar o fim da guerra, já em Andersonville se contavam por milhares os yankees presos. Os sulistas contavam com um racionamento severo e quase não dispunham de medica-

mentos nem de ligaduras para socorrer os seus feridos e doentes, pelo que pouco tinham que partilhar com os prisioneiros. Alimentavam-nos do mesmo modo que aos seus soldados, com toucinho e ervilhas secas, dieta que, desagradava aos yankees, os quais morriam como moscas, chegando o número de vítimas a atingir por vezes uma centena por dia. Indignados com as informações acerca do que se estava passando em Andersonville, os abolicionistas resolveram exercer represálias e infligiram aos prisioneiros confederados tratamento ainda pior. As condições de vida em Rock Island tornaram-se simplesmente pavorosas. Cada grupo de três homens recebia apenas um cobertor para se agasalhar, a alimentação era escassa e mal preparada, e a mortandade causada pela varíola, febre tifóide e pneumonias granjeou àquele campo a fama dum lazareto. Do total de homens que nele entraram três quartas partes não saíram de lá com vida.

E Ashley encontrava-se prisioneiro naquela mansão da morte! Ashley não morrera, mas fora ferido e quem sabe que tormentos não estaria passando em Rock Island, onde a neve devia ter atingido já uma altura considerável. Quem sabe se ele não teria morrido em consequência dos ferimentos recebidos depois que Rhett tivera notícias? Quem sabe senão teria sido vítima da varíola? Quem sabe se não estaria delirando com uma pneumonia, sem nenhum cobertor para o agasalhar? -Oh, capitão Butler, não haverá maneira... não poderá empregar de novo a sua influência para conseguir trocá-lo por outro prisioneiro? - inquiriu Melanie.

- Lincoln, o misericordioso e justo, chora copiosamente a morte dos cinco filhos da senhora Bixby, mas não verte uma lágrima sequer pelos milhares de yankees que agonizam em Andersonville - respondeu Rhett, com um sorriso irónico. - Pouco se lhe dá que morram todos. A ordem é irrevogável. Não haverá troca de prisioneiros. Eu... eu não lhe quis dizer isto antes, senhora Wilkes, mas a verdade é que o seu marido teve um ensejo de recuperar a liberdade e recusou.

- Oh, não! -exclamou Melanie incrédula.

- n como lhe digo. Os yankees estão a recrutar, entre os prisioneiros, homens para dominar as revoltas dos índios. Todos aqueles que prestarem juramento de fidelidade e se -alistarem por um período de dois anos no serviço de

fronteira serão postos em liberdade e enviados para o Oeste.

O senhor Wilkes não aceitou.

- Mas porquê? - exclamou Scarlett. - Porque não terá ele prestado juramento? Poderia desertar e regressar a Atlanta, assim que saísse da prisão.

Melanie voltou-se para a cunhada, como uma fúria. - Como te atreves a supor Ashley capaz de uma coisa dessas? Querias que ele traísse a confederação fazendo um juramento degradante, para depois trair também a palavra dada aos yankees? Prefiro que me digam que morreu em Rock Island a saber que aceitou semelhante proposta, Sentir-me-ia orgulhosa se ele morresse na prisão, mas se cometesse semelhante vileza nunca mais desejaria vê-lo à minha frente. Nunca mais! Ainda bem que recusou.

Scarlett, acompanhou Rhett à porta e, no momento em que se despediu dele, perguntou-lhe indignada:

- Se o senhor estivesse no lugar de Ashley, não se alistaria para lutar ícontra, os Índios, a fim de poder fugir?

- Isso nem se pergunta - respondeu Rhett, com um sorriso que deixou entrever duas fileiras de dentes brancos sob o bigode negro.

- Então, porque é que Ashley procedeu assim? - Porque é um cavalheiro - esclareceu Rhett. E Scarlett ficou pasmada, à porta, pensando como seria possível imprimir tanto cinismo e desprezo a uma palavra tão digna.

382

TERCEIRA PARTE

17

CiiEGou o mês de Maio de 1864 -um Maio quente e seco que estiolava as flores ainda em botão, Os yankees do general Sherman encontravam-se de novo em Geórgia, para cima de Dalton, a cem milhas a noroeste de Atlanta. Corria o boato de estar iminente uma dura batalha próximo da fronteira entre Geórgia e Tennessee. As forças da União concentravam-se para um ataque à linha férrea que ligava Atlanta com Tennessee e o Oeste, na região onde as tropas do Sul tinham arremetido contra os invasores, no Outono precedente, para alcançarem a vitória de Chickamauga. Mas a perspectiva dum combate nas vizinhanças de Dalton não perturbava grandemente os habitantes de Atlanta.

O ponto de concentração dos yankees encontrava-se situado apenas a algumas milhas a sueste do campo de batalha de Chickamauga. As tropas abolicionistas já tinham sido repelidas uma vez ao tentarem transpor a passagem das montanhas e seriam rechaçadas novamente.

Atlanta e Geórgia inteira não ignoravam a extraordinária importância que para a Confederação revestiam todas as parcelas do seu território e, por consequência, tinham a certeza de que o general Joe Johnston não permitiria que os yankees permanecessem eternamente dentro das suas fronteiras, O velho Joe e o seu exército não consentiriam que um só invasor conseguisse passar para o sul de Dalton, pois disso dependia o funcionamento normal de toda a máquina bélica da Confederação. E Geórgia, que a guerra até ali deixara quase incólume, era o vasto celeiro, a oficina, o entreposto de todo o Sul. Grande parte da pólvora e das munições que o Exército requisitava bem como quase todos os artefactos e tecidos de algodão e lã eram manufacturados nas suas instalações industriais. Entre Atlanta e Dalton ficava situada a cidade de Rome, com a sua fundição de canhões e outras fábricas igualmente importantes, e as de Etowah e Allatoona, cujos centros metalúrgicos cobriam uma vasta área ao sul de Richmond.

383

E em Atlanta erguiam-se não só as fábricas de armamento, de selas, tendas e munições, como os maiores laminadores, as oficinas gerais da empresa ferroviária e os grandes hospitais. Era ainda em Atlanta que se cruzavam as quatro vias férreas de que dependia o futuro da Confederação.

Talvez por isso ninguém parecia preocupar-se. No fim de contas, Dalton fica ainda muito longe, no término da linha do Norte, combatera-se durante nada menos do que três anos em Tennessee, e o povo já se habituara a considerar esse Estado como um campo de batalha distante, quase tão afastado como Virgínia ou o rio Mississippi. Além disso, o velho Joe e os seus homens estavam alerta, prontos a repelirem as arremetidas dos yankees e a defenderem Atlanta. Toda a gente sabia que, além do general Lee, não havia outro cabo-de-guerra como o general Johnston, agora que Stonewall Jackson fechara os olhos para sempre.

O Dr. Meade expressou de forma bem eloquente o ponto de vista da população civil, quando numa noite quente de Maio, sentado sob o alpendre da residência de Pittypat, declarou que Atlanta nada tinha a recear, uma vez que o general Johnston transformara as montanhas numa muralha de ferro. A sua afirmação produziu nos restantes convidados as mais variadas reacções, pois todas as pessoas que se encontravam ali presentes, gozando tranquilamente o crepúsculo vespertino e observando as evoluções caprichosas dos primeiros pirilampos, tinham sérias preocupações a perturbar-lhe o espírito. Com a mão no braço do filho, a senhora Meade pediu a Deus que as palavras do marido correspondessem à realidade dos factos. Se a guerra se prolongasse, Phil teria de ir juntar-se aos infelizes que lutavam no Norte. Contava já dezasseis anos de idade e fazia parte da Guarda Civil, pelo que seria dos primeiros a marchar. Magra e olheirenta desde que se ferira a batalha de Gettysburgo, Fanny Elsing procurou afastar do pensamento o quadro torturante que a obcecava havia meses--a imagem do tenente Dallas McLure agonizando sobre um carro de bois desconjuntado, à chuva, durante a trágica retirada para Maryland.

Com o braço mutilado a doer-lhe outra vez, o capitão Carey Ashburn sentia-se completamente deprimido ao verificar a indiferença com que Scarlett acolhia a sua corte. A notícia do cativo de Ashley ditara uma modificação

384

radical na atitude da rapariga para com os seus inúmeros admiradores, mas, infelizmente, a relação entre os dois factos ainda não ocorrera ao seu novo pretendente. Scarlett, e Melanie pensavam em Ashley, como normalmente sucedia sempre que não tinham nada de importante que fazer nem as preocupava a obrigação de sustentar conversa. "Deve ter morrido", pensava Scarlett, com amargura. "De contrário já teríamos recebido novas dele". Entretanto Melanie, que passava os dias inteiros combatendo desesperadamente o desânimo que teimava em a invadir, dizia de si para si: "r@@ impossível que ele tenha morrido. Não me assaltou nenhum pressentimento... Decerto que não morreu". Rhett Butler continuou recostado na cadeira, com as pernas cruzadas negligentemente, pondo em evidência os sapatos brilhantes, de óptimo cabedal. Tinha no rosto moreno uma expressão enigmática e os olhos pareciam vaguear pelo espaço à sua frente. O pequeno Wade Hampton dormia, tranquilamente nos braços dele, com o ossinho de frango - o amuleto milagroso - apertado na mão rechonchuda. Scarlett deixava o filho ficar a pé até mais tarde sempre que Rhett ia lá a casa, pois que o tímido Wade gostava imenso dele, e Rhett-coisa curiosa! -parecia retribuir

* afeição da criança, Geralmente, Scarlett aborrecia-se com

* presença do filho, mas a verdade é que o garoto se portava sempre com juízo, desde o momento em que Rhett lhe pegava ao colo. Quanto à tia Pitty, essa, coitada, prosseguiu nervosamente na sua luta contra as eructações sem dúvida provocadas pelas parcas febras dum galo velho que ingerira ao jantar.

Nessa manhã, Pittypat tomara a lamentável decisão de matar o patriarca da capoeira, antes que ele morresse de velhice e de saudades do harém devorado havia muito. Durante vários dias o pobre galo definhara no. galinheiro vazio, demasiadamente triste para cantar. Depois de Peter haver torcido a este o pescoço, Pittypat, temendo os remorsos de se regalar com ele em família quando tantos amigos seus não provavam galinha havia tão longos meses, alvitrou que se fizessem convites para o jantar. Melanie, que já se encontrava no quinto mês de gravidez e que, por isso, não desejava mostrar-se em público nem receber visitas, não gostou da ideia, mas a tia, desta vez, revelou

teimosia inabalável. Comer o galo sàzinha seria manifestação de egoísmo. E bastava que Melanie pusesse a saia de balão

25 - Vento Levou - I

385

um pouco mais ao de cima para que ninguém notasse fosse o que fosse, de mais a mais magra como ela estava.

-Mas a tia bem sabe que não me dá prazer nenhum receber seja quem for, quando Ashley...

-Tu falas como se ele... como se ele tivesse morrido

- atalhou a solteirona com voz trémula, pois no seu foro íntimo tinha a certeza de que Ashley morrera. -E ele está vivo como qualquer de nós ' podes crer. Deves procurar distrair-te. Vou convidar também Fanny Elsing. A mãe dela pediu-me que a animasse e que a convencesse a voltar ao convívio da sociedade---

-Oh, tia, é uma crueldade obrigá-la a sair de casa, tendo Dallas morrido há tão pouco tempo!...

- Bem, Melly, não discutas mais comigo, se não queres que eu desate para aqui a chorar... Lembra-te de que sou tua tia e de que tenho muito boa idade para saber o que faço. Hoje, por exemplo, quero convidar os meus amigos.

E foi assim que a tia Pitty logrou levar a sua avante. À última hora, porém, apareceu-lhe um hóspede que ela não esperava, nem tão-pouco desejava. O cheiro do galo assado enchia a casa quando 'bateu à porta Rhett Butler, de volta duma das suas misteriosas viagens. Sobraçava uma caixa de bombons enormes, envolta em papel arrendado, e tratou de lisonjear a tia Pitty com uma série de galanteios de duplo sentido. A solteirona resignou-se. Não tinha outro remédio senão convidá-lo a ficar para o jantar, não obstante a aversão que o Dr. Meade e a mulher demonstravam por ele e a irritação que causava a Fanny Elsing a presença dum homem à paisana. Na rua, nem os Meades, nem os Elsings lhe dirigiam a palavra, mas em casa duma pessoa amiga tinham, evidentemente, que usar de cortesia. Rhett sentia-se agora, mais do que nunca, sob a protecção da frágil Melanie. A partir do momento em que ele tomara a peito conseguir notícias de Ashley, Melanie fizera constar publicamente que as portas da sua casa estariam sempre abertas para receber o capitão Butler, a despeito dos comentários que o mundo fizesse a seu respeito.

A atitude afável de Rliett tranquilizou logo de início a tia Pitty, dissipando-lhe as apreensões. Rhett consagrou as suas atenções a Fanny Elsing com uma deferência tão simpática que ela acabou por sorrir e a refeição decorreu num ambiente de cordialidade. Foi um jantar principesco. Carey Asliburn trouxera um pouco de chá (que encontrara

386

na tabaqueira dum prisioneiro yankee que ia a caminho de Andersonville), o que Dermitiu servir a todos os convidados uma xícara da preciosa bebida, a qual no entanto sabia levemente a rapé.

Coube a cada um, além duma fatia de galo coriáceo, uma ração de papas de milho e cebola, uma tigela de ervilhas piladas e uma dose de arroz em quantidade mais do que suficiente, regado com bastante molho, que por sinal ficara um tanto aguado, em virtude da falta de farinha para o engrossar. -Para sobremesa, havia jim pastelão de batata doce que foi servido juntamente com os bombons oferecidos por Rhett e, quando este distribuiu charutos pelos cavalheiros presentes, após um cálice de vinho de amora, todos concordaram que o banquete fora verdadeiramente digno de Luculo.

Quando os homens se reuniram às senhoras que tagarelavam sob o alpendre, a conversa generalizou-se, versando o teina inevitável do conflito em curso. Ora alegres, ora -tristes, as conversas giravam sempre em torno de assuntos relacionados com as hostilidades: romances e casamentos de guerra, mortes em hospitais ou em combate, feitos de audácia, actos de cobardia, ditos de espírito, cenas de tristeza rasgos de sacrifício e afirmações de confiança. Uma confluência firme e inabalável nos destinos da confederação, não obstante as derrotas do Verão anterior.

Quando o capitão Ashburn anunciou que pedira e obtivera transferência da base de Atlanta para o exército aquartelado em Dalton, as mulheres beijaram com os olhos o seu braço hirsuto e procuraram esconder a comoção que de súbito as dominara, declarando que não consentiriam que ele partisse. Quem ficaria depois para lhes fazer a corte?

O jovem Carey pareceu ficar confuso e lisonjeado ao ouvir aquelas palavras tão amáveis pronunciadas por criaturas da categoria das senhoras Meade, Melanie, Pitty e Fanny Elsing, e desejou intimamente que as de Scarlett fossem sinceras.

-Também não tardará que esteja de volta-disse o médico, passando um braço sobre o ombro de Carey. -

uma escaramuça apenas e os yankees recuarão a toda a pressa para o Tennessee. E, uma vez lá, o general Forrest se encarregará deles. Que ninguém se alarme com a aproximação das tropas abolicionistas, pois o general Johnston e o seu exército formam como que uma muralha de ferro

387

nas montanhas. Sim, uma muralha de ferro - repetiu, saboreando a imagem. - Sherman nunca passará. Jamais conseguirá desalojar o velho Joe.

As mulheres sorriram em sinal de aprovação, pois todas as declarações do Dr. Meade eram aceites como verdades incontestáveis. Aliás, os homens é que percebiam daquelas coisas, e se o doutor afirmava -que o general Johnston e o seu exército formavam "uma muralha de ferro", é que não, havia que duvidar. De todos os presentes foi Rhett Butler o único que falou. Até ali, guardara silêncio obstinado, desde que findara a refeição, e ouvira os comentários dos restantes convidados com um sorriso irónico a arquear-lhe os cantos da boca.

-Ouvi dizer que, com os reforços que acaba de receber, o general Sherman dispõe de mais de cem mil homens.

O médico respondeu-lhe secamente. Sentira-se invadir por forte irritação quando, ao chegar, verificara que um dos convivas era precisamente o indivíduo que mais detestava, de entre todos os que conhecia, e só o respeito devido a Pittypat e a sua condição de convidado o haviam inibido de patentear os seus sentimentos hostis de maneira mais ostensiva.

-E que tem isso a ver connosco? -berrou o médico. -Creio que o capitão Ashburn afirmou ainda há pouco que o general Johnston não tem sob as suas ordens mais do que quarenta mil soldados, incluindo os desertores que a última batalha animou a regressarem às fileiras.

- Senhor - ripostou a senhora Meade, indignada - não há desertores nos exércitos da Confederação.

- Peço imensa desculpa - ripostou Rhett, com humildade trocista. - Eu queria apenas referir-me aos milhares de homens em gozo de licença que se esquecem de regressar aos regimentos de que fazem parte; e aos que, tendo os seus ferimentos já cicatrizados, se deixam ficar em casa para tratar de negócios ou lavrar as terras, a fim de as preparar para as próximas sementeiras.

Os olhos de Rhett cintilaram e a senhora Meade mordeu os lábios. Scarlett abafou o riso ao ver que Rhett reduzira a mulher do doutor -ao silêncio da sua insignificância. Contavam-se por centenas os homens que se refugiavam no matagal e nas montanhas escondendo-se da política estadual, que se empenhava em' os obrigar a retomarem os seus postos de combate. Esses desertores objectavam que se tra-

388

tava de "uma guerra de ricos em que só os pobres lutavam" e que estavam fartos de arriscar a vida em vão. No entanto, era bastante considerável o número daqueles que, embora dados como desertores, tencionavam regressar às fileiras. Durante três anos tinham esperado baldadamente que lhes fosse concedida a licença a que haviam ganhado jus, cada vez mais alarmados com o teor das cartas que recebiam das famílias e que continham frases como estas: "Estamos a passar fome". "Não haverá colheita este ano porque não temos ninguém para lavrar o terreno e fazer as sementeiras".

"Temos fome". "O Comissário levou-nos todos os fardos de algodão e há muitos meses já que não recebemos o dinheiro que prometeste mandar. Só temos ervilhas piladas para comer".

E o coro de lamentos aumentava sempre: "Estamos quase a morrer de fome -eu, a tua mãe, a tua mulher e os teus filhos. Quando acabará esta maldita guerra? Quando voltarás para casa? Não temos que comer e a fome aperta cada vez mais ..." Vendo que os oficiais lhes recusavam a licença que pediam, os soldados desse exército, cujos efectivos diminuían com vertiginosa rapidez, partiam sem autorização, regressando a penates a fim de e---ultivarem as terras, repararem as casas, concertarem os muros e as vedações das fazendas. Sempre que os comandantes dos regimentos, a quem a gravidade da situação não passava despercebida, viam a eminência duma batalha de importância decisiva, convocavam novamente os desertores, pro-metendo fechar os olhos ao delito. E, de maneira geral, quase todos eles voltavam assim que consideravam o espectro da fome afastado, da sua casa durante os meses mais próximos. As "licenças para lavrar a terra" não eram tomadas como deserções em face do inimigo, mas nem por isso deixavam de enfraquecer os exércitos.

O Dr. Meade apressou-se a quebrar o silêncio opressivo que se fizera sob o alpendre, dizendo friamente:

-A diferença numérica entre as nossas tropas e as da União não tem importância de maior para nós, capitão Butler. Cada um dos nossos soldados vale bem doze yankees.

As senhoras apoiaram o médico inclinando a cabeça, num gesto de aquiescência. Toda a gente sabia que era

assim mesmo.

389

- No começo da guerra, podíamos aceitar como verídica essa equivalência - retrucou Rhett. - P, possível que ela ainda se mantenha, desde que os nossos homens dispõem de munição para as espingardas calçado para os pés e comida para o estômago. Não acha, capitão Ashburn?

Falava nuni tom melífluo, em que, todavia, deixava transparecer certa nota de falsa humildade. Ashburn não logrou disfarçar a contrariedade que experimentava. Também ele nutria pelo capitão Butler a mais profunda antipatia. Gostaria de dar razão ao Dr. Meade, mas não tinha jeito para mentir. Solicitara transferência para as linhas de fogo, apesar do braço inutilizado, porque sabia que a situação era crítica, circunstância que não se verificava com a população civil. Havia muitos outros homens pernetas, zarolhos 'mutilados, que abandonavam calmamente o comissariado, os serviços hospitalares 'postais ou ferroviários, a fim de regressarem às suas antigas unidades. O velho Joe precisava de todos os braços válidos e, por vezes nem esperavam que os chamassem.

A Ashburn guardou silêncio e o Dr. Meade, perdendo a calma, trovejou:

-Os nossos homens combateram descalços e esfomeados e mesmo assim derrotaram os yankees! E voltarão a lutar e a vencer!. Digo-lhe que o general Johnston. não será desalojado! As montanhas foram sempre refúgio e praça-forte dos povos invadidos, desde os tempos mais remotos. Lembre-se... lembre-se das Termópilas!

Scarlett fez um esforço mental desesperado, mas as Termópilas não tinham significado nenhum para ela.

-Nessa batalha morreram todos, não é verdade, doutor?-perguntou. Rhett, mordendo os lábios para não sorrir.

-Não pretende insultar-me? -Por quem é, doutor! Não me compreendeu. Limitei-me a pedir-lhe que me esclarecesse. Já esqueci quase por completo a História da Antiguidade Clássica.

-Se for necessário, o nosso exército lutará até ao último homem para sustar o avanço dos yankees na Geórgia.

A tia Pittypat levantou-se bruscamente e pediu a Scarlett que brindasse os convidados com uma canção ao piano. Via aconversa enveredar por um caminho perigoso. Tivera a certeza de que haveria questão se convidasse Rliett para jantar, mas não conseguira arranjar coragem para o mandar embora. A presença dele acarretava sempre uma série

de aborrecimentos, cuja origem nem sequer chegava a compreender. Santo Deus! Que encontraria Scarlett de atraente naquele homem? E como podia Melanie defender um indivíduo de tão mau carácter?

obedecendo ao pedido da tia Scarlett dirigiu-se para a sala de entrada. No ambiente pairava um silêncio agressivo contra Rhett. Como se atrevia ele a pôr em dúvida a infalibilidade do general Johnston e dos seus homens? Acreditar cegamente na invencibilidade desses heróis era como que um dever sagrado. E os que levavam a sua deslealdade ao ponto de não partilharem dessa convicção deviam ter pelo menos a delicadeza de se calar.

Scarlett fez ouvir alguns acordes e a sua voz, suave e triste, elevou-se no pesado silêncio que reinava no aposento, entoando a letra duma canção popular:

Um dia entrou um namorado Na enfermaria do hospital, Onde jaziam moribundos Entre as paredes alvds de cal.

Um namorado! Tão bravo e novo... Não admira que ainda sorrisse Mas o seu corpo não tardaria Que o pó do túmulo o cobrisse.

Baços e suados os cabelos... - prosseguiu Scarlett na sua voz mal segura de soprano mas Fanny soergueu-se na cadeira em que estava sentada e pediu, em tom débil e suplicante:

-Canta outra coisa Scarlett, por favor! Scarlett calou-se súbitamente surpreendida e nervosa. Atacou os primeiros compassos de "O Dólmán Cinzento" e interrompeu-se de novo, com um acorde dissonante, ao verificar que também não fora feliz nessa escolha. O plano emudeceu outra vez.

Scarlett não sabia que fazer. Em todas as cantigas havia alusões a mortes separações ou desgostos.

Rhett levantou-se rapidamente e depois Wade Hampton nos braços de Fanny Elsing, encaminhando-se para o piano.

-Toque "A Velha Casa de Kentucky" -sugeriu ele, em voz baixa.

Grata pelo alívio, Scarlett começou a tocar a melodia. A excelente voz de barítono de Rhett uniu-se à dela e,

391

L\.,

quando encetavam a segunda estrofe, todos respiravam aliviados, conquanto a canção não fosse das mais alegres.

Só mais uns dias de pezado... -Ah, não importa que assim seja! Só mais uns dias, e depois A velha casa de Kentucky.

A previsão do Dr. Meade realizou-se até certo ponto. Johnston aguentou-se, como um baluarte de ferro, nas montanhas que dominavam Dalton, cem milhas ao norte de Atlanta. E tão heroicamente resistiu e de tal forma se opôs à tentativa de Sherman para transpor o vale em direcção ao Sul, que os yankees acabaram por recuar, a fim de estudarem novo plano de ataque. Não conseguindo romper as linhas por meio dum assalto directo, avançaram a coberto da escuridão da noite, em movimento envolvente, na esperança de alcançarem a retaguarda das tropas de Johnston e cortarem a linha férrea em Resaca, quinze milhas abaixo de Dalton.

Vendo o perigo que corriam as preciosas vias de comunicação, os confederados abandonaram as posições que haviam defendido desesperadamente e, em marchas forçadas, à luz das estrelas dirigiram-se para Resaca, pelo caminho mais curto. Quando os yankees 'abandonando as colinas lhescaíram em cima, já as tropas do Sul os aguardavam, ao longo das trincheiras, com as baterias prontas a fazerem fogo e de baionetas em riste ' como sucedera em Dalton.

Quando os feridos de Dalton trouxeram notícias da retirada sobre Resaca empreendida pelo velho Joe, Atlanta sentiu-se, pela primeira vez, perturbada e surpreendida. Era uma pequena nuvem negra que surgia a noroeste, a primeira nuvem duma tempestade de Verão. Que ideia seria a do

general, permitindo que os yankees se internassem dezoito milhas no território de Geórgia? As montanhas eram fortalezas naturais, como muito bem dissera o Dr. Meade. Por que não os detivera ali o velho Joe?

Johnston combateu heróicamente em Resaca, conseguindo repelir os yankees mais uma vez.

Sherman, porém, empregando o mesmo movimento de flanco, descreveu com

392

as suas tropas outro semicírculo, atravessou o rio Oostanula e tornou a atacar as linhas férreas à retaguarda dos sulistas. De novo as tropas confederadas tiveram de recuar à pressa das suas trincheiras vermelhas, para defenderem o caminho de ferro. E, sem haverem dormido, exaustos pelas caminhadas e lutas, famintos e sujos, os soldados fizeram nova marcha rápida em direcção ao vale. Tendo alcançado Calhoun, seis milhas ao-sul de Resaca, antes da chegada dos yankees, entrincheiraram-se outra vez, prontos a rechaçarem-nos quando eles resolvessem atacar. Travou-se uma batalha feroz e as forças abolicionistas foram repelidas. Extenuados, quase sem forças para se terem de pé, os sulistas pediam a Deus umas horas de repouso. Mas essas preces não eram atendidas. Sherman continuava a avançar inexoravelmente palmo a palmo, estendendo as suas tropas num largo círculo, forçando-os a nova retirada, que eles se apressavam a empreender, sempre com o objectivo de defenderem as linhas férreas.

Os confederados até em marcha dormiam. Quase todos eles se sentiam demasiadamente fatigados para poderem pensar. Mas sempre que o faziam renovavam a sua confiança no valor e na competência do velho Joe. Sabiam que estavam batendo em retirada, mas não se consideravam vencidos. Não dispunham de homens em número suficiente para susterm o avanço do invasor e fazerem face aos movimentos envolventes do exército de Sherman. No entanto, logravam sempre derrotar as forças da União, quando elas paravam e decidiam atacar.

Ignoravam qual seria o desfecho da retirada. Mas o velho Joe sabia do ofício, para eles era isso que importava. Até ali a manobra fora magistralmente executada, pois tinha perdido poucos homens ao passo que o número de yankees mortos ou aprisionados era bastante elevado. As perdas dos sulistas em material limitavam-se a quatro espingardas. Nem um só vagão tinha caído nas mãos do inimigo ou sofrido quaisquer estragos. Havia conservado em seu poder o troço da linha do caminho de ferro compreendido entre Calhoun e Atlanta. Não obstante os ataques frontais as cargas de cavalaria e os movimentos envolventes, Sherman não lograra o seu intuito.

O caminho de ferro! Continuavam a pertencer-lhes aqueles carris que serpenteavam ao longo do vale soalheiro até Atlanta. Os homens deitavam-se para dormir de maneira a

393

verem-nos faiscar sob o sol implacável que causticava a terra. Ao chegarem ao vale deparou-se-lhes um exército de refugiados. Plantadores e indígenas, ricos e pobres, mulheres e crianças, velhos, moribundos, aleijados, feridos, matronas em adiantado estado de gravidez, pejavam a estrada que conduzia a Atlanta, uns a pé e a cavalo, outros viajando numa caravana de viaturas a transbordar de malas e de objectos de uso doméstico. Precedendo o exército em retirada, a uma distância de cinco milhas marchava a grossa coluna dos refugiados, que tinham feito alto sucessivamente em Resaca, Calhoun e Kingston, na esperança de que os yankees fossem repelidos para Tennessee e eles pudessem regressar aos seus lares abandonados. Mas não havia forma de essa esperança se tornar realidade, e toda aquela multidão continuava a emigrar para o Sul ao longo da estrada batida pelo sol abrasador. As tropas do general Johnston passavam por casas vazias, por quintas e cabanas desertas cujas portas tinham ficado escancaradas na pre-

-ocupação da fuga. Aqui e além, uma mulher, acompanhada apenas por alguns escravos - aterrorizados vinha à estrada gritar palavras de incitamento aos soldados, ou acarretar baldes de água para os homens se dessedentarem, ou fazer pensos, ou sepultar os mortos nos seus cemitérios

de família, Mas a maior parte do vale encontrava-se entregue ao mais confrangedor dos abandonos e as colheitas desprezadas estiolavam-se nos campos ressequidos.

A fim de evitar o movimento envolvente das duas alas do exército de Sherman, o general Johnston tornou a bater em retirada, de Calhoun para Adairsville, onde travou leve escaramuça com as forças da União, continuando a recuar até Cassville e ainda mais para o Sul, até Cartersville. Entretanto, o inimigo internava-se cinquenta e cinco milhas aquém de Dalton. Em Nova Hope Church, localidade situada cinco milhas mais abaixo, o velho Joe ordenou uma paragem e a abertura de trincheiras, disposto a aguardar o combate e a não arredar pé. Mas, qual serpente monstruosa e coleante instilando o seu veneno a cada bote, a interminável horda de abolicionistas continuava a perseguir as tropas confederadas recuando sempre que se lhes deparava mais forte resistência, mas voltando à carga logo que se encontravam refeitas dos desaires sofridos. Durante onze dias lutou-se violentamente em Nova Hope Church

394

e todos os assaltos dos yankees foram rechaçados com pesadas baixas. Todavia, Johnston, ao ver-se novamente sob a ameaça de ser flanqueado, retirou com as suas fileiras desfalcadas algumas milhas para o Sul.

Os confederados abandonaram no campo de batalha de Nova Hope Church um elevado número de mortos e o cortejo de feridos que inundou Atlanta deixou a cidade alarmada. A batalha de Chickamauga, fora funesta para os sulistas, mas aquela ultrapassava por larga margem todas as previsões. Os hospitais regurgitavam e os feridos eram acomodados nos armazéns vazios, onde ficavam estendidos no chão ou deitados sobre fardos de algodão trazido à pressa dos depósitos. Não havia hotel, pensão ou residência particular que não estivesse apinhada de feridos. A tia Pitty também viu a sua casa invadida, apesar de ter protestado energicamente contra a ideia de dar aboletamento a desconhecidos numa ocasião em que Melanie se encontrava em estado tão melindroso. Havia certos espectáculos que, pela sua brutalidade, poderiam originar um parto prematuro. Melanie, porém, ergueu um pouco mais a crinolina para dissimular a sua condição e os soldados instalaram-se prontamente na casa de tijolos vermelhos da Peachtree Road. Era preciso cozinhar, ajudar os doentes a voltarem-se nos catres soerguê-los e abaná-los com leques, Dor causa do ca16r. As abluções os tratamentos, a preparação de ligaduras e de parches de linho levavam horas sem conta. Havia noites em que ninguém conseguia dormir, com os moribundos a delirarem nos quartos contíguos. A cidade estava pejada de feridos que por fim tiveram de ser transportados para os hospitais de Augusta e de Macon.

Os boatos alarmantes trazidos pelos soldados e o crescente afluxo de refugiados a Atlanta, onde já não era possível alojar mais ninguém, puseram a população em sobressalto. A pequenina nuvem que surgira no horizonte não tardara a cobrir o firmamento inteiro, como que impelida por um vento glacial de mau agouro.

Ninguém perdera ainda a fé na invencibilidade das tropas sulistas, mas toda a gente deixava já de confiar no general Johnston. Nova Hope Church distava de Atlanta trinta e cinco milhas apenas. O velho Joe permitira que os yankees o houvessem feito recuar sessenta e cinco milhas em três semanas. Por que não rechaçava ele o inimigo em

395

vez de bater em retirada? Era um louco, ou talvez muito pior do que isso! Os veteranos da Guarda Civil e da Milícia Estadual, que se encontravam tranquilamente a salvo em Atlanta, discutiram a tática adoptada pelo general, debruçados sobre os mapas que desdobravam em cima das mesas dos botequins, explicando uns aos outros as manobras que deveriam ter sido executadas para contrariar os desígnios do invasor. Com as suas tropas cada vez mais desfalcadas, forçado a retirar para novas posições a fim de evitar o aniquilamento total, o velho Johnston dirigiu um apelo desesperado ao governador Brown requisitando a colaboração da Guarda e da Milícia cujos membros se sentiam

bem como estavam e nem sequer desejavam ouvir falar na hipótese de marcharem para a frente de batalha. Vendo bem as coisas, por que razão havia o governador de atender o apelo do general Johnston, se não tinha feito caso algum dos pedidos de Jeff Davis?

Combater e retirar, combater e retirar. Durante vinte e cinco dias de luta quase diária as tropas confederadas tinham recuado setenta milhas. Nova Hope Church, que não tardou a ser evacuada pelos sulistas, deixou na mente dos soldados um amálgama de recordações penosas, de calor sufocante, de poeira, de fome, de fadiga, de marchas forçadas ao longo de estradas de terra vermelha, esburacadas e lamacentas. Após cada retirada, vinha ordem para fazerem alto e abrirem novas trincheiras. Seguiu-se a batalha com os yankees, que eram rechaçados, mas voltavam à carga, tentando envolver nas suas tenazes de aço o reduzido exército confederado. O ciclo repetia-se então uma vez mais e repetir-se-ia sempre, enquanto houvesse um palmo de linha férrea a defender. Nova Hope Church fora como que um pesadelo, um pesadelo de consequências funestas, e o mesmo se verificou dias depois em Big Shanty, onde os sulistas tornaram a defrontar os yankees, como autênticos demónios. Os campos ficaram cobertos de cadáveres yankees, cujos uniformes pareciam revestir o terreno dum manto azul. Sherman ordenou nova carga, lançando tropas frescas no combate, enquanto, ao longe, se divisavam duas colunas avançando para o Sul, a fim de cortarem a retirada às tropas confederadas e ameaçando a linha de caminho de ferro -e Atlanta!

Esgotados pela fome e pelo cansaço, sem terem tido um momento de repouso, os sulistas retiraram de Big Shanty

396

para Kennesaw, próximo da pequena cidade de Marietta, onde constituíram uma frente com dez milhas de extensão. Cavaram trincheiras nas escarpas das montanhas e instalaram as suas baterias nos cumes. mais elevados. Praguejando sem cessar, alagados de suor, os heróicos soldados de cinzento transportaram para o cocuruto dos montes os seus pesados canhões ' pois as mulas não conseguiam escalar as vertentes escarpadas. Os estafetas e os feridos que chegavam a Atlanta tentavam tranquilizar a população civil, dando-lhe notícias animadoras. Kennesaw Mountain era um reduto inexpugnável, tal como Pine Mountain e Lost Mountain que lhe ficavam próximas e se encontravam também fortificadas. os yankees não lograriam desalojar dali os soldados do velho Joe e dificilmente poderiam flanqueá-los, visto as baterias montadas na crista dos montes dominarem toda a região circunvizinha num raio de várias milhas. Atlanta respirou, levemente mais aliviada, mas...

Mas Kennesaw Mountain ficava apenas a vinte e duas milhas de distância!

No dia em que chegaram os primeiros feridos provenientes de Kennesaw, a carruagem da senhora Merriwether passou junto ao portão da tia Pitty a uma hora inverosímil

- às sete da manhã. O cocheiro preto dos Merriwethers, de nome Levy, era portador de um recado urgente, intimando Scarlett a comparecer quanto antes no hospital. Fanny Elsing e as Bonnells, aquem a velha matrona igualmente tinha feito levantar da cama àquela hora inaudita, bocejavam no assento traseiro da carruagem enquanto a ama de Fanny, sentada na boleia, cabeceava com sono, equilibrando no regaço um cesto de ligaduras ainda mal enxutas.

Scarlett levantou-se de má vontade, pois dançara a noite inteira num baile organizado pela Guarda Civil, e tinha os pés fatigados. Intimamente, amaldiçoou a prestimosa senhora Merriwether, os feridos e toda a Confederação, enquanto Prissy lhe abotoava o vestido que a patroa usava para trabalhar no hospital, o mais velho de todos os que ainda lhe restavam. Engoliu à pressa a bebida amarga preparada com milho cozido e batata doce, que substituíra o café, e reuniu-se às outras raparigas que a esperavam na carruagem, a qual se pôs imediatamente em marcha, a caminho do hospital.

Já estava farta de servir de enfermeira e uma das primeiras coisas que fez foi prevenir a senhora Merriwether

397

de que tinha recebido uma carta de Ellen ordenando-lhe que voltasse para Tara. Não lucrou nada com isso. A digna matrona, de mangas arregaçadas e o busto forte envolto no avental enorme lançou-lhe um olhar fulminante e limitou-se a responder:

-Não torne a dizer-me tolices dessa ordem, Scarlett Hamilton. Hoje mesmo vou escrever à sua mãe, a explicar-lhe a falta que você faz aqui. Tenho a certeza de que ela compreenderá a situação e a deixará ficar. Agora, ponha o avental e vá procurar o Dr. Meade que precisa duma pessoa que o ajude a fazer os curativos.

"Meu Deus!" pensou Scarlett, aborrecida. "Que grande estopada! A mãe vai obrigar-me a ficar aqui e eu morrerei de nojo, com este fedor! Quem me dera ter já certa idade para poder impor-me às outras raparigas, em vez de andar às ordens de velhas corujas como esta horrível Merriwether! Se eu ao menos pudesse mandá-la pentear macacos!"

Sim, já estava farta daquilo tudo, do hospital, do cheiro nauseabundo, de carne putrefacta, dos piolhos, dos gemidos, dos corpos sujos. Se alguma vez chegara a encontrar novidade e até certo encanto na prática da enfermagem, como ia distante esse tempo! Ao princípio, os feridos ainda tinham a vantagem de ser bastante mais atraentes e simpáticos do que aqueles que actualmente enchiam o hospital. Os de agora não manifestavam o menor interesse por ela e limitavam-se a perguntar.

-Já houve mais algum combate? Quem ganhou? Que tal se tem portado o velho Joe? Ninguém lhe leva a palma em esperteza!

Scarlett, porém, era de outra opinião. Quanto a ela, o general 'Johnston não tinha feito mais do que deixar os yankees penetrarem vinte e oito milhas em Geórgia. Não, aqueles homens, de facto, não possuíam, a seus olhos, nenhum atractivo. Além disso, a maioria deles morria rápida e silenciosamente sem resistência física para combater as septicemias, a gangrena a febre tifóide ou as pneumonias que haviam contraído antes de chegarem a Atlanta e de darem entrada no hospital. O dia estava quente. Pelas janelas abertas entravam enxames de moscas nédias e irritantes, que atormentavam os homens ainda mais do que as dores que sentiam. O fedor era cada vez mais intenso e o clamor dos gemidos e gritos tornara-se ensurdecedor. Com o vestido que ela própria

398

engomara na véspera, completamente encharcado pela transpiração, Scarlett acompanhava o Dr. Meade ao longo da enfermaria, segurando uma bacia de esmalte, onde o médico deixava cair os pensos ensanguentados ou cobertos de pus.

Oli, quanta náusea sentia e quanto esforço tinha de fazer para não vomitar, sempre que o doutor enterrava o bisturi nas carnes gangrenadas! E o horror daqueles gritos lancinantes-que lhe chegavam aos ouvidos através da sala de operações, onde os colegas do Dr. Meade procediam a amputações feitas quase a sangue-frio! E aquela cruciante sensação de impotência que a invadia ao ver as faces lívidas daqueles homens que aguardavam a passagem do médico pelos seus catres, com as feições contraídas pelo sofrimento e pela ansiedade, apavorados uivos de dor vindos da sala das intervenções cirúrgicas, à espera de ouvir as palavras temidas: "Sinto muito, rai)az, mas tenho de cortar essa mão. Sim, sim, eu sei. Mas vêes estes vergões vermelhos? Não há outro remédio senão tirá-la".

O clorofórmio já escasseava a tal ponto que era exclusivamente utilizado para as amputações mais graves e dolorosas. Quanto ao ópio, tornara-se tão caro que só o empregavam para suavizar a morte e não a doença. O quinino e a tintura de iodo tinham-se esgotado. Scarlett não podia suportar por mais tempo as cenas horrorosas que presenciava no hospital e, nessa manhã, chegou a desejar encontrar-se no mesmo estado que Melanie, a fim de se esquivar àquela penosa tarefa. A gravidez era a única desculpa plausível que uma mulher podia apresentar para se eximir ao exercício da enfermagem, numa época tão crítica como aquela. Ao meio-dia em ponto, Scarlett despiu o avental e esgueirou-se para a rua, enquanto a senhora Merriwether estava ocupada a escrever uma carta em nome dum pobre camponês analfabeto. Já não podia aguentar mais tempo aquela vida. Era uma

violência terem-na ali presa. Sabia muito bem que, se não regressasse a casa antes de chegar o comboio da tarde com os feridos, não sairia do hospital senão ao anoitecer e talvez nem sequer tivesse oportunidade para comer qualquer coisa.

Percorreu a passos rápidos os dois quarteirões que a separavam da Peachtree Street, respirando o ar puro tão profundamente, quanto lho permitia o espartilho apertado em demasia, Parou à esquina, hesitante, com vergonha de

399

UL.,

voltar para casa tão cedo, mas resolvida a não tomar ao hospital nesse dia, Ainda não tinha tomado qualquer decisão, quando Rhett Butler fez estacar a sua carruagem diante dela,

-Parece filha dum trapeiro -observou ele, lançando um olhar apreciativo ao vestido de chita cor de alfazema, salpicado de água suja da bacia dos pensos e ainda húmido de suor.

Scarlett ficou furiosa, sem conseguir dominar o seu embaraço e indignação. Por que motivo reparava ele sempre nos vestidos das mulheres? E por que se mostrava tão grosseiro a ponto de comentar a pobreza e desalinho do vestuário?

-NÉ@o diga mais nada, por favor. Salte daí para me ajudar a subir e leve-me a qualquer sítio onde ninguém me veja. Não voltarei ao hospital nem que me enforcem! Com franquezA, eu não fiz nada para que houvesse guerra e não compreendo por que razão hei-de matar-me a trabalhar...

-Mais uma traição à 'Causa!

- Deixe-se de graças. Ajude-me a subir, vamos, Não me interessa saber o destino que levava. Queria dar um passeio e o senhor não podia ter aparecido em melhor altura.

Rhett apeou-se da carruagem e Scarlett observou-o de soslaio. Era deveras agradável encontrar um homem são e escoreito, com mãos, pernas, olhos e braços, em cuja face não se distinguiam vestígios de malária nem indícios de qualquer padecimento, e que, além disso, tinha aspecto saudável, de pessoa bem nutrida, e vestia com requintes de elegância. As calças e o casaco assentavam-lhe muitíssimo bem, pois não estavam demasiadamente largos nem demasiadamente estreitos, que lhe tolhessem os movimentos.

O fato estava novo e não em frangalhos que deixasse à mostra um par de pernas nuas, peludas e sujas. Rhett parecia completamente despreocupado. A sua fisionomia não apresentava a expressão tensa, extenuada e triste que as caras dos outros homens patenteavam. No seu rosto moreno ainda não havia sinais de rugas. Ajudou a rapariga a subir para a carruagem, com um sorriso divertido a arquear-lhe os cantos da boca, bem desenhada como a de uma mulher, de lábios carnudos, sensuais e vermelhos.

Os músculos da figura atlética recortavam-se nitidamente sob o fato bem talhado, ao sentar-se ao lado da rapa-

400

riga. Scarlett sentia como uma ofensa pessoal a fascinação que essa imensa força física exercia sobre ela. Contemplou-lhe o contorno dos ombros fortes, deslumbrada e receosa, ao mesmo tempo. Aquele corpo parecia-lhe rijo e forte como a têmpera do espírito que o animava. Rhett possuía uma força graciosa e natural, como a de uma pantera que se espreguiça ao sol, pronta a saltar sobre a vítima incauta.

-Quem não a conhecer que a compre -disse ele, chicoteando o cavalo. - Dança com os soldados toda a noite, impinge-lhes uma série de fitas e de flores, afirma-lhes que não hesitaria em dar a vida pela Causa, e, quando se trata apenas de fazer o penso a um ferido ou de catar meia dúzia de piolhos, é a primeira a desertar!

- Não poderá fazer-me o favor de mudar de assunto e de apressar um pouco mais o andamento da carruagem? Só me faltava agora esbarrar com o velho Merriwether à saída do armazém, para ele ir logo contar à bruxa da mulher... perdão, à senhora Merriwether.

Rhett aplicou suavemente a extremidade do pingalim sobre a garupa da égua, que atravessou a trote rápido a linha de caminho de ferro que dividia Atlanta ao meio.

O comboio com os feridos já tinha chegado. Os maqueiros afadigavam-se sob a canícula, transportando os homens para as ambulâncias e outras viaturas que o comando do Exército destacara para o efeito. Scarlett não teve o menor rebate de consciência, pelo contrário, até respirou aliviada ao pensar que se livrara daquilo a tempo.

- Já estou farta do hospital-confessou, ajeitando sobre o assento as pregas da saia e atando com um nó mais seguro as fitas do chapéu.-Os feridos são cada vez em maior número, tudo por culpa do general Johnston. Se ele tivesse resistido em Dalton, nada disto...

- Mas ele resistiu em, Dalton, minha ignorante. Se bateu em retirada, foi para evitar que Sherman o esmagasse entre as duas alas do seu exército. E, além do mais ' teríamos perdido a linha de caminho de ferro, cuja defesa constitui o principal objectivo de Johnston.

- P, possível - voltou Scarlett, para quem a estratégia militar nada significava. -De qualquer maneira, a culpa foi toda dele. Tinha obrigação de fazer alguma coisa e não fez. Acho que deviam demiti-lo quanto antes. Por que não se instala ele num ponto onde possa resistir aos ataques dos yankees, em vez de recuar?

26 - Vento Levou - 1

401

- Não seja como toda a gente, Quer quecortem a cabeça ao pobre velho só porque ele não consegue operar milagres? Em Dalton, consideraram-no um novo Jesus, o Salvador; agora em Kennesaw já lhe chamam Judas e o acusam de traidor. Tudo isto no curto espaço de seis semanas. É claro que, se ele conseguir obrigar o inimigo a recuar vinte milhas, o aclamarão de novo como um herói. Minha filha, Sherman tem sob o seu comando o dobro dos homens de que Johnston dispõe. Por consequência, pode sacrificar dois soldados por cada um dos nossos. Em contrapartida, nós precisamos de evitar a todo o custo perder seja o que for.

O velho Joe necessita urgentemente de reforços, e o que é que pensam mandar-lhe? Os bonifrates do governador Brown, Hão-de valer-lhe de muito!

- Sempre é verdade que vão chamar a Milícia? E a Guarda Civil, também? Ainda não tinha ouvido falar em tal. Como é que soube?

- Corre esse boato em toda a cidade. Há quem diga que a notícia chegou esta manhã, pelo comboio de Milled-eville. Tanto a Milícia Estadual como a Guarda Civil vão ser enviadas para a frente, a fim de reforçar os efectivos do general Johnston. Sim, os meninos bonitos de Joe Brown devem estar em vésperas de sentir o cheiro da pólvora e calculo que muitos deles não ganharão para o susto. Decerto nunca pensaram na possibilidade de tomarem parte na festa, pois, segundo consta, Brown prometeu-lhes que não os deixaria ir. Que boa partida! Julgavam-se completamente a salvo do baptismo do fogo, em especial depois de Brown se ter recusado a atender o pedido de Jeff Davis, mas saíram-lhes as contas furadas. Apresentavam como justificação, da sua cobardia a necessidade de proteger o Estado de uma possível invasão, nunca supondo que viria um dia em que os combates decorressem nas suas propriedades, nem que tivessem de lutar pela própria vida.

- Como tem coragem para fazer chacota de um caso tão grave? Lembre-se dos velhos e dos mancebos imberbes que fazem parte da Guarda Civil, O pequeno Phil Meade, o avô Merriwether e o meu tio Henry Hamilton, terão de marebar também.

-Não me refiro às crianças nem aos veteranos da Guerra do México. Refiro-me, sim, a esses bravos rapazes, como Willie Guinan, por exemplo, que gostam de se pav(>-

402

near com os seus uniformes fazendo tinir as esporas e rebrilhar a bainha do sabre.'

-E o senhor? -Não julgue que me atrapalha com essas alfinetadas, Scarlett. Eu não uso uniforme, nem sabre. Os interesses da Confederação não contam para mim. A nossa Causa pode ser muito justa, pode até ser uma causa sacrossanta como o Dr. Meade pretende fazer acreditar, que eu não tenciono pegar em armas para a defender. Não estou disposto a ser morto com o uniforme da

Guarda Civil nem com * de qualquer outra unidade militar. Em matéria de guerra, * que aprendi em West Point chegou-me ipara o resto da vida... Mas isto não impede que deseje boa sorte ao velho Joe. O general Lee não pode prestar-lhe qualquer auxílio, visto os @yankees não lhe terem dado ainda um momento de sossego, em Virgínia; por conseguinte, as tropas de Geórgia são os únicos reforços que restam à disposição de Johnston. Ele merecia mais, muito mais, pois não há dúvida de que se trata dum ótimo oficial. Consegue sempre antecipar-se aos yankees na -ocupação dos pontos estratégicos, mas acaba por ter de recuar a fim de proteger as linhas férreas. Ouça bem o que lhe digo: se Sherman conseguir desalojá-lo das montanhas para a planície de Atlanta, Johnston é homem morto.

- Para a planície de Atlanta? - exclamou Scarlett. -

Bem sabe que os yankees jamais conseguirão chegar até aqui.

-Kennesaw fica apenas a vinte e duas milhas c-eu aposto que...

- Rhett, olhe ali para o fundo da rua! Está a ver aquela multidão? Não parecem soldados. Que diabo... São negros!

Uma densa nuvem de poeira avermelhada avançava ao longoda rua, acompanhada pelo tropel de centenasde pés e por um coro de vozes graves, guturais e arrastadas, que entoavam um hino. Rhett encostou a carruagem junto à curva e Searlett examinou os corpos reluzentes, cor de ébano, dos escravos, que continuavam a aproximar-se, munidos de enxadas e de picaretas que traziam ao ombro, escoltados por um oficial e por um grupo de homens que ostentavam as insígnias do corpo de engenheiros militares.

-Mas que diabo...-volveu Scarlett, e de novo se interrompeu sem concluir a frase.

Os seus olhos pousaram num preto, corpulento como uM

403

toiro, que marchava na primeira fila, Devia medir pelo menos um metro e noventa de altura, um verdadeiro gigante. Caminhava à frente, com a graciosidade felina do animal selvagem, e os seus dentes rebrilhavam ao entoar os versos duma canção. Não existia por certo no mundo nenhum outro negro assim tão alto e forte, a não ser o Sam, capataz dos escravos de Tara. Mas que andaria o Sam a fazer em Atlanta, tão longe de casa, numa altura em que a plantação não tinha administrador e ele era o braço direito de Gerald?

Scarlett soergueu-se no banco da carruagem a fim de o ver rnelhor. O gigante reconheceu-a e os seus lábios grossos arreganharam-se num sorriso de satisfação. Parou e, largando a pá que transportava ao ombro, dirigiu-se à rapariga.

- Eh, Senhora dos Céu! - gritou para os companheiros.

-]@ minina Scarlett! Ouve, Lias, Postlo, Profeta! n mesmo a nossa minina!

Estabeleceu-se certa confusão nas fileiras. Os homens estacaram, indecisos, mas sorridentes enquanto o Sam, seguido por três outros negros tambémin enormes, corria para a carruagem. O oficial precipitou-se-lhes no encalço, berrando, furioso:

-Para a forma! Já para a forma, se não querem que... Ah, é a senhora Hamilton! Boa tarde, minha senhora. Boa tarde, senhor... Não me digam que tencionam provocar motins e insubordinações entre os meus homens. Só Deus sabe o trabalho que eles me deram esta manhã!

- Por amor de Deus, capitão Randall, não os repreenda! Fazem parte do pessoal do meu pai. Este é o Sam, capataz dos nossos escravos, e aqueles são Elias, Apóstolo e Pr@feta, todos de Tara. n natural que me queiram falar, pois que já não me vêem há bastante tempo. Como estão vocês, rapazes?

Scarlett apertou a mão a alguns deles. A sua mãozita branca desaparecia completamente nas manápulas rudes e calejadas dos pretos. Os quatro escravos de Tara mostravam-se radiantes por terem encontra4o, a sua ama e pareciam orgulhosos de que os companh&ros vissem a linda senhora que sei-viam.

- Que vieram vocês fazer aqui tão longe? Fugiram, pela certa. E se as patrulhas os apanham?

Eles riram às gargalhadas, ao ouvirem o gracejo,

404

- Não, minina, a gente não fugiu - respondeu o Sam.

- Não sermo capá de fazê coisas dessa. Eles foram lá escolhê nós por sermo os quatro mais grande e mais forte de Tara. - Mostrou os dentes num sorriso ufano e prosseguiu: -Eles quiseram a mim porque eu sabê cantá muito bem. Sim, minina. Sinhô Frank Kennedy foi lá e trouxe a nós.

-Para quê, Sam? -Sinhora dos Céu, minina Scarlett, então inda não sabe de nada? As gente vai abri os buraco p'ra os branco se escondê quando os yankee chegá.

O capitão Randall e os ocupantes da carruagem sorriram perante aquela ingénua descrição das trincheiras.

- Sinhô Gerald quase desmaiô quando eles me levaram. E dizê que não pode fazê nada lá sem eu. Mas sinhora Ellen respondeu: "Uva eles, Kennedy. Confederação inda precisa a mais que nós". E deu uma dola a mim dizendo p'ra gente fazê tudo que sinhô branco mandá nós fazê. E cá estamos todos.

- Que significa tudo isto, capitão Randall? -Oh, é muito simples! Recebemos ordem para reforçarmos as fortificações de Atlanta com mais alguns quilómetros de trincheiras e, como o general não pôde dispensar-nos homens para esse fim, tivemos de ir buscã-los nas redondezas, entre os escravos empregados na lavoura.

- Mas... Scarlett começou a sentir um aperto no coração. Mais trincheiras! Para que precisariam eles de mais? Não lhes chegavam aquelas que já havia? Já no ano anterior tinham construído uma linha de redutos com plataformas para as peças de artilharia, em toda a volta da cidade, num raio de dois quilómetros. Essas plataformas comunicavam com os fossos abertos para, as trincheiras, que cicundavam Atlanta. E isso ainda não era suficiente!

-Mas que necessidade há de nos fortificarmos mais do que já estamos? Nem tudo aquilo que já temos será preciso utilizar. Decerto que o general não vai permitir...

- As nossas fortificações encontram-se muito próximas do centro da cidade - respondeu o capitão Randall. -

Ficam tão perto que a sua utilidade é praticamente nula. As novas trincheiras vão ser abertas mais longe porque, Se os yankees nos repelirem de Kennesaw, os nossos homens terão de buscar refúgio em Atlanta.

405

Mas logo se arrependeu de ter feito tal comentário ao ver o olhar esgazeado da rapariga.

-Não haverá com certeza outra retirada -aarecentou, antes que ela tivesse tido tenipo de dizer fosse o que fosse. - As montanhas de Kennesaw são inexpugnáveis. As baterias, instaladas nas encostas dos montes, dominam os desfiladeiros, e os yankees jamais conseguirão atravessã-las. Scarlett notou que ele baixara os olhos ao sentir era~ vado no rosto o olhar penetrante de Rhett, no qual brilhava um clarão trocista, e teve medo. Lembrou-se do comentário que o companheiro fizera momentos antes: "Se Sherman conseguir desalojá-lo para a planície de Atlanta, Johnston é homem morto".

-Oh, capitão, acha que...

- Evidentemente que não. Não se preocupe por causa disso. O velho Joe foi sempre muito previdente. Só assim se explica que nos tenha ordenado a abertura de nova linha de trincheiras... Mas não posso demorar-me mais, apesar de ter muito gosto em conversar consigo... Despeçam-se da sua ama, rapazes. Temos muito que fazer.

- Adeus, meus amigos. Se algum de vocês adoecer, se for ferido ou se se vir em dificuldades, mandem-me avisar. Eu moro ali adiante, na Peachtree Street, quase aolundo. Esperem... - Rebuscou na bolsa. - Meu Deus! Não trouxe uni cêntimo comigo. Rliett, empreste-me algumas moedas. Toma, Sam, compra tabaco para ti e para os outros. Portem-se com juízo e obedeçam ao capitão Randall.

O batalhão, que destroçara temporariamente, tornou a formar. De novo do leito da estrada se ergueu uma nuvem de poeira avermelhada quando os homens retomaram a marcha. Sam caritava @ plenos pulmões,

- Rhett, o capitão Randall mentiu~me, como todos os homens têm feito... ocultando a verdade às mulheres, para que não nos apoquentemos antes de tempo. Tenho a certeza de que ele mentiu. Oli, Rhett, se realmente não houvesse perigo, poderiam evitar a a-bertura de mais trincheiras, não lhe parece?! E o Exército estará assim tão desfalcado de homens que já se veja na necessidade de recorrer aos pretos?

Rhett chicoteou a égua.

- Se Johnston não estivesse a lutar com tremenda falta de homens, por que motivo pediria o auxílio da Guarda

406

Civil e da Milícia, não me dirá? Quanto às trincheiras, toda a gente sabe que têm certa utilidade em caso de cerco. o general pyepara-se para transformar Atlanta no seu último reduto,

- Um cerco! Volte para trás, Quero ir para e-asa. Tenho de regressar já a Tara.

-Mas que aflição é essa? -Um cerco! Um cerco, meu Deus! Eu sei bem o que isso é. O meu pai já esteve num... ou talvez tenha sido o pai dele... e contou~me...

- Em que cerco?

- No de Drogheda, quando os irlandeses se renderam pela fome às tropas de Cromwell. O meu pai contou-me que eles morriam famintos, pelas ruas. Até comiam gatos, ratazanas e carochas. E que, por fim, chegaram a comer-se uns aos outros, antes de se renderem embora eu não acredite muito nisso. E que, quando Cr&nwel entrou na cidade, todas as mulheres eram... Um cerco! Mãe Santíssima!

- Você é a rapariga mais ignorante que até hoje encontrei! O sitio de Drogheda ocorreu em mil seiscentos e tal e, nessa altura, o senhor O'Hara ainda não existia. Além de que Sherman não se compara com Cromwell.

-Pois não, mas dizem que ainda é pior.

- Quanto às exóticas iguarias com que os irlandeses se alimentaram em Drogheda durante o cerco, confesso que, pela parte que me toca, preferia comer um rato saboroso a ingerir as virtualhas que me impingiram há pouco tempo no hotel. Creio que tenho de voltar para Richmond, onde há sempre comida boa. A questão é ter dinheiro para a pagar.

Os olhos de Rhett sorriram, trocistas, ao notarem o espanto de Scarlett,

Irritada por ter exteriorizado a sua reacção, ela exclamou:

-Nesse caso, por que não se vai embora? Só se preoe-upa com o aspecto material da vida...

- P, natural. Não conheço melhor maneira de passar o tempo do que comendo, bebendo e... gozando

- redarguiu ele. - No que se refere à minha estadia em Atlanta, enfim . . . tenho lido muitas coisas a respeito de cercos e bloqueios, etc., mas a verdade é que nunca passei por nenhuma aventura do gênero.]@: por isso que ainda aqui estou. Quero ver como é, para depois contar como foi. Não me acontecerá mal nenhum, porque não tenciono meter-me no baru-

407

lho. 19,, mais uma aventura que vou tentar. Gosto de experimentar todas as emoções, Scarlett. É um passatempo que enriquece o espírito...

-O meu já está bastante rico...

- Você lá sabe... Mas eu diria que... Não, não quero melindrã-la. Se eu lhe afirmar que fiquei em Atlanta com o único propósito de a ajpdar a fugir quando os yankees vierem cercar Atlanta, acredita? Nunca salvei uma mulher em perigo! Seria mais uma aventura a juntar a tantas outras. Searlett compreendeu que Rhett estava a procurar arreliá-la, mas, ao mesmo tempo, teve a impressão de que nas palavras dele ressoava uma nota de gravidade, e baixou a cabe@ça.

-Não preciso que me salve. Já tenho muito boa idade para cuidar de mim. No entanto agradeço-lhe a intenção.

- Não diga que já tem idade para cuidar de si, Scarlett. Pense-o, se quiser, mas nunca o diga a ninguém, e muito menos a um homem. 2 esse justamente o maior defeito das raparigas yankees. Seriam verdadeiramente encantadoras se não tivessem o costume de apregoar aos quatro ventos que são muito capazes de cuidar de si próprias. Duma maneira geral, é assim mesmo, que Deus lhes valha! E é por isso que os homens muitas vezes as deixam entregues à sua sorte.

-Tem uma maneira de tratar as coisas... -ripostou Scarlett, abespinhada, pois não havia pior insulto para ela do que ver-se comparada a uma ya?.mkee.-No entanto, voltando ao princípio, deixe-me dizer-lhe que está muito enganado. Os yankees não entrarão nunca em Atlanta e o senhor sabe isso perfeitamente.

- Se quiser posso apostar consigo que chegarão às portas da cidade dentro de um mês ' o máximo. Aposto uma caixa de bombons contra... -Os seus olhos escuros fixaram significativamente os lábios dela-...contra um beijoconcluiu ele.

O pavor que a Scarlett incutiu a perspectiva duma invasão yankee estrangulou-lhe por momentos o coração. A sua memória, porém, reteve a proposta de Rhett. A palavra "beijp" como que lhe ficou gravada na mente até que tomou consciência dela. A conversa estava derivando para um campo que lhe era bastante familiar e muito mais interessante do que a provável evolução das operações milita-
408

res. Foi com certa dificuldade que logrou conter um sorriso de satisfação. Desde o dia em que a presenteara com o chapéu verde, Rhett nunca mais lhe dissera fosse o que fosse que ela pudesse interpretar como um galanteio. Por mais esforços que houvesse feito nesse sentido, Scarlett nunca conseguira persuadi-lo a dissertar acerca de coisas banais, de assuntos que lhes dissessem directamente respeito, Contudo, eis que, de repente, sem que ela tivesse tomado qualquer iniciativa, Rhett se lembrava de lhe falar em beijos.

- Esse gênero de conversas não me agrada - respondeu friamente, franzindo a testa. - No entanto, para que não possa ficar com dúvidas, acho conveniente esclarecê-lo de que preferia mil vezes beijar um porco a beijá-lo, a si.

-Gostos não se discutem e sempre ouvi dizer que os irlandeses têm uma predilecção muito especial pelos porcos... Chegam a guardá-los debaixo da cama. Contudo, o seu caso é diferente. Você está a precisar que a beijem muito m&s de que imagina. É esse o seu mal, acredite, Os seus apaixonados andam positivamente a dormir na forma. Respeitam-na em demasia, não sei porquê. Talvez por recearem exceder-se, ou por outro motivo qualquer. Como consequência disso, acho-a cada vez mais insuportável, como uma solteirona envinagrada. Precisa de ser beijada, mas por alguém que o saiba fazer como deve ser.

A conversa já estava a afastar-se do terreno em que Scarlett desejava conservá-la, como normalmente sucedia quando falava com Rhett. Era uma espécie de duelo, em que ela perdia sempre.

- E, naturalmente, julga-se a pessoa mais indicada para o efeito, não é verdade? - perguntou em tom sarcástico, dominando a irritação que de súbito se apoderara dela.

-Com certeza -respondeu Rhett, sem se desconcertar. -Mas, para isso, é preciso que eu esteja disposto a dar-me a esse incómodo. Há quem me considere um gênio na arte de beijar.

- Oh! -exclamou Scarlett, indignada com a indiferença que Rhett manifestava pelos seus encantos.- O senhor...

Calou-se, sem saber que dizer. Rhett sorriu e no fundo dos seus olhos brilhou um clarão que logo s@ extinguiu.

-Compreendo a estranheza que decerto lhe causa o facto de eu não ter explorado a vantagem- de certo beijo que lhe dei no dia em que lhe ofereci o chapéu...

- O quê? Eu nunca...

- Ah 'sim?! Nesse caso, não é uma rapariga decente, Scarlett. Todas as raparigas decentes estranham que um homem, com quem falam e passeiam, e de quem recebem visitas e pre@ntes, não tente beijá-las. Sabem muitíssimo bem que não devem desejar que eles se atrevam a tal e que têm a obrigação de se mostrar indignadas sempre que os mais empreendedores tomem qualquer iniciativa nesse sentido. Todavia' isso não impede que 'eles intimamente se sintam lisonjeados. Seja como for, o certo é que um dia hei-de beijá-la a valer e garanto-lhe que vai gostar. Por enquanto ainda é cedo. Peço-lhe que domine a sua impaciência até lá.

De novo Searlett se compenetrava de que ele apenas pretendia arreliá-la. Conhecia-a suficientemente bem para saber que aquelas impertinências a irritavam, e normalmente lograva o seu objectivo, porque nas palavras dele havia quase sempre um fundo de verdade. No entanto, ela ainda não perdera a esperança de lhe dar uma lição. Rhett que se lembrasse de tomar alguma liberdade...

-Quer ter a gentileza de voltar para trás, capitão Butler? Préciso de regressar ao- hospital.

-Está a falar a sério, angélica enfermeira? Prefere às piolhos e as chagas nauseabundas à minha companhia? Ainda bem, porque já começavam a apoquentar-me os remorsos de roubar à nossa "gloriosa Causa" o generoso auxílio dessas mãozinhas suaves e delicadas.

Obrigou o cavalo a descrever um semicírculo e conduziu a carruagem na direcção do Entroncamento.

- Quanto ao motivo por que não explorei a vantagem a que há pouco me referi -prosseguiu ele no tom, mais natural deste mundo, não obstante Scarlett ter dado o assunto lâ@or terminado -é quase intuitivo. n ainda muito nova e eu julguei aconselhável esperar que cresça um pouco mais. Bem vê, se a beijasse agora, tenho a certeza de que não reagiria da melhor maneira e eu sou muito exigente nesse capítulo. Nunca gostei de beijar crianças - acrescen tou reprimindo um sorriso ao notar que Scarlett parecia prates a explodir de raiva concentrada. -Além disso concluiu, com doçura -prefiro aguardar que a recordação do valoroso Ashley Wilkes se dissipe do seu espírito.

Ao ouvir o nome de Ashley, uma súbita angústia se apoderou da rapariga, enchendo-lhe os olhos de lágrimas.

410

A lembrança de Ashley nunca se apagaria da sua mente nem que ela vivesse mil anos. Pensou em Ashley, ferido, quem sabe se agonizante, prisioneiro num campo de concentração yankee, sem cobertores para se agasalhar, sem ninguém que o amasse ou lhe acariciasse a mão, e o seu coração encheu-se de ódio pelo homem que estava sentado ao lado dela, calmo, sadio e anafado, cuja voz trocista parecia ter o condão de a enfurecer.

Tão desesperada ficou que não disse palavra e o trem rodou durante alguns minutos sem que nenhum deles quebrasse o silêncio.

-Compreendo muito bem o que se passa entre você e Ashley - disse Rhett. - Presenciei, por acaso a cena terrível que lhe fez na biblioteca dos Doze Carvaffios e, daí por diante, notei uma série de circunstâncias deveras elucidativas e de que ninguém mais se apercebeu visto ignorarem os antecedentes. No entanto, eu tinha o@ olhos bem abertos e não deixei escapar nada. Foi isso que me permitiu chegar à conclusão de que continua a alimentar uma paixão romântica, de colegial, por Ashley, a qual ele retribui na maneira em que lho consente o seu carácter integro. A senhora Wilkes, evidentemente, ignora tudo. Jamais lhe passou pela mente a menor desconfiança acerca da partida que o marido lhe pregou, de colaboração consigo. Só há uma coisa que ainda não consegui descobrir e que, confesso, excita francamente a minha curiosidade. Teria alguma vez o honrado Ashley posto em perigo a salvação da sua alma, ousando beijá-la?

Scarlett voltou-lhe acara guardando um silêncio glacial.

- Ah, por consequência, Ashley beijou-a! Naturalmente, quando veio cá, de licença. E agora, que o supõe morto, cultiva a recordação dele, julgando-o insubstituível. Mas tenho a certeza de que o tempo se encarregará de apagar essas lembranças e, quando o tiver esquecido completamente, eu... Scarlett voltou-se para ele, furibunda.

- Vá para o diabo! - exclamou, com os olhos faiscantes de raiva. -E deixe-me sair antes que eu salte por cima das rodas. Nunca mais quero tornar a vê-lo!

Rhett fez estacar a carruagem e, antes que tivesse tido tempo de se apegar a fim de ajudar Scarlett a descer, ela atirou-se para o chão. A crinolina prendeu-se-lhe numa das rodas e, por momentos, as pessoas que passavam no Entron-

411

camento tiveram uma visão encantadora de saías brancas e pantalonas rendadas. Rhett inclinou-se rapidamente e, com gestos destr[^] desembaraçou~lhe a saia. Scarlett afastou-se Quase a correr, sem uma palavra nem um olhar, enquanto ele subia para a carruagem e dava rédeas à égua, com um sorriso, divertido a entreabrir-lhe os lábios.

:18

ATLANTA escutou então, pela primeira vez desde que esta~lara a guerra, o fragor duma batalha. Ao romper da madrugada, antes de a cidade despertar, começou a ouvir-se, vindo de Kennesaw Mouritain, um ribombo que se assemelhava ao duma longínqua trovoadas estival. O Dovo esforçava-se por não lhe prestar atenção e dissimulava o seu receio, conversando, rindo, tratando de negócios, como se os yankees não estivessem ali, apenas a vinte e duas milhas de distância. No entanto, conservavam todos o ouvido alerta e dificilmente ocultavam a sua preocupação; fosse qual fosse a tarefa a que se entregassem, não podiam deixar de ligar importância ao tiroteio que os mantinha em constante sobressalto. Ter-se-ia intensificado o troar da artilharia ou estariam os habitantes de Atlanta sendo vítimas duma @lucinação colectiva? Conseguiria o general Johnston deter o inimigo desta vez?

Notavam-se já os primeiros sintomas de pânico entre a população. A tensão nervosa, que se fora intensificando à medida que as tropas sulistas prolongavam a sua retirada, chegara práticamente ao auge. Ninguém falava em medo. A inquietação latente nos espíritos exteriorizava-se por meio de críticas acerbas ao general, A excitação atingira o ponto culminante. Sherman encontrava-se quase às portas de Atlanta. Mais uma retirada e as tropas da Confederação entrariam na cidade.

- Queremos um general que não recue! Queremos um homem que resista e que lute!

Com o troar dos canhões a ecoar-lhes: aos ouvidos, a Milícia Estadual, composta pelos bonífrates de Joe Brown, e a Guarda Civil partiram de Atlanta, a fim de defenderem as pontes e as embarcações que asseguravam os transportes entre as duas margens do rio Chattahoochee, à retaguarda

412

das posições ocupadas por Johnston. Do céu pardacento e triste caía chuva miudinha na manhã em que atravessaram o Entroncamento, em direcção à estrada de Marietta. A cidade em peso assistiu à partida. As pessoas amontoavam-se sobre os telhados de madeira dos armazéns de Peachtree Street, esforçando-se por aparentarem uma alegria que estavam longe de sentir.

Scarlett e Maybelle Merriwether Picard obtiveram autorização para saírem do hospital, a fim de presenciarem a partida das tropas, pois tanto o tio Henry Hamilton como o avô Merriwether, que pertenciam à Guarda Civil, haviam recebido ordem de marcha, Acompanhadas pela senhora Meade e comprimidas entre a multidão que se aglomerava ao longo da rua, tiveram de se erguer nas pontas dos pés para conseguirem ver alguma coisa. Embora dominada pelo desejo comum a todos os meridionais de só dar crédito aos boatos agradáveis e tranquilizadores, Scarlett ficou desolada quando viu desfilar perante os seus olhos uma coluna heterogénea de velhos e de rapazes ainda imberbes. A situação devia ser realmente desesperada para terem convocado os veteranos da guerra do México e crianças que mal sabiam manejar armas de fogo. Nas fileirasque iam agora a caminho da frente havia, é certo, homens relativamente novos e mancebos aptos para a luta, os quais ostentavam galhardamente os vistosos uniformes das unidades de escol da Milícia, com plumas ondulando ao vento e faixas garridas atadas em torno da cintura. Mas era tão grande o número de

velhos e adolescentes que o coração de Scarlett estremeceu por instantes, assaltado por um sentimento misto de piedade e de terror.

Homens de barba grisalha, mais velhos do que Gerald O'Hara, procuravam acertar o passo garbosamente pela cadência marcada pelos pifaros e tambores, sob a chuva fria. O avô Merriwether, com, o melhor xaile de lã da nora a proteger-lhe os ombros, marchava à frente e saudava com um sorriso as moças conhecidas. Elas correspondiam-lhe acenando com lenços e gritando alegremente: "Até à volta!" Mas Maybelle apertou o braço de Scarlett e murmurou, com voz triste:

-Pobre avô! Basta que apanhe uma chuvada mais forte para ficar liquidado! O lumbago...
O tio Henry Hamilton seguia na segunda fileira, com a gola do casaco preto erguida até às orelhas. Levava na

413

LIP

mão uma bolsa feita de tapeçaria e no cintjurão duas i
pistolas que usara na campanha do México. A seu fado, caminhava o criado preto, quase tão velho como ele, de guarda-chuva aberto. Ombro a ombro com os anciões, desfilavam rapazes de idade inferior a dezasseis anos. Muitos deles tinham fugido do colégio a fim de ingressarem no Exército e, aqui e além, viam-se grupos que envergavam uniformes de cadetes de escolas militares, ostentando penas pretas, de galo, nos bivaques molhados pela chuva e alamares de lona branca cruzados sobre o peito. Entre eles, Scarlett avistou o filho mais novo da senhora Meade, Phil, com o chapéu tombado sobre a orelha e exibindo orgulhosamente o sabre e as pistolas do falecido irmão. A senhora Meade esforçou-se por sorrir e acenou-lhe com o lenço até que ele desapareceu ao longe. Depois, reclinou por momentos a cabeça no ombro de Scarlett, como se de súbito toda a sua energia a tivesse abandonado.

Muitos dos homens iam desarmados, Porque a Confederação não tinha espingardas nem munições para lhes fornecer. Esperavam equipar-se com os despojos dos yankees. Uma grande parte deles levava punhais enfiados nos canos das botas e nas mãos lanças fortes e compridas, com pontas de ferro, conhecidas por "lanças de Joe Brown". Os mais felizes carregavam velhos mosquetões a tiracolo e chifres com pólvora suspensos dos cinturões.

Johnston perdera cerca de dez mil homens desde que retirara de Dalton. Precisava de outros dez mil para os substituir. "E afinal", pensou Scarlett, apavorada, "aperias consegui isto!"

Quando a artilharia passou, esparrinhando lama para cima da multidão, a sua atenção convergiu sobre um preto que seguia montado numa mula, a par de uma das peças. Era um negro de tez bronzeada e fisionomia grave. Ao reconhecê-lo, Scarlett gritou:

-É Mose, o criado de, Ashley! Que fará no meio desta gente?

Abrindo caminho através da multidão, aproximou-se dele e chamou:

-Mose! Espera um pouco! Ao vê-la o rapaz refeou a montada, sorriu satisfeito e fez menção de desmontar. Mas um sargento, que marchava atrás dele, berrou:

414

- Se desces da mula, verás como elas te mordem! Temos de chegar a Kennesaw Mountain ainda hoje.

Indeciso, Mose olhou primeiro para o sargento e depois para Scarlett. Esta, chapinhando na lama, perto das rodas que passavam, agarrou na correia do estribo.

- Oh, é só um instante 'senhor sargento! Não desmontes, Mose! Que vais tu a fazer aí?

-Volto prá guerra, minina Scarlett. Agora vai sinhô John no lugar de sinhô Ashley.

- o senhor Wilkes! - exclamou Scarlett, como que fulminada. John Wilkes tinha perto de setenta, anos. -Onde vem ele?

- Vem lá atrás, ao lado da última peça, minina Scarlett. No fim de toda gente.
 -Desculpe, minha senhora, mas temos de seguir. Adiante, rapaz!
 Scarlett quedou-se imóvel, por momentos, atolada de lama até aos tornozelos. "Não, não é possível!" pensou. "Não pode ser. O senhor Wilkes é muito velho. E tem tanto horror à guerra como o filho". Retrocedeu meia dúzia de passos, acercando-se da esquina, e perscrutou atentamente o rosto dos homens que continuavam a desfilar. Quando chegou a vez da última boca de fogo e a carreta se aproximou- ruidosamente, Scarlett, avistou-o. Magro, erecto, com a sua longa cabeleira encanecida, penteada para a nuca, a escorrer água, montava uma èguazinha baia que pisava o lamaçal com a elegância de uma jovem vestida de seda. Santo Deus! Aquela égua era Nellie, a J]Vellie da senhora Tarleton! O precioso tesouro de Beatrice Tarleton!
 Quando avistou Searlett, de pé no meio do atoleiro, John Wilkes fez estacar o animal e apeou-se, sorridente, aproximando-se dela.
 - Ainda não tinha perdido a esperança de a ver, Scarlett. Os seus pais incumbiram-me de lhe transmitir uma série de recomendações e eu já começava a recear que não surgisse oportunidade para o fazer. Mas a verdade é que não houve tempo. Chegámos esta manhã e já vamos a caminho, como vê.
 - Oh, senhor W11kes! - exclamou Scarlett, desesperada, tomando-lhe a mão. - Não vá! Por que não se deixou ficar nos Doze Carvalhos?
 -Acha que já estou velho? -perguntou ele, com um sorriso, o sorriso de Ashley num rosto mais idoso. - Talvez

415

@Á-
 esteja velho para suportar lóngas caminhadas, mas não para montar a cavalo nem para fazer fogo sobre os yankees. A senhora Tarleton foi duma gentileza extraordinária emprestando-me Nellie, de maneira que, por esse lado, considero-me bem servido. Quanto ao resto, o futuro o dirá. Espero que não aconteça mal nenhum a Nellie. Se lhe suceder qualquer coisa não terei coragem para encargar de novo a senhora Tarleton. Nellie era o último animal que lhe restava - explicou, a rir, para desvanecer os receios que transpareciam nos olhos da sua interlocutora. -Os seus país e irmãs encontram-se bem de saúde e mandam-lhe muitas saudades. O senhor O'Hara esteve quase a vir connosco, também.

-O meu pai? -perguntou Scarlett, aterrorizada. -Que horror! Mas não veio, pois não?
 - Não embora tenha pensado nisso. Naturalmente, custa-lhe @ andar, por causa do joelho, mas estava disposto a acompanhar-nos a cavalo. A sua mãe não se opunha, contanto que ele fosse capaz de saltar a cerca do prado, porque, segundo afirmava, havia muitos obstáculos a transpor nestas marchas. O senhor O'Hara aceitou a experiência e, quando o cavalo que montava se abeirou da sebe e estacou, o seu pai foi projectado por cima da cabeça do animal e estatelou-se no chão. Só por milagre não partiu a espinha. Sabe como ele é teimoso. Levantou-se e tentou novamente. Pois bem. Scarlett: caiu três vezes. À terceira, a senliara O'Hara e Pork tiveram que o levar para a cama. Lá ficou deitado, a praguejar, barafustando que a sua mãe tinha pedido ao cavalo que o deitasse por terra. O seu pai já não está capaz para o serviço activo, Scarlett. Não se envergonhe por tão pouco. No fim de contas, é preciso que fique alguém em casa a cuidar das colheitas, a fim de abastecer o Exército.

Scarlett não se envergonhou. Pelo contrário, até respirou aliviada.

-Mandeí India e Honey para Macon para casa dos Burrs. O senhor O'Hara ficou a tomar conta dos Doze Carvalhos e de Tara... Tenho de partir, minha querida. Deixe~me beijar essa cara linda. Se-arlett ofereceu-lhe a face. Sentiu um nó na garganta. Era tão amiga do senhor Wilkes! Em tempos desejaria ser sua nora...

416

- Tome este beijo para a senhora Pittypat e mais este para Melanie -acrescentou, osculando-a mais duas vezes. -Como está Melanie?

-Está bem.

- Ali! - E o seu olhar como que a trespassou, fitando-a tal qual Ashley fizera um dia, um olhar distante que parecia perscrutar os horizontes longínquos. - Gostaria de conhecer o meu primeiro neto. Adeus, minha, querida.

Subiu para a sela e afastou-se, num galope curto, de chapéu na mão 'com a cabeleira prateada à chuva. Scarlett reuniu-se a Maybelle e à senhora Meade e só alguns momentos depois compreendeu o verdadeiro significado das últimas palavras que lhe ouvira.

Tomada de terror supersticioso persignou-se e tentou rezar uma prece. Tal como o filho, também ele pensara na morte. E Ashley... Ninguém devia desesperar! Evocar a morte era o mesmo que tentar a divina Providência. As três mulheres regressaram em silêncio ao hospital. Scarlett rezou durante todo o percurso, suplicando:

-Poupei-o, meu Deus! Poupei-o, a ele e a Ashley! A retirada de Dalton para Kennesaw Mountain durara desde a primeira semana de Maio até meados do mês seguinte, e como os dias quentes e chuvosos de Junho tinham decorrido sem que Sherman houvesse logrado desalojar os sulistas das vertentes escarpadas, a, fé na vitória final renasceu no espírito da população de Atlanta, Todos se congratularam e passaram a falar com mais simpatia do general Johnston. Chegou o mês de Julho, ainda mais húmido do que o anterior e no decurso do qual as tropas da Confederação conseguiram sustar o avanço das tropas de Sherman. Uma alegria selvagem se apossou de Atlanta. A esperança subiu à cabeça de toda a gente como champanhe. "Hurra! Hurra! Detivemo-los enfim!" O povo celebrou o facto com uma série de festa e de diversões. Sempre que um grupo de combatentes vinha pernoitar à cidade, era-lhe oferecido um jantar colectivo, seguido de baile, e, como os homens se encontravam agora em desvantagem numérica perante as raparigas, estas disputavam-nos ardorosamente, chegando a roubar os pares umas às outras.

Atlanta regurgitava de refugiados de famílias de convalescentes, de esposas e mães de militares que combatiam nas montanhas, e que desejavam estar perto deles, no caso de serem feridos. Além desta gente, afluíam à cidade grupos

27 - Vento Levou - 1

417

1 or

de mulheres de outras comaregas, onde os homens que ainda não tinham sido convocados contavam menos do que dezasseis anos ou ultrapassavam já os sessenta. A tia Pitty revoltava-se contra a presença delas convencida de que o único objectivo que as trouxera a Atlanta fora o de arranjar um casamento uma desvergonha que a seus olhos significava o fim do mundo. Scarlett também se mostrava indignada. Não que lhe fizesse mosca competir com garotas de dezasseis anos sem experiência, cujo rosto fresco e sorridente levava, e, portanto, a esquecer os vestidos voltados do avesso e os sapatos remendados. Scarlett usava fatos mais bonitos e mais novos do que a maior parte delas, graças às fazendas que Rhett Butler passara através do bloqueio na última viagem que fizera. No fim de contas, ela tinha apenas dezanove anos e continuava a ser requestada, tanto mais que os homens manifestavam desinteresse quase total pelas meninas ingénuas.

"Uma viúva com um filho devia sentir-se inferiorizada perante aquelas feiticeiras", pensava Scarlett. Mas nesses dias tumultuosos a sua situação de viúva e mãe pouco lhe pesava. Nos intervalos do serviço diurno no hospital e das festas, à noite, pouco tempo lhe sobrava para ver Wade, pelo que chegava a esquecer-se de que tinha um filho.

Nas noites quentes e húmidas de Verão todas as casas de Atlanta abriam as portas aos soldados que defendiam a cidade. Os grandes edifícios, desde Washington Street até Peachtree Street, profusamente iluminados, recebiam os combatentes enlameados, vindos das trincheiras de Kennesaw, ao som de banjos e de violinos. O rumor dos passos dos dançarinos, acompanhado de gargalhadas cristalinas, perdia-se na distância, transportado pela brisa nocturna. Os convivas

debruçavam-se sobre o piano e entoavam os versos tristes da canção A tua carta chegou muito tarde. Os conquistadores andrajosos olhavam significativamente para as raparigas, que riam por trás dos leques de plumas, pedindo-lhes que não esperassem que fosse tarde demais. Nenhuma delas os faria esperar, se isso estivesse nas suas mãos. Contagiadas pela alegria histérica e pela agitação que dominava a cidade, contraíam matrimónio precipitadamente. Realizaram-se imensos casamentos durante o mês em que Johnston conteve o inimigo nas faldas de Kennesaw. Casamentos feitos à pressa, em que as noivas pareciam nadar em felicidade, vestindo trajes emprestados por

418

iw-

uma dúzia de amigas e os noivos impavam de satisfação com os sabres oscilando junto às calças remendadas. A população vibrava de comoção, excitada e divertida, abençoando o general Johnston, que sustara o avanço dos yankees.

De facto eram inexpugnáveis as linhas de trincheiras que rodeavam Kennesaw Mountain. O próprio general Sherman se convenceu disso, após vinte e cinco dias de combate, em face das enormes baixas sofridas pelo seu exército. Em vez de @rosseguir no assalto directo, resolveu estender as suas colunas num vasto semicírculo e forçar novamente a passagem entre as posições ocupadas pelos Confederados e Atlanta. A sua estratégia surtiu efeito mais uma vez. Johnston foi obrigado a abandonar as montanhas, em que se defendera tão hábilmente, a fim de proteger a retaguarda das suas tropas. Nessa luta perdera um terço dos homens e os restantes arrastavam-se, extenuados, debaixo de chuva, através da planície em direcção ao rio Chattahoochee. Os sulistas não podiam esperar mais reforços, ao passo que os yankees faziam transportar dià~riamente, ao longo do troço da via férrea de que se haviam apoderado, contingentes de tropas frescas e de mantimentos, provenientes dos quartéis e depósitos dispersos pelo território do Estado de Tennessee. Johnston não teve outro remédio senão bater em retirada através dos campos enlameados até aos arrabaldes de Atlanta.

Ao tomarem conhecimento de que as posições de Kennesaw Mountain, que supunham intransponíveis tinham caído em poder do inimigo, os habitantes da cidade estremeceram, avassalados por uma nova onda de terror. Durante vinte e cinco dias tinham vivido descuidados e alegres, persuadidos de que seria impossível que tal acontecesse. Mas o facto é que acabava de acontecer! Urgia que o velho Joe detivesse os yankees na margem oposta do rio que ficava apenas a sete milhas de distância.

Mas Sherman pôs outra vez em prática o estratagema que até ali tinha empregado sempre com êxito e tomou a ameaçar as forças confederadas num movimento envolvente atravessando o rio alguns quilómetros mais ao norte. Mortos de cansaço, os valorosos militares de cinzento viram-se obrigados a passar para a outra margem, a fim de interceptarem a marcha dos invasores que avançavam

419

velozmente sobre Atlanta. Abriram novas trincheiras, à pressa, ao norte da cidade, no vale de Peachtree Creek, e tomaram posições a fim de fazerem frente aos soldados abolicionistas. Uma vaga de pânico assolou Atlanta, cuja população, passou a viver horas de angústia. Johnston continuava a bater em retirada e os yankees estavam cada vez mais próximos. Peachtree Creek ficava apenas a cinco milhas de distância! Qual seria a ideia do general? Os brados de "Queremos um homem que resista e que lute!" chegaram até Richmond 'cuja população sabia que a queda de Atlanta significaria a derrota final. Após a travessia do Chattahoochee o velho Joe foi exonerado. O general Hood, seu subalterno, assumiu então o comando, e a cidade respirou um pouco mais tranquila. Hood não recuaria. Era um homem de barbas longas e olhos brilhantes, natural de Kentucky, que tinha fama de ser pior do que um buldogue. Obrigar os yankees a retirarem para lá do rio e a recuarem palma a palma até Dalton,

pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. No entanto o exército, que acompanhara o velho Joe durante o mau'bocado por que haviam passado desde a evacuação de Dalton e cujos componentes sabiam que o general fize@a a única coisa que havia a fazer naquelas circunstâncias -facto que a população se obstinava em ignorar -reclamava agora o seu antigo chefe.

Sherman não deu tempo a que Hood preparasse um contra-ataque. No dia seguinte no da mudança deconando, o general yankee atacou a pequena cidade de Decatur, situada seis milhas ao norte, a qual não tardou a cair em seu poder, e cortou nesse ponto a linha de caminho de ferro que assegurava as comunicações de Atlanta com as cidades de Augusta, Charleston e Wilmington, bem como com o Estado de Virgínia. Com a tomada, de Decatur, Sherman desferiu um golpe tremendo na Confederação. Chegara a altura de agir! Atlanta exigia uma reacção enérgica.

E, numa tarde de Julho escaldante, Atlanta viu realizados os seus desejos. O general Hood fez mais do que resistir e lutar. Lançou-se ferozmente contra os yankees, em Peachtree Creek, incitando os seus homens a investirem contra as fileiras de Sherman, as quais eram duas vezes superio@res em número,

Tremendo de pavor e implorando a Deus que o ataque

420

de Hood fosse coroado de êxito, Atlanta escutou o troar da artilharia e o crepitar de milhares de espingardas que, não obstante a distância que separava o teatro da luta do vasto burgo, pareciam soar tão próximas como se estivessem fazendo fogo às portas da cidade. A população ouvia o fragor das baterias que disparavam sem cessar e contemplav.a a fumaceira que pairava a<,ima das árvores, em navenzinhas, sem fazer a mais pequena ideia do cur o que a batalha estava tomando.

Ao cair da tarde começou-se a receber notícias, incertas, contraditórias @ alarmantes, trazidas pelos primeiros feridos, os quais chegavam isolados ou em grupos pequenos, e se dirigiam para os hospitais num fluxo constante, que se escoava penosamente através da cidade. Aqueles cujos ferimentos eram de pouca gravidade ajudavam a transportar os companheiros. Tinham a cara enegrecida pela pólvora e pela poeira, que o suor havia amassado num amálgama pastoso. Sobre as feridas provocadas pelos estilhaços dos projecteis, em que o sangue ainda não coagulara, as moscas enxameavam cruelmente.

A casa da tia, Pitty foi das primeiras a serem invadidas pelos feridos, os quais se arrastavam penosamente até ao portão, uns atrás dos outros, e se deixavam cair sobre o relvado' implorando, angustiados, urna gota de água.

Durante toda essa tarde ardente, Melanie, Scarlett. e Pittypat, assim como os criados pretos, afrontaram o calor do sol, atarefadas com a faina de acarretarem baldes de água e ligaduras a fim de ministrarem os primeiros socorros. Não tiveram um momento de descanso, quer preparando bebidas quer fazendo pensos até terem esgotado todas as lga<I@ras de que dispunham@ e reduzido a tiras os poucos lençóis e toalhas que lhiE@s restavam, A tia Pitty esqueceu-se completamente de que costumava perder os sentidos sempre que via sangue à sua frente. Trabalhou até que os pés minúsculos lhe incharam dentro dos sapatos, a ponto de não poder aguentá-los mais. Até Melanie, já bastante volumosa na sua gravidez, trabalhou febrilmente ao lado de Prissy, da cozinheira e de Scarlett, com a fisionomia tão alterada como a dos feridos. Quando por fira desmaiou, o único lugar disponível para a deitar era a mesa da cozinha. Todos os leitos, sofás e cadeiras estavam ocupados.

Agarrado aos balaústres do alpendre, inteiramente

421

'AL, 1 ItI,

esquecido no meio do tumulto, o pequeno Wade espreitava para o jardim como um coelho engaiolado ' com os olhos esgazeados de terror, chupando no polegar e soluçando, desconsolado. Quando Scarlett deu pela sua presença, gritou-lhe ásperamente:

-Vai brincar para o quintal, Wade! Mas a criança estava de tal maneira apavorada, e ao mesmo tempo fascinada pelo espectáculo que se desenrolava à sua frente, que não obedeceu logo,

O relvado encontrava-se coberto de homens prostrados, demasiadamente exaustos para prosseguirem no seu caminho, ou demasiadamente enfraquecidos pelas hemorragias para se poderem mexer. Peter amontoava-os na carruagem e transportava-os para o hospital em viagens sucessivas, até que o cavalo se recusou a andar. As senhoras Meade e Merriwether cederam os seus trens para o mesmo efeito e elas próprias os conduziam, indiferentes aos protestos das molas que rangiam ameaçadoramente sob o peso da carga.

Só muito mais tarde, quando já começava a entardecer, principiaram a chegar as ambulâncias e as carretas dos serviços de saúde, cobertas por lonas enlameadas, seguidas por carros de bois, galeras e até por carruagens particulares, requisitadas à última hora pelo corpo médico. Passavam em frente da casa de Pittypat, avançando aos solavancos pela estrada esburacada, transportando feridos e moribundos que gotejavam sangue sobre o pó dos caminhos. Ao verem as mulheres empunhando baldes e latas com água, os condutores das viaturas faziam alto e do interior dos veículos elevava-se então um coro de gritos e gemidos, suplicando água.

Scarlett amparava carinhosamente as cabeças dos soldados delirantes e humedecia-lhes os lábios ressequidos, lançava baldes de água sobre os corpos empoeirados e febris e sobre as feridas expostas, proporcionando aos homens breves momentos de alívio. Erguendo-se sobre os bicos dos pés, dessedentava os condutores das ambulâncias e interrogava-os com ansiedade:

- Que notícias há? Que notícias há? E de todos recebia a mesma resposta: -Não sabemos nada ao certo. Ainda é cedo para dizer qualquer coisa,

A noite caiu, sufocante. Nem uma só folha se movia e as fogueiras de galhos de araucária que os pretos manti-

422

nham acesas tornavam o ar ainda mais quente. Scarlett mal conseguia respirar em virtude da poeira que se lhe infiltrara nas narinas e que lhe ressequira os lábios, O vestidinho de chita azul que pusera nessa manhã, limpo e engomado, estava agora manchado de sangue sujo de pó e de suor. Fora a isso certamente que Ashley quisera aludir ao escrever que não há glória na guerra, há apenas miséria e lama.

A fadiga imprimia às cenas de horror que se sucediam diante dos seus olhos um cunho fantástico, uma aparência de pesadelo. Aquilo não podia ser real, e se o era, o mundo decerto tinha enlouquecido. De contrário como poderia explicar-se que ela se encontrasse ali, sobre o, relvado do pacato jardim da tia Pitty agora iluminado por labaredas irrequietas, deitando água sobre rapazes agonizantes, sem médicos que pudessem acudir-lhes? Muitos deles tinham-lhe feito a corte e, apesar de estarem às portas, da morte, tentavam sorrir-lhe, ao verem-na. Entre os homens que seguiam pela estrada escura e poeirenta aos solavancos, havia tantos que Scarlett conhecia! E, entre os que lhe morriam nos braços, suportando estóicamente os ataques dos mosquitos que lhes pousavam no rosto ensanguentado, havia alguns com quem, ela dançara e rira, para quem tocara melodias ao piano e cantara as trovas mais em voga; a quem arreliara, reconfortara e amara-um pouco!

Scarlett descobriu Carey Ashburn numa pilha de feridos que ia a caminho do hospital, em carro de bois. Estava moribundo, com uma bala alojada no crânio! Como não podia removê-lo sem incomodar seis outros feridos, teve de o deixar seguir tal qual o encontrou. Mais tarde, teve conhecimento de que o infortunado capitão morrera sem assistência médica e fora sepultado, embora ninguém soubesse dizer-lhe onde. Durante aqueles últimos trinta dias tinham sido enterrados milhares de soldados em covais abertos à pressa no cemitério de Oakland. Melanie ficou inconsolável por não ter conseguido uma mecha do cabelo de Carey para enviar à mãe dele, em Alabama.

C@ieias de dores nas costas e com os joelhos a tremerem-lhe de fadiga, Scarlett e Pitty continuaram pela noite fora a interrogar os que chegavam da frente, tentando obter notícias acerca da marcha das operações.

-Quem está a vencer? Quem está a vencer?

Amanhã já, quando obtiveram uma resposta concreta, uma resposta que as levou a entreolharem-se ' lívidas:

- Estamos a recuar em toda a linha. Não havia outro remédio. Os yankees são muito mais numerosos do que nós. Cortaram a retirada da cavalaria de Wheeler, perto de Decatur. Temos de lhe acudir. Os nossos rapazes não devem tardar aí.

Scarlett e Pitty lançaram-se nos braços uma da outra. -Então os yankees estão a... a aproximar-se? - Estão, sim, minha senhora, mas não poderão avançar durante muito tempo. Não se assustem que não chegarão a entrar em Atlanta. Há milhares de quilómetros de trincheiras abertas em torno da cidade, onde poderemos resistir a todos os ataques, Além disso, eu próprio ouvi o general Johnston dizer: "Posso defender Atlanta eternamente".

- Mas o general Johnston foi exonerado. No lugar dele temos agora...

-Cala-te, idiota! Não vês que estás a assustar essas senhoras? Tranquilizem-se, que os yankees jamais conseguirão tomar a cidade. No entanto, talvez fosse melhor as senhoras partirem para Macon ou para qualquer outro local mais seguro. Não têm parentes em nenhuma cidade do Sul? os yankees não conquistarão Atlanta, mas hão-de tentar fazê-lo e a população bem pode preparar-se para passar um mau bocado. Vamos ficar debaixo da metralha.

Sob a chuva quente que não cessava de cair, o exército derrotado entrou em Atlanta na manhã seguinte, exausto de fome e de cansaço, enfraquecido por setenta e seis dias de batalha e de marchas forçadas, com os cavalos quase reduzidos ao, esqueleto, mais mortos do que vivos, e com as peças e armões atrelados de qualquer maneira, seguros por pedaços de corda e de correias. Mas não entraram desordenadamente, revelando pânico ou desorganização. Marcha- @,am em boa ordem, apesar de terem os uniformes transformados em andrajos e os estandartes completamente esfarrapados. Haviãam aprendido com o velho Joe que do ponto de vista estratégico uma retirada podia ser um feito de armas tão grande como um ataque vitorioso. Com as fardas reduzidas a frangalhos e o rosto coberto i)or barba hirsuta, os heróicos combatentes sulistas desfilarãam por Peachtree Street ao som da marcha iVaryland! Maryland! e a cidade inteira saiu para a rua a fim de os aclamar. Na vitória como na derrota -eram sempre os seus rapazes!

424

A Milícia Estadual, que havia tão Pouco tempo ainda tinha partido dali exibindo orgulhosamente os seus uniformes vistosos, mal se distinguia no meio das tropas das restantes unidades 'tal o seu aspecto sujo, e miserável. Contudo, nos olhos dos soldados brilhava uma expressão diferente. Tinham redimido os três anos de desculpas e pretextos invocados a fim de não seguirem para a frente de batalha; tinham trocado a relativa tranquilidade dos seus lares pelas contingências da luta. Muitos deles haviam mesmo trocado a vida fácil que levavam por uma morte cruel. Pela bravura com que se bateram, podiam ser considerados já veteranos, embora de fresca data, mas veteranos apesar de tudo. Procuravam entre a multidão caras amigas e fitavam-nas com orgulho e arrogância. Agora já podiam erguer bem alto a cabeça...

Os velhos e os rapazes da Guarda Civil marchavam logo a seguir. Os anciões extenuados 'arrastavam os pés, sem forças para poderei@ levantá-los do chão. Os adolescentes tinham o ar de crianças fatigadas, consequências do contacto intemp-estivo com os problemas dos adultos. Scarlett avistou Phil Meade e mal o reconheceu, tal a diferença operada na sua aparência. Trazia o rosto enegrecido pela pólvora e a fisionomia 'Qontraída em virtude do esforço empregado. O tio Henry passou, coxeando, com a cabeça à chuva, protegida apenas por um pedaço de oleado velho,. O avô Merriwether seguia num armão de artilharia com os pés envoltos em tiras de cobertor. Por mais que se esforçasse, Searlett não conseguiu ver John Wilkes.

Os veteranos que haviam combatido sob ais ordens de Johnston marchavam na cadência maquinal e infatigável, que mantinham desde o. início, e ainda conservavam energia bastante para sorrirem e

acenarem às raparigas bonitas e lançarem ditos grosseiros aos paisanos que assistiam ao desfile. O seu destino agora eram os entrenchamentos que circundavam a cidade, constituídos não por valas pouco profundas, cavadas à pressa, mas por construções bem feitas, de @guardapeito alto, reforçadas com sacas de areia e protegidas por uma cortina de estacas aguçadas, de madeira. Toda a periferia da cidade se encontrava defendida por essas trincheiras, incisões rasgadas nos flancos dos outeiros vermelhos que aguardavam a chegada dos liomens que deviam guárnecê-las.

425

A multidão aclamava as tropas como se tivessem saído vitoriosas. O receio dominava os corações, mas, agora que conheciam a verdade, que sabiam ter acontecido o pior e que a guerra se avizinhava dos seus lares, uma transformação radical se operava na atitude de todos os habitantes. Já não se vislumbravam, fosse em que ponto fosse, sinais de pânico nem de histerismo. A fisiGnomia não deixava transparecer o que ia na alma. Todos procuravam mostrar-se alegres, embora essa alegria fosse fiética, tentando manifestar a confiança que depositavam nas tropas. Toda a gente repetia a frase que o velho Joe dissera poucos momentos antes de receber a notícia da sua exoneração:

- Posso defender Atlanta eternamente! Agora, que também Hood se vira 'forçado a bater em retirada, já muitas pessoas partilhavam do desejo dos soldados e ansiava pelo regresso do velho Joe, embora ninguém ousasse confessá-lo. Todavia, encorajavam-se a si próprias, buscando ânimo na afirmação do valoroso general:

- Posso defender Atlanta eternamente!

Hood não era-partidário da tática cautelosa adoptada pelo general Johnston e investiu contra os yankees, a leste e a oeste de Atlanta. Sherman cercava a cidade, observando os movimentos do inimigo como o lutador que procura o ponto vulnerável do adversário, a fim de desferir o golpe fatal. Hood, porém, não se deixou ficar entrenchado à espera que os yankees resolvessem atacar. Em cargas audaciosas caiu como uma fúria sobre as tropas sitiadas e no breve espaço de meia dúzia de dias travou com os abolicionistas a batalha de Atlanta e a de Ezra Church, as quais se arrastaram durante quarenta e oito horas e foram de tal modo renhidas e mortíferas que a de Peachtree Creek, comparada com qualquer delas, poderia parecer apenas uma leve escaramuça. No entanto, em vez de se retraírem, os yankees ainda se lançavam mais afoitamente na luta. Tinham sofrido baixas tremendas, mas dispunham de homens em quantidade suficiente para poderem suportá-las à vontade. As suas baterias não cessavam de fazer fogo sobre Atlanta, matando os habitantes indefesos, destelhando os edifícios e abrindo enormes crateras nas ruas e nas estradas. A população da cidade abrigava-se o melhor que podia nas adegas, em gru-

426

tas e cavernas, nos túneis estreitos da via férrea. Atlanta estava cercada.

Onze dias depois de ter assumido o comando, o general Hood tinha perdido tantos homens como Johnston em quase três meses de lutas e retiradas. E Atlanta encontrava-se sitiada por três lados. O caminho de ferro que ligava o principal entreposto da Confederação com o Estado de Tennessee achava-se inteiramente em poder de Sherman, cujas tropas haviam cortado já a via férrea que assegurava as comunicações com o Leste, bem como o ramal do Sudoeste, que se dirigia para Alabama. Só uma linha se conservava aberta ao tráfegoconfederado: a que unia Macon a Savannah. Atlanta regurgitava de soldados, de feridos e de refugiados e essa linha era insuficiente para suprir as necessidades cada vez maiores e mais prementes da população. Contudo, enquanto ela permanecesse na posse das forças sulistas, Atlanta poderia resistir.

Searlett ficou aterrada quando se compenetrou da importância daquele ramal e pensou na violência dos combates que Sherman e Hood não deixariam de travar, o primeiro para o conquistar o segundo para o defender, porque era aquele o ramal que atravessava Geórgia e passava em Jonesboro, e Tara ficava apenas a cinco milhas de Jonesboro. Tara constituiria certamente um oásis de tranquilidade em relação ao inferno de Atlanta. Mas Tara ficava ainda a cinco milhas de Jonesboro...

No dia em que se feriu a batalha de Atlanta, Scarlett assistiu, juntamente com muitas outras senhoras, ao desenrolar dos combates, sentada no terraço de um dos armazéns e com a sombrinha aberta, a fim de se proteger das ardências do sol estival. Mas, quando os primeiros estilhaços de granadas eáíram nas ruas da cidade tanto Searlett como as suas companheiras correram a al@rigar-se na profundidade dos subterrâneos e nessa mesma noite principiou o êxodo de mulheres, crianças e velhos em direcção a Macon. Muitos, dos passageiros que embarcaram no comboio que partiu de Ailanta ao entardecer eram refugiados que tinham vindo de cidade em cidade, sempre na vanguarda das tropas de Johnston, desde a evacuação de Dalton. Viajavam agora com bagagens muito mais reduzidas do que aquelas com que tinham chegado a Atlanta, A grande

427

íú,4"

maioria levava apenas consigo um saco de tapeçarias e um parco farnel, embrulhado num lenço de seda. Entre eles, via-se um ou outro criado, com expressão de pavor estampada no rosto, carregando jarros de prata, talheres e fotografias de pessoas de família, que haviam conseguido salvar na primeira fuga.

Tanto a senhora Merriwether como a senhora Elsing se recusaram a partir. Ambas alegaram que não podiam abandonar o hospital, acrescentando altivamente que não tinham medo de nada nem de ninguém e que não havia yankees capazes de as expulsarem de suas casas. No entanto, Maybelle Merriwether e o filho, seguiram para Macon, juntamente com Fanny Elsing. Pela primeira vez na sua vida de casada a senhora Meade negou-se terminantemente a obedecer ao marido quando este lhe ordenou que se metesse no comboio e partisse para um local seguro.

O marido precisava dela, dizia a pobre senhora. Além disso, Phil encontrava-se algures nas trincheiras e queria estar próximo dele no caso de...

A senhora Whiting partiu também e com ela muitas outras senhoras conhecidas de Scarle@t. A tia Pitty, que fora a primeira a censurar o velho Joe pela táctica de contemporização que adoptara, foi igualmente das primeiras a fazer as malas. Tinha nervos extremamente sensíveis, que não lhe permitiam suportar durante muito tempo o fragor das batalhas e o, troar incessante dos canhões - eis a desculpa que ela invocou. Receava desmaiar com alguma explosão mais forte, antes que tivesse tido tempo de se refugiar na adega, Não que fosse medrosa, argumentava ela, tentando cerrar os lábios numa linha severa e resoluta. Iria para casa da prima, a idosa senhora Burr, de Macon, e queria que Scarlett e Melanie a acompanhassem,

Não obstante o terror que as continuas deflagrações das granadas lhe infundiam, Scarlett preferiu ficar em Atlanta a refugiar-se em Macon, poi@ detestava cordialmente a senhora Burr. Ainda se não esquecera do dia em que a velha lhe chamara leviana em virtude de a ter surpreendido a deixar-se beijar pel@ filho, Willie, no decurso duma festa realizada em casa dos Wilkes. "Não", dissera ela à tia Pitty, "vou para Tara, para junto dos meus pais, e Melanie, se quiser, pode ir consigo para Macon".

Ao ouvir isto, Melanie rompeu num pranto convulsivo, dando largas à sua consternação. Pitty saiu a correr a fim

428

de ir chamar o Dr. Meade, e Melanie assim que a viu desaparecer no corredor, agarrou ambas as mãos da cunhada, implorando:

-Por amor de Deus - Scarlett, não me deixes! Sentir-me-ei tão só e desamparada sem a tua companhia! Oh, Scarlett, tenho a certeza de que não resistirei se tu não estiveres ao pé de mim quando a criança nascer! Sim,, eu sei... A tia Pitty é uma jóia e não me abandonará. Mas tu conhece-la tão bem como eu... Ela nunca teve filhos e as suas caturrices às vezes enervam-me de tal forma que até me dá vontade de gritar. Por favor, Scarlett, não te vás embora! Tens sido como uma irmã para mim e, além disso...

- acrescentou, esboçando um pálido sorriso, -...tu prometeste a Ashle que olharias por mim. Ele disse-me que te pediria esse @avor antes de partir.

Scarlett fitou a cunhada, estupefacta. Como era possível que Melanie lhe quisesse tanto, não obstante a antipatia que lhe votava e que tão mal lograva dissimular? Como podia Melanie ser tão estúpida que nunca tivesse percebido o segredo da sua paixão por Ashley? Quantas vezes ela não traía esse segredo durante todos aqueles meses de tormento, à espera de notícias que nunca mais chegavam? Melanie, porém, não via senão o lado bom das criaturas... Sim, de facto prometera-lhe que olharia pela mulher... "Oh, Ashley! Ashley! Já deves estar morto há tantos meses e s6 agora a promessa que te fiz vem tolher-me o passo!"

-Na verdade - respondeu secamente - prometi a Ashley que cuidaria de ti e não voltarei com a minha palavra atrás. Mas isso não implica que seja obrigada a ir para Macon aturar aquela maldita velha. Arrancar-lhe-ia os olhos em menos de cinco minutos assim que lhe pusesse a vista em cima. Quero voltar para Tara e tu podes muito bem vir comigo. A minha mãe terá muito gosto em te receber.

-Boa ideia! A tua mãe é tão boazinha! Mas bem sabes que a tia Pitty morrerá de desgosto se não estiver presente quando o nenê nascer e eu duvido que ela queira ir para Tara, Fica muito perto do campo de batalha e a tia não quer correr riscos inúteis.

O Dr. Meade, que chegou esbaforido, julgando encontrar Melanie já no início do trabalho de parto, em face da aflição manifestada pela tia Pitty, não ocultou a sua indignação. E, ao conhecer a causa que motivara aquele alarme

429

injustificado, resolveu o assunto em termos tais que lhe não deu aso a prolongarem a discussão.

- Ponha de parte essa ideia de ir para Macon, menina Melly. Não me responsabilizo pelo que lhe possa acontecer se sair daqui. Os comboios andam superlotados, não respeitam as tabelas horários e os passageiros estão sujeitos a serem despejados dum momento para outro no meio duma floresta, se as formações forem de repente necessárias para o transporte de feridos, de tropas ou de abastecimentos. No seu estado...

- Mas se eu for para Tara acompanhada por Scarlet,... -Já lhe disse que não é conveniente sair de casa nas condições em que se encontra. Aliás, o comboio que serve Tara é o mesmo que segue para Macon e portanto o problema subsiste. Além disso, ninguém sabe ao certo o que andam os yankees a fazer neste momento, nem onde param, pelo que há que contar sempre com a possibilidade de eles dinamitarem a linha. E mesmo que chegasse a Jonesboro sã e salva, teria ainda que se sujeitar a urna viagem de cinco milhas por uma estrada péssima, para chegar a Tara. Deve concordar que não é uma aventura aconselhável para uma senhora que se encontra nesse estado. E, para concluir, devo informá-la de que não há médico nenhum na região desde que o Dr. Fontaine se alistou.

-Mas há parteiras... -Eu falei em médicos -redarguiu o Dr. Meade com brusquidão, e inconscientemente os olhos contemplaram a frágil constituição da criatura deitada no leito. - Não quero que se mexa daí. Pode ser perigoso. Não pretende arriscar-se a ter o filho no comboio ou numa carroça, pois não?

As três mulheres coraram 'embaraçadas, ante a rude franqueza do médico, e guardaram silêncio.

- Não, deixe-se estar 'onde está para que eu tenha possibilidade de a observar sempre que for preciso. E não saia da cama. Nada de correrias para o subterrâneo nem que as balas comecem a entrar pela janela. Aí deitada nenhum perigo a ameaça. E não deve tardar que os yankees sejam obrigados a bater em retirada... Quanto à senhora Pitty, pode partir quando quiser. Mas as suas sobrinhas têm de ficar.

- Sem terem quem as vigie?

- Elas já são ambas casadas - respondeu o médico, vivamente. -E a minha mulher mora aqui mesmo a dois

430

passos. Além disso, tenho a certeza de que não tencionam receber visitas masculinas com a menina Melly neste estado. Meu Deus! Lembre-se de que nos encontramos em guerra! Não podemos preocupar-nos com preconceitos sociais! Agora o que nos importa é cuidarmos desta.

Saiu da sala e esperou sob o alpendre que Scarlett se lhe reunisse.

-Vou ser franco consigo, Scarlett -declarou ele, cofiando a barba grisalha.-A menina parece-me uma rapariga dotada de senso prático e portanto, espero que me poupe o embaraço de a ver cora@. Peço-lhe encarecidamente o favor de convencer a sua cunhada a não empreender qualquer viagem antes que a criança nasça. Duvido que ela conseguisse resistir, por mais cuidados que houvesse. A Melly vai passar por um mau bocado, mesmo na melhor das hipóteses. n muito estreita de ancas, como sabe, e tudo faz prever que se torne necessário o emprego de fórceps, razão por que não quero nenhuma parteira preta metida neste caso. Mulheres como a sua cunhada não deviam ter filhos, mas... Seja como for, o que agora tem a fazer é emalar as roupas da senhora Pittypat e mandá-la para Macon. A sua tia está tão amedrontada que não faria mais do que afligir a Melly sem necessidade o que só poderia precipitar os acontecimentos e acarretar algum dissabor. Quanto a si... -prossegiu o médico, lançando a Scarlett um olhar perscrutante - _é melhor pôr também de parte a ideia de partir numa altura destas. Deixe-se ficar junto de Melly até que ela dê à luz. Não é medrosa, pois não?

- Oli, não! - voltou Scarlett, mentindo desassombradamente.

- Tanto melhor. A senhora Meade acompanhá-la-á sempre que for preciso e dispensar-lhe-á a velha Betsy para cozinhar, no caso de a senhora Pitty levar as criadas consigo. Calculo que ela não seja necessária por muito tempo, visto que, segundo as minhas previsões, a criança deve nascer dentro de cinco semanas, o mais tardar. No entanto, em virtude de se tratar do primeiro filho, e com todo este tiroteio a contender coníog-nervos da Melly, há que encarar a hipótese de o parto ocorrer mais cedo,

Pittypat partiu para Macon, a debulhar-se em lágrimas, levando consigo Peter e a velha cozinheira negra. Num rasgo de patriotismo de que logo se arrependera doara a sua carruagemcom o respectivo animal aos serviços hwpí-

431

talares, o que contribuiu ainda mais para engrossar o pranto que verteu no momento da despedida. Searlett e Melanie ficaram sózinhas com Prissy e Wade Hampton, numa casa que lhes parecia agora muito mais tranquila, se bem que o bombardeamento dos yankees prosseguisse na mesma escala. lo

os yankees la@_çaram-se então ao assalto da cidade, esbarrando contra, a enérgica defesa oposta pelos soldados de Hood. Durante os primeiros dias do cerco ' Scarlett ficava tão apavorada sempre que uma granada explodia mais próximo que se limitava a tapar os ouvidos com as mãos, esperando a morte a cada momento. Quando ouvia o silvo que assinalava a passagem dum projectil, precipitava-se para o quarto de Melanie e deitava-se na cama, junto da cunhada. Agarravam-se uma à outra escondendo a cabeça nas almofadas, e gritavam: "Oh! óh!", enquanto Prissy e Wade corriam para a adega, onde se agachavam na escuridão, sob as teias de aranha. Prissy berrava a plenos pulmões, aterrorizada, e Wade gemia e soluçava.

Sufocando sob as almofadas de penas enquanto a morte uivava acima da sua cabeça, Scarlett amaldiçoava Melanie em silêncio visto ser por causa dela que não podia procurar refúgi@o na cave. O Dr. Meade intimara-a a não abandonar a cunhada e proibira Melanie de andar. Ao medo de ir pelos ares juntava-se o receio não menor de que a criança nascesse dum momento para outro. Cobria-lhe o corpo um suor frio sempre que tal pensamento lhe acudia. O que havia ela de fazer quando o parto começasse? Ser-lhe-ia muito mais fácil deixar Melanie morrer do que correr à rua a fim de chamar o médico, com as granadas a choverem sobre a cidade. Quanto a Prissy, sabia que preferiria apanhar uma sova mortal a dar um passo fora de casa. Que faria ela, se a criança nascesse?

Certa noite, estava Scarlett a discutir o assunto em voz baixa, com Prissy, enquanto preparavam na bandeja o jantar de Melanie, quando a criadita preta inesperadamente acalmou todos os seus receios:

- Minina Scarlett, mesmo que a gente não pode ir buscar o doutor, quando a hora dela chegar, não se fale! Eu posso

432

1

ajudá. Sei tratá de sinhora Melly. Minha mãe é parteira. Ela criou a mim pra sê parteira também. Deixe o caso por minha conta.

Scarlett respirou aliviada ao verificar que tinha ao seu alcance duas mãos experientes mas bem quisera que a crise que se avizinhava tivesse já passado. Ansiava por se libertar da ameaça constante das granadas, por se refugiar na quietude de Tara. Todas as noites pedia a Deus que a criança nascesse no dia seguinte, para que, uma vez livre do compromisso que tomara, pudesse abandonar Atlanta. Tara parecia-lhe tão segura, tão distante de todo aquele horror...

Scarlett suspirava por regressar de novo à casa onde pela primeira vez vira a luz do dia, por voltar junto da mãe, do pai e das irmãs - como nunca suspirara por qualquer outra coisa em toda a sua vida. A companhia de Ellen inspirar-lhe-ia confiança, dissipar-lhe-ia todos os seus temores, acontecesse o que acontecesse. Quando a noite tombava após mais um dia de terror, Scarlett ia deitar-se levando ainda nos ouvidos os silvos das granadas e o troar dos canhões, e tomava a firme resolução de na manhã seguinte declarar a Melanie que não passaria mais nenhuma noite em Atlanta. Iria para Tara e Melanie teria de se recolher em casa da senhora Meade. @las logo que reclinava a cabeça no travesseiro vinha-lhe à mente a imagem de Asliley tal qual o vira pela última vez torturado por um sofrimento interior, com um sorriso triste a entreabrir-lhe os lábios e a recomendar-lhe que tomasse conta de Melanie.

E ela tinha prometido. Asliley morrera em qualquer parte. Mas, onde quer que se encontrasse agora, estaria a vê-la e decerto exigiria o cumprimento da promessa feita. Scarlett não queria causar-lhe nenhuma decepção. Respeitaria a palavra dada, custasse o que custasse, mesmo que viesse a saber ao certo que ele sucumbira no cativeiro. E assim se ia deixando ficar dia após dia.

Quando respondia às cartas de Ellen, em que a mãe lhe implorava que voltasse para Tara, Scarlett depreciava sempre os perigos que estava correndo, alegando que Melanie se encontrava num estado melindroso e comprometendo-se a partir imediatamente após o nascimento da criança. Ellen, que atribuía grande importância aos laços de família, ainda que não fossem consanguíneos, acabou por se resignar, mas exigiu que Prissy e Wade Hampton seguissem quanto

28 - Vento Levou - 1

433

antes. Esta sugestão teve a plena concordância de Prissy, que batia os dentes ao, menor ruído suspeito e ficava em perfeito estado de idiota sempre que uma granada passava assobiando por cima do telhado. Permanecia horas e horas agachada no subterrâneo e se a senhora Meade não tivesse emprestado a sua velha Betsy para ajudar Scarlett na cozinha, teriam morrido todos à fome.

Scarlett estava tão ansiosa como a mãe por fazer sair o filho daquele inferno, não só por causa da segurança do pequeno, mas também pelo enervamento que lhe causava o terror constante em que o via. O pavor que o assaltava ao ouvir as explosões das granadas deixava-o ficar sem fala e até nos momentos de relativa calma ele se agarrava desesperadamente às saias de Scarlett. À noite, tinha medo de se deitar e não queria dormir às escuras, com receio de que os yankees o levassem assim que ele fechasse os olhos.

O choro constante do garoto desequilibrava-lhe os nervos. No íntimo, Scarlett sabia que o seu terror era tão grande como o de Wade, mas irritava-se ver a cada momento esse terror patente no rosto do filho. Sim, era em Tara que o pequeno devia estar. Prissy podia levá-lo e voltar imediatamente a fim de assistir ao parto.

Mas, antes que Scarlett tivesse tido tempo de pôr em prática o seu intento, chegou à cidade a notícia de que os yankees se haviam dirigido para o Sul e combatiam ao longo da via férrea, entre Atlanta e Jonesboro. E se os invasores detivessem o comboio em que os dois viajassem? Ao lembrarem-se dessa possibilidade, Scarlett e Melanie empalideciam, pois ninguém ignorava as atrocidades que os soldados de Sherman infligiam às crianças indefesas, muito piores do que as tropelias que faziam às mulheres. E, assim, o miúdo ficou em Atlanta, como um pequenino fantasma silencioso, aterrado seguindo a mãe como uma sombra, com receio de ser arrastado na voragem daquela guerra interminável.

O cerco prolongou-se por todo o mês de Julho, cujos dias quentes se arrastaram com pasmosa lentidão. Quando caía a noite, o troar ininterrupto das baterias yankees dava lugar a um silêncio sepulcral que ainda se tornava mais impressionante do que o ribombar dos canhões. Os habitantes, contudo, já estavam habituados a uma coisa e a outra. Dir-se-ia que tudo lhes era indiferente agora, depois da longa série de decepções sofridas. O cerco, que tanto

434

havam recebido, já não revestia a seus olhos a gravidade de outrora. E a vida prosseguia num ritmo quase normal. Sabiam que estavam sobre um vulcão, mas até que ele entrasse em actividade nada podiam fazer. Não valia a pena preocuparem-se. Era até muito provável que a erupção nunca se chegasse a dar. Bastava atentar na facilidade com que Hood mantinha os yankees a distância. Era ver como a cavalaria defendia o caminho de ferro para Macon! Sherman nunca conseguiria tomar Atlanta!

Mas, apesar da aparente indiferença pelos projectos que não cessavam de cair sobre a cidade apesar de serem cada vez mais reduzidas as rações que competiam a cada um, apesar de ignorarem que o inimigo se encontrava apenas a oitocentos metros de distância, apesar da confiança ilimitada que depositavam nos heróicos soldados de cinzento, os habitantes de Atlanta viviam inquietos, na incerteza do que lhes poderia acontecer no dia seguinte. A dúvida, a fadiga, o desalento, a tristeza, a fome, tudo ia desgastando gradualmente a resistência do povo.

A pouco e pouco, Scarlett foi haurindo coragem na expressão de bravura patente no rosto dos amigos, cuja fisionomia deixava transparecer também aquela resignação que a natureza empresta a todos os que têm de enfrentar uma situação irremediável. Evidentemente, ainda estremecia com o fragor das explosões, mas já não corria, aos gritos, a esconder o rosto no travesseiro de Melanie. Até já encontrava ânimo para dizer, embora com voz fraca:

-Esta foi muito perto, não foi? Não se assustava já com tanta facilidade - em parte porque a vida agora se lhe afigurava um sonho, um sonho demasiadamente terrível para ser real. Não era possível que ela, Scarlett O'Hara, estivesse correndo perigo a toda a hora e a todo o instante. Não era possível que a tranquila maneira de viver de outrora tivesse sofrido tão radical transformação em tão breve espaço de tempo.

Parecia-lhe irreal, fantástico, que o azul do céu das lindas manhãs estivais fosse turvado pelos fumos da pólvora, que pairavam sobre a cidade em nuvens baixas, como se estivesse iminente forte trovoadas, que as tardes suavemente perfumadas pela fragrância das madressilvas e roseiras em flor fossem perturbadas pelos silvos das granadas que tombavam nas ruas, explodindo com fragor, projectando esti-

435

lhaços de ferro a centenas de metros de distância, esfacelando homens e animais.

As horas calmas das sextas tinham passado à história, pois que, embora no desenrolar das operações se verificassem por vezes períodos de relativa acalmia, o tráfego em Peachtree Street não sofria quebra durante o dia. Atrás das ambulâncias que transportavam feridos para os hospitais, desfilavam regimentos que em passo acelerado se deslocavam numa linha de trincheiras para outra

e passavam estafe;as galopando em direção ao quartel-general, como se a sorte da Confederação dependesse da rapidez dos seus cavalos.

As noites quentes decorriam calmas, mas havia na sua quietude algo de sinistro. O silêncio sepulcral que ao entardecer tombava sobre o vasto burgo chegava a incutir pavor, era em extremo profundo para ser real. Dir-se-ia que as rãs, as cigarras e os pássaros tinham perdido a alegria de viver e se recusavam a entoar o coro habitual das noites estivais. De tempos a tempos, o silêncio era bruscamente interrompido por uma detonação isolada, que se elevava na noite como um verdadeiro trovão.

Por vezes, a horas mortas, quando já todas as luzes estavam apagadas e Melanie dormia a sono solto, Scarlett, que não conseguia adormecer, ouvia abriar o fecho do portão e leves pancadas na porta da frente.

Eram sempre soldados 'cujo rosto não lograva descortinar na escuridão, os quais lhe faziam os mais variados pedidos, falando com sotaques que por vezes lhe eram completamente desconhecidos. De quando em quando subia da rua até à sua janela a voz dum homem mais delicado, que lhe dizia cortêsmente:

- Minha senhora, peço mil desculpas de vir incomodá-la a esta hora, mas seria possível fornecer-nos um pouco de água, a mim e ao meu cavalo?

Apareciam com frequência soldados de sotaque anasalado dos longínquos plainos do Wiregrass, situados muito mais ao Sul, ou com a pronúncia áspera dos habitantes das regiões montanhosas ou com a entonação arrastada e musical da populaçã@ da faixa costeira, a qual fazia lembrar a voz de Ellen.

- Menina, trago aqui um camarada ferido, mas ele não aguenta mais... Pode deixá-lo entrar?

436

- Minha senhora, não tenho nada para comer. -J@ capaz de me dar uma maçaroca que lhe não faça falta?

- Minha senhora perdoe-me a ousadia, mas... deixa-me passar a noite debaixo da sua varanda? Vi as suas roseiras e senti o cheiro das madressilvas... Fizeram-me lembrar tanto a minha casa que... Não, essas noites não eram reais.-Faziam parte dum pesadelo horrível em que perpassavam homens sem corpo nem rosto e vozes misteriosas que se elevavam da obscuridade cálida. Acarretar água ' oferecer comida, colocar travesseiros sob a varanda, fazer pensos, amparar cabeças ensanguentadas, de moribundos... Nada disso, de facto, podia ser real. Era uma alucinação ' uma fantasmagoria criada pelo seu espírito imaginativo, ávido de sensações...

Numa bela noite dos fins de Julho, o tio de Melanie foi bater-lhe à porta, como muitos outros soldados haviam feito antes dele, Henry Hamilton já não trazia na mão o saco de viagem, nem tão-pouco o guarda-chuva com que tinha partido para a frente. Durante a luta fora despojado até da própria barriga. Estava muito mais magro e a pele das bochechas, outrora gordas e rosadas, pendia-lhe dum lado e doutro da cara, como papadas dum buldogue lazeirento. A sua cabeleira branca parecia negra de sujidade. Vinha quase descalço, faminto e coberto de piolhos. Mas conservava o espírito irascível que a sobrinha sempre lhe conhecera. Não obstante ter afirmado que aquela guerra era uma luta insensata em que até os velhos tontos como ele andavam misturados, Scarlett e Melanie estavam plenamente convencidas de que o velho encontrava certo prazer oculto em sentir de novo o cheiro da pólvora impregnado nas narinas. Hood precisava dele tanto como dos rapazes novos, e a verdade é que Henry Hamilton fazia o mesmo que os jovens. Além de que, comentava o tio Henry jovialmente, não receava confronto com ninguém, o que não podia dizer-se do avô Merriwether, o qual já pouco fazia. O lumbago atormentava-o e o capitão estava disposto a dispensá-lo mas o velho recusara. Não queria voltar para casa. Decl@rava peremptoriamente que preferia as pragas e a impertinência do capitão aos cuidados excessivos da nora. Já não podia ouvi-la pedir-lhe que deixasse o vício de mascar tabaco e lavasse as barbas todos os dias.

A visita do tio Henry foi curta, porque estava dispen-

437

LALI

sado por quatro horas, e só a caminhada de ida e volta exigia duas.

- Menina, vou passar algum tempo longe de Atlanta - anunciou, mergulhando os pés, deleitado,, na bacia de água fresca que Scarlett lhe trouxera. - A nossa companhia parte amanhã de madrugada.

- Para onde? - perguntou Melanie, assustada, agarrando-lhe o braço.

- Não me toques - preveniu o tio Henry irritado. -

Estou minado de piolhos. A guerra não passari@ dum piquenique se não fossem os parasitas e a disenteria, Para onde vou? Ainda não me disseram, mas calculo. Se me não engano muito vamos marchar para o sul, em direcção a Jonesboro, as@im que rompa a manhã.

- Em direcção a Jonesboro? Porquê?

- Porque é lá que somos precisos, minha filha. Os yankees vão fazer toda a diligência por se apoderarem do> caminho de ferro e, se o conseguirem... adeus Atlanta!

-O tio Henry acha que eles poderão tomar a cidade? -Valha-me Deus, meninas! Evidentemente que não! Como seria isso possível, estando eu lá?-O tio Henry sorriu, ao vê-las assustadas e, assumindo um ar circunspecto, acrescentou: -Vai ser uma batalha renhida e temos de ganhar, dê por onde der. Vocês decerto já sabem que os yankees estão de posse de todas as linhas férreas, excepto a de Macon, não é assim? No entanto, não foi isso sómente que eles até à data conseguiram. Talvez vocês ignorem, mas os yankees estão senhores de todas as estradas, de todos w caminhos e veredas de Geórgia, com excepção da estrada de McDonough. Atlanta está metida num saco e os cordões desse saco vão fechar-se em Jonesboro. Se o, inimigo se apossar do caminho de ferro nesse ponto poderá puxar pelos cordões e apanhar-nos de vez. l@ por'isso que temos de lhes tolher o passo. Já devia ter partido, meninas. Vim aqui apenas para me despedir e para averiguar se de facto Scarlett tinha ficado a fazer-te companhia.

-Pois claro que ficou -respondeu Melanie afectuosamente. - Não se incomode connosco, tio Henry, e cuide antes de si.

O velhote enxugou os pés na toalha turca e resmungou, ao enfiá-los de novo nos sapatos esburacados:

- Tenho de me ir embora. Ainda são cinco milhas daqui

438

até ao meu posto. Arranja-me qualquer coisa de comer, Searlett. Seja, o, que for.

Despediu-se de Melanie e dirigiu-se para a cozinha, onde Scarlett. estava embrulhandG uma maçaroca de milho jun~ tamente com algumas maçãs...

-Tio Henry... tem a certeza de que... de que a situação é assim tão grave?

-Assim tão grave? Valha-me Deus, Scarlett! É gravíssima! Deixa-te de ilusões. Estamos quase a dar o último ai.

-E pensa que eles chegarão a Tara?

- Ora... - começou o veterano, irritado com a mentalidade da sobrinha, que só se preocupava com o seu problema pessoal quando estavam em causa coisas muito mais importantes. Mas, ao vê-la desfigurada pelo terror prosseguiu: -Decerto que não chegarão tão longe. Tara ica desviada cinco milhas do caminho de ferro e só o caminho de ferro é que interessa aos yankees. Tu tens tão pouco miolo como um grilo minha querida.

E cal@u-se bruscamente, para acrescentar logo a seguir:

- Eu não fiz toda esta caminhada apenas para lhes dizer adeus, Scarlett. Trazia uma notícia, triste para dar a Melanie, mas não tive coragem. Espero que tu lha dêes por mim.

- Ashley!... Ouviu dizer alguma coisa a respeito dele? Se morreu?...

- Como poderia eu receber notícias de Asliley se tenho estado nas trincheiras, atascado em lama até aos joelhos? Não, quem morreu foi John Wilkes, o pai.

Scarlett deixou-se cair numa cadeira, com o embrulho meio desfeito. .-Vim cá propositadamente para dizer isto a Melly, mas não fui capaz. Dize-lho tu... e entrega-lhe estas coisas. Retirou dos bolsos um pesado relógio de ouro com berloques, uma miniatura da senhora Wilkes, falecida havia muito e um par de botões de ouro maciço. Só em face do relógio@ que tantas e tantas vezes vira nas mãos de John Wilkes, Scarlett compreendeu realmente -que o pai de Astiley deixara de-existir. Ficou como que fulminada pela notícia, in@capaz de falar ou de chorar. Atarantado, o tio .Henry tossiu e evitou encarar a sobrinha, com receio de que a visão das suas lágrimas o transtornasse.

- Era um valente... Não te esqueças de o dizer a Melanie, Scarlett. Dize-lhe também que comunique a triste nova

439

1 às cunhadas. Foi morto' por uma granada que o atingiu em cheio. A montada não morreu logo. Fui eu que lhe acabei 'com o sofrimento. Era um belo animal. Convém igualmente escrever à senhora Tarleton, que tinha uma adoração pela sua égua puro-sangue, a respeito da qual fazia tantos projectos. Embrulha a minha merenda, pequena. Tenho de me ir embora. E não tomes a coisa tanto a peito,. Que melhor morte pode ter um velho do que combatendo como um rapaz?

- Oh! Ele não devia ter morrido! Nunca devia ter ido para a guerra. Devia ter vivido para ver crescer o neto e morrer em paz no seu leito. Oh, por que não se deixou ficar tranquilamente nos Doze Carvalhos? Não acreditava na nossa Causa e até detestava...

- Há muitos outros que também pensam da mesma forma mas que havemos nós de fazer? - comentou o tio Henr@,' assoando-se ruidosamente. -Pensas que, na minha idade, é muito agradável servir de alvo para os atiradores Vankees? Contudo, os homens da nossa classe não tiveram outro remédio senão marchar também. Adeus, filha, e não te preocupes por minha causa. Estou certo de que sairei incólume desta guerra.

Scarlett despediu-se e ouviu-o descer as escadas e abrir o fecho do portão. Parou ainda um momento, com o espólio de John Wilkes nas mãos, em seguida subiu os degraus até ao andar de cima, a fim de dar a triste notícia à cunhada.

Só nos derradeiros dias de Julho chegaram as desagradáveis novas que o tio Hen@y previra. Os yankees tinham contornado Jonesboro e haviam cortado a linha férrea quatro milhas ao sul da cidade. No entanto, a cavalaria da Confederação rechaçara-os das posições conquistadas e o corpo de engenharia sulista, suando sob o sol escaldante, empenhava-se na reparação dos carris.

Scarlett ardia de ansiedade:Vivera três dias de tormento na expectativa de que tivesse sucedido o pior, mas por fim recebera do pai uma carta tranquilizadora. O inimigo ainda não tinha chegado a Tara. Já ali haviam escutado o fragor da batalha, mas os yankees ainda não se viam nas imediações. A epístola de Gerald era tão minuciosa e relatava com tanto humor a forma como os invasores tinham sido desalojados da linha de caminho de ferro que se diria que assis-

440

tira à luta e cometera o feito pessoalmente. Encheu nem mais nem menos do que três páginas com a descrição das proezas levadas a efeito pelos soldados de cinzento e só no fim aludia à doença de Carreen. Na opinião da mulher dele, tratava-se dum caso de febre tifóide. Contudo, o estado dela não era grave, pelo que não havia motivo para Scarlett se afligir. Sob nenhum pretexto, nem mesmo que fossem nulas as probabilidades de o caminho de ferro cair em poder do adversário, deveria ela pensar em regressar a Tara. A mãe ficara radiante pelo facto de Scarlett e Wade não terem partido, quando teve conhecimento de que Atlanta se encontrava cercada e recomendava à filha que fosse à missa e rezasse alguns terços pelo restabelecimento da irmã.

Scarlett não se sentiu muito bem com a sua consciência, pois havia já alguns meses que não entrava numa igreja. Noutros tempos, teria considerado isso um pecado mortal; agora, porém já não lhe

parecia tão grave a falta. No entanto, satisfazendo o desejo da mãe, recolheu ao quarto e rezou. Terminada a oração, ergueu-se, mas não com a sensação de conforto que outrora experimentara no final das suas preces. Havia muito tempo já que tinha a impressão de que Deus a desamparara não só a ela, mas também à Confederação e a todo o Suí, a despeito dos milhares de orações que Lhe eram dirigidas diariamente.

Nessa noite, sentou-se sob o alpendre, guardando no seio a carta de Gerald, que apalpava de vez em quando a fim de ter a ilusão de estar em contacto directo com Tara e com a mãe. O candeeiro da sala iluminava de forma estranha as trepadeiras que se entrelaçavam em torno das colunas do alpendre e as madressilvas e as roseiras formavam à sua volta uma cortina de deliciosa fragrância. A noite continuava tranquila; nem sequer a detonação duma espingarda perturbava o silêncio, e o mundo parecia ter-se distanciado para muito longe. Recostada numa cadeira de baloiço, Scarlett pensou, desolada, nas notícias que recebera de Tara. Desejaria ter ao pé de si uma companhia amiga, nem que fosse a da senhora Merriwether. Mas essa estava de serviço nocturno no hospital e a senhora Meade ficara em casa para festejar Phil, que viera de licença. Melanie já adormecera, Não lhe restava sequer a esperança de aparecer um visitante caEmal. Em Atlanta não havia nenhum homem válido, pois todos aqueles que estavam aptos para marchar e pegar numa arma se encontravam

441

ÊÍVO.

.14

nas trincheiras, combatendo os yankees nos arredores de Jonesboro.

Raras vezes se vira tão sèzínha como agora, ela que detestava a solidão! A solidão obrigava-a a meditar e nesse dia, os seus pensamentos nada tinham de agradável.' Como sucedera com a maioria das pessoas, habituara-se a pensar apenas no passado, nos mortos. Naquela noite, a acalmia em Atlanta era tal que, fechando, os olhos, Scarlett imaginou ter voltado à quietude buc6lica de Tara. Por instantes, chegou a supor que a vida não mudara nem era susceptível de mudar. Contudo intimamente, reconhecia que a vida na comarca jamais voltaria a ser o que fora. Pensou nos quatro Tarletons, nos gêmeos de cabelo ruivo, em Tom e em Boyd, e sentiu um nó formar-se-lhe na garganta. Tanto Stuart como Brent podiam tê-la desposado... Quando acabasse a guerra e regressasse a Tara não tornaria a ouvir as saudações joviais dos dois rapazes, nem voltaria a vê-los surgir a galope ao fundo da alameda dos cedros. E Raiford Calvert, que dançava divinalmente, nunca mais iria. b:pscá-Ia para bailar. E os Munroes e o pequeno Joe Fontaine... e... e Ashley! "Oh, As)lley!" soluçou ' escondendo a cabeça entre as mãos. "Nunca me habituarei à ideia de que partiste para sempre!"

De súbito, ouviu abrir o portão do jardim e tratou imediatamente de enxugar as lágrimas. Levantou-se e viu Rhett Butler dirigir-se para ela com o panamá na mão. Rhett não voltara a aparecer-lhe desde o dia em que ela o abandonara precipitadamente no Entroncamento. Lembrava-se de que nesse instante lhe exprimira o desejo de não lhe tornar a pôr a vista em cima. Agora, porém, estava tão contentepor ver surgir uma pessoa com quem falar, com quem distrair o pensamento entristecido pela recordação de Ashley, que se apressou a varrer da, mente a memória do desagradável incidente ocorrido com Rhett, o qual ou já o esquecera ou simulava tê-lo esquecido ,pois subiu a escada até ao último degrau e estacou junto dela, sem fazer qualquer alusão ao caso. - Então não foi para Macon? Ouvi dizer que a senhora Pitty havia fugido para lá e imaginei que tivesse ido com ela. Mas ao ver a luz acesa aqui em casa resolvi certificar-me. Por que ficou em Atlanta?

442

- Para fazer companhia a Melanie. Há-de compreender... ela não pode viajar...

- Ora essa! - exclamou Rhett. Scarlett notou, à luz do candeeiro que ele franzira as sobrancelhas. - Não me diga que a @enhora Wilkes ainda se encontra na cidade! Que disparate! Nas condições em que está arrisca-se a sofrer algum dissabor se os yankees atacarem novamente.

Scarlett emudeceu, embaraçada. O estado de Melanie não era assunto que uma mulher pudesse discutir com um homem. Além disso, sentia-se pouco à vontade, verificando que Rhett, celibatário inveterado, conhecia o perigo que Melanie corria.

-Verifico com pesar que se não preocupa com o que possa acontecer-me - observou ela, secamente.
- Já lhe disse uma vez, mas posso repeti-lo, que ficarei em Atlanta para a defender dos yankees enquanto eles rondarem a cidade.

- Não sei se interprete as suas palavras como um galanteio, se não - replicou Scarlett, indecisa.

- Não se trata de nenhum galanteio - explicou ele. -

Quando é que perderá essa mania de imaginar galanteios em todas as palavras que os homens lhe dirigem?

-Só depois de morta -respondeu ela. E sorriu, pensando que encontraria sempre homens que lhe dirigissem piropos, mesmo que Rhett nunca o fizesse.

-Presunção e água benta cada qual toma a que quer

- comentou Rhett. - Graças a Deus, tem ao menos uma virtude: a de ser sincera.

Abriu o estojo dos charutos, escolheu um e levou-o ao nariz por instantes, a fim de lhe aspirar o aroma. Riscou um fósforo e, recostando-se contra uma das colunas, passou os braços à volta dos joelhos e fumou em silêncio durante alguns momentos. Scarlett fez baloiçar a cadeira, sem dizer palavra, observando o companheiro ' imóvel. Envolvia-os a quietude tépida da noite. Um tordo, que fizera ninho no emaranhado das madressilvas e roseiras, pareceu despertar do sono letárgico em que recaíra desde o início do cerco e soltou uma nota triste e tímida. Mas logo se calou, como se tivesse reconsiderado e decidido guardar o seu canto para melhor oportunidade.

Na penumbra do alpendre, Rhett fez ouvir de súbito uma gargalhada suave.

- Com que então ficou a fazer companhia à senhora

443

tk

Wilkes!]@ a situação mais curiosa que se me tem deparado nestes últimos tempos. _ Confesso que não veio nada de extraordinário na situação - redarguiu Scarlett, pouco à vontade e já meio desconfiada.

-Não vê? Nesse caso, isso apenas significa que não é capaz de examinar a questão através de um prisma impessoal. Há muito que tenho a impressão de que não tolera a sua cunhada. Na minha opinião considera-a parva e estúpida e as suas noções de patriotismo têm o condão de a irritar. Além disso, verifiquei por mais de uma vez que não perde oportunidade de a nieter a ridículo. É portanto muito natural que eu me surpreenda de a ver manifestar de súbito tanta dedicação pela senhora Wilkes, levando o seu altruismo a ponto de permanecer em Atlanta, não obstante a metralha que os canhões yankees vomitam sobre nós. É capaz de me explicar o motivo de tão ..brusca mudança de atitude?

- Melanie é irmã do meu defunto marido e, por consequência, é como se fosse minha irmã também - respondeu Scarlett revestindo-se de toda a sua dignidade, embora o sangue comesse já a,-afluir-lhe às faces.

- Queria dizer que ela é a viúva de Ashley Wilkes, com certeza...

Searlett levantou-se bruscamente, tentando dominar a cólera que a assaltara.

- Estava quase disposta a perdoar-lhe a forma pretensiosa e grosseira por que me tratou da última vez que nos vimos mas acaba de me obrigar a mudar de ideias. Se me não s@ntisse tão sozinha e triste, não teria consentido que houvesse transposto há pouco a soleira do portão...

- Sente-se e componha esse abafo - disse Rhett, mudando de tom. Soergueu-se e, pegando na mão dela, f&1a sentar-se novamente. - Por que estava triste.

- Oh! Recebi uma carta de meu pai, esta tarde. Os yankees estão a pouca distância de Tara e a minha irmã mais nova adoeceu com febre tifóide. Agora, mesmo que eu pudesse voltar para casa, como tão ardentemente desejo, a minha mãe recusar-se-ia a receber-me com receio de que eu ficasse contagiada. Não imagina a vontade que sinto de voltar para junto dos meus.

-Bom, bom, não chore -murmurou Rhett, adoçando a voz. - Está aqui muito mais segura do que em Tara,
444

mesmo que Sherman tome a cidade. Os yankees não lhe farão mal nenhum, ao passo que a febre... já sabe que não poupa ninguém.

- os yankees não me farão mal Como é que se atreve a mentir dessa maneira?

- Minha cara amiga, os yankees não são nenhuns demónios. Não têm chifres nem cascos, como julga. Pelo contrário, são até bastante parecidos connosco... a não ser no que se refere a maneiras e ao sotaque horrível com que pronunciam as palavras.

-Não diga isso! Se me apanhassem, eles... -Violentá-la-iam? Duvido. Vontade disso não lhes faltaria, é claro.

- Se continua a dizer disparates -vou-me embora jápreveniui Scarlett, agradecendo a Deus a escuridão da noite, que lhe permitiu ocultar de Rhett o rubor que lhe tingira as faces.

- Seja franca: Não era isso mesmo que estava a pensar?

- Evidentemente que não! -Era, sim! Por favor não se zangue comigo pelo simples facto de eu lhe adivinhar os pensamentos,]@ essa justamente a maior preocupação de todas as senhoras sulistas, tão castas e tão bem-educadas. A maior e, em muitos casos, a única. Aposto que até as viúvas como a senhora Merriwether.,.

Scarlett engoliu em seco, lembrando-se de que, sempre que duas ou mais matronas se encontravam, a conversa versava invariavelmente as violências cometidas pelos yankees nos Estados de Tennessee de Virgínia e de Louisiana, mas nunca em Geórgia. Os @ankées tinham violentado as mulheres, tinham rasgado o ventre das crianças à baioneta, tinham incendiado -prédios cujos moradores haviam morrido carbonizados nos escom@ros. Toda a gente sabia que estes factos eram verídicos, embora ninguém andasse a apregoá-los pelas esquinas. E se Rhett possuísse uma leve noção de decência, compreenderia que as coisas eram mesmo assim e abster-se-ia de lhes fazer alusão. Aliás, o caso não se prestava a gracejos.

Scarlett ouviu-o rir à sucapa. Por vezes Rhett tornava-se odioso. Não havia direito de um home@i saber o que as mulheres pensavam ou diziam a respeito disto e daquilo. Na presença dum indivíduo como o que tinha agora à sua

frente, uma rapariga experimentava a desagradável sensa-

445

ção de estar completamente nua. P, claro que o homem só podia aprender coisas daquelas com mulheres de reputação duvidosa. Scarlett estava indignada por ver que Rhett lhe tinha lido os pensamentos. Era-lhe grato supor que constituía um enigma para os seus admiradores, embora soubesse perfeitamente que Rhett via através dela como se fomesse de cristal.

- Já que afluímos este capítulo - prosseguiu ele - é capaz de me dizer se tem alguma dama idosa ou protectora em casa? A admirável senhora Merriwether ' por exemplo, ou a não menos angélica senhora Meade? Uma e outra olham para mim como que a dizer: "Tu não andas aqui por bom".

-A senhora Meade costuma vir dormir cá a casa respondeu Scarlett, satisfeita por mudar de assunto.

- Esta noite, porém, não veio. O filho mais novo chegou hoje, de licença.

- Que sorte a minha! - disse Rhett. - Até que enfim consegui encontrá-la sózinha!

A voz dele adquirira uma entoação que fez acelerar as pulsações do coração de Scarlett, cujas faces se cobriram de intenso rubor. Já estava habituada a ouvir os homens falarem-lhe naquele tom, sempre que se preparavam para lhe fazerem declarações de amor. Oh, como seria divertido! Se Rhett lhe confessasse que a amava, não lhe chegaria o tempo para se arrepender. Atormentá-lo-ia até ao fim dos seus dias e vingar-se-ia de todas as observações sarcásticas que lhe ouvira naqueles três últimos anos. Havia de se desforrar da tremenda humilhação que sofrera na tarde em que Rhett presenciara a cena em que ela dera a bofetada a Ashley, na biblioteca dos Doze Carvalhos 'E, depois, dir-lhe-ia muito delicadamente que não poderia ser para ele mais do que uma irmã

retirando-se da luta com as honras de vencedora. Solto uma risada nervosa, antegozando a vitória.

-Não se ria-disse ele, e, pegando-lhe na mão, voltou-a de forma a ficar com a palma para cima e beijou-a demoradamente.

Scarlett sentiu um frémito de comoção, que lhe percorreu o corpo numa carícia inefável - como se uma corrente eléctrica, plena de vitalidade se houvesse descarregado através dela, ao contacto daquela boca tão quente. Os lábios de Rhett viajaram-lhe até ao pulso e ela teve a certeza de

446

que lhe não passara despercebida a brusca alteração que se verificou no seu pulso, a qual não era mais do que o reflexo do galope desenfreado em que entrou o coração. Tentou retirar os dedos. Não previra aquela reacção, aquela sensação traiçoeira e quente que a invadiu, que fez com que ela desejasse passar-lhe os braços pelos ombros e sentir os lábios dele fortemente colados aos seus.

"Não o amava", dizia de si para si, confundida e perturbada. Amava Ashley. Mas, então como se explica aquele tremor nas mãos e aquela frialdade no estômago?

Rhett riu suavemente, -Deixe estar a mão, que não lhe faço mal.

- Não me faz mal? Eu não tenho medo de si, Rhett Butler! Nem de si, nem de ninguém! - exclamou, furiosa, por ver que a voz lhe tremia tanto como as mãos.

-Está muito bem, mas escusa de falar tão alto, A senhora Wilkes pode ouvi-la. Acalme-se. Não adianta nada em se exaltar.

Rhett parecia deleitado com a excitação da rapariga.

- Scarlett, gosta de mim, não é verdade? Esta pergunta já se encontrava mais integrada no âmbito das suas previsões.

- Às vezes - respondeu ela, cautelosamente. - Quando se não porta como um patife da pior espécie.

-Pois estou convencido de que gosta de mim justamente por eu ser como sou: um patife. Já lidou com muitos durante a sua vida, mas não do mesmo gênero que eu, e é essa diferença que lhe desperta a curiosidade: a atracção do desconhecido.

Não era bem aquele o rumo, que ela desejaria imprimir à conversa. De novo tentou libertar a mão->.

- Isso não é verdade! Eu gosto dos homens decentes, que sabem portar-se como cavalheiros...

- Quer dizer, homens que se deixam manobrar facilmente por si. É apenas uma questão de ponto de vista. Mas isso, não interessa.

Beijou-lhe a mão outra vez e de novo a rapariga sentiu um arrepio pela nuca.

-O que interessa é gostar de mim. Acha que poderá vir a amar-me um dia, Scarlett?

"Ah!" pensou ela, triunfante. "Até que enfim o apanhei!"

Mas respondeu com estudada indiferença:

447

-Para falar com franqueza, acho que não. Isto é, enquanto não se corrigir.

-O pior é que eu não penso corrigir-me. Por consequência nunca se apaixonará por mim. Ainda bem, porque, embora eu simpatize imenso consigo, a verdade é que não a amo e seria realmente aborrecido que sofresse pela segunda vez a tragédia dum amor não correspondido. Não lhe parece, minha querida? A propósito, posso chamar-lhe minha querida, senhora Hamilton? Tenciono passar a tratá-la assim, quer goste ou não, mas não há nada como uma pessoa guardar as conveniências e pedir autorização primeiro.

- Então não me ama?

- Não. Porquê? Desiludi-a?

- Não seja presumido!

- Vejo que lhe causei mais uma decepção! Que pena ter desfeito as suas ilusões! De facto, eu devia amá-la, porque é realmente encantadora e Deus prendou-a com uma série de dotes inúteis. No entanto, há muitas senhoras que também são encantadoras e prendadas e se revelam tão inúteis como você. Mas não a amo. Contudo, gosto muito de si, pela elasticidade da sua consciência, pelo

egoísmo que quase nunca se preocupa, em ocultar, pelo espírito prático que julgo ter herdado de algum campônio de ascendência irlandesa.

Campônio! Agora, decidia insultá-la! As palavras começaram a sair dos lábios de Scarlett aos borbotões.

-Não interrompa- instou ele, apertando-lhe a mão. -Gosto de si porque possui as mesmas qualidades que eu. Existe certa afinidade entre nós. Sei muito bem que continua a venerar a memória do Ashley Wilkes, esse ídolo de cabeça de pau, que deve estar a fazer tijolo há cerca de seis meses, mas é preciso que no seu coração haja um lugarzinho também para mim. Scarlett, deixe estar a mão quieta. Não vê que estou a declarar-me? Desejo-a desde o primeiro instante em que lhe pus os olhos em cima no vestíbulo dos Doze Carvalhos, estava você a tecer o feitiço contra o pobre Charles Hamilton. Desejo-a como nunca desejei outra mulher... e já esperei por si mais do que estou habituado a esperar.

Scarlett fitou-o, muda de surpresa, ao ouvir-lhe aquelas palavras. Não obstante os seus insultos e grossarias, Rhett amava-a e, se afirmava o contrário, era apenas com receio

448

de que ela fizesse troça. Por isso se mostrava assim tão evasivo. Pois bem: Ia dar-lhe uma lição e era para já.

- Está a pedir-me em casamento? Rhett largou-lhe a mão e desatou às gargalhadas, fazendo tão grande alarido que Scarlett se deixou cair para trás, na cadeira.

-Que ideia a sua, Scarlett! Pedi-Ia em casamento eu? Não lhe disse já que não pertenço ao número dos hoi@en9 que se deixam cair nessa ratoeira?

- Mas... então... Não, percebo...

Rhett levantou-se e, levando a mão ao coração, curvou-se numa vénia burlesca.

-Minha querida-disse ele, calmamente-eu não estou a fazer mais do que apelar para a sua inteligência, pedindo-lhe que seja minha amante sem que me veja forçado a seduzi-la primeiro. Amante! A consciência gritou-lhe a palavra, gritou~lhe que tinha sido vilmente insultada. Mas naquele primeiro momento de surpresa, Scarlett não sentiu verdadeiramente a ofensa. Avassalou-a apenas uma onda de indignação. Como era possível que ele a julgasse tola a ponto de a supor capaz de tal loucura? Porque não havia dúvida de que a considerava supinamente estúpida para se atrever a fazer-lhe uma proposta daquela natureza, em vez de a pedir em casamento, conforme ela sugerira. Um misto de raiva impotente, de vaidade ferida e de desilusão lhe turvou o espírito e, antes mesmo que lhe tivesse ocorrido a ideia de invocar o aspecto moral da questão, que tão valiosa arma lhe facultaria para o zurzir sem piedade, deu voz às primeiras palavras que lhe acudiram aos lábios:

- Amante? E que ganharia eu com isso, a não ser uma ninhada de filhos?

Mas logo deixou cair o queixo, horrorizada, ao compenetrar-se do que acabava de dizer. Rhett riu até mais não poder, observando-a através da penumbra que os envolvia, imóvel na cadeira, muda de vergonha, com o lenço apertado contra a boca.

- P, por isso mesmo que gosto tanto de si. Você é a

única mulher sincera que conheço, a única que encara as questões do ponto de vista prático, sem se preocupar com argumentos de ordem moral. Outra mulher teria desmaiado '9 - Vento Levou - 1

449

de horror para me pôr no meio da rua, assim que recobrasse os sentidos.

Scarlett pôs-se de pé num pulo rubra de humilhação. Como pudera dizer uma coisa assí@i! Como pudera elaela, a filha de Ellen Robillard, educada segundo as velhas tradições da aristocracia francesa - ter escutado uma proposta tão desonesta e dado uma resposta tão pouco própria de lábios femininos? Devia ter gritado. E desmaiado. Devia ter-lhe voltado as costas friamente, em silêncio, e entrado em casa. Mas agora já era tarde! . - Ponha-se na rua! - gritou-lhe, sem se importar que Melanie ou os Meades, seus vizinhos, a ouvissem. - Saia imediatamente! Como se atreveu a dizer-

me uma coisa dessas? Que fiz eu para o animar... para o levar a supor que... Retire-se e não volte mais aqui! Estou a falar a sério, desta vez. Escusa de tornar a aparecer com as suas caixas de bombons e carteiras de alfinetes, pensando que lhe perdoo. Vou contar tudo a... ao meu pai, e bem pode fugir, antes que ele o mate.

Rhett Butler pegou no chapéu e fez uma vénia. Scarlett surpreendeu nos lábios dele um sorriso que lhe deixou entrever duas fileiras de dentes alvos, a que a luz do car - deeiro, arrancou reflexos fugazes. Rhett não ficara envergonhado com o que ela lhe dissera; pelo contrário, até parecia divertido e examinava-a com vivo interesse.

Oli, conio, ele era detestável! Scarlett rodou sobre os calcanhares e entrou em casa. Deitou a mão à maçaneta da porta para a fechar com estrondo: o gancho que a mantinha aberta era pesado demais para as suas forças, Tentou levantá-lo' mas acabou por desistir, ofegante.

- Posso ajudá-la? - perguntou ele. Receando que a tensão nervosa em que se, encontrava lhe provocasse a ruptura duma aitéria, se continuasse ali por mais tempo, Scarlett precipitou-se pela escada acima. Ao chegar ao topo dos degraus, ouviu-o bater a porta e afastar-se ao longo da álea que conduzia à rua.

ZO

O BOMBARDEAMENTO cessou bruscamente quando os dias quentes e agitados de Agosto se aproximavam do, seu termo. Na tranquilidade que então passou a reinar na cidade havia

450

algo de estranho, de anormal. As pessoas que se cruzavam na rua com amigos de longa data fitavam-nos absortas, desconfiadas e receosas, sem atinar com uma explicação plausível para aquele súbito marasmo, ignorando o que os yankees estariam a preparar. Após tantos dias de tiroteio, o silêncio dos canhões, longe de actuar como sedativo nos nervos arrasados dos habitantes, ainda agravava mais, em certos casos, a inquietação e a angústia. Ninguém conhecia os motivos por que as baterias dos abolicionistas se tinham calado; ninguém parecia estar devidamente informado acerca do movimento das forças confederadas, embora fosse voz corrente que o general Hood enviara para o Sul grande parte dos efectivos que guarneciam as posições da periferia de Atlanta, a fim de defender a linha do caminho de ferro; e ninguém sabia onde as tropas combatiam, se é que estava em curso algum combate, nem para que lado se inclinara a sorte das armas, se é que a batalha já chegara ao fim.

As únicas notícias que circulavam na cidade eram aquelas que passavam de boca em boca. Privados de papel, de tinta e de tipógrafos, os jornais--- tinham suspendido a sua publicação desde que os yankees haviam cercado Atlanta, onde corriam os boatos mais desencontrados. Aproveitando as inesperadas tréguas que as forças da União lhe haviam concedido, a população da cidade sitiada redemoinhava em frente do quartel-general, exigindo informações acerca da situação, ou aglomerava-se em densos magotes em torno do posto de telégrafo e da estação do caminho de ferro, à espera de notícias, de boas notícias, pois que toda a gente interpretava o silêncio dos canhões de Sherman como prova cabal de que os yankees tinham sido derrotados e retiravam em toda a linha, ao longo da estrada de Dalton, perseguidos pelos heróicos homens de cinzento. Essas notícias, porém, é que nunca mais chegavam. Os fios telegráficos permaneciam mudos e a única via férrea que restava à Confederação parecia abandonada, como se a terra houvesse tragado todos os comboios que até então tinham assegurado as comunicações com o Sul, em consequência do que o serviço, postal ficara automaticamente desorganizado.

O Outono avizinhava-se com o seu calor e as suas poeiras finas, ameaçando sufocar a cidade que tão súbitamente mergulhara naquela apatia agoirenta, submetendo os corações impacientes e fatigados a uma sobrecarga de sofrimento. Embora se esforçasse por conservar aparência

451

@X

estóica, Scarlett ardia de ansiedade por receber notícias de Tara. Parecia-lhe que o cerco de Atlanta se arrastava havia séculos como se toda a sua vida tivesse decorrido ali, sob a metr@lha dos canhões yankees, atormentada pelo troar constante da artilharia inimiga até que sobre a cidade tombara aquele silêncio repentin@, sepulcral. E, no entanto, havia apenas trinta dias que Atlanta se encontrava sitiada. Trinta dias de cerco! Circundada por quilómetros e quilómetros de trincheiras rasgadas no solo avermelhado, a cidade ouvia, com indiferença já 1o ribombar das bocas de fogo e o crepitar das espingardas. assistia, apática à passagem de longas colunas de amb@lâncias e carros'de bois, que se dirigiam para os hospitais ajoujados, de feridos, embebendo em sangue o pó das estradas; e presenciava, insensível, a lúgubre actividade das brigadas de coveiros que arrastavam os cadáveres ainda quentes pelas ruas, largando-os como fardos nas intermináveis filas de valas abertas à superfície do terreno. Trinta dias somente!

E havia apenas quatro meses que os yankees haviam ultrapassado Dalton na sua marcha para o Sul! Quatro meses apenas! Sempre que relembraava esse dia Scarlett tinha a impressão de que ele ocorrera noutra @ida. Não podia ter sido só há quatro meses, mas sim, talvez, quatro séculos atrás! No decurso daqueles cento e vinte dias de pesadelo, os nomes de Dalton, Resaca e Kennesaw Mountain, que a sua memória evocava como localidades servidas pela linha férrea, recordavam-lhe agora outras tantas batalhas em que Jolinston lutara desesperadamente durante a sua penosa retirada até às portas de Atlanta. E Peachtree Creek, Decatur, Ezra Church e Utoy Creek também já lhe não traziam à mente as imagens de lugares aprazíveis. Não mais poderia lembrá-los como vilas risonhas e tranquilas, de gente amiga e hospitaleira como cantinhos de verdura onde tantas vezes fora de pa@seio com oficiais simpáticos e passara horas esquecidas senta-da sobre a relva vicejante, à beira de riachos indolentes. Todos esses nomes lhe despertavam visões apocalípticas de combates sangrentos, desenrolados sobre a grama que cobria as margens dos regatos em cujas águas se mirara, e que ficara estraçalhada @elos rodados dos canhões, esmagada sob milhares de pés nos pontos onde se haviam travado renhidas lutas à baioneta, revolvida pelos corpos que se contorciam nas

452

agonias da morte. Os riachos, esses corriam agora mais vermelhos elo que nos dias de enxurradas tintos pelo sangue dos soldados e não pela terra encarni@ada que as chuvas arrastavam. Peachtree Creek ficara rubro, segundo se dizia, desde que os yankees o tinham atravessado. Peachtree CreekI Decatur, Ezra, Church, Utoy Creek eram agora a seus olhos nomes de necrópoles onde jaziam enterrados muitos dos rapazes seus conhecidos, de bosques e matagais onde apodreciam corpos insepultos, de quatro marcos históricos onde Sherman tentara romper caminho até Atlanta e vencido pela obstinada resistência das tropas de Hood.

Por fim, chegaram à cidade sitiada notícias do Sul, notícias alarmantes, especialmente para Scarlett. O general Sherman estava a atacar novamente as linhas confederadas, tentando apoderar-se da via férrea e abrir uma brecha que lhe permitisse atingir Jonesboro. Os yankees investiam em massa contra as posições ocupadas por Hood, utilizando não pelotões isolados ou destacamentos de cavalaria, mas regimentos completos. Para sustarem o seu avanço, os poucos milhares de homens a que estava reduzido o exército sulista tinham recebido ordens para abandonar as posições da periferia da cidade e marchar ao encontro do invasor. Assim se explicava o brusco silêncio que reinava em torno de Atlanta.

"Mas porquê Jonesboro?" dizia Scarlett de si para si, angustiada, ao pensar na distância cada vez menor que separava Tara do teatro da luta. "Por que se encarniçam eles contra Jonesboro? Por que não decidem cortar o caminho de ferro noutro ponto?"

Estivera uma semana inteira sem saber notícias de Tara e a última carta rabiscada à pressa, que recebera do pai, apenas avoluma6 os seus temores. Carreen piorara e estava muito mal. Quanto tempo se passaria agora sem que o correio voltasse a trazer correspondência do Sul? Quantos dias ou talvez quantas semanas ficaria ela na incerteza se Carreen melhorara ou já morrera? Oh, se ela ao menos tivesse regressado a Tara nos primeiros dias do cerco, sem se importar com Melanie!

Lutava-se em Jonesboro... era tudo o que Atlanta sabia. Desconheciam-se pormenores acerca da marcha das operações, o que dava origem a que circulassem na cidade os boatos mais assustadores, atormentando a população. Final-

453

-""-q

mente chegou a Atlanta um estafeta vindo de Jonesboro com a notícia de que os yankees tinham sido escoraçados. No entanto, haviam feito uma surtida às posições sulistas, no decurso da qual tinham incendiado o edifício da estação do caminho de ferro, cortado os cabos telegráficos e destruído a via férrea numa extensão de três milhas antes de retirarem. O corpo de engenharia trabalhava afanosamente na reparação da linha, Contudo, isso ainda levaria algum tempo, pois tropas de Sherman haviam queimado os dormentes em grandes fogueiras, que tinham utilizado para aquecer ao rubro os carris arrancados, os quais depois enrolavam à volta dos postes telegráficos, obrigando-os a tomarem a forma de saca-rolhas gigantescos. E, numa altura como a que estava atravessando, a Confederação lutava com enorme dificuldade para substituir esses carris por outros, visto encontrar-se quase à míngua de matérias-primas para o fabrico de aço.

Não, os yankees ainda não haviam chegado a Tara. Foi o próprio estafeta que trouxe os comunicados oficiais ao general Hood que dissipou as dúvidas de Scarlett a esse respeito. Tinha encontrado Gerald em Jonesboro, após a batalha, no momento, em que se dispunha a partir para Atlanta, e Gerald até lhe pediu que fosse portador duma carta para a filha.

Mas o que estaria o pai a fazer em Jonesboro? O mensageiro mostrou certo constrangimento perante a pergunta de Scarlett. Gerald andava à procura dum médico do Exército para o acompanhar a Tara. Scarlett agradeceu ao estafeta e ficou-se ao sol, sob o alpendre, sentindo as pernas fraquejarem-lhe. Carreen devia estar a morrer para que os conhecimentos de Ellen se tivessem revelado insuficientes e Gerald se houvesse visto na necessidade de chamar um médico! O mensageiro desapareceu ao longe, envolto numa nuvem de poeira avermelhada e ela só então rasgou com dedos trémulos, o sobrescrito da carta que o pai lhe enviara. Tão grande era a falta de papel nos Estados da Confederação, que Gerald escrevera nas entrelinhas da última missiva que Scarlett lhe remetiera, o que tornava a leitura difícil e demorada.

Querida filha: A tua mãe e irmã encontram-se de cama com febre tifóide. O estado delas inspira cuidados, mas espero que

454

tudo corra pelo melhor. Quando adoecer, a tua mãe pediu-me te mandasse dizer que desistisses do projecto de voltar para Tara enquanto a epidemia grassar na região, pois tanto Wide como tu ficariam sujeitos ao contágio. Envia-te muitas saudades e pede-te que rezes por ela.

"Que reze por ela!" Scarlett voou pela escada acima e, ajoelhando-se aos pés da cama, orou como nunca tinha orado em toda a sua vida. Renunciando aos terços convencionais, limitou-se a repetir não uma nem duas, mas centenas de vezes, as mesmas palavras: "Virgem Maria, não a deixeis morrer! Prometo tornar-me boazinha se a não deixardes morrer! Por amor de Deus, dai-lhe saúde para ela viver!"

Durante toda a semana seguinte, Scarlett arrastou-se pela casa como um animal ferido, na expectativa de notícias que tardavam em chegar, sobressaltando-se sempre que ouvia ao longe o tropel dum cavalo, precipitando-se pela escada abaixo quando a meio da noite soavam na porta de entrada as pancadas discretas dos soldados famintos, exaustos ou moribundos. Mas os dias iam passando sem ter novas nem mandados. Era como se a separasse de Tara a vastidão imensa de todo um continente e não apenas um troço de estrada poeirenta com vinte e cinco milhas de extensão. As comunicações postais continuavam interrompidas. Ninguém conhecia o paradeiro das tropas confederadas, nem os intentos dos yankees. A população de Atlanta vivia na mais completa ignorância acerca da situação. Sabia apenas que nas imediações de Jonesboro estavam concentrados

milhares de soldados sulistas e da União. Uma semana findou e outra principiou sem que Scarlett houvesse recebido notícias de Tara.

Scarlett tinha tratado de inúmeros casos de febre tifóide, no hospital de Atlanta, e <,_stava perfeitamente familiar!Zada com as características da doença para saber o que Uma semana representava na evolução do terrível mal. Ellen encontrava-st-gravemente enferma,talvez moribunda, enquanto a filha vivia horas de tormento em Atlanta, sem lhe poder acudir, com uma mulher grávida a seu cargo e dois exércitos a barrarem-lhe o, caminho. Ellen estava enferna,... talvez moribunda, Mas isso era impossível! Ellen nunca estivera doente. A ideia de que a vida da mãe corria

455

perigo repugnava a Scarlett, tanto mais que vinha abalar os alicerces sobre os quais se apoiava a sua própria segurança. Toda a gente adoecia, menos Ellen. Ellen cuidava de todos os enfermos até ficarem completamente curados. Não podia estar doente. Scarlett ansiava por voltar para ,casa. Desejava regressar ao ambiente familiar de Tara, com todo o ardor duma criança assustada que busca freneticamente ck único refúgio que lhe foi dado conhecer em toda a sua vida.

Tara! A branca moradia com as suas janelas guarnecidas de cortinas transparentes, que tremulavam agitadas pela brisa suave, com o seu relvado pintalgado de trevo florido, sobre o qual zumbiam as abelhas, com o seu moleque sentado nos degraus do alpendre, enxotando os patos e os perus dos canteiros, com os seus campos avermelhados e serenos e os seus intermináveis hectares de algodão branqueando ao sol! Tara!...

Se ao menos ela tivesse regressado a casa antes do início do cerco, quando toda a gente de bom-senso abandonara, Atlanta! Podia mesmo ter-se feito acompanhar de Melanie, sem que a cunhada houvesse corrido, risco algum, visto nessa altura faltar ainda bastante tempo, para a criança nascer! "Diabos a levem!" pensou Scarlett furiosa. "Por que não foi ela para Macon, com a tia? O seu lugar é junto da família e não junto de mim. Não somos do mesmo sangue. Por que se agarra ela a mim desta maneira? Se tivesse partido com a tia, eu já estaria em Tara há muito tempo, ao pé da minha mãe! E, mesmo agora... mesmo agora, não me importaria de tentar a viagem, a despeito da ameaça dos yankees, se não fosse a criança estar para nascer. Talvez o general Ho@od me concedesse uma escolta! É uma excelente criatura e tenho a cert@_,za de que me não recusaria esse favor.

Destacaria um grupo de soldados para me acompanhar e eu atravessaria as linhas de Sherman sob a proteção de uma bandeira branca, como a dos parlamentários, Mas estou aqui amarrada, à espera que o nenê venha ao mundo!... Oh, minha, mãe, minha mãe! Não morra!... Por que será que Melanie não ata nem desata? Hei-de ir falar ainda hoje com o Dr. Meade para saber se há alguma forma de abreviar os partos, a fim de que eu possa voltar para casa quanto antes, se conseguir uma escolta. O doutor disse que ela ia passar um mau bocado, Santo Deus! E se Melanie

456

não consegue resistir? Se não consegue resistir e morre?... Asfiley ficará... Não, não tenho o direito de pensar numa coisa destas. Não é decente. Mas a verdade é que Ashley... não, não devo pensar nisto. Asliley deve ter morrido... No entanto, obrigou-me a prometer que tomaria conta da mulher. Porém... se eu não olhasse por Melanie e ela morresse, e se Astiley ainda estivesse vivo... Não também não devo pensar em tamanha barbaridade! Seria'um pecado... e eu prometi a Deus não tornar a pecar, se Ele permitir que a minha mãe não morra. Oh se ao, menos a criança nascesse! Se ao menos eu pudess@ abandonar este inferno e regressar a casa, Ou ir para outro lado qualquer, contanto que saísse daqui! ... "

De cidade buliçosa e animada que Scarlett tanto apreciara, Atlanta transformara-se num burgo silencioso e triste, que ela, odiava agora. Atlanta já não era o centro das alegres diversões de outrora, mas sim um local hediondo e lúgubre como um lazareto, cuja quietude após o tumulto do cer@o,'se tornara insuportável. No fra@or e no perigo dos bombardeamentos havia pelo menos algo de estimulo lante, ao passo que na tranquilidade que se lhes seguiu somente havia horror. A

cidade parecia assombrada, assombrada pelo terror, pela incerteza, pelas recordações. As pessoas traziam afiveladas no rosto máscaras de ansiedade, C OS POUCCS soldados que Scarlett por vezes avistava tinham as feições distendidas de fadiga, como atletas que se esforçavam por vencer a derradeira tirada duma prova já perdida.

No último dia. de Agosto começou a circular o boato de que se estava travando algures para o Sul o mais ranhido combate que até à data se produzira após a batalha de Atlanta. A população, que passara uma semana inteira aguardando notícias quanto à marcha das operações, ficou como que suspensa na expectativa e riem sequer se dava já ao trabalho de dissimular a sua inquietação.

Ninguém ignorava já o, que os soldados sabiam, havia duas semanas, que Atlanta estava literalmente perdida e que, se a via férrea para Macon caísse em poder dos yankees, Atlanta em breve teria a mesma sorte.

Na manhã do primeiro de Setembro, Scarlett acordou sob urna asfíxiante sensação de pavor que já a atormentava na véspera no momento em que se deitara. "Que foi que tanto me apoquentou antes de vir para a cama, ontem?"

457

__ÃO0

§L

perguntava a si própria, ainda meio tonta de sono. "Ab, sim, já sei, foi a guerra! Houve uma batalha algures. Quem terá ganhado?" Sentou-se rapidamente no leito esfregando os olhos, enquanto no coração se lhe infiltrava os receios que já a tinham perseguido na véspera.

Não obstante o dia ter raiado havia ainda pouco tempo, já pairava na atmosfera a ameaça implacável de mais uma tarde de céu intensamente azul e de sol escaldante. Lá fora reinava o mais profundo silêncio. A estrada permanecia deserta. Não se ouvia o. chiar das rodas das carruagens, nem o tropel dos soldados a caminho da frente, nem as vozes arrastadas dos escravos cantando nos quintais da vizinhança, nem sequer os ruídos familiares dos preparativos para o primeiro almoço pois que *tanto a senhora Meade como a senhora Mer@íwether tinham procurado refúgio em Macon. Nem o mais leve rumor lhe chegava aos ouvidos, vindo das suas casas, Na secção comercial, ao fundo da rua, não se notava movimento nenhum; a maioria das lojas e escritórios tinha encerrado as suas portas, reforçadas por grossas trancas de ferro e de madeira rija, enquanto os seus proprietários se encontravam empenhados na batalha em curso, algures nas imediações de Jonesboro.

A tranquilidade opressiva que envolvia o aposento naquela manhã afigurou-se a Scarlett ainda mais sinistra do @ue a lúgubre acalmia dos- dias precedentes. Levantou-se a pressa, sem perder tempo a espreguiçar-se nem a bocejar, como costumava fazer, e assomou à janela, na esperança de ver a cara de algum vizinho, qualquer coisa que lhe incutisse ânimo. Mas não avistou vívalma. As folhas das árvores conservavam-se verdes, mas estavam ressequidas e cobertas de espessa camada de poeira vermelha e as flores do jardim de que ninguém já cuidava, tinham murchado à míngua'de água. Quedou-se por momentos apoiada ao peitoril da janela. A certa, altura, chegou-lhe aos ouvidos um ruído surdo, longínquo, que lhe fez lembrar o ribombar do trovão precursor duma tempestade estival.

"Vem lá chuva", pensou ela, com o alvoroço natural duma criatura que viveu no campo toda a sua infância e vê as plantas9 morrerem de sede. "Já cá estava a fazer falta". Mas logo acrescentou, desiludida: "Não é chuva, afinal. São os canhões".

Com o coração em sobressalto, debruçou-se na janela

458

e apurou o ouvido, tentando descobrir de que lado provinham as detonações. Contudo o rumor era, tão confuso e distante que não logrou tirar nenhuma conclusão.

"Deus queira que seja em Marietta!" suplicou. "Ou em Decatur. Ou em Peachtree Creek. Mas não para as bandas do Sul!"

Cravou as unhas no peitoril e fez um esforço para ouvir melhor. Teve a impressão de que o canhoneio, soava agora mais próximo. E algures ao sul de Atlanta! A artilharia entrara em acção ao Sul! Ao Sul, onde se erguiam cidades como Jonesboro, onde se desdobravam colinas como a, de Tara, onde viviam pessoas que ela conhecia... onde vivia Ellen! Quem sabe se naquele momento os yankees não teriam já assolado Tara! De novo aDrou o ouvido mas o pulsar violento do, seu coração abãfava até o fra@or longínquo. Não, Sherman ainda não podia ter ultrapassado Jonesboro, pois que caso contrário, o troar dos canhões seria, quase imperce@tível. Talvez estivessem perto de Rough e Ready, lugarejo situado dez milhas ao norte de Jonesboro. A artilharia entrara em acção, ao Sul, possivelmente para apressar a queda, de Atlanta. Mas para Scarlett, que estre-mecia angustiada, ao pensar no perigo que ameaçava a mãe, uma batalha na região de Jonesboro era uma batalha nos arrabaldes de Tara. Começou a passear no quarto, de um lado para o outro, torcendo as mãos, desesperada, e só então lhe acudiram à mente as prováveis consequências que adviriam para o Sul, caso o exército do general Hood, saísse derrotado. Foi a presença de algumas dezenas de milhares de yankees nas imediações de Tara que a fez compenetrar-se da gravidade da situação e avaliar em toda a sua grandeza o horror da guerra, coisas que nem o bombardeamento de Atlanta durante o cerco nem as explosões das granadas nas ruas da cidade, nem a fome, nem a falta de agasalhos, nem sequer as avalanches de soldados moribundos haviam conseguido. As tropas de Sherman encontravam-se a poucas milhas de Tara, E mesmo que fossem derrotadas nada as impediria de devastarem Tara na sua retirada. E Gerald com três mulheres doentes em casa, não poderia pôr-se a salvo! Oh, se ao menos ela lá estivesse, com ou -sem yankees! Continuou a passear à volta do quarto descalça, com a camisa de noite colada às pernas. Quant@ mais caminhava,

459

mais negros se lhe tornavam os pressentimentos. Quem lhe dera estar em casa! Quem lhe dera estar junto da mãe!

Da cozinha, no rés-do-chão, chegava até ela o tinir da louça de porcelana que Prissy dispunha na bandeja para servir o primeiro almoço. Betsy, a cozinheira da senhora Meade, não dava sinal de si. A criadita preta preparava a refeição, trauteando uma canção em voz aguda e melancólica. Searlett rangeu os dentes, amedrontada pela interpretação ambígua a que a letra se prestava. Enfiou à pressa um r@u@ão 'saiu para o corredor e, debruçando-se sobre o corrimão do patamar da escada das traseiras, gritou:

-Acaba lá com essa cantilena, Prissy! A pretinha obedeceu prontamente, com um "Si, senhora" taciturno e Scarlett respirou fundo sentindo-se subitamente envergonhada de si própria.

- Que é feito de Betsy? -Eu não sabê. Inda não veio. Searlett encaminhou-se para o quarto da cunhada e entreabriu a porta, espreitando o interior do aposento banhado pelo sol. Melanie estava deitada envolta na sua camisa de noite, com os olhos cercados por círculos negros e profundos, rosto turnefacto e o corDo franzino horivelmente deformado. Scarlett sentiu insinuar-se-lhe no espírito o desejo malévolo de que Asliley a pudesse ver naquele instante. O seu aspecto era muito pior do que o da maioria das mulheres na mesma condição, Melanie abriu os olhos e, ao avistar a cunhada, descerrou os lábios num sorriso meigo que lhe iluminou o rosto. _ Entra-disse ela, voltando-se de lado com dificuldade. -Acordei pouco depois de romper a r@anhã e tenho estado a pensar em diversas coisas. Queria pedir-te um favor, Scarlett.

A cunhada entrou no quarto e sentou-se à beira da cama, sobre a qual o sol batia em cheio, Melanie estendeu o braço e tomou a mão de Scarlett, que apertou afectuosamente, num gesto pleno de confiança.

- Estou desolada com o canhoneio, minha querida murmurou. -]@, para os lados de Jonesboro, não é?

- Hum - respondeu Scarlett, absorta, sentindo o coração bater mais apressado ante a alusão da cunhada. _ Calculo como deves estar apoquentada. Sei que foi por minha causa que não partiste para Tara logo que rece-

460

beste a notícia da doença da tua mãe, na semana passada; não é verdade?

- 1@I - respondeu secamente Scarlett.

- Oh, Scarlett! Tens sido tão bondosa para mim! Nem uma irmã faria o que tu tens feito. Não, imaginas como te estou grata, Acredita que lamento imenso ter-me atra, vessado no teu caminho. Scarlett olhou-a fixamente. Com que então Melanie estava-lhe muito grata? Que idiota!

- Espero que não leves a mal o pedido que te vou fazer, Scarlett, mas tenho a certeza de que compreenderás -

prosseguiu ela, apertando com mais força a mão da cunhada. - Se eu morrer, és capaz de tomar conta do meu filho?

Os olhos de Melanie pareciam desmedidamente abertos e iluminados por um brilho de ansiedade, Ês? Scarlett libertou a mão, sentindo invadi-la uma onda de terror que deixou transparecer na voz, a, qual se tornou subitamente áspera:

-Não sejas tola, Melly! Tu não morrerás. Todas as mulheres receiam morrer antes de terem o primeiro filho. Foi o que se verificou comigo.

- Não digas isso, Scarlett. Nunca tiveste receio de nada. Falas assim para me animares. Não é a morte que eu temo, rn as sim a. possibilidade de deixar o meu filho desamparado., sem ninguém que olhe por ele, se Astiley de facto... Searlett, promete-me que tomarás a criança, a teu cargo, no caso de eu morrer, e ficarei absolutamente descansada. A tia Pittypat já está velha demais para educar uma criança e Honey e India são muito, boas raparigas mas... é a ti que eu quero confiá-la. Promete, Scarlett. Se for um rapaz, gostaria que o educasses de maneira a parecer-se com o pai e, se for uma rapariga... desejaria que fosse como tu.

- Com seiscientos diabos! - exclamou Scarlett, saltando da cama. - Achas poucas as preocupações que já temos para ainda vires falar em morrer?

Perdoa-me, Scarlett, mas promete-me o que te pedi. Estou convencida de que a criança nasce hoje. Ou melhor, tenho a certeza. Promete, por favor.

- Está bem, prometo - respondeu Scarlett, confundida, mirando a cunhada com olhar perscrutador. Seria Melanie tão parva que ainda não tivesse adivi-

461

nhado a natureza dos sentimentos que ela votava a Ashley? Ou já teria compreendido tudo e seria esse justamente o motivo por que lhe fizera aquele pedido esperançada em que o amor dela por Ashley a levasse a aceitar tão pesado encargo? Sentiu desejo intenso de interrogar a cunhada, mas as palavras morreram-lhe na garganta quando Melanie lhe pegou novamente na mão e a encostou por alguns instantes à face pálida.

-Por que julgas que será hoje, Melly?

- Tenho sentido dores desde que amanheceu... mas não muito grandes.

- Ah, sim?! E posso saber por que não me chamaste? Vou mandar Prissy imediatamente à procura do Dr. Meade.

-Não, Scarlett, ainda é cedo. Tu bem vês como ele está atarefado com trabalho, ele e os outros médicos. Basta que o previnas de que precisaremos dele hoje. Dize a Prissy que passe por casa da senhora Meade e lhe peça, que venha fazer-me companhia. Ela depois verá a altura em que será necessário chamàr o marido.

- Por favor, Melanie, põe de parte essas ideias altruístas. Sabes perfeitamente que precisas do médico como qualquer outro doente no hospital. Vou mandar chamá-lo e há-de ser já.

-Não faças isso, Scarlett. Há casos em que o parto demora um dia inteiro e não seria justo que o doutor perdesse a tarde aqui à espera, numa altura em que faz tanta falta aos rapazes. Manda chamar a senhora Meade. Ela tratará de tudo.

-Está muito bem - aquiesceu Scarlett.

DEpois de ter mandado para cima a bandeja com o primeiro almoço de Melanie, Scarlett despachou Prissy para casa da senhora Meade e sentou-se por sua vez à mesa, com Wade. Mas estava sem apetite. Mal podia comer, com o nervosismo que lhe causava a aproximação do parto da cunhada e a tensão inconsciente motivada pelo constante troar dos canhões. O coração funcionava-lhe de maneira estranha: pulsava regularmente durante alguns minutos, para depois bater numa série de pancadas violentas e rápidas que lhe provocavam perturbações no estômago. O mi-

462

lho, moído grosseiramente, aderiu-lhe à garganta como se fosse cola. Nunca lhe soubera tão mal aquela mistura de milho com inhame, com que substituíra o café. Sem açúcar nem leite parecia-lhe quase tão amar, -,a como fel, pois o irielaço, empregado para a adoçar de muito pouco servia.

Sorvei @:1

i um trap e afastou a chávena de si. Se não houvesse outras razões bastaria aquela para odiar os yankees, os quais a tinham privado de bom café, de açúcar e da nata que apreciava imenso. Wade estava mais calmo do que era costume e não fez a sua habitual reclamação de todas as manhãs contra a mistela que tanto detestava. Tomava silenciosamente as colheradas que a mãe lhe metia pela boca abaixo e empurrava-as ruidosamente com goles de água. Os seus olhos, castarilhos e meigos, redondos como moedas de dólar, em que pairava uma expressão assustada, seguiam atentamente os movimentos da mãe como se lhe houvessem comunicado todos os receios que Scarlett tão mal lograva dissimular. Scarlett mandou-o brincar para o jardim logo que ele acabou de comer e foi com verdadeiro alívio que o viu correr em direcção à casa dos brinquedos.

Em seguida levantou-se da mesa e deteve-se, hesitante, ao fundo da, escada. A sua consciência dizia-lhe que devia ir para junto da cunhada, a fim de lhe fazer companhia e de lhe distrair o pensamento da provação por que estava prestes a passar. Contudo, não se sentia com disposição para isso. Que pouca sorte a sua! Logo Melanie havia de escolher aquele dia para, ter o nenê! Sentou-se no primeiro degrau da escada, para se recompor, perguntando a si própria como teria decorrido a batalha da véspera e c. que se estaria, passando nesse dia. Que sensação tão desagradável a de saber que se travava um combate tão importante a poucas milhas dali, e ignorar a marcha das operações!

Como era estranha a quietude que reinava naquela zona de Atlanta, em contraste com o tumulto a que assistira na altura em que se ferira a batalha de Peachtree Creek! A casa da tia Pitty 'era uma das últimas na extremidade norte de Atlanta e como, a luta se desencadeava algures para o Sul, Searlett'já não via, passar à sua porta as colunas de reforços marchando aceleradas para as linhas da frente, nem ambtilâncias a caminho do hospital, nem os grupos vacilantes de feridos que regressavam por seu próprio pé.

463

Pensou que essas cenas se estariam desenrolando agora na extremidade oposta da cidade e deu graças a Deus por se encontrar longe do local. Pena era que a maioria dos seus vizinhos de Peachtree Street tivesse partido para Macon. Com excepção dos Meades e dos Merriwetfiers, todos haviam fugido ao sentirem suspensa sobre a cabeça a ameaça da entrada dos yankeés-em Atlanta. Sentia-se tão só, tão triste e desolada! Que pena o Peter não se encontrar ali, para o mandar até ao quartel-general informar-se acerca, do que se estava passando. Se não fosse por causa de Melanie, iria ela própria tratar disso, mas não podia sair dali enquanto a senhora, Meade não chegasse. Por que se demoraria tanto? E que andaria Prissy a fazer?

Levantou-se e foi até à varanda da frente na esperança de as ver, mas a morada, dos Meades ficava situada numa curva sombria, da estrada e não conseguiu avistar ninguém. Só algum tempo depois Prissy surgiu sózinha, ao fundo da rua, fazendo bambolear as saias e olhando por cima do ombro para observar o efeito,

- És boa para ir buscar a Morte - gritou-lhe Scarlett, quando ela chegou junto do portão. -Que disse a senhora Meade? Ainda demorará muito?

- Senhora Meade não tava lá - informou a, criada.

- Então onde é que ela está? A que horas voltará para casa?

Eu não sabê - respondeu Prissy, arrastando as palavras, para dar mais ênfase ao relato que se propunha fazer. - A cozinheira disse que senhora Meade foi numa carruagem buscá o filho com Talbot e Betsy. Minino Phil apanhou um tiro, e tá, @luto mal. Senhora não pode ver.

Scarlett fitou-a, pasmada, e teve de refrear o desejo impetuoso de a sacudir. Os pretos pareciam encontrar sempre prazer especial em serem portadores de más novas.

- Bem, não fiques para aí espedaçada como um espantalho. Vai a casa da senhora Merriwether e pede-lhe que chegue cá ou que mande a ama da menina, Maybelle. Mas vai depressa!

-Não tá lá ninguém, minina, Scarlett. Passei por lá quando vinha de volta pra falar com ama, de minina Maybelle, pra matá o tempo. Foram embora. A casa tá toda fechada. Se calhá, foi pró hospital.

-Agora já sei por que te demoraste tanto! Quando te mandar a qualquer sítio, trata de fazer o que eu te disser

464

e não pares em parte nenhuma para matar o tempo seja ,com quem for. Que hei-de eu fazer, meu Deus? Scarlett ficou-se a reflectir. De entre os seus amigos quem teria ficado na cidade que pudesse ser-lhe útil naquela conjuntura? Havia a senhora Elsing. Pensando bem, a senhora Elsing não gostava nada dela. No entanto, sempre se mostrara muito afeiçoada a Melanie...

-Vai procurar a senhora Elsing e explica-lhe a situa, ção. Dize-lhe que faça o favor de vir cá. E ouve Prissy: a senhora Melly está prestes a dar à luz o nen4 e pode precisar de ti. Vai num pé e vem noutro.

- Sim, senhora - disse Prissy, saindo para a rua a passo de caracol.

Anda depressa, lesma! Sim, senhora. Prissy apressou o passo quase imperceptivelmente e Scarlett entrou em casa. Dirigiu-se para a escada, mas hesitou antes de principiar a subir.

Tinha que explicar a Melanie a razão por que a senhora Meade não podia comparecer e a notícia de que Phil Meade fora gravemente ferido talvez a afligisse. Resolveu ocultar-lhe a verdade.

Ao entrar no quarto da cunhada notou que Melanie deixara o -almoço intacto. Continuava deitada sobre um dos lados, com o rosto pálido como cera.

- A senhora Meade está no hospital - disse Scarlett.

- Mas mandei chamar a senhora Elsing. Sentes-te mal?

- Assim ' assim - volveu mentindo, Melanie. - Scarlett, quanto tempo levou o t@u filho a nascer?

-Foi um instante- respondeu Scarlett, afectando um desprendimento que se encontrava longe de sentir.-Estava no jardim e quase não tive tempo de entrar em casa. A minha ama disse que foi um escândalo, tal qual como

acontece com as pretas.

-Deus queira que o meu parto seja assim rápido- murmurou Melanie com um sorriso que desapareceu subitamente ao ser acometida por uma dor que a fez contorcer o rosto.

Scarlett, olhou desalentada para as ancas estreitas de Melanie mas tentou tranquilizá-la:

- O@, não, é tão difícil como tu julgas!

- Bem sei que não é. Mas eu sou muito medrosa. A senhora Elsing demorar-se-á muito ainda?

30 - Vento Levou - 1

465

kL.

-Não deve tardar aí -declarou Scarlett. -Vou buscar água e uma esponja. Está hoje tanto calor! Scarlett demorou-se o mais possível no andar de baixo, correndo à porta de dois em dois minutos, na esperança de avistar Prissy. Mas não via sinais dela e acabou por voltar para junto da cunhada. Lavou-lhe o corpo inundado de suor e penteou-lhe a longa cabelos negra com extrema solicitude. Uma hora depois ouviu na rua um rumor de passos arrastados. Espreitou pela janela e viu a boa Prissy caminhando vagorosamente, bamboleando as ancas e meneando a cabeça com afectação, como se estivesse sendo observada por numerosa assistência.

"Qualquer dia ainda dou uma sova naquela desavergonhada", pensou Scarlett, furiosa, descendo as escadas a correr para ir ao encontro da criada.

- Senhora Elsing tá no hospital. A cozinheira disse que vieram urna quantidade enorme de soldado ferido no comboio da manhã e ficou a fazê sopa pra eles. E disse também que...

-Não me interessa o que ela disse -atalhou Scarlett, com o coração oprimido por um vago pressentimento. Põe um avental limpo, para ires ao hospital. Vou dar-te um bilhete para o Dr. Meade e ' se ele não estiver, entrega-o ao Dr. Jones ou a qualquer dos outros médicos. E, se não te despachares desta vez, podes ter a certeza de que te arrancarei a pele,

- Sim, senhora.

- De caminho pede a qualquer pessoa que te dê notícias de Jonesboro. Se ninguém souber nada, passa pela estação e pergunta ao 's maquinistas dos comboios que trouxeram os feridos. Vê se eles conseguem dizer-te onde estão a combater os nossos soldados, se ainda lutam nos arredores de Jonesboro ou se os yankees já os obrigaram a recuar mais para o Sul.

- Valha-me Nosso Sinhô! -Na face negra de Prissy estampou-se um terror súbito. -Os yankee não tão em Tara, pois não, minina Scarlett?

-Não sei. Trata de obter notícias,

Santo Deus, minina Scarlett! Eles podem fazê mal à minha mãe-disse Prissy, rompendo em pranto, o que contribuiu para aumentar o aborrecimento de Scarlett.

466

- Deixa-te de choraminguices. A senhora Melanie pode ouvir-te. Vai mudar de avental, depressa. Prissy obedeceu, correndo para as traseiras da casa. Scarlett rabiscou rapidamente meia dúzia de linhas à margem da última carta que recebera do pai-único bocadito de papel que havia, em toda a casa. Ao dobrá-la, de forma que as palavras que acabava de garatujar saltassem à vista, leu fragmentos das frases escritas por Gerald: A tua mãe... tifo... que desistisses... voltar para Tara. Foi quanto bastou para que as lágrimas lhe chegassem aos olhos. Se não fosse por causa de Melanie regressaria a Tara imediatamente nem, que tivesse de fazer o caminho a pé.

Prissy partiu a trote, com a carta na mão, e Scarlett voltou ao andar de cima 'tentando imaginar uma mentira plausível para desculpar a falta de comparência da senhora Elsing. Melanie, porém, não lhe fez perguntas. Deitara-se de costas com uma expressão tão serena no rosto que, ao vê-la, Scarlett ficou tranqüila por algum tempo.

Sentou-se e tentou conversar sobre coisas fúteis, mas a ideia de que Tara se encontrava sujeita aos ataques dos yankees, caso as tropas do general Hood fossem desfeiteadas, torturava-a cruelmente. Pensou em Ellen, viu-a estendida no leito, moribunda, e imaginou os yankees avançando sobre Atlanta, para incendiarem tudo e matarem toda a gente. Continuava a ouvir-se ao longe o troar da artilharia, sinistro e aterrador. Scarlett estava incapaz de pronunciar palavra e limitava-se a contemplar, da janela, a rua. calma e soalheira e as folhas das árvores, imóveis e empoeiradas. Melanie também não falava. De vez em quando contraía a face com a violência das dores e, de cada vez que o fazia, murmurava:

- Afinal esta não foi tão forte como a princípio supus. Mas Scarlett via perfeitamente que ela não dizia a verdade. Teria preferido que Melanie gritasse, a vê-la sofrer em silêncio, resignada. Sabia muito bem que devia apiedar-se de Melanie mas a verdade é que não sentia o menor vislumbre de

coração por ela. Tinha o espírito atormentado pela sua própria angústia. A certa altura olhou fixamente para o rosto descomposto da cunhada e perguntou a si própria por que teria sido ela, de entre tanta gente que existia neste mundo, a escolhida para ficar ao pé de Melanie naquele momento crítico - ela que nada tinha de comum com a cunhada, que a odiava, que até ficaria contente se a

467

visse morta, Mas talvez o seu desejo se tornasse realidade antes do fim do dia. Assaltou-a então um receio supersticioso, Não era bom desejar a morte de ninguém. Era quase tão mau como rogar uma praga. As maldições recaíam sempre sobre a cabeça de quem as invocava, quantas vezes lho dissera a sua velha ama. Mentalmente, rezou uma oração, pedindo a Deus que Melanie não morresse e, em seguida, rompeu numa conversa febril, sem no entanto saber ao certo o que dizia. Por fim, Melanie pegou-lhe na mão e murmurou:

-Não te preocupes em me distrair, querida. Eu bem vejo que estás aflita. Desculpa causar-te tanto incômodo.

Scarlett calou-se sem conseguir dominar a sua inquietação. Que havia de fazer, se nem médico nem Prissy chegassem a tempo? Foi à janela, olhou para a rua, voltou para dentro e tornou a sentar-se, Instantes depois, levantou-se novamente e, acercando-se da outra janela do quarto, espreitou através das cortinas.

Passou-se uma hora e outra ainda. Já dera meio-dia.

O Sol estava a prumo, dardejando os seus raios quentes sobre a terra, e nem uma brisa movia, as folhas cobertas de poeira, As dores de Melanie aumentavam. Tinha o cabelo encharcado em suor e a camisa pegada ao corpo. Scarlett lavou-lhe a face com uma esponja, sem lograr ocultar por mais tempo o receio que sentia. Deus do Céu, e se a criança nascesse antes de o médico aparecer? Como deveria ela proceder? Não percebia nada de obstetrícia. Fora essa eventualidade que sempre temera desde que Melanie ficara entregue aos seus cuidados. Havia habituado-se à ideia de que poderia contar com Prissy para resolver a situação, caso o médico faltasse. Prissy tinha prática de parteira, segundo ela própria afirmara por mais de uma vez. Mas por onde andaria o diabo da rapariga? Por que não teria voltado ainda? E por que não chegava o médico? Tornou a ir à janela, Apurou o ouvido e de repente, teve a impressão de que o canhoneio cessara. Perguntou a si mesma se não estaria a sonhar. Se, na verdade, o troar da artilharia se perdesse já na distância, isso apenas significava que o teatro da luta estava cada vez mais próximo de Jonesboro e que...

Por fim, avistou Prissy, que vinha correndo para casa, e debruçou-se na janela. A rapariguinha olhou para cima e, ao ver a ama, abriu a boca para lhe gritar as novidades.

468

Scarlett, porém, interpretando correctamente a expressão de terror que Prissy trazia estampada no rosto e receando que as notícias fossem de molde a assustar Melanie, levou o indicador aos lábios a ordenar silêncio e meteu-se para dentro.

- Vou buscar água mais fresca -disse ela, fitando com um sorriso forçado a face olheirista da cunhada.

Em seguida, apressou-se a abandonar o quarto, fechando a porta cautelosamente -atrás de si. Arquejante, Prissy sentara-se no último degrau da escada.

-Eles tão combatendo em Jonesboro, minina Scarlett. Disseram a mim que os nossos soldados tão, a perdê. Sinhô dos Céus minina Scarlett, quê que vai acontecer à minha mãe e ao Pork? Sinhô dos Céus, minina Scarlett, quê que vai acontecer à gente se os yankee chega aqui? Sinhô dos Céus... Scarlett tapou-lhe a boca com a mão.

- Cala-te, pelo amor de Deus! Sim, o que seria delas, se os yankees entrassem em Atlanta? Que aconteceria, se eles chegassem a Tara? Mas tratou de reagir, procurando afastar do espírito aqueles pensamentos, pois de contrário acabaria por berrar e barafustar com Prissy.

- Que é feito do Dr. Meade? A que horas virá ele? -Eu cá não vi, minina Scarlett, -o quê?

- O doutô não tá no hospital. Senhora Merriwether e senhora Elsing também não tão lá. Um dos home disse a mim que o doutô tava nos armazém ao pé duma ambulança que trouxe os soldados ferido. de Jonesboro. Mas eu tive medo de me chegá junto dele. Não gosto de vê gente a raorrê, Tenho muito medo dos morto.

-E os outros médicos? -Sinhô dos Céu, minina Scarlett, eu não consegui encontrá nenhum que lesse o bilhete. Andavam como gente doida no, hospitá, a corrê dum lado pró outro. Um dos médico disse a mim pra ir. pró diabo e perguntou a rilini se eu não tẽ vergonha de ir falá a eie em nenê com tanto soldado ali a morrê. Disse pra eu arranjá uma muié pra ajudã. Depois fui preguntá as noticia que a senhora inandou e toda a gente disse a mim que os soldado tão lutando em Jonesboro e que...

469

-Disseste que o Dr. Meade se encontrava na. estação?

- Sim, senhora. Ele.... -Nesse caso, abre bem os ouvidos: Eu vou ~ver, se consigo trazer o Dr. Meade cá a casa. Enquanto não vier, quero que fiques sentada ao pé da menina Melanie e que faças tudo quanto ela te mandar. Se lhe disseses alguma coisa acerca do que se está passando no Sul, garanto-te que te venderei a um fazendeiro de Louisiana, tão certo como dois e dois serem quatro. E não lhe vás participar que os outros médicos não quiseram vir. Compreendeste?

- Sim, senhora. -Enxuga os olhos e leva lá para cima um jarro de água fresca. Lava a menina Melly com a esponja. Dize-lhe que eu fui falar com o Dr. Meade.

-Ela vai tê o filho já, minína Scarlett?

- Não sei. Receio bem que sim, mas não tenho a certeza. Tu percebes disso mais do que eu. Vai para junto da menina Melly, anda.

Scarlett pegou num chapéu de palha de abas largas, que jazia sobre o toucador e pô-lo na cabeça. Olhou para o espelho e comp& maquinalmente as madeixas soltas, sem sequer atentar na imagem que o vidro reflectia. O pavor que@ a assaltara como que lhe produzira uma estranha sensação de vácuo no estômago. Enregelaram-lhe também os dedos, que a fizeram estremecer, quando tocou com eles na face coberta de camarinhas de suor. Saiu para a rua a correr e, assim que transpôs a soleira da porta, sentiu-se envolta na carícia ardente do sol. Estava um calor sufocante, e as fontes começaram a latejar-lhe pouco depois de ter saído de casa, Ainda não tinha chegado ao fim da rua quando ouviu um rumor de vozes que aumentava e diminuía de -intensidade. Ao passar em frente da casa dos Leydens, começou a arquejar, pois tinha o espartilho muito apertado, mas nem por isso abrandou o passo. A vozeria soava cada vez mais alto.

Desde a residência dos Leydens até ao Entroncamento, a rua fervilhava de actividade, como um formigueiro que acaba de ser destruído. Passavam negros para baixo e para cima com o terror estampado nas faces. Sob os alpendres, viam-se crianças brancas a chorar. Peachtree Street estava atravancada de viaturas militares e de ambulâncias carregadas de feridos bem como de carruagens ajoujadas. de malas e de móveis. Das ruas laterais não cessavam de

470

desembocar naquela artéria cavaleiros que se dirigiam a galope para o quartel-general. De pé, à Porta de casa o velho Amos Bonnell, que segurava as rédeas da égua atrelada à caril-iagem, saudou Searlett, volvendo para ela um olhar eggazeado.

- Ainda fica por cá, Scarlett? Nós vamo-nos já embora. A minha filha está a fazer as malas.

-Vão-se embora? Para onde?

- Só Deus sabe, menina. Os yankees já vêm a caminho! Scarlett seguiu sem mesmo dizer adeus. Os yankees já vinham a cam@inho! Em Wesley Chapel parou para respirar, tentando restabelecer o ritmo normal do coração, Se não se acalmasse desmaiaria, com certeza. Encostou-se a um candeeiro. N@sse momento, avistou um oficial a cavalo, que se aproximava à desfilada, vindo d<> lado do Entroncamento. Cedendo a um impulso repentino, correu para o meio. da rua e intimou-o a parar.

-Por favor! Já só um momento.

O homem refreou tão, bruscamente o cavalo que este se empinou. Tinha afivelada no rosto uma máscara de cansaço e de ansiedade, mas apressou-se a tirar o chapéu de feltro cinzento completamente esfarrapado.

- Quer desejar minha senhora?

- Diga-me se é verdade que os yankees vêm a, caminho.

- Infelizmente é.

- Tem a certeza?

- Tenho, sim, minha senhora. Recebemos há meia hora um comunicado do campo de batalha, em Jonesboro.

- Em Jonesboro? Está certo disso?

- Absolutamente. Não vale a pena continuarmos a acalentar ilusões, minha senhora. A mensagem vinha assinada pelo general Hardee e dizia: "Perdi a batalha e estou em plena retirada".

- Oli, meu Deus!

O cavaleiro olhou para ela sem que a sua face traísse qualquer sinal de comoção. Pegou de novo nas rédeas e pôs o chapéu.

- Por favor, é só mais um segundo: Que acha que devo fazer?

- Confesso que não sei, minha senhora. O Exército prepara-se para evacuar Atlanta dentro de algumas horas.

- O quê? Vão-se embora e deixam-nos à mercê dos yankees?

471

- Receio bem que sim. Esporeou o cavalo e não tardou a sumir-se ao longe, enquanto Scarlett se detinha no meio da rua, com os pés enterrados na terra vermelha.

Os yankees vinham a caminho e o Exército ia partir! Os yankees vinham a caminho! Que havia ela de fazer? Para onde ir? Não, não, não podia partir. Melanie estava em casa, de cama, à espera do filho. Oli para que haviam as mulheres de ter filhos? Se não fosse Melanie, partiria com Wade e Prissy e esconder-se-ia na floresta, num sítio onde os yankees não conseguissem descobri-los. Mas não podia levar Melanie para a floresta. Nem pensar nisso. Pelo menos por enquanto. Se ela tivesse tido o filho, na véspera que fosse, talvez conseguisse arranjar uma ambulância para a transportar a qualquer local onde pudessem ocultar-se. Mas agora precisava de encontrar o Dr. Meade, custasse o que custasse e de fazer com que ele a acompanhasse até junto de Meily. Talvez o médico conhecesse um processo de apressar o parto.

Apanhando as salas correu pela rua fora e a frase "Os yankees vêm a caminho" como que marcava o ritmo dos seus passos. O Entroncamento estava pejado de gente que se acotovelava, meio aparvalhada. Por todos os lados havia carroças, ambulâncias, tipóias e carros de bois carregados de feridos. Da multidão elevava-se um ruído semelhante ao de uma ressaca. A seus olhos, deparou-se então um espectáculo inédito e singular. Vindos das bandas da estação do caminho de ferro, surgiam grupos de mulheres carregando presuntos aos ombros. Ao lado delas caminhavam crianças pequenas, vacilando sob o peso de aldes a transbordar de melaço. Alguns rapazitos arrastavam atrás de si sacas de milho e de batatas. Um velhote empurrava com dificuldade um carro de mão em que transportava uma barrica de farinha de trigo. Homens, mulheres e crianças, tanto brancos como pretos, caminhavam apressadamente, com a fisionomia alterada, acarretando embrulhos, sacos e caixas de provisões em quantidades muito superiores às que Scarlett tinha visto consumir durante um ano inteiro. A multidão abriu alas de repente para dar passagem a um trem que a frágil senhora Elsing conduzia de pé, com as rédeas numa das mãos e o chicote na outra.

Pálida e sem chapéu, com os cabelos grisalhos caídos sobre os ombros, vergastava furiosamente o cavalo. Sen-

472

tada no banco de trás, Melissy, ama negra de Fanny, sobraçava um enorme presunto e, empregando simultâneamente os pés e as mãos, mantinha em equilíbrio uma pilha de ce--

---tos e de sacas, das quais uma a certa altura se rompeu, espalhando pela rua as ervilhas secas que continha. Searlett chamou a senhora Elsing aos gritos, mas o tumulto Z. ufou-lhe a voz e a carruagem prosseguiu a sua marcha a toda a brida.

Por momentos, não logrou compreender o que via, mas depois lembrou-se de que os armazéns dos serviços de abastecimento do Exército, existentes junto à linha férrea, tinham sido franqueados ao povo por ordem do general Hood, a fim de que a população pudesse retirar o que lhe fosse possível antes da chegada dos yankees.

As cotoveladas, Searlett abriu caminho por entre a populaça, ultrapassou a turba agitada e, ao desembocar no Entroncamento, correu a toda a velocidade em direcção à estação. Através do aglomerado de ambulâncias e das nuvens de poeira que se elevavam do local, conseguiu avistar os médicos e os maqueiros, que se moviam incessantemente de um lado para outro. Graças a Deus, não tardaria a encontrar o Dr. Meade. Dobrou a esquina do Hotel Atlanta e, ao ver surgir à sua frente o edifício da estação do caminho de ferro, deteve-se aturdida.

Sob o sol implacável, jaziam estendiás no chão milhares de soldados feridos, alinhados sobre a via férrea e sobre os passeios em filas intermináveis. Alguns deles estavam rígidos e imóveis, ao passo que outros gemiam, contorcendo-se sob o calor sufocante. Por cima dos homens pairavam enxames de moscas, que zumbiam e pousavam nos rostos angustiados. Por toda a parte havia sangue e ligaduras sujas, e se ouviam suspiros e gritos de dor quando os maqueiros levantavam os feridos. Dos corpos suados e imundos, exalavam-se emanções fétidas, de sangue e de excrementos que tornavam a atmosfera irrespirável e quase provocavam náuseas. Os enfermeiros chegavam a pisar os feridos, tão perto se encontra@vam uns dos outros, e os infelizes olhavam para eles, apalermados, aguardando pacientemente o seu turno.

Scarlett recuou, tapando a boca com as mãos, para não Vomitar. Não podia avançar mais. Vira milhares de feridos, não só no hospital, mas também no jardim da, tia Pitty, após a batalha travada nas margens de Peachtree Creek,

473

mas nunca presenciara nada que se comparasse com aquilo, que se parecesse com o espectáculo daqueles corpos sujos e ensanguentados atormentados pelo sol abrasador. Era um inferno de dor, de mau cheiro e de barulho... Depressa! Depressa! Depressa! Vêm aí os yankees! Vêm aí os yankees!

Encheu-se de coragem e passou entre os homens estendidos no solo, procurando o Dr. -Meade no meio das pessoas que se encontravam de pé. Ma-,:; nem sequer podia olhar à sua volta, porque, se não visse onde punha os pés, arriscava-se a pisar algum daqueles pobres soldados. Apanhou a saia e esforçou-se por alcançar um grupo de oficiais que dirigiam o serviço dos maqueiros, Mãos febris agarravam-se-lhe às roupas quando ela passava, enquanto vozes angustiadas lhe suplicavam:

- Minha senhora... Água! Por favor, minha senhora, água! Traga-me um copo de água- por amor de Deus, minha senhora!

Só muito dificilmente lograva desvencilhar a sala daquelas mãos convulsas. O suor escorria-lhe em grossas bagas pela cara abaixo. Se pisasse algum dos homens que estavam deitados no solo, gritaria ou perderia os sentidos, com certeza. Passou por cima de cadáveres por cima de infelizes que jaziam com os olhos embaciados e as mãos apertadas sobre o ventre, onde o sangue já seco colava o uniforme às feridas, por cima de soldados cuja barba estava enipastada de sangue coagulado e cuja boca, rasgada, emitia sons que significavam:

- Água! Água! Desatária aos berros se não conseguisse encontrar o Dr. Meade dentro de pouco tempo. Avistou um grupo de homens à entrada do parque das ambulâncias e gritou o mais alto que lhe foi possível:

- Dr. Meade! O Dr, Meade está aí? Do grupo, destacou-se um homem que avançou na direção dela. Era o médico. Estava sem casaco e com as mangas arregaçadas. Tinha a camisa e as calças tintas de sangue, corno as de um magarefe e nem escapara a ponta da barba grisalha. O seu a--pecto@ e@a o dum homem embriagado pelo excesso de fadiga, por um desespero impotente, por uma compaixão imensa. Todo ele ressumava sujidade e sangue.

O suor cavara-lhe longos sulcos na camada de poeira que lhe cobria as faces. A voz, porém, era calma e decidida.

474

- Ainda bem que apareceu - disse, aproximando-se mais. - Preciso do seu auxílio.

Scarlett encarou-o por instantes, estérrecida, deixando cair as saias sobre o rosto dum ferido, que tentou debilmente voltar a cabeça, para não sufocar.

A poeira levantada pelas ambulâncias que continuavam a chegar e as emanções pútridas quase a não deixavam respirar.

- Depressa, filha! Venha cá! Arregaçando, novamente as saias, Scarlett atravessou o mais rapidamente que pôde as fileiras de corpos e acercou-se do médico. Pousou-lhe a mão no braço e sentiu que ele tremia de fadiga, embora o rosto não traísse o mais leve indício de fraqueza.

- Oh, doutor! - gritou. - Tem de vir a nossa casa. Melanie já está com as dores.

O médico fitou-a com olhar estranho, como se não tivesse compreendido. Um homem, que jazia no solo a seus pés, com a cabeça deitada na mochila, esboçou um sorriso ao ouvir as palavras da rapariga.

-Não se preocupe. Eles tratarão disso-murmurou. Scarlett nem sequer olhou para ele, limitando-se a sacudir o braço do médico.

-Melanie está muito aflita. A criança pode nascer dum instante para o outro. Venha, doutor. Ela já... Não tinha tempo para usar de rodeios, mas custava-lhe dizer co'sas daquele gênero diante de tantos homens que nunca tinha visto.

-As dores estão a apertar. Por favor, Dr. Meade! -Foi por causa disso que veio procurar-me? Parece impossível! -exclamou o médico cujo rosto se contraiu subitamente numa expressão de rancor, de rancor que não era dirigido contra ela, nem contra nin uém em especial,

9 mas sim contra o mundo onde tais coisas aconteciam.Enlouqueceu? Corno-quer que eu abandone estes homens? Estão a morrer para aí, às centenas. Seria um crime deixá-los, para socorrer uma mulher que está para ter um filho. Arranje alguém que a ajude. Leve a minha mulher.

Scarlett abriu a boca para lhe dizer que a senhora Meade se, não encontrava em Atlanta. Mas pensou que teria de lhe explicar o motivo por que ela se ausentara e calou-se.

O doutor ignorava que o filho estivesse gravemente ferido! Continuaria ali, se o soubesse? Contudo, tinha a impressão

475

de que não abandonaria o seu posto, mesmo que o informassem, de que Phil agonizava, pondo acima dos seus interesses pessoais o cumprimento do dever.

-Precisamos de si, doutor. Bem sabe que Melanie vai ter um parto difícil.

Scarlett nem queria crer que fosse ela quem ali estava a falar de um assunto tão escabroso diante de estranhos, em voz alta, no meio daquele inferno de calor e de sofrimento.

-Morrerá com certeza, se o senhor doutor não vier!

O médico sacudiu do braço a mão da rapariga e respondeu, como se mal a conhecesse ou não soubesse ao, certo do que se tratava:

- E então? Também estes homens todos podem morrer, se não lhes acudirmos já. Não temos ligaduras, -nem pensos, nem clorofórmio, nem quinino. Oh, meu Deus! Dai-me um pouco de morfina para os que estão pior, ou umas gotas de clorofórmio! Diabos levem os yankees! Malditos sejam!

-Isso, doutor! Mande-os para o inferno! -disse o homem deitado no chão, mostrando os dentes entre a barba.

Scarlett estava a tremer e os olhos ardiam-lhe com lágrimas de terror. O médico recusava-se a acompanhá-la. Melanie encontrava-se muito mal e ela desejava que a cunhada morresse! E o doutor não podia ir!

-Por amor de Deus, venha comigo!

O Dr. Meade mordeu os lábios, mas não arredou pé. -Vou tentar, minha filha. Mas não posso prometer nada, Primeiro tenho de tratar destes homens. Os yankees vêm a caminho e as nossas tropas já começaram a evacuar a cidade. Não há comboios. A linha férrea para Macon caiu nas mãos do general Sherman... Farei o possível. E, agora, deixe-me em paz. Não é muito difícil assistir a um parto. Basta atar o cordão...

Um enfermeiro'tocou-lhe no ombro. O médico voltou-se e começou a dar ordens para a esquerda e para a direita, apontando na direcção dos feridos. O homem que jazia,a seus pés lançou um olhar pesaroso a Scarlett, que se retíu-ou cabisbaixa. O médico já tinha esquecido completamente a sua presença.

Abrindo passagem entre os feridos, Scarlett regressou a casa rapidamente. Não poderia contarcom o médico. Teria que agir por si própria. Felizmente Prissy sabia o que havia a fazer naquelas

c1rcunstânc1@s. Doía-lhe a cabeça

476

por causa do calor. O espartilho, encharcado em transpiração, colara-se-lhe ao corpo. Tinha o cérebro entorpecido e as pernas dormentes como num pesadelo, e não poderia correr mesmo que qilisse, O percurso de regresso pareceu-lhe interminável.

O estribilho "Os yankees vêm a caminho" começou a martelar-lhe os ouvidos outra vez. O coração batia-lhe agora com mais força, transmitindo-lhe aos membros uma vitalidade nova. Estugou o passo em direcção ao Entroncamento, onde a multidão se acotovelava nos passeios, pelo que se viu obrigada a seguir pelo meio da rua. Os soldados desfilavam a caminho das portas da cidade, em longas colunas, cobertos de poeira e exaustos. Pareciam milhares, todos eles barbados sujos; de espingarda ao ombro, marchando em passo ligeirô e cadenciado. No seu encalço, avançava a artilharia, cujos condutores fustigavam as mulas magras com tiras de couro cru. A seguir, rodavam as viaturas dos serviços auxiliares, com a cobertura de lona esburacada. E, atrás de tudo trotava a cavalaria, levantando nuvens de poeira vermelha. Scarlett nunca tinha visto tanta tropa junta. O exército batia em retirada!

A coluna dos soldados empurrou-a para cima do passeio, pejado por uma turba compacta. Pairava na atmosfera um cheiro a whisky barato. Nas proximidades de Decatur Street, destacavam-se entre a multidão mulheres com vestidos garridos e rostos pintados, as quais punham no ambiente uma nota discordante de dia festivo. Quase todas elas estavam embriagadas, assim como grande parte dos soldados, a quem se agarravam aos beijos. Scarlett viu de relance uma cabeça de caracóis avermelhados e não teve dificuldade em reconhecer Belle Watling. Chegou-lhe aos ouvidos a gargalhada estridente que ela soltou quando, ao perder o equilíbrio, se apoiou a um soldado maneta, que mal podia segurá-la.

Deixou o Entroncamento atrás de si e continuou a caminhar rapidamente. Para aqueles lados, a multidão começava a tornar-se menos densa.

Scarlett apanhou de novo as saias e recomeçou a correr. Ao atingir Wesley Chapel, já tinha dificuldade em respirar e sentia-se um tanto agoniada. O espartilho cortava-lhe a cintura. Sentou-se nos degraus da igreja e escondeu a cabeça entre as mãos, até normalizar a respiração. Se ao menos pudesse inspirar fundo, de maneira que o ar lhe

477

chegasse até ao abdome! Se ao menos o coração cessasse de bater com tanta, violên6a! Se ao menos encontrasse naquele inferno alguém que lhe pudesse valer!

Nunca em toda a sua vida tivera de agir por si. Havia sempre quem fizesse as coisas por ela, que a aconselhasse, quem a protegesse e animasse. Custava-lhe a crer que fosse ela, Scarlett O'Hara Hamilton, quem naquele momento descansava sentada nos degraus da igreja, sem um amigo ou vizinho a quem pudesse recorrer para enfrentar a crise que se avizinhava. Nunca lhe havia faltado auxílio sempre que dele precisara. Encontrara sempre pessoas amigas, vizinhos e escravos competentes, prontos a acudir-lhe em todas as emergências. Parecia-lhe inacreditável que estivesse ali apavorada, completamente só, longe do lar e de todos os que lhe eram queridos! Se ao menos estivesse em Tara!... Oh, como seria agradável ver-se de regresso ao lar, ainda que os yankees ron- dassem a plantação! Oh, como seria bom acolher-se de novo ao tecto sob o qual vir4 pela primeira vez a luz do dia, embota Ellen se encontrasse doente! Já tinha saudades do rosto meigo da mãe, de sentir à volta do pescoço a carícia dos seus braços fortes!

Meio tonta, ergueu-se e retomou o caminho. Ao chegar perto de casa, avistou Wade, que se balouçava no portão da frente. Quando ele viu a mãe, franziu a testa e começou a chorar, mostrando-lhe um dedo ferido.

- Um ache! -disse ele, com voz lamentosa.- Um ache!

- Cala-te, se não queres apanhar. Vai para, o quintal fazer bolos de lama e não saias de lá. .-Wade tem fome!

E o pequeno pôs-se outra vez a chorar, metendo o dedo -na boca.

Não me maces. Vai brincar para o quintal, anda... Olhou para cima -e viu Prissy debruçada a uma das janelas do quarto de Melanie, com expressão de terror estampada no rosto. De repente, porém, ao avistar a ama, todos os sinais de inquietação se desvaneceram da face negra da criadita. Scarlett fez-lhe sinal que descesse e entrou em casa. Como estava fresco no vestíbulo! Desatou os laços do chapéu e arremessou-o sobre a mesa, enxugando à manga do vestido o suor que lhe humedecia a fronte. A porta do quarto de Melanie abriu-se e um gemido

478

de dor ecoou no corredor do primeiro andar. Prissy desceu as escadas a correr.

- O doutô não vem?

- Não. Não pode vir.

- Sinhô dos Céu, Ininína Searlett! Senhora Melly tá rnuito mal!

-O Dr. Meade recusou-se a abandonar os feridos. Não encontrei ninguém que pudesse valer-nos.

Tens que assistir ao parto e eu ajudar-te-ei na medida. do possível.

Prissy deixou cair o queixo e debalde tentou articular palavra. Lançou à ama um olhar desvairado e pôs-se a remexer os pés, torcendo-se toda.

-Não te ponhas com essas parvoíces! -exclamou Searlett, furiosa ao ver a rapariga naqueles preparos. Que aconteceu? '

-Sinhô dos Céu, minina Scarlett! A gente precisa do doutô. Eu não sabê de parto, Minha mãe nunca me deixou a mim tá ao pé das muié nesta altura.

Scarlett quedou-se, horrorizada, com a respiração suspensa'at' que um ataque de cólera se apossou dela. Prissy ainda tentou fugir, mas não teve sorte nenhuma.

- Grande aldrabona! Que queres tu dizer com isso? Garantiste-me tantas vezes que estavas habituada a. tratar de partos e agora saís4e com essa!

Scarlett sacudiu violentamente a criadita, cuja cabeça oscilava para um lado e outro como se ela estivesse bêbada.

- Menti, minina Searlett! Não sei por que foi, mas deve té sido sem querê. Só vi inda uma criança Q minha mãe bateu em mim por tê tado, a espreitá.

Scarlett encarou-a, furibunda, e Prissy encolheu-se toda, tentando libertar-se. Por momentos recusou-se a aceitar a realidade dos factos, mas, quando'se convenceu de que Prissy sabia tanto de obstetrícia como ela o seu desespero foi imenso. Nunca batera numa escrava e@@@ toda a sua vida,

Mas desta vez esbofeteou Prissy com quanta força tinha, até sentir o braço doer-lhe. A pretinha berrava a plenos pulmões, mais por medo que por dor, e ensaiou uma espécie de dança contorcionista para conseguir escapulir-se das mãos da ama.

Aos gritos de, Prissy, os gemidos cessaram no primeiro andar e, momentos depois, a voz de Melanie, fraca e tremula, chamou:

- És tu, Scarlett? Vem cá, por favor!

479

, -1

Scarlett largou o braço de Prissy, que se deixou cair sobre os degraus da escada, a choramingar. E ficou parada, por instantes, com os olhos cravados no tecto, escutando os gemidos que tinham recommençado. Durante uma fracção de segundo, experimentou a sensação de lhe terem colocado uma canga ao pescoço, um peso que a faria vacilar assim que desse o primeiro passo.

Tentou reconstituir mentalmente tudo quanto Ellen e Babá lhe tinham feito quando Wade Hampton nascera, mas a sua memória apesar das havia, guardado umas recordações muito vagas desses horríveis momentos. No entanto, conseguiu lembrar-se de algumas coisas e ordenou a Prissy, com voz autoritária:

1 - Acende o lume e põe água a ferver. Em seguida, traze todas as toalhas que encontrares e um novelo de fio. E uma tesoura, também. Vê se tomas bem sentido que é para depois não faltar nada. Depacha-te anda!

Agarrou-a pelo vestido, obrigando-a a levantar-se, e, empurrou-a na direcção da cozinha. Depois, encolheu os ombros num gesto de resignação e começou a subir a escada. Não seria empresa fácil explicar a Melanie que Prissy e ela é que teriam de-lhe assistir ao parto.

ZZ

POR muitos anos que vivesse, Scarlett jamais esqueceria aquela tarde de calor sufocante que parecia nunca mais ter fim. Até as moscas que a não largavam um instante sequer, estavam apostadas em aumentar o seu torréficação. Voavam em torno de Melanie, sem ligarem importância ao leque de palma, que Scarlett agitava sem cessar a ponto de já ter os braços doridos daquele movimento constante. Contudo, os seus esforços resultavam inúteis pois que, enquanto enxotava umas do rosto húmido da cunhada, iam pousar-lhe outras sobre os pés encharcados de suor, obrigando a pobre doente a, murmurar, com voz débil e entrecortada:

- Por favor, Scarlett, os meus pés.

O aposento estava mergulhado numa semiobscuridade repousante. Para evitar a claridade demasiadamente intensa e a temperatura asfixiante que reinava lá fora, Scarlett

1 e descera o estore, semeado de pequenos buracos de tâmara-

480

nho de bicos de alfinetes, que o sol, atravessando, parecia pontilhar de luz. O quarto assemelhava-se a uma estufa. As roupas de Scarlett, longe de enxugarem, ficavam cada vez mais encharcadas e pegajosas com a transpiração à medida que as horas iam passando. Acocorada a um canto, Prissy exalava um cheiro a catinga tão intenso que Scarlett, teria corrido com ela se não receasse que, uma vez livre da sua vigilância, a criada desse às de Vila Diogo. Melanie, deitada num lençol negro de suor e que apresentava aqui e além manchas húmidas da água que Scarlett lhe deitara por cima, estorcia-se sem descanso, voltando-se dum lado para outro, debalde procurando uma posição que lhe trouxesse algum alívio.

De vez em quando tentava sentar-se na cama, mas logo se deixara cair para trás, contorcendo-se com dores. De início, procurara contentar-se mordendo os lábios até fazer sangue, numa animosa tentativa de não exteriorizar o seu sofrimento. Mas Scarlett, cujos nervos já não aguentavam mais, disse-lhe, com voz surda:

- Pelo amor de Deus, Melly, não te faças mais forte do que na realidade és. Grita à vontade. Além de mim e de Prissy, ninguém te ouvirá,

Com o correr do tempo as dores foram-se tornando mais violentas e, não obstante a coragem que de início revelara, Melanie já não lograva conter os gemidos e, de vez em quando, soltava um ai pungente que dilacerava o coração da cunhada. Nessas alturas, Scarlett escondia a cabeça entre as mãos, apertando os ouvidos com força, enquanto intimamente pedia a morte a Deus, pois tudo seria preferível àquele martírio de presenciar uma dor tão grave sem poder fazer nada para a minorar. Não havia nada com certeza, tormento maior do que o de estar à espera duma criança que não tinha pressa alguma de vir ao mundo. E ela via-se na necessidade de continuar ali, presa à cabeceira de Melanie, sabendo perfeitamente que os yankees se deviam encontrar já no Entroncamento. Estava sinceramente arrependida de não ter prestado atenção às conversas das matronas a respeito de nascimentos e partos. Oh, se ela se tivesse interessado por esses assuntos já saberia agora se o de Melanie estava decorrendo com normalidade ou não! Lembrava-se vagamente de ter ouvido a tia Pitty contar o caso de uma amiga que, depois -de ter sofrido durante quarenta e oito horas seguidas, havia

31 - Vento LeVou - 1

481

morrido sem dar à luz. E se acontecesse o mesmo a Melanie? Se ela se conservasse assim por mais dois dias? Mas Melanie era muito frágil para suportar tanto, tempo aquela tortura. Se a criança não nascesse depressa, a mãe decerto não resistiria. E onde é, que Scarlett iria arranjar coragem para enfrentar de novo Ashley caso ele ainda estivesse vivo, e lhe participar a morte de Melanie, depois de ter prokmetido que tomaria conta dela?

De princípio, Melanie quisera segurar as mãos de Scarlett sempre que a dor se tornava mais intensa, mas era tal a força com que lhas apertava que pouco faltava para lhe quebrar os ossos. Ao fim duma hora, Scarlett tinha as mãos de tal forma inchadas e doridas que nem as podia fechar. Resolveu então atar dois lençóis de banho aos pés da cama, e fazer um nó em cada uma das extremidades livres, as quais entregou a Melanie. Esta agarrou-se a elas como a uma tábua de salvação, torcendo-as, puxando-as, cravando nelas as unhas, como se isso lhe minorasse o sofrimento. Gemeu e gritou durante todo o dia, como um animal caído numa armadilha. Às vezes, largava as pontas dos lençóis, para enxugar as mãos banhadas de suor, e fitava Scarlett com os olhos esbugalhados pela dor.

- Fala comigo, Scarlett-implorava, com voz fraca. Dize qualquer coisa, por favor.

E Scarlett começava a falar, sem saber bem o que dizia, até que Melanie principiava a contorcer-se de novo.

As horas passavam tão devagar, naquele quarto saturado de calor, de sofrimento e dos zumbidos das moscas, que Scarlett perdeu a noção do tempo. Parecia-lhe ter vivido uma eternidade, desde que entrara no aposento escuro e abafado onde Melanie se encontrava. De cada vez que a cunhada gritava, Scarlett tinha de fazer esforço sobre si mesma para não imitar, mordendo os lábios até fazer sangue, pois que só assim conseguia dominar o histerismo que a assaltava.

A certa altura, Wade subiu as escadas nos bicos dos pés e assomou à porta. — Ade ter

W. — n fome-disse ele. Scarlett levantou-se para tratar do filho. Melanie, porém, adivinhando-lhe as intenções, implorou: —

- Não me deixes sózinha, Scarlett! A tua presença dá-me coragem.

Scarlett mandou Prissy à cozinha, a fim de aquecer as

482

papas de milho que constituíam o almoço do pequeno e de lhas dar a comer. Quanto a ela, tinha a impressão de que nunca mais seria capaz de ingerir fosse o que fosse, a partir daquele dia tão trágico.

O relógio do fogão parara. Scarlett não sabia que horas eram, mas, como o calor diminuía de intensidade e já se não distinguiam pontos luminosos nos estores, levantou-os. Verificou então, com surpresa, que a tarde ia bastante adiantada já. O Sol, qual disco incandescente, estava prestes a

esconder-se no horizonte. Sem saber porquê, Scarlett imaginara que ele continuaria a brilhar para sempre, envolvendo tudo no calor asfixiante do meio-dia.

Cheia de ansiedade, perguntou a si própria o que se estaria passando. Teriam as tropas sulistas recuado uma vez mais? E se os yankees se encontrassem já dentro da cidade? Seria possível que o general Hood se retirasse sem dar luta? Com o coração apertado de angústia, Scarlett recordou o reduzido número de soldados de que a Confederação dispunha e os milhares de homens bem alimentados que constituíam os efectivos de Sherman. Sherman! Nem o próprio nome de Satanás lhe infundia tanto horror como este. Mas nem tempo para pensar lhe sobejava, agora. Melanie tinha sede, queria uma toalha molhada em água fria para refrescar a fronte, suplicava-lhe que a abanasse com o leque, que lhe enxotasse as moscas que teimavam em lhe pousar no rosto.

Já era quase noite quando Prissy surgiu como um fantasma negro e assustadíssimo para acender o candeeiro. Foi nessa altura que Melanie começou a perder as forças. Chamava Ashley a todo o instante, como num delírio. A insistência monótona da voz dela exasperava Scarlett. Com os nervos completamente arrasados, chegou a sentir o desejo de a sufocar de qualquer maneira, nem que fosse com uma almofada sobre a boca. Mas não valia a pena desesperar. Talvez o Dr. Meade conseguisse arranjar tempo para lhes ir dar uma ajuda. Se ao menos ele não se demorasse muito! Com uma ténue esperança a reanimá-la Scarlett voltou-se para Prissy e ordenou-lhe que fosse, numa corrida, a casa dos Meades saber se o médico ou a mulher lá estariam,

- E se o Dr. Meade tiver saído - acrescentou - pergunta à senhora ou à criada o que havemos de fazer. Pede-lhes que venham até cá, por favor.

483

Prissy saiu ruidosamente do quarto. Scarlett viu-a correr pela rua abaixo, numa velocidade de que nunca julgara capaz aquela rapariguinha sem préstimo. Depois duma ausência prolongada, a criada voltou sózinha.

- O doutor não teve em casa o dia todo. Parece que foi com os soldados. Minina Scarlett, minino Phil morreu já.

- Morreu?

- Sim, senhora - respondeu Prissy, impando de importância. - Talbot que é o cocho deles é que disse pra mim.

- Deixa lá isso agora. - Eu não vi a mãe do doutor. A cozinheira disse que ela levou o filho pro enterro antes dos yankees chegarem. Ele disse que quando as coisas foram grandes, pra baixo da cama uma faca que parte as coisas ao meio...

Scarlett sentiu ganas de a esbofetear, pela valiosa informação que ela acabava de lhe trazer, mas conteve-se, porque Melanie abriu uns olhos grandes e espavoridos e perguntou, num murmúrio:

- Deus do Céu!... Os yankees já aí vêm?

- Não - respondeu energicamente Scarlett. - Prissy está a mentir com todos os dentes que tem na boca.

- Não tou mentindo, não, senhora - protestou a pretinha, calorosamente.

- Eles já aí vêm! - teimou Melanie, sem se deixar iludir, escondendo a cara na almofada.

E exclamou, com voz surda:

- Meu filho, meu pobre filho! - Após uma longa pausa, continuou: - Tu não podes ficar aqui, Scarlett. P, preciso que fujas quanto antes e que leves Wade contigo.

Melanie disse exactamente aquilo que a cunhada estava a pensar 'mas, ao ouvi-la, Scarlett ficou furiosa e envergonhada ao mesmo tempo como se tivesse estampado no rosto o receio que secretamente a minava.

- Não sejas parva! - respondeu. - Os yankees não me metem medo! Por nada deste mundo eu te deixaria ficar aqui sózinha.

- Pois. fazes mal, Scarlett - volveu Melanié. - Não resistirei por muito, tempo.

Muito devagar, como se fosse já bastante velha, Scarlett desceu as escadas imersas nas mais profundas trevas, apoiando-se pesadamente ao corrimão, tal se receasse cair de um instante para outro. As pernas tremiam-lhe de fadiga

484

e pesavam-lhe que nem chumbo. Tiritava de frio por causa da roupa encharcada em transpiração que se lhe colava ao corpo. Extenuada, dirigiu-se para o alpendre, e deixou-se cair no primeiro degrau da escada. Encostou-se a um dos pilares e, com mãos pouco firmes, desabotoou quase até à cintura o corpete do vestido. A noite estava escura e sufocante e Scarlett quedou-se a contemplar o espaço à sua frente, completamente embrutecida.

O mau tempo já passara. Melanie não morrerá o filho, cujos vagidos lembrava os miados dum gatito recém-nascido, fora entregue aos cuidados de Prissy que lhe estava dando o primeiro banho. Melanie adormecera. Como podia ela dormir, depois daquela noite de pesadelo, daquelas dores horríveis que a não haviam deixado sossegar um instante, daquele sofrimento atroz que as suas mãos inexperientes ainda tinham agravado? Que poder estranho teria impedido Melly de sucumbir? Scarlett estava convencida de que não teria resistido a semelhante tratamento. No entanto, logo que o trabalho do parto havia terminado, Melanie murmurara, com voz tão débil que Scarlett se vira obrigada a curvar-se para perceber o que ela queria dizer: "Obrigada, Scarlett". E caíra num sono profundo. Como conseguira adormecer depois de todo aquele tormento? Scarlett já não se lembrava de que também dormira depois de Wade ter nascido. Não era capaz de recordar fosse o que fosse. Tinha a impressão de que se lhe fizera o vácuo no espírito. O mundo parecia-lhe vazio. Para ela, era como se não houvesse existido nada antes daquele dia interminável e agora só tinha consciência da noite quente e abafada que a envolvia, da sua própria respiração ofegante

* ruidosa, do suor que lhe corria das axilas até à cintura

* dali até aos joelhos, ensopando-lhe a roupa, fazendo-a tremer de frio.

A pouco e pouco, a respiração pesada e uniforme transformou-se-lhe num soluçar espasmódico, mas os olhos conservavam-se secos e ardiam-lhe penosamente, como se nunca mais pudessem verter uma única gota. Endireitou-se lentamente como se qualquer movimento representasse para ela um sacrifício enorme e levantou as saias acima dos joelhos. Tão de repente estremecia com arrepios de frio, como se sentia sufoqueado de calor. Todos os seus poros pareciam segregar um visco que lhe pegava a roupa ao corpo. A carícia da brisa nocturna sobre as pernas

485

4m",

p,19-

Jk'@Ê.

fazia-a experimentar uma sensação reconfortante. Tentou imaginar o que a tia Pitty diria se a visse ali, sentada sobre os degraus do alpendre, com as saias levantadas e as paritalonas à mostra. Mas isso, agora era-lhe indiferente. Nada lhe interessava já. O tempo como que suspendera a sua marcha. Tanto podiam ser oito horas como meia-noite, que ela não se importava.

Ouviu um rumor de passos no andar de cima e pensou, "Diabos levem aquela maldita Prissy", antes que os olhos se lhe fechassem e uma leve sonolência descasse sobre ela. Após um período indeterminado de completa obscuridade, Scarlett abriu os olhos e descobriu a criadita preta ao seu lado, tagarelando despreocupadamente:

- A gente fez bom trabalho, minina Scarlett. Minha mãe não podia fazer miá, -com certeza, Imersa na escuridão que reinava sob o alpendre, Scarlett limitou-se a encará-la com um olhar sombrio, demasiadamente fatigada para a repreender, demasiadamente exausta para enumerar os erros cometidos por Prissy-a sua gabarolice ao afirmar que possuía uma experiência que não tinha, o seu terror, a sua estupidez, a sua falta de jeito nos momentos de maior emergência, extraviando a tesoura justamente quando ela se tornava mais necessária, entornando a bacia da água quente sobre a cama, deixando cair o nenê que acabava de nascer. E agora vinha gabar-se das suas habilidades!

E os yankees ainda queriam libertar os escravos! Depois que não se queixassem. Recostou-se contra a coluna do alpendre, em silêncio, e Prissy vendo que a ama estava mal disposta, afastou-se rapidamente, nos bicos dos pés desaparecendo na escuridão. Após longo intervalo, durante o qual a sua respiração conseguiu finalmente normalizar-se e o seu espírito logrou readquirir o equilíbrio perdido, Scarlett ouviu o som de vozes distantes que se aproximavam ao longo da estrada bem como o tropel de centenas de pés marchando em direção ao Sul. Soldados! Desencostou-se lentamente do pilar e puxou as saias para baixo, embora soubesse que ninguém a poderia ver ali, cercada de trevas. O grupo continuou a aproximar-se até que surgiu em frente do jardim. Scarlett. acercou-se do portão e chamou:

- Faça favor!

486

Destacou-se um vulto da massa anónima, acercando-se da berma da estrada.

Vão-se embora? Vão deixar-nos? -perguntou ela. A sombra fez um gesto como que a tirar o chapéu, e uma voz calma elevou-se ao longe no negrume da noite.

- Sim, minha senhora.]@ isso, precisamente o que estamos fazendo. Fomos os últimos a abandonar as trincheiras.

- E vocês estão... O general Hood deu ordem de re~ tirar?

-Deu, sim, minha senhora. Os yankees estão a chegar de um momento para outro,...

Os yankees estavam a chegar! Scarlett tinha-os esquecido por completo. De repente sentiu a garganta contrair-se-lhe num espasmo que a impossibilitou de pronunciar uma única palavra. A sombra afastou-se, misturou-se às últimas que passavam e de novo o tropel dos soldados se fez ouvir na estrada. "Os yankees estão a chegar. Os yankees estão a chegar". Era o que dizia o ritmo das passadas que se perdiam na distância, era o que lhe repetia o bater apressado do coração, que parecia querer saltar-lhe do peito: "Os yankees estão a chegar".

-Os yankee vai chegá! -berrou Prissy, agarrando-se a Scarlett. - Oli minina Scarlett, eles vai enflá as espada dele na barriga @a gente! Eles vai...

- Cala-te! -bradou Scarlett. Bem bastavam os pensamentos tenebrosos que lhe povoavam o cérebro, Não, precisava de os ouvir expostos naquelas palavras trémulas. Nova onda de terror a assaltou. Que havia ela de fazer? Como poderia escapar ao perigo que a espreitava? A. quem devia dirigir-se, implorando auxílio? Todos os amigos a tinham abandonado!

De repente, lembrou-se de Rhett Butler e o medo que dela se apossara momentos antes desapareceu por completo. Por que não teria pensado nele, nessa manhã em vez de andar de um lado para outro, como doida, sem saber o que fazer? Odia-o, como não podia deixar de ser mas Rhett Butler era forte e esperto não, temia os -yankees e ainda devia encontrar-se em Atlanta. Scarlett, claro, estava muito zangada com ele, pois ainda não esquecera a proposta ultrajante que Rhett lhe fizera da última vez que se tinham visto. Mas, numa aflição daquela natureza, não havia lugar para ressentimentos, Butler possuía uma carruagem e um cavalo. Oli, por que não teria pensado nele desde o prin-

487

cípio?! Rhett podia levá-la para fora daquela maldita cidade, para longe dos yankees, para onde quisesse, contanto que as tirasse dali,

Voltou-se para Prissy e disse-lhe, febrilmente:

- Sabes onde vive o capitão Butler... n<> Hotel Atlanta?

- Sim, minina Scarlett, mas...

- Então vai lá, a correr e diz-lhe que preciso de falar com ele. Pede-lhe que venha cá e que traga o cavalo e carruagem, ou uma ambulância, se lhe for possível arranjar alguma, mas que não se demore, pelo amor de Deus. Conta-lhe que menina Melanie já teve o filho. Podes informá-lo de que precisamos que ele nos leve para longe de Atlanta. Anda depressa, ouviste? Vai.

Scarlett endireitou-se e deu um empurrão à criada, para a espertar.

- Sinhô dos Céu,. minina Scarlett! Tou com medo de andá sózinha de noite. E se os yankee me agarra?

- Se correres, ainda podes apanhar os soldados que passaram aqui há bocado, e, eles não deixarão que os yankees te façam mal. Não percas tempo, estás a ouvir?

- Mas tenho medo, minina Searlett. E se o capitão Butler não tá em hoté?

-Pergunta por ele a alguém de lá. Não tens miolos? Se o não encontrases no hotel, vê se o descobres nos botequins de Decatur Street. Vai a casa de'13elle Watling. Procura-o. Grande parva, ainda não percebeste que, se não conseguires falar-lhe quanto antes, os yankees apanhar-nos-ão a todas, com certeza?

- Ih, minina Scarlett! Minha mãe me sova com chicote se sabe que eu entrei nos botequins ou nas casas daquelas muié.

Scarlett levantou~se.

- Eu é que te dou uma sova e já, se não fores imediatamente. Podes ficar à porta e 'gritar de maneira que te ouçam lá de dentro 'não podes? Ou então pede a qualquer pessoa que o vã chamar.

Desaparece, depressa!

Prissy começou a mover-se lentamente, arrastando os pés e fazendo trejeitos com os lábios grossos. Impaciente, Scarlett deu-lhe um safanão que por um triz a não fez rolar pela escada abaixo.

-Faze o que te digo, se não queres que te venda aos plantadores de Louisiana. Nunca mais poderás ver tua mãe

488

nem nenhuma pessoa tua conhecida e, além disso, terás de trabalhar no campo. Vais ou não vais?

-Sinhô dos Céus, minina Scarlett... Sentindo a pressão férrea dos dedos de Scarlett no braço, Prissy começou a descer os degraus. O portão do jardim rangeu nos gonzos e Scarlett gritou:

- Corre, idiota! Prissy desatou num galope desenfreado. Scarlett, ouviu o som dos passos morrer na distância, abafado pela terra vermelha e fofa.

23

DEpois de Prissy ter partido, Searlett desceu até ao vestíbulo do rés-do-chão e acendeu o candeeiro. Apesar de já ter anoitecido o ar continuava quente, como se a casa houvesse concentrado nas suas paredes todo o calor da tarde.

O pior já tinha passado e agora o estômago começava a exigir-lhe a satisfação dos seus direitos.

Lembrou-se de que, além duma colherada de papas de milho, não comia nada desde a noite anterior.

Pegou no candeeiro e dirigiu-se à cozinha. Na fomalha o fogo já se apagara, mas o compartimento parecia uma estufa. Encontrou numa caçarola um bocado de broa de milho, que devorou

rapidamente, enquanto procurava outra coisa que comer. Ainda havia papas num tacho, as quais atacou vorazmente, servindo-se de urna concha, sem mesmo se dar ao trabalho de as entornar no prato. As papas eEftavam insossas mas a fome era tanta que Scarlett nem sequer lhes deitou'mais sal. Tragou quatro colheradas e, como o calor na cozinha fosse insuportável, pegou no candeeiro e num bocado de broa e encaminhou-se para o vestíbulo.

A c(>nsiência dizia-lhe que tinha o dever de ir fazer companhia à cunhada, pois se de súbito surgisse qualquer Complicação, Melanie não teria forças para a chamar. Contudo, repugnava-lhe de veras a ideia de voltar àquele quarto, onde passara tantas horas de verdadeiro pesadelo. Nem que Melanie estivesse a morrer ela transporia novamente o limiar do aposento. Não queria tornar a pôr os pés no quarto da cunhada. Colocou o candeeiro num suporte junto da janela e saiu para o alpendre. Apesar de o calor da tarde ainda se não ter dissipado por completo, estava muito mais fresco ali. Sentou-se nos degraus, envolta nos ténues raios

489

luminosos prajectados pelo candeeiro e continuou a mastigar o pão de milho.

Acabou de comer e, gradualmente, sentiu renascer-lhe as forças e, com estas, os receios acerca da situação criada pela derrota dos sulistas em Jonesboro. Chegava-lhe aos ouvidos um rumor contínuo, distante, que não lograva interpretar, por mais tratos que desse à imaginação. Era um ruído esquisito que tão depressa aumentava como diminuía de intensidade. Apurou o ouvido e não tardou, que os músculos do pescoço lhe doessem com o esforço dispendido. Naquele momento, nada lhe daria maior satisfação do que ouvir o rodar de uma carruagem e ver surgir à sua frente a figura tranquilizadora de Rhett Butler, com um sorriso nos olhos negros e descuidados, zombando dos seus temores. Rhett levá-las-ia para qualquer lado. Para onde, não sabia, nem tão pouco lhe importava saber.

Continuava escutando todos os ruídos quando lobbrou um fraco clarão que se elevava acima das árvores e a deixou intrigada. Observou-o atentamente e verificou que se tornava cada vez mais brilhante. No céu azul distinguia-se certa mancha alaranjada que se foi avermelhando até que uma labareda enorme riscou a escuridão da noite. Dum salto, Scarlett pôs-se de pé com o coração pulsando violentamente, como se quisesse saltar-lhe para fora do peito.

Os yankees! Os yankees tinham entrado em Atlanta e já haviam principiado a incendiar o casario. O fogo devia ter começado a Leste da cidade. As labaredas, dum vermelho intenso, alastravam rapidamente perante os olhos aterrorizados de Scarlett. Já todo um quarteirão devia estar ardendo. Começou a soprar uma brisa fraca que trazia até ela baforadas quentes de fumo.

Subiu a correr as escadas e foi a uma das janelas do seu quarto para ver melhor. O firinamento adquirira uma cor sinistra e lúgubre. Elevavam-se no ar grandes rolos de fumo negro formando nuvens que ficavam pairando acima das labaredas. O cheiro acre da madeira queimada era mais pronunciado agora. Os pensamentos tumultuavam-lhe no cérebro, de forma incoerente. Quando atingiriam as chamas Peachtree Street, incendiando-lhe a casa? Quando seria ela atacada pelos yankees? Para onde havia de fugir? Que fazer? Todos os demónios do Inferno pareciam gritar-lhe aos ouvidos, estabelecendo-lhe na mente uma confusão e

490

um pânico tais que teve de se agarrar ao peitoril da janela para não cair.

"Preciso, de pensar", repetia incessantemente para si própria, "preciso, de pensar".

Mas as ideias como que se lhe escapavam, entrando e saindo do cérebro quais aves assustadas.

Estava ainda apoiada à janela quando atroou os ares uma explosão, ensurdecadora, mais forte do que a de qualquer peça de artilharia. Uma iluminação gigantesca iluminou a abóbada celeste.

Seguiram-se-lhe outras detonações igualmente violentas. A terra estremeceu e os vidros voaram em estilhaços por cima da cabeça dela, caindo à sua volta.

A cidade transformara-se num braseiro imenso em que as explosões se sucediam numa cadência alucinante. Milhares de faíscas sulcavam o céu, para depois descerem preguiçosamente sobre a terra entre nuvens de fumo cor de sangue. Pareceu-lhe ouvir um apelo fraco, vindo do quarto contíguo, mas não fez caso. Não se sentia com disposição para se ocupar de Melanie, nem de coisa nenhuma. Só o receio dum incêndio em casa a apouquentava agora.

Quisera poder voltar aos tempos da sua meninice para esconder de novo a cabeça no regaço materno, a fim de não assistir àquele espectáculo horrível que a apavorava. Se ao menos estivesse na quinta, ao lado da mãe!...

No meio de todo aquele barulho enervante distinguiu outro som: um rumor de passos apressados galgando a escada precipitadamente e uma voz que gemia como um cão perdido. Prissy irrompeu pelo quarto dentro e precipitando-se na direcção de Scarlett, agarrou-se-lhe ao braço com quanta força tinha.

-Os yankees exclamou Scarlett.

Não... são os nossos soldados! - gritou Prissy, com voz sacudida, cravando as unhas no braço de Scarlett. -

Pegaram fogo à fundição e aos armazéns e depósito do Exército! E chegaram lume aos setenta carros com granada e pólvora! Sinhô dos Céu, minina Scarlett, e se eles queimam a gente também?

Desatou aos berros e ape-rtou com tanta força o braço de. Scarlett que esta soltou um grito, de dor, sacudindo-lhe a mão, furiosa.

Visto isso, os y-ankees ainda não tinham entrado em Atlanta! Por consequência, elas ainda estavam a tempo de fugir! A ideia como que lhe emprestou alma nova.

491

Lkt.

"Se não trato de me dominar", pensou Scarlett, "acabarei aos guinchos como um gato escaldado!"

A visão do terror abjecto patente no rosto de Prissy ajudou-a a dominar-se. Segurou a criadita pelos ombros e sacudiu-a.

-Acaba com essa berraria e fala como deve ser. Os yankees ainda não chegaram, palerma! Falaste com o capitão Butler? Que disse ele? Sempre vem?

Prissy calou-se 'mas os dentes batiam~lhe com medo. -Sim, senhora. Encontrei-o num botequim. - Não me interessa saber onde o encontraste. Ele disse-te que vem? Pediste-lhe que trouxesse o cavalo?

- Minina Scarlett, ele disse a mim que os nosso soldado levaram o cavalo e a carruagem pra servirem de ambulância.

-Deus do Céu! -Mas o sinhô vem...

- Ali, sim?! Que foi que ele respondeu? Prissy recobrou o fôlego e parecia menos assustada.

- A senhora mandou procurá a ele no botequim e eu fui. Chamei ele do lado de fora da porta e ele veio à rua. E eu c ,t

on ei tudo pra ele. Depois saíram uns soldado dos armazém de Decatur Street e o fogo começou. Ele disse a mim: "Vamos fugi" e agarrou no meu braço e a gente corremos até Entroncamento e ele disse a mim: "Qué que há? Fala depressa". E eu disse que precisava trazê cá a casa o cavalo dele e a carruagem também prá senhora fugi. Eu disse que senhora Melly já tem o filho dela e que minina Scarlett queria levá a ela pra fora de cidade. E ele perguntou: "E aonde é que ela quer ir?" E eu disse: "Eu não sabê não, sinhô. Minina Scarlett precisa que o sinhô vá lá ante; dos yankee chegá. E ela disse pró sinhô levá o cavalo quê seu". E ele riu e disse pra mim que eles levaram o cavalo dele. Scarlett ficou-se como que fulminada, vendo desvanecer-se a sua última esperança de salvação. Que patetice a sua, supor que um exército em retirada deixaria qualquer animal ou veículo atrás de si! Ficou tão aturdida que não prestou atenção ao que Prissy lhe estava a contar e foi com visível esforço que conseguiu ouvir o resto da história.

- Depois ele disse: "Vá dizê a minina Scarlett pra ficá descansada. Eu cá vou roubá um cavalo do Exército, se eles tiverem algum". E depois disse: "Já roubei munto cavalo. Diz a ela que eu roubo um cavalo pra ela, mesmo que eles dão tiro em mim". E ele riu e disse: "Fecha a boca e corre

492

pra casa". E quando comecei a voltá pra corrê bum... Foi um barulho tão grande que eu quase caí de @osta. E ele disse que não era nada, não, sinhô, que eram as arma que os nosso soldado pegaram fogo prá yankee não ficá com elas.

-Ele vem? E traz um cavalo?

- Traz, sim, senhora. Scarlett soltou um suspiro de alívio, Se houvesse forma de obter um cavalo, Rhett Butler arranjá-lo-la, com certeza, Rhett era homem esperto e desembaraçado! Estava disposta a perdoar-lhe tudo se ele a livrasse daquela situação horrível. Não teria meado de fugir na sua companhia. Ele protegê-las-ia. Ainda bem que Rhett tinha ficado em Atlanta! A perspectiva de abandonar a cidade fê-la readquirir o senso prático que a caracterizava.

- Vai acordar o menino, veste-o e enche uma das malas pequenas com roupa para todos nós. Por ora, não digas nada à senhora Melanie acerca da nossa partida. Mas embrulha o nenê em duas toalhas grossas e não te esqueças da roupita dele,

Prissy continuava agarrada às salas da ama, rolando os olhos nas órbitas. Searlett abanou-a, para se desembaraçar dela,

- Vamos, despacha-te! - gritou-lhe. Prissy afastou-se rapidamente, correndo como um coelho. Searlett sabia que precisava de ir tranquilizar Melanie. Esta devia estar amedrontada, completamente fora de si, pois que as explosões não cessavam e o clarão das chamas continuava a iluminar o céu. Parecia o fim do mundo.

Contudo, Searlett ainda não se sentia com coragem de entrar no quarto da cunhada, Desceu as escadas a correr, com o intuito de arrumar a loiça de porcelana e as pratas que a tia Pitty não pudera levar para Macon. Ao chegar, porém, à sala de jantar, as mãos tremíam-lhe de tal modo que deixou cair três pratos, os quais se fizeram em cacos. Chegou à porta da rua para escutar e voltou de novo à sala, pegando desajeitadamente numa salva de prata que lhe escorregou das mãos. Deixava cair tudo aquilo em que pegava. Com a pressa, tropeçou no tapete e estendeu-se ao comprido no chão, mas levantou-se tão rápida que não teve tempo para ver se se magoara. Ouviu as correrias de Prissy no andar de cima a galopar como um animal selvagem, e aquele barulho e a fúria, pois tinha a certeza de

493

que ela não estava a fazer nada com jeito. Foi até à porta pela duodécima vez e voltou para dentro. Mas desistiu de empacotar as louças e as pratas. Atirou-se para cima numa cadeira. Era-lhe completamente impossível embulhar fosse o que fosse. Só lhe restava ficar ali à espera, com o coração aos pulos dentro do peito, aguardando a chegada de Rhett, cuja demora lhe parecia interminável. Finalmente, ouviu um chiado de rodas mal lubrificadas e o trote incerto e lento dum animal. Por que viria ele tão devagar? Por que não obrigava o cavalo a apressar o andamento? O ruído soava cada vez mais próximo. Levantou-se e saiu ao alpendre. Lobbrou a silhueta de Rhett a saltar da boleia de uma carroça pequena e chamou-o. Ouviu abrir o portão e avançar ao longo da alameda do jardim. A claridade do candeeiro iluminou-o em cheio, ao chegar junto dela. Vinha vestido como se fosse para um baile: envergava fato de linho branco, de bom corte, colete de seda cinzenta e camisa de peitilho pregueado. Trazia o panamá de abas largas um pouco à banda, e do cinto das calças pendiam-lhe duas pistolas de cano comprido e coronhas de marfim. Os bolsos abarrotavam-lhe de cartuchos.

Galgou o passeio em passo elástico, aproximando-se de cabeça erguida, com o ar dum príncipe pagão. A ameaça que pesava sobre a cidade e que tanto apoucava Scarlett havia actuado sobre ele como um poderoso estimulante.

O seu rosto deixava transparecer uma ferocidade cuidadosamente refreada, uma expressão que a teria assustado se dela se houvesse apercebido.

Os seus olhos negros brilhavam como se tudo aquilo constituísse para ele um motivo de distração, como se as explosões que atroavam os ares e as labaredas que se elevavam no céu não passassem de simples brincadeiras para assustar crianças. Subiu os degraus do alpendre e Scarlett avançou um passo ao encontro dele com o rosto lívido e um clarão de pavor a iluminar-lhe os olhos verdes.

- Viva! - disse Rhett, com a sua voz arrastada, tirando o chapéu num gesto largo. - Está uma noite linda! Constou-me que ia fazer uma viagem.

- Se comece com as suas brincadeiras, nunca mais lhe falo - preveniu a rapariga, com voz trémula.

- Não me diga que está com medo - redarguiu ele, simulando surpresa e esboçando um sorriso que despertou em Scarlett o desejo de o empurrar pela escada abaixo.

1 - Por que não? Estou aterrorizada. E se você tivesse um pouco de senso estaria como eu. Mas não há tempo a perder. Precisamos de sair daqui quanto antes.

- Às suas ordens, minha senhora. Para onde deseja ir? Vim até cá por mera curiosidade, a fim de averiguar das suas intenções. Não pode ir para o Norte nem para o Sul, nem para Leste, nem para Oeste, estamos completamente cercados pelos yankees. Há apenas uma estrada que eles, ainda não tomaram e pela qual o Exército está retirando, estrada essa que não ficará em nosso poder por muito tempo. A cavalaria do general Steve Lee retarda a marcha do inimigo em Rough e Ready para dar

ensejo a que as nossas tropas evacuem a cidade, Se você seguir pela estrada de McDonough, o mais certo é ficar sem o cavalo e, embora ele não seja grande coisa, a verdade é que tive bastante dificuldade em o furtar. Para onde quer ir afinal?

Scarlett quedara-se, trémula, escutando as palavras de Rhett, sem quase as compreender. Mas, ao ouvir a pergunta que este lhe fez, tomou logo uma resolução, uma resolução que inconscientemente já havia tomado muito antes, quando Melanée dera à luz o filho.

- Para casa.

- Para casa? Para Tara?

- Sim, para Tara, Por amor de Deus, não percamos tempo!

Rhett encarou-a, atônito, como se ela tivesse perdido o juízo,

- Para Tara? Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo! Então não sabe que se lutou na região de Jonesboro todo o santo dia? Ignorava, porventura, que a batalha se desenrolou numa frente de dez milhas dum lado e doutro de Rought e Ready e até nas ruas de Jonesboro? Os yankees já devem ter chegado a Tara e a todos os pontos da comarca. Ninguém sabe ao certo onde eles se encontram agora, mas calculo que não andem longe. Você não pode ir para casa! Decerto não pretende atravessar as linhas -yankees!

- Já lhe disse que quero ir para casa! - gritou ela. -

Quero e hei-de ir!

-Não seja tola! -disse Rhett, com voz simultaneamente imperiosa e dura.-Ainda não percebeu que não pode ir para esses lados? Mesmo que consiga escapar das unhas dos soldados lembre-se de que nos bosques formigam os bandidos e desertores de ambos os Exércitos. Além

495

disso, uma grande parte das nossas tropas está ainda a retirar de Jonesboro, e a primeira coisa que elas farão será roubar-lhe o cavalo. A única possibilidade que lhe resta é a de seguir as tropas pela estrada de McDonough e pedir a Deus que ninguém a veja na escuridão. Desista dessa ideia de ir para Tara. Ainda que conseguisse lá chegar, o mais provável seria encontrar tudo incendiado. Não consinto que se meta numa aventura dessas. Seria uma loucura.

-Mas eu quero ir para minha casa! Você não pode impedir-me de ir para onde me apetece. Quero estar junto de minha mãe! Matá-lo-ei a tiro, se me não deixar ir! Quero voltar para Tara!

Rolaram-lhe pelas faces lágrimas de terror e de histerismo, lágrimas há muito retidas e que finalmente brotavam em torrentes caudalosas. Com os punhos cerrados, desatou a martelar-lhe o peito, gritando sempre:

- Quero ir! Quero ir! Nem que seja a pé! De súbito, Scarlett encontrou-se nos braços de Rhett.

Quedou-se imóvel, com as mãos a agarrarem-lhe desesperadamente as bandas do casaco e o rosto, molhado pelas lágrimas, comprimido contra o peitinho engomado da camisa. Rhett acariciou-lhe o cabelo num gesto meigo e tranquilizador, falando-lhe com voz terna, uma voz tão terna tão calma e isenta de troça que se diria não ser a de Rhett Butler, mas sim a de qualquer desconhecido, caridoso e forte, que rescendia a conhaque, a tabaco e a cavalos, odores reconfortantes que traziam à mente dela recordações de Gerald.

- Calma calma, querida Scarlett - murmurou ele. -

Não chore. Parei o possível por a ajudar a cumprir o seu desejo! Irá para Tara. Pronto, não chore.

Scarlett sentiu qualquer coisa roçar-lhe nos cabelos e perguntou a si própria se seriam os lábios dele. Naquele momento, Rhett mostrava-se tão meigo e carinhoso que Scarlett se não importaria de lhe ficar assim nos braços para sempre. Sob a protecção dum homem tão forte nunca poderia suceder-lhe mal nenhum.

Rhett levou as mãos aos bolsos e tirou um lenço com que lhe enxugou os olhos,

-Agora, assoe esse nariz como uma boa meninaaconselhou ele, com um leve sorriso no olhar -e diga-me o que pretende de mim. Temos de nos desembaraçar.

Scarlett obedeceu e assoou o nariz dernoradamente, mas

foi incapaz de apresentar qualquer sugestão. Ao vê-la erguer para ele um olhar suplicante, com (>s lábios a trernelicarem-lhe novamente, Rhett resolveu assumir o comando das ol-erações.

-A senhora Wilkes já teve o menino? Vai ser peri"oso removê-la...]@ arriscado transportá-la numa carroça Z"1 como esta durante uma viagem de vinte e cinco milhas. Seria melhor deixá-la ao cuidado da senhora Meade.

-Os Mt@ades não estão em casa e eu não a posso abandonar.

-Muito bem. Irá na carroça connosco. Onde está a pateta da sua criada?

-Está lá em cima, a fazer a mala.

- A fazer a mala? Não pode levar mala nenhuma. A carroça é tão pequena que mal deve chegar para nos acomodar a todos e ainda por cima tem as rodas quase a cair. Chame-a e diga-lhe que traga o colchão de penas mais leve que encontrar e o ponha na carroça,

Searlett nem sequer tinha forças para se mexer. Rhett apertou-lhe o braço e ela teve a sensação de que aquele breve contacto lhe havia comunicado a energia de que ela tanto precisava. Se, ao menos, pudesse mostrar-se senhana de si, dotada de tão notável sangue-frio como o que o seu companheiro estava manifestando naquele instante! Rhett empurrou-a suavemente para o vestíbulo; Scarlett, porém, continuou a fitá-lo, desalentada, e ele estendeu-lhe o lábio inferior em ar de mofa.

- Custa-me a crer que você seja aquela rapariga corajosa que me garantiu não temer a Deus nem aos homens.

Desatou a rir e largou-lhe o braço. Magoada, Scarlett olhou para ele com ódio,

-Eu não tenho medo nenhum.

Tem, sim, e não é pouco! Não tarda muito que desmaie e o pior é que eu nunca trago comigo nenhum frasco

ZD de sa-s.

Scárlett bateu o pé, furiosa, e, sem dizer palavra, pegou no candeeiro e subiu as escadas. Rhett seguiu-a de perto e ela ouviu-o rir baixinho, o que a enfureceu ainda mais. Ao entrar no quarto de Wade, viu o filho sentado ao colo de Prissy, ainda quase por vestir e soluçando convulsivamente, enquanto a pretinha choramingava. O colchão de Wade era pequeno e Scarlett ordenou à criada que o levasse para a carroça, Prissy pôs a criança no chão e

32 - Vento Levou - 1

497

obedeceu. Wade foi-lhe no encalço e, interessado nos movimentos da pretinha, cessou de chorar.

- Venha - disse Searlett a Rhett, encaminhando-se para o quarto da cunhada e abrindo a porta.

Rhett penetrou no aposento, de chapéu na mão. Melanie estava deitada, com o lençol puxado para o queixo, e conservava perfeita serenidade, não obstante a sua palidez e as olheiras que lhe circundavam as órbitas. Não manifestou a menor surpresa ao ver R-hett entrar no quarto; antes o facto se lhe afigurou natural. Tentou sorrir, mas não teve Iorças para tanto.

- Vamos partir para casa para Tara - anunciou Searlett, 'secamente. -Os yankee@ não tardam aí.

Rhett ofereceu-se para nos acompanhar. É a única solução, MeIly.

A cunhada inclinou a cabeça num gesto de aquiescência e olhou significativamente para a criança que dormia a seu lado. Searlett pegou no recém-nascido e envolveu-o numa toalha grossa, Rhett encaminhou-se para o leito.

- Vou fazer o possível por não a magoar - disse ele suavemente, ajeitando-lhe o lençol em torno do corpo. -

Tente passar os braços em torno do meu pescoço.

Melanie esforçou-se por lhe obedecer, mas não conseguiu. Rhett curvou-se sobre ela e, passando-lhe um braço nas costas e outro sobre os joelhos ergueu-a com delicadeza. Melanie não gritou mas a cuAhada viu-a morder os lábios e empalidecer ainãa mais. Scarlett levantou o candeeiro acima da cabeça a fim de alumiar o caminho e, quando iam a sair a porta, Melanie apontou quase imperceptivelmente para a parede.

-Que é?-perguntou Rhett. -Por favor-murmurou Melanie, tentando apontar:

- Charles...

Rhett encarou-a, receando que ela estivesse a delirar, mas Scarlett compreendeu o que a cunhada queria e irritou-se, Melanie desejava levar consigo a fotografia do irmão que estava dependurada na parede por baixo da espada e da pistola.

- Por favor-torium Melanie.-Tragam a espada... -Está bem-disse Scarlett. @carlett acompanhou Rhett até à porta da rua, iluminando cuidadosamente os degraus e voltou atrás. Subiu a escada novamente e, encaminhan6-se para a panóplia que Melanie arranjara a um canto do aposento, pegou na espada

498

e no cinturão. Não era empresa fácil carregar a criança, o candeeiro e as armas. Coisas de Melanie! Nem o estado em que se encontrava, nem a proximidade do inimigo pareciam impressioná~la grandemente.

Ao retirar a moldura da parede, Scarlett relanceou o olhar pelo daguerreótipo. Os olhos castanhos de Charles pareciam fitá-la através do vidro. Deteve-se por instantes a examinar o retrato, com curiosidade. Aquele homem fora seu marido, dormira consigo algumas noites e deixara-lhe um filho com os mesmos olhos meigos e castanhos. E, no entanto, mal se recordava dele.

A criança que tinha nos braços agitou os punhos pequeninos e soltou um vagido. Scarlett mirou-a atentamente. Só então teve consciência de que aquele nenê era filho de Ashley e desejou ardentemente que a criança fosse sua, sua e de Ashley.

Prissy galgou de novo a escada e Scarlett entregou-lhe o petiz. Desceram precipitadamente. A luz do candeeiro recortava sombras irregulares nas paredes. Ao chegar ao vestibulo, Scarlett avistou o chapéu sobre a mesa e pô-lo na cabeça, atando as fitas sob o queixo. Era o chapéu de luto de Melanie, que não lhe ficava nada bem, mas ela não tinha a menor ideia do lugar em que deixara o seu.

Saiu de casa e desceu os degraus do alpendre, com o candeeiro na mão, procurando evitar que o sabre lhe batesse nas pernas. Melanie, deitada no fundo da carroça, tinha a seu lado Wade e o nenê embrulhado na toalha. Scarlett saltou para dentro do veiculo e tomou o pequenito nos braços.

A carripana era com efeito muito apertada e bastante baixa. As rodas, inclinadas para dentro, davam a impressão de se soltarem a cada momento. Quando, olhou para o cavalo, caiu-lhe a alma aos pés. Era um animal lazeirento, que mantinha a cabeça curvada para o solo, metida entre as pernas. Tinha o dorso coberto de chagas e de bubões produzidos pelos arreios, e uma Pulmoeira acentuada.

- Não é precisamente um animal de raça, pois não? -

comentou Rhett, a rir. -Dá a impressão de que já não se aguenta nas canetas. Mas foi o melhor que consegui arranjar. Um dia hei-de contar-lhe, com floreados, em que circunstânc4as o roubei e como, por um triz, não fiquei estendido com um tiro. Só a afeição que tenho por si me levaria, nesta altura da. minha carreira, a fazer-me ladrão de cavalos, e de um cavalo, destes. Deixe-me ajudá-la a subir.

499

Tirou-lhe o candeeiro das mãos e pousou-o no chão.

O assento do cocheiro não passava duma tábua estreita. Rhett pegou em Scarlett e sentou-a na boleia. "Como seria bom ser-se homem e forte como Rhett", pensou ela, enquanto ajeitava à sua volta as salas rodadas. Com Rhett a seu lado, nada receava; nem os incêndios, nem as explosões nem os yankees.

l@hett saltou para o lado dela e pegou nas rédeas.

- Ah, espere! - exclamou Scarlett. - Esqueci-me de fechar a porta da rua.

11hett soltou uma gargalhada e fustigou o animal. -Por que se ri? -Porque acho graça. Você a querer impedir que os yankees lhe entrem em casa!

O cavalo iniciou a marcha, lenta e penosamente. O candeeiro ficou aceso sobre o passeio projectando em torno de si um círculo de luz amarelada, que diminuía gradualmente à medida que se iam afastando.

Rhett dirigiu os passos lentos do cavalo para ocidente de Peachtree Street. A carroça deu um solavanco tão violento ao entrar na estrada esburacada que Melanie não pôde conter um gemido. As ramadas compactas das árvores entrelaçavam-se sobre as suas cabeças. Casas escuras e silenciosas ladeavam a estrada e as estacadas brancas dos gradis lembravam pedras tumulares. A rua estreita formava um túnel sombrio onde, através da espessura da folhagem, apenas a vermelhidão sinistra que cobria o céu por vezes penetrava. As sombras vacilantes projectadas pelos edifícios sucediam-se como fantasmas alucinados. O cheiro a fumo era cada vez mais intenso. A brisa quente trazia do centro da cidade um pandemónio de sons: berros o barulho tremendo das pesadas viaturas do Exército e os passos cadenciados dos soldados em marcha. Rhett acabava de obrigar o animal a descrever uma curva para entrar noutra rua, quando uma explosão ensurdecadora atroou os ares e um monstruoso fogo de artifício se elevou a oeste da cidade.

-Deve ter sido o último comboio de munições -disse Rhett calmamente. - Por que não o evacuaram aqueles parvos durante a manhã? Tiveram bastante tempo para isso. Tanto pior para nós! Pensei que dando volta à cidade, ainda pudessemos evitar os incêndios e aquele bando de bêbados de Decatur Street, e ultrapassar sem perigo a parte

SOO

sudoeste. Assim, seremos forçados a cortar Marietta Street em qualquer ponto e, se não me engano muito, a explosão foi para esses lados.

-Quer dizer que... que teremos de passar através das labaredas? - balbuciou Scarlett.

- Não 'se andarmos depressa -disse Rhett. E, saltando da carroça, desapareceu na escuridão de um quintal, para voltar pouco depois com um raminho de árvore, o qual utilizou para fustigar cruelmente o dorso do cavalo. O pobre animal rompeu num trote ofegante e a carroça deu um salto que os lançou uns de encontro aos outros, como milho em peneira. O nenê choramingou. Prissy e Wade soltavam gritos de dor sempre que um solavanco os projectava contra os taipais do veículo. Melanie, porém, não soltava o menor queixume.

Ao aproximarem-se de Marietta Street, as árvores começaram a rarear. As labaredas, alterosas 'rugiam com estrépito, erguendo-se acima dos edifícios, iluminando com um clarão mais intenso do que o sol as ruas e as casas e desenhando no solo silhuetas monstruosas que se contorciam fantasmagóricamente como velas dum navio açoutadas pelo vento,

Scarlett batia os dentes, sem todavia dar por isso, tão grande era o seu terror. Tinha frio e toda ela tremia, não obstante o calor das labaredas, cujas baforadas lhe afogueavam as faces. Julgou-se em pleno Inferno e se pudesse dominar o tremor dos joelhos ter-se-ia atirado da carroça abaixo e corrido aos gritos, para a rua sombria, em busca de refúgio que lhe proporcionaria a casa de Pittypat. Encostou-se mais a Rhett, agarrou-lhe o braço com dedos trémulos e ergueu os olhos para ele, na esperança de ouvir algumas palavras que a tranquilizassem. No clarão avermelhado que o banhava, o perfil moreno de Rhett recortava-se tão nitidamente como a efígie cruel duma bela moeda antiga. Ao sentir o contacto dos dedos de Scarlett, Rhett voltou para ela um olhar em que perpassou um brilho estranho que a assustou mais que o próprio clarão das labaredas. Scarlett observou-o demoradamente e teve a impressão de que ele se divertia imenso com a situação e que o deleitava a perspectiva de enfrentar aquele inferno de que se aproximavam.

-Ouça -disse ele, levando a mão a uma das pistolas que guardava no cinturão: Se qualquer pessoa, branca

501

ou preta, se abeirar do carro e pretender deitar a mão ao cavalo, atire e não se preocupe com o que possa acontecer. Mas, pelo amor de Deus não vá, com o seu nervosismo, atirar sobre o animal. ' -Eu... eu tenho aqui a pistola -murmurou ela, segurando a arma que levava no regaço, com a certeza antecipa de que, se encontrasse a morte na sua frente, não teria coragem para premir o gatilho. -Ah, tem?! Onde a arranjou? -Era de Charles. -De Charles? -Sim, de Charles... de meu marido. - Mas você teve, de facto, um marido, minha querida` -Perguntou ele, soltando uma risada. Se Rhett ao menos se deixasse de graças! Se andasse um pouco mais depressa! , -Como julga que eu arranjei o meu filho>-,-ritou ela, furiosa. -Ora! Para isso, nem sempre é preciso um marido'... -Por que não se cala e não anda mais depressa? De súbito, quase ao, dobrar a esquina para Marietta Street, Rhett refreou o animal, fazendo estacar a carroça, à sombra dum armazém que o incêndio não havia ainda alcançado. "Depressa!" não cessava ela de repetir mentalmente, "Depressa!" -Vêm lá soldados -murmurou ele. O destacamento descia Marietta Street, avançando por entre os edifícios em chamas. Arrastavam-se, carregando as armas de qualquer maneira, cabisbaixos, exaustos, demasiadamente fatigados para se importarem com as fagulhas que choviam sobre eles ou com o fumo que os envolvia Vinham todos andrajosos, a ponto de não se distinguirem os oficiais dos soldados, excepto por uma ou outra aba de chapéu que conservava ainda as iniciais dos Estados da Confederação. A maioria caminhava descalça e aqui e ali via-se uma ligadura imunda a enrolar uma cabeça ou um braço, Desfilavam sem olhar para a direita nem para a esquerda, tão silenciosos que, se não fosse o rumor cadenciado dos seus passos, poderiam ser tomados por fantasmas. - Olhe bem para eles - disse Rhett, num tom irónico - para que um dia possa descrever aos seus netos a retirada dos homens que lutavam pela "gloriosa Causa".

502

Scarlett sentiu invadi-la uma onda de cólera contra aquele homem que em tudo parecia ver motivo para gracejo. Naquele momento, odiou-o com uma intensidade que superou o medo que a avassalava e o qual lhe parecia agora mesquinho e insignificante. Sabia que a sua salvaçãG e a dos seus companheiros de viagem dependia exclusivamente de Rhett, mas o facto de ele ter escarnecido dos soldados andrajosos despertou no seu íntimo uma intensa antipatia. Lembrou-se de Charles, que morrera, de Ashley, que podia estar morto, e de todos aqueles rapazes alegres e valentes que apodreciam em sepulturas rasas. Esquecera por completo que também ela uma vez os julgara loucos, Tinha na garganta um nó que a impedia de falar, mas fitou o companheiro com olhar rancoroso, em que deixou transparecer todo o desprezo que por ele sentia. Assistiram em silêncio à passagem dos soldados. Um dos que marchavam na última fila, cambaleando e arrastando a coroa da arma pelo chão, estacou no meio da rua e ficou. embasbacado a ver os outros afastarem-se. Tinha estampada no rosto sujo uma expressão de fadiga que lhe dava o aspecto de sonâmbulo. Era um moço ainda imberbe, sensivelmente da mesma estatura de Scarlett, e pouco mais alto do que a espingarda que levava. Não devia ter mais de dezasseis anos, pensou Scarlett. Possivelmente pertencia à Guarda Civil, ou, então, talvez houvesse fugido de alguma escola a fim de se alistar no Exército.

Enquanto ela o observava, o rapaz dobrou os joelhos e caiu no chão. Sem dizerem palavra, destacaram-se dois homens da última fila e retrocederam até junto do infortunado moço. Um deles, indivíduo alto e magro, de barba negra que lhe chegava quase ao cinto passou ao camarada a sua espingarda e a do rapaz. Em seguida, agarrou-o por baixo dos braços lançou-o para cima das costas com a destreza de um pre@tidigitador e retomou a marcha, seguindo no encalço da coluna em retirada, curvado -sob o peso do companheiro, enquanto este, fraco mas enfurecido como uma criança arrelhiada pelos mais velhos gritava:

Ponl@a-me no chão, com mil demóntios! Ponha-me no chão! Eu posso andar!

O homem barbudo não respondeu e continuou o seu caminho, até desaparecer na primeira curva da rua. Imóvel, segurando na mão as rédeas bambas, Rhett seguiu-os com olhar estranho, até os perder de vista. De
503

súbito, caiu perto deles uma chuva de bocados de madeira incandescentes. Searlett viu uma labareda lambear o telhado do armazém enquanto se inflamava o ar ou que o seu interior irrompessem chamas e línguas de fogo que subiam, triunfantes, em direcção ao céu. O fumo quase que a sufocava já, e tanto Wade como Prissy começaram a tossir. O nenê chorava e espirrava cada vez com mais frequência. - Pelo amor de Deus, Rhett! Você está louco!, Leve-nos daqui para fora, o mais depressa possível. Por única resposta, Rhett brandiu acima da cabeça o ramo de árvore e vergastou cruelmente o dorso do cavalo, que deu um salto para a frente. Com toda a velocidade de que o pobre animal foi capaz, atravessaram aos solavancos Marietta Street. À frente deles formara-se um túnel de fogo, com os prédios ardendo como archotes de ambos os lados da rua estreita que conduzia à linha do caminho de ferro. Enveredaram por ali. A claridade intensa ofuscava-lhes a vista e o calor queimava-lhes a pele. O crepitar das labaredas e as explosões chegavam-lhes aos ouvidos numa cadência alucinante. Pareceu-lhes uma eternidade o tempo que levaram a atravessar aquela fornalha imensa, Depois, abruptamente, acharam-se de novo imersos no escuro. Desceram a rua e atravessaram a via férrea. Rhett chicoteava o animal automaticamente, conservando no rosto uma expressão apática. Dir-se-ia que esquecera por completo o local onde se encontrava. Seguia com os ombros descaídos e o queixo projectado para a frente, numa atitude de quem está longe de ter pensamentos agradáveis. Com o calor do incêndio, a testa e as faces haviam-se-lhes coberto de suor que ele nem sequer se dava ao trabalho de enxugar. Tomaram por uma rua lateral, depois por outra e em seguida, por uma terceira, até que Scarlett ficou completamente desorientada. O fragor do incêndio ia diminuindo de intensidade, perdendo-se na distância. Rhett não dizia palavra, limitando-se, absorto, a vergastar o cavalo. Começava a desvanecer-se a luminosidade rubra que ainda tingia o céu, A estrada que nesse instante percorriam encontrava-se imersa em trevas tão densas e assustadoras que Scarlett ansiava que ele quebrasse o silêncio com algumas palavras, as quais, embora pudessem ser injuriosas, não deixariam de lhe proporcionar
504

uma sensação reconfortante. Mas Rhett como que emudecera. No entanto, Scarlett agradecia a Deus a presença dele ali a seu lado. Era, tão bom ter junto de si um homem forte, sentir o contacto do seu braço robusto e saber que ele se erguia como uma muralha intransponível perante os perigos que a ameaçavam, ainda que esse homem se conservasse mudo e apático. - Rhett - murmurou ela, tomando-lhe o braço - que teria sido de nós sem o seu auxílio? Ainda bem que não foi combater! Ele voltou a cabeça e lançou-lhe um olhar que a fez estremecer e largar-lhe o braço. Desta vez, Rhett não estava a zombar. Nos olhos dele ardia um brilho de cólera e de surpresa. Virou a cara para o lado e comprimiu os lábios numa linha severa. A carroça continuou a rodar penosamente ao longo da estrada escura. Os seus ocupantes guardaram um silêncio glacial apenas interrompido pelos vagidos do nenê e pelas fungadelas de Prissy. Quando já não podia suportar a choringuice da criada, Scarlett voltava-se na boleia e dava-lhe um beliscão. Prissy soltava gritos de dor, mas calava-se logo a seguir, e o silêncio restabelecia-se uma vez mais no interior do veículo. Finalmente, Rhett meteu por uma estrada mais larga. As casas começavam a rarear. E as matas sucediam-se umas às outras.

- Já estamos fora da cidade - informou Rhett, bruscamente, puxando as rédeas. -Acabamos de entrar na estrada que conduz a Rough e Ready.

-Vamos! Por que espera? -Deixe o animal respirar um pouco. -E, voltando--se para Scarlett, perguntou vagarosamente: -Continua resolvida a fazer essa loucura?

- Que loucura? -Ainda tenciona ir para Tara? É um autêntico suicídio. A cavalaria de Steve Lee e o exército yankeé barrar-lhe-ão o caminho.

Santo Deus iria Rhett agora recusar-se a levá-la até Tara, depois de todos os tormentos por que tinha passado nesse dia?

- Evidentemente que tenciono. Por favor Rhett, pare um pouco antes! O cavalo não está cansado.

-Espere. Não pode ir para Jonesboro por esta estrada e também não pode seguir pela linha férrea. Os nossos

505

homens combateram durante o dia inteiro nas imediações de Rough e Ready de forma que os caminhos devem estar intransitáveis. Há alguma estrada, vereda ou atalho. Com que a leve a Tara sem passar por Rough e Ready e Jonesboro?

- Conheço! - exclamou Scarlett, aliviada. - Perto de Rough e Ready desemboca um caminho que parte da estrada de Jonesboro e atravessa a comarca até às vizinhanças de Tara, o meu pai costumava passear comigo a cavalo, por esse atalho. Vai ter à propriedade dos Mac Intoshes e passa apenas a uma milha de Tara,

-ótimo! ótimo! É possível que consiga atravessar Rough e Ready sem dificuldade. O general Steve Lee ainda lá se encontrava esta tarde a fim de cobrir a retirada das nossas tropas. Talvez os yankees não tenham entrado na vila e, por consequência, poderá passar, se os homens de Steve Lee não roubarem o cavalo.

-Eu... eu poderei passar?

- Sim, você -confirmou Rhett, com voz áspera.

- Mas, Rhett... o senhor... o senhor vem conosco, não é verdade?

- Não. Vou deixá-las aqui. Scarlett deitou em volta um olhar alucinado. Contemplou o céu lívido que deixara para trás as árvores negras que ladeavam a estrada e que cercavam os fugitivos como grades duma prisão, e as criaturas apavoradas que jaziam em monte no fundo da carroça, e, por fim, encarou o companheiro. Teria ele endoidecido? Teria ela na realidade ouvido bem?

Rhett sorria, agora. Na penumbra, Scarlett viu-lhe de relance os dentes brancos e distinguiu-lhe nos olhos a habitual expressão trocista.

-Vai deixar-nos? Mas porquê? -Quero partir com o Exército, minha querida. Scarlett soltou um suspiro de alívio, sentindo-se todavia, levemente irritada. Que prazer encontraria ele em fazer espírito numa ocasião daquelas? Rhett Butler no Exército! Depois de tudo quanto dissera acerca da Causa, depois de ter metido a ridículo os homens que arriscavam a vida, influenciados pelo rufar dos tambores e pelas palavras bombásticas de oradores feitos à pressa... loucos que se deixavam matar para que outros enriquecessem!

-Merecia que eu o enganasse só para acabar com essa

506

maldita mania de pregar sustos às pessoas! Vamo-nos embora!

- Mas eu não estou a brincar, minha querida. E custa-me bastante verificar que não compreende o meu generoso sacrifício. Que é feito do, seu patriotismo? Onde pára o seu amor pela nossa "gloriosa. Causa?" Chegou agora o ensejo de me dizer se quer que eu volte são e salvo ou que fique por lá, a apodrecer. Mas seja breve porque ainda quero ficar com uns minutos livres para fazer um discurso, antes de partir para a guerra,

Scarlett continuava a distinguir uma nota de sarcasmo na voz arrastada do companheiro, Rhett não só estava a zombar dela, como de si próprio. Aonde pretendia ele chegar com aquelas alusões a patriotismo, ao amor da Causa e com o discurso que tencionava fazer numa altura grave como a que

estavam atravessando? Não era possível que ele estivesse a falar a sério, No entanto... Como poderia falar assim tão levemente, ali, no meio daquela estrada sombria, com uma mulher quase moribunda, um recém-nascido, uma pretinha imbecil e uma criança apavorada, dentro duma carroça prestes a desconjuntar-se, ameaçando deixar-lhe o encargo de os pilotar através dos intermináveis campos de batalha, em que pululavam vagabundos e yankees, em que lavravam incêndios e grassavam epidemias?

Com a idade de seis anos, Scarlett caíra duma árvore e estatelara-se no solo de barriga para baixo. Ainda se lembrava dos momentos angustiosos que ficara sem poder respirar e, agora, ao olhar para Rhett, experimentava uma sensação análoga, de falta de ar, de estonteamento e de náusea.

- Rhett, está a brincar! Agarrou-lhe o braço e sentiu que as suas lágrimas caíam sobre o pulso do companheiro. Rhett pegou-lhe na mão e beijou-lha, maquinalmente.

-Há-de ser egoísta até ao fim, Preocupa-se exclusivamente com salvar a sua pele e não se importa nada com o futuro da heróica Confederação. Lembre-se do incentivo que para os nossos homens representará o meu. alistamento numa altura em que tudo parece já perdido,

A voz dele deixava transparecer uma nota de maliciosa ternura.

- Oh, Rhett! - gemeu Scarlett. - Como é que pode fazer uma coisa dessas? Por que me abandona?

507

- Por que a abandono? - repetiu ele jovialmente. -

Talvez porque no fundo sou um sentimental, como todos os sulistas. E em parte, talvez, porque me sinto envergonhado...

- Envergonhado? Realmente, devia sentir-se envergonhado, mas era por nos abandonar assim, sózinhas e sem auxílio...

-Não ficará sem auxílio, querida Scarlett. Uma pessoa enérgica e egoísta nunca pode considerar-se desamparada. Deus livre os yankees de a toparem no caminho.

Desceu bruscamente da carroça e contornou-a, a fim de se abeirar de Scarlett, que o observava, estupefacta.

- Desça - ordenou ele. Scarlett não se mexeu. Com um gesto brutal, Rhett agarrou-a por debaixo dos braços e depô-la no chão a seu lado e, sem a largar, obrigou-a a afastar-se alguns metros da viatura. Scarlett sentiu a areia do caminho, entrar-lhe para dentro dos sapatos e magoar-lhe os pés. As trevas ainda mornas envolviam-na como num sonho. _ Não lhe peço que me compreenda nem que me perdoe. Não me interessa nem uma coisa nem outra, porque eu próprio compreenderei ou desculparei a mim mesmo tal tolice. Aborrece-me verificar que ainda não me libertei do espírito quixotesco que herdei dos meus antepassados. Mas a verdade é que o Sul necessita de todos os seus homens, agora mais do que nunca. Creio que foram estas as palavras que o nosso bravo governador Brown proferiu num dos seus discursos. Seja como for vou para a guerra.

E, de súbito, soltou uma ga@alhada estridente, que despertou ecos adormecidos nas matas sombrias.

- "Eu não poderia arnar-te tanto minha querida, se não amasse a Honra ainda mais" -disse ele, -Esta citação impunha-se, não acha? Confesso que não seria capaz de imaginar melhor maneira de lhe exprimir o que sinto neste momento. Porque a verdade é que a amo Scarlett, não obstante tudo quanto lhe disse naquela noite@ debaixo do alpendre.

A voz dele tornara-se acariciadora e as suas mãos fortes e quentes subiram ao longo dos braços nus de Scarlett.

-Amo-a, porque somos parecidos, porque somos dois renegados, dois egoístas da pior espécie. Nenhum de nós se importa com o que possa acontecer ao mundo, desde que nos sintamos sãos e @alvos.

508

As palavras elevavam-se na escuridão da noite e Scarlett ouvia-as maquinalmente sem lhes apreender o sentido. o seu espírito fatigado tentava conformar-se com a verdade amarga, esforçava-se por se persuadir de que Rhett ia realmente deixá-la ali sèzinha, sujeita à ameaça dos yankees. "Ele vai abandonar-me! Ele vai abandonar-me!" pensava, sem que tal ideia, porém, conseguisse despertar nela a menor comoção.

Rhett passou-lhe então os braços em torno dos ombros. Scarlett sentiu contra o seu corpo os músculos retesados das suas coxas e contra o peito os botões do seu casaco. Não obstante a surpresa e o terror que a assaltaram, apossou-se dela uma lassidão tépida e agradável que lhe afugentou do espírito a noção do tempo, do espaço e das circunstâncias. Sentia-se com(> uma boneca de trapos, mole e frágil, sem forças nem vontade de se defender daqueles braços fortes que a apertavam.

-Não quer reconsiderar sobre o que lhe disse o mês passado? Não há nada como o perigo e a morte para nos estimular. Seja patriota, Scarlett. Pense na deliciosa recordação que assim proporcionaria a um soldado que vai partir para a frente!

Começou a beijá-la lentamente, acariciando-lhe os lábios ardentes com o bigode, como se tivesse a noite inteira à sua disposição. Charles nunca a beijara assim. Nunca os beijos dos Tarletons ou dos Calverts lhe haviam dado aquela sensação de frio e de calor. Dobrando para trás o corpo da rapariga, Rhett foi deslizando a boca pelo pescoço dela até ao ponto em que um alfinete de camafeu lhe prendia o corpete.

-Meu amor-murmurou ele.-Meu amor! Searlett distinguiu a silhueta da carroça recortada contra o céu avermelhado e ouvia a vózinha débil de Wade chamar:

- Mamã! Wade tem medo!

O seu espírito perturbado readquiriu de súbito a faculdade de raciocinar, e ela lembrou-se então do que naquele momento estivera prestes a esquecer... de que se encontrava aterrorizada e ia ficar ali sózinha. Rhett dispunha-se a abandoná-la, o patife. E ainda tinha o topete de a insultar com as suas propostas infames! Invadiu-a uma onda de cólera. Retesou o corpo e, num movimento brusco, libertou-se dos braços de Rhett.

509

- Canalha! - exclamou, procurando recordar as palavras mais insultuosas que ouvira o pai chamar a Lincoln, aos Mac Intoshes, e às mulas manhosas sem todavia o conseguir. - Você é um homem abjecto, @m covarde, um velhaco como nunca vi igual!

E, à falta de outro nome mais ofensivo, esbofeteou-o na boca, com toda a força que ainda lhe restava.

- Ah! -disse ele 'com toda a calma, e durante longo momento ficaram a olhar um para o outro. Scarlett ouvia o ruído forte da respiração dele, enquanto ela própria arquejava, como se tivesse acabado de fazer uma corrida.

-Bem diziam eles! Eles é que tinham razão! Você não é um cavalheiro!

-Mas a que propósito vem isso filha? Scarlett compreendeu que Rhett' estava troçando dela e ainda ficou mais furiosa.

- Vá-se embora! Desapareça da minha vista! Depressa! Não quero tornar a vê-lo! Oxalá lhe caia uma granada em cima, que o desfaça em mil pedaços! Deus queira que...

-Não diga mais não diga mais. Por aí já posso calcular o resto. Tenho a certeza de que, se um dia souber que fui sacrificado no altar da pátria, sentirá remorsos do que acaba de fazer.

Scarlett ouviu-o rir baixinho e lobrigou-lhe o vulto afastando-se em direcção à carroça junto da qual estacou. Como sempre que se dirigia a Meíanie, a voz dele tornou-se meiga e respeitosa, ao chamar:

- Senhora Wilkes? Do fundo da carroça elevou-se a voz medrosa de Prissy:

- Por Deus sinhô capitão Butler, sinhora Melly desmaiô há que tempo!

- Mas não está morta 'pois não? Ainda respira?

- Inda, sim, sinhô.

- Nesse caso, talvez tenha sido melhor assim. Se estivesse consciente, duvido que houvesse conseguido suportar uma viagem tão acidentada. Toma conta dela, Prissy. Aceita esta gorjeta e vê se te fazes um pouco mais esperta do que és,

-Sim, sinhô. Muito obrigada.

- Adeus, Searlett. Scarlett sabia que Rhett se tinha voltado para ela, mas não respondeu. O ódio privara-a do uso da palavra. A areia

510

do caminho crepitou sob os pés de Rhett e, por momentos, Searlett viu Os seus ombros robustos recortarem-se na obscuridade. Depois, desapareceu, Continuou a ouvir ainda por instantes o rumor dos seus passos até que esse ruído

por sua vez se extinguiu, Regressou lentamente para junto da carroça. Os joelhos tremiam-lhe assustadoramente.

Por que razão teria ele partido, teria ele desaparecido na escuridão da noite, a fim de se aventurar na guerra, de arriscar a vida na defesa duma causa que sabia perdida de antemão? Por que teria ele sacrificado a tranquilidade em que vivia e optado pelo inferno da guerra, ele que adorava os prazeres, que as mulheres e as bebidas proporcionam, que apreciava o conforto, os bons manjares e os leitos macios, as roupas finas e o calçado luxuoso, ele que odiava o Sul e troçava dos tolos que combatiam Dela Causa? Com as suas botas envernizadas, acabava de se sumir numa estrada plena de amargura, que a fome percorria sem descanso, onde os ferimentos a fadiga e o sofrimento corriam de mãos dadas, como lobos famintos a uivarem. E, ao fim dessa estrada, espreitava-o a Morte. Por que teria ele partido? Vivia em segurança 'era rico, tinha tudo o que queria. E, no entanto, fora-se embora, abandonando-a no meio dum caminho deserto, numa noite escura como o pecado, inerme para se defender dos ataques dos yankees e dos assaltos dos ladrões que lhe barravam o caminho de casa.

Acudiram-lhe à mente, de roldão, todos os nomes feios que gostaria de lhe ter chamado mas agora já era demasiadamente tarde. Encostou a cabeça ao pescoço do cavalo e deu livre curso ao pranto.

24

SCARLETT acordou com a luz vibrante do sol matinal, que escorria através das árvores. Durante um momento, ainda entorpecida pela posição fatigante em que adormecera, não conseguiu lembrar-se onde estava. O sol encandeava-a, as tábuas duras da carroça magoavam-lhe o corpo, e sobre as Pernas descia-lhe um grande peso. Tentou sentar-se e per cebeu que esse peso não era outra coisa senão Wade, que dormitava com a cabeça apoiada aos joelhos dela. Os pés descalços de Melanie roçavam-lhe a cara. Prissy, enrolada

511

lk,ki

como um gato preto, debaixo do assento, tomava conta do nenê.

Então Scarlett lembrou-se de tudo. Com esforço logrou por fim endireitar-se e olhou ansiosa à sua volta. draças a Deus, não se via nenhum yankee. Naquela noite não lhes tinham descoberto o esconderijo. Os factos perpassavam-lhe na memória: a horrível jornada desde que se haviam extinguido os passos de Rhett, a noite interminável, o caminho escuro e cheio de buracos e de pedras, contra as quais o veículo embatera, os fossos em que se atolara, a energia desesperada que ela e Prissy haviam desenvolvido para deseneravar as rodas. Lembrava-se com um calafrio, de todas as vezes que puxara o cavalo recalcitrante através dos campos e do bosque, quando ao ouvir a aproximação dos soldados ficara na dúvida de serem amigos ou inimigos... Ah, recordava-se como temera que Wade, espirrando ou tossindo, os pudesse denunciar à tropa!

Oh, aquela estrada sombria onde os homens marchavam como espectros, silenciosos, produzindo apenas o rumor dos passos abafados sobre a areia mole o débil tinir dos freios dos cavalos e o ranger dos aparelhos de couro! E esse momento incrível em que o animal, extenuado, se recusara a puxar a carroça, enquanto nas trevas passava a cavalaria e a artilharia, tão perto, do sítio onde os

fugitivos imóveis retinham a respiração! Scarlett quase podia ter tocado nos militares, e pelo menos, sentira-lhes a transpiração dos corpos mal lavados.

Quando, por fim, se aproximaram de Rough e Ready, viram brilhar ainda, fogueiras no campo onde a retaguarda das tropas do general Steve Lee esperara ordem de retroceder. Scarlett descrevera um círculo de cerca de milha através dum terreno lavrado, até que os fogos do bivaque se extinguissem de todo. E foi então que se perdera na escuridão envolvente e derramara lágrimas amargas ao convencer-se de que não encontrava o atalho tão do seu conhecimento. É claro que sempre acabara por o achar, mas nessa altura o cavalo deixara-se cair entre os varais, sem querer levantar-se ou sequer mexer-se ainda quando Prissy fez toda a força para o puxar pela cabeça. Scarlett desatrelara-o e, dominada pela fadiga, deitara-se na carroça, estendendo as pernas que lhe doíam tanto. Lembrava-se vagamente de que, na ocasião em que as pálpebras cediam ao sono, a voz fraca de Melanie lhe pedira, quase a

512

desculpar-se: "Scarlett, posso beber um pouco de água, por favor?" e ela respondera: "Já não há nenhuma", adormecendo ainda antes de a frase lhe sair toda da boca.

Era agora manhã, e o mundo calmo e silente, exibia o seu esplendor verde edoado. Não havia soldados à vista. Scarlett tinha fome e sede, e de corpo dolorido perguntava a si mesma como é que pudera dormir sobre tábuas, como uma escrava, quando só era capaz de o fazer entre lençóis de linho, sobre fofos colchões de penas.

Pestaneando sob o efeito da claridade poisou os olhos em Melanie e horrorizada, quase perdeu a respiração. A outra jazia tão rígida e pálida que dava a impressão de estar morta. E até parecia velha com os cabelos desganhados caindo-lhe sobre as faces lívidas. Mas Scarlett notou, com alívio, que o peito se lhe elevava e descia e isso ao menos era sinal de que sobrevivera àquela noite.

Pondo a mão em pala na testa, Scarlett investigou à sua roda. Tinham acampado, evidentemente, sob as árvores dum jardim, pois que havia acolá um passeio de saibro que descrevia uma curva antes de ir perder-se num grupo de cedros.

"Mas isto é a casa dos Mallorys!" disse ela consigo, enquanto o coração lhe palpitava à ideia de que ia encontrar amigos e auxílio.

Contudo, pesava sobre a plantação um silêncio mortal. Os arbustos e a relva tinham sido arrancados, destruídos pelas rodas dos carros e pelas patas dos cavalos. Lançando a vista à residência que tão bem conhecera, construção antiga de madeira branca, só descobriu um extenso rectângulo de alicerces de granito e duas altas chaminés, que se erguiam no meio das folhas calcinadas das árvores.

Aquilo fê-la soltar um suspiro fundo, seguido dum arrepio. Acharia Tara também naquele estado, arrasada por completo, silenciosa como um cadáver?

"Não devo ainda pensar nisso", deliberou logo a seguir. "Senão, os meus terrores voltariam sem demora". Mas, a despeito da resolução tomada, o coração começou a bater-lhe em ritmo precipitado e ela julgava ouvir que lhe dizia: "Depressa depressa, vai para casa!"

Tinham de pôr-se em andamento. Era, porém, necessário descobrir qualquer coisa que comessem e bebessem. Sobre tudo água. Abanou Prissy, para a despertar. A preta encarou-a, de olhos esbugalhados.

33 - Vento L--vou -1

513

1 r,

- Minina, não esperava acordar senão na Terra de Promissão...

- Ainda estás longe - respondeu Scarlett, procurando dar um pouco de compostura aos cabelos. Tinha a cara húmida e o corpo coberto de suor; sentia-se suja, viscosa, e a impressão de estar cheirando mal. Como não se despira para dormir, o vestido estava muito amarrotado. Jamais experimentara semelhante fadiga, semelhante mal-estar. Os músculos recordavam-lhe de contínuo o esforço feito na véspera, e cada movimento causava-lhe um sofrimento atroz.

1 Olhou para Melanie e viu que esta abria os olhos: eram olhos de enferma, brilhantes, febris, circundados de negro. Melly entreabriu os lábios ressequidos e murmurou suplicante:

- Água...

- Levanta-te, Prissy - ordenou Scarlett. - Vamos ao poço buscar água.

- Minina, deve havê fantasma por ali. Se a gente encontra defunto?

-Eu vou transformar-te em defunta se não te pões a mexer-volveu Scarlett, que não estava disposta a discutir.

Ela própria desceu a custo, da carroça. Só então é que pensou no cavalo. "Meu Deus se morreu durante a noite!" Quando o desatrelara, o animal parecia moribundo. À pressa, deu volta ao veículo e viu o cavalo estendido. Se já não existisse, Scarlett amaldiçoaria Deus e morreria também. Havia alguém, na Bíblia, que fizera outro tanto. Amaldiçoar Deus e morrer! Sabia muito bem o que essa pessoa devia ter sentido. Mas o animal respirava, embora com dificuldade, e de olhos semicerrados. Em todo o caso, vivia! Também a ele faria bem um pouco de água.

Prissy saiu de má vontade da carroça, soltando muitos gemidos, e seguiu a dona cheia de medo. Por trás das ruínas as cabanas dos escravos, lanibuzadas de cal, alinhavam-se tristes e silenciosas debaixo das árvores. Entre aquelas e os alicerces enegrecidos do fumo encontraram a cisterna com o cilindro e o suporte intactos. Puxaram a corda e apareceu o balde transbordante de água cristalina. Scarlett levantou-o e bebeu grandes goladas, entornando água por cima de si. Só parou quando ouviu Prissy exclaimar que também queria.

- Desata o, nó, leva o balde à carroça e dá-lhes de beber.

o que ficar é para o cavalo. Não te parece que a senhora Meily devia alimentar o menino? Há-de estar morto de fome...

- Sínhora Melly tinha pouco leite. Não deve já tê nenhum.

- vai, não te ponhas com demoras. Eu entretanto procurarei qualquer coisa que se coma.

À força de revolver tudo Scarlett acabou por descobrir as maçãs que os soldados ainda haviam deixado nas árvores, já não em muito bom estado. Escolheu as melhores, encheu com elas a aba da saia, e voltou. A terra estava mole e nas pantufas metiam-se-lhe pedrinhas soltas. Por que não se dera ao trabalho na véspera, de calçar qualquer coisa mais resistente? Por que não trouxera o chapéu de palha para se abrigar do sol? Por que não se fornecera de comida? Portara-se como uma desastrada! Claro que tinha confiado em Rhett...

Rhett! Ao lembrar-se desse nome cuspiu para o chão, horrorizada. Detestava-o! Que procedimento miserável o, seu! Pensar que ficara ali, a meio do caminho, a deixar-se beijar por ele... e que chegara a ter gosto nisso! Devia estar louca, nessa altura. Que ser abjecto!

Ao regressar junto dos outros, dividiu as maçãs e atirou algumas para dentro da carroça. O cavalo pusera-se de pé, mas a água não parecia tê-lo refrescado muito. Assim de dia mostrava-se mais abatido do que na noite anterior. Os ossos das ancas espetavam-se-lhe como os de uma vaca muito velha, a barriga parecia uma tábua e o dorso apresentava-se como uma chaga viva. Scarlett recuou várias vezes quando o atrelava à carroça. Ao passar-lhe o freio notou que ele quase não tinha dentes. Roubar por roubar, por que não escolhera Rhett um que fosse melhor?

Trepou para o assento e tangeu com o chicotinho as costas do animal que principiou a andar, mas tão vaga, roso que Scarlett pensou que iria mais depressa a pé. Ah, se ao menos não tivesse de se ocupar de Melanie, do filho desta, de Wade e de Prissy! Faria a caminhada e em pouco tempo estaria em casa. Cada passo a aproximaria do lar e da mãe,

Tara não devia ficar a mais duma quinzena de milhas, mas com aquele ronceiro a viagem duraria o dia todo. Pois era necessário parar de vez em quando para ele descansar.

O dia inteiro! Com o olhar, percorreu a estrada de terra

vermelha, onde havia fundos sulcos cavados pelas rodas dos canhões e das ambulâncias. Teriam de decorrer muitas horas antes de saber se Tara estava ainda como, era e se Ellen se encontrava lá. Muitas horas antes de finalizar essa jornada sob o sol ardente de, Setembro, Virou-se para observar Melanie que deitada de costas, fechava os olhos à claridade, e disse, lançando a Prissy a sua capota:

-Tapa-lhe a cara com isto!-E, como sentisse em si mesma os ardores do sol, acrescentou: -Vou ficar com tantas sardas- como um ovo de galinha da Índia.

Nunca até então se expusera aos raios solares sem chapéu ou véu, nunca pegara nas rédeas sem um par de luvas com que protegesse a pele das mãos, delicadas. Ei-la agora desprovida de tudo isso, numa carripa que um triste sendeiro puxava, suja e suada com fome, na perspectiva de seguir sempre através da região deserta. E, ainda há poucas semanas, a sua existência era calma e feliz, ao abrigo de todos esses percalços. Pouco tempo decorrera desde que ela, como aliás toda a gente supusera que Atlanta jamais se renderia, que Geórgia nunca sofreria o flagelo duma invasão. Mas a, nuvenzinha que, quatro meses antes, se formara ao Noroeste, engendrara uma tempestade violenta que viera arrasando tudo o que constituía o seu mundo, arrancando-a do seu bem-estar e lançando-a no meio da desolação geral.

Tara estaria ainda como era? Ou fora também atingida pelo furacão que soprava sobre Geórgia? Deixou cair o chicote no dorso do pobre cavalo tentando obrigá-lo a, apressar-se, enquanto as rodas descoladas da carroça, faziam os seus ocupantes oscilar dum lado a outro, como ébrios.

A morte errava no ar. Sob os raios do sol-poente, todos os campos, todos os matos de que Scarlett se lembrava tão bem surgiam numa imobilidade sinistra que lhe encheram de terror o coração. Só se viam casas abandonadas, chaminés lúgubres erguidas como sentinelas entre as ruínas. Desde a véspera que não encontrava nem um ser humano, nem um animal com vida. A beira da estrada jaziam homens e cavalos mortos cobertos de moscas. Os próprios pássaros tinham deixado de cantar, e o vento não agitava

516

os ramos das árvores. O silêncio era apenas quebrado pelos cascos do solípede que puxava a carroça e pelos vagidos do nenê de Melanie.

O campo dir-se-ia sob o império duma encantação formidável. Ou pior ainda (pensou Scarlett, com um arrepio): lembrava-lhe o rosto, duma, mãe que, depois das torturas da agonia, encontra enfim no repouso da morte a beleza e a serenidade. Parecia-lhe que os bosques familiares estavam ao presente povoados de fantasmas. Tinham morrido milhares de soldados durante a batalha de Jonesboro, e os cadáveres jaziam nessa floresta que o sol declinante enchia de esplendor doirado: amigos e inimigos à mistura, observando-a de longe enquanto a carroça se deslocava, vendo-a através dos olhos ensanguentados e poeirentos, dos seus olhos vítreos e horríveis!

"Mãe! Mãe!" murmurou. Se pudesse chegar junto de Ellen! Se, por milagre Tara, se conservasse ainda de pé! Subiria a longa alameda arborizada, entraria em casa, veria o rosto terno da mãe, sentiria de novo a carícia das suas mãos, agarrar-se-lhe-ia às saias para aí esconder o rosto. A mãe não devia ignorar o que ela tinha a fazer. Impediria que Melly e o filho sucumbissem, afastaria os fantasmas e os terrores só com um simples sussurro. Mas a mãe estava doente, talvez moribunda...

Tornou a fustigar o cavalo. Era forçoso apressarem-se. Passara-se o dia inteiro nessa, viagem interminável, e a noite não tardaria a cair. Os fugitivos ver-se-iam obrigados a ficar no meio daquela deslocação que se assemelhava à Morte. Scarlett apertou as rédeas nas mãos já cheias de empolas e chicoteou o animal até sentir o braço cansado.

Se conseguisse alcançar Tara e depositar ali o seu fardo! Todos contavam com ela, confiando, numa coragem que Scarlett não possuía, num vigor que há muito a tinha abandonado.

O cavalo, exausto, já não reagia nem ao chicote nem às rédeas; arrastava-se, tropeçava nas pedras, oscilava como se fosse cair de joelhos. Contudo, ao, crepúsculo estavam na última parte da sua comprida viagem. Delineando o caminho sinuoso Dor onde tinham enveredado vieram sair na estrada nacional. Tara, ficava só à distância de milha.

Já se podia ver a massa escura da sebe'que indicava, o extremo da propriedade dos Mac Intoshes, Um pouco mais alérrn, Scarlett parou defronte da alameda de carvalhos que

517

11 1111,

conduzia à residência do velho Angus; Mae Intosh. A sombra adensava-se e, por mais que investigassem com o olhar, nada conseguiram descobrir. A escuridão era completa, nenhuma luz brilhava na casa ou nag. dependências. À força, porém, de aplicar a vista, acabou por lobrigar um cenário com que já se ia familiarizando: duas altas chaminés, como gigantescas pedrasi tumulares ' dominavam o segundo piso em ruínas; no primeiro andar, as janelas surgíam nas paredes como órbitas vazias. _ Eia, gente! - gritou ela. - Não está ninguém aí?

Cheia de medo, Prissy agarrou-se à dona, e esta, voltando-se, viu-lhe o olhar esgazeado, - Minina, não chame! Sabe lá quem pode respondê? "A preta tem razão", pensou Scarlett. "Não se sabe o que pode aparecer num sítio destes".

Sacudiu as rédeas e a carroça pôs-se de novo em movimento. O espectáculo da casa dos Mac Intoshes tirava-lhes a derradeira esperança que ficara. O edifício incendiado, em ruínas, abandonado como os de todas outras plantações sugeria a ideia de que Tara devia ter sofrido a mesma sort@. Estava a meia milha dali, na mesma estrada, precisamente aquela em que passavam as tropas: devia encontrar-se também destruída e Scarlett iria achar apenas as paredes. Ellen, Gerald " irmãs, Babá os pretos, todos haviam de ter partido: só Deus sabia @ara onde, e essa mesma calma sinistra pairaria sobre a quinta,

Por que se metera nessa fuga insensata, levando consigo Melanie e o pequeno? Mais valia morrer em Atlanta do que no meio dos escombros mudos de Tara, depois de ter sofrido as torturas do sol e os percalços duma viagem num veículo desmantelado.

Mas Ashl-eyconfiara-lhe a mulher. "Tome conta- dela", dissera. Ah, aquele dia extraordinário em que ele a beijara ao despedir-se! "Vai tomar conta dela, não é verdade? Está combinado,". E Scarlett prometera, Por que se manietara, com essa promessa, agora que ele partira? Apesar do seu esgotamento, ainda tinha a força de detestar Melanie e os vagidos do nenê, que debilmente quebravam o silêncio. No entanto, prometera, e daí por diante Melanie e o miúdo dependiam dela assim como Wade e Prissy, e seria necessário lutar e deiendê-los até ao último suspiro. Podia tê-los largado em Atlanta ' meter Melanie no hospital, abandoná-la... Se, porém, houvesse feito isso, como apareceria

518

diante de Ashley, quer neste mundo quer no outro, para lhe dizer que os deixara morrer no meio de estranhos?

E Ashley, onde estaria ele a essa hora, enquanto ela, a custo prosseguia por essa estrada maldita em companhia da mulher e' do filho do ausente9 Continuará vivo? Lembrar-se-ia de Scarlett entre as grades da prisão de Rock Island? Morrera de varíola, há muito tempo já, e apodreceria numa vala junto de centenas de confederados?

Ao ouvir um @u!do na moita de silvas, ali perto, ela teve um sobressalto, e Prissy, soltando um grito agachou-se no chão da carroça, arriscando-se a esmagar a @abeça do nenê. Melanie moveu-se com dificuldade e, com a mão, procurou o filho. Quanto a Wade, muito assustado para poder gritar, ficou a tremer de pés e braços, Então a sarça abriu-se, estalando sob o peso dum anima,1 maciço, e cortou o ar um gemido surdo e plangente.

-n apenas uma vaca -disse Scarlett, -ainda com voz trémula.-Não sejas pateta, Prissy. Ias amachucando a criança e assustaste a senhora e o menino,

-Não era fantasma? -retorquiu a preta. Virando, Scarlett bateu nas costas de Prissy com o ramo que lhe servia de chicote. Estava demasiadamente cansada e abatida para consentir na fraqueza dos outros.

- Levanta-te, parva, antes que eu te quebre isto no lombo!

Ainda apavorada, Prissy ergueu a cabeça e, olhando por cima do rebordo do carro, viu que era realmente uma vaca malhada de branco e ruivo que contemplava os viajantes com ar aterrado e implor@6r. E o animal, como se de facto sofresse, soltou um novo e longo mugido.

- Estaxá ferida? - observou Scarlett. - Não muge ,Como as outras vacas.

- A mim parece que ela tem leite a mais - declarou Prissy, recuperando pouco a pouco o sangue~frio. - A gente devia ordenhá. Deve sê do rebanho de sinhô Mae Instosh que os nêgo levaram para o bosque e os yankee não apanharam.

- Levamo-la connosco - decidiu logo Scarlett. - Desta rnaneira teremos leite para o miúdo.

-Como é que a gente vai levá? Não se pode. E antes disso ela rebenta a@; teta, que tão muito cheia. Por isso

que tava, a gemê,

-Já que percebes tanto do assunto, despe a saia de

519

baixo, rasga-a em tiras e amarra a vaca à parte traseira da carroça.

- Minina, bem sabe que há mais dum mês não tenho saia de baix , e se tivesse não ia dá à vaca. Esses bicho metem tanto medo a mim!

Searlett largou as rédeas e verificou a sua própria saia: era guarnecida de rendas, a única e derradeira coisa bonita que lhe restava. Mandara-a fazer dum pano que Rhett trouxera de Nassau, no último navio em que forçara o bloqueio. Arrancou-a, mordeu-a até que o tecido cedesse, e pôs-se a rasgá-la de alto a baixo. Depois amarrou todas as tiras e ordenou a Prissy que prendesse um extremo aos chifres do animal.

- Tenho medo de vaca - repetiu a preta. - Não sou nêga de quinta,, sou criada de dentro.

-Não és senão uma estúpida e o meu pai fez um grande disparate em te comprar. @quando puder servir-me do braço, dou-te um par de chicotadas.

Rolando os olhos, Prissy olhou primeiro para, a dona, em seguida para a vaca. Esta tomara a mugir lastimosamente, de forma que Scarlett lhe pareceu a menos perigosa das duas: era preferível desobedecer-lhr@.

Scarlett desceu a custo do seu lugar. A cada movimento que fazia, os músculos doloridos causavam-lhe verdadeiras torturas. Prissy não era a única a ter medo de vacas; para Searlett, ainda as mais mansas representavam feras temíveis. O momento, porém, não permitia delongas tanto mais que outros perigos maiores se acumulavam n6 horizonte. Por felicidade, a vaca era sociável, e a dor incitara-a a aproximar-se das pessoas; não fez, pois 'nenhum gesto ameaçador quando Scarlett lhe passou em volta dos cornos a extremidade da corda improvisada. Depois de tudo realizado, quando se preparava para subir de novo para o assento, tomou-a uma. lassidão en- orme, ao mesmo tempo que uma vertigem. Teve de se agarrar à carroça para não cair.

Melanie abriu os olhos e, vendo Scarlett ali ao pé, murmurou:

-Já chegámos à tua casa? "Tua casa!" Esta frase provocou-lhe abundantes lágrimas. A sua casa!

Melanie não sabia que já não tinham tecto, que estavam sós e abandonados no meio dum mundo desolado e enlouquecido.

520

- Ainda não - respondeu em voz tão suave quanto lhe permitia a garganta seca. - Mas pouco tarda para chegarmos. Acabo de encontrar uma vaca e vamos ter leite para ti e para o teu filho.

- coitadinho... -comentou a mãe do petiz, tentando baldadamente tocar-lhe com a mão. --

Scarlett teve de recorrer a toda a sua energia para-trepar outra vez, mas sempre o conseguiu e pegou nas rédeas. o cavalo, de cabeça baixa, recusava-se a andar e Scarlett fustigou-o sem dó, pensando que Deus lhe perd@aria forçar um animal esgotado; e, se não lhe perdoasse, também não importava. No fim de contas, Tara ficava só a um quarto de milha: uma vez lá o cavalo podia afundar-se no meio dos varais, se Ilie desse para isso.

Por fim, o rocinante começou a mover-se lentamente, arrastando a carroça que chiava e a vaca sempre aos mugidos lancinantes. Estes eram de tal ordem que Scarlett pensou em parar e dar liberdade ao animal. Reflectindo bem, para que lhe servia, uma vaca em Tara se não estava lá ninguém? Era incapaz de a ordenhar, ainda que o conseguisse, o animal daria tais coices a quem lhe tocasse nas tetas doridas que o balde se entornaria ao primeiro leite. Contudo, tinha a vaca e podia conservá-la. Os seus bens já eram tão escassos...

Quando atingiram por fim a base dum outeiro, os olhos de Scarlett de novo se encheram de lágrimas. Lá no alto estava Tara. Mas, ao mesmo tempo o coração oprimiu-se-lhe. O cavalo decrépito jamais teria força de galgar a colina, a colina de que ela se ria tanto quando a trepava a galope, na sua égua veloz! Demais a mais carregada como estava a carroça, nunca poderia o cavalo alcançar o topo.

Morta de fadiga, Scarlett apeou-se e puxou o sendeiro piplá rédea.

- Desce, Prissy - ordenou. - Pega no menino Wade ao colo. Deixa o outro ao lado da mãe.

Wade desatou a soluçar e Scarlett distinguiu uma palavra que ele proferia amiúde: "Escuro... escuro ..."

- Minina, não posso andá. Tenho bexiga no pé e menino faz muito peso.

- Apeia-te antes que te obrigue a saltar à força. E então sou capaz de te deixar aqui sózinha.

Prissy não cessava de se lamentar. De olhar fixo, investigava as árvores sombrias que ladeavam a estrada e que

521

-ãí@à"

Ú LI.

dir-se-ia prepararem-se para a agarrarem logo que ela deixasse o seu refúgio de quatro rodas.

Todavia sempre colocou o nenê junto de Melaffie e tirou Wade da carroça.

O pequeno continuava a chorar,

-Vê se te calas. Não suporto esses gritos-declarou Scarlett, puxando o cavalo pela rédea e forçando-o a avançar.-Vamos, Wade, sê bonzinho. Deixa-te de chorar, senão apanhas uma palmada.

"Por que teria Nosso Senhor inventado as crianças?" disse consigo na ocasião em que esteve quase a dobrar um tornozelo. "14ão servem de nada, choram por tudo, aborrecem toda a gente. Temos de nos ocupar delas a cada instante ... " Sentia-se tão exausta que era incapaz de se con doer do pequeno atemorizado que Prissy conduzia pela mão.

- Minina -cochichou a preta agarrando o braço da dona. -Não vale a pena i lá. Q@em- sabe se tão todos morto?

Furiosa por ouvir o eco dos seus próprios pensamentos, Scarlett desembaraÇou-se e rípostou:

-Então dá cá a mão do menino. Senta-te tu para aí, e fica.

-Não, não! -Nesse caso, cala a boca. E o cavalo avançava tão lentamente! A espuma que ele deitava pela boca escorria nos dedos de Scarlett. Finalmente chegaram ao cume da encosta e diante deles, surgiu a massa escura dos carvalhos de Ta@a. Scarlett, ansiosa, procurou descobrir uma luz. Não havia, nenhuma. "Partiram", disse de si para si. "Foram-se embora".

Sempre a puxar o cavalo, enfiou pela extensa alameda, e os cedros, unindo os ramos acima dos fugitivos, ajudaram-nos a fundirem-se nas trevas da noite. Sondando o comprido túnel sombrio Scarlett viu à sua frente... os tijolos claros de Tara! A: sua casa! Mas estava realmente a vê-Ia? Não seria ilusão? Eis as queridas paredes brancas, as janelas de cortinas, as varandas largas... Era isso, de facto, que ela distinguia ao fundo, na obscuridade? Ou a noite caridosa lhe escondia o horrível espectáculo que lhe oferecera a plantação dos.Mac Intoshes?

A alameda de cedros parecia não ter fim, e o cavalo andava cada vez mais devagar. Scarlett fazia esforços enormes para penetrar as trevas. O tecto da residência mostrava-se intacto. Seria possível?

Não, custava tanto a crer...

522

guerra não respeitava nada, nem sequer Tara, feita para @durar quinhentos anos; não podia ter poupado Tara. Então começaram a precisar-se os contornos mergulhados na sombra. Scarlett puxou o cavalo com mais força. Viam-se agora as paredes brancas; o fumo não as enegrecera. Tara fora poupada! Scarlett largou a rédea e transpôs a correr os primeiros metros que a separavam da sua casa. Quanto desejaria abraçar aquelas paredes! De repente, viu emergir do escuro uma forma que se aproximou dos degraus da varanda. Tara não estava deserta. Alguém a habitava.

Ia-lhe escapar um grito de alegria, mas depressa o sufocou na garganta. A casa permanecia sem luz, muito calma, e o vulto imobilizara-se na varanda. Que se passava, pois? Embora intactas, a quinta e a casa pareciam cobertas por aquele lençol mortuário que cobria a região inteira com a sua tranquilidade sinistra. Então o vulto mexeu-se, e vagaroso, com muito custo, desceu um homem os degraus da varanda.

-É o papá? -perguntou Scarlett, com a voz embargada pela comoção. - Sou eu, Katie Scarlett. Estou de volta.

Arrastando dificultosamente a perna rígida, Gerald, mudo e sonâmbulo, dirigiu-se ao encontro da filha. Chegou junto dela e olhou-a espantado, como se a visse em sonhos. Em seguida pôs-lhe a mão no ombro. Scarlett sentiu essa mão tremer como se ele despertasse de súbito dum pesadelo e ainda não estivesse compenetrado da realidade.

-Minha filha -murmurou com esforço. -Minha filha. Depois, calou-se. "Está um velho!" pensou Scarlett. No rosto que ela distinguia confusamente já não havia traços daquela virilidade inquieta que o extremava. dos mais. Os olhos que a miravam eram quase os mesmos olhos assustados do pequeno Wade. Gerald não passava agora dum velhinho tímido.

Então o medo do que sucedera apoderou-se de Scarlett. Incapaz de fazer um gesto, ela limitou-se a contemplar o pai. Os lábios retinham-lhe o fluxo de perguntas que não se atrevia a formular.

Da carroça elevou-se um vagido débil e Gerald, com grande esforço, pareceu-se recair em si.

523

- P, Melanie, e o filho - explicou logo Scarlett. - Está muito doente; trouxe-a comigo.

Gerald tirou a mão do ombro da filha e dirigiu-se lentamente para a carroça. Ao vê-lo assim, dir-se-ia ser o fantasma do antigo dono da casa que se apresentasse diante dos convidados. Quando falou, as pala*vras proferidas foram como arrancadas a lembranças que o tempo obscurecesse.

- Prima Melanie... Esta balbuciou qualquer coisa que não se ouviu.

- Prima Melanie, está em sua casa. Dos Doze Carvalhos só há ruínas. Vai ver-se obrigada a viver connosco.

Ao pensar no longo martírio suportado por Melanie, Scarlett readquiriu a energia que a abandonara. Estava outra vez a contas com o presente, tinha de deitar Melanie e o filho numa boa cama, de os rodear dos mil cuidados necessários,

-Tem de ser levada ' não pode andar. Ouvia-se um ruído de passos precipitados e apareceu na varanda um vulto escuro. Pork desceu a escada a correr.

- Minina Scarlett, minina Scarlett! -exclamou ele. , Scarlett abraçou-o. Pork fazia parte integrante de Tara, era-lhe tão querido como os tijolos das paredes e os corredores cheios de frescura. Sentiu as lágrimas dele caírem-

4he nas mãos, escutou-lhe a voz entrecortada de soluços.

-Que alegria tê voltado! Que alegria! Prissy desatou também a chorar, pronunciando palavras incoerentes. E Wade, animado pela fraqueza das pessoas crescidas, atreveu-se a declarar que tinha sede.

Scarlett, então, tomou toda a gente ao seu cuidado principiou a dar ordens.

-A senhora Melanie e o filho estão na carroça. Pork, leva-a para cima com muita cautela e põe-na no quarto de hóspedes das traseiras. Prissy, pega na criança... Leva o menino Wade e dá-lhe um copo de água. A mamã onde está, Pork? Dize-lhe que preciso dela.

Galvanizado pelo tom autoritário de Searlett, Pork aproximou-se da carroça e tateou às escuras. Melanie soltou um gemido. Então o preto ergueu-a do colchão em que ela viera deitada e conduziu-a ao colo como uma criança. Prissy, com o nenê nos braços e Wade pela mão, subiu com eles a escada e desapareceu no vestibulo sem luz.

Com os dedos doridos, Scarlett procurou febrilmente a mão do pai.

524

-Vão todos bem? As pequenas melhoram. Fez-se silêncio. No espírito de Scarlett começou a desenvolver-se uma ideia, demasiadamente horrorosa para ser transformada em palavras. Não, era impossível exprimir esse pensamento, as frases não transporiam os seus lábios. Todavia sempre experimentou, mas parecia que a garganta se lhe secava ainda mais. Seria aquela a explicação do enigma do sinistro silêncio que pesava sobre Tara? Como se quisesse responder à pergunta que a obcecava, Gerald resolveu falar:

-Tua mãe... Mas calou-se.

- A mamã?

- Morreu ontem.

Com o braço do pai fortemente apertado ao seu, Scarlett atravessou o amplo vestibulo que, apesar da obscuridade, ela conhecia tão bem como os seus próprios pensamentos. Desviou-se das cadeiras de espaldar alto, do cabide de armas desprovido agora de espingardas, do aparador de pés de garra salientes e, de instinto, sentiu-se atraída para a saleta, ao fundo da casa, onde Ellen costumava estar a fazer contas. Imaginou-a sentada à secretária, viu-a já a erguer a cabeça, pôr de lado a pena de pato, e deixar a cadeira a fim de ir ao encontro da vida, sussurrando as saias levemente perfumadas. Não podia estar morta, apesar de o pai lhe repetir, como um papagaio, a sua única frase:

- Ellen... morreu ontem, Contudo, Scarlett admirava-se de não experimentar nenhuma comoção de só sentir fadiga, uma fadiga enorme que lhe paralisava os membros como se tivesse pesadas cadeias de ferro, e uma fome que lhe fazia tremer os joelhos de fraqueza. Mais tarde pensaria na mãe. Nesse momento, Porém, arredá-la-ia do espírito, custasse o que custasse, senão começaria a embrulhar as palavras como Gerald ou a Soluçar como Wade.

Pork desceu a escada, ao escuro, correndo para Scarlett, como um animal friorento que procura o lume.

- Não se arranja uma luz? - inquiriu ela. - Por que há-de estar aqui uma escuridão destas? Traze velas, Pork.

- Levaram todas as velas, minina, menos uma que a

525

gente tem servido e tá @q@iase no fim. Sua mamã para tratá minina Carreen e minina SueEllen acendeu pano molhado em gordura.

- Traze o que resta dessa vela - ordenou Scarlett. -

Uva para a saleta da mamã.

Pork dirigiu-se para a casa de jantar, e Scarlett, avançando às apalpadelas, entrou na saleta e atirou-se para cima dum sofá. O pai continuara a agarrar-lhe o braço, de modo que ela, através dessa pressão confiante e imploradora, adivinhava o profundo abatimento a que ele tinha chegado.

"Está um velho um velho muito cansado", dizia de si para si. E de novo'se admirava de encarar as coisas com tanta indiferença.

Pork entrou com a vela me!o, consumida, equilibrada sobre um pires, e o quarto encheu-se duma claridade vacilante. Tudo pareceu renascer para a vida. O velho sofá, que cedia ao peso de Gerald e da filha, a poltrona de Ellen, a secretária de alçado, ainda cheia de papéis, o tapete gasto, tudo continuava ali, tudo excepto Ellen com o seu vago aroma de lúcia-lin-ia e a expressão suave dos seus olhos. Scarlett sentiu uma dor surda no coração, como se os nervos, entorpecidos por uma ferida Drofunda, diligenciassem retomar a sua função. Isso, no entanto, convinha não permitir, pois

tinha à sua frente a existência inteira, para sofrer! Nesse instante, não. "Ainda não, por favor, meu Deus!"

Observou o rosto de Gerald, que apresentava agora um tom amarelento, e, pela primeira vez na sua vida, viu-o coberto de pêlos grisalhos 'onde ele não tivera o cuidado de passar a navalha. Pork colocou a vela numa palmatória e aproximou-se de Scarlett, e esta pensou que, se o criado fosse um cão, descansar-lhe-ia o focinho nos joelhos e solicitaria uma carícia no dorso.

-Quantos negros estão cá, Pork?

- Minina, esses maldito foram embó, e alguns dele com os yankee.

Quantos ficaram? Eu e depois Babá. Babá tratou de mininas todo o dia. E D'ficey também que está junto de mininas. A gente somos três, minina S@arlett.

Três... onde tinha havido uma centena! A custo, Scarlett levantou a cabeça, tão desolada estava.

Mas não devia trair a sua comoção. Com surpresa, ouviu-se a falar em tom indiferente, e tão natural como se não tivesse havido guerra

526

e se bastasse apenas fazer um gesto com a mão para ver acudirem dezenas de servidores.

-Pork, estou cheia de fome. Há alguma coisa que se coma?

-Não minina yankee levou tudo.

- E n@ horta?"

- Meteram lã seu cavalo.

- Nem sequer restam batatas doces? Nos lábios carnudos do preto esboÇou-se algo semelhante a um sorriso.

-Ah, espere, esquecia o inhame! Deve havê algum. Os yankee julgava que era raízeg que não prestava de comê.

- A lua está quase a nascer. Vai ver se encontras alguns e depois trata de os assar. E milho, não há também? Nem ervilhas piladas? E a respeito de galinhas?

- Não, minina. Galinha que não comeram eles meteram na mochila.

Ainda faltava isso? Não bastara terem incendiado e assassinado por toda a parte? Precisavam ainda deixar morrer à fome as mulheres, as crianças e os escravos, numa região devastada?

- Miniria, ainda há maçã que sua mamã guardou. 1@, o que a gente está comendo agó.

-Trazê então maçãs, antes de ires cavar o inhame. E também... eu... sinto-me tão fraca... Ficou vinho na adega, nem que seja de amoras?

-A adega foi primeiro lugar onde yankee pôs seu pé. A fome, a noite passada em claro, o esgotamento, tudo isso contribuffi para que Scarlett sentisse náuseas e tonturas. Lançou a mão ao braço do sofá, para não cair desmaiada.

-Acabou-se o vinho-murmurou, lembrando-se das filas de garrafas na adega. E de repente teve uma ideia: -Pork e essa aguardente d@ milho que'o papá escondeu numa barrica, debaixo duma árvore? Outra vez perpassou a sombra dum sorriso na face de Pork, que tomou uma expressão de surpresa e alegria.

-Minina tem memória, não há que vê! 'Eu já tinha esquecido. Mas essa aguardente não deve prestá. Foi há mais dum ano. E aguardente não serve pra sínhora.

Que estúpidos, esses pretos! Nunca se lembravam senão daquilo que lhes diziam. E os nortistas ainda os queriam emancipar?

-Para mim hã-de servir, e para o papá. Va@ depressa,

527

11 .. ~ "

Pork. Desenterra a barrica, e trazê dois copos, hortelã e açúcar. Vou fazer um refresco.

A face de Pork exprimiu desta vez censura.

- Não sabe que não há açúcar em Tara há muito tempo, minina Scarlett? E os yankee partiram todos os copo.

-Não importa, vai buscar essa aguardente. Não deixaremos de a tomar. - Depois de o preto ter dado meia volta, ela acrescentou: - Pork, espera ainda. Tenho tido tanto em que pensar 'que já nem me lembrava. Trouxe um cavalo e uma vaca, A vaca precisa de ser mungida. O cavalo está cheio de sede. Desatrele-o. Vai prevenir a Babá; dize-lhe que é absolutamente necessário que tire o leite à vaca.

O menino da senhora Melanie não tem comido nada...

- A ginhora Melanie não tem ... ?-Pork interrompeu-se, por delicadeza. _ Não, não tem leite - respondeu Scarlett.

Que conversa, santo Deus! Se a mãe a ouvisse, teria decerto desmaiado.

-Tá bem, minina, Dilcey vai podê alimentá minino. Dilcey teve um filho e tem leite bastante para dois.

- Pork, és outra vez pai? Crianças, crianças, crianças... Por que as deitava Deus em tanta quantidade neste mundo? Não, não era Deus que as fazia, eram esses imbecis.

- Sim, minina, um rapaz gordo, muito nêgo. -Vai dizer à Dilcey que deixe os pequenos. Eu me encarrego deles e ela que trate do menino da senhora Melanie. A Babá que se ocupe da vaca e ponha o cavalo na estrebaria.

-Já não há estrebaria, minina. Deitaram abaixo para fazê lenha.

-Deixa-te de me contar o que eles fizeram. Ehtendeste, Pork? Agora vai buscar a aguardente e os inhames.

-Mas, minina... não, tenho luz pra i cavá.

- Arranja archotes. -Queimaram tudo... -Faze como puderes. O que eu quero é que me'tragas os inhames, e depressa.

Pork saiu, e a filha e o pai ficaram sós. Scarlett, aêariciou meigamente o joelho de Gerald e reparou quanto ele emagrecera. Tinha de fazer o possível para o arrancar daquela apatia. Em todo o caso, não podia falar-lhe da mãe. Mais tarde, quando pudesse suportar a ideia dessa morte.

528

-Por que não teriam incendiado Tara? Gerald olhou um momento espantado para ela, como se não compreendesse. Foi preciso repetir a pergunta.

-Porquê? --retorquiu. Tentou lembrar-se e acrescentou: - Estabeleceram aqui o seu quartel-gen@ral, -os yankees? Nesta casa? Experimentou a sensação de se encontrar entre paredes profanadas. Uma casa que a presença de Ellen tornara sagrada! E aqueles homens tinham-na habitado!

- P, verdade, minha filha, vieram instalar-se aqui. Antes disso, vimos arder a residência dos Doze Carvalhos, além do rio. Honey e India, com alguns escravos, refugiaram-se em Macon, de forma que não nos afligimos muito quanto à sua sorte. Nós ' infelizmente, é que não podíamos ir para Macon. As tuas irmãs estavam bastante doentes... tua mãe... enfim, não pudemos ir. Os nossos pretos fugiram, não sei para onde, e levaram as carroças e as mulas. Só ficou Pork, e Dilcey, e Babá. Tuas irmãs... tua mãe... não pudemos partir.

-Sim, sim... Scarlett não consentiria que ele falasse da mãe. De tudo, menos disso. Podia dizer que o general Sherman se servira daquela saleta, ou dizer tudo mais que quisesse; mas falar da mãe, não.

- Os yankees iam para Jonesboro, cortar a linha férrea. Vieram pelo vale, subiram a estrada... Eram milhares deles, milhares... com canhões e cavalos. Esperei-os na varanda.

"Oh, corajoso Gerald!" pensou Scarlett, impressionada.

O pai apresentara-se diante do inimigo, esperando-o ao alto da escadaria de Tara como se tivesse um exército inteiro atrás de si.

-Deram-me ordem de despejo, porque iam incendiar a casa. Respondi-lhes que morreria nos escombros. Não podíamos partir. Tuas irmãs... tua mãe...

-E depois? Sempre a perspectiva de se ocupar de Ellen?

- Disse-lhes que havia doentes... com febre tifóide. Que morreriam se... Deitassem, pois, fogo à casa, connosco dentro... mas nada me obrigaria a partir a deixar Tara...

A voz foi-se-lhe extinguindo, enquanto ele contemplava, com ar abstracto, as paredes. Scarlett compreendeu. No sangue irlandês de Gerald falavam os antepassados mortos

34 - Vento Levou - 1

529

em defesa duns palmos de terra depois de se terem batido para não deixarem o lar ancestral.

- Declarei-lhes que, se queimassem a casa, queimariam ao mesmo tempo três mulheres doentes, Mas nós não partiríamos. O oficial, homem novo, era um perfeito cavalheiro.

- Apesar de yankee? Oli, papá!

- Um perfeito cavalheiro. Deu meia volta com o cavalo e foi-se a galope. Daí a pouco regressava com um capitão-médico, que observou as pequenas... e tua mãe.

- Deixou o patife do yankee entrar no quarto? - Trazia ópio, coisa que não tínhamos. Salvou as tuas irmãs. Suellen estava com uma hemorragia, e ele fez quanto pôde para a tratar. Quando comunicou aos chefes que... havia doentes... houve ordem de não incendiar a casa. Veio instalar-se aqui um general, com os seus oficiais... muita gente, Ocuparam todos os quartos, excepto os dos doentes. E os soldados---

Parou de novo, como se estivesse muito cansado para continuar, deixando abater-se pesadamente sobre o peito o queixo onde a barba branca despontava. Em seguida recomeçou a falar, com maior esforço,

- Acamparam derredor da casa, por toda a parte, nos campos de algodão, nos de milho. Não se via senão uniformes azuis. Nessa noite brilharam muitos fogos diante das tendas. Destruíram as vedações para fazer lenha. O mesmo aconteceu aos estábulos, à cavalaria. Mataram as vacas, os porcos, as galinhas. - "As suas preciosas galinhas da Índia" pensou Scarlett. - Levaram inúmeras coisas, até quadros... móveis... loiças...

- Prata também?

- Pork e Babá deviam ter feito qualquer coisa para as salvar. Talvez as escondessem no poço. Não me lembro. Era daqui que eles partiam para os combates. Daqui, de Tara. Que barulho meu Deus! Cavalgadas idas e vindas de soldados... depois os canhões, em Jonesboro... Parecia trovada! As pequenas, apesar de doentes como estavam, também ouviam o canhoneio.

E a mamã? Sabia que os yankees se encontravam cá? Não... não soube nada. "Graças a Deus"! murmurou Scarlett. "Ao menos fora-lhe poupada aquela provação. A mamã nunca soube, nunca sentiu os inimigos nos quartos, não ouviu o bombardeio-

530

mento, nunca teve conhecimento de que estava a ser calçada pelos yankees a terra que ela tanto amava!"

- Eu não vi muito, porque ficava todo o tempo lá em cima, com as pequenas e com tua mãe. Lidei principalmente com o cirurgião, que era novo, amável. Depois de se ter ocupado o dia inteiro dos seus feridos, ele vinha sentar-se à cabeceira das nossas doentes. Até nos deixou alguns remédios, Na ocasião da partida, afirmou-me que as pequenas se restabeleceriam, mas que tua mãe... Achava-se tão fraca para poder resistir! Esgotara as forças...

No meio do silêncio que se seguiu, Scarlett evocou a mãe tal como ela devia ter estado no decurso das últimas semanas da sua existência... afadigando-se tratando dos outros, trabalhando, fazendo por não dormir e não comer para que os demais pudessem comer e dormir.

- Por fim partiram. Sim, partiram. - Calou-se um instante e procurou a mão da filha. - Ainda bem que voltaste - juntou.

Ouviu-se o som de qualquer coisa a raspar. Era Pork. Habitado durante anos a esfregar os pés antes de entrar, o preto não se esquecera desse excelente hábito. Penetrou na sala e exalou-se logo um cheiro forte a álcool. Trazia na mão duas cabaças.

- Entornei um bocado - disse ele. - Custa muito encher cabaça no barril.

- Não faz mal, Pork. Obrigada. Pegou numa das cabaças que estava toda molhada, e absorveu, de narinas frequentes, aquele cheiro que a enjoava.

-Beba, papá. Gerald obedeceu como uma criança e bebeu a longos tragos ruidosos. Scarlett pediu a Pork a segunda cabaça, que tinha água, e apresentou-a ao pai. Mas este abanou a cabeça. Por sua vez, ela levou a aguardente aos lábios, gesto que o pai seguiu com atenção, e percebeu que ele ficara um tanto admirado.

-Sei que as senhoras não bebem álcool- observou. -

Mas esta noite não sou senhora a valer, e além disso tenho muito trabalho diante de mim.-Soltou um suspiro e bebeu rapidamente. Sentiu logo um ardor na garganta depois no estômago. Tossiu, vieram-lhe lágrimas aos olhos. Suspirou outra vez e recomeçou a beber.

531

-Já basta, Katie Scarlett -disse o pai. Era a primeira nota de autoridade paterna que ouvia desde que chegara. -Não estás habituada, podes embebedar-te. 1

-Embebedar-me? Era isso mesmo que eu queria. Embebedar-me e esquecer tudo!

Continuou bebendo. Depressa nas veias se lhe espalhou um calor agradável. Aquilo percorreu-lhe todo o corpo, indo até às pontas dos dedos, onde sentiu leve formigamento. Era tão bom esse fogo que se lhe pegava assim, produzia-lhe tão estranhas sensações! Dir-se-la entrar no coração, apesar da rija couraça gelada que-lhe protegia. As forças voltavam-lhe. Perante a expressão intrigada e constrangida de Gerald, Scarlett, mais uma vez lhe fez uma festa no joelho e diligenciou retomar o sorriso agarrado que tanto apreciava.

-Como é que isto me podia embebedar, papá? Sou sua filha, herdei a cabeça mais segura da comarca de Clayton..

No rosto de Gerald passou um sorriso triste.. A aguardente também o reconfortara. Scarlett passou-lhe a cabaça.

- Beba mais. Depois irei levá-lo ao quarto. Deteve-se, de súbito, Era assim que falava ao filho, não tinha o direito de se dirigir no mesmo tom ao pai: representava uma falta de respeito. Ele, porém, estava suspenso dos lábios da filha.

- Sim, vou levá-lo ao quarto - repetiu ela; - e dar-lhe-ei mais... talvez o resto da cabaça para dormir bem. Precisa dum bom sono. Katie Scarlett está presente para o que for necessário. Não se preocupe comigo. Beba.

Gerald obedeceu. Passando o braço debaixo do dele, Scarlett ajudou-o a erguer-se.

- Pork...

O preto pegou na cabaça, numa das mãos, e com a outra segurou o braço de Gerald. Scarlett agarrou a palmatória, cuja vela já tinha a chama vacilante, e todos três, após haverem atravessado o vestibulo escuro, começaram a subir a escada.

O quarto onde Suellen e Carreen se viravam e reviravam na mesma cama estava impregnado do cheiro pestilencial que exalava uma espécie de mecha -feita de trapo embebida em gordura e que lhes servia de lamparina. Quando abriu a porta, Scarlett quase ia desmaiando tal era a atmosfera pesada que ali reinava. As janelas achavam-se fechadas

532

e o ar viciara-se não só com aquela torcida improvisada, como também pelo cheiro dos remédios. Apesar de os médicos dizerem que rum quarto de doente se não devia renovar o ar, pois aquele poderia correr grave perigo, Scarlett escancarou as três janelas, declarando que doutra maneira morreria. Imediatamente sentiu o aroma da terra e das folhas de carvalho; mas isso ainda não era bastante para dissipar o cheiro nauseabundo que se acumulara durante semanas nesse aposento calafetado.

Magras pálidas Suellen e Carreen dormiam com sono agitado. Ácordara de repente, arregalando os olhos e puseram-se a murmurar palavras incoerentes. Estavam ambas na vasta cama de dossel, onde outrora haviam segredado tantas coisas, em tempos mais felizes. A um canto do quarto

patenteava-se um leito vazio, de estilo Império, que Ellen trouxera de Savannah. Aí é que ela estivera deitada.

Scarlett sentou-se junto das irmãs e observou-as com ar embrutecido. A aguardente, caindo-lhe no estômago depois de tanto jejum, principiava a fazer-lhe negaças. Às vezes as raparigas pareciam-lhe recuar para muito longe, tornando-se minúsculas e o que elas diziam chegava-lhes aos ouvidos como um zumbido de insectos. Outras vezes aumentavam desmedidamente e precipitavam-se sobre a recém-vinda com a velocidade dum bólido. Scarlett sentia-se fatigada ao máximo, Seria capaz de se estirar fosse onde fosse e dormir durante dias inteiros.

Se pudesse fazer isso, até que Ellen lhe sacudisse o braço e lhe dissesse que era tarde que não fosse preguiçosa... Mas tal coisa jamais sucederia. Se ao menos Ellen fosse viva, ou tivesse alguém mais velho e sensato para tomar conta da casa... Se houvesse uns joelhos sobre que descansasse a cabeça, uns ombros em cima dos quais descarregasse o fardo...

A porta abriu-se devagarinho e Dilcey entrou, com o petiz de Melanie apertado ao peito e a cabaça de aguardente na mão. À luz fumarenta e incerta da improvisada lamparina ela deu a Scarlett a impressão de estar mais magra do que na última vez que a vira. No rosto notava-se-lhe distintamente a ascendência índia, com as maçãs mais salientes, o nariz mais convexo e acobreado mais viva. Trazia aberto o corpete do vestido de chita desbotada, Onde avultava o peito forte e bronzeado. O pequeno de Melanie premia gulosamente os lábios pálidos contra o

533

mamilo negro, ao mesmo tempo que esfregava os dedinhos na pele sedosa do seio.

Scarlett levantou-se num movimento pouco firme e poisou a mão no braço de Dilcey, dizendo:

-Fizeste bem em ficar. -Como é que eu havia de i com esses maus negos, depois de seu papá tê a bondade de nos comprá a minha Prissy e eu, e depois da sua mamã sê tão amá', 'e, el?

Senta-te Dilcey. O menino pegou bem, não é verdade? Como vai a senhora Melanie?

Quanto ao menino não há nada mau, porque eu tenho com que alimentá. E senhora Melanie também vai mió. Não se aflija, minina Scarlett. Ela está fatigada e nervosa e apoquentá por causa de seu filhinho, Mas eu sosseguei. Dei a ela um pouco desta cabaça e senhora adormeceu.

Deste modo a aguardente de milho servira para toda a família. Scarlett pensou se não deveria dar uma gota a Wade, para ver se lhe passariam os soluços. Os seus pensamentos continuavam em doida sarabanda. E quando Ashley voltasse... se um dia voltasse... Não, mais tarde reflectiria nisso. Tinha agora tanto em que se entreter .. Tantos negócios a resolver, tantas decisões a tomar... De súbito, teve um sobressalto. Acabava de quebrar o silêncio da noite um estalido seguido dum rumor de roldana.

--É Babá que tira água para mininas. Elas tomam muitos banhos-explicou Dilcey, descansando a cabeça sobre a mesa entre um copo e frascos de remédios.

Então Scarlett desatou a rir. Devia estar realmente com os nervos muito excitados para que tivesse medo do ranger da corda do poço, barulho a que se acostumara desde a mais tenra infância. Dilcey viu-a rir e continuou impassível, cheia de dignidade. Todavia, Scarlett adivinhou que a escrava a compreendia. Recostou-se na cadeira e pensou quanto seria bom desabotoar-se, descalçar-se...

A cada rangido no poço, a corda enrolava-se e trazia o balde até ao cimo. Babá não devia tardar. A ama de Ellen, a sua ama! O petiz de Melanie já menos esfomeado, choramingava por ter perdido o bico do selo, e Dilcey guiou-lhe silenciosamente a boca. Scarlett escutava agora os passos vagarosos de Babá no corredor. Estava tão calma, a noite!

O mais pequeno som tomava proporções grandiosas.

Babá aproximou-se da porta e o escuro corredor pareceu tremer sob os seus pés. Por fim entrou.

Trazia dois pesados

534

baldes de água e mostrava expressão de tristeza e abatimento. À vista, porém, de Scarlett, o seu olhar brilhou, os dentes cintilaram. Scarlett precipitou-se' para ela e escondeu a cabeça no peito vasto em que tantas outras cabeças, pretas e brancas, se haviam refugiado. "Finalmente, eis uma pessoa com quem posso contar, um ser que me lembrará a vida passada". Mas as primeiras palavras de Babá dissiparam-lhe as ilusões.

-Voltou a minina querida da Babá! Oh, minina, agora que sua mamã está na cova, que vai sê da gente? Mais valia eu está também ao lado dela! Não posso fazê nada sem senhora Ellen. Isto agora é só miséria! Que trabalhos, minina, que trabalhos!

Enquanto Scarlett ficava imóvel, com a cabeça apoiada ao peito da negra essa palavra "trabalho" continuava a soar-lhe aos ouvidos. Era isso que a obcecava já desde algum tempo. De regresso a Tara, não gozaria dum repouso merecido; teria de tomar aos ombros um fardo ainda maior. Recuou um pouco e, com ambas as mãos, pôs-se a acariciar as faces da escrava.

-Minha minina querida as suas mãos... Pegou-lhe nas mãos cobertas de empolas e mirou-as horrorizada. Scarlett calculou o que Babá lhe iria dizer em seguida: que as raparigas com mãos estragadas e sardas na cara não encontravam marido. E mudou logo de assunto:

- Babá, fala-me da mamã. Custa-me muito, mas o que não quero é ouvir o papá falar dela.

1 Com os olhos subitamente cheios de lágrimas, a preta abaixou-se a fim de levantar os dois baldes. Sem dizer palavra levou-os até ao pé da cama e depois puxou o lençol

para baixo e começou a despir as camisas de noite de Ellen e de Carreen. Scarlett, que observava as irmãs à claridade ténue da lamparina de acaso, notou que Carreen tinha camisa limpa mas esfacelada e que Suellen estava envolta num velho penteador castanho enfeitado de rendas. Babá chorava em silêncio. ao passar a esponja nesses dois corpos descarnados e ao enxugá-los com um avental, à guisa de toalha. - Minina, foram os Slatтеры, esses infelizes que mataram minha senhora Ellen. Eu lhe disse muita vez que não valia pena se cansar por causa de desgraçado, mas senhora Ellen era muito teimosa e de tão bom coração que não queria sabê destes avisos.

535

-Os Slatтеры? - repetiu Scarlett, intrigada. - Que fizeram eles?

-Tinham apanhado doença. Emmie, a filha da velha senhora Slattery, veio cá a toda a pressa buscá minha senhora como fazia sempre que acontecia qualquer coisa. Não podia tratá sózinha de sua minina? E minha senhora foi tratá da doente. Sua mamã não andava boa também, não comia muito porque não havia muita coisa de comê, com todos estes homens cá na casa. Comia menos que passarinho. Eu disse a ela muitas vez que deixasse esses infelizes, mas senhora não fazia caso. Pois quando minina Slattery ia mió, nossa Carreen cai com doença. A mosca dos tifo veio com senhora até aqui e picou minina Carreen. Depois foi a vez de minina Suellen. Então minha senhora começou a tratá de suas filha. Eu pensava enlouquecê com aquela guerra toda e as pessoas a fugir e mininas sem remédio que tomá. Uma noite minha senhora disse assim: "Babá, se eu pudesse vendê minha alma, eu vendia pra salvá minhas filha". Não deixava entrá aqui senão Gerald nem mais ninguém senão a mim, porque eu já tinha tido febre tifóide. E então ela apanhou doença também... -

Endireitou-se, e limpou as lágrimas com a orla do avental. -Não durou tempo nenhum, minina Scarlett, e esse bondoso doutor yankee não pôde fazê nada. Não dava acordo de si, eu falava e ela não respondia, mas conhecia que era a sua Babá.

- Nunca pronunciou o meu nome?

- Não, minha querida. Ela pensava que era ainda minina em Savannah. Nunca chamou ninguém por seu nome.

Dilcey mexeu-se e poisou o nenê adormecido nos joelhos.

- Sim, minina, chamou por alguém.

- Cala tua boca, preta índia! - exclamou Babá, voltando-se para Dilcey com ar ameaçador.

-Sossega, Babá. Quem é que a mamã chamou, Dilcey? Foi o papá?

-Não, minina. Não foi seu papá. Foi na noite em que ardeu algodão.

- Já não há algodão?

- Não há minina. Os soldados tiraram os fardos do alpendre e l@e pegaram fogo.

536

Três colheitas de algodão... cento e cinquenta mil dóla- . dos1 res queima

- E o incêndio era tão grande que parecia de dia. A gente teve muito medo que ardesse casa também. Estava tão claro que se podia enfiá uma linha na agulha. luz acordou senhora Ellen, que se sentou em sua cama e chamou muita vez em voz alta: "Philippe! Philippe!" Eu nunca tinha escutado um nome como esse, mas devia sê um nome de pessoa...

Babá parecia petrificada e não despegava os olhos de Dilcey. Searlett escondeu a cabeça nas mãos. Philippe... Quê seria? Quem fora esse homem, para que a mãe o chamasse à hora da morte?

Depois daquela viagem toda, Scarlett dera com 'o nariz na parede, como se costuma dizêr - ela que a devia acabar atirando-se aos braços da mãe! Jamais poderia adormecer sossegada, sob o telhado paterno, confiante no amor tutelar da mãe. Terminara o período de segurança, perdera-se o porto de abrigo. Por mais que procurasse não encontraria daí em diante ninguém que a ajudasse, ninguém a quem pudesse transmitir o fardo. O pai estava alquebrado, as irmãs doentes, Melanie era muito fraca, os pequenos não contavam ainda para nada os pretos erguiam para ela rostos de expressão risonha'e infantil, convencidos de que dali viria a salvação, como viera anteriormente de Ellen.

Pela janela, Scarlett via Tara iluminada de luar. A maioria dos escravos partira ' os campos estavam devastados, as granjas reduzidas a cinzas. Tara jazia acolá como um ,corpo ensanguentado, como o próprio corpo dela, que vertia gota a gota. Eis o que a esperava ao fim da jornada: velhice trémula, doenças, bocas esfaimadas, mãos impotentes que se lhe agarravam às saias, No extremo do caminho só existia Scarlett O'Hara Hamilton, mulher de dezanove anos, viúva, e mãe dum filho.

Que devia fazer? A tia Pitty e os Burrs poderiam tomar conta de Melanie e do pequeno desta, em Macon. Se as irmãs escapassem, a família teria de as sustentar, de bom ou de mau grado. Quanto a ela mesma e ao, pai, ambos Podiam solicitar assistência dos tios James e Andrew. Cogitando, olhava para aquelas formas franzinas que se agitavam debaixo do lençol, Nunca gostara muito de Suellen, compreendia-o agora muito bem. Por Carreen também não

537

sentia particular afeição. Achava impossível estimar os seres fracos. Mas as duas pequenas eram do mesmo sangue que o dele, faziam parte de Tara. Não, não as deixaria levar a vida de parentes pobres no lar das tias. Uma O'11ara a sofrer humilhações e a comer de esmola? Ah, isso nunca! Não haveria, pois, nenhum meio de sair daquela situação? O espírito cansado de Scarlett só tinha nessa altura reacções lentas. Levou as mãos à cabeça, num gesto tão difícil como se os braços tivessem de deslocar água e não o ar. Pegou na cabaça e olhou para dentro: restava ainda aguardente; não saberia a quantidade certa, porque estava muito escuro, E percebeu, surpreendida, que o cheiro violento do líquido já não lhe causava repugnância. Bebeu então devagar, sem experimentar desta vez nenhuma sensação de ardor, só um reconforto que a entorpecia pouco, a pouco.

Descansou a cabeça vazia entre o copo e o frasco de remédio e circurivagou o olhar pelo quarto.

Pareceu-lhe tudo um sonho. Sim ' um sonho estar nesse aposento obscuro cheio de fumo, com as irmãs estiradas na cama, Babá e@orme e informe, Dilcey imóvel com o miúdo ao peito... Um sonho a cujo despertar sentiria o cheiro do presunto frito na cozinha, ouviria o riso dos pretos, o barulho das carroças a caminho do campo... e viria Ellen estender~lhe os braços.

Então percebeu que estava no seu próprio quarto, deitada na cama, O luar lutava dèbilmente contra as trevas. Babá e Dilcey despiam-na; as baleias do espartilho não a torturavam já podia dilatar os pulmões à vontade e respirar a fundo' Notou que lhe descalçavam as meias com inúmeras precauções e ouviu a Babá murmurar palavras consoladoras, ao mesmo tempo que lhe banhava os pés cobertos de empolas. Como a água era refrigerante, como era bom estar estirada como uma criança, em cima

dum colchão macio! Soltou um suspiro, abandonou-se, e daí a um momento (de que foi incapaz de avaliar a duração) achou-se só no quarto é este pareceu-lhe mais iluminado, porque os raios da lua se filtravam até junto do leito.

Não sabia que estava ébria, ébria de fadiga e de aguardente. Sabia apenas que deixara <> corpo e que flutuava algures num mundo onde não existia nem dor nem lassidão, O espírito viu tudo com sobre-humana claridade.

Considerava as coisas por um prisma novo, pois deixava

538

para trás, rio Caminho que a trouxera a Tara, o que lhe restava da infância. Já não era o barro argiloso sobre o qual cada movimento punha a sua marca. O barro endurecera no decurso dessa caminhada, que devia ter durado mil anos... Ei-la mulher, com a juventude consumida.

Não, não devia nem podia rogar assistência à família de Gerald O'Hara nem à de Ellen. Os O'Haras não imploravam caridade: sabiam desenvencilhar-se s?)zinhos. Caíra-lhe nos ombros um fardo pesado mas os seus ombros conseguiriam aguentá-lo. Scarlett najo ficou admirada ao verificar que os seus ombros teriam força para suportar qualquer peso. Não devia abandonar Tara. Tal como um algodoeiro, estava profundamente enraizada nessa terra cor de sangue, donde hauria a vida. Ficaria em Tara e fá-la-ia manter-se @omo pudesse; olharia também pela existência do pai e das irmãs, por Melanie e pelo filho de Ashley, pelos pretos... Amanhã... Oh, amanhã ajustaria o jugo ao pescoço! Amanhã havia muito que fazer! Iria aos Doze Carvalhos e aos Mac Intoshes ver se r,estava qualquer coisa nos jardins desertos iria para a banda do rio aos matagais, à procura de galin6s e porcos extraviados, iria a Joriesboro e a Love~ joy com as jóias de Ellen... Devia ter ficado alguma que se pudesse vender. Amanhã, amanhã... O espírito trabalhava-lhe cada vez mais devagar, como a pêndula dum relógio sem corda, Mas não perdia a nitidez.

De repente, tornaram-se claras como cristal as histórias familiares que ela muita vez ouvira contar sem as entender. Gerald, sem vintém, reedificara a quinta de Tara. Ellen triunfara dum desgosto misterioso. O avô Robillard, sobrevivente do naufrágio napoleónico, recuperara a riqueza na Costa fértil da Geórgia. O bisavô Prudhomme construíra unia espécie de reino em plena selva do Haiti e, depois de o ter perdido, vivera ainda o bastante para ver o seu nome respeitado em Savannali. Havia ainda os antepassados que tinham combatido por uma Irlanda livre nas fileiras dos voluntários e tinham sido, por esse delito, enforcados; e ainda os que morreram na batalha de Boyne, lutando até ao fim para defenderem o que lhes pertencia.

Todos haviam sofrido Drovações que desanimariam Outras pessoas, e não tinham perdido a coragem. Não soçobraram na derrocada dos impérios, nem as revoltas de escravos, nem as guerras, nem as revoluções os venceram in qualquer altura. O destino cruel tratara-os mal, não lhes

539

im

m@I

arrefecera o ardor. Lutaram sem derramar lágrimas. Os fantasmas de toda essa gente, cujo sangue corria nas veias de Scarlett, pareciam mover-se tranquilamente no meio desse quarto banhado de luar. E ela não sentia espanto ao ver os da sua raça 'esses que à força de energia tinhani dominado a sorte mais rebelde. Tara representava o seu destino, o combate da sua vida, a luta que ela devia travar.

Quase adormecida, voltou-se para um lado, Pouca a pouco o espírito se lhe encheu de trevas.

Realmente estavam ali os fantasmas? Sussurravam-lhe, de facto, palavras de ânimo? Ou era apenas um sonho?

-Pouco importa que estejais aí ou não= balbuciou. -

Boa noite... e obrigada!

25

NA manhã seguinte estava o corpo de Scarlett tão entorpecido e martirizado pelas longas milhas andadas e pelos solavancos da carroça que ela experimentava dores atrozes a cada movimento que fazia. Tinha a cara avermelhada da exposição ao sol e a palma das mãos em carne viva. Por causa da língua saburrosa e da garganta seca, não descansava de beber água sem conseguir no entanto, matar a sede. Parecia-lhe que a cabeça lhe inchava, e até o simples mover dos olhos lhe causava aflições. Com o estômago embrulhado como no tempo da gravidez, mal podia suportar o cheiro do prato de inhames que lhe tinham apresentado ao primeiro almoço. Gerald poderia informá-la de que se tratava de reacção normal do organismo contra o excesso de aguardente ingerida; mas a verdade é que Gerald não dava fé de nada, era apenas um velho que ocupava agora o lugar principal da mesa. Fixando a porta com o seu olhar mortiço, estendia de vez em quando o pescoço como se ouvisse o ruje-ruje das salas de Ellen ou pressentisse o aroma do saquitel de lúcia-lima.

Quando Scarlett se sentou ele disse entre dentes: "Vamos esperar pela senhora ó'Hara, Está a demorar-se". Apesar do sofrimento que o gesto lhe ocasionava, Scarlett ergueu a cabeça, Custava-lhe a crer o que ouvira, mas cruzou a vista com a de Babá, que parecia suplicante e se conservava de pé por trás da cadeira de Gerald. Examinou

540

então o pai, que a luz da manhã iluminava: notou que as mãos lhe tremiam e que a cabeça oscilava um pouco.

Só então compreendeu até que ponto contara com o pai para tudo dirigir, aos outros e a ela. Contudo, na véspera à noite, ele parecia quase normal. É claro que já não se lhe encontravam vestígios da sua vitalidade de outrora, mas, em todo o caso, dir-se-ia apto a reunir duas ideias; ao passo que, presentemente... nem se lembrava de que a mulher havia morrido! A chegada dos yankees e o falecimento de Ellen tinham constituído dois abalos muito fortes, de que ele não fora capaz de se restabelecer. Scarlett ia falar quando a Babá abanou a cabeça e, pegando no avental, limpou os olhos húmidos.

"Meu pai teria perdido o juízo?" pensou Scarlett, ao niesmo tempo que esse novo desgosto lhe dava a impressão de por sua vez a enlouquecer. "Não, não é isso. Está muito abatido, nada mais. -É uma doença, de que se há-de curar. Senão, que seria de mim? Nem quero lembrar-me disso. Por agora não desejo ocupar-me nem dele, nem de minha mãe, nem de nada destas coisas horríveis, Esperarei que me voltem as forças. E, além de tudo preciso reflectir noutros assuntos, os quais não podem se@ resolvidos por mim".

Deixou a casa de jantar, sem haver comido nada, e chegou à varanda das traseiras ' onde encontrou Pork. Des-calço, com a libré esfarrapada, estava sentado num degrau * descascar amendoim.

Scarlett sentia zumbidos e tonturas, * sol encandeava-a, fazia-lhe doer os olhos; só para conservar direita a cabeça lhe era necessário empregar grande esforço de vontade. Começou a falar o mais laconicamente possível, evitando recorrer às fórmulas usuais de delicadeza que a mãe sempre recomendara se empregasse no trato com os pretos. As perguntas que fazia eram em tom brusco, as suas ordens imperiosas -de tal modo que Pork alçou as Sobrancelhas e fitou-a como se se tratasse de brincadeíra. Jamais a senhora Ellen falara com tanta secura, nem sequer quando os surpreendia a furtar galinhas ou melancias. E córitinua a pedir uma data de esclarecimentos sobre o estado das terras, dos jardins, dos animais. Nos seus olhos verdes resplandeciam um brilho duro que Pork não tinha visto ainda.

- Sim, senhora, esse cavalo morreu mesmo no lugá onde eu amarrei. Tinha seu focinho dentro do balde. Não,

541

senhora, a vaca não morreu, teve um vitelo esta noite. Senhorá não sabia? Por isso é que gemia tantas vez.

-A tua Prissy há-de dar uma esplêndida parteiraobservou Scarlett em tom cáustico. - Dizia ela que a vaca mugia por ter muito leite.

- Senhora, Prissy não quê sê parteira de vaca - decla. rou Pork, muito sério. - Não vale a pena se zangá. E com este vitelo a vaca vai tê muito leite para mininas conio doutor yankee disse que era preciso elas tomá.

- Tanto melhor. E que mais, quanto aos outros bichos?

- Não. ficô nada senão porca com seus leitãozinhos. Quando yankee chegaram levei os porco para o mato, mas só Deus sabe como se pode agora encontrá. Esta porca é muito arisca.

- Acabaremos por lhe deitar a mão. Tu e Prissy podieis muito bem ir já em sua procura. Pork estava simultâneamente surpreendido e indignado.

- Senhora é trabalho de camponês. Eu sempre servi patrão em ca'sa. Brilharam mais os olhos de Scarlett, que ripostou:

- Ireis ambos apanhar essa porca... senão eu vos porei a andar, atrás dos outros pretos que trabalhavam no campo, As lágrimas banhavam já o rosto de Pork. Oli se ao menos a senhora Ellen fosse viva! Ela compreendia perfeitamente todas essas pequeninas distinções que existem entre um criado preto e um servo de lavoura.

-Pôr a andá? Mas para onde minina Scarlett? -Não sei, nem me interessa.'O que digo é que quem não quiser trabalhar aqui em Tara, terá de ir com os yankees. Previne os outros. _ Sim, senhora.

-Agora fala-me do algodão e do milho. -0 milho! Meu Deus, eles deixaram seus cavalos no milharal, e o que cavalo deixou eles levaram para comê. Depois passaram com canhão por cima da terra tanta vez que não ficou algodão nenhum. Resta só coisa pra dá três fardo e nada mais. Três fardos! Scarlett lembrou-se dos muitos que Tara produzia cada ano, e a dor de cabeça aumentou-lhe de intensidade. Três fardos! Nem chegava ao que os miseráveis dos Slatterys colhiam, E ainda por cima havia aquilo dos impostos. O Governo Federal recebia-es em gêneros, mas três fardos não chegavam para pagar, Aliás, o caso

542

simplificava-se pensando que nem havia quem fosse colher esse POUCO.

"Mais tarde resolverei isso", disse ela consigo. "As mulheres não têm nada a ver com os impostos. O papá é que devia ocupar-se deste assunto... O que preciso agora é saber com que havemos de matar a fome".

- Pork, algum de vocês foi aos Doze Carvalhos e a casa do senhor Mãe Intosh ver se ficou qualquer coisa nos campos?

- Não, senhora, ninguém saiu de Tara. os yankee podiam agarrar a gente,

-Vou mandar Dilcey a casa dos Mãe Intoshes. Talvez que lá descubra qualquer coisa. Eu irei aos Doze Carvalhos.

-Com quem ' minina Scarlett?

Só. A Babá não pode deixar as meninas, e o senhor Gerald...

Pork soltou um grito de reprovação, que teve como efeito exasperar Scarlett. Que não fosse ' insistiu ele, pois devia haver yankees por ali, ou vadios negros.

-Basta, Pork, Dize a Dilcey que parta imediatamente. Tu e Prissy tratareis de ir apanhar a porca e os leitões.

Deu estas ordens, e rodou nos calcanhares. Num cabide da varanda estava o chapéu velho mas limpo, com que .Babá se protegia do sol. Scarlett @ô-lo na cabeça e lembrou-se (como uma recordação longínqua) do chapéu de plumas verdes que Rhett lhe trouxera de Paris. Muniu-se dum cesto largo e começou a descer a escada da varanda. A cada pá~ sentia uma espécie de estremecimento, no crânio. Parecia-lhe que a espinha estava a querer furar-lho, a fim de sair por ali. O caininho que levava ao rio era vermelho e abrasador, cortando em dois o terreno do algodão, agora devastado. Nem uma árvore a cuja sombra se abrigasse! O sol atravessava o chapéu de Babá como se fosse de vidro; a poeira' entrava-lhe pelo nariz e secava-lhe a garganta. Onde os cavalos haviam passado, havia sulcos profundos: as rodas dos canhões tinham destruído as valas destinadas

à água. Viam-se pés de algodoeiro esmigalhados e encontravam-se cá e lá bocados, de arreios, botões, quépis azuis, botas rotas, tiras de uniforme, restos deixados por um exército em marcha. Scarlett passou diante dos cedros e do muro de tijolos que enquadrava o cemitério familiar. E diligenciou não

543

pensar na cova que fora recentemente aberta ao pé das três modestas sepulturas dos irmãozinhos. Arrastando-se quase, Searlett desceu o outeiro Poeirento, e passou rente aos cedros e à chaminé dos Slatterys, únicas coisas que lhes haviam ficado da propriedade. Esses Slatterys... bem podiam ter morrido todos no incêndio! Sem eles, Ellen não apanharia o tifo que a matou. Deu uma topada num calhau e soltou um gemido. Como se compreendia que Scarlett O'Hara, a rainha da região o orgulho de Tara andasse por ali a penar, quase descalça, naquele caminh@ escabroso? Os seus pèzinhos delicados tinham sido feitos para a dança; as chinelinhas não haviam sido destinadas para sair à rua. Nascera para ser servida e adulaa; ei-la afinal doente e andrajosa, acossada pela fome, disposta a vasculhar os quintais dos vizinhos a vi@r se descobria alguma coisa que comesse.

Na base da-colina deslizava o rio. Que bela a sombra das árvores tranquilas, que aí se ostentavam! Scarlett. sentou-se na margem baixa, descalçou as chinelas e as meias esburacadas e molhou os pés ardentes na água fresca. Seria tão bom fugir aos trabalhos de Tara, ficar ali sentada todo o dia, nesse lugar onde só quebravam o silêncio o rumor das folhas e o murmúrio do rio. Contudo e custasse o que custasse, precisava de se tornar a calçar e prosseguir o seu caminho. Os yankees tinham queimado a ponte, mas poucos metros abaixo dela sabia do tronco duma árvore que ligava as duas margens. Por aí enfiou com todas as cautelas, e daí a pouco trepava, a sol descoberto, a estrada que conduzia aos DGze Carvalhos.

Esses carvalhos, que tinham dado nome à quinta, erguiam-se lá como no tempo dos índios mas o fogo crestara-lhes as folhas e atacara os ramo,@. Formavam um círculo, no meio do qual se amontoavam as ruínas da casa de John Wilkes, essa residência senhorial que outrora' coroava o outeiro com as suas colunas brancas. Viam-se os alicerces calcinados, e, de pé, unicamente duas charninés majestosas: Atravessada na relva, estava estendida uma coluna, esmagando com o seu peso as moitas de jasmins.

Scarlett sentou-se nessa coluna. O espectáculo impressionava-a tanto que ela não tinha coragem de ir mais longe. Jazia por terra tudo que fizera o orgulho dos Wilkes. Assim desaparecera essa mansão imponente onde ela debalde esperara reinar um dia como castelã. Ali dançara, ceara, tivera

544

os seus namoros; ali observara, ciumenta, o modo como Melanie sorria a Ashley: ali também, à sombra fresca do arvoredado Charles Hamilton, louco de amor, apertara-lhe a mão qua@do ela lhe dissera que o aceitava por marido.

"oh, Ashley!" pensou. "Espero que tenhas morrido. Faltar-me-ia a coragem de te deixar ver tudo isto".

Aí conduziria Astiley a sua mulher; porém o filho deles, e o filho do filho, jamais residiriam acolá. Não se realizariam mais enlances nos Doze Carvalhos 'não haveria mais nascimentos debaixo desses tectos agora abatidos, A casa estava morta e, para Scarlett, era como se todos os Wilkes houvessem ali encontrado a morte, no meio das cinzas.

"Por enquanto não quero pensar nisto. Não resistiria. Mais tarde, mais tarde ... " murmurou ela, desviando a vista.

Contornou com dificuldade essas ruínas, passou defronte dos canteiros de rosas, atravessou o pátio e abriu caminho entre os escombros dos galinheiros e dos estábulos. Já não existia a vedação da horta, e os legumes tinham padecido a mesma sorte dos de Tara. Os cascos dos cavalos as rodas

pesadas haviam revolvido a terra mole e as planias foram esmagadas e afundadas. Lá não ficara nada -que Scarlett pudesse aproveitar.

Dirigiu-se às cubatas dos escravos, gritando: "Está aí alguém?" Mas nenhuma voz lhe respondia. Nem um cão, ao menos, que ladrasse. Sem dúvida que os pretos dos Wilkes haviam seguido atrás dos yankees. Sabia que cada escravo possuía um bocado de horta e foi até às cubatas na esperança de ver algum deles poupado.

Os seus esforços foram recompensados, todavia o cansaço era tanto que ela mal podia regozijar-se com o espectáculo dos nabos e das couves. Estes, ainda, que ressentidões da falta de água, sempre seriam aproveitados, assim como os feijões e os grãos cujas vagens amarelavam. Sentou-se no chão e, com mão, trémula, pôs-se a colher e a encher o cesto. Nessa noite haveria boa ceia em Tara, apesar da ausência de carne; aliás, não pareceria descabido temperar os legumes com aquela banha que Dilcey utilizava na iluminação. Diria à escrava que empregasse antes resina e guardasse a banha para os gastos da cozinha.

Atrás duma cubata descobriu uma fila de ceriouras e logo se lhe despertou o apetite. Uma cenoura, bastante amarga, eis o que o seu estômago reclamava! Mal teve tempo de esfregar a cenoura na saia, para lhe tirar a terra:

35 - vento ievou - 1

545

trincou logo metade e engoliu-a. Estava velha e dura e tão amarga que as lágrimas lhe acudiram aos olhos. Depressa o estômago se revoltou, produzindo-se vômitos.

O cheiro a catinga que se evolava da cubata aumentou-lhe o mal-estar, e, sem força para reagir, vomitou quanto pôde, enquanto via as árvores girarem em torno dela.

Ficou um bocado deitada. A terra estava macia como um colchão de penas. Assim prostrada, deixou-se invadir pelas recordações, que bailaram à sua roda como corvos atraídos pela morte. Já não tinha força para dizer: "Pensarei depois na mãe, no pai, em Astiley, em todas estas ruínas ... "

Via-se obrigada a pensar em tudo isso quer o quisesse quer não. Os pensamentos traçavam círculos em volta dela, aproximavam-se, fendiam-lhe o cérebro com unhas e bicos aguçados. Durante um tempo impossível de avaliar, ali ficou inerte, com a cara no chão, exposta ao sol a evocar coisas e pessoas desaparecidas, a recordar-se dum modo de vida para sempre extinto a considerar o futuro sombrio que à sua frente desdobrava tristes perspectivas.

Quando por fim se levantou e contemplou mais uma vez as ruínas enegrecidas dos Doze Carvalhos, dir-se-ia haver perdido um pouco da sua juventude, da sua beleza, e dessa reserva de ternura que outrora aí se continha. O passado era apenas o passado. Os mortos estavam bem mortos.

O luxo indolente dos dias pretéritos desaparecera de vez, nunca mais voltaria. E, com um gesto que significava admiravelmente a maneira como ela entendia portar-se daí por diante, enfiou o braço na asa do cesto e olhou em frente -já que não podia voltar atrás.

Em todo o Sul iria haver durante cinquenta anos mulheres que lançariam um olhar melancólico ao passado morto, aos homens mortos; que evocariam em vão coisas saudosas, que envolveriam a sua pobreza num manto de orgulho ferido. Mas Scarlett nunca mais olharia para trás de si.

A fome acicatava-a e ela disse em voz alta: -Tomo Deus por testemunha que os yankees não me vencerão. Resistirei, e, quando houver atravessado todas estas provas, não voltarei a ter o estômago vazio. Nem eu nem os meus. Ainda que tenha de roubar ou matar! Tomo Deus como testemunha, não terei toda a vida o estômago vazio!

546

Durante os dias que se seguiram, Tara bem poderia considerar-se a ilha deserta de Robinson Crusoe, tanta era a sua calma e o isolamento do resto do mundo. Na verdade, o mundo estava a poucas milhas de acolá, mas era como se milhões e milhões de ondas separassem Tara de Jonesboro, de Fayetteville, de Lovejoy ou mesmo das plantações vizinhas. Como morrera o cavalo, o único meio de transporte desaparecera com ele. E os habitantes de Tara não tinham nem tempo nem forças para se arrastarem por milhas e milhas ao comprido, dos caminhos de terra vermelha.

Às vezes, quando realizava um trabalho extenuante, ou quando afligia o espírito a matutar no que haveriam de comer, ou ainda quando prodigalizava incessantes cuidados às três enfermas Scarlett surpreendia-se a querer distinguir os ruídos familiares o riso dos moleques a brincarem à frente das cubatas, o ranger das carroças de volta das terras, o galope surdo do cavalo de Gerald, o chiar das rodas no saibro da alameda, a voz dos vizinhos que vinham tagarelar à tarde. Mas escutava em vão. A estrada continuava silenciosa e deserta, nenhuma nuvem de pó encarnado denunciava a aproximação de visitantes. Tara era uma ilha num mar de colinas verdes e de campos avermelhados. Algures existia o mundo, e famílias quecorniam e dormiam sossegadamente, debaixo do seu próprio tecto. Algures havia raparigas bem vestidas que namoravam e cantavam Quando a Guerra Acabar, como ela mesmo fizera algumas semanas antes. Algures prosseguia a guerra, troava o canhão ardiavam cidades apodreciam soldados nos hospitais, nua atmosfera de cheiros nauseabundos. Algures um exército descalço marchava, combatia e morria, de fome, esgotado e sem esperança. Algures, enfim, estavam os montes de Geórgia repletos de uniformes azuis: bem comidos e bem bebidos, os yankees montavam cavalos saciados de cevada. Para além de Tara, era a guerra, era o mundo. Mas na plantação a guerra e o mundo não existiam já senão na memória, em recordações que era forçoso rechaçar quando faziam a sua investida. E o mundo não era nada comparado com a exigência dos estômagos vazios; a própria vida se reduzia a duas ideias fundamentais: comer e achar com que comer. ,Comer! Comer! Por que é que o estômago tinha melhor memória do que a alma? Scarlett podia fazer calar a sua

547

4'''

dor; mas a fome, era impossível. Cada manhã, ainda ensonada, antes que se lembrasse de qualquer coisa Scarlett espreguiçava-se a saborear num meio sonho as &lícias do presunto frito e dos pãezinhos quentes.

Havia maçãs, inhames, amendoim e leite na mesa de Tara, mas até estes alimentos primitivos se apresentavam em quantidade insuficiente. Serviam-no três vezes por dia e, ao vê-los, Scarlett reportava-se aos bons tempos idos, às refeições de outrora, à mesa iluminada de vela e resplandecente do calor dos pratos.

Que pouca atenção davam nessa altura à comida! Que prodigioso desperdício! Pãezinhos, broas, torradas, tudo bem barrado de manteiga, tudo na mesma refeição... Presunto a um lado da mesa, galinha no outro, couves boiando em molho nos pratos de porcelana decorados de florinhas, montanhas de feijões, abóboras e cabaças, cenouras dentro dum creme tão espesso que se podia cortar à faca... E três pudins à sobremesa em que predominava o chocolate. A recordação destas coisas delicadas tinha o condão de levar lágrimas aos olhos de Scarlett, ao passo que a morte e a guerra não o tinham conseguido. E esse apetite robusto (que a Babá sempre havia censurado) aumentava agora com os trabalhos rudes e variados a que presentemente Scarlett estava condenada a fazer.

Aliás, em Tara, a sua vontade de comer não era única: para que banda se voltasse só via rostos esfomeados, de pretos e de brancos. Mais de um dia, Carreen e Suellen iriam sentir o apetite insaciável dos que escapam à febre tifóide. Já o pequeno Wade choramingava, a dizer que não gostava de inhame, que desejava outra comida.

O resto da família resmungava também.

- Minina, se eu comesse mais, podia dá mais leite às crianças -observava Dilcey.

- Sinhora, se eu tenho barriga mais cheia posso parti mais lenha.

-Ai que fome, minina! .-Oh, filha, vamos passar a vida a comer inhame?! Só Melanie é que não se queixava. Melanie cujas faces se tornavam mais magras e pálidas e se contrala com dores mesmo durante o sono. _ Não me apetece nada, Scarlett. Dá a minha ração de leite a Dilcey, que precisa para poder alimentar os pequenos. Os doentes contentam-se com pouco.

548

Esta abnegação, a que se misturava tanta delicadeza, tinha por efeito irritar Scarlett, que se sentia desarmada. Gerald, Wade, os pretos, todos se afeiçoavam cada vez mais a Melanie pois a despeito da sua fraqueza continuava afável e doce descendente, qualidades que faltavam então a Scarlett. Em especial Wade não saía do quarto de Melanie. O pequeno tinha qualquer coisa, isso era certo, mas a mãe não atinava com o que fosse nem lhe restava tempo para investigar. Por fim, aceitou a opinião de Babá, que declarava serem lombrigas, e administrou-lhe uma decocção de ervas secas e cascas, de que se servia para purgar os moleques.

O vermífugo, porém, só teve como resultado aumentar a palidez de Wade. Aquele pequeno, para a mãe, não passava dum tropeço: uma preocupação a mais, mais uma boca a sustentar. Lá para diante, quando a crise passasse, entreter-se-ia então com ele a contar-lhe histórias ensinar-lhe as primeiras letras. Agora não dispunha de vagares, nem pachorra. E, como ele se lhe agarrava às saias nos momentos menos oportunos Scarlett tratava-o com certa dureza.

Ahorrecia-se ver o efeito que os seus ralhos produziam no rapazinho: dava-lhe um ar tão assustado que ela receava pela inteligência da criança. Não percebia que Wade errava num ambiente de terror um terror que lhe perturbava o espírito e que, de noite, o fazia soltar gritos débeis. Ao mais pequeno rumor imprevisto, a uma simples palavra seca, ele ficava a tremer, pois na sua memória ruídos e palavras cruéis associavam-se à ideia dos yankees.

Até o cerco haver principiado, no meio de intenso canhoneio, Wade só conhecera uma existência plácida, só vivera rodeado de carinhos; certa noite, porém, fora arrancado bruscamente ao sono: vira a atmosfera abrasada, ouvira explosões ensurdecedoras. Nessa noite a mãe esbofeteara-o pela primeira vez e falara-lhe com severidade. Acabara-se a vida pacífica, a única que conhecia, da Peachtree Street, e essa perda parecia irremediável. Ao fugir de Atlanta, só percebera que os yankees o perseguiram, e continuava com imenso medo de ser apanhado por eles. De cada vez que Scarlett fazia voz grossa, para o censurar o medo tirava-lhe toda a energia e a memória recordava-lhe os horrores daquela noite em que, pela primeira vez, a mãe lhe falara de modo desabrido. Daí por diante os yankees e as descomposturas estariam associadas no seu espírito.

549

Scarlett não podia deixar de ver que Wade começava a evitá-la. Nos raros instantes em que os trabalhos lhe deixavam tempo para reflectir, ela experimentava profunda contrariedade. Era ainda pior do que ter o pequeno agarrado às saias. Maçava-a, notar que ele se refugiava na cama de Melanie onde se entretinha tranquilamente com as brincadeiras que ela lhe sugeria e onde se comprazia a escutar as histórias que ela lhe contava. Wade adorava aquela tia, que tinha uma voz tão cariciosa, que sorria sempre e nunca exclamava: "Cala-te, Wade! Fazes-me dor de cabeça! Por amor de Deus está quieto!"

Embora não tivesse tempo nem feitiço para o mimar, Scarlett sentia ciúmes de Melanie, por esta lhe tomar o lugar. Um dia, que encontrou Wade a fazer equilíbrio na cama de Melanie e a cair em cima da tia, não se conteve e deu-lhe uma bofetada. _ Não percebes que a tua tia está doente e que não deves estremecer a cama? Vai brincar para o quintal e não voltes tão cedo! Mas a outra estendeu o braço magro e puxou o pequeno.

- Eu bem sei que não era por mal, Wade. Ele não me incomoda, Scarlett. Deixa-o ficar ao meu cuidado. É tudo o que posso fazer, enquanto não melhora. Tu tens trabalho entre mãos...

- Não te faças tontinha, Melly. As tuas melhores não são ainda as que deviam ser, e não é com Wade, a saltar-te sobre o estômago que conseguirás restabelecer-te. Quanto a ti, pequeno, se volto a ver-te aqui aos pulos, aplico-te uma boa sova. Vamos, deixa-te de choramingar. Não fazes outra coisa! Vê se tens, juízo.

Soluçando, Wade foi esconder-se num canto da casa. Melanie mordeu os lábios e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. A Babá, que docorredor assistira à cena, franziu a testa e soltou um suspiro fundo. Mas nesse dia e nos que se seguiram ninguém ousou contrariar Scarlett. Toda a gente parecia temer a nova personagem em que ela estava a transformar-se.

Agora Scarlett reinava como senhora, absoluta de Tara. S= ia-lhe o mesmo que às pessoas investidas súbitamente nu função de autoridade: os instintos tirânicos dominavam-na. Não que ela fosse má por natureza; era porque tendo medo e não se sentindo segura de si própria, mostrava intransigência a fim de não lhe descobrirem a sua

550

falta de aptidão e se não recusassem a obedecer-lhe. Além disso, achava certo. prazer em falar alto, e verificar que a temiam. Finalmente, percebeu que isso lhe dava alívio, aos nervos exacerbados. Ela mesma se compenetrava de que ia mudando a sua personalidade. Às vezes, ao, gritar uma ordem, num tom que fazia Pork arrepiar-se e Babá murmurar qualquer coisa entre dentes Scarlett pensava como é que perdera tão, depressa as suas boas maneiras. Toda a cortesia e amenidade que Ellen lhe incutira começava a desprender~s,e como, folhas que se deslocam das árvores ao primeiro sopro frio do Outono.

Ellen não deixara, de repetir: "Sê firme mas amável, com os inferiores, sobretudo os pretos%. O @io,r é que, se ,se, mostrasse amável, os pretos não deixariam de passar o di@ inteiro na cozinha a falar interminavelmente dos bons tempos em que, fazendo serviço em casa, ninguém se lembrava de os mandar trabalhar nas terras.

"Trata. das tuas irmãs, e estima-as" dissera Ellen. "Prodigaliza a tua ternura pelos que andam aflitos e sofrem". Nesse momento@, era-lhe impossível estimar as irmãs que não pagsavarri dum peso morto nos seus ombros. Qua@to a cuidar delas... Não lhes dava banho, não as penteava, não as alimentava, sacrificando-se até a marchar milhas e milhas diariamente ' à procura de hortaliças? Não aprendera a ordenhar a vaca se bem que a, apavorasse a ideia de o animal lhe dar márradas? Enfim, a bondade que a mãe preconizava reduzia-se a pura e simples perda de tempo. Se exagerasse a solicitude para, com w írmãs, estas prolongariam a sua permanência no leite, e o que convinha é que estivessem de pé e, mais depressa possível.

A convalescença -de Carreen e Suellen dilatava-se. Não recuperavam as forças e mantinham-se mergulhadas numa espécie de prostração. O mundo mudara enquanto elas jaziam inconscientes na cama. Os yankees tinham vindo, os escravos haviam fugido a, mãe morrera, Três factos incríveis que o espírito das @apaxigas a custo admitia. Chegavam a supor que deliravam ainda e que nã(> sucedera nada disso. Scarlett transformara-sQ tanto que mal se acreditaria fosse a mesma. Quando se aproximava das irmãs e lhes dizia por alto os trabalhos em que tencionava ocupá-las, Suellen e Carreen olhavam-na como, se tivessem o diabo à sua frente. Ficava além da sua compreensão a ideia de que já não possuíam uma centena de escravos

551

para as servir. Achavam inacreditável que uma O'Hara precisasse de utilizar os braços e as mãos. -Oh, Scarlett -observara Carreen, com o seu rosto infantil ensombrado pela consternação -eu nunca, poderia rachar lenha! Que seria dos meus dedos?

-Olha primeiro para os meus-respondia Scarlett, com um sorriso inquietante.

-J@; horrível, falar-me assim e à mana!-exclamava SuellIÉn.-Estou convencida de que é para nos meteres medo. Se a mamã fosse viva, não te deixaria dizer essas coisas. Rachar lenha' Essa agora! Convencida de que Scarlett procedia assim apenas por maldade, Suellen, no meio da sua fraqueza, encontrava ainda forças para detestar mais a irmã primogénita. Suellen estivera, quase a morrer. Perdera a mãe. Sentia-se só, tinha medo, precisava de ternura e de mimos. Em vez disto Searlett demorava-se todos os dias um bocado ao pé d@ leito das irmãs e com uma chispa de ódio nos olhos verdes, tratava de sab@r se elas iam melhorando e falava-lhes das camas por fazer, dos pratos a preparar dos baldes de água a encher, da lenha que devia, ser raú;ada. E dir- @se-ia que tirava prazer maligno em pormenorizar essas are as horríveis.

De facto, Scarlett tirava daí um, prazer maligno. 7'irinizava os pretos e dava suplícios às irmãs não só porque estava muito preocupada e cansada, para proceder doutro modo, mas porque isso lhe

permitia esquecer a amargura que ressentia ao ver que era falso tudo quanto a mãe lhe contara acerca da existência.

Nada do que a mãe lhe ensinara tinha o mínimo valor, e ao seu logro juntava-se a indignação. Não lhe vinha à ideia que Ellen fora incapaz de adivinhar o descalabro dessa civilização em que educara as filhas; que não podia ter suspeitado a desapareição das camadas sociais que tanto lhe ensinara a considerar. Não lhe ocorria sequer que, ensinando-a a, ser amável e galanté, boa e honesta simples e sincera, Ellen tivera em vista uma longa perspectiva de anos de paz, semelhantes em tudo aos da sua própria vida.

Desesperada, Scarlett dizia: "Nada, nada do que me aconselhou serve seja para o que for! De _que me serviria ser bondosa? Que valor tem a delicadeza? Mais valia ter aprendido a lavrar e a colher algodão como uma negra! Oh, mamã, como se enganou!"

552

Não se dava à canseira de pensar que já não existia o mundo bem ordenado de Ellen, que o substituíra um mundo brutal, onde todos os valores estavam trocados. Compreendia apenas, ou queria compreender, que a mãe se enganara,. Por isso se transformava rapidamente a fim de se adaptar a uma vida nova para que não fora preparada.

Só não mudaram os seus sentimentos em relação a Tara. Jamais, ao voltar, fatigada, dessa dura labuta através dos campos deixava de se alegrar à ideia de que chegava à sua casa. Já mais, reclinada na janela, contemplava as terras e m árvores sem se sentir penetrada por uma sensação de desvanecimento. Em nenhuma parte haveria uma herdade como aquela!

Quando admirava Tara compreendia em parte a razão pela qual havia guerra. Rhett enganava-se ao dizer que os homens se batiam por dinheiro. Não, combatiam era por essas áreas cheias de sulcos por esses prados verdes, por essas águas amareladas e indolentes, por essas casas brancas tão ridentes entre as magnólias. Eis as únicas coisas por que valia a pena lutar: a terra encarnada que pertencia aos pais, e passaria aos filhos, os tratos rubros, que daria algodão aos filhos e aos netos, Agora que não tinha mãe nem Ashley, que Gerald voltara infelizmente à infância, que o dinheiro, os escravos e o sossego haviam desaparecido uma noite, eram os campos devastados de Tara tudo quanto lhe restava. Bem lhe dissera o pai que a terra era a única coisa por que valia a pena combater!

Sim, Tara valia a pena que se lutasse por ela. Scarlett aceitava a luta. sem discutir, Ninguém lhe arrancaria a quinta! Ninguém a forçaria a viver nem aos seus às sopas dos parentes. Scarlett conservaria Tara, ainda @ue fosse preciso esfalfar os que lá viviam!

go

SCARLETT já estava em Tara havia duas semanas quando Uma das escoriações do pé-a, maior-começou a tomar mau aspecto e a inflamar. O caso é que lhe foi impossível calçar o sapato. Só podia andar assentando o calcanhar no chão. Ao ver todo aquele inchaço, invadiu-a o desespero. Se a ferida gangrenasse, como as dos soldados? E ela ali

553

sem médico! Apesar da sua amargura não desejava deixar a vida tão cedo. Quem se ocuparia d@ Tara, depois da sua morte?

Durante certo tempo acalentara a esperança de que Gerald voltasse ao que era, a fim de assumir as responsabilidades da plantação. Mas ao fim de duas semanas, perdera de todo as ilusões. Sab'la agora que, com -ou sem vontade, devia tomar nas suas mãos inexperientes a sorte da quinta e dos seus habitantes; Gerald passava os dias imóvel, como que perdido em sonhos. Quando a filha lhe suplicava algum conselho 'ele limitava-se a responder: "Faze o que te parecer melhor". Ou ainda, o que era mais triste: "Pede a opinião de tua mãe".

Não melhoraria, com certeza, e Scarlett enfrentava a verdade nua e crua. Gerald continuava na, crença de que * mulher estava viva, e esperava o seu regresso a todo * instante; vivia num país de fronteiras incertas, donde o tempo fora abolido, e cria sempre que Ellen se encontrava no quarto

contíguo. Quebrara-se-lhe a mola vital, desaparece a-lhe a confiança a audácia, a energia de que dera tantas provas. Ellen f@ra a espectadora diante da qual se representara o drama turbulento de Gerald O'Hara. Mas o pano caíra para sempre, tinham apagado as luzes da ribalta, e a assistência abandonara a sala. Só o velho comediante, aparvalhado, ficara em cena à espera que lhe soprassem a continuação do papel.

Nessa manhã a casa estava silenciosa. Toda a gente (excepto, Scarlett, Wade e as três doentes) fora para os brejos ver se apanhava a porca e os leitões. O próprio Gerald saíra do seu torpor e, arrastando a perna de sulco em sulco, passeava pelas terras apoiado ao ombro de Pork, com um pedaço de corda na mão livre. A força de chorarem, Suellen e Carreen haviam adormecido ' o que lhes acontecia pelo menos duas vezes por semana, quando pensavam na mãe. Melanie fora autorizada a sentar-se na cama, e, de pernas cruzadas debaixo, do lençol, segurava o filho com um braço e com o outro, o de Dilcey,

Para Scarlett, o silê'nêio, de Tara era coisa intolerável, porque lhe recordava em demasia o silêncio mortal dos campos desolados que ela atravessara, ao vir de Atlanta. Havia ocasiões em que a vaca e o bezerro não faziam o mais pequeno ruído. Não cantava nenhum pássaro. Scarlett encostara uma cadeira à janela aberta do seu quarto

554

e percorria com o olhar a alameda fronteira à casa, o relvado, e os prados desertos do outro lado da estrada. Tinha puxado as saias até ao joelho e estava assim com a cara apoiada ao cotovelo, no peitoril da janela. Junto dela, no chão, ficara um balde de água tirada da cisterna, no qual, de vez em quando, mergulhava o pé dolorido, fazendo ao mesmo tempo uma careta de dor.

Furiosa, enterrou mais o queixo no braço, Logo suceder-lhe aquilo quando mais precisãva das suas forças! Achava que os outros não conseguiriam apanhar os porcos extraviados. Se ela pudesse reunir-se, no mato, aos perseguidoreE@ desajeitados, arregaçaria as saias, pegaria na corda e apanharia a porca com um laço, num abrir e fechar de olhos.

Admitindo, porém, que sempre a agarravam. Que se passa-ria depois de a terem comido, e aos leitões? A -vida seguiria o seu curso, e a fome continuaria. Aproximava-se o Inverno e nada, havia que se metesse na. panela, nem sequer os restos miseráveis das hortaliças da vizinhança. Contudo, seria impossível manterem-se sem grão de bico, sorgo, papas de milho, arroz e muitas outras coisas. Além disso, necessitavam de sementes de algodão, e de milho, para lançar à terra na Primavera. Isto sem falar de vestuário. Como resolver todos estes problemas?

Às escondidas ela fizera inventário das algibeiras de Gerald e do cofre 'onde ele guardava o dinheiro. No decurso das investigações só apurara maços de vales da Confederação em três mil dólares em notas confederadas. "O suficiente para um jantar, agora que o dinheiro- dos confederados não vale três caracóis", Mas, supondo que encontrava coisas de mais valor, como ir fornecer-se de mantimentos? Por que permitira Deus que morresse o cavalo? O pobre animal que Rhett furtara solucionaria de certo modo o problema. Ah, se ainda existissem as belas mulas, cheias de vigor, os esplêndidos cavalos de tiro, a sua èguazinha, os garranos o garanhão, que atravessava o relvado como uma frecha!' Ao menos se lhe restasse o pior dos muares!

Enfim, paciência. Quando tivesse o pé curado, iria a Joriesboro. Seria a maior caminhada da sua vida, mas iria. Ailida que os yankees houvessem incendiado a cidade de lés a lés, ela decerto acharia alguém que a informasse onde adquirir provisões. Viu à sua frente o rostozinho triste de

555

Wade, que repetia sem cessar: "Não gosto de inhames, quero galinha, quero arroz ... ".

O sol que iluminava alegremente o jardim enevoou-se de súbito: eram as lágrimas que lhe furtavam a vista. Scarlett deixou cair de novo a cabeça no braço e diligenciou não chorar, De pouco sen, iam as lágrimas, naquela conjuntura! Aliás, só eram verdadeiramente úteis quando se queria conseguir um favor de qualquer homem. Enquanto tentava deter o pranto, cerrando com força as pálpebra@,

d'stinguiu o barulho dum cava](> a trote.. Mas não levantou a cabeça, Noite e dia, durante essa quinzena, parecera-lhe sempre ouvir trotar cavalos, como lhe sucedia imaginar o ruído das saias de Ellen, Antes que tivesse tempo de dizer "Vamos, não sejas tola", o coração pôs-se-lhe a bater precipitadamente, como sempre fazia, em ocasiões semelhantes.

Mas, com grande surpresa dela, o cavalo mudou o trote em passo, e Scarlett sentiu o som das ferraduras no saibro da alameda. Era, de facto, um cavalo. Os Tarletons? Os Fontaines? Ergueu vivamente a cabeça e descobriu um cavaleiro, um yankee. Num movimento instintivo, afastou-se para trás da cortina e observou o homem através do tecido transparente. O espanto sufocava-a, Era um indivíduo forte, de cara patibular. Dir-se-ia que ele amagava a sela com o peso do corpo. A barba preta, hirsuta, descia-lhe sobre a farda azul desabotoada. Com os seus olhinhos envesgados, ele observava muito calmo a residência dos O'Haras; depois apeou-se e, sem se apressar, amarrou as rédeas a um batente de madeira, ali posto adrede. Então Scarlett retomou fôlego, mas sentiu-se tão aturdida como se levasse um soco no estômago. Um yankee, um yankee de pistola à cinta! E ela estava só em casa, com três mulheres doentes e dois pequenos.

Enquanto o homem subia a alameda com todo o vagar, com a mão na pistola, investigando à esquerda e à direita, formou-se no espírito de Scarlett uma série de imagens confusas, como num caleidoscópio. Lembrou-se de tudo quanto a tia Pitty lhe contara em voz baixa, essas histórias de mulheres atacadas, moradias a arder, crianças feridas à baioneta, todos os horrores, enfim, que se resumiam nesta palavra: yankee!

Dominada pelo pavor, a sua primeira ideia foi ir esconder-se num armário. Depois pensou em meter-se debaixo

556

da cama. Por fim teve um desejo louco de descer pela escada de serviço e fugir para os pântanos. O que era preciso era escapar àquele homem, Então ouviu-o subir cauteloso os degraus da escadaria, depois penetrar no vestibulo... Já não era possível sair sem ser vista. Demasiadamente amedrontada para fazer um simples movimento, Scarlett sentiu o yankee passar dum quarto para outro. À medida que avançava, ele devia ir-se persuadindo de que a casa estava deserta e por isso usava de menos precauções. Ei-lo na sala de jantar, não faltaria nada para entrar na cozinha...

A esse pensamento, súbito furor se apoderou de Scarlett, furor tão brutal que ela teve a sensação duma punhalada no peito, Até o medo lhe desapareceu. Na cozinha! Havia dois tachos no forno, um cheio de maçãs, outro de diferentes legumes trazidos a muito custo dos Doze Carvalhos e da herdade dos Mãe Intoshes. Um jantar que mal chegaria para duas pessoas - e que se destinava a nove estômagos esfaimados. Havia duas horas que Scarlett resistia à tentação de ir à cozinha, mas impunha-se o dever de esperar pelos outros. E eis que aparecia um yankee que lhes ia comer essa magra refeição!

O diabo os levasse a todos esses malditos! Abatiam-se como gafanhotos e só partiam depois de deixar a desolação atrás de si. Em seguida, voltavam, para comer o que restava. Contraíu-se a barriga vazia de Scarlett. Jesus, esse yankee não teria ocasião de a roubar!

Descalça, dirigiu-se rapidamente à escrivaninha, quase sem sentir o ferimento do pé. Abriu o móvel sem ruído, tirou duma gaveta a pesada pistola que trouxera de Atlanta, a mesma que pertencera a Charles e de que ele nunca se servira. Vasculhou no estojó de coiro pendente da parede, ao lado do sabre, e extraiu uma espoleta que pôs no lugar devido, sem que a mão lhe tremesse. Silenciosa e ligeira, atravessou o corredor e desceu os degraus, apoiando uma das mãos à balastrada e segurando na outra a Pistola bem apertada contra a coxa, a fim de a dissimular nas pregas da saia. - Quem vem lá? - perguntou a voz fanhosa do yankee. Scarlett parou a meio da escada. As veias latejavam-lhe Com tanta força que mal ouviu o outro dizer em seguida:

- Alto ou faço fogo!

O homem estava no limiar da casa de jantar, pronto a

557

dar o ataque. Tinha uma arma na mão, na outra uma caixinha de costura onde havia um dedal, tesoura e agulheiro, tud de ouro. Scarlett sentiu as pernas gelarem-se-lhe até aos joelhos, mas a raiva esquentou-lhe as faces, A caixa de costura de Ellen na mão daquele indivíduo! Quis gritar: "Largue-a seu ..." mas as palavras recusaram-se a sair. Só pôde olhar fixamente para o militar, por cima do corrimão, e ver a mudança que se operara na cara, dele. A expressão dura transformou-se num sorriso meio desdenhoso, meio amável. _ Então sempre há gente nesta casa - comentou, metendo a pistola no estojo e aproximando-se até ficar mesmo por baixo de Scarlett. - Está sózinha, minha linda menina?

Rápida como um relâmpago, Scarlett brandiu a arma e apontou-a àquela cara barbuda e estupefacta. Antes que o homem pudesse levar a mão ao cinto, ela premiu o gatilho. O recuo fê-la cambalear, ao mesmo tempo que o estridor de detonação lhe enchia os ouvidos e o cheiro acre da pólvora lhe irritava as narinas, O homem caiu para trás e estendeu-se na casa de jantar com um estrondo que fez tremer a mobília, Escapou-se-lhe a caixa das mãos espalhando o conteúdo em redor dele. Sem ter a mínima ideia do que fazia, Scarlett desceu a escada, inclinou-se sobre o militar e ficou a observá-lo: o buraco sangrento na altura do nariz, os olhos vítreos queimados pela pólvora...

Enquanto o mirava assim, viu correr dois fios de sangue para o soalho, um vindo da cara, outro de trás da cabeça. Estava morto, pois, Não havia dúvida nenhuma. Scarlett matara um homem!

O fumo subiu em volutas até ao tecto e os pequeninos arroios rubros engrossaram-se-lhe aos pés. Durante um tempo que lhe foi impossível determinar, ela ficou ali sem fazer nada, mexer, e no silêncio morno e brando dessa manhã de Verão todos os sons, todos os odores pareciam tomar uma importância exagerada, o bater descompassado do coração, o leve rumor das folhas da magnólia, o pio longínquo duma ave nos pântanos, o aroma das flores que entrava pela janela.

Scarlett matara um homem, ela que evitava sempre assistir à morte da raposa quando ia à caça, ela que não podia suportar os guinchos dos porcos quando os matavam nem o grito dum coelho apanhado na armadilha. "Um assassinio", pensou confusamente. ",Cometi um assassinio.

558

"Coino é Possível que isto me acontecesse?" Poisou a vista na mão cabeluda que estava tão próxima, da caixa de costura e, de súbito, retomou consciência da realidade, invadiu-a uma alegria feroz. Por pouco não enfim! ou o calcanhar na ferida aberta para gozar o estranho prazer de sentir o sangue morno no pé descalço. Principiara a vingar Ellen, a vingar Tara---

No primeiro andar soou um ruído de passos precipitados e incertos, Depois sucedeu uma pausa e o ruído de passos recomeçou mais fraco, nítido e rápido, e acompanhado pelo tilintar dum objecto metálico. Scarlett alçou a cabeça e viu Melanie no alto da escada. Como único vestuário trazia uma camisa esgarçada e, com o braço débil, segurava a custo o sabre de Charles. Num relance, Melanie viu toda a cena, nos mais pequenos pormenores, descobriu o cadáver fardado de azul e estirado num mar de sangue, a caixa de costura, Scarlett descalça, de rosto lívido, com a pistola na mão... Não disse uma palavra, mas o olhar encontrou o de Scarlett. No seu rosto geralmente suave estava estampado o orgulho feroz, o sorriso exprimia aprovação e alegria, que se aparentavam intimamente com os sentimentos tumultuosos despertados no coração de Scarlett,

Transtornada, esta contemplou a mulher franzina e vacilante por quem jamais experimentara outra coisa além de aversão e desprezo. E, a isto, substituiu-se um sentimento de admiração e camaradagem, que lutava contra o ódio votado à mulher de Asbley, Num relâmpago de clarividência, que nenhuma comoção mesquinha alterou, viu que sob o tom amável e c, olhar meigo de Melanie havia uma delgada lâmina de aço que por nada se deixaria quebrar, e compreendeu também que nas veias de Melanie podia perfeitamente correr sangue heróico.

- Scarlett! Scarlett! - gritaram Suellen e Carreen com voz fraca, abafada ainda mais pela espessura da porta. Wade chamou também: - Tia, tia! - Melanie pôs um dedo na boca e depois, descansando o sabre no degrau, atravessou com dificuldade o corredor do, primeiro andar e foi abrir a porta do quarto das doentes, -Não tenham medo, pequenas! - murmurou em tom indiferente, bastante alto

para que se ouvisse no rés-do-~chão. -A vossa irmã estava a tirar a ferrugem à pistola, de Charles e esta disparou~se. Apanhou um susto,... Wade, a tua mãe deu um tiro com

559

'á@ â

@'. @1Êd

a arma do papá. Quando fores crescido, poderás fazer o mesmo.

"Que estupenda simuladorat" pensou Searlett, cheia de admiração. "Eu não seria, capaz de inventar uma história dessas, tão depressa. Mas de que serve mentir? Acho que toda a gente deve saber o que eu fiz".

Examinou outra vez o cadáver e, enquanto a fúria se lhe dissipava, surgia-lhe a sensação---de horror, que a fazia tremer dos pés à cabeça. Melanie notou isso e achou da sua obrigação descer a escada, agarrando-se cuidadosamente ao corrimão.

-Vai-te deitar. Estás louca? -disse-lhe Scarlett. Mas a outra, mordendo os lábios descorados, continuou a descer os degraus e chegou ao vestíbulo.

- Scarlett- murmurou -é necessário levá-lo daqui. Temos de o enterrar. Não devia andar só, e, se o encontram aqui... - Dizendo isto, apoiava-se ao braço da cunhada.

- Não, creio que vinha só - respondeu esta última. -

Não vi mais ninguém, da janela., Calculo que seja um desertor.

- Ainda que estivesse só, convém que ninguém saiba o que se passou. Os pretos podiam dar à língua e então viriam prender-te. Temos de o esconder seja lá onde for, antes que os nossos regressem.

Estimulada por estas palavras de Melanie, proferidas em tom angustioso, Scarlett pôs-se a reflectir.

-Podia enterrá-lo num canto do jardim, talvez onde Pork escondeu o barril de aguardente. A terra ali está mole. Mas como levá-lo até lá?

- Puxamos, cada uma de nós, por uma perna - propôs Melanie 'enchendo-se de energia. E Scarlett, embora contra vontade, não pôde deixar de sentir ainda mais admiração pela irmã de Charles.

-Tu não podes com um gato morto pelo rabo...- Eu é que vou puxá-lo - declarou. - Volta para a cama. Isto faz-te mal.

- És muito boa, Scarlett -volveu Melanie, beijando a amiga. E, antes que esta se recompusesse da surpresa, a outra continuou: -Se puderes levá-lo... eu vou tentar pôr tudo em ordem, antes que os nossos voltem. Achas que é muito feio passar-lhe busca à mochila? Talvez tenha coisas de comer...

-Não me parece -retorquiu Searlett, vexada por não

560

ter pensado nisso mais cedo. -Em todo o caso, procura, enquanto eu lhe passo busca às algibeiras.

- Meu Deus! - exclamou, exibindo uma carteira volumosa embrulhada num lenço. - Melly, parece-me que está cheia de dinheiro.

Melanie não deu resposta, mas sentou-se bruscamente no chão, de costas apoiadas à parede.

- Olha, Melly! Olha! - prosseguiu Scarlett. Melanie obedeceu e os olhos pareceram dilatar-se-lhe.

Havia inúmeras notas dos Estados Unidos de mistura com outras dos Confederados. E no meio dela@ lançando pálidos reflexos uma linda moeda de dez dóiares e duas de cinco dólare@, todas de oiro.

- Não te distraias a contar isso - recomendou Melanie.

- Não temos tempo.

-Já te compenetraste do que significa para nós todo este dinheiro?

-Bem sei, bem sei, mas agora não há tempo. Examina as outras algibeiras. Eu trato da mcchila.

Scarlett tinha pena de abandonar a. carteira. Que brilhantes perspectivas se abriam à sua frente!

Havia, pois, um Deus que providenciava pelas necessidades dos seres humanos, ainda que o fizesse por estranhas vias... Sentou-se e contemplou o dinheiro, sorridente. Teriam com que comer!

Melanie tirou-lha das mãos.

- Despacha-te! Os bolsos das calças não, continham nada além dum coto de vela, duma onça de tabaco e dum bocado de barbante. Melanie tirou da mochila um embrulhinho de café que aspirou como se se tratasse do mais delicado perfume. Espantada, retirou ainda uma miniatura de criança, ornada de pérolas; um broche de granate; dois braceletes grossos, de oiro guarnecidos de cadeiazinhas também de oiro; um dedal i@@almente de oiro; uma tesoura do mesmo metal; uni anel de brilhantes; e um par de brincos, terminando cada qual por um brilhante enorme, que as duas raparigas, apesar da sua ignorância do assunto, calcularam dever ultrapassar um quilate.

- Que ladrão! - exclamou Melanie com voz sufocada, afastando-se do cadáver. - Scarlett, isto foi, com certeza, tudo roubado.

-Não tenhas dúvida. E veio cá para continuar a pilhagerin.

36 - Vento Levo,, - 1

561

- Ainda bem que o mataste - declarou Melanie, Agora avia-te. Leva-o depressa daqui.

Scarlett curvou-se, agarrou (> morto pelas botas e puxou-o com toda a força. Era tão pesado, e ela sentia-se nesse momento tão fraca! Se o não conseguisse arrastar? Voltando-se de costas para o cadáver, pegou unia bota em cada mão e inclinou-se para frente. Na febre desse trabalho, esquecerase do pé doente, mas uma dor aguda chamou-a à realidade. Rangeu os dentes e apoiou aquele pé, com toda a força, sobre o calcanhar. Puxando, esforçando-se, com o suor a cair-lhe da testa, ela atravessou o vestíbulo, rebocando o cadáver que deixava um rasto sangrento atrás de si.

- Se sujar o pátio, não será fácil limpá-lo -observou, já quase sem fôlego. - Dá-me a tua camisa, Melly, para lhe envolver a cabeça.

Melanie ruborizou-se. -Não sejas tola. Eu não olho para trás. Se tivesse uma "ia, um par de calças, não fazia cerimónia... Encolhida contra a parede, Melanie tirou a camisa e, depois de a ter atirado a Scarlett> sem dizer palavra, escondeu o melhor que pôde a sua nudez.

"Graças a Deus, que não tenho esses pudores" observou Scarlett consigo mesma. Não vira o ar contrafeit@ da outra, mas adivinhara-o. E na camisa de Melly, envolveu a cara mutilada do soldado'

Procedendo por arrancos sucessivos consoante o pé doente lho permitia, Scarlett conseguiu @hegar à varanda que dava para o pátio. Ali, detendo-se para limpar a testa com as castas da mão, virou-se e viu Melanie sentada junto da parede, a erguer desesperadamente osJoelhos para esconder os seios nus, "Que tolice, pôr-se com aqueles escrúpulos numa ocasião destas!" SemDre fora aquele aspecto pudibundo que desprezara na cunhada. Mas arrependeu-se daquele pensamento. No fim de contas, Melanie levantara-se fraca como estava, e viera em seu socorro com um sabre, pesado demais para ela. Aquilo exigia muita coragem, essa espécie de coragem que Searlett sabia não possuir, essa coragem dQ que Melanie dera provas depois da rendição de Atlanta, durante a viagem interminável... Coragem inquebrantável, sem brilho, comum aos Wílkes; Scarlett não a compreendia bem, mas, constringida, prestava-lhe homenagem.

.562

- Volta para a cama - repetiu. - Eu encarrego-me de limpar tudo, depois de o ter enterrado.

Ninguém perguntou donde viera o cavalo. Via-se jogo qu,e se perdera depois da última batalha, e todos ficaram muito contentes por ele ter ido parar ali. O yankee ficou metido na cova que Scarlett cavara. Por cima havia uma árvore e como os ramos desta estavam em grande parte apodreciãos, Scarlett fê-los cair no chão e eles cobriram por completo a sepultura do soldado.

O seu fantasma não se ergueu para vir pedir contas à causadora da morte, cujas noites decorriam em pura vigília. Nenhum sentimento de horror, nenhum remorso a invadia quando ela se recordava do cadáver, Scarlett admirava-se com isso, pois sabia que, um mês antes, seria incapaz de semelhante acção. A juvenil viúva 1-1@amilton, com as suas covinhas na cara, os seus brincos tilintantes e os seus ares de cr@aturinha indefesa... reduzir assim a um bolo a cara dum homem e enterrá-lo em seguida numa cova feita à pressa! E Scarlett teve um sorriso lúgubre ao pensar na consternação que semelhante ideia provocaria naqueles que a conheciam.

Tinha mudado muito mais do que supunha. Principiava a endurecer essa crosta que se lhe formara no coração, no dia em que havia estado deitada na horta dos escravos, na quinta dos De Carvalhos,

Agora, que possuía um cavalo, podia ir saber o que era feito dos seus vizinhos. Desde a chegada a Tara que perguntava a si mesma, cheia de apreensões: "Seremos as únicas pessoas que restam na comarca? Morreriam todos os outros no incêndio das respectivas casas? Refugiar-se-iam em Macon? Assustava-a ser informada da verdade, porque do seu espírito se não apagara a lembrança das ruínas acumuladas nos De Carvalhos, nos Mac Intoshes e até nos Slatterys. Mas, enfim, talvez fosse preferível ouvir contar o pior a ficar continuamente naquela incerteza. Resolveu, pois, ir em primeiro lugar aos Fontaines, não porque fossem vizinhos mais próximos mas na esperança de encontrar aí o velho médico, Mãnie precisava de tratamento. Não convalescia como devia ser e a sua fraqueza e palidez inquietava Scarlett.

De forma que, ao poder suportar um saDato no pé doente, ela montou logo no cavalo do yankee-. E partiu
563

através dos campos em direcção à fazenda das Alimosas', persuadida de que a acharia reduzida a cinzas.

Com grande surpresa e satisfação, viu aparecer a antiga residência de estuque amarelado, no meio do bosque de mimosas, Invadiu-a uma onda de felicidade, prestes a fazê-la chorar, quando as três senhoras Fontaines saíram de casa para a receber de braços abertos, Entretanto, após as demonstrações de júbilo de parte a parte, e já todas sentadas na casa de jantar, Scarlett sentiu percorrê-la um arrepio. Os yankees não haviam levado até ali a devastação, porque as Mimosas se encontravam fora da estrada nacional. Os Fontaines conservavam, pois, todas as suas coisas intactas, assim como os animais- contudo a propriedade parecia envolta no mesmo silêncio estranho que pesava sobre Tara. Com excepção de três mulheres empregadas nos trabalhos domésticos, todos os escravos tinham fugido, atemorizados pela aproximação dos yankees. Não se via ali ninguém do sexo masculino além de Joe, filho de Sally, ainda excessivamente criança. Sêzinhas na residência, habitavam os quartos a avó Fontaine (já com mais de setenta anos), a nora (que, apesar dos seus cinquenta anos, ainda era charriada menina) e Sally que acabava de entrar na casa dos vinte. Viviam bastante afastadas dos seus vizinhos, sem terem quem as protegesse; mas não sentiam medo, ou pelo menos não no mostravam. "Naturalmente é porque Sally e a sogra receiam a velha", pensou Scarlett. Esta também se apavorava diante da Fontaine, porque a outra era Pessoa perspicaz e de língua de prata, coisas que Scarlett já tivera ocasião de verificar por experiência própria, Embora não as, unissem laços de sangue e as separassem grande diferença de idade, existia certa comunidade de espírito e de sofrimento que as unia umas às outras. Todas três usavam luto (vestidos tingidos em casa), todas três eram tristes, de ar-preocupado, todas três distilavam uma amargura que não, se manifestava era lamentações, mas que todavia lhes aflorava aos sorrisos e às palavras de acolhimento. Isso, contudo, tinha explicação. Os escravos haviam fugido, o dinheiro delas já não valia nada, o marido de Sally morrera em Gettysburgo, e a senhora do meio era também viúva, porque o segundo Dr. Fontaine falecera de disenteria em Vicksburgo. Os dois outros rapazes, Alex e Tony, estavam algures em Virgínia,

564

Ninguém sabia se -mortos ou se vivos. Quanto ao velho Dr. Fontaine, partira com a cavalaria, de Wheeler.

- Sabe o que se passa em Atlanta? - perguntou Scarlett, depois de se terem instalado confortavelmente, -Tara é um verdadeiro desterro.

- É o que acontece a todos - declarou a velha, apoderando-se da conversa como era seu costume.-A nós sucede o mesmo, Só sabemos que Sherman acabou por se apoderar da cidade.

-Ah, sim?! E onde se batem agora? -Como quer que três mulheres estejam ao facto da guerra, se vivem longe do mundo e não lêem jornais? Uma das nossas escravas falou com um preto que tinha encontrado outro que fora a Jonesboro, Diz-se que os yankees só se demoram em Atlanta para descanso das tropas e dos cavalos. Se é ou não verdade, a menina está tão apta como nós a sabê-lo. Não é que não precisem de repouso, depois do combate que nos deram,

-E a Searlett em Tara todo este tempo, sem que a gente a suspeitasse! - acudiu a segunda Fontaine. - Não perdoo a mim mesma não ter ido visitá-la, a cavalo. Mas há tanto que fazer aqui... depois que os nossos escravos partiram! Enfim, não me portei como boa vizinha... Mag também julgãrnos que os yankees tivessem queimado Tara como queimaram os Doze Carvalhos e a casa dos Mae Intoshes. Também pensámos que estivessem em Macon. Que voltasse para a sua quinta, Scarlett, é que nunca me Passou pelacabeça!

-Demais a mais-acudiu a velha Fontaine-os pretos do senhor O'Hara vieram aqui, aterrados, dizer que os yankees iam incendiar Tara...

- E então era natural supor... - observou Sally.

- Deixa-me falar se fazes favor -interrompeu a avó.

- Sim, senhora disse-eram-nos que os yankees haviam instalado lá o seu quartel-general e que a família se preparava para seguir em direcção a Macon, Nessa noite, vimos um clarão para os lados de Tara. Durou horas esse clarão. Os nossos pretos tiveram tanto medo, que fugiram-i, Que é que ardeu?

- Todo o nosso algodão... coisa para cento e cinquenta mil dólares - respondeu Scarlett, no mais amargo dos tons.

- Alegre-se por não ter sido a casa - comentou a avó Fontaine, com o queixo apoiado ao castão da bengala. -

565

Algodão pode-se semear outro e colher, mas a casa não seria fácil reconstruir. A propósito, já começaram a colheita do algodão?

-Não senhora temos as terras quase todas révolvidas. Calculo que tenhamos apenas com que fazer três fardos. E, se houvesse mais, de que serviria? Os nossos escravos debandaram todos e já não temos ninguém para a colheita.

Meu Deus, todos os seus escravos fugiram e não há quem possa colher o algodão! - repetiu a velha, repetindo o tom de Scarlett e lançando a esta um olhar irónico. -

Então que fazem as meninas das suas lindas mãozinhas?

- Eu, colher algodão? - exclamou a visita horrorizada, como se a avó Fontaine lhe houvesse sugerido um crime monstruoso. - Como uma escrava de lavoura? Ou uma dessas mendigas brancas? Como as Slatterys?

-Mendigas! Não há dúvida que esta nova geração é muito ociosa. Querem fazer todas de grandes senhoras! Dei- xe-me dizer-lhe 'minha filha, que eu era rapariga quando meu -pai perdeu todo o dinheiro que possuía. Não me envergonhei por ter de me servir honradamente das minhas mãos, de trabalhar na terra até que o pai economizasse o suficiente para tornar a adquirir escravos. Trabalhei de enxada, apanhei algodão, e tornaria a fazer tudo isso se fosse necessário... e talvez o seja. Com que então, mendigas?

- Oli, mamã! - interveio a nora, deitando-lhe um olhar implorador. -Já foi há bastante tempo! As condições de vida mudaram. Os tempos também.

-Os tempos nunca mudam quando se trata de realizar honestamente uma tarefa -declarou peremptória a avó Fontaine que não desarmava com facilidade. - Por causa da sua mãe Scarlett lastimo ouvi-la dizer que o trabalho honrado não é próprio das pessoas de certa classe. Quando Adão cavava e Eva fiava...

A fim de desviar o curso da conversa, Scarlett apressou-se a perguntar:

-E os Tarletons, e os Calverts? Queimaram-lhes as casas? Refugiaram-se em Macon?

-Os yankees não foram até aos Tarletons. Estão, como nós, afastados da estrada nacional. Mas foram aos Calverts, roubaram o gado todo, toda a criação, e levaram consigo os pretos -começou a , A avó interrompeu-a.

566 Prometeram a toda essa canalha das escravas vesti-

dos de seda e brincos de ouro. Contou-me Cathleen Calvert que alguns soldados partiram, com as pretas à garupa. Enfim, tudo o que não conseguiram há-de ser mulatinhos. E não me parece que o sangue yankee lhes melhore a raça.

- Oh, invernável! -Não te faças pudibunda, Jane. Somos todas casadas.

- Por é que não incendiaram a residência dos Calverts? -Graças às súplicas da nova Calvert e às do seu feitor Hilton, que é yankee -explicou a velha, que insistia em chamar "nova Calvert" à segunda mulher do dono da propriedade, embora a primeira já tivesse morrido há vinte anos. -Parece que Cathleen jurou ser nortista dos quatro costados. Então o Calvert, que se bateu pela Causa? E Raiford, que foi morto em Gettysburgo? E Cade, que está em Virgínia, com o nosso exército? Cathleen finge-se agora arrependida e diz que mais valia terem queimado a casa. Acrescenta que o Cade, ao voltar, há-de fazer escândalo, quando souber o que se passou. Mas que admiração? Isto acontece aos que se casam com yankees. As yankees não têm orgulho, não têm decência: o que querem é salvar a pele. Como se compreende que não tenham incendiado Tara, Scarlett?

Scarlett pensou uns segundos antes de responder. Sabia que a pergunta seguinte havia de ser:

"Como vão os seus pais? A sua querida mamã?" Sabia que lhe era impossível dizer a essas mulheres que Ellen morrera. Sabia que dando-lhes a notícia elas comungariam da sua dor e o resultado seria uma crise de lágrimas. Não, não queria chorar. Ficaria doente. Coibira-se até aí mas, uma vez abertas as comportas, a coragem abandona;-Ia-ia com o pranto. Contudo, se calasse aquele facto, as Fontaines jamais lhe perdoariam, Em especial a avó, que adorava Ellen.

- Então? - insistiu a velha. - Não tem nada a contar-nos?

- Compreendem... eu só voltei para casa depois da batalha. Os yankees já tinham partido. O papá... disse-me que... conseguira poupar a casa porque Suellen e Carreen estavam com febre tifóide... e não as podiam mudar.

- É a primeira vez que ouço dizer que os yankees fizeram uma boa acção -declarou a velha, como se lastimasse ver-se obrigada a ser justa para com os invasores.-E as pequenas, como vão agora?

-Vão melhorando. Estão quase restabelecidas, mas

567

continuam muito fracas - respondeu Scarlett. Vendo os lábios da velha formularem outra pergunta, a que ela receava, tratou logo de mudar de conversa. - Eu... eu vinha pedir que nos emprestassem qualquer coisa de comer. Os yankees devoraram tudo, como uma nuvem de gafanhotos. Mas, se também estão reduzidas ao estritamente necessário, sejam francas.

- Mande-nos Pork com uma carroça e terá metade do que nós possuímos quanto a arroz, farinha e toucinho. Juntaremos umas galinhas - acrescentou a velha, deitando a Scarlett uma olhadela penetrante.

-Oh, é demais! Eu, realmente... -Não diga nada, não quero ouvir. Então de que serviria ser-se vizinhos?

- É tão bondosa, que não posso... Agora, tenho de voltar. Vão inquietar-se com a minha ausência. A avó Fontaine levantou-se e tomou o braço de Scarlett.

- Fiquem aqui, vocês duas - ordenou, empurrando Scarlett para a varanda das traseiras. - Preciso dizer uma coisa a esta rapariga. Ajude-me a descer os degraus, Scarlett.

Jane e Sally despediram-se da visita e prometeram-lhe retribuir quando pudessem. Estavam impacientes por saber que é que a velha queria dizer a Scarlett, mas só teriam conhecimento disso se aquela lhe desse na veneta contar-lhes.

Scarlett pegava já nas rédeas do cavalo, sentindo-se vagamente aflita, quando a Fontaine começou:

- Ora escute... Que se passou, ao certo, em Tara? Que me oculta?

Cruzando o seu olhar com o da interlocutora, Searlett compreendeu que podia declarar a verdade sem verter lágrimas. Ninguém podia chorar diante da velha Fontaine sem sua expressa autorização. -A mamã morreu-disse simplesmente Scarlett. A outra apertou-lhe o braço até lho fazer doer. As pálpebras bateram-lhe por várias vezes.

-Foram os yankees que a mataram?

- Não, senhora. Morreu de tifo... na véspera da minha chegada.

- Esqueça - disse a velha em tom autoritário. - E o seu pai?

- O pai... já não é o mesmo.

568

- Que quer dizer' *' Está doente? -A comoção... tornou-o tão esquisito, tão... -Em suma, ficou avariado do juízo? Era um alívio ouvir expor a verdade em tenpos tão categóricos. Que bondade a daquela mulher em lhe'poupar lástimas que só serviriam para lhe provocar o choro!

-Sim, senhora, é isso. Porta-se como um alucinado e às vezes parece não se lembrar que a mamã morreu. Áli, custa tanto vê-lo estar à espera dela, uma pessoa que noutro tempo não tinha paciência nenhuma para isso! De qí@ando em quando, depois de ter estado de atalaia, ergue-se dum pulo, sai de casa e vai ao cemitério. Depois volta cabisbaixo, com os olhos inundados de lágrimas 'e não cessa de repetir: "Katie Scarlett, a senhora O'Hara morreu. A tua mãe morreu". E diz aquilo como se o fizesse pela primeira vez! Outras vezes, alta noite, oiço-o chamar por ela. Levanto-me e vou ao seu quarto. Explico-lhe então que a mamã foi ver um escravo doente. Ele'revolta-se, porque a mamã se cansa em excesso, com a mania de tratar dos outros. Custa tanto a obrigá-lo, a deitar-se de novo! Recaiu na infância. Gostava muito que o Dr. Fontaine fosse lâ. Tenho a certeza de que faria qualquer coisa pelo meu pai. Além disso, Melanie também precisa de médico, Ainda não se restabeleceu do parto como devia.

-Melly? Teve un; filho? E está consigo? -- Está sim 'senhora. -Por @ue não foi para Macon, com a tia e os outros parentes? Nunca pensei que gostasse tanto dela, Scarlett, embora saiba que é irmã de Charles. Vamos, conte-me tudo isso.

- São contos largos. Vai cansar-se, assim de pé...

- Não faz mal. E é preferível que as outras não oiçam, por causa das lamentações. Vamos. Sou toda ouvidos.

Com voz ofegante Scarlett começou o seu relato pelo cerco da cidade e grav`ldez de Melanie. À medida que falava, sob o olhar perscrutante da velha Fontaine, ela foi encontrando as palavras de que necessitava para dar toda a intensidade e horr-or dos acontecimentos em que se vira envolvida. Acorreu-lhe tudo à memória, o calor tremendo do dia em que o pequeno nascera, a sua angústia torturante, a fuga, a deserção de Rliett. Referiu-se à escuridão impressionante da noite, aos fogos de bivaques que tanto Podiam indicar a presença de amigos como de inimigos, às, chaminés lúgubres que via ao sol da manhã, aos homens

569

e cavalos mortos à beira das estradas, à fome, à desolação, ao receio de que Tara estivesse incendiada...

- Eu pens,@va que, conseguindo chegar a casa, a mamã trataria de tudo e que eu podia descartar-me dos fardos. Pelo caminho, dizia comigo que já conhecera o pior; mas, ao saber da morte dela, fiquei para sempre a saber o que é o pior, afinal.

Baixou os olhos e esperou que a velha falasse por seu turno. O silêncio, porém, durou tanto que Scarlett ficou na dúvida se a senhora Fontaine compreendera bem qual o estado de depressão em que se achava, Enfim, a voz da outra fez-se ouvir, cheia de doçura, mais branda do que nunca.

-Minha filha, é muito triste para uma mulher conhecer o pior, pois não tem, depois disso, mais nada a recear. E' mau é também que não se tenha nada a temer. Imagina talvez que eu não entendo o que

me contou... as proações por que tem passado? Pois entendo tudo isso perfeitamente. Quando tinha mais ou menos a sua idade fui apanhada na revolta de Creek, logo depois da chacinà do Forte Minis. Sim, devia ter mais ou menos a sua idade, pois já decorreram uns cinquenta anos. Tive de me esconder na mata e de lá é que vi incendiarem a casa, sem lhe poder acudir. Vi os índios torturar meus irmãos e minhas irmãs. A minha única salvação era conservar-me tranquila e pedir a Deus que o clarão do incêndio não iluminasse o sítio em que eu estava escondida. Depois agarraram minha mãe e mataram-na a pouca distância de mim. Para ter a certeza de que ficara bem morta, um dos índios voltou atrás e espetou-lhe a lança na cabeça. Eu... eu era a filha querida de minha mãe e tive de assistir a tudo isso. Ao nascer do Sol, pus-me a caminho para a plantação mais próxima, coisa dumas trinta milhas. Gastei três dias no trajecto através de charcos e de bandos de índios. Quando encontrei o Dr. Fontaine, que me tratou, julgaram que eu ia enlouquecer. Foi há cinquenta anos, como disse, Depois disso nunca mais tive medo de nada nem de ninguém, porque havia conhecido tudo o que há de pior. Esta ausência de medo trouxe-me sérios aborrecimentos e custou-me grande parte do bem-estar. Deus quer que as mulheres sejam tímidas. Não é natural serem corajosas, Scarlett, guarde um pouco de medo, assim como alguma coisa a que tenha amor...

570

N@@ ---, --- -

A voz enfraqueceu-lhe e ela calou-se. Scarlett estava impaciente. Julgava que a avó Fontaine lhe iria ensinar um meio de resolver os problemas que a obsidiavam, Mas, como todas as pessoas velhas, a outra falara do passado., do que já não interessava a ninguém. E Scarlett arrependia-se de lhe ter feito confidências.

-Volte para casa, minha filha, podem assustar-se com a sua demora - recomendou de súbito a Fontaine. -Mande o Pork com a carroça, esta tarde. E não julgue que poderá desembaraçar-se desse fardo, É impossível, sou eu quem lho diz.

O Verão de S. Martinho prolongou-se, nesse ano, até ao fim de Novembro. Foram os melhores dias que os moradores de Tara presenciaram. O pior havia já passado. Agora já possuíam cavalo e não precisavam andar a pé, Tinham ovos ao almoço e toucinho ao jantar, com o que quebravam a monotonia dos inharnes, dos amendoins e das maçãs assadas, Houve uma ocasião em que chegaram a comer galinha! Acabaram por apanhar a tal porca erradia a qual, acompanhada da sua prole ficou instalada nas tr@seiras da casa. As vezes os leitões1@hos grunhiam de modo inesperado, mas, enfim, não se considerou aquilo um barulho muito desagradável. Quando viesse o Inverno haveria carne de porco fresca para os brancos e tripas para os pretos. Não faltaria carne durante a estação fria.

A visita às Fontaines levantara o moral de Scarlett, mais do que ela supunha. Bastava o facto de saber que tinha vizinhos para que se considerasse menos isolada. Além disso, as Fontaines e os Tarletons haviam-se mostrado o mais generosos possível, dividindo com os O'Haras o pouco que possuíam. A tradição da comarca exigia que se ajudassem mutuamente. Não aceitaram um cêntimo de Scarlett, alegando que ela teria feito o mesmo por eles e que os podia reembolsar em géneros no ano próximo. Tara começava a produzir,

Daí por diante Scarlett tinha com que alimentar a família.

Disponha de cavalo de dinheiro, de ^jóias tornadas ao desertor yankee; mas do que mais necessitava era de vestidos. Sabia quanto era arriscado mandar Pork ao sul comPrar roupa, pois o cavalo podia ser apanhado quer pelos nortistas quer pelos confederados. Mas, fosse como fosse,

571

possuía dinheiro para adquirir vestuário; havia um veículo e animal para o puxar, dum momento para outro estava apta a enviar o preto em viagem e talvez o deixassem prosseguir o seu caminho. O pior, efectivamente, já passara.

Todas as manhãs, ao levantar-se Scarlett agradecia a Deus a bênção do céu azul e do sol @enéfico, pois cada dia quente retardava a hora em que teria de. envergar trajes mais espessos. E cada dia de calor provocava maior colheita de algodão. As terras estavam a produzir mais do que Scarlett e Pork haviam calculado. Fariam provavelmente quatro fardos e não tardaria que as cubatas ficassem cheias de algodão. .Apesar da observação da velha Fontaine, Scarlett ainda não admitira a hipótese de ir trabalhar nos campos. Não se concebia que uma senhora O'Hara, agora dona de Tara, se incumbisse de tarefas dessa ordem: isso fá-la-ia descer ao nível duma Slattery. Metera-se-lhe em cabeça emprregar nesse trabalho os pretos, enquanto ela e as convalescentes se ocupariam dos serviços domésticos. Mas esbarrou com um preconceito de casta muito mais forte do que o seu. Pork, Babá e Prissy soltaram gritos agudos só ao pensarem que podiam encarregã-los da lavoura. Repetiram, em todos os tons, que eram criados e não cavadores. Babá, em particular, declarou que recebera a sua educação na casa grande dos Robillards e que dormira lá no quarto da senhora, numa cama baixa ao lado daquela em que ficava a sua dona. Só Dilcey se calou, mas fitou Prissy com tal intensidade que a pequena se sentia constrangida.

Scarlett fez ouvidos de mercador a essas lamentações e mandou-os todos para os campos de algodão. Contudo, Babá e Pork trabalhavam tão devagar e queixaram-se tanto que Scarlett reenviou Babá para a cozinha e despachou Pork para a mata e para o rio, com ordem de apanhar coelhos nas armadilhas e peixes no anzol. Apanhar algodão não era digno de Pork, nias caçar e pescar condiziam muito bem com a sua pessoa,

Depois disso, Scarlett experimentara utilizar as irmãs e Melanie, mas a coisa não dera resultado.

Uma hora ao sol bastou para que Melanie desmaiasse, sendo necessário ficar oito dias de cama. Suellen, choramingas e rabugenta, fingira desmaiar também, mas recompusera-se logo que a irmã

lhe atirou à cara um balde cheio de água. O caso é que se recusou categoricamente e continuar.

1

-Não quero trabalhar como uma negra! Não me podes obrigar a iSSO! Imagina que os nossos amigos sabiam... que chegava aos ouvidos do senhor Kennedy! Ah, se a mamã visse!...

- Repete o nome da mamã e esborracho-te a cara! -

ripostou Searlett. - A mãe tra@alhava mais do que os pretos na plantação, como tu sabes muito bem. Deixa-te de tomar esses ares importantes. . -Não é verdade. E ' seja como for não trabalhava nas culturas. Não me podes obrigar a isso. @ueixo-me ao papá...

- Livra-te de ires aborrecer o pai com essas criancices!

- bradou Searlett, ao mesmo tempo indignada e receosa de qualquer explosão de Gerald.

- Eu ajudar-te-ei - acudiu Carreen, obsequiadora. -

Trabalharei por duas. Bem vês que Sue ainda não está boa e que não pode expor-se ao sol...

- Obrigada, Carreen - replicou Scarlett, reconhecida, mas envolvendo a irmã mais nova num olhar inquieto. Carreen, que sempre tivera uma tez fresca e rosada, estava agora muito pálida, mas o rosto dela conservava ainda a graça dum botão desabrochado. Mantinha-se muito silenciosa e um tanto espantadiça desde que, havendo regressado à consciência dos factos terrenos, compreendera que a mãe já não existia, que Searlett se transformara em tirana, que o mundo mudara e que a ordem de trabalhar atingia toda a gente. A sua natureza delicada não fora feita para aquelas mudanças.

Andava -,orno sonâmbula e fazia tudo quanto lhe mandavam, Parecia muito fraca e estava-o realmente, mas desenvolvia boa vontade e mostrava-se obediente e serviçal. Quando Scarlett lhe deixava um pouco de repouso, passava o tempo a desfiar o rosário e a rezar pela mãe e por Brent Tarleton. Searlett não sabia que a irmã ainda sofria o desgosto que lhe deixara a morte de Brent, pois para ela Carreen era sempre uma criança incaPaz de sentir uma paixão digna deste nome. COM as costas a doer à força de se curvar, com as mãos doridas pelos grãos secos, Scarlett pensava quanto seria bom ter uma irmã que aliasse à energia de Suellen o carácter dócil de Carreen. Esta tomava, sem dúvida, o seu trabalho a sério, mas ao fim duma hora de esforço via-se bem

573

que não fora talhada para aquilo. E Searlett acabou por dispensar também Carreen.

Na tarefa da colheita s' ficaram com ela, as pretas Dilcey e Prissy, A última trabalhava por contágotas, era ronceira, lastimava-se de dores nos pés, nas costas, no corpo todo, até que a mãe pegava numa haste de algodoeiro e a sovava com fúria. Depois disso sujeitava-se mais calada, tratando no entanto de não estar ao alcance de Dilcey. A mãe é que trabalhava sem descanso ilen como >ps lo Cios%róp uma máquina, e Searlett, avaliando-a e seu rio sofrimento achava que ela valia o seu peso de oiro.

- Dilc@y - observou-lhe um dia. - quando vierem melhores tempos não me esquecerei do que tens feito. Por- .tas-te à altura da situação.

A mulher não sorriu nem se saracoteou como faziam as outras pretas quando lhe dirigiam louvores. Voltou para a patroa um rosto sério e respondeu com dignidade; _ Obrigado, senhora. Mas sinhô Gerald e senhora Ellen foram bons para mim. Sinhô Gerald comprou minha Prissy para me consolá e eu não esqueço nunca. Sou metade índia e os índio não esquecem quem é bom para eles. Pior é que minha Prissy pouco vale. Saiu muito ao pai, que é preguiçoso.

Apesar da aifcuidade que tinha em pôr os outros a trabalhar, e embora se cansasse deveras Scarlett reanimava-se à medida que o algodão colhião ia enchendo as cubatas. Aquilo tranquilizava-a. Fora o algodão que fizera a prosperidade de Tara, assim como a de todo o Sul, e Searlett, como boa sulista, pensava que desse terreno rubro viria a salvação da sua propriedade e de toda a região, r, claro que a colheita acabada de fazer não valia muito, mas isso era o menos, Sempre daria algum dinheiro e com esse dinheiro arranjaría um pecEljozinha para as necessidades. Na próxima Primavera trataria de obter do governo confederado a devolução de Sam e dos outros pretos, e alugaria mais alguns dos vizinhos. Plantaria isto e aquilo... endireitou as costas fatigadas e, contemplando os campos que o Outono dourava, imaginou como seria a colheita -elo futuro ano. Então, a guerra estaria terminada. Quer a Confederação saísse derrotada ou vencedora. os -tempos seriam melhores. Tudo era preferível a sofrer uma invasão deste ou daquele exército. A guerra não duraria eternamente. Scarlett

574

possuía um pouco de algodão, tinha com que comer, era dona dum cavalo e dum diminuto tesouro. Não havia dúvida, o pior havia passado.

UmA tarde dos meados de Novembro estavam todos reunidos em volta da mesa e acabavam de comer o pudim que Babá preparara com bagas de mirto e farinha de milho e de sorgo. No ambiente passou um ar frio, o primeiro desse Inverno, e Pork, atrás da cadeira de Scarlett, esfregou as mãos, perguntando:

-Não acha que é tempo de matá porco, minina?

- Já sentes água na boca, hem? - voltou Scarlett, sorridente.-Também me apetece carne de porco fresca; se o tempo se conservar assim por mais uns dias...

Melanie interrompeu-a com a colher a meio caminho da boca:

-Escuta! Parece que vem gente... A atmosfera muito pura permitia ouvir distintamente o ruído surdo dum cavalo que martelava o solo e a voz duma pessoa, gritando: "Scarlett, Scarlett!"

Todos se entreolharam, antes de afastarem as cadeiras e de se porem em pé. Apesar de alterada pela aflição, reconheceram a voz de Sally Fontaine que uma hora antes se detivera em Tara a fim de dar dois @edos de cavac@ antes de partir para Jonesboro. Enquanto se precipitavam direitos à porta, viram a rapariga subir a alameda a toda a brida, com o cavalo a escumar. Os cabelos flutuavam em torno dela o chapéu a custo se lhe segurava pelas fitas. Não retev@ as rédeas, mas lançou-se como uma louca para o meio do grupo de braço estendido para trás, na direcção donde vinha.

- Os yankees! Vi-os! Estão na estrada. Os yankees!... Segurou o animal precisamente a tempo de evitar que ele subisse os degraus. Este deu meia volta, transpôs o passeio e saltou por cima duma sebe, como se estivesse numa corrida de obstáculos. Sentiram-no atravessar o pátio, depois descer o caminho estreito que separava as cubatas e enveredar por fim pelo atalho que conduzia às Mimosas.

Por momentos, ficaram paralisados. Suellen e Carreen começaram então a soluçar, apertadas uma contra a outra.

575

Trémulo, incapaz de falar, Wade não dava um passo. Ia dar-se o que ele mais receava desde a noite em que saíra de Atlanta. Os yankees vinham prendê-lo.

- Os yankees? - disse Gerald, incrédulo. - Mas eles já estiveram cá. ..

-Virgem Santíssima! -bradou Scarlett, cujo olhar se encontrara com o de Melanie. Por instantes reviu os horrores da última noite na cidade, as casas em ruínas pela extensão dos campos...

Recordou as histórias de violações, de torturas, de assassinios evocou a imagem do soldado yankee no vestíbulo, com @ caixa de costura de Ellen na mão. "Isto, mata-me", pensou. "E eu a julgar que estava tudo acabado! Não terei força para suportar mais nenhuma provação deste género".

Então reparou no cavalo selado ' à espera que Pork montasse para ir fazer um recado à quinta dos Tarletons.

O cavalo, o único que possuía... Os yankees iam tirar-lho, assim como a vaca e o vitelo, E a porca, e os leitões, que tanto lhe custara a reaver! E o galo, e as galinhas tão boas poedeiras', e os patos que os Fontaines lhe deram. E as maçãs e os inhames armazenados. E a farinha, e o arroz, e as ervilhas. E o dinheiro do yankee! Deitariam a mão a tudo, deixando a fome atrás de si.

- Não terão nada disso! - exclamou perante o ar estupefacto da família, que temeu pelo juízo áa rapariga. - Não hei-de morrer de fome!

- Que é, Scarlett? Que tens?

- O cavalo... a vaca... os porcos... Não os terão. Não quero que os apanhem.

Voltou-se bruscamente para os quatro pretos que se uniam unscontra os outros à entrada da casa e cujos rostos haviam passado do ébano à cor de cinza.

- Nos brejos! - ordenou. -Que brejos? -Na margem do rio, patetas. Levem os porcos para lá. Vão depressa, Pork e Prissy. Suellen e Carreen, vocês metem nos cestos tudo o que puderem de provisbes, e

escondam-nos na floresta. Babá, torna a colocar a prata na cisterna. Não fiques aí parado 'Pork. Leva o senhor contigo. Não me perguntes porquê. Vá com o Pork, papá. Seja obediente.

No meio da sua aflição não se esquecia do efeito que havia de produzir no espírito de Gerald o espectáculo dos

576

uniformes azuis. Deteve-se torcendo as mãos, e os soluços de Wade, que se agarrav@ às saias de Melanie, aumentaram-lhe mais o terror.

- E eu que devo fazer, Scarlett? - perguntou Melanie, que no meio de tudo aquilo conservava a sua calma, apesar da lividez das faces.

- A vaca e o vitelo - respondeu imediatamente a interpelada. - Estão no pasto. Leva-os para o mato, assim como o cavalo...

Antes que a cunhada acabasse a frase, Melanie desembaraçou-se de Wade e desceu a escadaria. Em seguida correu para o cavalo, arregaçando as saias pelo caminho. Scarlett mal teve tempo de descortinar um par de pernas franzinas e já a outra estava montada na sela, cujos estribos estavam muito baixos para ela; mas segurou as rédeas e tocou com os tacões as ilhargas do animal. De súbito, susteve-se e disse, com o rosto congestionado de medo:

- O meu menino! Os yankees vão matá-lo. Scarlett, dá-mo.

Já se dispunha a apear-se quando a cunhada lhe gritou: -Vai-te, vai-te! Leva contigo a vaca, que eu me ocupo, do pequeno. Vai, já te disse. Então julgavas que eu os ia deixar que tocassem no filho de Ashley?

Melanie lançou à volta um olhar desesperado, mas sempre se resolveu e partiu direita aos pastos.

"Nunca pensei ver Melanie Hamilton montada como um homem", comentou Scarlett consigo mesma, reentrando em casa. Wade corria atrás dela chorando e tentando agarrar-se-lhe às saias. Ao subir a 'escada, Scarlett viu Suellen e Carreen precipitarem-se para a despensa, munidas de cestos. Viu também Pork a puxar Gerald por um braço: o velho não cessava de protestar, resistindo como uma criança. Do pátio elevava-se a voz estridente de Babá:

-Vamos, Prissy, tira os porcos pra fora. Bem sabes que Sou muito gorda para cabê no chiqueiro.

Dilcey, diz à tua filha que não demora,

Scarlett abriu violentamente uma gaveta da cómoda e procurou à pressa entre a roupa a carteira do yankee * Tirou também o anel de brilhante e os brincos que meteu na carteira. Mas onde guardá-la? No colchão? Na lareira da cozinha? Na cisterna? Escondê-la no corpete? Não, aí não. A carteira faria chumaço e, se os yankees desconfiassem, obrigá-la-iam a despir-se.

37 - Vento uvou - 1

577

é",,

"Morro, se me tocam", pensou, desesperada. Em baixo, era um barulho infernal de corridas e gemidos. Scarlett bem desejaria de ter Melly junto de si, Meily com a sua voz tranquila, Melly que se mostrara tão corajosa no dia em que o yankee entrara acolá. Mas que é que Melly havia dito? Ah, o pequeno...

Com a carteira apertada ao seio, Scarlett atravessou o corredor e entrou no quarto onde o pequeno Beau dormia no seu berço improvisado. Ergueu-o cuidadosamente e tomou-o nos braços, enquanto o petiz, acordando em sobressalto, começava a debater-se. Ouviu Suellen gritar: "Carreen, vem, depressa!" Do pátio levantavam-se guinchos e grunhidos indignados. Correndo à janela viu Babá seguir pesadamente pela fazenda com um leitão a espernear-lhe em cada braço. Atrás dela ia o preto, também com dois porquinhos e a empurrar Gerald à sua frente. Este escorregava nos regos e agitava a bengala no ar.

- Leva a porca, Dilcey! - gritou Scarlett. - Obrigá Prissy a tirá-la. Depois é só enxotá-la pelo campo adiante. Dileey olhou para cima, com ar cansado. Tinha um molho de objectos de prata no avental.

-A porca - respondeu ela - mordeu Prissy e não que saí,

"Deixá-la", pensou Scarlett. E voltou à cómoda donde tirou os braceletes, o broche e a miniatura do es@ólio do yankee. Mas onde guardar tudo aquilo? Não podia segurar Beau com uma das mãos e as jóias com a outra. Foi descansar então o petiz na cama; aquele, porém, sentindo que o largavam, soltou um vagido e Scarlett teve uma ideia genial. Que melhor esconderijo que o cueiro do nenê? Voltou a criança de costas e enfiou a carteira no lugar escolhido, o que valeu um recrudescimento de gritos. Ela, todavia, não fez caso e apertou de novo as pontas do pano entre as pernas de Beau, que espinoteou a valer.

"Agora", disse consigo, "vamos até ao mato". Pegando outra vez no miúdo que chorava, apertando com a mão livre as suas poucas jóias, Scarlett atravessou o corredor do primeiro andar. De súbito parou gelada de medo. A casa estava tão silenciosa! Tinham partido todos? Haviã-na abandonado? Como as coisas corriam, tudo era possível que acontecesse a uma mulher sózinha, a contas com os yankees...

Sobressaltou-a leve rumor. Virou-se logo, agarrada ao

578

corrimão: esquecera-se do seu próprio filho! De olhos esgazeados, tentou chamar, mas a voz sumiu-se-lhe na garganta.

- Levanta-te, Wade, e anda. A mamã não pode levar-te ao colo.

O pequeno correu para ela, agarrou-lhe a saia e aí escondeu a cara. Principiaram a descer a escada. Cada passo de Searlett era dificultado pelo rapazinho, que não largava a mãe. "Deixa-me, Wade, deixa-me!" Ele, no entanto, ainda a apertava mais.

Ao chegar ao último degrau, pareceu-lhe que todo o rés-do-chão corria ao seu encontro. Todos os móveis pareciam cochichar, "Adeus, adeus ... " Não pôde reter um soluço. Ali estava a porta da saleta de Ellen via-se ao fundo a escrivaninha onde a mãe passara tantas horas a trabalhar. Ali estava a casa de jantar, com as cadeiras fora dos seus lugares e os pratos ainda sobre a mesa. No chão viam-se os tapetes que Ellen tecera e tingira na parede o retrato da avó Robillard, decotada, com o c@wo repuxado e nariz no ar, como se o artista lhe quisesse conferir para sempre o tom desdenhoso da sua raça. "Adeus, adeus, Scarlett O'Hara", repetiam todas as coisas que lhe recordavam a sua mais distante meninice.

Os yankees iam queimar tudo aquilo! Era o derradeiro olhar lançado à mesa, ou melhor, o penúltimo, porque ainda a teria de ver de longe, do esconderijo da floresta ou do brejo, envolta em fumo, a desmoronar-se num braseiro.

"Não posso deixar-vos", pensou. Os dentes entrechocavam-se-lhe de pavor. "Não posso deixar-vos. Meu pai não. vos abandonaria. Disse-lhes uma vez que morreria queimado, convosco. Portanto, queimar-vos-ão igualmente comigo, porque também vos não posso abandonar. Sois tudo o que me resta".

Ao tomar esta decisão, dissipou-se em parte o seu terror, e Scarlett não sentiu mais nada senão um frio intenso no peito, como se ao mesmo tempo se gelasse tanto o medo como a esperança. E enquanto ali ficava imóvel, sentiu

O ruído de muitos ca@alos a subirem a alameda, acompanhado do tinir de barbelas e de espadas. E a seguir ouviu uma voz dura de comando: "Desmontar!"

Scarlett ab@Ixou-se rapidamente e, com voz terna, disse ao pequeno:

579

- Larga-me, Wade, desce a escadaria, atravessa o pátio e vai ter ao mato. Encontras aí a Babá e a tia M@lly. Vai depressa, filho, não tenhas medo.

Admirado com a mudança de inflexões da mãe, Wade ergueu a cabeça e Searlett assustou-se com a expressão que lhe viu nos olhos: era a dum coelho apanhado numa armadilha. "Oh, Virgem Santíssima, fazei com que ele não tenha convulsões... diante dos yankees! Não devem saber que temos medo". E, como o pequeno se lhe agarrasse cada vez mais'ela acrescentou distintamente:

-Sê um homenzinho, Wade. Não é nada, são apenas os patifes dos yankees.

E desceu os degraus para ir ao encontro deles.

Sherman efectuava então a sua marcha através de Geórgia, de Atlanta ao litoral. Atrás ficavam as ruínas fume-, gantes daquela cidade, que começara a arder quando as tropas a deixavam; adiante estavam trezentas milhas de território virtualmente indefeso, se exceptuarmos a pouca resistência das milícias, compostas de rapazinhos e de velhos.

A parte fértil do Estado, ocupada pelas plantações, só albergava mulheres, crianças, gente muito idosa, e antigos escravos pretos. Por oitenta milhas quadradas os yankees pilhavam e incendiavam. Havia centenas de casas destruídas. Entretanto para Scarlett, que os via aproximarem-se, não se tratava dum assunto que interessasse o país inteiro. Não, era um caso estritamente pessoal, uma acção malfazeja dirigida contra ela e contra os seus.

Ei-la no sopé da escadaria, com o nenê nos braços e Wade agarrado às suas pernas de cabeça escondida nas pregas da saia. Os yankees já s@ espalhavam por todos os lados, empurravam-na para poderem subir, puxavam os móveis para a varanda, enfiavam punhais e baionetas nos sofás e nos colchões, para ver se lá estava qualquer coisa oculta. A cólera surda sufocava os últimos terrores de Scarlett, que mais nada podia fazer do que contemplar o saque levado a cabo pelos nortistas.

O sargento que comandava aquele destacamento era um homenzinho grisalho, de pernas arqueadas. Chegou-se mais perto, mascarando tabaco e cuspidando abundantemente.

-Entregue-me o que tem na mão, minha senhoraordenou.

580

Elcarlett esquecera-se das bugigangas que tencionava onder e com um sorriso de desdém (que dizia tanto, pensou, co@1o o da avó Robillard) deixou-as cair e quase se divertiu a ver a sofreguidão com que se precipitaram sobre o despojo.

-vai fazer o favor-de- me dar também o seu anel e os brincos.

Segurando debaixo do braço a criança, que se pôs a guinchar, congestionada ela tirou os brincos, presente de casamento feito pelo pai à mãe. Em seguida arrancou do dedo o anel oferecido por Charles.

-Não os deite no chão, entregue~mos -disse o sargento.-Esses malandros já têm bastante. Que mais há que me possa dar? -Falando assim, observava-lhe o corpete.

Por um instante, Scarlett pensou que ia desmaiar, Já supunha que as mãos daquele homem lhe poisavam no peito.

-Mais nada -respondeu, -Não costumam despir as suas vítimas?

- Creio na sua palavra - voltou o sargento, bem humorado. Tornou a cuspir e deu meia volta.

Com a mão no sítio dos cueiros onde ocultara a carteira, Scarlett endireitou o petiz e tratou de o calar, agradecendo a Deus a ideia que tivera.

Ouviu em cima o calcar de botas pesadas, o arrastar de móveis, o partir de jarras e de espelhos, as pragas que soltavam os militares quando não descobriam nada que valesse a pena. Do pátio erguiam-se gritos: "Cortem-lhes o pescoço, não deixem nenhum fugir!" e o burburinho provocado pelas galinhas e patos em reboliço. Um grunhido angustioso e depois um tiro de pistola, deram a entender que haviam dado cabo da porca. Maldita Prissy que se pusera a andar sem cumprir as ordens recebidas! ão menos que os leitõezinhos estivessem em segurança! E que a família houvesse chegado sem novidade ao sitio dos charcos! Mas como sabê-lo?

Assim se conservou tranquilamente no sopé da escadaria, enquanto os soldados vociferavam, e praguejavam, movendo-se em volta dela. Wade aterrado, não lhe largava a saía, e Scarlett sentia-o trem.'er dos pés à cabeça. Faltavam-lhe, porém, forças para dizer fosse o que fosse que o pudesse sossegar. Também não era capaz de se dirigir aos

581

yankees, quer para lhes suplicar, quer para exprimir a cólera que a avassalava. Só lhe restava um pouco de energia para agradecer a Deus que as pernas ainda a sustivessem e que o pescoço ainda lhe mantivesse a cabeça direita. Mas, quando viu um grupo de barbudos descer a escada ajoujados ao peso do saque e, entre os objectos de que este se compunha, reconheceu o sabre de Charles, então não pôde mais e soltou um grito.

Aquele sabre pertencia agora a Wade. Fora do pai e do avô e Scarlett cedera-o ao filho no seu último aniversário natalício. Naquela ocasião reali@ara-se uma espécie de cerimónia; Melanie vertera lágrimas de orgulho e de mágoa, beijara o sobrinho e dissera-lhe que devia crescer para ser militar como os antepassados. Wade envaidecia-se com o seu sabre e subia muitas vezes à mesa (por cima da qual ele estava pendurado) para tocar na preciosa relíquia. Scarlett ainda poderia tolerar que lhe levassem as suas coisas, mas aquela... O pequeno, tendo escutado o grito que a mãe soltara, atreveu-se a levantar a cara, para ver, e, soluçando, recuperou a voz e a coragem para falar:

-]@ meu!

-Não pode levar isso! -acudiu Scarlett, estendendo por seu turno a mão.

-Não posso, hem? -replicou o soldado que tinha o sabre, rindo com a maior impudência. -Só se é por ser de.um rebelde...

- Isso é que não é. Esse sabre data da guerra do México. Não o pode levar, pertence ao meu filho. Era do pai dele. - Depois voltando-se para o sargento: - Peço-lhe o favor... diga-IÊe que -mo devolva.

O sargento, satisfeito com a consideração de que era alvo, ordenou ao soldado:

- Deixa cá ver, Bub.

O outro entregou-lho de má vontade, observando: -Tem o punho de oiro maciço. Voltou-o o sargento nas mãos e, apresentando o punho à luz, para ler o que estava inscrito, soletrou:

-Ao coronel Willkm R. Hamilton oferta dos oficiais, como preito à sua bravura. Buena Vistd 1847.
Sim, senhora

- acrescentou. - Eu também estive n@ México. - Esteve` - voltou Scarlett sem entusiasmo.

-É como lhe digo. E ainda não vi ninguém bater-se nesta guerra como na outra. Então o sabre pertencia ao

582

avó do menino? Está bem, guarde-o - rematou o sargento, que parecia contentar-se com as bugigangas apreendidas.

- Mas tem o punho de oiro, maciço - insistiu o soldado.

- Deixa lá' Que fique com ele, para se lembrar de nós... Searlett recebeu a arma sem sequer agradecer. Por que havia de se mostrar grata aos ladrões que lhe restituíam o que lhe pertencia? Entretanto o soldado e o sargento discutiam, Este, aborrecido já, mandou o outro ao diabo. Como não falassem de pôr fogo à casa, Searlett começou a sentir-se mais aliviada. Os que desciam do primeiro andar ou saíam dos quartos do rés-do-chão começavam a reunir-se no vestíbulo.

-Então, o que acharam? - perguntou-lhes o sargento. -Um porco, galinhas e patos... Milho, inharnes, feijões... Aquela bruxa que vimos a cavalo devia tê-los vindo prevenir.

- Então... vamo-nos embora. Que te parece, Paul Re- 'vere?

- Aqui não há muitas coisas, meu sargento. Tem as jóias? Despachemo-nos, antes que a comarca inteira se ponha a correr atrás de nós.

-Procuraste na despensa? Nas cubatas? -Só vimos algodão. Pegámos-lhe fogo. Por instantes Scarlett reviu as canseiras da colheita, sob a canícula, e`sentiu outra vez uma dor nas costas, como de queimadura. Tudo aquilo fora inútil! Já não havia algodão.

-Realmente, não tem muitas coisas, minha senhora. -O seu exército já passou por aqui-respondeu seca-mente Scarlett.

- Ah, tem razão! Passámos por cá em Setembro -disse um dos soldados revirando um objecto entre os dedos.

- Tinha-me esqu`ecido.

Scarlett reconheceu o dedal de oiro de Ellen. Aquilo recordou-lhe a mão delicada de quem o usara. Ei-lo, ao presente na mão suja e calosa dum estranho, que o levaria para o Norte para ornar com ele o dedo de qualquer mulher yankee. O dedal de Ellen!

Baixou a cabeça, a fim de que o inimigo não a visse chorar, e as lágrimas caíram uma a uma na cabeça do nenê. Através do pranto, viu os militares dirigirem-se para a Porta. Ouviu o sargento gritar ordens, em voz dura e

583

1@"

forte. Partiam, e Tara estava salva. O tinir dos sabres, o passo dos cavalos não lhes produziram grande satisfação. Tomada de súbita fraqueza, com os nervos abalados, ficou ali inerte, enquanto os yankees desciam a alameda coní o produto dos seus roubos, peças de roupa, aves, a porca abatida... Então sentiu um cheiro acre. Demasiadamente cansada para se preocupar com o algodão que ardia, entrou em casa e, pelas janelas abertas da sala de jantar, viu sair o fumo vagaroso das cubatas outrora ocupadas pelos pretos. Assim se ia o algodão, o dinheiro com que devia pagar os impostos e prover às necessidades do Inverno. Ainda bem que as cubatas ficavam longe da residência! Ainda bem que, nesse dia, o vento não soprava de molde a trazer as chamas para o telhado da casa! Mas, de repente, voltando-se, notou horrorizada que havia fumo na galeria que comunicava com a cozinha.

Scarlett descansou -o miúdo no chão, encostou Wade à parede e correu à cozinha, tossindo chorando. Recuou, ergueu a saia para tapar o nariz com @la, e voltou à carga. Na quadra havia apenas uma fresta, de maneira que estava escuro; ouvia, porém, crepitar qualquer coisa e viu por fim umas chaminhas rastejantes, Alguém espalhara no chão as achas que ardiam na lareira e o

soalho de pinho, muito seco, deixava-se impregnar facilmente pelo lume. Foi então à casa de jantar agarrou um tapete, depois de deitar por terra uma ou duas cadeiras, e passou diante do filho que continuava a um canto, ao lado do sabre. "Meu Deus, vai morrer... Meteram-lhe tanto medo, os yankees!" Mas não pôde deter-se, prosseguiu adiante e precipitou-se sobre o balde que deixavam sempre cheio de água, no corredor, junto à porta da cozinha. Aí molhou uma ponta do tapete e correu de novo para o foco do incêndio.

Lá dentro, com a porta fechada, tossindo constantemente, bateu com o tapete nas línguas de fogo, sem parar. Por duas vezes se lhe pegou lume à sala, que extinguiu com vigorosas pancadas. Caíram-lhe os ganchos da cabeça, os cabelos tombaram-lhe sobre os ombros. Extenuada, Scarlett antevia a inutilidade dos seus esforços,

Então abriu-se a porta e a corrente de ar activou o

incêndio. Mas logo a mão de alguém a fechou. Semicega, Scarlett reconheceu Melanie que patinhava as chamas e brandia um objecto escuro e pesado. Viu-a cambalear,

584

ouviu-a tossir lobrigou-lhe num relance o rosto lívido e o corpo frágil: Grvada, continuava a vibrar o tapete de que se munira. Durante uma eternidade, as duas mulheres lutaram lado a lado 'e Scarlett acabou por perceber que as fhamas diminuían. De repente, Melanie voltou-se para ela é, soltando um grito, bateu-lhe com toda a força nos om~ bros. Scarlett sentiu tudo escurecer à sua roda, e, no turbilhão do fumo, caiu sem sentidos.

Quando reabriu os olhos estava estendida na varanda das traseiras. A cabeça dela repousava no regaço de Melanie e o sol da tarde iluminava-lhe a cara. As queimaduras recebidas no corpo atormentavam-na bastante. Das cubatas dos pretos continuava a sair fumo espesso e o cheiro a algodão queimado era ainda mais forte. Viu também um fumozinho que se evolava da cozinha e fez menção de se levantar.

- Está quieta - ordenou Melanie. - O fogo ficou apagado. *

Conservou-se imóvel durante um momento, fechou as pálpebras e suspirou de alívio, A seu lado o nenê babava-se ruidosamente; um soluço fê-la reconhecer também a presença de Wade. Graças a Deus, o filho não morrera. Reabriu então os olhos e fitou Melanie. Tinha ela a cara negra de fuligen-r e os cabelos um tanto chamuscados, mas sorria, de pupilas cintilantes.

-Pareces uma preta - murmurou Scarlett.

- E tu, uma saltimbanca - respondeu Melanie,

- Porque me deste com o tapete? -Porque tinhas as costas a arder. Não esperava é que desmaiasses. Eu tinha voltado a casa logo depois de haver escondido os animais no bosque. Que susto apanhei, ao pensar que estavas só com o miúdo! Os yankees... não te fizeram nada?

- Se te referes a violação, informo-te que isso não houve realmente - retorquiu Scarlett, fazendo um esforço para Se sentar, - Mas furtaram tudo... Perdemos tudo.

-Restam-nos os filhos, e ainda temos um tecto para nos abrigarmos -observou Melanie, cuja voz denotava algo de melodioso. É tudo o que podemos desejar nesta altura. Meu Deus Beau está todo molhado! Oh- Scarlett, que diabo tem el@ nos cueiros?!

Falando assim, deslizou a mão inquieta pelas costas do petiz e extraiu de lá a carteira. Por instantes, dir-se-ia

585

nunca a ter visto; depois desatou a rir, um riso franco, que nada tinha de nervoso.

- Só tu para te lembrares disto! - exclamou. Lançando os braços ao pescoço de Scarlett, abraçou-a e aduziu: - ns a melhor das irmãs.

Os elogios da cunhada eram como um bálsamo refrescante. Na cozinha repleta de fumo ' compreendera quanto Melly se tornara merecedora de estima. Unia-as agora urna caniaradagem mais estreita.

"Tenho de lhe fazer esta justiça", disse Scarlett consigo, embora sem grande entusiasmo. "Está sempre presente nas ocasiões".

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

MARGARET MITCHELL
E TUDO O VENTO LEVOU, II

Título original: GONE WITH THE WIND

Copyright 1936 by The Mamilian Company Copyright renewed 1964 by Stephens Mitchell and Trust Company of Georgia as Execulors of Margaret Mitchell Marsh Copyright renewed 1964 by Stephens Mitchelf

All rights reserved Protected under the Berne, Universal and Buenos Aires Conventions

Tradução de Maria Franco

e

Inês Duque Ribeiro

1.* edição 1954

2.' edição- 1959

3.' edição-'IW (reimproão: 1971)

4.' ed@ão im:

1

Coedição EDITORIAL MINERVA Rua da Alegria, 30 Lisboa

CONTEXTO, EDITORA Rua Ilha Terceira, 42-D, Pavilhão 2, Lisboa

MARGARET MITCHELL

E TUDO

O VENTO LEVOU

VOLUME 2

Coedição EDITORIAL MINERVA CONTEXTO, EDITORA

1988

i @ --o 1 -cl@-

s?-3q@

Z8

O TEMPO frio fez abrupta incursão, acompanhado de geada. Pelas frinchas das portas entrava um vento glacial, e o mesmo parecia desconjuntar as janelas, sacudindo-as com força e produzindo um ruído monótono. Caíam das árvores as últimas folhas, e só os pinheiros, sombrios e enregelados na atmosfera pálida, se conservavam vestidos. A terra vermelha das estradas ficara dura como pedra.

Em todo o território de Geórgia se sentia os efeitos da fome.

Scarlett lembrou-se com amargura, da conversa que tivera com a velha Fon61ne. Havia decorrido dois meses, dois meses que pareciam anos! Dissera-lhe então estar convencida de que o pior já havia passado - observação que se lhe afigurava agora bastante temerária. Antes do segundo assalto dos soldados de Sherman a Tara, Scarlett possuía um tesouro em dinheiro e abastecimentos, tinha vizinhos favorecidos pela sorte e colhida o algodão suficiente para lhe %rmitir esperar sossegada a Primavera. Ao presente já não he restavam nem algodão nem provisões.

O dinheiro de nada lhe servia, porque nada podia comprar, e os vizinhos estavam nessa ocasião em piores circunstâncias. Ficara apenas com uma vaca e o seu bezerro, meia dúzia de porcos e um cavalo, ao passo que as outras famílias só tinham aquilo que puderam esconder na floresta ou debaixo da terra.

A residência dos Tarletons fora incendiada por completo, e a dona da casa e as quatro filhas assistiam agora na do feitor. A dos Monroes, perto de Lovejoy fora arrasada também. Nas Mimosas, ardera a ala de madeira e o resto da habitação resistira unicamente devido aos esforços das senhoras Fontaines e dos criados, que se muniram de cobertores húmidos e com eles extinguiram o fogo. Graças à intervenção do caseiro Hilton a plantação dos Calverts havia sido mais uma vez poupada: mas não existia lá uma só cabeça de gado, nem criação, nem sementes de qualquer espécie.

Em Tara, e em toda a comarca, o problema da alimentação superara todos os outros. A maior parte das famílias não possuía mais nada além do que restava da última colheita de inhames e amendoim, e da caça que se deixava apanhar no bosque. Assim como faziam nos tempos de prosperidade, cada qual partilhava o que tinha com os vizinhos menos afortunados; mas não tardou a chegar altura em que já não havia que dividir.

Se a sorte era favorável a Pork, comia-se coelho em Tara, e ainda sarigueia e peixe. Nos outros dias, deviam contentar-se com um pouco de leite - nozes, bolotas assadas, inhames, Jamais satisfaziam o apetite. Para onde se voltasse, Searlett tinha a impressão de ver mãos erguidas em súplica, olhares implorativos... Receava enlouquecer - e sentia tanta fome como os outros!

Deu ordem de matar a vitela, porque bebia grande quantidade do precioso leite; nessa noite comeram tanto que chegaram a adoecer. Searlett pensava também mandar abater um dos porcos, mais ia deferindo a ocasião na esperança de que os animais atingissem maior desenvolvimento. Eram tão pequenos, dariam tão reduzida carne! Depois do jantar, Scarlett e Melanie conversavam sobre a oportunidade de expedir Pork munido de notas tentar adquirir provisões; mas detinham-as o medo de apanhar o preto, aliviando-o do dinheiro e subtraindo-lhe o cavalo. Ignoravam onde poderiam estar os yankees, Quem sabe se ali mesmo, na outra margem do rio? Certo dia a Dróprria Scarlett, incapaz de resistir mais tempo, dispôs-se a ir em pessoa à procura de alimento. A família, porém, aterrada com a ideia de a ver cair nas mãos do inimigo, obrigou-a a desistir do propósito. Pork saía à pilhagem - e afastava-se bastante da quinta. 'Não era raro passar fora a noite inteira,' e Searlett, vendo-o voltar, abstinha-se de lhe fazer perguntas. Às vezes ele trazia caça, outras vezes maçarocas de milho ou um saco de ervilhas. Chegou a aparecer com um galo, alegando que o encontrara na mata. Toda a gente se regalou com o banquete, embora se sentisse culpada, pois sabia que Pork o furtara, assim como furtara as ervilhas e as maçarocas. Pouco tempo depois disto, uma noite em que a casa repousava silenciosa havia já algumas horas, o preto foi bater à porta do quarto de Scarlett e mostrou-lhe tímidamente uma perna crivada de bagos de chumbo. Enquanto a patroa

441

lhe fazia curativo, ele explicou, embaraçado, que o tinham surpreendido no momento em que pretendia introduzir-se numa capoeira de Fayetteville. Scarlett não lhe perguntou a quem pertencia essa capoeira mas, com os olhos húmidos, sorriu-lhe tristemente. Os pretos eram às vezes exasperantes, estúpidos e preguiçosos, mas de grande lealdade para com os seus senhores, pelos quais arriscavam a vida só para não os deixar morrer de fome. Noutra altura, os roubos de Pork seriam delito grave e o seu procedimento implicaria chicotadas. Mas ao presente, Scarlett fazia vista grossa e já não considerava caso de consciência o facto de- permitir que os criados subtraíssem géneros a outras pessoas talvez mais necessitadas do que as de Tara. Em vez de o castigar, elogiou-lhe a fidelidade e prometeu que um dia, quando tivesse dinheiro, lhe compraria um relógio. O escravo aproveitou-se do devaneio a que a ama se entregara, pensando talvez na abundância de outros tempos, para se escapular do quarto e recolher ao seu. "Como a vida fora outrora complexa!" dizia Scarlett para si. "Tão cheia de problemas intrincados! Houvera aquele que consistira em obter o amor de Asliley sem deixar de manter na expectativa uma dúzia de outros admiradores. Houvera certas atitudes que fora preciso ocultar da família, raparigas ciumentas que necessitara de conciliar, vestidos a escolher, penteados diferentes a experimentar, e tantas outras coisas a resolver! Agora a existência decorria com surpreendente simplicidade. O que importava era só conseguir alimentos

para não morrer de fome possuir o vestuário bastante para se proteger do frio, com um tecto com que se abrigasse da chuva".

Foi nas noites que se seguiram que Scarlett teve por várias vezes o pesadelo que a deveria importunar durante anos. Era sempre o mesmo sonho. Os pormenores não se modificavam, mas crescia o terror que lhe inspiravam e o receio de isso a perseguir, ainda depois de acordada. Lembrava-se bem dos incidentes que tinham assinalado o dia em que o pesadelo viera pela primeira vez.

Durante dias e dias tombara uma chuva fria e tiritava-se no interior da casa húmida onde circulavam correntes de ar. Na lareira fumegavam achas molhadas que não davam grande calor. Desde o primeiro almoço nada havia para ingerir senão leite; esgotara-se o inhame e as armadilhas e as linhas de pesca de Pork não davam resultado

nenhum. Para ter alguma coisa que comer no dia seguinte tornava-se necessário matar um dos bácoros. Scarlett só via à sua volta caras esfomeadas que silenciosamente lhe pediam alimento. Tinham de se arriscar a perder o cavalo * mandar Pork comprar fosse o que fosse para matarem * fome. Por cúmulo de infelicidade, Wade estava de cama com angina e febre alta, sem médico e sem remédios.

Cheia de fraqueza e extenuada por tanto cuidar do filho, Scarlett confiou-o a Melanie e meteu-se no quarto para descansar um pouco. Com os pés gelados incapaz de conciliar o sono, esmagada pelo medo e pelo desespero, não parava de se voltar na cama, ora para um lado, ora para outro. "Que hei-de fazer?" perguntava a si mesma incessantemente. "A quem dirigir-me? Não haverá ninguém que me ajude?"

Onde se encontrava, pois, tudo o que constituía elemento de segurança na vida? Por que não existia ali uma pessoa forte e sensata que a desembaraçasse de tão pesado fardo? Ela não podia, não aguentava...

A pouco e pouco as ideias foram-se-lhe baralhando no cérebro, e Scarlett adormeceu, num sono agitado.

Viu-se numa terra desconhecida, onde o nevoeiro formava turbilhões tão espessos que nem as próprias mãos Scarlett distinguia. O chão fugia-lhe debaixo dos pés. Reinava profundo silêncio, e ela sentia-se perdida, perdida, e aterrada como uma criança nas trevas da noite. Tinha frio e fome, e tanto medo do que se ocultava atrás da cortina de bruma que tentou gritar. Mas nenhum som lhe saiu da boca. Qualquer coisa se mexia entre o nevoeiro dedos que se estendiam para lhe agarrar no vestido e puxá-la para uma fenda do solo que tremia, mãos silenciosas, impiedosas, mãos de espectro. E então Scarlett adivinhou que para além da sombra opaca existia um abrigo, um socorro, um asilo onde estaria e m- segurança, onde não teria fome nem frio. Mas a que distância ficava? Haveria tempo de lá chegar antes que as mãos a agarrassem e a arrastassem para as areias movediças?

De súbito desatou a correr, a correr como uma louca através do nevoeiro. Chorava gritava estendia os braços para a frente, e as suas palavras só sentiam o vento e a névoa húmida. Onde estava esse refúgio? Não conseguia descobri-lo mas sabia que existia algures. Se pudesse lá chegar, estaria salva. Mas o terror paralisava-lhe as pernas,

10

a fome fazia-a desfalecer. Soltou um grito de desespero e acordou. Melanie, inclinada sobre ela, olhava-a inquieta e sacudia-a com toda a força.

E o sonho repetiu-se sempre que Scarlett se deitava de estômago vazio. A tal ponto a assustava que ela já temia adormecer, embora quisesse convencer-se de que não havia nada de apavorante naquele sonho. Não, nada... Contudo, tinha tanto medo de se encontrar naquela terra enevoada que passou a dormir com Melanie, a qual ficou encarregada de a acordar assim que ela começasse a gemer e a agitar-se no sono.

A tensão nervosa tornou-a pálida e magra. Desapareceu-lhe a graciosa convexidade das faces e as maçãs do rosto, salientando-se, acentuaram a forma oblíqua dos olhos verdes, dando-lhe o ar de um gato famélico sempre à cata de comida.

"O dia é para mim um pesadelo para que outro me atormente durante a noite", pensava Scarlett desesperada, comendo a sua ração diária antes de se deitar.

Pelo Natal, Frank Kennedy e um pequeno destacamento, de soldados da Administração Militar foram a Tara na vã esperança de aí requisitarem cereais e cabeças de gado para o Exército. Tão andrajosos se apresentavam que pareciam salteadores. Os cavalos em que eles vinham, mancos e estafados, encontravam-se em muito mau estado para o serviço activo. Tal como às montadas, haviam dispensado os homens das linhas de vanguarda. Com excepção de Frank, todos eles tinham um braço ou um olho a menos ou um membro tolhido. A maioria usava capotes azuis dos yankees e, nos primeiros momentos, os moradores de Tara, assustados, julgaram ver à sua frente soldados de Sherman.

Passaram lá a, noite, deitados no chão da sala, encantados por se estirarem sobre a, alcatifa,; havia semanas que dormiam ao ar livre, sobre a, terra dura ou em cima de rama de pinheiro. Apesar dos farrapos e da barba hirsuta, eram todos bem educados, conservadores. Contaram anedotas divertidas, distribuíram cumprimentos e manifestaram a sua alegria por passarem a noite de Natal numa casa grande, no meio de mulheres bonitas, tal como estavam habituados noutros tempos.

Recusaram-se a tomar a guerra muito a sério, mentiram descaradamente para fazer rir

11

as senhoras e deram à casa nua e despojada uma nota festiva que desde muito ali se desconhecia. -n quase como noutros tempos quando dávamos recepções, não é verdade? - murmurou Suellen a Scarlett.

Suellen estava radiante por ter de novo um pretendente, e mal desviava os olhos de Frank Kennedy. Scarlett admirou-se ao verificar que a irmã parecia quase bonita, apesar da magreza que persistira depois da doença. Tinha as faces coradas e no olhar notava-se-lhe doce luminosidade.

"Está apaixonada", pensou Scarlett com desdém. "Aposto que se tornaria mais simpática se arranjasse marido, nem que fosse este velho tonto".

Carreen também tinha melhor aspecto nessa noite, e -perdera o ar de sonâmbula. Descobrira que um dos homens fota camarada de Brent Tarleton e que estava a seu lado no dia em que fora morto. Por essa razão, queria ter uma conversa a sós com o soldado, depois do jantar.

À mesa, Melanie surpreendeu toda a gente com a sua vivacidade. Ria, gracejava e por um pouco usaria de garridice com um soldado zarolho que lhe retribuía com extravagantes galanteios. Scarlett sabia qual o esforço físico e moral que isso representava para Melanie, a quem a presença de homens só lhe aumentava a timidez. Para mais, não andava nada bem. Embora afirmasse que se sentia forte e trabalhasse mais do que Dilcey ' Scarlett percebia que ela estava doente. Empalidecia sempre que pegava em qualquer peso e, de vez em quando, sentava-se de repente como se as pernas lhe fraquejassem. Nessa noite, porém, como Suellen e Carreen, fazia todo o possível para que os soldados tivessem uma consoada agrad4vel. S6 Scarlett não experimentava prazer nenhum em receber convidados.

Os militares juntaram as suas rações de milho e de carne salgada às ervilhas piladas, às maçãs assadas e ao amendoim que Babá pôs em frente deles, e, de comum acordo, declararam que havia muitos meses não tinham refeição tão boa. Scarlett via-os comer e sentia-se constrangida. Não só lastimava cada bocado que eles ingeriam como pedia a Deus e aos santos que não descobrissem o báculo, que Pork matara na véspera. O animal encontrava-se na despensa, e Scarlett ameaçara arrancar os olhos a quem falasse aos soldados do porco morto e dos vivos que estavam na, pocilga, que ela mandara construir no meio

12

L1k"1@ ,

do brejo. Aqueles homens esfomeados eram capazes de devorar o báculo e, se soubessem da existência dos outros, requisitá-los-iam para o Exército. Scarlett estava igualmente sobre brasas quanto ao destino da vaca e do cavalo; mais valia que os tivessem escondido nos charcos que na floresta. Se lhes levassem o resto do gado, seria impossível resistir a outro Inverno em Tara, pois não havia maneira de substituir aqueles animais. Quanto ao modo como a tropa se provia, ela pouco se importava. O Exército que alimentasse o Exército... se pudesse. Scarlett já tinha grande dificuldade em dar de comer aos seus.

A sobremesa, os soldados exibiram uns pães especiais, que Scarlett viu pela primeira vez, mas acerca dos quais já conhecia os gracejos que se lhes fazia na comarca. Apresentavam o aspecto de espirais de madeira caleinada. Os homens acharam-se na obrigação de os oferecer e, quando ela deu uma dentada num desses pães, descobriu que por baixo da superfície queimada estava apenas uma broa sem sal. Aquilo sabia mais a serradura do que a outra coisa! Imediatamente o devolveu ao militar que lho tinha dado, e toda a gente desatou a rir. O seu olhar cruzou-se com o de Melanie, e ambas tiveram este pensamento. "Como poderão continuar a combater se é isto o que eles comem?" A refeição foi bastante alegre, e o próprio Gerald, que presidia, conseguiu puxar pela memória ao ponto de se recordar das obrigações que tem um dono de casa. Quando se remetia ao silêncio punha-se então a sorrir. E, no meio das conversas e dos sorrisos, Scarlett voltou-se bruscamente para Frank Kennedy a fim de lhe perguntar pela tia Pittypat. A expressão, no entanto, que lhe surpreendeu fê-la esquecer-se do que ia dizer. Os olhos de Frank não fitavam Suellen: erravam no quarto, poisavam-se ora sobre Gerald, que tinha o ar duma criança espantada, ora para o chão desprovido de tapetes, ora na lareira vazia, nas poltronas desventradas pelos yankees, nas paredes onde se via a marca deixada pelos quadros. Também observava a mesa tão pobre de baixela, os vestidos remendados das raparigas, o bibe de Wade feito dum saco de farinha. Lembrava-se, por certo, da herdade que ele conhecera antes da guerra e a sua expressão patenteou a dor e a cólera que experimentava. Amava Suellen, simpatizava com as outras irmãs, respeitava Gerald e votava à plantação um verdadeiro culto. Desde que Sherman passara como um vento m, au

13

sobre Geórgia, Frank vira bastantes espectáculos de horror durante as diligências feitas por todo o Estado a fim de obter provisões: mas nada o perturbava tanto como a quinta de Tara naquele momento. Gostaria de ser útil aos O'Haras, em especial a Suellen, mas não lhe era possível. Quando Scarlett lhe surpreendeu o olhar abandonava ele a cabeça, lastimoso, e dava estalinhos com a língua. Como notasse o orgulho indignado da rapariga, baixou a vista, embaraçado, para o prato.

As três irmãs e Melanie estavam ansiosas por notícias. Depois da queda de Atlanta, havia já quatro meses, paralisara o serviço dos correios e elas continuavam na mais perfeita ignorância quanto à localização actual dos yankees, à situação do exército confederado e ao destino de Atlanta e das pessoas conhecidas. Como as suas funções o obrigavam a percorrer o Estado de lé a lé, Frank equivalia a um autêntico jornal, demais a mais sendo aparentado com quase toda a gente de Macon e de Atlanta. Para dissimular o seu embaraço, meteu-se imediatamente na conversa,

-Os confederados poderiam ter retomado Atlanta depois da saída de Sherman. Mas seria uma conquista desvaliosa, com a cidade toda incendiada!

-Eu suponha que o incêndio tinha sido na noite da nossa partida e que os residentes é que haviam posto o fogo!

- Ali, não, senhora,! Nós não queimámos nenhuma das cidades enquanto os nossos estavam lá dentro. O que viu arder foram os armazéns que nós não desejávamos caírem em poder dos yankees, assim como as fundições e os depósitos de material de guerra. Nada mais. Quando Sherman se apoderou da cidade, isso, ainda estava intacto e ele instalou lá os soldados.

- E que sucedeu aos habitantes? Mataram-nos?

- Mataram alguns, mas não a tiro - declarou o soldado zarolho. - Logo que chegou a Atlanta, o general disse ao administrador que toda a gente devia ser evacuada. E havia tantas pessoas de idade incapazes de suportarem uma viagem! Mulheres que... enfim, senhoras que também se não

encontravam em estado de se deslocarem. Pois mesmo assim forçou-as a sair debaixo da chuva mais forte que eu até hoje vi! Abandonou-os a todos no bosque perto de Rough e Ready e pediu por escrito ao general Hood que

14

os fosse recolher. Muitos morreram de pneumonia, ou devido à falta de resistência.

- E por que é que procedeu assim? Não lhe podiam fazer mal nenhum - observou Melanie.

- Alegou que precisava da cidade para os militares e os soldados descansarem - respondeu Frank. - De facto, ficaram lá até meados de Novembro. À partida, pegaram fogo a tudo.

-A tudo! - repetiram as mulheres consternadas. Não concebiam que tivesse deixado de existir a cidade tão animada, tão cheia de gente que haviam conhecido. Todas aquelas moradias sombreadas de árvores, todas aquelas lojas, todos aqueles hotéis tão bons... Tudo isso destruído? Melanie parecia prestes a debulhar-se em lágrimas porque ali fora criada e tivera a sua casa. A própria Scarlett sentiu o coração oprimido, pois, em seguida a Tara, era aquele o sítio que preferia.

-Isto é, a quase tudo - apressou-se Frank a corrigir, impressionado com a expressão delas. Esforçou-se por se mostrar despreocupado, para não apouquentar mais as senhoras, e, para evitar maiores sobressaltos, calou os factos piores a que assistira. Outros que lhes contassem.

Não podia descrever-lhes o que o Exército vira quando retomara posse de Atlanta: centenas de chaminés enegrecidas e isoladas entre ruínas, montões de escombros meio calcinados, tijolos a obstruir as ruas, árvores antigas que o fogo matara, deixando-lhes os ramos carbonizados... Não esquecera a impressão terrível que lhe causara tal espectáculo, nem as maldições dos confederados quando tinham visto o que restava da cidade. Oxalá aquelas senhoras nunca chegassem a saber dos horrores que os homens de Sherman haviam praticado no cemitério, quando da pilhagem, pois não suportariam semelhante notícia. Era lá que estavam enterrados os pais de Melanie e Charles Hamilton. A visão daquele cemitério saqueado ainda causava pesadelos a Frank. Na esperança de encontrar jóias nos defuntos, os soldados yankees tinham arrombado jazigos, revolido sepulturas, despojado os mortos, arrancado às urnas as guarnições de prata. Entre os caixões desmantelados, amontoavam-se cadáveres e ossos expostos ao sol e ao vento...

E Frank também não podia falar dos cães e dos gatos. As senhoras dedicavam tanta estima a esses animais! Milhares de cães e de gatos vagueando pelas ruas, tran-

15

... r

sidos, esfomeados, bravios... Os fortes atacavam os fracos, os fracos espreitavam a morte dos mais fracos ainda, para os comerem... E, por cima da cidade em ruínas, butifos sinistros pairando no céu nebuloso...

Frank procurou nos recônditos da memória qualquer pormenor que atenuasse a má impressão das senhoras.

-Ainda ficaram algumas casas de pé-declaroucas distanciadas das outras, a que o incêndio não se propagou. As igrejas e a loja maçónica estão intactas, assim como alguns armazéns. Mas a zona comercial, o bairro ao longo da via férrea... isso ardeu tudo.

-- Nesse caso já não existe o armazém que Charles me deixou? -disse Scarlett, com amargura.

- Se ficava próximo da linha, decerto também foi destruído... - Frank sorriu de repente. Como é que não se lembrara disso mais cedo? - Alegrem-se, minhas senhoras! A casa da sua tia Pitty não ardeu. Ficou um pouco danificada mas lá está. _bomo é que escapou,ao incêndio?

foi construída de tijolos, e devia ser a única em Atlanta que tinha telhado de ardósia. Suponho que foi devido a isso que o lume lhe não pegou. Para mais, é um dos últimos prédios do lado norte, e aí o incêndio não foi tão violento. É claro, os yankees aquartelados nessas bandas fizeram o possível por estragá-la. Chegaram ao ponto de partir os balaústres e o corrimão de mogno da escada, para

fazerem lenha; mas, quanto ao resto, a casa está na @@esma, Quando a semana passada encontrei a senhora Pitty em Macon...

-Encontrou-a? Como é que ela está? -Muito bem. Dei-lhe a notícia de que a casa ficara intacta e resolveu logo voltar para Atlanta. O que não sei é se o velho preto a deixará partir... Muitas pessoas já regressaram a Atlanta. Sherman não tomou Macon, mas receiam que Wilson apareça por lá, e Wilson ainda é pior que Sherman.

- Mas que tolice, a de essas criaturas terem regressado, se perderam a casa! Onde é que se abrigam?

-Abrigam-se em tendas 'em grutas 'em cabanas feitas de tábuas. Nas poucas casas que restam@ alojam-se seis e sete famílias, E tentam reconstruir. Não é tolice, não. Conhecem tão bem como eu os habitantes de Atlanta. Têm tanto apego àquela cidade como os de Charleston têm à sua, e seria preciso outra coisa além de yankees e de incêndios

16

para saírem dali definitivamente. Os atlantenses... salvo o devido respeito, senhora Melly... são teimosos como burros quando se trata da sua terra. Não sei porquê... Sempre achei Atlanta destestável, muito barulhenta, muito dinâmica... Mas eu sou do campo e não gosto de cidade nenhuma. Em todo o caso, compreendo que os primeiros a regressar são os mais espertos. Os que chegarem depois não encontrarão uma tábua nem uma pedra da sua casa, porque_ o que todos pretendem agora é material para reconstrução. Ainda anteontem vi a senhora Merriwether 'a menina Maybelle e ai criada preta a apanharem tijolos e a, pô-los num carrinho de mão. E a senhora Meade disse-me que tencionava fazer um casebre de madeira logo que o doutor estivesse de volta para a ajudar. Contou-me que já vivera numa cabana quando Atlanta ainda se chamava Marthasville e que não se importava nada viver assim outra vez. n claro, disse isto por brincadeira, mas por aqui se vê a forma de pensar daquela gente.

-Coragem não lhes falta-comentou Melanie, com orgulho. -Não achas, Scarlett?

Scarlett fez um gesto afirmativo. Atlanta, como dissera Frank ' era uma cidade dinâmica, e por isso mesmo é que ela a apreciava. Ali não se fazia vida caseira como nos burgos mais antigos, e todos mostravam uma exuberância que se harmonizava com o feitio de Scarlett. "Sou como Atlanta", pensou ela. "Nem yankees nem incêndios me deitam abaixo".

- Se a tia Pitty voltar para Atlanta, podemos ir morar com ela. Seria o melhor. Não te parece, Scarlett?

- Abandonar Tara? - retorquiu Scarlett, com uma nota de irritação na voz. -Se quiseres ir, vai. Não te retenho.

- Não era isso que eu queria dizer - volveu Melanie, corando. - Que cabeça a minha! Evidentemente que não podes abandonar Tara... E... a tia tem o Peter e a criada para tratarem dela...

- Nada te impede de ir - tornou secamente Scarlett.

- Sabes bem que não te deixo. Sem ti... morria de medo.

-Como queiras 'Aliás ninguém me apanha em Atlanta. Assim que estejam alguAs prédios construídos, Sherman voltará para incendiar tudo outra vez.

-Não voltará-afirmou Frank. E, apesar dos seus esforços, transpareceu4he o desgosto na fisionomiá.

- Atra-

2 - Vento Levou - 11

17

vessou todo o Estado até a costa. Savannah rendeu-se esta semana e consta que os yankees entraram em Carolina do Sul.

- Savannah rendeu-se!

- Não podia-fazer outra coisa. Não dispunha de homens suficientes para a defesa, apesar de terem chamado todos os que puderam. Sabem que, quando os yankees marcharam sobre Milledgeville, convocaram todos os alunos dos colégios militares sem se preocuparem com a sua idade, e que até abrirai@ a Penitenciária para terem tropas frescas? 19', verdade, libertaram todos os presos que

estavam dispostos a bater-se e prometeram-lhes <> indulto se esca" passem da guerra. Senti-me arrepiado ao ver aqueles miúdos nas fileiras ao lado de assassinos e de ladrões.

-Libertaram os presos? São capazes de nos atacar! -Não se assuste, minha senhora. Eles estão muito longe daqui. Além disso, esses homens são esplêndidos soldados. O facto de ser ladrão não impede de ser bom soldado.

-Acho isso magnífico -murmurou Melanie.

- Eu, não - ripostou Scarlett. - Já temos muitos gatunos no país, não só os yankees como...

Calou-se a tempo, mas os homens desataram a rir e completaram a frase:

-Não s6 os yankees como os funcionários da Manutenção Militar.

Scarlett corou até à raiz dos cabelos.

- E onde está o exército do general Hood? - interveio Melanie. -Esse é que podia defender Savannah.

- Oh, minha senhora! - protestou Frank. - O general nunca esteve nessas bandas. Batia-se em Tennessee para expulsar os yankees de Geórgia.

-E o seu plano deu um resultado! -exclamou Scarlett em tom sarcástico. -Deixou os malditos yankees atravessar o nosso país e, para nos proteger, chamou meninos de escola e presidiários!

- Não praguejes, filha! - ralhou Gerald, inesperadamente. - Tua mãe não gostaria de te ouvir.

- Malditos, sim! - repetiu Scarlett, afogueada. - Hei-de apodá-los sempre de malditos.

Aquela alusão a Ellen provocou um silêncio de constrangimento. De novo Melanie se interpôs.

18

-Quando estive em Macon, viu India e Honey Wilkes? Elas souberam alguma coisa de Ashley?

-Oh, minha senhora, se houvesse novidade a respeito dele eu vinha logo informá-la! Não não souberam nada. Em todo o caso, não se aflija. Sei que há muito tempo não recebe notícias de seu marido, mas não se pode contar com notícias frequentes dum prisioneiro, não é verdade? A vida nas prisões yankees não é tão má como nas nossas. Aos yankees não falta comida, nem medicamentos, nem cobertores. Ao passo que a nós...

- Sim, os yankees têm tudo o que é preciso, mas não dão nada aos prisioneiros - observou Melanie em tom de amargura. - Sabe-o muito bem, senhor Kennedy, e diz isso para me animar. Não ignora que os nossos morrem de fome e de frio, que não têm assistência médica nem remédios, porque os yankees nos detestam. Oh, pudéssemos nós varrer da face da Terra todos os yankees! Sei que Ashley já...

- Cala-te! - atalhou Scarlett, com um nó na garganta. Enquanto ninguém dissesse que Ashley morrera acalentava a débil esperança de que ele ainda vivia; mas tinha a impressão de que, se alguém proferisse a frase fatal, Ashley morreria no mesmo instante.

-Não se apoquente por causa do seu marido -interveio o soldado zarolho. - Capturaram-me depois da primeira batalha, de Manassas e, enquanto estive prego, deram-me tudo o que havia de bom: bolos, frango assado no espeto...

- Palpita-me que isso é uma grande peta -disse Melanie esboçando um sorriso. - Que lhe parece?

-Parece-me que sim -respondeu o homem, soltando uma gargalhada.

-Se quiserem passar todos à sala, cantarei algumas loas de Natal-propôs Melanie, desejosa de mudar de assunto.-Os yankees não puderam levar o plano. Está muito desafinado, Suellen?

-Desafinadíssimo - respondeu esta sorrindo para Frank.

Entretanto, quando os convivas saíam da casa de jantar, Frank deixou-se ficar para trás e puxou pela manga de Scarlett.

particular.

-Gostaria de ter consigo uma conversa em

19

Scarlett receou que ele quisesse falar-lhe dos animais e tratou de forjar uma mentira.

Depois de todos saírem, Frank e Scarlett aproximaram-se do fogão. Frank parecia agora um velho, sem a falsa alegria que antes lhe animava o rosto. A sua pele seca e escura lembrava as folhas que rodopiavam ao vento nos campos de Tara. As suíças arruivadas estavam entremeadas de cãs. Frank afagava-as distraidamente e, antes de começar a falar, pigarreou de modo desagradável.

-Senti muito a morte da senhora sua mãe... -Não toquemos nesse assunto por favor -E o senhor seu pai... Ficou assim desde que ... ?

- Sim. Já não é o mesmo, como viu. -Era muito afeiçoado à esposa...

- Peço-lhe senhor Kennedy, não falemos de...

- Desculpe, menina Scarlett. - Frank arrastava os pés, nervosamente. - Eu tencionava falar ao senhor O'Hara de determinado assunto, mas compreendo que não está em condições de...

- Talvez eu possa ajudá-lo, senhor Kennedy. Afinal, sou eu quem faz as vezes de chefe de família.

- n que... - principiou Frank, puxando pelas suíças com dedos trémulos -...é que eu queria pedir ao seu papá a mão da menina Suellen,

-Então ainda não falou nisso ao meu pai? -replicou Scarlett, admirada e divertida com o caso. -Há tanto tempo que namora minha irmã!

Frank corou e sorriu timidamente,

- Não tinha a certeza de que ela me quisesse. Sou muito, mais velho, e havia. tanto rapaz a rondá-la...

"Rondavam era a mim, não era a Suellen", pensou Scarlett.

- E ainda não sei se ela ine quer. Nunca lhe disse nada, mas a menina Suellen deve já ter percebido os meus sentimentos. Eu queria que o senhor O'Hara me desse consentimento... Acho de minha obrigação dizer a verdade. Noutros tempos, eu tinha algum dinheiro, mas hoje nada mais possuo do que o meu cavalo e a roupa que trago vestida. Quando me alistei, vendi quase todas as propriedades e coloquei o dinheiro em títulos de dívida da Confederação. Sabe o que valem agora; menos ainda do que o papel em que estão impressos. E nem isso me resta, porque ardeu tudo com a casa de minha irmã. n, uma ousadia pedir a

20

mão da menina Suellen nesta altura em que não tenho um cêntimo mas... A gente não pode prever o que resultará desta g@erra, Dá-me a impressão de que será o fim do mundo... n tudo tão incerto! Seria um consolo para mim, e talvez também para ela, ficarmos noivos oficialmente. Ao menos era uma coisa segura. Não pretendo casar enquanto não tiver com que manter um lar e não faço a mínima ideia quando isso acontecerá, ma@, se dá algum valor a uma afeição sincera, pode ter a certeza de que a sua irmã será rica nesse ponto, se não o for materialmente.

Proferiu estas palavras com uma dignidade que chegou a enternecer Scarlett, embora ela estivesse a desfrutá-lo. Não compreendia que alguém pudesse amar Suellen. Achava a irmã um monstro de egoísmo que passava a vida a lastimar-se e a aborrecer os outros.

-Está muito bem, senhor Kennedy-disse em tom amável. - Falo em nome de meu pai. Ele sempre teve por si grande consideração e esperava que Suellen casasse consigo.

- Palavra?! - exclamou Frank, radiante. -Sim, senhor-afirmou Scarlett, reprimindo a vontade de rir ao lembrar-se da maneira como Gerald costumava antigamente interpelar Suellen, dum extremo a outro da mesa: "Então, menina? O teu apaixonado ainda não se declarou? Será preciso que eu lhe vá perguntar quais são as suas intenções?"

-Vou falar hoje mesmo à menina Suellen-disse Frank, com as bochechinhas a tremer. Agarrou na mão de Scarlett e apertou-a com força.-Muito obrigado pela sua bondade.

-Direi a Suellen que venha ter consigo. E Scarlett dirigiu-se para a sala. Melanie começou a tocar. O piano encontrava-se muito desafinado, mas algumas notas conservavam bela sonoridade e Melanie elevava a voz para entusiasmar os outros a cantar Ouvi os Anjos Anunciadores.

Scarlett parou a escutar o cântico de Natal. Parecia-lhe impossível que a guerra tivesse passado duas vezes por ali, que ela vivesse com os seus num país devastado à beira da miséria, quase a morrer de fome... Voltou-se de repente para Frank:

-Que queria dizer ao declarar-me que tinha a impressão de que isto era o fim do mundo?

21

--Vou falar-lhe com toda a franqueza - respondeu Frank lentamente. -Mas peço que não alarme as outras senhoras repetindo as minhas palavras. A guerra não pode durar muito mais tempo. Há falta de homens que preencham as vagas nas fileiras e cada vez é mais elevado o número de desertores. Não suportam estar longe da família, sabendo que a mulher e os filhos morrem de fome, e regressam a casa para ver se conseguem arranjar-lhes subsistência. Não os censuro, mas o facto é que o Exército enfraquece. Além disso, os soldados não podem trabalhar sem comer, e o alimento escasseia. Ninguém melhor que eu sabe o que se passa porque sou oficial da Administração Militar. Desde que @etornámos Atlanta percorri a região de lés a lés e não encontrei nada que enchesse sequer o papo a um canário. E em trezentas milhas até Savannah é tudo a mesma coisa. As pessoas estão na miséria, já não existem linhas férreas, nem espingardas, nem munições, nem sequer cabedal para sapatos. Nestas condições, não acha que o fim está próximo?

Mas as ilusões perdidas da Confederação afligiam muito menos Scarlett do que as observações de Frank acerca da falta @de alimentos. Tencionava confiar a Pork as suas moedas de ouro e as notas confederadas e mandá-lo, com o cavalo e a carroça, procurar mantimentos e algumas peças de roupa. Mas, se o que Frank dizia era verdade...

No entanto, Macon não caíra em poder do inimigo. Devia haver comida em Macon. Assim que se retirassem os homens da manutenção, ela mandaria Pork a Macon, embora se arriscasse a que requisitassem para o Exército o seu precioso cavalo.

- Não falemos mais de coisas tristes esta noite, senhor Kennedy - disse Scarlett. - Vá para a saleta da minha mãe e espere lá pela Suellen, Assim, poderão... conversar mais à vontade.

Vermelho e sorridente, Frank saiu do quarto, seguido pelo olhar da irmã de Suellen.

"Pena é que não -case já com ela", pensou Scarlett. "Seria menos uma boca a alimentar".

22

ZO

No mês de Abril do ano seguinte o general Johnston, a quem haviam restituído os pobre@ restos do seu exército desmantelado, rendia-se ao inimigo no Estado de Carolina do Norte. Assim acabava a guerra. Todavia a notícia só chegou a Tara duas semanas depois. Havia ali muito que fazer, de modo que não podiam perder tempo em visitas nem conversas. E como os vizinhos estavam também ocupados, as novidades chegavam duns a outros com enorme lentidão.

Procedia-se nessa altura à lavra das terras. Era preciso semear algodão, hortaliças e legumes aproveitando as sementes trazidas de Macon pelo negro Pork. Este estava tão orgulhoso por ter voltado são e salvo com o seu carregamento que já não fazia praticamente nada. De facto, trouxera a carroça, cheia de roupa, sementes, criação, presunto, carne de vaca, farinha. De vez em quando contava as suas peripécias de viagem e os perigos a que escapara. Deliciava-se a descrever os caminhos desviados que havia seguido, as veredas por onde não passava ninguém, os antigos trilhos, as sendas destinadas apenas aos cavalos. Durante as cinco semanas que durara a ausência dele, Scarlett estivera sobre brasas, mas ao vê-lo chegar, não lhe dirigira qualquer censura.

Alegrava-a a ideia de que o preto se saíra bem e de que não fizera despesas inúteis: no fundo, desconfiava de que alguns géneros não tivessem sido comprados, o que explicava tantas economias feitas. Na realidade para que haveria Pork de gastar o dinheiro da sua senho@a, se existiam pelos caminhos numerosas galinhas à solta? Tantas despesas a pedir que lhes deitassem a mão?

Agora que já não se encontravam à míngua dos mantimentos, os habitantes de Tara esforçavam-se por dar à vida, o seu aspecto normal. Havia afazeres para todos, muitos afazeres contínuos,

infindáveis. Era preciso arrancar os caules s@cos dos algodoeiros do a-no anterior, a fim de dar espaço para a nova sementeira. O cavalo 'que não estava habituado a puxar a charrua deixava-se conduzir de mau modo. Fazia mister, também, àesembarçar a horta das ervas que a enchiam, semear para aquele ano, cortar

23

lenha, repor as vedações que os yankees haviam tirado para queimar. Duas vezes por dia tinham de ir ver as armadilhas que Pork distribuía, destinadas aos coelhos bravos, e verificar se as linhas de pesca necessitavam de engodo. Isto sem falar das camas por fazer dos quartos a limpar do serviço de cozinha, com a re4ectiva. loiça. E levar 6mida aos porcos e às galinhas, e recolher os ovos que estas punham. E ordenhar a vaca, levá-la a pastar perto do brejo, vigiando-a todo o tempo, não fossem aparecer de súbito os yankees ou os subordinados de Fr@nk Kennedy... O pequeno Wade também fazia o trabalho. T as as manhãs, de cabaz no braço, ei-lo com ar importa@n2 a apanhar caruma e lenha para atear o lume.

Foram os rapazes Fontaines os primeiros da comarca que regressaram da guè@ra: eles é que trouxeram a nova da rendição de Johnston. Alex, que ainda possuía botas, vinha a pé, e Tony, que estava descalço, montava um muar desselado. Tony sempre tratara de ser o mais bem servido da família. Depois daqueles quatro anos de exposição ao sol e às intempéries, estavam ambos mais tismados do que nunca e igualmente mais magros. Com a barba intonsa que h@viam deixado crescer, tornavam-se quase irreconhecíveis.

De caminho para as Mimosas e ansiosos por se acharem em casa, pararam só uns instantes em Tara para cumprimentarem as raparigas e anunciar-lhes a rendição do Exército. Estava tudo acabado, diziam eles, mas com o ar de quem não ligava muita inoportância ao facto. A única coisa que os preocupava era saber se a residência das Mimosas fora incendiada. Naquela viagem de regresso não tinham visto senão paredes enegrecidas onde outrora existiram moradias, e mal ousavam esperar que a sua houvesse sido poupada. Suspiraram, pois, longamente quando Scarlett lhes participou que as Mimosas continuavam de pé, e deram fortes palmadas nas coxas ao ouvi-la contar a cavalgada doida de Sally e a forma admirável como ela saltara a sebe.

- P, uma rapariga valente - comentou Tony. - Que pouca sorte ter-lhe rnorrido o Joe! Terá você por acaso um pouco de tabaco de mascar Scarlett?

- Não, temos só de 6chimbo. O pai fuma-o num cachimbo improvisado.

-Ainda não cheguei a esse apuro-replicou Tony.Mas não vem longe o dia...

24

- Que tal vai a Dimitry Munroe? - perguntou Alex vivamente, se bem que um pouco embaraçado. E Scarlett lembrou-se vagamente de que ele não desagradava à irmã mais nova de Sally.

- Menos mal. Vive agora com a tia em Fayetteville. A casa de Lovejoy ardeu, O resto da família está em Macon.

-Não é isso que lhe interessa. Ele só queria saber se Dimitry casou com um desses heróicos coronéis das forças territoriais - observou Tony, escarninho.

Alex deitou-lhe um olhar furibundo.

- Não, não casou - respondeu Scarlett, divertida. -Talvez mais valesse ter casado -replicou Alex com ar soturno. -Como diabo... desculpe, Scarlett... como é que um homem pode pedir uma rapariga em casamento quando se vê sem escravos, sem gado e sem dinheiro?

-Bem sabe que Dimitry não se importaria com isso -volveu Scarlett, Podia ser magnânima para Dimitry e dizer bem dela, porque Alex Fontaine nunca entrou nr, rol dos seus pretendentes.

- Raios me par... Desculpe, Scarlett. Tenho de perder o hábito de praguejar, senão a avó ainda me chega ao pélc;.

O caso é que, na situação em que me encontro, não vou propor casamento a uma rapariga. Se ela não se importa, importo-me eu.

Enquanto Scarlett tagarelava com os dois rapazes debaixo da varanda, Melanie, Suellen e Carreen entraram silenciosamente em casa após a notícia da rendição. Depois de os Fontaines partirem, Scarlett entrou por seu turno e ouvia-as chorar na saleta de Ellen. Tudo findara: o belo sonho que haviam acalentado, a Causa que lhes arrebatara os amigos, os noivos, o marido e que arruinara a família. Caíra Tara sempre essa Causa que tinham julgado invencível.

Scarlett é que não via razão para lágrimas. Quando soubera a grande novidade, dissera logo consigo: "Graças * Deus! Agora já não há perigo que me furem a vaca, nem * cavalo. Agora já podemos tirar as pratas da cisterna e

cada qual terá o seu talher. Acabou-se o medo de andar pela região à procura de alimento".

Que alívio! Não ter mais sobressaltos ao ouvir tropel de cavalos, nem acordar a meio da noite, com a sensação de estarem yankees no pátio... Enfim, Tara estava salva! Isto ainda era o melhor de tudo. Daí em diante já não teria o

25

receio constante de ver a casa adorada consumida pelas chamas.

Sim, a Causa estava perdida, mas Scarlett sempre considerara a guerra uma loucura e a paz - era preferível a tudo. Nunca se comovera ao ver izar a bandeira da Confederação nem ao ouvir tocar Dixie. Essa dedicação à Causa, esse fanatismo que sustentara as outras mulheres não a haviam ajudado a suportar as privações, os repugnantes deveres de enfermeira os terrores durante o cerco, a fome por que passara nos últimos meses. Tudo findara, e não seria ela que desataria a chorar por causa disso.

Tudo acabado. Acabada aquela guerra interminável, aquela guerra que Scarlett não desejara, que lhe cortara a vida a meio, corte tão profundo que ela mal se lembrava da sua existência de outrora.

Podia inclinar-se sobre o passado e rever sem comoção nenhuma a linda Scarlett com os seus sapatinhos de marroquim verde e os seus folhos impregnados de perfume de alfazema. Custava-lhe a crer que fosse essa mesma rapariga a quem todos os rapazes cortavam, que possuía uma centena de escravos que se apoiava nas riquezas de Tara como nas muralhas duma fortaleza, que era tão amimada pelos pais. Scarlett O'Hara, a que tivera tudo quanto queria... excepto o que dizia respeito a Ashley.

Alguns, na longa estrada que serpenteava através dos últimos quatro anos, a rapariguinha perfumada, calçada de sapatinhos leves, cederia lugar a uma mulher de olhos duros que contava o dinheiro e fazia trabalhos grosseiros, mulher a quem a derrocada nada deixara além do indestrutível solo vermelho que ela pisava.

Enquanto, no vestíbulo ouvia as outras soluçar, Scarlett elaborava os seus planos. "Semearemos, muito mais algodão. Amanhã, vou mandar Pork a Macon comprar mais sementes. Agora os yankees não queimam o algodão nem as nossas tropas precisam dele. Santo Deus! O algodão vai atingir preços fabulosos, com certeza!"

Entrou na saleta e, sem sequer olhar para as mulheres lacrimosas sentadas no sofá, instalou-se em frente da escrivaninha e pegou numa comprida pena de pato, para calcular o que lhe ficaria depois de comprar mais sementes.

"Acabou a guerra" disse consigo. E, de súbito invadida por uma onda de felicidade, descansou a pena. A guerra acabara e Ashley... se ainda estivesse vivo... Ashley ia

26

voltar! Scarlett perguntou a si mesma se Melanie teria pensado nisso no meio daquele desgosto pela Causa perdida. "Em breve receberemos carta... Carta não, porque não há correio. Mas, de qualquer maneira, não tardaremos a saber dele".

Contudo, passaram-se dias, semanas, e continuavam sem notícias de Ashley. No Sul, o serviço postal funcionava de maneira precária e nos campos não havia postos de correio nem distribuição de cartas. Por vezes um viajante de Atlanta trazia meia dúzia de linhas da tia Pitty, em que esta suplicava que Scarlett e Melanie fossem viver com ela. Mas, de Ashley, nem novas nem mandados. Depois da rendição, do Exército travou-se um conflito entre Searlett e Suellen por causa do cavalo. Agora que os yankees não eram de temer, Suellen queria visitar os vizinhos. Sentia-se isolada e tinha saudades da agradável convivência doutros tempos. Desejava ir a casa das amigas, não só para conversar com elas como também para verificar se viviam em melhores condições que os moradores de Tara. Scarlett, porém, manteve-se inflexível. O cavalo era para transportar lenha da mata, puxar a charrua, trazer as provisões que Pork adquiria. Ao domingo, tinha todo o direito de descansar. Se ela queria fazer visitas, fosse a pé.

Até ao ano anterior, Suellen nunca percorrera a pé mais decern metros e não a seduzia nada a perspectiva de fazer longas caminhadas. Conservou-se, pois, em casa, a choramingar e a dizer constantemente: "Ah, se a mamã estivesse aqui!" Por fim Scarlett deu-lhe a bofetada que desde muito lhe prometera, e tão violenta foi que Suellen se atirou para cima da cama a gritar quanto mais podia, o que provocou grande consternação em toda a casa. Depois disso Suellen refreou as suas lamentações, pelo menos em presença de Scarlett.

Searlett não mentira quando alegara que queria o cavalo em descanso ao domingo, mas também não fora absolutamente sincera. No mês seguinte à rendição fizera várias visitas na comarca, e a vista dos velhos amiões e das antigas plantações havia-a desanimado mais do que ela própria julgava. Eram ainda os Fontaines quem, graças a Sally, se encontravam em situação mais desafogada, mas só podiam considerá-la boa em relação à existência dramática dos vizinhos.

27

.tãã@*I 1,1

L&àLã@.`

A avó Fontaine nunca ficara completamente bem depois do ataque cardíaco que tivera no dia em que ajudara a apagar o incêndio e a salvar a casa. O velho Dr. Fontaine restabelecia-se lentamente da amputação dum braço. Alex e Tony manejavam a charrua e a enxada sem habilidade nenhuma.

Quando Scarlett lá chegou, ambos eles, debruçados por cima do muro para lhe apertar a mão, tinham-se rido da carroça desconjuntada que trouxera a visitante, Scarlett pedira-lhes que lhe vendessem milho para sementeira, eles concordaram, e daí começaram a falar de assuntos relativos à quinta. Os Fontaines tinham uma dúzia de galinhas duas vacas, cinco porcos e a mula que haviam trazido da guerra. Um dos porcos morrera havia pouco e estavam com receio de perder também os outros. Ao ouvir falar assim aqueles ex-janotas, cuja única preocupação, noutros tempos era saber o que havia de melhor e mais moderno em matéria de gravatas, Scarlett riu-se também, com um riso tão amargo como o deles quando haviam troçado da carroça. Nas Mimosas, todos a tinham recebido de braços abertos e teimado em dar-lhe e não vender-lhe, o milho que ela pretendia.

Quando Scarlett pusera uma nota sobre a mesa, os Fontaines, manifestando bem o seu feitio impetuoso, negaram-se redondamente a aceitar o dinheiro. Ela tivera de aceitar a oferta, mas, à socapa, meteu na mão de Sally uma nota de dólar. Desde a primeira visita de Searlett, oito meses antes, Sally modificara-se muito. Nesse tempo, ainda que andasse pálida e triste, sentia-se nela grande energia; mas agora essa energia, desaparecera como se a rendição, do Exército lhe tivesse tirado as derradeiras esperanças.

- Scarlett - murmurou ela, fechando a mão sobre a nota. - De que serviu tudo aquilo? Para que nos batemos? Oli, meu pobre Joe!

- Não sei por que motivo nos batemos, nem quero saber - ripostou Scarlett. - Não me interessa.

Nunca me interessou. A guerra é assunto para homens, não para mulheres, o que me interessa é ter uma boa colheita de algodão. Olhe, Sally, pegue nesse dólar e compre um bife ao pequeno Joe. Sabe Deus se ele precisa de roupa. Alex e Tony são muito amáveis, mas não quero despojar-vos do vosso milho.

Os rapazes acompanharam-na até à carroça e ajudaram-na a subir, sempre cavalheirescos apesar dos andrajos ' sempre alegres, com aquela alegria subtil peculiar aos Fon-

28

taines. Mas, ao afastar-se das Mimosas, Scarlett não pôde reprimir o calafrio que lhe deu a evocação da pobreza em que eles viviam. Já tinha tanto disso, na sua casa! Como seria bom frequentar gente rica, para quem as refeições não constituíssem problemas intrincados!

Cade Calvert achava-se na sua moradia, e @carlett, ao subir a escada recordou-se das inúmeras vezes que ali fora para dançar. ã rapaz tinha mau parecer, de faces cavadas, coma morte estampada mesmo no rosto. Estava a tomar sol, estendido numa preguiceira, com um xaile sobre os joelhos. Tossia constantemente. No entanto ao reconhecer a visita, a fisionomia iluminou-se-lhe. Tratava-se apenas duma simples constipação que lhe descaíra para o peito, explicou ele, tentando levantar-se para receber Scarlett. Apanhara aquilo dormindo vezes repetidas à chuva, Mas a doença não duraria muito e, logo que estivesse melhor, recomeçaria a trabalhar.

Nessa ocasião Cathleen, tendo ouvido vozes, saiu de casa e, cruzando a vista com a dela, por cima da cabeça do irmão. Scarlett pôde ler~lhe no olhar um profundo desgosto. Invasa pelas ervas ruins 'a plantação estava por assim dizer ao abandono. No meio das terras de lavra começavam a surgir pinheiros; na casa reinava a mais completa desor~ dem, Cathleen vinha pálida e parecia descarnada.

Cathleen e o irmão viviam naquela residência silenciosa em companhia da cunhada yankee, das suas quatro irmãzin,has consanguíneas, e de Hilton, feitor da propriedade. Scarlett antipatizava tanto com este como antipatizara com o antigo capataz de Tara, Jonas W11kerson; e nesse momento ainda embirrou mais com ele, vendo-o aproximar-se com todo o desembaraço e tratá-la como de igual para igual. Outrora o homem apresentava um misto de servilismo e impertinência, mas ao presente, com a morte de Calvert e de Raiford na guerra e com a doença de Cade, toda aquela humildade havia desaparecido. A segunda mulher do patrão nunca soubera impor-se aos criados pretos e não seria de esperar que o conseguisse dum servidor branco.

- Hilton foi muito amável em não nos ter abandonado nestes tempos difíceis -disse ela, um tanto nervosa, lançando olhadelas furtivas à enteada. -Deve saber já como ele salvou, por duas vezes a nossa e-asa, quando Sherman passou por aqui... Que se@ia de n6s sem o seu auxílio, na penúria em que nos encontramos, com a doença de Cade!...

29

â@. <@

Ao rosto lívido de Cade subiu um súbito rubor. Cathleen fechou os olhos franjados de longas pestanas. Então Scarlett compreende@ que aquele irmão e aquela irmã se sentiam aflitos com a dependência em que se achavam perante aquele feitor yankee. A senhora Calvert dir-se-ia que ia chorar. Cometera, evidentemente, uma indiscrição: passava todo o tempo a dizer inconveniências, Embora vivesse há vinte anos no Estado de Geórgia, ainda não fora capaz de compreender os sulistas. Nunca sabia em que tom devia dirigir-se aos filhos do marido, os quais'no entanto, a tratavam sempre com a maior delicadeza. No fundo, desejava ardentemente voltar para o Norte levar consigo os pequenos e deixar essa gente tão estr@nha e emproada.

Após aquelas visitas, Scarlett não sentiu desejo nenhum de ver os Tarletons. Não tinha ânimo de ir agora que já ali não estavain os quatro rapazes, que a @asa fora destruída pelo incêndio e que o resto da família morava na habitação do feitor, Mas Suellen e Carreen tanto insistiram, e Melanie tanto disse considerar feio não dar as boas-vindas ao senhor Tarleton, que, num belo domingo, lá foram todas quatro.

Foi a visita mais penosa. Quando a carroça subia a alameda e passava diante das ruínas da casa, viram Beatrice Tarleton. Vestida com um velho fato de amazona, de chicote debaixo do braço, estava encarrapitada no muro da cerca reservada aos cavalos, de olhos no vácuo e expressão

carrancuda. A seu lado, com ar tão lúgubre corno o da patroa, encontrava-se o pretinho cambaio que, noutros tempos se ocupava dos cavalos. Na cerca, antigamente cheia de @otros brincalhões e de éguas plácidas, só restava um muar, aquele em que Tarleton regressara da guerra.

- Palavra que não sei o que faça de mim - disse ela, descendo para o chão -agora que to-dos desapareceram. -

Ao ouvi-la, poder-se-ia supor que fazia alusão aos filhos mortos; mas as raparigas sabiam que ela pensava nos seus queridos cavalos. -Todos mortos! Se ao menos me restasse a pobre Nellie! Não, só me resta um muar. Um muar indecente! - repetia, lançando um olhar indignado àquele animal quase sem pêlo. -]@ uma ofensa à memória dos meus queridos cavalos, ter uma coisa destas aqui! Devia ser proibido criar mulas.

Jim Tarleton, irreconhecível com a barba hirsuta, saiu

30

da casa do feitor e veio cumprimentar as visitas. As filhas dele, quatro ruivas, com os seus vestidos no fio, saíram por seu turno, atropelando uma dúzia de cães pretos e cor de canela'que tinham começado a ladrar ao escutarem vozes desconhecidas, A família @toda aparentava um ar de alegria estudada que ainda impressionou mais Scarlett do que a amargura dos Fontaines e a angústia de Cathleen.

Os Tarletons insistiram com as raparigas para que ficassem e jantassem com eles. Recebiam tão poucas visitas que desejavam aproveitar a de Scarlett e das irmãs e cunhada e ouvir contar tudo o que estas sabiam. Scarlett tinha vontade de se ir embora, tanto a oprimia a atmosfera da casa, mas as outras quiseram aceitar o convite e ela viu-se obrigada a comer parcamente as ervilhas piladas e a escassa carne que lhe apresientaram à mesa. Aliás, aquela modesta refeição foi pretexto para motejos, e o bom humor aumentou quando os Tarletons descreveram, como se se tratasse da mais divertida anedota, os expedientes a que recorriam para se poderem vestir. Melanie surpreendeu Scarlett narrando com inesperada vivacidade os trabalhos fragosos levados a efeito em Tara e rindo-se das privações que sofriam. Swrlett mal tinha coragem de falar. O quarto parecia-lhe tão vazio sem os quatro Tarletons! Eram tão engraçados, tão divertidos! E, se a ela aquilo se afigurava fúnebre, que sentiriam no fundo os da família, debaixo daqueles rostos sorridentes?

Ca,rreen pouco falara no decurso do jantar, mas no fim, aproximou-se da dona da casa e segredou-lhe @ualquer coisa ao ouvido. O rosto da senhora Tarleton modificou-se, o sorriso desapareceu e ela abraçou o corpo franzino de Carreen. Saíram ambas, e Scarlett, farta do ambiente, resolveu segui-las. As primeiras atravessaram o jardim, dirigindo-se para o cemitério privativo. Ah, agora Scarlett já não as podia deixar: seria indelicado voltar para trás e reunir-se aos outros. Mas por que cargas de água pretendia Carreen levar a senhora Tarleton até à sepultura dos filhos, quando a Beatrice custava tanto mostrar-se corajosa?

Debaixo dos cedros, entre os quatro muros do recinto, havia duas estelas de mármore, tão novas ainda que a chuva não tivera tempo de as borrifar de terra vermelha.

- Temo-las desde a semana passada -participou Beatrice Tarleton. - Meu marido foi a Macon e trouxe-as na carroça.

31

Quanto não tinham custado aquelas lápides! Searlett, de repente, sentiu muito menos pena dos Tarletons. Quem gastava dinheiro em semelhantes coisas quando os alimentos eram tão caros não mereciam a comiserção de ninguém. E ainda por cima, em cada lápide estavam gravadas várias'inscrições. Quanto mais inscrições maior a despesa. Aquela gente enlouquecera! E não devia'ter custado pouco a trasladação dos três cadáveres. Sim, só três, porque nunca tinham encontrado o corpo de Boyd.

Entre as campas de Brent e de Stuart, erguia-se uma estela na qual se lia: "Belos e amáveis na vida, nem a morte ás separou". Noutra estavam inscritos os nomes de Boyd e de Tom, assim como

qualquer coisa em latim que principiava por Dulce et... Mas Scarlett não percebeu nada desses dizeres porque se esquivara sempre ao estudo do Latim no colégio de Fayetteville.

Tanto dinheiro gasto em pedras tumulares! Eram doidos varridos, os Tarletons. Scarlett sentia-se tão indignada como se a houvessem despojado desse dinheiro.

Os olhos de Carreen brilhavam com estranho fulgor. -Acho esta muito bonita -murmurou, designando a primeira lápide,

Pois claro! Carreen tinha forçosamente de achar aquilo muito bonito. Tudo o que cheirasse a sentimentalismo enternecia aquela rapariga.

- Sim - concordou em voz suave a senhora Tarleton.

- Pensámos que ficaria bem assim, porque eles morreram quase ao mesmo tempo. Stuart morreu primeiro. Brent apanhou a bandeira que o irmão deixara cair e por seu turno foi atingido.

No caminho 'de regresso a Tara,,Scarlett reflectiu no que vira em casa dos seus diversos vizinhos e lembrou-se dos tempos faustosos em que as moradias espaçosas regurgitavam de convidados, em que o dinheiro corria a rodos e em que os campos bem tratados ostentavam bela colheita de algodão.

"Mais um ano, e todos aqueles campos se apresentarão cobertos de pinheiros novos" pensou relanceando a vista pelos pinhais circunvizinhos. "Sem 'pessoal, é impossível manter uma grande plantação, e muitos terrenos ' com a falta de cultivo acabarão em mata. E sem cultivar algodão, que será de nós? Que será da gente que mora no campo? .Na cidade, de qualquer maneira se governam. Mas nós,

32

camponeses, temos de retroceder cem anos, à época em que os pioneiros moravam em cabanas, cavavam uns paíços de terra e viviam na miséria".

"Não", disse consigo Scarlett. "Em. Tara não será assim, nem que eu mesma tenha de empurrar a charrua. Os outros que deixem as suas terras serem invadidas pelos pinheiros. Eu é que não deixo Tara tornar-se num matagal. Não tenciono desperdiçar dinheiro em lápides fúnebres nem perder tempo a carpir as consequências da guerra. Havemos de arranjar maneira de nos livrarmos de apuros. A falta dos pretos não é o que mais nos prejudica; pior é o facto de terem morrido na guerra todos os homens novos". E Scarlett tornou a pensar nos quatro Tarletons, em Joe Fontaine, em Raiford Calvert, nos irmãos Munroes, em todos os rapazes de Fayetteville e de Jonesboro de quem ela vira o nome na lista dos mortos. "Se tivessem ficado alguns homens, ainda se conseguiria qualquer coisa".

Outro género de ideia lhe acudiu ao espírito. E se ela quisesse tornar a casar-se? n claro que não queria. Bastava ter casado uma vez. O único homem que lhe agradaria desposar era Ashley 'e esse estava ligado a outra mulher... se é'que continuava vivo *Mas enfim, se lhe desse na fantasia contrair novo matrimón'lo? Quem encontraria para marido? Mais valia nem pensar nisso.

- Melly- perguntou- que destino vão ter as raparigas do Sul?

Que queres dizer? Isto mesmo. Que é que as espera? Não há rapazes com quem casem. Morreram milhares de homens na guerra e, em todo o Sul, outras tantas mlheres hão-de ficar solteiras.

- E nunca terão filhos - acrescentou Melanie, para quem esse pormenor era o mais importante.

Decerto que Suellen já reflectira no assunto, pois que, sentada na parte de trás do carro ' desatou a chorar de repente. Desde o Natal que estava sem notícias de Frank Kennedy. Ignorava se isso era devido à falta de correio ou se Frank, muito simplesmente, a tinha esquecido. Ou talvez o houvessem matado nos últimos dias da guerra! Antes esta hipótese do que a de ele a ter abandonado. Ao menos, havia certa dignidade num amor despedaçado pela morte, como o de Carreen e o de India Wilkes, ao passo que a deserção dum noivo...

- Cala-te, por amor de Deus! -exclamou Scarlett.

3 - Vento Levou - r1

33

- Ah, tu pouco te ralas! - soluçou a Irmã. - Casaste, tens um filho e todos sabem que muitos rapazes andavam atrás de ti. Éo passo que eu... E és tão má que ainda me censurao por estar solteira, coma se a culpa fosse minha. És odiosa. -

- Cala-te! Detesto as pessoas que passam a vida a lamuriar. Sabes perfeitamente que o teu velhote não morreu e que voltará para casar contigo. Mas sempre te digo que, no teu lugar, preferia morrer solteira a casar com ele.

Suellen calou-se e Carreen consolou-a o melhor que pôde, afagando-a distraidamente. Estava muito longe de todas essas preocupações de momento; recuara três anos, e via-se a cavalgar pelo campo, ao lado de Brent Tarleton. Os olhos brilhantes traíam a sua exaltação.

- Ah! - suspirou Melanie. - O que será o Sul sem os nossos simpáticos rapazes? Se vivessem, podíamos recorrer à sua energia, à sua coragem, à sua inteligência. Scarlett, nós que temos filhos devemos educá-los de molde a substituir um dia os homens que desapareceram, a serem corajosos como eles.

-Nunca mais haverá homens como eles -disse Carreen em voz suave. - Ninguém poderá substituí-los.

Calaram-se, e foi em silêncio que fizeram o resto do trajecto.

Pouco tempo depois, Cathleen Calvert apareceu em Tara ao cair da tarde. Cingira a sua sela de amazona na pileca mais miserável que Scarlett jarnais vira, um pobre animal manco e de orelhas descaídas. E o aspecto de Cathleen não era menos lastimoso que o da montada. Trazia um vestido de guingão desbotado, no gênero daqueles que as criadas pretas usavam noutros tempos e o chapéu vinha amarrado com um atilho debaixo do queixo. Parou em frente da porta, mas não se apeou.

Scarlett e Melanie, que estavam a admirar o pôr-do-Sol, desceram os degraus e avançaram para ela. Cathleen parecia tão pálida e tão abatida como Cade no dia da visita de Scarlett. No entanto, mantinha-se direita na sela, e foi de cabeça erguida que saudou as amigas.

-Não, obrigada, não quero apear-me -declarou. -

Vim só participar-vos que vou casar.

-O quê?

- Com quem?

- Muitos parabéns, Cathy!

34

-Quando é o casamento?

- Amanhã - respondeu Cathleen muito calma. Ao tom da sua voz, o sorriso desvaneceu-se dos lábios de Melly e de Scarlett. - Vim dizer que me caso amanhã em Jonesboro... e que não faço empenho nenhum que assistam à cerimónia.

Intrigadas acolheram estas palavras em silêncio, até que Melanie perguntou:

-n alguém do nosso conhecimento? -Sim. P, o Hilton-elucidou Cathleen com frieza. -O Hilton? -

Sim, o nosso feitor. Scarlett nem conseguiu dizer "Oh!". Cathleen, olhando de súbito para Melanie, proferiu com veemência:

-Se chora, Melly, não aguento. Morrerei! Melanie baixou a cabeça e acariciou ao de leve o pé grosseiramente calçado que pendia do estribo.

-E não me toque! Também não posso suportar isso! Melanie deixou tombar a mão.

- Tenho de me ir embora. Vim cá só para dizer o que já disse.

Retomou a sua máscara dolorosa e puxou pelas rédeas.

- Cade como vai? - indagou Scarlett, para quebrar o horrível silêncio.

- A beira da morte - respondeu Cathleen em voz inexpressiva. - Farei todo o possível para que morra tranquilo, sem se apoquentar com o meu futuro. A minha madrasta parte amanhã para o Norte com os filhos onde ficará definitivamente. Compreendem? Bem, tenho de me ir embora. Melanie ergueu a cabeça e fitou Cathleen. Havia lágrimas nas pestanas de Melanie e compreensão nos seus olhos. Cathleen esboçou um sorriso, ou melhor, uma careta semelhante à que fazem as

crianças corajosas que não querem chorar. Scarlett, estupefacta não podia conceber sequer a ideia daquele casamento. Cathleen, filha dum plantador abastado. Cathleen que, com excepção de Scarlett, tivera mais admiradores que nenhuma outra rapariga... ia casar com o feitor? Cathleen inclinou-se e Melanie pôs-se em bicos de pés. Beijaram-se. Então aquela sacudiu nervosamente as rédeas do flanco da montada e o animal começou a andar. Melanie seguiu-a com a vista, de rosto banhado pelas lágrimas. Scarlett olhava-a também, com ar espantado. -

35

- Melly, ela terá enlouquecido? Será possível que esteja apaixonada por aquele homem?
- Apaixonada? Oli Scarlett, como podes insinuar semelhante coisa?! Pobre Cathleen! Pobre Cade!
- Ora, ora! - exclamou Scarlett começando a perder a paciência. Irritava-a o facto de Melanie parecer ~pre compreender melhor as situações do que ela própria. O caso de Cathleen era mais estranho do que trágico. É claro, não devia ser nada agradável casar com um yankee daquela classe, mas também uma rapariga não podia dirigir sózinha a plantação. Precisava dum marido que a ajudasse.
- Melly, lembras-te do que eu te disse outro dia? Não há homens, e as raparigas necessitam de casar.
- Necessitam? Não é vergonha nenhuma ser solteirona. Olha a tia Pitty! Preferia ver Cathleen morta. E Cade também preferia, estou certa. P, o fim dos Calverts. Pensa no que serão os... filhos. Oli, Scarlett, manda Pork selar o cavalo! Ele que corra atrás dela e lhe diga que venha viver connosco!
- Deus do Céu! -bradou Scarlett escandalizada com o à-vontade com que Melanie dispunha de Tara. Era o que faltava, ter mais uma boca a sustentar! Scarlett ia dizer isto mesmo, mas, ao ver a face angustiada de Melly, limitou-se a replicar:-Ela não queria. Sabes perfeitamente. n muito orgulhosa e consideraria uma esmola a nossa oferta.
- Tens razão - murmurou Melanie, observando a nuvenzinha de poeira avermelhada que ia a desaparecer no fim do caminho.
"Estás aqui há meses", reflectiu Scarlett de olhos fitos na cunhada "e ainda não te compenetraste de que vives à custa alheia. E aposto que esta ideia nunca te ocorrerá. És dessas pessoas a quem a guerra não modificou, e continuas a pensar e a agir como se nada tivesse acontecido... como se ainda fôssemos ricos, como se houvesse comida à farta e não fizessem diferença um conviva a mais ou a menos. Convenço-me de que te hei-de ter toda a vida debaixo da asa, mas não quero ter também Cathleen a meu cargo".

30

NAQUELE Verão ardente que se seguiu à paz, Tara foi de súbito arrancada ao seu isolamento. Durante meses, subiu a

36

colina rubra uma multidão de espantalhos barbudos, andrajosos, descalços e esfomeados. Todos estes homens iam sentar-se nos degraus da escadaria 'Pedindo de comer e um abrigo para a noite. Eram soldados da Confederação que voltavam aos seus lares. Os comboios, tinham trazido de Carolina do Norte para Atlanta os restos do exército de Jolinston, e daí começavam eles a sua caminhada a pé, numa lenta peregrinação. Depois desta horda dos sobreviventes de Jolinston começou a passagem dos veteranos de Virgínia, igualmente extenuados, e depois a dos combatentes da frente ocidental, todos à procura de casas que talvez já não existissem e de famílias que por certo estariam mortas ou dispersas. A maior parte calcorreava os caminhos, mas alguns, mais felizes montavam cavalos e mulas esqueléticas que lhes haviam permitido conservar após a rendição: lúgubres animais que se via mesmo não poderem atingir a Florida longínqua ou a parte meridional de Geórgia.

Voltar a casa! Voltar a casa! Eis o único pensamento dessas criaturas. Muitos iam tristes e silenciosos, outros alegres, rindo dos sofrimentos suportados: mas a única coisa que lhes dava forças de prosseguir era a ideia de que tudo acabara e de que eles regressavam a penates. Poucos manifestavam o seu desgosto, deixando isso para as respectivas mulheres para o pai ou para a mãe; tinham lutado, com valentia, haviam perdido e só desejavam agora que os deixassem tranquilos, e livres para empunhar o arado.

Voltar a casa! Voltar a casa! Não existia outro assunto de conversa. Não falavam das batalhas, nem dos ferimentos, nem do cativeiro, nem do futuro. Mais tarde, evocariam essas lutas e contariam aos filhos e aos netos as partidas pregadas ao inimigo a fome, as marchas forçadas ' as feridas; mas ainda era @edo para isso. A uns faltava o braço direito ou o esquerdo, uma perna, um olho. Outros apresentavam cicatrizes que os fariam sofrer quando o tempo estivesse húmido. Tais misérias, entretanto, de pouco valor se lhes afiguravam.

Moços e velhos, tagarelas e taciturnos, plantadores ricos e camponeses pobres, todos tinham de comum os piolhos e a disenteria. O soldado da Confederação estava tão habituado à vérmina que já nem pensava nisso e se coçava mesmo na presença das senhoras. Quanto à disenteria dir-se-ia não ter poupado ninguém, desde o soldado raso ao

37

general. Quatro anos de alimentação insuficiente quatro anos passados a comer produtos ordinários, ou m@ito verdes ou apodrecidos, realizaram a sua obra devastadora; e os soldados que passavam por Tara ou acabavam de convalescer de uma disenteria ou ainda se encontravam em plena crise. Eles não tem intestino bom nas tropa de Confederação- observava a Babá, que suava de cabeça pendida para a lareira e preparava uma tisana de raízes de silva, remédio santo de Ellen para aquele gênero de afecções. -A mim parece que não foi yankee quem bateu nossos soldados, mas o ventre dele. Com barriga doente não podê fazê guerra.

A todos indistintamente Babá administrava a sua tisana, sem perder tempo a interrogá-los sobre o estado do organismo, e todos sem excepção se submetiam humildemente, fazendo caretas e lembrando-se talvez de outras caras negras e severas, de outras mãos pretas e inexoráveis que outrora os obrigavam a tomar colheradas de remédio.

Babá também transigia na questão dos piolhos. Quem, os tivesse não passava da porta. Ela conduzia então os atacados para trás duma sarça, desembaraçava-os da farda, dava-lhes uma bacia de água e sabão de potassa e distribuía-lhes cobertores para dissimularem a nudez enquanto lhes fervia a roupa suspeita. Bem podiam as senhoras observar-lhe que tal atitude envergonhava os militares: a velha ama replicava-lhes que elas ficariam muito mais envergonhadas se descobrissem parasitas no corpo.

Quando principiaram a chegar quase diariamente, a preta protestou contra o facto de lhes permitirem ocupar os quartos de dormir. Temia sempre que escapasse algum piolho à sua rigorosa vigilância. Renunciando a discutir, Scarlett transformou em dormitório o salão grande alcatifado de veludo carmesim. Babá soltou igualmente gritos enérgicos, declarando que era um sacrilégio deixar a tropa estender-se na alcatifa da senhora Ellen, mas a rapariga insistiu na sua ideia. Os homens tinham de dormir em, qualquer parte. Meses depois da rendição, o veludo espesso e macio começava a dar sinais de muito uso e, em certos pontos, via-se já a trama.

A cada um que chegava, Scarlett e Melanie pediam notícias de Ashley. Quanto a Suellen, limitava-se a inquirir sobre o destino de Kennedy. Mas nenhum dos soldados ouvira falar deles. Além disso, não pareciam dispostos a

38

interessar-se pelos ausentes. Já era sorte haverem ficado neste mundo e não queriam lembrar-se dos camaradas sepultados em covas distantes e anónimas.

Depois dessas desilusões, toda a família se esforçava por dar nova coragem a Melanie. Asilley não devia ter morrido na prisão, porque num caso desses forçosamente escreveriam a participar o facto.

Ele havia de voltar. Mas era tão longe de Tara o lugar onde o tinham encarcerado! Ora até em caminho de ferro as viagens demoravam... E, se v'lesse a pé como aqueles homens, quanto tempo não levaria a chegar? No entanto, por que não escrevera? Oli, filha, tu sabes como funcionam os correios em ocasiões de guerra... Mas suponham vocês... que ele morreu pelo caminho! Oh, Melly, então não nos informariam? Agora enxuga essas lágrimas. AsIlley não tarda a aparecer por aí. Tem muito que andar... e naturalmente está sem botas.

E, à ideia de AsIlley descalço, Scarlett a custo reprimia o choro. Que os outros militares se arrastassem com os seus andrajos 'com os pés envoltos em panos de saca, ela ainda tolerava a ideia. Mas Ashley! Este devia regressar de pluma no chapéu, belo uniforme e botas envernizadas. Para Scarlett, constituía o cúmulo da degradação pensar que Asilley podia voltar no mesmo estado que todos aqueles miseráveis.

Numa tarde de Junho quando os de Tara se encontravam reunidos debaixo à varanda das traseiras a ver a criado cortar a primeira melancia da estação, ouviram passos de cavalo na alameda da entrada. Prissy foi, sem pressa, abrir a porta, enquanto os outros ficavam a discutir se esconderiam a melancia ou a apresentariam à mesa, no caso de o visitante ser soldado.

Melanie e Carreen eram de parecer que este devia ter o seu quinhão, mas Scarlett, apoiada por Suellen e pela ama, ordenou a Pork que escondesse imediatamente aquele pomo de discórdia.

- Vocês são tolas! Mal chega para nós - declarou Scarlett. - Se forem dois ou três soldados esfomeados, nem uma talhada restará...

Enquanto Pork, à espera da decisão final, continuava agarrado à melancia soou a voz aguda de Prissy.

- Minhas senhor@s! Venham cá depressa!

- Quem será? - observou Scarlett correndo para o vestibulo, seguida pelas outras. "Ashley!" pensou ela. "Ou, talvez ... "

39

- n o Peter! O Peter da senhora Pittypat! Chegadas à porta, viram o alto e velho déspota da tia Pitty apear-se dum cavaloque sobre o qual haviam amarrado um retalho, de edredão. Na cara negra e reluzente travavam combate a habitual dignidade e a alegria de rever pessoas amigas, de modo que as sobrancelhas se conservavam franzidas enquanto a boca desdentada se abria como a dum sabujo contente.

Toda a gente desceu a escada e foi ao seu encontro. Patroas e criadas apertaram-lhe a mão e assediaram-no com perguntas, mas a voz de Melanie acabou por dominar o tumulto,

- A tia não está doente, pois não? -Não, senhora, Tá muito bem, graças a Deus - respondeu Peter, lançando um olhar tão severo a Melanie e a Scarlett que estas se sentiram culpadas sem saber de quê. -Tá muito bem, mas anda consumida porque familia não quê morá com ela, e, pra dizê verdade, também não gosto disso.

-Oh, Peter! Como é que... -Não, vale pena arranjà desculpa. Senhora Pitty não escreveu a pedi que fossem morá com ela? Vi escrevê carta e vi senhora chorá quando recebeu resposta que não podiam i porque tinham muito trabalho nesta quinta velha.

- Mas, Peter...

- Deixá senhora Pitty assim sózínha! Bem sabem que senhora nunca viveu só e depois que voltou de Macon tá sempre a tremê... Diss@ a mim que não compreendia que abandonassem a ela quando precisa tanto das senhora.

-Cale boca-interveio Babá em tom acerbo, vexada por ele ter chamado a Tara "quinta velha".-E a gente não precisa aqui das senhora? Não podê passá sem minina Scarlett nem senhora Melly. Por que é que senhora Pitty. não procura irmão? Não é da família?

Peter mostrou-se embaraçado. -Ela não se dá com sinhô Henry há muito ano e não é agora com sua idade que se vai dá. - Voltou-se para as raparigas, que se esforçavam por não se rirem. -Deviam tê vergonha de deixá sózinha minha pobre senhora. Metade de seus amigo morreu e outra metade tá em Macon,. e 'tlanta tá,cheia de soldado yankee e de nêgo forro.

Scarlett e Melanie haviam escutado impávidas as censuras de Peter, mas, à ideia de que Pitty mandara o velho

40

tirano para lhes pregar moral e levá-las para Atlanta, não conseguiram manter mais tempo o ar de seriedade. Desataram a rir de tal maneira que tiveram de se agarrar uma à outra para não perderem o equilíbrio. Como seria de prever, Dilcey e Babá explodiram em gargalhadas ao ver ridicularizar o detractor da sua querida Tara. Suellen e Carreen foram também contaminadas pela hilariedade geral, e o próprio Gerald esboçou um sorriso. Todos se riam, excepto Peter, que se mantinha sério no meio da sua indignação.

- Então já tás muito velho pra protegê tua senhora? - observou Babá.

-Muito velho! Não, ainda posso protegê senhora Pitty como sempre. Quem protegeu ela quando foi pra Macon?

* quando yankee passou e ela tava sempre a desmaiá?

* quem descobriu este cavalo prá trazê pra 'tlanta e a protegeu todo caminho? -Estas palavras foram proferidas no tom de pessoa ultrajada.-Não sê de protecção que se trata, mas de parecê mal,

-Parecer mal?

- Sim, parecê mal minha senhora vivê sózinha. O povo diz coisa escandalosa de muié solteira que vive s6 - explicou Peter. Para os seus auditores, não havia dúvida que aos olhos dele, Pitty era ainda uma mocinha de dezasseis anos que se devia defender das más línguas. -Não quero que murmurem de minha ama. Nem quero que tome qualquer pessoa pra sua companhia. Disse assim à senhora: "Não toma estranho enquanto houver gente de seu sangue pra vi morá consigo". E 'afinal, a gente de seu sangue renega a ela! Senhora Pitty é uma criança...

A isto, Scarlett e Melanie tiveram de se sentar nos degraus, tal foi o ataque de riso, Por fim, Melanie acal~ mou-se e enxugou os olhos.

-Coitado do Peter! Lastimo muito ter rido. Desculpa. Nem eu nem a senhora Scarlett podemos nesta altura ir para Atlanta. Talvez eu vá em Setembro, depois da colheita do algodão. Então a tia obrigou-te a fazer esta caminhada só para nos pregares um sermão e nos lebares contigo em cima desse pobre cavalinho?

A esta pergunta, Peter ficou um momento de boca aberta, e a sua face enrugada exprimiu remorso e consternação.

-Senhora Melly-acabou por dizer-bem se vê que

41

tou a ficá velho. Já tinha esquecido porque é que senhora mandou a mim eu vi cá. Uma coisa tão importante! Trago carta pra si. Senhora Pitty não quis confiá a ninguém senão a 7nim.

- Uma carta? De quem?

- Espere. Minha patroa disse assim: Peter, não dê notícia de repente'tem cautela...

Melly levantou-se do degrau onde se sentara e levou as mãos ao peito.

-Ashley! Ashley morreu! -Não, sínhora! -exclamou Peter em voz estridente, vasculhando o bolso interior do casaco muito coçado. - Tá

ivo. A carta é dele. Já vem a caminho de cá. Ele... Jesus! Aguenta senhora, Babá! Eu...

- Não toca nela, seu bruto! - vociferou Babá, esforçando-se por impedir que tombasse no chão o corpo vergado de Melanie. -Estúpido! Olha a cautela com que deu notícia! Vem cá, Pork, agarra senhora pelo pé. Minina Carreen, segure cabeça. Vamos deitá senhora em sofá da sala.

Exceptuando Scarlett, toda a gente se alarmara com o desmaio de Melanie. Rodeavam-na, lamentavam-se, corriam para dentro de casa a fim de ir buscar água e almofadas...

Peter e Scarlett ficaram sózinhos no passeio da entrada. Incapaz de se mover, Scarlett olhava fixamente para o negro que, de carta na mão, perdera o ar de dignidade e parecia agora uma criança a quem houvessem repreendido.

A nova de que Ashley não morrera e ia regressar não lhe causara alegria nem excitação. Deixara-a petrificada. Pareceu-lhe então ouvir a voz de Peter soando muito ao longe humilde e entristecida: -'Sinhô Willie Burr, de Macon, é que trouxe carta a minha patroa. Tava em mesma prisão que sinhô Ashley. Sinhô Willie tem cavalo e por isso chegou mais depressa. Mas sinhô Asliley só tem sua perna pra andá.

Scarlett arrebatou a carta da mão de Peter. Trazia o nome de Melly 'escrito pela tia Pitty, mas Scarlett não hesitou. Rasgou o sobrescrito, e o bilhete de Pitty caiu no chão. Dentro daquele vinha um papel dobrado em quatro, sujo pelo contacto do bolso em que viera metido, amarrotado e rasgado nos cantos. Na caligrafia de Ashley via-se o seguinte endereço: "Senhora George Ashley Wilke@. - Ao cuidado da senhora Sarah Jane Hamilton. - Atlanta, ou Quinta dos Doze Carvalhos. - Jonesboro. - Geórgia".

42

Com os dedos trémulos, Scarlett desdobrou o papel e leu:

Minha anwda, volto para junto de ti...

Começaram lágrimas a deslizar-lhe pelas faces, de tal modo que não pôde continuar a leitura. O coração dilatou-se-lhe, e ela julgou não suportar o excesso de felicidade. Apertando a carta de encontro ao peito, subiu os degraus da entrada, atravessou o vestíbulo como uma seta, passou diante da sala onde todos rodeavam Melanie desmaiada, e entrou na saleta de Ellen. Fechou então a porta à chave e, rindo, chorando e beijando a carta, atirou-se para cima do sofá.

"Minha amada" repetiu ela em voz sussurrante, "volto para junto de ti ... "

O bom-senso dizia-lhe que .96 com o auxílio, de asas é que Astiley poderia transpor num prazo curto aquela distância que levaria semanas ou meses a percorrer; mas os seus corações batiam apressados sempre que desembocava um militar na alameda dos cedros. Quem sabe se um daqueles barbudos era o querido, ausente? Mas, se não fosse ele, o recém-vindo seria capaz de trazer ao menos uma carta da tia Pitty acerca do assunto que tanta ansiedade lhes causava. E logo, brancos e pretos, todos se precipitavam para a varanda assim que ouviam ruído de passos. Bastava a vista dum uniforme para que toda a gente abandonasse o que estava a fazer. Durante um mês os trabalhos permaneceram sempre no mesmo ponto. Ninguém queria deixar de assistir à chegada de Ashley, e Scarlett menos do que qualquer outra pessoa. Tornava-se-lhe difícil pedir aos companheiros que desempenhassem as respectivas tarefas, quando ela própria negligenciava a sua.

Mas, quando passaram semanas sem notícias de Ashley, a vida retomou o seu curso ordinário. Os corações impacientes tinham apenas a força suficiente para tolerar tão longa demora. Na alma de Scarlett insinuara-se o terror insidioso de que houvesse acontecido qualquer coisa a Ashley, pelo caminho. Rock Island ficava muito longe e ele devia estar enfraquecido bastante ' senão doente, na altura de recuperar a liberdade. Além disso não possuía dinheiro e precisava de atravessar uizia região@ onde os Confederados não eram vistos com simpatia. Se soubesse onde

43

ele se achava. nesse momento 'Scarlett, mandar-lhe-ia o necessário para que tomasse o comboio e viesse mais depressa.

"Minha amada, volto para junto de ti". Nessa ocasião, a sua alegria era tão grande ao ler estas palavras que chegara a imaginar lhe fossem dirigidas. Agora, à luz mais fria da razão, compreendia que se destinavam a Melanie, cuja voz enchia a casa de festivas canções. Às vezes' Scarlett perguntava a si mesma por que é que Melanie não morrera de parto. Isso teria resolvido as coisas. Depois de haver sacrificado à decência, durante o tempo necessário, casar-se-ia com Asliley e

tornar-se-ia excelente madrastra do pequeno Beau. Quando lhe acudiam estes pensamentos, não se apressava a rezar a Deus para lhe dizer que eram involuntários, Deus já não lhe metia medo. Os militares continuavam a chegar um a um, aos pares e às dúzias, e sempre esfomeados. Scarlett ficava desesperada e teria preferido que, sobre Tara, se abatesse uma praga de gafanhotos. Amaldiçoava as leis tradicionais da hospitalidade, que haviam imperado na época da abundância, costumes que não permitiam a nenhum viajante, humilde ou poderoso, continuar a jornada sem que lhe fosse oferecido abrigo para a noite e comida para ele e o seu cavalo. Scarlett sabia que essa época desaparecera para sempre, mas os outros habitantes de Tara não se convenciam de tal coisa, nem tão-pouco os soldados, e cada visitante era acolhido de braços abertos como um convidado querido esperado há muito tempo.

À medida que desfilava o interminável cortejo mais endurecia o coração de Scarlett. Aqueles homens davam-lhe cabo das provisões destinadas aos moradores de Tara, comiam-lhe os legumes que tanto lhe haviam custado a obter. Não era fácil arranjar alimentos e o dinheiro do yankee não duraria eternamente. Só lhe restavam duas moedas de ouro e meia dúzia de notas. Que obrigação tinha ela de sustentar aquela chusma de famélicos? A guerra terminara e já não tinha necessidade deles.

Acabou por ordenar a Pork que reduzisse a ementa sempre que houvesse soldados à mesa. Prevaleceu a ordem até Scarlett notar que Melanie, que desde o nascimento de Beau nunca fora muito resistente induzia Pork a servir-lhe bocadinhos minúsculos e a dar @os militares o que lhe competia.

44

-Vais acabar com essa graça - admoestou-a Scarlett. -Andas fraca e, se não comes mais, adoeceas a sério e nós é que temos de te tratar. Não te importes que os homens não encham a barriga. Durante quatro anos comeram pouco, e não faz mal que prolonguem e@se regime por mais uns dias. Melanie voltou-se para ela e, pela primeira vez, Scarlett surpreendeu nos seus olhos serenos uma comoção bem evidente.

-Não te zangues! Deixa-me fazer isto. Nem calculas quanto me consola. De cada, vez que dou o meu quinhão a um desses pobres homens penso que, em qualquer terra do Norte, está uma mulher a oferecer ao meu Ashley parte do seu jantar e que assim o ajuda a recuperar forças e a voltar mais depressa para junto de mim.

"O meu Ashley ... " "Minha amada, volto para junto de ti ... " Scarlett afastou-se incapaz de articular palavra. Depois desta conversa, Melanie reparou que aparecia mais comida na mesa sempre que havia gente de fora.

Quando os soldados estavam muito doentes para prosseguirem o seu caminho (e o facto não era raro) Scarlett mandava-os recolher à cama, porém de má vontade. Cada doente representava mais uma boca a alimentar. E ainda se tornava necessário que alguém o tratasse, o que significava menos duas mãos a manejar a enxada, a semear, a conduzir a charrua, a construir estacadas.

Um dia, certo militar que se dirigia para Fayetteville descarregou na varanda um rapaz de fino buço loiro. Encontrara-o desmaiado à beira da estrada, colocara-o na sela do seu cavalo e levava-o para Tara, que era a residência mais próxima. As raparigas calcularam que ele fizesse parte dos alunos requisitados aos colégios militares quando Sherman se aproximou de Milledgeville; mas nunca chegaram a ter a certeza. O rapaz morreu sem haver recuperado os sentidos e o exame dos bolsos não forneceu nenhum esclarecimento. Era um belo adolescente, com certeza de boas famílias, e em qualquer parte do Sul devia estar uma mulher a perscrutar a estrada e a perguntar a si mesma onde é que ele se encontraria e quando chegaria. Enterraram-no no cemitério privativo, ao lado dos três pequenos O'Haras e, enquanto Pork tapava a cova, Melanie debulhou-se em

45

lágrimas à ideia de que pessoas estranhas podiam estar nesse momento a sepultar também o corpo de Ashley. .Tal como aquele rapaz, Will Benteen chegou desmaiado na sela dum camarada. Will

estava muito doente. Tinha uma pneumonia, e, quando o deitaram na cama, rezearam que fosse reunir-se ao outro no cemitério.

Possuía o rosto ossudo dos camponeses de Geórgia do Sul, cabelos de um loiro arruivado e olhos azuis claros que, mesmo durante o delírio mostravam expressão suave e resignada. Uma perna estava amputada pelo joelho e a esse coto, fixava-se um pedaço de pau talhado toscamente. Não havia dúvida, era um camponês, assim como o defunto devia ser filho dum plantador rico. Seria difícil às raparigas explicar o motivo desta sua convicção. Will não se apresentava mais sujo, nem mais hirsuto, nem mais coberto de piolhos do que muitos senhores finos que tinham aparecido em Tara. A linguagem que empregava no seu delírio não era menos gramatical que a dos gêmeos Tarletons. Mas o instinto dizia às senhoras de Tara que Will não pertencia à sua classe, tal como lhes permitia distinguir um puro sangue dum cavalo ordinário. No entanto, essa certeza não as impediu de fazer todos os esforços para o salvar.

Emagrecido por um ano de cativo, extenuado por longa caminhada com o seu toco de pau mal - ajustado, poucas forças lhe restavam para resistir à pneumonia, e, durante dias seguidos, ficou de cama, gemendo, tentando levantar-se, revivendo as batalhas em que tomara parte. Nem uma só vez pronunciou o nome de mãe, nem de esposa, nem de irmã, nem de noiva, o que deu que pensar a Carreen.

-Qualquer pessoa, nestas alturas, chama pelos parentes - comentou a rapariga. - Dá a impressão de que não tem ninguém.

Apesar da magreza era robusto, e os cuidados ajuda~ram-no a vencer a doença. Chegou o dia em que, perfeitamente lúcido, pousou os olhos azuis em Carreen. Estava ela sentada junto do leito, com as contas do terço na mão e os cabelos loiros aureolados pelo sol matutino.

-Afinal, não era um sonho-disse ele, numa voz tranquila. - Espero que não lhe tenha dado muito trabalho, minha senhora.

Foi demorada a convalescença, e ainda passou dias deitado, a contemplar as magnólias através da janela, sem

46

incomodar ninguém. Carreen simpatizava com o homem por causa dos seus silêncios, que ele não procurava quebrar. Nas tardes quentes e longas, ficava ela a seu lado, abanando-o com o leque, sem dizer palavra.

Frágil e delicada Carreen ia -e vinha semelhante a uma sombra, executando os trabalhos que as suas forças lhe permitiam. Falava pouco, mas rezava muito. Quando Scarlett lhe surgia no quarto sem bater ' porta encontrava~a ajoelhada aos pés da cama. Esse espectáculo'contendia-lhe com os nervos, pois achava que já lá se fora o tempo das orações. Se a vontade de Deus tinha sido punir assim a humanidade, para quê rezar? Scarlett sempre considerara a religião uma espécie de negócio. Em troca das graças divinas, Scarlett prometia a Deus proceder bem. Ora, na sua opinião Deus faltara várias vezes ao contrato, e portanto, ela já não lhe devia nada. Por isso, de cada vez que surpreendia Carreen de joelhos (quando podia estar a dormir a sesta ou a passar roupa) tinha a sensação de que

* irmã se esquivava a uma parte das suas obrigações.

Uma tarde, em que Will Benteen pudera, enfim deixar

* cama e sentar-se numa poltrona, Scarlett falou@-lhe do que pensava a respeito de Carreen e ficou muito admirada quando Will lhe respondeu:

- Deixe-a. n a consolação de sua irmã.

- A consolação? -Sim. Reza pela vossa mãe e por ele. -Quem é esse ele? Sem mostrar espanto Will fixou em Scarlett os seus olhos azuis franjados de @estanas alouradas. Nada. parecia surpreendê-lo ou impressioná-lo. Talvez já tivesse visto e ouvido muita coisa espantosa e nada agora lhe causasse admiração. Não achava extraordinário que Scarlett ignorasse o que se passava no coração da irmã, assim como se lhe afigurava natural o facto de Carreen se confiar a ele, que era um estranho.

- O noivo dela, o tal Brent que morreu em Gettysburgo.
- O noivo de Carreen? - replicou Scarlett. - Qual noivo! Tanto ele como o irmão eram meus pretendentes.
- Sim, a menina Carreen --ontou-me. Pelos modos, todos os rapazes da região tinham certo fraco pela senhora. Mas isso não impede que o moço se voltasse depois para ela. Quando .o veio cá de licença pela última vez, declarou-se-lhe

47

e ficaram noivos. Disse-me ela que fora o único homem de quem gostara, e consola-se a rezar pela- sua alma.

- Há-de ganhar muito com isso! -comentou Scarlett, com uma pontinha de ciúme. Fitou com certa curiosidade esse indivíduo descarnado, de ombros ossudos e cabelos arruivados e olhos serenos. Com que então estava ao corrente de assuntos particulares da família O'Hara, assuntos que ela própria ignorava... Por isso Carreen andava sempre na lua e não fazia senão rezar. Essa fase passaria. Muitas outras mulheres acabavam por esquecer, o noivo defunto, e até o próprio marido. Ela mesma esquecera Charles. E conhecia uma senhora de Atlanta que por três vezes enviuvara durante a guerra e que ainda era capaz de atrair a atenção dos homens. Assim disse a Will mas este abanou a cabeça:

-Não, a menina Carreen não é dessas -declarou convicto.

Tornava-se agradável conversar com Will, porque compreendia tudo e não desperdiçava tempo com frases inúteis. Scarlett falava-lhe dos problemas relativos à lavoura e criação de porcos e vacas, e Will mostrava-se sempre bom conselheiro, porque já possuíra dois escravos e uma quintarola ao sul da Geórgia. Sabia que os pretos estavam emancipados e que nas terras dele só havia agora pinheiros e ervas ruins. Dos parentes, restava-lhe apenas a irmã, que há muitos anos se encontrava no Texas com o marido. Além dela, não tinha mais ninguém no mundo. Contudo, estas coisas pareciam preocupá-lo tanto como a perna que perdera em Virgínia.

Conversar com Will era, pois, um alívio para Scarlett, em especial depois de aturar as rezingas dos pretos as lamentações de Suellen e as perguntas constantes de Ellen acerca de Ellen. A Will podia dizer tudo. Chegou até a contar-lhe que matara um yankee, e ficou envaldecida quando ele comentou:

- Bom trabalho! Por fim, a família inteira ia ter ao quarto de Will para desabafar as suas tristezas até a própria Babá, que a princípio lhe manifestara certa frieza por ele não ser um senhor e só ter possuído dois escravos.

Quando Will se encontrou em estado de andar pela casa, entreteve-se a fabricar cestos de aparas de carvalho e a consertar os móveis estragados pelos yankees. Era muito habi-

48

lidoso, é Wade nunca o largava porque ele lhe fazia brinquedos de madeira, os únicos de que o pequeno dispunha. Com Will em casa, podiam deixar sem receio as crianças e ir trabalhar no campo, pois ele sabia tão bem como Babá lidar com nenês.

-Foi muito bondosa comigo -disse um dia a Scarlett.

- Teve muito maçada, muito trabalho com uma pessoa que não lhe era nada. Se não vê inconveniente nisso, ficarei aqui a ajudá-la até que me sinta menos devedor para consigo e todos desta casa. Já sabe que não poderei pagar o que fizeram por mim, porque uma pessoa nunca pode ficar quite com quem lhe salvou a vida.

Assim ele ficou e, a pouco e pouco sem darem por isso, grande parte do fardo de Tara passou dos ombros de Scarlett para os ombros descarnados de Will Benteen.

Estava-se no mês de Setembro na altura da colheita de algodão. Ao agradável sol da tarde, Will sentara-se nos degraus da entrada, aos pés de Scarlett, e, na sua voz lenta e monótona, falava dos preços exorbitantes que exigiam para debulhar o algodão na máquina nova de Fayetteville.

Entretanto, ele soubera que a despesa seria reduzida de um quarto se emprestassem o cavalo e a carroça por quinze dias, ao proprietário da debulhadora. Em todo o caso, Will não quisera resolver nada sem consultar Scarlett.

Esta observava o seu interlocutor, que mastigava uma palhinha encostado ao pilar da escada, Como Babá muito bem dizia Will fora um dom da Providência, e Scarlett por várias vezes perguntara a si mesma o que seria de Tara sem ele, naqueles últimos meses. Will falava pouco, nunca mostrava desenvolver grande energia, afectava indiferença por tudo, e, no entanto, estava ao facto de quanto podia interessar os moradores de Tara. Silenciosamente, pacientemente, punha em obra muito do que havia a fazer. Apesar de só ter uma perna, era mais ágil do que Pork; e até conseguira que este trabalhasse, o que Scarlett considerava milagre. Quando a vaca esteve com cólicas, e o cavalo por um triz não morreu, atacado de doença misteriosa, Will passou noites inteiras a tratá-los e salvou-lhes a vida. E a sua queda para o negócio, raleu-lhe a consideração de Scarlett. Suficiente de manhã com um ou dois alqueires de maçãs e de batata doce, e voltava com cereais e farinha e outras coisas indispensáveis. Scarlett, por muito que

4 - vento UVOU - ri

49

entendesse de negócios, sabia que não conseguiria tão bons resultados como ele. 'À Pouco e Pouco, elevava-se ao nível de membro da família, e haviam-lhe arranjado uma cama no quarto de vestir contíguo ao de Gerald. Nunca falara em sair de Tara, e Scarlett evitava aflorar esse assunto com medo de que se fosse embora. As vezes, pensava que Will, se tivesse juízo, 'voltaria para a sua terra, mas esta opinião íntima não a impedia de desejar ardentemente que ele se fixasse em Tara. Era tão cómodo ter um homem em casa!

Scarlett também pensava que, se Carreen fosse um pouco mais esperta, veria que Will gostava dela. Que bom seria se Will pedisse Carreen em casamento! Claro que antes da guerra a ninguém passaria pela cabeça que semelhante homem pretendesse a mão duma filha de Gerald. Will nada tinha de comum com a classe dos plantadores, se bem que não pertencesse à categoria dos <obrancos ordinários". Era um simples camponês que cometia erros de gramática e desconhecia as belas maneiras dos senhores que noutros tempos frequentavam a casa dos O'Haras. Scarlett, depois duns momentos de reflexão concluiu ser impossível considerar Will como pessoa bem-nascida. Melanie deferia-lhe o maior calor e declarava que um homem de tão bom coração como ele e que tanto pensava nos outros, por força que tivera bons princípios. Scarlett sabia que Ellen desinclinava-se à ideia de que uma filha sua pudesse casar com tal indivíduo, mas Scarlett já se desviara muito dos preceitos de Ellen para que agora essa lembrança a afligisse. Escasseavam rapazes, as raparigas deviam casar-se, e Tara necessitava duma presença masculina. -Mas Carreen, cada vez mais embrenhada no livro de orações e cada vez menos em contacto com as realidades do mundo, tratava Will com simples ternura de irmã.

"Se Carreen sentisse um pouco de gratidão por mim, casaria com ele e não o deixaria sair de cá", resmungava Scarlett, indignada. "Mas não, passa a vida a sonhar com um tolo que se calhar nunca pensou nela a sério".

O certo é que Will se deixou ficar em Tara, Por que não se iria embora? Scarlett ignorava a razão, e não se importava averiguar. Apreciava a maneira como ele a tratava, falando de negócios como de homem para homem. Mostrava-se deferente para o lunático Gerald mas era sempre a Scarlett que se dirigia como ao verdadeiro chefe de família.

50

4%

Scarlett aprovou o seu Projecto de emprestar o cavalo, se bem que isso condenasse a família a estar privada por uns tempos do seu meio de transporte. Suellen, especialmente, não ficaria nada satisfeita. O seu maior prazer era acompanhar Will a Jonesboro e a Fayetteville quando este tinha de lá ir por questões de negócios. Aparentada com os melhores atavios da família, visitava velhas amigas, ouvia as últimas novidades da comarca e sentia-se de novo menina de Tara. Suellen nunca

perdia oportunidade de sair da plantação e dar-se grandes ares em casa de pessoas que não sabiam que ela fazia as camas e sacava o jardim.

"A princesa vai ser obrigada a interromper os seus passeios durante duas semanas" pensou Scarlett "e nós teremos de lhe aturar a chiada e as lamentações".

Melanie veio instalar-se também na varanda da entrada, com o nenê ao colo. Estendeu no chão um cobertor velho e aí depôs o pequeno Beau, para que engatinhasse à vontade. Desde a carta de Ashley, Melanie ora cantava, transbordando de alegria, ora se consumia de ansiedade. Feliz ou sucumbida, continuava muito pálida e muito magra, Cumpria as suas obrigações sem se queixar, mas não andava bem de saúde. O velho Dr. Fontaine diagnosticou uma doença peculiar às mulheres e concordou com o Dr. Meade na opinião de que ela nunca devia ter tido Beau. E declarou, francamente, que segunda gravidez a mataria.

- Quando estive hoje em Fayetteville - disse Will Benteen -encontrei uma coisa bonita. Trouxe-a porque pensei que talvez interessasse às senhoras.

Meteu a mão ao bolso das calças, sacou a carteira de pano e de cortiça que Carreen lhe fizera, e tirou de lá uma nota de Banco da Confederação.

-Se acha bonito o dinheiro confederado, Will, eu não acho - exclamou Scarlett. - No cofre de meu pai há perto de três mil dólares, e Babá está sempre a seringar-me para que lhe dê as notas. Quer tapar com elas os buracos nas paredes do sótão e acabar assim com as correntes de ar. Qualquer dia dou-lhas. Ao menos terão préstimo.

- "Arrogante César, pela morte em argila transformado... Agora serve para vedar alguma fenda, interce@> tando o ar" (1) - citou Melanie, com um sorriso triste. -

(2) Hamlet, Va~N.T,

51

Não faças isso Scarlett, guarda as notas para Wade, que ainda há-de te@ orgulho nelas.

-Não sei o que significa isso de César - declarou Will -mas o que tenho aqui é no gênero do que a senhora acaba de dizer a respeito do menino Wade. Colaram uns versos nas costas desta nota. Sei que a senhora Scarlett é pouco dada a versos, mas pensei que talvez a interessasse...

Virou a nota. No reverso, estava de facto colado um bocado de papel de embrulho, onde se via qualquer coisa escrita com tinta muito descorada. Will pigarreou e pôs-se a ler vagarosamente, com certa dificuldade:

-O título é Poesia a um-a nota confederada.

Ela não vale nada sobre a Terra E também sobre as águas nada vale; Guarda-a, e mostra-a, meu amigo, Como penhor duma nação veneida.

Mostra-a a todos que queiram dar ouvidos A história que ela conta: a liberdade Nascida em sonhos de altos patriotas... Uma nação que esUolou no berço!

- Que tocante que isso é! Que 'bonito! - exclamou Melanie. -Não dê os teus dólares a Babá para ela tapar os buracos do sótão. Vale mais do que papel... n, como diz a poesia, o penhor duma nação vencida.

-Deixa-te de sentimentalismos, Melly! Papel é papel, e não há fartura dele cá em casa. Já não posso ouvir a Babá queixar-se de que entra frio pelas fendas do sótão. Se Deus quíser, quando Wade for crescido hei-de dispor de notas boas para lhe dar, em vez de lixo 6 Confederação.

Will, que enquanto discutiam a questão do dinheiro se entretivera com o pequeno Beau, ergueu a cabeça e, com a mão em pala, olhou para o passeio da entrada.

- Vamos ter gente - anunciou. - n um soldado. Scarlett olhou também e viu uma cena já muito sua conhecida: um homem barbudo, vestido com farrapos de fardas azuis e cinzentas, subia a alameda de cedros, de cabeça baixa, arrastando os pés lentamente.

- Julguei que já estivéssemos livres de soldados - disse Scarlett. - Oxalá que este não venha com muito apetite.

-Com fome vem ele -replicou Will.

Melanie levantou-se.

- Vou dizer a Dilcey que ponha mais um talher na mesa -declarou. -Também hei-de recomendar a Babá que não lhe arranque, sem mais nem menos, a roupa do corpo e...

Calou-se tão repentinamente que Scarlett se voltou para ela. Melanie comprimia a garganta com a mão estreita como se sentisse ali dores horzíveis. Sob a pele branca viam-se-lhe as veias a latejar, em pancadas rápidas. O rosto tornara-se-lhe mais pálido e os olhos dilatados pareciam maiores do que nunca.

"Vai perder os sentidos", pensou Scarlett, dando um pulo e agarrandoa pelo braço.

Mas, num instante, Melanie desprende-se e desceu os degraus. Com os braços estendidos e a saia desbotada a flutuar atrás dela foi a correr pelo passeio ensaibrado, veloz como um pã@saro. Só então Scarlett percebeu o que acontecia. Experimentou a sensação de haver recebido uma pancada e apoiou-se ao pilar da varanda. O homem mos@trava a cara invadida de barba loira e mal tratada; deteve-se, e olhou para a casa, como se, de tão cansado, não pudesse dar mais um passo. O coração de Searlett pulou, parou e recomeçou a bater desordenadamente enquanto Melly, soltando gritos inarticulados, se lançava nos braços do soldado e a cabeça deste se inclinava para a dela. Louca de alegria Scarlett ia descer os degraus quando Will a segurou pka saia e a reteve.

-Não lhes estrague este momento-disse ele muito calmo.

-Largue-me! Não seja parvo! Largue-me, é o Ashley! Will, porém, não a largou.

- 2 o marido dela, não é? - replicou, sempre no mesmo tom tranquilo.

E Scarlett, inebriada de felicidade, e furiosa também, baixou a vista para Will e leu compreensão e piedade na serena profundidade dos seus olhos.

53

QUARTA PARTE

31

POR uma fria tarde de Janeiro de 1866, Scarlett estava sentada à secretária e escrevia à tia Pitty uma carta em que lhe explicava pela décima vez, e pormenorizadamente, o motivo por que nem ela, nem Melanie, nem Ashley podiam voltar para Atlanta. Redigia com impaciência, por saber que a tia Pitty não iria além das primeiras linhas e lhe responderia desconsolada: "Custa-me tanto viver sózinha!"

Tinha as mãos geladas e deteve-se um instante para as friccionar e envolver melhor os pés no retalho de edredão velho em que os metera. As solas das chinelas não existiam praticamente e o que delas restava fora reforçado com bocados de tapete; mas estes remendos, embora impedissem o contacto directo com o chão, de nenhum modo produziam calor. Nessa manhã, Will fora a cavalo a Jonesboro a fim de ferrar o animal. E Scarlett reflectiu com tristeza que vivia numa época desconcertante: os cavalos não dispensavam calçado, ao passo que as pessoas andavam descalças como os cães.

Retomou a pena a fim de prosseguir na carta, mas largou-a outra vez ao ouvir Will entrar pela porta das traseiras. Reconhecera o bater da perna de pau no pavimento do vestíbulo, onde o recém-chegado parou. Scarlett ficou à espera e, percebendo que ele não se atrevia a entrar, resolveu chamã-lo. Will obedeceu: vinha com as orelhas encarnadas do frio e com o cabelo revoltado. Sorrindo de leve, com

ar irónico, perguntou:

- Escute uma coisa... que dinheiro tem em cofre?

- Está com ideias de casar comigo, por interesse? -

retorquiu ela, de má catadura.

- Não, seWiora...]@, só para saber. Scarlett olHou-o intrigada. O homem não parecia falar a sério'mas a verdade é que a seriedade não lhe era peculiar. Devia haver qualquer coisa de grave, fosse o que fosse.

- Tenho dez dólares de ouro - respondeu por fim. -
Tudo o que resta desse dinheiro do yankee.

54

à

-Não chega... -Para que é que não chega?

- Para pagar os impostos - declarou Will, coxeando até à lareira, sobre que se inclinou, estendendo ao lume as mãos avermelhadas.

- Impostos? Ora essa, já os pagámos!

- Bem sei, mas dizem que não foi bastante. Ouvi falar hoje a esse respeito em Jonesboro.

-Não percebo, Will. Que quer dizer? -Minha senhora, custa-me muito causar-lhe aborrecimentos, mas tenho de me explicar. Dizem eles que não pagou o que devia pagar. Vão aumentar as contribuições, sobre Tara, para alturas fabulosas...

- Mas eu já paguei...

- Bem sei que nunca vai a Jonesboro, e folgo com isso. Não é lugar para senhoras, nestes tempos que correm. Mas, se tivesse ido lá, saberia que existe ali uma súcia de Renegados, de Republicanos e de Sacolas que se apoderou dos negócios da terra. Dão-nos cabo do miolo! Até vemos ali os pretos a fazerem de senhores...

- Mas que tem tudo isso a ver com os impostos? -Já lhe digo. Para alguma coisa foi que esses bandidos valorizaram excessivamente a propriedade de Tara. Logo que a coisa me constou, fui dar uma voltinha pelos botequins para ouvir as conversas e averigui que, se não se pagasse o que eles exigem, havia quem estivesse pronto a arrematar a quinta quando o xerife a vendesse em hasta pública. Ora toda a gente sabe que a senhora não está habilitada a entrar com o dinheiro. Ainda não descobri quem é a pessoa interessada em adquirir Tara mas palpita-me tratar-se de alguém que esse patife Hilton conhece... Esse que casou com a menina Cathleen... O homem riu de modo muito estranho quando eu quis tirar nabos da púcara.

Will sentou-se no sofá e pôs-se a esfregar a perna amputada. Quando estava frio, ela doía-lhe, e o taco de pau avivava-lhe as dores. Scarlett lançou-lhe um olhar furibundo. O homem não parecia muito comovido com o que acabava de revelar! Vender Tara em hasta pública! Onde iriam eles acolher-se? Passar a propriedade a outras mãos? Podia-se lá admitir uma coisa dessas!

Dedicara-se tanto à exploração de Tara que mal prestava atenção a tudo mais. E agora, que tinha Will e Asliley para lhe tratarem dos negócios em Jonesboro e Fayette-

55

ville, raras vezes abandonava a plantação. E, da mesma forma que fizera orelhas moucas ao que dizia o pai, nos dias anteriores à guerra, também agora quase nem ouvia as discussões daqueles dois, à mesa, depois da ceia, a respeito das origens da Reconstrução.

É claro que estava ao par das actividades dos Renegados, esses do Sul que se haviam passado para os ReDublicanos, por interesse; e dos Sacolas esses do Norte, que após a rendição desceram o continente, munidos apenas dum saco, por única bagagem. Também não desconhecia o que se passava na Agência dos Forros: soubera até que certos pretos libertos -se estavam a tornar deveras arrogantes. Este último facto custava-lhe bastante a crer, pois em toda a sua vida jamais encontrara um negro que fosse insolente.

Havia, porém, muitas coisas que Will e Ashley tinham resolvido ocultar-lhe. Ao flagelo da guerra sucedera outro pior, o da Reconstrução; no entanto, aqueles dois homens estavam decididos a não fazer menção das circunstâncias mais alarmantes, sempre que em casa falavam do assunto. Se Scarlett se punha acaso a escutá-los, a verdade é que lhe saía por um ouvido o que lhe entrava por outro.

Ouvira Astiley dizer que estavam a considerar o Sul como país conquistado, e que a política dos vencedores era sobretudo inspirada pelo espírito de vingança. Mas esse género de história deixava

Searlett indiferente, A política era assunto para homens. Will declarara na presença dela que 'em sua opinião, o Norte não estava disposto a deixar que o Sul se levantasse. 'E Scarlett comentara consigo mesma: "Os homens andam sempre preocupados com tolices". A ela, é que os yankees não tinham apanhado, nem seria desta vez que a apanhariam. O -que havia a fazer era trabalhar com afinco e não se apoquentar por causa do governo yankee. No fim de contas, a guerra acabara. Scarlett não compreendia que as regras do jogo se houvessem modificado e que o trabalho honesto já não recebesse a justa recompensa. Geórgia vivia virtualmente sob a lei marcial. Os soldados yankees infestavam o país e a

Agência dos Forros mandava em tudo e só fazia o que lhe agradava.

Essa agência, organizada pelo governo federal para se ocupar dos antigos escravos indolentes e provocantes, arrancava-os aos milhares das plantações e instalava-os nas

56

cidades e nas vilas. Alimentava-os na ociosidade e envenenava-lhes o espírito contra os seus senhores de ontem.

O ex-superintendente de Gerald ' Jonas Wilkerson, dirigia a secção local e tinha como adjunto o marido de Cathleen Calvert, o tal Hilton. Estes dois espalhavam astuciosamente o boato de que Sulistas e Democratas esperavam apenas oportunidade para restabelecer a escravidão e davam a entender que a única forma de os pretos escaparem ao seu destino seria colocarem-se sob a protecção da Agência e do partido republicano.

Wilkerson e Hilton chegavam a declarar aos negros que estes eram iguais aos brancos e que, por consequência, não -

só permitiam o casamento entre gente branca e de cor como também dividiriam os domínios dos antigos senhores, cabendo a cada preto quarenta acres de terra e uma azêmola. Excitavam-nos com o relato de crueldades cometidas por brancos e, numa região afamada desde muito tempo pelas boas relações entre escravos e seus donos, começava a desenvolver-se o ódio e a desconfiança.

Eram soldados que mantinham a Agência. Haviã publicado vários regulamentos contraditórios respeitantes ao procedimento dos vencidos: tudo era motivo de prisão, até o facto de não se fazer rapa-pés aos funcionários respectivos. Promulgaram ainda instruções marciais relativas ao ensino escolar, à higiene, ao gênero de botões que se devia usar, à venda de artigos de necessidade corrente, e assim por diante. Wilkerson e Hilton tinham autoridade para interferir em todas as transacções comerciais e a própria Scarlett via-se forçada a cingir-se ao preço @ue eles fixavam em tudo quanto ela vendia ou trocava.

Felizmente que Scarlett tinha poucas relações com eles, pois Will persuadira-a a deixá-lo tratar dos negócios em seu lugar, enquanto a senhora se consagrava à plantação. Graças ao seu feitio cordato, Will sanara muitas dificuldades, mas não lhe dissera nada a esse respeito. Em casos bicosos, sabia entender-se com os dois homens. Mas, agora, surgia um problema que superava as suas forças. O adicional dos impostos e o perigo de perder Tara eram coisas de que Searlett devia ser informada.

- Malditos yankees! - exclamou esta, fixando Will com olhar flamejante. - Não lhes basta ter-nos. vencido e arruinado? Ainda querem atirar canalha contra nós?

57

Findara a guerra, a paz fora assinada, mas os yankees podiam ainda roubá-la, reduzi-la à fome 'expulsá-la de casa. Que tola fora em convencer-se durante meses de que tudo acabaria bem se conseguisse aguentar-se até à Primavera! Aquela notícia, sabida ao fim dum ano de esperança e de trabalho esgotante, era a última gota de água que faz transbordar o copo.

- Ali 'Will, e eu a julgar que as nossas aflições tinham acabado com a guerra! _ Não, senhora - redarguiu ele, erguendo o rosto e fitando-a com firmeza. - As nossas aflições estão precisamente a começar.

- Qual é o adicional que nos exigem?

- Trezentos dólares. Por momentos ela ficou perplexa. Trezentos dólares? Podiam-na até ter colocado em três milhões!

- Então... então... temos de arranjar esse dinheiro!

- Sim, senhora. E depois havemos de lhes dar também o céu e a terra.

- Will, o que é preciso, é que não vendam a propriedade.

- Vendê-la-ão se lhes apetecer. Não lhes falta vontade. Este país está perdido. Os Renegados e os Sacolas adquiriram direitos que são recusados a quase todos nós, democratas. Nenhum democrata pode votar se estava inscrito, em 1865, com uma contribuição superior a dois mil dólares, o que exclui o nome do seu pai o do senhor Tarleton, o de MeRaes e dos Fontaines. Também não vota quem tinha patente de coronel para cima, durante a guerra. Ora este Estado produziu mais coronéis do que qualquer outro da Confederação! Não pode votar ninguém que houvesse exercido funções públicas, o que põe de lado toda a gente, desde os notários aos juizes. Quem era alguém antes da guerra perdeu o direito de voto, com as leis que esses yankees fizeram. Excluíram as pessoas inteligentes e as sérias as ricas. Mas eu posso votar, se quiser prestar o infame juramento a que eles nos obrigam. Em 1865 não tinha com que mandar cantar um cego, e com certeza que não fui coronel nem coisa parecida. Mas não me presto a isso. Se os yankees tivessem procedido bem ainda faria o tal juramento de lealdade; mas agora, não. No entanto, os tipos da laia do Hilton... esses votam. Canalhas como o Jonas Wilker-
-erys insignificantes como os sons, pobretões como os Slati, MacIntoshes... tudo isso vota! E são, eles quem manda neste

58

n@omento. Sempre que lhes apeteça aumentar as contribuições, não fazem cerimónia. E olhe o que acontece com os pretos: já podem matar os brancos, sem serem enforcados.

Deteve-se, constrangido, porque ambos se recordavam muito bem do que sucedera a uma branca que vivia sózinha numa herdade isolada, para as bandas de Lovejoy. Por fim, continuou:

-Esses pretos fazem-nos o que querem, porque têm atrás de si a Agência, os soldados e os canhões. Nós nem temos o direito de voto, para nos defendermos!

-Votos! Votos! A que propósito vem tudo isso Will? Estávamos era a falar das contribuições.

Esetite-m@ Wili: toda a gente sabe que Tara é uma bela plantação. PoAíamos hipotecá-la e pagar com esse dinheiro o adicional.

- Bem sei que a senhora não é destituída, mas às vezes fala como se o fosse. Quem há aí que tenha dinheiro para emprestar sobre essa terra? Quem, excepto os Sacolas, que a querem despojar da propriedade? Olhe que seria o mesmo que perdê-la...

-Restam-me estes brincos de diamantes. É vendê-los! -Mas quem é que dispõe de dinheiro para se dar ao luxo de comprar brincos de diamantes? Se até ele falta para comprar de comer! Deixe os brincos em paz. Se calhar, nem davam por eles dez dólares, o que já é uma riqueza para muitas pessoas.

Calaram-se. Scarlett tinha a impressão de estar a bater com a cabeça numa parede. Contra quantas paredes não esbarrara ela, no ano anterior!

-Que se há-de fazer, então, minha senhora?

- Sei lá! - Sentia-se tão desanimada que chegava a julgar-se doente. De que valia trabalhar, lutar? A cada combate espiava-a a derrota para a aniquilar e ainda por cima escarnecer. - Sei lá! - repetiu. - Não diga nada a meu pai. Haveria de se apouquentar bastante!

- Prometo.

- Falou a alguém neste assunto? -Não, senhora, vim directamente para aqui. De facto, pensou ela, todos vinham directamente dar-lhe as más notícias. Já estava farta daquilo.

-Onde está o senhor Wilkes? Talvez que nos possa sugerir qualquer coisa.

Will fitou-a, e Scarlett compreendeu que ele sabia tudo, como acontecera no dia em que Asliley tinha regressado.

- Está no pomar, a fazer estacas. Ouvi-lhe o som do machado, quando fui guardar o cavalo. Mas já lhe digo que não dispõe de mais dinheiro do que nós.

-Quero falar-lhe e creio que estou no meu direito declarou ela erguendo-se e desembaraçando-se dos fragmentos de edredão.

Will não se ofendeu e continuou esfregando as mãos diante do lume.

-Leve o seu xalle. Está frio lá fora. Ela, porém, saiu sem xale, porque este ficara no andar de cima, e tinha pressa de confiar a Asliley as suas atribuições.

Que sorte poder encontrá-lo só! Ainda não tivera oportunidade de trocar com ele uma palavra em particular. Rodeavam-no sempre, Melanie não o largava e até lhe puxava pelo casaco para se certificar de que o tinha bem a seu lado. O espectáculo daquele gesto de posse despertava em Scarlett o ciúme e a animosidade que se haviam atenuado durante (> tempo em que ela o supusera morto. Agora estava resolvida a vê-lo a sós, e desta vez não deixaria que ninguém se lhes interpusesse.

Atravessou o pomar, onde as árvores se apresentavam despidas de folhas. Como as ervas estavam húmidas, ela começou a sentir os pés molhados. Já ouvia as machadadas de Asliley nos cepos trazidos do pátio. Tratava-se dum trabalho rude e demorado. Tudo, aliás, era demorado e penoso, pensou Scarlett cheia de fastio por aquela existência que a minava. Foi a Asliley a falar dela, e não Melanie, e que bom seria descansar a cabeça no seu ombro, descarregar nele todas as responsabilidades, deixá-lo agir como melhor pudesse!

Contornou um maciço de romãzeiras cujos ramos desnudos o vento frio agitava, e descobriu finalmente Asliley Wilkes. Apoiando-se ao machado enxugava ele a testa com as costas da mão. Tinha envergado os restos esfarrapados do uniforme e uma camisa de Gerald, que lhe ficava apertada: bela camisa de pregas, que o antigo possuidor vestia em ocasiões solenes. Acalorado com a tarefa, despira o casaco e pendurara-o num galho: e continuava em atitude de repouso, quando Scarlett se aproximou.

Ao vê-lo tão andrajoso, de machado na mão ela sentiu um ímpeto de revolta contra o destino. Era de mais, aquilo

60

-o seu belo Ashley outrora impecável, a mourejar nessa figura! As mãos dele não eram feitas para o trabalho, o corpo não era feito senão para usar roupas finas, Deus criara-o para viver em palácio, entretendo-se com gente educada, a tocar piano, a escrever coisas que soavam bem e que não queriam dizer nada.

Scarlett suportava o espectáculo do seu próprio filho mal trajado das suas próprias irmãs metidas em trapos velhos, mas não tolerava a ideia de Ashley posto naquela situação; achava-o delicado em excesso para sofrer essas misérias, e talvez por isso é que o amava tanto. Preferia talhar os cepos por sua mão do que permitir que fosse ele a ocupar-se disso.

- Parece que Lincoln começou por este ofício - disse Ashley ao vê-la chegar. -Que alturas não vou eu atingir, a avaliar por isto!

Scarlett franziu o cenho. Ashley adoptava sempre esse tom de mofa quando falava das atribuições que sofriam. Ela, ao contrário, considerava-as questões de vida ou de morte e, por vezes irritava-se com tais observações.

Sem rodeios, contou a Ashley a notícia dada por W111. Expressiu-se laconicamente, sentindo-se mais aliviada enquanto falava. Com certeza que ele acharia solução para o caso. Ashley não disse nada, mas, vendo-a tremer, pôs-lhe aos ombros o seu casaco.

- Então? - exclamou Scarlett. - Não lhe parece que temos de descobrir esse dinheiro em qualquer parte?

-Sem dúvida. Mas onde? -volveu ele,

- Era o que eu queria saber - replicou Scarlett, aborrecida. Desaparecera-lhe a sensação de alívio. Ainda que Ashley não a pudesse ajudar, por que não a consolava ao menos? Nem que fosse com uma simples palavra de dó.

Ele sorriu. -Desde que voltei, já há meses, só ouvi falar duma pessoa que tivesse dinheiro. É Rhett Butler.

Na semana anterior, a tia Pitty escrevera a Melanie a dizer-lhe que Rhett Butler regressara a Atlanta com uma carruagem, dois cavalos famosos e a carteira recheada de notas. Dera, no entanto, a entender que essa, riqueza não fora adquirida honestamente, A tia suspeitava duma coisa (e disso compartilhava meia Atlanta): Rhett fugira com os misteriosos milhões do tesouro dos Confederados.

61

- Não falemos desse indivíduo - atalhou Scarlett. -

É uma criatura vil. Em que nos tornaríamos, nas suas Mãos?

Ashley descansou o machado perscrutou os longes e os seus olhos pareceram vaguear p6r sítios inacessíveis, onde ela não o podia seguir. - respondeu ele -

- n o que eu pergunto também Aliás, o que irá ser de nós todos, os do Sul, com o que está a acontecer?

Scarlett teve vontade de mandar para o diabo os do Sul, pois era só de si e dos seus que se tratava na ocasião. Mas calou-se, porque se sentia cada vez mais abatida. Ashley, decididamente, não a auxiliaria.

- No fim de contas, há-de suceder o mesmo que sucede quando uma civilização se esbarra. Os que tiverem coragem e miolos ganharão a Dardida, os outros serão eliminados. Em todo o caso, não se me dava assistir a um Gotterdammerung,

- A um quê?

- Um crepúsculo dos deuses. Infelizmente nós outros, sulistas tomámo-nos por deuses...

- A@abe com isso Ashley Wilkes! Se somos nós os eliminados não é ocasião para filosofias.

O desespero e o abatimento de Scarlett encontraram, de súbito, eco na alma de Wilkes. Num movimento repassado de ternura, pegou nas mãos dela, voltou-as e examinou-lhe as palmas calosas.

- São as mãos mais belas que eu conheço - declarou, antes de as beijar. -Belas porque são fortes e cada calo é uma venera cada ampola um louvor à c@ragem e ao desinteresse. F@or nós é que elas endureceram, pelo seu pai, por suas irmãs, por Melanie, pelo pequeno, pelos pretos, e por mim. Sei o que está a pensar, Scarlett. n isto: "Cá está este fantasista a parolar sobre os deuses mortos, quando os homens vivos é que precisam de socorro". Não é verdade?

Scarlett negou, com um sinal de cabeça desejando ao mesmo tempo que ele lhe não largasse as @nãos. TodaVia, Ashley deixou-as nesse instante.

-E veio procurar-me na esperança de que eu a auxiliasse? Pois fique já a saber: não me é possível. Amargurou-se-lhe a expressão enquanto relanceava a vista pelo machado e pelo montã@ de paus.

62

- Perdi a casa e todos os haveres - continuou. - Já não sirvo de nada neste mundo, pois aquele a que eu pertencia desapareceu. Não a posso ajudar, Scarlett, senão como lavrador e mesmo assim desajeitado; nem isso evitaria que se @erdesse Tara. Ninguém mais do que eu deplora a situação. Vivemos aqui às suas sopas, Scarlett! Sim, é a pura verdade. E, por maior que seja o meu reconhecimento, estou incapaz de retribuir os seus favores. Disto me compenetro eu cada vez mais, de dia para dia. E cada vez mais também este dom que possuo, de me esquivar à realidade me impede igualmente de aceitar a vida tal qual como @la é. Compreende o que quero dizer?

Scarlett, esboçou um gesto afirmativo. Não percebia muito bem a ideia de Ashley, mas bebia-lhe as palavras. Apesar de parecer tão longe dela, era a primeira vez que lhe expunha os seus pensamentos. O facto animava-a como

se estivesse prestes a fazer uma descoberta.

- P, maldição... isto de não querer ver a realidade nua e crua. Até ao momento de rebentar a guerra, a vida era

para mim tão fictícia como as sombras projectadas numa tela. E eu preferia-a assim. Não me agradam os contornos muito nítidos. Gosto deles um tanto difusos. . Calou-se, sorriu de leve e estremeceu ao vento que lhe atravessava a camisa delgada.

- Por outras palavras, Scarlett: sou cobarde. Não, ela não percebia patavina daquela dissertação acerca de sombras e contornos difusos, mas as últimas palavras foram em linguagem que se entendia melhor. Ele mentira, porém. Cobarde é que não era. Tudo nele-evocava a herança das gerações corajosas e Scarlett bem sabia qual fora a sua acção durante a guerra.

- Isso não é verdade! - bradou. - Os cobardes não trepam aos canhões em Gettysburgo, para reunir os soldados.

O próprio general escreveu a Melanie, a narrar o caso... Demais...

- Não foi coragem - replicou Astley, com acento de fadiga. @ O combate é como o champanhe: tanto embriaga os heróis como os poltrões. No campo de batalha, só há a escolher entre a morte e a bravura. Mas eu referia-me a outra coisa. A minha espécie de cobardia é infinitamente pior do que se eu tivesse fugido ao ouvir troar o canhão.

As palavras acudiam-lhe vagarosas, difíceis, como se ele sentisse que lhe era doloroso exprimir-se. Se outro qual-

63

quer homem lhe falasse desse modo ' Scarlett tê-lo-ia arguido de falsa modéstia, achando neste discurso um processo de alcançar elogios. Mas Ashley parecia sincero, além de que havia nos olhos dele um olhar que expressava qualquer sentimento difícil de compreender. Não era medo, nem desculpa, mas o esforço para suster um fluxo irresistível que o dominava. O vento áspero enregelava os pés húmidos de Scarlett, e ela de novo tremeu: mas os seus arrepios provinham menos do frio do que do receio que lhe despertavam no coração as palavras do seu interlocutor.

- De que é que tem medo, Ashley?

- Ora... de coisas sem nome, de coisas que parecem muito estúpidas quando as queremos expor em conversa. Temo que a vida tome de súbito um aspecto demasiadamente real... Temo encontrar-me em pessoa com os factos mais comezinhos da existência. Não me importa estar aqui a cortar madeira, na lama; contudo, não sou insensível ao que isso representa. Tenho pena muita penal de que se haja desvanecido a beleza da vida que tanto amei outrora. Porque a vida era magnífica antes da guerra, Scarlett. Possuía um encanto, uma perfeição, uma harmonia só semelhante à da arte grega. Duvido agora de que todos pensassem como eu, mas para mim a vida afigurava-se-me verdadeiramente deliciosa. E eu pertencia a essa existência, integrava-me nela. Na actual, sinto-me deslocado e tenho medo. Sei que os outros tempos eram. para mim um espectáculo de sombras chinesas; evitava tudo o que não fosse um jogo de sombras afastava-me das pessoas e das situações demasiadamente reais. Não as queria no meu domínio. Também tentei afastar-me de si Scarlett. Era muito cheia de vida, muito real, e eu, cobiça, preferia as sombras e os sonhos.

-E... a Melly? -A Melanie é o mais suave dos sonhos, e fez parte dos meus devaneios. Se a guerra não houvesse surgido, eu teria continuado a gozar a minha existência feliz nos Doze Carvalhos, assistindo ao desenrolar da vida, mantendo-me sempre como espectador. Mas quando rebentou a guerra, apresentou-se-me a vida tal como é. A primeira vez que entrei em acção... foi em Bull Run... Vi camaradas desfazerem-se em pedaços, ouvi cavalos a soltar rinchos de agonia, senti-me cheio de horror e repugnância ao ver cuspir sangue e torcerem-se com dores aqueles homens

64

sobre quem eu d@sparava. Mas isso ainda não foi o pior da guerra; o pior, Scarlett, foram as pessoas com quem tive de conviver.

"Desde sempre que me retraí dos outros. Escolhi os meus amigos com todo o cuidado. Mas a guerra ensinou-me que eu criara um mundo à parte, povoado de criaturas ideais. Ensinou-me o que são de facto as pessoas, mas não como devo conviver com elas. E receio bastante que nunca o aprenda. Hoje, sei que para sustentar minha mulher e meu filho serei forçado a abrir caminho através da multidão com quem nada tenho de comum. Você, Scarlett agarra a vida pelos cornos e submete-a à sua vontade. @las eu, como poderei submetê-la? Digo-lhe que chego a ter medo.

Exprimia-se em voz baixa e clara, impregnada dum sentimento que Scarlett não atingia. De vez em quando, apreendia uma palavra e esforçava-se por lhe compreender o sentido. Mas as palavras escapavam-se-lhe como pássaros assustados. Incitava-o algum cruel aguilhão, porém Scarlett não percebia que força o levava a falar assim.

-Não sei ao certo quando me apareceu a triste realidade acabando com a minha sessão privada de sombras chin@sas. Talvez fosse nos primeiros cinco minutos que passei em Bull Run depois de ver tombar o primeiro homem que matei... 1@o entanto, eu sabia que já não podia ser simples espectador. De repente, encontrei-me em cena; era eu que representava, que tornava atitudes e fazia gestos fúteis. Fora-se o meu pequeno mundo, invadido por criaturas cujos pensamentos não eram os meus, cujas acções eram tão diferentes das minhas como as dum hotentote. Invadiam-me os domínios, com pés enlameados ' e já não me restava lugar onde me refugiasse. Na prisão, pensava: "Quando a guerra acabar, regressarei à vida de outros tempos e os sonhos de então, verei de novo as minhas queridas sombras". Mas não se volta atrás, Scarlett. E o que nos espera agora é pior do que a guerra, pior que a prisão e, para mim, pior do que a morte... Bem vê que os meus pavores são para me atraírem castigo.

-Oíça, Ashley-começou Scarlett, ainda desnorreada

- se tem medo que se morra de fome... havemos de achar maneira de resolver a dificuldade. Tenho confiança.

Por um momento, os grandes olhos de Ashley, que pareciam de cristal cinz@nto poisaram-se sobre ela e dír-se-la expressarem sentiment@s de admiração. Mas, de súbito,

5 - Vento Levou - n

65

retomaram o ar distante e Scarlett, de coração oprimido compreendeu que ele nã@ aludia à fome. Eram como duas' pessoas que falassem línguas diferentes. Ela, porém, estimava-o tanto que, ao W-1o escapar-se-lhe como nesse instante'experime@fitou a mesma sensação que teria ao verificar que o Sol se pusera e que o calor do dia sucedera o lugar à fria humidade crepuscular. Desejaria agarrá-lo pelos ombros, fazê-lo compenetrar-se de que ela era feita de carne é sangue e não qualquer personagem evadida dos seus sonhos. Se ela pudesse sentir aquela sensação, de identidade com ele por que tanto ansiava, desde que Ashley viera da Europa e se detivera nos degraus de Tara, extático, a sorrir-lhe!

-A fome não é agradável-disse ele por fim.-Sei-o por experiência própria, mas não é isso o que me aterroriza. Receio achar uma existência desprovida da beleza calma do nosso mundo de outrora. Scarlett desesperava-se, pensando ao mesmo tempo que Melanie sabia a que é que Ashley queria referir-se. Ele e Melly falavam muitas vezes de fantasias daquela espécie, de livros, de sonhos, de poesia, dos raios da Lua e da poeira das Estrelas. Ashley não partilhava das aflições de Scarlett, não sentia a tortura dum estômago vazio, nem as agruras do Inverno, nem o medo de perder Tara. O pavor que ele tinha era de qualquer coisa que Scarlett jamais conhecera ou poderia imaginar. Que tinha ele a temer no naufr'-gio dum mundo estranho à fome, ao frio e à perda da propriedade? E Scarlett pensou que, se o auscultasse Inti- .mamente, saberia qual a resposta de Ashley.

- Oli! - exclamou ela num tom de desilusão, como uma criança que, ao desfazer um embrulho muito bem apresentado, verifica não existir nada lá dentro. Ao ouvi-la, esboçou ele um sorriso triste de desculpa.

- Perdoe-me, Scarlett, de falar assim. Não conseguirei fazer-me entender, porque não sabe o que o medo é. Tem coração de leão e faltam-lhe por completo os dons imaginativos, duas coisas que eu lhe invejo. A si não faz diferença ver-se a contas com a realidade, nunca se esforçará por lhe escapar, como eu.

Escapar! Dir-se-la ser a única palavra acessível que ele pronunciara. Asliley, como ela estava cansado da luta e queria fugir. Scarlett respirou @nais fortemente.

66

- Oli, Ashley! - gritou. - Eu também queria escapar-me! Estou tão farta de tudo isto!

Ele ergueu as sobrancelhas, como quem não acredita, e ela, poisando-lhe no braço a mão febril, continuou, atropelando as palavras:

-Escute-me. Afirmando-lhe que estou farta e sinto que não posso suportar mais. Tenho lutado p@lo pão, pelo dinheiro; semei, mondei, colhi algodão, cheguei a lavrar a terra até onde puderam as minhas forças. O Sul morreu, Ashley, é o que eu digo! Caiu nas mãos dos yankees, e dos escravos forros e dos Sacolas, e não ficou nada para nós. Fugamos, Ashl@yT

Baixando a cabeça para lhe observar o rosto, que se purpureara com a excitação, Asliley não respondeu e ela prosseguiu:

- Fugamos 'sim. Deixemos os outros! Estou cansada de trabalhar para eles. Alguém nos há-de substituir, há sempre quem se ocupe dos que não podem desenvolver-se sózinhos. Vamos-nos embora. ambos. Podemos ir para o México: Aí precisam de oficiais. Talvez sejamos felizes, Trabalharei para ti, farei tudo o que for necessário, Bem sabes que não gostas da Melanie. Ashley pretendeu falar. Ela, porém, tinha ainda muito que dizer:

- Disseste-me um dia que gostavas mais de mi&. Lembras-te? Ora tu não mudaste! Tenho a certeza. Declaraste que ela não era mais do que um sonho... Vamos, far-te-el feliz. O Dr. Fontaine é de opinião que ela. não pode ter mais filhos. Eu posso...

Ele pusera-lhe as mãos nos ombros e apertava-a con1 tanta força que lhe provocava dores. Scarlett parou, extenuada.

- Esqueçamos o que se passou nesse dia nos Doze Carvalhos.

- Achas que jamais o esquecerei? i% capaz de o esquecer? Dirás sinceramente que não me tens amor?

Asliley suspirou e retorquiu logo: -Não. Não a amo.

- P, mentira! -Ainda que o seja, isso está fora de discussão.

- Queres dizer que... ibora abando-Pensa que eu concordaria em ir-me eir 1
nando Melanie e o pequeno, ainda que os detestasse? Dar-

67

-lhe esse desgosto? Deixá-los entregues à caridade dos amigos? Enlouqueceu, Scarlett? Perdeu o juízo? Nem pode deixar seu pai e as suas irmãs, que estão a seu cargo, como Melanie e Beau estão à minha guarda. Quer esteja cansada ou não, o seu dever é ficar e olhar por eles.

- Podia abandoná-los, sim... Estou farta de os aturar. Asliley inclinou-se de novo e por instantes, ela, de coração palpitante, julgou que el@ a ia apertar nos seus braços. Mas'em vez disso, Asliley deu-lhe uma pancadinha afectuosa no ombro e, como quem se dirige a uma criança para a consolar, falou-lhe nestes termos:

- Sei que está farta e cansada. Isso é que a leva a dizer essas coisas. Suporta a carga de três homens. Mas eu vou auxiliá-la. Deixarei de ser desajeitado...

- Só tens uma maneira de me auxiliar - interrompeu-o Scarlett exaltada. - É levar-me para longe daqui, seja para onde for, dar-nos uma oportunidade de sermos felizes. Nada nos retém aqui.

- Nada - disse Ashley tranquilamente. - Nada senão a honra.

Frustrada na sua expectativa, Scarlett fixou-o e, pela primeira vez notou-lhe como as pestanas tinham o tom dourado e quente do trigo maduro. Reparou no ar digno daquela cabeça sobre o pescoço nu, e como, apesar dos andrajos grotescos, o, seu corpo esguio e direito conservava toda a nobreza. Fitaram-se uns momentos; os olhos de Scarlett eram suplicantes 'os de Ashley incertos como lagos da montanha sob um céu tempestuoso.

Ali viu ela a condenação dos seus sonhos, dos seus desejos insensatos.

Invadida pelo desânimo, escondeu a cabeça entre as mãos e pôs-se a chorar. Ashley nunca a vira assim. Jamais lhe passara pela ideia que mulheres da tempera de Scarlett se deixassem-i dominar pelas lágrimas. Num ímpeto de ternura e de remorso, apertou-a nos braços, embalou-a como a uma criança e encostou-lhe a cabeça de encontro ao coração, enquanto murmurava:

- Então, que é isto? Tão corajosa e a chorar! Não chore...

Mal a havia estreitado, logo a sentiu transformar-se sob o seu amplexo; o corpo esguio que ele segurava transmitia-lhe uma espécie de magia delirante os olhos verdes envolviam-no num clarão ardente. o a@gustiado Inverno

68

L

já não existia para Ashley era agora Primavera, a Primavera perfumada de que el@ quase se esquecera, cheia dos murmúrios das folhas tenras. Dir-se-ia reviver os dias descuidados de outrora, do tempo em que os seus desejos juvenis não tinham perdido o ardor. Olvidou os anos de amargura que se lhes tinham seguido... e, vendo palpar os lábios rubros que se lhe ofereciam, aproximou a boca e beijou Searlett.

Ela ouvia confusamente um rumor surdo como se tivesse encostado dois búzios às orelhas: eram a@ pancadas do seu próprio coração. Julgou que o corpo se lhe fundia no do homem. E ambos, perdendo a noção do tempo, ficaram assim unidos um ao outro. Ashley beijava-a com avidez, como se jamais pudesse mitigar aquela sede.

Quando, de súbito, a largou, Searlett teve a impressão de que ia perder o equilíbrio e encostou-se à barreira. E olhou para ele, cheia de amor, triunfante.

- Amas-me! Amas-me! Não o negues! As mãos dele voltaram a segurá-la pelos ombros, mãos que Searlett sentiu tremerem, mas cujo estremecimento a deliciava. Aproximou-se de novo, num movimento ousado, mas Ashley repeliu-a e fitou-a com expressão de angústia, torturado pelo combate a que dentro de si se entregava.

- Não! - bradou. - Se se chega mais, eu, aqui mesmo . . . Scarlett sorriu de modo radiante, que significava o esquecimento do tempo e do lugar, tudo enfim, menos a lembrança dos lábios que se uniram.

Então, ele principiou a sacudi-la tanto que os cabelos castanhos se desataram, descendo-lhe pelos ombros; sacudiu-a como se estivesse dominado por um acesso de furor contra ela... e contra si próprio.

-Não temos o direito de fazer isto! Digo e repito que não!

Parecia que, a prosseguir aquela fúria, o pescoço de Scarlett iria despregar-se. O cabelo tombado cegava-a, U

procedimento de Ashley aturdiu-a. Recuou um passo e fitou-o. Viu-lhe pequeninas gotas de suor na testa, viu-lhe ainda os dedos enclavinados como garras...

-A culpa foi minha-confessou ele.-Não foi sua. Mas isto não se há-de repetir, porque me vou embora com

Melanie e o pequeno.

Vais-te embora? - gritou Scarlett, aflita. - Não é possível!

-Sim, irei. Julga que posso ficar aqui depois do que se passou? Se tornasse a acontecer... __ Ashley' não te vãs. Tu amas-me. Para onde iriam vocês? Tu amas-me...

Ele inclinou-se, e com tal brusquidão que Scarlett se encolheu de novo contra a barreira.

-Amo-te, sim. Amo a tua coragem, a tua obstinação, o fogo que há em ti, a tua crueldade. Até que ponto vai este amor?, Ouve: é tão grande que 'ainda há pouco, estive quase a profanar a hospitalidade da casa que nos acolheu, a mim e à minha família, esquecendo a melhor esposa que jamais existiu... Sim amo-te tanto que seria capaz de aqui mesmo, sobre a lamà, como um...

Scarlett debatia-se num caos de pensamentos. O coração sentiu nesse momento que a traspassava um estilete de gelo.

- Se experimentaste tudo isso... e não me quiseste fazer tua... é que não me tens amor!

- Nunca eu conseguirei que me entendas! - replicou Ashley.

Calaram-se, fitando-se mutuamente. De repente, ela estremeceu e notou, como no regresso duma longa viagem, que era Inverno, que os campos estavam enregelados, que ela mesma tinha imenso frio. Reparou também que o rosto de Ashley retomara a expressão de desprendimento que lhe era peculiar; ele igualmente reconhecera a estação hibernal, e os seus traços revelavam sofrimento e remorso.

Scarlett desejaria deixá-lo e voltar para casa, procurando ali abrigo e consolo mas estava muito cansada para o fazer. O próprio acto de falar se lhe tornava fatigante.

- Já nada resta - disse por fim. - Nada para amar ou defender. Perdi-te e vou perder Tara.

Ashley contemplou-a um instante em silêncio. Depois abaixou-se e apanhou do chão um bocado de terra argilosa.

-Alguma coisa resta -disse ele, e nos lábios perpassou-lhe a sombra do sorriso antigo. - Uma coisa a que tem mais amor do que a mim, embora talvez não o saiba. Ainda não perdeu Tara.

ou-lhe na palma . Pegou na mão inerte de Scarlett, coloe o pedaço de argila húmida e fechou-lhe os dedos. Nem a um nem a outro a mão escaldava de febre. Scarlett olhou

70

sem interesse para o torrão vermelho. Em seguida, fixou a vista em Ashley, compreendendo vagamente que ninguém conseguiria abalar a integridade daquele espírito.

Nunca ele abandonaria Melanie, nem que morresse de amor. Ainda que se consumisse de paixão, jamais possuiria Scarlett, e lutaria por mantê-la sempre a distância. Não, ela não tornaria a penetrar naquela armadura. Para Ashley, as palavras hospitalidade, lealdade e honra tinham maior significado do que para Scarlett.

Esta voltou a olhar para o pedaço de argila.

- Sim - murmurou - ainda me resta isto. Falou sein convicção, não vendo naquilo senão, um bocadinho de barro. Mas, logo a seguir, sem nada ter evocado, surgiu-lhe na mente o oceano de terra vermelha que rodeava Tara; lembrou-se de quanto lhe queria, no rude combate que travara, e que teria de travar, para que a sua propriedade não fosse parar a outras mãos. Olhou então de novo para Ashley, perguntando a si mesma para onde teria ido a vaga de paixão ardente que o assolara momentos antes, Quanto a ela, estava apta a reflectir, já não sentia nada, comoção nenhuma.

- Não há necessidade de se ir embora - declarou em voz nitida. - Não tenciono deixar vocês todos morrerem de fome, só porque me lancei nos seus braços. Isso não torna a acontecer.

Voltou-lhe costas e tomou o caminho de casa, torcendo os cabelos sobre a nuca. Ashley seguiu-a com o olhar e viu-a erguer os ombros franzinos. Esse gesto falou-lhe mais ao coração do que qualquer das frases que ela proferira.

T=A ainda na mão o pedacinho de barro quando subiu os degraus da entrada, Tomara a precaução de dar a volta à casa, porque, se passasse diante da cozinha, os olhos perspicazes de Babá notariam logo que algo de grave acontecera. Aliás, Scarlett não queria ver ninguém. Não sentia vergonha, nem decepção, nem rancor, mas apenas fraqueza de pernas e a cabeça vazia. Com tanta força apertou a mão

71

que a terra se lhe escapou entre os dedos. E então Scarlett pôs-se a repetir como um papagaio: "Sim, ainda me resta isto. Sim, ainda me resta isto". Nada mais possuía além daquela terra vermelha que, momentos antes, ela seria capaz de abandonar como quem abandona um lenço rasgado. Agora sentia de novo quanto lhe era afeiçoada e perguntava a si mesma que loucura a dominara para tão pouco caso fazer dessa terra. Se Ashley cedesse, ela teria partido sem sequer olhar para trás; no entanto, apesar do espírito vazio, sabia bem quanto lhe custaria deixar essas colinas vermelhas, esses pinheiros escuros e descarnados. Até morrer, as saudades não a largariam. O próprio Ashley havia de sentir a falta de Tara. Como Ashley era sensato e como a conhecia! Bastara meter-lhe na mão um punhado de terra húmida para que o juízo-lhe voltasse.

Ia Scarlett fechar a porta quando ouviu o barulho duma carruagem. Virou-se para ver quem era. Visitas em semelhante ocasião! Impossível, fugiria para o quarto, alegando uma enxaqueca.

Mas, quando a carruagem se aproximou mais, o espanto esmoreceu-lhe o desejo da fuga. Era um veículo novo, luzidio, com arreios também novos, semeados aqui e ali de ornatos de latão. Devia, com certeza, pertencer a qualquer pessoa estranha à terra. Scarlett não conhecia por ali ninguém suficientemente rico para se dar ao luxo duma, coisas dessas.

Ficou no limiar, contemplando enquanto, o vento frio lhe colava as saias aos tornozelos. Então a carruagem parou defronte da porta e apeou-se Jonas Wilkerson. Ao ver o antigo feitor de Tara envolto num sumptuoso casaco de abafo, Scarlett ficou pasmada. No entanto, Will contara-lhe que Jonas parecia prosperar desde que obtivera colocação na Agência dos Forros; e explicara que ele devia ganhar muito dinheiro burlando ora os pretos ora o Governo, ou confiscando as colheitas de algodão com o pretexto de que pertenciam ao Estado. Com certeza que ele não adquirira todo aquele dinheiro honestamente, atendendo às dificuldades económicas da época.

E eis-lo que saía agora duma carruagem elegante e ajudava a apear-se uma dama trajada com o maior apuro. Num relance, Scarlett verificou que o vestido era de cor espa-

72

ventosa e de mau gosto, mas não deixou por isso de o olhar com avidez. Desde muito tempo que não via vestidos à moda. "Pelo visto, usam-se as crinolinas menos largas este ano", pensou, enquanto observava a saia vermelha enxadrezada. "E como os casacos são curtos!" prosseguiu ela consigo mesma, de olhos fixos no casaco de veludo preto. "Que chapéu tão esquisito! Decerto, que as capotas já passaram de moda!" De facto a mulher tinha no cocuruto da cabeça um chapelinho riáículo de veludo encarnado, achatado e redondo como um prato, cujas fitas, em vez de serem amarradas debaixo do queixo como nas capotas, se atavam sobre a nuca, debaixo dum molho de caracóis. Scarlett não pôde deixar de notar que esses caracóis não eram da mesma cor do resto do cabelo. Quando ela pisou o pé no chão e olhou para a residência, Scarlett viu que aquela cara lhe não era de todo estranha: cara de coelho coberta de pó-de-arroz!

- 2 Emmie Slattery! - exclamou, e tão surpreendida que a voz saiu mais alta do que ela esperava.

-Sim, senhora, sou eu - respondeu Eminie, baixando a cabeça e sorrindo e avançando para a escada. Enimie Slattery! Essa desavergonhada de cabelos de estopa, cujo filho natural Ellen levava a baptizar. Essa que provocara a morte de Ellen, comunicando-lhe a febre tifóide. Pois agora tinha o topete de se apresentar em Tara, vestida de espanto, com o à-vontade de quem está em sua casa!

Scarlett lembrou-se de Ellen e logo experimentou uma fúria que a fez tremer como se tivesse um acesso de malária.

- Retire-se, mulher indigna! - gritou-lhe. - Saia da minha casa!

Enimie ficou boquiaberta e olhou para Jonas, que chegava nessa ocasião, de cenho carregado.

Apesar de furioso, fez um esforço para conservar a sua dignidade.

-Não é dessa maneira que se fala à minha mulher - disse ele.

- Sua mulher? - repetiu Scarlett, desatando a rir. -

Já devia ter casado com ela há mais tempo. Quem baptizou os outros rebentos, depois da morte de minha mãe?

- Oli! - bradou Eminie, tornando a descer precipitadamente os degraus, disposta a reentrar na carruagem. Jonas deteve-a, agarrando-a por um braço.

73

-Vimos cá fazer uma visita... uma visita amigável -

declarou ele em tom resmungão. -E queremos conversar de negócios como velhos amigos.

- Amigos? -A voz de Scarlett era fustigante como uma chicotada. -Quando é que fomos amigos de gente da sua laia? Os Slatterys viviam à nossa custa e pagaram os benefícios recebidos matando a minha mãe! E quanto a você... meu pai expulsou-o porque fez um filho a Emmie... Não é novidade para si. Amigos? Saíam daqui para fora antes que eu chame o senhor Benteen e o senhor Wilkes. Ao ouvir isto, Emmie desprendeuse da mão do marido e correu para a carruagem tão depressa quanto lhe permitiram as botinas de verniz debruadas de encarnado e atadas com cordões de borlas escarlates.

A face pálida de Jonas enrubescceu de súbito, tal o monco dum peru zangado, sob o efeito duma cólera não menor à de Scarlett.

- Sempre arrogante, hem? Sempre com os seus grandes ares? Deixe-se disso! Sei que nem tem e- alçado para enfiar nos péa, e sei também que o seu pai se tornou idiota...

-Ponha-se na rua! -Não me há-de falar muito tempo dessa maneira. Sei que está na penúria. Nem sequer tem dinheiro para pagar as contribuições. Vim aqui propor-lhe a compra desta propriedade, e fazia-lhe uma boa oferta. Emmie tem grande empenho em viver nesta casa. Mas agora, afianço que nem lhe ofereço um centavo. Sua irlandesa petulante, há-de ver o que é bom quando o fisco lhe vender as terras para se pagar dos impostos! E eu é que hei-de comprar a propriedade, com mobília e tudo, e hei-de vir instalar-me aqui.

Com que então era Jonas Wilkerson que pretendia Tara... Jonas e Emmie que sonhavam vingar-se das afrontas recebidas no passado, vindo habitar a casa onde lhes tinham feito sentir a sua indignidade! Os nervos de Scarlett vibravam de cólera, como já haviam vibrado no dia em que disparara a pistola apontada para -o yankee barbudo. A sua pena era não ter agora uma arma consigo.

- Demolirei esta casa, pedra por pedra, deitar-lhe-ei fogo, e espalharei sal por todo o campo antes que voltem a pôr aqui os pés! - bradou ela. - Retirem-se, já disse! Rua!

Jonas fitou-a com olhar flamejante, pronto a responder-lhe; mas, mudando de ideias, deu meia volta e enca-

74

minhou-se- para a carruagem. Abancou junto da mulher que choramingava, e chicoteou o cavalo. Quando Jonas 'é Emmie se afastavam, Scarlett cuspiu na direcção deles. Sabia que era um gesto tão ordinário quanto infantil, mas sentiu-se com isso mais aliviada. Chegou a lastimar que eles não a tivessem visto proceder assim.

Malditos defensores dos pretos, atreverem-se a vir ali zombar da sua pobreza! Aquele patife nunca tencionara propor-lhe a compra de Tara. Viera apenas para se pavonear à sua frente com a mulher. Esses imundos Renegados terem a pretensão de se instalar em Tara!

Então invadiu-a súbito terror e toda a sua ira se fundiu. Deus do Céu! Decerto viriam instalar-se em Tara! Ela não podia impedi-los de comprar a propriedade, de comprar todos os espelhos, todas as mesas e camas 'todos os móveis de mogno e de pau-rosa que tinham pertencido a Ellen e aos quais Scarlett tanto queria, embora danificados pelos yankees. E também as pratas dos Robillards. "Não, não consentirei em tal coisa", pensou Scarlett, convicta. "Nem que tenha de incendiar a casa, Emmie jamais porá os pés no chão que minha mãe pisou!"

Fechou a porta e encostou-se-lhe cheia de medo, mais, assustada ainda que no dia em que os homens de Sherman lhe tinham invadido a casa. Dessa vez, o seu maior terror era que lhe pegassem fogo a Tara... e que morresse queimada... mas agora o caso era muito pior. Aqueles seres vis habitarem a sua moradia! E depois gabarem-se aos amigos de como tinham posto na rua os orgulhosos O'Haras! Talvez até chegassem ao ponto de convidar pretos a jantar e a passar ali a noite. Will contara que Jonas se comprazia em tratar os negros como de igual para igual: comia com eles, visitava-os, levava-os a passear de carruagem, abraçava-os...

Quando Scarlett pensou na possibilidade de infligir este derradeiro insulto a Tara, o coração começou a pulsar-lhe tão forte que ela mal conseguia respirar. Tentou estudar o problema, esforçou-se por descobrir uma solução, mas, de cada vez que concentrava as ideias, tremia com nova onda de raiva e pavor. No entanto, devia existir um meio de resolver o caso. Alguém que dispusesse de dinheiro e que lho emprestasse... O dinheiro não desaparecia assim, não se evaporava. Alguém o possuía ainda.

Lembrou-se então das palavras de Ashley:

75

"Só uma pessoa dispõe de dinheiro: Rhett Butler". Rhett Butler! Scarlett, dirigiu-se para a sala e fechou a porta. A claridade do crepúsculo filtrava-se pelas persianas fechadas. A ninguém passaria pela mente ir procurá-la naquele quarto' e ela queria reflectir sem que a incomodassem. Era tão simples a ideia ocorrida agora que se espantava de não ter pensado nisso mais cedo.

"Rhett é que me há-de valer. Vendo-lhe os brincos de diamantes; ou então peço-lhe dinheiro emprestado e deixo-lhe os brincos como penhor".

Durante um momento sentiu-se tão aliviada que a dominou uma espécie de fraqueza. Sim, pagaria os impostos e teria o prazer de rir na cara de Jonas Wilkerson. Mas a esta agradável perspectiva sucedeu a verdade implacável.

"Não é só este ano que preciso de dinheiro para os impostos. Também precisarei dele no próximo ano, e assim sucessivamente até ao fim dos meus dias. Se eu pagar desta vez, para a outra aumentarão os impostos e voltarei, a ter as mesmas aflições. Se for boa a colheita de algodão, as contribuições serão de tal ordem que nada me restará, ou então confiscam-me tudo com o pretexto de que o algodão pertence ao Estado. os yankees e os patifes que estão com eles acabarão por ter o que pretendem. Toda a minha vida andarei com medo de que eles consigam os seus fins. Toda a vida lutarei por arranjar dinheiro, matar-me-ei com. trabalho, e tudo para nada, só para ver o meu algodão ir parar a outras mãos. Pedir emprestados trezentos dólares a fim de pagar os impostos, isso será apenas um paliativo.

O que eu quero é ver-me livre para sempre destes apuros, dormir sossegada sem receio do que poderá acontecer no mês seguinte e no próximo ano".

O cérebro de Scarlett raciocinava sem descanso. Fria, logicamente, ia-se-lhe desenvolvendo uma ideia no espírito. Lembrou-se da figura de Rhett, da sua fileira de dentes brancos, daquela cara trigueira onde luziam uns olhos pretos sardónicos. Recordou-se de certa noite tépida, em Atlanta. Estava sentada na varanda da tia Pitty, ao cair da tarde... Ainda sentia o calor da mão de Rhett '

quando este lhe agarrara no braço e lhe dissera: - Desejo-a como nunca desejei nenhuma mulher, e esperei-a mais tempo do que jamais esperaria por outra.

"Vou casar com ele", decidiu Scarlett. "Assim, acabam~se de vez as preocupações".

76

Oli, abençoado pensamento, mais doce do que a esperança do Paraíso! Nunca mais se apoquentar com questões de dinheiro, saber que Tara não passaria para mãos alheias, que a família não teria privações, que ela própria não tornaria a andar às cabeçadas contra um muro de pedra!

Sentiu-se envelhecida. Os acontecimentos da tarde haviam-lhe exaurido os sentimentos: primeiro fora a atordoadora notícia acerca dos impostos, depois a atitude de Ashley, por fim a visita de Jonas Wilkerson e da mulher. Não, já não conseguia ter emoções. Se toda a sua capacidade emocional fora esgotada como poderia insurgir-se contra o plano que se lhe esboçava na cabeça? Nem se lembrou de que detestava Rhett mais do que qualquer outra pessoa neste mundo. Mas perdera a faculdade de sentir. Limitava~se a pensar, e os seus pensamentos eram apenas de ordem prática.

"Disse-lhe coisas tremendas naquela noite em que ele nos abandonou no meio do caminho, mas farei com que as esqueça", disse de si para si, fatuamente, convicta do poder que ainda exerceria sobre Rhett. "Saberei ser insinuante, convencê-lo-ei de que sempre lhe tive amor e que, se lhe falei assim daquela vez, era por estar cheia de medo. Ah, os homens são tão vaidosos que crêem em tudo o que os lisonja!... Não convém, é claro, dar-lhe a entender as dificuldades por que passamos pelo menos enquanto não o houver persuadido. Sim, isso não deverá ele saber: se suspeitasse da nossa pobreza, calcularia logo que era ao dinheiro que eu procurava e não à sua pessoa. No fim de contas, como havia de desconfiar? A tia Pitty também continua na ignorância de tudo. Depois de ter casado comigo, Rhett ver-se~á obrigado a vir em nosso auxílio. Não há-de querer que a família da mulher morra de fome ... "

Esposa de Rhett Butler! Do fundo de si mesma brotou' de súbito um sentimento de repulsa mas foi breve, logo se extinguiu. Recordou-se dos factos desagradáveis que marcaram a sua curta lua-de-mel com Charles, as mãos desajeitadas do marido, o seu ar canhestro, as suas emoções incompreensíveis. Lembrou-se de Wade Hampton.

"Não pensemos nisso agora. Dará tempo depois de casada ... ". Depois de casada... A memória badalou-lhe como um sino, e ela sentiu enregelarem-se-lhe os olhos. Evocava aquela noite tépida, em casa da tia Pitty, quando pergun-

77

@r"

tara a Rhett se ele tinha intenção de a desposar. Como ele rira de forma odiosa! Até respondera:

"Não fui feito para o casamento ... "

Se continuasse a pensar da mesma maneira? Se recusasse casar, a despeito de todos os encantos da pretendente? Pior ainda: Se se houvesse esquecido por completo de Scarlett e andasse interessado por outra mulher?

"Minha querida, desejo-a como nunca desejei nenhuma". Scarlett cerrou os punhos e as unhas enterraram-se na carne. "Se me esqueceu, saberei forçá-lo a lembrar-se. Há-de medesejar outra vez!". E também, se não quisesse desposá-la, mas tê-la apenas, isso serviria igualmente para lhe apanhar dinheiro. Pois já não lhe propusera uma vez que fosse sua amante?

Na obscuridade da sala, Scarlett deu combate decisivo aos três mais fortes laços da sua alma: a memória de Ellen, os princípios da sua religião e o amor que dedicava a Ashley. Sabia que a mãe lá no Céu acharia odioso o seu plano; sabia do mesmo modo que, amando tanto a Ashley, o acto que ia praticar representava dupla prostituição.

Mas todos estes escrúpulos se desfizeram diante da frieza cruel do raciocínio e sob o aguilhão do desespero. Ellen morrera e a morte possivelmente faria compreender muitas coisas. A religião proibía as relações ilícitas sob pena do fogo do Inferno: mas, se a Igreja julgava que ela ,ia cruzar os

braços quando Tara corria perigo... então que a Igreja pensasse o que quisesse! Não se preocuparia com isso, pelo menos por enquanto. E, no que se referia a Ashley... Acaso Ashley a desejava? Sim, lá desejar parece que desejava. Só aquele beijo... Fosse como fosse, não fugiria com ela. "15', curioso que não me parecia pecado com Ashley, mas com Rhett ... "

No crepúsculo da tarde de Inverno, Scarlett chegava ao fim da longa caminhada que tivera início naquela noite de Atlanta. Quando se pusera a andar, que era ela mais do que uma rapariga flimada, egoísta, sem experiência, cheia de mocidade e ardor, facilmente atordoada pela vida? Agora, no final, nada restava dessa rapariga. A fome, o trabalho duro, o medo e o esforço contínuo, os terrores da guerra e os da Reconstrução, tudo lhe tirara o que ainda havia de mocidade, de entusiasmo, de candura. No âmago, formara-se-lhe uma carapaça, que pouco a pouco fora endurecendo, naqueles meses intermináveis...

78

Contudo, até aí, sustiveram-na duas esperanças: que, terminada a guerra, a existência retomasse pouco a pouco o aspecto de outrora e que o regresso de Ashley desse algum significado à sua vida. Agora essas duas esperanças estavam destruídas. A aparição- de Jonas Wilkerson em Tara fizera-a compreender que, afinal, para ela e para todos do Sul a guerra não chegara ao seu termo: pelo contrário, começavam as lutas mais amargas, as vinganças mais brutais. E, quanto a Ashley, estava prisioneiro para sempre de juramentos mais fortes do que as grades da cadeia. No mesmo dia soubera que tinha perdido a paz e que havia igualmente perdido Ashley. A carapaça não apresentava fendas, e a última camada havia já endurecido. Scarlett tornara-se naquilo que a avó Fontaine lhe aconselhara que evitasse: uma pessoa que experimentara o pior e a quem não ficava mais nada que temer. Nada podia já recear quanto à vida à mãe à conservação do seu amor, ao bom conceito do público.' Só existia uma coisa que a atemorizava: passar fome.

E, visto que se libertara de tudo quanto a ligava ao passado e a si mesma, Scarlett sentia-se estranhamente aliviada. Tomara uma decisão, e, graças a Deus, isso não a assustava. Nada tinha a perder e estava disposta a levar a seu propósito até o fim.

Se conseguisse induzir Rhett a casar com ela tudo acabaria bem. Caso contrário... havia de obter o dinheiro. Por um momento pensou com objectividade o que é que se pode esperar duma amante. Rhett exigiria que ela ficasse em Atlanta, como, segundo constava, procedera com a Watling? Se a obrigasse a viver em Atlanta, veria quanto isso lhe iria custar... Tinha de se mostrar generoso para a compensar do seu afastamento de Tara. Scarlett era muito ignorante quanto ao lado oculto da vida dos homens e não fazia ideia dos compromissos que resultariam duma ligação entre ela e Rhett. Pensou também se poderia vir a ter uma criança. Isso seria uma catástrofe.

"Não me inquietarei com tal coisa por enquanto; fica para mais tarde". E baniu do espírito essa ideia desagradável, com receio de que lhe trantornasse os planos. Nessa mesma noite anunciaria aos seus a sua partida para Atlanta, - onde ia tratar dum empréstimo ou da hipoteca da propriedade, caso fosse necessário. Era tudo o que lhes

79

bastava saber até ao dia nefasto em que descobrissem tratar-se de assunto diferente.

Decidida como estava, ergueu a cabeça e endireitou o busto. O negócio não seria fácil, bem o sabia. Noutro tempo era Rhett quem solicitava e ela quem outorgava os favores: agora ia Scarlett mendigar, submetendo-se às condições do outro...

"Mas não me apresentarei como pedinte. Irei como uma rainha, que distribuiu graças e mercês. E ele ficará sem saber que ... "

Aproximou-se do alto espelho da parede e mirou-se de alto a baixo. O espelho na sua moldura de ouro -gasto, reflectiu a imagem dum@ estranha. Dir-se-ia que não se via a si própria há mais dum ano. Todas as manhãs se mirava na superfície polida para verificar se estava decente e penteada,

mas fazia-G com o pensamento noutras coisas mais urgentes que a não deixava proceder a um exame atento. Mas agora, aquela desconhecida... Sim, essa mulher de faces cavadas poderia ser realmente Scarlett O'Hara? Scarlett O'Hara tinha rosto belo engraçado alegre. A cara que entretanto se lhe apresentava à frente não era nada bonita, não revelava os encantos de que ela tão bem se recordava. Esta era pálida, desfigurada. As sobrancelhas pretas seguiam a linha oblíqua dos olhos verdes e destacavam-se de modo estranho na pele branca como asas dum pássaro, assustado. A expressão tinha qualquer coisa de esforçado e ansioso.

"Não tenho suficiente beleza para o conquistar", disse consigo mesma, sentindo-se desesperar mais uma vez. "Estou tão magra... horrivelmente magra!"

Tacteu as faces, palpou os ossos, investigou o corpo todo... Os seios eram pequenos quase tão pequenos como os de Melanie. Devia enchumçar o peito para o tornar mais saliente: fazer exactamente aquilo de que ela se ria, quando o surpreendia nas outras mulheres! Enchumaçar * peito! Dessa ideia passou a outra: o vestido. Observou * saia, considerando os remendos que havia nos folhos. Rhett gostava de mulheres bem vestidas, vestidas à última moda. Lembrou-se com saudade do vestido verde de franjas que usara depois do luto e que ia bem com o chapéu de plumas que ele lhe comprara. Que lisonjeiros cumprimentos lhe dirigira então! Recordou-se também com o ódio que a inveja desperta, de traje de Emmie Slater, de

80

xadrez encarnado, com botinas debruadas da mesma cor e respectivas borlas e chapéu redondo, em forma de tacho. Indumentária espaventosa é certo, mas nova, e à moda, capaz de chamar a atenção! Ah, como ela também desejava atrair os olhares 'em especial os de Rhett Butler! Se ele

* visse naqueles andrajos, concluiria logo o que se passava

* respeito de Tara. Ora isso não o devia saber.

Que louca fora ao pensar que podia ir a Atlanta e que ele a pediria enicasamento... com esse pescoço descarnado, olhos de gata famélica e vestido no fio! Se não conseguira, no auge da sua beleza, uma proposta matrimonial de Rhett como poderia obtê-la agora, assim feia e mal trajada? Se se confirmasse o boato espalhado pela tia Pitty, Rhett devia ser o homem mais rico de Atlanta; competia-lhe pois fazer a sua escolha entre as mulheres mais bonitas e elegantes. "Contudo - pensou Scarlett - possuo um trunfo que falta a muitas delas: a decisão. Se ao menos tivesse um vestido capaz ..."

Não havia, em Tara, um único que prestasse para o efeito. Os poucos que existiam haviam sido remendados e voltados mais duma vez.

"15@, a triste verdade" disse consigo, olhando desconsoladamente para o chão. A: vista poisou-se no tapete de Ellen, de veludo cor de musgo, gasto, manchado, desfiado pelo roçar de muitos corpos que sobre ele tinham dormido e este espectáculo deprimiu-a ainda mais pois deu-lhe a entender que Tara se encontrava em tão lamentoso estado como ela própria. O quarto escurecera por completo e Scarlett sentiu-se pouco à vontade. Dirigiu-se à janela, ergueu a vidraça 'abriu os postigos e deixou entrar a derradeira luz do crepúsculo hibernal. Depois tornou à fechar a vidraça e encostou a cabeça ao reposteiro de veludo, olhando distraída para as árvores sombrias do cemitério. Sentindo na pele a macieza do veludo, esfregou com delícia a face no reposteiro, como faria um gato. E então, de súbito, teve uma ideia.

Daí a pouco 'arrastava uma pesada mesa de mármore, cujos rodízios enferrujados geraram em sinal de protesto. Empurrou-a até à janela, arregaçou as saias trepou para o tampo e, levantando-se na ponta dos pés, pôs-se a desprender a grossa cimalha. Aquilo estava um bocado alto e, com os sacões e puxadelas, veio abaixo com grande fragor.

6 - vento levou - n

Como por encanto, abriu-se a porta da sala e surgiu a cara larga e negra da ama cheia de curiosidade. Lançou um olhar de reprovação a S@rlett (que, de saias erguidas, se preparava para descer da mesa) e ficou desconfiada com a expressão de triunfo que viu no rosto daquela.

-Que está minina aí a fazê com reposteio de sinhora Ellen?-inquiriu a preta.

-E que andas tu a espreitar às portas? -replicou a interpelada, dando finalmente o salto e agarrando, num braçado, o veludo poeirento. -

-Não costumo espreitá às porta-ripostou Babá, pronta para o combate.-E minina não tem nada que mexê nas coisa de sinhora Ellen. Que lembrança foi essa de arrancá reposteio e de arrastá dessa maneira no pó do chão?

Scarlett fixou nela os olhos verdes, olhos que brilhavam. de prazer como nos velhos tempos em que, rapariguinha maldosa, fazia arreliar a ama. _ Vai depressa ao sótão buscar a minha caixa de moldes - ordenou 'dando-lhe um leve empurrão. - Vou ter um vestido novo.

A preta indignou-s@e à !<leia de, com o siéu peso de mais de cem quilos, ter de subir ao sótão; e ao mesmo tempo, atravessou-lhe o espírito uma suspeita iérrível. Num gesto rápido, apoderou-se do reposteiro e apertou-o de encontro aos selos flácidos e enormes, como se se tratasse duma relíquia sagrada. @Não há-de tê reposteio de sinhora Efién para fazê vistido novo' se é isso que pensa. Não, não terá enquanto mim fô viva,

Notou então a ama que o rosto de Scarlett assumia aquela expressão a que _a velha costumava chamar "ar bravio", para logo ceder lugar a um sorriso deveras irresistível. Mas Babá não se deixou vencer. Sabia que Scarlett sorria unicamente para obter o que pretendia, e ela não estava disposta a ceder àquele capricho.

- Babá, não seas assim. Vou a Atlanta pedir dinheiro emprestado, e preciso dum vestido novo. , - P'ra quê? Outras senhoras não tem vistido novo. Usam vistido velho e sentem bem orgulhosa com isso. A filha de sinhora Ellen pode andá maltrapia se fô de sua vontade, e toda gente a respeitá tanto como se visse minina vistida de seda.

82

A pouco e pouco a fisionomia de Scarlett foi assumindo o "ar bravio".

"Meu Deus-disse a preta consigo-é de espantá como ela cada vez se parece mais com sinhô Gerald e menos com sinhora Ellen".

- Sabes perfeitamente, Babá que a tia Pitty nos escreveu a participar que a Fanny Ésing se casa no próximo sábado. 2 clara que tenho de assistir ao casamento e, para isso, necessito dum vestido capaz.

- Esse que minina tem em cima de si não há-de sê piô .que de minina Fanny. Sua tia Pitty dizia na carta que os Elsings tavam em má circunstância.

- Repito que preciso dum vestido novo! Babá, não calculas a que ponto necessito de dinheiro! As contribuições...

- A gente já sabe isso, mas...

- Já sabes? -Sim, Nosso Sinhô deu a mim bom ouvido e ele não andá tapado. Pra mais sinhô Will nunca se dá trabalho de fechá porta.

Haveria conversa que Babá não surpreendesse? Aquele corpanzil, que fazia tremer o soalho, era capaz de se deslocar sem ruído quando a sua dona queria escutar às portas.

- Então se ouviste tudo, debes também saber que Emmie e J@nas W11kerson...

- Sim, sinhora - respondeu a preta, de olhos cintilantes.

-Pois bem, não seas teimosa e deixa-me ir a Atlanta arranjar o dinheiro para as contribuições. JÉ absolutamente necessário! - gritou, batendo com o punho fechado na palma da outra mão. - Em nome de Deus Babá! Olha que eles nos põem na rua. Vais, discutir comig@ por causa dum reposteiro velho, quando aquela desavergonhada da Emmie Slattery que matou a mamã, se prepara para se instalar nesta ca'sa e dormir na cama em que dormiu a tua patroa?

Babá apoiava-se ora num pé ora noutro, como um elefante impaciente. Tinha o vago pressentimento de que acabaria por ceder.

-Não quê vê essa gente aqui, mas... -Fitou Scarlett com um olhar perscrutante: -A quem vai pidi dinheiro emprestado? n preciso i de vistido novo?

Scarlett, que não esperava a observação, retorquiu confusa:

-isso é comigo.

83

Babá não a perdia de vista, tal como fazia quando Searlett era pequena e tentava esquivar-se com rodeios e mentiras. Com a impressão de que a ama lhe estava a adivinhar os pensamentos, Scarlett baixou os olhos atrapalhada.

- Então precisa de vistido novo pa@a pidi dinheiro emprestado? - insistiu a preta. - A mim não engana. Onde está esse dinheiro?

- Não tenho mais nada que te dizer - declarou Scar- 'lett já irritada. -0 caso é comigo. Dá-me esse reposteiro e ajuda-me a talhar um vestido.

- Tá bem -volveu Babá, capitulando com tanta rapidez que despertou as suspeitas de Scarlett. Apresentou o veludo e, com um sorriso malicioso, perguntou: - Senhora Melly vai com minina a 'tlanta?

- Não - ripostou abruptamente Scarlett, receosa do que poderia surgir dali. - Vou sózinha.

- Isso é o que diz - atalhou a preta, cheia de firmeza. -Vou com minina. Não deixo dá passo sem mim.

Por momentos, Scarlett imaginou a sua viagem a Atlanta e a conversa com Rhett sob as vistas tutelares da ama, especada a distância como um Cérbero negro. Sorriu de novo e pôs a mão no braço da preta.

- Babá, é muita bondade da tua parte queres ir comigo e ajudar-me em tudo, mas o que seria desta gente cá em casa, durante a tua ausência? Bem sabes que só tu és capaz de manter isto em ordem.

- Ah, minina, não vale a pena gastá palavra doce comigo. Conheço minina desde que pus nela primeiro cueiro. Disse que vou acompanhá a 'tlanta e não volto com a palavra atrás. Si soubesse na cova, senhora Elle tremia de espanto! Ir só para 'tlanta, terra com yankeu e escravo à solta!

- Mas é que vou para casa da tia Pittypat - redarguiu Scarlett, frenética.

- Minina Pittypat é muito boa pessoa. Julga vê tudo e afiná não vê nada -declarou Babá, dando meia volta e saindo com ar majestoso, a fim de pôr ponto final na discussão. O soalho do vestibulo rangeu sob o seu peso respeitável. - Prissy - acrescentou, uma vez ali - corre ao sótão para trazê caixa de costura e tesoura, tudo depressa!

"Bonito negócio - pensou Scarlett, desanimada. - Mais valia ter um cão-polícia à perna".

84

Depois da ceia Scarlett e Babá estenderam os moldes sobre a mesa de Jantar enquanto Suellen e Carreen descosiam o forro de cetin@ do reposteiro e Melanie escovava o veludo. Gerald Will e Ashley, sentados em cadeiras, fumavam e dive@tíam-se com aquela agitação feminina. Parecia emanar de Scarlett uma agradável excitação de que ninguém compreendia o motivo mas que se comunicava a todos. De faces rosadas e olhos brilhantes, ria por tudo e por nada, e o seu riso alegrava toda a gente. Havia tantos meses que não a ouviam soltar uma gargalhada! Gerald, sobretudo compraz ,ia-se com o seu contentamento.

O pai de Scarletti mostrava o olhar menos vago que de costume, seguindo com a vista todos os, movimentos da filha e dando-lhe uma. palmadinha afectuosa sempre que ela passava ao alcance da sua mão. As raparigas estavam tão entusiasmadas como se andassem a preparar-se para um baile; tomavam medidas, talhavam e alinhavam com o interesse de quem faz o vestido que vai exhibir numa grande festa.

Scarlett ia a Atlanta pedir dinheiro emprestado, ou hipotecar Tara se tal fosse necessário. Mas, afinal, que significava hipoteca? Scarlett pretendia que facilmente se livraria dela graças à próxima

colheita de algodão, e que até lhe sobriaria dinheiro. Dizia-o com ar tão convencido que ninguém pensou sequer em discutir. Quando lhe perguntaram a quem tencionava pedir o empréstimo respondeu com um olhar de malícia que a todos fez rir e lelicitá-la pelas suas boas relações: - Há sempre moscas que caem no mel.

-Não pode deixar de ser o capitão Rliett Butlerobservou astutamente Melanie, o que, atendendo ao disparate, provocou nova explosão de riso. Todos sabiam quanto Scarlett detestava Butler; nunca lhe regateava insultos, quando os outros se referiam ao seu nome.

Mas Scarlett não se riu, e Asliley, que soltara uma

gargalhada, pronto se deteve ao surpreender o olhar rápido que Babá lançara à patroa.

Contagiada por aquela atmosfera de generosidade Suellen foi buscar a sua gola de rendas irlandesas ainda bonita apesar do uso, e Carreen insistiu por que Séariett se servisse dos seus sapatos 'pois-estavam em melhor estado do que quaisquer outros existentes em Tara. Melanie pediu à ama que deixasse um bocado de veludo para forrar a sua velha capota e divertiu toda a gente ao declarar que,

se o

85

único galo da capoeira não fugisse imediatamente, teria de resignar-se a largar as penas verdes e bronzeadas da cauda.

Scarlett, que observava os dedos a coserem com agilidade, ouviu as risadas e lançou em seu redor um olhar amargo e desdenhoso.

"Ninguém faz ideia do que me espera, nem do que lhes pode acontecer, a eles e ao Sul. Julgam, apesar de tudo que nada de muito mau lhes sucederá porque são O'Haras, Wilkes, Hamiltons. Até os pretos pensam assim. Que estupidez! Nunca chegarão a compreender nada. Hão-de continuar nessa convicção e a viverem como sempre viveram. Melly pode andar esfarrapada, colher algodão e até ajudar-me a matar um homem, que nunca se m@difíca. Será sempre a bem educada senhora Wilkes, a perfeita dama da sociedade. Ashley, esse, pode ver a morte de perto, ser ferido, prisioneiro e voltar sem vintém que continuará sempre o mesmo senhor que vivia nos Doze Carvalhos. Will é diferente. Sabe como as coisas se passam, mas nunca teve muito a perder. Quanto a Suellen e Carreen, acham que isto há-de acabar um dia. Não querem adaptar-se a novas situações que, segundo pensam não hão-de durar muito. Imaginem que Deus vai fazer @m milagre especialmente para seu benefício. Mas Deus não o fará. O único milagre é o que eu vou tratar de realizar com Rhett Bufler... Não, estes jamais hão-de mudar. Eu sou a única pessoa que se modificou... porque assim se tornou necessário".

Ao fim de certo tempo, Babá expulsou os homens da sala de jantar e fechou a porta, pois iam começar as provas do vestido.

Pork ajudou Gerald a subir e a deitar~se, e Ashley e Will ficaram sós no vestíbulo iluminado por um candeeiro. Estiveram uns momentos sem dizer palavra; o segundo mascava tabaco com o ar dum pacífico ruminante.

-Não vejo com bons olhos ewa viagem a, Atlantadeclarou por fim.-Não me agrada nada.

o outro lançou-lhe uma olhadela rápida e desviou a vista. Não falou, mas pensou se Will teria a mesma horrível suspeita que o obcecava. Custava-lhe a crer. Will ignorava o que se passara no pomar, naquela mesma tarde;. desconhecia aquela cena que pudera ter levado Scarlett a tomar uma resolução desesperada. Também não devia ter notado a expressão da ama quando tinham proferido o nome de Rhett Butler. Aliás, não estava ao facto da situa-

86

ção, deste nem da sua má reputação. Pelo menos 'era esta a opinião de Ashley, embora depois da sua volta percebesse que Will, assim como Babá, parecia andar desconfiado dalguma coisa, chegando a prever a realização de certos acontecimentos. Existia qualquer ameaça, que Asliley não

sabia definir e ante a qual se considerava impotente para salvar Searlett. Nem uma única vez, nessa noite os olhos dos dois se encontraram; a alegria que ela man4estara chegara a causar-lhe medo. Eram muito graves as suas dúvidas para que ele as exprimisse por palavras; nem iria ao ponto de a ofender, perguntando-lhe se havia motivo para as acalantar. De raiva, cerrou os punhos. Nessa tarde perdera o direito de fiscalizar o procedimento de Scarlett. Também não- podia ir em seu auxílio. Mas quando pensou na cara trombuda da ama e no seu ar d@cidido, enquanto cosia o vestido de veludo, Asliley sentiu-se um tanto tranquilizado. Quer quisesse quer não, Scarlett teria a preta a velar pela sua segurança.

"Eu é que sou a causa de tudo isto" pensou, cheio de aflição. "Levei-a a este extremo".

Lembrou-se da maneira como ela erguera a cabeça ao deixá-lo, e o coração começou a bater-lhe mais forte. Aamirava-a, e sentia-se ao mesmo tempo esmagado pela sensação da sua própria impotência. Sabia que Scarlett se não considerava heroína e que ficaria perplexa se ele confessasse que não conhecia alma tão heróica como a sua: sabia que ignorava todas as belas qualidades que ele lhe atribuía. Mas sabia também que ela aceitava a vida tal qual se lhe apresentava, que opunha a todos os obstáculos uma vontade de ferro, que lutava com uma teimosia para a qual não havia derrota e que prosseguia no combate ainda quando essa derrota se mostrasse inevitável.

Olhando para Will na obscuridade do vestibulo Ashley. considerou que jamais@ conheceria heroismo compa@ável ao de Scarlett O'Hara, que partia a conquistar o mundo com um vestido feito dum reposteiro de veludo e com um chapéu enfeitado de penas de galo.

Sop"vA vento frio e havia no céu nuvens cinzentas quando, no dia seguinte, Scarlett e a ama se apearam (10 comboio

87

em Atlanta. A estação não fora reconstruída depois do incêndio da cidade 'e como elas tinham descido a certa distância das ruínas áa antiga, tiveram de abrir caminho através das cinzas e de lama. Levada pela força do hábito, Searlett procurou com a vista G tio Peter e a carruagem da tia Pitty'pois era costume virem sempre ao seu encontro quando fazia a viagem de Tara a Atlanta, durante a guerra. Então, recaindo em si, riu-se interiormente. Era natural que Peter não estivesse ali porque ninguém prevenira a tia Pitty da sua chegada; além disso, lembrou-se de que numa das cartas, a velha senhora lhe contara a morte áo pobre garrano que Peter arranjava em Macon para o transportar a Atlanta, após a rendição da cidade.

O olhar de Searlett vagueou pelo espaço devastado que rodeava a estação, a ver se descobria alguma carruagem de gente conhecida que a conduzisse a casa da tia mas não deu--- fé de nenhuma. Essa gente por certo que já não possuía meios de transporte. Os tempos eram maus, havia dificuldade de encontrar alimentos- quanto mais carruagens! A tia Pitty dissera a verdade: na maior parte os seus amigos faziam como ela, andavam a pé.

Viam-se vários caminhões enfileirados ao longo dos vagões de mercadorias algumas carroças cobertas de lama, mas carruagens só ha@ia duas. Uma delas era fechada, e a outra, aberta, estava já ocupada por uma mulher elegante e um oficial yankee. Se bem que a tia Pitty tivesse informado que as ruas de Atlanta fervilhavam de soldados yankees, Searlett não pôde reprimir um sobressalto de medo ao reconhecer a farda azul, Ainda lhe custava a crer que a guerra houvesse acabado e que aquele homem não, a fosse perseguir para a roubar ou insultar.

O relativo sossego em redor do comboio trouxe-lhe ao espírito certa manhã de 1862, quando Scarlett viera a Atlanta envolta nos seus crepes de viúva. Recordou-se de como havia ali então tantas carruagens, do barulho das pragas dos condutores, dos gritos das pessoas a saudarem os amigos, e suspirou de alívio por ter acabado a excitação do teinpo de guerra. Em seguida deu outro suspiro mas desta -Vez à ideia de se ver obrigada a ir a pé até à casa da tia Pitty. Acalentava, porém, a esperança de, uma vez na Peachtree Street, encontrar alguém conhecido que lhe desse uma boleia. Quando estava a olhar em volta, um preto de meia-idade

88

aproximou-se com a carruagem fechada e, debruçando-se para Scarlett, perguntou:

-Quê um trem, minha senhora? Duas moeda p'ra i onde quisé, dentro da cidade.

Babá fulminou-o com um olhar. -Trem de alugué! -resmungou. -Por quemnÓstoma, nêgo?

Babá era docampo, mas não vivera sempre lá e sabia que uma mulher que se,Drezasse não se metia em carro de praça, demais a mais fechado, sem que a acompanhasse um membro niasculino da família, Nem a presença duma criada velha bastava para satisfazer as convenções sociais.

- Vamos embó, minina Scarlett. Trem de alugué guiado por escravo forro! Não faltava mais nada...

- Não sou isso que diz - protestou o cocheiro. - Tou ao serviço de senhora Talbot e faço estes extraordinários p'ra ganhá algum dinheiro.

- Quem é essa senhora Talbot?

- Senhora Suzannah Talbot, de Milledgeville. Viemos para cá depois de patrão morrê.

- Conhece, minina?

- Não - respondeu Scarlett, com pena de dar unia resposta negativa. -Conheço tão pouca gente em Milledgeville!

-Então é mió i a pé -concluiu Babá, em tom severo. -Pode i embS, cocheiro.

Empunhou o saco de viagem em que ia o vestido de veludo, o chapéu e a camisa de noite, e, metendo debaixo do braço a trouxa em que guardava as suas próprias coisas, obrigou a patroa a atravessar o largo encharcado da chuva. Searlett não protestou, pois não queria de modo nenhum indispor-se com a ama. Desde que esta a surpreendera a contas com o reposteiro de veludo os seus olhos tomavam às vezes uma expressão de descor@fiança nada tranquilizadora. Havia de ser difícil escapar àquele pau de cabeleira e Scarlett não queria despertar os instintos combativos de Babá sem que isso fosse necessário.

Enquanto se dirigiam, ao longo da Peachtree Street, sobre o passeio estreito Scarlett sentia-se triste e desanimada. Atlanta apareci@-lhe tão diferente do que fora! Passaram junto do que havia sido o hotel onde Rhett e o tio Henry viviam: só restava a armação com as paredes enegrecidas. Os armazéns que ladeavam a @ia férrea por um

89

Vilh,M1 1 A ~

quarto de milha, e que continham toneladas de mantimentos para a tropa, não tinham sido reconstruídos e os seus alicerces rectangulares ofereciam aspecto lúgubre, debaixo dum céu noturno. Sem o muro da construção no outro lado e com o alpendre desaparecido a linha férrea apresentava-se na sua feia nudez. Algure@ entre essas ruínas, quase indistinto, estava o que ficara do armazém que Charles legara a Scarlett. O ano passado o tio Henry pagara, por. ela, os respectivos impostos.

'Mais dia menos dia teria de o reembolsar. Mais um motivo de preocupação.

Ao dobrarem a esquina Scarlett olhou para a banda do entroncamento e não pôd@ reprimir um grito de espanto. Apesar de tudo o que lhe contara Frank acerca do incêndio da cidade nunca imaginara tamanha devastação. No seu espírito, Àtlanta que ela tanto amava estava ainda cheia de belos prédios. Mas esta Peachtree Street que Scarlett, via agora parecia-lhe tão diferente que não a reconheceu e sentiu desejos de chorar.

Embora tivessem surgido bastantes construções desde o dia em que Sherman saíra da cidade havia ainda grandes espaços vazios nas proximidades do entroncamento, onde se amontoavam tijolos e escombros de toda a espécie. Das casas que Scarlett conhecera, só restavam paredes sem telhado, janelas desprovidas de vidros chaminés solitárias. Aqui e ali, tinha ela a satisfação de d@scobrir um estabelecimento que sobrevivera ao incêndio e ao bombardeamento e cujas paredes enegrecidas faziam realçar a cor vermelha dos tijolos novos. Nas fachadas de lojas recentes e nas janelas de novos escritórios leu Scarlett nomes familiares, mas, na maior parte, não os reconhecia, sobretudo quando se tratava de advogados, médicos ou negociantes de algodão. Noutros tempos, tinha a

impressão de conhecer toda a gente de Atlanta, e agora sentia-se desanimada ao ler tanto nome estranho. O que a consolava era o espectáculo dos prédios que estavam a construir de cada lado da rua.

Havia dúzias deles, e alguns de três andares! Enquanto Scarlett olhava para a direita e para a esquerda - tentando adaptar-se à nova Atlanta, ouvia o som alegre dos martelos e das serras, observava os andaimes que se erguiam, via os operários a treparem escadas com tijolos aos ombros. Deteve o olhar na rua tanto da sua simpatia e a vista turvou-se-lhe um pouco.

"Incendiaram-te - pensou - reduziram-te a escombros,

90

mas não te consumiram de vez. Não podem fazê-lo, e tu ressuscitarás tão grandiosa como eras". Seguindo pela rua, com Babá na peugada - ela reparava como os passeios estavam repletos de gente, tal qual em plena guerra, e como havia o mesmo ar de actividade, de azáfama que a seduzira quando pela primeira vez fora visitar a tia Pitty. Passavam tantos veículos como outrora, chafurdando na pavimento esburacado, só com a diferença que não eram dos Confederados. Diante das coberturas de madeira das lojas viam-se muitos cavalos e mulas, como de costume. Mas o rosto das pessoas não lhe pareceu familiar: eram caras novas homens de aspecto rebarbativo e mulheres de elegância @spectaculosa. Havia também muitos pretos encostados às paredes ou sentados no chão, os quais olhavam para as carruagens com curiosidade infantil, como se estivessem num circo.

- Escravo forro vindo do campo - sentenciou Babá. -

Nunca em sua vida viu trem. E já mostra atrevimento.

Eram atrevidos, sem dúvida, como Scarlett verificou, pela _maneira indolente como a olhavam. Mas depressa os esqueceu para admirar os uniformes azuis. A cidade estava cheia de soldados yankees, a cavalo, a pé, em carros militares, divagando pelas ruas ou saindo cambaleantes dos botequins.

"Nunca me habituarei a vê-los" pensou Scarlett, cerrando os punhos. "Nunca!" em voz alta, virando-se para a ama, disse:

- Depressa, livremo-nos desta gentilha.

- Isto tem yankee a mais - concordou aquela. Abriram caminho através das lajes escorregadias que facilitavam a passagem sobre o lamaçal da Decatur Street e continuaram pela, Peachtree Street, A multidão aí era menos densa. Ao alcançarem a capela metodista (onde Searlett descansara, para tomar alento, nesse dia de 1864 em que fora em busca do Dr. Meade) Scarlett soltou uma gargalhada nervosa. Babá lançou-lhe um olhar desconfiado e interrogador, mas não levou mais longe a sua curiosidade. Scarlett ria de si mesma, lembrando-se do terror que experimentara então. Assustavam-na os yankees, assustava-a o prUimo nascimento de Beau. Agora admirava-se de como tivera tanto medo. Fora muito tola em supor que os yankees, o incêndio, a derrota representavam o pior que podia acontecer. Como tudo isso se reduzia a zero ao lado

91

i 3"".

da morte da mãe, da decrepitude do pai, da fome, do frio, do trabalho excessivo, do pesadelo da insegurança! Como lhe seria fácil, presentemente mostrar-se heróica perante o exército invasor! Tão fácil como era difícil afastar o perigo que ameaçava Tara. Não jamais tornaria a recluir outra coisa que não fosse a pobr@za.

Passou nessa altura uma carruagem e Scarlett aproximou-se vivamente da borda do passeio para ver quem seria * ocupante. A casa da tia Pitty ficava ainda longe. A ama * Scarlett inclinaram-se para a frente. A última esboçara já um sorriso, quando na moldura da portinhola surgiu uma cabeça de mulher que a fez recuar. Era uma cabeça ruiva, com chapelinho de peles: Belle Watling.

Reconheceram-se e antes que esta se escondesse de novo no interior do @arro Scarlett fez uma careta de contrariedade. Logo havia d@ ser Belle a ptimeira pessoa que ela encontrava!

-Quem é?-perguntou Babá -desconfiada. - Minina conheceu, mas não cumprimentou. Nunca vi aquela cô de cabelo, nem sequer nas Tarletons. Parece cabelo pintado!

-E é-confirmando Scarlett, continuando a andar. -Então conhece? Quem é essa muié? -O gênio mau da cidade. P, claro que não a conheço. Agora cala a boca.

Deus do Céu! - exclamou a ama, boquiaberta, olhando para a carruagem que se afastava. Desde que deixara Savannah, vinte anos antes na companhia de Ellen, era a primeira vez que via uma @mulher de má vida e lastimava não a ter examinado mais de perto.

-Pois vai bem vestida, em belo carro e cum cocheiro a valê. Não sei por que Nosso Sinhô deixa que muié como essa viva à grande, quando a gente luta com penúria.

- Há muito tempo que Nosso Senhor se desinteressou de nós - volveu Scarlett, irritada. - Não me venhas dizer outra vez que -minha. mãe se revolve na sepultura quando, ouve coisas destas.

Bem queria Scarlett sentir-se superior a Belle Watling em matéria de virtude, mas não o conseguia. Se os seus planos se realizassem, encontrar-se-ia no mesmo nível daquela criatura, sustentada pelo mesmo homem. Para não aprofundar as suas reflexões, começou a andar mais depressa.

Passaram diante da antiga casa dos Meades, da qual só

92

restavam dois degraus de pedra e uma entrada que não conduzia a parte nenhuma. No lugar onde fora a moradia dos Whitings não havia mais nada além do chão. Até haviam retirado os alicerces e as chaminés de tijolo; distinguíam-se vestígios de rodas das carroças que tinham levado os destroços. A casa dos Elings conservava-se ainda de pé, com telhado novo e segundo andar reconstruído. A dos Bonells, toscamente consertada e coberta de tábuas desiguais em vez de ripas, parecia ainda habitável apesar da sua aparência. Mas em nenhuma dessas residências, nem nas janelas nem nas portas, se via assomar figura humana e Scarlett regozijou-se com o facto. Por então, não lhe agradava ter de falar fosse com quem fosse.

Por fim, apareceu a casa da tia Pitty com o seu telhado de ardósia e paredes de tijolo. O coração de Scarlett bateu com mais força. Graças a Deus, que fora possível reparar os estragos! O tio Peter vinha a sair com cesto no braço; quando viu as recém-chegadas, abriu a boca num sorriso largo e incrédulo.

"Alegra-me tanto vê-lo, que sou capaz de lhe beijar as faces de azeviche" pensou Scarlett, que se pôs a gritar:

- Sim sou eu, Peter! Vai buscar o frasco de sais da minha tia

Nessa noite, à mesa da tia Pitty, apareceram as inevitáveis papas de milho e as peras passadas, e Scarlett, comendo umas e outras, fez secreto voto de que, em sua casa, tais coisas jamais seriam admitidas quando ela voltasse a ter dinheiro. Pois, custasse o que custasse, ia ser de novo rica, mais do que suficiente para liquidar as contribuições de Tara. Pouco lhe faltava para nadar em oiro, nem que tivesse para isso, de cometer um crime!

À luz amarela do candeeiro da casa de jantar, perguntou à tia em que estado se encontravam as suas finanças; esperava mau grado as aparências, que a família de Charles se a@hasse habilitada a emprestar-lhe o dinheiro de que precisava. Aquelas perguntas não eram muito subtis, mas a tia Pitty, satisfeita por ter um membro da família com quem conversasse e nem sequer dava conta do desembaraço com que a sobrinha orientava a palestra. Com os olhos marejados de lágrimas, entrou em pormenores quanto aos seus infortúnios. Nem sabia ao certo como lhe desapareceram as quintas, prédios da cidade e numerário,

93

Á &@@. 1

mas a verdade é que já nada disto possuía. Pelo menos, assim lhe dissera Henry, que não conseguira pagar as contribuições dessas propriedades. Tudo se fora, excepto a casa em que vivia: nem lhe passava pela cabeça que este imóvel não era dela mas, em comum, de Scarlett e Melanie. o irmão, HeAry, com dificuldade satisfazia os encargos daquela residência e, além disso dava-lhe todos os meses qualquer coisa que ela se via o@rigada a aceitar, embora ferida no seu amor-próprio.

-Henry diz que não poderá continuar com essa gene~rosidade,, atendendo ao aumento dos impostos, mas não deve ser verdade. Há-de haver ainda muito dinheiro, que ele esconde. Scarlett sabia que o tio Henry era sincero. Bastavam, para o acreditar, as poucas cartas que lhe escrevera acerca dos bens deixados por Charles. O velho advogado lutava corajosamente para salvar a casa e terreno onde fora o armazém a fim de que Wade e Scarlett pudessem ficar com qualquer coisa. Só o facto de satisfazer os impostos representava um duro sacrifício.

"É claro que não dispõe de dinheiro -disse Scarlett de si para si. - Risquemo-lo da lista, a ele e à Pitty. Não há ninguém senão Rhett. Tenho de me fixar neste. Mas ainda não posso ocupar-me disso. Vou puxar a conversa para a pessoa de Rhett e sugerir à tia que o convide a vir cá amanhã ... "

Sorriu e, metendo entre as suas as mãos roliças da tia Pitty, começou:

-Não falemos mais de coisas tristes. Esqueçamos o dinheiro e o mais e tratemos de assuntos alegres. Conte-me * que sabe a respeito dos nossos velhos amigos. Como vai * senhora Merriwether? E Maybelle? Ouvi dizer que o -crioulo da Maybelle voltou são e salvo. E os Elsings? E o Dr. Meade e a mulher?

Com a mudança de assunto secaram-se as lágrimas da tia Pitty e o seu rosto exprimiu satisfação. Falou pormenorizadamente dos velhos vizinhos, do que eles faziam, usavam, comiam e pensavam. Contou, em tom de horror, que, antes do regresso de Renê Picard, a senhora Merriwether e a filha tinham conseguido manter-se à custa da venda de pastéis aos soldados yankees. Que ideia tão triste! Às vezes, viam-se mais de duas dúzias de yankees no pátio de Merriwether, à espera que os bolos saíssem do

94

forno! Depois da vinda de Renê, este ia todos os dias numa carripa até ao acampamento dos yankees, para vender pastéis e bolachas aos soldados. A senhora Merriwether declarava que assim que dispusesse de dinheiro ia abrir uma pastelaria. Pitty- não podia criticá-la, mas.. ' Na sua opinião era preferível morrer de fome a negociar com os yankees. Sempre que encontrava um soldado media-o de alto a baixo com olhar desdenhoso e até atravessava para o outro lado da rua, embora isso oiercesse inconvenientes nos dias de chuva. Searlett concordou que nenhum sacrifício, nem o de ficar com os sapatos enlameados, era demais para mostrar lealdade à Confederação.

A senhora Meade e o doutor tinham ficado sem casa quando os yankees incendiaram a cidade, e, além de não possuírem dinheiro, não sentiam ânimo para a reconstruir depois da morte de Phil e Darey. Os Meades viviam muito retirados, se bem que morassem agora com os Elsings que tinham feito obras na parte dahificada do prédio. Os Whittings também ocupavam lá um quarto e a senhora Bonnell falava em mudar-se para a residência aos Elsings se tivesse a sorte de alugar a sua casa à família dum oficial yankee.

- Mas como é que cabe lá toda essa gente? - observou Scarlett. - A senhora Elsing, a Fanny, o Hugh...

- A senhora Elsing e a Fanny dormem na sala e o Hugh no sótão - explicou Pitty, que estava ao corrente de todos os arranjos domésticos dos amigos. -Minha querida, não me agrada dizer isto, mas, embora a senhora Elsing não o confesse, aquilo agora é uma casa de hóspedes. Imagina! A senhora Elsing dona duma pensão familiar!

- Acho muito bem - declarou Scarlett. - Só lastimo não haver tido hóspedes a pagarem a sua estadia em Tara, o ano passado, em vez de ter convidados. Talvez não estivéssemos agora assim tão pobres.

- Scarlett! Como te atreves a dizer semelhante coisa? A tua mãe, coitada, deve estremecer na sepultura só à ideia de queres que paguem a hospitalidade que ofereces em Tara! A senhora Elsing não podia proceder doutra maneira. Ainda que se entregasse a trabalhos de costura, enquanto Fanny decorava loiça de porcelana e Hugh vendia lenha para aquecimento, não conseguia o bastante para se manter. Imagina tu, o pobre Hugh forçado a vender lenha! Ele, que tudo indicava vir a ser um grande adVO-

95

ãá@@

gado! Até me dá vontade de chorar ver a que extremos chegaram os nossos rapazes.

Scarlett evocou os campos de Tara onde os algodoeiros se alinhavam sob um sol de fogo e lembrou-se de quanto as costas lhe ardiam durante a colheita. Sentia ainda contra as palmas cobertas de bolhas o rude contacto da charrua que ela manejava com mãos inexperientes e pareceu-lhe que Hugh Elsing não merecia tal compaixão pela sua sorte. Apesar das ruínas que via à sua volta, a tia Pitty não se modificara.

-Se não lhe agrada vender lenha, por que não exerce advocacia? Deixou de haver trabalho para os advogados?

-Pelo contrário, até há muito. Hoje em dia, quase toda a gente anda metida em demandas. Com tudo o que por aí vai incendiado, sem marcos, ninguém sabe ao certo onde começam e acabam as suas propriedades. Mas a verdade é que as despesas do processo ficam sempre por pagar. Não há dinheiro. Por isso é que Hugh continua a vender a sua lenha... A propósito, não te informei? A Fanny Elsing casa amanhã à tarde, e decerto hás-de assistir ao casamento. A senhora Elsing terá muito prazer em convidar-te quando souber que estás cá. Suponho que trazes outro vestido além desse.... Não é que ache esse feio, mas... já não tem o aspecto muito fresco... Ah, trouxeste um vestido novo! Ainda bem, porque é o primeiro casamento a valer que temos em Atlanta desde que a cidade caiu. Vai ser uma grande festa, com bolos, vinho... Até haverá baile. Nem sei como os Elsings podem, sendo tão pobres!

-Com quem casa a Fanny? Julguei que depois da morte de Dallas McLure...

-Não devemos censurar Fanny. Nem todos podem ser fiéis aos mortos como tu és ao Charles, que Deus lá tenha. Ora vejamos... Como é que ele se chama? Não consigo recordar-me do nome, Tom Qualquer Coisa... Conheci muito bem a mãe dele. Fomos colegas no Colégio La Grange. Era uma Tomlinson de La Grange, e a mãe dela chamava-se... Perkins? Parkins? Ah já sei: Parkinson. Parkinson, de Sparta. Boa família, m@sl ainda assim... não percebo como Fanny se resolveu a casar com ele.

- Porquê? Embriaga-se? -Não, não não bebe. n de uma moralidade perfeita. Referia-me a o@tra coisa. Foi gravemente ferido pelo estilhaço duma bomba e ficou com defeito nas pernas. Tem as

96

pernas... (Não gosto desta palavra, mas, enfim ...) tem as pernas escanchadas, e quando anda não faz muito bonita figura. Não percebo o que levou Fanny a aceitá-lo para marido.

-As raparigas têm de casar com alguém... -Não concordo- protestou a tia Pitty.-Eu nunca casei.

-O tia, não era de si que eu falava '! Toda a gente sabe que obtinha muito êxito ' e que ainda o obtém. Olhe o juiz Carlton, como lhe fazia olhos doces...

- Cala-te! Aquele velho tonto! - zombou a tia Pitty, que recuperava o bom-humor. - Mas 'no fim de contas, a Fanny tinha possibilidades de casar melhor, e não acredito que ela goste desse Tom Qualquer Coisa. Não me parece que já se consolasse da morte de Dallas McLure, mas nem toda a gente é como tu. Permaneceste fiel ao pobre Charles e no entanto podias tornar a casar dezenas de vezes. Ém, muitas oc-asiões Melly e eu falámos de quanto eras fiel à memória de teu marido, quando os outros te acusavam de seres uma namoradaira.

Scarlett não fez comentários a esta confidência inábil e levou diplomaticamente a tia a passar em revista todos os seus conhecimentos. Entretanto, se bem que desejasse com impaciência falar de Rhett, não queria tomar essa iniciativa, pelo menos logo após a sua chegada. Poderia despertar as desconfianças de Pitty. Havia tempo para isso.

A tia continuou a tagarelar, contente como uma criança que consegue auditório. Contou que as coisas em Atlanta iam de mal a pior, devido à acção dos Republicanos. E não havia esperança de melhoras. Bastava o que eles metiam na cabeça dos pretos!

- Queres crer? Pretendem que os pretos tenham direito de voto. Já ouviste uma coisa destas? Todavia, quando penso bem no caso acho que Peter tem mais juízo do que qualquer republicano e até melhores maneiras... Mas o Peter é demasiadamente bem-educado para querer votar. O facto é que, com estas ideias eles vão estragando os pretos. Estão a tornar-se duma insolência... Depois de anoitecer ninguém anda na rua com segurança, e até com dia claro obrigam as senhoras a patinhar a lama, para eles irem à vontade no passeio. Se algum cavalheiro se lembra de protestar, chegam a prendê-lo. Já te disse que o capitão Butler está na cadeia?

7 - Vento Levou - U

97

- Rhett Butler? Apesar da má notícia, Scarlett abençoou a tia Pitty por lhe ter evitado que fosse a primeira a referir-se a esse nome.

-Esse mesmo. -O rosto da tia animou-se. Endireitando-se na cadeira, prosseguiu: - Está preso por matar um preto e são capazes de o enforcar! Que te parece, hem?

O capitão Butler enforcado!

Por instantes, Scarlett julgou que lhe faltava a respiração. Mal se atrevia a olhar para a sua interlocutora, que estava encantada pelo efeito produzido por aquela notícia.

- Ainda não reuniram provas contra ele, mas a verdade é que alguém matou esse preto que ofendeu uma branca. Os yankees andam preocupados, pois ultimamente têm sido muitos os negros mortos naquelas circunstâncias. Não há provas, repito, mas, segundo diz o Dr. Meade, querem dar um exemplo; diz ele também que, se o enforcarem, será a melhor coisa que os yankees jamais fizeram... Não sei se tem razão. E pensar que o capitão Butler esteve aqui há só uma semana! Imagina que veio oferecer-me uma codorniz! Perguntou-me muito por ti. Receia ter-te ofendido durante o cerco... e que tu nunca mais lhe perdoes.

-Quanto tempo ficará preso? -Ninguém sabe. Decerto até que o enforcem. Mas talvez não cheguem a provar que foi ele quem matou. Que os yankees pouco se importam com as provas... O que eles querem é enforcar alguém. Estão bastante preocupados.

- A tia baixou a voz em tom de mistério. - Por causa da Ku-Klux-Klan. Por lá não existe uma secção da Klan? Tenho a certeza de que Ashley está ao facto disso, mas não diz nada porque vocês são mulheres. Os membros da Klan não podem falar. Vestem-se como fantasmas e vão de noite, a cavalo, a casa dos Sacolas que roubam dinheiro e dos pretos que se fazem muito insolentes. Às vezes limitam-se a preveni-los de que devem sair de Atlanta, outras dão-lhes chicotadas e-baixando mais a voz-chegam a matá-los, deixando-lhes ao pé um bilhete com o nome da seita. Os yankees andam furiosos por causa disto e querem dar um exemplo. Mas Hugh Elsing disse-me não lhe parecer que enforcassem o capitão Butler porque pensam que ele sabe onde está o dinheiro, embora não o queira descobrir. Querem obrigá-lo a confessar.

-Que dinheiro?

98

-Então não sabes? Julguei que te tinha dito na carta. Bem se vê que estás desterrada em Tara. Toda a cidade ficou embasbacada quando o capitão regressou, com um belo cavalo e uma linda carruagem. Trazia as algibeiras recheadas de dinheiro, quando todos os outros mal sabiam onde ir desencantá-lo para comer. Indignaram-se com o facto de um antigo especulador, que sempre disse mal da Confederação, aparecer assim tão rico no meio de tantos pobres. Todos se esfalfavam para saber como ele conseguira tanto dinheiro mas ninguém se atrevia a perguntar... excepto eu. Butler ri-se e respondeu: "Pode ter a certeza de que não foi por meios honestos". Tu conhece-lo bem. Nunca fala a sério!

- Ora... ganhou dinheiro durante o cerco.

- Pois sim, mas não foi só isso; seria uma gota de água no mar, em relação ao que possui. Todos, incluindo os yankees, estão convencidos de que ele deitou a mão a milhões de dólares em ouro pertencentes ao governo da Confederação, e que os escondeu em qualquer parte.

- Milhões ... ?

- Dize-me cá: para onde foi todo o nosso ouro confederado? Alguém se apoderou dele e o capitão Butler deve ser esse alguém. O capitão e outros que tais... Os yankees supunham que fosse o Presidente Davis ao deixar Richmond, mas depois, quando o prenderam, viram que o pobre homem poucos centavos tinha consigo. O certo é que na altura em que a guerra acabou, o tesouro estava vazio, e toda a gente pensa que foi obra de algum desses que romperam o bloqueio.

-Milhões... de ouro! Mas como... -Então não sabes que o capitão Bufler levou milhares de fardos de algodão para Inglaterra e para Nassau a fim de os vender por conta do governo confederado? - retorquiu Pitty com ar triunfante. - E não só vendeu o algodão do governo como o outro que lhe pertencia. Com certeza estás ao facto do preço que atingiu o algodão no mercado inglês durante a guerra. Podiam pedir tudo quanto quisessem! O governo dera-lhe pulso livre, com cláusulas de vender o algodão e, com esse dinheiro, comprar armamento que ele devia fazer chegar ao seu destino. Pois bem, quando apertaram o bloqueio, Rhett Bufler, desistiu de comprar as armas, visto não poder desembarcá-las; e como, por outro lado, o algodão lhe rendeu tais somas que era impossível

99

gastar a centésima parte, concluíram que o capitão Butler e os outros depositaram milhões de dólares nos bancos ingleses, à espera que o cerco alargasse. E não me venham dizer que depositaram esse dinheiro em nome da Confederação. Depositaram-no em seu nome, e ainda lá está. Não se fala noutra coisa desde a rendição, e bastante os têm criticado. Os yankees já deviam saber desta história quando prenderam o capitão Butler, porque desde que o detiveram têm tentado tudo para que ele diga onde se encontra o dinheiro. Todos os fundos da Confederação pertencem agora aos yankees... pelo menos eles assim o julgam. No entanto, o capitão Bufler afirma que não sabe nada. O Dr. Meade é de opinião que deviam enforcá-lo, se bem que a força seja um género de morte, ainda muito suave para os ladrões e oportunistas... Mas que mau parecer o teu, Scarlett! Não te sentes bem? Impressionou-te a minha conversa? Bem sei que Bufler te fez a corte noutros tempos, mas imaginei que Isso já tivesse passado à história... A mim é que ele nunca me agradou, pela fama que tem.

-Também não é pessoa da minha simpatia - replicou Scarlett, dominando-se, - Zangamo-nos durante o bloqueio, depois de a tia partir para Macon. Onde é que ele se encontra preso?

- No quartel dos bombeiros, perto do jardim público.

- No quartel dos bombeiros? A tia Pitty riu-se.

- Sim, no quartel dos bombeiros. Transformara-ni-no em cadeia militar. Os yankees estão acampados em barracas no Largo, em toda a volta da Câmara Municipal, e como o quartel dos bombeiros fica a dois passos, no fim da rua... ã menina, sabes que ouvi ontem contar uma história engraçada a respeito do capitão Butler? Decerto ainda te lembras de quanto ele era asseado... um verdadeiro janota. Pois bem. Meteram-no no quartel dos bombeiros e, como não o deixassem tomar banho, insistiu nisso todos os dias até que o levaram a meio da praça, onde havia uma celha de água em que já se lavara todo o regimento. Quando lhe disseram que podia banhar-se ali, respondeu: "Não, prefiro a minha porcaria de Sulista à porcaria dos yankees".

A tia Pitty continuou a tagarelar sem descanso e Scarlett ouvia-a sem lhe prestar atenção. No seu espírito só havia lugar para duas ideias: Rhett tinha mais dinheiro

100

do que ela esperava e estava preso. Este último facto, e a possibilidade de Rhett ser enforcado, transformava um pouco o aspecto das coisas, dava margem a perspectivas mais brilhantes. Pouco se importava que o enforcassem. A sua necessidade de dinheiro era muito urgente, muito desesperada, para se inquietar com o destino de Rhett. Chegava até a partilhar da opinião do Dr. Meade: a força era morte suave demais para ele. Merecia bem ser enforcado um homem que

abandona em plena noite uma mulher no meio de dois exércitos, só para ir lutar por uma causa já perdida... Se ela, Scarlett, conseguisse casar com Rhett enquanto este se encontrava na prisão todos aqueles milhões viriam a pertencer-lhe, no caso de ele ser executado. Se o casamento não fosse possível, pedir-lhe-ia então dinheiro emprestado, prometendo... fosse o que fosse. E se o enforcassem, ficaria a dívida liquidada.

Por um momento a sua imaginação inflamou-se à ideia de que podia enviuar graças à bondosa intervenção do governo yankee. Milhões em ouro! Havia de fazer obras em Tara, contratar trabalhadores agrícolas, plantar milhas e milhas de algodão. Teria vestidos bonitos e comeria tudo quanto lhe apetecesse. Não esqueceria Suellen nem Carreen. Quanto a Wade, estava indicada a superalimentação para o engordar e lhe dar boas cores; havia de ter uma governanta e mais tarde frequentaria a Universidade para não ser um rapazinho ignorante como um rústico. Confiaria o pai a um bom médico, e Ashley... que não faria ela por Ashley?!

O monólogo da tia Pitty interrompeu-se de súbito com a pergunta: -Que é, Babá? E Scarlett, arrancada aos seus devaneios, viu a preta imóvel, no limiar da porta, com as mãos debaixo do avental e o olhar inquiridor. Há quanto tempo estaria ali à escuta? A avaliar pelo brilho dos olhos, certamente ouvira tudo.

-Minina Scarlett está cansada. Não me deita. -Sinto-me, de facto, cansada -concordou Scarlett, levantando-se e dirigindo à ama um olhar de criança necessitada de apoio. -E tenho a impressão de que estou um tanto constipada. Tia Pitty, importa-se que eu fique amanhã na cama e não a acompanhe nas suas visitas? Não faltará ocasião para visitar as amigas. O que eu quero é assistir, à noite, à festa do casamento de Fanny. Se me constipar

101

a valer, não poderei ir lá. Um dia de repouso na cama há-de fazer-me bem.

Babá tacteu a mão de Scarlett e observou-lhe o rosto, inquieta. Com certeza a menina não estava de perfeita saúde. A excitação do cérebro diminuía de repente, deixando-a pálida, abatida.

-Minina tem mão fria como gelo-disse a ama. Venha deitar. Vou fazer cházinho de sassafráz e pô na sua cama tijolo quente para a minina transpirar.

- Que cabeça a minha! - exclamou a tia Pitty, saltando da cadeira e acariciando o braço de Scarlett. - Com a minha conversa esqueci-me de ti. Filha, vais ficar amanhã todo o dia na cama. Até é melhor para tagarelarmos... Ah, não, é impossível! Prometi à senhora Bonnell ir a casa dela. Está com gripe, assim como a cozinheira. Ainda bem que vieste, Babá. Podes ir comigo à casa da senhora Bonnell, para ajudar no que for necessário.

Babá empurrou Scarlett para a escuridão da escada, continuando a fazer considerações acerca das mãos frias e dos sapatos de sola fina. Scarlett mostrava-se submissa e no fim estava satisfeita com a situação. Se conseguisse trazer a ama iludida e safar-se de casa no dia seguinte de manhã, tudo iria pelo melhor. Iria visitar Rhett na prisão. Ao subir a escada ouviu-se um trovão e Scarlett pensou no ruído dos canhões durante a guerra. Aquilo fez-la estremecer. No seu espírito a trovoad significaria para ela, daí por diante, tiroteio de guerra.

34

Na manhã seguinte o Sol brilhava por intermitências e a ventania que o toldava de grossas nuvens escuras fazia abalar as vidraças e enchia a casa de débeis gemidos. Scarlett agradeceu a Deus ter cessado a chuva que ela toda a noite ouvira cair e que, a continuar assim, lhe estragaria por completo o vestido de veludo e a capota nova. Agora que via retalhos do céu azul sentia-se reanimada. Custou-lhe a ficar na cama, a mostrar um ar dolente e a tossir que metia dó até que a tia Pitty, Babá e Peter se pusessem a caminho da residência da senhora Bonnell. Logo que os ouviu fechar o portão e se encontrou sozinha em casa (com excepção da cozinheira que trauteava na cozinha)

102

Scarlett saltou do leito e tirou do armário a sua indumentária por estrear.

O sono dera-lhe novas forças % do fundo do seu coração endurecido, extraiu a coragem de que necessitava. Estimulava~a a perspectiva de se defrontar com um homem ' fosse ele qual fosse; e, depois de meses de luta contra inúmeros desaires, experimentava uma sensação de embriaguez à ideia de encontrar enfim um adversário definido, alguém a quem tinha de vencer com os seus próprios recursos.

Vestir-se sózinha não foi coisa fácil; no entanto, consegui-o e, depois de pôr na cabeça o chapéu de penas atrevidas correu ao quarto da tia Pitty a fim de se ver no espeffio alto. Como estava bonita! As penas de galo davam-lhe um arzinho provocante e o verde-escuro da capota realçava-lhe o brilho dos olhos e tornava-os quase cor de esmeralda. Quanto ao vestido era luxuoso, elegante e, ao mesmo tempo, distinto. Que agradável possuir de novo um lindo vestido e sentir-se bonita e apetecível! Scarlett inclinou-se para a frente e beijou a sua imagem no espelho. Em seguida riu-se de tamanha infantilidade. Pegou então no xaile, de Ellen, para se envolver nele; mas, achando que, além de desbotado não condizia com a cor do vestido, abriu o armário da tia e de lá tirou uma capa negra de pano fino que Pitty só usava ao domingo. Pô-la nos ombros, enfiou nas orelhas os brincos de diamantes que trouxera de Tara e agitou a cabeça para observar o efeito. Os brincos tilintaram de modo satisfatório e Scarlett, decidiu menear de vez em quando a cabeça na presença de Rhett. O movimento de brincos seduz sempre os homens, além de conceder às mulheres um ar espiritual. Que pena a tia Pitty não ter outras luvas senão as que usava nesse momento! Sem luvas uma mulher não pode sentir-se elegante, mas Scarlett não possuía nenhuma desde que partira de Atlanta. Para mais, os rudes trabalhos a que se entregava em Tara haviam-lhe tornado as mãos tão feias! Paciência, quanto a isso nada podia fazer! Foi buscar o regalo de foca da tia Pitty e aí escondeu as mãos. Mirando-se ao espelho achou que o regalo lhe punha a nota final de elegância. l@nguém, ao vê~la, suspeitaria da sua pobreza.

E era necessário que Rhett não desconfiasse de nada. Devia ficar convencido de que só motivos de ternura a tinham levado a visitá-lo.

103

Scarlett desceu a escada em bicos de pés e saiu de casa sem despertar a atenção da cozinheira, que continuava o seu concerto na cozinha. A fim de escapar aos olhares dos vizinhos, desceu a correr a Baker Street e ao chegar à Ivy Street, foi sentar~se num marco em fr@nte dum prédio incendiado, na esperança de que uma alma caridosa lhe desse uma boleia no carro.

O Sol ora se escondia ora aparecia por trás das nuvens apressadas, banhando a rua com uma claridade enganadora.

O vento brincava com as rendas das calças de Scarlett, a qual, já cheia de frio, se embrulhou na capa da tia Pitty. No momento em que se resignava a ir a pé até ao acampamento dos yankees, viu aproximar-se uma carroça meio desconjuntada que uma pachorrenta mula arrastava. Dentro vinha sentada uma velha com o nariz sujo de rapé e cara tisonada do sol. Dirigia-se para as bandas da Câmara Municipal e acedeu de má vontade a que Scarlett se instalasse a seu lado. Era evidente que não lhe agradava a elegante indumentária daquela intrusa.

"Toma-me por uma meretriz", pensou Scarlett. "E talvez tenha razão ... "

Quando a carroça chegou enfim ao Largo, Scarlett agradeceu, apeou-se e viu afastar-se a velha camponesa. Então, assegurando-se de que ninguém a podia observar, beliscou as faces para lhes dar cor e mordeu os lábios para os tornar nffis vermelhos. Ajustou a capota, compôs os cabelos e lançou um olhar em seu redor. O edifício da Câmara tinha escapado ao incêndio, mas, sob o céu cinzento, parecia abandonado. Em toda a volta da praça, de que ele era o centro, alinhavam-se tendas de campanha, sujas de pó e de lama. Viam-se por toda a parte soldados yankees e Sc@rlett, olhando-os indecisa, sentia faltar-lhe a coragem. Como conseguiria chegar junto de Rhett, em pleno campo inimigo?

Inspeccionou a rua, do lado do quartel de bombeiros, e viu que as portas se encontravam fechadas e guarnecidas de grades, e que se cruzavam a cada instante duas sentinelas. Rhett estava lá dentro.

Que havia ela de dizer aos soldados? E estes que lhe responderiam? Scarlett encheu-se de brio. Quem teve a coragem de matar um yankee não ia agora amedrontar-se por falar a outro. Atravessou como pôde a rua pedregosa e enlameada e foi direita à sentinela. Esta, de capote azul, a protegê-la do vento, deu-lhe ordem de parar.

104

Ai11.4, ~1Ç

- Que deseja? - perguntou com a sua pronúncia nasal, mas em tom deferente.

- Queria visitar um homem que está aí... preso...

- Ah, não sei se... -volveu o soldado, coçando a cabeça. -Há instruções quanto às visitas... -Parou de súbito, observando-a, e exclamou: -Não é caso para chorar! Vá ao Quartel General e peça aos oficiais. Com certeza que a deixam entrar.

Scarlett, que não tinha nenhuma vontade de chorar, sorriu abertamente. A sentinela voltou-se para a outra, que fazia o seu giro vagaroso e disse: -Anda cá, Bill.

Este era um rapaz forte, de bigodes espetados, que lhe saíam da gola revirada do capote.

Aproximou-se e ouviu o primeiro recomendar-lhe: - Conduz esta senhora ao Quar~ tel General.

Depois de agradecer' Scarlett seguiu o seu guia. -Tenha cuidado - aconselhava ele, tomando-lhe o braço. -Não vá torcer um pé nestas pedras... Arregace um pouco a saia, por causa da lama.

A voz que emergia da gola e dos bigodes tinha o mesmo

sotaque nasal, mas era amável. A mão com que segurava a visitante parecia firme porém respeitosa.

No fim de contas os yankees não eram tão maus como se dizia!

- Está um dia frio demais para andarem senhoras na rua - observou a sentinela. - Vem de muito longe?

-Do extremo da cidade -respondeu Scarlett, radiante com a afabilidade do homem.

- Afrontar um tempo destes 'com tanta gripe que por aí há- prosseguiu o soldado. - Ora cá estamos no posto do comando... Mas que tem, minha senhora?

-Esta casa... é que é o vosso quartel general? E Scarlett, olhando para aquela velha residência, sentiu desejos de chorar. Assistira ali a tantas festas, durante a guerra! Era uma aprazível moradia e agora flutuava na varanda uma grande bandeira dos Estados Unidos...

-Que tem, minha senhora? -insistiu o yankee.

- Nada... P, que eu conhecia as pessoas que viviam aqui. -Lastimo. Tenho porém a impressão de que nem os antigos moradores reonhece@Iam o interior da casa, Está tudo numa tal barafunda! Queira agora entrar, minha senhora, e perguntar pelo capitão,

Scarlett subiu os degraus, acariciando o corrimão branco e empurrou o portão. O vestíbulo estava escuro e glacial

105

como um subterrâneo e, em frente da porta do quarto que noutros tempos servia de sala de jantar, passeava uma sentinela transida de frio.

-Desejo falar com o capitão -disse Searlett.

O homem abriu a porta e Scarlett entrou ' de coração palpitante e faces rubras de comoção e embaraço. Na sala havia um cheiro de casa pouco arejada, misto de tabaco, de coiro'de fardas transpiradas e corpos mal lavados. Searlett viu confusamente paredes nuas com o papel rasgado, renques de capotes azuis e de chapéus de feltro pendurados em pregos, uma mesa comprida coberta de papelada e um grupo de oficiais fardados de azul.

Engoliu a saliva e animou-se a falar. Não só queria mostrar a esses yankees que não tinha receio deles. como fazia empenho em causar a melhor impressão possível.

-O capitão? -Sou um dos capitães -respondeu um homem gordo, de casaco desabotoado.

- Desejava falar com um dos presos, o capitão Rhett Butler.

- Outra vez o Butler? P, muito popular, aquele sujeito

- comentou o militar gordo; e tirando da boca a ponta do cigarro, soltou uma gargalhada. - É parente dele?

- Sim... sou irmã.

O homem riu-se outra vez.

- Pelo que veio, tem muitas irmãs. Ainda ontem esteve cá uma.

Scarlett corou. Tratava-se sem dúvida duma daquelas criaturas com quem, Rhett mantinha relações, talvez a Watling. Esses yankees haviam de julgar que ela era uma das tais. Não podia tolerar semelhante coisa. Nem mesmo por Tara ficaria ali mais um minuto, a deixar-se insultar.

Encaminhou-se para a porta e agarrou no puxador com gesto furioso, mas, entretanto, aproximou-se outro oficial. Este era novo, de cara bem barbeada, e mostrava expressão risonha e amável. _ Um momento, minha senhora. Não quer sentar-se junto do fogão para se aquecer? Vou ver o que posso fazer por si. Como se chama? Ele recusou receber a:.. senhora que veio ontem visitá-lo.

Scarlett sentou-se na cadeira que lhe ofereciam, relanceou a vista pelo gordo e atrapalhado capitão e declinou a sua identidade. O moço oficial enfiou o capote e saiu,

106

enquanto os camaradas se retiravam para a outra extremidade da sala, onde ficaram a falar em voz baixa e a compulsar documentos. Scarlett estendeu as pernas na direcção do lume, sentindo agora quanto tinha os pés frios e lastimando não haver posto -palmilhas de papel nos sapatos. Ao fim de certo tempo, soaram vozes no corredor e ela reconheceu o riso de Rhett Butler. Abriu-se a porta, varreu a sala uma corrente de ar frio e Rhett apareceu, sem chapéu e de capa sobre os ombros. Vinha mal barbeado, sujo, sem gravata, mas apesar disso tudo mantinha o seu ar de conquistador e os olhos brilharam-lhe quando a avistou.

- Scarlett! Agarrou-lhe em ambas as mãos com o entusiasmo doutros tempos e, antes que ela percebesse o que ia acontecer, inclinou-se e beijou-a na face, Ao sentir-lhe o gesto de recuo, segurou-a pelos ombros, exclamando, sorridente:

- Querida irmãzinha! Scarlett não pôde deixar de lhe retribuir o sorriso. Que descarado! A cadeira não o modificara.

- Isto é contra o regulamento - resmungou o capitão gordo, dirigindo-se ao moço oficial. - Ele não devia sair do quartel dos bombeiros. Você conhece as ordens.

- Por amor de Deus, Henry! Esta senhora morreria de frio naquela geleira!

- Bem, bem, a responsabilidade é sua.

- Afirmo-lhes, meus senhores - disse Rhett, voltando-se para eles sem largar os ombros de Scarlett-que minha irmã não me trouxe serras nem limas para me ajudar a evadir.

Ríam-se todos, e Scarlett lançou um olhar desanimado à sua volta. Ver-se-ia obrigada a falar a Rhett na presença de seis oficiais yankees? Consideravam-no assim tão perigoso, para não quererem perdê-lo de vista um só instante? Adivinhando o que lhe ia no espírito, o moço oficial abriu a porta e murmurou algumas palavras a dois soldados, que se levantaram para lhe fazer continência.

Obedecendo às ordens recebidas, pegaram nas espingardas e saíram para o vestíbulo, fechando a porta atrás de si.

- Se quiserem, podem passar para esta sala reservada às sentinelas - declarou o oficial. - Mas não tente fugir, porque estão lá fora dois guardas.

107

- Vê a reputação que tenho Scarlett - disse Rhett. -

Obrigado pela gentileza, capitão.

Fez um leve cumprimento de cabeça. e, tomando o braço 'de Searlett, levou-a para aquele compartimento,em desordern. Era um quarto pequeno, escuro e pouco aquecido, onde havia cadeiras forradas de coiro e afixados nas paredes, papéis escritos à mão. Depois de fechar a porta,

Rhett aproximou-se de Searlett e debruçou-se para ela. Percebendo o que ele pretendia, Scarlett virou rapidamente a cabeça, sorrindo de esguelha.

- Não tenho o direito de a beijar agora? -Só na testa, como irmão afectuoso. , -Assim não, muito obrigado. Prefiro esperar qualquer coisa de melhor. - O olhar de Rhett poísou nos lábios dela e al se deteve uns instantes. -Que bondade a sua ter vindo visitar-me!]@ a primeira pessoa respeitável que pergunta por mim desde que me encarceraram e asseguro-lhe que se aprecia deveras a amizade quando se está preso. Encontra-se há muito tempo na cidade?

-Cheguei ontem à, tarde, .

- E veio ver-me esta manhã! Oli, minha querida, isso é mais do que bondade!

Sorriu e, pela primeira vez, Scarlett viu-lhe no rosto urna expressão de sincero prazer. Satisfeita no íntimo, bai~ xou ela a cabeça como se atrapalhada.

- P claro, vim logo aqui, A tia Píty falou ontem a seu respeito'eu... não consegui pregar olho em toda a noite, a pensar nesse horror de situação. Rhett, sinto-me tão aflita por sua causa!

- Então Scarlett! A voz d@ Rhett era suave, mas notava-se-lhe estranha vibração. Scarlett olhou para aquela face trigueira e não lhe descobriu o ar céptico e trocista que tão bem conhecia. Perante esse olhar sincero, tornou ela a baixar as pálpebras, desta vez realmente confusa. As coisas iam melhor do que esperava,

- Vale a pena estar preso para a voltar a ver e ouvir ,dizer coisas como essas. Realmente, não quis acreditar quando me anunciaram o seu nome, Não calculava que me perdoasse a resolução patriótica que tomei naquela noite, no caminho de Rough a Ready. Esta visita representa de facto um perdão?

Scarlett sentiu invadi~la a cólera, à evocação dessa noite

108

já no entanto longínqua; mas dominou-se e moveu a cabeça para fazer oscilar os brincos.

- Não, não lhe perdoei - respondeu, fingindo-se amuada.

-Mais uma esperança que perco! E depois de me ter oferecido ern holocausto à pátria e combatido descalço sobre a neve, em Franklin, onde apanhei a mais linda disenteria de que há memória!

-Não quero saber dos seus sofrimentos -declarou Scarlett, continuando a mostrar-se amuada, mas não deixando de sorrir a Rhett.-Não deixei de julgar indigno o seu procedimento de então, Bem me parece que nunca lhe perdoarei. Deixar-me só dessa maneira, à mercê de qualquer coisa grave!

- Mas não lhe aconteceu nada. Já vê que a minha confiança se justificava. Sabia que chegou a salvamento. Deus quis que nenhum yankee a encontrasse...

1 - Rhett, que diabo o levou a fazer essa tolice alistar-se à última hora, quando sabia que íamos ser d@rrotados? E depois de haver dito tanta coisa a respeito dos imbecis que se ofereciam para morrer?!

-Poupe-me, Scarlett. Cada vez que penso nisso sinto-me corar até à raiz dos cabelos.

-óptimo, gosto de saber que se envergonha do modo como me tratou.

-Não está a compreender. Lastimo dizer-lhe que a minha consciência não me censura de a ter abandonado. Agora, quanto ao alistamento... quando penso que me reuni ao Exército ainda de botas de verniz e fato de linho branco, armado apenas dum par de pistolas de duelo... E naquelas longas marchas que fiz sobre a neve, já descalço, sem sobretudo 'com fome... ah, sim, não percebo por que motivo não desertei! Foi rematada loucura! Mas que quer? Está na massa do sangue. Os sulistas não podem resistir a uma causa perdida. Pouco importam, no entanto, as minhas razões. Basta-me ter sido perdoado.

- Não o foi. Continuo a achar que se portou de maneira ignóbil. - Esta última palavra foi dita de forma tão suave que mais parecia significar amor.

-Não disfarce, Sei que perdoou. As raparigas não costumam aproximar-se das sentinelas yankees só para verem um prisioneiro que não lhes interessa... Nem tra@ zem vestidos de veludo, chapéus de penas, regalos de pele

109

de foca... Scarlett, você está adorável! Graças a Deus que não me aparece andrajosa, nem de luto. Estou farto de mulheres mal trajadas, sempre envoltas em crepes... Parece vir directamente da Rue de lã Paix. Volte-se, para eu a apreciar melhor.

Reparara, portanto, na indumentária. Ou ele não fosse Rhett Butler! Searlett riu-se, deu meia volta, estendeu os braços, ergueu um pouco a saia para exhibir a orla das calças guarnecidas de rendas. O olhar dele percorreu-a dos pés à cabeça, sem perder nada. Era o mesmo olhar impudente, que parecia despir as mulheres e que fazia arrepios a Scarlett.

- Não há dúvida que está próspera. Elegantíssima. Apetece trincã-la, Se não fossem os yankees, lá fora... Mas não há perigo nenhum para si. Sente-se. Não abusarei da minha força, como da última vez que nos vimos. - Esfregou a cara, fingindo uma dor. - Francamente ' Scarlett, não acha que foi um pouco egoísta, na tal noite? Penso em tudo quanto havia feito por si, no risco que tomei ao roubar um cavalo, e que cavalo! E, ainda por cima, não fui defender a nossa gloriosa causa? Que compensação obtive? Palavras cruéis e uma bofetada.

Scarlett sentou-se. A conversa não tomava bem o rumo que ela queria. Rhett parecia tão amável ' tão contente de a ver@ Assemelhava-se mais a um ser humano do que ao indivíduo perverso que ela tão bem conhecia.

-Precisa então de qualquer coisa que o recompense?

- n -claro que sim. Sou um monstro de egoísmo, como não ignora. Espero sempre a paga das minhas acções.

Aquela resposta fê-la estremecer. Conteve-se e sacudiu de novo os brincos.

- Ora, não é tão maucomo quer dar a entender, Rhett...

- Sou, palavra de honra. Mas você é que mudou

- acrescentou ele, rindo. - Quem a teria amansado? Tive sempre notícias suas através da senhora Pittypat, que no entanto nada me disse a respeito dessa dornesticação. Fale-me de si, Scarlett. Que tem feito?

Ela sentiu despertar em si o antigo antagonismo que a opunha a Rhett. Desejaria responder-lhe com palavras duras. Contudo, sorriu e mostrou uma covinha na face. Rhett aproximou a sua cadeira e Scarlett inclinou-se para a frente, enquanto lhe poisava: como que distraída, a mão no braço.

- Oh, eu!... Vou indo bem, obrigada. Tudo corre bem

110

-11 -1 _'4@ -11

- i. :@.

em Tara, presentemente. P, claro que houve horas díficeis, quando Sherman passou por lá, mas, no fim de contas, não pegou fogo à casa, Os pretos salvaram quase todos os animais, levando-os para o paul. Já se sabe que a produção diminuiu. Precisamos de braços. A última colheita rendeu vinte fardos. Será melhor no próximo ano na opinião de meu pai, Ali, Rhett, c> campo é agora tâ@ triste! Acabaram-se os bailes e piqueniques. Ninguém fala senão das dificuldades actuais. Já estou farta! Cheguei a tal ponto que o pai me aconselhou a dar este passeio, para me distrair. Aproveitarei a occasiao para encomendar uns vestidos e depois irei a Charleston, visitar a tia, Há-de ser bom, ir outra vez a bailes!

"Muito bem" pensou Scarlett, orgulhosa. "Contei-lhe a minha história como devia ser. Não me fiz passar por muito rica nem por muito pobre".

-Fica linda vestida de baile. Sabe-o muito bem, infelizmente! Desconfio que o verdadeiro motivo da sua viagem é que os zagais da sua terra já não a interessam e você procura achar outros rebanhos... Searlett regozijava-se com o facto de Rhett haver andado muito tempo por fora e só há pouco ter vindo para Atlanta. Senão, não lhe fazia um cumprimento tão ridículo, Reviu em pensamentos os "zagais" da região os andrajosos e mal-humorados Fontaines, os pobretões &s Monroes, os rapazes de Jonesboro e de Fayetteville ocupados com a charrua, ou a tratar dos animais doentes... Para eles

os bailes e namoros eram uma recordação vaga! Mas dáarçou e riu satisfeita, como se achasse justa a observação de Rhett.

- Talvez, talvez... - murmurou.

- P, uma criatura sem coração Scarlett. Quem sabe se parte do seu encanto vem daí? - RAett sorriu como outrora fazendo uma ruga ao canto da boca; no entanto, via-se que fora sincero nos louvores que lhe tributara. -Tem mais encanto do que é permitido por lei... Eu próprio, estanhado como estou, sinto e sofro as consequências. Muitas vezes perguntei a mim mesmo que é que havia em você para que eu a não pudesse esquecer. Conheci mulheres mais bonitas mais inteligentes, e... devo dizê-lo?... ínoralmente superio@es, Mas, seja como for, lembro-me sempre de si. Até durante o cerco, quando estive em França e Inglaterra e tinha a agradável convivência de bonitas mulheres, recordava-a e perguntava a mim mesmo que fim teria levado.

Por um momento, Scarlett sentiu-se indignada. O quê? Ele atrevia-se a dizer que conhecia mulheres mais belas, mais inteligentes e melhores do que ela? No entanto, esta decepção foi compensada pelo prazer de Rhett se recordar dela e do seu enca-nto. Isso facilitava-lhe a tarefa. E a sua atitude era tão agradável, ele portava-se quase tão bem como um homem da sociedade em tais circunstâncias...

Agora, o que Scarlett tinha a fa@er era conduzir a conversa para a pessoa do próprio Rhett a fim de lhe dar a entender que também não o tinha esqu@cido, e então...

Apertou-lhe de leve o braço e mostrou de novo a covinha na face.

- Oh, Rhett, que exagero! Arreliar uma saloia como eu! Sei muito bem que nunca mais se lembrou de mim desde aquela noite. Não venha agora dizer-me que pensou na Scarlett no meio de todas aquelas francesas e inglesas. Mas eu não vim cá para o ouvir contar pataratas. Vim... porque...

- Porque ... ? -Oh, Rhett, estou tão apoquentada por sua causa! Quando o porão em liberdade?

Ele imobilizou a mão de Scarlett com a sua e manteve-a apertada sobre o braço.

- Lisonjeia-me muito o seu cuidado. Não faço ideia de quando sairei daqui. Provavelmente quando esticarem a corda um pouco mais.

- A corda?

- Sim, calculo que sala daqui na ponta duma corda. -Não me diga que vão enforcá~lo!

- Fá-lo-ão se reunirem provas contra mim,

- Oh, Rhett! - exclamou Scarlett, premendo o coração. -Isso aflige-a? Se o seu desgosto é sincero, não me esquecerei de si no testamento...

O seu testamento! Scarlett baixou as pálpebras para não se trair, mas não suficientemente depressa, pois os olhos de Rhett brilharam de súbita curiosidade.

- Segundo os yankees, eu devia fazer testamento. Parecem tomar considerável interesse pelas minhas finanças. Todos os dias me fazem comparecer diante de comissões de inquérito, e maçam-me com perguntas tolas. Corre o boato de que fugi com o oíro misterioso da Confederação.

-E então, é verdade?

112

-Ora aí está uma pergunta directa. Sabe tanto como eu que a Confederação imprimia notas em vez de fabricar moedas de o@ro.

- Nesse caso, donde lhe veio o dinheiro? Negócios? A tia Pitty diz que...

- Está a tentar sondar-me? Diabos o levassem! O certo é que ele tinha o dinheiro. Scarlett estava tão agitada que lhe era difícil falar com doçura.

- Rhett, apoquentame tanto vê-lo preso! Tem alguma possibilidade de se salvar?

-Nihil desperandum, eis a minha divisa.

- Que significa isso?

- Significa "talvez", minha encantadora ignorante. Scarlett pestanejou antes de o fitar e tornou a baixar a vista.

- P, inteligente demais para deixar que a enforcem. Tenha a certeza de que acharia maneira de iludir os yan, ke@es e sair daqui. E depois...

- Depois ... ? - repetiu ele em voz suave, inclinando-se mais.

- Eu... - E Scarlett nesta altura, tratou de arranjar um ar de atrapalhão @ de se mostrar ruborizada. Corar não lhe foi difícil, pois estava ofegante e o coração batia-lhe como um tambor. - Rhett 'lastimo tanto o que eu... o que eu disse naquela noite... sabe a que me refiro... perto de Rough e Ready... Estava transtornada de medo--- e via-o tão--- - Searlett, de olhos baixos, notou as mãos trigueiras de Rhett a reter as suas. -Julguei que nunca lhe perdoaria, nunca! Mas ontem, quando a tia Pitty me disse que... que podiam enforcá-lo... senti de repente qualquer coisa em mim e eu... - Dirigiu-lhe um olhar suplicante onde se liam todas as torturas dum coração amargurado.-Oh, Rhett, se o enforcarem eu morro também! Não poderei sobreviver!-Sem já conseguir sustar o brilho ardente dos olhos de Butler, baixou de novo as pálpebras.

"Daqui a instante desato a chorar" pensou ela, admirada consigo mesma. "Devo deixar ou não correr as lágrimas?
O que parecerá mais natural?"

- Deus do céu! Está a dar-me a entender, Searlett, que você... - E Rhett apertou-lhe as mãos com tanta força que lhas fez doer.

De olhos fechados, ela esforçava-se por fazer vir as

8 - Vento Levou - H 113

lágrimas, mas, ao mesmo tempo, teve a ideia de voltar a cara para que ele a beijasse sem dificuldade. Não tardaria a sentir os lábios de Rliett pousados nos seus, aqueles lábios rijos e insistentes de que se recordou com uma nitidez que a deixou anelante. Mas Rhett não a beijou. Desiludida, Scarlett entreabriu os olhos e observou-o à socapa. Estava de cabeça inclinada sobre as mãos dela e, nesse momento, beijou uma e apoiou a outra de encontro à face. Scarlett, que esperava um gesto violento ficou pasmada com aquela manifestação de ternura. Gostaria de ver a fisionomia de Rhett, mas este continuava de cabeça baixa.

Scarlett fechou de novo os olhos com receio de que ele se endireitasse bruscamente e lhe surpreendesse a expressão de triunfo. Não havia dúvida, ia pedi-la em casamento, ou pelo menos, declarar que a amava... Continuou a exami@á-lo através das pestanas. Rhett ia beijar-lhe a palma da mão quando, de súbito, estacou com um breve suspiro. Então Scarlett, pela primeira vez, reparou em que estado se encontravam as suas mãos e ficou gelada de terror. Aquela palma era duma estranÉa, não se parecia nada com a palma branca e macia de Scarlett O'Hara. O trabalho calejara essa mão, o sol tisonara-a e cobrira-a de sardas. As unhas estavam quebradas ' desiguais, e no polegar, sobressaía uma empola mal cicatrizada. Metia nojo a queimadura que ela fizera no mês anterior, com óleo a ferver. Scarlett viu tudo isto cheia de horror e, sem pensar, fechou o punho bruscamente.

Rhett, sempre de cabeça inclinada, abriu-lhe a mão num gesto impiedoso, agarrou na outra e observou as duas em silêncio.

-Olhe para mim -disse finalmente numa voz muito calma. -E abandone esse a@ de menina @ecatada.

Ela voltou-se para ele, contra vontade, e Rliett viu o seu olhar perturbado, mas já arrogante. Franziu a testa, as pupilas negras cintilaram.

-Com que então tudo corre bem em Tara? A colheita de algodão é tão grande que permite estas viagens... andou a fazer com as mãos? Empurrou a charrua?

Scarlett tentou desvencilhar-se, mas ele segurou-a bem, continuando a passar-lhe o dedo sobre a pele calejada.

-Não são mãos de senhora! -exclamou por fim, largando-as.

114

- Oh, cale-se! - bradou ela, sentindo momentânea~ mente grande alívio. Ia poder exprimir os seus sentimentos! -Que lhe importa o estado em que tenho as mãos?

"Fui parva", disse logo consigo. "Devia ter pedido emprestadas as luvas da tia Pitty, Ou ter-me apoderado delas, Mas não previ que as mãos apresentassem tão mau aspecto. Ele tinha forçosamente de reparar! Ainda por cima perdi a linha, e estraguei tudo. E acontece uma coisa destas quando eu ia receber uma declaração de amor!"

- Sem dúvida que não me importo - volveu Rhett em tom glacial, apoiando-se indolente ao espaldar da cadeira, de rosto imperturbável.

De maneira que ele tornava a retirada... Pois bem, se Scarlett transformasse aquela derrota em vitória? Far-se-ia submissa. Quem sabe se, desse modo?...

- Bem me parece que não foi amável para com as minhas pobres mãos. Tudo porque montei a cavalo sem luvas, a semana passada...

- A cavalo? - retorquiu ele, sem alterar a voz. - O que andou foi a trabalhar como uma negra. Não é verdade? Que ideia foi essa de me vir contar maravilhas de Tara?

- Escute, Rhett...

- Ponhamos tudo em pratos limpos. Qual foi o verdadeiro motivo da sua visita? Cheguei a acreditar nas suas meiguices e a crer que lastimava a minha sorte.

- E lastimo, na realidade.

- Não, não me lastima. Podem enforcar-me à vontade que você não se rala. Isso está escrito na sua cara, como nas suas mãos está escrita a vida que leva. Queria de mim qualquer coisa de grande necessidade ' e daí a explicação da comédia que representou. Por que não falou 'com toda a franqueza? Teria muito mais possibilidade de obter o que queria, porque se existe alguma qualidade que eu aprecie nas mulheres é a franqueza. Mas não, esteve aqui a agitar os brincos, a fazer beicinho e a menear-se como uma prostituta que pretende seduzir um homem.

Proferiu estas palavras sem elevar a voz e, no entanto, foram para Scarlett como o silvo duma chicotada. Aquilo era o fim das suas esperanças de casamento. Se Rhett explodisse de raiva ou a cumulasse de censuras ela saberia como proceder. Mas assustava-a a serenidade e voz, impedia-a de agir. Compreendia agora que, mesmo preso, Rhett Butler era um homem perigoso de abordar.

115

@L",

- Afinal, devo culpar a minha memória. Devia lembrar-me de que você se parece comigo e que nunca faz nada sem motivo. Ora vejamos que ideia se lhe meteu na cabeça, senhora Hamilton. Será possível que estivesse equivocada a pontos de imaginar que eu ia pedi-la em casamento?

Scarlett corou até à raiz dos cabelos e não respondeu. -Contudo, muitas vezes lhe disse que não sou homem para casar. Não pode ter esquecido.

Perante o seu mutismo, ele insistiu com repentina violência:

-Não esqueceu? Responda!

- Não esqueci - balbuciou Scarlett, desamparada.

- Que jogadora me saiu! - continuou Rhett. - Quis tentar a sorte. Disse lá consigo: "Ele está preso, não vê mulheres, quando eu lhe aparecer atira-se a mim como gato a bofe".

"E era o que tu farias se não fossem as minhas mãos", pensou Scarlett cheia de ira.

-Conhecemos agora mais ou menos a verdade, mas ainda não estamos ao facto do motivo que a levou a querer enredar-me nas malhas do casamento. Poderá dizer-me ao certo?

Havia algo de suave e malicioso na voz de Rhett que reanimou Scarlett. Afinal, nem'tudo estava perdido. Fo~ ra-se a hipótese de casamento, mas, com jeito e fazendo apelo às mútuas recordações, talvez ele acabasse por emprestar o dinheiro.

- Oli, Rhett - exclamou, assumindo uma expressão infantil - podia prestar-me um grande serviço, se quisesse ser gentil...

-Nada me agrada tanto como ser... gentil.

- Rhett, em nome da nossa velha amizade, faça-me um favor...

-Com que então a dama de mãos calejadas chega finalmente ao seti objectivo. Bem me queria parecer que não lhe ia a carácter o papel de visitadora de enfermos e encarcerados. Que pretende? Dinheiro?

A rudeza da pergunta destruiu em Scarlett todas as esperanças de conseguir o que queria por meio de subterfúgios ou argumentos de ordem sentimental.

- Não se faça mau, Rliett - disse ela, persuasiva. -

116

Preciso de dinheiro. Queria que me emprestasse trezentos dólares.

- Enfim, a verdade! Fala-se de amor e pensa-se em dinheiro.]@ essencialmente feminino. Tem grande necessidade desse empréstimo?

- Grande necessidade não mas fazia-me arranjo.

- Trezentos dólares! n uma soma avultada. E para que é?

- Para satisfazer os impostos de Tara. -E eu é que hei-de apresentar a importância... Pois bem, visto tratar com uma mulher de negócios, falarei como homem de negócios. Que tem para me oferecer como fiança?

- Como quê?

- Como fiança. Que garantia me oferece? Não quero perder todo esse dinheiro.

- Os meus brincos.

- Não me interessam brincos.

- Uma hipoteca sobre Tara.

- Que hei-de fazer duma quinta?

- P, uma boa plantação... Aliás, reembolsá-lo-ei na próxima colheita.

-Não é de crer... -E Rhett Butler recostou-se na cadeira e enfiou as mãos nos bolsos. -O algodão está a descer de preço. Hoje em dia há pouco dinheiro, e o que há não se deita fora.

-Oh, Rhett, não brinque comigo! Bem sabe que possuí milhões.

Os olhos dele luziram de malícia.

- Com que então tudo lhe corre às mil maravilhas e não tem grande necessidade de dinheiro... Pois muito me regozijo. Agrada-me saber que os meus velhos amigos vivem sem dificuldades.

-Por amor de Deus, Rhett-interrompeu-o Scarlett, já desesperada.

- Fale-me mais baixo ' por favor. Ou quer que os yankees a oiçam? Nunca lhe disseram que você tem olhos de gato... de gato às escuras?

- Rhett, peço-lhe... Vou contar-lhe tudo. Tenho grande necessidade desse dinheiro. Menti-lhe quando lhe disse que tudo corria bem. Tudo corre o pior possível. O pai... já não é o mesmo. Desde que morreu minha mãe, ele tornou-se esquisito e não me ajuda em nada. Parece uma criança. Não temos ninguém que se ocupe do algodão, e somos treze

117

peessoas a alimentar. E as contribuições... são tão elevadas! Rhett, quero dizer-lhe tudo. Há mais dum ano que andamos quase a morrer de fome. Você não sabe! Não pode saber! Nunca comemos o bastante e nada mais aflitivo do que acordar esfomeado e deitar-s@ esfomeado. Não temos abafos, e os pequenos andam sempre constipados...

- Onde descobriu esse belo vestido?

- Fi-lo de um reposteiro lá de casa -respondeu ela muito desanimada para poder mentir. - Suportei até agora a fome e o frio, mas os Sacolas acabam de elevar as contribuições e eu não tenho com que as pagar. Resta-me apenas uma moeda de ouro de cinco dólares. Compreende? Sé não, pagar, lá se me vai a propriedade e eu não quero perdê-la! _ Por que não contou isso tudo logo de começo, em vez de tentar amolecer-me o coração, sempre sensível quando se trata de mulheres bonitas? Vamos, não chore... Tem recorrido a todas as manhas, só faltava essa... que não conseguirá impressionar-

me. Fiquei muito desiludido com a descoberta de que não era pelos meus lindos olhos, mas sim pelo meu dinheiro que se interessava.

Scarlett lembrou-se de que ele frequentemente dizia a verdade com ar de troça, quer a seu respeito quer a respeito dos outros, e fitou-o para investigar se o teria ferido, de facto, nos seus sentimentos. Gostaria dela, realmente? Estaria disposto a fazer-lhe uma proposta honesta antes de lhe observar as mãos? Ou iria propor-lhe outra coisa menos séria, como já lhe fizera por duas vezes? Se lhe tinha amor, talvez ainda fosse possível levá-lo a ceder. No entanto, aquelas pupilas negras não revelavam ternura, mas unicamente ironia.

-Não quero a garantia de que propõe. Não sou plantador. Que outra coisa tem a oferecer-me? Enfim chegara o momento próprio! Scarlett respirou fundo, fê-lo, e, já sem manejos de sedução, proferiu a frase que ela mais temera:

- Eu... eu mesma!

- Ah, sim?! -Lembra-se daquela noite em casa da tia Pitty replicou, com um fulgor de esmeralda nos olhos.-Foi durante o cerco. Disse... disse que me queria.

Rhett Butler recostou-se mais na cadeira e, impassível,

118

pôs-se a observá-la. Bailou uma centelha nos seus olhos, mas ele não pronunciou palavra.

- Disse... que nunca desejara tanto uma mulher... como desejava a mim. Se ainda me quer, aqui me tem, Ilhett. Farei tudo o que quiser, mas, por amor de Deus, preencha-me um cheque! Estou a falar a sério, juro-o, e não voltarei com a palavra atrás. Posso até fazer a promessa por escrito, se quiser. Ilhett olhava-a de modo estranho, sempre impenetrável e ela, prosseguindo na sua súplica, não sabia se ia ser aceita, ou repelida. Se ao menos ele dissesse qualquer coisa! As faces escaldavam-lhe.

- Preciso com urgência desse dinheiro, Rhett. Vão-nos pôr na rua, e esse maldito feitor de meu pai é capaz de ficar proprietário...

- Espere. O que a leva a crer que ainda a desejo?

O que a faz pensar que vale trezentos dólares? Poucas mulheres se avaliam por tão alto preço.

Scarlett corou ainda mais, completamente humilhada.

- Porque faz tudo isso? Porque não renuncia à quinta e não vem viver com sua tia Pitty? Metade da casa é sua.

- Está louco? Não posso perder Tara!]@@ o meu lar. Nunca o deixarei, enquanto tiver um sopro de vida.

- Os irlandeses são uma raça tremenda -comentou ele, endireitando-se na cadeira e retirando as mãos dos bolsos:

- Dão importância excessiva a coisas que não valem nada. A terra, por exemplo. Um bocado de terra é igual a outro bocado. Mas raciocinemos; Scarlett. Vêo propor-me um negócio. Dou-lhe trezentos dólares e será minha amante.

- Sim. Agora que fora proferida a palavra odiosa, ela sentia-se mais à vontade e recomeçava a ter esperança. Rhett dissera: "Dou-lhe". Nos olhos dele havia um clarão diabólico como se aquele assunto o divertisse muito.

- No entanto, quando tive o descaramento de lhe fazer essa mesma proposta, pôs-me fora de casa. Além de que me chamou uma porção de nomes feios sem esquecer de me informar de que não queria uma "n1@hada de garotos". Mas passemos adiante. O que me interessa são as contradições, ou melhor, as peculiaridades do seu espírito. Não queria ser minha amante para seu próprio prazer, e contudo, por necessidade está disposta a pertencer-me' Isto.

119

reforça a minha opinião de que a virtude é apenas uma questão de dinheiro,

- Oh, Rhett, é demais! Se quer insultar-me, insulte-me, mas passe-me o cheque!

Respirava agora mais à vontade. Sendo corno era, Rhett naturalmente queria atormentá-la e dirigir-lhe ofensas para se vingar da sua indiferença de outrora e da recente tentativa de o intrujar. Tara valia bem a pena. Por um momento ela evocou a vida na quinta, numa tarde de Verão, sob o céu azul; o aroma das flores deliciava-lhe o olfacto, o zumbir das abelhas encantava-lhe os ouvidos. Pelos campos além chiavam as carroças. Sim, Tara valia bem a pena.

Ergueu a cabeça e insistiu: -Vai dar-me o dinheiro? -Não-ripostou. ele em tom brutal, depois de a ter olhado com ar divertido.

Durante uns instantes, ela não atinou bem com o sentido daquela negativa,

- Ainda que o quisesse, não o poderia fazer. Não tenho um cêntimo comigo, nem um dólar em Atlanta. Possuo algum dinheiro, é certo, mas não aqui. Não lhe direi onde, nem quanto é. E se eu lhe passasse um cheque os yankees saltavam-nos em cima e nenhum de nós aproveitaria a massa. Que lhe parece?

Scarlett ficou lívida, as sardas pronunciaram-se-lhe mais sobre o nariz e a boca torceu-se num acesso de cólera, como a do pai. Pôs-se de pé, soltando um grito incoerente, que fez emudecer as vozes do quarto contíguo. Rápido como um tigre, Rhett saltou para junto dela, tapou-lhe a boca, apertou-a pela cintura. Scarlett debateu-se como uma louca, tentando morder-lhe a mão, dar-lhe pontapés - gritar o seu desespero, o seu ódio, o seu amor-próprio mortalmente ferido. Contorceu o corpo, procurando escapar àqueles braços de ferro. O coração parecia estalar-lhe o espartilho cortava-lhe a respiração. Ele segurava-a com tanta força que a magoava deveras, e a mão comprimia-lhe a boca numa forma cruel. Sob o tom queimado a cara de Rhett empalidecera. De olhar duro e inquieto, ergueu Scarlett do chão, sentou-a outra vez e conservou-a apertada de encontro a si, sobre os joelhos.

- Por amor de Deus, cale-se! Não grite, senão eles entram aqui dum momento para outro. Acalme-se. Quer que os yankees a surpreendam nesse estado?

120

Ela pouco se importava com o escândalo. O seu desejo veemente seria matar esse homem, mas sentia um turbilhão na cabeça. Faltava-lhe a respiração. Asfixiava, tinha a sensação de estar metida numa tala de ferro. Em vão se debateu entre aqueles braços até que a voz de Rhett se tornou num murmúrio distante, o seu rosto se envolveu em névoa cada vez mais densa... e ela não viu nem ouviu mais nada.

Quando voltou a si, sentia-se alquebrada, morta de fadiga. Encontrava-se reclinada na cadeira, sem chapéu, e Rhett, de olhar ansioso, batia-lhe nas mãos. O oficial novo e amável esforçava-se por fazê-la engolir um pouco de conhaque de que já lhe entornara uns pingos no pescoço. Os outros militares cirandavam. por ali, gesticulando e falando em voz baixa.

- Parece-me que... desmaiei -disse Scarlett, e a sua voz soou tão débil que ela se assustou.

-Bebe isto -ordenou Rhett, pegando no copo e chegando-lho à boca.

Lembrava-se agora do que acontecera, mas estava sem forças para se zangar.

-Vá, bebe... Scarlett engoliu umas gotas, engasgou-se tossiu mas Rhett voltou à carga. Tomou ela então um gole, e o líquido ardente abrasou-lhe a garganta,

-Creio que já está melhor, meus senhores -declarou Rhett.-Agradeço o vosso cuidado. Foi forte demais para ela a notícia de que eu ia ser condenado à forca.

Os oficiais desviaram-se um tanto constrangidos e acabaram por se retirar. O moço capitão deteve-se à porta:

-Se há mais alguma coisa que eu possa fazer...

- Não, obrigado. Saiu finalmente e fechou a porta. -Beba mais -disse Rhett. -Não quero.

- Beba. Scarlett, tomou outro gole que a aqueceu e lhe concedeu algumas forças às pernas trémulas. Repeliu o copo e tentou levantar-se, mas Rhett forçou-a a conservar-se sentada.

-Não me toque. Quero ir-me embora.

- Ainda não. Espere um instante. Pode desmaiar outra vez.

121

- Prefiro desmaiar na rua a ficar aqui consigo.

- Pois a mim não me agrada que perca os sentidos no meio da rua.

-Deixe-me partir. Detesto-o. Rhett esboçou um sorriso.

- Isso agora já é mais natural. Deve sentir-se melhor. Scarlett ficou sossegada uns instantes, esperando encolerizar-se outra vez, o que viria em sua ajuda. Queria recuperar as forças. Mas estava tão fatigada que lhe era impossível indignar-se ou ocupar-se fosse do que fosse. A derrota esmagava-a -construiu um peso de chumbo, Jogara tudo e tudo perdera. Nem sequer lhe restava o orgulho. Era a ruína irremediável das suas esperanças 'era o fim de Tara, o seu fim e o de todos. Por muito tempo esteve de olhos fechados, reclinada na cadeira, ouvindo perto a respiração pesada de Rhett. Fazia-se sentir a acção da bebida a qual a pouco e pouco lhe comunicava força e calor, embora fictícios. Quando reabriu os olhos e o viu à sua frente, a ira despertou então de novo. Venceu a testa, carregou o cenho e Rhett sorriu com(> costumava.

- Acho que está melhor. Vê-se pelo seu aspecto carrancudo.

- Sim, estou melhor. Rhett Butler você é odioso. Um miserável, como não há outro. Sabia desde o princípio o que eu ia dizer, e estava disposto a recusar-me auxílio. E deixou-me continuar! Ao menos, poupasse-me o trabalho...

- E perder a oportunidade de ouvir tudo isso? Nunca! Tenho tão poucas distrações...

Riu de súbito, do modo mais escarminho possível. Ao ouvir a gargalhada, Scarlett pôs-se de pé e lançou mão da capota. Ele deteve-a segurando-a pelos ombros.

- Ainda não acabo. Sente-se suficientemente melhor para me falar em perfeito juízo?

- Deixe-me ir embora!

- Está perfeitamente bem não há dúvida. Então, responda-me a isto. Eu era o único que você tinha em vista?

-Que lhe importa saber?

- Mais do que supõe. Vai lançar a rede a outros homens? Diga-me!

- Não.

- Custa-me a crer. Não a imagino sem meia dúzia deles de reserva. Há-de haver alguém que aceite a sua inte-

122

ressante proposta, tenho a certeza; por isso lhe vou dar um conselho.

-Não preciso dos seus conselhos. -Mas sempre lho darei, É a única coisa de que disponho neste momento. Oíça, porque vale a pena. Quando estiver a seduzir um homem, não descubra todas as suas cartas, como fez comigo. Seja mais subtil, mais persuasiva. Dá melhor resultado. Costumava ser perfeita neste jogo. Hoje'ao oferecer-me a sua... garantia... o seu olhar era duro. Já vi um olhar igual ao seu, num duelo, a vinte passos de mim, e afianço-lhe que não achei agradável à vista. Expressões dessas não despertam nenhum ardor no peito dum macho... Não é assim que se lida com homens, minha cara amiga. Neste ponto, você era mais habilidosa, antigamente.

- Não preciso que me ensine como hei-de proceder -

replicou Scarlett, pondo o chapéu com gesto lasso.

Admirava-se de que Rhett, na iminência de ser enforcado, tivesse ainda ânimo para troçar de quem se encontrava em tão tristes circunstâncias. Nem reparava que ele metera as mãos nos bolsos e cerrava os punhos, corno que furioso contra a sua própria impotência.

-Anime-se-disse Rhett, enquanto Scarlett amarrava as fitas da capota. - Poderá assistir ao meu enforcamento, e isso far-lhe-ia muito bem. Saldará duma vez todas as contas que tem a ajustar comigo... até esta, E não a esquecerei no meu testamento.

- Agradeço; mas decerto não o enforcam a tempo de eu pagar as contribuições -volveu Scarlett com ironia igual à de Rhett. E era bem o que pensava.

CROVIA quando Scarlett saiu do edifício. Os soldados que deambulavam na praça haviam-se refugiado nas suas tendas e as ruas estavam desertas. Não avistando nenhum veículo, Scarlett resignou-se a ir a pé até à casa da tia.

A medida que avançava desaparecia o calor produzido pelo conhaque. O vento frio fazia-a tiritar e os pingos de chuva picavam-lhe a cara como alfinetaas. Depressa a fina capa da tia Pitty ficou encharcada, gotejando lamentavelmente. O vestido de veludo ia ficar estragado. Quanto

123

às penas de galo do chapéu ofereciam o aspecto triste como nos dias em que o se@ antigo possuidor arrastava a asa-na capoeira enlarneada de Tara. As lajes do passeio estavam partidas, e algumas faltavam: ai Scarlett enterrava-se até aos tornozelos. Em certa ocasião, tendo-se-lhe desprendido um sapato, ela abaixou-se e a orla da saia arrastou no charco. Por fim, não se importava chapinhar na água, limitando-se a arregaçar o vestido. As calças molhadas gelavam-lhe as pernas... Mas que lhe importava afinal, a ruína da indumentária sobre cujo efeito tanto @ontara? Estava transida, desesper`ada; perdera por completo a coragem.

Como podia mesmo regressar à quinta, depois das palavras confiantes que ali proferira? Como lhes havia de dizer que ela e todos deviam ir-se embora? Como seria capaz de abandonar os canipos rubros, os altos pinheiros, as terras pantanosas, o calmo cemitério familiar onde Ellen repousava à sombra densa dos cedros?

O ódio a Rliett queimava-lhe o coração. Que ente ignóbil! Oxalá o enforcassem e ela nunca mais encarasse aquele homem que vira o seu aviltamento e humilhação. Se ele quisesse, arranjaria o dinheiro. A força ainda era morte boa demais para semelhante criatura. Que sorte Rliett não poder-vê-la agora, com a roupa a pingar, o cabelo despenteado, e a bater o queixo de frio! Devia estar horrorosa. Que troça ele não faria!

Os pretos que passavam por Scarlett voltavam-se com ar insolente e riam ao vê-la chapinhar e escorregar na lama. Pois atreviam-se a rir, esses macacos negros? Atreviam-se a escarnecer dela, Scarlett O'Hara? A sua vontade seria mandá-los chicotear até que o sangue lhes corresse pelas costas. Malditos yankees ' a libertarem pretos e a deixá-los insultar gente branca!

Na, Washington. Street, achou a paisagem tão lúgubre como o seu estado de espírito. Ali não havia nenhuma da animação que Scarlett notara na Peachtree Street. Das numerosas moradias doutros tempos, poucas tinham reconstruído. Com desanimadora frequência, encontravam-se alicerces enegrecidos pelo fumo e chaminés isoladas. Nos jardins das antigas casas nada se via senão ervas, Vento frio, chuva, lama, árvores despidas, silêncio desolação. Como ela sentia os pés molhados e como era l@ngo aquele caminho!

124

-00.! - , o@_

Atrás de si ouviu o chape de patas de cavalo e afastou-se para o extremo do passeio a fim de evitar mais nódoas à capa da tia Pitty. Descia um trem lentamente a rua e Scarlett, olhou para trás, decidida a pedir boleia ao seu ocupante, caso fosse um branco. A chuva turvava-lhe a vista, mas quando o veículo se aproximou, distinguiu um indivídu@ que a observava de dentro do toldo. A cara não lhe pareceu desconhecida e ao chegar-se mais perto, sentiu uma tossezinha de em@araço e depois um grito alegre, a que se misturava surpresa.

- O quê? É a menina Scarlett?

- Ah, é o senhor Kennedy! - exclamou ela, atravessando a rua e apoiando-se à roda enlameada, sem já se preocupar com a capa.-Nunca na minha vida me senti tão contente por encontrar alguém!

O homem corou de satisfação, ao escutar essas palavras evidentemente sinceras, e, depois de ter expelido um jacto de saliva amarelada pelo tabaco, apeou-se ligeiro da carruagem. Apertou com entusiasmo a mão de Scarlett, e ajudou-a a subir.

- Que faz sózinha por aqui? Não sabe que corre perigo? Está toda encharcada! Embrulhe os pés nesta manta.

Enquanto ele se esforçava por ser amável, Scarlett gozava o prazer de ser acarinhada. Era agradável receber tantas atenções, ainda que estas proviessem dum homem como Frank Kennedy. Ainda as apreciava mais naquela ocasião, lembrando-se da forma brutal como a tratara Rhett Butler. E que consolo ver um rosto conhecido, quando estava tão longe da terra! Scarlett notou que Frank se apresentava bem trajado e que o trem era novo. O cavalo também não parecia velho e devia ser bem tratado: quem parecia mais idoso era o dono, envelhecera muito depois que o vira em Tara, com os seus homens. Magro, de faces cavadas, olhos húmidos rodeados de pele enrugada... A barba ruiva, mais rala do que nunca e suja de tabaco, dir-se-ia gasta pelo seu hábito incessante de a puxar. Contudo, em comparação com as caras tristes e fatigadas que ela por toda a parte encontrava d aspecto de Kennedy podia considerar-se jovial e brilh@nte.

-Feliz encontro-disse ele com ardor.-Não sabia que estava cá na cidade. Ainda na semana passada falei com a senhora Pittypat que não me disse nada a respeito da sua vinda... Veio...'velo alguém de Tara, consigo?

125

Estava a pensar em Suellen, o jarreta! -Não -respondeu Searlett, envolvendo-se na manta. - Vim só, e nem sequer preveni a tia Pitty.

-Vão todos bem, em Tara? -Assim assim. Devia arranjar um assunto de conversa, mas custava-lhe tanto falar! A derrota sofrida pesava-lhe no espírito e o seu maior desejo era jazer ali bem abafada e não pensar em Tara. "Pensarei nisso mais tarde quando já não me afligir tanto". Se pudesse sugerir qua@quer tema com que o seu companheiro se entretivesse todo o caminho, deixando-a apenas murmurar de vez em quando "ah, sim?!" ou "com certeza"!

-Senhor Kennedy, também me admirei de o ver. Reconheço que sou malcriada, não procurando os velhos amigos, mas não sabia que estava em Atlanta. Lembro-me de ter alguém dito que se encontrava em Marietta.

- Tenho negócios em Marietta, muitos negócios... A sua mana não lhedisse que eu me havia instalado em Atlanta? Não lhe falou do meu armazém?

Scarlett tinha uma vaga ideia de ter ouvido Suellen aludir a Frank e ao seu armazém, mas não dera muita atenção ao caso. Bastava-lhe saber que ele estava vivo e que, mais tarde ou mais cedo, a desembaraçaria da irmã.

- Não 'não disse nada... Então possuí um armazém? Excelente ideia a sua!

Frank ficou um tanto magoado por saber que Suellen não se referira à sua actividade comercial. Todavia, o louvor de Scarlett consolou-o disso.

- n verdade, tenho um armazém, e creio que é dos melhores. Classificam-me de comerciante nato... Satisfeito consigo mesmo, soltou uma daquelas suas risadinhas, com que Scarlett embirrava tanto. "Velho presumido", pensou ela.

- Sai-se sempre bem daquilo que empreende, senhor Kennedy. Mas como se lembrou de montar um armazém? Quando nos falámos, no penúltimo Natal, disse-me que não tinha um cêntimo de seu... Frank pigarreou, puxou a barba e sorriu com o seu ar tímido. = Contos largos, menina Scarlett...

"Graças a Deus!" pensou esta. "O assunto vai durar até casa". E em voz alta:

126

.w@@@

- Conte, conte!

- Lembra-se da última vez que fomos a Tara, para requisitar mantimentos? Pouco tempo depois entrei para o serviço activo, isto é tomei realmente parte na guerra. Deixei a Administração Militar.

Achei que eu era ali preciso, visto que pouco ou nada se conseguia arranjar para o Exército e pensei que o lugar próprio para um homem bem constituído era no campo de batalha. Combati como soldado de cavalaria até que uma bala me feriu no ombro.

Interrompeu-se, orgulhoso, e Scarlett comentou:

- Coitado! -Não foi nada de grave, apenas uma ferida superficial

- continuou Frank em tom de condescendência. - Mandaram-me para um hospital do Sul e estava prestes a ter alta quando os yankees invadiram aquelas bandas. Foi uma coisa tremenda. Assim que soubemos da sua aproximação todos os que estavam a pé ajudaram a esvaziar os entrepostos militares e o hospital. Levou-se tudo para a estação. Acabávamos de carregar um comboio quando os yankees entraram por um extremo da cidade. Não nos restava outra solução senão fugirmos o mais depressa possível pelo outro lado. Não era agradável ver-se uma pessoa sentada no tejadilho dum comboio e contemplar os yankees a incendiarem o que havíamos sido forçados a abandonar na estação. Queimaram tudo. Nós escapámos por um triz.

-Que horror!

- Sim, que horror. Quando os nossos retomaram Atlanta, mandaram para aqui o nosso comboio. Isto passou-se um pouco antes do fim da guerra, e havia uma quantidade de loiças, camas, colchões, cobertores que ninguém reclamava. Suponho que tudo isso pertencia aos yankees. Penso ter sido nesta base que se fizeram os termos de rendição. Não lhe parece?

- Hum... - resmungou Scarlett, distraída. Aquecera e começava a sentir-se sonolenta.

- Ainda não sei se tive razão - prosseguiu ele - com certa aèrimónia - mas pensei que os yankees não precisavam de toda aquela fancia. Eram capazes de lhe pôr fogo, e os nossos tinham feito pagamento com bom metal sonante. Cheguei pois, à conclusão de que isso pertencia por direito à, Coniederação e aos coi@federados. Compreende a minha lógica?

- Hum...

127

-Ainda bem que concorda comigo. De certo modo, não tenho a consciência muito tranquila. Há quem me diga: "Não pense nisso, Frank". Mas é mais forte do que eu. Acha aue Lz bem?

- Com certeza - respondeu Scarlett -sem fazer a menor ideia do que o velhote lhe contava. Um conflito com a sua consciência? Quando se chega à idade de Frank sabe-se como se deve proceder. Ele é que era um confuso, um indeciso. - Ainda bem que a oiço falar assim. Depois da rendição eu possuía apenas dez dólares de prata. Era tudo o que t@nha neste mundo. Sabe o que os yankees fizeram de Jonesboro, da minha e-asa e da minha loja.* Que resolução havia eu de tomar? Então, com esses dez dólares, mandei pôr um telhado novo num antigo armazém Derto do entroncamento. Transporte para lá toda a tralha do hospital e comecei a vendê-la. Nem havia ninguém que não precisasse de camas, de loiças, de colchões. Vendi barato, porque me parecia que essas coisas tanto eram minhas como deles. Mas ganhei dinheiro e comprei outras mercadorias. O negócio prosperou. Creio que ainda vou lucrar bastante, se a situação não piorar.

Ao ouvir a palavra "dinheiro", Scarlett apurou o ouvido e despertou do seu torpor.

-Diz que ganhou dinheiro? Frank estava deveras satisfeito com o interesse que ela manifestava. À parte Suellen 'poucas mulheres lhe tinham dado mais do que a simples atenção requerida pela cortesia, e ele estava lisonjeado pelo facto de ver uma pessoa como Searlett suspensa dos seus lábios. Abandonou o passo do cavalo, para ter tempo de contar a história antes de chegarem a casa, e prosseguiu:

-Não sou milionário, e em comparação com o que já tive, o que possuo hoje po@co é. Mas o caso é que, ainda assim, ganhei este ano uns mil dólares. É claro que metade disso é para consertar o armazém, pagar a renda, comprar novas mercadorias. Mas sempre apuro quinhentos dólares e, se as coisas continuarem assim, devo para o ano ter um lucro de dois mil dólares. Hei-de dar-lhes aplicação, porque tenho outros negócios em vista.

O rumo que tomava a dissertação despertara por completo a curiosidade de Scarlett. Pestanejou e aproximou-se mais de Kennedy.

- A que é que se refere? Ele riu-se e sacudiu ss, rédeas sobre o dorso do cavalo.
 - Aposto que estou a aborrecê-la, com esta conversa sobre negócios. Uma senhora assim bonita não há-de querer saber destes assuntos...

"Idiota" disse ela de si para si. E em voz alta: -Oh, @em sei que nada percebo disso. Mas interessou-me tanto o que esteve a contar! Peço-lhe que continue e que me explique o que eu não compreender.

- Pois bem, o outro negócio que tenho em vista é uma serração.

- Uma quê? -Uma oficina onde se corta madeira em tábuas. Ainda não a adquiri, mas estou em vésperas de o fazer. Conheço um tal Johnson, que tem uma para as bandas de Peachtree e que está desejando vendê-la. Precisa muito de dinheiro e, se fizermos o negócio 'ele continua na oficina, a dirigi-la, e eu pago-lhe o salário.]@ uma das poucas que ainda existem, porque os yankees destruíram a maior parte delas. Quem tiver hoje uma serração possui uma mina de ouro. Vende-se a madeira ao preço que se quiser. Os yankees incendiaram tantas -casas que vai ser preciso construir outras. Toda a gente quer reconstruir. Há dificuldade em conseguir tábuas. A população de Atlanta aumenta a olhos vistos. A gente do campo, sem os pretos, a custo obtém a madeira necessária. os yankees e os Sacolas, que infestam a região, tornam ainda mercadoria mais escassa. É o que lhe digo: em pouco tempo Atlanta será uma grande cidade. De forma que vou comprar a serração logo que me paguem o que me devem. Para o ano, por esta altura, devo estar mais abonado. Sabe... por que é que tenho tanta pressa de ganhar bastante dinheiro?

Ruborizou-se e pigarreou outra vez. "Está a pensar em Suelleri", disse Searlett consigo mesma, enfadada.

Por momentos, teve a ideia de lhe pedir trezentos dólares emprestados, mas desistiu de o fazer. Frank ia atrapalhar-se, gaguejaria. desculpas, e não lhe emprestaria o dinheiro. Trabalhava com afinco, decidido a desposar Suellen na Primavera, e 'se lhe fizesse o empréstimo, teria de deixar o casamento para mais tarde. Ainda que obtivesse dele uma promessa, depois de o comover com a declaração de que essa importância se destinava a salvar a família, era mais que certo que a irmã se oporia à transacção.

9 - vento ievou - il

129

W1,

Suellen cada vez receava mais ficar solteira, e removeria céu e terra para impedir a protelação da boda.

Que havia pois, naquela rapariga lamurienta que incitasse aquele @elhote pateta a lhe proporcionar um ninho fofo? Suellen não merecia um marido dedicado, nem os lucros dum armazém e duma serração. Logo que ela estivesse de posse dum pouco de dinheiro, tomaria grandes ares e não contribuiria com um cêntimo para a manutenção de Tara. O que desejava era ser tratada por senhora casada e andar bem vestida; quanto ao destino de Tara, que os outros se arranjassem como pudessem...

Ao reflectir no que a esperava, quando a irmã levasse a sua existência tranquila Searlett indignou-se e tratou de desviar o rosto, não foss@ Kennedy descobrir-lhe o olhar furibundo. Iria perder tudo, sim ao passo que Sue... De repente tomou uma decisão. Suellen não teria nem Frank, nem o armazém, nem a serração! Não era merecedora de nada disso, que Scarlett aproveitaria para si mesma. Lembrou-se de Tara, recordou-se do espectáculo de Jonas Wilkerson 'nos primeiros degraus da escada e agarrou-se à última tábua de salvação. Rhett falhara, 'mas Deus havia-lhe deparado Kennedy.

Como atingir, porém, os seus fins? De olhar vago via cair a chuva e cerrava os punhos.

"Conseguirei levá-'lo a esquecer Suellen e obter dele uma proposta de casamento? Ora, se estive a ponto de, a alcançar de Rhett, com mais facilidade triunfarei deste", Deteve então o olhar no seu

companheiro. "Não é precisamente uma beleza tem maus dentes, mau hálito, e podia ser meu pai. Demais é mais, com aquela timidez e com tão boas intenções... Não conheço nada pior para um homem. Em todo o caso, é um senhor e eu espero que nos entendamos bem, melhor do que com Butler. Hei-de o manejar com pequeno esforço. Na situação em que me encontro, não tenho o direito de escolher".

Nenhuns remorsos causava a Scarlett o facto de ser Frank noivo de Sue. Depois da derrocada moral que a obrigara a avistar-se com Rhett, parecia-lhe secundário apropriar-se do futuro cunhado e quase um crime não se aproveitar da ocasião.

Encluiu-se de esperança, com esta perspectiva, e até se esqueceu de que tinha os pés frios. Frank, vendo-se assim observado com tanta insistência ficou um tanto comovido; mas Scarlett, lembrando-se do conselho de Rhett, baixou

130

imediatamente os olhos. "Já vi, um olhar igual ao seu, num duelo, a vinte passos de mim...

Expressões dessas não despertam nenhum ardor no peito dum macho ... "

-Que tem, menina Scarlett? Sente frio? -Sinto -respondeu ela ao acaso. E acrescentou:Importa-se... importa-se que meta a mão na algibeira do seu casaco? Está realmente muito frio e -tenho o regalo molhado...

-Pois não! Ora essa! E não trouxe luvas? Que desastrado que eu sou: sempre a tagarelar quando vai aí enregelada, com pressa de se aquecer a ui bom lume! Galopa, Sally! A propósito: ando tão preocupado com as minhas coisas, que não lhe perguntei donde vinha, com este tempo e em semelhante bairro!

-Fui ao Quartel General yankee-declarou ela, sem reflectir.

Frank, intrigado, ergueu as sobrancelhas claras.

Mas ... os soldados... Não pensou... "Virgem Maria, deparai-me uma boa mentira!" implorou ela mentalmente. Não convinha de modo nenhum que ele suspeitasse da verdade. Frank achava que Rhett era um infame e consideraria perigoso que uma mulher séria lhe dirigisse a palavra.

- Fui... fui saber se os oficiais me comprariam trabalhos de costura... para oferecerem às respectivas esposas. Bordo regularmente.

Frank enterrou-se mais no assento. Estava pasmado. A perplexidade e a indignação quase lhe tiravam a fala.

- Foi ter com os yankees! Desculpe, não devia ter feito isso... O seu pai com certeza que não sabe... E a sua tia...

-Ah - peço-lhe que não lhe diga nada! - voltou Scarlett, que desatou a chorar, em parte com sinceridade, porque se sentia inquieta. O efeito foi surpreendente. Frank não ficaria mais atrapalhado se ela comesse ali mesmo a despir-se diante dele. Fazia gestos inúteis dava estalos com a língua. Atravessou-lhe o espírito uma ideia audaciosa: teve desejos de puxar a cabeça da sua companheira, de a encostar no ombro de a acariciar; mas nunca fizera isso a nenhuma mulher e não sabia como se principiava. Scarlett O'Hara tão linda tão alegre, a chorar acolá na sua. 'Scarlett O'Hara, a mais orgulhosa entre todas carruagem as orgulhosas, tentando vender aos yankees trabalhos de costura! Era de comover o coração mais duro.

131

Ela não cessava de soluçar. De vez em quando deixava escapar algumas palavras e Frank começou a pensar que as coisas não deviam correr bem em Tara. Faltaria dinheiro para dar de comer a tanta gente, e a rapariga teria vindo a Atlanta ver se ganhava qualquer coisa para si e para o filho... Frank deu novo estalo com a língua e percebeu de repente que Scarlett apoiava a cabeça no ombro dele. Não se lembrava como é que semelhante coisa sucedera. Não fora ele, com certeza, que a forcara a isso, mas a verdade é que a cabeça lá repousava e que a rapariga chorava de encontro ao peito do homem, nova e perturbante sensação para este! De começo Kennedy contentou-se em passar-lhe a

mão pelo ombro, @m seguida tomou coragem e premiu com força. Que encanto, essa mulherzinha desamparada! E que loucura, aliás heróica, tentar ganhar um pouco de dinheiro graças às suas prendas de agulha! Mas, dirigir-se aos yankees... então já era demais.

-Não direi nada à sua tia, mas tem de me prometer que não torna a fazer tal coisa. Pensar que a filha do senhor O'Hara...

Os olhos verdes de Scarlett não se desviavam dos de Frank.

- Ora, senhor Kennedy tenho de lançar mão seja ao que for. Como hei-de alime@tar o meu filho?

Não temos já ninguém que nos possa valer...

- P, uma rapariga corajosa, mas não deve fazer isso. A sua família morreria de desgosto.

- Então, que me aconselha? Os olhos verdes, marejados de lágrimas, procuraram de novo os de Frank como se ela estivesse persuadida de que ele sabia qual o @emédio para todos os males.

- Não sei ainda... mas com certeza que lhe hei-de arranjar qualquer coisa...

-Tenho a certeza de que é capaz de me ajudar. É tão bondoso, Frank!

Nunca até aí Scarlett o tratara pelo primeiro nome. Para ele foi uma surpresa deliciosa. Coitada, impressionara-se tanto que nem sabia talvez o que estava a dizer. Frank, sentindo-se obrigado a protegê-la, redobrou de amabilidade. Faria tudo quanto estivesse ao seu alcance em favor da irmã de Suellen O'Hara. Tirou do bolso um lenço encarnado e apresentou-o a Scarlett, que o levou aos olhos e sorriu, de lábios trémulos.

132

- Sou tonta - disse ela em tom de desculpa. - Queira perdoar-me.

- Não é nenhuma tontice. 1@ uma pessoa corajosa, que procura aligeirar o fardo que lhe pesa nos ombros. Desconfio que a sua tia não lhe será de grande préstimo: ouvi dizer que ela perdeu a maior parte dos bens. Também o senhor Henry Hamilton não está em situação desafogada. Quem me dera ter um lar para lhe dar hospitalidade! Mas oiça: Quando a sua irmã @ eu formos casados, haverá sempre um tecto para si e para o seu filho.

Era o momento propício. Os siantos e os anjos deviam -com certeza protegê-la'porque lhe davam tão bela oportunidade. Scarlett fingiu-se ao mesmo tempo admirada e constrangida, abriu a boca para dizer qualquer coisa, e, fechou-a logo a seguir:

-Não me diga ignorar que vamos ser cunhados, na próxima Primavera -observou Frank com um desembaraço que mal lhe escondia o nervosismo. Vendo então os olhos dela encherem-se de lágrimas, perguntou ansioso: -Que foi? A Sue não está doente, pois não?

-Nãoz não está... -Então que aconteceu? Diga-me!

- Não posso... não posso... Eu julgava que ela lhe tivesse escrito... Oh, meu Deus!

-De que se trata? Por favor!

- Oh, Frank, não tencionava contar-lhe... Esperava que soubesse... Julguei que ela lhe tinha escrito... Kennedy tremia. -Fazer isso a um homem... como o senhor! -Que é que ela fez?

- Não lhe escreveu, realmente? Ah, compreendo teve vergonha! E com razão. Lastimo ter uma irmã tão i@á.

Frank deixava-a falar. Nem tinha forças de lhe fazer perguntas. Mas olhava fixamente para Scarlett, com expressão angustiada. Das mãos pendiam-lhe as rédeas, inertes.

- Vai casar com Tony Fontaine no mês que vem. Lamento muito! Desola-me ter de lhe contar a verdade. Mas que quer? Sue estava farta de esperar e tinha tanto medo de ficar solteira!

Babá estava à porta quando Frank ajudou Scarlett a apear-se da carruagem. Segundo parecia, encontrava-se ali postada há algum tempo, pois tinha o lenço da cabeça

133

encharcado e o velho xaile molhado em vários pontos. Na sua face enrugada transparecia cólera e apreensão, e o lábio inferior salientava-se de modo inquietante. Lançou um olhar feroz a Kennedy, mas, assim que o reconheceu, a fisionomia modificou-se-lhe, exprimindo espanto, prazer e algo semelhante a remorso.

Dirigiu-se para Frank no seu passo bamboleante e, com um largo sorriso, apertou a mão que ele lhe estendia.

- n bom vê gente da terra - disse a preta. - Como tem passado, sinhô Frank? Que belo parecê o seu! Si soubesse que minina Scarlett sala co' o sinhô, não afligia tanto. Quando entrei e não vi minina no quarto fiquei muito apoquentada, a pensá nela sózinha pela rua com todos esses nêgo a andá por aí. Por que não disse que ia saí, frôzinha? E ainda p'ro cima constipada!

Scarlett lançou um olhar furtivo a Frank, o'qual, apesar de amargurado com a recente e triste notícia, sorriu e piscou o olho em sinal de cumplicidade,

- Vai depressa lá acima preparar-me chá e roupa enxuta -disse Searlett à ama.

-Em bonito estado deve vi seu rico vestido - resmungou Babá. -Tenho de o secá e escová p'ra minina podê

1 à boda.

Retirou-se para dentro de casa, e ScarIett, aproximando-se de Frank, murmurou-lhe:

- Peço-lhe que jante cá. Estamos tão sós! Depois iremos ao casamento. Vá connosco, sim? Mas não diga nada à tia Pitty a respeito de... da Suellen. Ficaria transtornada, e eu não quero que ela saiba que minha irmã...

-Não direi nada - apressou-se Frank a declarar.

- Foi muito bondoso, Graças a si, recobrei coragem. Apertou-lhe a mão demoradamente e apontou para ele as baterias do olhar.

Babá, que esperava atrás da porta, relanceou a vista pelo rosto de Scarlett e subiu com ela para o quarto de dormir. Sem dizer palavra, ajudou-a a despir a roupa molhada que estendeu sobre cadeiras, e meteu-a na cama. Depois & lhe trazer uma xícara de chá escaldante e um tijolo quente envolvido em flanela, inclinou-se para Scarlett e disse com uma humildade pouco vulgar na sua pessoa:

-Por que não disse a mim o que tinha na ideia? Si dissesse, não era Babá que fazia toda esta viagem até 'lanta. Já sê muito velha e muito gorda p'ra deslocá assim.

134

-Que queres dizer com isso?

- Frôzinha, não pense enganá a mim. Já conheço bem ipinina e leio sua cara como padre lê Bíblia. E ouvi o que minina estava a dizê baixinho de sua mana Sue. Si soubesse qui vinha cá procurá sinhô Frank, não era a velha nê,oa qui saía de Tara.

- Sabias então do que se tratava? - perguntou Scarlett, aninhando-se debaixo dos cobertores.

-Não sabia, minha frô, mas não gostei de vê ontem sua cara. Lembrei que sinhora Pittypat escreveu a sinhora Melly a dizê que esse patife Bufler tinha agora muito dinheiro, porque não esqueço nunca o que ouvi, Mas sinhô Frank é outra loiça. Não se pode chamá bonito, mas é um sinhô de verdade. Scarlett dirigiu-lhe um olhar penetrante, que a ama suportou com tranquila omnisciência.

- Que vais fazer? Contar tudo a Suellen?

- Vou fazê tudo que pudé p'ra ajudá minina Scarlett

- respondeu a velha preta, aconchegando os cobertores em volta do pescoço da sua preferida.

Scarlett ficou sossegada uns momentos, enquanto Babá andava cá e lá no quarto. Sentia-se contente por tudo se ter passado sem palavras inúteis, sem explicações, sem censuras. A ama compreendia e calava-se. Scarlett encontrara nessa velha uma realista ainda mais inflexível do que ela própria. Os seus olhos experientes descobriam tudo, e quando algum perigo ameaçava Scarlett a consciência não lhe obscurecia a visão. Scarlett era a sua menina, e tudo quanto a sua menina desejasse ' ainda que isso pertencesse a outra pessoa, Babá ajudá-la-ia a obter. Os direitos de Suellen e de Frank Kennedy não entravam em linha de conta-. Scarlett queria salvar-se das dificuldades em que se eneGntrava,, e Scarlett, era filha da senhora Ellen. Sem um momento de hesitação, a ama aliava-se a ela.

Scarlett adivinhou a aprovação da preta e, tal como o tijolo quente aos pés lhe comunicava calor, aquele reforço veio transformar em magnífica chama a débil luz de esperança que nela se acendera durante o trajeto de carruagem.

Voltavam-lhe as forças acompanhadas de uma exaltação que lhe provocava de@ejo, de rir às gargalhadas. "Não, ainda não estou vencida", pensou com alegria.

- Dá-me o espelho, Babá - ordenou.

135

-Não destape os ombros -recomendou a ama, apresentando-lhe o espelho.

Scarlett mirou-se.

- Estou com uma cara que mete medo, e o cabelo parece-me um rabo de cavalo.

-Não tá tão bonita como devia.

- Hum... Ainda chove muito? -Bem sabe que chove a pote. -Chova ou não chova, tens de sair para me comprar umas coisas.

- Com chuva não vou sair. -Vais, sim, ou então vou eu.

- São assim coisa tão urgente? Não pode esperar?

- Quero um frasco de água-de-colónia -declarou Scarlett, continuando a mirar-se ao espelho. - Vais lavar-me a cabeça e fazer uma fricção com água-de-colónia. E há-de comprar também geleia de semente de marmelo, para amaciar o cabelo.

- Lavá cabeça com este tempo? Não não. Nem há-de pô dessa água no cabelo como rapariga áe má nota. Não, enquanto houver sêpo de vida neste corpo.

-Deixa-te disso e vai buscar a minha bolsa. Toma lá uma moeda de cinco dólares de ouro e compra c> que eu pedi, E... já que vais à rua... traze também um boião de... carmim.

- Que é isso? @ indagou Babá, desconfiada. Scarlett fitou-a com uma serenidade que estava longe de sentir. Nunca podia saber ao certo quais as reacções da ama.

-Não te importes saber o que é. Basta que peças um boião de carmim.

- Só compro depois de sabê.

- 1@ uma coisa para pintar a cara, já que és tão curiosa' Agora não fiques aí a inchar como um sapo. Vai-te embora.

- Pintá cara! -exclamou, a preta no auge da indignação. - Tá maluca? Olhe que minina inda tá em boa idade de apanhá açoite de mimf Pintá cara! Senhora Ellen até deve tê estremecido em sua campã. Pintá cara como fazem as...

-Como fazia a avó Robillard, que eu bem sei. -Sim, e só usava saia muito justa p'ra mostrá forma de perna, mas isso não quê dizê que minina faça o mesmo. Quando sua avó era nova toda a gente levava vida de escândalo, mas os tempo mudaram.

136

-Deus me dê paciência! -bradou Scarlett, repelindo os cobertores. -Vais direitinha para Tara.

-Não pode obrigá a mim a fazê coisa qui não quero. Sou livre - volveu Babá com veemência. - Não quero ir para Tara. Fico aqui. Meta já em sua cama! Quê apanhá pneumonia? Deixe quieto esse espartio. Vai saí com este tempo? P, tal qual sinhô seu pai. Volte p'rá cama, minina! Não posso ir comprá... pintura. Morria de vergonha. Toda a gente ficava a sabê que era p'ra minha frôzinha. 1@ tão bonita assim, não precisa de se pintá. Só pinta cara muié de má nota.

- E elas obtêm bons resultados 'não achas? -Jesus! Que tá minina a dizê?! Não diga dessas coisa. Largue a meia, minha linda. Não consinto vá lá p'ra comprá pintura. Senhora Ellen era capaz de aparecê esta noite e ralhá comigo. No fim de conta, talvez encontre loja onde ninguém conheça a mim.

Nessa noite, em casa da senhora Elsing, depois de ter sido bem celebrado o casamento de Fanny, e de o velho Levi e outros músicos haverem afinado os instrumentos, Scarlett relanceou à sua volta um olhar alegre. Era tão agradável assistir de novo a uma festa! E, para mais, tinham-na recebido

com tantas demonstrações de simpatia! Ao vê-la entrar pelo braço de Frank toda a gente correria para ela a fim de a beijar, de lhe apertar a mão, de lhe dizer que tinham sentido muito a sua falta e que ela não devia voltar mais para Tara. Os homens pareciam ter esquecido de que Scarlett noutros tempos tentara despedaçar-lhes o coração e as raparigas não mostravam lembrar-se de que ela fizera todo o possível para lhes furtar os namorados. Até a senhora Merriwether, a senhora Whiting e a senhora Meade assim como outras viúvas que a tinham tratado com frieza nos fins da guerra, já se não recordavam de quanto a haviam censurado pelo seu comportamento leviano e só se lembravam de que era sobrinha de Pitty e viúva de Charles. Beijaram-na, falaram de Ellen com lágrimas nos olhos, perguntaram pelo pai e pelas irmãs... Cada qual pedia notícias de Melanie e de Asliley e queria saber o motivo por que não a tinham acompanhado a Atlanta.

Apesar do prazer causado por tal acolhimento, Scarlett não se sentia à vontade, e tudo por causa do aspecto do

137

@r

vestido de veludo. Estava ainda húmido na altura dos joelhos e a orla conservava algumas nódoas que haviam resistido aos esforços frenéticos da ama, e da cozinheira, ambas armadas de escova e de caçarola de água quente, em frente do fogão aceso. Scarlett receava que alguém notasse as manchas e concluísse daí ser aquele o seu único vestido elegante. No entanto consolava-a de certa maneira o facto de as outras mulheres, se apresentarem ali com traje em pior estado. Todos esses vestidos eram velhos, minuciosamente passajados. Ao menos, o seu era novo - o único novo naquela assembleia, com excepção do vestido de cetim branco de Fanny.

Veio-lhe ao espírito o que a tia Pitty lhe contara a respeito da situação financeira dos Elsing. Onde teriam ido eles buscar dinheiro para pagar o vestido de cetim, os refrescos, a decoração da sala e os músicos? Aquilo tudo não devia custar pouco. Dinheiro emprestado provavelmente ou então toda a tribo dos Elsing contribuiria para essa festa dispendiosa. Atendendo aos tempos que iam correndo, Scarlett considerava semelhante boda uma extravagância, só comparável àquela da pedra sepulcral dos Tarletons e sentia irritação análoga à que a invadira quando da sua visita a Joli Coteau. Que disparate, fazer despesas daquela ordem! Por que é que toda essa gente teimava em proceder como no tempo das vacas gordas?

No entanto, Scarlett reagiu contra o seu aborrecimento.

O dinheiro não era dela e não ia estragar o prazer do baile só porque os outros faziam tolices.

Descobriu que conhecia muito bem Tommy Wellburn, o-marido de Fanny. Nascera em Sparta e Scarlett tratara-o em 1863, quando fora ferido no ombro. Era então um rapaz desempenado, com um metro e noventa e tal de altura, e abandonara os estudos de Medicina para entrar na cavalaria. Agora parecia um velhinho, de tal maneira o dobrara a ferida no quadril. Andava com dificuldade e como dizia a tia Pitty, não fazia bonita figura. Contudo, não parecia preocupar-se com isso e comportava-se como quem nada tem a invejar aos outros. Desistindo de seguir os estudos de Medicina, tornara-se empreiteiro e dirigia agora os operários irlandeses que estavam a construir o novo hotel.

Tommy Wellburn, Hugh Elsing--e Renê Picard, que tanto se assemelhava a um macaco vieram conversar com Scarlett, enquanto afastavam as cadeiras e encostavam o

138

"NTI

móveis à parede a fim de dar espaço aos dançarinos. Hugh não mudara desde que ela o vira pela última vez, em 1862. Era sempre o mesmo rapaz franzino e sensível, de mãos pálidas e melena caída na testa. Em compensação, Renê modificara-se depois do seu casamento com Maybelle Merriwether. Não lhe desaparecera a chamazinha gaulesa dos olhos pretos, conservava ainda o bom-humor crioulo mas notava-se-lhe na fisionomia qualquer coisa de duro que não existia no princípio da guerra. E perdera também o ar de janota que o caracterizava quando vestido com o brilhante uniforme dos zuavos.

- Faces de rosa, olhos de esmeralda - disse ele, beijando a mão de Scarlett e pagando tributo ao carmim a que ela recorrera. - Está tão bonita como quando a conheci, no bazar de caridade. Recorda-se? Nunca esquecerei a maneira como atirou a sua aliança para o meu cesto. Foi um rasgo corajoso! O que não supus é que ficasse tanto tempo sem usar outra...

-E eu nunca julguei que você andasse a vender pastéis num carro - ripostou Scarlett.

Èm vez de corar envergonhado perante essa alusão ao seu mister pouco elegante, Renê desatou às gargalhadas e bateu uma palmada nas costas de Hugh.

- Touché! - exclamou. - Minha sogra, a senhora Merriwether, obriga-me a trabalhar pela primeira vez na minha vida, a mim, Renê Picard que só devia entreter-me a criar cavalos e a tocar violino! Agora conduz a minha carripana cheia de pastéis, e isso não me desagrada. Minha sogra faz o que quer dos homens, Se a tivessem nomeado general ganhávamos a guerra, não achas, Tommy?

"Custa a crer que ele goste de semelhante trabalho, quando os pais tinham uma propriedade de dez milhas de extensão à beira do Mississipi e uma casa tão grande em Nova Orleães", pensou Scarlett.

- Se as nossas sogras estivessem nas fileiras, vencíamos os yankees em oito dias - concordou Tommy, olhando na direcção da sua nova sogra. -O único motivo por que a guerra se arrastou tanto foi o facto de as senhoras não quererem confessar-se derrotadas.

- Não quererem nunca confessar-se derrotadas - emendou Hugh com um sorriso um tanto amargo. - Não há aqui uma só dama que se dê por vencida, apesar do que sucedeu

139

em Appomatox. Foi pior para elas do que para nós. Nós, ao menos, batalhámos...

- E elas ficaram com o seu ódio - concluiu Tommy. -

Não é verdade, Scarlett, que as senhoras sofrem muito mais do que nós ver-nos reduzidos a estas condições? Hugh devia ser magistrado, Renê estava destinado a tocar violino na presença das cabeças coroadas da Europa... - e Tommy, nesta altura, desviou-se dum safanão de Renê -...eu era para ser médico, e afinal...

- Deixemos passar o tempo - exclamou. Renê. - Ainda me hei-de transformar no rei dos pastéis do Sul. O Hugh será o rei da lenha e tu, meu caro Tommy, terás escravos irlandeses em vez de escravos pretos. Verás o que a gente ainda vai gozar... E você, Scarlett, que faz? Munge vacas? Apanha algodão?

- Que ideia! - protestou Scarlett, incapaz de compreender o bom-humor com que Renê aceitava a sua sorte. -Os pretos é que tratam disso.

Depois das preliminares afinações os músicos começaram a tocar O Velho Dan Twker, e rI@ommy voltou-se para Scarlett:

-Quer dançar? Não posso convidá-la, mas o Renê e o Hugh...

- Não, obrigada. Ainda estou de luto por minha mãe. Mas não se prendam por minha causa - apressou-se Scarlett a ajuntar.

Quando os três homens se afastavam, descobriu Frank Kennedy ao pé da senhora Elsing e chamou-o com um aceno de mão.

- Se quisesse trazer-me refrescos ' ia sentar-me naquela espécie de alcova ao fundo da sala -disse ela. - Podemos, conversar ali à vontade.

Enquanto Frank ia buscar um copo de vinho e uma fatia de bolo envolta em papel fino, Scarlett foi para a sileta a que se referira e aí se instalou, tendo o cuidado de compor as pregas da saia de modo a esconder as nódoas mais visíveis. O prazer de ver gente e ouvir música fizera-a quase esquecer a cena vexatória com Rhett. No dia seguinte pensaria no procedimento de Rhett e na vergonha por que passara. Só no dia seguinte trataria também de averiguar a impressão causada no coração amargurado de Frank. Nessa noite não queria preocupações. Sentia-se reviver, a

140

esperança aguçava-lhe as faculdades, os olhos luziam-lhe de contentamento.

Do seu canto, pôs-se a observar a sala e os dançarinos, e lembrou-se então da magnificência daquela casa quando pela primeira vez ela viera a Atlanta, durante a guerra. Nessa época, o soalho brilhava como um espelho. O lustre monumental, como os seus pingentes de cristal facetado, tinha cintilações de safira e diamante. Nos retratos antigos suspensos das paredes viam-se personagens de aspecto respeitável e damas que pareciam sorrir aos convidados. Os canapés de pau-rosa, com os seus coxins confortáveis, incitavam ao repouso; um deles, o maior, ocupara o lugar de honra nessa mesma saleta onde ela se encontrava agora. Muitas vezes Scarlett se sentara ali na companhia de um belo oficial para escutar violino e violoncelo, ou simplesmente para ouvir o rumor excitante dos dançarinos a deslizar no chão encerado. Daquele ponto abrangia-se com a vista todo o salão e a casa de jantar, com a sua mesa oval de mogno que comportava mais de vinte convivas — as duas dúzias de cadeiras graciosas enfileiradas junto da parede, os aparadores carregados de prata maciça e de cristais.

Agora o lustre estava apagado. Pendia de esguelha, com os pingentes quase todos partidos — tal se os yankees, quando ali pernoitavam, se entretivessem a atingi-lo com as botas. Apenas um candeeiro e algumas velas iluminavam a sala. A maioridade provinha do lume aceso no fogão enorme, e o reflexo das chamas permitia ver os estragos no soalho. No papel desdobrado da parede destacavam-se rectângulos escuros que indicavam o sítio onde outrora estavam os quadros, e, no tecto, várias fendas faziam recordar que — durante o cerco, uma bomba arrancara o telhado e destruíra o segundo andar. A pesada mesa de mogno, onde tinham improvisado o bufete, continuava no centro da sala de jantar, mas estava toda esfolada e os pés haviam sido consertados com bocados doutra madeira. Os aparadores — as pratas e as cadeiras de pernas fuseladas tinham desaparecido. Já não existiam os reposteiros de damasco que enquadravam as portas de vidraça, e só permaneciam os restos das cortinas de renda, lavadas e engomadas, mas com ponteados visíveis.

Um banco desconfortável substituíra o canapé predilecto de Scarlett. Era aí que estava sentada com a maior graça possível, lastimando não ter o vestido — em condições de poder dançar. Seria tão bom dançar outra vez! Mas a ver-

141

dade é que tinha mais probabilidades de obter bons resultados naquele canto retirado onde podia manejar Frank mais à vontade, do que dançando com ele uma quadrilha desenfreada.

No entanto, a música era tentadora. Com a ponta do sapato, Scarlett batia o compasso como o velho Levi que anunciava as marcas da quadrilha enquanto tocava um banjo estridente. Em duas filas, os dançarinos aproximavam-se — recuavam, redopiavam e faziam arcos com os braços erguidos. Os pés ora deslizavam com suave rumor, ora martelavam no soalho.

Dan Tucker bebeu de mais (Façam rodar as suas damas!) Caiu num campo e soltou ais (Pulem, ligeiras, as damas!)

Depois dos meses sombrios e extenuantes de Tara, era agradável ouvir outra vez música e o som de pés a dançar, agradável ver sorrir rostos familiares, à luz fraca das velas, presenciar as brincadeiras dos amigos. Dir-se-ia um retorno à vida, como se a existência de há cinco anos atrás recomeçasse agora. Se fechasse os olhos para não reparar nos vestidos usados e no calçado gasto, se tentasse não recordar a fisionomia da gente moça que ali faltava, Scarlett seria capaz de se convencer que nada, afinal, se modificara. Mas quando olhava para os homens de certa idade reunidos à volta da mesa da casa de jantar, ou para as senhoras que, alinhadas ao comprido da parede, tagarelavam, agitando as mãos sem leque, ou seguiam as evoluções dos pares dançantes, sentia um calafrio e dizia então que, pelo contrário, estava em presença de fantasmas.

Eram todos os mesmos e — no entanto, pareciam muito diferentes. Porquê? Por terem cinco anos mais? Não, isso devia-se apenas à marcha do tempo. Tinham perdido qualquer coisa ou qualquer coisa fugira do seu mundo. Cinco anos antes, moviam-se numa atmosfera de segurança; desa-

parecera esse ambiente e com ele fora-se todo o encanto da vida, a impressão de que algo de agradável nos espera ao voltar da esquina.

Scarlett sabia que também se modificara mas não no mesmo sentido que os outros e isso intrigava-a. Observava-os do seu lugar e considerava-se uma estranha entre

142

eles, tão deslocada e só, como se tivesse vindo doutro país e não lhes compreendesse o idioma. Era uma sensação análoga àquela que a dominava quando se via junto de Ashley. Com ele e com os que se lhe assemelhavam (a maioria afinal, dos do seu mundo) ela sentia-se à parte, afastada de qualquer coisa que lhe era vedado entender.

O rosto dos seus antigos companheiros não se havia modificado, muito menos as suas maneiras, e isso talvez fosse apenas o que ficara. Possuíam dignidade mantinham a elegância que ostentariam até à morte, porém, levariam igualmente para o túmulo certa amargura inextinguível, difícil de exprimir por palavras. Aquela gente representava um povo generoso que a derrota esgotara, mas que não queria confessar-se vencido: habitantes de províncias conquistadas' agora reduzidos à impotência. Viam a terra querida calcada pelo inimigo, viam a malta desfeitear a lei, os antigos escravos tornarem-se ameaçadores insultando-os a eles e às mulheres. Lembravam-se, finalmente, dos seus mortos.

Tudo se transformara no seu universo, excepto os usos, que prosseguiam: era tudo o que lhes ficara. Continuavam aferrados às coisas que tão bem conhecera e tanto amaram noutra época: os modos insolentes a cortesia, o à-vontade nas suas relações e sobretudo a atitude protectora dos homens para com o sexo fraco. Fiéis à tradição em que haviam sido educados, mostravam-se galantes e afectuosos e chegavam a criar uma atmosfera de segurança para nela abrigarem as mulheres.

Segundo Scarlett, aquilo constituía o cúmulo do absurdo, pois nesses últimos cinco anos elas haviam passado por todas as provações: suportaram a guerra, incêndios, devastações, trataram dos feridos e fecharam os olhos dos mortos, conhecera o terror, o êxodo, as torturas da fome.

No entanto, apesar do que tinham presenciado, dos trabalhos servis que haviam feito e continuariam a fazer, continuavam a ser cavalheiros e senhoras da sociedade, reis e rainhas no exílio-amargos, sempre na defensiva, generosos para com os outros, brilhantes, frágeis e destruídos como os cristais do lustre suspenso do tecto. Fora-se o bom tempo, e aquela gente teimava em viver na mesma forma, decidida a não correr atrás do dinheiro como os yankees, decidida a não alterar um só dos seus hábitos.

Scarlett sabia que também mudara muito. Outra ma-

143

neira, não faria o que tinha feito desde a sua última estadia em Atlanta nem elaboraria o plano de que tanto desejava

O êxito, Existia porém, qualquer diferença entre o seu endurecimento e o dos outros, embora não soubesse dizer com que consistia. Talvez no facto de estar disposta a efectuar acções que essas pessoas não efectuariam nem sob a ameaça de morte. Talvez elas tivessem perdido todas as ilusões, mas sorriam sempre à vida, faziam-lhe uma vénia graciosa e passavam adiante. Isso é que Scarlett não entendia nem podia imitar.

Tinha de encarar a realidade. A vida mostrava-se-lhe muito brutal muito hostil para que ela sequer tentasse sorrir-lhe. Scarlett não compreendia a doçura a coragem e o orgulho indomável dos seus amigos. Via neles apenas seres intransigentes que se limitavam a contemplar os factos e a sorrir, recusando-se a enfrentá-los.

Seguindo com a vista os dançarinos entusiastas, Scarlett perguntou a si mesma se os acontecimentos os teriam marcado como ela fora. A morte dum noivo, um marido inválido, filhos esfomeados, propriedades destruídas, lares profanos pelos invasores nada disto os atingira? Com certeza, pois tinham suportado a lei geral. As suas perdas, privações e problemas eram mais ou menos iguais aos

dela. Contudo, reagiam de modo diferente. As caras que Scarlett ali via não passavam de máscaras bem afiveladas,

Mas se esses indivíduos sofriam como, ela o rigor dos tempos, como conseguiam mostrar-se satisfeitos, despreocupados? Eis o que Scarlett não compreendia e a irritava um tanto. Ser-lhe-ia impossível imitá-los, presenciar a ruína do mundo com ar desenvolto. Ela era tal uma raposa perseguida a correr arquejante em busca dum buraco onde se meter, para que os caçadores não a apanhassem.

De súbito Scarlett odiou todas aquelas pessoas, porque eram diferen@es dela, porque assumiam na adversidade uns ares que jamais poderia assumir. Como detestava essas mulheres sorridentes e pretensiosas que pareciam orgulhar-se dos prejuízos sofridos! Embora se rebaixassem a fazer trabalhos servis e não soubessem como substituir as suas roupas velhas, sentiam-se sempre grandes damas. Scarlett é que não se considerava grande dama, apesar do vestido de veludo, do cabelo perfumado e de se lembrar da abundância em que vivera. Ao rude contacto do solo de Tara perdera as boas maneiras... -Sabia que não tornaria a

144

sentir-se senhora da sociedade enquanto não visse brilhar cristais e pratas sobre a sua mesa, enquanto não possuísse cavalos e carruagens, enquanto não tivesse homens brancos em vez de pretos a cultivar algodão em Tara.

"Estas idiotas não percebem que, sem dinheiro é ridículo darem-se aqueles ares?" pensou Scarlett, ináignada.

No entanto, compreendia vagamente que, por muito absurda que lhe parecesse, a atitude dessas mulheres era a melhor. Ellen teria procedido assim; manter-se-ia senhoril, ainda que ficasse na miséria. De semelhante ideia, porém, Scarlett não se compenetrava.

Toda a vida ouvira falar com sarcasmo dos yar@kees, porque todas as suas pretensões de distinção se baseavam na riqueza e não na origem do indivíduo. Contudo, Scarlett dava-lhes agora razão nesse ponto. Para ser uma verdadeira dama de sociedade era necessário dinheiro. Se Ellen ouvisse tal opinião da boca da filha desmaiaria com certeza. Ellen jamais se envergonharia de ser pobre, ao passo que ela... Sim, tinha vergonha da penúria em que vivia, dos expedientes a que se via obrigada a recorrer, de trabalhar como uma negra.

Scarlett encolheu os ombros num gesto de ira. Talvez os outros tivessem razão, mas o caso é que não enfrentavam o futuro, como ela fazia, de nervos tensos, esforçando-se por adquirir o que perdera até em sacrifício da sua honra e reputação. Os preconceitos de dignidade impediam muita gente de se misturar a esses que só tinham em mira obter dinheiro. Ganhar dinheiro abertamente, ou até falar de dinheiro, era o cúmulo da vulgaridade. Havia exceções, é claro. A senhora Merriwether fazia pastéis que Renê ia vender; Hugh Elsing negociava com lenha; Tommy era empreiteiro; Frank tivera a esperteza de abrir um armazém. Mas os outros a maioria? Os plantadores contentavam-se com um pal@no de terra e viviam na pobreza. Os médicos e os advogados esperavam clientes hipotéticos. E o resto? Como se governariam aqueles que noutros tempos viviam de rendimentos?

Ela é que não queria ser pobre toda a vida. Não tencionava deixar-se ficar à espera dum milagre. Havia de lutar até conseguir o que pretendia. O pai começara por ser um emigrante sem eira nem beira e acabara por adquirir a vasta quinta de Tara. O que ele fizera, a filha faria tam-

10 - Vento Uvou - 11

145

bém. Era muito diferente dessas criaturas a quem bastava o orgulho de se ter sacrificado por uma causa. Viviam de olhos postos no passado. Ela olhava para o futuro e o futuro estava agora personificado em Frank Kenned@. Se conseguisse desposá-lo e apanhar-lhe o dinheiro, Tara estava garantida até ao ano seguinte. Depois... seria necessário que Frank comprasse a tal serração,

Ela própria verificara o ritmo com que reconstruíram prédios na cidade. Naquela altura, enquanto não havia concorrência, uma estância de madeira representava uma mina de ouro, Dos recessos do seu espírito surgiu então uma frase que Rhett proferira no começo da guerra, a respeito do que ele lucrava com o bloqueio. Nessa época, Scarlett não procurara compreender mas agora aquelas palavras eram-lhe perfeitamente elara@ e ela perguntava a si mesma se fora a sua mocidade ou a estupidez que a impedira de lhes aprender o sentido: "A construção dos impérios dá dinheiro, mas ainda dá mais a ruína dos impérios".

"Eis a ruína que ele previa", pensou Scarlett. "E tinha razão, Não falta dinheiro para quem não teme o trabalho... nem a voz da consciência".

Viu Frank a atravessar a sala com um copo de vinho de amoras numa das mãos e um prato com uma fatia de bolo na outra e tratou logo de mostrar uma -expressão sorridente. Nem sequer se lembrou de perguntar a si mesma se Tara valeria o sacrifício de casar com Frank. Quanto a isso, não tinha dúvidas,

Sorriu a Frank enquanto bebia o vinho, sabendo que as suas faces estavam mais rosadas do que todas as outras que ali se encontravam. Compôs as pregas da saia para que ele se sentasse a seu lado e agitou o lenço num gesto lânguido a fim de lhe fazer sentir o cheiro a água-de-colónia.

Envaldecia-o@ o perfume porque nenhuma outra das mulheres presentes o usava e Frank já dera por isso. Num momento de audácia, segredara-lhe que ela tinha a cor e o aroma duma rosa.

Se ao menos não fosse tão tímido! Fazia-lhe lembrar um coelho assustadiço. Era de lastimar que não tivesse a elegância e o ardor dos gêmeos Tarletons ou até o descaramento de Rhett Butler. Mas, se Frank @ossuísse essas qualidades, seria suficientemente esperto para notar a angústia que transparecia no olhar dela. Sendo assim como era, não

146

conhecia bem as mulheres para desconfiar do que Searlett tramava contra ele. Esta só tinha a regozijar-se com isso, mas não era coisa que fizesse aumentar o seu apreço por Frank Kennedy.

30

CAsou com Frank depois de duas semanas de rápido namoro, durante o qual Scarlett, ruborizada, declarou não ter já forças de resistir àquela paixão.

O que Frank não sabia era que Scarlett passara as noites a passear no quarto, furiosa com a demora que ele pusera em dQcidir-se temendo a todo o instante que viesse uma carta de Suellen arruinar-lhe os planos. Agradecia ao Céu a irmã ser a pior das correspondentes: ficava radiante quando lhe escreviam e detestava escrever. Mas bastaria um acaso, pensava Scarlett andando cá e lá sobre o soalho ,frio, com o xaile de Ellen'por cima da camisa de noite. Frank também ignorava que ela recebera uma carta de Will em que este a informava de que Jonas Wilkerson fora segunda vez a Tara e fizera tal escarcéu ao saber da ausência de Scarlett que Will e Ashley o tinham posto na rua, sem contemplação nenhuma. Essa carta só viera relembrar o que Scarlett já sabia: que o tempo corria e se aproximava o prazo para o pagamento do novo adicional. Conforme os dias passavam, aumentava o seu desespero. No entanto, dissimulava tão bem os sentimentos, representava tão ao vivo o seu papel que Frank não chegou a suspeitar de nada. Só via nela a linda viúva de Charles Hamilton, que o recebia todas as noites na sala da senhora Pittypat @, boquiaberta de admiração, o ouvia falar dos seus projectos respeitantes ao armazem e dos lucros que esperava obter quando negociasse com madeiras. A terna compreensão de Scarlett e o interesse que lhe iluminava o olhar, enquanto escutava o que ele dizia, era como um bálsamo na feridacausada pelo suposto abandono de Suellen. Frank sofria, espantava-se com o procedimento de Suellen; e o seu amor-próprio de solteirão, que tinha consciência de não agradar às mulheres, estava profundamente ulcerado. Era-impossível escrever a Suellen a censurar-lhe a falta de

147

lealdade, Só esta ideia o fazia estremecer. Mas aliviava o coração falando dela com Scarlett. Sem proferir uma palavra ofensiva para a irmã, Scarlett conseguia mostrar a Frank quanto Suellen o tratara mal e como ele merecia uma mulher que o apreciasse.

Era realmente encantadora a senhora Hamilton com as suas faces rosadas. Dum momento para outro ' c6nforme pensava na sua triste sorte ou se divertia com os tímidos gracejos de Frank, passava de melancolia ao riso alegre e musical, como o badalar de sinos de prata. O seu vestido verde, agora impecável devido aos cuidados de Babá, realçava-lhe a esbelteza do corpo e a forma dos seios pequeninos. E que inebriante o leve perfume do lenço e dos cabelos! Causava dó ver uma rapariga tão adorável sbzinha e indefesa num mundo rude de que ele nem compreendia a rudeza. Nem marido, nem irmão, nem sequer um pai que.a protegesse! Frank achava a vida muito penosa para uma mulher sem ninguém, e, nesse ponto, Scarlett partilhava da sua opinião.

Frank aparecia todas as noites porque o ambiente da casa da tia Pitty era agradável @ reconfortante. Logo à entrada, Babá acolhia-o com o sorriso reservado às pessoas de categoria. Pitty servia-lhe café e conhaque, rodeava-o de atenções. Scarlett ficava suspensa dos seus lábios... Às vezes, durante a tarde, quando tinha negócios a tratar nos arredores, Frank levava-a de carruagem. Esses passeios eram para ela um verdadeiro divertimento, porque Scarlett o cumulava de perguntas tolas. "São, mesmo coisas de mulher", dizia ele consigo. Não podia deixar de rir de tanta ignorância, e Scarlett fazia coro com ele e redarguia: -

Como quer que uma pateta como eu perceba, de negócios?

Em suma, Frank começava a convencer-se de que era um ente excepcional, que Deus o formara de matéria mais nobre do que os outros homens, para que ele protegesse as mulheres indefesas.

Quando por fim chegou a hora do casamento e Scarlett, de olhos baixos, lhe abandonou a mãozinha confiante, ele não sabia ainda como tudo aquilo sucedera. Sabia apenas que, pela primeira vez na vida ' fazia qualquer coisa de romanesco, de sentimental. Ele, Frank Kennedy, agarrar com os seus braços fortes aquela criatura deliciosa! Era uma sensação embriagadora.

Nem amigos nem parentes assistiram ao casamento. As

148

testemunhas foram pessoas desconhecidas, encontradas na rua. Scarlett mostrou-se inflexível neste ponto e Frank tivera de ceder se bem que gostasse de ver a seu lado a irmã e o cunhado de Jonesboro. Dar~lhe-ia também satisfação oferecer um copo-de-água em casa de Pitty e, rodeado de amigos, ouvir os brindes à noiva. Scarlett, porém, nem quisera que a tia os acompanhasse.

- Só nós, ambos, Frank - suplicou. - Corno se fosse um rapto. Sempre tive vontade de fugir e de casar logo. Faze * que te peço meu querido.

Foi esta palavra terna, ainda tão nova aos ouvidos dele, * as lágrimas a marejarem os olhos verdes de Scarlett que triunfaram da sua resistência. No fim de contas, um homem deve fazer algumas concessões à noiva, em especial tratando-se do casamento. As mulheres ligam tanta importância a questões de ordem sentimental!

Assim ele se viu casado, antes mesmo de saber o que lhe acontecia.

Cedendo às ternas instâncias de Scarlett, Frank deu-lhe os trezentos dólares. A princípio mostrou-se relutante, pois custava-lhe renunciar à compra imediata da serração, mas, por outro lado, custava-lhe também ver pôr fora de casa a família da mulher. O caso, porém, é que se sentiu compensado perante a alegria de Searlett e a ternura que ela lhe manifestou como agradecimento da sua generosidade. Frank, que nunca se vira alvo de atenções femininas, deu, afinal, por bem empregado o dinheiro.

Scarlett despachou Babá imediatamente para Tara com o triplo fim de entregar a Will os trezentos dólares, de anunciar o seu casamento e de lhe trazer Wade. Dois dias depois recebia de Will um bilhete, que ela leu e releu com alegria crescente. Informava ele que as contribuições já estavam pagas e que, ao saber disso, Jonas Wilkerson "fizera uma linda cena", mas que não voltara a haver ameaças. Will finalizava desejando muitas felicidades a Scarlett, fórmula lacônica que em nada o comprometia. Will devia compreender as razões que a tinham levado ao casamento e, embora não a

felicitasse, também não a censurava. "Mas que pensará Asliley", perguntava ela a si mesma, angustiada. "Que ideia fará de mim, depois daquilo que eu lhe disse há tão pouco tempo no pomar de Tara?"

149

Também recebeu uma carta de Suellen, com vários erros de ortografia, violenta, injuriosa maculada de lágrimas, carta tão cheia de veneno e de observações exactas acerca do carácter da irmã que esta jamais poderia esquecer ou perdoar. No entanto, a epístola de Suellen não veio sombrear-lhe a alegria de ter salvado Tara pelo menos durante algum tempo.

Não se afazia à ideia de viver daí em diante em Atlanta. No seu desespero, só tinha em mente pagar os impostos, e nunca se havia lembrado de que, salvando Tara se condenava ao exílio. Agora' depois do facto consumado, assediavam-na as saudades. Mas aquilo fora como um negócio e tinha de respeitar os termos em que o fizera. E estava tão grata a Frank por lhe haver proporcionado o dinheiro, que sentia por ele viva afeição e prometia a si mesma nunca lhe dar motivo para se arrepender de a haver desposado.

As senhoras de Atlanta, que não perdiam pitada da vida dos vizinhos, estavam interessadíssimas no caso. Todas sabiam que, durante anos, houvera "entendimento" entre Suellen O'Hara e Frank Kennedy. Este, aliás, fora o primeiro a anunciar que tencionava casar na Primavera. Não foi, pois, de admirar o espanto geral causado pelo inesperado enlace de Frank e Scarlett. E ao espanto sucederam a desconflança e as murmurações. A senhora Merriwether, que nunca deixava de satisfazer a curiosidade, foi ter com Frank e perguntou-lhe à queima-roupa o que significava aquilo de casar com uma irmã depois de namorar outra. Contou ela depois à senhora Elsing que como resposta, só obteve um olhar de parvo. Quanto a S@arlett, nem a própria senhora Merriwether tão destemida se atreveu a interrogar sobre aquele assunto. Embora mostrasse então um ar de doçura e de modéstia, via-se-lhe nos olhos uma expressão de complacência de que ninguém gostava e, além disso, não dava a impressão de pessoa que se deixasse insultar.

Scarlett sabia que toda a cidade falava dela' mas não se importava. E havia alguma coisa de imortal no facto de casar com um homem? Conseguira salvar Tara. Pouco se ralava que o povo falasse. Tinha outras preocupações. Primeiro que tudo, precisava de convencer Frank, de maneira muito diplomática, que o armazém lhe devia dar mais lucro. Depois do susto que apanhara com Iona Wilkerson, só se sentiria tranquila quando ela, e Frank, tivessem algum dinheiro de lado. E ainda, que não surgissem casos

150

de emergência, convinha que Frank aumentasse os seus benefícios para ela poder pagar os impostos do ano seguinte. Para mais, Scarlett não esquecera o que o marido lhe dissera a respeito da serração. Frank podia arranjar muito dinheiro com o referido negócio. Qualquer pessoa o podia com o preço actual das madeiras de construção. No funão, Scarlett sentia-se furiosa por Frank não possuir dinheiro suficiente para os impostos e para tudo mais. De qualquer maneira, ele tinha de conseguir maiores lucros no armazém, e isso devia ser depressa, antes que outro se adiantasse e comprasse a serração. Como a própria Scarlett verificava, aquilo era uma pechincha.

Se ela fosse homem, compraria já a serração, nem que para isso tivesse de hipotecar o armazém. Quando, porém, com muito tacto, sugeriu isso a Frank, no dia seguinte ao casamento o marido sorriu e disse que não afligisse a sua linda cabe'cinha com questões comerciais. Surpreendeu-o o facto de a mulher perceber de hipotecas e, naquele momento, o caso divertiu-o. Mas em breve se desvaneceu essa impressão, para dar lugar a uma espécie de receio, que nunca mais o largou. Uma vez sem pensar, contou a Searlett que vários indivíduos (t@ve o cuidado de não citar nomes) lhe deviam dinheiro, mas que, como era natural, não ia importunar velhos amigos e gente de boas famílias. Mais tarde, lastimou haver dito isso, quando se viu, por diversas vezes, assediado de perguntas. Searlett interrogava-o com ar inocente, fingindo querer saber apenas quanto lhe deviam e

quem eram os devedores. Frank respondia com evasivas, pigarreava nervosamente, agitava as mãos e repetia as fastidiosas observações a respeito da linda cabecinha da mulher. Não tardou Frank a descobrir que essa "linda cabecinha" era mais dotada para cálculo do que a dele, descoberta muito pouco tranquilizadora. Ficou abismado ao ver como ela era capaz de fazer mentalmente somas de muitas par celas, ao passo que ele tinha de recorrer sempre a lápis e papel quando havia mais de três algarismos a somar. Quanto à divisão, também nenhuma dificuldade apresentava para Scarlett, e Frank concluía ser inconveniente o facto de uma mulher perceber assim de contas e de negócios. Quando se possuía um dom tão pouco feminino, mais valeria ocultá-lo, Agora chegava a ter medo de falar desses assuntos a Scarlett, tanto quanto antes do casamento apre-

151

ciava tais conversas. Nesse tempo achava que esses prld' blemas eram muito transcendentos para ela, e não desgostava de lhes fazer compreender. Mas depois, percebendo que, pelo contrário, os entendia muito bem, indignava-se como todos os homens com a duplicidade das mulheres. Também, como todos os homens, sofrera uma desilusão ao verificar que a mulher era inteligente. Nunca ninguém soube ao certo em que altura da sua vida conjugal, Frank desconfiou da partida que Scarlett lhe pregara para casar com ele. Talvez a verdade lhe surgisse quando Tony Fontaine veio tratar de negócios a Atlanta. Ou talvez Frank tivesse os olhos mais abertos pelas cartas que a irmã, estarecida com esse casamento, lhe enviara de Jonesboro. Com certeza que não foi a própria Suellen quem o informou. Esta nunca lhe escrevia e, é claro ele poupava-se ao trabalho de lhe dar explicações. E para quê, se já estava casado? Tremia só à ideia de que Suellen nunca chegasse a saber o que o levava àquele casamento e o acusasse sempre de a haver traído sem motivo plausível. Provavelmente toda a gente o criticava e isso colocava-o numa situação deplorável. Não dispunha de nenhum meio para provar a sua boa fé, pois não ia proclamar alto e bom som que perdera a cabeça por uma mulher. Nem, como cavalheiro, lhe ficaria bem confessar que Scarlett o apanhara com o engodo duma mentira. Scarlett era sua esposa e tinha o direito de contar com a lealdade do marido. Além disso, não queria convencer-se de que ela se lhe unira friamente, sem sentir a mais pequena afeição. Não lhe permitia a vaidade masculina fazer fincapé nesta hipótese, Era-lhe mais agradável pensar que Scarlett se apaixonara por ele tão bruscamente que mentira de modo deliberado só para atingir os seus fins. Nada disso, porém, deixava de ser inquietante. Sabia não ser uma grande conquista para uma mulher bonita e muito mais nova que ele,* mas Frank era bem educado e não revelou a sua preocupação. Não queria ofender a mulher com perguntas insidiosas, que aliás não remediariam nada. Também não fazia empenho em remediar as coisas, pois o seu casamento afigurava-se-lhe feliz. Scarlett era a mais encantadora, a mais adorável das esposas e ele considerava-a perfeita em tudo ' excepto quando s@ mostrava obstinada. Se lhe faziam as vontades tudo ia bem, mas se lhe resistiam... Quando não a contrariavam, era alegre como

152

um passarinho, ria às gargalhadas brincava sentava-se nos joelhos do marido, puxava-lhe pelas barbas, áe tal modo que ele se sentia remojado. Mostrava-se terna, atenciosa; punha-lhe as chinelas a aquecer diante do lume quando ele regressava à noite, procurava evitar-lhe resfriamentos, não se esquecia de que o marido gostava de moela de galinha e de que preferia ocafé bem adoçado. Sim, a vida era suave e confortável ao lado de Scarlett... contanto que deixassem a esta o pulso livre. Duas semanas depois de casar, Frank apanhou gripe e o Dr. Meade mandou-o ficar de cama. No primeiro ano da guerra, Frank estivera dois meses no hospital com uma pneumonia, e desde então vivera com o permanente receio de ter outra vez aquela doença. Sentiu-se portanto contente por transpirar debaixo de três cob@rtos e @cber as tisanas escaldantes que Babá e a tia Pitty lhe traziam a toda a hora.

Prolongou-se a gripe e, conforme passavam os dias, mais Frank se enchia de preocupações por causa do armazém. Confiara a direcção da loja ao caixeiro que todas as noites, lhe vinha prestar contas dos negócios efectuados durante o dia, mas isso não lhe bastava. Tão apoucado se mostrou uma vez que Scarlett, aproveitando a ocasião, lhe pôs a mão fresca na testa e declarou: -Acabo por me zangar se continuas a afligir-te dessa maneira. Vou eu mesma ver o que se passa no armazém.

E foi. Nas primeiras três semanas do casamento ardera em desejos de meter o nariz nos livros comerciais do marido e verificar a quantas andavam de finanças. Que sorte Frank. Já era adoecido! O armazém ficava próximo do entroncamento. O telhado novo cintilava contrastando com as paredes enegrecidas pelo fumo. Avançando até ao meio da rua, protegiam o passeio várias tábuas, assentes sobre pilares, que se ligavam entre si por barras de ferro, às quais amarraram cavalos e mulas. Os animais, para melhor se defenderem da chuva gelada, baixavam a cabeça; tapavam-lhe o dorso colchas e cobertores rasgados.

O interior do armazém assemelhava-se muito ao de Bullard, em Jonesboro, com a diferença apenas de que não havia ociosos diante do fogão nem jactos de saliva suja de tabaco nos escarradores de areia. Era, porém, maior do

153

que o de Bullard, e mais sombrio. O toldo de madeira ocultava grande parte da claridade nos dias invernosos, a qual só entrava, e a custo, pelas janelas estreitas das paredes laterais, conspurcadas pelas moscas. No soalho havia serradura espalhada e, por aqui e ali, notava-se pó e sujidade. Reinava, todavia, certa ordem nas largas prateleiras onde se guardavam peças de fazenda vistosa: loiças, utensílios de cozinha e bagatelas; mas ao fundo, atrás do tabique, a confusão era evidente. Nesta parte não existiam prateleiras. Ao acaso, no chão de terra batida, empilhavam-se objectos heterogêneos. No meio da obscuridade, Scarlett distinguiu caixotes e trouxas de mercadorias, arados e arreios, selas e ataúdes de pinho. Acumulavam-se ao-santos móveis de segunda mão, uns de madeira barata e outros de mogno e pau-santo; não era raro descobrir-se uma poltrona revestida de brocado ou outra peça mais rica. Juncavam o chão bacios, jarros, alguidares... Junto das paredes abrigavam-se arcas enormes, mas o escuro era tão denso que Scarlett teve de aproximar um candeeiro para verificar que elas continham sementes, pregos, ferrolhos e ferramentas de carpinteiro.

"Sempre julguei que Frank fosse mais arrumado - pensou Scarlett limpando com o lenço as mãos cheias de pó.

- Isto é um pocilga, não é um armazém. Seria melhor que ele espanejasse tudo o que tem aqui armazenado e expusesse os objectos lá fora, de modo a que os pudessem ver e comprar".

A avaliar pelo que via, como não estariam as contas! "Vou já deitar uma vista de olhos aos livros" decidiu Scarlett. E, pegando no candeeiro, encaminhou-se para o outro lado do armazém. Não foi de boa vontade que Willie, o caixeiro, lhe deu o livro-mestre. Decerto que, apesar de muito novo, partilhava da opinião de Frank e achava que as mulheres não se deviam intrometer em negócios. Scarlett, porém, fê-lo calar com uma frase ríspida e mandou-o ir almoçar. Sentiu-se mais à vontade sem aquela presença incomodativa e instalou-se numa poltrona junto do fogão aceso, com o livro no regaço. Eram horas de almoço e as ruas estavam desertas. Não havia perigo de ser importunada por clientes.

Voltou as páginas lentamente, observando as filas de nomes e as colunas de números escritas pela mão minuciosa de Frank. Era tal qual a que ela esperava, e franziu

154

as sobrancelhas ao descobrir mais esta falta de jeito para negócio manifestada pelo marido. Em frente de nomes seus conhecidos entre outros o dos Merriwethers e dos Elsings, figuravam importâncias cujo montante atingia pelo menos quinhentos dólares. Quinhentos dólares em prestadas dívidas antigas, talvez de vários meses! Depois do que Frank lhe dissera acerca do

dinheiro que "vários indivíduos" lhe deviam, Scarlett julgara tratar-se de somas insignificantes. Mas qual!

"Se não podem pagar, para que continuam a comprar coisas?" pensou Scarlett, indignada. "E se ele sabe que não lhe pagam, por que continua a fornecê-los? E muitos deles podiam reembolsá-lo, se Frank quisesse. Os Elsings, por exemplo, visto que tiveram posses para oferecer um vestido de cetim a Fanny e dar uma festa dispendiosa. Frank tem um coração bom demais, e os outros aproveitam e vão-no explorando. Se ele conseguisse reaver metade deste dinheiro, já podia comprar a serração... e não se faria rogado para me dar o preciso para os impostos".

"Quando penso que ele pretende dirigir uma serração!" murmurou Scarlett. "Se transformou esta loja numa instituição de caridade, como se pode esperar que obtenha lucros com o comércio de madeira? Ao fim de um mês o xerife vendia-lhe a serração em hasta pública... Sou capaz de dirigir esta loja melhor do que ele. E até uma serração, embora não perceba nada de madeiras ... "

Uma mulher mais competente em negócios do que um homem! Que ideia revolucionária para Scarlett, que fora embalada na tradição de que os homens são omniscientes e as mulheres mais ou menos estúpidas! É claro, ela já vira que isso não, era verdade mas conservava ainda no espírito aquela agradável ficção. Até aí, nunca exprimira com palavras essa ideia notável. Ficou imóvel com o grosso volume sobre o regaço, um tanto boquiaberta de surpresa, a pensar que, durante aqueles meses de privação em Tara, exercera trabalhos de homem e se saíra muito bem. Fora educada na crença de que uma mulher sózinha nada pode fazer, e no entanto, até à chegada de Will, dirigira a plantação sem auxílio masculino.

"Convenço-me de que as mulheres podem fazer seja o que for sem a ajuda dos homens... excepto ter filhos, e Deus sabe que nenhuma mulher de juízo os deseja ter".

À lembrança de que era tão competente como um

155

homem, dominou-a súbito orgulho e violento desejo de pôr à prova a sua capacidade de ganhar dinheiro, dinheiro que lhe pertenceria e do qual não tinha de prestar contas a ninguém.

"Queria ganhar bastante, para eu mesma comprar a serração", disse ela em voz alta, e soltou um suspiro. "Tenho a certeza de que o negócio prospera comigo ali... De mim é que não apanhavam nem uma tábua a crédito".

Tornou a suspirar. Não via possibilidade de arranjar o dinheiro; portanto, devia pôr de parte aquela ideia. O que havia a fazer era Frank tentar reaver o que lhe deviam e comprar a serração. Depois ela teria de descobrir maneira de lhe incutir mais jeito para o comércio do que ele patenteara na gerência do armazém.

Scarlett rasgou uma página em branco do livro e começou a copiar a lista dos devedores que não tinham pagado nada nos últimos meses. Quando chegasse a casa conversaria com Frank do assunto. Far-lhe-ia compreender que essas pessoas deviam liquidar as suas contas, embora fossem amigos dele e o incomodasse o facto de lhes exigir o dinheiro. Frank ia ficar sobressaltado, porque era tímido e queria a todo o custo, a estima dos vizinhos. Com a sua susceptibilidade, preferia perder dinheiro a reclamar o pagamento.

Diria certamente que ninguém se encontrava em situação de o reembolsar. No fim de contas, talvez fosse verdade.

O, que imperava era a pobreza. Mas quase toda a gente possuía ainda pratas e jóias, ou até um palmo de terra. Frank podia-se contentar com, isso, à falta de pagamento em dinheiro,

Scarlett imaginava sem dificuldade as lamentações do marido quando lhe expusesse tal ideia. Ficar com as jóias e prédios dos amigos! "Pois que se lastime à vontade", pensou ela encolhendo os ombros. "Dir-lhe-ei que, se quiser; empobrecer para agradar -aos amigos, mas eu é que não vou nisso. Frank nunca alcançará nada se não tiver um pouco de energia, e é forçoso que a tenha. Preciso de ganhar -dinheiro, nem que eu me arvore em homem da casa".

De rosto contraído e língua presa entre os dentes, estava ela muito ocupada a copiar a lista quando se abriu a porta da rua e uma corrente de ar frio varreu o armazém. Com a ligeireza dum índio,

atravessou c> compartimento um homem de elevada estatura, e Scarlett, erguendo os olhos, viu Rhett Butler.

156

Elegantíssimo no seu fato novo, trazia um capote sobre os ombros maciços. Tirou o chapéu, num cumprimento rasgado, quando ela c> olhou cheia de espanto e levou a mão ao peito onde brilhava uma camisa imacuiada.

-Minha cara senhora Kennedy! -exclamou, avançando para Scarlett e soltando uma gargalhada. De começo ela teve tanto medo como se um fantasma lhe houvesse surgido no armazém. Depois, desembaraçando a perna sobre que se tinha sentado, endireitou-se e lançou a Rhett um olhar glacial. - Que faz aqui? -Fui visitar a senhora Pittypat. Soube do seu casamento e apressei-me a vir apresentar as minhas felicitações.

A lembrança da humilhação por que passara quando Rhett lhe havia examinado as mãos fê-la corar de vergonha.

- Parece incrível que ainda tenha o descaramento de se mostrar diante de mim! - exclamou.

- Pelo contrário! Eu é que admiro o seu descaramento.

- Oh! Você é o maior... -Se tocássemos a cessar fogo? -sugeriu ele com um largo sorriso.

Sem querer, _Scarlett sorriu também, mas com um sorriso forçado e pouco seguro.

-Que pena não o terem enforcado! -Nem todas as pessoas são da sua opinião. Vamos, Scarlett, não faça carrancas, que não lhe ficam bem. Já teve tempo de se restabelecer da minha... brincadeira.

-Brincadeira? Nunca a esquecerei. -Isso passa. Mostra-me esse ar carrancudo só porque julga ser da sua obrigação e porque lhe dá um aspecto respeitável. Posso sentar-me?

- Não. Rhett deixou-se cair numa cadeira junto de Scarlett e riu-se.

-Soube que nem foi capaz de esperar por mim duas semanas - observou - simulando um suspiro. - As mulheres são muito inconstantes! - Não obteve resposta e prosseguiu: - Aqui entre nós, velhos e íntimos amigos - diga-me uma coisa: não, teria sido mais sensato esperar que eu saísse da cadeia? Ou considerou a vida conjugal com Frank Kennedy mais atraente que as relações ilícitas comigo? Como sempre que Rhett troçava dela, Scarlett sentiu

157

uma onda de indignação, mas, ao mesmo tempo, veio-lhe grande vontade de rir por tamanha impudência. _ Não diga disparates.

-n capaz de satisfazer a minha curiosidade sobre um ponto que me atormentou durante certo tempo? Não experimentou certa repugnância feminina, a sua delicadeza não se impressionou com o facto de casar não com um mas com dois homens a quem não dedicava amor nem afeição? Ou fui mal informado com respeito à sensibilidade das mulheres sulistas?

- Rhett! -Pronto, já respondeu, Sempre desconfiei que as mulheres possuíam energia e resistência que os homens desconhecem, embora me inculcassem desde a infância que eram criaturas frágeis, ternas e sensíveis. Mas pensando bem, e consoante a moda seguida na Europa, nã@ é de bom tom haver amor entre marido e mulher. P, mesmo de muito mau gosto. Sempre achei que os Europeus tinham razão neste ponto. Casa-se por interesse e ama-se por prazer. Sistema inteligente, não é verdade? Você está mais perto da mãe-pátria do que eu julgava.

Quanto. lhe agradaria ripostar: Não me casei por interesse! Inteligente, Rhett sabia o que dizia e qualquer protesto de inocência só faria desencadear nova revoada de sarcasmos.

- Que bem você discorre! - limitou-se a comentar. E ansiosa por mudar de assunto, perguntou: - Como cons@guiu sair da prisão?

- Isso não foi difícil - replicou ele, com um leve gesto desdenhoso.-Puseram-me em liberdade esta manhã. Devo-o ao facto de ter manejado um delicado sistema de ameaça de revelações contra um dos meus amigos de Washington, que desempenha altas funções nos conselhos do Governo Federal.

Esplêndido tipo... um dos pilares da União, a quem comprei muitos arcabuzes para os confederados. Ao saber da minha situação trágica apressou-se a interceder em meu favor, usando a sua influência, e assim me deram a liberdade. A influência é tudo Scarlett. Se um dia for presa, lembre-se de que só a influência é que conta; a culpa ou a inocência não passam de uma simples questão de formalidade.

-Era capaz de jurar que você não está inocente.

- Agora que já me soltaram, posso confessar que sou

158

tão culpado como Caim. Matei realmente o preto. Faltou ao respeito a uma senhora. Podia proceder doutra forma um cavalheiro sulista? E, já que entrei no domínio das confissões, quero dizer-lhe que também dei cabo de um yankee, depois duma discussão numa taberna. Não me acusaram desse pecadilho, e é possível que qualquer outro pobre diabo fosse há muito tempo enforcado em meu lugar.

Falava com tanta desenvoltura dos seus crimes que Scarlett ficou arrepiada. Ia manifestar a sua indignação quando, de repente, se lembrou do yankee que jazia sob o solo de Tara. A sua morte pesava-lhe tanto na consciência como a dum verme que ela houvesse pisado. Não tinha o direito de censurar Rhett, visto ser tão culpada como ele.

- E finalmente, como estou em maré de desabafos, dig(>-lhe muito em segredo (isto significa que não deve falar do caso à sua tia Pitty) que o dinheiro se encontra em segu@rança num Banco de Liverpool.

-O dinheiro?

- Sim, aquele que despertava tanta curiosidade aos yankees. Scarlett, não foi por mesquinhez que não lhe emprestei a importância que me pediu. Se eu lhe passasse, um cheque, eles seguiam-lhe o rasto e você não recebia um centimo. A minha única possibilidade era conservar~me mudo e quedo. No entanto eu sabia que o dinheiro não corria grande risco, pois, na pior das hipóteses isto é se descobrissem o seu paradeiro eu denunciari@, todos' os patriotas yankees que me ven'deram armas e munições durante a guerra. Ora isso causaria um escândalo dos dias, porque alguns deles são hoje grandes individualidades em Washington. Em suma, foi unicamente o receio de que eu falasse que me valeu sair da prisão. Eu...

- Quer dizer... que tem de facto o oiro da Confederação?

- Não todo. Deve haver pelo menos cinquenta tipos que transferiram boas somas para Nassau, Inglaterra e Canadá. Não somos muito bem vistos pelos confederados que foram menos espertos que nós. Eu tenho cerca de meio milhão. Imagine Scarlett meio milhão de dólares! Ah, se tivesse dominado o seu 'feitio impetuoso, se não se atirasse de cabeça a novo casamento ... ! Meio milhão de dólares! À !dela de tal soma ' Scarlett, sentiu como que uma dor física. Já nem ouvia as frases trocistas de Rhett. Custava-lhe a crer que existisse tanto dinheiro neste vale de lágrimas onde reinava a miséria.

159

Tanta riqueza nas mãos de quem não precisava! E pensar que ela só conseguira um marido velho e doente, aquela loja imunda e a hostilidade geral! Não era justo que Rhett Butler, um pária, dispusesse de tanto dinheiro e ela, que tão pesado fardo carregava, possuísse tão pouco. Sentiu uma onda de ódio ao vê-lo alícom. aquele ar de janota a dirigir-lhe motejos.' A verdade é que ela também não, merecia felicitações pela sua habilidade. Scarlett tentou vingar-se com palavras que o ferissem.

-Acha bonito ficar com o dinheiro da Confederação? Eu não acho. n um roubo., bem o sabe. Não queria ter isso na consciênc@a.

--Ah! Estão verdes não prestam!-volveu Rhett, fazendo uma, careta. -Quererá explicar quem são OS roubados?

Searlett ficou calada. No, fim de contas, ele só fizera o que Frank tinha feito em pequena escala.

- Metade desse dinheiro é muito meu - continuou Rhett. - Ganhei-o honestamente com o auxílio de bons patriotas da União que estavam dispostos a vender à pátria com lucro de cem por cento. Parte desse dinheiro é o resultado da maneira como empreguei os meus capitais. No princípio da guerra comprei algodão por matuta e meia e revendi-o a dois dólares ao quilo, quando as fábricas inglesas de fição o queriam por qualquer preço. Outra parte provém das minha& especulações com mantimentos. Por que havia de deixar os yankees aproveitarem o fruto do meu trabalho? Mas o resto pertence à Confederação. Deriva do alg(>dão confederado que consegui mandar para fora do país e que vendi a preços fabulosos no mercado de Liverpool. Deram-me esse algodão, de boa fé para que eu em troca os fornecesse de cabedais, armas e máquinas. E eu também de boa fé tencionava cumprir a minha missão. Recebi ordem para depositar o oiro em meu nome nos Bancos ingleses, a fim de que o, meu crédito, fosse bom. Quando apertaram o cerco, vi-me na impossibilidade de fazer com que saísse ou entrasse no porto confederado. Que resolução tomar? Levantar todo esse oiro dos Bancos ingleses, como um palerma, e esforçar-me por enviá-lo por Wilmington, para que os yankees lhe deitassem a mão? Foi culpa minha se a Causa não triunfou? O dinheiro pertencia à Confederação. Ora a Confederação deixou de existir... embora se duvide quando se ouve falar certas pessoas. A quem entregar o dinheiro? Ao

160

Governo yankee? Custa-me tanto pensar que me tomam por gatuno que ainda me vou agarrar a esta solução.

Olhando para Scarlett como se estivesse ansioso de saber a opinião dela, tirou'da algibeira um estojo de cabedal, serviu-se dum charuto de grandes dimensões e cheirou-o como fumador entendido.

"Diabos o levem", pensou Scarlett. "Corta-me sempre as vazas. Há qualquer coisa que falta na argumentação deste homem Mas qual é, ao certo? Gostava de descobrir".

- àavia distribuir esse dinheiro pelos mais necessitados -disse ela em voz alta, num tom cheio de dignidade. -

A Confederação já não existe, mas há ainda muitos confe-@ derados que morrem de fome, eles e as respectivas famílias.

Rhett lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

-Quando diz hipocrisias dessas você fica mais encantadora do que nunca. Profira sempre a verdade, Scarlett. Não deve mentir. Os irlandeses não têm jeito nenhum para mentirosos. A si, pouco importa a Confederação e pouco importa que os confederados morram de fome. Se eu comesse a distribuir este dinheiro sem lhe dar, a você, a parte do leão... quantos protestos não sairiam da sua boca?

- Não preciso do seu dinheiro - replicou ela, procurando conservar-se calma.

-Ora, ora... Já está de mão estendida. Bastava que eu mostrasse uma das moedas... Você saltava-lhe logo em cima!

- Se veio. aqui para me ofender e rir da minha pobreza, peço-lhe que se retire já -declarou Scarlett, tentando desenhencilhar-se do pesado livro para poder levantar-se e dar mais força às s-uas palavras.

Num abrir e fechar de olhos, Rliett precedeu-a e, inclinando-se risonho, obrigou-a a sentar-se outra vez.

- Quando é que deixa de se enfurecer ao ouvir dizerem-lhe a verdade? Você que não tem papas na língua, por que se incomoda ao @scutar o que pensam de si? Não a insultei. Considero até a ganância uma bela qualidade. Aliás, não vim cá para me regozijar com a sua pobreza, mas sim para lhe desejar muitos anos de felicidade conjugal. A propósito, qual foi a reacção da mana Suellen ao ver-se esbulhada?

- Ver-se quê?

- Eu não...

- Vamos não se ponha com evasivas. Que disse ela? -Nada,-' declarou Scarlett. Os olhos de Rhett brilharam de malícia.

- Vê-se que a mana não é egoísta. Agora falemos de si, da sua penúria. Julgo que tenho o direito de saber depois da visita que me fez na prisão, não há muito tempo@. Frank não é tão rico como você calculava?

Não havia forma de escapar àquele impudente. Ou tinha de o ouvir, ou então expulsá-lo quanto antes. E o pior é que ela não sentia vontade de o mandar embora. Rliett falava-lhe com dureza, mas o que dizia era justo: sabia o que Scarlett fizera, as razões que a haviam levado a isso e parecia não a ter, afinal, em muito má conta. Embora aquelas perguntas a magoassem, denotavam no fim de contas interesse de amigo. Ali estava uma pessoa a quem se podia contar tudo. Esta ideia dava-lhe certo alívio, pois ultimamente Scarlett não encontrara ninguém com quem desabafar. Sempre que procurava exprimir os seus sentimentos, os outros mostravam-se melindrados. Falar com Rhett só se comparava a uma coisa: à impressão de bem-estar que se sente quando se descalça um par de sapatos apertados para enfiar umas chinelas confortáveis.

-Não conseguiu o dinheiro para as contribuições? -

insistiu ele, num tom de voz diferente. -Não me diga que Tara ainda corre perigo de se perder. Scarlett ergueu a cabeça, fitou-o e surpreendeu-lhe uma expressão que de começo a intrigou e depois a levou a sorrir, sorriso calmo e confiante que já não. lhe era habitual. Aquele homem era um perverso mas .como, às vezes, se tornava simpático! Compreende@ que ele não viera procurá-la para a arrelhar, mas para saber se conseguira o dinheiro por que tanto ansiava. E compreendeu também que, sem o dar a entender, Rhett correra logo, ao sair da prisão para lhe emprestar a soma de que lhe falara anteriorm@nte. Contudo, seria capaz de a atormentar e de negar até qual fora o seu intento. Chegava a ser incompreensível! Querer-lhe-ia assim tanto, mais do que a própria Scarlett poderia supor? Ou haveria outro motivo para a visita? Sim, isto devia ser o mais natural. Mas nunca se podia saber, porque esse homem fazia às vezes coisas bastante estranhas.

- Não - respondeu por fim. - Tara já não corre perigo. Obtive o dinheiro.

162

- Mas não sem esforço, com certeza. Apanhou-o mesmo antes do... casamento?

Scarlett diligenciou ficar séria perante aquela exposição exacta das suas manobras; mas não pôde evitar que um sorriso lhe aflorasse aos lábios. Rhett voltou a sentar-se e estirou as pernas, sem constrangimento.

- Conte-me coisas da sua vida. Esse idiota do Frank desiludiu-a? Merecia uma, boa lição se por acaso abusou duma mulher abandonada. Vamos Scarlett conte-me tudo. Para mim não deve ter segredos. Eu já sei o pior...

-Oh., Rliett pois atreve-se!... Não, ele não me desiludiu, mas... - D@ súbito, sentiu grande prazer em pôr a nu o coração. - Rliett, se Frank quisesse reembolsar-se do que lhe devem, as minhas preocupações acabavam. Mas que quer? Há cinquenta pessoas que lhe são devedoras e ele não se resolve a exigir o dinheiro! Não tem jeito para o negócio. Diz que um cavalheiro não pode pedir a outro cavalheiro o pagamento duma dívida... Vai ser preciso esperar meses... ou a vida inteira... para realizar os créditos.

- E daqui até lá? Vocês têm com que se governem?

- Temos é verdade mas... se eu pudesse conseguir certa soma, íalvez que...'- Pensando na serração, os olhos de Scarlett cintilaram.

- Para quê? Mais impostos?

- Não, é da sua conta...

- n sim, porque você está vai não vai a pedir-me um emprésímo. Conheço os preliminares. E o que tem graça é que estou disposto a aceder... sem a tal garantia que me ofereceu em tempos. A não ser que você torne a insistir...

- Nunca vi um homem tão ordinário!

- Nem por isso. Quis apenas pô-la à vontade. Sabia que o caso a apoquentava... não muito ' mas enfim alguma coisa. Pois eu empresto-lhe o dinheiro. Qu@ro ape@as saber a que o destina. Julgo que não é grande exigência. Se vai comprar vestidos ou carruagem, tome-o lá com todo o gosto; agora, se for para umas calças nGvas: a oferecer a Asliley Wilkes... apetecia-me recusar.

Sufocada por uma repentina cólera, Scarlett gaguejou até que pôde articular a resposta:

-Ashley Wilkes nunca recebeu um cêntimo que me pertencesse. Nem o aceitaria, ainda que estivesse a morrer de fome. Nem faz ideia de quanto ele é orgulhoso e honesto.

163

P, claro que você, com a sua vida, dificilmente compreenderá...

- Não recomece a. chamar-me nomes, Eu seria capaz de retribuir com outros, no mesmo gênero. Lembre-se de que, através da senhora Pittypat fiquei ao corrente da sua situação. Ela não se fez roga6 para contar tudo o que sabia. AshIey não saiu de Tara, depois que voltou de Rock Island, e você teve de dar hospedagem à mulher dele, por iriais que isso lhe custasse.

- AshIey é...

- Bem sei - atalhou Rhett, fazendo um gesto indolente com a mão. - AshIey é um ente sublime, que os pobres terráqueos mal compreendem. Não esqueça, de que fui testemunha (e muito interessada) da cena tão terna que teve com ele nos Doze Carvalhos. Desconfio que o homem não mudou daí para cá. Você também é a mesma. Naquele dia, ele não fez bonita figura se bem me recordo. Não tinha nada de sublime! Calculo que 'ho@e seja igual ao que era então. Por que não leva ele a família para outro lado? Por que não procura trabalho? Por que se meteu em Tara? Entre homens, há uma palavra para definir os que se deixam sustentar pelas mulheres...

- Atreve-se a falar desse modo? AshIey trabalha na quinta! - Recordava-se da ocasião em que o vira a talhar estacas, e o coração enterneceu-se-lhe.

-Vale quanto pesa, o cavalheiro! Com que delicadeza há-de ele lançar o estrume à terra...

- Ashley...

- Bem sei. Admitamos que faz o melhor que pode. Mas não creio que seja de grande ajuda. Nunca você conseguirá transformar um Wilkes num lavrador.]@ uma raça puramente ornamental. Não se exalte e oiça as minhas considerações sinceras acerca do orgulhoso e honesto AshIey. P, esquisito como persistem ilusões desta ordem, mesmo em mulheres que têm, como você a cabeça no seu lugar. Então diga lá: de quanto precisa? ó que vai fazercom esse. dinheiro? - Scarlett não respondeu e ele continuou: -

Para que é? Faça o possível de me ialar com toda a franqueza, Se mentir, eu acabarei por saber a verdade, e pense quanto isso seria desagradável para si. Lembre-se sempre, Scarlett, de que aceito tudo menos uma mentira. Suporto a sua antipatia, as suas zangas as suas manhas, mas uma peta, não! Então: para que é @ dinheiro?

164

Indignada pelo ataque feito a AshIey ela desejaria recusar-lhe a oferta, sem mais explicaçõe@.

Durante uns segundos, esteve tentada a fazê-la, mas o bom-senso acabou por vir à tona, Dominou a custo o seu furor e diligenciou aparentar uma expressão de calma dignidade. Rhett, entretanto, recostara-se na cadeira, espetando as pernas na direcção do lume.

-Não há nada no mundo que me divirta mais - confessou ele -do que vê-la lutar consigo mesma, quando os princípios morais combatem as questões de ordem prática que pretendem impor os seus direitos. P, claro que estas vencem sempre aqueles... mas tenho curiosidade de observar se, algum dia, se dá o contrário. Há muitas mulheres em quem geralmente triunfam os sentimentos. Se lhe

acontecer uma coisa dessas, eu faço as malas e vou-me embora de Atlanta. Voltemos, porém, à vaca fria: quanto e para quê?

-Ao certo, não sei de - quanto necessito -respondeu ela astuciosamente. - P, para comprar uma serração... e suponho que a alcançarei por pouco dinheiro. Se a comprar, preciso também de duas mulas. Quero mulas que sejam boas. E também um cavalo e um trem para meu uso pessoal.

- Uma serração?

- Sim, se me emprestar o dinheiro. Dar-lhe-ei cinquenta por cento dos lucros.

-Que diabo faria eu duma serração?

- Podia transformá-la numa mina de ouro. Ganharíamos fabulosamente. Mas, se prefere, pago-lhe só os juros do empréstimo. Qual é a taxa?

- Cinquenta por cento é razoável...

- Ah, deixe-se de brincar! Falo a sério.

- n por isso que eu rio. Gostava de saber se mais alguém percebe, como eu, o que se passa por trás dessa carinha enganadora,

-E isso que importa? Escute-me, Rhett e digame se o negócio é bom ou não. Frank ' há dias f'alou-me desse sujeito que tem uma serração, para os laços de Peachtree Road, e que a deseja vender. O homem precisa de dinheiro a todo o custo e desfaz-se da fábrica por um preço barato. Há poucas serrações por aqui, e com esta mania da reconstrução... Podíamos vender a madeira a como quiséssemos! Ele continuaria à frente do negócio, a troco de ordenado.

165

Êââ

Se Frank tivesse dinheiro era ele quem comprava a fábrica.' Desconfio que destin@va a isso a importância que me cedeu para eu pagar as contribuições.

-Coitado do Frank! Que irá ele pensar, quando lhe disser que você mesma se adiantou ao seu projecto? E como lhe explicará que lhe emprestei a quantia necessária, sem comprometer a sua reputação?

Scarlett não se lembrara disso, tão interessada. estava nos lucros que ia obter.

-Ora, não se lhe diz nada!

- Em todo o caso, ele sabe que você não dispunha dessa importância...

- Digo-lhe então... Espere, digo-lhe que vendi os brincos de diamantes. Demais a mais, tencionava dar-lhos * você... como garantia...

- Não aceito.

- E eu não quero ficar com eles. Não os aprecio muito, * no fim de contas, não são bem meus. -De quem são? Scarlett evocou aquele dia quente de Tara e o morto estendido no vestibulo, de uniforme azul.

- Foram-me deixados... por alguém que morreu. Sim, são meus. Tome-os, não os quero. Prefiro reduzi-los a dinheiro.

- Santo Deus! -exclamou Rhett. - Você não pensa noutra coisa!

-P, verdade- replicou ela ' com toda a franqueza, olhando-o de frente. - Se passasse pelo que eu passei, diria igualmente que o dinheiro é a coisa mais importante do mundo. Deus é testemunha de que estou resolvida a nunca mais voltar à penúria.

Velo-lhe à memória o sol ardente, a terra mole e vermelha que lhe servira de cama, o cheiro da gente negra que se evolava das cubatas, por trás das ruínas dos Doze Carvalhos. "Nunca mais passarei fome! Nunca, mais!"

- Mais dia menos dia - continuou em voz alta - terei dinheiro suficiente para comer tudo o que for do meu agra o. Hão-de acabar as papas de milho e as peras assadas. E terei vestidos bonitos, todos de seda...

- Todos?

- Todos - repetiu Scarlett, sem sequer pestanejar. -

Hei-de ter bastante dinheiro para que os yankees não possam nunca tirar-me Tara. Mandarei mudar o telhado

166

da casa, reconstruir o celeiro, e, com as boas mulas que tenciono comprar para lavrar a terra, a colheita de algodão será coisa nunca vista. Wade terá enfim tudo o que precisa. Dar-lhe-ei tudo o que se pode imaginar. E a minha família não tornará a passar fome. Verá. Hei-de cumprir o que estou a dizer. Você, é claro, não pode compreender-me. É tão egoísta! Além disso'nunca se viu na iminência de ser posto fora de casa pelos Sacolas. Nunca teve frio, nunca andou coberto de andrajos nem se viu obrigado a trabalhar como um negro para não morrer de fome.

- Passei oito meses no Exército da Confederação -

observou Rhett em tom plácido. - Não conheço melhor sitio para se morrer de fome.

- O Exército! Ora, ora! Você nunca apanhou algodão, nem semeou milho... Não esteja a rir-se de mim!

Rhett pegou-lhe nas mãos.

- Não me rio de si. Rio-me da diferença que existe entre o que você parece e o que é realmente. Não me esqueço da primeira vez que a vi, na festa dos Wilkes. Estava de vestido verde e sapatinhos da mesma cor. Todos os homens a rodeavam e você mostrava-se muito cheia da sua pessoa... Aposto que nesse tempo nem sabia quantos centimos tem um dólar. Nesse dia, você só pensava numa coisa: seduzir Ashley.

Scarlett desprendeu as mãos com gesto, violento.

- Rhett 'se quer que continuemos bons amigos, não volte a falar-me de Ashley Wilkes. Será sempre para nós o pomo de discórdia, porque não o compreende, não o pode compreender.

-Ao passo que você lê nele como um livro -volveu Rhett com malícia. - Não, Scarlett 'se tu lhe empresto o dinheiro também tenho o direito de falar de Ashley Wilkes nos termos em que me apetece. Renuncio ao direito de reclamar os juros do empréstimo, mas não a esse. Aliás, há certo número de coisas que eu gostaria de saber acerca desse sujeito.

-Nada direi a respeito de Ashley. -Está enganada, Lembre-se de que eu é que seguro os cordões da bolsa. Quando você for rica terá o poder de fazer o mesmo aos outros. É claro como água que o ama ainda '

l@ão o amo. Basta ver a maneira como o defende.

167

-Não admito que meta a ridículo os meus amigos.

- Trataremos depois desse assunto. Ora diga-me cá: ele ama-a sempre ou a prisão fê-lo esquecer o amor que lhe dedicava? Talvez acabasse por compreender a jóia de esposa que tem...

Esta alusão a Melanie deixou Scarlett ofegante. A sua vontade seria contar tudo a Rhett, explicar-lhe que só a honra retinha Ashley ao pé da mulher. Abriu a boca para falar, mas fechou-a logo.

-Oh, percebo! Ainda não lhe chegou a sensatez para apreciar a senhora Wilkes. Os rigores da prisão não lhe apagaram o fogo que você lhe ateou?

-Não vejo necessidade de prolongarmos esta conversa. -Pois eu veio, e espero que me responda -redarguiu Rhett num tom de voz que desagradou a Scarlett e a deixou intrigada. - Continua apaixonado por si? - insistiu ele.

- E se assim for, que tem com isso? - repl'cou Scarlett, irritada. -Não quero falar~lhe de Ashley.

Você é incapaz de o compreender, a ele e ao seu modo de amar. O gênero de amor que você conhece é só aquele que sente por criaturas como a Watling.

- Oh, oh! - exclamou Rhett, em voz branda. - Com que então só me considera susceptível de amor carnal.

- Sabe perfeitamente que é assim.

- Compreendo agora a sua repugnância em tratar comigo do assunto. As minhas mãos e os meus lábios impuros maculariam a pureza do vosso amor.

- Sim... mais ou menos. -Estou interessadíssimo por esse amor tão inocente. -Não se ponha com insinuações. Se é tão vil para imaginar que existe alguma coisa de mau entre nos...

-Nunca tal ideia me passou i)ela cabeça. Eis porque tudo isso me interessa tanto. Gostaria bastante de saber porque é que nunca houve nada de mau entre ambos.

-Julga que Ashley faria...

- Ah foi Ashley e não você quem desencadeou a luta pela pur@za! Francamente, Scarlett, não esperava que se traísse com tanta facilidade.

Confusa e revoltada, Scarlett lançou um olhar furibundo a Rhett, que se manteve sereno e impenetrável.

- Basta! Não quero o seu dinheiro. Portanto, vá-se embora.

-Quer, sim, não diga o contrário. E já que chegámos

168

até aqui, por que havemos de parar a meio do caminho? Não prejudica ninguém continuarmos a falar de tão casto idílio. Então Ashley ama-a pelo seu espírito, pela sua alma, pela sua nobreza de carácter?

Scarlett estremeceu ao ouvir estas palavras. Sim era só por isso que Ashley a amava. Esta certeza é que l@e permitia suportar a existência, a certeza de que Ashley' subjugado pela honra, a amava e respeitava por todas as belas qualidades que ela possuía e só ele era capaz de ver. Todavia, essas qualidades perdiam toda a sua beleza assim expressa naquele tom de voz melífluo e sarcástico,

- Faz-me voltar aos meus tempos de menino e moço saber que ainda existe semelhante amor nesta era de imo,-' ralidade - prosseguiu Rhett. - Visto isso, a carne não intervém no amor que ele lhe dedica? O seu amor seria o mesmo se você fosse feia e não possuísse essa cutis de camélia? Se não tivesse esses olhos verdes que incitam um homem a ficar na dúvida do que você faria se ele a abraçasse e a beijasse? Se não meneasse as ancas duma maneira que é urna tentação para qualquer homem com menos de oitenta anos? Se esses lábios--- Mas não intrometamos nesta conversa a minha luxúria da carne. Então Ashley não vê nada disso? Ou, ainda que veja, fica indiferente?

Scarlett não pôde deixar de evocar aquele dia em que, no pomar de Tara, Ashley a @ipertara nos braços trémulos e a beijara prolongadamente, como que sequioso dos lábios dela. Esta recordação fê-la corar, e o seu rubor não passou despercebido a Rhett.

-Não me queira convencer de que ele a ama pela sua alma! -exclamou Rhett, em cuja voz vibrou uma nota próxima da cólera.

Corno se atrevia esse homem a tocar com os dedos sujos na única coisa bela e sagrada da sua vida? Fria ' déliberadamente, ia demolindo a reserva de Scarlett e a Informação que ele queria não a tardaria a obter.

-Sim! -exclamou ela, procurando banir da memória a lembrança dos lábios de Ashley unidos aos seus. - É só pela m@nha alma que me ama.

-Mas se ele nem sabe se você a tem' Se fosse a sua alma, o seu espírito que o atraísse ,Ashley não precisaria de lutar contra si, corno deve ter feito, para conservar a... pureza do seu amor. Podia dormir descansado porque, no fim de contas, o facto de um homem admirar a alma e o

169

carácter duma mulher não implica desonra nem infidelidade à esposa. Mas muito difícil lhe deve ser conciliar a honra dos Wilkes com o desejo que o seu corpo lhe inspira.

- Julga os outros por si, e como é um ente vil... -Nunca neguei que a desejasse, se é isso que está a insinuar. Mas, graças a Deus as questões de honra nunca me embaraçaram, Aquilo q@e eu desejo tenho logo que posso. Por isso não preciso de sustentar combates contra anjos nem contra

demónios. Você transformou num lindo inferno a existência de Asliley. Quase chego a ter pena dele.

-Eu... transformei-lhe a existência num inferno?

S,

- =, você.]@ uma tentação permanente, mas ele não cede, pois, como todos os da sua espécie, sacrifica o amor à chamada honra. E tenho cá a impressão de que o pobre diabo não tem honra nem amor a animá-lo...

-Amor, tem... Isto é, ama-me. -Ali, sim?! Nesse caso, responda-me à pergunta que lhe vou fazer e ficaremos hoje por aqui. Depois entrego-lhe o dinheiro. Atire-o para a valeta, se quiser. Pouco me importa com isso.

Rhett pôs-se de pé e lançou ao escarrador o charuto meio consumido. Os seus gestos evocavam aquela liberdade pagã'aquela força contida que impressionara Scarlett na noite da queda de Atlanta. Havia nele qualquer coisa de sinistro e um tanto assustador.

- Se ele a ama, por que diabo a deixou vir a Atlanta procurar dinheiro para os impostos? Antes de consentir que uma mulher que eu amasse fizesse semelhante coisa, eu...

- Ele não sabia! Não fazia ideia que eu. .'.

- E a você mesma não ocorreu que ele devia saber? -A voz de Rhett tomou um tom de ferocidade mal disfarçada. - Amando-a como você pretende, tinha a obrigação de adivinhar a que expediente o desespero a levaria. Era, preferível matá-la a deixá-la vir cá... e sobretudo deixá-la vir ter comigo.

-Mas ele não sabia!

- Se não adivinhou é porque não a conhece nem à sua preciosa alma.

Que injustiça a de Rhett! Como se Asliley tivesse o dom de ler nas almas! Como se ele a pudesse deter, caso sou- ,besse o que se passava! Sim, poderia tê-la detido, pensou de repente Searlett.

Nesse dia, no pomar bastaria uma palavra sua a respeito duma possível alteração das coisas, e jamais

170

ela se haveria resolvido a procurar Rhett Butler. Uma palavra apenas, de ternura um simples gesto de adeus, ao subir para a comboio- @ Scarlett voltaria para trás. Ele, porém só falara da honra. Contudo... Rhett teria razão? Ashle@ saberia das suas intenções? Imediatamente pôs de lado esse pensamento desleal. Com certeza que ele nada sabia. Asliley não podia acreditar que ela albergasse pensamentos tão imorais: era em demasia generoso para imaginar semelhante solução. O que Rhett pretendia era conspurcar aquele amor. "Qualquer dia - disse de si para si - quando o armazém e a serraçã<> estiverem a dar lucro, obrigarei Rhett a pagar-me todos os sofrimentos e humilhações a que me sujeita agora".

Ele estava de pé, dominando-a com a sua estatura, e observava-a com um ar de riso divertido.

Desaparecera-lhe a comoção, que um instante o agitara.

-E que lhe importa tudo isso?-perguntou ela.l@ comigo e com Ashley, não é consigo.

Rhett encolheu os ombros.

- Oiça ainda: admiro, com a maior imparcialidade e desinteresse, a energia de que você dá provas. Desagrada-me, pois, ver as dificuldades por que passa. Tara, por exemplo... 12 um encargo já de si grande para um homem. Depois a doença do seu pai ' que não poderá nunca mais ajudá-la seja no que for. As suas irmãs, os pretos... E agora, ainda por cima, tem de cuidar dum marido e decerto também da senhora Pittypat. Mesmo sem Asliley e a família dele, já você tomou aos ombros uma carga pesadíssima.

-Ele não me faz peso. Pelo contrário. auxilia-me...

- Ora por amor de Deus! - atalhou Rhe@t, impaciente. -Esse l@omem não lhe serve de nada. Está agora a seu cargo, amanhã estará a cargo doutra pessoa, mas nunca de si mesmo. Mas parece-me que ele não merece tanta conversa. De quanto precisa?

Scarlett sentiu que lhe subiam aos lábios palavras de indignação. Depois de tantos insultos, depois de haver escarnecido de tudo o que ela mais amava, atrevia-se ainda a supor que lhe aceitaria o dinheiro! Mas essas palavras não as chegou a proferir. Seria tão bom recusar~lhe a oferta, com desprezo, seria tão bom ordenar-lhe que saísse! Infelizmente só os ricos se podem permitir esse luxo. Enquanto ela fosse pobre, teria de suportar cenas como aquela. Mas, quando dispusesse de muito dinheiro, não admitiria nada

171

I@k

que lhe desagradasse, não prescindiria daquilo que lhe apetecesse: e quanto a delicadeza 'só a havia de usar para com as pessoas que lhe fossem simpáticas. "Aos outros -pensou - mandá-los-ei bugiar. Rliett Butler será o pri~ meiro!"

O prazer que esta ideia lhe causou fez cintilar um clarão nos@ seus olhos verdes e entreabriu-lhe os lábios num meio sorriso. Rhett sorriu por seu turno. ,

-Você é deliciosa, Scarlett, em especial quando medita em qualquer diabrura. Só para a ver sorrir eu compraria uma dúzia de mulas, se mas quisesse aceitar!

Abriu-se a porta da rua e entrou o empregado, de palito nos dentes. Scarlett levantou-se, aconchegou o xaile nos ombros e deu um laço sob o queixo, às fitas do chapéu. Tinha tomado uma de@isão.

-Está ocupado esta tarde? -perguntou a Rhett.Pode acompanhar-me neste momento?

-Aonde? -À serração, de carruagem. Prometi a Frank não sair da cidade sózinha.

-Mas irmos à serração, com esta chuva? -Sim, senhor, quero comprar a fábrica, antes que você mude de ideias.

Rliett deu uma gargalhada tão estrepitosa que o caixeiro estremeceu lá no balcão e olhou espantado para aquele senhor que ele não conhecia.

- Esqueceu-se de que é casada? A senhora Kennedy não vai passear de carruagem, ao campo, em companhia dum tipo como. eu. Lembre-se da sua reputação.

- Reputação? Ora adeus! Vou comprar a fábrica antes que você se arrependa ou que Frank desconfie do meu plano. Não seja teimoso, Rhett. Que lhe importa um pouco de chuva? Vá, despache-se!

A serração... Sempre que pensava nela, Frank resmungava maldizendo o dia em que fizera confidências à mulher.'Não bastava Scarlett a haver comprado, vendendo os brii@cos de diamantes ao capitão Butler; o pior era querer agora dirigir sozinha o negócio! Aquilo parecia-lhe mau sinal. Dir-se-ia que não confiava no marido, nem nas suas capacidades.

Frank, como todos os homens da sua classe, achava que as mulheres deviam ser guiadas em tudo pelos respectivos

172

maridos: aceitarem as suas opiniões e não terem nenhuma de sua própria conta. Quando elas patenteavam pequeninos caprichos não havia inconveniente em satisfazê-los. Dotado, de boa índole, Frank não recusaria muitas coisas à mulher: gostaria até de lhe perdoar certas loucuras sem consequências, desculpando-lhe ao mesmo tempo a tontice e a extravagância. Mas as ideias que Scarlett metia na cabeça ultrapassavam as raias do bom-senso.

Por exemplo, essa história da serração. Fora a maior surpresa da sua vida ouvir-lhe dizer com um sorriso nos lábios, em resposta a certas perguntas, que tencionava ocupar-se sozinha do negócio. "Tratarei eu mesma da venda das madeiras". Frank jamais esqueceria c> horror daquele instante. Tratar ela mesma da venda das madeiras! Custava a conceber semelhante coisa! Em Atlanta, não havia nenhUMA mulher que se dedicasse ao comércio; nem ele jamais ouvira falar de outra que tal desejasse, ali ou noutra parte qualquer. Se havia algumas a quem as circunstâncias forçavam a procurar o. seu estipêndio ou da família, essas faziam-no discretamente, quer trabalhando em

doçaria, como a senhora Merriwether, quer pintando pratos ou costurando e recebendo pensionistas, como as senhoras Elsing e Fanny, ou ensinando a ler ou a tocar piano, como as senhoras Meade e Bonnell. Essas damas ganhavam dinheiro porém não saíam das respectivas casas como competi@ a mulheres. Agora, deixar a protecção à lar e aventurar-se fora, no mundo dos homens, competindo com eles nos negócios acotovelando-os, expondo-se a ofensas e murmurações... 'E então, não sendo obrigada a isso, por ter um marido muitíssimo capaz de a sustentar!

Frank pensara que a mulher o queria simplesmente arrelhar, pregando-lhe urna partida aliás de mau gosto. Mas quê! O caso era muito a sério. @carlett dirigia a serração. Levantava-se mais cedo do que ele, metia-se no trem, ia até Peachtree Road, e muitas vezes só voltava depois de o marido ter fechado o armazém e voltado para casa da tia Pitty, a fim de jantar. Todos os dias fazia o longo trajecto de várias milhas, acompanhada de Peter. O velho cocheiro estava encarregado de a proteger, pois, espalhados pelas matas, havia muitos escravos forros e salteadores yankees. Por causa do armazém, Frank não podia ir com ela e, quando protestava, Scarlett retorquia friamente,

- Se perco de vista aquele patife do Johnson, ele é capaz

173

de me furtar madeira e vendê-la por sua conta. Quando eu descobrir o homem de que necessito um bom empre- , -ado deixá-lo-ei dirigir a serração e não serei obrigada g a a ir lá tantas vezes. Nessa altura, ocupar-me~ei da venda de madeira na cidade,

Vender madeira na cidade! Isso ainda era pior! Scarlett consagrava um dia da semana a ir a casa dos clientes com a sua madeira e, nessas ocasiões, Frank só desejava esconder-se no fundo da loja e não ver ninguém.

Scarlett era muito censurada pelos outros. E naturalmente também o censuravam por consentir que ela se portasse de modo tão pouco feminino. Frank sentia-se envergonhado quando os seus próprios clientes lhe diziam, do outro lado do balcão:

- Vi, há instantes 'a senhora Kennedy entrar em casa de Fulano e Cicrano...

Todos pareciam ter maligno prazer em informá-lo das idas e vindas da mulher. Era assunto de conversa o que sucedera no local onde construíam o novo hotel. Scarlett chegara ali no momento exacto em que Tominy Wellburn encomendava madeira a outro negociante. Saltara logo da carruagem e na presença dos pedreiros irlandeses que estavam a Êzer os alicerces declarou redondamente a Tommy que o queriam expl@rar. Depois demonstrou-lhe que as suas tábuas eram melhores e mais baratas e, a corroborar a afirmação, desfiou de memória uma extensa coluna de algarismos o que lhe permitiu estabelecer um orçamento rigoroso. be modo que, não contente de se exhibir no me!o de operários estrangeiros, Scarlett fora ao ponto de dar prova, em público dos seus conhecimentos algébricos. Era coisa inadmissív@1 numa mulher. Tommy aceitara o orçamento e fizera-lhe a encomenda e ela, em vez de se retirar logo, tivera a imprudência de ficar à conversa com Johnnie Gallegher, capataz dos pedreiros, homem de má reputação. Durante semanas, a cidade comentou este caso.

Para cúmulo, Scarlett ganhava bastante dinheiro com a estância e serração, e qual seria o marido que visse com bons olhos a mulher triunfar num campo tão pouco feminino? Mais aborrecido ficava ainda Frank pela circunstância de ela não ceder os proventos, a fim de os aplicar no negócio do armazém; pelo contrário, consagrava todos os seus lucros à manutenção de Tara e escrevia cartas

174

intermináveis a Will Benteen a fim de lhe explicar o emprego a dar às somas enviadas, Além disso, participou a Frank que, uma vez feitas as reparações em Tara tencionava emprestar dinheiro com garantia hipotecária.

Frank gemia só de pensar em tudo isto. Em sua opinião, as mulheres nem deviam saber o cue era uma hipoteca.

Searlett tinha por essa época, a cabeça cheia de planos, considerados pelo marido ainda mais temerários que os anteriores. Falava até em construir um botequim no local onde existira o entreposto incendiado pelos soldados de Sherman. Frank não era abstinente, mas, apesar disso indignou-se contra aquela ideia. Ser proprietário dum botequim parecia-lhe quase tão imoral como ser dono duma casa de prostituição. Mas não sabia explicar-lhe certo o motivo por que achava tão ruim aquela espécie de negócio, e, perante os seus débeis argumentos, Scarlett limitava-se a encolher os ombros com desdém.

- Não há melhores locais que os gerentes dum botequim - declarou uma vez a mulher. - Já, o que diz o tio Henry. Pagam a renda com regularidade e além disso, não gastarei muito na construção do estabelecimento. Posso utilizar um lote de madeira de má qualidade que não consigo vender e, depois disso, peço uma renda elevada. Com o dinheiro do aluguer, juntamente com o da serraCão e das hipotecas, ficarei apta a comprar mais serrações.

- Mais serrações? - exclamou Frank, sobressaltado. -

Para quê? Se tivesses juízo desfazias-te desta. Não só esse trabalho te esgota como te vês atrapalhada para conseguir manter ali esses pretos forros.

- Bem sei que os pretos não valem nada - concordou Searlett, evitando responder à alusão do marido quanto à venda da fábrica. - O Johnson nunca sabe de manhã se os terá todos a trabalhar nesse dia. Não com os pretos não se pode contar. Comparecem uma ou duas vezes e depois vão gastar tudo o que ganharam. Quanto mais verifico os efeitos da emancipação, mais me convenço de que se cometeu um verdadeiro crime. Para eles foi o descalabro! Andam por aí aos milhares, de braços cruzados, e os que temos lá na fábrica são tão preguiçosos tão faltos de iniciativa, que apetece dispensá-los de todo. É, se para seu bem, nos lembramos de lhes dar uma boa chicotada, a Agência dos Forros cai-nor, logo em cima!

175

Lâ

- Minha querida, não devias consentir que o Johnson lhes batesse...

- Bem sei. Acabo até de te dizer que os yankees nos caem em cima - replicou ela, impaciente.

- Sou capaz de apostar que o teu pai jamais bateu num preto.

- Só uma vez. Foi um arrieiro que não tratou como devia do cavalo, no regresso duma caçada. Mas nesse tempo era tudo diferente Frank! Com os forros a coisa daria mais resultado, que alguns realmente estão a precisar de chicote...

Frank estava não só perplexo pelas ideias e projectos da mulher, como também pela mudança que nela se operara a seguir ao casamento. Scarlett já não era a criaturinha meiga que ele tomara por esposa. Quando lhe andava a fazer a corte, pensava que nunca vira uma pessoa tão adorável nas suas reacções, mais ignorante, mais tímida, mais desamparada. Agora todas as suas reacções eram muito varonis. Apesar das faces rosadas das covinhas, dos lindos sorrisos, Scarlett falava e agia como um homem. A voz era brusca, decisiva, e deliberava de improviso, sem as costumadas indecisões femininas. Sabia o que queria e ia direita ao fim pelo caminho mais curto.

É claro que Frank já havia encontrado mulheres autoritárias, antes da sua. Como todas as cidades do Sul, Atlanta possuía um contingente de viúvas que não se deixavam manejar por ninguém. Ninguém mais despótico do que a senhora Merriwether, mais imperioso do que a frágil senhora Elsing, mais astuciosa em conseguir os seus propósitos do que a senhora Whiting, de voz suave e cabelos brancos. Mas, fossem quais fossem os meios suasórios empregados por estas damas, esses meios nunca deixavam de ser próprios duma senhora. Faziam gala em acatar as opiniões dos homens, embora sem disposição de as seguir: tinham, ao menos, o tacto de fingirem submissão, e isso era o que contava. Searlett, porém, só se guiava por si mesma, como se fosse macho, e daí a indignação da cidade.

"Se calhar também dizem mal de mim, por a deixar à solta", pensava Frank no meio da sua tristeza.

Depois, aí estava aquele Butler. As frequentes visitas que fazia a casa da tia Pitty constituíam grande humilhação para todos. Frank sempre embirrara com ele, mesmo quando tinham sociedade nos negócios, antes da guerra.

176

Maldizia muitas vezes a hora em que o levava aos Doze Carvalhos e o apresentara às Pessoas das suas relações. Desprezava-o pela maneira cínica como especulara durante as hostilidades e censurava-o por não se haver batido, como toda a gente, (Os oito meses que Rhett passara nas fileiras dos confederados eram só conhecidos de Scarlett, e ele suplicara-lhe que não revelasse a ninguém essa "vergonha"). Enfim, Frank levava a mal, acima de tudo, que o homem tivesse conservado para si o oíro da Confederação, ao passo que outros em idênticas circunstâncias, como o almirante Bulloch, o haviam restituído ao tesouro federal. No entanto Rhett ignorava esta aversão de Kennedy e continuava 'a fazer as suas visitas à senhora Pittypat.

Aparentemente 'era Pitty que ele visitava e a solteirona não tinha outro remédio senão fingir que cria nisso. Frank, porém, nutria a suspeita desagradável que não era a tia quem o chamava ali. O pequeno Wade gostava muito de Rhett, se bem que se mostrasse arisco com a maior parte das pessoas, e chegava ao cúmulo de o tratar por "tío Rhett", com grande fúria do padraсто. Este não se esquecia de que o capitão cortejara Scarlett durante a guerra coisa de que se falara muito na cidade. E agora, com ela casada, o que não diria essa gente! Nenhum dos amigos de Frank tivera coragem de lhe tocar no assunto, embora não fizessem cerimónia de dizer o que pensavam a respeito do negócio da serração. Ele, contudo, não deixava de notar que já não convidavam tanto o casal para jantares e festas e que os visitavam rada vez menos. Scarlett, detestava a maior parte dos habitantes de Atlanta e tinha muito que fazer para se dar com aqueles com quem abria excepção; de modo que a atitude dos outros não a incomodavam mesmo nada. Em compensação, Frank mostrava-se muito ressentido.

Toda a sua vida Frank fora dominado por este pensamento: "Que dirão os vizinhos?" e ficava desarmado pelas brechas que a mulher fazia de contínuo neste seu preconceito. Compreendia que a censuravam e desconsolava-se por não saber impedi-lo, Scarlett procedia de modo que um marido não podia deixar de se ofender; mas coitado dele se se atrevia a dizer-lhe qualquer coisa!

Desencadeava logo uma tempestade.

"Que resolução hei-de tomar?" pensava ele. "Enfurece-se mais do que outra qualquer, e a zanga dura também muito mais tempo do que nas outras".

12 - Vento Levou - 11

177

h`

Mesmo quando tudo corria bem ' causava espanto ver com que rapidez a esposa afectuosa, que andava a cantarolar pela casa, se transformava num ser totalmente diverso. Bastava que o marido dissesse: "Minha querida, eu no teu lugar ... " E a borrasca desencadeava-se imediatamente. As sobranceiras pretas uniam-se em ângulo agudo sobre o nariz e Frank não tardava a acobardar-se. Ela tinha o temperamento dum tártaro os acessos dum gato bravo; nessas ocas-iões, nao se importava com o que dizia ou com o mal que as suas palavras provocavam. Pesavam negras nuvens no ambiente, em semelhantes momentos. Frank tratava de se escapar para o armazém, donde só voltava tarde. Pitty ia esconder-se no quarto como um coelho no fundo da toca. Wade e Peter enfia@am para a coqueira * a criada não saía da cozinha, evitando erguer muito alto * voz nas suas loas ao Senhor. Só Babá suportava o gênio da menina, habituada como estava às explosões do velho Gerald O'Hara.

Contudo, Scarlett não fazia isso por mal e desejava tornar o marido feliz, pois gostava dele e est@va-lhe grata por haver salvado Tara. Moía-lhe, porém, a paciência com tão repetidas e enervantes cenas.

Scarlett achava impossível ter respeito a um homem que se deixasse dominar pela mulher, e a atitude receosa que ele assumia, em tais ocasiões, acirrava-a ao mais alto grau. Entretanto considerar-se-ia satisfeita e até feliz, agora que resolvera os problemas econômicos, se Frank não a exasperasse continuamente com a prova de que era mau comerciante e com a teimosia de não lhe dar carta branca nos negócios.

Conforme ela já esperava ele recusara-se a empreender a cobrança das dívidas. Instado 'fizera tudo para se esquivar a isso. Aquilo era a demonstração iniludível de que

* família Kennedy nunca sairia da cepa torta enquanto

* própria Scarlett se não encarregasse de aumentar os proventos do casal, Compreendeu que Frank se contentaria sempre com uma existência medíocre, no seu armazém de terceira ordem: dir-se-ia não se compenetrar de quanto era precária a segurança do lar nem quanto era forçoso ganhar mais naqueles tempos difíceis em que o dinheiro representava a melhor garantia contra novas calamidades.

Frank podia ter sido esplêndido negociante nos dias venturosos que precederam a guerra, mas ao presente afi-

178

A Mai,

gurava-se à mulher que ele estava já muito velho e que só empregava métodos antiquados. Faltava-lhe de todo esse espírito de iniciativa necessário nas épocas de perturbação social. Ela, todavia, tinha essa qualidade e estava disposta a utilizá-la quer o marido quisesse ou não. Precisavam de dinheiro. Scarlett ganhá-lo-ia a todo o custo, e a Frank não assistia o direito de interferir em planos destinados a conseguirem tão bons resultados.

Com a sua inexperiência, não era fácil dirigir a serração. Além disso, a concórdia intensificara-se e Scarlett regressava a casa fatigada aborrecida, ansiosa. Frank notava-o e dizia: "Minha querida, eu cá não faria assim ou assado" e ela então destemperava a valer. Porque havia ele de censurar constantemente, ele que não era capaz de fazer melhor? Aquelas lamentações pareciam-lhe tão estúpidas! Que importava, nos tempos decorrentes, que ela se não comportasse como pessoa do seu sexo? Pois se a serração proporcionava lucros de que todos precisavam, sem exceptuar o próprio Frank!

Este, no entanto, aspirava ao repouso e à tranquilidade. A guerra, em que ele se batera com tanta devoção, arruinara-lhe a saúde, destruíra-lhe os haveres e envelhecera-o prematuramente. Não se lastimava de nada disto, mas depois de quatro anos de desassossego tudo quanto ele pedia à vida era a paz e as suas vantagens convívio de gente simpática e a aprovação dos seus amigos. Percebeu por fim que essa paz tinha um preço e que este consistia em deixar a mulher agir como entendesse. Assim, cansado como estava, comprou cara a tranquilidade. Às vezes pensava que fora um ajuste compensador quando voltando para casa à noite Scarlett o recebia sorridente, o beijava e o enchia de carinhos. A vida familiar não deixava de ser agradável quando a mulher se sentia à vontade. Todavia essa paz era ilusória, pois que ele a adquirira à custa de tudo quanto achava ser mais legítimo num lar bem constituído.

"A mulher devia antes ocupar-se da casa e da família em vez de se portar como um homem", pensava ele. "Se ao menos ela me desse um filho ... "

Sorria a esta ideia. Gostava tanto de ter um filho! Scarlett já lhe participara que não queria, mas a verdade é que os filhos não esperam por convite para virem ao mundo. Frank sabia que muitas mulheres declaravam o mesmo

179

e que afinal acabavam por transigir. Se Scarlett tivesse uma criança, ficaria em casa para se ocupar dela como faziam as outras mulheres; e, nessa hipótese, seria obrigada a vender a fábrica, com o que terminariam de vez as dissensões domésticas. Para serem realmente felizes, as mulheres

precisavam de ter filhos, e Frank sabia que Scarlett não era feliz. De tempos a tempos, ele despertava de noite e surpreendia um choro sufocado pelo travesseiro. Chegou até a acordar com o abalo dos soluços e nesse momento perguntara alarmado: "Que tens, minha querida?" A resposta fora esta, dita numa explosão de cólera: "Deixa-me em paz!"

Sim, uma criança fá-la-ia feliz e tirar-lhe-ia da cabeça muitas coisas que a apouquentavam. Não era raro Frank suspirar, pensando que capturara um pássaro exótico, de plumagem e cores maravilhosas, quando lhe bastaria uma simples carriça. De facto, ficaria muito mais bem servido.

37

Foi numa noite tempestuosa de Abril que Tony Fontaine, chegado de Jonesboro, sobre um cavalo escumante e semi-morto de fadiga, lhes veio bater à porta, acordando Frank e a mulher em sobressalto. Pela segunda vez em quatro meses, Scarlett pôde então avaliar as consequências da Reconstrução e compreender bem aquilo a que Will se referira quando dissera: "Os nossos aborrecimentos estão ainda no começo". E quanta verdade havia nas palavras proferidas por Ashley no pomar de Tara varrido pelo vento: "O que nos espera a todos é pior que a guerra, pior que a prisão, pior que a morte".

O seu primeiro contacto com a Reconstrução datava do dia em que Scarlett soubera que Jonas Vilkerson podia expulsá-la de Tara com o auxílio dos yankees. Mas desta vez, a vinda de Tony abriu-lhe os olhos de inaneira ainda mais aterradora. Era noite, chovia a cântaros. Tony bateu à porta e, momentos depois, mergulhava para sempre na escuridão. No entanto, nesse breve intervalo, houve tempo de levantar o pano para nova cena de horror.

Nessa noite tempestuosa, quando as pancadas abalaram a porta com desusado fragor Scarlett vestiu à pressa o roupão e, debruçando-se no corrimão da escada, entreviu

180

a cara transtornada de Tony antes de ele soprar a vela que Frank empunhava. Ao descer a escada às apalpadelas a fim de apertar a mão ao recém-vindo, ouviu murmurar quase num sussurro:

-Eles vêm atrás de mim... Vou para'o Texas... o meu cavalo já não aguenta... morro de fome...

Ashley disse que você... Não acenda a vela! Nem acorde os pretos ... Não quero que arranjem complicações por minha causa ...

Depois de fechados os postigos da cozinha e corridos até abaixo todos os estores consentiu uma luz acesa e pôs-se a falar a Frank em frases rápidas e nervosas, enquanto Scarlett lhe improvisava uma refeição.

Estava sem capote, molhado até aos ossos. Também viera sem chapéu, e os cabelos negros colavam-se-lhe ao crânio estreito. Contudo nos seus olhos vivos, os olhos dos Fontaines, brilhava uma centelha de alegria, uma pequenina centelha que, naquelas circunstâncias, causava arrepios a quem a notava. Scarlett, enquanto o via beber em longos tragos o whisky que ela lhe trouxera, agradeceu ao Céu o facto de a tia Pitty continuar a ressonar no seu quarto, pois com certeza desmaiaria àquela aparição.

-Um Renegado de menos -disse Tony, estendendo o

copo para que o tornassem a encher. -Foi uma corrida desenfreada, mas, se não fugisse tão depressa ficava-me lá a pele. Valeu a pena. Vou tentar chegar ao Texas e fazer-me esquecer. Ashley estava comigo em Jonesboro, e foi ele que me aconselhou a vir ter com vocês. Veja se me consegue algum dinheiro, Frank e outro cavalo. O que me trouxe não aguenta nova corrida... Fiz todo o caminho debaixo de chuva e... como um palerma, saí de casa sem sobretudo, sem chapéu e sem dinheiro.

Não é que a gente nade em oiro mas...

Riu-se e afofrou-se vorazmente a uma broa de milho e a um prato de nabos frios.

- Leve o meu cavalo - disse Frank com a maior calma. -Quanto ao dinheiro só tenho dez dólares comigo, mas, se quiser esperar até amanhã...

- Posso lá esperar! - exclamou Tony em tom enfático mas sempre jovial. - 100 mais que certo que vêm atrás de mim. Apesar de tudo, o meu avanço não foi grande. Ao Ashley devo não estar agora a

baloçar na ponta duma corda. Ele é que me agarrou pelo braço e me obrigou a saltar para cima do cavalo. 2 um camaradão, o Ashley.

181

Ashley tomara parte naquele caso enigmático e assustador! Scarlett teve um calafrio e levou as mãos à garganta. Seria Ashley preso pelos yankees? Por que diabo Frank não pedia explicações? Por que ouvia tudo aquilo com tanta serenidade? Tentou ela -então interrogar Tony, mas as palavras atropelaram-se-lhe nos lábios.

- Que... quem... - conseguiu balbuciar.

- O antigo feitor de seu pai... o malvado, Jonas Wilkerson.

-E foi você que... Ele morreu? -Santo Deus Scarlett O'Hara! -exclamou Tony mal humorado. - Juléa que me limitava, a acariciar com o lado rombo da faca um sujeit<> com quem eu queria ajustar contas? Não, não, dei cabo dele.

- Ainda bem - comentou Frank. - Nunca simpatizei com aquele indivíduo.

Scarlett olhou para o marido Estava a desconhecê-lo. Frank, que era tão assustadiço, que andava sempre nervoso a puxar as barbas e que se intimidava com tanta facilidade, mostrava-se agora calmo, firme, resoluto, enfrentando a situação sem palavras inúteis. Era um homem. Tony também o era e, nessa história em que intervinha a violência, uma mulher não tinha voz activa.

-E o Ashley... Ele... -Não. Queria matá-lo mas eu disse-lhe que isso competia a mim, porque Sall@ é minha cunhada, e acabou por concordar comigo. Acompanhou-me a Jonesboro para estar presente se Wilkerson. me apanhasse primeiro. Mas não creio que vão incomodar o velho Ashley por causa disto. Pelo menos espero que não. Não tem aí um pouco de- doce que se ponha nesta broa? E poderá arranjar qualquer coisa para eu levar comigo?

-Se não me conta tudo, desato aos gritos.

- Deixe-me ir embora e depois grite se lhe apetecer. Já conto tudo, enquanto Frank sela o cavalo.

Aquele canalha do Wilkerson bastante mal fez neste mundo. Sabe como ele procedeu consigo naquela questão dos impostos. Pois isso foi apenas uma das suas muitas patifarias. Mas o que tinha de pior era a maneira como exaltava os pretos. Se alguém me tivesse dito que um dia havia de odiar os pretos, eu não acreditaria. Que o diabo leve as suas almas negras! Acreditam em tudo o que fizessem aqueles velhacos e esquecem tudo o que fazemos eni, seu benefício. Hoje, os yankees

182

falam em conceder-lhes di-reito de voto e a nós não nos deixam votar. Em toda a comarca só há um punhado de democratas que não estão riscados das listas eleitorais, porque os yankees afastaram todos os que combateram nas fileiras do exército confederado. Se deixam votar os pretos, é o fim de todos nós. E, afinal, é o nosso Estado! Não per~ tence aos yankees. Não podemos admitir isto, nem admitiremos. Temos de pôr cobro a esta situação, nem que haja outra guerra! Daqui a pouco vemos juizes pretos, legisladores pretos... macacos negros saídos da selva...

- Despache-se... diga o que é que fez. -Dê-me mais um bocadinho dessa broa antes de a embrulhar. Ora começou a espalhar-se a opinião de que o Wilkerson estava a exceder-se com os seus princípios de igualdade. Sim, porque ele a toda hora falava. nisso àqueles cretinos. Teve até o descoco...

aquele es... - Tony deteve-se a tempo -de dizer que os pretos tinham c> direito de... de se aproximar de mulheres brancas.

-Oh, Tony, isso não é verdade! -Palavra que é. Não me admira o seu espanto. Mas julguei que não fosse novidade para si. Os yankees repetem o mesmo aos negros de Atlanta.

-Não sabia.

- O Frank não lhe quis dizer, decerto. Fosse como fosse, em consequênc4a daquilo deliberámos ir de noite fazer uma visita ao senhor Wilkerson, mas antes de pôr em execução o nosso projecto...

Lembra-se daquele pretalhão, Eustis, que foi nosso maioral?

- Lembro-me.

- Pois bem. Hoje mesmo entrou-nos lá na cozinha quando Sally fazia o jantar. Não sei o que lhe disse, nem jamais o saberei. Mas o caso é que lhe disse qualquer coisa, porque ouvi Sally dar um grito. Precipitei-me para a cozinha e encontrei Eustis bêbado como um cacho. Deitei-o a terra com um tiro e quando a mãe correu por sua vez para se ocupar de Sally montei a cavalo e parti para Jonesboro, em busca de Wilkerson. Este é que era o culpado. Sem Wilkerson, o diabo do preto não teria tido semelhante ideia. Por alturas de Tara encontrei Ashley, que se prontificou a acompanhar-me. Declarou que, atendendo ao que Wilkerson fizera em Tara, ele mesmo queria ajustar contas com o homem. Repliquei que o assunto me dizia respeito, porque Sally era a mulher de meu irmão, que morreu na

183

wWT)4y1@ @II 1

guerra e fomos a discutir todo o caminho. Quando chegámos à cidade, descubro que não tinha trazido a pistola. Deixara-a na cavalaria. Tão doido estava que a esqueci. Deteve-se e trincou o pedaço de broa. Scarlett estremeceu. A fúria homicida dos Fontaines tornara-se lendária no país.

-Via-me, pois, reduzido a utilizar uma faca trazida da taberna. Apanhei-o numa esquina enquanto Ashley mantinha os outros em respeito, e, antes de lhe furar a pele, tive tempo de lhe explicar a razão por que o queria suprimir. Tudo se passou num instante - declarou Tony com ar pensativo. - Não me lembro bem do que se seguiu, a não ser que Ashley me obrigou a montar, dizendo que viesse ter com vocês. Ashley é precioso nestes casos. Conserva o sangue-frio.

Frank voltou, com o seu sobretudo no braço, e entregou-o a Tony. Era o único abafo quente que ele possuía, mas Scarlett não protestou. Parecia alheada deste episódio estritamente masculino.

- Mas você vai ser preciso em casa, Tony. Estou certa de que se voltasse e explicasse...

- Frank casou com uma ingénua -disse Tony, diligenciando e a fiar o sobretudo. - Ela imagina que os yankees vão recompensar alguém por haver defendido um dos seus parentes contra o ataque de um negro. A recompensa é uma corda ao pescoço. Deixe-me beijá-la, Scarlett, que Frank não se importa, é possível que eu não torne a vê-la.

O Texas fica longe. Não quero arriscar-me a escrever. Diga aos meus que tudo ia bem quando parti. Scarlett deixou Tony beijá-la. Os dois homens saíram e ficaram um momento a falar sob a varanda das traseiras. Depois, ouviu-se um cavalo a correr a galope. Tony fora-se embora. Scarlett, entreabriu a porta e obrigou Frank, que conduzia à estrebaria um cavalo ofegante. Tornou a fechar a porta e sentou-se. Os joelhos tremiam-lhe. Agora já sabia sob que aspecto se apresentava a Reconstrução. Sabia-o tão bem como se visse a casa cercada por um bando de selvagens seminus. Assaltou-a uma chusma de recordações. Lembrou-se de muitas coisas que mal tinha reparado nesses últimos tempos, conversas que ouvira sem prestar atenção, discussões de homens, interrompidas à sua chegada, pequenos incidentes nos quais não vira nenhum significado, as prevenções

184

de Frank para a ter de sobreaviso contra os perigos de ir só na companhia do velho Peter... Agora, todas essas recordações se ajustavam num quadro horripilante.

Os negros é que mandavam, sustidos pelas baionetas yankees, Podiam matá-la, violá-la, e ficariam impunes. E quem se lembrasse de a vingar seria enforcado pelos yankees, sem sequer comparecer perante o juiz. Os oficiais yankees importavam-se tanto respeitar a lei como conhecer as circunstâncias dum crime, e até sentiriam prazer em enforcar um sulista...

"Que podemos fazer?" pensava Scarlett, torcendo as mãos de desespero. "Que podemos fazer com demónios que não hesitariam em enforcar um rapaz corajoso como Tony Fontaine, que nada mais fez do que defender mulheres da sua família contra um ébrio?"

"Não, devemos admitir isto", exclamara Tony, e tinha razão. Mas-que havia de fazer a gente do Sul, senão tolerar tudo? Searlett tremeu de medo e pela primeira vez com-
fora preendeu que as pessoas e os acontecimentos existiam dela própria e que a Scarlett O'Hara 'trémula e assustada, não era a única coisa que importava. Em todo o Sul havia milhares de mulheres como ela, aterradas e indefesas. E milhares de homens que, após terem deposto as armas em Appomattox, voltavam a pegar nelas, prontos a arriscar a vida para correr em socorro dessas mulheres,

Searlett surpreendera na fisionomia de Tony qualquer coisa que se reflectira na de Frank 'uma expressão que ela já notara na caradoutros. homens em Atlanta, mas que não se dera ao trabalho de analisar. Não era o ar triste e desanimado que vira nos que tinham regressado à sua terra depois da rendição. Esses só pensavam então em voltar para casa, nada mais. Agora tinham de novo um objectivo, os nervos despertavam do entorpecimento, reanimava-se a antiga chama, Frios e resolutos, pensavam como Tony: "Não podemos admitir isto".

Searlett viera desses homens do Sul simpáticos e perigosos antes da guerra, intrépidos e rud@s nos últimos tempos de luta desesperada. No entanto, na cara de Tony e de Frank nos olhares que eles tinham trocado à luz vacilante da vela, notara algo diferente algo que a reconfortara e ao mesmo tempo lhe causara @iedo: um furor que nenhuma palavra podiam exprimir, uma deliberação que nada podia deter.

185

Pela primeira vez, sentiu-se ligada por urna espécie de parentesco às pessoas que a rodeavam, partilhando dos seus temores, da sua amargura da sua determinação. Não, não se podia admitir aquilo! Ó Sul era muito belo para que o deixassem desaparecer sem combate, muito querido para consentir que os yankees o calcassem para que o aban~ donassem a pretos boçais, ébrios de ál@ooI e de liberdade.

Ao pensar na súbita vinda de Tony e na sua partida precipitada, Scarlett sentiu que também havia parentesco. entre ambos, porque se lembrou da maneira como o pai fugira da Irlanda, durante a noite, por causa duma morte que nem ele nem a família consideravam assassinio. Corria-lhe nas veias o sangue ardente de Gerald. Séarlett, não se esquecia da alegria que experimentara ao matar o desertor yankee. E esse sangue ardente corria nas veias de todos aqueles seres que, sob a aparente cortesia, escondiam a violência. Todos os homens todos os que ela conhecia se, assemelhavam, até o sonhador Ashley, até o tímido Frank, até o próprio Rhett, que apesar de ser um patife sem escrúpulos matara um negro por este "ter faltado ao respeito a um@ senhora".

Quando Frank, encharcado pela chuva e a tossir, entrou em casa ' Searlett levantou-se num pulo.

- Oh, Frank, quanto tempo vai isto durar?!

- Enquanto os yankees nos tiverem ódio, minha filha. -Então não há nada que se possa fazer? Frank passou a mão nas barbas molhadas. -Há, sim, e estamos a tratar disso, -De que estão a tratar? -Para quê falar do assunto? Ainda não conseguimos nada. Pode levar anos... E talvez que o Sul fique sempre assim...

- Não, não!

- Vai deitar-te. Deves ter frio, estás a tremer.

- Quando acabará tudo isto?

- Quando nos tornarem a conceder direito de voto, quando todos os que se bateram pelo Sul puderem votar por um sulista e por um democrata.

- Votar! - bradou Scarlett. - Para quê votar, se os pretos andam loucos e os yankees os revoltaram contra nós?

Frank tentou fornecer-lhe explicações com a sua habitual paciência, mas era muito complicada para Scarlett a ideia de que a origem de todos os males residia nas urnas

186

,l,f N1 , , ' , @ 3,M! i

eleitorais. Só numa coisa ela pensava nesse momento: que Jonas Wilkerson deixara de ser uma ameaça para Tara e para Tony.

- Pobres Fontaines! - exclamou. - Só resta Alex, e há tanto trabalho em Mimosa! Por que é que Tony não teve a esperteza de... fazer aquilo durante a noite para que ninguém o reconhecesse? Seria muito melhor q@e estivesse em casa para tratar da lavra do que ir para o Texas.

Frank enlaçou a mulher pela cintura. Em geral, nunca a abraçava sem certa apreensão, pois esperava sempre ser repellido, mas desta vez o seu braço era firme.

- Nesta ocasião, há coisas mais importantes do que lavar a terra - declarou. - n preciso inspirar aos negros um terror salutar e dar uma ensinadela aos Renegados. Enquanto existirem rapazes da têmpera do Tony, não temos que nos alarmar por causa do Sul. Vem deitar-te, anda.

-Mas, Frank... -Se nos reunirmos todos num bloco e não cedermos uma polegada aos yankees, venceremos mais tarde ou mais cedo. Os yankees acabarão por se cansar de nos perseguir quando se convencerem de que não nos fazem moça. Tudo entrará na ordem -e poderemos viver descansados e educar os nossos filhos como deve ser.

Searlett pensou em Wade e no segredo que ela guardava há vários dias. Não não queria criar os filhos naquele inferno de ódio, de violência e de incerteza. Por nada deste mundo queria que os filhos passassem pelo que ela passara. E Frank ainda imaginava que o direito de voto solucionaria tudo! O direito de voto evitaria a miséria, o frio? Por acaso proporcionaria boas roupas boa alimentação? Só uma coisa permitia em certa medida r@sistir às calamidades que o destino lhes pudesse trazer: o dinheiro. Era preciso dinheiro, muito dinheiro, para se precaverem contra as fatalidades da vida.

Bruscamente, Searlett declarou ao marido que later um f ilho.

Nas semanas seguintes à fuga de Tony ' a casa da tia Pitty foi várias vezes revistada por destacamentos de soldados yankees. Apareciam sem prevenir e, fosse a que hora fosse, entravam nos quartos, faziam perguntas intermináveis, abriam os armários, espreitavam para debaixo das camas. Tinham as autoridades militares sido informadas

187

de que Tony se refugiara em casa de Pitty e estavam persuadidos de que ele se encontrava lá escondido, ou em qualquer parte da vizinhança.

Sem nunca saber se dum instante para outro lhe ia entrar no quarto um oficial e um pelotão de soldados, a tia Pitty estava sempre na ímminência dum demaio. Como nem Frank nem Scarlett lhe tinham falado da visita de Tony, ela nada podia revelar; era realmente sincera quando declarava que, em toda a sua vida, só vira uma vez Tony Fontaine, em 1862, no dia de Natal.

- E nessa altura estava completamente embriagado - acrescentava ofegante de comoção.

Scarlett que andava infeliz e enjoada com o começo da gravidez, o@a sentia ódio feroz pelas fardas azuis, ora se via dominada pelo receio de que Tony fosse apanhado e comprometesse os amigos. Os calaboíços regurgitavam de pessoas que tinham sido presas Dor motivos mais fúteis. Sabia que se chegassem a descobrir a verdade, ela e Frank iriam parar à cadeia, assim como a inocente Pitty.

Durante certo tempo debatera-se em Washington a hipótese de confiscar todo@ os bens dos "rebeldes" para pagar as dividas de guerra dos Estados Unidos, e Scarlett vivia sob o receio de que o projecto voltasse de novo à discussão. Entretanto, corria em Atlanta o boato de que iam apoderar-se dos haveres de todos que tivessem infringido a lei marcial. Scarlett tremia à ideia de que ela e Frank perdessem não só a liberdade como ainda a casa, o armazém e a serração.

Não perdoava a Tony haver-lhe sus:citad@> todas essas preocupações, Como podia ele ter feito semelhante coisa aos seus amigos? Como é que Asliley o aconselhara a vir a casa dela? Jamais prestaria auxílio fosse a quem fosse. Não lhe agradava nada ver outra vez os yankees assaltá-la como um enxame de vesoas. Não! Trancaria fortemente a porta e não a abriria a ninguém, excepto é claro, a Asliley. Durante semanas, Searlett mal dormiu. Ao mínimo barulho na rua ' temia que fosse

Asliley, vindo também a caminho dum refúgio no Texas; mas, com medo de que lhe interceptassem a correspondência, nas suas cartas para Tara nada dizia a respeito da visita nocturna de Tony. Assim se passavam semanas, sem que as coisas se agravassem, e Scarlett pensou que Ashley conseguira livrar-se de apuros. Por fim, os yankees deixaram de os incomodar.

188

Mas este regresso à normalidade não livrou Scarlett do estado de alarme que principiara com a chegada de Tony, alarme que era pior do que o horror do bombardeamento durante o cerco ' pior do que o pavor que lhe inspiravam os soldados de Sherman nos últimos tempos da guerra. Dir-se-ia que o aparecimento de Tony' naquela noite chuvosa lhe abrisse misericordiosamente os olhos, forçando-a a ve@ificar quanto a sua vida era precária.

Olhando em torno de si, nessa fria Primavera de 1866, Scarlett compreendeu os perigos que a ameaçavam, a ela e a todo o Sul. Bem poderia fazer e desfazer planos, trabalhar mais do que todos os seus antigos escravos, triunfar de certos obstáculos e resolver 'graças à sua energia, os problemas para os quais a sua educação não a fadara: estava sempre arriscada a que, dum momento para outro, a despojassem de tudo quanto lhe pertencia. Se isso acontecesse, não teria direito a nenhum recurso legal, a nenhuma indemnização; os tribunais eram aqueles de que falara. Tony, em que o poder se exercia arbitrariamente. Os ycnkees inantinhm o Sul dominado e assim pretendiam conservá-lo. O Sul parecia vergar-se sã a mão dum gigante maldoso, e quem noutros tempos fora autoridade estava agora em situação inferior à dos antigos escravos.

Geórgia achava-se pejada de forças militares, e Atlanta fora bemcontemp.lada. Os comandantes das tropas yankees exerciam poder absoluto sobre a população civil. Podiam prender os cidadãos por qualquer motivo, ou mesmo sem motivo; podiam confiscar-lhe os bens, enforcá-los, tornar-lhes a vida num inferno, com regulamentos contraditórios respeitantes ao comércio, ao salário dos criados ao que se devia dizer em público e em particular ' ao qu@ era lícito escrever nos jornais.

Regulamentavam o lugar e a hora para o, degejo do lixo e decidiam qual o gênero de canções que as esposas e as filhas dos ex-confederados poderiam entoar. Quem cantasse Di,@ie ou Bannie Blue Flag tornava-se réu de crime quase tão grave como o de traição. Ninguém levantava urna carta do correio sem prestar previamente o "juramento de ferro", e isto também deviam fazer os nubentes, sem o que se não. se realizava o casamento.

Os jornais estavam tão açamados que lhes era impossível protestar contra as injustiças e degredações dos soldados; os protestos individuais originavam pena de prisão. As cadeias regurgitavam de pessoas importantes, que debalde espera-

189

vam pelo julgamento. A instituição do júri e o habeas corpus encontravam-se praticamente suspensos. Os tribunais civis funcionavam ainda, embora submetidos à vontade das autoridades militares, que não faziam cerimónia em alterar as sentenças; uma vez presos, os infelizes cidadãos caíam sob a alçada marcial, Procedía-se a detenções em massa. Bastava ser suspeito, de opiniões desfavoráveis ao governo ou de filiado da Ku Klux Klan para ser metido entre as grades; da mesma forma sofria quem fosse acusado por um preto. Não se exigiam provas. nem testemunhas, bastava apenas a denúncia. E, graças à Agência dos Forros, havia sempre negros que se prestavam a queixar-se dos brancos.

Aqueles ainda não tinham obtido o direito de voto, mas o Norte estava decidido a conceder-lho, na esperança de que os votos lhes fossem favoráveis. Com esta perspectiva, que mais desejavam os homens de cor? Os -yankees profi-giam-nos escandalosamente e o meio mais seguro para uni branco de se meter em complicações graves era ter a ingenuidade de se queixar dum liberto. Estavam, pois, os antigos escravos senhores da situação; com a ajuda dos yankees, os mais ordinários os mais ignorantes atingiam as culminâncias. Os melhor@s, porém, por não levarem a sério a emancipação, sofriam quase tanto como os seus despojados senhores, Milhares de servos pretos, que formavam entre os escravos a camada superior, continuavam fiéis aos patrões de

outrora, fazendo trabalhos que antes considerariam demasiadamente baixos; outros, empregados em fainas agrícolas, recusavam também aproveitar-se da liberdade; era, todavia, nesta classe que se recrutavam os bandos dos "libertos desprezíveis".

No tempo da escravidão, estes pretos inferiores eram desdenhados pelos criados das casas e pelos que eram artifices. Como fizera Ellen muitas mulheres de plantadores do Sul haviam submetido os negros, desde pequenos, a uma série de provas a fim de seleccionar os melhores e de lhes confiar as funções para que se exigia certa responsabilidade. Os outros, que se destinavam aos trabalhos do campo, eram os menos zelosos e incapazes de aperfeiçoamento, os mais desonestos viciosos e brutalhados. Agora, estava esta última camada, a mais baixa da hierarquia servil, a tornar insuportável a existência no Sul.

Auxiliados por aventureiros sem escrúpulos colocados à frente da Agência dos Forros, instigados pela gente do

190

Norte (cujo ódio atingia as ralas do fanatismo religioso) os antigos escravos agrícolas viam-se de súbito elevados ao nível dos poderosos. Já claro que se comportavam como seria de esperar, isto é, como criaturas boçais. Tal se fossem macacos ou crianças a quem se confiam tesouros, incapazes de compreenderem o valor do que têm entre mãos, esses pretos entregavam-se a todos os excessos quer por simples ignorância quer pelo gosto da destruição.

A seu favor, todavia deve-se reconhecer que, mesmo entre os mais estúpidos, poucos obedeciam aos maus instintos, e esses já noutro tempo eram considerados de má raça. Mas a verdade é que os negros possuíam mentalidade infantil e se deixavam manejar facilmente. Habitados como estavam a obedecer, cumpriam as ordens que os novos senhores lhes davam. Algumas eram deste teor: "És tão bom como qualquer branco; podes fazer o que os brancos fazem. Logo que tiveres votado nos republicanos, ficas com direito às propriedades dos brancos. Elas até já são tuas, toma-as quando te apetecer".

Com tão estonteadoras promessas, os emancipados perdiam a cabeça e não havia dia da semana em que eles não cometessem desatinos. Os do campo invadiam a cidade, deixando os distritos rurais sem pessoal para, as colheitas. Atlanta regurgitava dessa horda de cor, Em consequência de tais ensinamentos, os libertos- chegavam às centenas para se tornarem em elementos inúteis ou perigosos. Como viviam em habitações sem higiene, entre eles imperavam as doenças, varíola, febre tifóide, tuberculose. Por se haverem habituado a serem tratados pelos donos em caso de enfermidade, não sabiam como fugir aos flagelos e sofriam-lhes todas as consequências. E a Agência também não lhes acudia de nenhuma forma, interessada como estava no aspecto político da emancipação.

Corriam pelas ruas como animais assustados crianças que os pais abandonavam, até que os brancos se condoíam delas e se encarregavam de as recolher e alimentar. À beira dos passeios viam-se pretos e pretas de idade, abandonados pelos filhos, e dali impetravam dos transeuntes remédio para a sua desventura.

Os funcionários da Agência, perseguidos pelo número crescente destes negros vadios, começaram a considerar no erro cometido e procuravam recambiá-los para casa dos antigos donos. Diziam-lhes então que, se quisessem voltar

191

à terra seriam tratados como trabalhadores livres e protegidos por contratos escritos que lhes garantiriam o salário. Os velhos obedeciam de bom grado e iam assim complicar a vida dos plantadores que cheios de compaixão não tinham coragem de lhes recusar acolhida. Os mais novos, porém, ficavam em Atlanta, e ninguém lhes falasse de trabalho. Para quê trabalhar, se tinham a barriga cheia?

Pela primeira vez na sua vida, os pretos podiam beber quanto quisessem. Antigamente só o provavam pelo Natal, quando cada um deles recebia o seu quinhão, juntamente com a oferta

dos patrões. Agora tinham não só os agitadores da Agência para lhes esquentar a Cabeça, mas também o álcool que quisessem. Deste modo nada ficava em segurança, nem os haveres nem as vidas dos brancos, a quem a lei, por outro lado, retirara a protecção. Em plena rua, os homens viam-se insultados pelos ébrios, que à noite incendiavam casas e celeiros roubavam gado e criação. Crimes de toda a espécie, cobertos pela impunidade.

Contudo, estas ignomínias não eram nada em comparação com o perigo que corriam as brancas. Privadas em grande parte dos seus naturais protectores, elas viviam isoladas no campo ou à beira das estradas desertas. Foi a frequência dos atentados cometidos contra estas vítimas que originou, como represália, a fundação da sociedade denominada Ku Klux Man. Os seus componentes agiam de noite e a sua trágica necessidade não foi compreendida pelos jornais do Norte, que contra ela tanto verberaram.

O Norte exigia que se perseguissem todos os membros da organização secreta, e esses homens pagavam na forca (> atrevimento de quererem punir por suas mãos numa época em que a lei e a ordem eram escarnecidas pelos intrusos.

Assistia-se ao espectáculo surpreendente duma nação Icuja metade diligenciava impor-se à outra pela força das baionetas; que pretendia fazer aceitar o domínio dos negros muitos deles filhos de selvagens trazidos anos antes d@ selva africana: o voto devia ser-lhes concedido, mas recusado aos seus antigos donos. O Sul ficava assim dominado e, tolhido dos seus direitos não podia erguer a cabeça. Na maioria, os homens que tinham combatido nas fileiras confederadas ou que haviam ocupado funções públicas na Confederação não possuíam a faculdade de escolher os seus representantes. Alguns deles, seguindo o exemplo do gene-

192

ral Lee, desejariam prestar o juramento tornarem-se cidadãos, esquecer o passado; mas não lho consentiam. Outros, a quem de boa vontade permitiam que jurassem, recusavam-se a isso com energia, declarando não quererem prometer fidelidade a um governo que deliberadamente os sujeitava a crueldades humilhações.

Scarlett, ouvindo incessantemente o que se passava, podia ter dito por fim: "Se eles procedessem com decência, após a rendição, não haveria dúvida em prestar o juramento! Agora é tarde". Cada vez mais o medo e a ansiedade se apoderavam dela. A ameaça constante dos pretos insubmissos, o medo de ver os soldados yankees despojá-la do que possuía, o receio das confiscações tudo isso lhe tornava a existência um pesadelo. Desanimada, pela sua situação, pela dos amigos, pela de todo o Sul, não era de admirar que se lembrasse das palavras que Tony Fontaine proferira corajosamente: "Não podemos admitir isto, não admitiremos".

A despeito da guerra, do incêndio e da Reconstrução, Atlanta voltara a ser uma cidade trepidante. Sob muitos aspectos, assemelhava-se ao que fora nos primeiros dias da Confederação: moderna e activa, O pior era que os soldados que atulhavam as ruas não usavam o uniforme que se desejaria ver, que o dinheiro não estava nas mãos de quem devia estar, e que os pretos viviam à grande enquanto os seus antigos donos lutavam e emagreciam. .

Observando de perto, descobria-se medo e miséria: mas as aparências exteriores eram as duma cidade próspera que rapidamente se levanta das ruínas. Atlanta dava sempre uma impressão de actividade, o que não acontecia com Savannah, Charleston, Augusta 'Richmond, 'Nova Orleães. Consideravam, porém, ordinária e muito yankee, aquela agitação permanente, e Atlanta era então muito ordinária e bastante yankee como nunca fora e jamais tornaria a ser. As "pessoas desconhecidas" afluíam de toda a parte e, de manhã à noite, acotovelavam-se nas ruas ' no meio de grande burburinho. As carruagens brilhantes das mulheres dos oficiais e dos Sacolas novos-ricos lançavam chapadas de lama à cara dos cidadãos. Ao lado das casas discretas dos antigos habitantes elevavam-se os palacetes dos forasteiros endinheirados. -

A guerra estabelecera definitivamente a importância de

Atlanta no Sul e a fama da cidade outrora obscura alastrava-se cada vez mais. As vias férreas pelas quais Sherman lutara um Verão inteiro traziam de novo a animação ao burgo. Atlanta tornara-se o centro económico duma região vasta para onde convergia muita gente, boa e má.

Os Sacolas tinham feito de Atlanta o seu quartel general, e, nas ruas, empurravam os representantes das mais antigas famílias do Sul, que pareciam pessoas estranhas na sua própria cidade. Os plantadores, cujas propriedades tinham sido incendiadas quando da campanha de Sherman, abandonavam os campos de algodão que eles já não podiam cultivar sem escravos e vinham instalar-se em Atlanta. Todos os dias embarcavam emigrantes fugidos de Tennessee e das Carolinas onde a Reconstrução se fazia sentir mais duramente do que na Geórgia. Depois da sua desmobilização, tinham-se fixado em Atlanta inúmeros irlandeses e alemães, antigos mercenários dos exércitos da União. As mulheres e filhos dos yankees ali aquartelados, cheias de curiosidade por conhecer o Sul depois de quatro anos de guerra vinham ainda aumentar a cifra da população. Afluíam à centenas aventureiros de vária espécie, na mira da riqueza, assim como gente de cor, procedente do campo.

Aberta para todos -como povoação fronteiriça, a cidade barulhenta não procurava dissimular os seus vícios e pecados. As tabernas prosperavam. Havia duas ou três em cada quarteirão, e, à noite, as ruas estavam cheias de bêbados a ziguezaguear ao longo dos passeios. Nas vielas escuras e pelas ruas mal iluminadas, vagueavam rufilões, carteiristas, prostitutas. Jogava-se forte nas casas de jogo. Não se passava uma noite sem tiros nem navalhadas. Os cidadãos respeitáveis sentiam-se escandalizados com o facto de Atlanta ter um bairro interdito, mais extenso e mais desenvolvido que durante as hostilidades. Toda a noite, por trás das persianas corridas, ouviam tocar piano, rir e entoar canções grosseiras, muitas vezes acompanhadas de berros e tiros. As inquilinas desses prédios mostravam-se ainda mais descaradas do que as meretrizes nos tempos de guerra e, debruçadas à janela sem o mínimo pejo chamavam pelos transeuntes. Nas tardes de domingo cingiam pelas ruas principais as carruagens fechadas das "patroas" do bairro com o seu carregamento de raparigas que, aparamentadas com os mais belos atavios, tomavam fresco meio escondidas por um estore de seda.

194

Belle Watling era a mais célebre dessas damas, Mandara -construir uma casa de dois andares que eclipsava todas as do gênero. Em baixo, abria um amplo botequim, de paredes elegantemente decoradas com pinturas a óleo. Todas as noites tocava ali uma orquestra de pretos. Os dois andares de cima compunham-se de quartos que, segundo era voz pública estavam equipados dos mais elegantes móveis, poltronas forradas de veludo, pesadas cortinas de renda, inúmeros espelhos em molduras doiradas... Eram muito bonitas as doze raparigas da casa, todas bem pintadas e empoadas, e comportavam-se mais decentemente do que as dos estabelecimentos congêneres. Pelo menos, a polícia raras vezes intervinha na actividade de Belle Watling.

Daquele prédio, as matrórias de Atlanta falavam em segredo, e os ministros do culto, referiam-se-lhe em termos velados, embora o descrevessem como um lugar de perdição. Todos pensavam que uma mulher como Bellen não podia ter ganhado dinheiro suficiente para montar tão luxuoso estabelecimento, devia ter um comendatário, evidentemente pessoa rica. Como Rhett Butler nunca tivera a prudência de ocultar as suas relações com essa mulher, era natural que lhe atribuíssem o papel de capitalista. Bastava vê-la passar na sua carruagem, puxada por belos cavalos baios e guiada por um preto arrogante, para se ficar convencido de que nadava em dinheiro. Os garotos precipitavam-se para a rua, naquelas ocasiões, e depois cochichavam impressionados: "Sim sim, era ela. Vi-lhe os cabelos ruivos..."

1 Ao lado das casas bombardeadas e consertadas fosse como fosse, com madeiras velhas e tijolos encardidos, ostentavam-se as sumptuosas moradas dos Sacolas e dos que haviam lucrado com a guerra: tinham abundância de águas-furtadas, empenas, torreões, vitrais, platibandas. Todas as noites se iluminavam as janelas. e ouvia-se dançar ao som de músicas cujos acordes chegavam até longe.

Trajadas de seda, passeavam senhoras nas varandas, em companhia de homens vestidos a rigor. Saltavam rolhas de garrafas de champanhe, serviam-se ceias de sete pratos em toalha de rendas, e os convidados fartavam-se de presunto, de pato assado, de fígado de ganso, de frutas raras.

Mas, no interior das outras residências, eram a pobreza e a fome que imperavam. A vida era aí bastante difícil, tanto mais que os seus moradores se esforçavam por con-

195

servar a dignidade e afectar orgulhosa ;ndiferença perante as exigências de ordem material. O Dr. Meade podia contar muita coisa a respeito dessas famílias, que iam sucessiva~ mente passando das próprias moradias para as pensões e das pensões para quartos alugados em ruas miseráveis. Tinha muitos dos seus doentes atacados de fraqueza cardíaca e de enfermidades consumptivas. Sabia ele (e os infe~ Lzes não duvidavam desse facto) que a origem dos males estava na alimentação deficiente. Aquele médico conhecia casos de família inteiras atingidas pela tísica. A pelagra, que antes da guerra se manifestava apenas nos brancos mais pobres, fazia agora a sua aparição nas melhores famílias de Atlanta. Havia nenês raquíticos e mães que os não podiam amamentar. Outrora, o velho facultativo costumava agradecer a Deus sempre que punha mais uma criança neste mundo; mas já não considerava a vida como tamanha pechincha: a existência era dura para as crianças, e muitas delas morriam logo nos primeiros meses.

Enfim, luzes vinho música, dança, brocados e sedas nas casas gran@es e p@mposas. E em volta, nas residências modestas, frio e lenta inanição. A arrogância e a dureza para os vencedores, o sofrimento e a animosidade para os vencidos.

38 -

SCARLETT assistia a tudo isso e, quer de dia quer de noite. não pensava noutra coisa. Vivía no terror -do que lhe iria acontecer. Sabia que ela e Frank figuravam na lista negra dos yankees por causa de Tony e que, dum momento para outro, a desgraça lhes pod.a bater à porta. No entanto, e agora menos que nunca, não se deixaria despojar dos seus haveres. Esperava outro filho começava justamente a obter lucros com o negócio da mad@ira e tinha de prover às des pesas de Tara até à próxima colheita do algodão. Imagine-se que perdia tudo! Que precisaria de recomençar com as pobres armas de que dispunha para se defender daquele mundo de doidos varridos! Preferia matar-se a tornar a passar pelo que passara.

No meio das ruínas e do caos que reinava nessa Primavera de 1866, Scarlett consagrou toda a sua energia em aumentar. o rendimento da serração. Havia dinheiro em

196

Atlanta. A vaga de reconstrução fornecia-lhe a oportunidade com que ela sonhara. Sabia que poderia vir a arrecadar muita moeda, O principal era não a T)renclerem, e, para isso, tinha de proceder com 'muita diplomac,a: não fazer caso de insultos, sofrer injustiças, não ofender ninguém, fosse de que raça fosse ' submeter-se a tudo... Embora odiasse os escravos forros, embora sentisse percorrê-la uma onda de cólera quando um desses negros insolentes lhe dirigia qualquer gracejo, mostrava-se imperturbável, sem sequer lançar um olhar de desprezo. Ainda que detestasse os Sacolas e os Renegados, que enriqueciam com tanta facilidade quando ela pouco conseguia com o seu esforço, nunca deixava escapar a mínima alusão desagradável a respeito dessa gente, Ninguém em Atlanta sentia maior aversão pelos yankees, mas nem em casa falava deles.

"Não estou para me comprometer" pensava ela, com ar taciturno. "Os outros que se entrentenham a chorar os bons tempos. Os outros que se enfureçam contra o domínio dos yankees, que gemam por lhes recusarem o direito de voto, que vão parar à cadeia por falarem a torto e a direito, que sejam enforcados por serem partidários da Ku Klux Klan". Este nome inspirava quase tanto terror a Scarlett como aos pretos, "As outras mulheres que se sintam muito orgulhosas com o facto de os maridos pertencerem a essa seita". Graças a Deus, Frank nunca se imiscuía em tal coisa. "Sim, os

outros que se revoltam, que conspirem à vontade. Para quê agarrar-se ao passado, quando o presente é tão angustiante e o futuro tão incerto? Para quê preocupações de voto, quando, acima de tudo, é necessário pão, um tecto e conservar-se a liberdade? Oh, meu Deus, faze! com que não me aconteça mal nenhum até ao mês de Junho!"

Era em Junho que Scarlett se veria obrigada a ficar em casa da tia Pitty até nascer o filho. Já a censuravam por aparecer em público naquele estado. Nenhuma mulher decente se atrevia a sair quando grávida. Frank e Ztty suplicavam que lhes poupasse essa vergonha, e Scarlett prometera deixar de trabalhar em Junho. Nessa altura, a serração passaria bem sem ela e já haveria d'nheiro suficiente para encarar os factos com maior confiança. Mas ainda tinha tanta coisa a fazer e dispunha de tão pouco tempo! Desejaria que os dias fossem mais compridos e contava os minutos febrilmente, na sua ânsia de >l@ter dinheiro, cada vez mais dinheiro.

197

À força de incitamentos, Frank perdera um pouco da Sua timidez. Não só conseguira ver liquidadas algumas contas como também tirava mais lucros do seu estabelecimento. No entanto, na serração é que Searlett depunha todas as suas esperanças. Nessa época Atlanta era como uma árvore gigantesca que tivessem d@cepado pelo tronco e que depois refilhasse com redobrado vigor. Os comerciantes de materiais de construção não conseguiam satisfazer todos os pedidos. A madeira, o tijolo e a pedra de cantaria subiam de preço, e a serração funcionava sem descanso desde o romper da manhã até ao cair da noite.

Scarlett comparecia lá todos os dias, persuadida de que a roubavam e querendo pôr cobro a isso. Contudo ' passava na cidade a maior parte do tempo, a falar com mestres-de-obras e carpinteiros, a abordar indivíduos que tencionavam fazer prédios ou que ela suspeitava terem essa ideia em mente. Cumulava-os de palavras amáveis e só os deixava depois de obter uma encomenda ou a promessa de só a ela comprarem madeira.

Depressa se tornou figura familiar das ruas de Atlanta. Envolta numa vestimenta ampla, com as mãos enluvadas sobre o regaço, passava de carruagem, ao lado de Peter, muito digno e muito descontente com o seu papel. A tia Pitty oferecera à sobrinha um lindo mantelete verde, para lhe dissimular a espessura do corpo ' e um chapelinho redondo do mesmo tom. Esse conjunto ia-lhe a matar, e ela usava-o sempre nas visitas aos clientes. Com um pouco de carmim nas faces, um leve perfume de água-de-colónia, Scarlett era uma figurinha deliciosa enquanto não punha o pé no chão e lhe viam o ventre deformado. Mas raras vezes se apeava da carruagem. Bastava um sorriso e um gesto amigável para que os homens acoressem para junto dela e até, de cabeça descoberta, ficassem largo tempo à chuva a discutir o negócio.

Não fora ela a única pessoa que entrevira a possibilidade de ganhar dinheiro com as madeiras de constrlição, mas Scarlett, não temia os concorrentes. Com legítimo orgulho, sabia que valia tanto ou mais que eles. Era digna filha de Gerald e, as circunstâncias só lhe 'apuravam o instinto comercial que herdara do pai.

Ao princípio, os outros negociantes de madeira haviam-se rido à ideia de uma mulher se meter numa empresa daquelas, mas agora já não riam. De cada vez que viam

198

passar Scarlett'praguejavam entre dentes. O próprio facto de ser mulher a beneficiava, porque assumia uns ares tão desamparados, tão suplicantes que eram poucos os corações que dela se não condoíam. Podia, sem nenhuma dificuldade' dar a, impressão duma pobre senhora tímida que se vira obrigada a recorrer a um trabalho desagradável, duma infeliz que morreria de fome se não lhe comprassem madeira. Mas quando es-se gênero não dava resultado, mostrava-se verdadeira mulher de negócios e não hesitava em vender com perca só para arranjar novos clientes. Não tinha pejo de vender madeira de má qualidade pelo, preço da boa, quando estava certa de que não chegariam a descobrir a burla nem sentia escrúpulos em dizer mal dos concorrentes. Èingia custar-lhe a revelar a

verdade, suspirava, e acabava por declarar aos futuros clientes que a madeira dos outros negociantes não só era mais cara como também húmida, cheia de nós, em suma, de péssima qualidade.

A primeira vez que Scarlett mentiu desta forma sentiu-se culpada e admirada ao mesmo tempo.

Adn@irada consigo mesma pela espontaneidade e naturalidade com que mentira, culpada porque se lembrou da mãe. Que diria a mãe perante aquilo?

Não havia sombra de dúvida quanto ao que Ellen diria se visse uma filha sua usar métodos desleais. Espantada e triste empregaria termos brandos mas severos, falaria da honr., da honestidade, do dever com os outros. Num breve momento, Searlett tremeu ao evocar o rosto da mãe, mas logo a imagem se desvaneceu, apagada por essa avidez sem

escrúpulos que nela se desenvolvera na época trágica de Tara, E assim Scarlett ultrapassou esse marco miliário como já ultrapassara outros, suspirando duma maneira que Ellen não teria aprovado, encolhendo os ombros e repetindo a velha e inevitável frase: "Pensarei nisso mais tarde".

Como nunca mais tornou a associar a lembrança de Ellen às suas operações comerciais não voltou a sentir remorsos quando recorria a mentiras para afastar os clientes-dos outros negociantes de madeira. Sabia, aliás, que podia dizer quanta petas quisesse a respeito deles. Servia-lhe de garantia o espírito cavalheiresco dos sulistas. Uma se-

nhora estava no seu direito de proferir o que lhe apetecesse acerca dum homem, ao passo que ao cavalheiro não era per-

199

t-

mitido falar mal duma mulher e muito menos chamá-la mentirosa. A única coisa que os outros donos de estâncias podiam fazer era amaldiçoar intimamente Scarlett e desabafar em família "que só queriam que Deus transforma~ em homem a senhora Kennedy, nem que fosse por cinco minutos".

Um branco de origem humilde, que possuía uma serração próxima da estrada de Decatur tentou combater Scarlett com as suas próprias armas @ declarou abertamente q Jue ela era uma intrujona e uma grande mentirosa. Isso,

ré por m, mais o prejudicou de que o beneficiou pois todos se horrorizavam ao ouvir um branco dizer tais @oias duma senhora ainda que esta se comportasse de modo tão pouco feminin6.

Scarlett não respondeu àquelas insinuações, manteve sempre um silêncio cheio de dignidade, mas, a pouco e pouco tirou toda a cientela ao homem. Fez preços inferiores @os dele e, embora gemendo no íntimo entregou madeira tão boa para provar a sua probidade'comercial, que não tardou a arruinar o infeliz. Então, com grande escândalo de Frank, comprou-lhe a serração pelo preço que ela quis.

Uma vez de posse doutra estância tratou de resolver o problema de encontrar alguém de co@fiança para gerente. Não queria outro Johnson. Sabia perfeitamente que, apesar de toda a vigilância, ele continuaria a vender madeira às escondidas. Seria assim tão, difícil descobrir a pessoa que ela pretendia? Não era quase toda a gente pobre como Job, não estavam as ruas cheias de desempregados? Não se passava um dia que Frank não desse esmola, a qualquer ex-soldado na miséria ou que a tia Pitty não. matasse a fome a um mendigo.

Mas Scarlett não queria dirigir-se a esses. "Não me con~ vêm homens que andem sem trabalho há mais dum ano", dizia consigo. "Se não conseguiram emprego em todo esse tempo, também não serão capazes de tomar conta duma fábrica. Além disso, têm uma aparência tão desprezível, tão famélica! Não me agrada o genero. Queria uma pessoa enérgica, da laia do Renê, do Tommy Wellburn, do Kells Whiting ou dos Sinimons. Ao menos estes não têm aquele ar de vai-te se queres ir, que tinham os soldados depois da rendição; vê-se que alguma coisa lhes anima o espírito".

Mas, com grande surpresa --de Scarlett, os Sinimons, que tinham agora um forno de- tijolos, e Kells- Whiting, que vendia uma loção capilar fabricada pela mãe, agradeceram

200

muito penhorados e recusaram a proposta. O mesmo aconteceu com mais de uma dúzia de homens a quem ela fez igual oferta. Já desesperada, aumentou o salário que tencionava dar, mas o resultado foi o mesmo. Um dos sobrinhos de Merriwether chegou a dizer-lhe com certa impertinência que antes queria fazer transportes por sua conta numa carroça do que trabalhar para um patrão. Uma tarde, Scarlett deteve a sua carruagem ao lado da carripa de Renê Picard e interpelou este último, que levava a casa o seu amigo Tommy Wellburn.

-Oiça, Renê, por que não vem dirigir a minha serração? Tem de reconhecer que é um trabalho mais digno do, que vender pastéis em semelhante veículo. Se fosse a si, tinha vergonha!

-Já perdi a vergonha -replicou o rapaz sorrindo.Pode falar à vontade de dignidade que fic@ na mesma. Levei uma vida muito digna até que a guerra me tornoutão livre como os pretos. Quero lá agora saber de dignidade! Gosto desta minha traquitana. Gosto da minha pileca. Gosto dos yanlkees que me compram os pastelinhos feitos por minha mãe. Não, querida Scarlett agradeço-lhe, mas quero vir a ser o rei dos pastéis. É esse o meu destino. Como Napoleão, sigo a minha estrela.

E, com a ponta do chicote, Renê desenhou um arabesco, num gesto teatral.

-Mas você não foi feito para vender pastéis assim como o Tommy não foi feito para discutir com un@ bando de operários irlandeses. O meu trabalho é mais...

- E você foi feita para dirigir serrações hem? - interrompeu Tommy, com um leve sorriso. - Estou a ver daqui a Scarlett, pequenina, a balbuciar a lição sobre os joelhos da mãe: "Nunca vender madeira boa quando puder vender má por preço superior".

Renê torceu-se com riso ao ouvir isto. Com os olhinhos simiescos a reluzirem de malícia, deu uma palmada nas costas do amigo.

- Não seja malcriado - disse Scarlett friamente, sem achar graça nenhuma à observação de Tommy.

- P, claro que não nasci para dirigir serrações.

- A minha intenção não era ofendê-la. Você está à frente duma serração e desempenha muito bem o seu papel. Nenhum de nós, tanto quanto se me afigura, faz aquilo que devia fazer, mas enfim, cá nos vamos aguen-

201

tando. Seria triste que a gente cruzasse os braços e chorasse só porque as coisas não corriam como deviam. Por que não contrata um destes Sacolas, que abundam por aí?

- Não os quero. São mandriões e gatunos. Se fossem espertos, ficavam onde estavam em vez de virem espoliar-nos. Quem eu pretendo arranjar é um homem capaz, de boa gente, hábil e enérgico...

- Não se chama exigir muito, mas creio que lhe vai ser difícil com o salário- que oferece. Todos os que havia nessas condições encontram-se já a trabalhar excepto os que ficaram mutilados. Talvez não fossem tal@ados para os lugares que exercem... Enfim 'conseguiram emprego e lá se mantêm. Sempre lhes parece melhor do que dependerem duma

- Quando estão muito necessitados, a inteligência não os ajuda. Não acha?

- n possível. Em todo o caso, não perdem o seu orgulho -declarou Tommy, com certa arrogância.

- Orgulho! - repetiu Scarlett. - P, muito bonito proclamá-lo, em especial para esconder as mazelas.

Os dois homens riram-se contrafeitos e Scarlett teve a impressão de que faziam causa comum na sua reprovação aos comentários dela. O que Tommy dissera não deixava de ser verdade, reflectiu a mulher de Frank, passando em revista os homens a quem oferecera o lugar na serração. Mas estes todos já tinham emprego, e às vezes trabalhavam duramente, muito mais do que o imaginariam antes da guerra. Não se ocupavam daquilo que desejariam ou que lhes pareceria mais fácil; no entanto, aí se conservavam. A vida não estava para cada qual escolher o que mais lhe apetecesse.

No entanto, ninguém saberia se lamentavam a existência perdida, saudosos dos seus bens de outrora... Lutavam numa guerra diferente 'talvez mais cruel do que a primeira. Precisavam viver, e punham nesse combate a mesma energia que os animava antes da malfadada derrota.

- Searlett - disse Tommy, com ar constrangido -

custa-me pedir-lhe um favor 'principalmente depois de me ter mostrado pouco amável... Quem sabe se lhe será de alguma utilidade 'no fim de contas? O meu cunhado Hugh Elsing não tem sido feliz no comércio de combustíveis. Tirando os yankees, toda a gente se fornece directamente nos bosques. E a família dele bem precisa... Eu cá faço o que posso... contudo... compreende, tenho a Fanny, e ainda

202

há minha mãe, e duas irmãs viúvas, que vivem em Sparta. Hugh é pessoa capaz, exactamente o que você queria. n sério, de bom meio...

- Sim, não quero contrariá-lo, mas quanto a perspicácia... Se a tivesse, ele havia de conseguir melhor situação.

Tominy encolheu os ombros. -Você, Scarlett, vê as coisas duma forma que desconcerta, Acha que Hugh não tem préstimo nenhum. Olhe que há piores. Eu julgo que a falta de senso prático é bastante compensada pelas qualidades que ele mostra possuir, honestidade e desejo de acertar.

Scarlett não respondeu, receando ser desagradável; mas pensou que nenhuma qualidades seriam bastantes para suprirem o senso prático.

Depois de ter rebuscado inutilmente por toda a cidade e recusado as propostas de vários SacoIas que pretendiam dirigir-lhe a fábrica, acabou por aceitar a sugestão de Tommy e optou por Hugh Elsing. Durante a guerra, fora ele oficial corajoso e atilado. mas a energia esgotara-se-lhe toda com as duas feridas graves que recebera e com a duração da campanha. Daí lhe ficara aquele aspecto de cão enxotado, que apresentava no seu negócio de lenhas. Não era nada o homem que Scarlett procurava. "P, estúpido", pensou ela. "Não percebe nada de comércio e aposto que não sabe que dois e dois são quatro. Nem jamais há-de saber. Mas@, enfim, é pessoa séria e não me intrujará".

Por essa altura Scarlett não dava grande apreço à honestidade; todavia, quanto menos a valorizava para si própria, mais a exigia nos outros.

"P, pena que Johnnie Gallegher esteja amarrado a Tommy Wellburn. Esse é que me convinha. P, duro com<:> aço, fino como um coral e ser-me-ia fiel se eu lhe pagasse bem. Entendemo-nos às mil maravilhas e podíamos fazer boas transacções. Talvez o apanhe quando o hotel ficar concluído. Entretanto, contentar-me~ei com o Hugh e o Johnson. Se confiar a nova serração ao Hugh e deixar na antiga o Johnson, poderei estar na cidade a tratar das vendas. Enquanto não conseguir o Gallegher, tenho de me contentar com o Johnson. Arrisco-me é verdade, a que este me roube ' durante a minha ausência. Se não fosse tão matreiro! O melhor será eu construir um depósito de material na metade do terreno que Charles me deixou,

203

e, ria outra o que ficava bem era uma taberna, se Frank não fizesse'tanto escarcéu por causa disso. Não importa, construí-la-ei logo que tiver o dinheiro suficiente. Que pena o Frank ser tão esquisito! Má ocasião escolhi eu para ter uma criança. Qualquer dia nem poderei sair de casa. Se ao menos estes malditos yankees me deixassem em paz! Se ... "

Se, se... A vida é tão contingente. Nunca há a certeza de nada. Sempre o pavor de perder tudo! E, ainda por cima, o frio e a fome... n verdade que Frank estava a ganhar um pouco mais 'mas constipava-se com tanta frequência que tinha de se meter na cama de vez em quando. Se ficasse doente para o resto da vida? Não, não podia contar muito -com ele. Nem com ele nem com mais ninguém; só consigo mesma. Que faria, se os yankees viessem despojá-la de tudo?

Todos os meses, Scarlett enviava para Tara metade dos seus ganhos. Com a outra metade, amortizava a sua dívida para com Rhett e guardava o resto. Nenhum avarentocontava o seu oiro mais vezes que ela, nenhum avarento, receava mais perdê-lo. Não queria depositar c> dinheiro no Banco com medo das falências ou de que os yankees confiscassem as somas depositadas. Trazia sempre consigo quanto podia, metido no corpete. Escondia maços de notas em todos os cantos da casa, debaixo dum ladrilho solto, no saco dos trapos, entre as páginas da Bíblia. À medida que

decorriam as semanas mais irascível se tornava, porque cada dólar que ela enriquecia seria mais um dólar a perder se a catástrofe sobreviesse.

Frank, Pitty e os criados suportavam com incrível benevolência aqueles excessos de cólera, atribuindo à gravidez tanta má disposição e sem jamais adivinhar a verdadeira causa. Frank, sabendo que não se deve contrariar as mulheres grávidas, deixara de censurar por dirigir duas serrações e andar na rua naquele estado. A atitude da esposa representava para ele constante embaraço, mas animava-o a ideia de que não se prolongaria muito tal situação. Depois de a criança nascer, Scarlett voltaria a ser a criatura meiga e encantadora que ele cortejara. No entanto, apesar de tudo quanto Frank fazia para a apaziguar, Scarlett continuava com os seus ataques de fúria, a ponto de o marido pensar às vezes que ela estava doida varrida.

Ninguém mostrava perceber o que a compelia a agir dessa maneira. Era o desejo de pôr em ordem os seus negócios, antes de se enclausurar de portas adentro, de ter tanto

204

dinheiro quanto fosse possível para o caso de nova catástrofe, de poder construir uma barreira que a protegesse do ódio crescente dos yankees. Obscecava-a o dinheiro. Ao pensar na criança que ia nascer não escondia um sentimento de cólera contra a inoportunidade do facto.

"Mortes, impostos, filhos... Acontecem sempre estas coisas nas ocasiões menos próprias!"

Atlanta escandalizara-se bastante quando Scarlett, uma senhora, se pusera à frente da serração; mas, com o decorrer do tempo, a cidade compreendeu que as inconveniências não iam ficar por ali. O seu procedimento nos negócios era coisa indecorosa em especial se se reparasse que a mãe dela fora uma Robblyard; mais indecente se tornava agora a sua audácia de aparecer na rua naquele estado adiantado da gravidez. Nenhuma mulher branca e poucas negras saíam de casa logo aos primeiros sintomas da maternidade. Indignada a senhora Merriwether declarou que, do modo como Scarlett se portava, não admiraria que tivesse a criança em plena via pública.

Em comparação, porém, com o que se dizia ultimamente, nenhuma importância tinham as críticas anteriores. Scarlett estava não só a traficar com os yankees como dava a impressão de que se regozijava com isso.

A senhora Merriwether e outras damas sulistas também faziam negócios com esses recém-chegados do Norte; mas a diferença estava em que se metiam naquilo de mã-vontade e não ocultavam o seu desagrado a ninguém; ao passo que Scarlett fora ao ponto de tomar chá com as esposas desses oficiais nas próprias casas delas! Só lhe faltava recebê-las na sala, por seu turno e a cidade acreditava que tal coisa se verificaria se não existissem Frank e a tia Pitty.

Scarlett não ignorava estas murmurações, as quais em nada a preocupavam. Não poderia dar-se ao luxo de se preocupar: o dinheiro, da mesma forma os yankees (como no dia em que eles pretenderam incendiar Tara) mas convinha-lhe dissimular a aversão. Sabia que, para ganhar dinheiro, precisava de se voltar para os yankees e aprendera que o melhor modo de obter clientela era lisonjeá-los com sorrisos e palavrinhas doces.

Algum dia, quando fosse bastante rica e tivesse o dinheiro longe do alcance deles, diria então tudo o que pensava. Que alegria para ela, quando isso pudesse ser!

205

Entretanto, enquanto esperava era necessário pactuar. Se a sua atitude significava hipocrisia, muito bem, Atlanta que a imitasse para seu proveito!

Descobriu que relacionar-se com oficiais nortistas era tão fácil como matar pardais no quintal. Exilados numa terra hostil sentiam-se só e ansiavam por conhecer de perto aquelas senhoras que, na rua, lhes lançavam olhares desdenhosos. Só das prostitutas e das pretas é que eles recebiam palavras amáveis. Ora Scarlett era evidentemente uma dama, e de boa família mau grado a sua actividade comercial: por isso tanto desejavam encontrar o fulgor sorridente daquelas pupilas verdes.

Muitas vezes, quando parava a carruagem para lhes falar, sentia crescer dentro de si a antipatia que lhe inspiravam, apesar do ar prazenteiro que exibia. Coibia-se, porém, e achava por fim que os sabia manejar com a mesma facilidade com que outrora manobrava os sulistas: a diferença residia agora em que o não fazia para se divertir, mas sim pela pressão dos negócios. O papel que ela se impunha era o de uma senhora distinta e encantadora, crivada de apoquentações. Graças ao seu ar digno e reservado, mantinha as suas vítimas a respeitosa distância, sem deixar contudo de mostrar uma afabilidade que consolava os oficiais yankees quando se lembravam da senhora Kennedy. Essa afabilidade era bastante proveitosa, e Scarlett contava com ela. Muitos daqueles militares, por não saberem quanto tempo se demorariam em Atlanta, haviam mandado buscar a família, Como os hotéis e as pensões estavam a abarrotar, construía vivendas para seu uso pessoal; e assim tinham a agradável oportunidade de comprar madeira à graciosa senhora Kennedy, que os tratava com mais atenções do que ninguém na cidade. Também os Sacolas e os Renegados, que edificavam prédios para moradia e comércio, preferiam dirigir-se a Scarlett em vez de se entenderem com os antigos soldados da Confederação, muito corteses sem dúvida, mas duma cortesia tão cerimoniosa e gelada que redundava em franca hostilidade. Assim, porque era bonita e simpática, e porque sabia mostrar-se às vezes infeliz e melancólica, com muito gosto a escolhiam para lhes resolver o problema do fornecimento de tábuas; da mesma forma lucrava o armazém de Frank, por este ser o marido de tão adorável criatura. Scarlett, vendo prosperar os negócios, dizia que não só garantia o

206

presente com o dinheiro recebido dos yankees, como também salvaguardava o futuro com a criação de novas amizades.

Era, afinal, mais fácil do que pensara isso de conservar relações com oficiais nortistas, embora estes tivessem grande receio das damas do Sul; todavia, com as mulheres deles é que surgiam problemas que Scarlett não havia previsto. Não fora ela -que procurara relacionar-se, e até gostaria de o ter evitado; mas a coisa tornara-se impossível, pois as esposas dos oficiais não prescindiam de a conhecer. Tinham ávida curiosidade pelas mulheres do Sul, e Scarlett dava-lhes assim a primeira oportunidade de a satisfazerem. As outras damas de Atlanta não queriam saber delas e até se recusavam a cumprimentá-las na igreja. Indo, pois, aos seus lares tratar de negócios, Scarlett era acolhida de braços abertos. Quando parava o trem diante duma residência de yankee, e do alto assento gabava as qualidades do seu tabuado, ao dono da casa, a mulher deste surgia e juntava-se à conversa e insistia por que entrasse, a fim de tomar uma xícara de chá..Scarlett geralmente aceitava, por mais que a ideia lhe repugnasse, porque via nisso uma ocasião de lhes sugerir que visitassem o armazém de Frank. Todavia, precisava dominar-se bem, por causa da atitude condescendente e das suas perguntas indiscretas, o que tudo lhe fazia reverter o sangue.

Como a Cabana do Pai Tomás era o único livro para elas digno de crédito, depois da Bíblia, todas desejavam saber como é que os sulistas treinavam os cães que deviam caçar os escravos fugitivos. Ficavam incrédulas quando Scarlett lhes respondia que, em matéria de cães de caça, na sua vida só conhecera mansíssimos cachorros em lugar de ferozes mastins. Queriam depois saber como é que os plantadores mareavam os escravos na cara, a fogo; como lhes aplicavam o castigo do chicote de nove pontas, que os punha tantas vezes às portas da morte; e o que era na realidade a concubinação das escravas. Este último assunto irritava-a bastante, porque ela não ignorava o aumento recente dos nenês mulatos desde que os soldados yankees estavam aquartelados em Atlanta.

Outra qualquer senhora da cidade rebentaria de fúria perante aquelas provas de partidarismo e de ignorância, mas Scarlett conseguia manter-se calma, pensando, e com razão, que semelhantes diglotes eram mais para desprezar

207

do que para enfurecer. No fim de contas eram yankees, e dos yankees não se podia esperar coisa melhor. Os insultos ao seu país não a atingiam, nem a ela nem aos seus conterrâneos, e só lhes provocavam um acréscimo de desdém. Isto durou até que um incidente veio reavivar todos os rancores de Scarlett e lhe permitiu medir o abismo que separava o Norte e o Sul e que era tão difícil de transpor.

Certa tarde em que regressava a casa, na carruagem guiada por Peter, passou defronte dum prédio onde moravam três oficiais e respectiva família, pois as casas que estavam a construir ainda não se encontravam prontas. A madeira para elas era fornecida por Scarlett, que as damas yankees lobrigaram nesse momento e a quem fizeram sinal para parar. Aproximando-se da carruagem, disse uma das três, mulher alta e magra oriunda do Maine:

- Gostava que me desse umas informações acerca desta cidade tão atrasada.

Scarlett engoliu em seco esta ofensa feita a Atlanta e esforçou-se por sorrir.

- Em que lhe posso ser útil?

- A minha criada Bridget voltou para o Norte, alegando que não podia continuar a viver entre estes pretos. Ora eu não posso ocupar-me dos pequenos. Diga-me por favor onde posso encontrar outra rapariga. Não tenho mais ninguém a quem me dirija.

- Não será difícil -olveu Scarlett, rindo. - Se conseguir uma preta do campo que a Agência dos Forros ainda não tenha estragado, ficar com uma esplêndida criada para as crianças. É pôr-se aqui à porta., à espera que passem as negras. Estou certa de que...

As três mulheres soltaram gritos de indignação. - Então julga que vou confiar os meus filhos a uma preta? - bradou a da-ma do Maine. - O que eu pretendo -é uma rapariga irlandesa.

- Bem parece que não descobrirá criadas irlandesas em Atlanta - respondeu friamente Scarlett. -

Nunca vi nenhuma, e para mim não desejaria. Além disso - acrescentou, com uma pontinha de sarcasmo - garanto-lhe que as pretas não são canibais e que se pode ter absoluta confiança nelas.

- Isso é que não! Debaixo do meu tecto não as quero!

- exclamou a senhora do Maine.

E outra delas ajuntou:

208

- Permitir que ponham a mão sobre os nossos filhos? Nunca!

Scarlett lembrou-se das mãos grossas e afectuosas de Babá, que tanto se haviam cansado ao serviço dela, de Ellen e de Wade. Que sabiam aquelas mulheres acerca de mãos de pretas? Ignoravam quanto eram dignas de estima, como eram feitas para apaziguar e consolar. Rindo-se retorquiu:

- Admira-me que pensem assim. Pois não foram os do Norte quem emancipou os negros?

- Eu não! - acudiu a do Maine. - Jamais na minha vida tinha visto um, antes de chegar aqui no mês passado, e passaria muito bem sem os ver. Fazem-me arrepios. Não me inspiram confiança.

Havia já certo tempo que Scarlett notava inquietação no velho Peter, que se pusera a fitar com ar desesperado as orelhas do cavalo.

- Reparem no preto, como está furo! - bradou a senhora do Maine indicando o cocheiro às outras duas. Ao mesmo tempo desataram a rir.

Peter não se deu por achado, mas a testa enrugou-se-lhe mais. Ver-se tratado daquela forma! Ele que, havia anos, era o melhor esteio da família Hamilton!

Scarlett não ousou olhá-lo de frente, mas percebeu que o homem tremia, digerindo o insulto recebido. Aquilo era demais. Escutara com toda a calma as mulheres yankees troçar do exército confederado, conspurcaram a reputação de Jeff Davis, acusar os sulistas de torturarem e assassinares os escravos; teria até consentido que pusessem em dúvida a sua virtude e honestidade, se isso lhe trouxesse alguma vantagem; mas a ideia de que essas criaturas magoavam com os seus ditos o velho e fiel servidor, isso era o mesmo que lançarem fogo a uma barreira de pólvora. Por momentos poisou a vista na pistola que o criado tinha no cinto e as mãos quase avançaram para a tirar. Mereciam ser abatidas a tiro, aquelas nortistas estúpidas e arrogantes. Conteve-se, porém, a

tempo: não era ainda altura de dizer aos yankees o que pensava deles. Um dia lhes poria a calva à mostra. Não agora.

- Peter é da nossa família - declarou com voz trémula.

- Boa tarde. Vamos andando, Peter.

O cocheiro chicoteou tão s@lbitamente o animal que este se empinou e o carr<> deu um solavanco. Scarlett ouviu

14 - Vento Levou - 11

209

j i@

ainda a dama do Maine observar em tom de perplexidade: "n da família? Com aquela cor?"

Que diabo os levasse a todos! Deviam ser expulsos da face da terra, à chicotada. "Quando eu tiver dinheiro, cuspo-lhes na cara. Quando ... "

Relancebu Peter e viu-lhe uma lágrima descendo pela face. Logo a invadiu uma onda de ternura, de compaixão por aquele ente, como se se tratasse duma criança a quem houvessem feito mal. Essas mulheres tinham humilhado Peter! Peter, que estivera na guerra do México com o -velho coronel Hamilton e segurara o dono nos braços, quando este morrera; que havia educado Melly e Charles e olhava pela inocente Pittypat, que a protegera durante a debandada e lhe proporcionara um cavalo para a trazer de Macon através dum país alterado pela rendição. E as damas do Norte a declararem que os negros não eram de confiança!

- Peter - disse ela, pondo-lhe a mão no braço. - Aflige-me tanto que estejas a chorar! Não dês importância à conversa daquelas malditas yankees.

- Falaram diante de mim como se eu era mula que não podia compreendê - respondeu ele suspirando. - Chamaram preto a mim e disseram não c6nfiá em nêgo. Quando sinhô coronel morreu me pediu: "Peter toma cuidado de mininos. Vigia minina Pittypat, que é @ma cabecinha de borboleta". E depois disso sempre vigiei nela.

- S. Gabriel Arcanjo não faria melhor-redarguiu Scarlett, para o sossegar. - Sem ti o que seria de nós?

- Obrigado, minha senhora' Sei muito bem e senhora também sabe. Os yankees é que não quê sabê. Pra quê que eles se mete nestes negócio? Eles não compreende a gente.

Scarlett calou-se, porque estava ainda a contas com a cólera que a assaltara e que não deixara explodir diante das três mulheres. Assim se mantiveram em silêncio. Peter já não resmungava, mas o lábio inferior ainda lhe tremia. Também nele perdurava a indignação.

"Estes yankees são muito esquisitos", pensava Scarlett. "As senhoras julgam que os pretos, por serem pretos, não têm ouvidos. Ignoram que eles são como crianças a quem S, deve falar com doçura e dar mimos de vez em quando. Também não compreendem a natureza das relações entre dono? e escravos o que aliás não os impediu de se baterem para liberta@ estes últimos. E agora, já não querem

210

ouvir falar deles senão para aterrorizar os sulistas. Não os estimam, não os entendem, não confiam neles, e todavia gritam aos quatro ventos que nós não sabemos lidar com os negros".

Não confiar nos pretos! Pois Searlett confiava mais neles do que na maior parte dos brancos, e pelo menos do que nos yankees. Possuíam qualidades raras de lealdade, eram infatigáveis e carinhosos e não se deixavam tentar pelo dinheiro. Pensou nos que tinham ficado em Tara quando da invasão: bem podiam ter fugido, se quisessem e juntar-se às tropas nortistas, e levar vida regalada. Mas ficaram. Umbrou-se de Dilcey, apanhando algodão a seu lado; de Pork arriscando a vida na vizinhança, onde despovoava os galinheiros para que os seus senhores não morressem de fome; evocou Babá, vindo a Atlanta para a proteger. Recordou-se também dos servos de outras casas, que permaneceram fiéis aos seus donos ' defendendo a vida e honra das senhoras enquanto os homens estavam nas fileiras, ajudando-as a esconder-se através das vicissitudes da guerra, tratando dos feridos, enterrando os mortos, confortando os aflitos, trabalhando pedindo, furtando para que à

mesa, não faltasse pão. E @nesmo agora, com a respectiva Agência a prometer-lhes mundos e fundos, eles permaneciam ao lado dos brancos e labutavam mais afincadamente do que tinham feito no tempo da escravatura. Mas os yankees não percebiam estas coisas nem as perceberiam jamais.

-No entanto, deram-te a liberdade -disse ela em voz alta.

- Não, senhora. Se dessem liberdade não me insultavam nem tratavam como uma mula. Mas minha senhora não defendeu a mim.

-Ora essa! Até disse que fazias parte da família.

- Isso não se chama defendê, porque é verdade. Senhora não precisa negociá com yankees. As outras senhora não faz isso. Senhora Pitty nem querê molhá seu pé na lama de yankees. Não vai ficá contente, quando soubé o que passou. Ui, que tanta dô tenho nas costas... Se não melhorá não volto a sal.

A@ queixas de Peter eram muito mais mortificadoras do que tudo o que pudessem dizer Frank, a tia e os vizinhos, e Searlett sentiu tentações de sacudir o cocheiro até lhe chocalharem as gengivas sem dentes. Era verdadeiro o que Peter dissera, mas desagradava-lhe ouvi-lo da boca dum

211

@L" , , k

negro, e dum negro da casa. Para um sulista não havia nada de mais humilhante do que receber censuras dum criado.

Tinha ela, decerto, a aprovação dos vencedores yankees, mas faltava-lhe a dos parentes e amigos. Não ignorava nenhuma das críticas que lhe endereçavam. Eis agora o velho Peter a atear o ódio que ela nutria contra os conterrâneos tão forte como aquele que votava aos nortistas.

"Q@e têm eles com o que eu faço? - pensou Scarlett. -

Julgam talvez que acho divertido frequentar os yankees e trabalhar como uma escrava! Deste modo tornam ainda mais ingrata a minha tarefa. Pensem o que quiserem, eu não me importo. Agora não posso ocupar-me dessas coisas. Um d@a, então ... "

Um dia! Quando tornasse a haver segurança no mundo, Scarlett recostar-se-ia numa poltrona, de mãos cruzadas, como uma grande senhora... como Ellen. Estaria sossegada e protegida., todos lhe dariam razão. Ah, o que ela faria, quando tivesse muito dinheiro! Dar-se-ia ao luxo de ser boa e amável, como fora a mãe, pensaria nos outros respeitaria os usos e costumes. Não se deixaria arrastar peío medo, dia e noite, a sua existência seria plácida, sem solavancos. Teria tempo para brincar com os filhos e assistir às lições deles. Nas tardes cálidas, quando as amigas a visitassem, entre um sussurro de tafetás e o abanar dos leques serviria chá, sanduíches e bolos e as horas passariam em animada conversa. Mostrar-se-la caritativa para com o5 infelizes, levaria esmolas aos pobres, remédios aos doentes, e passearia na carruagem os que não tivessem menos sorte do que ela. Seria' enfim, uma dama a valer, à moda do Sul, como a mãe, e toda a gente a estimaria como fez com Ellen, todos lhe gabariam a generosidade, chamando-lhe a "senhora caritativa".

Nada alterava o prazer destas visões do futuro. Scarlett não julgava sinceramente que quisesse ser desinteressada e caridosa; tudo o que pretendia era que lhe atribuíssem aquelas qualidades. Mas as malhas do seu espírito estavam tão lassas que deixavam passar essas pequeninas diferenças.

Bastava-lhe pensar, que um dia, quando fosse bastante rica, os outros lhe dariam consideração...

Um dia- Mas não ainda, Não já, a despeito do que pudessem dizer acerca dela. Por agora não tinha tempo de ser uma grande dama.

2.12

Peter havia acertado nos seus prenúncios. A tia Pitty ficou indisposta com o sucedido, o preto adoeceu de tal modo que não pôde mais guiar o trem. Scarlett foi obrigada a conduzi-lo e viu reaparecerem-lhe os calos na palma das mãos.

Assim decorreram os meses da Primavera; as frias chuvas de Abril cederam o lugar à verdura e aos aromas do temperado Maio. Cada semana trazia mais trabalhos e canseiras e avançava a gravidez de Scarlett. Os velhos amigos pareciam indiferentes, mas a família prodigalizava-lhe carinhos, sem

todavia compreender o que impelia a agir. Durante aqueles dias de lutas e de angústias só uma pessoa no mundo a entendia bem, e essa pessoa era Rhett Butler. Causava admiração que assim fosse, porque ele sempre fora pessoa instável e perversa como um demónio; mas condoía-se de Scarlett, coisa que ela não esperara de ninguém e muito menos de Butler. Com frequência saía Rhett de Atlanta para aquelas misteriosas viagens a Nova Orleães, cujo motivo ele nunca explicava, mas que Scarlett, com uma pontinha de ciúme, desconfiava relacionarem-se com histórias de mulher... ou de mulheres. Agora, porém, que Peter se recusava a conduzir a senhora no trem, Rhett dornorava-se muito mais tempo em Atlanta. Quando estava na cidade, passava a maior parte do tempo quer a jogar numa sala por cima do botequim "Girl of the Period" ou na taberna da Belle Watling, onde bebia com os yankees e Sacolas mais ricos, na perspectiva de bons negócios, que o tornavam mais antipático aos habitantes do burgo do que os seus companheiros de copo. Comparecia menos em casa da tia Pitty, decerto por consideração para com Frank, e para com aquela, que se escandalizaria com a visita dum homem, atendendo ao estado de Scarlett; mas encontrava-a muitas vezes por acaso. Rhett vinha a cavalo e ela seguia pelas ruas desertas que levavam a uma ou outra das serrações, Ele parava, e ficavam a conversar. Por essa altura, Scarlett fatigava-a muito e bendizia a amabilidade do seu amigo, que se prontificava a guiar o trem, ao qual amarrava as rédeas do seu cavalo; mas tinha o cuidado de se apeare e despedir-se, antes de reentrarem na cidade. Contudo, Atlanta estava ao corrente desses encon-

213

tros, e as más linguas não poupavam novo ultraje aos costumes de Scarlett. De vez em quando, perguntava esta a si mesma se aqueles encontros seriam de facto ocasionais. Iam-se tornando mais frequentes de semana para semana, conforme aumentavam os atentados cometidos pelos negros. Mas por que razão Butler procurava a sua companhia justamente na altura em que Scarlett parecia pior? Não era, com certeza, em busca duma aventura, agora que ela se encontrava naquele estado. E, mesmo antes, Rhett teria alguma vez essa ideia em mente? Scarlett começava a duvidar. Havia já meses que ele não proferia o mínimo gracejo a respeito da lamentável cena passada entre ambos na prisão yankee. Não voltara a falar de Ashley e do seu amor platónico, nem repetira as frases grosseiras sobre "o desejo que ela inspirava". Achando preferível não dar azo a esse género de conversas, Scarlett não tentava esclarecer o motivo dos frequentes encontros. Aliás, chegara já à conclusão de que Rhett, como tinha pouco com que se entreter, além do jogo, e não tinha muitos amigos em Atlanta, procurava a sua companhia apenas com o intuito de conversar com uma pessoa simpática. Fossem quais fossem os motivos, Scarlett estava contente por ver Rhett tantas vezes. Rhett escutava as suas lamentações sobre a perda dum cliente, sobre as fraudes de Johnson ou sobre a incompetência de Hugh. Aplaudia-lhe os êxitos, ao passo que Frank se limitava a esboçar um sorriso indulgente e a tia Pitty a exclamar, aterrada: "Credo!" Embora Rhett negasse sempre ter-lhe prestado qualquer serviço, Scarlett estava convencida de que lhe devia boas transacções, pois ele conhecia intimamente todos os yan, kees e Sacolas. E, se bem que não lhe merecesse inteira confiança, gostava de o ver surgir no seu cavalo preto, ao dobrar duma esquina. Rhett subia para o trem e tomava as rédeas, fazendo-lhe ao mesmo tempo uma ou outra observação impertinente; mas Scarlett sentia-se reconfortada, chegando, a convencer-se de que era outra vez uma pessoa sedutora, apesar dos seus aborrecimentos e da disformidade do corpo. Dizia-lhe então tudo quanto lhe vinha à ideia, sem o cuidado sequer de dissimular a sua verdadeira opinião; nem evitava certos assuntos, como fazia, ao falar com Frank e com Ashley. Era bom ter um amigo como Rhett, que parecia, fosse qual fosse a razão, estar disposto a enten-

214

der-se com ela. Havia agora tão poucas pessoas a quem pudesse dar' esse nome!

-Por que será que os habitantes desta cidade me tratam assim? Eu sirvo-lhes tanto de motivo de murmurações como os próprios Sacolas. Que eu saiba, Rhett, não lhe fiz nenhum mal...

-Se não lhes fez mal, foi porque não teve oportunidade. É o que eles devem suspeitar.

-Deixe-se de brincadeiras! Tudo isto me enfurece. Limitei-me a ganhar um pouco de dinheiro, e...

-E procurou ganhá-lo de forma diferente das outras mulheres. Com grande vantagem, penso eu, Ora isto é que ninguém perdoa. Ser diferente é um pecado. O simples facto de haver obtido êxito na serração constitui ofensa para os homens que o não obtiveram nos negócios. Lembre-se de que o lugar duma senhora é em casa, alheia ao que se passa no mundo da gente que trabalha.

- Pois sim, mas se eu tivesse ficado em casa, há muito tempo que me veria sem ela...

-Em todo o caso, dev4a ficar e deixar-se morrer de fome com a maior dignidade.

-Ora, ora! Repare na senhora Merriwether, por exemplo. Vende pastéis aos yankees, o que é muito pior que ter uma serração. E há mais. A senhora Elsing trabalha em costura e tem hóspedes em casa. A Fanny faz umas pinturas horrorosas em loiça que ninguém quer, mas que todos comprem, para a ajudar...

-Os argumentos não servem. Essas senhoras não conseguem nada; por consequência, não ferem o orgulho sulista dos homens e daqueles que os rodeiam. Pelo contrário provocam frases deste teor: "Coitadinhas'quanto se esfo@çam! Ao menos têm a ilusão de que são úteis neste mundG!" Além disso, as damas de quem você citou o nome não sentem prazer nenhum em trabalhar. Empenham-se em dar a impressão de que s6 fazem aquilo enquanto não aparece um homem que as alivie de carga tão pesada para ombros femininos. Por estas e por outras, todos se condoem da sua sorte. Você, ao inverso delas, adora o trabalho e não se mostra disposta a que um homem se ccupe dos seus negócios; por isso ninguém tem pena de si. E Atlanta nunca lhe há-de perdoar. n tão agradável sentir compaixão pelos outros!

215

- Quem me dera que você fal ~ a sério de vez em quando!

- Conhece este provérbio oriental: "Os cães ladram, mas a caravana passa"? Deixe-os ladrar, Searlett, não se importe.

- E par que me hão-de censurar pelo facto de eu ganhar algum dinheiro?

- Dois- proveitos não cabem num saco. Ou você continua a portar-se corno os homens e só vê à sua, volta caras de poucos amigos, ou então deixa-se ficar pobre, cem- por cento feminina e todos se desfazem em amabilidades para consigo.]@ questão de escolher.

- Não quero ser pobre - declarou Scarlett. - Creio ser acertada a minha escolha não acha?

-Sim se é o dinheir@ que prefere acima de tudo.

- Prehro-o acima de tudo. -Nessas condições, escolheu bem. Mas, como em quase tudo o que deseja, há uma coisa desfavorável: a solidão.

Searlett manteve-se calada uns momentos, a reflectir. Rhett tinha razão. Ela sentia-se um pouco isolada, faltava-lhe companhia feminina. Durante a guerra, quando estava triste ia, ter com Ellen, Depois da morte da mãe, ficara-lhe Melanie, se bem que entre esta e Searlett nada houvesse de comum senão o rude trabalho de Tara. Agora não tinha ninguém, porque a tia Pítty não fazia ideia nenhuma da vida para além do seu restrito círculo de má-língua,

- Tenho a - impressão - começou Scarlett, hesitante -

de que nunca tive amigas. Não são as minhas ocupações que me atraem a antipatia das senhoras de Atlanta. Nunca gostaram de mim. Exceptuando minha mãe ' nenhuma mulher me teve afeição. Nem sequer minhas irmãs. Não sei porquê, mas já antes da giierra, ainda eu era solteira, não havia uma mulher que achasse bem o que eu fazia...

- Esquece-se da senhora Wilkes-atalhou Rhett, com olhar malicio-so. -Ela sempre aprovou os seus feitos, e há-de continuar a apoiá-la, a não ser que você cometa algum assassinio.

"Até um assassinio aprovou!" disse Scarlett consigo mesma, E, com um sorriso desdenhoso, retorquiu em voz alta;

- Ora, a Melly! Essa não conta. É uma cabeça de alho chocho, Se tivesse alguma esperteza...
Scarlett calou-se de repente. -Se tivesse alguma esperteza, veria certo número de
216

coisas que não podia aprovar - concluiu Rhett. - Você sabe isso muito melhor que eu.

-Lastimo que tenha tão boa memória e tão má educação!

-Como essa sua observação não merece resposta, volto ao assunto de que estávamos a falar.
Compenetre-se do que lhe digo. Se se mantém diferente das outras, será posta à parte não só pelas
pessoas da sua geração como pelas da geração de seus pais e pelas da geração de seus filhos. Nunca
a compreenderão e tudo quanto você fizer as há-de escandalizar. Os seus avós é que diriam com
orgulho: "Bom rebento deu a árvore". Quanto aos seus netos, hão-de comentar com um suspiro de
inveja: "Que bem apanhada devia ser esta nossa avó!" E, é claro, quererão imitá-la.
Scarlett riu-se divertida.

- Tem cada uma! Olhe a minha avó Robillard. Quando eu fazia maldades, Babá falava-me dela,
para me assustar. Era fria como gelo, rigorosa, nas suas maneiras e quanto às dos outros, mas casou
três vezes e muitos homens se bateram por ela em duelo. Usava carmim e vestidos
escandalosamente decotados. Debaixo dos vestidos não havia... sim, não havia muita coisa.

- E vocês admiravam-na a valer desejosas de se lhe parecerem em tudo! Eu tive um avô lutler,
que era pirata.

- Palavra? E torturava as vítimas?

- Com certeza 'se fosse necessário para lhes apanhar dinheiro. E teve-o à farta, porque deixou a
meu pai um belo p"e-meia. Em família, houve sempre o cuidado de o tratar por... comandante, Foi
morto numa desordem de taberna, muito antes de eu ter nascido. Já se sabe que a sua morte
constituiu grande alívio para os filhos, pois ele estava quase sempre bêbado e então punha-se a
recordar as suas aventuras marítimas... No entanto admiro muito a sua memória e sempre procurei
imitá-lo. A meu pai é que nunca desejei imitar... meu pai que era um perfeito cavalheiro
respeitador da religião e de tudo mais! Estou convencido, Scarlett de que os seus filhos não
concordarão com a sua atitude, come, não concordaram com ela a senhora Merriwether, a senhora
Elsing e suas vergonhas. Os seus filhos serão naturalmente pessoas calmas, meigas, como o são em
geral os filhos dos que tiveram gênio, ousado.

O que há de pior para eles é você estar decerto resolvida, como as outras mães, a evitar-lhes as
provações por que

217

passou. É pena. As provas, a adversidade, são coisas que enrijecem os indivíduos... ou rebentam
com eles. Tem de esperar pela aprovação dos netos.

-Gostava de saber com que se parecerão os nossos netos!

- Quer dizer com esse plural que esses netos, serão de nós ambos, senhora Kennedy?

Scarlett, percebendo de súbito o seu erro de linguagem, ficou vermelha como um tomate. Aquele
gracejo de Rhett chamou-a repentinamente à realidade do seu estado. Nunca nenhum deles fizera
alusão a isso. Em sua companhia, tivera sempre o cuidado de se tapar com- a manta até nos dias
mais quentes persuadida de que assim nada lhe percebia da gravidez. Agora indignava-se com a
ideia de ir ser mãe e de que Rhett naturalmente o sabia.

-Desça do trem, seu perverso -ordenou ela com voz trémula.

- Isso é que não faço - retorquiu ele, sem perder a linha. - Vai ser noite antes que chegue a casa, e
consta-me que se instalou por estes sítios uma nova colônia de pretos, em tendas e cubatas. Não
quero que os filiados da Ku Klux Klan tenham oportunidade de vestir a sua camisa de noite, e
cavalguem para estas bandas...

- Apeie-se - insistiu Scarlett, tentando tirar-lhe as rédeas.

Sentiu-se, porém, com náuseas, e Rhett parou o cavalo; enquanto procurava lenços limpos para a sua companheira, segurava-lhe a cabeça, que ela pendera fora do veículo. Durante momentos, ela teve a impressão de que o Sol, declinando, girava, em rodópio e lançava raios verdes e doirados através das folhas novas das árvores. Depois de lhe ter passado o mal-estar, escondeu o rosto nas mãos e chorou. Não só acabava de vomitar diante dum homem, o que para uma mulher era a pior das humilhações como fora obrigada a demonstrar a sua prenhez. Julgava que nunca mais poderia olhar Rhett cara a cara. E acontecer-lhe aquilo quando estava só com ele, com esse homem tão irreverente para com as senhoras! Sem deixar de soluçar, pensava que não vinha longe a ocasião em que ele lhe diria uma daquelas suas inconveniências, que não mais se esquecem.

-Não seja tonta, Searlett. É tolice chorar, se o faz por

218

vergonha. Deve compreender que eu não sou cego, e que portanto sabia dessa gravidez.

- Oli! - respondeu ela, como que alarmada, escondendo nas mãos o rosto purpureado. Aquela palavra horrorizava-a. Frank tinha sempre constrangimento em lhe falar do seu estado. Geralmente repetia uma fórmula eufemística para definir a situação e aludia ao "estado interessante". As outras damas, é claro, também inventavam expressões adequadas.

- É criancice supor que basta disfarçar com a manta para que a gente não saiba - continuou Rhett. - Sim, Scarlett, para mim não foi novidade. Como é que então...

Deve-se bruscamente retomou as rédeas, e, com um estalinho de língua, pos o cavalo em movimento. Depois começou a falar e aquela voz lenta, que não desagradava aos ouvidos, duicificou Scarlett e restituiu-lhe às faces a cor natural.

- Não pensava que se escandalizasse a esse ponto. Supus que fosse pessoa sensata e fiquei desiludido. Será possível que o pudor ainda exista no seu coração? Receio ter sido incorrecto. Bem sei que não sou um cavalheiro - pois que não me constrange o espectáculo das senhoras grávidas. Mas não vejo razão para que as não tratemos como criaturas normais. Se eu contemplo o céu e a terra, ou qualquer outro ponto do universo, por que não hei-de poisar os olhos no ventre das mulheres? O que acho indecente é lançar-lhes olhadelas furtivas. Neste aspecto os Europeus são mais inteligentes do que nós, pois dirigem felicitações às futuras mães. Não aconselho a que se vá tão longe, mas é mais racional do que fingir ignorância. Repito que é um estado normal, de que as mulheres deviam orgulhar-se, em vez de se fecharem em casa, como se tivessem cometido um crime.

- Orgulhar-se! - exclamou ela com voz sufocada. -

Oli! Rhett!

-Não está vaidosa pela sua próxima maternidade? -Não, não! Detesto crianças.

- Quer dizer... quando são filhas de Frank?

- Não, seja quem for o pai. Por instantes Scarlett lastimou aquele outro lapso de linguagem, mas ela continuou como se, nada fosse:

- Pois nisto não nos parecemos. Eu adoro as crianças.

- Gosta? - repetiu Scarlett, olhando-o tão espantada que se esqueceu do seu constrangimento. - Mentiroso!

219

1, on

UBI@I

5âI'.

-Gosto de crianças até ao dia em que, já crescidas, começam a pensar e adquirem os hábitos dos adultos, isto é, as suas manhas e mentiras. Não estou a dizer-lhe novidades. Sabe muito bem que adoro Wade Hampton, embora ele não seja como devia ser.

"n verdade - pensou Searlett tornando-se sonhadora.

- Brinca com Wade, traz-lhe bri@quedos ... "

- Agora que esclarecemos este ponto escabroso, e que você confessou não estar longe o dia de ser outra vez mãe, vou-lhe dizer uma coisa que já devia ter-lhe dito há semanas. Ou melhor, duas coisas. A primeira é que é perigoso para si andar só no trem. Aliás você não o ignora, já a preveniram por mais duma vez.' Se lhe é indiferente ser violada, ao menos pense nas consequências. A sua teimosia coloca-a numa situação que obriga os seus concidadãos a vingá-la, enforcando vários pretos.- P, claro que os yankees intervirão e por seu turno os seus vingadores serão enforcados. Não se lembrou de que o motivo por que as damas de Atlanta não gostam de si possa ser o facto de você constituir ameaça constante para os filhos e maridos delas! Por outro lado, a Ku Klux Klan continua a ocupar-se dos negros, os yankees exercerão tanta violência que o tempo de Sherman passará por uma época paradisíaca. Sei o que digo, porque sou tu cá tu lá com os nortistas. Por mais triste que isto seja, a verdade é que me consideram um dos seus e não, fazem cerimónia para falar livremente diante ,de mim. Estão decididos a acabar com a Ku Klux Klan, ainda que seja preciso incendiar a cidade e enforcar um homem em cada dez. Você, Scarlett, arriscar-se-ia a perder dinheiro' e talvez alguma coisa mais: confiscação de propriedades 'elevação de impostos, multas para as mulheres suspeitas... Tenho-os ouvido sugerir todas estas providências. A Ku Klux Klan... -Conhece alguém que faça parte dessa sociedade? Tommy Wellburn, ou Hugh ou...

Rhett, impaciente, encolheu os ombros. -Como havia de conhecer? Sou um renegado, um vira-casacas. Mas sei de homens de quem eles desconfiam. À menor coisa que façam, podem ser executados. Calculo que você não se importe com isto,'mas importar-se-á que lhe tirem as duas serrarias. Vejo no seu olhar que está incrédula. Pois bem: contentar-me-ei dizendo-lhe apenas que tenha a sua pistola sempre à mão. Enquanto eu estiver

220

em Atlanta, procurarei acompanhá-la sempre nestas deslocações.

- Rhett, é realmente verdade... que para me proteger...

- Sim, minha querida, é o meu espírito cavalheiresco.

- Nos olhos cintilou-lhe a chamazinha irónica. - E porquê? Pelo profundo -amor que lhe dedico, senhora Kennedy. Sim, adoro-a, por sua causa perdi o apetite, mas nada lhe dizia por ser homem sério 'como o senhor Wilkes. Mas, assim como a serenidade do senhor Wilkes vacila às vezes, a minha está. a, cambaleiar neste momento e eu revelo-lhe a paixão solapada que---

- Cale-se, por amor de Deus! - atalhou Scarlett vexada, como sempre que ele se referia a Ashley e à sua probidade. -Que mais tem a dizer-me?

- O quê? Muda de conversa quando eu precisamente lhe fazia uma declaração de amor? Pois esta era a segunda colsa... - A chama irónica extinguiu-se e o rosto de Butler tornou-se grave. Prosseguiu então noutro tom: - Devia ter cuidado com este cavalo. P, teimoso, e tem uma boca muito rija. Se lhe der na gana correr, você não será capaz de o parar. Suponhamos que caem por uma ribanceira lá se vai o nenê, e a mãe provavelmente. Ponha-lhe um freio mais seguro. A não ser que me consinta trocá-IG por um cavalo mais dócil, de boca mais sensível.

Scarlett olhou para o rosto do seu companheiro, e vendo-o calmo e franco, perdeu de súbito a indignação que ainda conservava por causa da referência feita à gravidez. Momentos antes fora tão amável, socorrendo-a, quando o desejo dela era morrer! E agora continuava a sua dedicação pensando nos defeitos do cavalo. Scarlett sentiu-se grata e teve pena de que Rhett não fosse sempre assim.

- Tem razão, este cavalo é difícil de manejar. Às vezes sinto o braço a doer, de tanto puxar as rédeas. Faça como entender, Rhett.

O olhar dele cintilou. -Ora aí está uma resposta feminina, encantadora, senhora Kennedy, muito diferente dos seus ares autoritários. n preciso conhecê-la, para a,tornar mansa como um cordeiro. Estas palavras renovaram a cólera de Scarlett.

- Desta vez tem de se apear, ou então dou-lhe uma chicotada. Não sei por que o tolero, por que tento ser dedi-

221

ká@

cada para consigo. n um malcriadão, sem moral nenhuma. Não passa dum... Vá, apeie-se, não estou a brincar.

No entanto, depois de ele descer, desprender o cavalo, postar-se no meio da rua e arvorar o seu melhcr sorriso, Scarlett não pôde deixar de sorrir também, enquanto a carruagem se afastava.

Sim 'Rhett era malcriado, manhoso, ninguém devia meter~se com ele, mas também era deveras estimulante, tão estimulante como um copo de conhaque bebido à socapa.

Nesses últimos meses Scarlett começara a apreciar conhaque. Quando ao fi@i da tarde regressava a casa, molhada da chuva, dorida pelos longos percursos de carruagem, só a animava a ideia da garrafa escondida na gaveta da sua secretária. Nunca o Dr. Meade se lembrava de a prevenir que uma mulher grávida não deve beber, pois jamais lhe passara pela cabeça que uma senhora decente tomasse qualquer bebida mais forte que o vinho de mesa. Excepto, é claro, uma taça de champanhe em festa de casamento, ou um ponche quente para curar constipações. Evidentemente que existiam desgraçadas com o vício do álcool como havia loucas que se divorciavam ou que pensavam: como a senhora Susan B. Anthony, que as mulheres deviam votar. Mas apesar da má opinião que o médico tinha de Scarlett, nunca a julgou capaz de se entregar à bebida.

Scarlett notara que uma boa golada de conhaque antes do jantar a reconfortava de modo extraordinário, e tinha sempre o recurso de mastigar uns grãos de café ou de gargarejar água-de-colónia para disfarçar o cheiro. Por que razão eram tão censuradas as mulheres que bebiam, se os homens podiam embriagar-se à vontade? Às vezes, quando a seu lado, Frank ressonava e ela tinha insónias, quando se voltava na cama, para a esquerda e para a direita, cheia de medo dos yankees, saudosa de Tara, ansiando por Astiley, Scarlett pensava que já estaria louca há muito tempo se não fosse aquela garrafa de conhaque. Bastava que a invadisse o calor benéfico do álcool para que principiassem a dissipar-se as suas obsessões. Ao fim do terceiro cálice já podia dizer: "Amanhã considerarei essas coisas. Suportá-las-ei melhor".

Em certas noites porém, a bebida não chegava para acalmar a dor que lh@ feria o coração, dor que era mais forte ainda do que o medo de perder as fábricas e do que a saudade de Tara. Atlanta, com os seus ruídos, os seus prédios

222

novos, os rostos desconhecidos, as ruas estreitas cheias de cavalo,s, carroças e gente apressada, parecia muita vez sufocá-la. Gostava de Atlanta, mas... ah, reencontrar a paz campestre de Tara, os campos rubros, os pinheiros sombrios derredor! Voltar lá fosse qual fosse a dura existência que a esperasse! Estar @erto de-Ashley, v&1o ouvi-lo falar, ser amparada pela certeza do seu amor! Tudo lhe reavivava o desejo de regressar: as cartas de Melanie, a dizer que estavam todos bem, os relatórios breves de Will acerca da cultura do algodão...

"Irei em Junho, Depois dessa data não posso fazer nada aqui. Passarei lá dois meses". A esta ideia sentia grande alívio no coração. Realmente partiu em Junho, mas não da maneira que esperava, pois no princípio desse mês recebeu de Will a notícia de que Gerald tinha morrido.

39

O COMBOIO ia atrasado e já o crepúsculo envolvia os campos com a sua tonalidade azul quando Scarlett chegou à estação de Jonesboro. Aqui e ali, brilhavam luzes amarelas nas casas que a guerra poupara. De cada lado da rua principal, espaços vazios indicavam o local dos prédios destruídos pelo fogo e pelos obuses. Silenciosas e escuras moradias sem telhado e de paredes arruinadas pareciam fixar a viajante. Amarrados em frente do armazém Bullard, viam-se alguns cavalos melancólicos. Estava deserta a rua poeirenta e avermelhada. Por vezes, duma taberna situada no

extremo da povoação saíam risadas de bêbado e esse era o único som que vinl@a perturbar a serenidade do crepúsculo.

Não tinham reconstruído a estação depois que fora incendiada durante o combate e, no seu lugar, haviam-se limitado a fazer um tosco alpendre de madeira, o mais desabrigado possível. Scarlett dirigiu-se para aí e seniou-se num barril vazio, aparentemente destinado àquele fim. Por várias vezes percorreu a rua com a vista, na esperança de descobrir Will Benteen. Devia vir ao seu encontro. Decerto calculara que, depois de receber a notícia da morte de Gerald ela tomaria o primeiro comboio.

Sca@lett partira de Atlanta tão precipitadamente que só trouxera no saco de viagem uma camisa de noite e uma escova de dentes. Sentia@se pouco à vontade no vestido

223

preto que tivera de pedir emprestado à senhora Meade, pois nem dispusera de tempo para comprar fato de luto. A senhora Meade emagrecera muito e, como a gravidez de Scarlett já estava bastante avançada, o vestido ficava-lhe apertadíssimo, desconfortável. Embora desgostosa com a morte do pai, Scarlett não deixava de se preocupar com o seu aspecto, e mais triste se sentiu quando se observava. Perdera toda a esbelteza, a rosto e os tornozelos es.,tavam inchados. Até aí não se afligira muito com a sua aparência, mas agora, que se ia encontrar com Asliley o caso era diferente. Tremia à ideia de lhe aparecer assim', grávida doutro homem. Amava-o, e ele amava-a. Essa criança indesejável parecia-lhe uma prova de traição àquele amor. Todavia, por muito que lhe custasse apresentar-se a Asliley decorpo deformado, não podia evitar tal coisa.

Já impaciente Scarlett bateu com o pé no chão. Will devia ter vindo esperá-la. LÉ, claro que ela tinha sempre o recurso de ir ao estabelecimento, de Bullard e perguntar se sabiam dele ou pedir a alguém que a levasse a Tara. Mas não queri@ ir. Era domingo com certeza estariam lá muitos homens reunidos. Não fa@ia empenho nenhum em se exibir com aquele vestido mal talhado que a tornava ainda mais volumosa. Nem lhe interessava ouvir as frases de condolência que lhe haviam de dirigir pela morte de Gerald. Não queria a compaixão de ninguém. Temia começar a chorar quando ouvisse pronunciar o nome do pai, porque, se comesse, seria como naquela noite terrível em que Rliett a abandonara na estrada escura, essa noite atroz em que inundara as crinas do cavalo com lágrimas que ela não podia conter e lhe dilaceravam o coração.

brao, não queria chorar! Sentia um nó na garganta, como já sentira tantas vezes desde que recebera a notícia, mas para quê chorar? O pranto só lhe reavivar 'ia a dor e a deixaria sucumbida. Oli, por que é que Will, ou Melanie, ou as irmãs não a haviam informado da. doença de Gerald9 Ela tomaria o primeiro comboio para Tara, levariaconsigo um médico de Atlanta. Que imbecis... todos eles! Não eram, pois, capazes de fazer nada sem a sua presença? Não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e só Deus sabia quanto ela trabalhava e se preocupava com os que deixara na quinta. A espera prolongava-se e Scarlett; ia ficando cada vez mais nervosa. Por que seria que Will não vinha? A certa

224

altura . ranger o cascalho que cobria as,chulipas da via fér'rOeuave'u voltand<>-se, viu Alex Fontaine a atravessar a linha, em áirecção a uma carroça, com um saco de aveia aos ombros.

- O quê? É a Scarlett? - exclamou ele, poisando o saco e correndo a apertar-lhe a mão, com a face resplandecente de alegria. - Muito prazer em vê-la! Encontrei Will no ferreiro, onde ia ferrar o cavalo. O comboio vinha com atraso e ele julgava ter tempo. Quer que o vá chamar?

- Pois sim, Alex - respondeu Scarlett, sorrindo no meio da sua tristeza. Era tão bom rever um conterrâneo!

- Eu... - titubeou Alex ainda a apertar-lhe a mão - eu sinto muito... a perda d@ seu pai.

-Obrigada -retorquiu Searlett, que teria preferido não ouvir referência àquele facto.

- Se isto lhe pode servir de consolo... digo-lhe que todos nós nos orgulhamos muito dele - prosseguiu Alex, largando-lhe por fim a mão. -Ele... sim, acho que morreu como um soldado... e por uma causa digna dum soldado.

"Que significariam aquelas palavras?" pensou Scarlett, intrigada. "Como um soldado? Queria dizer que alguém o matou? Ter-se-á batido 'como Tony, contra os Renegados?" Mas não desejava ouvir mais. Se Alex continuasse a falar-lhe do pai, ela desataria a chorar, e isso é que não queria antes de se avistar com Will, longe dos olhares indiscretos. Com Will o caso era diferente: considerava-o como um irmão.

- Não fale mais disso Alex. -Não a censuro, Scarlett'_ declarou aquele, cujo rosto denotou súbita cólera. - Se fosse minha irmã... Olhe, Scarlett' eu nunca disse mal duma mulher, mas penso que alguém devia dar uma boa lição a Suellen.

"Que seria agora aquilo? A que propósito vinha o nome de Suellen?" cogitou Scarlett. > - n triste dizê-lo - continuou Alex - mas toda a gente aqui partilha da minha opinião. Will é o único que a defende; e também a Melanie ' é claro, mas essa é uma santa, não vê o mal em ninguém...

- Já lhe disse que não fale mais nesse assunto-atallhou Scarlett num -tom de secura que, no entanto, não melindrou Alex. Este, pelo contrário 'pareceu compreender a sua rudeza o que ainda mais a intrigou. Scarlett não queria ter más notícias da família através dum estranho, :L5 - vento Levou - ri 225

Áâw11

nem tão-pouco desejava mostrar que não estava ao corrente do que se passara. Porque é que Will não lhe dera pormenores?

Gostaria que Alex não a olhasse com tanta insistência. Calculava que ele reparasse no seu estado e isso incomodava-a. Contudo, não--era esse o motivo qu@ levava Alex a observá-la. Achava-a tão diferente que se admirava de a ter reconhecido. Talvez fosse por estar à espera dum nenê. As mulheres ficam com as feições tão alteradas quando @stão -grávidas! E também a morte do pai devia tê-la impressionado muito. Sempre era a filha preferida... Mas não, a mudança não devia provir da gravidez ou do desgosto. Scarlett estava até com melhor aspecto do que da última vez que a vira. Ao menos dava a impressão de comer à farta quatro vezes por dia.'E perdera aquele ar de animal assustado. Já não se lhe via a expressão de terror e desespero no olhar; pelo contrário, os olhos exprimiam dureza autoridade, confiança em si mesma. Ah, o velho Frank @ão devia levar uma vida muito alegre! Sim, Scarlett mudara muito. Era ainda uma bonita mulher, mas desvanecera-se-lhe toda a graça e doçura da fisionomia.

Não tinham eles, no entanto mudado todos também? Alex deitou uma olhadela à ro4a grosseira que trajava e na cara venceu-se~lhe a costumada prega de amargura. De noite, quando jazia acordado a pensar como proporcionaria à mãe o tratamento necessário e ao filho a educação conveniente, e como obteria o dinh@iro preciso para comprar outra mula Alex chegava a lamentar que a guerra houvesse acabado. Nesse tempo, ninguém se compenetrara da sorte que tinha! Não faltava com que encher a barrigat nem que fosse de broa; existia sempre alguém a quem dar ordens; não era forçoso magicar em problemas insolúveis: não, no Exército não havia preocupações, senão a de apanhar um tiro. E então, lá estava Dimíty Monroe com quem desejava casar, embora ele tivesse tanta gente à sua conta. Amava-a de longa data... Agora a frescura fanava-se no rosto dela, e a alegria apagava-se-lhe dos olhos. Se ao menos Tony não tivesse sido obrigado a escapar-se para o Texas... Com mais um homem em casa, as coisas ter-se-iam composto. Mas o irmão, assim desvairado como era... Lá estava no Oeste, sem um cêntimo no bolso. Haviã todos mudado não restava dúvida. Era muito natural, pensando bem. Al@x suspirou profundamente.

226

Ainda não, agradei tudo o que fizeram pelo Tony, você e Frank. Foram vocês que o ajudaram a fugir, não é verdade? Consta-me que está são e salvo, no Texas. Não me atrevi a.escrever-lhes, para perguntar... se lhe emprestaram dinheiro. Preciso reembolsá-los.

-Não é pressa, Alex. Há tempo! - exclamou ela. Dir-se-ia que não lhe interessava o dinheiro, pela primeira vez na vida.

-Vou procurar o Will. E amanhã ver-nos-emos no enterro.

Agarrou no saco e deu meia volta, mas nesse instante surgia duma rua lateral uma carroça meio desconjuntada. Lá do alto do assento Will gritou:

-Desculpe o atraso, Scarlett! Depois de se haver apeado, com certa dificuldade, Will aproximou-se pesadamente e inclinandc@-se, beijou Scarlett na face. Nunca antes a hav@la beijado, nem deixara de a tratar por "senhora". Embora isto a surpreendesse ' não deixou contudo de lhe agradar e o coração sentiu-se reconfortado. Ele ajudou-a a pôr o pé na roda, depois a içar-se para a carroça - aquela mesma, conforme logo notou, que a levava na fuga, para Atlanta. Como pudera resistir até aí? À custa, evidentemente de muitos consertos. Ao recordar-se dessa noite trágica, §carlett experimentou uma vaga náusea. "Nem que eu -tenha de andar descalça e de passar muita fome, hei@de queimar esta carroça e arranjar uma nova!"

Will, a princípio não falou, com o que a sua companheira se sentia reconhecida. O homem atirou para o fundo do carro o velho chapéu de palha, incitou o cavalo e este começou a andar. Will não mudara, sempre magro, resignado, de cabelo ruivo e olhar terno.

Saíram da aldeia e enveredaram pela estrada de terra vermelha que conduzia a Tara. No horizonte ainda havia uns laivos róseos; e algumas nuvens grossas conservavam restos de oiro e de verde pálido. A calma do poente campesino descia sobre eles apaziguadora como uma oração. Como - pudera, perguntava Scarlett a si mesma, passar tantos meses sem respirar aquele ar fresco, sem ver aquelas terras lavradas sem gozar a doçura das noites de Verão? A terra húmida e vermelha cheirava tão bem, evolava um aroma tão familiar e amigo que Scarlett até sentia desejo de descer do carro e apanhar uma mancheia dela. Das sebes

227

de madressilva que ladeavam o caminho desprendia-se o perfume mais delicado deste mundo.

Bandos de andorinhas cortavam os ares e, de vez em quando atravessava a estrada um coelho veloz, agitando a cau6 branca como uma bola de arminho.

Quando seguiam entre campos lavrados onde se qlinhavam arbustos vigorosos, Scarlett notou com alegria que o algodão se desenvolvia lindamente. Como tudo aquilo era belo! A névoa por cima dos brejos, a terra vermelha, o algodão, os pinheiros escuros que se erguiam ao fundo como uma muralha... Como pudera estar em Atlanta tanto tempo?

- Scarlett, antes de lhe falar do senhor O'Hara... e tenciono falar enquanto não chegamos a casa... gostava de pedir a sua opinião sobre determinado assunto. Considero-a agora o chefe da família.

-De que se trata, Will? Por um momento, pousou nela o olhar calmo e terno. -Desejo saber se acha bem que eu case com Suellen. Scarlett ficou tão espantada que teve de se agarrar ao assento para não cair. Will casar com Suellen! Depois de lhe ter roubado Frank Kennedy, nunca julgara que alguém quisesse desposar a irmã.

-Que me diz, Will? -Não tem objecções a fazer?

- Objecções não... mas... estou pasmada! Você, casar com a Suellen!'Sempre imaginei que gostava de Carreen!

Will sacudiu as rédeas sem deixar de olhar para o cavalo. Continuou impassí@el, mas Scarlett teve a impressão de que ele soltara um leve suspiro.

-Sim, talvez gostasse -concordou. -E ela não no quis? Não lhe tem amor? -Nunca lhe perguntei. - Oh, Will, você é louco! Pergunte-lhe quanto antes. Ela vale muito mais do que Suellen.

- Searlett, bem vê que não está ao facto do que se passa em -Tara. Não nos tem prestado muita atenção nestes últimos meses.

-Ai, não?-retorquiu Scarlett fula de repente.-

O que julga que tenho feito em Ailanta? Só passear de carruagem e ir todas as noites ao baile? Não vos enviei dinheiro todos os meses? Não fui eu quem pagou os impos-

228

'os quem mandou consertar o telhado, quem comprou a ch@rrua nova e as muares? E eu não...

- Vamos não se zangue - interrompeu Will, imperturbável. - Mefhor do que ninguém sei o que fez, Scarlett: fez o que dois homens não fariam.

- Nesse caso, por que veio com essas insinuações? -
volveu Scarlett, um pouco mais branda.

- Não nego que nos tem conservado o lar, que nos proporciona com qu,- viver... mas refiro-me ao que se passa dentro de nós. Não a censuro, Scarlett, é c> seu feitio. Sempre se interessou pouco pelo íntimo de cada um de nós.

O que eu quero explicar é que não perguntei à Carreen se gostava de mim, porque isso não servia de nada. Portou-se sempre como uma irmã mais nova e talvez não contasse

* mais ninguém o que me contou. Nunca seconformou com

* morte daquele rapaz, nem se há-de conformar. Até lhe posso dizer que está disposta a entrar no convento de Charleston.

- Isso é sério, Will?

- Realmente custa a acreditar, mas é verdade. Peço-lhe que não- discuta com ela, e em especial, não faça troça. Deixe-a agir como entender. 'É o único desejo que mostra. Tem o coração despedaçado.

- Quantas pessoas não o têm igualmente, sem que vão meter-se em conventos! Veja o meu caso; perdi o marido.

- Bem sei, mas não ficou com o coração despedaçado

- respondeu placidamente Will, apanhando do chão um bocadinho de palha, que levou à boca para trincar.

Aquela observação fê-la reflectir. Como sempre que escutava uma verdade, por mais desagradável que fosse, a sua honestidade obrigava-a a aceitá-la. Calou-se um instante, diligenciando imaginar Carreen no papel de freira.

- Prometa não fazer questão por causa disto.

- Está bem, prometo - concordou ela, olhando para Will com certo espanto, como se o visse diferente. Esse homem amara Carreen, e amava-a ainda bastante para consentir na separação e favorecer o seu projecto. Todavia, pensava em casar com Suellen.

-Que significa isso, Will? Você não gosta de Suellen, suponho eu.

- Gosto, de certa maneira - respondeu ele, tirando a palhinha da boca e observando-a como se aquilo oferecesse extraordinário interesse. - Suellen não é tão má como

229

julga, Scarlett. Tenho a impressão de que nos entenderemos bem. O que ela precisa é de marido e de filhos, como todas as mulheres.

Will e Scarlett calaram-se de novo enquanto a carroça seguia aos solavancos pelo caminho ch@io de trilhos e covas. Scarlett reflectia. Devia haver uma razão mais profunda, mais importante, para o calmo e sensato Will querer desposar uma tola como Suellen, que passava a vida a lastimar-se.

-Não me disse ainda o verdadeiro motivo, Will. Sou o chefe da família. Tenho o direito de saber.

-De facto, tem o direito de saber-concordou Will. -E estou certo de que me compreenderá. Não quero sair de Tara. P, o meu lar Scarlett, o único lar que jamais tive, e tenho-lhe afeição. Lá trabalhei sempre como se a propriedade fosse minha, e quando a gente se esforça por alguma coisa acaba por lhe ter amizade. Compreende o que eu quero dizer?

- Sim, compreendia, e sentia uma onda de ternura por aquele homem que compartilhava o seu amor por Tara.

- E então fiz o seguinte raciocínio - continuou Will.

- Tendo morrido o seu pai e indo Carreen para o convento, só restará Suellen em casa. Ora eu não poderei ficar a viver em Tara senão casando com a Suellen. Conhece a má-língua desta gente...

-Mas, oiça, Will. A Melanie e o Ashley também lá vivem.

Ao nome de Ashley, voltou-se para ela e fitou-a com os seus olhos pálidos e insondáveis. Tal como outrora Scarlett teve a intuição de que Will sabia tudo a respeito dela e de Ashley e que não a censurava nem a aprovava.

- Vão-se embora muito breve. -Vão-se embora? Para onde? Tara também é o lar deles.

- Não, não consideram o seu lar. É isso justamente o que dói o Ashley. Não se sente em sua casa e tem a sensação de que não trabalha o bastante para compensar o que ele e a mulher comem. Sabem muito bem que é fraco lavrador, faz o que pode, mas não nasceu para se ocupar de trabalhos do campo. Quando racha lenha, arrisca-se sempre a ficar com um pé cortado em dois. Não é capaz de conduzir a charrua mais direita que o pequeno Beau, e o que ele ignora da cultura dava para encher um livro.

230

Não tem culpa. Não nasceu para aquilo. O caso é que se aborrece por viver em Tara à custa duma mulher, sem lhe dar grandes compensações.

-À custa ... ? Por acaso falou-lhe nisso? -Não, nunca falou. Conhece o feitio de Ashley. Mas eu bem no percebo. Ontem à noite, quando estávamos a velar a seu pai, participei-lhe que pedira Suellen em casamento e que ela me aceitara. Então o Ashley disse que isso o aliviava, porque o atormentava a ideia de ter de ficar em Tara. Isto é, sabia que ele e a senhora Melly se veriam obrigados a permanecer ali para evitar que o povo murmurasse de Suellen e de mim. Nessa altura é que me informou das suas intenções de sair da quinta e arranjar trabalho.

-Trabalho? De que género? E onde? -Isso não sei ao certo, mas disse-me que ia para o Norte. Tem em Nova Iorque um amigo que lhe escreveu a propor-lhe um emprego num Banco...

- Oli não! - exclamou Scarlett. Ao ouvir esse grito de alma: Will dirigiu-lhe o mesmo olhar sereno.

- Pensando bem, talvez seja melhor ele ir para o Norte. -Não não acho!

O coração de Scarlett pôs-se a trabalhar febrilmente. Ashley não devia partir. Ela podia não tornar a vê-lo. Embora longe dele há muitos meses, não se passara um dia que não se lembrasse de Ashley e se regozijasse por tê-lo, abrigado sob o seu tecto. Nem um só dólar enviara a Will sem que a alegrasse a ideia de que esse dinheiro ia contribuir para o bem-estar de Ashley. De facto, não era dotado para trabalhos rurais. "Nasceu para outras coisas" pensou Scarlett com orgulho. Nascera para viver em palácios, montar belos cavalos, ler poemas e ordenar aos escravos o que era preciso que eles fizessem. O facto de já não haver cavalos nem escravos, nem livros, não alterava o destino. Ashley não nascera para empurrar o arado nem para racha lenha. Não admirava, pois, que quisesse sair de Tara.

Contudo não podia consentir que ele partisse de Geórgia. Se Ashley insistisse, ela obrigaria Frank a arranjar-lhe emprego no seu armazém, nem que fosse preciso despedir o caixeiro. Não, o lugar de Ashley não era atrás dum balcão, como não era atrás da charrua. Um Wilkes num armazém! Oli nunca! Contudo, devia haver uma solução para o caso... "Vejam, talvez na serração". Esta ideia deu-lhe

231

tanto alívio que Scarlett, chegou a sorrir. Mas aceitaria ele qualquer proposta que emanasse dela? Iria considerá-la como uma esmola? Pelo contrário, arranjar-se-iam as coisas de modo a ele julgar que até prestava um favor... Scarlett mandaria embora o Johnson, Ashley substituí-lo-ia, e Hugh ficaria a dirigir a serração nova. Explicaria a Ashley que a saúde precária de Frank e as suas ocupações no armazém o impediam de a ajudar, e invocaria o seu próprio estado como uma razão a mais para a aceitação do convite. Incutir-lhe-ia a ideia de que não podia passar sem o seu concurso. Se ele anuísse, dar-lhe-ia até sociedade na fábrica... Dar-lhe-ia fosse o que, fosse, contanto que lhe visse outra vez o sorriso radioso que lhe iluminava o rosto - que lhe surpreendesse no olhar aquele brilho comprovativo de que a amava sempre. Tomou, porém, a resolução de não o forçar a dizer palavras de amor, de não o pôr na contingência de rejeitar o estúpido conceito de honra que ele, mais do que o amor, prezava tanto. Convinha, pois, achar o meio de lhe participar, com tacto, a

deliberação tomada. Senão, Ashley seria capaz de recusar a oferta, receoso de ver repetir-se uma cena parecida com a última que tivera.

-Talvez lhe arranje colocação em Atlanta -disse em voz alta.

-isso é consigo e com ele -respondeu Will, voltando a trincar o bocadinho de palha. -Depressa, Shermnn, Agora escute, Scarlett: ainda tenho uma coisa a pedir-lhe, antes de falar do seu pai. Não caia a fundo sobre Suellen.

O que fez, está feito, e nada poderá ressuscitar o senhor O'Hara, Ela julgou honestamente que fazia pelo melhor.

- Eu é que desejo pedir-lhe esclarecimentos a esse respeito. Que fez Suellen? Alex falou por enigmas e declarou por fim que ela merecia ser castigada.

-Bem sei que há gente que a censura. Os que hoje encontrei em Jonesboro disseram estar dispostos a não lhe falar, quando a tornassem a ver. Mas espero que isso lhes passe. Por agora, prometa-me não levantar a questão. Não gostaria que brigassem quando ainda está em casa o cadáver do senhor O'Hara.

"Ah, não quer brigas!" pensou Searlett, indignada. "Fala como se Tara lhe pertencesse já". Então pensou em Gerald, que jazia morto na sala e, de s'bito, desatou, a soluçar. Will envolveu-a com o braço e chegou-a para si, sem dizer nada.

232

ipA

Enquanto a carroça avançava lentamente na estrada envolta em sombras, Scarlett, reclinada no ombro de WiU e com o chapéu de través, esquecia-se do Gerald dos dois últimos anos, do velho que olhava fixamente para as portas na esperança de ver surgir uma mulher desaparecida para sempre; de quem se lembrava era do homem enérgico, cheio de vida, de cabelo branco, mas ainda viril, espalhando entusiasmo, batendo fortemente com os pés no chão, proferindo gracejos inconvenientes, e todavia generoso. Scarlett recordava-se muito bem de que, sendo pequena, admirava esse pai que a levava consigo adiante da sela quando saltava os valados, a pegava nos braços e lhe dava palmadas, para a castigar das maldades feitas, e que depois a ensurdecia com a sua voz grossa para acabar perdoanão. Revia-o, à volta de Charleston e de Atlanta, carregado de presentes em geral mal escolhidos. Evocava-o ainda no regresso das sessões do tribunal de Jonesboro, pela manhã, cavalgando, bêbado, as sebes, e cantando The Whearin' o' the Green. E depois como aparecia humilde, perante a mulher... Pois agora já se lhe havia reunido, à sua Ellen!

- Por que não me escreveu a dizer que ele estava doente? Teria vindo logo...

- Não esteve doente, nem um minuto. Aqui tem o meu lenço, Vou contar-lhe tudo.

Scarlett aceitou a oferta, pois não trouxera lenços consigo, e encostou-se mais ao ombro de Will. Era tão corajoso, aquele homem-' Nada o inquietava.

- Foi assim - começou ele. - Com o dinheiro que nos mandou, Ashley e eu pagámos as contribuições e comprámos o muar, sementes, porcos, galinhas... A senhora Melly faz milagres com as galinhas. JÉ,' estupenda! Enfim, depois de termos comprado tudo o que era preciso para Tara, não ficou nada para brindes, de que ninguém se queixou, excepto Suellen.

"A senhora Melanie e Carreen não saem de casa, e usam com muito orgulho as coisas velhas que possuem. Mas bem sabe como é a Suellen. Não admite privações. Quando eu a levava a Jonesboro ou a Fayetteville, o que ela se afligia por vestir o que não considerava decente! Tanto mais que, por ali as mulheres dos Sacolas andam no brinco... As daquel@s malditos yankees que dirigem a Agência dos Forros! Ora as senhoras da nossa comarca têm muita honra em trajar com modéstia, para mostrar que não ligam a

233

isso. Suellen. é qúe não. E ainda por cima queria ter carruagem e cavalo, alegando que a Scarlett também era dona dum trem.

- Em bonito estado, nem haja dúvida! - comentou Scarlett.

- Seja o que for, desejo preveni-la. Suellen nunca lhe perdoou esse seu casamento com Frank Kennedy e eu não sei se a devo censurar. Uma partida dessas não se fazia a uma irmã.

Scarlett afastou-se do ombro dele, como uma víbora pronta a morder.

-Não se fazia? Veja como fala, Will Benteen. Não tenho culpa que ele me preferisse a mim. - É pessoa inteligente Scarlett, e creio que o ajudou a dar esse passo. Obtém t@do o que pretende, mas, enfim, sempre era o noivo de Suellen. Olhe que, uma semana antes da sua partida para Atlanta, ela recebeu uma carta dele, por sinal muito amável. Dizia-lhe que se casariam logo que o Frank conseguisse economizar certo dinheiro. Eu vi a carta.

Scarlett não respondeu logo. Sabia que Will estava dentro da verdade, e aquilo parecia-lhe difícil de contestar. Jamais se lembrara de que 'um dia, Will arvorasse em juiz das suas acções, e, por outro lado, nunca lhe pesara na consciência a mentira que pregara a Frank. Quando uma rapariga não sabia prender o noivo, era justo que o perdesse.

-Não venha agora com essas coisas, Will -protestou Scarlett. -:- Se minha irmã chegasse a casar com ele, pensa que gastaria uma única moeda a favor de Tara ou de qualquer de nós?

-Repito que obtém tudo quanto quer -replicou Will, voltando-se com um sorriso Para a sua interlocutora. -

Não penso que nem chegaríamos a ver a cor do dinheiro d ' lho Frank. Mas nem por isso deixo de dizer que pre-

o ve gou uma feia partida à sua irmã. Desde esse tempo ' Suellen anda como uma fúria. Não creio que estimasse muito o velhote, mas aquilo feriu-lhe a vaidade e daí para cá não faz senão lastimar-se que vive aqui enterrada enquanto a Searlett tem lindos vestidos, uma bela carruagem e se diverte à grande em Atlanta. Ela adora usar vestidos bonitos e ir a festas, como sabe. Não a posso censurar. As mulheres são assim...

"Pois bem. Há cerca dum mês, levei-a a Jonesboro.

234

Como tinha que fazer, deixei-a sózinha, e entretanto, ela foi visitar umas pessoas suas conhecidas.'

À volta, vinha calada como um rato, e tão enervada que nem quis interrogá-la. Calculei que a tivessem informado de que alguém ia ter um... em suma, que ouvira qualquer conversa que a interessava, e não me preocupei muito com o caso. Durante uma semana, andou sempre assim. Mal falava. Depois, deu-lhe para ir visitar a senhora Cathleen Calvert... Se a Scarlett visse a pobre senhora, não podia conter as lágrimas. Coitada, mais valera ter morrido do que casar com Hilton, esse yankee sem brio nenhum. Sabe que ele hipotecou a plantação? Perderam-na, e agora têm de sair de lá.

- Não, não sabia, nem me interessa. O que eu quero é que me diga o que se passou em casa.

-Já lho conto -retorquiu Will com a maior calma.

- Quando Suellen regressou da visita à senhora Calvert, declarou-nos que tínhamos opinião errada acerca do Hilton. Deu-lhe roda de "senhor", disse-nos que era muito simpático, mas todos nos rimos. Depois disso, levou o pai a dar grande passeios de tarde, e por várias vezes, quando vol tava do campo, vi-os ambos sentados no murinho do cemitério. Suellen fálava animadamente, gesticulava, e o pai olhava-a espantado e meneava a cabeça. Sabe bem como ele era, Scarlett. Pois nos últimos tempos parecia que ainda andava mais na lua. Dava a impressão de que não nos conhecia nem sabia onde'estava. Uma vez, vi Suellen apontar para a sepultura da sua mãe, e ele desatou a chorar. Nesse dia, quando Suellen entrou em casa, vinha muito excitada e satisfeita. Chamei-a à parte e preguei-lhe um sermão: "Por que diabo atormenta o seu pai e lhe fala de sua mãe? Ele já nem se lembra de que ficou sem a mulher, e vai a menina fazer-lhe recordar coisas tristes!" Ela então levantou a cabeça com ar petulante e respondeu: "Meta-se na sua vida! Ainda um dia há-de ficar contente com o que eu penso fazer". A senhora Melanie disse-me ontem à noite que a Suellen a pusera ao corrente dos seus projectos, mas que não imaginara que ela falasse a sério. E se não nos contou foi porque só a ideia a deixou transtornada.

- Qual ideia? P, capaz de se explicar melhor? Já vamos a meio caminho de casa, e eu quero saber o que se passou com o pai.

- Estou a fazer o possível por me explicar bem - retor-

235

quiou Will. -E como receio não poder contar tudo antes de chegarmos a casa, paramos aqui um bocadinho.

Puxou as rédeas, e <> cavalo estacou. Haviam-se detido junto duma sebe que mareava a propriedade dos Mac Intoshes. Scarlett lançou uma olhadela por baixo das árvores sombrias e, avistando as chaminés que, semelhantes a fantasmas, dominavam as ruínas silenciosas lastimou que Will não tivesse escolhido outro sítio par@ acabar o seu relato.

-Ora a ideia de Suellen era nem mais nem menos do que obrigar os yankees a pagar tudo. o que eles próprios levaram ou destruíram: algodão, celeiros, animais...

-Os yankees... pagarem. -Não ouviu falar dissco? O governo yankee tem indemnizado todos os proprietários sulistas simpatizantes com a União.

-Já sabia-disse Scarlett.-Mas em que é que isso nos interessa?

-Na opinião, de Suellen, interessa-nos muito. Naquele dia em que a levei a Jonesboro, encontrou-ge com a senhora Mae Intosh, e, é claro,, não deixou de reparar quanto ela estava bem vestida. Aquilo fez grande confusão a Suellen, até que acabou por perguntar a que era devida tanta elegância. A outra então informou-a com ares de importância que o marido apresentara queixa ao Governo Federal por destruírem a propriedade dum leal partidário da União, que nunca apoiara nem auxiliara os confederados de qualquer forma.

- Eles nunca auxiliaram ninguém! - comentou Seglett. - Sempre é gente que tem sangue irlandês e escocês .à mistura.

-Talvez. Não os conheço. O certo é que o governo lhes deu... não sei quantos mil dólares. O que sei é que foi boa soma. Suellen nunca mais pensou noutra coisa. Durante toda a semana ruminou a sua ideia, sem nos dizer nada, porque sabia que nos riríamos. Mas, como não podia passar sem falar com alguém, foi a casa da senhora Cathleen e aquele traste do Hilton meteu-lhe na cabeça novas ideias. Fez-lhe notar que o senhor O'Hara não nascera neste país, que não se batera durante a guerra, que não tivera filhos a combater e que nunca exercera funções públicas sob a Confederação. Disse-lhe que podia servir de testemunha das simpatias do senhor O'Hara. pela União. Em suma, encheu

236

@ 0@@ , ,

a cabeça da rapariga com estas asneiras e, assim que, chegou a casa, Suellen tratou de convencer o pai. Scarlett, sou capaz de jurar que a maior parte do tempo ele nem percebeu o que lhe dizia a filha. E era com isto mesmo que ela contava, que o pai prestasse o "juramento de ferro" sem saber o que fazia.

- Meu pai prestar o "juramento de ferro"!

- Ele enfraquecera, bastante de espírito nos últimos tempos e era nisso que se firmavam as esperanças de Suellen@ Nós, entretanto, não suspeitámos de nada. Sabíamos que ela magicava em qualquer coisa, mas estávamos muito longe de pensar que Suellen só evocava a memória da mãe pa-ra o censurar pelo facto de consentir que as filhas andassem andrajosas quando podia apanhar cento e cinquenta mil dólares. dos yankees.

-Cento e cinquenta, mil dólares-repetiu Scarlett. Imediatamente se lhe atenuou a repulsa que sentia pelo "juramento de ferro".

O que isso representava! Um dinheirão! E, para o receber, bastava prestar fidelidade ao governo dos Estados Unidos, juramento em que se declarava que o abaixo assinado, jamais auxiliara os inimigos e sempre apoiara os governamentais. Cento e cinquenta mil dólares! Tanto dinheiro por uma pequenina mentira! Não não podia censurar a irmã. Era então por isso que Álex achava ser

merecedora de castigo? Era por isso que os conterrâneos, a evitavam? Que súcia de imbecis! O que não fariam com aquela quantia? E que importava uma mentira? Se a única coisa que se podia obter dos y"ke-es era dinheiro., todos os processos seriam bons para o apanhar,

-Ontem, pelo mei"ia, quando Ashley e eu partíamos lenha, Suellen meteu o senhor O'Hara nesta carroça e e!4:o,9 a caminho da cidade, sem dizerem nada a ninguém. A senhora Melly desconfiava vagamente do propósito da v1a@_ gern, mas sempre pensou que Suellen não fosse até ao extremo e não nos quis dar o alarme. Custava-lhe a crer que ela fosse capaz disso.

"Hoje eu soube, afinal tudo quanto se passou. Aquele pulha do Hilton anda bem' relacionado com os Renegados e com os Republicanos, e Suellen concordava dar-lhes não sei quanto para que eles certificassem que o senhor O'Hara fora sempre partidário da União, que era irlandês de nasciniento que não estivera na guerra, etc., etc. Em resumo,

237

o seu pai só tinha que assinar o papel, e a documentação seguiria logo para Washington.

"Quando ele chegou leram-lhe à pressa a fórmula do juramento. O senhor O'Éara não disse nada, e tudo correu muito bem até que lhe vediram que assinasse. Nessa altura, o seu pai pareceu cair em si e abanou a cabeça. Suponha que não sabia ao certo do que se tratava, mas aquilo não lhe agradou e, para mais, Suellen nunca teve jeito para o levar. P, bem de ver que, depois de tanto trabalho, pouco faltou para ela ter um ataque de nervos. Agarrou no pai pelo braço e f&lo sair do escritório.

Meteram-se no carro e Suellen convenceu-o de que a mãe lhe gritava da sepultura que não deixasse as filhas sofrer inutilmente. Contaram-me que o senhor O'Hara chorava como uma criança. Toda a gente os viu, e Alex Fontaine aproximou-se -para saber o que se passava; mas Suellen disse-lhe que não se intrometesse na vida dos outros, e ele voltou para trás, de orelha murcha.

"Não sei quem lhe deu a ideia, mas o certo é que ela nessa mesma tarde comprou uma garrafa de aguardente, tornou a conduzir o senhor O'Hara ao escritório e lá lhe deu de beber. Ora, há mais dum ano que não temos álcool em Tara, além do vinho de amoras que Asliley fez e o senhor O'Hara já se desabitudara. Embriagou-se a valer e, depois de duas horas de discussão com Suellen, acabou por dizer que assinaria tudo o que quisessem. Os yankees tornaram a puxar do papel e, no momento em que ele já estava de caneta na mão, Suellen estragou tudo. Disse assim: "Agora, nem os Slatterys nem os Mae Intoshes poderão rir-se de nós". Compreende, Searlett, os Slatterys tinham exigido uma quantia formidável pelo pardieiro que os ya7i,kees incendiaram, e, graças ao marido de Enimie, conseguiram que lha dessem.

"Contaram-me que, ao ouvir aquelas palavras, o seu pai se endireitou e deitou um olhar terrível a Suellen. Já sem aquele ar alheado disse: "Os Slatterys e os Mac Intoshes assinaram algum@ coisa neste género?" Suellen ficou tão atrapalhada que nem respondeu. Então o pai insistiu em grandes berros: "Esse maldito irlandês protestante e esse miserável também assinaram?" Hilton é que respondeu, a ver se conciliava as coisas: "Sim ' senhor, assinaram e receberam somas fabulosas, como o senhor há-de receber".

"Ao ouvir isto, o seu pai soltou um grito que parecia

238

o mugido dum toiro. Depois, disse com pronunciado sota~ que irlandês: "Julga, que um O'Húa vai seguir as pisadas dum orangista ordinário e dum reles pé~descalço?" Rasgou o papel em dois e atirou-o à cara de Suellen, bradando: "Não és minha filha!" E fugiu do escritório antes que tivessem tempo` para mais nada.

"Alex disse-me que o viu sair do prédio furioso como um toiro. Pela primeira vez depois da mor@e de sua mãe, Scarlett, ele voltou a ser o que fora. Caminhava aos ziguezagues, praguejando em voz alta. O cavalo de Alex estava ali, e o seu pai pulou para cima dele e partiu à desfilada no meio duma nuvem de poeira.

"Ao fim do dia, Ashley e eu, estávamos sentados nos degraus da porta e olhávamos para a estrada deveras inquietos. A senhora Melly encontrava-se na cama, a chorar quanto mais podia, mas não queria dizer-nos nada. De repente, ouvimos galopar um cavalo e alguém gritar como se estivesse na caça às raposas. Astiley disse-me: "1@ curioso! Isto lembra-me o senhor O'Hara quando nos vinha visitar antes da guerra".

"E logo o vimos aparecer no extremo do prado. Devia ter saltado a barreira. Subia a colina numa corrida desenfreada, cantando em voz alta como se estivesse muito contente. Não sabia que seu pai tinha aquela voz. Cantava peg in a Low-backed Car, e com o chapéu incitava o cavalo, que parecia doido. Ao chegar ao alto da colina não abrandou o galope, e compreendemos que ele ia saltar o valado. Levantámo-nos num pulo aterrorizados, e ouvimo-lo gritar: "Repara, Ellen! Vê-me 61tar isto!" Mas por desgraça, o cavalo estacou, e o senhor O'Hara passo@-lhe por cima da cabeça. Não devia ter sofrido. Estava morto quando lá chegámos.

Will esperou um minuto por que Scarlett falasse, e, como ela não dissesse nada, brandiu as rédeas. -Vamos, Sherman! -exclamou, e o cavalo prosseguiu o caminho de casa.

40

SCMU.ETT pouco dormiu nessa noite. Assim que amanheceu e que o Sol começou a surgir por trás dos pinheiros das colinas da banda oriental saltou da cama arrastou um banco para junto da janel@ e aí se sentou. ãescansando no

239

wLA'_ã

braço a cabeça fatigada, contemplou a granja, o pomar e por fim os campos de algodão. Tudo estava húmido de orvalho, verde e silencioso, e aquela vista foi como um bálsamo para o coração magoado de Searlett. Ao nascer do Sol, Tara dava a impressão duma quinta tratada com

* maior carinho, _duma terra onde reinava a paz embora

* seu dono jazesse morto. As tábuas do galinheir@ ' consolidadas com argamassa para evitar a entrada de ratos e doninhas, apresentavam-se caiadas de fresco, assim como o estábulo. Com os seus renques de milho, de favas, de nabos, dava gosto ver a horta desprovida de ervas ruing e bem delineada por uma cercadura de estacas de carvalho. Sob as árvores do pomar só cresciam margaridas. O sol acariciava as maçãs e os pêssegos meio escondidos entre a folhagem verde, Mais adiante os algodoeiros dispostos em semicírculo recebiam, imóvei@, a luz dourada da manhã. Corriam em direcção aos campos bandos de patos e de galinhas, na mira de encontrar boas lesmas e minhocas na terra amolecida pela charrua.

O coração de Searlett encheu-se de ternura e gratidão para com Will, _que fizera aquilo tudo. Apesar do seu culto por Ashley, não podia acreditar que este houvesse concorrido muito para aquela prosperidade; o esplendor de Tara não era obra dum plantador-aristocrata, mas do lavrador infatigável e perseverante que se ocupava da sua terra. É claro que estava agora em presença duma simples herdade em vez da plantação grandiosa doutros tempos, quan o havia numerosos muares e cavalos de raça e campos de milho e de algodão estendendo-se a perder ae vista. Mas o que existia ao presente era bom e para o futuro poderiam fazer melhor.

Will não se limitaria a tratar de meia dúzia de acres de terra, dera também rijo combate a esses dois inimigos dos plantadores georgianos os pinheirinhos novos e o silvado. Não os deixara invadir o jardim, nem o prado, nem os campos de algodão, nem a relva; impedira que os ramos de silva assaltassem as varandas, como tantas vezes sucede noutras propriedades.

Searlett arrepiou-se à ideia de que Tara podia ter recaído no estado selvagem. Ela e Will haviam feito bom trabalho, quer desviando a sanha dos yankees e dos Sacolas, quer a da própria natureza. E Will fora mais além: dissera-lhe que, no Outono, depois da colheita do algodão, ela não teria

240

necessidade de lhe enviar dinheiro, a não ser que mais algum Sacola cobiçasse Tara e conseguisse novo aumento de contribuições. Scarlett sabia que Will a custo passaria sem a sua ajuda, mas admirava-o e venerava-lhe a independência. Enquanto estivera na situação de fazer serviço remunerado ele aceitara dinheiro; agora, que ia tornar-se cunhado e @er o homem da família, somente contaria com o seu trabalho. Sim, Will era na verdade um dom da Providência.

Na véspera à noite, Pork havia cavado a sepultura, ao lado da de Ellen. Ali estava ele de enxada na mão em frente do montículo de terra, pronto a repô-lo no seu lugar. Scarlett achava-se mais atrás 'à sombra dos ramos baixos e nodosos dum cedro que o sol quente da manhã de Junho salpicava de oiro, e fazia o possível de não olhar a cova aberta. Jim Tarleton, o pequeno Hugh Munroe, Alex Fontaine e o filho mais novo do velho MeRae avançavam lentamente e a custo pela alameda que descia da casa, conduzindo o esquife de Gerald sobre paus de carvalho atravessados, A respeitosa distância, acompanhava-o a multidão dos vizinhos, mal entrouxados e silenciosos. Enquanto eles atravessavam o jardim inundado de sol, Pork apoiou a cabeça ao cabo da enxada e pôs-se a chorar, e Scarlett notou que a carapinha dele, ainda negra de azeviche quando ela partira para Atlanta, meses antes, se encontrava já toda cheia de cãs.

"Ainda bem", pensava a filha de Gerald, "que chorei toda a noite, o que me permite ter agora os olhos enxutos".

O ruído que fazia a outra, Suellen, no seu pranto irritou a tal ponto a irmã que a obrigou a fechar os punh@s. a fim de não se voltar de súbito para lhe encher a cara de bofetadas. Suellen fora a causa da morte do pai, voluntária ou involuntária, e devia ter a decência de se dominar na presença dos vizinhos hostis. Ninguém lhe falara, naquela manhã, ou sequer lhe endereçara um olhar de compunção. Tinham beijado Searlett em silêncio, ou apertado a mão, tinham murmurado pal@vras de conforto a Carreen e até a Pork, mas fingiram ignorar que a outra órfã se encontrava ali também. Para eles, Suellen fizera pior do que assassinar o pai: tentara levá-lo a trair o Sul. E, para esta comunidade tão unida e tão intransigente, aquilo significava o mesmo que

16 - vento Uvou - 11

241

atentar contra a honra de todos. Abrira uma brecha na sólida frente que eles aDres-entavam ao inimigo. Com o propósito de obter dinheiro do governo yankee, pusera-se ao nível dos Sacolas e Renegados 'mais odiados ainda do que os soldados nortistas. Ela, membro duma fiel e antiga família confederada, família de plantadores correrá de braços abertos para o adversário e lançara o o@róbrio, sobre todas as outras famílias da comarca.

Os que acompanhavam o enterro estavam ao mesmo tempo entristecidos e indignados, em especial três deles: o velho MeRae, amigo de Gerald desde que se instalara na região vindo de Savannali, muitos anos antes;-a avó Fontaine,'que estimava deveras o defunto porque fora marido de Ellen e a senhora Tarleton, que tivera por ele mais amizade & que ninguém, pois O'Hara sabia muito bem distinguir um garanhão dum castrado.

O aspecto daquelas três faces carrancudas, na sala sombria em que repousava o cadáver, provocara certa apreensão em Will e em Asliley que logo se retiraram para a saleta de Ellen, a fim de trocarem impressões.

-Há-de haver quem faça comentários a respeito de Suellen-disse W111, trincando o bocadinho de palha que tinha na boca.-Julgam que lhes assiste a obrigação de falar do caso. A mim não compete ser juiz. Mas, quer tenham ou não direito, eu entendo Asliley que devemos tomar a defesa dela, visto sermos os'homens ka casa. E isso é que é o pior. Como discutir com MeRae, que é surdo como uma porta e nunca atende aqueles que o aconselham a calar-se? Por outro lado, você, sabe que nunca ninguém conseguiu deter a senhora Fontaine quando ela se resolve a dar sentenças. E, quanto à senhora Tarleton... viu a cara que fazia sempre que olhava para Suellen? É pessoa incapaz de se conter. Se falarem, havemos de intervir, e já temos bastantes aborrecimentos em Tara, para que surjam agora outros com os vizinhos,

Ashley suspirou, aborrecido. Conhecia melhor do que Will o feitio dessa gente, e lembrava-se de muitas disputas antes da guerra, algumas das quais acabadas a tiro e originadas em frases proferidas por ocasião de enterros, conforme o costume local. Geralmente essas frases eram em extremo elogiosas, mas não deixava às vezes de aparecer uma ou outra cheia de veneno. Acontecia também serem

242

mal interpretadas palavras ditas com a melhor das intenções ainda mesmo antes de o morto baixar à sepultura.

Deba a ausência do sacerdote católico e dos ministros metodistas e baptistas, que habilmente a família recusou, competia a Asliley dirigir o serviço religioso - auxiliando-se com o livro de orações de Carreen. Esta, católica mais fervorosa do que as irmãs, ficara aflita ao saber que Scarlett se não lembrara de trazer um sacerdote de Atlanta, mas consolara-se um pouco à ideia de que poderia mais tarde ler o ofício de defuntos, no túmulo, de Gerald, aquele que viesse casar Will e Suellen. Fora ela quem sugerira a recusa dos protestantes e indicara Asliley para officiar. Asliley compreendeu que lhe impendia a responsabilidade de assegurar o respeito da cerimónia e procurava em vão imaginar qual o melhor meio de se impor àquela gente tão pouco dócil.

- Não vejo remédio - declarou ele, passando a mão pela cabeça. - Só se me fosse permitido abater a soco a avó Fontaine ou o velho MeRae, e tapar a boca da senhora Tarleton. Verão, que eles não-de pelo menos dizer que Suellen cometeu homicídio ou traição e que sem ela, o senhor O'Hara estaria ainda vivo. Maldito costume este, de falar diante dos cadáveres! numa coisa bárbara.

- Escute, Astiley - voltou Will lentamente. - Não tenciono deixar ninguém pronunciar-se sobre a Suellen, seja qual for a opinião. Conte comigo. Quando você acabar de ler o ofício e de recitar as orações, perguntará: "Alguém deseja falar?" e nesse momento volta-se para mim para que eu seja o primeiro a responder.

Scarlett, entretanto, vendo os esforços que os homens faziam para entrarem com o caixão através da porta estreita do cemitério, estava longe de pensar no temporal que se avizinhava. De coração oprimido, reflectia que, enterrando o pai, enterrara um dos últimos elos da cadeia que a ligava aos dias felizes.

Finalmente depuseram o caixão junto da cova, e ficaram a desentorpecer os dedos. Astiley, Melanie e Will penetraram no recinto e colocaram-se atrás das O'Haras. Todos os acompanhantes, que haviam podido entrar, comprimiram-se ao fundo e o resto da multidão deteve-se no exterior, fora do muro de tijolos. Scarlett admirou-se e comoveu-se ao mesmo tempo quando verificou a quantidade de gente que

243

ali estava. Os meios de transporte não eram fáceis e cada qual deu prova de abnegação com a sua vinda ao cemitério. Contavam-se umas cinquenta a sessenta pessoas, algumas delas procedentes de tão longe que era caso para perguntar como souberam a tempo de comparecerem. Viam-se famílias inteiras de Jonesboro, Fayetteville e Lovejoy, e com elas bom número de servos pretos.

Apresentaram-se também pequenos lavradores e um punhado de homens da região florestal e da pantanosa. Estes últimos muito altos, magros e barbudos, usavam fato de tecido, galeteiro, feito em casa, espingarda no braço e gorro de pele de coati. Acompanhavam-nos as respectivas mulheres descalças, com o lábio inferior ainda cheio de rapé. O rosto delas, sob o chapéu com que se protegiam do sol, era lívido, em consequência das febres palustres mas brilhava de limpeza, e o vestido, recentemente passado a ferro, vinha rígido da goma.

Os vizinhos mais próximos encontravam-se ali todos reunidos. A avó Fontaine, seca, enrugada e amarela como um canário, apoiava-se à bengala. Atrás dela, as duas Fontaines mais novas chamavam-na em voz baixa e puxavam-lhe pelo vestido para a obrigar a sentar-se no murinho de tijolos. O marido da avó, o velho médico, é que não estava presente. Falecera dois meses antes, e com a sua morte fora-se quase toda a alegria dos olhos da mulher. Cathleen Calvert Hilton

mantinha-se à parte, como convinha a uma criatura cujo marido representara papel importante no drama. Conservava-se de cabeça baixa com o rosto meio escondido pela aba do chapéu.

Scarlett notou com espanto que ela tinha o vestido de chita cheio de nódoas de gordura, e que as mãos, cobertas de sardas se apresentavam sujas, assim como as unhas. Cathleen riajo só perdera toda a distinção como tinha um ar porco, desalinhado e miserável.

"Não tarda muito que não tome rapé, se é que já não o fez", pensou Scarlett, horrorizada. "Que decadência, meu Deus!"

Estremeceu, ao compreender quão pequena era a distância que separava as pessoas de categoria das de baixa condição.

"Se eu fosse desprovida de iniciativa, talvez estivesse reduzida àquilo", disse consigo. E, lembrando-se de que, depois da rendição, ela e Cathleen se encontravam nas mesmas circunstâncias, sentiu uma onda de orgulho. "Não

244

me saí mal", pensou, erguendo a cabeça e esboçando um sorriso que logo se lhe desvaneceu dos lábios. A senhora Tarlet fitava-a com ar escandalizado. Atrás dela e do marido estavam alinhadas as quatro filhas, cujos caracóis ruivos eram uma nota discordante naquele ambiente solene e cujos olhos castanhos brilhavam como de animaizinhos bravios.

De súbito, todos se endireitaram nos seus lugares, apaziguou-se o sussurro de saias, os homens tiraram o chapéu, juntaram-se mãos para rezar e Ashley avançou trazendo o velho livro de orações pertencentes a Carreen. Pousou e ficou um momento de cabeça baixa, com os cabelos loiros a reluzirem ao sol. Fez-se silêncio na assistência, silêncio tão profundo que se ouvia o suspiro do vento a acariciar as magnólias. Ao longe, um tordo emitia uma nota grave e triste, sempre a mesma. Ashley começou a ler as orações e todas as frentes se curvaram enquanto a sua voz quente e bem timbrada fazia realçar as palavras breves e dignas.

"Oh!" pensou Scarlett com um nó na garganta. "Que bela voz a sua! Já que é preciso que alguém faça isto por meu pai, estou contente que seja o Ashley. Antes ele que um padre. Antes o pai enterrado por alguém da família do que por um estranho".

Quando Ashley chegou à parte das orações relativas às almas do Purgatório fechou o livro. Só Carreen notou aquela omissão e olhou intrigada para Ashley que principiou a rezar o Padre Nosso. Ele sabia que metade da assistência nunca ouvira falar do Purgatório, e que outra metade se indignaria de ouvir insinuar embora numa oração, que um homem tão perfeito como o Hara não tinha ido direito para o Céu. Assim, por consideração pela opinião pública, passou por alto todas as alusões ao Purgatório. Todos acompanharam com fervor o Padre-Nosso, mas as vozes esmoreceram quando Ashley começou a Ave-Maria. Ninguém conhecia essa oração e toda a gente se entreolhava, enquanto os O'Haras, Melanie e os criados de Tara diziam em coro: "Rogai por nós, agora e na hora da nossa morte, Amém".

Então Ashley ergueu a cabeça e, por um momento, pareceu hesitante. A assistência em peso tinha os olhos fixos nele. Todos esperavam que continuasse, e arranjavam posições mais confortáveis, na expectativa duma longa locução.

245

A ninguém ocorria que as orações católicas se limitassem àquilo. Naquela região os enterros eram sempre muito prolongados. Os ministros baptistas e os metodistas não tinham orações precisas mas falavam de improviso conforme exigiam as circunstâncias e em geral, não se calavam antes que os auditores se debulhassem em lágrimas e a família do defunto se lamentasse em altos brados. Se o serviço religioso não fosse além daquelas breves orações pronunciadas sobre o cadáver do seu querido amigo, os vizinhos ficariam indignadíssimos. Ashley sabia-o melhor que ninguém. Durante

semanas, comentariam o caso ao almoço e ao jantar, e toda a comarca diria que as filhas do senhor O'Hara não tinham testemunhado ao pai o respeito que lhe deviam.

Depois de lançar um olhar rápido a Carreen como a pedir-lhe perdão, Ashley baixou de novo a cabeça e pôs-se a recitar de cor as orações episcopais pelos defuntos que ele muitas vezes lera nos enterros de escravos quando estava nos Doze Carvalhos.

"Eu sou a Ressurreição e a Vida... e todo aquele que crê em mim... não morrerá".

Não se lembrava bem das palavras e falava lentamente, detendo-se por vezes para rebuscar na memória as frases esquecidas. Mas a própria lentidão com que se exprimia tornava mais impressionantes os seus dizeres, e o público, que até aí se conservara de olhos secos, começou a puxar dos respectivos lenços. Como todos eram baptistas ou metodistas, supuseram que Ashley seguia escrupulosamente o rito católico e chegaram à conclusão de que este afinal, era muito menos frio do que tinham julgado a princípio. Scarlett e Suellen, tão ignorantes como os outros acharam aquela oração muito bela e -reconfortante. Só Melanie e Carreen perceberam que estavam a sepultar um católico praticante segundo o rito anglicano. E Carreen andava muito sucumbida pela dor e muito magoada com a traição de Ashley para poder intervir.

Quando acabou, Ashley reabriu os olhos cinzentos e tristes e relanceou a vista pela assistência, até que pousou o olhar em Will e disse:

-Alguma das pessoas presentes deseja falar? A senhora Tarleton deu logo sinais de agitação, mas, antes que ela pudesse agir, Will avançou no seu passo claudicante e veio postar-se em frente do caixão.

- Meus amigos - começou ele por dizer no seu tom de

246

, -77 '71`

voz sereno. - Talvez considereis um abuso ser eu o primeiro a falar, eu que, há um ano, ainda não conhecia o senhor O'Hara, quando todos vós o conheceis pelo menos há vinte. A minha justificação é esta: se ele vivesse mais um mês, eu teria o direito de o chamar pai. ,

Percorreu a assembleia um frémito de espanto. Eram todos muito bem educados para trocarem impressões em voz baixa, mas houve certa agitação e cada qual olhou para Carreen, que se mantinha de cabeça baixa. Ninguém ignorava a afeição que ele lhe tinha. Will bem viu para que lado se dirigiam todos os olhares, mas continuou como se nada notasse:

-Como vou casar com a menina Suellen assim que venha um sacerdote de Atlanta, achei que isso me concedia o direito de ser o primeiro a falar.

A última parte do discurso perdeu-se num murmúrio confuso semelhante ao zumbido dum enxame de abelhas. Toda a gente simpatizava com Will. Toda a gente o respeitava, pelo que fizera por Tara. Sabiam que ele gostava de Carreen, e o anúncio do seu próximo casamento - com Suellen, posta à margem da sociedade, causou espanto e indignação. O bondoso Will casar com a víbora da Suellen O'Hara!

Por alguns instantes, pairou no ambiente o maior nervosismo. A senhora Tarleton pestanejava furiosamente e os lábios tremiam-lhe como se falasse consigo mesma. No meio daquele silêncio, ouviu-se o velho MeRae pedir ao neto que lhe explicasse o que se passava. Enfrentando a assistência, Will conservava o seu ar calmo mas via-se-lhe nos olhos azuis uma expressão que impedia fosse quem fosse de proferir uma única palavra contra a futura mulher. Durante uns segundos a balança oscilou entre a geral simpatia por Will e o desrezo por Suellen. E foi Will quem venceu. Como se a, pausa fosse voluntária ele prosseguiu:

- Não conheci como vós o senhor O'Hara na plenitude do seu vigor. Quando o conheci, era já velho, um velho sempre digno no meio das suas perturbações. Houve, porém, quem me dissesse o que ele foi noutros tempos. Era um irlandês corajoso um verdadeiro senhor, e toda a vida procedeu como leal e confederado. Talvez não torne a haver uma personalidade como a sua, porque a época em, que existiam homens daquela tempera já desapareceu deste mundo, tal como ele. Nasceu no, estrangeiro, mas era mais georgiano

do que qualquer de nós, que lhe pranteamos a morte. Partilhou da nossa existência, amava a nossa terra e para falar sem restrições morreu pela nossa Causa, tal coi@@o um soldado. Era um'dos nossos ' possuía os nossos defeitos e as nossas qualidades, a nossa força e a nossa fraqueza. E digo a nossa força, porque nada o detinha quando decidia alguma coisa e porque nada o assustava. Nada do que viesse do exterior o podia abater.

"Não se amedrontou quando o governo inglês queria enforcá-lo. Agarrou tranquilamente na trouxa e veio-se embora. Também não teve medo de desembarcar nesta terra sem uma moeda no bolso.

Meteu mãos ao trabalho e ganhou dinheiro. Não receou instalar-se nesta região donde tinham acabado de expulsar os índios e que era quase um matagal cerrado. Desbastou ervas e arbustos e conseguiu fazer uma grande plantação. Quando veio a guerra e o dinheiro começou a desaparecer, não teve medo de ficar pobre. E quando os yankees passaram por Tara, ele não se acobardou. Eis porque afirmo que possuía as nossas qualidades. Nada do que vem do exterior nos pode abater.

"Contudo tinha também a nossa fraqueza, porque era vulnerável @quanto ao interior. Isto é, quando o mundo inteiro nada podia contra ele o seu coração foi atingido. Com a morte da, senhora O'Aara, o seu coração morreu também, e foi o fim. Já não era ele quem víamos nos últimos tempos".

Will fez uma pausa e relanceou o olhar calmo pelo círculo de pessoas. A assistência conservava-se imóvel debaixo dum sol ardente e esquecera a sua cólera contra Suellen. Os olhos de Will pousaram um momento em Scarlett e pareceram sorrir-lhe, como para lhe dar coragem. E Scarlett, que se esforçava, por conter as lágrimas, sentiu-se de facto reanimar. Em vez de proferir uma porção de tolices a respeito de reuniões noutra mundo melhor e da submissão à vontade de Deus, Will dizia coisas sensatas, e a sensatez fora sempre fonte de energia e consolação para Scarlett.

- Não queria que diminuísse o vosso bom conceito sobre ele, só porque se deixou abater. Qualquer de nós está sujeito a isso, às mesmas fraquezas, aos mesmos desvarios. Nada daquilo porque passámos nos conseguiu derrotar: nem os yankees, nem os Sacolas, nem as dificuldades da vida, nem as contribuições muito elevadas, nem a falta

248

de alimentos. Contudo, podemos dum momento para outro ser liquidados por essa fraqueza que existe em nós. E nem sempre é a perda dum ente querido a causa disso, como aconteceu ao senhor O'Hara. Cada qual sente à sua maneira. £. digo-vos: ai daquele que já não sente, que tem quebrada a mola real; mais lhe valera morrer. Por isso, não tenhamos pena do senhor O'Hara. Quando veio Sherman e a senhora O'Hara faleceu, é que devíamos lastimá-lo. Agora, que ele

6e vai encontrar com aquela a quem sempre amou, não há razão para o chorarmos, a menos que sejamos grandes egoístas, e sou eu que vo-lo afirmo, eu que o estimava como a um pai... Se não levais a mal, ficamos por aqui. Os membros da família estão muito desgostosos para suportar mais di.%cursos, e seria maldade afligi-los mais ainda.

Will deteve-se e, inclinando-se para a senhora Tarleton, disse-lhe em voz baixa:

- Poderia fazer o favor de acompanhar Scarlett até casa? Não lhe serve de nada estar aqui a pé quedo, a apanhar este sol. E a senhora Fontaine mais velha também já não está em idade para isto, salvo o devido respeito...

Sobressaltada pela brusca transição do elogio fúnebre do pai para uma conversa que a ela referia Scarlett corou até à raiz dos cabelos e mais atrapalhada 'ficou ao ver-se alvo de todos os olhares. Por que motivo Will chamava a atenção daquela gente para o seu estado de gravidez? IFitou~o com expressão indignada, mas Will com a calma de sempre, fitou-a também e obrigou-a a @aixar a vista.

"Sei o que estou a fazer", parecia ele dizer-lhe. Era já o homem da e-asa, e Scarlett, 'para evitar cenas, voltou-se para a senhora Tarleton. Tal como Will esperara, esta esqueceu-se de Suellen com aquela nova distracção e, pegando no braço de Searlett, disse-lhe em tom de bondade:

-Vamos para casa, filha. Scarlett deixou-se conduzir entre a chusma de gente, enquanto se elevava um murmúrio de simpatia e várias pessoas lhe estendiam a mão à passagem. Quando chegou ao pé da avó Fontaine, a velha dama enfiou o braço no dela e, dirigindo um olhar altivo a Sally, disse com ar feroz:

-Não venhas. Não preciso de ti. As três mulheres abriram caminho através da assistência e seguiram pela alameda sombreada em direcção a casa. A senhora Tarleton sustinha Scarlett com mão tão firme

249

IV

sob o cotovelo que ela quase se sentia elevada no chão a cada passo.

- Por que é que Will se lembrou daquilo? - exclamou Scarlett quando se certificou de que ninguém a podia ouvir.

- Foi exactamente como se dissesse: "Olhem para ela! Vai ter um filho!"

-Ora, ora! Não morreu por causa, disse, pois não?retorquiu a senhora Tarleton.-Will teve razão no que disse. Era loucura ficar ali debaixo de sol. Podia desmaiar e ter um mau sucesso.

- Não foi essa a razão que inspirou Will - disse a velha Fontaine, ofegante com a subida. - Will conhece-nos bem, e não queria que nós, eu e você, Beatrice, nos aproximá.<.@semos da sepultura. Receava que falássemos e arranjou este meio de nos pôr a andar... Havia ainda outra coisa. Não desejava que Scarlett ouvisse as pazadas de terra sobre o caixão. Nesse ponto concordo com ele. Lembre-se bem disto, Scarlett. Enquanto não escutamos esse ruído, supomos que as pessoas não morreram para sempre; mas, uma vez que ele nos chega. aos ouvidos... Não há rumor mais horrível neste mundo... Pronto já chegámos. Ajude-me a subir a escada, minha filha. D@-me a sua mão, Beatrice. Scarlett já não precisa do seu braço, e, como Will notou, eu estou muito velha... Will sabe que era a preferida do seu pai e não quis que se expusesse a maiores provações. Quanto às suas irmãs, achou que não seria tão doloroso. Suellen tem a sua desonra para a distrair, e Carreen tem... o seu Deus. Mas a Scarlett não tem ninguém, não é assim?

- Não tenho respondeu a interpelada, ajudando a anciã a subir os degraus. - Nunca tive ninguém a, ampa@rar-me, salvo minha mãe.

- Mas, quando a perdeu, descobriu que era suficientemente forte para poder viver sem apoio, não é verdade? Olhe, há pessoas que não podem. O seu pai era desse número. Will tem razão. O'Hara não passava sem Ellen, -e agora é mais feliz lá onde se encontra, assim como eu o serei quando for reunir-me ao meu doutor.

Falava sem nenhum propósito de despertar a compaixão, e Scarlett e a senhora Tarleton abstiveram-se de fazer qualquer comentário. A velha Fontaine exprimia-se num tom natural e indiferente como se o marido houvesse partido para Jonesboro e bastasse uma viagem de trem para

250

ir ter com ele. Era- já muito idosa e vira excessivas coisas para que a morte a assustasse!

- Mas... em qualquer cas<>... pôde dispensar um apoio

- observou Searlett.

A velha deitou-lhe um olhar fulgurante. -De acordo. No entanto, às vezes, é deveras desagradável.

- Escute-me - atalhou a senhora Tarleton - não devia dizer nada desse gênero a Scarlett. - Bem lhe chegam os desgostos sofridos! A viagem, o vestido apertado, a morte do pai, o calor, tudo isso, é bastante para deprimir uma pessoa. Se, ainda por cima, lhe vem meter ideias na, cabeça, o que poderá suceder?

- Ora - replicou Searlett, irritada - não estou assim tão em baixo como julgam, e não sou dessas que têm maus sucessos com facilidade.

- Nunca se sabe - profetizou a senhora Tarleton, com ar doutoral. -A primeira vez que estive grávida, sobreveio-me um desmancho ao ver um toiro arremeter contra um dos nossos escravos. Lembra-se da nossa égua baia? Não havia animal mais saudável, mas era excessivamente nervosa e se eu não tomasse cuidado ela....

- C@le@se, Beatrice - ordenou a s@nhora Fontaine. -

Searlett não vai ter nenhum mau sucesso, nem que seja para lhe fazer a vontade. Sentemo-nos aqui, no vestíbulo. Está mais fresco, com esta corrente de ar, nada desagrarável. Se fosse à cozinha, Beatrice buscar-me um copo de leite... Não' veja antes se há vin@o na copa. Não desgostava, duma gota dele. Ficaremos aqui até que os outros venham despedir-se.

- Seria melhor a Scarlett deitar-se - insistiu a senhora Tarleton, depois de a ter observado como pessoa entendida em partos.

-Vá, vá -tornou a Fontaine, tocando na outra com a bengala. A senhora Tarleton dirigiu-se à cozinha, atirando ao acaso o chapéu para uma mesa e passando a mão no cabelo ruivo, molhado de suor.

Scarlett reclinou-se na cadeira e desabotoou os dois primeiros botões do corpete. Estava agradável ali no vestibulo, naquela meia luz 'e a corrente de ar que o atravessava trazia uma frescura repousante depois dos ardores do sol. De súbito lançou uma olhadela à sala onde tivera o cadáver do pai, mas resolveu logo não pensar nele e contemplou o

251

retrato da avó Robillard que as baionetas yankees não haviam respeitado, apesar de o terem pendurado muito alto, sobre o fogão. A imagem da sua antepassada, com o seu carrapito, pescoço decotado e arzinho insolente, produzia sempre em Scarlett o efeito dum tónico.

- Não sei o que afectou mais Beatrice Tarleton - disse a velha Fontaine. - Se foi a perda dos filhos, se a dos cavalos, los. Nunca foi grande amiga nem de Jim nem das raparigas. Perten@ce a essa categoria de pessoas de que falou Will. A mola real rebentou-lhe. Quem sabe se ela seguirá as pisadas do seu pai, Scarlett? O seu único prazer era ver os cavalos e os rapazes crescerem e multiplicar-se à sua volta. Ora as filhas continuam solteiras, sem probabilidades de encontrar marido no país. Com que há-de então ocupar o espírito? É verdade o que declarou Will quanto ao seu casamento com Suellen?

- P., sim, senhora - respondeu Scarlett, olhando a outra cara a cara. E pensar que. noutro tempo aquela avó Fontaine lhe metia tanto medo! Crescera muito depois disso@ sentia-se à -altura de pôr a velha no seu lugar, caso viesse intrometer-se nos negócios de Tara. _ Podia ter arranjado melhor - observou pacificamente, a Fontaine.

-Acha que sim? -inquiriu Searlett elevando a voz. -Não se amofine 'minha filha - ac@nselhou a outra, sem se ofender. -Não vou atacar a sua preciosa mana, embora o tivesse feito de boa vontade se ficasse mais tempo no cemitério. O que quero dizer é que, atendendo à falta de homens na região, ele poderia ter casado com quem quisesse. Há as quatro gatinhas bravas de Beatrice, há as pequenas Munroes, as MeRaes...

- Pois vai casar com Suellen.

- Suellen teve sorte.

- Tara também.

- Gosta muito da sua propriedade, pois não?

- Gosto,

- Tanto que não se importa ver a sua irmã casar abaixo da sua condição, uma vez que tenha um homem para tomar conta de Tara...

- Abaixo da nossa condição? - repetiu Scarlett, espantada com aquela ideia. -Que importância tem a condição, se é um marido que pode ocupar-se da mulher?

-São opiniões. Há quem concorde, há quem discorde.

252

Não faltará quem diga que desceram a um ponto que nunca antes fora atingido. Will não é de boas famílias, e na ascendência das meninas conta-se gente da melhor.

Assim falando, relanceou o retrato da Robillard. Scarlett evocou Will, magro compassivo um tanto greguesco, sempre a mastigar bocaíinhos de palha, com o seu Ar aparentemente -falho de energia, como todos os georgianos. Decerto que não tinha ascendência, brilhante, quanto a sangue ou a riqueza. O primeiro dos seus que viera para aquele Estado pertencia à colônia de indigentes do general Oglethorpe, se não era antes, um "resgatado". Will não frequentara nenhum colégio, limitando-se a seguir durante quatro anos as lições do niestre-escola rural. Nisso consistia toda a sua instrução. Era honesto e leal, paciente e duro no trabalho mas não tinha pergaminhos, e os Robillards bem podían acusar Searlett de ter casado numa classe inferior à sua.

- Vejo, portanto, que se alegra com a ideia de Will entrar na família!

- Com certeza - respondeu orgulhosamente Scarlett, pronta a atacar a velha Fontaine às primeiras palavras de condenação.

-Dê-me um beijo-disse esta de forma inesperada, e sorrindo. -Até hoje, Scarlett, eu não a tinha em grande conta. Foi sempre uma rapariga ríspida, coisa que eu não @i-precio. Mas admiro a coragem com que enfrenta os acontecimentos. O que não tem remédio, remediado está.

Scarlett sorriu indecisa, mas sempre beijou a face encarquilhada que a outra lhe oferecia. Era agradável ouvir frases de aprovação, ainda que elas pouco significassem.

- Há muita gente que está disposta a censurá-la por consentir que sua irmã case com um plebeu, por mais que gostem de Will. Por um lado farão o elogio dele, por outro lamentarão que uma O'Hara se una a quem é de condição inferior. Mas deixá-los falar...

- Nunca me importo com o que os outros dizem.

- 2 o que me consta-volveu a Fontaine, não sem uma pontinha de veneno. -Faz bem em não, se importar. Os noivos hã"e ser felizes. n claro que ele não deixará de parecer G que é, o casamento não ensina gramática a ninguém. Ainda que ele ganhe muito dinheiro, não dará à sua quinta o brilho que ela teve no tempo do, senhor O'Hara. Os plebeus não conseguem coisas dessas. Todavia, Will tem

253

,ü"";

um coração de fidalgo, os seus impulsos são, generosos. Só um fidalgo seria capaz de apontar os nossos defeitos da maneira como ele fez depois do enterro. Ninguém poderá abater-nos, mas, à força de chorar e de evocar o passado, acabaremos por cavar a nossa própria ruína. Sim, senhora, Will foi uma boa aquisição para Suellen e para Tara.

- Então aprova-me por eu não me opor?

- Não aprovo nada! - exclamou a velha dama em voz @cansada mas ainda forte. - Posso lá aprovar que um camponês entre numa das mais antigas famílias! Julga que eu acharia bem o cruzamento dum puro sangue com um cavalo de tiro? Bem sei que os camponeses de Geórgia são boas pessoas, sólidas e honestas...

-Mas ainda há instantes me disse que fo,1 uma boa aquisição! - replicou Scarlett, já desorientada.

- Considero um bem para Suellen casar com Will... com ele ou com qualquer outro porque a rapariga precisa de marido. Onde é que ela o Íria descobrir? E onde é que a menina ia encontrar pessoa mais competente para dirigir Tara? Mas não quero dizer com isto que semelhante casamento, me agrada mais do que a si.

"Mas o casamento agrada-me", pensou Scarlett, esforçando-se por compreender a que conclusão queria a velha chegar. "Estou até satisfeítissima por Will casar com SuelJen. Por que é que ela supõe que, eu não gost<>? Mete-se-lhe cada coisa na cabeça!"

Scarlett estava intrigada, e também um tanto envergonhada, como sempre -acontecia quando os outros imaginavam erradamente que ela partilhava das suas reacções e maneiras de ver.

A avó Fontaine abanou-se com o seu leque de palma e continuou com vivacidade:

-Não aprovo mais essa união do que a menina, mas ambas nós temos senso prático. Perante um acontecimento desagradável que não se pode evitar, não sou mulher para desatar aos gritos e aos pontapés. Não é assim que se aceitam os baixos e os altos da vida. Falo com conhecimento de causa porque a minha família e a do doutor os teve em grande escala. Se fôssemos pessoas para divisas, devíamos usar esta: "Não se impressionar, sorrir e esperar a sua hora". Foi graças a isto que atravessámos uma série de provações com um sorriso nos lábios e nos tornámos peritos na arte de cair sempre de pé. Tinha de ser, pois tive-

254

mos sempre pouca sorte. Expulsos de França com os Huguenotes, de Inglaterra com os partidários do Rei, da Escócia com o Príncipe Carlos, do Haiti pelos negros; e agora os yankees venceram-nos! Mas sempre, ao fim duns anos, erguemos a cabeça. Sabe porquê?

A avó Fontaine empertigou-se e Scarlett, mais do que nunca., achou-a parecida com um papagaio velho e sábio.

-Não, não sei-respondeu por delicadeza, embora altamente aborrecida com aquela conversa. @Ora aqui tem a razão<>. Curvamo,-nos ao inevitável. Não somos espigas de trigo mas sim de moirisco. Quando vem o temporal, derruba o trigo maduro que está seco e não pode curvar-se ao vento. Mas o moirisco, está cheio de seiva e inclina a cabeça, Quando o vento abranda, as espigas, erguem-se mais direitas e fortes do que antes. Se o .inimigo se apresenta ' aceitamo-lo sem nos queixarmos, pomos mãos ao trabalho, sorrimos e esperamos a nossa lora. Servimo-nos de pessoas de menos categoria do que nós e delas aproveitamos tudo que for possível. Quando nossentimos mais fortes, mandamos embora aqueles que pos ajudaram a trepar. Eis o segredo da sobrevivência, minha filha.- Fez uma pausa e acrescentou: -Comunico-lho, para seu proveito.

A velha riu-se ' tal se as suas palavras a divertissem, apesar de todo o veneno que continham. E olhou para Searlett, como se esperasse resposta; mas a outra não se impressionara muito com o discurso e parecia não ter nada a dizer.

- Repito, minha, filha - prosseguiu a senhora Fontaine

- que nos vergamos sob a ventania e que em seguida erguem<>s a cabeça. Não direi o mesmo de certas pessoas que vivem não muito longe daqui. Veja Catleen Calvert. Não é difícil adivinhar em que se tomou. Desceu ainda mais abaixo do nível em que estava o marido. Veja as McRaes.

Aniquilados, incapazes de se levantarem. Não sabem fazer nada, nem sabem que hão-de fazer. Nem tentam um simples esforço. Passam o tempo a curtir saudades das épocas que não voltam. Veja... veja essa gente toda da comarca, excepto Alex, e a minha neta Sally, e Jim Tarleton, e as filhas deste, e outros; e a menina também, Scarlett. Que faz essa gente? Foi-se abaixo, por falta de seiva, e não pôde tornar a erguer-se. Tirando-lhes os negros e o

255

.@ââ

dinheiro, ficam desmoralizados. Mais uma geração, e tornam-se camponeses.

-Esqueceu-se dos Wilkes. -Não, não me esqueci. Se os não citei, foi por delicadeza, pois sei que Ashley é seu hóspede. Mas, visto que os trouxe para a conversa... Repare bem neles! Segundo me consta, India faz de viúva inconsolável porque Stu Tarleton morreu e ela não, procura esquecê-lo a fim de arranjar outro. P, claro que já não é nova mas se se esforçasse, podia descobrir um viúvo com filh@s... È@ a Honey, coitada, sempre encontraria um homem, se quisesse, apesar daquela cabecinha de vento! Quanto a Asliley...

- Asliley é pessoa digna, - acudiu Scarlett. -Nunca disse o contrário, mas tem um ar tão desamparado... Se os Wilkes conseguirem sair da penúria, será devido a Melly. Não a, Asliley.

- Melly, meu Deus! Conheço-a muito bem para saber que ela não se aguenta, de pé e que tem medo de tudo.

-Pode ser tudo isso, masse algum perigo ameaçasse o marido ou o filho, ninguém, nem os yankees, a faria recuar. Ela é diferente de si, Scarlett, e de mim quanto à maneira de agir. Lembra-me -a, Ellen quando era nova. Há-de fazer sair os Wilkes da má situa@ão em que se encontram.

- Oh, Melly... Tem boas intenções ' sem dúvida, mas não passa duma gatinha.. Agora, quanto a Ashley, foi injusta para com ele. J@...

- P um-a, pessoa que nasceu para ler livros e nada mais. Isso não ajuda ninguém a sair do lameiro em que nos atolámos todos. Segundo oiço dizer, não tem jeito nenhum para a lavoura. Compare-o agora com o meu Alex. Este, antes da guerra, era um inútil. Só percebia de janotice, de álcool de mulheres. E vejao ao presente! Aprendeu a -cultivar, porque achou necessário. Doutra@ maneira, morreria de fome, e nós também. Actualmente é ele quem colhe o melhor algodão da comarca. Sim, senhora, muito melhor do que o de Tara. Aprendeu da mesma forma a tratar de porcos e galinhas. Um belo rapaz, apesar do seu carácter. Sabe que a hora dele há-de chegar e entretanto adapta-se às circunstâncias. Quando acabar @sta maldita Reconstrução, verá que o meu Alex é tão rico como o foram o pai e o avô, Mas Asliley...

Scarlett estava furiosa com aquela falta de consideração por Ashley.

256

- Nada disso me interessa - observou em tom glacial. -Lastimo -retorquiu a avó Fontaine, lançando-lhe um olhar perscrutante. -Lastimo e admiro muito, porque foi exactamente o que fez depois da sua ida para Atlanta. Sim, sim, constou-nos, aqui neste buraco onde estamos enterrados, que a menina, se axranjou de maneira a arrancar dinheiro aos yankees, aos Sacolas aos novos-ricos. Soube aproveitar~se da situação. Continu@, continue assim. Arranque-lhes tudo o que puder. Mas quando estiver cheia de dinheiro, mande-os passear. Rela@ões, desse gênero são mais tarde prejudiciais. Scarlett olhava para a velha e diligenciava lobrigar a intenção daquelas palavras. Não lhes percebia bem o sentido e continuava escandalizada com o que a outra dissera,

* respeito de Ashley.

-Creio que se engana quanto -a Ashley -insistiu daí

* pouco. -Está obtusa,, minha filha.

- n uma opinião* -redarguiu Scarlett, desejosa de esbofetear a Fontaine.

- Esperta, sim quando se trata de dólares e cêntimos. Inteligência semelÉante à dos homens mas não à das mulheres. Escapa-lhe o que se relacion 1a com o feitio das pessoas,

Scarlett, remexia-se na cadeira, cada vez mais furiosa. -Está indignada, bem vejo- prosseguiu a Fontaine, esboçando um sorriso.-Ora era isso mesmo que eu queria...

-Queria? E porquê? -Por muitas e boas razões. A velha reclinou-se e Scarlett notou que ela parecia fatigada. Nos dedos muito magros segurava o leque, e -aquela mão cerosa dir-se-ia a dum cadáver. A cólera de Scarlett di@sipou-se.

- Sabe mentir tão bem... -disse ela, inclinando-se para a avó Fontaine e afagando-lhe uma das mãos.-Nada do que me disse era a sério. O que quis foi que não pensasse mais na morte de meu pai. Por isso me contou essa-s, coisas todas...

- Não perca tem@o comigo - aconselhou a velha dama, retirando a mão. - im, em parte, foi por isso que eu lhe preguei este sermão; em parte, também, porque desejava dizer-lhe certas verdades... que a menina não compreende.

Sorriu, entretanto, e pronunciou as últimas palavraS

17 - Verito Uvou - II

257

sem azedume. Scarlett perdoou-lhe a forma como lhe falara de Ashley, pois sabia que a outra fora sincera nas suas observações.

- Seja como for, muito obrigada. Foi amabilidade da sua parte... e sensibilizou-me saber que era da minha opinião quanto ao caso de Wille Suellen... ainda que as outras pessoas não pensem assim. A senhora Tarleton reapareceu nesse instante, com dois copos de leite. Não tinha jeito nenhum para as pequeninas coisas caseiras: os dois copos vinham a transbordar.

- Tive de ir buscá-los à geleira. Bebam depressa. As 'pessoas não tardam do cemitério. Scarlett, realmenté vai consentir que Suellen case com Will? Não é que seja boa demais para ele, mas sempre se trata dum camponês...

O olhar de Scarlett, encontrou-se com o da avó Fontaine, Perpassou neles um clarão malicioso, que serviu de resposta mútua.

41

Quem o último assistente ao funeral se despediu e esmoreceu o ruído da última carruagem, Searlett foi à saleta de Ellen e tirou do escaninho onde o metera um objecto brilhante, que estava escondido entre um maço de papéis amarelados, na escrivaninha. Ouvindo fungar Pork na e-asa de jantar, onde ele andava a pôr a mesa, chamou-o; e o preto veio logo, com o ar dum cão que -se perdeu do dono.

- Pork - disse ela, em tom severo - se continuas a chorar, acabo por chorar também. Acaba lá com isso.

- Bem querê, mas tá sempre a lembrá sinhô, sempre a pensá... - Pois não penses mais. Suporto lágrimas em toda a gente menos em ti. E compreendes porquê? - acrescentou Searlett em voz suave.

- Porque sei quanto o estimavas. Assoa esse nariz, Pork. Tenho uma coisa para te oferecer.

- Oferecê a mim? - murmurou Pork sem grande infi-resse, assoando-se ruidosamente.

- Recordas-te daquela noite em que dispararam sobre ti quando roubavas criação dum galinheiro?

- Credo, minina! Nunca... - Não me venhas agora com mentiras, que eu bem sei que é verdade.

Lembras-te do que te prometi nessa altura? Prometi-te um relógio como recompensa da tua fidelidade.

258

- Sim, senhora, mas pensei que minina tinha esquecido. - Não, não esqueci * Toma-o aqui o tens. E Searlett apresentou a Pork um relógio de ouro maciço e a respectiva corrente com vários berloques.

- Jesus! - exclamou o preto. - Isso é de sinhô Gerald! Vi sinhô olhá p'ra esse relógio mais de cem vez!

Sim, era de meu pai, e eu dou-to, Pork. Toma lá. Oh não senhora! - protestou o criado, recusando assustad@. - doisa de branco não deve passa p'ra negro; muito menos coisa de sinhô Gerald. Como tem ânimo de dá isso a mim, minina Scarlett? Esse relógio deve pertencê a minino Wade.

- Pertence a ti. Que fez o menino em favor do avô? Foi ele que o tratou durante a doença? Que lhe deu banho, e o vestiu, e o barbeou? Que o acompanhou sempre, quando vieram os, yankees? Foi ele que o não deixou morrer de fome? Não sejas tonto, Pork. Se alguém merece um relógio, és tu. Tenho a certeza de que meu pai concordaria, se me ouvisse.

Abriu a mão do criado e colocou-lhe o relógio. Pork olhou-o com respeito e no rosto estampou-se-lhe pouco a pouco uma expressão de alegria.

Pa mim, verdade, minina Scarlett? Para ti. Muito obrigado. - Queres que o leve a Atlanta, para gravar qualquer coisa?

Quê isso de gravá? - perguntou ele, desconfiado. Já escrever na tampa umas palavras. Por exemplo: "Oferecido a Pork pela família O'Hara, em sinal de gratidão".

- Não, senhora. Não é preciso -- respondeu Pork, dando um passo atrás e apertando o relógio na mão.

- O quê? Tens medo de que eu não to volte a dar?

- Podia... mudá de ideia.

- Essa agora! - Podia querê vendê. Deve valê muito dinheiro.

- Precisavas duns açoites, por dizeres isso. Apetecia-me tirar-te o relógio.

-Não, senhora.-Pela primeira vez, apareceu um sorriso na cara do preto. - Conheço minina.

-Palavra, Pork?

259

- Se minina fosse tão amável com branco como é com os nêgo, todos gostavam de minina.

-Gostam de mim, Pork. Agora vai procurar o senhor Ashley e diz-lhe que quero falar com ele sem demora.

Asliley sentou-se na cadeira de Ellen e escutou a pro- ,posta de Scarlett. Esta oferecia-lhe cinquenta por cento nos lucros da serração. Nunca a olhou cara a cara, nem a interrompeu uma só vez. De cabeça curvada, observava as mãos, que voltava lentamente, examinando primeiro a palma, depois as costas, como se nunca as tivesse visto antes. Apesar dos trabalhos rudes, elas eram ainda finas e pareciam cuidadas em excesso para serem dum fazendeiro.

Aquela atitude, aquele silêncio embaraçavam Searlett, que redobrava de esforços para tornar a oferta mais tentadora. Debalde ela sorria, recorrendo aos seus encantos pessoais: Asliley não erguia o olhar. Sem aludir ao que Will lhe contara (o projecto de se estabelecer no Norte) Scarlett diligenciava falar com a segurança de quem não teme nenhum obstáculo. Mas o mutismo de Ashley continuava e as palavras dela só encontravam silêncio. Não duvidava já da sua recusa definitiva.

Mas que razões invocaria ele?

- Astiley - recomeçou Scarlett, para logo se deter. Não tencionava socorrer-se do seu estado de futura mãe, mas, ao ver que os seus argumentos falhavam, decidiu servir-se disso como derradeira causa. - Ashley, devia vir para Atlanta. Preciso tanto de ajuda neste momento! Não poderei ocupar-me tão cedo das fábricas. Terão de passar meses antes que... devido a... Compreende?

-Por favor, Scarlett! -exclamou ele, sem contempla, ção nenhuma.

Levantou-se de súbito, aproximou-se da janela e ficou ali de costas para a sua interlocutora, a olhar fixamente para a fila de patos que atravessava o quintal.

- @ por isso... que não quer olhar para mim? - perguntou ela, numa última tentativa. -Bem sei o que o meu aspecto...

Asliley voltou-se repentinamente e os seus olhos cinzentos fitaram-na com tal intensidade que Scarlett levou as mãos ao peitQ.

-Que me importa o aspecto? -bradou, violento.-Bem sabe que para mim é sempre bela.

260

Inundou-a uma onda de felicidade. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

- Gosto tanto de o ouvir falar assim! Realmente, tinha vergonha de me mostrar...

- Vergonha? Porquê? Eu é que a devo ter, e tenho, na verdade, Sem a minha estupidez não teria casado com Frank. Nunca eu a devia deixar @air de Tara, o ano passado. Fui bastante imprudente! A minha obrigação era conhecê-la melhor, era saber que estava disposta... a tudo.

- Falando assim, mostrava uma expressão de angústia.

O coração de Scarlett batia com toda a, força. AshIey arrependia-se de não ter fugido com ela!

-Eu é que devia tentar arranjar o dinheiro para os impostos 'eu, a quem fez a esmola de recolher como um mendigo. Era a minha, obrigação tentar tudo, nem que tivesse de roubar ou matar alguém! Estraguei tudo!

Não tinham sido estas as palavras que ela esperava ouvir; o coração apertou-se-lhe com a desilusão.

- Partiria de qualquer maneira - retorquiu com ar de cansaço. -Nunca consentiria que cometesse acções desse gênero. E para quê discutirmos agora o que já está feito?

- Sim, o que está feito, está feito -concordou AshIey com amargura. - Não consentiria que eu cometesse qualquer indignidade, mas vendeu-se a um homem a quem não amava... e deixou que ele lhe fizesse um filho... tudo para que a minha família e eu não morrêssemos de fome.

A sua voz era dura, dolorosa, manifestava bem que a ferida não se fechara no coração de Ashley. Àquelas palavras, perpassou uma expressão de vergonha na fisionomia de Scarlett, expressão que Ashley notou e lhe causou xemorsos.

-Julga que eu a censuro? Não, Scarlett! n a mulher mais corajosa que jamais conheci. Censuro-me a mim pr6- .prio.

Rodou nos calcanhares, ficando de novo voltado para. a janela. Scarlett aguardou uns momentos, na esperança de que Ashley mudasse de proceder, tomasse a falar-lhe da sua beleza e lhe dissesse frases que ela guardaria como um tesouro nos arcanos da memória. Havia já tanto tempo que não via Ashley, tanto tempo que vivia de recordações, e estas, a pouco e pouco, iam perdendo a intensidade. Sabia agora que ele a amava sempre, tudo nele o manifestava, a sua amargura, a forma como se condenara a si mesmo, a

261

,irritação que o tomara à ideia de que Scarlett teria um filho de Frank. Gostaria de vê-lo continuar naquele teor, tão @sequiosa estava de ternura, mas não se atrevia, a provocar 'uma confissão expressa. Lembrava@se do que lhe prometera ,o Inverno passado, no pomar: jurara nunca mais o provocar. E não ignorava que, paraconservar o amor de Ashley, forçoso seria não faltar à promessa. À primeira palavra 'mais directa, ao primeiro olhar incisivo ' ele' debandaria para sempre. Ashley partiria. para Nova Iorque.

- Oh, Ashley, não se rale! Como é que se sente culpado? Vai comigo para Atlanta, a fim de me ajudar, não é verdade?

-Não vou. -Mas eu contava consigo -prosseguiu ela numa voz alterada pela angústia. - Preciso tanto do seu a@oio! Frank não pode substituir-me, porque o armazém lhe toma o tempo todo. Se você não vem, onde encontrarei outra pessoa? Todos os homens inteligentes de Atlanta já estão ocupados. Com certeza que não deixarão os seus lugares; quanto aos -restantes, são tão incapazes que...]@ inútil insistir, Searlett.

Prefere, então, ir para, Nova Iorque, para o meio dos yankees?

- Quem lhe disse semelhante coisa? -Foi Will.

- Pois bem, saiba que resolvi estabelecer-me no Norte. Um amigo meu, com quem dei uma volta pela Europa antes da guerra, ofereceu-me um emprego no Banco do pai. :É melhor assim, pois não lhe seria de nenhuma utilidade, Scarlett. Que percebo eu do negócio de madeiras?

- Mas ainda percebe menos de assuntos bancários, que são mais difíceis. E, apesar da sua inexperiência, olhe que eu seria mais generosa do que os yankees.

Ashley estremeceu e Searlett sentiu que proferira uma -frase infeliz. Voltou-se, e olhou outra vez pela janela.

- Não aceito mais a generosidade de ninguém. Quero ser independente e dar a medida do meu valor. Que tenho feito da vida, até aqui? Já é tempo de experimentar as forças, ou soçobrar definitivamente. Vivo há muito sob a sua protecção, Scarlett.

-Veja que estive a oferecer-lhe divisão de lucros na tserração, Ashley! Seria independente à mesma. Trabalharia como em coisa sua.

262

- O caso não mudava de figura. Essa participação nos lucros constituiria um favor. Ora eu já aceitei muitos favores da sua parte: albergou~nos, deu-nos de comer até nos vestiu, à Melanie, a mim, ao pequeno, E nada lhe dei em troca!

- Deu 'sim, Will não poderia só... -Ah, esquecia-me! Parti lenha...

- Oli, Ashley! - gritou Scarlett, desesperada, com lágrimas nos olhos por causa do tom de zombaria. que ele empregava. - Que lhe aconteceu depois da minha partida? Acho~o tão seco, tão rígido. Não costumava ser assim.

- Que me aconteceu? Uma coisa extraordinária Searlett. Reflecti. Entre o meu regresso e a, sua ida para Atlanta, eu nunca pensei a sério. Tinha o espírito vazio. Vivia numa espécie de prostração: bastava-me comer, ter uma cama... Mas, logo que você se foi e começou a trabalhar como um homem, eu compreendi a minha ociosidade. Estes pensamentos não são agradáveis e eu pretendo acabar com eles. Outros homens há que voltaram da guerra com menos qualidades do que eu, e, no entanto, ganham a sua vida. De forma que vou para Nova Iorque.

-Desculpe mas não compreendo. Se quer trabalhar, Atlanta é tão boa para isso -como Nova Iorque. E a minha fábrica...

- Não Scarlett. Na minha última oportunidade, Irei para o Norte. Se fosse para Atlanta e trabalhasse para si, ficaria irremediavelmente perdido.

"Perdido, perdido ... " A palavra soava aos ouvidos de

Scarlett como uma badalada fúnebre, Ela quis ler-lhe mais qualquer coisa nos olhos, mas estes estavam a divagar numa região inatingível para os outros. - Perdido? - repetiu Searlett. - Quer dizer... que fez qualquer coisa que o pôs de mal com os yankees de Atlanta? Não foi por ter auxiliado a fuga de Tony? Oli, Ashley, você não faz parte da Ku Klux Klan?!

Asliley fitou-a, com um sorriso que não lhe passou dos lábios,

-Já me tinha esquecido de quanto é positivista. Não, não são os yankees que me inspiram receio. O que eu pretendo dizer é que, indo para Atlanta e aceitando outra vez o seu auxílio, renuncio para sempre à esperança de poder um dia manter-me sozinho.

- Ah, é só, isso! - murmurou Scarlett, aliviada.

263

- Só isto - repetiu Asliley, com um sorriso ainda mais apagado que o anterior. - Trata-se apenas do meu orgulho masculino, da minha dignidade- e, assim posso dizer, da minha alma imortal.

- Mas oiça - insistiu Scarlett. - A pouco e pouco poderia comprar-me a serração, acabaria por Éer o único dono, e depois...

- Scarlett! - interrompeu Ashley. - Repito que não quero. Há outras razões,

- Que razões? -Conhece-as melhor do que ninguém.

- Ah... sim... compreendo! Quanto a isso, esteja descansado - apressou-se ela a afirmar. - Cumprirei a promessa que lhe fiz no pomar, aqui há meses.

- Gostaria de ter essa confiança em mim próprio. Eu sei que não sinto coragem decumprir tal promessa. Não lhe devia 'dizer isto, mas foi preciso dar-lhe a conhecer as minhas razões. E ponhamos ponto final no assunto. Quando Will e Suellen casarem partirei para Nova Iorque, Depois de pousar nela um instante o olhar desvairado, Ashley atravessou a sala em largas passadas. Tinha já a mão no puxador da porta. Scarlett não o perdia de vista, sucumbida, sem ânimo para falar. Terminara a entrevista, e ela nada conseguira. Esgotada, pelas comoções do dia anterior e por mais este desgosto ' não teve forças para dominar os nervos e, com um grito repentino, atirou-se para cima do sofá e desatou a soluçar.

Ouviu Asliley aproximar-se e murmurar o seu nome por várias vezes. Alguém atravessou o vestíbulo a correr, e Melanie irrompeu na sala 'com os olhos dilatados de medo.

- Scarlett! A criança ... ? Scarlett, de cabeça encafuada nas almofadas, poeirentas, isolou ainda mais.

-O Ashley... é tão mau... tão teimoso!

- Que lhe fizeste, Ashley? - Melanie ajoelhou-se diante do sofá e abraçou Scarlett. -Que lhe disseste para a transtornar assim? Parece impossível! No -seu estado podias provocar um acidente. Descansa a tua cabeça no ombro da Melanie, minha querida. Que foi que aconteceu?

-Ashley é tão obstinado... tão antipático! -ó Asliley, parece incrível! Pôr Scarlett tão nervosa, no estado em que ela se encontra e quando o senhor O'Hara acabou de ser enterrado!

264

-Não te metas com ele!-exclamou Scarlett, sem lógica nenhuma ' erguendo de repente a cabeça e mostrando a cara sulcada de lágrimas.-Ele está no direito de fazer o que lhe apetece.

- Melanie ' deixa-me explicar - disse Ashley, muito pálido. - Scarlett teve a bondade de me oferecer um lugar em Atlanta, como gerente da sua fábrica...

- Sim, sim! - bradou Scarlett, indignada. - Ofereci-lhe cinquenta por cento dos lucros e ele...

- E eu respondi-lhe que já @iávamos tratado da nossa ida para Nova Iorque. Ela então...

- Oh! - gritou Scarlett, recomeçando a soluçar. - Disse-lhe... disse-lhe quanto precisava dos seus serviços... como era, difícil arranjar outra pessoa que tomasse conta da serração... e que eu ia ter uma criança... E ele recusou! Agora... agora tenho de vender a fábrica, sem dúvida com prejuízo... Vamos perder dinheiro, quem sabe se passar fome? Mas ele não se importa, é um egoísta!

Procurou o ombro frágil de Melanie a fim de apoiar a cabeça, e sentiu que a angústia lhe passava e que nova esperança acudia. Percebia que tinha um aliado no coração sensível da cunhada, sabia que Melanie não deixaria que ninguém a contrariasse, nem sequer o marido que ela adoxava. Melanie voltou-se então para Ashley e, pela primeira vez, insurgiu-se contra ele.

-Ashley, como te foi possível recusar uma coisa dessas? Depois disto, ela vai julgar que somas pessoas muito ingratas. Não vês como o seu estado a torna infeliz? Precisa da nossa, ajuda, e é precisamente nesta ocasião que tu te esquivas!

Scarlett observava, Ashley de través, e notou-lhe surpresa e indignação nos olhos. A própria Scarlett, não estava menos admirada com o vigor do ataque de Melanie, pois esta considerava o marido, como um deus e sempre se submetia às suas decisões.

- Melanie -principiou ele. Depois deteve-se, esboçando com as mãos um gesto de impaciência.

-Hesitas ainda, Ashley? -continuou a mulher.-Lembra-te do que ela tem feito por nós! Por mim em especial. Eu teria morrido do parto, de Beau, se não fosse Scarlett. E clã... ela, matou um yankee, defendendo-nos. Antes do teu regresso e da chegada de Will, trabalhou e sofreu como uma escrava só para que não morrêssemos de fome. Quando

265

a revejo a empunhar o arado e a colher o algodão eu... oh, minha querida! - Baixou a cabeça e beijou os cabelos de Scarlett, em sinal de reconhecimento. -E agora, quando pela primeira vez nos pede alguma coisa para si...

-Não precisas dizer-me o que Scarlett fez por nos. -Então, reflecte bem. Não é só a ajuda que lhe darias, é também o prazer que teríamos em viver no meio de gente conhecida, em lugar de ir - conviver com yankees. É a tia Pitty, é o tio Henry, são todos os nossos amigos. Beau. poderá ter companheiros com quem brincar, pode frequentar a escola, ligar-se aos pequenos dos nortistas... Em Nova Iorque necessitaríamos duma aia, e eu não sei se os nossos recursos...

- Melanie-atalhou Ashley numa voz inquietantemente calma.-Fazes assim tanto empenho em partir para Atlanta? Nunca mo havias declarado quando combinávamos a nossa ida para Nova Iorque. Nunca me deste sequer a entender...

-Sim, mas quando se falava de Nova Iorque eu não sabia da possibilidade dum lugar em Atlanta; além disso, não costumo opor dificuldade. A mulher tem obrigação de acompanhar o marido. Agora o caso é diferente. Scarlett precisa de nós e oferece-te um emprego. Podemos regressar à terra. À terra! - A comoção sufocava-a. Apertou Scarlett nos braços e continuou:-Vou tornar a ver a estação, e a Peachtree Road; matar as saudades! Talvez possamos ter um lar, só para nós. Não importa que seja pequenino... mas um lar apenas nosso!

Os olhos brilhavam-lhe de entusiasmo e alegria. Os outros dois fitaram-na, perplexos, Ashley com ar espanado Scarlett com uma surpresa misturada de vergonha. Jamais lhe passara pela cabeça, a, esta última, que Melanie tivesse saudades de Atlanta ao ponto de querer ir para lá e viver numa casa sua. Julgava-a tão contente por viver em Tara!

-Oh, Scarlett, és tão boa! Pensaste em tudo isso para nos seres agradável. Sabias como eu gostava tanto...Scarlett estava um pouco irritada pelo entusiasmo da outra e desviou a vista tanto de Melanie como de Ashley. Mas a cunhada prosseguiu: - Poderemos ter uma casinha nossa. Somos casados há cinco anos e ainda não sabemos o que -é o prazer de habitar uma casa só para nós...

- Podem ficar connosco, em e-asa da tia Pitty. Tu, Melanie, tens parte no prédio - murmurou Scarlett, brincando

266

com a almofada. Continuava embaraçada com o inesperado da situação, e, tinha medo de não saber ocultar o seu triunfo.

- Não, minha querida, seria gente a mais. Arranjaremos outra casa. Ashley, diz que sim!

- Scarlett, olhe para mim - pediu Asliley. Sobressaltada, ela ergueu logo a cabeça e viu-lhe o olhar triste e fatigado. - Searlett, não posso lutar contra as duas. Iremos para Atlanta.

Deu meia volta e saiu do quarto. Apesar de triunfante, Scarlett sentia certo receio. O olhar dele, ao dar-se por vencido era c> mesmo que lhe vira no momento em que tinha decl@rado que ir para Atlanta significava ficar irremediavelmente perdido.

Depois do casamento de Suellen e da ida de Carreen para um convento de Charleston, Asliley, Melanie e Beau vieram instalar-se em Atlanta, trazendo consigo, Dilcey para cozinhar e cuidar do pequeno. Prissy e Pork ficariam em Tara até Will contratar outros negros para o ajudarem nos campos, depois do que partiriam também para a cidade.

A casita de tijolos, que Ashley alugou, era situada na Ivy Street, justamente atrás da residência da tia, Pitty. Os jardins tocavam-se e estavam apenas divididos por uma sebe de ligustros mal tosqueados. Melanie escolhera-a especialmente por aquela razão. No dia da sua chegada a Atlanta, enquanto ria e chorava e cobria de beijos Scarlett, e a tia Pitty, declarara que estivera tanto tempo longe das suas queridas que jamais se sentiria bastante perto delas.

Antes da guerra, a casa era de dois andares, mas o segundo fora destruído, por um obus durante o cerco, e~o proprietário, que regressou ali depois da rendição, não tivera dinheiro para o mandar reconstruir. Limitou-se a cobrir o primeiro piso com um telhado chato 'o que fez com que o edifício apresentasse o aspecto atarracado duma casa de bonecas fabricada com caixas de sapatos. Construída por cima dum espaçoso subterrâneo, estava muito acima do nível da rua, e a comprida escada de acesso dava-lhe uma aparência um tanto ridícula. No entanto todos estes defeitos eram de certa maneira conipensado@ pelos dois belíssimos carvalhos que a sombreavam e pela magnolia coberta de flor que se elevava junto da escada. No quintal, de tamanho razoável ' havia madressilvas de perfume enebriante. Aqui e ali, floria uma roseira mutilada e cres-

267

ciam mirtos brancos e cor-de-rosa como se os cavalos yankees não lhes tivessem roído todos os ramos.

Searlett achava horrenda aquela casa, mas para Melanie, era mais bela do que a quinta dos Doze darvalhos no auge do seu esplendor. Era a sua casa, e nem ela, nem Asliley Beau haviam tido jamais um lar verdadeiramente deles.

India Wilkes regressou de Macon onde vivia desde 1864 com a irmã Honey e foi morar com o irmão, apesar da falta de espaço. Contudo, Astiley e Melanie receberam-na de braços abertos. Os tempos eram outros,, escasseava, o dinheiro, mas nada modificara a vida familiar do Sul: acolhiam-se sempre de boa vontade as parentas pobres ou solteiras.

Honey casara-se e, na opinião de India, rebaixara-se des@ posando um rústico de Mississippi estabelecido em Macon depois da rendição. Era um hom@m de cara vermelhusca, de modos joviais e que falava em voz muito alta. India não concordava com aquele casamento e 'como nãoconcordava, não se sentia bem na residência do cunhado. Ficara pois, radiante ao saber que Ashley arranajara casa final;nente e que ela podia assim subtrair-se não só a uma convivência

desagradável como também ao espectáculo deprimente da irmã tolamente feliz com um homem de baixa condição.

O resto da família achava no íntimo que a tonta da Honey obtivera mais do que seria de esperar e admirava-se de que ela tivesse conseguido arranjar marido. Este, afinal, era pessoa bem educada e com alguns meios; mas para India, nascida em Geórgia e criada segundo as tradições de Virgínia, quem não fosse do litoral era um rústico, um bárbaro. O marido de Honey devia ter ficado encantado com a partida da cunhada, pois não era nada fácil viver com India.

O véu do celibato envolvera-a definitivamente. India tinha vinte e cinco anos e mostrava tão bem a sua idade que nem lhe valia a pena preocupar-se com questões de beleza e de elegância. Os seus olhos pálidos observavam o mundo inflexivelmente e os seus lábios finos apertavam-se numa linha dura. Tinha agora uma expressão de orgulho e dignidade que, coisa curiosa, lhe ia melhor do que aquele seu arzinho adocicado do tempo em que ela vivia nos Doze Carvalhos. Toda a gente a considerava mais ou menos como uma viúva, pois sabia-se que Stuart Tarleton teria casado

268

com ela se não o matassem em Gettysburgo, e respeitavam-na como noiva que fora desse homem. Os seis quartos da casa da Ivy Street depressa ficaram sumariamente mobilados, devido ao fornecimento feito pelo armazém de Frank. Como Ashley estava sem dinheiro e era obrigado a comprar a crédito, os móveis escolhidos foram os mais baratos e os estritamente necessários. Isto aborreceu Frank, que era muito amigo de Ashley e entristeceu Scarlett. Ambos teriam de boa vontade, keito presente da mobília, e da melho@ que houvesse no armazém, mas os Wilkes recusaram-se obstinadamente a aceitar. A casa apresentava-se feia e vazia, o que afligia Searlett, desolada por ver Ashley num interior em que não havia tapetes nem cortinas. Ele todavia, era como se não reparasse nesses pormen@res "e Melanie mostrava-se feliz por ter pela primeira vez depois de casada um lar que lhe pertencia. Scarlett morreria de vergonha se recebesse visitas numa casa sem objectos de luxo, mas a cunhada fazia as, honras da sua como se possuísse as melhores coisas do mundo.

Apesar da sua felicidade aparente, Melanie não passava bem. O nascimento de Beau arruinara-lhe a saúde, e os trabalhos penosos a que se haviam sujeitado em Tara ainda a enfraqueceram muito mais. Estava tão magra que os ossos pareciam quererem sair-lhe da pele muito branca. Ao vê-la a distância, entretida no jardim com o filho, facilmente qualquer pessoa a tomava por uma pequena ' tão chato estava o peito e tão pouco acusadas as formas. Tal como o corpo a cara pálida era muito seca, e as sobrancelhas finas @ delicadas como antenas de borboletas dese~ nhavam-lhe uma linha bem vincada naquela pele tão sem @or. Os olhos, grandes de mais para serem belos, tinham círculos sombrios que os tornavam ainda maiores; a expressão 'contudo, não mudara desde a época da sua mocidade descuidosa. A guerra, os sofrimentos repetidos, as privações não haviam alterado a sua meiga serenidade.

Scarlett, vendo-a assim, pensava com inveja: "Como se arranja ela para conservar aquele aspecto?" Sabia que os seus olhos se assemelhavam às vezes aos duma gata esfomeada. Que é que Rhett dissera um dia acerca dos olhos de Melanie? Qualquer comparação tola como duas velas, cuja chama brilhante e suave tudo alumiasse, protegida do vento pela felicidade doméstica.

269

Aquela casita estava sempre cheia de gente. Todos gostavam de Melanie, muitos desde a meninice dela, e acorriam aos magotes para lhe dar as boas-vindas. Cada qual trazia a sua oferta: objectos escapados ao, saque dos homens de Sherman.

Velhos cavalheiros que tinham estado na campanha do México com o pai à Melanie, vinham cumprimentá-la e traziam consigo um ou outro amigo--- que apresentavam à "simpática filha do coronel Hamilton". Velhas amigas da mãe passavam grande parte do tempo junto dela, pois

Melanie sempre se mostrara respeitadora das senhoras de idade; e estas sentiam-se lisonjeadas, porque já eram raros os exemplos desses na juventude. Quanto às mulheres da idade dela, essas estimavam-na também, pois Melanie compartilhava dos seus sofrimentos sem mostrar enfado, sempre pronta a ouvi-las e compreendê-las. Os mais novos igualmente a procuravam, sabendo que naquela casa ninguém se aborrecia e que lá encontravam amigos e conhecidos.

Em volta de Melanie não tardou a formar-se um círculo, de pessoas velhas e novas que representavam a melhor sociedade de Atlanta de antes da guerra. Dir-se-ia, por outro lado, que essa mesma sociedade, deslocada e arruinada pela guerra, desamparada pelas revoluções sociais, descobrira em Melanie um ponto sólido de comunicação.

Melanie era nova, mas possuía todas as qualidades que esses evadidos da tormenta apreciavam. Era pobre, e, no entanto, conservava a sua dignidade. Corajosa, jamais se queixava. Alegre, acolhia todos com afabilidade, recusando-se a admitir que fosse necessário mudar num mundo em plena transformação. Debaixo do seu tecto, o passado parecia renascer, e junto dela os amigos retomavam a confiança e achavam meio de desprezar ainda mais o modo frenético como viviam os Sacolas e os republicanos novos-ricos.

Quando lhe viam o rosto juvenil e nele descobriam um apego firme ao passado, conseguiam esquecer por momentos os que tinham traído a própria classe e lhe causavam ao mesmo tempo tanto furor, inquietação e desgosto. Havia grande número de traidores. Certos homens de boa família, açulados pela miséria, tinham passado para o inimigo, fazendo-se republicanos e aceitando lugares de vencedores, a fim de que os filhos não ficassem reduzidos à mendicidade. Antigos soldados, ainda novos, não tinham coragem

270

de esperar a sua hora de enriquecer: estes seguiam o exemplo de Rhett Butler e passeavam de mão dada com os Sacolas.

As traições mais dolorosas provinham de muitas raparigas pertencentes às melhores famílias de Atlanta. Essas, ainda crianças no tempo da guerra, só guardavam vagas -recordações dos anos de provação e não estavam animadas do mesmo ódio que existia nos seus maiores. Não tinham perdido nem marido nem noivo, mal se lembravam dos esplendores do pretérito... e os oficiais yankees eram tão bonitos rapazes dentro dos seus uniformes! Davam lindos bailes, possuíam ótimos cavalos e dir-se-ia adorarem as mulheres do Sul. Tratavam-nas como rainhas e procuravam não atingi-las no seu orgulho. Depois disto, por que não haviam de se relacionar com eles?

Eram muito mais sedutores do que os rapazes da cidade, que em geral vestiam mal, mostravam ar demasiadamente sério e trabalhavam tanto que não tinham tempo para diversões. Todos estes raciocínios resultaram em certo número de raptos, que fizeram mergulhar na maior aflição as famílias de Atlanta. Viam-se irmãos cruzarem-se na rua com as irmãs, sem lhes dirigir a palavra, mães e pais que já não pronunciavam o nome das filhas. A lembrança destes dramas gelava o sangue dos que tinham por divisa "Não nos renderemos"; mas, diante de Melanie, tão suave e tão calma, esqueciam a sua inquietação. No parecer das próprias mães Melanie era o melhor exemplo que se podia apresentar às raparigas da cidade. E, como ela não fazia exibição das suas virtudes, aquelas não lhe queriam mal.

Nunca Melanie imaginou que estava em vias de chefiar uma nova sociedade. Achava simplesmente que eram todos muito gentis em vir vê-la e convidá-la a ingressar nas suas reuniões de costura e a prestar o seu concurso aos serões recreativos e musicais. Apesar do desdém das outras cidades do Sul pela falta de cultura em Atlanta - sempre ali houvera apreciadores de boa música, e à medida que a existência ia sendo mais difícil e mais inquietante, aumentava o entusiasmo por essa forma de arte. Enquanto ouviam música, esqueciam os pretos insolentes e os uniformes azuis que enchiam as ruas.

Melanie sentiu-se um tanto embaraçada ao ver-se feita presidente da direcção do novo círculo musical "Concertos do Sábado". Atribuiu a sua elevação a essa presidência

apenas ao facto de ser ela a única pessoa capaz de acompanhar ao piano fosse quem fosse, incluindo as meninas McLures, que cantavam sempre desafinadas, mas se obstinavam a interpretar duetos. A verdade é que só Melanie conseguira, com muita diplomacia, reunir numa única assembleia a "Sociedade das Harpistas", o "Conjunto Vocal Masculino", as "Amadoras de Bandolim" e o "Grupo de Víolas", de modo que daí em diante houve concertos dignos deste nome. A maneira como os artistas do círculo executaram a Boémia foi considerada por alguns entendidos como superior a tudo o que se podia ouvir em Nova Iorque ou Nova Orleães. Depois de Melanie ter conseguido a adesão da "Sociedade das Harpistas" é que a senhora Merriwether sugeriu à senhora Meade e à senhora Whiting conceder a Melanie a presidência do círculo. Se ela fora capaz de se entender com aquela Sociedade, podia muito bem entender-se com todas as outras. Essa excelente dama tocava órgão na igreja metodista e, porque tocava órgão, tinha pouca consideração por harpas e flarpistas.

Também nomearam Melanie secretária de duas associações: a do "Embelezamento das Campas dos Nossos Gloriosos Mortos" e a da "Costura para as Viúvas e órfãos da Confederação". Coube-lhe esta honra depois de movimentada reunião dessas duas associações, a qual por um triz acabava em cenas de pugilato. Tratava-se de saber se deviam ou não arrancar as ervas das sepulturas dos soldados da União contíguas às dos confederados. O aspecto de abandono das campas yankees prejudicava os esforços das senhoras empenhadas em embelezar as dos seus defuntos. Este problema fez desencadear paixões que jaziam latentes e não tardou que as duas organizações entrassem em conflito e lançassem uma à outra olhares fulminantes. A segunda opinava que se devia arrancar as ervas, as senhoras do Embelezamento eram contra isso.

Foi a senhora Meade que exprimiu o parecer deste último agrupamento, falando nestes termos: -Arrancar ervas das tumbas dos yankees? Antes desenterrá-los e atirá-los todos para o Depósito Municipal do Lixo.

A estas palavras revolucionárias, levantaram-se os membros das duas associações e cada qual se pôs a dizer o que pensava sobre o assunto sem dar ouvidos a ninguém. Fizera-se a reunião na sala da senhora Merriwether; o avô

.N--- I.,

Merriwether que fora relegado para a cozinha, contou depois que o barulho era tanto que parecia o início da batalha de Franklin. A única diferença, acrescentara o velho, é que ele decerto correria menos perigo nessa batalha do que se tivesse assistido à reunião daquelas senhoras.

Por milagre, Melanie conseguiu meter-se de permeio fazer-se ouvir. Assustada pela sua audácia, com a voz trémula de comoção, gritou várias vezes "Por favor, minhas senhoras!" até que diminuiu a efervescência e ela pôde falar.

- Quero dizer... que já há bastante tempo eu penso ser nossa obrigação não só arrancar as ervas das sepulturas yankees, como também plantar flores nas... Façam o conceito que quiserem de mim, mas, de cada vez que levo flores à campa do meu querido Charles, ponho sempre algumas na dum yankee desconhecido que está ao lado da de meu irmão. Tem um aspecto tão desprezado!

Volto o tumulto, mas, desta vez, as duas organizações estavam de acordo para protestar.

-Flores nas sepulturas yankees! Oli, Melanie, parece impossível! Mataram o Charles!... Quase a matavam também! E ao, seu filhinho!... Quiseram incendiar Tara!

Agarrada às costas duma cadeira, Melanie sentia-se afundar sob o peso da hostilidade geral.

- Minhas senhoras! - exclamou em tom suplicante. -

Por favor, deixem-me acabar. Bem sei que não tenho voto na matéria porque, além de Charles, não perdi nenhum dos parentes mais próximos, e porque, graças a Deus, sei onde jaz meu irmão. Mas há tantas, entre nós, que ignoram onde estão enterrados os maridos, os filhos os irmãos...

Sufocava, e teve de se interromper. Na sala reinava um silêncio mortal. Sombreou-se o olhar cintilante da senhora Meade. A senhora Meade fizera o longo percurso de Gettysburgo, depois da batalha para trazer o cadáver de Darcy, mas ninguém soubera aplicá-lo onde ele se encontrava sepultado. Devia estar, sugerira-nos, nalguma cova feita à pressa, algures no território inimigo. Quanto à senhora Alan, essa começou a tremer. O marido e o irmão tinham acompanhado Morgan na sua marcha infeliz sobre Ohio, e tudo o que ela sabia a respeito deles era que haviam caído junto do rio no momento em que a cavalaria yankee avançara sobre os confederados. Ignorava assim, do mesmo modo onde jaziam os seus mortos. E o filho da senhora Aliso? Esse morrera num campo de prisioneiros do Norte

18 - Vento Levou - 11

273

ffidiú

e, como ela era muito pobre, não podia mandar buscar o cadáver. Havia ainda outras damas que tinham lido nas listas fornecidas pelo Estado-Maior: "Desaparecido... Provavelmente morto ..." e estas palavras constituíam tudo o que sabiam acerca dos homens que tinham visto partir para a guerra.

Voltaram-se todas para Melanie, e esta pôde ler-lhes nos olhos. "Por que reabriu estas feridas? São feridas que nunca cicatrizarão ... "

O silêncio deu novas forças a Melanie.

- Eles encontram-se algures em país yankee, da mesma forma que se encontram aqui 'soldados mortos da União. Como seria terrível para nós saber que as senhoras nortistas se dispunham a desenterrá-los!

A senhora Meade emitiu um soluço impressionante.

- Mas também seria agradável saber que alguma senhora yankee (e deve havê-las dignas entre os yankees) se resolvera a arrancar as ervas das covas desses que nós amámos, saber que as cobriam de flores! Se Charles estivesse no Norte, seria para mim um consolo imaginar que alguém... E, no fundo, não me importo minhas senhoras, o que possam pensar de mim - continuou Melanie, com a voz alterada. - Peço a minha demissão das duas associações... e irei arrancar todas as ervas ruins das sepulturas yankees, e lá plantarei flores... e que ninguém se atreva a impedir-mo!

Depois de ter lançado este desafio, Melanie desatou a chorar, e, com passo cambaleante dirigiu-se para a porta.

Uma hora mais tarde, escondido num canto do botequim "Girl of the Period", o velho Merriwether contava ao tio Henry Hamilton que, a seguir àquele discurso, toda a gente corra para Melanie a fim de a abraçar. A sessão terminara festivamente, e a mulher de Ashley fora nomeada secretária das duas organizações,

- E o caso é que vão arrancar as ervas! O pior, contudo, reside no facto de que Dolly pretende que eu a ajude, com o pretexto de que não tenho mais que fazer. Por mim nada sinto contra os yankees e creio que sua sobrinha está na boa razão. Mas arrancar ervas, na minha idade, e com este lumbago! Melanie fazia parte da comissão directiva do "Lar dos órfãos" e auxiliou a recolha dos livros necessários para a formação dum fundo destinado à Biblioteca dos Rapazes.

274

Também os "Amigos de Téspis", que davam um espectáculo de amadores uma vez por mes, exigiam o concurso de Melanée. Embora muito tímida para aparecer em público, na ribalta iluminada a petróleo era no entanto capaz de talhar fatos de sacos velhos caído não tivesse outro material à sua disposição. Foi ela quem resolveu em definitivo a questão levantada no "Círculo de Leitura" sobre se deviam alterar a recitação das obras de Shakespeare com as de Dickens e Bulwer-Lytton (ou até com as de Byron, como sugerira certo mancebo, que Melanie suspeitava ser um celibatário folgazão).

À noite, pelos fins do Estio a casa de Asliley estava sempre cheia de visitas. Nunc@ havia cadeiras que chegassem, e as senhoras sentavam-se muita vez nos degraus da entrada, ao passo que os

homens se instalavam no corri- mão, ou no soalho, ou em cima de caixotes virados. Scarlett, ao ver aquela gente disposta a tomar chá, única coisa que os Wilkes podiam oferecer pensava como era que Melanie se resolvia assim a fazer es'tendal da sua pobreza. Ela, por seu lado, ainda não estava disposta a dar recepções, e muito menos a gente importante como a que frequentava a casa de Melanie; só o fazia quando pudessem mimosar os convidados com bons vinhos e sorvetes, presunto e caça -

tudo num ambiente de mobílias renovadas.

O general John B. Gordon, ilustre herói de Geórgia, apresentava-se não raramente em casa de Asliley acompanhado da família. O padre Ryan, poeta da Confeáeração, ali comparecia igualmente quando estava de passagem em Atlanta. Encantava a assistência com o seu engenho e não era preciso insistir muito para o ouvir recitar a sua Es~ de Lee ou o imortal poema Bandeira Conquistada, que as senhoras escutavam sempre com lágrimas nos olhos. Alex Stephens, antigo vice-presidente da Confederação ' ia também visitá-los, e nessas ocasiões, tendo-se passado palavra, a residência enchia-se por completo. Em geral, assistiam a estas reuniões algumas crianças que era vulgar cabecear nos braços dos pais; deviam estar há muito tempo na cama, porém, aqueles ou as mães faziam empenho em que os filhos, mais ta@de, pudessem' orgulhar-se de haverem sido beijados pelo homem que ajudara a defender a Causa. Toda a gente notável que passava por Atlanta conhecia o caminho da casa dos Wilkes e havia até quem lá pernoitasse. Nessas ocasiões a casa parecia mais pequena. India tinha

275

de dormir no compartimento exíguo que servia de quarto de brinquedos a Beau, Dilcey corria a pedir ovos emprestados à cozinha de Pitty, mas nada disto impedia Melanie de receber os seus hóspedes com tanta gentileza como se morasse num palácio.

Nunca passou pela cabeça de Melanie que as pessoas se reunissem à sua volta, como em torno duma bandeira. Por isso ficou tão estupefacta como atrapalhada quando o Dr. M@ade, depois dum agradável serão em que ele se saíra com galhardia da leitura do papel de Macbeth, lhe beijou a mão e lhe dirigiu um breve discurso no mesmo tom de voz com que noutros tempos falava da "nossa Causa gloriosa".

-Minha senhora é sempre uma honra e um prazer encontrarmo-nos de6aixo do vosso tecto, porque vós, senhora, e as da vossa estirpe, sois o nosso esteio a nossa força, sois tudo o que nos resta. Destruíram a fin@ flor dos nossos rapazes, sufocaram o riso das nossas raparigasArruinaram-nos a saúde 'arrancaram-nos da terra, alteraram-nos os costumes, empobreceram-nos. Fizeram-nos recuar cinquenta anos e colocaram um fardo pesado demais aos ombros de mocinhos que deviam estar na escola e de velhos que deviam somente aquecer-se ao sol. Mas reconstruiremos o edificio, porque nos ficaram ainda corações como o vosso para assentar os alicerces. E, enquanto os tivermos, os yankees podem ter o resto!

Enquanto Scarlett pôde dissimular o seu estado com o amplo xaile preto da tia Pitty, ia muitas vezes com Frank juntar-se aos convidados de Melanie. Atravessavam o jardim e instalavam-se com os outros debaixo da varanda da entrada, ponto de reunião nas noites estivais. Scarlett tinha o cuidado de se sentar num canto sombreado, não só para não estar muito exposta aos olhares como também para observar AshIey à vontade,

Era unicamente AshIey que a atraía ali, pois as conversas maçavam-na e entristeciam-na. Os assuntos não variavam, e seguiam uma norma já sua conhecida: em primeiro lugar, as dificuldades de subsistência; depois, a situação política; por fim, inevitavelmente a guerra. As senhoras lamentavam a carestia da vida'e perguntavam aos senhores se eles esperavam que voltassem os bons tempos. Os senhores omniscientes respondiam que sim, que era só

276

uma questão de paciência. As senhoras sabiam muito bem que os senhores mentiam, e os senhores sabiam o que elas pensavam a seu respeito. Isso, porém, não os impedia de continuar a mentir, e

elas fingiam sempre que os acreditavam. Ninguém se iludia com a ideia de que voltariam os bons tempos.

Uma vez esgotado esse assunto as senhoras falavam da crescente arrogância dos pretos aos crimes dos Sacolas e da humilhação que lhes causava @ vista duma farda azul em cada esquina de rua. Os yankees nunca acabariam com a Reconstrução em Geárgia? Que diziam os senhores a esse respeito? E os senhores diziam que eles haviam de acabar com a Reconstrução quando aos democratas fosse de novo concedido o direito de voto. As senhoras eram suficientemente ajuizadas para não perguntarem quando seria isso. E, tendo assim encerrado o capítulo da política, entravam na guerra.

Sempre que se encontravam dois antigos confederados, não havia outro assunto de conversa; e então quando se reunia uma dúzia deles, já era sabido o resultado: apareciam em cena todas as fases da guerra, e a palavra se representava o principal papel na discussão.

-Se a Inglaterra nos tivesse reconhecido.. Se Jeff Davis requisitasse todo o algodão e o mandasse para Ingla, terra antes de apertarem o cerco... Se Longstreet executasse as ordens que lhe deram em Gettysburgo... Se Jeb Stuart não estivesse longe quando Marse Bob precisou dele... Se não perdêssemos Stonewall Jackson... Se Vi~burgo não tivesse caído... Se nos aguentássemos mais um ano...

E sempre esta frase: =Se não substituíssem Johnston por Hood...-Ou então:-Se em Dalton não pusessem Hood à frente das tropas, em vez de Johnston...

Se... se... As vozes suaves iam subindo de tom, no entusiasmo da conversa. Os artilheiros, os soldados de cavalaria, os de infantaria, todos evocavam as suas memórias.

"Não têm mais nada que digam", pensava Scarlett. "S6 falam de guerra, sempre a guerra. E continuarão a falar do mesmo assunto, até à morte ... "

Passeava o olhar em torno de si e via os pequenos agarrados aos pais, com o peito a arquejar, de olhos brilhantes. Escutavam ansiosos aqueles relatos de sortidas em

277

plena noite, de cargas de cavalaria, de bandeiras haste.adas no reduto inimigo.- Ouviam os tambores a tocar, as trombetas soando, o grito dos rebeldes. Viam marchar os soldados, de pés feridos, à chuva, com os estandartes pendentes.

"E estas crianças não escutam outra coisa! Hão-de imaginar que era belo e glorioso bater-se contra os yankees e voltar para casa cego e estropeado... ou não chegar a voltar. Gostam todos de insistir no mesmo tema. Eu, não. Até me horroriza pensar nisso. De boa vontade esquece~ ria... ah, se pudesse!"

Arrepiava-se toda quando ouvia Melanie contar histórias relativas a Tara. A cunhada descrevia-a como uma heroína, explicava a forma como ela resistira aos invasores, salvara o sabre de Charles e extinguiu o incêndio. Mas Searlett não sentia satisfação nem orgulho. Preferia não pensar nisso.

"Por que será que não conseguem esquecer? Por que não olham para o futuro em vez de se comprazerem no passado? Fizemos mal en@ consentir nessa guerra. Quanto mais depressa a olvidarmos, tanto melhor".

Todavia ninguém mais desejava esquecê-la. Por isso Scarlett não se importou dizer a Melanie que ficava constrangida de se mostrar em público, ainda que fosse num canto mais sombrio. Melanie compreendeu muito bem aquela explicação; aliás, comovia-a sempre tudo o que respeitasse ao facto da maternidade. Melanie desejava muito ter outro filho, mas os doutores Meade e Fontaine haviam-lhe dito que isso lhe poderia custar a vida. Assim, mais ou menos resignada, passava a maior parte do tempo junto de Scarlett, interessada por uma gravidez que não era sua. Para a cunhada, que não quisera a vinda daquele nova ser e se irritava com a importunidade do caso, a atitude de Melanie parecia o cúmulo, dum sentimentalismo piegas. Entretanto., a sentença dos dois médicos sempre servia de consolo a Scarlett, pois tornava impossível a verdadeira intimidade entre Melanie e Ashley.

Scarlett via este não raras vezes porém nunca a sós. Ele aparecia-lhe em casa todas as @oites, de regresso do emprego, para lhe contar o que houvera durante o dia mas Frank e Pitty estavam quase sempre presentes e, o que era pior, também India e Melanie. A conversa, limitava-se a uma trbca de impressões sobre o negócio. Depois

278

Scarlett, fazia algumas sugestões e dizia: "Obrigada por ter passado por aqui, Boa noite". . Se ao menos ela não se achasse naquele estado! Seria uma boa oportunidade de irem juntos todas as manhãs à fábrica; atravessariam sózinhos a mata deserta, longe dos @olhares indiscretos, e poderiam julgar-se transportados de novo aos dias calmos de antes da guerra.

Não não o forçaria a proferir uma única palavra de amor. Jurara a si mesma nunca mais aflorar esse assunto. Mas, se se encontrassem a sós, talvez que ele deixasse cair a máscara de indiferença que usava desde a chegada a Atlanta. Quem sabe se tomaria a mostrar-se como fora, o Ashley que ela conhecera antes da festa dos Wilkes, antes de haverem revelado a natureza das suas inclinações? Se não podiam ser amantes ' seriam ao menos amigos. O seu coração gelado e solitário precisava de aquecer-se ao lume da amizade.

"Tivesse eu já, sem demora ' esta criança!" pensava ela, impaciente. "Passearíamos de carro ou a cavalo, todos os dias, conversando ... "

Não era só o desejo de estar só com Ashley que a fazia impacientar-se e insurgir-se contra a vida de reclusão que levava. As fábricas precisavam da sua presença. Desde que confiara a direcção delas a Hugh e a Ashley, as duas serrações produziam menos lucros.

Hugh era incompetente, mau grado o esforço que despendia. Faltava-lhe o senso dos negócios e orientava mal os operários, Toda a gente obtinha dele baixas de preço. Se algum empreiteiro lhe dizia que as tábuas eram de má qualidade e não valiam o dinheiro pedido Hugh considerava do seu dever pedir desculpa e fazer um abatimento. Quando soube da quantia por que foram pagos mil pés de madeira, Scarlett verteu lágrimas de furor. O seu gerente dera quase de graça o melhor tabuado jamais saído daquela serração! Além disso, não sabia lidar com o pessoal. Os negros insistiam pelo pagamento diário, o que dava em resultado embebedarem-se e não aparecerem às vezes no dia seguinte. Hugh tinha então de ir procurar outros operários, o que atrasava o trabalho na fábrica. Com todas estas dificuldades, acontecera ficar muito tempo sem vir à cidade tratar da venda das tábuas prontas.

Vendo que os lucros lhe fugiam entre os dedos de Hugh, tomava-se frenética, em luta entre a sua impotência e a

279

estupidez do gerente. Logo que a criança nascesse e ela voltasse ao trabalho, despediria Hugh e arranjaria alguém para o substituir. Fosse quem fosse, desempenharia o serviço melhor do que ele. E não queria mais escravos forros. Para que se as duas por três largavam o trabalho? _Fra@nk-disse ela ao marido depois de grande discussão com Hugh a respeito das ausências dos operários.

- Estou meio decidida a arrendar condenados para as minhas serrações. Aqui há tempos lastimei-me a Johnnie Gallegher, contramestre de Tommy Wellburn, acerca da dificuldade que havia em obter trabalho dos pretos, e ele perguntou-me por que é que eu não metia forçados na serração. Parece-me boa ideia. Disse-me que a sublocação era uma ninharia e que me bastava dar-lhes qualquer coisa de comer. Podia exigir deles o trabalho que eu muito bem quisesse sem ter que dar satisfações à Agência dos Forros. Assim que termine o contrato de Johnnie Galleglier com Tommy, vou contratá-lo para subsntituir o Hugh. Um homem que consegue trabalho proveitoso dum bando de irlandeses, também há-de consegui-lo dos grilhetas.

Frank ficou mudo de espanto. Arrendar forçados! Era o cúmulo, pior ainda do que a ideia de ter uma taberna!

Pelo menos, era esta a opinião de Frank e dos meios conservadores em que ele se movia. Aquela nova moda de alugar condenados surgira depois da guerra, em consequência da pobreza do Estado.

Por não lhe ser possível manter os condenados, o Estado arrendava-os a quem precisasse de mão-de-obra para a construção de vias-férreas ou exploração florestal. Embora reconhecesse a necessidade de semelhante sistema, Frank e os seus amigos puritanos não deixavam de lamentar o facto; alguns destes não tinham sido sequer partidários da escravatura, e ainda achavam que isso era uma violência maior.

E Scarlett pretendia servir-se dos forçados! Frank bem sabia a vergonha que o esperava, se ela levasse por diante o seu projecto: era muito pior do que dirigir uma serração, e, revoltando-se contra a ideia da mulher, ele repetia sempre de si para si: "Que vai pensar a cidade?" Desta vez o que Frank sentia era um receio ainda mais assustador do que a condenação lavrada contra eles pela opinião pública. No íntimo, acreditava tratar-se dum tráfico de seres humanos equivalente à prostituição. Não podia consentir em tal coisa sem que a alma se lhe sobrecarrega~ de pecados.

280

E tanto se compenetrara disto que teve coragem de proibir à mulher a realização do seu intento, pondo tanta força nos seus argumentos que Scarlett não soube a princípio que responder; por fim, declarou em tom humilde que se tra, tava apenas dum plano muito vago. No fundo, pensava exactamente o contrário: Hugh e os pretos forros haviam-lhes estragado o negócio mas aproveitando agora os forçados, conseguiria resta@elece@ o equilíbrio económico.

Se ao menos a outra serração desse lucros.! Mas Asliley não era, nesse ponto, mais esperto do que Hugh.

De começo, Searlett ficara desiludida ao verificar que AshIey não se enfrontava bem no assunto nem obtinha as vantagens financeiras que ela tirava quando à frente desse labor. Pois se ele era tão inteli`ente, lera tantos livros! Não havia razão para que não triunfasse no emprego: devia até proporcionar-lhe enormes proveitos materiais. Mas, infelizmente, Asliley não obteve melhores resultados do que Hugh. Eram iguais a este os erros de Asliley, a sua inexperiência, a sua completa ausência de senso comercial.

Apaixonada, porém, como estava, depressa encontrou desculpas no procedimento do novo gerente e não lhe veio à ideia colocar os dois homens em plano de igualdade. Hugh era estúpido, não tinha solução o seu caso; mas Ashley, pessoa de altas qualidades, só precisava de ser iniciado naquele ramo. Todavia foi-lhe forçoso reconhecer que este jamais daria qualquer coisa no lugar: era incapaz de fazer orçamentos rápidos, de cor, de achar sem dificuldade os preços exactos. Chegava a pensar se ele jamais saberia distinguir entre uma viga e uma tábua. Como a sua honestidade o tornava ingénuo ' Ashley ficava à mercê de qualquer trapaceiro. Se simpatizava com alguém (e parece que com muita gente!) vendia a madeira a crédito, sem averiguar se o comprador possuía conta no Banco ou outra garantia aceitável. Neste aspecto, não valia mais do que Frank Kennedy.

Com certeza, pensava Scarlett, ' que ele acabaria por aprender. E, enquanto não aprendia, ela desculpava-o com indulgência maternal. Cada noite, ao chegar cansado e ansioso a e-asa dela, Scarlett, não se poupava ao trabalho de lhe dar conselhos úteis, procedendo com muita diplomacia. Contudo, por mais que fizesse para lhe levantar o moral, notava nos olhos dele uma expressão estranha, apá-

281

tica, que não compreendia e que a assustava bastante. Ashley estava diferente, muito diferente do que fora! Para saber o que se passava,, seria necessário poder falar-lhe a sós.

Esta situação originou em Scarlett. muitas noites de insónia. Atormentava-se não só porque Asliley lhe parecia infeliz, mas também porque essa infelicidade o impossibilitava de ser um dia bom comerciante de madeiras. Torturava-a o pensamento de ter as duas serrações entregues a homens daquele estofo. E mais a apoquentava ver que os concorrentes lhe tomavam a melhor clientela, depois do trabalho desenvolvido para os captar! A solução estaria em retomar a direcção. do negócio. Ensinar a AshIey, in loco, a maneira de fazer as coisas a preceito. E, se o Johnnie

Gallegher pudesse dirigir a outra serração... Scarlett encarregar-se-ia em pessoa da venda das tábuas, e tudo iria pelo melhor. Quanto a Hugh, se quisesse continuar nalgum serviço, dar-se-lhe-ia a condução do carro de fornecimentos. Para isso talvez servisse.

É claro que Gallegher não parecia pessoa muito escrupulosa, apesar (ou por causa) da sua esperteza. Mas a quem recorrer, não sendo a este? Por que é que os homens simultâneamente sérios e capazes se recusavam a colaborar com ela? Bastava que tivesse um desses no lugar de Hugh; já estaria remediada.

Tommy Wellburn, mesmo doente como era, tornara-se o mestre-de-obras mais importante da cidade. Dizia-se estar a ganhar rios de dinheiro. A senhora Merriwether e Renê prosperavam também e tinham inaugurado uma padaria, que Renê manobrava com o seu económico espírito francês; e o avô Merriwether, contente por deixar a clausura doméstica guiava agora a carroça que ia de porta em porta entregar a mercadoria. Os rapazes Siminons recebiam tantas encomendas que empregavam três grupos de operários por dia na sua fábrica de tijolos. E Kells Whiting fazia igualmente bons lucros com o cosmético que vendia aos pretos, dizendo-lhes que os não deixariam votar se eles conser, vassem o cabelo encarapinhado.

O mesmo se passava com a mocidade inteligente que Scarlett conhecia: médicos, advogados, mercadores. A apa-! tia que deles se apoderara logo a seguir à guerra cedera o lugar ao trabalho frenético e todos se ocupavam a melho-

282

rar a sua situação. Os outros os que se mantinham inactivos, eram homens do tipo de Hugh... e de Ashley.

Que dificuldade para ela fazer andar os negócios e estar grávida ainda por cima!

"Não terei mais nenhum filho", dizia de si para si, convencida. "Que Deus me livre de ser como as outras mulheres, que têm um filho por ano. Isso obrigar-me-ia a estar sempre seis meses afastada dos negócios. Pois nem posso dar-me ao luxo de ter um dia de ausência! Hei-de declarar a Frank a minha resolução".

Frank desejava muitos filhos mas paciência, ela trataria de o persuadir. Aquele seria o último. As serrações estavam em primeiro lugar.

42

SCARLETT teve uma filha, um entezinho calvo, feio como um macaco pelado e que se parecia absurdamente com Frank. Exceptuando o pai, ninguém encontrou beleza na recém-na-seída, mas os vizinhos eram bastante caridosos para dizer que os nenês feios se tornam às vezes muito bonitos. Deram-lhe o nome de Ella Lorena. Ella, porque a avó se chamava Ellen, Lorena porque era um nome que estava muito em moda para raparigas, assim como Robert E. Lee e Stonewall Jackson. para rapazes e Abraham Lincoln e Emancipação para as crianças pretas.

Nasceu a menina a meados duma semana em que na cidade reinava o medo duma catástrofe.

Gabara-se certo negro de ter violentado uma branca; fora preso por isso, mas antes de comparecer no tribunal, a Ku Klux Klan invadira a cadeia e enforcara-o sem mais cerimónias. Os membros da sociedade secreta haviam procedido assim para poupar a vítima (cujo nome ainda se ignorava) o opróbrio de se mostrar como declarante nas sessões do julgamento. Como o pai e o irmão dela preferissem matá-la a vê-la intimada a ir à teia os sulistas acharam que liquidando o preto estava o problema resolvido; talvez até julgassem que era a única solução admissível. Mas as autoridades militares estavam furiosas e não compreendiam por que é que a vítima não haveria de se apresentar na audiência pública.

Os militares faziam prisioneiros a torto e a direito, jurando exterminar a Klan, nem que devessem encarcerar todos os

283

brancos de Atlanta. Os pretos amedrontados pensavam em vingar-se incendiando certo número, de casas. A atmosfera sufocava de rumores pavorosos; falava-se de execuções em massa, se os yankees descobrissem os culpados, e receava-se uma sublevação dos homens de cor. Ninguém saía à rua, e as portas e janelas conservavam-se fechadas. Quem tinha negócios não se atrevia a ir ocupar-se deles, pelo temor de deixar ao desamparo o resto da família.

Scarlett jazia muito fraca na cama, e agradecia mentalmente a Deus que Ashley não fizesse parte da Klan e que Frank fosse tão velho e tão tímido. Que horror se os yankees caíssem sobre eles, e os prendessem num abrir e fechar de olhos! Por que não se mantinham sossegados os rapazes da Ku Klux Klan? Quem sabe se a tal branca se deixara violar, tomada dum medo estúpido? Haviām de arriscar a vida tantos homens por causa dessa criatura?

Nesse ambiente tenso, em que se tinha a impressão de ver consumir-se pouco a pouco o rastilho ligado à barreira de pólvora, Scarlett recuperou rapidamente as forças.

O vigor que lhe permitia suportar a vida difícil na quinta de Tara ajudou-a também a restabelecer-se; e, duas semanas após o nascimento de Ella Lorena, já podia sentar-se na cama e dar largas à sua irritação por se ver assim inativa. Uma semana depois, levantou-se e declarou que ia inspeccionar as serrações, onde o trabalho se suspendera porque Hugh e Ashley não queriam deixar a família sozinha o dia inteiro.

Foi então que se desencadeou o temporal. Orgulhoso da sua recente paternidade, Frank teve a coragem de proibir a Scarlett que saísse de casa enquanto a situação estivesse assim perigosa. A mulher não fez caso nenhum da proibição e iria da mesma maneira tratar dos negócios se Frank não tivesse posto o cavalo e a carruagem numa cocheira de aluguer, com ordem de não os entregar a ninguém senão a ele mesmo. Para cúmulo de infelicidade, Frank e Babá haviam vasculhado a casa enquanto Scarlett se encontrava de cama e descoberto assim o seu pé-de-mela. Frank depositara o dinheiro num Banco em seu próprio nome, de modo que a mulher nem tinha o recurso de alugar um trem.

Scarlett fez uma cena ao marido e à mãe, depois entrou na fase das súplicas, e por fim chorou como uma criança

284

a quem tiraram os brinquedos. Como única consolação, ouviu Frank murmurar:

-Então, minha querida, lembra-te que ainda estás doentinha!

E Babá dizer-lhe: -Se minina chorá assim, seu leite vai secar e nenê é que há-de sofrer com isso.'

Scarlett, num ímpeto de fúria, atravessou o jardim e foi desabafar com Melanie. Em voz esganiçada e com gestos violentos, declarou que iria a pé até às serrações, que havia de dizer a toda a gente que o marido era um canalha e que não estava disposta a ser tratada como uma garota sem juízo. Iria e iria armada duma pistola para matar quem a ameaçasse. Já matara um homem e teria até muito prazer em dar cabo doutro.

Melanie, que nem à porta da rua se, aventurava a aparecer, ficou aterrada com tais declarações.

-Não tens o direito de te arriscares! Eu morria se te acontecesse alguma coisa! Por amor de Deus, Scarlett...

-Vou! Vou! E vou a pé... Melanie fitou-a e percebeu que a outra não estava a contar com um desses ataques de nervos tão vulgares nas mulheres ainda enfraquecidas pelo parto. Na fisionomia de Scarlett lia-se a mesma resolução, o mesmo desprezo do perigo que Melanie tantas vezes vira na cara de Gerald quando este decidia fazer qualquer coisa.

Abraçando Scarlett pela cintura, puxou-a para si.

- A culpa é minha, Devia ser mais animosa e não reter Ashley junto de mim todo este tempo, quando o lugar dele é na serração. Sou uma piegas! Vou dizer a Ashley que não sinto medo nenhum. Passarei o dia contigo e com a tia Pitty, e assim ele pode ir descansado para o trabalho.

-Não quero nada disso-exclamou Scarlett, que, embora de mau grado, tinha de reconhecer que Ashley não era homem para enfrentar sozinho a situação.-Como há-de o Ashley trabalhar capazmente todo o dia, inquieto por tua causa? Toda a gente está contra mim. Até o Peter se recusa

a acompanhar-me! Mas não me ralo. Vou sozinha. Irei a pé todo o caminho, e veremos se arranjo ou não uma porção de pretos para o serviço da fábrica.

- Estás doida! Imagina que te acontece algum mal! Consta que há um acampamento de pretos em Shantytown, para os lados da estrada de Decatur, e tens forçosamente

285

de passar por lá, Deixa-me pensar... Não faças hoje nada, enquanto eu procuro uma solução, Promete-me que vais para casa e que ficas lá sossegada, Estás com ar de quem não se aguenta nas pernas, Anda, promete.

Pbrque o acesso de fúria a deixara exausta, Searlett prometeu e regressou a casa, onde repeliu com altivez todas as propostas de paz,

Nessa mesma tarde, um desconhecido veio a coxear do quintal de Melanie e entrou no da tia Pitty. Não havia dúvida de que era um desses indivíduos a quem Babá e Dilcey se referiam quando falavam da "canalha que senhora Melly apanha na rua e deixa dormi em sua loja".

A casa de Melanie tinha três compartimentos no subsolo, de que noutros tempos se serviam para adega e quarto de criados. Agora um deles era ocupado por Dilcey e os outros dois por @ma chu=a incessante de hóspedes de passagem, miseráveis e andrajosos. Só Melanie sabia donde eles vinham e para onde se dirigiam. Toda a gente ignorava onde a mulher de Asliley os ia buscar. Talvez as pretas tivessem razão em dizer que ela os apanhava na rua.

O certo é que, assim COMO as pessoas notáveis eram atraídas pela sua modesta salinha, os desgraçados iam parar à sua loja, onde lhes davam cama e comida e donde partiam com um farnel debaixo do braço. Em geral eram soldados da Confederação os ocupantes dos quartos ao subterrâneo, homens que não sabiam ler nem escrever, que não tinham lar nem família e que percorriam o país em busca de trabalho.

Muitas vezes pernoitavam lá camponeses de pele tisonada e sulcada de rugas, na companhia de crianças hirsutas e silenciosas, mulheres que a guerra tornara viúvas e que, despojadas das suas herdades, procuravam parentes dispersos ou perdidos. De tempos a tempos, a vizinhança escandalizava-se com a presença de estrangeiros que mal falavam inglês e a quem a miragem da riqueza conduzia para o Sul. Uma vez, dormiu lá um republicano. Pelo menos Babá assim o afirmou, declarando que o seu faro não a enganava: reconhecia qualquer republicano como um cavalo sente a presença duma cobra cascavel. Mas ninguém creu no faro de Babá, porque para tudo devia haver limites, até para a caridade de Melanie.

"Sim, é um dos protegidos de Melanie". pensou Scarlett

286

que, com a filhinha no regaço estava sentada na varanda iluminada pelo débil sol de No@embro. "E este é aleijado ... "

O homem que acabava de atravessar o jardim tinha uma perna de pau, como Will Benteen. Era velho, alto e magro, careca, e usava uma barba tão comprida que lhe chegava à cintura. Devia ter mais de sessenta anos, a avaliar pela cara, mas o corpo não revelava a idade. Apesar da excessiva magreza e da perna de pau, movia-se corA a agilidade duma serpente.

Subiu os degraus e 'antes até de lhe ouvir o sotaque da voz, Scarlett percebeu que ele era das montanhas. Apesar da roupa andrajosa, notava-se-lhe um ar de orgulho feroz, que não permitia liberdades nem atrevimentos, Vinha a mascar um bocado de tabaco 'que lhe sujara a barba e lhe entumecia uma face, O nariz era fino e curvo, as sobrancelhas espessas, e dos ouvidos saía-lhe um tufo de pêlos, o que fazia lembrar orelhas de lince. Uma das órbitas estava vazia e daí partia uma cicatriz que se ia perder na barba.

O olho que restava era pequeno, claro, frio um olho impiedoso. Do bolso das calças saía a coronha 6ma pistola e no cano das botas acalcanhadas via-se-lhe o cabo dum punhal.

O homem olhou para Scarlett sem o menor embaraço e, antes de falar 'cuspiu por cima da balastrada, o seu único olho exprimia desprezo, um desprezo que não só abrangia Scarlett como todas as mulheres em geral.

-A senhora Wilkes mandou-me cá para tomar conta dum trabalho-disse ele laconicamente.

Exprimiu-se com certa dificuldade 'como quem não tem o hábito de falar.

- Chamo-me Archie.

- Lastimo, mas não tenha trabalho para si, senhor Archie.

-Archie é o meu primeiro nome. -Desculpe. Qual é então o de família?

O homem tornou a cuspir.

- Isso é comigo. Fiquemos em Archie, que já chega.

- Quer se importe ou não revelar o seu nome de família, a verdade é esta: não tenho trabalho para si.

- Pois eu julgo que tem. A senhora Wilkes estava muito inquieta por saber do seu project<> de sair sozinha, e então enviou-me para a acompanhar.

- Palavra de honra? - exclamou Scarlett indignada tanto com a liberdade do homem como com a maneira como a cunhada se metia nos seus negócios.

287

w'M'

Archie fitou-a, com o seu único olho.

- Sim, senhora, e as damas não têm o direito de causar preocupação à família quando esta a quer proteger. Ora, visto que tem de sair, eu acompanhá-la-ei. Detesto tanto os pretos como os. yankees. Passou o pedaço de tabaco para o outro lado da boca e, sem esperar por convite, sentou-se no degrau.

- Não quero dizer que me agrade conduzir senhoras -

proseguiu ele. - Mas a senhora Wilkes foi muito boa para mim, deixando-me dormir no seu subterrâneo, e eu quero ser-lhe agradável.

-Mas... -ia recomendar Scarlett, sem saber que resolução tomar. Então calou-se e olhou para Archie. Daí a pouco sorriu: aquele velho aventureiro não a tranquilizava muito, mas simplificava um tanto as coisas. Graças a esse indivíduo poderia atravessar a cidade, ir às duas serrações, visitar a clientela. Com tal companheiro, todos a julgariam em segurança e o seu aspecto não convidava ninguém a falar em escândalo.

- Está bem - declarou. - O que é preciso é que o meu marido consinta.

Depois duma conversa particular com Archie, Frank deu a sua autorização embora com relutância, e ordenou ao dono da cocheira de alugar que lhe enviasse a carruagem. No fundo, ficara desiludido pelo facto de a nova maternidade não haver modificado a mulher como ele esperara; mas, se estava assim tão resolvida a voltar às suas malditas fábricas, ao menos que o fizesse na companhia desse Archie.

Deste modo se deu ela a um espectáculo que de princípio desconcertou Atlanta. Archie e Scarlett faziam um dueto muito estranho: o velho da perna de pau, sujo e grosseiro, e a dama elegante e sedutora, cuja testa se enrugava à força de preocupações. Viam-nos por toda a parte, no centro e nos arredores, fosse a que horas fosse. Raramente se falavam e era evidente que não tinham simpatia um pelo outro; mas prestavam mútuo auxílio, porque ele precisava de dinheiro e ela de quem a defendesse. "Em todo o caso -diziam as senhoras de Atlanta- sempre é melhor do que apresentar-se na companhia do tal Butler". De si para si pensavam onde estaria agora Rliett, que deixara bruscamente a cidade três- meses antes, sem que ninguém soubesse (nem sequer Scarlett) para onde fora.

Archie era um taciturno. Não falava senão quando ins-

288

tado e mesmo assim respondia por grunhidos. Todas as manhãs deixava o subterrâneo de Melanie e vinha sentar-se na escada da tia Pitty, mascando e cuspiendo até que Scarlett aparecia e Peter atrelava o cavalo ao trem. Peter tinha quase tanto medo dele como do diabo ou da Ku Klux Klan. A própria Babá calava-se na sua presença e girava-lhe em redor com ar assustado. Archie odiava os negros e estes sabiam-no,. Armou-se de mais uma pistola e a sua reputação cresceu entre a população de cor. P, claro que nunca lhe foi necessário recorrer a qualquer dessas armas, nem sequer levar a mão à cintura. Bastava o efeito moral. Os pretos chegavam a não se atrever a rir quando Archie se encontrava próximo.

Certo dia, Scarlett perguntou-lhe por que é que os odiava e ficou admirada de o ouvir responder coisa diversa do seu eterno "Isso é comigo".

-Odeio-os como todos os camponeses: nunca gostámos deles e não possuímos nem um só. Foram os negros que desencadearam a guerra. Por isso os odeio.

-Mas você entrou na guerra.

- J9@, que também detesto os yankees. E do mesmo modo as mulheres que falam muito.

Estas declarações indelicadas exasperavam Scarlett, que ansiava por se livrar do companheiro. Mas, por outro lado, como poderia passar sem ele? Era grosseiro sujo (chegava a cheirar mal) mas servia para os fins qu@ ela tinha em vista. Conduzia-a às serrações, levava-a a casa dos clientes, e, enquanto Scarlett discutia as suas transacções ' Archie ficava muito sossegado a cuspir e a contemplar as nuvens. Quando ela se apeava, ele embargava-lhe o passo e, se a rodeavam pretos ou yankees, o homem não despegava um centímetro.

Atlanta acabou por se habituar ao espectáculo de Scarlett e do seu guarda-costas. Muitas das senhoras, vendo como ela gozava de tanta liberdade de movimentos, começaram a sentir certa inveja. Desde que a Ku Klux Klan linchara o preto, essas damas viviam enclausuradas e só saíam para irem às compras. Como gostavam de conviver, a solidão já lhes pesava bastante e fazendo tábua rasa do seu amor-próprio, pediram a Sca@lett que lhes emprestasse Archie. Sempre que não precisava dele, Se-arlett amavelmente acedia ao, pedido.

Archie não tardou a ser elevado à altura duma institui-

19 - Vento Levou - n

289

ção e as senhoras disputavam-lhe as suas horas disponíveis. Não havia manhã em que uma criança ou um criado preto não aparecesse por ocasião do primeiro almoço com um bilhete deste teor: "Se não tiver necessidade de Archie esta tarde, peço-lhe o favor de mo ceder. Gostava de ir ao cemitério levar flores". Ou então: "Tenho de ir hoje à modista". "Convinha-me que Archie levasse a tia Nelly a passeio". "1@i forçoso visitar uma pessoa na Peters Street e o meu avô não se sente muito bem para poder acompanhar-me".

Servia, pois, de cooheiro a todas essas damas, às raparigas'às senhoras de idade, às viúvas, e ele tratava-as com igual desdém. Via-se bem que exceptuando Melanie, não gostava muito mais das mulhe@es do que dos pretos ou dos yankees. Impressionadas de início pela sua descortesia, elas acabavam por se habituar. Se não fosse aquele modo ruidoso de cuspir, seria tão silencioso que as senhoras não lhe dariam mais atenção do que davam ao cavalo. A senhora Merriwether, por exemplo contava à senhora Meade coisas Intimas respeitantes. à sob@inha, e só então se lembrava da presença do cocheiro.

Era de facto preciso que a vida se tivesse modificado muito para que tolerassem semelhantes coisas. Antes da guerra, aquelas senhoras nem consentiriam a Archie a entrada na cozinha. Dar-lhe-iam um bocado de pão pela porta de serviço e mandá-lo-iam embora. Agora, porém, acolhiam com alegria a sua presença tranquilizadora. Rude, analfabeto, sujo, era a fortaleza das senhoras e o terror da Reconstrução. Nem amigo, nem criado. Um guarda a quem pagavam e que protegia as mulheres enquanto os maridos trabalhavam ou se ausentavam à noite.

Depois da entrada em funções de Archie, pareceu a Searlett que o marido saía à noite com mais frequência. Alegava que era preciso organizar o balanço e que, durante o dia, a clientela o não deixava ocupar-se disso. Havia ainda os amigos doentes a visitar, e também todas as quartas-feiras a

reunião dos Democratas, que estudavam a forma de reconquistar o direito de voto. Frank nunca faltava a nenhum destes encontros. Scarlett achava que o partido não fazia absolutamente nada, excepto discutir os méritos do general John B. Gordon sobre os outros generais (menos o general Lee) e contar histórias da guerra. Pelo menos, não progrediam no que respeitava ao direito de voto; mas Frank gos-

290

tava a valer dessas conferências e, todas as noites, ficava horas e horas fora de casa. Ashley também visitava doentes e comparecia do mesmo modo nas reuniões dos Democratas. Nessas ocasiões, Archie escoltava Pitty' Scarlett, Wade e a pequena Ella através do pátio sombrio, até à casa de Melanie, onde as duas famílias passavam a noite juntas. As senhoras costuravam, enquanto Archie, estendido no canapé da sala, ressonava de grande, agitando os bigodes grisalhos a cada respiração. Ninguém o convidara a dispor daquele móvel, que era o mais bonito, da casa, e as damas lamentavam-se em silêncio de cada vez que ele se estirava ali, com as botas em cima do estofado. Nenhuma, porém, tinha coragem de fazer observações a esse respeito. Demais a mais, Archie declarava ser uma felicidade ele ter o sono fácil, pois doutra maneira a tagarelice das mulheres, semelhante ao barulho dum bando de galinhas-da-Índia, por certo o tornaria irritado. Por vezes, Scarlett perguntava a si mesma donde teria vindo Archie e que espécie de existência levaria antes de vir para a casa de Melanie mas nunca tratou de averiguar esse mistério. Havia alguma coisa nesse zolho taciturno que impedia interrogatórios sobre o seu passado. Pelo sotaque, Scarlett deduziu que ele era serrano do norte de Geórgia, e calculou que o homem tivesse estado na guerra e perdesse nessa altura o olho e a perna, durante algum combate. Foi em consequência de certas frases irritadas contra Hugh Elsing que afinal veio a conhecer o passado de Archie.

Um dia, cedo, o velho conduziu Scarlett à serração gerida por Hugh e encontrou a fábrica parada. Não viu pretos. Hugh estava sentado à sombra duma árvore com ar desanimado e pensativo. Não aparecera nesse dia um só operário e ele não sabia que resolução tomar. Scarlett ficou fúria e não teve escrúpulos em descarregar a fúria sobre Hugh, pois acabara de receber uma boa encomenda de madeira e, para mais, uma encomenda urgente. Desenvolvera toda a sua energia e sedução para conseguir apanhar aquele cliente, e, afinal, vinha encontrar tudo parado!

- Leve-me à outra serração - ordenou a Archie. - Bem sei que é muito longe e teremos de prescindir do almoço, mas para que é que lhe pago? Preciso de prevenir o senhor Wilkes que interrompa tudo o que tem entre mãos para satisfazer esta encomenda. Espero que os homens estejam lá. E, quer queiram ou não, hão-de entregar-se só a esse

291

trabalho. Nunca vi maior estúpido que este Hugh Elsing! Vai parar à rua assim que Johnnie Gallegher acabe o prédio que está a construir. Que me importa que Gallegher estivesse no exército yankee? Ao menos, hão-de fazer trabalho que se veja. O irlandês e basta. Estou farta de pretos forros. Não quero depender deles e vou pedir a Johnnie Gallegher que me arranje meia dúzia de forçados. Ele os fará trabalhar...

Archie fixou em Scarlett o olho impiedoso e interrompeu-a com uma voz rouca que traía cólera contida:

-No dia em que vir forçados nas suas fábricas, despeço-me do seu serviço.

-Porquê?-volteu Scarlett espantada.

- Sei o que é o aluguer de condenados. Chamo a isso assassinio. Compram-se homens como quem compra bestas de carga e tratam-nos pior do que às bestas. Chicoteiam-nos, deixam-nos passar fome, matam-nos. Quem se rala com isso? O Estado quer lá saber! Recebe o dinheiro, pouco se importa com o resto. E os que alugam os condenados também se estão nas tintas. O que pretendem é

dar-lhes o menos possível de comida e extrair deles o máximo do trabalho. Raios partam as mulheres! Nunca foram da minha simpatia, e agora ainda as desprezo mais!

-Mas tem alguma coisa a ver com isso? -Tenho - limitou-se Archie a responder. E, depois duma pausa, acrescentou: -Cumprí pena de trabalhos forçados durante quarenta anos. Se@rlett ficou sem alento e, instintivamente, encolheu-se de encontro aos coxins do trem. Ali estava a explicação do retraimento de Archie, da sua teimosia em não querer revelar o apelido de família, nem nada respeitante ao seu passado, da dificuldade com que se exprimia e do seu ódio a toda a gente, Quarenta anos! Fora, portanto preso quando era muito novo. Quarenta anos! E se o tinl@am condenado a pena maior e trabalhos forçados é porque houvera crime de morte.

- Foi... por assassinio? -Foi -confirmou Archie, sacudindo as rédeas. - Matei minha mulher. Searlett pestanejou, tomada de medo, Sob a barba grisalha, a boca do homem pareceu esboçar um sorriso, como se ele se divertisse com o terror da companheira.

292

- Não vou darcabo de si, se é isso que receia. Só existe uma razão para matar uma mulher.

- Matou a sua ... ! -Estava deitada com meu irmão. Ele conseguiu fugir. Não me arrependo de a ter matado. Mulheres daquelas não devem viver. A lei não tinha direito de condenar homens por esse motivo, mas eu fui condenado.

- E como saiu da cadeia? Fugiu? Indultaram-no? -Podemos chamar indulto se quiser. - Archie carregou as sobranceiras hirsutas,co@no se fizesse grande esforço para encontrar palavras com que exprimir-se. - Nos fins de 1864, quando Sh@rman veio, eu estava na cadeia de Milledgeville, havia já quarenta anos. O director convocou todos os prisioneiros e disse-lhes que os yankees se preparavam para queimar tudo e chacinar os animais. Se há quem eu mais deteste depois dos pretos e das mulheres, são os yankees.

- Porquê? Conheceu algum?

- Não, senhora, mas ouvi falar. Disseram-me que eles não resistiam a meter-se com os mais, Ora eu detesto tipos que se metem com os outros. Que tinham eles que vir para Geórgia emancipar os pretos, queimar as e-asas matar os animais? Então o director participou que no exé@ito havia falta de soldados e que os prisioneiros que quisessem alistar-se estariam livres no fim da guerra... se escapassem desta. Mas, quanto aos condenados por homicídio, parece que o exército não nos queria. Declarei então ao director que não era um assassino vulgar pois se matei minha mulher foi que ela o merecia e a@rescente que desejava combater contra os yankees. d director compreendeu e deixou*-me sair com os outros reclusos. - Deteve-se um instante, soltou um grunhido e continuou: -Não deixava de ser engraçado! Eu tinha sião preso por matar, e agora mandavam-me sair com uma espingarda na mão, para tornar a matar! Nós, os de Milledgeville, batemo-nos e matámos a valer, como há-de calcular. Nenhum desertou que eu saiba. Quando se deu a rendição, nós estávamos li-@rk Perdi um olho e uma perna. Mas não lamento.

- Oli! -murmurou Scarlett. Tentou recordar-se o que se contara então acerca do emprego dos reclusos de Milledgeville como última barreira contra as tropas de Sherman. Frank referira-se a esse episódio quando fora passar o Natal a Tara, em 1864. Que

293

dissera ele? As recordações de Scarlett eram, porém, muito caóticas. Evocou, aterrorizada, essa época terrível o ribom bar dos canhões do cerco, as filas de carros militares salpicando de sangue as estradas, a guarda local alinhando-se para combater, com pequenos como Phil Meade e velhos Como o tio Henry Hamilton e o avô Merriwether. E os prisioneiros também, marchando para a morte na agonia da Condeferação sob chuva e a geada, na der@adeira batalha de Tennesseé. Por momentos, ela achou que esse velho fora louco por se ter batido por um Estado que o tivera preso durante quarenta anos da sua vida. Geórgia privara-o da mocidade e da idade madura para o castigar dum crime que em sua consciência não existia, e ele, livremente, oferecera a Geórgia um olho e uma perna. Soaram-lhe aos ouvidos as palavras amargas de Rhett nos primeiros tempos da

guerra e Scarlett lembrou-se de ele haver dito que nunca se bateria para defender uma sociedade que o banira do seu meio. Mas quando chegou a ocasião, fora combater por essa mesma sociedade, tal como Archie. Parecia-lhe que todos os homens do Sul, senhores ou plebeus, davam menos valor à própria vida do que a fórmulas abstractas.

Scarlett olhou para as mãos nodosas do velho, para as pistolas que ele trazia consigo e de novo o medo a invadiu. Quantos ex-forçados. não andariam à solta, indultados pela Confederação?

Qualquer pessoa honesta estava sujeita a encontrar-se com criminosos na rua. Se Frank soubesse quem era Archie, havia de ser bom e bonito! E a tia Pitty... essa morreria de comoção. Quanto a Melanie, Scarlett quase lastimava não lhe dizer a verdade. Servir-lhe-ia de lição, por albergar todos os que lhe aparecessem e impor os seus protegidos aos parentes e amigos.

- Ainda bem que foi a mim que contou isso, Archie. Não repetirei a ninguém a sua história. A senhora Wilkes sofreria um grande choque, assim como as outras senhoras...

-Ora, ora! A senhora Wilkes sabe muito bem quem eu sou. Disse-lhe tudo, logo na primeira noite em que dormi lá em casa. Julga que eu ia deixar uma senhora tão bondosa acolher-me debaixo, do seu tecto sem a pôr ao facto do que se passou?

-Deus nos acuda! - exclamou Scarlett, varada de espanto.

294

Melanie sabia que o homem era um assassino e deixara-o ficar! Confiara-lhe o filho, a tia, a cunhada, as amigas! Ela, a mais tímida das mulheres, não rezeira estar sozinha em casa com ele!

- A senhora Wilkes é uma criatura sensata. Sabe quem eu sou, mas também sabe que, se um mentiroso mente toda a vida e um gatuno nunca deixa de roubar, quem mata só faz uma vez. E também acha que aqueles que se bateram pela Confederação ficaram remidos de todos os pecados. Não é que eu considere um pecado o ter matado minha mulher ... mas, enfim... Sim, a senhora Wilkes é muito inteligente ... mil vezes mais do que as outras criaturas do seu sexo... E agora já percebe porque lhe digo que me despeço do seu serviço no dia em que arrendar forçados.

Scarlett não respondeu, mas pensou: "Quanto mais depressa te fores embora, melhor. Um assassino!" Parecia impossível que Melly recebesse um bandido em sua casa e, ainda por cima, o impingisse aos amigos sem prevenir quem ele era! Com que então servir no Exército lavava todas as culpas! Para Melanie, era um baptismo! Que idiotice! Em silêncio, Scarlett amaldiçoou os yankees e assinalou mais um ponto contra eles. Os yankees é que eram os responsáveis duma situação que obrigava uma mulher a deixar-se proteger por um assassino.

Ao regressar a casa naquela tarde fria, Scarlett viu, à porta do botequim "Girl of the Period", número desusado de cavalos, de trens e de carroças. Montado no seu cavalo, Ashley mostrava um ar de inquietação. Os Sinimons debruçados na carruagem, faziam grandes gestos. Hugh'Elzing, com a melena pendente na testa, agitava os braços. A carroça do avô Merriwether ocupava o centro do grupo e, ao aproximar-se, Scarlett viu que Tòminy Wellbum e o tio Henry ladeavam o velho.

"Oxalá que o tio Henry não se lembre de ir para casa naquela carruagem. Até devia envergonhar-se de o verem ali. Dá a impressão de que não dispõe de carruagem sua! Quando penso que acompanha o outro só para virem todas as noites ao botequim!"

Quando chegou perto do agrupamento notou o nervosismo do ambiente e o coração apertou-se-lhe de medo.

"Espero que não tenha havido outra violação", pensou.

295

'14L W. -tí,,

"Estamos arranjados se a Ku Mux: Man lincha outro preto!" E ' pensando assim, Scarlett ordenou a Archie: -Pare aqui. Deve ter acontecido qualquer coisa.

-Vai appear-se defronte duma taberna? - observou Archie.

- Faça o que lhe digo, Pare. Boa tarde a todos! Que sucedeu? Parecem tão...

Os homens voltaram-se para ela, descobriram-se, com um sorriso, mas nos seus olhos brilhava estranho clarão.

- Sucedeu uma coisa boa e má ao mesmo tempo -

explicou o tio Henry. - Depende da maneira como a encarmos. Por mim, acho que o Parlamento não podia proceder doutro modo.

Scarlett soltou um suspiro de alívio. As acções do Parlamento não a interessavam, pois que daí não viria nada que a pudesse prejudicar. O que a assustava era a perspectiva de ver os soldados yankees cometer novas tropelias.

-De que se trata, ao certo? -O Parlamento recusou-se a aprovar a emenda-declarou o velho Merriwether 'não sem orgulho. - Isto é apenas uma amostra aos yankees do que somos capazes.

-Sim, e vai causar um reboiço levado dos diabos... Desculpe, Searlett -disse Ashley.

- Ah, é questão da emenda?! - indagou Scarlett, esforçando-se por se dar ares de entendida no assunto.

Nunca compreendera nada de política e, além disso, tinha outras coisas com que se preocupar.

Lembrava-se de que já haviam aprovado uma emenda, não sabia se a décima terceira ou a décima sexta mas não fazia ideia nenhuma do que significava enw" naquele sentido. Devia-se ter percebido na cara a sua ignorância porque Ashley lhe sorriu.

- É uma alteração na lei que concede o direito de voto aos pretos-disse ele.-Foi submetida ao Parlamento, mas este recusou-se a aprová-la.

-Que tolice! Sabem perfeitamente que os yankees nos farão concordar com o voto dos pretos, nem que seja à força.

Por isso digo que vai haver reboiço. Orgulho-me do Parlamento orgulho-me da sensatez dos seus membros! - clamou o 'tio Henry. - O yankees não podem obrigar-nos a aceitar o que eles querem.

- Podem, e demonstrarão que podem-retrucou Ashley

296

em voz calma, mas de olhar sombrio. -Isto ainda veio complicar mais a nossa vida.

- Que ideia, Ashley! A situação não vai ficar pior do que está!

-Não? Suponha que temos um Parlamento composto só de pretos. Suponha que temos um governador preto. Suponha que as autoridades militares aplicam um regulamento mais severo do que este que está em vigor.

O medo dilatou os olhos de Scarlett, que já começava a encarar o problema sob o seu verdadeiro aspecto.

- Pergunto agora: o que seria melhor para Geórgia, paxa todos nós? - continuou Ashley, de rosto alterado. -

Combater esse projecto 'como fez o Parlamento, e sublevar * Norte contra nós, ou calar o nosso orgulho, submeter-nos * ver se conciliávamos as coisas conforme pudéssemos? No fim de contas, vem a dar na mesma. Seremos obrigados a fazer o que eles querem. Estamos atados de pés e mãos. Talvez seja preferível para nós concordarmos com tudo e não repontar.

Searlett mal o ouvia; escapava-lhe o alcance das suas palavras. Sabia que Ashley, como de costume, estudava os dois lados da questão. Ela é que só via um: a possível repercussão na sua existência daquela afronta infligida aos yankees.

-Eia Ashley tornaino-nos radicais e desejamos votar nos repu@licanos@ -observou com sarcasmo o avô Merriwether.

Seguiu-se, um silêncio de constrangimento. Searlett viu Archie levar a mão à pistola e depois retirá-la. O antigo forçado pensava (e não se coibia de a dizer) que o avô Merriwether era uma cabeça de vento e que ele, Archie, não tinha intenção de lhe permitir ofensas ao marido da senhora Wilkes.

A cólera dissipou-se dos olhos de Asliley, depois de aí haver relampejado. Antes, porém, que ele abrisse a boca, já o tio Henry Hamilton estava a dizer a Merriwether:

-,ô seu diabo! Desculpa, Scarlett, Você, Merriwether, @era melhor que ficasse calado. -Ashley não precisa que ninguém o defenda-replicou secamente o velho. -Submeter-nos! Bolas! Perdão, IScarlett.

-Nunca acreditei na Secessão -declarou Astiley, com voz trémula. - Mas, quando o Estado de Geórgia se sepa-

297

rou da União, eu acompanhei-o. Também não acreditava na guerra e todavia combati. Agora acho que não se deve exasperar mais os yankees; porém, se o Parlamento tomou esse partido'eu igualmente...

-Archie-disse de súbito o tio Henry.-Leva a senhora para casa. As senhoras não foram feitas para a política, e eu vejo o caso mal parado. Adeus Scarlett.

Enquanto o trem descia Peachtree St@eet, ela sentia o e-oração bater-lhe de ansiedade. Teria algum efeito sobre a sua pessoa aquela deliberação insensata do Parlamento? Os yankees, enraivecidos, iriam sequestrar-lhe as duas serrações?

-Pois sim, senhora -resmungou Archie.-Eu já tinha ouvido contar a história dos coelhos que cuspiram no focinho dos cães, mas nunca a tinha visto representada. Os tipos do Parlamento bem podiam estar sossegados. Aquilo não aquece nem arrefece. Os yankees trazem os pretos nas palminhas e estão dispostos a fazerem deles os nossos patrões. A senhora devia admirar os nossos deputados... _ Admirá-los? -retorquiu Scarlett.- Deviam fuzilá-los. Por culpa deles, os yankees vão-se lançar sobre nós como gato a bofe. Porque não fizeram o que deviam em vez de acirrar os nortistas contra nós? Por que não ceder imediatamente, pois que, de qualquer maneira, vamos ficar subjugados?

Archie lançou-lhe um olhar glacial. -E julga que será sem resistência? As mulheres têm menos orgulho do que as cabras.

Depois de Scarlett haver alugado dez presidiários, cinco para cada serração, Archie resolveu cumprir a sua ameaça e recusou-se a trabalhar mais tempo para ela. Em vão lhe suplicou Melanie, debalde lhe prometeu Frank aumento de salário. Archie manteve-se inabalável. Aceitava de bom grado o papel de acompanhar Melanie, Pitty India, ou as amigas destas pela cidade, mas não consentia em guiar o trem de Scarlett. Era uma situação embaraçosa, essa de se ver julgada nas suas acções pelo antigo condenado; mas ainda achava pior saber que a família e os conhecidos compartilhavam da opinião do velho.

Antes da resolução definitiva, Frank tentara embargar-lhe o passo. Quanto a Ashley, começou por se opor, mas acabou por consentir quando Scarlett, lavada em lágrimas,

298

lhe prometeu substituir os forçados por negros logo que as circunstâncias o permitissem. Os amigos da família escondiam tão pouco a sua reprovação que Frank, Pitty e Melanie mal se atreviam a levantar a cara. Até Peter e Babá declaravam que utilizar presidiários era de mau agoiro. Toda a gente estava de acordo para reconhecer que fora mal feito querer aproveitar-se da desgraça do próximo.

-No entanto não acham inconveniente obrigar os escravos a trabaffiarem! - exclamou ela, indignada.

Mas isso era diferente, respondiam. Os escravos não se encontravam na mesma situação dos forçados. No tempo da escravatura'os pretos eram mais felizes do que na actualidade; se Scarlett quisesse convencer-se, bastar-lhe-ia olhar em torno de si. Contudo, e como de costume, a oposição dos seus não fez mais do que confirmar Scarlett na sua ,h (a quem opinião. Retirou a gerência da fábrica a Hug confiou o encargo de conduzir a carroça dos fornecimentos) e colocou Johnnie Gallegher no lugar daquele.

Johnnie era a única pessoa que achava bem o emprego dos forçados como mã"e-obra. Uma vez firmado o contrato, o irlandês declarou que se sentia satisfeito com a mudança. Scarlett olhou de revés o antigo jóquei, bem assento no chão com as suas pernas arqueadas e pensou: "Os que lhe confiavam os cavalos não se impo@@vam, muito com a pele dos animais; eu é que não o deixaria aproximar-se dos meus".

Todavia, não teve escrúpulo em lhe entregar um grupo de grilhetas.

- E dá-me carta branca? -perguntou ele, fitando-a com

aqueles olhos duros e frios como ágatas cinzentas.

- Sim, dou-lhe carta branca. Só o que lhe peço é que mantenha a serração em funcionamento e que apronte a

madeira para quando eu quiser e tanta quanto for precisa.

-Está combinado -respondeu Johnnie.-Tenho agora de participar ao senhor Wellburn que não trabalho mais

para ele.

Enquanto Johnnie abria caminho entre a chusma de pedreiros e de carpinteiros, Scarlett, sentiu renascer-lhe a

coragem. Johnnie era bem o homem de quem precisava. Severo com os outros ' sabia o que queria e não era dos que se deixam enrolar. Um irlandês oportunista, assim~o designara Frank com desdém, mas por essa mesma razão é que Scarlett o apreciava. Sabia que um irlandês decidido

299

a tudo era uma boa aquisição, fossem quais fossem os seus defeitos. Sentia-se mais perto dele do que o estavam certos homens da sua classe, pois Johnnie conhecia o valor do dinheiro.

Logo na primeira semana justificou a esperança de Scar~ lett. Com os seus cinco forçados, realizou maior soma de trabalho do que Hugh com o seu grupo de dez negros. Além disso, como não gostava da presença da patroa na fábrica (o que já lho dera a entender) Scarlett passou a dispor de mais tempo do que tivera desde a sua chegada a Atlanta no ano anterior.

-A senhora encarrega-se de vender a madeira e eu de a entregar -havia ele declarado secamente. -

Onde estão forçados não deve estar uma dama, e, se ainda ninguém lhe disse isto, digo--lho eu agora. Entrego-lhe a madeira a tempo e horas, não é verdade? Então não me apareça aqui todos os dias como faz ao senhor W"es. Ele precisa de ser estimulado, mas eu não.

Embora contrariada, Searlett rareou as visitas à serração de Johnnie, temendo que este a deixasse se ela fosse ali frequentemente. A observação acerca de Ashley erai mais verdadeira do que ela queria admitir, Ashley obtinha melhores resultados com os presidiários do que com os negros, ainda que não soubesse explicar a razão. Aliás, parecia envergonhado de os ter às suas ordens.

Searlett andava preocupada com a mudança verificada em Ashley. Os seus belos cabelos loiros entremeavam-se de c'ãs' os ombros descaíam-lhe, como acontece aos homens fatigados. Sorria raras vezes e já não se parecia nada com o rapaz sedutor que outrora conquistara o coração de Scarlett.

Dir-se-la minado por uma dor secreta que mal podia suportar. Na boca desenhava-se-lhe uma expressão amarga. Searlett bem gostaria de lhe agarrar na cabeça, encostá-la ao seu ombro, acariciar-lhe os cabelos semeados de fios argênteos, e gritar: "Dize-me o que te atormenta! Confia-me o teu desgosto! Curar-te-ei!"

Mas faziam-na manter-se a distância os ares cerimoniais de Ashley.

43

ERA um dos raros dias de Dezembro em que o sol estava quase tão quente como no Verão de S. Martinho. No jar-

300

dim da tia Pitty, o carvalho conservava ainda algumas folhas secas e vermelhas, e na relva persistia um tom amarelado. Com a filha ao colo, Scarlett, foi instalar-se na varanda, numa cadeira de baloiço. Estava de vestido novo, de lã verde guarnecido de galão preto 'e tinha na cabeça uma coifa

de renda feita e oferecida pela tia Pitty. O vestido e a coifa iam-lhe lindamente e ela bem o sabia. Que bom sentir-se bonita depois de parecer feia tantos meses!

Pôs-se a embalar a menina e a trautear uma canção quando, de súbito, ouviu passos de cavalo a subir a rua. Espreitou através da vinha-virgem cuja folhagem ressequida cobria a balaustrada, e viu Rhett Butler, montado, a dirigir-se para ali.

Partira de Atlanta depois da morte de Gerald e muito antes do nascimento de Ella Lorena. Scarlett sentira a sua falta, mas agora quisera esconder-se para escapar aos seus olhares. A vista daquele rosto moreno causava-lhe uma impressão semelhante a vergonha e a medo. Não queria falar de certo assunto relacionado com Ashley, e sabia que a questão viria à balha.

Rhett parou em frente do portão e apeou-se com ligeireza, Scarlett, que o observava, achou-o parecidíssimo com a ilustração dum livro que Wade queria constantemente que a mãe lhe lesse em voz alta.

"Só lhe faltam brincos nas orelhas e um punhal entre os dentes", pensou. "Pirata ou não, farei todo o possível para que não me ponha a faca na garganta".

Atravessou a alameda e Scarlett, exibindo o seu mais belo sorriso, saudou-o alegremente. Ainda bem que envergara o vestido novo e pusera uma coifa que lhe ia a matar. Pelo olhar com que Rhett a envolveu, adivinhou que também ele a achava bonita,

- Outro nenê! Que grande surpresa! - exclamou Butler rindo e curvando-se para afastar o xale que escondia a carita de Ella Lorena.

- Não seja tolo! - disse Scarlett, corando. - Como tem passado? Há muito tempo que não nos vemos.

- É verdade. Deixe-me pegar no nenê. Não tenha medo, sei lidar com crianças, Aprendi as coisas mais variadas em toda a minha vida. Assemelha-se bastante a Frank, o maroto, P, tal qual o pai, menos as suíças. Mas isso virá com o tempo.

-Espero que não. n uma menina.

301

,Qwí@ 'Qè'@k

-Uma menina? Melhor ainda. Os rapazes dão muitos desgostos. Aconselho-a a não ter mais rapazes. Scarlett esteve para lhe responder que não queria mais filhos, de nenhum sexo, mas conteve-se e esboçou um sorriso, dando voltas à imaginação para descobrir assunto que retardasse o momento em que Rhett iniciaria a conversa que ela receava.

---Fez boa viagem, Rhett? Até onde foi desta vez? -A Cuba... a Nova Orleães... a vários lugares. Tome lá a garota Scarlett. Ela está a babar-se e eu não posso tirar o lenço.]@,' uma criança encantadora, mas vai inundar-me o peitilho da camisa.

Scarlett pôs a filha no regaço. Rhett sentou-se indolentemente na balaustrada e tirou um charuto dum estojo de prata.

-Vai sempre a Nova Orleães e nunca me diz o que o atrai lá-observou Scarlett fingir tdo-se amuada. -Sou um grande trabalhador. Talvez sejam os neg&cios que me conduzem a essa cidade.

- Um grande trabalhador! Você! - replicou Scarlett, com um riso impertinente. -Nunca o vi trabalhar em toda a minha vida! Um preguiçoso é o que é. Limita-se a financiar as empresas dos Sacolas e embolsa metade dos lucros. E suborna os funcionários yankees, -para que eles partilhem consigo os despojos dos pobres contribuintes.

Rhett deitou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

- Quanto você gostaria de ter dinheiro suficiente para subornar funcionários e fazer o que eu faço!

- Que ideia! - retorquiu Scarlett, agastada.

- Talvez um dia se veja rica e pratique o suborno em grande escala. Os presidiários que tem agora a trabalhar por sua conta são capazes de a fazer ganhar somas fabulosas.

- Ah! - exclamou ela, um tanto desconcertada. - Como é que sabe que aluguei forçados?

-Cheguei ontem e estive um bocado da noite na "Girl of the Period", onde comentam tudo o que se passa na cidade. n o centro da má-língua. Muito melhor do que as reuniões de costura das senhoras.

Toda a gente me disse que você arrendou um grupo de grilhetas e que os entregou a essa besta do Gallegher que os mata com trabalho.

- Mentira! - protestou Scàrlett, irada. - Se ele os matasse com trabalho eu metia-o na ordem.

302

- Você?

- Eu, sim. Como se atreve a insinuar semelhante coisa? -Oh 'peço-lhe perdão, senhora Kennedy! Sei que as suas intenções foram sempre puras. Mas isso não impede de Johnnie Gallegher ser o maior bruto que eu conheço. Deve tê-lo debaixo de olho, senão arrisca-se a complicações quando os inspetores fizerem uma ronda pela sua fábrica.

-Trate da sua vida que eu trato da minha. Não quero ouvir falar mais dos forçados. Toda a gente me maça por causa deles. Isso é comigo e com mais ninguém... E com esta história ainda não me contou o que fez em Nova Orleães. Vai lá tantas vezes, que se diz por aí...

Scarlett. interrompeu-se. -O que é que s-e diz?

- Ora... Diz-se que tem lá urna namorada, Consta que você vai casar. n verdade, Rhett?

Searlett estava há tanto tempo com vontade de satisfazer a sua curiosidade que não pôde conter-se e lhe fez a pergunta à queima-roupa. A ideia de que Rhett se ia casar causava-lhe uma ponta de ciúme.

Rhett olhou para Scarlett, com tanta insistência que ela se ruborizou.

-Contraria-a muito a perspectiva do meu enlace?

- Ser-me-ia desagradável perder a sua amizade - respondeu ela inclinando-se para compor o xaile de Ella Lorena, com' ar despreocupado.

-Olhe para mim, Scarlett, -ordenou Rhett, Scarlett ergueu a cabeça e mais corada ficou. -Pode informar as suas amigas indiscretas que, se eu um dia me casar, será porque não pude obter doutra maneira a mulher que desejava. Mas, por enquanto, não me sinto apaixonado a esse ponto por nenhuma mulher.

Agora é que ela se sentia confusa e embaraçada, porque se lembrava da noite em que naquela mesma varanda e durante o cerco, Rhett lhe @issera: "Não fui feito para marido" e lhe propusera fazê-la sua amante. Recordou-se também da cena terrível na prisão, naquele dia em que o visitara; e tudo isto a envergonhava imenso, pois ele parecia adivinhar-lhe os pensamentos.

-No entanto vou satisfazer-lhe a curiosidade, já que tanto o quer. Nã@ é nenhuma noiva a pessoa que me atrai a Nova Orleães. É uma criança, um rapazinho.

303

- Um rapazinho! -A surpresa foi tão grande que ela perdeu logo o constrangimento que sentia.

- n verdade. Trata-se dum pupilo, por quem a lei me obriga a interessgr-me. Estuda em Nova Orleães e eu vou visitá-lo com frequência.

-E leva-lhe presentes? - Formulando esta pergunta, Scarlett pensava estar aí a explicação da acertada escolha que ele fazia' dos brinquedos oferecidos a Wade,

-Levo -respondeu laconicamente.

- Nunca imaginei uma coisa dessas! E é bonito?

- Bonito demais para ser bonzinho.

- Ah, é traquinas?!

- Um verdadeiro diabrete. Mais valia que não tivesse nascido. Os rapazes são insuportáveis. Quer sabet mais alguma coisa?

Tinha um ar zangado, carrancudo, como se já se houvesse arrependido de ter falado tanto.

-Se não quer dizer mais nada, não insistirei - declarou ela, embora ansiasse por mais

esclarecimentos. -Em todo o caso, não o concebo no papel de tutor... - acrescentou, rindo, na ideia de o desconcertar.

-Acredito. A sua visão é muito limitada. Não disse mais, e acabou de fumar em silêncio o charuto. Scarlett procurava uma observação que fosse tão contundente como a dele.

-Gostaria de que não contasse isto a ninguém - prosseguiu Rhett, depois daquele intervalo. - Se bem que seja impossível pedir a uma mulher que não abra a boca...

- Sei guardar segredos -declarou Scarlett, num tom de dignidade ofendida.

- Sabe? P, sempre agradável descobrir nos amigos qualidades que não julgávamos possuírem. E agora basta de ironias. Lastimo ter sido incorrecto, mas você precisava disto, por ser metedicha. Sorria agora e seja amável por um ou dois minutos, antes que fale de coisas aborrecidas.

"Meu. Deus!" disse ela consigo. "Vai referir-se a Ashley e à serração". E apressou-se a sorrir, tentando desviar-lhe o rumo dos pensamentos.

- Onde esteve mais, além de Nova Orleães? -Passei um mês em Charleston. Meu pai morreu.

- Ah. sinto muito!

- Não é caso para isso. Tenho a certeza de que ele não

304

UIII,

se importou morrer. E eu também não me afligi com a sua morte.

- Não diga coisas dessas, Rhett!

- Seria pior se eu fingisse desgosto 'quando não tive nenhum. Entre nós ruína houve estima. Não me lembro de qualquer ocasião em que ele se mostrasse meu amigo. Eu parecia-me muito com o avô, para que meu pai me tivesse em consideração. Com o tempo, a antipatia, cresceu, e eu confesso, não tratei de modificar a sua opinião a meu respeito. Tudo o que meu pai exigia de mim eram coisas bastante enfadonhas, No fim, pôs-me com dono e eu vi-me s,6 no mundo, sem um centimo e sem ter aprendido mais do que ser um janota de Charleston, bom atirador e excelente jogador de poker. E parece que tomou como ofensa pessoal o facto de eu não ter morrido de fome e haver, em vez disso, aproveitado os meus 'conhecimentos de jogador para levar vida principesca. Ficou tão furioso por ver um Butler viver do poker, que proibiu a minha mãe que me visitasse. Durante a guerra, quando eu passava por Charleston ela só às escondidas é que podia ver-me. É claro que isto não fez nada para aumentar a minha estima pelo pai...

- Ignorava todas essas coisas.

- Meu pai era o que se chamava um cavalheiro da velha guarda, o que quer dizer ignorante, limitado teimoso, sem nenhum pensamento original. Todos o admiravam muito pela sua atitude @para -comigo. "Se o teu olho direito te escandalizar, lança-o fora". Eu era o seu olho direito ' o seu primogénito 'e lançou-me fora com gesto vingador.

Rhett esboçou um sorriso à evocação dessas recordações, mas a expressão manteve-se dura.

-Ainda podia esquecer isso -continuou -mas o que não perdoo é como tratou minha mãe e minha irmã depois da guerra. Por culpa dele, ficaram praticamente,na miséria. Incendiaram-nos a quinta e os arrozais tornaram-se em pântanos. A casa de Charleston foi vendida porque o pai não pagou os impostos, e tiveram de ir habitar dois quartos que nem os pretos quereriam para morar. Enviei dinheiro a minha mãe, mas o pai devolveu-mo. Considerava-o dinheiro impuro... compreende? Diversas vezes fui a Charleston para entregar, às escondidas qualquer coisa a minha irmã. Mas o pai, não sei como, descobria sempre a marosca, e fazia tais cenas que a vida da pobre pequena se tornou num

20 - Vento Levou - 11

305

inferno. E, já se sabe o dinheiro vinha outra vez parar-me às mãos. Meu irmão ãava-lhe o que podia, mas pouco tinha para dar e também recusava o meu auxílio... Dinheiro dum especulador acarreta desgraça, não é? O certo é que a mãe e minha irmã tiveram de recorrer à caridade das amigas. A sua tia Eulalie foi muito bondosa para elas. n uma das melhores amigas de minha mãe, não sabia? Forneceu-lhe roupa e... Santo Deus! Minha mãe a viver de esmolas!

-A tia Lalie! Ela pouco tem além do que lhe mando!

- Ah, eis donde lhe vem o dinheiro! Que má educação a sua, Scarlett, aproveitar-se da minha humilhação para exibir a sua generosidade! Há-de permitir que eu a reembolse.

-Com todo o gosto -respondeu Scarlett, cujos lábios se distenderam num sorriso. _ Como os seus olhos reluzem quando se fala em dinheiro! Tem a certeza de que não há nas suas veias uma gota de sangue escocês ou judeu?

-Não seja antipático, Rhett A minha intenção não era feri-lo quando disse que ajudava a tia Lalie. Mas, francamente, ela pensará que nado em oiro? Escreve-me constantemente a pedir mais e mais e eu já tenho muita despesa para sustentar toda a cidade de Charleston. De que morreu o seu pai?

- e fome, suponho eu. E se não foi devia ser, para seu castigo. Quando penso nas privações que minha mãe e Rosemary sofreram por culpa dele! Mas, enfim, morreu e eu já posso auxiliá-las. Comprei-lhes uma casa na Fortaleza e arranjei-lhes criados. P, claro, não querem que se saiba donde lhes vem o auxílio.

- Porquê?

- Não conhece Charleston, minha boa amiga! A minha família tem o direito de ser pobre, mas deve manter o seu lugar. Ora não ocuparia por muito tempo es, e lugar se soubessem que ela aceitou dinheiro dum jogador, dum especulador, dum Sacola. Minha mãe e minha irmã dão a entender que o pai lhes deixou um bom seguro (para o não perder, tinham passado fome) e que, graças a isso, podiam viver agora na, abastança. Em suma, dizem tantas e tão boas que, mesmo depois de morto ' meu pai é considerado um grande senhor da velha escola. Mais do que isso ainda, consideraro-no um mártir. Há-de dar muito pulo na sepultura ao saber que -a mãe e Rosemary têm uma existência

306

desafogada... apesar de todos os seus esforços. Por um lado, lastimo que haja morrido. E le tinha. tanta vontade de morrer!

- Porquê? foi a rendição de Lee.

- Na realidade, morreu quando Percebe como isso é. Não soube adaptar-se às novas Circunstâncias; e passava o tempo a discorrer sobre os bons tempos idos.

- Rhett, as pessoas de idade serão todas assim? - Pensava em Gerald e no que Will lhe dissera a seu respeito.

- Não graças a Deus! Olhe o seu tio Henry, e esse velho gat@ bravo do Merriwether, para só mencionar dois. Ambos assinaram novo contrato de vida desde que marcharam com as tropas locais; dá-me a impressão de que se tornaram mais novos e mais cheios de ardor. Esta manhã encontrei o Merriwether, que conduzia a carroça dos fornecimentos de Renê e descarregava pragas sobre o cavalo como um autêntico carroceiro. Disse-me que se sentia dez a@nos mais jovem desde que escapara à tutela da nora.

quanto ao seu tio Henry, diverte-se doutra maneira. Combate os yankees no tribunal e fora dele, e defende viúvas e órfãos contra os Sacolas. E de graça, creio eu. Se não fosse a guerra, já ele estaria em casa há muito tempo, a tratar do reumatismo. Esses homens rejuvenesceram porque sentem que ainda prestam para alguma, coisa e que os outros precisam deles. Não amaldiçoam esta época que proporciona aos velhos nova oportunidade. No entanto, há muitos que pensam como o meu pai e como o seu. Não podem nem querem adaptar-se... A propósito, preciso de discutir consigo um assunto desagradável.

Esta reviravolta da conversa causou tal surpresa a Scarlett que ela só pôde balbuciar:

-Que... é?-"Pronto já está!" disse consigo.

- Conhecendo-a como a conheço não devia esperar de si nem lealdade, nem probidade, nem honra. Mas fui tão parvo que acreditei em si.

-Não percebo o que quer dizer.

- Percebe até muito bem. Está com um arzinho culpado que não engana. Há pouco, quando vinha pela Ivy Street em direcção à sua casa, ouvi alguém chamar-me por cima duma sebe. Quem podia ser senão a esposa de Asliley Wilkes? Como é natural, parei e pus-me a conversar com ela.

- Ali, sini?!

307

-Tivemos uma conversa deveras agradável. Disse-me a sua cunhada que há muito desejava felicitar-me pela minha bravura; parece que me admira pelo facto de eu me ter aliado à causa da Confederação, embora fosse à -última hora.

- Melly é louca! Esque~ que a sua bravura lhe ia custando a vida, certa noite.

- Creio que ela daria a vida por uma boa causa. Quando lhe perguntei o que estava, a fazer em Atlanta, espantou-se com a minha ignorância e informou-me que moravam agora aqui porque você tivera a bondade de tomar como sócio o senhor Wilkes.

-E então? -replicou secamente Scarlett. -Quando lhe emprestei o dinheiro para comprar a serração, estipulei-uma cláusula com a qual concordou: sob nenhum pretexto aquele dinheiro serviria para sustentar Asliley Wilkes,'

- Está muito agressivo! Paguei-lhe o que devia. A serTação é minha e faço o que me apetece.

- Fará a fineza. de me explicar como obteve a soma necessária para a liquidação da dívida?

-Com o negócio de madeiras, é claro! -Esse negócio foi à custa do meu empréstimo. O meu dinheiro está a ser utilizado para o sustento de Asliley. Você é uma criatura, sem palavra e, se não me tivesse reembolsado, eu sentiria extraordinário prazer em exigir-lhe pagamento imediato e em vender-lhe tudo em hasta pública, se não pudesse pagar.

Rliett falava em tom de gracejo, mas os olhos brilha, vam-lhe de cólera.

Scarlett tratou de virar a ponta ao prego. -Por que odeia Ashley a esse ponto? Serão ciúmes, por acaso?

Assim que proferiu estas palavras, arrependeu-se do que dissera, porque Rliett desatou às gargalhadas. Scarlett corou até à raiz dos cabelos.

- Sim, acrescente a vaidade à falta de palavra - observou ele. - Considera-se sempre a rainha destes sítios? Imagina-se ainda sobre o seu pedestal e julga que todos os homens morrem de amor por si?

- Não julgo nada! - protestou ela, com veemência. -

Mas é a única explicação que encontro para o seu ódio contra Asliley.

308

-Então procure outra, minha bela feiticeira, porque não é essa. Quanto a odiar Asliley... tenho-lhe tanto ódio como amor. O único sentimento que ele me inspira é piedade.

- Piedade?

- Sim, com um pouco de desprezo, à -mistura. Agora, inche para ai como um peru e afirme que Asliley vale mil vezes mais do que um biltre da minha laia e que nem sabe como me atrevo a ter piedade e desprezo por ele. E, quando -estiver mais calma, dir-lhe-ei o que entendo por isso, se lhe interessa.

-Não me interessa nada.

- Dir-lho-ei da mesma maneira, porque não quero que acalente ilusões sobre os meus ciúmes. Tenho pena dele, porque mais lhe valera morrer. Desprezo-o, porque não sabe para onde se voltar desde que desapareceu o mundo dos seus sonhos.

Esta ideia não era absolutamente nova para Scarlett. Lembrava-se de ter ouvido uma reflexão análoga, mas não se recordava onde nem quando. Aliás, não tentou averiguar, porque a cólera a dominava.

- Se dependesse de si, já não existia um único homem decente no Sul.

- E se dependesse deles, os tipos do gênero de Ashley preferiam já não existir. Não lhes seria desagradável estarem agora a repousar debaixo duma lousa com estas palavras gravadas: "Aqui jaz

um soldado da Confederação, que morreu pelo país do Sul..." Ou Dulce et decorum est... ou qualquer outro epitáfio no mesmo gênero.

-Não vejo porquê!

- Nunca vê nada, nem mesmo o que se mete pelos olhos dentro. Se esses homens tivessem morrido já não estariam a contas com problemas insolúveis. Mor@endo, desapareciam todas as suas preocupações terrenas. Além disso, seriam venerados pelas respectivas famílias durante várias gerações. Sempre ouvi dizer que os mortos são, felizes. Acha que Asliley Wilkes é feliz?

- Pois claro que... -começou Scarlett, mas logo se calou ao lembrar-se daquela expressão que, havia pouco tempo, notara nos olhos de Asliley.

-Acredita que ele, o Hugh Elsing ou o Dr. Meade são mais felizes do que o meu pai e o seu foram em vida?

309

&w

- Não serão tanto como deviam, porque perderam todos os seus haveres,

-Não se trata disso, minha linda -volveu Rhett, rindo-se. -O que eles perderam foi o seu mundo... o mundo em que foram embalados. Sentem-se agora como peixe fora de água.. Educaram-nos para desempenhar certo papel, para fazer determinadas coisas, para ocupar este e aquele nicho. E esses papéis, essas coisas e esses nichos deixaram de existir no dia em que o general Lee chegou a Appomattox. Não assuma esse ar aparvalhado, Scarlett! Que pode fazer Ashley W11kes agora que já não tem lar, que lhe confiscaram a plantaç@o por não pagar os impostos e que há mais de vinte senhores a correr atrás duma moeda de cobre? É capaz de trabalhar com as mãos? Como empregar as suas faculdades intelectuais? Aposto que você perdeu dinheiro desde que ele tomou conta da serração.

Não perdi! Ainda bem. Autoriza-me a deitar uma vista de olhos nos seus livros comerciais quando não estiver muito ocupada? Num domingo, por exemplo ... ?

-O que eu autorizo é a retirar-se, e quanto antes. Vá para o diabo!

-Conheço o diabo, e digo-lhe que é um companheiro muito sensaborão, Não faço nenhum empenho em tornar a vê-lo... Tenho muito mais empenho em fazer-lhe notar que aceitou o meu dinheiro quando precisou dele e que o utilizou. Chegámos a um acordo quanto à maneira como o utilizaria, e você faltou à sua palavra. Mas lembre-se disto, minha rica embusteira: lá chegará o tempo em que me vai pedir emprestado mais dinheiro. Há-de querer que eu empregue capital nos seus negócios, a juro ridiculamente baixo, para comprar outras serrações e outros muares e mandar construir outros botequins. E nessa altura, pode assobiar pelo. dinheiro que ele-não ap@recerá,

- Muito obrigada. 'Quando eu precisar de capital, dirigir-me-ei ao Banco -declarou Scarlett, sem amenidade, com a ira a encher-lhe o peito.

-- Ah, sim?! Ora vejamos. Eu sou um dos maiores accionistas do Banco.

- Palavra?

- E tenho interesses ligados a empresas honestas.

- Há outros Bancos.

- Muitos, até. Mas sou capaz de conseguir que não lhe

310

emprestem um cêntimo. Se precisar, vá antes ter com os Sacolas, que são usurários.

-Com todo o gosto. -Vai desanimar quando conhecer a taxa, do juro. As intrujices pagam-se sempre no mundo dos negócios. Comigo tem de fazer jogo franco.

- Considera-se um homem às direitas. Rico, influente... mas abusa da situação dos que se encontram em baixo, como Asliley e eu.

-Não se coloque na mesma, categoria que ele. Você não está em baixo, e nada a abaterá. Mas ele ficou de ras@tos e assim permanecerá, a menos que alguém mais enérgico o levante e o proteja

enquanto viver. Seja como for, não me interessa ver o meu dinheiro utilizado em benefício de semelhante gente.

-A mim, não se importou ajudar, e...

- Fi-lo a título de experiência, Porquê? Porque você não vivia à custa dos homens da sua família nem carpia os tempos idos. Desenvencilhou-se sozinha e agora a sua riqueza estriba-se firmamente sobre o dinheiro roubado à carteira dum morto e sobre o dinheiro roubado à Confederação. Tem muitas coisas no seu activo: cometeu um assassinio'furtou um marido, tentou prostituir-s@e, mentiu e foi desleal. Coisas admiráveis todas elas; demonstram uma personalidade enérgica e decidida, a quem é um tanto arriscado fazer empréstimos. Empréstaria dez mil dólares, sem recibo, àquela matrona romana que é a senhora Merriwether. Começou por um cesto de pastéis, e veja agora! Tem uma dúzia de empregados na pastelaria, o velho anda felicíssimo na carroça de distribuição a<> domicílio e esse crioulo do Renê, que noutros tempos era mandrião, trabalha de manhã à noite e mostra-se radiante... E aquele pobre diabo ' o Tommy Wellburn que, embora aleijado labora todo o santo dia... E... 3kas fiquemos por aqui, para não a importunar.

- Já me importunou bastante - replicou Scarlett, friamente, na esperança de que Rhett se irritasse e esquecesse Asliley.

Ele, porém,, limitou-se a rir e prosseguiu na conversa:

- Pessoas como aquelas merecem ser auxiliadas. Mas Ashley! Tipos da laia dele não servem de nada num mundo caótico como o nosso. São os primeiros a perecer no turbilhão. E por que não seria assim? Não são dignos de sobre-

311

viver, porque não aceitam o combate nem sabem lutar. Não é a primeira vez que o mundo est@ em confusão, nem será a última. Quando isto acontece, cada qual perde o que possui, todos se encontram no mesmo pé de igualdade.

15: preciso recomençar, dispondo apenas da inteligência e da força. Mas há indivíduos, como Ashley, que não têm inteligência nem força ou, se as têm sentem repugnância em servir-se delas. Es@es nunca se levantam e cada vez se afundam mais. n uma lei natural, e o mundo passa bem sem eles. Outros, pelo contrário, esforçam-se no combate e não tardam a conquistar a posição que ocupavam antes de o mundo entrar em barafunda.

-Voc-ê também já foi pobre! Disse-me há pouco que o seu pai o expulsara de casa sem uma moeda no bolso! -

exclamou Scarlett, furiosa. - Pensava que compreendesse Ashley e se condoesse da sua pouca sorte.

-Compreendo-o perfeitamente -respondeu Rhettmas diabos me levem se me condoo da sua pouca sorte, ce

omo acaba de dizer. Depois da rendição, Aslil ficou em muito melhores circunstâncias do que eu quan17co meu pai me pôs na rua. Pelo menos teve amigos que o recolheram, ao passo que eu estava como Ismael. Mas ele o que fez?

- Quer compará-lo a si, seu pretensioso? Graças a Deus, Asliley não se parece consigo. Não seria ele que sujaria a9 mãos com dinheiro dos Sacolas, dos Renegados e dos yankees. .1@ um homem escrupuloso e honesto.

- Mas não tão escrupuloso e honesto que não aceite o auxílio e o dinheiro duma mulher.

- Que outra coisa podia fazer?

- Eu é que sei? Só sei a que fiz desde que meu pai me expulsou e o que outros fizeram durante e depois da guerra. Vimos o partido que podíamos tirar da ruína duma civilização e aproveitámos a oportunidade. Alguns recorreram a meios honestos 1outros a meios equívocos, mas todos nos portámos à altura das circunstâncias. Os Ashleys deste mundo tiveram as mesmas probabilidades que nós, e não souberam aproveitá-la. Falta-lhes esperteza, e só quem é esperto merece viver.

S. carlett mal o ouvia, porque se lembrara daquilo que em vão procurara nos arcanos da memória quando Rhett começara a falar. Revia o pomar de Tara, varrido pelo vento frio. Asliley estava de pé junto duma pilha de estacas, e olhava-a sem ver. E diss@ra-lhe... O que lhe dissera

312

ao certo? Pro'ferira um nome arrevesado, uni nome estran~ geiro, e falara do fim do mundo. Nessa altura, ela não compreendera o significado das suas palavras, mas agora come. çava a compreender e invadia-a uma sensação de angústia.

- AshIey disse... -O quê? --Uma vez em Tara, disse qualquer coisa a respeito do crepúsculo áos deuses e do fim do mundo.

- Ah ' o Gotterdarn,meruug! -exclamou Rhett, com os olhos a cintilar de interesse. -E que mais?

-Nã(> me lembro bem, Não lhe prestei muita atenção. Mas parece-me que... Sim, disse que venceriam os que tivessem coragem e miolos 'e que os outros seriam eliminados.

-Então é porque se conhece a si próprio. Pior para ele! A maior parte das pessoas não se conhece, não compreende o que se passa nem jamais compreenderá. Essas levam a vida a pensar para onde teria ido o encantamento dos tempos pretéritos. Desconhecem a sua incapacidade. Mas AshIey sabe que está liquidado.

- ao, enquanto eu tiver um sopro de vida! Rhett fitou-a serenamente, já sem a expressão de dureza no rosto trigueiro.

- Searlett, como conseguiu que AshIey viesse para Atlanta dirigir-lhe a serração? Não lhe opôs resistência?

Scarlett recordou-se da cena que houvera a seguir ao enterro de Gerald, mas afastou de si essa lembrança.

- Que ideia! - exclamou, indignada. - Bastou explicar-lhe que precisava dele porque não confiava naquele patife que eu tinha na serração e porque Frank não dispunha de tempo para me ajudar. E disse-lhe também que eu... em suma, a Ella Lorena atrapalhava-me a vida, Ashley ficou até muito satisfeito por ter ensejo de me auxiliar.

-Que belo uso fazem da maternidade! Foi então assim que apanhou Ashley. Alcançou o seu objectivo. O pobre diabo está mais acorrentado pelos favores que lhe deve do que qualquer dos seus forçados Com a grilheta. Desejo que ambos se divirtam muito. Mas, como já declarei no prin~ elpíoda, nossa conversa, não conte mais comigo para nenhuma das suas manigâncias minha cara intrujona.

Scarlett não só estava fuaosa como sofrera uma desilusão. Desde algumas semanas que acalentava o projecto de pedir novo empréstimo a Rhett para comprar o terreno onde tencionava fazer um depósito de madeiras.

313

- Não preciso do seu dinheiro! - bradou. - Estou a ganhar bastante, graças a Johnnie Gallegher. Além disso, tenho capital empregado em hipotecas donde tiro bons juros, e o armazém de Frank dá mais lucros do que nunca.

-Sim, já ouvi falar dos seus empregos de capital. De facto, nada mais hábil do que roubar gente indefesa, viti vas, órfãos e ignorantes! Se lhe agrada roubar, por que não se atira aos ricos e aos fortes, e não aos pobres e aos fracos? Depois de Robin dos Bosques, isso passou a ser altamente moral.

- Porque - ripostou ela friamente - é mais fácil e mais seguro roubar os pobres... como diz.

Rhett teve um riso sufocado, que lhe fez tremer os ombros.

-Scarlett, você é uma velhaca de primeira ordem! Uma velhaca! O nome escandalizou-a e surpreendeu-a ao mesmo tempo. "Não, não sou", reflectiu, querendo convencer-se de que realmente não o era. Pelo menos, não queria sê-lo. Pretendia impor-se como uma grande dama. Por momentos, perscrutou a memória e reviu a mãe, a mover-se dum lado para outro com um sussurro de salas

levemente perfumadas, com as suas mãos incansáveis sempre pronta ao serviço dos outros.

Adulada, querida, respeitada! E o coração confrangeu-se-lhe.

-Se procura enfurecer-me -disse por fim, com ar fatigado-olhe que está a perder o tempo. Bem sei que não sou tão.... escrupulosa como devia ser. Nem tão bondosa e afável como me ensinaram a ser. Mas não o posso evitar.]@ impossível, acredite. Que teria sucedido, a Wade a Tara, a nós todos, se eu houvesse sido ... dócil quand@ aquele yankee chegou à quinta? Podia ter ... mas acho preferível não pensar nisso, E quando Jonas Wilkerson nos quis fie-ar com a propriedade... que seria também de nós se eu fosse... dócil e escrupulosa? Onde estaríamos agora? Se eu houvesse sido sincera, cândida, acomodática a respeito daquelas dívidas de que Frank era credor... Sim, talvez eu seja velhaca, mas não o serei para sempre. O que não pude foi deixar de o ser durante aquele tempo e mesmo agora. Poderia eu agir doutra forma? Há ano@ que tenho a impressão, de que vou a remar uma barca no meio de temporal, uma barca excessivamente carregada. E para que ela não se afundasse, não hesitei em atirar pela borda fora tudo o que eu considerava de somenos importância.

314

- Orgulho, honra, virtude e bondade - enumerou Rhett em voz melíflua. - Tem razão Scarlett. Nada disso importa quando um barco vai a afun6r. Mas repare nos seus amigos, Ou conseguem entrar no porto com a carga intacta ou deixam-se ir ao fundo com todas as bandeiras desfraldadas.

- ig@ uma súcia de imbecis! -comentou Scarlett. -Há tempo para tudo. Quando eu for rica serei uma senhora como essas que admira, uma mulher encantadora. Nessa altura poderei dar-me a esse luxo.

-E também pode agora... mas não quer. E talvez não possa, pois é difícil recuperar o que se lançou pela borda fora, e quando se recupera está tudo em mísero estado e nada se aproveita. Se chegar a pescar a honra, a virtude e a bondade que deitou fora, verá que a água do mar não lhes fez bem nenhum. Oxalá que eu me engane...

Rhett levantou-se bruscamente e pegou no chapéu.

- Vai-se embora?

- Vou. Não fica aliviada? Deixo,-a só com o que lhe resta de consciência.

Deteve-se a olhar para o nenê, a quem estendeu um dedo que a criança agarrou,

Frank, já se sabe, não cabe em si de contente...]@ de supor. E já fez uma quantidade de projectos para a miúda... Bem sabe como os homens são pelos filhos. Então diga-lhe -continuou Rhett, cujo olhar tornou uma expressão estranha - que se deixe ficar mais vezes em casa, à noite se quiser que esses projectos se realizem.

- Não percebo.

- n isto mesmo. Diga-lhe que fique em casa.

- Oh, que perversidade a sua! -Insinuar que o pobre Frank...

- Meu Deus! - exclamou ele, desatando a rir. -Eu não quero dar a entender que ele ande atrás de mulheres... Essa é boa!

Sem deixar de rir, desceu os degraus e foi-se embora.

44

A TARDE de Março estava fria e ventosa, e Scarlett cobriu-se até ao peito com a manta de viagem no trem que a levava da Decatur Road à serração gerida por Johnnie Gallegher.

315

@üdK@ ---

Bem sabia ela que essas saídas solitárias se tornavam cada vez mais perigosas, pois agora os pretos faziam o que queriam e ninguém tinha mão neles. Como Ashley previra, a situação havia piorado desde que o Parlamento se opusera à emenda. O Norte, furioso, considerara a recusa como uma bofetada e a vingança não se fizera esperar: estava firmemente decidido a impor o voto dos negros naquele Estado e, por isso, Geórgia sofria a lei marcial como consequência da sua rebelião, Deixara

até de existir como Estado e tornarw-se, após Florida e Alabama, "distrito militar número três" colocado sob o comando dum general federal.

Se a vida fora insegura e ameaçadora antes disso, agora a situação dobrara de perigos. Os regulamentos militares, que no ano anterior haviam parecido tão rigorosos, afiguravam-se suavíssimos comparados com os que acabava de decretar.o general Pope. Com semelhante perspectiva, o futuro apresentava-se sombrio e desesperado. Quanto aos homens de cor, andavam delirantes com a importância que lhes atribuíam; sabendo que tinham atrás de si o exército yankee, entregavam-se a actos de violência cada vez maiores. Ninguém estava livre dos seus ataques. No meio daquela inquietação geral, Scarlett não deixava de se assustar, mas resolvera defender-se 'e dava as suas voltas sózinha no trem, com a pistola de Frank sempre ao alcance da mão. Intimamente, ela amaldiçoava o Parlamento por haver concorrido para um estado de coisas tão sério. De que servira esse rasgo que todos qualificavam de cavalheiresco? Só para agravar a situação.

Ao aproximar-se do caminho que, entre árvores despidas, descia até ao valezito onde ficava Shantytown, Scarlett deu um estalo com a língua para incitar o cavalo. Nunca se sentia em segurança quando passava nas proximidades desse amontoado de velhas tendas de campanha e de toscas cabanas de madeira. Nenhum sítio das redondezas gozava de pior fama do que esse onde viviam pretos expulsos de toda a parte, meretrizes de cor e brancos da mais baixa condição. Constava que era o refúgio dos criminosos de ambas as raças e que os soldados yankees iam lá em primeiro lugar fazer as suas buscas quando andavam em perseguição dum malfeitor. Tão vulgares eram as navalhadas e tiros de pistola naquele bairro que as autoridades raras vezes intervinham. ' preferindo deixar os habitantes de Shantytown saldar as suas contas entre eles. Ao fundo da

316

mata estava instalado um alambique que destilava aguardente de milho da pior qualidade, e, à noite as barracas do vale ressoavam com pragas e gritos de bê16ados.

Os próprios yankees reconheciam ser uma úlcera que devia ser cauterizada, mas não tomavam nenhuma providência nesse sentido. As pessoas de Atlanta e Decatur não escondiam a sua indignação, pois que, para irem duma cidade a outra, tinham de passar por ali. Os homens cujos afazeres eram para aquelas bandas iam sempre prevenidos com pistolas; e as mulheres, ainda que protegidas pelos maridos ou irmãos receavam ser insultadas pelas prostitutas negras e eml@riagadas que encontravam ao longo do caminho.

Enquanto tivera Archie a seu lado, Scarlett jamais se preocupara com Sharitytown, porque nem a mais desbragada das pretas se atrevia a rir-se na sua presença. Mas desde que se via obrigada a efectuar sozinha o trajecto, o caso era diferente, e já lhe tinham acontecido vários incidentes tão desagradáveis como arreliaadores. Sempre que a lorigavam, as negras pareciam querer rivalizar na insolência. O único remédio estava em conservar-se impassível, embora fervesse de raiva. Nem lhe restava o consolo de poder confiar as suas apreensões às amigas ou à família, pois não deixariam de lhe dizer com ar triunfante: "Então que esperavas tu?" E todos tratariam de a impedir que fosse à serração. Ora Scarlett não estava com ideias de interromper as suas visitas.

Graças a Deus, nesse dia não se viam mulheres andrajosas à beira da estrada. Chegando à vereda que ia ter ao acampamento, Scarlett lançou um olhar de repugnância às barracas acumuladas ao fundo do vale, que o Sol no ocaso iluminava debilmente. O vento frio trazia-lhe o cheiro de lenha a arder, da carne de porco assada e das fossas de despejo. De nariz franzido, ela sacudiu energicamente as rédeas e o cavalo desatou a galopar.

Ia já soltar um suspiro de alívio quando a garganta se lhe apertou com terror súbito: um negro enorme saía lentamente de trás dum carvalho. Scarlett teve medo, mas não ao ponto de perder o sangue-frio. Parou e agarrou na pistola.

- Que deseja? - inquiriu no tom mais ríspido que pôde.

O preto tornou a esconder-se atrás do carvalho e respondeu em voz tímida:

- Minina Scarlett, não mate o Sam! Sam! Por um momento, Scarlett ficou muda de espanto. Sam, o capataz de Tara, que ela não tornara a ver depois do cerco! Como é que ... ?

- Sai daí! Mostra-te para eu ver se és realmente o Sam. Ele obedeceu constrangido. Descalço, vestido de farrapos, com calças de cotim e a jaqueta azul muito curta e estreita dos yankees, o gigante tinha um aspecto lamentável. Logo que o reconheceu, Scarlett colocou a pistola no seu lugar e sorriu.

- Oh, Sam! Que prazer tornar a ver-te! Revolvendo os olhos de satisfação, e com um riso largo que deixava ver a dentadura alva e reluzente, Sam aproximou-se a correr do trem e com as manámulas negras, apertou a mão que a antiga p@troia lhe estendia. Via-se-lhe a ponta da língua cor-de-rosa e, na sua alegria, agitava-se e contorcia-se tal um mastim em demonstrações de contentamento.

-Jesus! Que bom vê alguém da família! -disse ele, apertando a mão de Scarlett quase a ponto de lhe quebrar os ossos. -Porquê metê susto a mim? Porquê andá de pistola?

- Há por aí tanta gente má, Sam, que me vejo obrigada a andar armada. Como é possível que tu, um preto respeitável, vivas num sítio destes? Por que não foste visitar-me a Atlanta?

-Não vivo em Shantytown. Só vim aqui passeá. Não queria vivê aqui, onde há tanto nêgo reles. E não sabê que minina estava em 'tlanta. Julguei que estava em Tara. Queria, quando pudess<., voltá a Tara.

-Vives em Atlanta desde o cerco? -Não, senhora, andei a viajá -declarou Sam, largando a mão de Scarlett, que se pôs a mover os dedos para ter a certeza de que não estavam partidos. - Minina lembra de quando viu a mim pela última vez? Pois trabalhá a valê fazendo tri4cheira e enchendo sempre saco de areia, até Confederado deixá 'tlanta. Meu sinhÔ capitão morreu e não ficou pessoa que dissesse ao Sam o que ele devia fazê, então se escondê na mata. Queria voltá para Tara, mas disseram que todo país estava a ardê, Depois não sabia caminho e tinha medo de encontrá soldado por não ter papéis. Então vieram os yankee e um sinhô que era coronel se fez amigo de mim e me mandou tratá de seu cavalo e engraxá sua

318

bota. Sim, senhora'fiquei contente de sê criado como Pork, porque so tinha trabalhado nos campo. E disse ao meu coronel, e ele me levou para Savarinali com general Sherman. Nunca vi coisa como aquela! Toda a gente a furtá, a deitã fogo... Não queimaram Tara, minina Scarlett?

-Puseram fogo, mas nós apagámo-lo,

- Sim, senhora, o Sam está muito contente. Tara é casa minha onde queria voltá. Quando a guerra acabou, sinhô coronel disse: "Tu, Sam, vens para o Norte comigo. Pagar-te bem". Então, minina, como os outros nêgo quis conhecê liberdade antes de voltá a casa. Fui ao Norte com meu coronel. A gente foi a Washington, e a Nova Iorque, e a Boston onde mora sinhô coronel. Sou nêgo viajado. Minina Scarlett, nas ruas dos yankee há tanto cavalo e tanto carro que nem se pode cGntá.

-Gostaste do Norte Sam? Sam coçou a cabeça'lanuda.

- Sim e não. Sinhô coronel é pessoa fina e sabe tratá com nêgo ' mas a mulé dele já não é mesma coisa. No primeiro dia chamou "sinhô" a mim. Minha vontade era escondê por chão abaixo quando ouvi aquilo. Meu coronel é que mandou ela dizê Sam 'e então ela fez o que marido mandava. Mas todo o y-ankee chamava a mim sinhô O'Hara e pedia que sentasse com eles, como se nêgo e branco fosse igual, Nunca sentei coin branco, e já sê muito velho para aprendê. Mas no fundo yankee não gosta de nêgo. E tinham medo de mim, por sê muito grande. Andavam sempre a falá dos cães que corria atrás dos riê9o e das chicotadas que levava. Nunca ninguém bateu em mim, minina Scarlett! Sinhô Gerald não queria nunca que batessem em escravo qui custa caro! Quando souberam que senhora Ellen era tão boa para os nêgo que até passou comigo uma semana quando tive peumonia, não quiseram crê. Ah, minina Scarlett, já tinha tanta saudade de senhora Ellen e de Tara, que um dia

vim embó e fiz todo caminho para 'tlanta num vagão de mercadoria! Que alegria torná a ver sinhora Ellen e sinhô Gerald! Já não quero cá sabê de liberdade. Quero é alguém que diga o que devo fazê e o que não devo fazê, e que dê boa comida e tratamento a mim quando estivé doente, Sei lá se peumonia volta! Sinhora yankee dizia "sinhô", mas quanto a tratá de doença... Sinhora Ellen, essa há-de querê tratá do velho nêgo quando ele adoecê... Que é que tem, minina Scarlett?

319

-O pai e a mãe morreram ambos, Sam. -Morreram? Está a brincá comigo, minina? Não seja má para mim.

o estou @@ brincar Sam. A mãe faleceu quando os soldados de Sherman fora@n a Tara... e o pai... morreu em Junho passado. Não chores, Sam! Se choras, acabo também por chorar. Não falemos agora mais deste assunto. Fica para outra vez, e então contar-te-ei tudo... A menina Suellen continua em Tara. Casou com uma esplêndida pessoa, o senhor Will Benteen. A menina Carreen foi para... - Scarlett interrompeu-se. Nunca poderia fazer compreender àquele gigante lavado em lágrimas o que era um convento. -A menina Carreen vive agora em Charleston. O Pork e -a Prissy ainda estão em Tara... Vamos, Sam, limpa esse nariz. Queres de facto voltar para casa?

- Sim, sinhora, mas sem sinhora Ellen já não é como era.

- Sam, gostarias de ficar em Atlanta e trabalhar para mim? Preciso dum cocheiro. E preciso com urgência, por causa desses malvados que por aí andam.

- Sim, sinhora, precisa de cocheiro. Ia mesmo dizê agora que minina não devia andá assim sozinha. Sabe como certos nêgo são mau hoje em dia em especiá os que vivem em Shantytown. Minina tem de @ê cautela. Só estou cá desde anteontém, mas já ouvi falá de minina Scarlett. Ontem,, quando aquelas desavergonhadas disseram palavroes a sua passage, bem na conheci, mas minina ia muito depressa e ninguém a apanhava. Mas chego a roupa ao pêlo dessas nêga. Minína viu alguma hoje por aqui?

- Não reparei, mas agradeço-te, Sam, Então, sempre queres entrar para o meu serviço? , Sam baixou a cabeça e, com a. ponta do pé, pôs-se a traçar desenhos misteriosos na poeira da estrada.

- Obrigado, minina, mas acho melhó i para Tara.

Por que é que não queres? Pago-te bem, contanto que fiques comigo.

Sam ergueu a cabeça, mostrando a cara assustada como a duma criança, e aproximou-se do trem, murmurando em voz muito baixa:

- Minina Scarlett, tenho de saí de 'tlanta. Tenho de 1 para Tara, onde não encontram a mim. Matei um homem.

-Um preto?

320

b

- Não, sinhora 'um branco. Um soldado yankee. Por isso, procuram a mim. Por isso estou em Shantytawn.

- Como aconteceu semelhante coisa?

- Ele estava bêbado e disse palavra que não gostei. Deitei-lhe mão ao pescoço... Não queria matá, minina Scarlett, mas tenho força na mão e matei sem sabê. Fiquei com tanto medo que nem sabia que fazê, Então vim escondê aqui e quando a vi ontem passá disse comigo: "Louvado seja Deus1 É minina Scarlett! Ela vai tratá de mim. Não há-de deixá os yankee prendê Sam. Há-de mandá para Tara".

- Dizes que te procuram? Sabem que foste tu quem matou o soldado?

- Sim, senhora. Sou tão grande que é fácil reconhecê-lo em toda a parte. Acho que sou o nêgo maior de 'tlanta. Ontem à noite vieram procurá-lo, mas uma rapariga nêga escondê-lo a mim numa cabana da mata, e eles foi embó.

Scarlett esteve pensativa uns momentos. Pouco se importava que Sam tivesse assassinado um yankee, mas ficara descoroçada por não poder tomá-lo como cocheiro. Um gigante como Sam seria tão bom guarda-costas como Archie. Em todo o caso, devia arranjar maneira de o mandar para Tara, onde ele estaria em segurança. Era um preto valioso para ser enforcado. Nunca houvera melhor capataz em Tara! Scarlett nem se lembrou de que Sam era livre. Pertencia-lhe ainda como Pork, Babá, Peter e Prissy. Continuava a "ser da família" e, como tal, ela devia protegê-lo.

- Irás para Tara esta noite -decidiu por fim Scarlett.

- E, agora escuta-me com atenção. Ainda tenho umas voltas a dar, mas tornarei a passar por aqui antes do pôr-do-Sol. Espera aqui por mim. Não digas a ninguém para onde vais e se tens um chapéu, esconde, a cara com ele.

- &ão tenho chapéu.

- Toma lá dinheiro para comprares um. Encontrar-nos-emos aqui.

- Sim, senhora. Sam estava radiante. Enfim, tinha outra vez alguém que lhe dissesse o que -devia fazer.

Scarlett prosseguiu o seu caminho pensativa. Will ia ficar satisfeitiíssimo com aquele inesperado-ajudante. Pork nunca percebera nada de lavoura nem jamais perceberia. Uma vez Sam em Tara Pork podia reunir-se a Dilcey em Atlanta conforme Scarlett lhe prometera depois da morte de Ger@ld.

21 - vento Uvou - n

321

Quando chegou à fábrica, o Sol desaparecia já e ela teve receio de estar fora de casa assim tão tarde. Johnnie Gallagher achava-se na soleira da porta da pobre cabana que servia de cozinha aos operários. -Quatro dos cinco grilhetas haviam-se sentado num tronco de árvore, defronte da barraca em que dormiam. Os seus fatos de presidiários estavam sujos 'com manchas de suor, e as correntes presas ao tornozelo tilintavam a cada movimento que f-aziam. Tinham todos o mesmo ar triste e desesperado. Scarlett observou-os e pareceu-lhe que haviam emagrecido durante o 15ouco tempo em que os empregara. Nem sequer ergueram a vista quando ela desceu do trem; Johnnie é que se voltou na sua direcção tirando vagarosamente o chapéu para a saudar.

- Nao gosto do aspecto destes homens - declarou Scarlett, sem mais preâmbulos. - Têm cara de doentes. Onde está o outro?

- Sentia-se mal - respondeu Johnnie com indiferença.

- Foi-se deitar.

- Que é que tem?

- Preguiça, em especial.

- Vou vê-lo. -Não faça isso. Deve estar nu. Deixe-me ocupar dele, e amanhã voltará ao trabalho.

Scarlett hesitou e viu um dos forçados erguer a custo

* cabeça e lançar a Johnnie um olhar cheio de ódio.

-Quem sabe se você os chicoteou?

- Desculpe, senhora Kermedy, mas sou eu que estou

* gerir esta serração. A senhora confiou-me e deu-me poderes para mandar. Bem sabe que tenho a mão leve. Mas não há razão para se queixar. Tiro duas vezes mais resultado do que o senhor Elsing.

-Sem dúvida -retorquiu Scarlett. Entretanto, ao dizer isto sentiu um calafrio.

Havia algo de sinistro naquele acampamento, algo que não existia no tempo de Hugh Elsing: um ar de isolamento, de abandono, que a estarrecia. Aqueles forçados estavam longe de tudo, completamente à mercê de Johnnie Gallagher; se ele os chicoteasse, ou os tratasse mal doutra forma qualquer, ela talvez nunca o chegasse a saber. Os desgraçados jamais se queixariam, com receio dum castigo pior.

- Acho-os magros. Tem-lhes dado bastante comida? Gasto dinheiro suficiente para os ter gordos como cevados. No mês passado, só em farinha e, carne de porco

322

foram trinta dólares. Que destinou para a ceia deles, esta noite?

Entrou na cozinha 'a fim de investigar. Ao vê-la uma anafada mulata, que se debruçava sobre o fogão v@lho e ferrugento, esboçou uma espécie de mesura. Scarlett observou o grão de bico que estava a cozer. Sabia que Johnnie vivia com aquela mulata, mas julgava preferível fingir que ignorava o facto. Além do grão de bico e de papas de milho, não encontrou mais -nada.

£ só isto que tens para estes homens? Sim, senhora. Não puseste toucinho no grão? Não, senhora. Mas ' sem toucinho, o grão de bico não presta. r, comida fraca.

- Sinhô Johnnie diz que não valê a pena.

- Ainda há tempo. Onde estão as coisas? A mulata lançou um olhar assustado para o cubículo que servia de despensa, e Scarlett escancarou a porta. No chão estava uma barrica de farinha de milho. Na prateleira havia um saco de farinha de trigo, cerca de meio quilo de café, um pacote de açúcar, uma garrafa de xarope de sorgo e dois presuntos. Furiosa 'Scarlett voltou-se para Johnnie Gallegher, que a seguira e a fitava com ira contida.

-Onde estão os cinco sacos de farinha que mandei a semana passada? E a saca de açúcar e o café? Onde estão os cinco presuntos que lhe mandei entregar, e o toucinho, e o inhame, e as batatas? Para onde foi tudo isso? Ainda que desse de comer cinco vezes por dia a esses homens, eles não podiam consumir tanta coisa numa semana. Você vendeu tudo seu ladrão! Meteu o dinheiro no bolso e alimentou os h@mens com grão de bico e papas de milho! Não admira que estejam assim magros. Deixe-me passar!

Scarlett empurrou o irlandês e saiu da cabana. -Tu... o do fundo, chega cá! -disse ela a um dos forçados.

O homem ergueu-se e aproximou-se com acanhamento, arrastando a grilhetas. Scarlett notou-lhe os tornozelos em carne viva.

-Quando foi a última vez que comeste presunto? Ele baixou a cabeça e pôs os olhos no chão.

- Responde!

O interpelado continuou silencioso e embaraçado. Por

323

fim, levantou a cabeça 'olhou para Scarlett, com ar suplicante e baixou de novo a vista.

-Tens medo de falar não é assim? Vai à despensa e tira o presunto da prateleira. Rebecca, dá-lhe a faca. Leva aos teus companheiros e divide com eles. Arranja pãezinhos e café para estes homens, Rebecca, e dá-lhes bastante sorgo. Despacha-te, que eu quero ver.

-]@, café e farinha de sinhô Johnnie - murmurou Rebecca, assustada.

-Quero lá saber! Talvez o presunto. também seja dele. Faze o que te digo e depressa. Johnnie Gallegher, acompanhe-me ao trem'

Atravessou o pátio juncado de lixo, subiu para a carruagem, notando com melancólica satisfação que os homens estavam a cortar grossas fatias de presunto e a metê-las vorazmente na boca. Dir-se-ia terem medo que lho tirassem dum momento para outro.

- Você é um grande patife! -exclamou ela, indignada, quando Johnnie se aproximou do carro com o chapéu desabado sobre a testa, -Tem de me pagar o que gastou em seu proveito, De futuro, trarei os mantimentos dia a dia, em lugar de ser por mês, Assim não me intrujará.

-De futuro, não estarei aqui -declarou Johnnie. -Quer dizer que se despede? Scarlett esteve quase a acrescentar: "É melhor que parta já". Mas deteve-a a fria mão da prudência. Se Johnnie, se fosse embora, que haveria ela de fazer? Graças a este gerente, conseguia agora fornecer o dobro da madeira. E acabava precisamente de receber uma grande encomenda, demais a mais urgente! Tinha

de a entregar quanto antes em Atlanta, mas, se Johnnie se fosse, quem encontraria de pronto para o substituir?

- Sim, senhora, despeço-me, Ao confiar-me a gerência desta serração, tudo o que exigiu de mim foi que lhe preparasse a maior quantidade de madeira possível. Não me disse como é que eu devia proceder, e não me parece que seja agora altura de o aconselhar. A forma como eu consigo a realização do trabalho é coisa que não lhe resDeita. Não me pode acusar de haver faltado aos meus compromissos. Fi-la ganhar muito dinheiro. Mereço o salário que me dá... e também aquilo que posso economizar. E eis que a senhora vem meter aqui o nariz, e faz perguntas e enfraquece a minha autoridade perante estes homens! Como espera que

324

mantenha a disciplina de hoje em diante? Que lhe importa que eu, de vez em q@ando, lhes dê unia ensinadela? São madraços, e ainda precisavam que lhes fizesse pior. Aborrece-a que não comam a faltar? Ora, ocupe-se do que lhe diz respeito e deixe-me com o que me compete. Senão, partirei esta noite mesmo.

A cara do gerente parecia mais dura do que nunca e Scarlett debatia-se na indecisão. Se ele se despedisse nessa mesma noite, que iria ela fazer? Não podia ficar acolá, a guardar os forçados! Johnnie percebeu sem dúvida o dilema que a afligia, porque dulcificou um pouco a expressão. Quando tornou a falar, já a voz soou menos áspera:

-Já é tarde, senhora Kennedy. P, melhor ir para casa. Não nos vamos zangar por uma ninharia destas, não é verdade? Desconte dez dólares no meu ordenado, e não se fala mais nisto.

O olhar de Scarlett, poisou involuntariamente nos desgraçados que acabavam de devorar o presunto, e o seu pensamento estendeu-se ao infeliz que jazia na barraca mal resguardada do vento. Devia pôr a andar o gerente, que era violento e infiel. Não duvidava do tratamento que ele infligia aos grilhetas, quando ela não estava presente. Mas, por outro lado, o homem era esperto e ela precisava de gente esperta. Não podia despedir quai lhe proporcionava tão bons lucros. Bastava-lhe certificar-se de que, para o futuro, os presidiários seriam bem tratados.

-Descontar-lhe-ei vinte dólares - declarou ela. -

Amanhã de manhã voltarei cá, para discutirmos @ caso

Pegou nas rédeas. Sabia perfeitamente que não haveria nenhuma discussão depois daquela, e sabia também que Johnnie tinha a certeza de que seria assim.

Enquanto o trem se dirigia para Decatur Road, a consciência de Scarlett debatia-se entre a humanidade e o desejo de obter dinheiro. Compreendia que não tinha o direito de expor a vida daqueles operários às brutalidades do gerente. Se um deles inorresse, ela seria tão culpada como Johnnie, visto que conservara esse empregado depois de verificar a sua crueldade. Mas, por outro lado... que culpa tinha ela de que fossem presidiários? Havia desrespeitado a lei, caído nas malhas da Justiça: mereciam, pois,

* sua sorte. Esta conclusão aliviou-lhe a consciência, mas

* expressão desses infelizes não lhe saía do pensamento.

325

W ",

"Mais tarde voltarei a reflectir nisto", disse consigo mesma, enquanto rodava pela estrada sombria.

O So 1 desaparecera por completo quando o trem alcançou a curva do caminho logo a cima de Shantytown.

O arvoredo envolvente me@gulhara em profunda escuridão. Com o crepúsculo, levantara-se um ventinho áspero que sacudia os ramos e arrastava no chão as folhas mortas. Nunca ela se vira sâzinha àquela hora, num sítio como aquele, e ansiava por se encontrar em casa.

O gigantesco Sam não estava à vista. Parou, esperando por, ele aborrecida com a ausência do negro e receosa de que os @nkees lhe houvessem deitado a mão. Então ouviu som de passos na vereda e sentiu-se reanimar. Havia de dizer boas e bonitas ao Sam, pela sua demora!

Mas não era ele quem chegava. Era um branco alto, maltrapilho, e logo a seguir um preto de ombros largos e peito de gorila. Searlett incitou o cavalo e agarrou na pistola. O animal largou a trote e fez um súbito desvio para se afastar do branco que avançava.

- Minha senhora -disse este. - Pode socorrer-me com qualquer coisa?

-Saía do caminho! - gritou ela, procurando tornar a voz o mais firme possível. -Não tenho dinheiro comigo. Vamos!

Num movimento rápido, o homem deitou a mão à cabe~çada, ordenando ao preto:

- Procura no corpete. Ela deve ter aí dinheiro.

O que se seguiu foi, para Scarlett, semelhante a um pesadelo. Como, o. instinto a aconselhasse a não disparar sobre o branco, pois o cavalo poderia ser atingido, ela voltou-se para o negro, cujo rosto luzia, contraído por um riso feroz, e desfechou à queima-roupa. Nunca soube se lhe acertara, mas daí a pouco a pistola desaparecia-lhe da mão, que era dominada e torcida por um punho vigoroso. O preto estava ali mesmo, tão perto que ela lhe sentia o cheiro da pele. Com a mão livre, Scarlett lutou desvairadamente, arranhando a cara do agressor, até que a mão deste, puxandó-lhe o corpete, o rasgou de alto a baixo. Vendo-se assim vasculhada nos selos ' ela experimentou a maior sensação de horror de toda a sua vida. E desatou a gritar como uma louca.

- Vê se a calas! Puxa-a -para fora! - bradou o homem

326

branco, enquanto a mão do outro pousava na boca de Scarlett, que a mordeu furiosa, sem deixar de gritar de vez em quando. Nesse comenos percebeu que o branco praguejava e notou que havia terceiro homem na estrada. A mão do negro largou a boca da vítima e aquele deu meia volta, dominado já pelo gigantesco Sam.

- Fuja, minina Scarlett! - gritava o Sam, agarrando o agressor pelo meio do corpo. Trémula soltando exclamações de pavor ela apanhou as rédea@, pegou no chicote e fustigou o c@valo. O animal partiu à desfilada e as rodas do carro passaram sobre qualquer coisa ao mesmo tempo resistente e mole: era o corpo do branco que jazia no caminho, onde o. Sam a abatera com um soco.

Louca de terror, Scarlett não cessava de chicotear o cavalo. O trem esbarrou numa pedra enorme e esteve prestes a virar. Através da sua aflição, ela teve ainda consciência de passos que a seguiam e gritou ao animal para que este corresse mais depressa. Se o gorila a tornasse a alcançar, Searlett morreria mesmo antes de ele lhe pôr as mãos em cima.

Mas a voz de quem a perseguia bradou com nitidez: -Pare, minina Searlett! Sem afrouxar, ela olhou trémula, de esguelha, e viu Sam a descer velozmente o caminho. Deteve então o e@valo, e Sam saltou para o trem. O antigo escravo era tão volumoso, que a sua dona teve de se apertar num canto para lhe poder dar lugar. O suor e o sangue escorriam pela cara do homem, que ofegava.

- Feriram minina? - perguntou ele. Scarlett não conseguia falar. Vendo porém, que ele lhe observava o busto, compreendeu que @inha o corpete rasgado e o peito à mostra; e baixando a cabeça, desatou a soluçar.

-Dê as rédeas a mim! Vá cavalo, depressa!

O chicote vibrou e o anim@l, partiu num galope doido, ameaçando atirar com o trem para o abismo.

-Espero tê matado aquele n^go, mas não tive tempo para sabê. Se feriu minina Scarlett, eu volto atrás. para matá ele de vez.

- Não... sempre para diante - murmurou ela. - E depressa!

327

NESSA mesma noite, depois de levar a mulher, a tia Pitty e as crianças para casa de Melanie, Frank saiu de carro com Ashley, o que provocou em Scarlett a maior indignação. Como podia o marido ir a uma reunião política em seguida ao que se passara? Que falta de delicadeza, que egoísmo! Já encarara o caso com exasperante serenidade quando Sam chegara com ela nos braços, de corpete rasgado e a soluçar. Nem uma 'só vez puxara as barbas por nervosismo enquanto ouvia o relato do sucedido. Limitara-se a perguntar:

- Estás ferida, amor ou apenas assustada? A raiva e os soluços Impediram-na de responder, e foi Sam quem esclareceu que houvera razão para susto.

- Tomou medo, porque rasgaram seu corpete.

- Já's bom rapaz, Sam, e não esquecerei o que fizeste. Se puder fazer alguma coisa por ti...

- Sinhô, sinhô, mandá a mim para Tara o mais depressa que pudé. Os yankees procuram o Sai@. Frank ouviu esta declaração com o maior sangue-frio e não fez perguntas. Adoptara uma atitude muito semelhante à que tivera quando Tony lhe viera bater à porta a meio da noite. Dir-se-ia considerar aquele caso um assunto que só homens podiam resolver e que devia ser tratado com o mínimo de palavras e de comoções.

- Peter levar-te-á de trem esta noite a Rough-e-Ready. Chegando lá escondes-te na mata até amanhã de manhã, e depois tom@s o primeiro comboio para Jonesboro. Já o que há de melhor a fazer... Então 'filha, não chores mais! Já passou tudo, e não estás ferida. Tia Pitty, pode emprestar ? seu frasquinho de sais? Babá, traz um copo de vinho a senhora.

Scarlett teve novo acesso de choro, mas desta vez eram lágrimas de raiva. Gostaria que a consolassem, queria ouvir palavras de indignação e ameaças de vingança. Preferia até que Frank se revoltasse contra ela e dissesse que bem a prevenira... Qualquer coisa dessas seria melhor do que aquele ar despreocupado como se o incidente fosse dos mais banais. Frank mostrara-se afectuoso, sim, mas como se tivesse algo de mais importante em que pensar.

E afinal esse assunto importante era uma reunião política @ue nada valia!

328

Scarlett nem quis acreditar no que ouvia quando o marido lhe disse que fosse mudar de vestido para ele a acompanhar a casa de Melanie, onde ela passaria a noite. Frank devia saber a disposição em que a mulher se encontrava depois de tal aventura; devia saber que ela não desejava passar a noite em e-asa de Melanie, quando o corpo cansado e os nervos em exacerbação exigiam o sossego e o calor da cama -com um tijolo quente aos pés e um cházinho para lhe dissipar o medo. Se ele realmente a estimava, ficaria ao seu lado em todas aquelas noites: permaneceria junto dela, pegando-lhe na mão, afirmando-lhe que morreria de desgosto se lhe houvesse sucedido qualquer coisa grave. Quando Frank nessa noite regressasse, seria isto mesmo que ela lhe diria.

A saleta de Melanie parecia tão calma como de costume nesses serões em que Frank e Ashley estavam ausentes e as senhoras se reuniam para costurar. O ambiente era tépido e a luz do fogão tornava-o até alegre. O candeeiro de cima da mesa espalhava um palor amarelado naquelas quatro cabeças inclinadas sobre os trabalhos de agulha. Ondulavam tranquilamente quatro saias, oito pés poisavam delicados nos respectivos coxins. Do quarto das crianças, vinha o brando respirar de Wade, Ella e Beau. Archie, sentado numa banquetta perto do lume, encontrava-se de costas para o fogão distendendo os queixos na acção de mascar e talhando @om uma faca um bocado de pau. Era grande o contraste entre o velho sujo e hirsuto e as quatro damas elegantes e apuradas semelhando aquilo uma cena de cão de guarda idoso e indolente a espiar quatro gatinhas de fina raça.

A voz suave de Melanie, perturbada pela indignação, contava a recente explosão de cólera havida no seio das componentes da "Sociedade das Harpistas". Incapazes de concordarem com os senhores do "Conjunto Vocal Mas,culino" quanto ao programa da próxima récita, elas tinham esperado nessa tarde por Melanie e anunciado a sua intenção de se afastarem por completo do Circulo de Música. Fora precisa toda a diplomacia da mulher de Asliley para as persuadir a reconsiderar na sua decisão.

Scarlett fervia por mandar bugiar todas as senhoras harpistas. O que ela queria era ocupar-se da sua terrível aventura dessa tarde, relatá-la com todos os pormenores, aliviar o seu susto provocando susto nas outras. Queria

329

demonstrar-lhes que fora corajosa e certificar--se, com as próprias afirmações, de que realmente se portara com bravura. Mas, sempre que aflorava o assunto, Melanie desviava a conversa para coisas indiferentes 'o que irritava Scarlett ao máximo. Afinal eram todos tão egoístas como Frank! Como podiam mos@rar-se calmos 'plácidos, quando ela por um triz escapara a uma morte horrorosa? Ao menos, deviam ter a cortesia de a deixar falar para se consolar um pouco.

Os acontecimentos da tarde tinham-na abalado mais do que ela queria reconhecer. Tremia de cada vez que se lem- brava da cara selvática do preto a espreitá-la na sombra da estrada. Quando pensava naquela mão negra a vasculhar-lhe o peito e no que sucederia sem a intervenção de Sam, baixava a cabeça e apertava os olhos com força. Melanie falava sem cessar. Scarlett ouvia-a em silêncio e esforçava-se por coser, mas conforme corria o tempo mais aumentava a sua tensão de nervos; chegou a ter a impressão de que dum momento para outro eles iam rebentar como o silvo duma corda de banjo que se parte.

Irritada com o manejo de Archie, lançou a este um olhar furibundo, De repente, achou estranho que ele estivesse ali a cortar um bocado de pau em vez de se deitar a dormir no sofá, como costumava fazer. E ainda mais estranho lhe pareceu que nem Melanie nem India o mandassem estender um papel no chão para receber ai as aparas de madeira, que já cobriam o tapete sem que ninguém desse mostras de reparar.

Enquanto Scarlett o observava Archie voltou-se bruscamente para o fogão e cuspiu par@ lá com tanta violência que India e Melanie deram um pulo como se uma bomba houvesse explodido.

-Precisa de fazer tanto barulho? -exclamou India, com voz trémula.

Scarlett olhou-a admirada, porque India fora sempre uma pessoa que sabia dominar-se,

-Preciso, sim, senhora -respondeu Archie, e tomou a cuspir.

Melanie franziu as sobrancelhas e fitou India.

- Uma coisa que sempre me. alegrou foi o meu querido pai não ter o vício de mascar tabaco - começou a tia Pitty.

Melanie ' porém, interrompeu-a, voltando-se de súbito na cadeira e falando-lhe num tom que Scarlett jamais lhe ouvira:

330

- Cale-se, tia! Que falta de tácto! -Meu Deus! -murmurou Pitty largando a costura com ar magoado.

-Não percebo o @ue é que vocês têm esta noite. Tu e India estais intratáveis...

Ninguém lhe respondeu. Nem sequer Melanie se desculpou, voltando a coser em silêncio, mas com uma fúria mal contida.

- Fazes os pontos muito grandes - notou a tia, não sem alguma satisfação. - Naturalmente, terás de desfazer tudo. Mas, enfim, que há hoje? P, a segunda vez que pergunto.

Continuou o mutismo das outras. "Passar-se-á realmente qualquer coisa?" pensou Scarlett. "Terei estado tão absorvida com as minhas próprias angústia@, para não ter reparado?" De facto, apesar dos esforços de Melanie para tornar aquele serão igual aos outros, a verdade é que reinava uma atmosfera diferente, um ar de nervosismo que não devia provir apenas da comoção causada pelos acontecimentos daquela tarde. Lançando uma olhadela em redor, Scarlett surpreendeu o olhar de India, o que a constrangeu um tanto: olhar profundo e calculado'cuja frieza exprimia mais do que ódio e do que desprezo. "Dir-se-ia. que me quer mal pelo que sucedeu" pensou, cheia de indignação.

India voltou-se então para Archie e, sem o menor vestígio de aborrecimento no rosto, dirigiu-lhe uma interrogação muda e ansiosa. Archie, contudo, parecia nada ver. Com a vista fixa em Scarlett, ele envolvia-a num olhar frio e duro, semelhante ao de India.

Melanie não fazia nenhuma tentativa para reanimar a conversa. O silêncio tornava-se cada vez mais pesado e Scarlett ouvia o vento arrastando lá fora as folhas secas. E então começou a parte mais insuportável da noite. A tensão nervosa aumentava. Archie tinha um ar inquieto, vigilante, de ouvido sempre alerta. Melanie e India diligenciavam disfarçar a ansiedade, mas, sempre que escutavam os passos dum cavalo na estrada ou o gemer dos ramos das árvores, elas largavam a costura e erguiam a cabeça. De cada vez que estalava uma acha no lume, olhavam-se como se tivessem ouvido rumor de passos.

Passava-se qualquer coisa e Scarlett, magicava no que seria. Tramava-se não sabia o quê.

Relanceando a vista pela face gorda e ingênua da tia Pitty, persuadiu-se de que laborava na mesma ignorância. Mas Archie, Melanie

331

e India estavam ao corrente do que havia. No meio do silêncio, Scarlett chegava a seguir o ritmo apressado dos pensamentos que lhes rodopiavam na cabeça, como esquilos rodando na gaiola. Sabiam qualquer coisa aguardavam qualquer coisa, a despeito do esforço que faziam para se mostrarem indiferentes. E a sua inquietação, contagiava Scarlett, tornando-a mais nervosa do que já estava. Ao puxar a agulha num movimento desajeitado, enterrou-a no polegar e, após soltar um gritinho que sobressaltou toda a gente, espremeu o dedo onde surgiu uma gota de sangue.

-Estou muito nervosa para coser-declarou ela, deixando cair o trabalho. - Apetece-me gritar.

Preferia ir para casa deitar-me. Frank bem sabia o estado em que eu me encontrava, não devia obrigar-me a sair. Não se farta de proclamar a necessidade de proteger as mulheres dos assaltos dos pretos e dos Sacolas e, quando chega o momento de agir, desaparece. Onde o vemos? Junto de mim, a defender-me? Isso sim! Anda por aí com uma súcia de homens que não sabem senão falar...

1 O olhar poisQu-se-lhe em India e ela deteve-se logo. India ofegava. Com as suas pupilas claras fitava Scarlett e tinha uma expressão fria e cruel.

- Se não achas que é perguntar muito - disse por fim

- explica-me tu, India, o que significa essa observação constante. Que tenho eu hoje de extraordinário?

- Não, não é perguntar muito - replicou a outra, cujos olhos cintilaram. - Até gosto de dizer o que sinto. Acho odioso isso de menosprezares um homem excelente como, é o senhor Kennedy, quando, se soubesses...

India! - gritou Melanie, em tom de advertência, com as mãos crispadas sobre a costura.

-Suponho que conheço melhor o meu marido do que vocês - volveu Scarlett, que sentia refluir-lhe toda a coragem na perspectiva duma querela com India. Melanie fitou esta última, que mordeu os lábios; mas logo a seguir começou a falar, de modo frio e odiento.

- Enjoa-me ouvir-te dizer, Scarlett O'Hara que precisas de protecção! Pouco te importa com isso! Doutra maneira, não te haverias exposto pela cidade, mostrando-te aos homens na esperança de que te admirassem. O que te aconteceu hoje foi o que merecias e, se houvesse justiça, ainda devia ser pior.

332

- Oh, India, cala-te! -exclamou Melanie.

- Deixa-a falar! - acudiu Scarlett por seu turno. -

Eu já sabia que ela me detestava e que era bastante hipócrita para o confessar. Agora vou ouvir o que pensa a meu respeito. Se a India tivesse a ideia de provocar admiradores, não hesitaria em passear nua em pêlo de manhã à noite, pelas ruas da cidade.

India levantou-se num pulo, o corpo magro tremia-lhe, varado pelo, insulto.

- Sim, detesto-te - declarou com voz clara mas vibrante de cólera. - Não foi por hipocrisia que me calei, foi porque obedeci a um sentimento que tu não podes compreender, um sentimento que não se relaciona com a cortesia vulgar. Convenci-me de que, se não calássemos os nossos pequenos ressentimentos, unindo-nos numa frente comum, nunca conseguiríamos triunfar dos yankees. Mas tu... fizeste o possível para diminuir o prestígio da nossa sociedade. Cobriste de vergonha um excelente marido, deste aos yankees e à canalha o direito de rir de nós e de fazer observações insultuosas acerca da nossa falta de dignidade. Os yankees não sabem que não és como nós e que nunca o foste. Correndo por aí de trem não só te expuseste a ser agredida, mas fizeste também correr perigo a todas as mulheres, pois incitavas os pretos e os brancos desnaturados a se atreverem a um assalto. Enfim, por tua culpa, os homens que nós conhecemos estão, sujeitos a perder a vida, visto serem obrigados a...

- Meu Deus, India! - gritou Melanie. E apesar da sua cólera, Scarlett ficou pasmada de a ouvir pronunciar o nome de Deus com tanta ípa. - Fazes o favor de te calar? Ela não está ao facto, e... Cala-te! Prometeste...

- Oh, meninas! - gemia Pittypat, de lábios trémulos. - Não estou ao facto de quê? Furibunda, Scarlett levantara-se e enfrentava India e Melanie.

- Galinhas da Guiné! - comentou Archie com desdém. E, depois de erguer a cabeça de repente pôs-se de pé num movimento brusco. - Vem alguém a suar o passeio - preveniu. - Não é o senhor Wilkes. Acabem com os cacarejos.

Havia autoridade máscula na sua voz, e todas as mulheres se calaram, já sem a ira estampada no rosto, enquanto ele atravessava a sala, a coxear.

333

'k~

- Quem está aí? - indagou Archie, sem esperar que batessem à porta.

- O capitão Butler. Deixe-me entrar. Melanie arremessou-se com tal impetuosidade que as saias se lhe arregaçaram, descobrindo as calças até aos joelhos, e, antes que Archie pudesse intervir, escancarou a porta. No limiar estava Rhett Butler, de chapéu desabado para os olhos e capa a ondular ao vento. Desta vez é que se mostrou realmente mal educado, pois não se descobriu nem cumprimentou ninguém. Olhou só para Melanie e perguntou sem mais preâmbulos:

- Para onde foram? Diga depressa. r@, questão de vida ou de morte.

Pitty e Scarlett entreolharam-se espantadas, enquanto India, como um gato enxotado, corria para junto de Melanie.

- Não lhe digas nada! - bradou. -]@ um espião, um Renegado!

Rhett nem se dignou olhar para ela. - Depressa, senhora Wilkes! Talvez ainda seja tempo... Melanie parecia paralisada de terror e fixava Rhett com olhos alucinados.

-Que diabo... -começou Scarlett.

- Cale a boca! - ordenou Archie. - E a senhora Wilkes, também. Gire daqui, seu Renegado!

- Não, Archie, não! - gritou Melanie, pondo a mão trémula no braço de Rhett como para o defender do velho forçado. -Que aconteceu? Como... soube?

Na face escura de Rhett a cortesia lutava com a impaciência.

-Oh, minha senhora, desde o princípio que suspeitam deles todos... mas até hoje não se deixaram apanhar! Como soube? Estava a jogar ao poker com dois oficiais yankees e, porque se encontravam embriagados, contaram-me tudo. Os yankees calcularam que haveria esta noite represálias, e tomaram as suas disposições. Aqueles tolos caíram numa armadilha.

Melanie cambaleou como se houvesse recebido uma pancada e Rhett teve de a segurar pela cintura.

- Não lhe digas nada! Ele quer fazer-te falar - bradou India. - Não o ouviste declarar que esteve esta noite com oficiais yankees?

Rhett continuou a não fazer caso dela, sempre de olhos fitos no rosto lívido de Melanie.

334

N@

- Aonde foram? Têm ponto de reunião? Scarlett pensou que nunca vira um rosto tão inexpressivo como o de Rhett, porém Melanie soube descortinar nele mais qualquer coisa, qualquer coisa que lhe deu confiança. Endireitou o corpo, esquivou-se ao braço forte que a apertava e disse calmamente, mas com voz trêmula:

-Para as bandas de Decatur Road, perto de Shanty@ tcwn. Encontram-se no subterrâneo da plantação do velho Sullivan, aquela que ardeu em parte...

-Obrigado. A cavalo irei depressa. Quando os yankees chegarem cá finjam não saber de nada. Partiu tão de repente e a sua capa negra fundiu-se tão bem na escuridão da noite que as testemunhas daquela cena ficariam na dúvida duma alucinação se não ouvissem um cavalo raspar o saibro do jardim e partir à desfilada.

- Os yankees vêm cá ter? - balbuciou Pitty, caindo sobre o canapé e desfazendo-se em lágrimas.

-Que é isto? Que sucedeu? Se não me dizem eu enlouqueço? - suplicou Scarlett agarrando Melanie @ sacudindo-a como se dessa forma pudesse mais facilmente obter resposta.

- Que sucedeu? - replicou India, que apesar do medo que a tomara deixava transparecer certa pontinha de triunfo. -Que significa? Significa que talvez sejas responsável pela morte de Asliley e do senhor Kennedy. Oh, Melanie, tu vais desmaiar!

- Não - voltou esta, agarrando-se ao espaldar duma cadeira.

1

-Meu Deus! Meu Deus! Não compreendo. A morte de Ashley? Por favor, alguém que me diga... Numa voz que parecia o som duma porta a girar em gonzos ferrugentos, Archie cortou a palavra a Searlett.

- Sentem-se - ordenou. -Peguem outra vez na costura e ponham-se a trabalhar como se nada tivesse acontecido. P, muito provável que os yankees andem a vigiar a casa desde o pôr-do-Sol. Sentem-se, já disse e ponham-se a coser.

As mulheres obedeceram, a treme@; a própria tia Pitty agarrou numa peúga, enquanto, de olhos arregalados de medo, relanceava a vista em redor, na esperança de obter uma explicação.

- Onde está Ashley? Que lhe aconteceu, Meilly? - perguntou Searlett.

- Não te interessa saber onde está teu marido? - obser-

335

@ ê@L . 1

vou India de olhar chamejante, amarrotando e tornando, a alisar a toalha que passajava.

-Por amor de Deus, India! -interveio Melanie. Tentava dominar-se, mas o. rosto pálido e atormentado mostrava o esforço que fazia para se manter serena. - Se-arlett, talvez devêssemos prevenir-te do que se ia passar... mas já tiveras uma comoção tão grande esta tarde que nós... que Frank não quis... E como tu sempre foste contra a Klan...

- A Klan... Scarlett proferiu esta palavra como se nunca a tivesse ouvido antes e não soubesse o que significava. Então repetiu-a, quase num grito:

-A Klan!... Asliley não faz parte da Klan! Nem Frank! Ele prom&eu-me...

-Estás enganada. O senhor Kennedy é da Klan, e Ashley também. E todos os homens nossos conhecidosripostou India.-São homens, não é verdade? Homens brancos e sulistas, Devias ter orgulho ni~, em vez de o obrigar a esconder-se como se fizesse alguma coisa vergonhosa.

- Vocês sabíam e não me...

- Receámos apoquentar-te -disse Melanie tristemente. -Nesse caso era aí que iam quando falavam em reuniões políticas.,> óh'e ele que me prometeu! Agora vão os yankees apossar-se das minhas serrações e do armazém, e meter Frank no calaboiço... Oli! Mas o que é que Rhett Butler queria dizer?

India e Melanie trocaram um olhar de medo. Scarlett. pôs-se de pé, atirando ao chão, a costura,

- Se não 'contam tudo, vou à cidade e descobrirei o que se passa. Interrogarei toda a gente até...

- Sente-se! - ordenou Archie, fixando-a com o olho único. - Já lhe digo, o que se passa, Porque andou a passear esta tarde e se viu metida em sarilhos por sua própria culpa, o senhor Wilkes, o senhor Kennedy e outros saíram esta noite para dar cabo do preto e do branco que a atacaram. Para os apanhar devem ter que vasculhar todos os cantos de Shantytovm. Se aquele Renegado falou verdade, os yankees suspeitaram, ou foram prevenidos de que alguma coisa ia acontecer, e mandaram tropas esperá-los. Os nossos homens caíram no laço. Se o que esse Butler disse é falso, é porque veio aqui como espião e pensa entregar os nossos aos yankees. Se ele os entregar, espicho-o. Será

336

mais uma morte na minha vida... a última. No caso de eles conseguirem salvar a pele terão de fugir para o Texas, donde talvez nunca mais voltem. Tudo isto por culpa da senhora. As suas mãos estão, manchadas de sangue.

A pouco e pouco, a expressão de Scarlett foi-se modificando, até que o pânico cedeu lugar ao horror. Melanie levantou-se num ímpeto e pousou a mão no ombro da cunhada. - Se diz mais uma palavra, Archie ponho-o fora desta casa! - exclamou em tom severo. - A culpa não é dela. Ela só fez... o que julgou ser seu dever. E os nossos homens fizeram o que julgaram ser dever deles. Cada qual procede conforme pensa e nem todos pensam da mesma forma! Não podemos julgar os outros segundo a nossa maneira de pensar. Parece impossível que tanto India como você digam coisas tão cruéis quando o marido dela, e o meu também, talvez já...

- Escute! - atalhou Archie em voz baixa. - A senhora sente-se. Oiço cavalos.

Melanie ocupou o seu lugar, agarrou numa camisa de Ashley e, baixando a cabeça sobre o trabalho, pôs-se inconscientemente a desfiar os folhos do peitilho,

Aproximaram-se da casa cavalos a trote. As barbelas chocalharam, as selas rangeram e elevou-se um murmúrio de vozes. Diante da porta, os cavalos pararam e uma voz imperiosa dominou as outras. Apearam-se homens, que as pessoas dentro de casa sentiram irem-se deslocando, através do quintal, para a entrada das traseiras. Tinham, Archie e as senhoras, a sensação de que milhares de olhos inimigos os espiavam pelas janelas de estores erguidos. Scarlett, Melanie, India e Pitty baixaram a cabeça, aterradas, e tornaram a pegar na agulha. O coração da primeira, batendo-lhe no peito, parecia dizer: "Matei Ashley! Matei-o!" E, naquele instante horrível, ela nem sequer se lembrou de que podia ter matado Frank também. No seu espírito não havia lugar para outra imagem senão Ashley estendido aos pés dos cavaleiros yankees, com o cabelo loiro empastado de sangue. Quando na porta soou uma pancada imperiosa, ela olhou para Melanie e, viu surgir naquela face miúda e esforçada uma expressão diferente tão impenetrável como a que surpreendera no rosto de Isham Butler.

22 - Vento Levou - n

337

1. @.

- Archie, abra a porta - disse tranquilamente a dona da casa.

Insinuando a faca na bota e ajeitando a pistola no bolso, Archie avançou e abriu a porta de repente. Pitty soltou um guincho, como de murganho apanhado na ratoeira, ao ver entrar o capitão yankee seguido duma escolta de fardas azuis. As outras não tugeram nem mugiram. Scarlett lembrou-se de que conhecia aquele oficial: era o capitão Tom Jaffery, um dos amigos de Rhett, a quem ela vendera madeira para a construção da casa. Tratava-se dum perfeito cavalheiro e talvez como cavalheiro ele não as levasse para a cadela. O oficial também a reconheceu e, descobrindo-se, cuniprimmentou, um tanto embaraçado.

- Boa noite, senhora Kennedy. Qual de vós é a senhora Wilkes?

- Sou eu - respondeu Melanie, erguendo-se com uma dignidade que ninguém esperaria numa criatura tão franzina. - A que devo esta intrusão?

O oficial olhou em volta, relanceando a vista pelas pessoas que o rodeavam e fixando por um momento a mesa e o cabide como se procurasse descobrir sinais de presença masculina.

1 Desejava falar ao senhor Wilkes e ao senhor Kennedy. -Não estão cá -declarou Melanie, com um leve tremor na voz suave.

-Tem a certeza? -Duvida da senhora Wilkes? -interveio Archie, de barba eriçada.

-Peço desculpa, senhora Wilkes. A minha intenção não era faltar-lhe ao respeito. Se me dá a sua palavra de honra, não farei busca à sua casa.

- Dou-lhe a minha palavra de honra, mas faça a busca, se quiser. Esses senhores assistem a uma reunião no armazém do senhor Kennedy.

- Não estão no armazém. Não houve nenhuma reunião esta noite - replicou o oficial com ar sombrio. - Esperaremos lá fora até que voltem.

Baixou a cabeça num cumprimento breve e retirou-se, fechando a porta atrás de si. Os ocupantes da casa ouviram-no dar uma ordem, que o vento abafou em parte:

- Cerquem o prédio. Um em cada janela e em cada porta.

Seguiu-se um ruído de pés no saibro. Scarlett, horror!-

338

zada, viu faces barbudas a espreitarem através das vidraças. Melanie sentou-se; e, com mão que não tremia, levantou um livro da mesa. Era um exemplar já muito velho de Les Misérables ' esse livro que fizera as delícias dos soldados da Confederação. Tinham-no lido e relido à luz do fogo dos combates e achavam um prazer macabro em o designar por Leels Misérables (os miseráveis de Lee). Abriu-o a meio e começou a ler com voz clara e monótona.

- Cosam - ordenou Archie em tom rouco. E as três mulheres, estimuladas pela voz fresca de Melanie, retomaram a costura e baixaram a cabeça.

Quanto tempo durou essa leitura, sob os olhares dos que as observavam Scarlett nunca o soube mas pareceu-lhe terem sido horas. Não ouvia uma palavra do que a outra dizia: começara a pensar em Frank, como já pensava em Astiley. Ali estava, pois a explicação da aparência calma do marido.

Prome era-lhe que não pertenceria jamais à Klan! Era bem o gênero de complicações que ela mais receava. Iria reduzir-se a nada todo o trabalho desse último ano; tornar-se-iam inúteis todas as lutas e angústias, suportadas à chuva e ao frio. Quem imaginaria que esse Frank, tão falho de iniciativa, se imiscuiria na loucura da Klan? Quem gabe se, naquele momento, já estaria morto? E, se não estivesse morto e os yankees o apanhassem, por certo que o enforcariam. E Ashley também!

Scarlett cravou as unhas na palma da mão e com tanta força que deixaram marca rubra. Como é que Melanie podia continuar a ler com a maior calma quando Astiley corria perigo de ser enforcado?

Quando ele talvez já estivesse morto? No entanto, era a serenidade daquela voz, que relatava as infelicidades de Jean Valjean, que a impedia de se erguer num pulG e desatar aos gritos.

Lembrou-se da noite em que Tony Fontaine, perseguido e exausto, lhe viera bater à porta. Se não o tivessem socorrido com algum dinheiro e com um cavalo folgado, já estaria enforcado há muito tempo. Frank e Ashley encontravam-se em situação análoga à de Tony, ou pior ainda. E isto no caso de estarem vivos... Com a casa cercada por soldados, não podiam entrar ali para se fornecerem de roupa e de dinheiro sem serem capturados. E provavelmente todas as outras casas da rua estariam vigiadas pelos yankees, para que os fugitivos não pudessem recorrer ao auxílio dos

339

amigos. Àquela hora, talvez estivessem a caminho do Texas, galopando como doidos através da noite escura.

E podia ser que Rhett os encontrasse a tempo... Rhett andava sempre com muito dinheiro nos bolsos. Devia emprestar-lhes o que fosse preciso. Contudo, aquilo era estranho, muito estranho. Por que é que Rhett se preocupava com a sorte de Astiley? Se não gostava dele e o desprezava, por que é que o queria salvar? Mas este assunto ficou por esclarecer, porque de novo o medo a dominou ao pensar em Frank e Ashley.

"Tudo por minha culpa!" disse consigo 'sufocando um gemido. "India e Archie têm razão. Aculpa foi minha. Mas nunca os imaginei tão loucos que se filiassem na Klan! Nem nunca imaginei que me acontecesse alguma coisa! E, no entanto, podia eu proceder doutra maneira? Melly disse a verdade. As pessoas agem conforme pensam que devem agir. Eu ia abandonar as serrações? Precisava de ganhar dinheiro! E, se calhar, vou ficar sem nada agora, por minha culpa!"

Depois de largo tempo de leitura a voz de Melanie tornou-se trémula, balbuciante, até qu@ se calou. A mulher de Ashley voltou então a cabeça para a janela e ficou a olhar para lá, como se não estivessem yankees aespí-la através da vidraça. As outras, impressionadas com a sua atitude, olharam também e puseram-se à escuta.

Apesar das portas e janelas fechadas, ouvia-se ao longe o tropel de cavalos, assim como alguém a entoar a mais odiada das canções a canção consagrada aos -homens de Sherman, Marcha áravés de Geórgia. E era Rhett Bufler que a cantava.

Mal acabou os dois primeiros versos elevaram-se outras duas vozes 'vozes pastosas de ébrios @ue o interpelavam com fúria em frases mastigadas e confusas. Da varanda onde se encontrava, o capitão Jaffery gritou uma ordem breve, logo seguida de rumor de passos apressados. Mas, antes mesmo das instruções do capitão, já as senhoras se entreolhavam 'espantadas, porque as vozes de bêbados que elas tinham ouvido eram a de Asliley e a de Hugh Elsing.

O jardim encheu-se de tumulto. O capitão Jaffery fazia perguntas lacónicas Hugh soltava risadas agudas, Rhett falava excessivame@te alto, mas com o, tom despreocupado de sempre, Asliley repetia de modo estranho:

-Que diabo ... ? Que diabo ... ?

340

"Não pode ser Ashley!" pensou Searlett. "Ele nunca se, embriaga. E Rhett... esse quanto mais bebe mais calmo fica... nunca grita daquela maneira".

Melanie levantou-se e Archie imitou-a, Ao ouvir o capitão declarar "éestes dois homens estão sob prisão", Archie levou a mão à coronha da pistola.

-Deixe o caso comigo -murmurou Melanie com fir~ meza.

O seu rosto patenteava a mesma expressão que Scarlett lhe vira em Tara, no dia em que ' empunhando um sabre pesado demais para ela, Melanie contemplara do cimo da escada o cadáver do -yankee: a expressão dum ente meigo e tímido que as circunstâncias transformavam em tigre.

Em passo resolutivo 'atravessou a sala e escancarou a porta. _Traga-o cá para dentro capitão Butler- disse ela em voz bem timbrada, onde @e notava certo azedume, -

Levou-o outra vez a embriagar-se, creio eu. Vamos, traga-o cá para dentro.

Do passeio sombreado e varrido pelo vento, o oficial yankee fez-se ouvir:

-Lastimo muito, senhora Wilkes, mas o seu marido e o senhor Elsing encontram-se debaixo de prisão,

-Debaixo de prisão? Porquê? Por embriaguez? Se f ossem a prender todos os ébrios, a guarnição yankee passaria a vida no calabouço. Vamos capitão Butler, traga-o para dentro de casa... se é que s@ aguenta nas pernas. &arlett não podia conciliar as ideias com a rapidez devida e, nos primeiros momentos, não compreendeu nada daquela cena. Tinha a certeza de que nem Astiley nem Rhett estavam embriagados e sabia que Melanie pensava como ela. No entanto Mela@ie, em geral tão amável e distinta, estava ali a da@ espectáculo aos yankees, vociferando como se fosse uma megera e a dizer que Rhett e Ashley nem podiam dar passo com a bebedeira!

Seguiu~se curta discussão 'salpicada de palavrões, e daí a instantes um grupo subia a escada, tropeçando a cada degrau. Ashley surgiu na abertura da porta, lívido, de cabeça pendida para a banda desgrenhado e envolto na capa negra de Rhett. Hugh Ésing e Rhett Butler sustinham-no debaixo dos braços, e era evidente que, se OS outros não o segurassem, ele cairia por terra. Atrás vinha o oficial yankee, com ar desconfiado e divertido ao mesmo tempo. Deteve-se no limiar, com os soldados a espreitarem

341

- Io@W'

curiosos por cima do ombro dele. Pela porta aberta, o vento frio invadia a casa.

Assustada e intrigada, Scarlett, olhava para Melanie e para Asliley até que percebeu a verdade.

Esteve prestes a gritar: "Ele @ão está embriagado!" Mas conteve-se a tempo. Corripreendia agora que assistia a uma representação, a uma comédia de que dependia a vida de vários homens. Nem ela nem a tia Pítty tinham papel a desempenhar, mas todos os outros actuavam como actores numa peça bem ensaiada. Só isto compreendeu Scarlett, mas foi o bastante para se manter silenciosa.

- Sente-o nessa cadeira! -ordenou Melanie com voz indignada. - E o senhor, capitão Butler, saia daqui imediatamente! Parece incrível que ainda se atreva a vir a esta casa depois de pôr outra vez meu marido neste estado!

Os dois homens encaixaram Ashley no lugar designado, e Rhett, dando meia volta e agarrando-se ao espaldar da cadeira para não cair comentou para o capitão yankee, exprimindo-se com dificuldade: _ Eis uma bonita maneira de me agradecer, não acha? E isto depois de impedir que ele fosse parar à esquadra, de o ter levado a casa e de lhe aturar os berros e as tentativas de agressão.

- E você, Hugh Elsing, não tem vergonha? Que há-de dizer a sua pobre mãe? Embebeda-se, anda com... um amigo dos yankees, um Renegado como é este senhor Butler! E tu, Ashley... como pudeste proceder assim?

- Melly, não estou... tão bêbado como isso... - gaguejou Ashley; e logo pendeu para a frente e ficou com a cara escondida entre os braços apoiados na mesa.

- Archie, leve--o para o quarto e deite-o... como de costume. Por favor, tia Pitty, vá abrir~lhe a cama... Oli, oh!-Melanie desatou de súbito a chorar.-Oh! Como é que ele pôde... depois do que prometeu?

Archie já tinha o braço por cima do ombro de Ashley e Pitty já estava de pé, assustadae indecisa, quando interveio o capitão yankee.

Quando o sargento entrava na sala, armado de espingarda, Rhett pareceu fazer um esforço sobre si mesmo e, aproximando-se do oficial, -agarrrou-o pelo braço.

-Por que motivo o prende Tom? Ele não está com uma bebedeira por aí além. Já @ vi mais bêbado.

- Pouco me ralo com essa história de borrachos - retor-

342

quiou o capitão yankee. -Por mim, até podiam passar a noite na valeta. Não sou polícia. O caso é outro. Ele e o serhor Elsing têm ordem de prisão por cumplicidade num ataque da Klan a Shantytown, esta noite. Mataram dois homens, um branco e um de cor. O senhor Wilkes foi o instigador de tudo isso.

- Esta noite? Rhett desatou a rir. E tão forte foi o ataque de riso que ele teve de se sentar no sofá e tapar a cara com as mãos.

- Esta noite ' é impossível! -disse finalmente, quando conseguiu falar. - Ambos eles estiveram comigo toda a noite Tom! Bem sei que deviam ir a uma reunião, mas andá@ios juntos desde as oito horas.

- Consigo ' Rhett? Mas... -Franziu a testa e olhou para Ashley, que ressonava, e para a mulher deste, que continuava a chorar. - Mas onde estiveram?

- Custa~me a dizer... -retorquiou Butler, lançando a Melanie uma olhadela de alcoólico.

- É melhor dizê-lo!

- Vamos lá para fora, para se falar à vontade... -Não, diga aqui mesmo.

- Não pode ser na presença das senhoras. Se as senh<>ras saíssem da sala...

-Eu não saio -declarou Melanie, enxugando os olhos num gesto furioso. - Tenho o direito de saber. Onde esteve meu marido?

- Em casa de Belle WatlIng - explicou, por fim, Rhett Butler, baixando a vista. -Estavam também lá Hugh e Frank Kennedy, e o Dr. Meade... e uma data deles. Foi uma festa, uma linda festa, com champanhe, mulheres...

-Em casa... de Belle Watling? Melanie soltou tal grito de dor e espanto que todos se voltaram para ela. Levou a mão ao peito e, antes que Archie a socorresse ela tombou desmaiada. Seguiu-se grande confusão, Archie levantou-a, India correu à cozinha a buscar água, Pitty e Scarlett abanavam-na e davam-lhe palmadinhas nos pulsos. Hugh, dirigindo-se a Rhett, exclamava: -Veja o que fez, veja o que fez! -O pior é que se vai saber em toda a cidade - observou aquele. -Você Tom, é que tem a culpa. Amanhã não haverá mulher em Áfianta que esteja de bem com o marido. - Rhett, eu não pensava... - Embora o vento frio, entrando pela porta, o envolvesse, o capitão suava a bom suor.

343

-Oíça, você dá a sua palavra de honra que estiveram em casa da... da... Belle?

-Palavra de honra! Sé não acredita, vá perguntar à própria. Agora deixe-me levar a senhora W11.kes para o seu quarto. Dê-ma cá,, Archie. Sim, posso com ela. Tia Pitty, vá à frente com um candeeiro. iSem dificultde, Butler recebeu Melanie dos braços de Archie.

- Vá deitar o senhor Wilkes, Archie. Não quero tocar-lhe, depois do que se passou esta noite.

1 Pitty tremia de tal modo que o candeeiro na sua mão se tornava uma temível ameaça para o prédio; mas sempre conseguiu equilibrá-lo e lá foi vacilando até ao quarto. Archie passou um braço em torno do corpo de Ashley e ergueu-o.

- Mas... eu tenho de prender esses homens. Rliett voltou-se e disse ao capitão:

- Prenda-os amanhã de manhã. No estado em que estão não podem fugir. Em todo o caso, nunca ouvi dizer que fosse contrário à lei uma pessoa beber um pouco mais, no botequim. Há cinquenta testemunhas, Tom, que provam terem eles passado a noite no estabelecimento de Belle.

-E há sempre cinquenta testemunhas -redarguiu o capitão Jaffery - para declararem que tal sulista se encontrava precisamente onde não tinha posto os pés. Venha comigo ' senhor Elsing. Poresta noite deixo o senhor Wilkes em liberdade; confio na palavra áa...

- Sou a irmã de W11kes - participou India. - Res pondo pela sua apresentação. Agora, peço--lhes o favor de se retirarem. Por hoje já basta de complicações,

-Lastimo deveras -murmurou o oficial,-Espero que estes senhores possam demonstrar que estiveram na casa de... da senhora Watling. Diga ao seu irmão que se apresente amanhã cedo no preboste~mor, para ser interrogado.

India curvou a cabeça secamente e, pondo a mão no puxador da porta, convidou em silêncio o capitão a sair. -Este e o sargento retiraram-se, levando consigo Hugh Elsing, e India fechou então a porta e sem sequer olhar para Searlett, foi descer os estores 6s janelas. Com os joelhos a tremerem-lhe Scarlett agarrou-se à cadeira onde Ashley estivera sentad6 e, baixando a vista, descobriu no estofo do espaldar uma nódoa escura e húmida, mais larga

344

do que a sua mão. Surpreendida, passou os dedos por ela e viu que ficaram vermelhos e pegajosos.

- India - disse ela numa voz que a dor sufocava. -

AshIey está ferido. -

- Que novidade! Pensavas então que era bebedeira? A irmã de Ashley correu o último estore e foi ao quarto de dormir, seguida de Scàrlett, que mal podia respirar. Com o seu corpo imponente., Rhett impedia a entrada, mas Scarlett ainda conseguiu ver Ashley deitado, pálido e imóvel, Singularmente esperta para quem acabava de acordar dum desmaio, Melanie cortava-lhe a camisa cheia de sangue com a tesoura de bordar. Archie segurava o candeeiro acima da cama e tinha um dos dedos nodosos apoiado no punho do ferido.

- Está vivo? - perguntaram em uníssonos as duas mulheres.

Rhett esclareceu: -Desmaiou, apenas. Apanhou uma bala no ombro e perdeu muito sangue.

- Por que o trouxeram para aqui? - acudiu India. -

Vieram metê-lo: na boca do lobo.

-Estava muito fraco para viajar, minha senhora. Não se podia levá-lo para outra parte. Além disso... queriam vê-lo desterrado, como o Tony Fontaine? Preferem que os amigos todos vivam no Texas, sob nomes supostos, o resto da existência? Há muitas probabilidades de o livrar se a Belle...

- Deixe-me entrar! - voltou India., que não passara da porta.

-Não, senhora. Tem outra missão`a cumprir. É preciso que vá chamar um médico... mas não o Dr. Meade, que está implicado neste caso e, a esta hora, anda a contas com os yankees. Veja se descobre outro qualquer. Tem medo de sair sózinha, assim de noite?

-Não não tenho medo -declarou India Wilkes, cujos olhos cin@ilaram.

Pegou na capa de capuz `de Melanie, que estava no cabide da entrada, e disse em tom calmo, revelador no entanto do esforço que despendia:

-Vou procurar o Dr. Dean. Desculpe tê-lo tratado tão bruscamente. Eu não tinha percebido... Estou muito grata pelo que fez por meu irmão... o que não impede de antipatizar consigo.

345

- Aprecio a franqueza... e agradeço- respondeu Bufler, em cujos lábios errou um sorriso divertido. - Agora apresse-se e seja prudente. Se vir soldados de roda da casa, quando voltar não entre Índia lanç@u um olha*r angustiado ao irmão embrulhou-se na capa e, saindo pela porta das trasei6A, mergulhou nas trevas da noite.

Scarlett, diligenciando ver Ashley, que o vulto. de Rhett ocultava, sentiu recomençar a bater-lhe o coração ao notar que o ferido abria os olhos. Melanie pegou numa toalha dobrada, que estava na prateleira do lavatório, e aplicou-a no ombro do marido, que sorriu debilmente como para a tranquilizar.

Scarlett reparou que Rhett a fixava com olhar penetrante, mas não se importou disfarçar a angústia que o seu rosto exprimia. Ashley sangrava, talvez estivesse a morrer, e fora ela, que tanto o amava, quem lhe fizera aquele buraco no ombro. Desejaria correr para junto da cama, apertá-lo n--, braços, mas os joelhos tremiam-lhe de tal modo que f nem podia entrar no quarto. Com a mão na boca viu @@ anie pegar noutra toalha e premê-la na ferida com toda a fcrça, como se assim ludesse impedir que o sangue con- tinuasse a verter. Num instante, a toalha ficou vermelha. Como era possível uma pessoa perder tanto sangue e não morrer? Mas, graças a Deus, nenhum fio sangrento lhe corria dos lábios... Oli, aquela espuma rubra anunciadora da morte, aquela espuma que Scarlett tão bem conhecia desde o dia terrível em que depois da batalha de Peachtree Creek, ela vira os feridos @xpirar no jardim da tia Pitty!

- Ânime-se! -disse Rhett com voz dura onde se notava certa ironia. - Ele não morre, Pegue no candeeiro e alumie a senhora Wilkes. Preciso de Archie. Tenha várias coisas para ele fazer. '

Archie olhou para Rhett por cima do candeeiro. -Não recebo ordens do senhor -declarou, passando o ~o de tabaco que estava a mascar para o outro lado da boca.

-Fará o que o capitão Butler disser -observou Melanie, em voz severa, - Tudo o que ele disser. Pega no carideeiro, Scarlett.

Scarlett avançou e agarrou no candeeiro com as duas mãos, para não o deixar cair. Asliley tornara a fechar os olhos. O peito nu soerguia-se devagar e baixava rapida-

346

inente, e o sangue continuava a escorrer entre os dedos nervosos de Melanie. Confusamente, Searlett ouviu Archie atravessar o quarto e Rhett proferir algumas frases em voz baixa, mas, com a atenção presa em Ashley, só percebeu estas palavras:

- Monte o meu cavalo... amarrado lá fora... vá à desfilada

Ar@@ie fez quaisquer perguntas, a que Rhett respondeu:

- Na plantação do velho Sullivan. Encontrará as cogulãs no interior da chaminé maior, Queime-as.

- Hum - resmungou Archie.

- Está<) dois... homens no subterrâneo. Leve-os no cavalo conforme puder e coloque-os no meio do terreno vago que existe atrás da casa de Belle... o terreno que fica entre o prédio e a via férrea. Tenha cautela, Se alguém o vir, será enforcado como todos nós. Depois de os colocar nesse terreno, ponha duas pistolas ao lado deles... ou melhor, meta-lhes uma pistola na mão. Tome, aqui tem as minhas.

Scarlett ergueu os olhos e viu Rhett vasculhar sob as abas do casaco e puxar de duas pistolas, que Archie enfiou no cinto.

- Dispare um tiro de cada uma. P, necessário que aquilo tenha um ar de duelo. Compreende?

Archie fez que sim com a cabeça e no seu olho único brilhou uma centelha de admiração.

Mas se Archie compreendera, Scarlett é que não percebera @ada. Aquela última meia hora fora tão semelhante a um pesadelo que ela tinha a impressão de. que nada do que acontecesse podia ser acessível ao seu entendimento. Contudo, Rhett parecia estar senhor da situação, e isso já era alguma coisa.

Archie dispunha-se a partir quando se voltou e pers,=tou Rhett com o olhar, enquanto perguntava: n ele?

Archie soltou um grunhido e cuspiu no chão. Esta breve troca de palavras despertou os terrores de Scarlett e uma suspeita foi-se-lhe desenvolvendo no peito Pomo, uma bola de sabão. Quando, essa bola rebentasse...

-Onde está Frank? -bradou. Rbett aproximou-se do leito com aquele seu andar ágil e silencioso como o dum gato.

347

-Dê tempo ao tempo -murmurou, com um leve sorriso. - Segure o candeeiro ' Scarlett. Quer incendiar o senhor Wilkes? Oiça, Melly...

Melanie ergueu a cabeça como um bom soldado que espera uma ordem sem sequer reparar que, pela primeira vez, Rhett a tratar@ pelo nome que só a família e os velhos amigos empregavam.

- Desculpe... Eu queria dizer senhora Wilkes.

- Oh, capitão Butler, não me peça perdão! Sinto-me até muito honrada por me chamar Melly. n como se o senhor fosse meu irmão, ou primo, 15' muito bondoso e inteligente! Nunca lhe agradecerei bastante...

-Obrigado -atalhou Rhett, e, por momentos pareceu indeciso. - Foi excessiva liberdade da minha part@. Demais a mais estou penalizado por ter envolvido o senhor Wilkes, e os outros, nessa história da casa de Belle Watling... Mas tive de inventar qualquer coisa enquanto galopava, e só me ocorreu esse plano. Convenci-me de que daria resultado, porque tenho muitos amigos entre os oficiais yankees. Fazem o favor de acreditar na minha palavra, como se fosse deles, devido à... como direi?... à minha impopularidade entre os habitantes da cidade. E eu, de facto, estive ao,começo da noite a jogar ao poker nesse estabelecimento. Há uma dúzia de soldados yankees que o podem testemunhar. E Belle e as raparigas terão muito prazer em mentir, dizendo que o senhor Wílkes e os companheiros se encontraram toda a noite no andar de cima. Os yankees não duvidarão. São esquisitos! Nem lhe ocorre pensar que as mulheres daquela... profissão possam ser patriotas abnegadas. Os yankees não acreditariam uma palavra das senhoras sérias de Atlanta a respeito do que se passou esta noite, mas são capazes de crer firmemente nessas mulheres que... Julgo, pois, que salvaremos os nossos amigos, utilizando o testemunho dum Renegado e de uma dúzia de damas de vida fácil.

Rhett proferiu as últimas palavras com um sorriso sardónico que logo se desvaneceu quando Melanie ergueu para ãe a face radiante de gratidão.

-Capitão Bufler, o senhor é uma jóia. Podia até dizer que eles tinham passado a noite no Inferno que eu não me importaria, contanto que isso os salvasse. Eu sei perfeitamente que meu marido nunca pôs os pés nesse antro temível.

348

- Mas... - voltou Rhett, um tanto embaraçado - o seu marido esteve de facto esta noite em casa de Belle.

Melan'e mudou de expressão.

- Nunca me fará acreditar em semelhante peta!

- Perdão, minha senhora, deixe-me explicar. Ao chegar a casa do Sullivan, encontrei ferido o senhor Wilkes. Estavam com ele Hugh Elsin., o Dr. Meade e o velho Merriwether...

- O quê? O velho Merriwether?! -exclamou Scarlett, incrédula.

- Os homens nunca são muito velhos para fazer toli-@ces. Estava lá também o seu tio Henry...

-Jesus! -gemeu a tia Pitty.

ZI,

- Os outros tinham-se dispersado depois da escaramuça com os soldados, mas os que ficaram dirigiram-se para casa do Sullivan a fim de esconder as cogulas e verificar o estado do senhor Wilkes. Se ele não estivesse ferido, iriam já a caminho do Texas, mas assim não suportaria tão longo trajecto a cavalo, e os outros não quiseram abandoná-lo. Tornava-se indispensável fornecer-lhes um alibi, e por isso os levei por atalhos a casa de Belle Watling. -

-Ah, compreendo! Peço-lhe desculpa da minha grossaria, capitão Butler. Mas... não os viram entrar?

-Não ninguém nos viu. Fomos pela entrada das traseiras qu@ dá para a linha férrea. Esse lado está sempre às escuras e a porta conserva-se trancada.

-Então como ... ?

Tenho a chave - declarou Rhett, fitando Melanie sem pestanejar,

O significado que esta revelação comportava causou tal embaraço a Melanie que ela se pôs a remexer desajeitadamente na toalha e acabou por deixar a ferida a descoberto.

-Não lhe fiz a pergunta com ideia de me intrometer na sua vida - disse, ruborizada, apressando-se a colocar a compressa no seu lugar.

- Lastimo ter de falar destas coisas a uma senhora. "Então é verdade o que dizem!" pensou Scarlett, que sentiu um estranho aperto de coração. "Vive com aquela criatura! Ele é que é o proprietário da tal casa!"

- Expliquei a Belle toda a questão. Dei-lhe uma lista dos suspeitos, para que ela e as raparigas confirmem que esses homens passaram a noite na sua companhia. Para tornar mais notada a nossa salda, Belle chamou os dois

349

sujeitos que lá tem para manter a ordem no estabelecimento. Improvisou-se uma cena de pugilato, e fizeram-nos descer a escada de escantilhão atravessar o botequim, e puseram-nos na rua como ébri6s barulhentos que estivessem a perturbar o sossego do local... O Dr. Meade não era bêbado muito convincente -acrescentou Rhett ' sorrindo.

- Feria-lhe a dignidade encontrar-se em semelhante lugar. Em compensação, seu tio Henry e o velho Merriwether foram perfeitos. O teatro perdeu dois grandes actores por eles nunca se lembrarem de se apresentar no palco... Pare-

6am divertidíssimos com o caso. Receio bem que seu tio Henry apareça amanhã com um olho negro devido ao zelo com que Merriwether interpretou o seu papel. Ele...

Abriu-se a porta do corredor e India entrou, seguida do velho Dr. Dean 'com a sua comprida cabeleira branca em desordem e a sua maleta de coiro na mão. Baixou a cabeça num breve cumprimento e, sem proferir palavra, tirou a compressa do ombro de Ashley.

- Muito em cima para ser no pulmão - declarou. - Se a clavícula não foi atingida, não há gravidade. Tragam-nos todas as toalhas que houver., e algodão, se tiverem. E um pouco de aguardente.

Rhett desembarçou Searlett do candeeiro, que ele pousou na mesa, enquanto Melanie e India se apressavam a obedecer às instruções do médico.

-Não é precisa aqui. Vá sentar-se junto do fogão da sala. -Meteu o braço no de Scarlett e levou-a para fora do quarto. Nos gestos e na voz havia uma doçura que não lhe era habitual. -O dia de hoje foi mau para si, não é verdade?

Scarlett deixou-se conduzir e, embora se encontrasse defronte do fogão aceso, pôs-se a gritar. A suspeita, aquela bola que a oprimia, ia-se-lhe alastrando dentro do peito. Já não era suspeita, era quase uma certeza, uma terrível certeza.

Durante uns momentos esteve de olhos fixos na cara impenetrável de Rhett, sem poder falar, até que perguntou:

- Frank esteve em casa... de Belle Watling?

- Não. - A voz de Rhett era brusca. - Archíe deve estar a levá-lo para o terreno vago que fica atrás da casa de Belle. Morreu. Penetrou-lhe uma bala na cabeça.

350

46

POUCAS famílias do extremo norte da cidade dormiram naquela noite, porque as notícias sobre o desastre sucedido aos da Man assim como as relativas ao estratagema de Rhett, se espalharam pelas traseiras da casa, anunciadas em voz baixa por India Wilkes, que ia bater às portas das cozinhas e desaparecia outra vez no escuro e no vento. E atrás dela ficou a angústia e a esperança.

Do exterior, as casas pareciam sem luz e silenciosas, mas, lá dentro, conversou-se com animação até de madrugada, procurando no entanto não despertar a atenção de quem passasse na rua. Estavam dispostos a fugir não só os homens que haviam tomado parte no assalto como também os outros membros da Klan. Em quase todas as estrebarias da Peachtree Street esperava um cavalo com pistolas nos coldres e mantimentos nos alforges. O recado transmitido por India é que evitara o êxodo geral: "O capitão Butler recomenda que fiquem. As estradas devem ter patrulhas. Ele combinou com a tal Watling". Em quartos escuros, ouviam-se os homens murmurar: "Por que hei-de fiar-me nesse renegado do Butler? Talvez seja uma armadilha". E em seguida vozes de mulheres que suplicavam: "Não partas. Se ele salvou Ashley e Hugh, é que vai salvar também os restantes. India e Melanie têm confiança nele". Deste modo ficaram, tanto mais que não havia outra solução. Ao começo da noite, os soldados tinham batido a uma dúzia de portas, e os moradores que não souberam ou não puderam dizer onde haviam estado aquelas últimas horas ficaram presos e conduzidos debaixo de escolta. Entre os que tinham voz de prisão contavam-se René Picard e um dos sobrinhos da senhora Merriwether, e os irmãos Jimmonds, e Andy Bonnel. Embora tomassem parte na execução da Man, separaram-se dos outros depois da escaramuça com a tropa e dirigiram-se a toda a brida, para as respectivas casas, onde os foram buscar antes que soubessem do plano de Rhett. Felizmente que responderam às perguntas que lhes fizeram com a declaração unânime de que não tinham de dar contas da sua vida a ninguém. E, à espera de mais completo interrogatório na manhã seguinte, lá ficaram fechados na cadeia. O velho Merriwether e o tio Henry

351

disseram sem reboço que tinham estado em casa de Belle, e, quando o capitão Jaffery, revoltado, lhes observara que já não eram novos para aquele gênero de distração, por um pouco chegaram a vias de facto com ele.

A Watling, em--pessoa, recebeu o capitão à porta do estabelecimento e, antes que o oficial participasse o fim da sua visita, ela gritou alto e bom som que já tinha fechado o expediente. Mas sempre contou que na sua casa houvera uma rixa de bêbados, os quais puseram tudo em pé de guerra, partindo espelhos e assustando as raparigas, de maneira que fora decidido não receber mais ninguém nessa noite. Em todo o caso, se o capitão Jaffery quisesse tomar qualquer coisa...

O capitão compreendeu que estava a cair no ridículo, pois a história emaranhava-se cada vez mais. E, furioso, declarou que não queria beber nem ouvir o depoimento das empregadas; bastava que lhes dissessem o nome dos clientes mais desordeiros. Ora Belle Watling conhecia-os muito bem. Eram frequentadores das quartas-feiras, e até lhes chamavam os Democratas da Quarta-Feira. Ignorava,

porém, se isso tinha qualquer significado especial. Se não pagassem os prejuízos causados no primeiro andar, seriam por esse facto chamados à Justiça. O seu estabelecimento era respeitável, e... Ah, os nomes deles?! Belle, sem dificuldade, enumerou doze. Jaffery esboçou um sorriso amarelo.

-Esses malditos rebeldes estão tão bem organizados como o nosso serviço secreto, Você e as suas raparigas terão de comparecer amanhã diante do preboste-mor.

-E ele obrigará os arruaceiros a pagarem-me os prejuízos?

- Peça a Rhett Bufler que a reembolse. No fim de contas, ele é que é o proprietário...

Antes de amanhecer, todas as famílias dos ex-confederados estavam ao corrente da situação. Os antigos escravos, a quem nada disseram, também sabiam tudo graças a um sistema de comunicação estabelecido há muito tempo entre eles. Ninguém ignorava os pormenores do assalto, a morte de Frank Kennedy e de Tommy Wellburn, e o ferimento que Ashley recebeu ao transportar o corpo de Frank. As mulheres já desculpavam um pouco a Scarlett ter sido a causa da tragédia, atendendo à morte do marido;

352

r-,,

mas, enquanto não descobrissem o, cadáver deste, ela devia fingir que ignorava aquele triste desfecho. Cada qual com um revólver preso nos dedos frios, Frank e Tommy jaziam num terreno desocupado coberto de ervas secas. Quando os vissem assim, os americanos declarariam que, depois de se terem embriagado, eles se haviam ferido mortalmente em duelo, por causa duma rapariga do estabelecimento de Belle. Todos lamentavam muito a sorte de Fanny, que acabava de ser mãe, mas ninguém se atrevia a sair de noite para a ir consolar, porque a casa estava cercada por um pelotão de soldados yankees, que esperavam o regresso de Tommy. Também de volta da residência da tia Pitty havia militares a aguardarem que Frank voltasse.

Logo de manhã muito cedo espalhou-se o boato de que as autoridades militares procederiam nesse mesmo dia a um inquérito. Os habitantes da cidade, com evidentes sinais no rosto daquela noite passada em claro, souberam que dependia de três coisas a salvação dos mais eminentes dos seus concidadãos: a possibilidade de Ashley Wilkes aparecer em público e ir ao tribunal como pessoa que sofre apenas duma dor de cabeça depois de copiosas libações; a confirmação a fazer por Belle Watling de que os indicados haviam passado a noite em sua casa; e enfim, a afirmação a prestar por Butler de que também tomara parte na orgia.

Ao reflectir nestas duas últimas condições, a gente de Atlanta estremecia de indignação. Ficar devendo a Belle Watling a vida daqueles homens! Era intolerável. E muitas mulheres que se tinham desviado na rua ao verem aparecer aquela criatura, pensavam agora se ela ainda se lembraria disso, e só de o pensarem ficavam com suores frios. Os homens sentiam menos humilhação em deverem esse favor à conhecida mundana, poris que a consideravam, afinal, como uma pessoa corajosa. Afligiam-se mais por terem de mostrar gratidão a Rhett Butler, a quem chamavam especulador e renegado. Belle, a mulher mais célebre da cidade; Rhett, o homem mais odiado da mesma. Eis as criaturas a quem se tornava necessário mostrarem-se agradecidos,

Havia outro pensamento que lhes provocava uma cólera impotente: era a ideia de que os yankees e os Sacolas se iam rir à custa dos sulistas. Ah, que motivo de chacota saber que doze cidadãos respeitáveis de Atlanta eram clien-

25 - Vento Levou - 11

353

tes assíduos do estabelecimento de Belle, que dois de entre eles se haviam batido em duelo de morte por uma rapariga de vida fácil, que os outros tinham sido postos na rua por estarem demasiadamente bêbados para que Belle os tolerasse e que alguns dos prisioneiros iriam negar a sua complicitação na pândega, quando os outros os acusavam de seus companheiros de estúrdia! Atlanta fazia bem em reear a troça dos yankees, que tinham sofrido durante muito tempo a frieza e o desprezo dos sulistas. Era altura de se vingarem, dando, livre curso à gargalhada!

Os oficiais acordavam os seus camaradas e contavam-lhes pormenores do caso. Os maridos despertavam as mulheres e diziam-lhes o que se podia decentemente dizer-lhes. E elas, vestindo-se à pressa, iam bater à porta das vizinhas para relatarem por sua vez o sucedido. As senhoras yankees estavam encantadas com tudo isso e riam até chorar. Aí tinham, pois, o cavalheirismo dos homens do Sul! Decerto que estas damas arrogantes que lhes voltavam a cara e evitavam toda a espécie de relações sociais, se sentiriam daí por diante menos dispostas a dar mostras do seu orgulho. Toda a gente sabia de que espécie eram os maridos, que fingiam estar em reuniões políticas, e afinal passavam o tempo nos botequins de má fama.

Embora, porém, se rissem, as senhoras yankees condoíam-se de Searlett e do seu drama. No fim de contas, ela era uma senhora e das poucas que evidenciara simpatia pelas nortistas. Admiravam-na em especial pelo facto de se entregar ao trabalho, visto que o marido não queria, ou não podia, sustentá-la dignamente. E, ainda que ele fosse tão merecedor de apreço como a mulher, não deixava no entanto de ser triste para esta saber ao mesmo tempo que ele a enganara e que já não pertencia ao número dos vivos. Aliás' mais valia sempre ter um mau marido, do que não ter nenhum, e as senhoras yankees deliberaram dobrar de atenções para com a infeliz Scarlett. Quanto às outras, as senhoras Meade, Merriwether, Elsing, a viúva de Tommy Wellburn e - em especial, a mulher de Ashley Wilkes, as nortistas rir-lhes-iam na cara sempre que as encontrassem. Isto ensinar-lhes-ia a serem mais cortesias. A maior parte dos comentários que se faziam nas casas do extremo norte da cidade, naquela noite, eram igualmente deste gênero. As senhoras de Atlanta declaravam

354

redondamente aos maridos que pouco lhes importava o conceito em que as tinham as yankees mas no Intimo diziam preferir sofrer tormentos físicos @ terem de suportar a risota daquelas sem lhes poderem revelar a verdade.

O Dr. Meade, ofendido na sua dignidade e furo com Rhett por este haver brincado com ele e com os outros, confessou à mulher que se não fora a circunstância de comprometer os amigos: preferiria pôr tudo em pratos limpos e ser enforcado.

- 15, uma ofensa para ti - concluiu - isto de se espalhar que estive em semelhante casa.

-Mas todos sabem que não estavas lá para... para...

- Os yankees nunca o saberão. Se queremos salvar a pele temos de fingir o que se conta por aí. E não-de rir-se de @ós! Esta ideia contende-me com os nervos. E é injuriosa para ti, minha querida, porque... porque nunca te ,enganei.

- Sei muito bem - replicou sorrindo, a senhora Meade, pegando na mão do doutor. - Mas antes queria que fosse verdade a ver-te exposto ao menor perigo.

-Compreendes o que estás a dizer? -volveu ele, surpreendido com a abnegação da mulher.

-Sim, compreendo. Perdi Darey e Phil. Tu és a única pessoa que me resta e por isso preferia que frequentasses essa casa a saber-te ameaçado, de qualquer desgraça.

- Nem sabes o que dizes!

- Tu é que não sabes - replicou a senhora Meade, em voz suavíssima, encostando a cabeça ao ombro do marido.

O doutor acariciou-lhe a face e remordeu em silêncio a sua indignação. Mas de súbito, esta rebentou de novo.

-E ter de ficar re@onhecido a esse Butler! Ser enforcado não é nada em comparação com este suplício.

- Melly diz que ele se alistou depois da rendição de Atlanta.

- P, mentira, Melly acredita em tudo. O que eu não compreendo são as razões que o impeliram a fazer o que fez. Por que se meteu neste caso? Custa-me a dizê-lo, mas sempre constou por aí que havia qualquer coisa entre ele e a senhora Kennedy. O ano passado, vi-o muitas vezes juntos de carruagem. Deve ter feito aquilo. por causa dela.

- Por causa de Scarlett? Não. Se assim fosse, Butler nem levantaria um dedo para salvar os outros...
Ficaria
355

contentíssimo só com a ideia de que Frank seria enforcado. Cá na minha, acho que foi por causa de Melly.

-Não venhas -insinuar que há o que quer que seja entre ambos!

-Tens cada uma! Mas lembra-te de que ela' tomou amizade a Bufler desde que ele tentou intervir a favor de Astiley durante a guerra. E devo dizer em seu abono: nunca vi aquele homem sorrir com o -seu sorriso detestável na presença de Melly. Pelo contrário, mostra-se simpático, ponderado, muito diferente do que costuma ser. A avaliar pela maneira como se porta com a Melly, chega-se à conclusão de que ele, se quisesse, seria uma pessoa correcta. Tenho cá a impressão de que fez aquilo... -

A senhora Meade interrompeu-se.-A minha ideia não te vai agradar...

-Nada me agrada em toda esta história. -Tenho a impressão de que fez aquilo em parte por causa de Melly, mas, sobretudo, porque quis pregar uma partida a todos nós. Nunca escondemos a nossa antipatia por Butler, e ele, para se vingar arranjou-nos este dilema: ou confirmar a, estadia na casa'dessa tal Watling e fie-ar desonrado aos olhos dos yankees, ou dizer a verdade e deixar-se enforçar. E sabe que, para não ficarmos a dever favores a ele e à... amante, quase achamos a força preferível. O que não, tem gozado com esta situação!

- Parecia realmente muito divertido quando !amos a subir a escada do prédio- resmungou o médico.

- Como é... - A senhora Meade hesitou. - Como é a casa por dentro?

-Que estás a dizer? -Como é a, casa de Watling? Tem lustres de cristal, e reposteiros de veludo encarnado, e uma porção de espelhos com moldura dourada? E as mulheres... andam despidas?

- Deus do Céu! - exclamou o doutor pasniado. Nunca pensara que fosse tão ávida a curiosidade duma criatura virtuosa acerca das suas irmãs impuras. - Como é possível que formules semelhantes perguntas? Não estás em ti, com certeza. Precisas dum calmante.

- Não quero calmantes. Quero é saber.]@: a única oportunidade que tenho de ficar a fazer ideia de como são aquelas casas, e és tão maldoso que não queres dizer nada!

- Julgas que reparei nalguma coisa? Estava muito

356

aflito por me ver em semelhante lugar para que pudesse reparar no que se passava à minha volta- respondeu o médico, mais sobressaltado agora pela inesperada revelação do carácter da esposa do que na agitada noite anterior.-Desculpa, mas vou ver se durmo. Preciso de descanso.

- Está bem, vai dormir-disse a mulher, descoroçoad. Quando o médico se baixava par-a descalçar as botas, a voz da senhora Meade ressoou no quarto, com certa animação.

- A Dolly deve ter arrancado muita coisa do velho Merriwether, e através dela saberei tudo.

- Santo Deus! Queres dizer com isso que as senhoras decentes conversam de tais assuntos?

- Deita-te e cala-te - respondeu a senhora Meade.

Choveu e caiu granizo no dia seguinte; mas, ao fim da tarde, desencadeou-se uma ventania que fez parar o aguaceiro. Embiocada no seu casarão, Melanie, muito intrigada, desceu o passeio do jardim atrás dum cocheiro preto que ela não conhecia e lhe viera pedir com ar de mistério que o acompanhasse a uma carruagem fechada que parara defronte da casa.

Quando se aproximava viu abrir-se a portinhola do carro e percebeu o vulto 6ma mulher sentada lá dentro.

-Deseja falar comigo? - perguntou Melanie, antes mesmo de chegar junto dela. - Não quer entrar em minha casa? Está tanto frio!

- Não, obrigada. Sente-se aqui a meu lado uns momentos, senhora Wilkes - propôs uma voz um tanto embaraçada, vinda das profundezas da carruagem.

- Ah, é... a senhora Watling! - exclamou Melanie. -

Estava com tanto desejo de lhe falar! Tem de vir a minha casa.

- Não 'não! É impossível! -protestou Belle Watling, como se escandalizada com o convite. - Suba e sente-se aqui.

Melanie entrou na carruagem, cuja portinhola o cocheiro logo fechou, e, depois de abancar junto da mulher, pegou-lhe na mão.

- Como poderei agradecer-lhe tudo o que fez hoje? Como havemos de. lhe demonstrar a nossa gratidão?

-A senhora não devia ter-me enviado aquele bilhete

357

esta manhã. ginto--me muito honrada por se dignar escrever-me, mas os yankees podiam a panhar o bilhete, E quanto a falar em visitas de agradecimento... Oh, senhora Wilkes, não deve estar boa de cabeça para se lembrar de me fazer uma visita! Assim que escureceu vim aqui para a dissuadir de semelhante Wela. Porque eu... e a, senhora... Enfim, seria inconveniente.

- Inconveniente visitar e agradecer a uma mulher bondosa ter salvado o meu marido?

- Oli, senhora Wílkes! Sabe muito bem o que eu quero dizer,

Melanie calou-se uns momentos, embaraçada com aquela observação. No entanto, essa bonita rapariga., vestida com sobriedade' não correspondia à imagem que ela fazia duma criatura de má vida e, para mais, dona duma casa de meretrizes. Não teria um aspecto fino, mas era simpática e deveras cordial,

-Portou-se hoje lindamente no preboste-mor, senhora. Watling, E as outras raparigas também.

Todas concorreram para salvar a vida dos nossos homens.

-O senhor Wilkes é que se portou às mil maravilhas. Custa-a crer como é que ele teve forças para se aguentar de pé e fa7er as suas, declarações, e ainda, por cima conservar o sangue-frio. Ontem à noite, quando o vi, sangrava que fazia dó. Está melhor, não é verdade, minha senhora?

-Está obrigada. O médico diz que foi uma ferida superficial' embora deitasse muito sangue. Esta manhã... teve de tor@ar umas bebidas fortes sem o que não poderia manter-se. Mas foi a senhora, re@ito, quem os salvou a todos. Quando se encolerizou, queixando-se da mobília quebrada... parecia que era mesmo a valer!

-Obrigada, senhora Wilkes, mas creio que o capitão Butler não ficou atrás de mim...

- Ah, esse foi estu Pendo! - declarou Melanie, entusiasmada. - Os yankees não desconfiaram nem um instante.

O capitão orientou tudo -tão bem... Não lhe agradecerei bastante, @a ele, nem a si, igualmente. Foi tão generosa!

-Mais uma vez obrigada. Fiz isso com o maior prazer. Espero... não se tenha zangado por eu dizer que o senhor Wilkies era um dos frequentadores da minha casa. Bem sabe que ele nunca lá tinha ido...

- Sei, sei. Como é que podia zangar-me? O que fiquei foi bastante grata.

358

- Aposto que as outras senhoras se ofenderam - observou Belle, com uma pontinha de rancor, - E que se ofenderam também com o capitão Butler. Hã"e o detestar ainda mais! Nenhuma delas me agradecerá, como a senhora fez. As outras, quando me encontrarem na rua com certeza que voltarão a cara. Não me importo. Tant@ me fazia, afinal, que os maridos fossem enforcados ou não. Com o senhor Wilkes o caso é diferente. Nunca me esqueço do dinheiro que a senhora deu para o hospital, durante a guerra. Nunca houve ninguém assim tão amável comigo, e eu não sou das que esquecem os favores. E então, pensando que a senhora ficava viúva com um lindo rapazinho órf ão... Eu também tenho um filho...

- Ah, tem?! Ele vive na...

- Não, senhora, não está em Atlanta. Nunca veio cá. Interneí-o num colégio. Era ainda tão pequenino quando o vi pela última vez! Mas não falemos dele. Pois, como dizia, quando o capitão Butler me pediu que jurasse falso, eu quis saber quem eramesses senhores. Ao ouvir o nome do senhor Wilkes, não hesitei. Chamei as raparigas e recomendei-lhes: "Desgraçada daquela de vocês que não afirmar que o senhor Wilkes esteve aqui toda a noite!"

- Oh! - exclamou Melanie, embaraçada com o rumo da conversa. - Foi muita bondade da sua parte... e da parte delas.

- A senhora merecia isso - insistiu Belle. - Mas não fazia uma coisa destas por mais ninguém. Por exemplo, o marido da senhora Kennedy. Nem que o capitão Butler me rogasse de joelhos,

- Porquê? - Ora... as pessoas como eu ouvem muita coisa. Há muitas senhoras que haviam de cair das nuvens se eu lhes dissesse o que sabia da vida de cada uma. Não me agrada muita essa senhora Kennedy. Se não matou o marido nem esse rapaz Wellburn, coitado, foi o mesmo que se o fizesse. Ela é que teve a culpa. Tanto se mostrou pelas ruas de Atlanta, que os pretos perderam a cabeça. Os pretos e alguns brancos de má casta. Olhe, nenhuma das minhas raparigas...

- Não diga mal da minha cunhada - acudiu Melanie, em voz mais ríspida.

Belle pôs a mão no braço de Melanie, mas retirou-o logo.

- Não se zangue, senhora, Wilkes. Eu ficava triste,

359

depois das coisas agradáveis que me disse. Esqueci-me de que gostava tanto dela e arrependo-me de ter falado assim. Tive muita pena do senhor Kennedy, que era um homem sério. Comprei no seu armazém muitas coisas para a minha casa e fui sempre tratada com deferência. Agora, quanto à mulher dele... não é como a senhora Wilkes. Tem outros sentimentos menos amigáveis. Quando é o enterro do senhor Kennedy? _ Amanhã de manhã. Mas olhe que se engana a respeito da senhora Kennedy. Nesta ocasião, ela está verdadeiramente abatida.

- Acredito - voltou a Watling, num tom pouco convincente. - Bem, agora tenho de ir. Receio que alguém veja aqui a carruagem, se me demorar mais tempo. Olhe, se me encontrar na rua... não é obrigada a reconhecer-me. Eu compreendo essas coisas.

- Terei muito, gosto em falar-lhe, - em lhe mostrar a minha gratidão. Conto... conto que nos tornaremos a ver.

- Não, senhora - retorquiu Belle. - Não seria conveniente.

47

SCARLETT refugiara-se no seu quarto e enquanto debicava o jantar que Babá lhe levava num tabuleiro, escutava os uivos do vento na escuridão da noite. Era assustadora a calma que reinava dentro de casa, calma ainda maior do que algumas horas antes, quando o cadáver de Frank jazia na sala. Ao menos nessa altura ouvia-se andar em bicos de pés e falar em voz baixa; soavam pancadas discretas na porta da rua, a anunciar a chegada de vizinhos que vinham apresentar condolências e, de vez em quando, um soluço lembrava a existência da irmã de Frank que abalara de Jonesboro para assistir ao funeral.

Agora o silêncio envolvia a casa. Se bem que tivesse deixado a porta aberta, Scarlett não sentia o mínimo rumor no andar de baixo. Tinham levado Ella e Wade para a residência de Melanie e Scarlett lastimava agora não ouvir os passos do pequeno e a garrulice da filha. Havia tréguas na cozinha; pela primeira vez Peter, Babá e a cozinheira não altercavam. A própria tia Pitty, sentada no escritório, evitava os rangidos da cadeira de baloiço, por deferência para com o desgosto da sobrinha.

360

Julgando que ela queria estar sozinha com a sua dor, ninguém se atrevia a perturbá-la; afinal, o que Scarlett queria era estar acompanhada. A solidão não a afligia se fosse só o desgosto que a

atormentrasse; suportá-lo-ia como suportara tantos outros. Mas, além do pesar pela morte de Frank, ela tinha medo e o despertar brutal da consciência infligia-lhe um verdadeiro suplício. Como nunca até então lhe acontecera, arrepentia-se de certas das suas acções, e os remorsos revestiam a forma de receio supers, ticioso que a levava a lançar a cada instante olhares furtivos ao leito que compartilhara com o marido.

Fora ela a causadora da morte de Frank! Sentia-se tão assassina como se lhe houvesse disparado um tiro na cabeça. Frank suplicara-lhe que não saísse sózinha, mas não o escutara, e a sua obstinação tivera aquele resultado. Deus havia de ia castigar por isso. Entretanto a consciência censurava~lhe qualquer coisa ainda mais grave, que lhe fora revelada quando se inclinara sobre o rosto do defunto. Naquela face imóvel, descobrira uma expressão dolorosa como que uma acusação. Deus também a punira de have@ casado com Frank quando era Suellen que ele amava. Teria um dia de comparecer diante do Juiz Supremo e responder pela mentira que forjara para conseguir o casamento.

Eram agora inúteis os argumentos de que o fim justifica os meios de que a necessidade a obrigara a recorrer à mentira, â@ que dependia dela a sorte de muita gente para que se fosse preocupar com os direitos de Suellen e a felicidade de Frank. A verdade evidenciava-se em letras de fogo, e ela não a podia suportar. Casara com Frank a sangue-frio, e a sangue-frio se aproveitara dele. Nos últimos seis meses tornara a sua vida num inferno quando podia ter-lhe proporcionado uma existência akradável. Deus puni-la-ia por não se haver mostrado mais amável com o marido; fá-la-ia pagar as maldades, os acessos de cólera, as observações mordazes; castigá-la-ia por ter indisposto Frank com os seus amigos, por o ter envergonhado com a sua insistência em gerir as fábricas, fundar um botequim e empregar forçados no trabalho.

Tornara-o infeliz e sabia-o; ele, porém, tolerara tudo como um cavalheiro. A única alegria que lhe dera Iora presenteá-lG com uma, filha. E não ignorava que, se depen-

361

desse da sua vontade, a pequena jamais teria vind<3, ao mundo.

Aterrada com estes pensamentos, estremeceu de novo e desejou que Frank fosse ainda vivo para o compensar dos sofrimentos à força de carinhoss. Ao menos se Deus não se mostrasse tão implacável! Se os, minutos não decorressem tão lentamente, se a casa estivesse menos silenciosa! Se a sua solidão pudesse ser menos completa!

Melanie, se se encontrasse acolá, acha-ria me!o, de lhe apaziguar a angústia. Mas Melanie estava em casa a tratar de Ashley. Scarlett ainda pensou chamar Pittypatt, mas a presença de Pitty só agravaria a situa à . ção, pGis a velhota chorava profundamente a morte de Frank. Este, pela idade' estava mais próximo dela do que Scarlett, e entre ambos havia grande amizade. Pitty sempre desejara, ter "homem na casa" e ele desempenhara muito bem esse papel, 'trazendo-lhe muitos presentes, comunicando-lhe novidades inofensivas, contando-lhe histórias e lendo-lhe o jornal ao serão enquanto ela lhe passajava peúgas. Pitty era cheia de cuidados para com ele, dedicava-lhe pratos especiais, mimava-o durante as suas inúmeras constipações. Agora carpia-o amargamente e não cessava de repetir, enxugando os olhos: "Se ele não tivesse saído com os da Klan ... "

Se Scarlett, descobrisse@ alguém que a pudesse consolar, acalmar-lhe os terrores, explicar~lhe donde provinham aquelas an~ias confusas que lhe apertavam a coração como numa prensa! Se ao menos Ashley... Mas este pensamento atemorizava-a. Ela quase matara Ashley tal como matara Frank. E se aquele algum dia soubesse c@mo Scarlett mentira ao futuro marido, se tivesse conhecimento de quanto fora má para cQm, ele, Ashley já não, lhe poderia ter amor. Ashley era tão honesto tão leal, tão bondoso, e possuía um modo tão seguro de'julgar! Se conhecesse a verdade toda, talvez ainda a compreendesse. Sim, compreenderia, mas deixaria de a amar. Portanto, devia ignorar a verdade, para que continuasse a amá-la. Como podia ela viver se a privassem do, seu amor, fonte da sua força? E, no entanto, que alívio seria poisar-lhe a cabeça nor ombro, chorar e abrir-lhe o coração culpado!

O silêncio da casa oprimia-a, de tal maneira que Scarlett se sentiu incapaz de suportar mais tempo a solidão sem a ajuda dum estimulante. Levantou-se cautelosamente,

362

encostou a porta, e pôs-se a vasculhar a última gaveta da cómoda. De baixo duma pilha de roupa, tirou uma garrafa de aguardente furtada à tia Pitty, o seu "remédio para os deliquios", e ergueu-a ao nível do candeeiro. Estava meio vazia, Seria possível que tivesse bebido tudo aquilo desde a noite anterior? Deitou boa porção no copo dos dentes e despejou--o num trago, Teria de substituir por água o que faltava na garrafa e repô-la na frascueira antes da manhã seguinte. Babá afadigara-se em vão a ptocurá-la pouco antes do enterro para matar a sede aos gatos-pingados e, na cozinha, a atmosfera estava carregada de electricidade ' pois que já pairava a desconfiança entre Babá, Peter e a cozinheira.

A aguardente c-piusou-lhe uma agradável sensação de queimadura. Nada como aquilo para reanimar uma pessoa. Melhor, muito. melhor do que o vinho insípido. Por que haviam de proibir aguardente às mulheres e permitir-lhes vinho? Na altura do enterro a senhora Merriwether e a, senhora Meade tinham dado bem a entender que ela cheirava a álcool, pois notara o olhar de triunfo que ambas haviam trôeado. Ora o diabo das velhas!

Scarlett bebeu nova golada. Pouco lhe importava que ficasse um pouco tocada essa noite. Dai a instantes iria para a cama, e gargarejaria água-de-colónia antes de Babá vir ajudá-la a despir-se. A sua pena era não poder embriá, gar-se como fazia Gerald, de vez em quando. Se ela se embebedasse, talvez conseguisse esquecer o rosto emaciado, de Frank, que parecia acusá-la de lhe ter estragado a vida e ser a causa da sua morte.

Os outros considerá-la-lam responsável pela morte do marido? Não havia dúvida que a tinham tratado com certa frieza durante o enterro. As únicas pessoas expansivas nas condolências foram as mulheres dos oficiais yonke,es coní quem ela. se encontrara por via de negócios. Ora, pouco se ralava com o que diziam a seu respeito! Como isso era insignificante em relação às contas que-teria de prestar a Deus!

Este pensamento incitou-a a. tomar terceiro capo. Sentia agora espalhar-se pelo corpo um calor agradável, mas continuava sem pod(=r afastar da ideia a imagem de Frank. Que estupidez a dos homens afirmar que C> álcool faz esque~ cer tudo! A menos que bebesse até cair no chão, veria. sertipre Frank tal como o vira na última vez em que o marido

363

lhe pedira que não saísse sozinha, um Frank tímido, desgostoso, de- olhar carregado de censura, Alguém bateu na porta da rua, e as pancadas ecoaram na casa silenciosa., Scarlett ouviu Pitty atravessar o vestíbulo em passos saltitantes. A porta abriu-se. Depois de breves saudações, um murrnóri<) confuso de vozes. Alguma vizinha que viera para conversar e trocar impressões sobre o enterro. Pitty devia ficar encantada. Descobrira especial e melancólico prazer em tagarelar nas visitas de pêsames.

Sem eurlósidade, Scarlett perguntou a si mesma quem poderia ser, mas logo soube quando ouviu uma voz de homem bem timbrada cobrir o sussurro lutuoso de Pitty. Invadiram-na a alegria e o alívio. Era Rhett. Não o vira desde que ele lhe anunciara brutalmente a morte de Frank, e eis que chegava no momento em que ela tanto necessitava de alguém! Scarlett teve nesse instante a certeza de que só Rhett a podia ajudar a suportar aquela noite terrível.

-Estou convencido de que ela me receberá -disse o recém-vindo.

- Mas está deitada, capitão Butler, e não quer ver ninguém. A pobre pequena encontra-se num estado de prostração que mete dó.

- Creio que me receberá. Faça favor de lhe dizer que parto amanhã em viagem e que devo demorar-me fora algum tempo. 1É@ muito importante.

-Mas... -volveu a tia Pitty. Scarlett correu ao patamar, notando com certo espanto que não tinha as pernas muito firmes, e debruçou-se no corrimão.

- Já desço, Rhett -gritou de cima. Viu a tia Pitty erguer a cabeça de repente e olhã-la com surpresa e descontentamento. "Pronto", pensou Scarlett. "Toda a cidade vai saber que me portei escandalosamente no dia do enterro de meu marido". Entrando como um pé de vento no quarto, alisou os cabelos abotoou a blusa preta até ao pescoço e prendeu a gola, c@m o broche de luto da tia Pitty. "Não paneço já muito bonita", disse consigo, aproximando do espelho o rosto pálido e angustiado. Estendeu a mão para a caixa onde guardava o carmim, mas mudou de ideias. A pobre Pitty seria capaz de desmaiar se a visse aparecer de faces rosadas. Scarlett agarrou então no frasco de água-de-colónia, e, depois de

364

bochechar um pouco, cuspiu no balde. Feito isso, desceu a escada com um ruge-ruge de saias e reuniu-se a Pitty e Rhett que se conservavam a meio do vestíbulo, pois a velhota ficara tão desconcertada com a atitude da sobrinha que nem se lembrara de mandar sentar o visitante. Rhett estava vestido de preto conforme exigiam as circunstâncias, de camisa com peit@Ílho de goma. O seu ar cerimonioso era o dum velho amigo que vinha fazer uma visita de pêsames a uma pessoa de luto recente. Desculpou-se por vir incomodar Scarlett àquela hora e lastimou que a necessidade de pôr os seus negócios em ordem antes de partir o tivessem impedido de assistir ao enterro.

"O que é que o traria cá?" pensava Searlett. "Não é nada convincente o que ele está a dizer".

- Bem sei que não a devia perturbar a esta hora, mas queria falar-lhe dum assunto que não pode esperar. Trata-se duma coisa que o senhor Kennedy e eu tínhamos projectado fazer...

-Ignorava que o senhor Kennedy andasse metido em negócios consigo-atalhou Pitty, indignada pelo facto de Frank não a pôr ao corrente de todas as suas actividades.

-O senhor Kennedy era pessoa de muitos negócios -

observou Rhett dando mostras do mais profundo respeito. -Poderemos f@Iar na sala?

- Não! - exclamou Scarlett, lançando um olhar à porta de batentes fechados. Via ainda o caixão naquele quarto e desejava nunca mais tornar a entrar ali.

Pela primeira vez na vida, Pitty compreendeu o que devia fazer, e fê-lo embora de má vontade.

-Vão para o escritório. Eu... tenho de ir para cima... escolher a roupa que precisa de ser passajada.

Há unia semana que não me ocupo disso. Desleixei-me...

Subiu a escada, mas voltou-se ainda para dirigir a Scarlett e a Rhett um olhar cheio de censura que nem um nem outro notaram. Rhett desviou-se para deixar Scarlett entrar à sua frente no escritório.

- Que negócios eram esses com Frank? - perguntou ela, sem mais preâmbulos.

Rhett aproximou-se e murmurou:

- Nenhuns. Quis simplesmente desemba-raçar~me da sua tia Pitty. - Calou-se e, inclinando-se para ela, acrescentou: - Isso não serve de nada, minha filha,

- O quê?

365

..i.YVI .

- A água-de-colónia. -Não percebo o que qu *er dizer. -Ora se percebe! Deve ter bebido. em excesso. -E se bebesse? Tem alguma coisa com isso? -'8 a personificação da delicadeza, até no auge da dor. Não beba sozinha, Scarlett. Os outros acabam sempre por descobrir e assim se perdem -as boas reputações. Além disso, é mau sinal quando se desata a beber sozinho.

O que é que corre mal, minha jóia?

Rhett conduziu-a para o canapé de pau-santo e Scarlett sentou-se sem dizer palavra.

-Fecho a porta? Scarlett sabia que se a Babá visse a porta fechada, não só faria uma cena coi@ao fala-ria no caso durante dias seguidos. Por outro lado, ainda seria pior se a ama ouvisse aquela conversa acerca de bebida em especial depois do desaparecimento da garrafa de @guardente.

Scarlett fez um gesto afirmativo, e Rhett, depois de fechar os dois batentes, sentou-se também no canapé. Os seus olhos pretos e luzidios fixaram-se na cara dela como a perscrutá-la. Perante a

vitalidade que dele emanava, o espectro da morte recuou, o ambiente tornou-se confortável, as luzes pareceram mais claras,

- Que há de novo jóia? Ninguém no mundo sabia pronunciar esta palavra estúpida e afectuosa com mais ternura do que Rhett, mesmo quando gracejava; mas nesse momento não parecia gracejar. Scarlett pôs nele um olhar angustiado e, de certa maneira, encontrou consolação naquele rosto que nenhum sentimento exprimia. Por que seria isso? Rhett era um ente hermético e tão insensível! Talvez fosse devido a serem parecidos um com o outro como Rhett muitas vezes afirmara. E na verdade, era a única pessoa com quem ela sentia afinidade,

- Não quer dizer-me o que a apodentou? - insistiu ele, agarrando-a na mão com afabilidade. - 2 apenas a reacção pela morte do velho Frank? Precisa de dinheiro?

- Dinheiro? Não, não é nada disso. Oh, Rhett, tenho tanto medo!

- Não seja tola, Scarlett, você nunca teve medo na sua vida.

- Estou cheia de medo, Rhett. As palavras acudiam-lhe mais depressa do que ela as

366

podia proferir. Agora tinha ensejo de desabafar. Diria tudo a Rhett ' porque era tão mau como ela e não se sentiria no direito de a censurar. Que bom conhecer alguém que não possuía escrúpulos nem se preocupava com a honra, alguém que não hesitava em mentir e em burlar o próximo, quando no mundo havia tanta gente que não diria uma mentira nem para salvar a pele e preferia passar tope a cometer um-a, desonestidade!

-Tenho medo de morrer e ir para o Inferno. Se ele se risse, então é que ela morreria ali mesmo; mas não riu.

-Você está de perfeita saúde... e, além disso, talvez não haja Inferno!

- Sabe muito bem que há.

- Sei que existe um, mas é neste mundo. Não é depois de morrermos. Com a morte acabou-se tudo. Agora é que você está no Inferno.

- Oli, Rhett, que blasfémia!

- Talvez, mas deveras consoladora. E diga-me cá: por que havia de ir para o Inferno?

Nesse momento queria arreliá-la, porque Scarlett bem lhe via o brilho malicioso do olhar. Mas pouco se importava, As mãos dele eram tão fortes, davam-lhe uma sensação de tanta segurança!

-Rhett, eu nunca devia ter casado com Frank. Foi mal feito. Era noivo da Suellen. Amava-a ela e não a mim. Mas eu menti-lhe disse-lhe que minha irmã ia casar com Tony Fontaine. Oli, como tive coragem de proceder assim?!

-Ali, foi então dessa maneira que o apanhou! Não sabia como conseguira o seu objectivo.

-E tornei-o infeliz. Compeli-o a fazer coisas contra a sua vontade. Eu é que o obriguei a apresentar as contas a credores que não tinham um cêntimo, que fiz com que ele insistisse até lhe pagarem. Ficou tão mortificado quando comecei com as serrações, quando mandei construir o botequim e quando pus forçados a trabalhar na fábrica! Sentia-se tão envergonhado que nem se atrevia a encarar ninguém. E, para cúmulo, matei-o. Sim, matei-o. Não sabia que era filiado da Klan. Nunca pensei que fosse pessoa para isso. Mas devia saber. E matei-o.

- "O vasto oceano de Neptuno, lavará este sangue das minhas mãos?"

367

-O quê?

- Não tem importância, Continue.

- já acabei. Não acha bastante? Casei com ele fiz a sua infelicidade e tirei-lhe a vida. Oli, meu Deus! Não compreendo como pude proceder assim. Menti-lhe e desposei-o. Achei isso tão natural naquela altura! Agora, é que reconheço o mal que fiz, Rhett, tendo a impressão de que não fui eu quem se portou daquele modo. Mostrei-me má, mas no fundo não sou tão perversa como isso. A mãe educou-me...

Calou-se e engoliu em seco. Todo o dia evitara pensar em Ellen e eis que a sua imagem @3e lhe apresentava no espírito.

-Não faço a mínima ideia de como seria a. sua mãe. Você assemelha-se tanto a seu pai!

- Minha mãe era... Oli, Rhett, pela primeira vez me regozijo que esteja morta, porque assim não pode ver-me! Não foi ela que me ensinou a ser má. Era bondosa para toda a gente. Seria incapaz de fazer o que eu fiz! Eu tanto desejava parecer-me com ela, e afinal, sou tão dif@rente! Não queria assemelhar-me ao pai. EE@timava-o, mas era... tão estouvado! Rhett, às vezes eu tentava mostrar-me simpática para os outros e ser bondosa para Frank, mas voltava o pesadelo e eu ficava, tão assustada que só tinha vontade de exigir o dinheiro que me deviam... e até o que não me deviam. As lágrimas corriam pelas faces de Scarlett, sem que procurasse contê~las. _ Que pesadelo? - indagou Rliett, serenamente, apesar de sentir as unhas dela a cravarem-se-lhe na mão.

-Ali... esqueci-me que não sabia! Eu bem queria ser amável para os outros e convencer-me de que o dinheiro não era tudo neste mundo. Mas deixava-me adormecia e sonhava que me encontrava outra vez em T@ra, depois da morte de minha mãe e da partida dos yankees. Oli, Rhett, até sinto um calafrio quando penso nisso!... Tudo queimado, um silêncio pavoroso, e nada para comer... No sonho, tenho fome e não encontro nem um bocado de pão.

-Continue. E que mais?

- Meu pai, minhas irmãs, ds pretos, todos @se lastimam e não param de dizer: "Tenho fome". E eu sinto dores no estômago, de tão vazio que está, e vejo-me dominada pelo medo. Digo comigo mesma: "Se escapo desta, nunca mais

368

voltarei a passar fome", Então o sonho transforma-se. Vou * correr no meio de nevoeiro, a correr tão depressa que * coração parece estalar-me no peito. Quero fugir duma coisa que me persegue, falta-me c> fôlego, e penso.que se conseguir chegar lá, estarei salva. Mas não sei aonde qi@ero, chegar. Acordo então gelada de pavor, com tanto medo de tornar a passar fome! Uma vez desperta, julgo que não haverá no mundo oiro bastante para garantir a alimentação. Demais a mais, Frank era tão falho de vontade, tão fraco! Enraivecia-me. Creio que não me compreendia ou que eu não conseguia fazer-me compreender. Aliás pensava eu que um dia, quando tivesse dinheiro, suficiente, o haveria de indemnizar de tudo o que passara por minha causa. Agora é tarde, ele já não existe. Neste momento tudo parece natural, mas a verdade é que não foi assim. Se eu pudesse recomeçar, procederia de modo muito diverso,

- Sossegue! - ordenou Rhett, desembaraçando-se da mão frenética que o apertava e puxando do bolso um lenço lavado. - Limpe a cara. Não resolve nada chorando dessa maneira. ,Scarlett aceitou o lenço e limpou o rosto molhado de lágrimas. Sentiu-se um tanto ou quanto aliviada, como se houvesse descarregado parte do seu fardo nos ombros largos de Rhett. Ele tinha um ar tão calmo, tão senhor de si e dos acontecimentos que até parecia reconfortante o simples mover irónico dos seus lábios.

- Sente-se melhor? Liquidemos então o assunto. Diz que, se tivesse de recomeçar, seria diferente. Mas tem a certeza? Reflicta um bocadinho.

-Acha que... -Acho que faria exactamente o mesmo. E resta saber se tem possibilidade de optar.

- Não tenho. -Então por que se lamenta?

- Fui tão má para com o Frank! Agora, já não pertence ao número dos vivos.

-E se pertencesse , continuaria a arreljá-lo. Se bem a entendo, não está aflita por ter casado com Frank e haver sido a causa indirecta da sua morte. Está aflita porque tem medo de ir para o Inferno. Não é isso?

-Faz-me a cabeça tonta... -A sua moral também me entontece um nadínha.

24 - Vento Uvou - 11

369

Você está exactamente na situação dum gatuno, apanhado com a boca na botija, que não se atormenta por ter furtado, mas sim por ir para a cadeia.

-Um gatuno? -Não tome o caso, tão à letra. Por outras palavras: w não lhe surgisse essa estúpida ideia de estar condenada às penas eternas, lembrar-se-ia antes de que se tinha livrado, do Frank.

- Oli, Rhett!

- Ora confesse! Sempre é melhor do que inventar essas mentiras como desculpa. A sua consciência... sofreu muito... quando você me ofereceu por três mil dólares... uma coisa que é mais preciosa do que a vida?

A aguardente subira à cabeça de Scarlett e ela já não sabia o que estava a dizer. Aliás, de que servia mentir a Rhett? Ele lia-lhe sempre o pensamento.

-Nesse momento, eu não me lembrei de Deus nem do Inferno. E, quando raciocinei no caso, achei que Deus devia ter compreendido...

-E Deus também-compreendeu as razões que a levaram a casar com Frank?

- Rhett como pode falar tanto de Deus... se não acredita na su@ existência? _ Mas você acredita no Deus da Ira, e é o que interessa nesta ocasião. E, pensando bem, por que não haveria Deus de compreender? Arrepende-se de conservar Tara e de ter corrido de lá com os Sacolas? Arrepende-se de não ter fome e de já não andar vestida de andrajos?

- Não.

- Tinha outra alternativa que não fosse casar com Frank?

Não. Ele não era obrigado a casar consigo, não é verdade? Os homens são livres nas suas acções. E também não era obrigado a deixá-la fazer tudo o que quisesse, pois não?

- Mas...

- Então, Scarlett, para que se apoquentasse desse modo? Se tivesse de recomeçar mentir-lhe-ia da mesma forma para poder desposá-lo. V6cê expor-se-ia aos mesmos perigos e Frank seria forçado a vingar a sua honra. Se, Frank houvesse casado com Suellen, a sua irmã não seria decerto causa da morte do marido, mas tê-lo-ia sem dúvida tornado

370

duas vezes mais infeliz do que ele foi consigo. Tudo isto tinha de ser.

-Ao menos, eu podia ter sido mais afável.

- Podia, sim, se alguma vez o houvesse sido. com alguém. Você, porém, nasceu para tyrannizar os que lhe concedem muita liberdade. Os fortes foram feitos para mandar os fracos para obedecer. A culpa foi do Frank, que nã@ pegou a tempo num chicote... Esses seus remorsos tardios surpreendem-me, Scarlett. Os oportunistas da sua laia nunca os têm.

-O que é um oportu ... ? Como disse?

- P, uma pessoa que se aproveita das oportunidades.

- P, mal feito?

- Em geral consideram uma coisa má... aqueles que tiveram idênticas oportunidades e não souberam servir-se delas.

- Oh, Ilhett, está a brincar comigo! E eu que tanto -contava com a sua opinião!

- Mas é que dou as minhas opiniões, não vê? Querida Scarlett, você está um tanto ébria. Aí é que reside o mal.

- Atreve-se...

- Atrevo-me, sim. Você está à beira do que se chama vulgarmente "uma crise". De forma que, para lhe desviar o curso dos pensamentos e levantar o moral eu vou distraí-la com. histórias que a divertirão com ceAeza. Na realidade, vim aqui esta noite para lhe dizer uma coisa antes de partir.

-Para onde vai?

- Vou a Inglaterra. n possível que esteja ausente durante uns meses. Esqueça a sua consciência, ScarletL Não tenciono discutir mais a salvação da sua alma. Quer agora ouvir a tal coisa?

- Mas... - retorquiu ela debilmente, e logo se deteve. Sob o efeito da aguardente, que lhe atenuava os remorsos, e das palavras de Rhett, deveras reconfortantes, o espectro pálido de Frank recuava a pouco e pouco para a sombra. Talvez Rhett tivesse razão. Talvez que Deus compreendesse. Scarlett recorreu a toda a sua energia para decidir consigo mesma: "Amanhã resolverei o caso". E dirigindo-se abertamente ao visitante, perguntou: - Digo que se trata?

- Ora oiça-começou Rhett com o seu sorriso habitual. - Continuo a interessar-me por si, mais do que por

371

outra mulher. E agora que Frank morreu, pensei que gostasse de saber isto... Scarlett despegou as mãos, que tinha enclavinadas, e pos-se imediatamente de pé.

-- Eu... você é o homem mais grosseiro deste mundo! Escolher uma ocasião destas para fazer semelhante declaração! Bem me queria parecer que não tinha mudado. Quando penso que o cadáver de Frank nem teve tempo de arrefecer! Se lhe restasse um pouco de decência... ia-se já embora desta casa!

- Peço-lhe que sossegue... senão a sua tia virá ver o que se passa. - Sem se levantar, Rhett conseguiu agarrá-la pelos pulsos. - Receio bem que não me tenha entendido bem - prosseguiu ele.

- Não entendi bem? Ora se entendi! - ripostou Scarlett, dirigindo-se a libertar-se. - Deixe-me e saia daqui... Nunca ouvi uma coisa destas! Eu...

- Calada! - ordenou Rhett. - Estou a pedi-la em casamento. Será preciso cair de joelhos?

- Oh! - exclamou ela, sufocada, tombando em cima do canapé.

Olhava-o, boquiaberta, pensando se seria aquilo tudo efeito ainda da aguardente. Vinha-lhe à memória a frase de Rhett: "Não nasci para casar". Ou ela estava bêbada, ou ele estava louco. Mas Rhett parecia no seu perfeito juízo, tão calmo como se conversasse acerca do tempo. A sua maneira de falar, suave e lenta, não denunciava o mais pequeno nervosismo.

- Jurei a mim próprio que havia de ser minha logo na primeira vez que a vi nos Doze Carvalhos, naquele dia em que atirou uma jarra ao chão, proferiu uma data de palavras e deu todas as provas de não, ser uma rapariga bem educada. Sim, jurei que havia de possuí-la, fosse como fosse. Mas, como você e Frank amealharam algum dinheiro e não é natural que torne a fazer-me interessantes propostas de empréstimos e suas garantias, vejo-me forçado a pedi-la em casamento.

- Rhett Butler, isso é mais uma das suas brincadeiras de mau gosto?

- Abro-lhe a minha alma, e você fica céptica! Não, Scarlett, é uma proposta leal de casamento, feita segundo todas as regras. Reconheço que o momento não é muito apropriado, mas a minha falta de educação justifica tudo.

372

Parto amanhã, demoro-me fora algum tempo e, se deixasse isto para depois, podia ter no regresso a desagradável surpresa de a encontrar já casada com algum rico. E disse então com os seus olhos: - "Por que não hei-de ser eu esse rico?" Com, franqueza Scarlett, não posso passar a vida à espera de apanhar entre dois maridos!

Rhett falava a sério. Não havia dúvida. Com a boca seca e olhos fixos nele, Scarlett tentava descortinar-lhe o pensamento. Via-se-lhe uma expressão de riso, mas, ao mesmo tempo, algo de indefinível se espalhava no rosto. Sob o ar indolente e despreocupado Rhett parecia observá-la como um gato espreita um rato. Debaixo da calma aparente, percebia-se-lhe uma força prestes a manifestar-se. Scarlett teve medo e recuou.

Rhett pedia-a em casamento! Realizava-se o inverosímil. Noutros tempos, Scarlett imaginara uma série de tormentos para lhe infligir no caso de ele algum dia a querer para esposa. Noutros tempos, dissera consigo que, se Rhett chegasse a falar em casamento, o humilharia ao máximo, fazendo sentir bem o seu poder. Agora que ele falara, Scarlett nem se lembrava dos seus antigos projectos. E

como exercer poder sobre Rhett se este é que dominava a situação, de tal modo que ela se sentia perturbada como uma donzela à primeira declaração de amor e só podia gaguejar e ruborizar-se?

-Eu... não torno a casar. -Torna, sim. Foi feita para o casamento. E por que não hei-de ser eu o eleito?

-Mas, Rhett... não o amo. -Isso não impede. Que eu saiba, o amor não representou grande papel nas suas duas outras aventuras.

-Não diga isso! Eu era bastante amiga de Frank! Rhett não replicou.

- Sim, tinha-lhe muita amizade!

- Não discutamos esse assunto. Quer reflectir na minha proposta durante a minha ausência?

- Detesto que se arrastem as questões. Prefiro dizer-

4he já o que penso. Devo ir brevemente para Tara, e India Wilkes virá morar com a tia Pitty. Tenho saudades da minha quinta... e não quero tornar a casar.

- Que disparate! Porquê?

- Porque... Que interessa a razão? Não quero mais casamentos!

373

- Minha pobre pequena, sabe lá o que é o casamento! Como é que pode saber o que é um verdadeiro matrimónio? Reconheço que teve pouca sorte... Uma vez por despeito... outra por falta de dinheiro... Nunca pensou em casar-se... unicamente pelo prazer?

- Prazer? Não diga tolices. Não há prazer no casamento.

- Por que não? Scarlett readquirira um pouco de calma mas ao mesmo tempo, sob o efeito do álcool, a sua rudeza natural viera à superfície.

- Será muito divertido para os homens, embora eu não perceba porquê. O que as mulheres ganham com isso é ver-se a contas com um trabalho exaustivo, com as extravagâncias dum homem e com... um filho todos os anos.

Rhett soltou uma gargalhada tão forte que o eco repercutiu no silêncio e Scarlett sentiu abrir-se a porta da cozinha.

- Cale-se! A Babá tem o ouvido apurado e não é decente rir, tão pouco tempo depois de... Não se ria! Sabe perfeitamente que tenho razão. Prazer! Ora, ora!

-Disse-lhe que teve pouca sorte, e as suas palavras provam-no bem. Desposou sucessivamente um rapazinho e um velho " E aposto que sua mãe lhe recomendou que suportasse "aquelas coisas" por causa das compensadoras alegrias da maternidade. Tudo errado minha amiga. Por que não experimenta o matrimónio com um homem novo e vigoroso, que tem má reputação e sabe lidar com mulheres?

- Você é tão grosseiro corno pretensioso, e acho melhor mudar de conversa. É um assntinto... muito ordinário.

-E também bastante agradável, não acha? Tenho a certeza de que nunca discutiu com um homem as relações conjugais, nem sequer com Charles ou Frank.

Scarlett fitou-o com ar ameaçador. Rhett sabia demais. Onde teria aprendido tudo o que ele conhecia a respeito de mulheres? Era indecente.

-Escusa de fazer essa cara. Fixe a data que quiser. Não peço que case já comigo por causa da sua reputação. Respeitemos o prazo legal. A propósito, qual é o "prazo legal?"

-Eu não lhe disse que casava consigo. E não acho próprio falar dessas coisas em semelhante ocasião.

374

-Já lhe expliquei as razões que me obrigam a falar. Vou-me embora amanhã e sou um namorado, muito fioso para conter mais tempo a minha paixão. Mas talvez fosse muito precipitado no fazer-lhe a corte...

Com uma rapidez que assustou Scarlett, Rhett deixou-se escorregar no -I-anapé e, de joelhos, com a mão espalmada no peito pôs-se a declarar: - Perdoai, senhora minha, sobressaltar-vos com a

impetuosidade dos meus sentimentos. Deveis já ter reparado que a amizade que por vós nutria o meu coração se transformou num sentimento mais profundo, num sentimento mais belo, mais puro, mais sagrado. Ousarei eu nomeá-lo? Ah, é o amor que me insufla coragem!

- Levante-se, por amor de Deus! -suplicou Scarlett.

- Imagine que entra a Babá e o surpreende nessa posição ridícula.

- Ficaria pasmada perante estas minhas primeiras demonstrações de galantaria -volveu Rhett erguendo-se com ligeireza. - Vamos, Scarlett, não é nenhuma criança, nenhuma menina de escola para me mandar passear com argumentos todos a respeito de decência e outras desculpas que tais. Diga que casa comigo quando eu voltar, senão desisto da viagem. Juro-lhe. Passarei o tempo a rondar-lhe a casa e todas as noites tocarei viola debaixo da sua janela e cantarei com toda a força dos pulmões. Hei-de comprometê-la de tal maneira que terá de casar comigo para salvar a sua reputação,

- Rhett, tenha juízo. Não tornarei a casar-me.

- Não? Diga-me qual é o verdadeiro motivo. Não é nenhuma menina tímida. Não se trata de timidez. O que será então?

Subitamente lembrou-se de Ashley, viu-o de modo tão claro como se ele estivesse ali presente com os seus cabelos doirados' olhos sonhadores, atitude'muito digna... Em tudo, a contrário de Rhett. Aí residia a verdadeira razão por que ela não podia casar outra vez, embora não tivesse nada a objectar a Rhett e às vezes chegasse a gostar bastante dele. Scarlett pertencia a Ashley, ara sempre. Nunca se dera inteiramente a Charles nem a Kank, não se entregaria também a Rhett. Quase tudo o que empreendera, os esforços que fizera os resultados obtidos, tudo isso ou fora inspirado por Ashie@ ou lhe havia sido consagrado. Scarlett amava-o. Pertencia a Astiley de todo o seu ser: a Ashley

375

* a Tara. Os sorrisos e os beijos que concedera a Charles

* a Frank eram destinados a Ashley, se bem que ele os não houvesse nunca reclamado nem reclamaria jamais. Algures no íntimo do coração jazia o desejo de se conservar intacta para ele, embora soubesse que nunca lhe pertenceria.

Scarlett ignorava que a sua fisionomia se modificava nessa ocasião, que o sonho a nimbava duma doçura antes não observada acolá pelos olhos de Rhett. O homem contemplou-lhe os olhos verdes oblíquos, agora enevoados; seguiu o temo mover dos lábios; viu tudo isso e bradou:

- Scarlett O'Hara, és uma tonta! E, sem lhe deixar tempo a que regressasse do seu sonho longínquo ' Rhett apertou-a nos braços tão atrevido e seguro de -si como no caminho sombrio'de Tara, alguns anos atrás. De novo Scarlett sentiu que lhe faltava a força de resistir. Ia ceder, submergida por uma onda de ardor. A imagem calma de Ashley Wikes dissipava-se, perdida no vácuo. Rhett dobrou-lhe a cabeça para trás, no ombro dele, e beijou-a, meigo a princípio e depois mais enérgico, numa graduação progressiva, forçando-a a considerá-lo como a única base sólida a que firmar-se, num mundo em rodopio. A bom dele premia-lhe os lábios, abrind~, comunicava-lhe tremuras nervosas, despertava nela sensações que jamais Scarlett conhecera e de que se julgaria incapaz. E compreendeu que lhe retribuía os beijos antes mesmo que se acelerasse a ritmo do turbilhão 'que a arrastava.

- Pare... por favor... vou desmaiar -murmurava ela, tentando debilmente desviar a boca. Rhett apertou-lhe a cabeça contra o seu próprio ombro e ela viu-lhe a cara, num relance confuso. Os olhos dele despediam fogo, o tremor dos braços assustava-a.

-Quero que desmaies. Far-te-ei desmaiar. Merecias isto, há muitos, muitos anos. Nenhum dos imbecis que -conheceste te beijou assim, não é verdade? Nem Charles nem Frank, tão amados, nem o teu Ashley, tão estúpido...

- Por favor...

- Sim o estúpido do - Ashley. E todos os homens do undo. Q e sabem eles de mulheres? Que sabem eles de ti, Scarlett? Eu conheço-te bem...

A boca de Rhett apoderara-se da boca de Scarlett, e ela cedia sem luta, muito fraca para sequer desviar a cabeça, sacudida pelas pancadas do coração, assustada com a força

376

'y""I@ @"

de Rhett, vencida pelos nervos que a traíam. Que ia ele fazer? Desmaiaria, se Rhett não acabasse com aquilo. Se ao menos ele se detivesse...

- Diz que sim! A sua boca premia a de Scarlett, os seus olhos estavam tão próximos dos dela que pareciam enormes e enchiam o mundo.

- Diz que sim, ou eu... Scarlett murmurou "sim" sem sequer reflectir. Ele impusera-lhe a resposta e ela obedecera sem que a sua vontade intervisse. No entanto, assim que proferiu a palavra, readquiriu subitamente a calma, a cabeça deixou de lhe andar à roda e até se atenuaram os efeitos da aguardente. Prometera casar com Rhett, quando não tencionava fazer semelhante promessa. Não sabia como isso acontecera, mas não lastimava nada. Parecia-lhe agora natural ter dito que sim... quase como se, por intervenção divina, alguém mais poderoso que ela se encarregasse de resolver os problemas que se lhe apresentavam. .1 Rhett soltou um suspiro e inclinou-se como se a fosse beijar outra vez. Scarlett fechou os olhos e pendeu a cabeça para trás, Ficou porém, desiludida quando ele se endireitou. Havia qual@@er coisa de inebriante em ser beijada daquela maneira, apesar das sensações estranhas que lhe provocavam tais beijos...

Por um momento, Rhett conservou-se imóvel, com a cabeça de Scarlett encostada ao ombro e tal se fizesse um esforço para se dominar, o seu braço deixou de tremer. Afastando-se um pouco, observou o rosto de Scarlett. Esta abriu as pálpebras e notou que se desvanecera da fisionomia de Rhett todo o ardor que a animava. No entanto, não pôde suportar o seu olhar e, confusa, de fontes latejantes, baixou a vista.

Quando Rhett falou, a voz era suave.

- P, a sério? Não voltas atrás com a palavra?

- Não.

- E não é unicamente porque... como é a frase?... porque "a ergui da terra com o meu ardor"?

Scarlett ficou calada e de pálpebras descidas, porque não sabia que responder e era-lhe impossível enfrentar o olhar de Rhett.

Ele agarrou-lhe no queixo e ergueu-lhe a cabeça.

377

- Já lhe disse uma vez que tolerava tudo menos a mentira. Exija a verdade. Por que disse que sim? Scarlett manteve-se silenciosa mas, como já ia readquirindo o sangue-frio, deixou-se estar de olhos baixos e esboçou um leve sorriso.

- Olhe para mim! n por causa do meu dinheiro? -Oh, Rhett! Que pergunta! -Olhe para mim e não se ponha com intrujices. Não sou o Charles nem o Frank, para me comover com o seu fremir de pálpebras. n por causa do dinheiro?

- Hum... em parte... -Ah! Em parte. Não manifestou aborrecimento. Soltou um suspiro e tratou de fazer extinguir nas pupilas negras a chama que Scarlett provocara com as suas 'palavras e ela, na sua perturbação, nem sequer havia notado. '

- P, que o dinheiro... como bem sabe... presta-nos muito serviço. Frank não me deixou muito. Em todo o caso... Enfim, Rhett, está a entender-me, não é verdade? Você é o único homem, que eu saiba capaz de ouvir a verdade da boca duma mulher. Será @om ter um marido que não nos considere muito tola e que já está prevenido quanto às mentiras... Em resumo, simpatizo consigo.

- Simpatiza?

- Então? - voltou ela, aborrecida. - Se eu lhe dissesse que estava apaixonada, pregava-lhe uma petate, pior ainda, você perceberia logo,

- Às vezes penso que leva muito longe o amor da verdade, minha jóia. Não acha que mesmo sendo @nentira, lhe convinha declarar: "Anio-te 'Rhett'?"

Cada vez mais confundida,' Scarlett não perguntou aonde é que ele queria chegar. Achava-o tão esquisito com o seu ar trocista e ao mesmo tempo vexado! Rhett enfiou as mãos nos bolsos e ela compreendeu que ele cerrava os punhos.

"Está bem", pensou Scarlett, já com a mostarda a subir-lhe ao nariz, como sempre que Rhett a atormentava. "Ainda que me custe um marido, dir-lhe-eí a pura verdade". E em voz alta:

-Acha que é mentira, Rhett? Mas de que me serviria mentir? Disse-lhe que simpatizava consigo. Compreende o que isto significa. Também uma vez você me participou que não me tinha amor, mas que achava existirem muitos

378

pontos de contacto entre nós. "Dois velhacos". Foi desta maneira que...

- Meu Deus! - murmurou Rhett, voltando a cabeça, rápido. -Caí no próprio laço que eu armei.

-O quê?

- Nada. - Fitou-a, e riu duma forma que não tinha nada de agradável. -Fixe uma data, minha querida. -

Riu-se de novo, inclinou-se e beijou-lhe a mão. Scarlett, satisfeita por ver que o mau-humor lhe passara, correspondeu com um sorriso.

Brincando com a mão que ela lhe abandonara, Rhett perguntou:

- Nas suas leituras nunca encontrou a história, tão antiga, da mulher indÍf@rente que acaba por se apaixonar pelo próprio marido?

-Bem sabe que não leio romances -respondeu Scarlett. Mas, desejando brincar também, acrescentou: - Além disso, você disse que era de mau gosto o amor entre casados.

-Tenho falado demais na minha vida!-redarguiu. ele bruscamente, pondo-se íe pé.-Raios me partam!

- Não pragueje.

- Convém que se habitue... e aprenda também. Sim, senhora, há-de ser preciso que se familiarize com os meus defeitos . Faz parte da sua... simpatia por mim e do seu amor ao meu dinheiro...

-Então, não tome a coisa tão ao vivo... O que eu quis foi evitar lisonjeá-lo com mentiras. Não está apaixonado por mim, não é verdade? Por que havia eu de estar por si?

- Não, minha querida, não estamos apaixonados um pelo outro. Se eu o estivesse, poderia dizê-lo a toda a gente menos a si. Que Deus livre o homem que se apaixonar por você! Minha gatinha cruel, tão indiferente pelos outros que nem se dá ao cuidado de esconder as unhas: se esse homem existir um dia você destruir-lhe-á o coração,

Obrigou-a @ levantar-se e heijou-a mais uma vez mas agora os lábios pareciam querer magoá-la, de pro@ósito. Da boca ' os lábios desceram-lhe para o pescoço, baixaram-se à orla de tafetá, ao nível do peito, tão rijos e demorados que ela sentiu a pele queixar-se com aquele ardor. Debateu-se, repeliu-o com as duas mãos.

-Não tem o direito! Como se atreve? -O seu coração bate como o dum coelho -disse ele,

379

fflW

irónico. - Demasiadamente apressado para que se trate d@ simples simpatia... diria eu, se fosse vaidoso. Vamos, não erice as penas. Deixe-se desses ares de lírio virginal. Diga-me o que deseja que eu lhe traga de Inglaterra. Tim anel? De que gênero gosta?

Ela hesitou urn momento, indecisa entre o interesse despertado pelas últimas palavras e a vontade feminina de prolongar a cena de cólera e indignação.

-Oh... um anel com diamantes, Rhett! Compre um dos maiores.

-Sim, para se pavonear diante das suas amigas pobres e dizer-lhes: "Vejam o que apanhei!" Mas está combinado, terá o seu diamante, e tão grande que as tais amigas se vingarão observando que é de mau gosto usar pedras tão grandes.

Atravessou de repente a sala e ela, desorientada, seguiu até à porta.

-Que foi? Para onde vai? -Para casa, acabar de fazer as malas.

- Mas...

- Mas o quê?

- Nada. Desejo-lhe boa viagem.

- Obrigado. Abriu a porta e entrou no vestíbulo. Scarlett acompanhou-o, um tanto desconcertada por aquela reviravolta. Rhett pegou na capa, nas luvas no chapéu...

- Escrever-lhe-ei. Se muda@ de ideias, previna-me.

- Não ... ? -O quê? -Parecia impaciente por se ir embora. -Não me dá o beijo de despedida? - murmurou ela, receosa de que a ouvissem no resto da casa.

- Não lhe parece que já nos beijámos bastante, para uma noite só? -volveu ele sorrindo. -

Tratando-se duma rapariga modesta, bem educada... Bem lhe disse que havia de gostar.

- Você é intolerável! - exclamou Scarlett furiosa, sem se importar que a Babá a ouvisse. - Pouco me importa que não volte mais.

Rodou nos calcanhares, dirigindo-se para a escada mas com a esperança de que ele a retivesse.

Mas Rhett limitou-se a abrir a porta da rua, por onde entrou uma corrente de ar frio.

-Em todo o caso, voltarei -declarou ele.

380

E saiu, deixando Scarlett no primeiro degrau, de olhar fito na porta que se acabava de fechar. Foi de facto grande o anel que Rhett trouxe de Inglaterra, tão volumoso que Scarlett quase tinha vergonha de o usar. Gostava de jóias carase pomposas, mas experimentava a desagradável sensação de que toda a gente achava aquele anel muito espalhafatoso. A pedra do centro era um brilhante de quatro quilates, e, a rodeá-lo, havia um círculo de esmeraldas, Cobria inteiramente a falange do anular e dava a impressão de ser pesado demais para a mão que o suportava. Scarlett ficou desconfiada de que Rhett passara trabalhos na escolha do modelo e, por maldade, o mandara executar tão faustoso quanto possível.

Enquanto Rhett não regressou -a, Scarlett

de Inglaterra. não falou a ninguém das suas intenções, nem sequer à família, e quando anunciou o noivado foi uma indignação geral. Depois do case, da Klan, Rhett e Scarlett eram as pessoas mais desacreditadas de Atlanta, com excepção dos yankees' e dos Sacolas, Toda a gente criticava Scarlett desde o dia longínquo em que ela tirara o luto por Charles Hamilton. E mais a criticaram por se comportar de modo tão pouco feminino na questão das serrações, pela sua falta de pudor ao aparecer na rua, quando, estava grávida, e por muitas outras coisas. Mas a morte de Frank e de Tommy, e os perigos a que se tinham exposto outros homens por causa dela, transformaram aquelas censuras

em condenação pública.

Quanto a Ilhett, atraía o ódio com as suas especulações durante a guerra e, mais tarde, a sua notória simpatia pelos republicanos não contribuíra para maior estima dos atlantenses. No entanto por muito estranho que pa-

reça, foi o facto de salvar a vida de várias personalidades conhecidas que lhe granjeou o rancor das senhoras de Atlanta.

rs claro que as senhoras não lamentavam que os parentes tivessem escapado à morte, mas sentiam-se revoltadas por eles deverem a vida a semelhante homem e a um estra@ tagema que tão mal colocados os deixara. Durante meses, suportaram o riso, de troça dos yankees e, cheias de raiva, diziam entre si que se Butler se interessasse realmente pela Klan, arranjará as coisas de maneira mais conveniente. Pretendiam que ele levara os fugitivos para casa

381

da Watling só com o propósito de comprometer as pessoas decentes da cidade. Portanto 'não merecia que lhe agradecessem tersalvado aqueles cavalheiros.

As referidas senhoras tão dispostas à caridade, tão prontas a partilhar da t@lsteza alheia, tão compassivas, mostravam-se implacáveis para com os Renegados que infringiam o mais pequeno artigo do seu código tácito. Era simples, esse código: fidelidade à Confederação 'respeito aos veteranos da guerra, submissão aos velhos prin- cípios, orgulho, na pobreza, mãos abertas para os amigos, ódio eterno aos yankees. Cada qual de sua banda, Scarlett e Rhett haviam transgredido todos os artigos do código.

Por decência e por um sentimento de gratidão, os homens, a quem Ilhett salvara a vida, ainda tentaram impor silêncio às mulheres, mas sem grande êxito. Antes do anúncio do seu próximo casamento já não gostavam de Rhett e Scarlett, mas 'em todo o c@so, ainda se mostravam polidos para com eles. Agora, nem a fria polidez era possível. A notícia do seu noivado foi como uma bomba que explodisse e causasse espanto e terror. Até as mulheres mais plácidas fizeram os comentários mais veementes. Casar-se um ano depois da morte de Frank! Ela, que fora a causa da sua morte! Ligar-se a esse Butler que era proprietário duma casa de meretrizes e que andava metido em negócios escuros com os yankees e com os Sacolas! Isolados um do outro, ainda os podiam suportar, mas os dois em conjunto, isso era intolerável! Criaturas tão vis, tão desprezíveis como aquelas, deviam ser expulsas da cidade.

Talvez toda essa gente se mostrasse mais benigna se a notícia do breve casamento não se verificasse numa ocasião em que os Sacolas e Renegados, companheiros de estúrdia de Butler, se haviam tornado ainda mais odiosos aos respeitáveis cidadãos. A aversão aos yankees, e a todos que confraternizavam com eles, atingiu o paroxismo, pois acabara de cair o último bastião da resistência georgiana. A campanha principiada quatro anos antes, no dia em que Sherman saíra de Dalton a caminho do Sul, produzia agora os seus efeitos, e a humilhação era completa.

Três anos de Reconstrução tinham passado, três anos de terrorismo! Todos pensavam que a situação não podia piorar, mas Geórgia descobria que a Reconstrução, sob o seu aspecto mais sombrio, estava ainda no começo.

382

Durante três anos, o Governo Federal tentara impor uma dominação estrangeira e leis igualmente estrangeiras; secundado por tropas encarregadas de aplicar as suas instruções, conseguira em parte o seu intento. No entanto, só a força das armas mantinha de pé o novo regime. O Estado submetia-se contra vontade ao domínio yankee. Os homens que chefiavam Geórgia não tinham cessado de lutar por que o país se governasse como entendesse. Havia resistido a to-dos os ataques e não queriam reconhecer como leis do seu Estado as decisões de Washington.

Oficialmente, o Governo de Geórgia nunca capitulara, mas fora uma luta estéril, luta que sem terminar pela vitória fora dilatando o inevitável. Já muitos dos outros Esta- dos meridionais tinham negros analfabetos em altas funções públicas, assim como assembleias dominadas por negros e Sacolas; porém, o de Geórgia, devido à sua resistência teimosa escapara até aí a esta última degradação. Na maior parie daqueles três anos, o Parlamento local permanecera sob a égide dos brancos e dos Democratas. Com a presença dos soldados yankees, os funcionários georgianos pouco mais podiam fazer do que protestar e resistir. O poder deles era nominal, mas, ao menos, tinham conseguido guardar o governo, do Estado nas suas mãos. Isto mesmo acabava de desaparecer.

Tal como, quatro anos antes Johnson e os seus soldados haviam recuado passo a pas@o de Dalton para Atlanta, assim tinham os Democratas georgianos recuado pouco a pouco desde 1865. Fora-se tornando cada vez mais firme o poder do Governo Federal sobre os negócios deste Estado e sobre a vida dos seus cidadãos. A força engendrara a f e os regulamentos militares, em número sempre Ma fizeram com que a autoridade civil se reduzisse à impotencia. Por fim, transfç}rmando-se

Geórgia numa província militar, haviam concedido o voto aos pretos, contra a letra expressa das leis estaduais.

Uma semana antes de Scarlett e Rhett anunciarem os seus esponsais, procedera-se à eleição do governador. Os Democratas apresentavam como seu candidato o General John B. Gordon um dos cidadãos mais queridos e respeitados do Sul. Contra ele opunham um Republicano chamado Bullock. A eleição durara três dias em vez de um só. Foram expedidos comboios inteiros cheios de pretos

383

para as cidades onde havia assembleias eleitorais. É claro que Bullock venceu.

Se a tomada de Geórgia por Sherman causara grande tristeza, a conquista final do Parlamento pelos Sacolas, y~es e homens de cor maior tristeza causou. Atlanta e Geórgia estavam desoladas.

E Rhett Butler era amigo do odiado Bullock. Scarlett, com a sua usual indiferença pelos assuntos que não lhe diziam directamente respeito, mal dera fé da eleição. Rhett também não tomara parte nela, e as suas relações com os yankees continuavam no mesmo pé. No entanto, não deixava de existir o facto de Rhett ser renegado e amigo de Bullock, e se o casamento fosse avante, Scarlett seria também um@. renegada. Atlanta não estava dis-posta a ser tolerante ou caridosa para, com as pessoas do campo contrário; e, vindo a notícia do casamento nessa altura, a cidade lembTou-se de todo o mal que os dois tinham feito, esquecendo-se do bem que por acaso tivessem praticado.

Scarlett, sabia que a cidade se movia contra ela, mas só compreendeu a extensão, dosentimento, público quando a senhora Merriwether, como delegada do círculo paroquial, se encarregou de lhe falar para interesse daquela.

- Como a senhora sua mãe é j à def unta , e a sua tia Pitty, sendo solteira, não está indicada para tratar deste assunto, @sinto-me na, obrigação de a prevenir, Scarlett.

O capitão Butler não, é hGmeni com quem possa casar uma mulher de boas famílias. Ele...

- Salvou o avô Merriwether e também o seu sobrinho. A senhora Merriwether empertigou-se. Uma hora antes, tivera uma grande discussão com o velhote. Este observara-lhe que ela decerto dava pouco apreço à existência dele, visto não se mostrar grata para com Rhett Butler, ainda que se tratasse duro Renegado. e dum patife.

- Se fez isso 'foi só para nos Dregar uma partida indecente, para nos envergonhar perante os y"kees-replicou a senhora Merriwether. - Sabe tão bem como eu que ele é um velhaco. Sempre o foi. Não é homem que uma pessoa digna. receba em sua casa. . -Não é, senhora Merriwether? Acho estranho. Vi-o na suasala muitas vezes durante a guerra. Foi ele quem ofereceu a Maybelle o seu vestido de noiva de cetim. branco, se é que a memória me não falha.

384

-Durante a, guerra, as circunstâncias eram diferentes e havia muita gente boa que se associava com a que o não era, tudo pelo bem da Causa. Com certeza que não vai casar com,um homem que não se alistou no Exército e que troçou dos que o fizeram.

-Também estive no Exército oito meses seguidos. Fez a. última campanha, combateu'em Franklin, e encontrava-se com o General Johnson quando este se rendeu.

-Não sabia -murmurou a senhora Merriwether ' com ar incrédulo. E acrescentou, triunfante: - Mas não foi ferido, não é verdade?

- Houve muitos que o não foram. -Os que eram alguém tiveram o seu ferimento. Não conheço nenhum que não ficasse ferido.

Scarlett começava, a irritar-se.

- Tenho a impressão de que todos os homens das suas relações são incapazes de se abrigar da chuva quanto mais duma saraivada de balas! Falta-lhes. esperteza. E agora deixe-me dizer-lhe uma coisa que pode ir meter nos ouvidos das suas amigas. Vou-me casar com o capitão Butler e não me importaria. que ele tivesse combatido ao lado dos, Wnkees.

Quando a digna matrona, saiu de casa, com o chapéu a tremQlica,r de raiva Scarlett compreendeu que tinha nela uma inimiga decla@ada e não já uma amiga discordante. Mas não. se ralava. Não a podia atingir nada do que a senhora Merriwether dissesse ou fizesse. Era-lhe indiferente a opinião de qualquer pessoa, excepto a de Babá.

Searlett arrostara com o desmaio de Pitty e com 6 olhar subitamente cansado e esquivo de Ashley, quando ele lhe apresentou os seus votos de felicidade. Com as cartas das tias Pauline e Eulalie ficou ao mesmo tempo divertida e arreliada, pois estas, furiosas, proibiam-lhe o casamento, dizendo-lhe que não só lhe arruinava a posição social como a, delas mesmas. E riu-se ao ver a ruga na testa de Melanie, que lealmente lhe declarou: "]]@@ claro que o capitão Butler é mais simpático do que a maior pai-te da gente pensa. E foi tão esperto e generoso na maneira como salvou Ashley! No fim de contas bateu-se pela Confederação. Mas não te parece melhor não decidir as coisas assim tão de repente?"

Não, Searlett não se importava com a opinião dos

25 - Vento Uvou - II

385

outros, excepto a de Babá. E as palavras de Babá foram as que mais a indignaram e a feriram.

--@- Tenho visto minina fazê muita coisa que sinhora Ellen não havia de gostá de vê. Mas esta é a pió. Casá com malando! Sim, malando! Não venha dizê que é de boa família. Isso a mim não importa. Há malando em toda a classe de gente e ele é malanda! Vi minina furtá sinhô Charles a minin@ Honey sem gostá dele, e furtá sinhô Frank a sua mana. Calei muita coisa que minina fez, como vendê madeira ruim ao preço de boa e dizê mentira a respeito doutros sinhô que tinham negócio igual ao seu, e andá sózinha de trem quando nêgo forro andava a ataçá muié branca, e deixá matá sinhô Frank e não dá bastanie comê a pobre forçado. Calei muita coisa porque sinhora Ellen dizia a mim lá da Terra de Promissão: (cBabá Babá, não sabes cuidá de minha filha". Suportei tudo @ninina Scarlett, mas isto não é de suportá. Não há-de casá com malando enquanto houver alento neste corpo.

- Casarei com quem me apeteecer - replicou Scarlett em tom seco. - Parece-me que te esqueces com quem estás a falar, Babá.

- Escusa tomá esses ar! Quem lhe havia de dizê tudo isto senão sua ama?

-Estive a reflectir e cheguei à conclusão que é melhor para ti voltares para Tara. Dou-te dinheiro e... Babá empertigou-se com a maior dignidade.

- Nêga é livre. Minina não pode mandá em mim. Quando voltá para Tara há-de sê consigo. Não quê abandoná filha de sinhora Ellen e ninguém obriga a mim a arre-dá pé daqui.

-Não te quero na minha casa para seres malcriada com o capitão Butler. Vou casar com ele e nada mais há a dizer. Acabou-se a conversa.

- Não acabou - replicou a preta, com uma chama combativa nos seus olhos cansados. -Nunca pensei tê de falá assim a pessoa de mesmo sangue que sinhora Ellen. Mas oiça bem que vou dizê. Minina não é outra coisa senão mula com arreio de cavalo. Ainda que a gente escove pêlo de mula até ficá a luzi e enfeite seu arreio com muito latão brilhante e atrele a carruage bonita ' nunca passa de mula. Não engana ninguém. Minina é mesma coisa. Tem vestido de seda, tem dinheiro, tem serração, tem armazém, julga parecê cavalo e parecesempre mula.

386

E esse Butler pode sê de boa família e pode andá enfeitado como cavalo de corrida que também não passa de mula.

Babá lançou à patroa um olhar perfurante. Scarlett ficara sem fala e tremia àquele insulto.

-Se diz que vai casá com ele, casa com certeza, porque é tão teimosa como sinhô seu pai. Mas lembre-se disto: não deixo minina,. Não vou embó daqui e hei-de vê isso também.

Sem esperar resposta, deu meia volta e saiu. Quando o espectro de Júlio César disse a Bruto que o tornaria a ver, não seria em tom mais ameaçador que o dela ao proferir aquelas últimas palavras. Durante a sua lua-di--mel em Nova Orleães, Scarlett contou a Rhett o que a ama dissera e com grande espanto seu, ele achou imensa graça àquela l@istória de mulas com arreios de cavalo.

- Nunca ouvi exprimir com tanta simplicidade uma verdade tão profunda ---comentou Rhett. -A Babá é uma velha tesa e das poucas pessoas a quem eu gostaria de inspirar simpatia e respeito. Mas, como não passo dum triste luar, jamais obterei nada dela. Chegou ao ponto de recusar a moeda de cinco dólares de ouro que eu, com o meu entusiasmo de recém-casado,, quis oferecer-lhe depois da cerimónia nupcial. Pouca gente conheço que não abrande ao ver ouro. Ela, porém, olhou-me bem de frente e declarou que não era negra liberta e, portanto, não precisava de dinheiro.

-Por que é que me fez aquela cena? Por que é que toda a gente há-de implicar comigo? Caso com quem quiser e as vezes que quiser. Ninguém tem nada com isso. Nunca me intrometi na vida dos outros; por que é que se intrometem na minha?

-O mundo perdoa, quase tudo. O que não perdoa é o facto de uma pessoa só se interessar pela sua vida. Mas por que ficas como gata assanhada? Disseste muitas vezes que pouco te ralavas com a opinião dos outros. Trata de provar o que afirmaste. Já foste criticada por coisas insignificantes; não devia ser surpresa para ti tornares-te pasto da má-língua por um casor de muito maior importância. Sabias perfeitamente que saltariam em cima de ti se casasses com um patife da minha laia. Ainda se fosse um patife de baixa condição, que não tivesse onde cair morto...

387

Mas um patife rico, em plena prosperidade, isso é que é imperdoável.

-Quem me dera que pusesses de parte os gracejos, de vez em quando!

-Não estou a gracejar. Sempre causou engulhos aos seres piedosos verem "o ímpio espalhar-se com grande poder como a árvore verde na terra natal". Anima-te, Scarlett. Não disseste uma, vez que queriaG ser rica para poderes mandar toda agente à fava? Chegou a altura.

-A ti, principalmente, é que me apetecia mandar à fava-declarou Scarlett, rindo.

-E ainda te apetece? -Não tanto como antigamente. Só às vezes.

- Se isso te dá prazer, não faças cerimónia.

- Hum... não seria um prazer por aí além -volveu Scarlett. E, inclinando-se, beijou o marido despreocupadamente.

Rhett fitou-a, esperando descobrir nos olhos dela algo que não encontrou, e em seguida soltou uma risada breve.

- Esquece Atlanta. Esquece as velhas maldizentes. Trouxe-te a Nova Orleães para te divertires, e espero que te divirtas.

388

QUINTA PARTE

48

SCAnETT divertiu-se e muito mais do que desde a Primavera que precedera @ guerra. Nova Orleães era tão original, tão cativante! Assim, não admira que se aproveitasse das distrações que se lhe ofereciam, com a voracidade dum prisioneiro que recupera a liberdade. Os Sacolas pilhavam a cidade com todo o método, e muita gente, escurraçada do seu lar, nem sabia como iria comer no dia seguinte. O lugar de representante da autoridade era ocupado por um negro. Mas a Nova Orleães, que Rhett mostrou à mulher, era o centro de diversões mais alegre que ela até aí tinha visto. As pessoas que ela conhecia possuíam dinheiro a rodos e pareciam, por outro lado, não ter cuidado@; nenhuns. Rhett apresentou-a a dúzias de senhoras, todas muito bem vestidas, com mãos de quem nunca trabalhara, que riam a propósito de tudo e que não conversavam sobre problemas graves. Quanto aos homens... que entes tão sedutores! Muito diversos -dos homens de Atlanta: disputavam a honra de a conduzir numa dança e dirigiam-lhe cumprimentos lisonjeiros ao máximo, como se Scarlett estivesse ainda no esplendor da mocidade.

Mostravam, como Rhett, algo de duro e temerário na expressão. Tinham o olhar sempre alerta, tal acontece aos que viveram muito, tempo entre perigos e se habituaram a ser cuidadosos, Dir-se-ia que para eles não existia nem passado nem futuro e mudavam habilmente de assunto quando Scarlett lhe perguntava a que fizeram ou onde haviam estado antes de se fixarem naquela cidade. Isto já era para admirar, pois, ao contrário, todos os recém-chegados a Atlanta se apressavam a apresentar as suas credenciais e a falar da sua terra natal e família. Os de Nova Orleães, denunciavam certo ar taciturno e mediam muito bem as palavras que proferiam. Quando Rhett se encontrava a sós com eles e Searlett estava perto, nalguma sala contígua, ela ouvia-os rir muito e surpreen-

389

dia bocados de frases, que se lhe afiguravam sem sentido, assim como nomes singulares: Cuba e Na&sau no tempo do bloqueio; a sede do oiro; o desenvolvimentor dos negórcios; o tráfico de armas; o contrabando; Nicarágua; William Walker, executado em Truxillo... Certo dia, a entrada repentina de Scarlett pôs termo a uma conversa a respeito do bando de guerrilheiros de Quantrill; mas ainda ela teve tempo de ouvir os nomes de Frank e de Jesse James, dois irmãos espiões sulistas, Contudo, todos esses homens tinham boas maneiras, vestiam com sóbria elegância e sem dúvida nenhuma, admiravam Scarlett: a esta no Ém de contas, pouco importava que eles só vivesse@n para o presente. O que interessava, sobretudo, é que eram amigos de Rhett e possuíam vastas propriedades e boas carruagens; e que a levavam, com o marido 'a dar passeios ou lhes ofereciam jantares, ou ainda recepções em sua úonra. Por isso- ela lhes testemunhava muita simpatia., o que não deixava de agradar a Rhett.

- Tinha ai certeza de que havias de gostar deles - disse o marida, rindo.

- Por que não? - respondeu Searlett, desconfiada, como sempre, daquele riso.

- Porque são todos tipos desqualificados, ovelhas ranhosas, patifeg. Grandes aventureiros a fina flor dos Sacolas. Ganham dinheiro especulando sobre os mantimentos, como o teu marido adorado, quer assinando contratos duvidosos com o Governo, quer traficando de modo mais ou menos suspeito.

-Não acredito. Estás a brincar comigo. n tudo gente da melhor.

- Nesta cidade, a gente da melhor vive na miséria

- declarou Rhett. - Essas pessoas moram com toda a dignidade em pardieiros, e duvido que me recebessem em sua casa. Foi aqui que durante a guerra pus em prática, alguns dw meus tenebrosos planos e os habitantes de Nova Orleães têm uma memória leva6 da breca. Scarlett, és para. mim uma alegria constante! Tens o dom de gostar de pessoas que não merecem a simpatia de ninguém e de fazeres sempre o que não devias fazer!

-Mas são teus amigos!

- IR@ que eu adoro os canalhas. Passei os primeiros anos da minha juventude a jogar as cartas num barco da

390

earreira Mississipi e compreendo esses sujeitos. Mas não sou cego e vejo bem o que são.]@s incapaz de distinguir o fino do ordinário. Às vezes penso qile as únicas verdadeiras senhoras que conheceste foram tua mãe e a Melly, mas parece-me que nem uma nem outra tiveram grande influência em ti, Scarlett.

A Melly! Uma parva sem graça nenhuma, que não sabe vestir-se nem diz senão banalidades!

- Poupa-me cenas de ciúmes. Não é a beleza nem o vestuário que fazem uma grande dama.

-Ai, não? Espera um pouco, Rhett Butler, e verás! Agora que tenho... que temos dinheiro 'vou ser a maior dama que jamais conheceste, a, mais perfeita senhora de sociedade.

-Seguirei a experiência com muito interesse. Ainda mais atraentes do que as pessoas com quem ela convivia eram os vestidos que Rhett lhecomprava, depois de ele próprio escolher a cor, o tecido e o

modelo, Já não se usavam crinolinas e a última moda era encantadora, com saias arrepanhadas atrás num tufo guarnecido de flores, de cascatas de fitas e de rendas. Searlett lembrava-se das modestas crinolinas do tempo da guerra e sentia-se um tanto envergonhada por andar com aquelas saias modernas muito cingidas à frente. E os chapéus, que amores!, Pequeninos, inclinados sobre um olho, enfeitados de flores, de frutos, de plumas e fitas que flutuavam ao vento! (Se ao, menos Rhett não tivesse feito a tolice de atirar para o lume os caracóis postiços que ela comprara para engrossar o carrapicho, que emergia por baixo desses, chapélinhos!) E que linda, a roupa interior executada num convento! Roupa bonita não lhe faltava. Camisas de dia e camisas de noite saias do, linho mais fino, adornadas de bordados -e de refe@os minúsculos. E os, sapatos de cetim que Rheitt lhe oferecera! Tinham saltos com mais de sete centímetros de altura, e fivelas de pedras que cintilavam como diamantes. Meias de possuía uma dúzia de pares, e nem um s6 com a parte de cima de algodão., Que luxo!

Scawlett comprou presentes para a família: um sã(>---bernardo, pequenino de pêlo comprido para Wade, que sempre mostrara desejo de ter um'; para B;ea.u, UM gatinho persa; uma pulseira de coral para a, pequena Ella; um colar com pingente de pedra lunar para a tia PittY;,
391

as obras completas de Shakespeare para Melanie e Ashley; uma elegante libré para o velho Peter sem CsquOcer ocriaPéu alto de cocheiro com o respecílvo penacho; cortes de fazenda para Dilcey e pa-ra a cozinheira, e prendas valiosas para um dos habitantes de Tara.

- O que é que compraste para a Babá? - indagou Rhett contemplando aquela, confusão de coisas amontoadas s@bre a cama, e enxotando o cão e a gato para o quarto de vestir.

- Nada. Ela foi odiosa. Por que havia de lhe dar presentes depois de nos chamar mulas?

- E por que hás-de ficar sempre ofendida quando, ouves uma verdade? Tens de levar uma lembrança à Babá. Seria uma dor de alma! se não lhe desses nada, e almas como aquela são, muito preciosas para. que as magoemos.

-Não lhe levo absolutamente nada. Não merece. -Nesse caso, compro-lhe eu qualquer coisa.

Recordo-me de que a @iinha ama dizia que quandc> fosse para o Céu, queria ir de saiote de tafetá vermelho, um tafetá tão teso que a saia se aguentasse de, pé e tão farfalhante que Deus Nosso Senhor tivesse a ilusão de que. era, o, sussurro de asas de anjo. Vou comprar ta-fetá escarlata e daí se fará um lindo saiote para a tua ama.

-Ela não aceita nada, de ti. Preferia morrer a usar salas oferecidas pela tua, pessoa.

-Não duvido, mas ofereço-lhe da mesma maneira.

O gesto é tudo.

As lojas de Nova Orleães eram tão luxuosas, tão repletas de tentações que se tornava um verdadeiro prazer andar a fazer compras com Rhett. Mas ainda era maior prazer ir com ele ao restaurante, pois Rhett sabia o que era bom e como os pratos deviam ser preparados. Os vinhos, os licores, o champanhe de Nova Orleães reservavam surpresas agradáveis a, Scarlett, que só estava habituada, ao vinho de amoras feito em casa e à aguardente dos delíquios, da tia Pitty. Mas quanto às ementas escolhidas pelo marido... oh, isso era um encanto! A cozinha de Nova Orleães talvez fosse até o melhor da cidade. Lembrando-se dos jejuns padecidos em Tara e da sua mais recente prenúria ela tinha a impressão de que nunca se fartaria, ba-stant@ da<lueles pratos tão bons agora à sua disposição. Havia, cogumelos, ostras, pombos macerados

392

em vinho, fígado de ganso... O seu apetite jamais falhava, pois quando lhe vinham à memória o grão de bico e as bata-tas doces de Tara, Scarlett atirava-se com mais entusiasmo às deliciosas iguarias de Nova Orleães.

-Tu comes com<> se cada refeição fosse a última da tua vida - disse um dia, Rhett. - Não rapas o prato, tenho a certeza de que há mais disso na cozinha.]@', só pedir ao criado. Se continuas dessa maneira, ficas tão gorda como as senhoras de Cuba, e eu vejo-me obrigado a pedir o divórcio. Mas Scarlett limitou-se a deitar-lhe a língua de fora, e pediu logo outra dose de pudim de chocolate. Que engraçado que era poder gastar o dinheiro que quisesse, sem ter a preocupação de economizar para o pagamento dos impostos! Que divertido conviver com pessoas alegres e ricas e não gente pobretona, como, a de Atlanta,! Que satisfação usar vestidos de brocados que realçavam a cintura e descobriam generosamente os braços, o pescoço e até a colo! Que prazer excitar a admiração dos homens, e com-er tudo. o que lhe apetecer e beber champanhe até a saciedade! A primeira vez que se excedeu a beber, acordou no dia seguinte com uma tremenda enxaqueca e com a deprimente recordação de ter vindo em carruagem descoberta, a cantar a, BOnn@e Blue Fbag @odo o caminho de regresso ao hotel. Sabia que não era decente uma senhora embriagar-se, e a única mulher que ela vira nesse estado fora, a Watling, no dia da. rendição de Atlanta. Tão. vexada se sentia que nem tinha cara de olhar para Rhett mas este só achou graça ao caso. Aliás, achava, graça a. tudo o que ela fazia, como se assistisse às tropelias dum gatinho. Envia-decia-a sair com Rhett, porque era bonito homem. Até aí, Scarlett, nunca prestara muita atenção ao aspecto dele, e em Atlanta preocupavam-se muito com os seus defeitos morais para repararem sequer nas suas qualidades físicís. Em Nova Orleães, porém, Scarlett via bem como as mulheres o olhavam e como se meneavam quando ele lhes beijava a mão. Depois de perceber que o marido era apreciado pelas mulheres e que estas talvez a invejassem, sentiu-se orgulhosa por se mostrar a seu lado. "Somos um lindo casal", pensava, com satisfação. Sim, como Rhett profetizara, o casamento podia ser uma coisa, muito aprazível. Aprazível e instrutiva, Pois

393

11 1 0

Scarlett, que sempre julgara que a vida nada mais tinha a ensinar-lhe sentía-se agora como uma criança que! todos os dias faz n:@va, descoberta. Em primeiro lugar, aprendeu que a vida conjugal com Rhett era muito diferente da que ela tivera com Charles e com Frank. Um e outro mostravam o maior respeito pela esposa e receavam os seus acessos de cólera. Não exigiam nada e ela. só lhes concedia o que lhe apetecia conceder. Rhett não só não a receava com(> também não lhe tinha grande respeito. Fazia sempre o que queria e, se Scarlett não estava de acordo, ria-lhe na cara. Ela não o amava, mas reconhecia que Rhett era um companheiro que sabia tornar a vida deveras agradável. O que nele existia de mais cativante era o, facto de aparecer sempre senhor de si, até nos momentos mais fogosos onde por vezes se notava uma pontinha, de crueldade e outras vezes uma alegria irritante.- "IÉ@, porque não está realmente apaixonado por mim", pensava Scarlett, sem amargura. "Também não gostaria de o ver perder a cabeça por dá cá aquela palha". No entanto, à ideia, de que isso estava no domínio das possibilidades- sentia despertar em si a curiosidade de maneira perturbante. À força de conviver com Rhett, descobriu muita coisa a seu respeito e supôs que já o conhecia bem. Descobriu que a sua voz podia ser macia como a pele dum' gato e, daí a momentos, áspera e brutal. Podia narrar, com apa, rente sinceridade e admiração, histórias sucedidas nas terras por onde andara, em que predominava o amor, a coragem e a virtude e logo a seguir contar anedotas picantes ou cínicas. Sca@lett estava convencida de que nenhum marido dizia, à mulher semelhantes anedotas, mas aquilo entretinha-a e correspondia- de certo modo ao que nela existia de grosseiro. Rhett era capaz de se mostrar amante ardente, embora por breves instantes, e em seguida ser um demónio provocador que se divertia a irritá-la e a observar com delícia as suas reacções explosivas. Descobriu que os elogios de Rhett tinham. sempre segunda intenção e que se devia desconfiar das-suas manifestações de ternura. Na verdade, naquela estadia de duas semanas em Nova. Orleães, Scarlett, ficou a conhecer muita coisa, a res.peito do marido, excepto como-ele era na realidade.

Em certas manhãs, Rhett prescindia da criada para ele
394

próprio levar o primeiro almoço a Scarlett, e tirava-lhe a, escova das mãos e escovava-lhe os cabelos negros e compridos até ouvi-los crepitar, Noutras ocasiões acordava a mulher bruscamente, arrancando a roupa da cama e fazendo cócegas nos pés de Scarlett. Tão depressa escutava muito interessado o que ela, dizia a. respeito dos negócios, aprovando com gestos de cabeça a sua sagacidade, como declarava que aquelas transacções comerciais não passavam duma burla, de roubo em grande escala. Quando a levava ao teatro, toda a noite lhe murmurava ao ouvido que Deus não devia gostar de tais divertimentos; em compensação, iam à missa e svtt-o voce, cochichava-lhe toda a espécie de piadas obsce@as e depois repreendia-a por estar a rir na igreja. Animava-a, a contar tudo o, que lhe passava pela cabeça, a ser petulante e atrevida. Scarlett aprendeu com ele a habilidade das réplicas prontas e das frases sarcásticas, e tratou de utilizar esse novo poder sobre as outras pessoas. No entanto, não tinha o sentido do humor, que temperava a malícia de Rhett, nem o seu sorriso que deixava todos, na, dúvida de ele estar a troçar de si m@smo ou a troçar dos demais. Apesar de todas as garotices, Rhett nunca se mostrava sob aspecto infantil. Era um homem em tudo o que fazia. Scarlett não o olhava. das alturas da. superioridade feminina, como costumavam fazer as mulheres para com os adultos, que no fundo eram crianças.

Quando pensava nisto, aborrecia-se um pouco por não se sentir superior a Rhett. Ser-lhe-ia tão agradável! Sempre olhara de alto para os homens que tinha conhecido, resumindo em duas palavras a opinião que formava deles: "Que crianças!" Assim acontecera com o pai, com os irmãos Tarletons, tão brincalhões e trocistas, como todos os que lhe haviam feito a corte durante a guerra. Enfim, com todos menos Ashley. S6 Ashley e Rliett a ultrapassavam, esquivando-se ao seu domínio, pois ambos eram verdadeiros homens, que não conservavam em si o menor elemento pueril.

Scarlett não compreendeu Rhett e não se dava, ao trabalho de o compreender, embora de tempos a tempos, descobrisse nele pormenores que a intrigavam. Rhett, por exemplo, olhava-a de forma estranha, quando supunha que ela não o estava a observar. Voltando-se bruscamente, surpreendia-o a mirá-la muito atento, tendo nos olhos uma

395

expressão ardente e inquieta., como se esperasse qualquer coisa...

- Por que me olhas assim? - perguntou-lhe Scarlett, um dia, zangada. - Pareces um gato diante do buraco por onde há-de sair o murganho.

Rhett limitou-se a rir, e a mulher não tardoú a esquecer este incidente. Até desistiu de averiguar o que se passava no espírito do marido. Aliás, seria trabalho baldado. Rhett era em demasia indecifrável e a vida continuava a ser deliciosa... salvo quando ela pensava em Ashley. Mas estas vezes eram poucas visto que Rhett lhe não deixava tempo para isso. Às vez@s, à noite, quando Scarlett, fatigada por haver danÇado e bebido em excesso, se embrenhava numa espécie de sono langoroso, -recostada nos braços de Rbett, e a Lua inundava o leito com a sua pálida claridade, ela pensava que a vida seria, inteiramente bela se aqueles braços que a apertavam fossem os braços de Ashley.

Certa ocasião devaneando assim, Scarlett soltou um suspiro e voltou' a cabeça para o lado da janela. Daí a pouco sentiu os músculos dele tornarem-se mais duros e ouviu-lhe a voz elevando-se no silêncio: "Que Deus mande para o Inferno a tua alminha ímpostora!"

E, levantando-se, tornou-se a vestir e deixou o quarto, apesar do!s protestos da mulher, estupefacta com o caso. Reapareceu na manhã seguinte, à hora do primeiro almoço, com ocabelo despenteado, de mau humor, decerto bêbado, e não se dignou sequer explicar as razões da fuga.

Scarlett não o interrogou. Mostrou-lhe a maior frieza, como convinha a uma pessoa ofendida, e, assim que acabou de almoçar, vestiu-se perante os olhos -congestionados de Rhett e foi fazer coropras. Só regressou à hora do jantar.

Foi uma refeição silenciosa. Scarlett, furiosa no, íntimo, sentia-se defraudada. Não só aquele era o último jantar em Nova Orleães como ela queria fazer honras à belíssima lagosta que lhe apresentaram, e o ar sombrio de Rhett estragava-lhe todo o prazer. No entanto, comeu tanto quanto pôde e bebeu grande quantidade de champanhe. Talvez a lagosta e o champanhe é que lhe prov(=cassem nessa noite a reaparição do antigo pesadelo. Scarlett acordou sobressaltada, coberta de suores frios e a soluçar perdidamente. Sonhara que se encontrava em Tara outra vez. O aspecto da quinta era desolador. A mãe mor-

396

rera, e com ela fora-se toda a força, e equilíbrio no mundo. Não se podia contar com ninguém. Algo de terrível vinha a persegui-la, e ela corria, corria desesperada através de nevoeiro espesso e movediço. Gritava e pro=ava, às cegas aquele refúgio desconhecido aquele porto de salvamento que devia encontrar-se algu@es no. meio do nevoeiro.

Quando despertou, Rhett estava inclinado para ela. Sem uma palavra, ergueu-a nos braços @como urna criança e apertou-a de encontro a si. O contacto dos seus músculos fortes e as suas palavras de consolo foram-na acalmando até que parou d4@ soluçar,

-Oh, Rhett! Eu tinha tanto frio e tanta fome! Sen tia-me tão cansada e não chegava ao fim! Corria, corria através do nevoeiro e nunca encontrava nada.

-Que pretendias encontrar, minha jóia? -Não sei. Gostava de saber. -n sempre o mesmo sonho?

- Sempre. Rhett deitou-a devagarinho na cama e acendeu uma vela, cujo clarão deu às suas feições duras o aspecto de serem esculpidas em pedra. A camisa, aberta até à cintura, descobria o peito bronzeado coberto de pêlos negros e espess<), Ainda a tremer de susto Scarlett ficou tão impressionada com a força indomável que emanava daquele torso, que murmurou:

- Aperta-me contra ti, Rhett! -Querida!-disse ele em voz baixa. E, pegando@-a outra vez ao colo, foi sentar-se numa poltrona e pôs-se a embalar Searlett cingindo-a a si.

- Oh, Rhett, qué horror é ter fome! -De facto, deve ser horroroso sonhar que se está com fome depois de ingerir um jantar de sete pratos, incluindo aquela lagosta formidável -comentou ele sorrindo, mas com expressão afectuosa.

-Por mais que corresse e procurasse por todos os or, lados, não conseguia encontrar o que buscava sem sequer saber o que era. Estava sempre oculto no nevoeiro. Só sei que, se chegasse a encontrar, estaria salva para sempre, e nunca, nunca mais teria nem frio nem fome.

- Era pessoa ou coisa que tu procuravas? -Não faço idela. Nunca o perguntei a mim mesmaRhett, achas que um dia encontrarei isso que busco e que me há-de salvar?

397

- Não - declarou ele, endireitando o cabelo despenteado. -Não creio. Com os sonhos é sempre assim. Mas estou persuadido de que, à força de veres que não te falta nada na vida, e que não corres nenhum perigo, acabarás por deixar de ter esse sonho, Encarrego-me da tua segu" rança, Searlett!

-P,s tão generoso!

- Obrigado pelo elogio. Agora, quando acordares, deverás dizer todas as manhãs: "Enquanto Rhett for vivo e existir o governo dos Estados Unidos, jamais terei estômago vazio ou sofrerei qualquer mal".

- O governo dos Estados Unidos? -repetiu Scarlett, intrigada, erguendo o rosto ainda cheio de lágrimas.

-O dinheiro da Confederação segue daqui por diante novo rumo. Coloquei a maior parte em obrigações do Tesouro,

- ó diabo! -exclamou ela, que já se ia sentindo tranquila. - Queres dizer que emprestaste o teu dinheiro aos yankees?

- A troca dura boa percentagem,

- Nem que fosse cem por cento! Tens de vender já essas obrigações. Só pensar que emprestaste o dinheiro aos yankees... é de perder a cabeça!

-E que devo fazer do capital? -volveu Rhett, sorrindo, e notando que nos olhos da mulher já não havia sinais de inquietação.

- Vejamos ... Podias comprar terrenos perto do e=inho de ferro ... Mesmo todo o terreno marginal.

- Não, não me agrada isso. Agora que os Sacolas dominam no Estado de Geórgia, é impossível adivinhar o que pode acontecer. Prefiro conservar-me na expectativa. Como bom renegado que sou, lido com eles, mas não lhes confio nada de valor, Evitemos o emprego de dinheiro em bens imobiliários. Antes as obrigações que se podem esconder. Os imóveis é que não se escondá@ com facilidade.

- Parece-te que... -começou Scarlett que empalidecera ao lembrar-se das suas estâncias d@ madeira e do armazém do defunto Frank,

- Não sei--- Mas não tomes esse ar. O nosso novo governador, pessoa simpaticissima, é um dos meus melhores amigos. O que quero dizer é que a época não oferece segurança e que eu não devo imobilizar o capital dessa maneira.

- Sentou a mulher num dos joelhos e inclinou-se para trás

398

a fim de tirar e acender um charuto. ScaxIett, viu-lhe moverem-se os músculos do peito e sentiu-se segura. - E já que falamos destas coisas - prosseguiu ele - participo-te que tenciono mandar construir uma casa. À força de o tira" nizar, conseguiste que Frank aceitasse a ideia de habitar com a tia Pitty; ora eu já te previno que não suportarei os delíquios dessa -senhora, três vezes ao dia, nem a de me deixar assassinar pelo teu preto Peter, quando me vir instalar sob o tecto dos Hamiltons. A tia Pitty que peça a India Wilkes o favor de habitar com ela, e já não estará só. De regresso a Atlanta, hospedar-nos-emos no Hotel Nacional até que a nossa casa fique pronta. No hotel ocuparemos os aposentos reservados aos noivos. Antes de vir para cá, adquiri um grande bocado de terreno na Peachtree Road, o que fica ao lado da casa dos Leydens. Estás a compreender-me...

- Oh, Rhett, que bom! Sempre desejei urna casa minha, na cidade! Uma casa muito grande.

-Ao menos, estamos de acordo num ponto, Que achas? Uma casa de estuque branco, com ferros forjados, como as dos crioulos daqui...

- Não, Rhett. Nada dessas velharias usadas em Nova Orleães, Sei muito bem o que quero. Tudo o que há de mais moderno. Vi uma reprodução na... como se chama?... na HarperIs Weekly. Era um modelo de chalé suíço.

-Um quê suíço? -Um chalé.

- Dize outra vez. Scarlett obedeceu.

- Oh! - murmurou ele, afagando o bigode.

- Era uma coisa linda, com o tecto muito alto, em declive e, de cada lado, uma espécie de torre. As janelas das tor@es tinham vitrais azuis e encarnados. Via-se mesmo que era obra de estilo.

-Devia ter também uma varanda com balaustradas de madeira aos recortes.

-Nem mais!

- E um friso de espirais de madeira a ornamentar o beiral?

-Exactamente, Já viste decerto qualquer coisa semelhante.

- Já vi, mas não na Suíça. Os suíços são muito inte-

399

WL

ligentes e profundamente -sensíveis à beleza arquitectural. Queres de facto uma casa assim?

- Oh, se quero! -Julgava que tivesses melhorado de gosto depois de conviveres comigo.. Por que não uma casa crioula ou uma de estilo colonial, com seis colunas brancas?

-Já te disse que não quero velharias. E, no interior, havemos de ter as paredes forradas de papel vermelho, e reposteiros de veludo encarnado em todas as portas 'e um porção de móveis de

nogueira, e alcatifas e... Oh Rhett, toda a gente vai ficar verde de inveja quando vir a nossa casa!

-Será necessário provocar a inveja de todos? Mas se fazes empenho em que fiquem verdes... Ainda não te veio à ideia, Scarlett, que não é de muito bom gosto arranjar uma casa luxuosa demais, quando a maioria das pessoas é tão pobre?

-Quero que seja como eu disse-retorquiu Scarlett, obstinadamente. -Quero dar uma lição a todos que foram maus para mim. E hei-de oferecer tais recepções que a cidade em peso ficará arrependida das coisas que disse a meu respeito.

-E quem irá às tuas recepções? -Toda a gente. Pois então! -Duvido., A Velha Guarda morre, mas não se rende.

- Não duvides, porque quem é rico tem a simpatia de todos.

- Menos a dos sulistas. A quem ganhou dinheiro especulando... é mais difícil introduzir-se na boa sociedade do que a um camelo passar pelo fundo duma agulha. Quanto aos renegados, quero dizer tu e eu, podemos considerar-nos felizes se não nos cuspirem na cara. Mas, enfim, se queres tentar a sorte, apoiarei os teus esforços e estou certo que me divertirei muito no decurso da tua campanha. E, visto que -se falou de dinheiro, ponhamos as coisas em pratos limpos. Tê-lo-ás quanto quiseres para a casa e vestidos; se gostas de jóias, tê-las-ás também, mas escolhidas por mim. O teu gosto é detestável, minha querida. Podes também comprar tudo o que te apetecer para Wade e Ella. Se Will Benteen deseja intensificar a produção de algodão posso contribuir para isso. E o que se chama proceder bem, não achas?

- Sem dúvida. És muito generoso.

400

- Agora escuta-me bem. Nem um centimo, para o armazém ou qualquer empreendimento revolucionário.

- Oli! - exclamou Scarlett, cujo rosto se alterou imediatamente.

Durante a viagem de núpcias, ela reflectira no meio de chamar à conversa os mil dólares de que precisava para comprar o terreno destinado a aumentar a estância de madeiras.

- E eu que julgava tivesses vistas largas! Pensei considerasses tolice tudo, o que diziam a respeito do meu papel de mulher de negócios. Afinal verifico que és como os outros homens. Tens medo de que julguem ser eu quem manda em casa.

- Ninguém fará reflexões a esse respeito, assevero-te -declarou Rhett no seu falar arrastado. -Sou bastante mal educado para ter orgulho numa mulher desempoeirada. Podes ocupar-te do armazém e das serrações. Essas empresas pertencerão aos pequenos. Quando Wade for crescido, não há-de querer estar às sopas do padasto, e nessa altura poderá tomar a gerência desses negócios. Seja como for, recuso-me a aplicar dinheiro em tais coisas.

- Porquê?

- Porque não tenciono contribuir para a alimentação de Asliley Wilkes.

- Espero que não recomeces com essa história.

- Não recomeço. Mas como perguntaste a razão da minha recusa, aí tens. E ainda há mais. Não penses que vais falsificar os teus livros de contas, fingindo que tais verbas são para vestidos ou para a casa. Eu perceberia muito bem que era para economizar dinheiro e comprar mulas ou outra serração destinada a Ashley. Estou firmemente disposto a fiscalizar as tuas despesas e sei o preço das coisas. Mas não tomes es-se ar ofendido. Farias isso e muito mais. No que respeito a Tara e a Asliley, ficas-me debaixo de olho.

49

A SENHORA Elsing pôs-se à escuta. Ouvindo Melanie atravessar o vestíbulo e entrar na cozinha, onde o tilintar de loiça e de talheres anunciavam próxima merenda, voltou-se e começou a falar em voz baixa com as senhoras que esta-

26 - Vento Levou - 11

401

'k"

vam sentadas na sala, com o cestinho de costura, pousado sobre os joelhos.

- Eu é que não tenciono fazer uma única visita a Scarlett -declarou, com expressão ainda mais glacial que de costume no rosto senhoril.

Os outros membros do Círculo de Costura a favor das Viúvas e órfãos da Confederação descansaram as agulhas e chegaram mais as cadeiras umas para as outras. Todas aquelas damas ardiam em desejos de falar de Rhett e de Scarlett, mas a presença de Melanie impedia-as de aflorar tal assunto. O casal regressara na véspera a Atlanta e instalara-se nos melhores aposentos do Hotel Nacional.

- O Hugh quer convencer-me de que devo ir visitá-los, alegando que o capitão lhe salvou a vida -prosseguiu a senhora Elsing. - E a Fanny, coitada, é da mesma opinião e diz que vai também. Eu ainda lhe observei: "Fanny, lembra-te que Tommy estaria hoje vivo se não, fosse Scarlett. n um insulto à sua memória fazer semelhante visita". Mas a rapariga saiu-se com esta: "A visita não é dedicada a Scarlett, mamã. É ao capitão Bufler que se esforçou por salvar Tommy. Se não conseguiu, a culpa não foi sua".

- Já, muito pateta a gente moça! - comentou a senhora Merriwether. - Visitar criaturas daquelas! Ora esta! -

O peito opulento ergueu-se de indignação à lembrança dos maus modos de Scarlett quando lhe fora falar antes do casamento. -A minha Maybelle é tão pateta como a -sua Fanny. Disse-me que ia com o marido visitá-los, porque o capitão Butler evitara que Renê fosse enforcado. Também eu lhe fiz ver que ele não se teria exposto a perigos daquela ordem se Scarlett não andasse por aí sozinha como uma maluca. E meu sogro teima em ir e diz que se sente muito grato àquele velhaco. Está impossível de aturar desde que entrou em casa da tal Watling. Que vão, se quiserem, eu é que não vou. Scarlett ficou banida da sociedade casando com semelhante homem. Já não era boa firma quando especulava durante a guerra e ganhava dinheiro a rodos, enquanto nós quase passávamos fome, e então agora, que anda tu cá tu lá com os Sacolas e Renegados, e que é amigo... sim, amigo desse sinistro Bullock ... Ai, não, não conte com visitas minhas! Eles que vão ...

A senhora Bonnell suspirou. Era uma mulher rechonchuda, de fisionomia franca e jovial.

402

-Irão só uma vez, apenas por cortesia, Dolly. Não devemos censurá-los. Constou-me que todos os homens que tomaram parte no ataque da Man tencionam ir cumprimentar o capitão Butler e acho que têm razão.... Às vezes até me custa a crer que Scarlett seja filha de Ellen Robillard, que eu conheci tão bem. Andámos juntas no colégio de Savannah, Era esplêndida companheira, e eu estimava-a muitíssimo. Se o pai não se tivesse oposto ao casamento com o primo Philippe Robillard! E não sei porquê. Não havia nada de grave acensurar ao rapaz... Na mocidade é natural praticar desvios. O certo é que Ellen foi obrigada a sair da cidade e a casar com o velho O'Hara, que lhe deu uma filha como Scarlett. Em memória da mãe, acho de meu dever visitá-la.

-Aí está o que se chamam tolices sentimentais! -

exclamou a senhora Merriwether. - Kitty Bonnell considera seu dever visitar uma, criatura que voltou a casar apenas um ano depois da morte do marido?

- E que foi a causa da morte dele - acrescentou India em voz calma, mas cheia de veneno. Sempre que se falava de Scarlett, custava-lhe a manter a serenidade e a não dizer tudo quanto pensava, pois não se esquecia de Stuart Tarleton.-Já antes de o senhor Kennedy morrer, eu tinha a impressão de que entre ela e esse Butler havia mais qualquer coisa do que simples amizade.

Ainda, as senhoras não tinham voltado a si do espanto causado por tal insinuação na boca duma mulher solteira quando viram Melanie postada à porta. Tão interessadas estavam na conversa que nem os passos lhe tinham ouvido. Ficaram todas com o ar de colegas apanhadas pelo professor a tagarelar na aula, mas a inquietação sucedeu ao alarme quando notaram a cara transtornada, de Melanie. A cólera inflamava-lhe as faces, os olhos despediam centelhas, as narinas freíam-lhe. Até aí, nunca ninguém vira Melanie zangada. Nenhuma das senhoras presentes a julgara capaz de se

encolerizar. Todas a estimavam, mas consideravam-na uma mulher muito meiga, muito dócil, cheia de respeito pelas pessoas mais velhas e -sem opinião própria.

- Como te atreves a dizer isso 'India? - exclamou em voz trémula de ira. - A que ponto chegam os teus ciúmes! Que vergonha!

India empalideceu, mas conservou-se de cabeça erguida.

403

- 4

- Não retiro uma palavra do que disse - ripostou secamente. Mas pensou, perturbada: "Ciumenta, eu?" A lembrança de Stuart Tarleton, de Honey e de Charles não seria motivo para ter ciúmes de Scarlett? Não tinha razões para a detestar, especialmente agora que suspeitava que ela apanhara também Ashley na rede? "Muita coisa podia eu revelar-te acerca de Ashley e da tua, preciosa Searlett!" disse consigo. Mas tinha de se calar para não acarretar aborrecimentos ao irmão. Se falasse, Scarlett ver-se-ia obrigada a desistir das suas pretensões sobre Ashley, mas ainda não, era altura de falar. Por enquanto, não havia nada de cGnereto; apenas desconfiança da sua parte. -Não retiro nada do que disse - repetiu.

-Nesse caso, não continuarás a viver debaixo do meu tecto -declarou Melanie em tom glacial.

India levantou-se num pulo, de rosto. purpureado.

- Melanie, tu... minha cunhada... queres cortar as relações comigo por causa daquela peste!

- Scarlett também é minha cunhada - replicou Melanie de olhos fitos nos de India. -E tenho4he mais amizade do que se fosse minha irmã de sangue. Se esqueces o que ela fez por mim, eu é que não me esqueço. Esteve sempre a meu lado durante o bloqueio, quando podia ter-se refugiado em Tara, como a tia Pitty se refugiou em Macon. Assistiu ao nascimento do meu filho, na altura em que os yankees já estavam às portas de Atlanta. Não hesitou em levar-nos para Tara a MIM e a, Beau, quando podia. muito bem deixar-nos no h pital, onde seríamos apanhados pelos yankees. Cuidou de mim e alimentou-me, mesmo quando se sentia exausta e cheia de fome. Porque eu estava doente e não me aguentava em pé, deu-me o melhor colchão de Tara. Quando pude andar, foi para mim o único par de sapatos intactos que lá existiam. Esqueces o que ela fez a meu favor, Indía, mas eu nunca esquecerei. Quando Ashley voltou da guerra, doente, desanimado, sem lar e sem dinheiro, recebeu-o em casa como uma irmã. Apesar de nos, custar muito deixar Geórgia, resolvemos ir viver para o Norte, mas Searlett interveio e confiou a Ashley a direcção duma das serrações. Quanto ao capitão Butler, salvou a vida de meu marido, e unicamente por bondade, porque nada lhe devia. Eu é que estou em dívida para com ele e para com Scarlett e até à morte ser-lhes-ei reconhe~ cida, Parece impossível: India, que possas esquecer o que

404

Searlett fez por mim e por Ashley! Em tão pouco apreço tens a vida de teu irmão que nem sentes pejo de conspurcar o homem que o salvou? Nem que te rojasses de joe@lhos @os pés de Scarlett e do capitão Bufler seria bastante expiação.

-Então, Melly-atalhou a senhora Merriwether, que recuperara a ousadia. - Isso não são modos de falar a India.

-Ouvi também o que disse de Scarlett -prosseguiu Melanie, defrontando a volumosa senhora como um duelista que, depois de haver desarmado um dos adversários, se volta furioso contra outro. -E' a si também a escutei, senhora Elsing. No fundo, pouco me importa o que pensam dela os espíritos mesquinhos. Isso é convosco. Mas é comigo também o que se diz na minha casa. E não compreendo que se possa ter semelhantes pensamentos e ainda por cima exprimi-los. Em tão pequena conta tendes os homens da vossa família, que vos pareça preferível vê-los mortos a conservá-los vivos? Não sentis nenhuma gratidão para com aquele que os salvou e que o fez com perigo da própria vida? Os yankees bem podiam tê-lo considerado membro da Klan, caso descobrissem a verdade. Seriam capazes de o enforcar. Mas isso não o impediu de salvar os vossos parentes, de salvar o sogro da senhora Merriwether, e o genro e dois sobrinhos, e ainda o irmão da senhora Bonnell e o

filho e o genro da senhora Elsing. Sois simplesmente ingratas. Exijo,-voR que me apresenteis desculpa.

A senhora Elsing levantou-se, depois de ter encafuado à pressa a costura no saco.

-Se alguém me dissesse que era assim tão mal educada, Melly... Não, não apresento nenhuma desculpa. India tom razão Searlett é uma desaforada. Não posso esquecer a forma c@mo ela se portou durante a guerra. Nem esqueço a maneira pouco elegante como tem procedido desde que se tornou rica.

- Eu sei o que não pode esquecer -olveu Melanie, apertando os punhos delgados. - Foi ter retirado a Hugh a gerência da fábrica, por não o considerar à altura da situação.

- Melly! - imploraram várias vozes em coro. A senhora Elsing ergueu mais a cabeça e saiu da sala. À porta ainda se deteve, e, voltando-se, disse com voz mais branda:

405

- Melly, tudo isto me desgosta muito. Fui a melhor amiga da sua. mãe, e ajudei o Dr. Meade a pô-la neste mundo, Estinio-a como minha filha. Se se tratasse de qualquer coisa importante, seria menos doloroso ouvi-la falar desse modo. Ma,,@ a respeito de Scarlett O'Hara, que não hesitaria em lhe pregar uma partida, como a qualquer de nós...

Desde as primeiras palavras da senhora Elsing, Melanie sentira as lágrimas subirem-lhe aos olhos; mas logo que a outra acabou, as feições endureceram-se~lhe de novo.

- Gostava que se compenstrassem disto -disse ela. -

Todas as que não forem visitar Scarlett ficam também dispensadas de vir a minha casa.

Esta declaração foi acolhida por um murmúrio de vozes. As senhoras presentes levantaram-se de tropel; e a Elsing, deixando cair o saco no chão, reentrou na sala, com a cuia de través.

- Não, isso é demais! - bradou. - Não está no seu perfeito juízo, não sabe o que diz. Não admito mal-entendidos entre nós.

Chorava, e Melanie, sem saber como,, achou-se nos braços dela, banhada também de lágrimas, mas declarando entre soluços que não retirava uma palavra do que dissera. Várias outras senhoras desatara m- em pranto, e a senhora Merriwether, após haver-se assoado com um estridor de trombeta, apertou ao seio ao mesmo tempo a senhora Elsing e Melanie. A tia Pitty, transformada em estátua desde o início da cena, desmaiou a valer desta vez e caiu desamparada. No meio dos choros, da confusão, das idas e vindas em busca dum frasquinho de sais e duma garrafa de conhaque, só uma pessoa conservou serenidade e olhos enxutos: foi India Wilkes, que por fim se retirou sem que ninguém desse, por isso.

Mais tarde, o avô Merriwether encontrou o tio Henry Hamilton no botequim da "Girl of the Period" e contou-lhe os pormenores dessa reunião, sabidos através da nora. Comentou os acontecimentos da tarde com evidente satis~ fação, pois estava encantado com a ideia de que houvesse alguém capaz de fazer frente à temível viúva de seu filho. Ele jamais se atrevera a uma coisa dessas.

-E então, que deliberou finalmente esse rebanho de patetas? -, perguntou o tio Henry bem humorado também.

- Não sei ao certo, mas te@ho a impressão de que

406

Melly ganhou a, partida. Aposto que vão todas visitar o casal Butler, pelo menos uma vez.

- Melly é uma tonta e essas senhora-s têm razão -

observou Henry Hamilton. - Scarlett não passa duma estouvada e eu não percebo como é que Charles casou com ela. Por outro lado, Melly também falou com acerto. Seria delicado que as famílias dos homens que o capitão Butler salvou se dignassem dar o passo que lhes foi aconselhado. Eu por mim não tenho nada contra esse Butler, que se portou de maneira assombrosa na referida noite. Searlett é que me aborrece. n esperta em demasia. Enfim, devo ir igualmente, Seja Renegada ou não, Scarlett está no lugar de sobrinha. Tencionava mesmo visitá-la ao anoitecer.

- Irei contigo, I-fenry. Dolly, quando souber, vai ter um ataque de nervos. Espera um pouco, necessito tomar outro copo.

-Tomaremos mais em casa do capitão Butler, que é entendido em matéria de bebidas boas.

Com razão dissera Rhett que a Velha Guarda não se rendia. Sabia o pouco valor que se devia dar às raras visitas recebidas e não ignorava a disposição em que elas tinham sido feitas, As famílias ligadas aos membros da Man foram as primeiras a apresentar-se, mas daí por diante espaçaram as vindas ao hotel e nunca se dignaram convidar os Butlers para suas casas.

Rhett declarou que ninguém teria comparecido se não fossem as represálias anunciadas por Melanie. Scarlett perguntou-lhe donde é que ele inferira aquela conclusão e não deu importância aos comentários do marido. Pois que influência podia ter Melanie sobre pessoas como a senhora Elsing e a senhora Merriwether? Aliás, Scarlett pouco se importava que essas damas a visitassem ou não. E, na realidade, mal notou a ausência delas, pois os seus aposentos estavam sempre cheios de gente, e@nbora doutra espécie. Era "gente nova" como lhe chamavam as habitantes de Atlanta quando não lhe assacavam piores qualificativos.

Muita dessa "gente nova" residia no Hotel Nacional, esperando como Rhett e Scarlett que a casa mandada construir ficasse concluída. Ricas e joviais, lembravam essas -pessoas os, amigos de Rhett, com quem tinham convivido em Nova Orleães: eram. elegantes, gastavam à larga e

407

preferiain não aludir à sua existência precedente. Todos os homens defendiam ideias republicanas e estavam em Atlanta por causa de negócios que interessavam ao governo do Estado. Que poderia ser 'ao certo, esse gênero de negócios? Scarlett não o sabia e não procurava averiguar.

Rhett é que -seria capaz de a informar: dir-lhe-ia então que essas criaturas desempenhavam o papel dos corvos em tomo dos que estão para, morrer. Farejavam a morte, de longe, e precipitavam-se de boca aberta. Já não existiam georgianos no governo de Geórgia, que tombara em poder de aventureiros.

As esposas dos Sacolas e dos Renegados amigos de Rhett amontoavam-se na sala de Scarlett, assim como a "gente nova" a quem ela fornecera madeira de construção. Rhett demonstrara-lhe que, estando ele a tratar de neg&cios com os homens, a mulher ficava na obrigação de receber o elemento feminino da, família; ela assim fez e achou agradável a companhia daquelas da-mas, que vinham muito bem trajadas; nunca se referiam à guerra, nem à carestia da vida, e discorriam apenas sobre a moda, os escândalos mundanos e o whist. Scarlett jamais jogara às cartas, mas lançou-se ao whist com gosto e depressa se tornou joga, dora exímia.

Sempre que se, encontrava no hotel, a, sua sala, enchia-se de parceiros; mas era também frequente andar por fora, vista a edificação da e-asa lhe ocupar muito tempo. Nessa época, pois, encarava com igual indiferença o facto de ter ou não ter visitas. O seu papel mundano só começaria no tempo em que, senhora da nova casa, se acharia de posse da mais vasta residência de Atlanta, onde decorreriam as mais famosas recepções da cidade.

Durante os longos dias quentes de Verão, Scarlett via elevar-se a pouco e pouco a sua moradia de pedra avermelhada, que se cobriu de telhados esguios e acabou por ultrapassar todas as outras-casas de Peachtree Street. Esquecida do armazém e das serrações, gastava o tempo no local a discutir com os carpinteiros, a, alterar com os

d eiras, a arrelhar o construtor, Terminada a obra veriK r ' aior fica ia

com prazer que era a casa mais vistosa e m de Atlanta. Talvez até ficasse mais imponente que a dos James teme] íeque se erguia nas imediações, e que fora recen

ri adquirida para residência oficial do governador Bullock.

408

Por mais recortados que fossem os ornatos de madeira desta última, os da casa de Scarlett deixavam-nos inteiramente a perder de vista. A moradia do governador comportava uma sala de baile; porém, comparada com as dos Butlers, reduzia-se às dimensões duma mesa de bilhar, pois aquela compreendia o terceiro piso todo inteiro. Em mais parte nenhuma se poderiam admirar tantas cúpulas, torres, torreões, varandas, pára-raios e janelas de vitrais!

Em toda a volta do edifício corria uma varanda, para a qual se subia por quatro escadas dispostas em cada uma das faces. O amplo jardim estava repleto de verdura e guarnecido de bancos rústicos de ferro. Havia lá uma estufa do mais puro estilo gótico, e duas estátuas grandes, de ferro, que representavam uma um veado e outra um cão. Para Wade e Ella, um tanto assarapantados com as dimensões desses animais, elas eram as únicas coisas dignas de apreço em toda a propriedade.

No interior, a casa foi decorada segundo os desejos de Scarlett. O chão, de parede a parede, cobria-se com uma alcatifa encarnada, espessa. Nas portas pendiam reposteiros de veludo. Os móveis, modernos, eram de nogueira entalhada minuciosamente e muito bem envernizada. Quanto às poltronas, tinham estofos tão altos que as senhoras, ao sentar-se, deviam tomar precauções a fim de não escorregarem para o chão. Havia grande quantidade de espelhos dentro de molduras douradas, tantos que fez Rhett dizer uma vez que lhe parecia estar em casa da Belle Watling. Entre os espelhos viam-se gravuras em encaixes maciços, encomendadas por Scarlett. Algumas chegavam a atingir dois metros e cinquenta de comprimento..

O papel das paredes era sombrio, o tecto muito, alto, e a casa permanecia sempre mergulhada numa meia obscuridade, pois das janelas desciam reposteiros de veludo dum tom de ameixa, que impediam entrar ali a claridade do dia.

Em última análise, tratava-se duma residência feita para deslumbrar. E Scarlett, ao pisar os tapetes grossos e ao abandonar-se ao colchão de penas da cama, lembrava-se do soalho nu e frio de Tara e dos seus catres de enxergão de palha e sentia-se verdadeiramente satisfeita. Considerava-se dona da mansão mais bonita e mala bem mobilada que ela conhecia; Rhett dizia-lhe então que lhe

409

.1

parecia, antes um pesadelo. Contudo, se a mulher se sentia feliz, que isso lhe proveito lhe fizesse.

- Não é preciso conhecerem-nos - observou Rhett -

para afirmar que este prédio foi edificado com dinheiro mal adquirido.. Bem sabes o que isso é, Scarlett. O dinheiro mal adquirido nunca dá coisa boa, e a nossa casa é uma demonstração perfeita do axioma. É exactamente a que construiria qualquer especulador.

Mas Scarlett, cheia de vaidade e com a cabeça repleta de projectos (idealizava dar festas - sumptuosas quando ali se instalassem) beliscou-lhe alegremente a orelha e retorquiu:

-Ora, ora! Que tal estás com o meu! Sabia agora que o marido gostava de a contrariar, e que, se ela tomasse a sério aqueles comentários ele acharia sempre meio de lhe desmanchar os prazeres. De modo que não dava ouvidos aos remos e esforçava-se por levar as coisas para a brincadeira.

Durante a lua-de-mel e na maior parte do tempo em que estiveram no Hotel Nacional, os dois viveram muito bem um com o outro. Mas, logo que se transferiram para a nova residência e Scarlett se rodeou das suas amigas mais recentes, começaram a estalar entre eles súbitas e violentas disputas. Eram questões de pouca dura, porque ela não podia impor-se por muito tempo ao marido. Este acolhia as injúrias com indiferença glacial e esperava pacientemente a ocasião oportuna para atingir num ponto fraco. Era ela, pois, quem se insurgia; ele, não. Rhett limitava-se a apresentar a sua opinião imparcial acerca da mulher, das suas acções, da casa e das novas amizades. E algumas destas opiniões eram de tal natureza que Scarlett já não, podia aceitá-las a brincar, como no princípio.

Quando ela, por exemplo, se resolveu a dar aos "Grandes Armazéns Kerinedy" um título ainda mais pomposo, solicitou do marido que lhe encontrasse um em que entrasse a palavra "Empório". Rhett sugeriu "Cave-at Emptorium" e asseverou à mulher que nada conviria tanto ao gênero de mercadorias vendidas no armazém. Scarlett, achou que soava bem e que essa designação servia os

seus propósitos às mil maravilhas e chegou a, encomendar a tabuleta. Foi então que Aslíey atropalhado, se viu na obrigação de lhe explicar o sen@ido verdadeiro daquelas

410

palavras. Rhett, é claro, riu-se a bom rir do furor que o caso despertou na mulher.

Havia também o modo como ele tratava Babá. Esta jamais cedera uma polegada na sua atitude e para ela, Rhett continuava a ser um muiar com arreios de cavalo. Sem dúvida que o tratava com delicadeza - porém mostrava-se sempre muito fria. Não lhe agradeceu quando ele lhe fez oferta da sala, que nem sequer chegou a usar. Mantinha os pequenos o mais tempo possível afastado de Rhett, embora Wade o estimasse deveras e ele fosse bastante amigo do rapazinho. Contudo em vez de a despedir, Rhett dispensava-lhe atenções, talvez mais do que concedia a Scarlett. Pedia-lhe sempre licença para levar Wade num passeio a cavalo e consultava-a antes de comprar bonecas para Ella. Searlett achava que o marido devia pôr Babá no seu lugar, mas ele limitava-se a rir e a declarar que a preta é que era o verdadeiro chefe da família.

Rhett escandalizava a mulher dizendo-lhe que se preparava já para a lastimar quando os Republicanos deixassem o Estado de Geórgia e os Democratas subissem ao poder.

- Quando os Democratas tiverem um governador seu e um Parlamento igualmente constituído pela sua gente, todos os teus novos amigos de meia tigela serão expulsos daqui e reenviados para a crápula donde vieram, E tu ficarás só, sem amigas democráticas nem republicanas. Não contas com o dia de amanhã.

Searlett ria-se, e com razão, porque nessa altura Bullock parecia estar de pedra e cal. Para o Parlamento tinham elegido vinte e sete negros, e havia milhares de Democratas privados, do, direito de voto.

- Os Democratas nunca mais regressarão ao poder. Hão-de passar o tempo a arrelhar os yankees e a comprometer a sua possibilidade de reconquistar a terreno perdido. Não fazem outra coisa senão falar e organizar -assaltos nocturnos com a Klan.

- Voltarão, acredita. Conheço os sulistas, conheço os georgianos. São, tão enérgicos como teimosos. Não hesitarão, ainda que tenham de declarar nova guerra ou comprar os votos dos pretos, como os yankees. ou que façam votar todos os mortos do cemitério, adoptando ainda o processo dos yankees! As coisas começam a tomar tão mau.

411

- ip, I~M --- . . .

aspecto sob o domínio brando do nosso caro Rufus Bullock que Geórgia não tardará a vomitar este cavalheiro,

- Rhett, não empregues semelhante linguagem! - gritou Scarlett.-E falas de forma que parece que eu não gostaria de ver os Democratas voltarem ao poder. Bem sabes que não é assim. Gostaria bastante de os ver outra vez em evidência, Julgas que me regozijo com -o espectáculo desses soldados, por toda a parte, a recordarem-me... Crês que eu... Mas eu também sou georgiana,! Ficaria satisfeitíssima com o regresso dos Democratas. Infelizmente não voltarão. E, se voltassem, em que é que isso prejudicaria os nossos amigos? Eles conservariam o seu dinheiro.

- Da. maneira coma isto vai duvido que o conservem por mais cinco -anos. Quanto mais facilmente se ganha, mais depressa se gasta. O dinheiro deles não os melhorou, como o meu não melhorou a ti. Em todo o caso, o meu dinheiro ainda não te transformou em cavalo, minha linda mula, não>,é verdade?

A querela que esta última observação originou não se extinguiu senão ao fim de quatro dias. O silêncio que ela manteve, silêncio de mulher ofendida, claramente indicava que Searlett exigia desculpas. Rhett partiu para Nova Orleães c.. levou Wade consigo, apesar dos protestos de Babá; e conservou-se ausente enquanto calculou que a cólera da mulher ainda se não apaziguara. O certo é que ela não lhe perdoou nunca a sua atitude intransigente.

Quando ele voltou de Nova Orleães, frio e impenetrável, Scarlett calou como pôde o seu rancor, relegando-o para as profundezas da memória. Não queria aborrecimentos, nessa altura em que pensava dar a primeira recepção na sua nova casa. Seria uma festa de arromba, com orquestra e ceia que já lhe fazia crescer água na boca. Contava convidar toda a gente conhecida de Atlanta, desde os amigos mais antigos aos mais recentes, De tal modo andava entusiasmada com os preparativos que poucas vezes se lembrava das alfinetadas de Rhett. Sentia-se feliz, felizíssima, mas, Que prazer ser rica, dar festas e não olhar a despesas! Que prazer comprar móveis e vestidos dos mais caros sem a preocupação das contas! E poder mandar cheques à tia Pauline e à tia Eulalie de Charleston, e ao Will de Tara! Ainda havia quem pretendesse que o dinheiro não era tudo

412

neste mundo! O próprio Rhett dissera que a riqueza não a melhorara, que ela continuava a ser mula... Pois veria!

Scarlett mandou convites a toda a gente conhecida, até às pessoas por quem não tinha simpatia nenhuma, Não excluiu ninguém, nem sequer a senhora Merriwether, que por um pouco se mostrara malcriada quando fora visitar ao Hotel Nacional, nem a senhora Elsing que conservara uma atitude distante. Convidou a Meade e a Whiting, porque sabia que ficariam deveras arreliadas por não possuírem vestidos capazes de aparecer em tão elegante reunião.

Na verdade a festa de Scarlett foi a mais sumptuosa que Atlanta jamais vira até aí. Nessa noite a casa e as varandas encheram-se de convidados que se entretiveram a beber champanhe, a comer pastelinhos e mariscos e a dançar ao som duma orquestra cuidadosamente dis-simulada -atrás de palmas e mais plantas verdes. Todavia, além de Melanie e de Ashley, da tia Pitty e do tio Henry, do casal Meade e do avô Merriwether, não compareceu nenhum daqueles a quem Rhett chamava a Velha Guarda.

Muitos dos da Velha Guarda tinham decidido, embora contra vontade, ir à recepção de Scarlett uns por causa de Melanie, outros porque Rhett salvara a vida a eles ou aos parentes. Porém, dois dias antes espalhou-se a notícia de que o governador Bullock fora convidado, e a Velha Guarda manifestou logo o seu descontentamento com montes de cartas em que cada qual exprimia o seu desgosto de não poder aceitar o convite de Scarlett. E o reduzido grupo de amigos que aceitou tocou a retirada assim que chegou o governador.

Scarlett ficou tão fúria que nem gozou a sua festa como devia ser. A sua recepção superelegante! Preparara-a com tanto entusiasmo, e, afinal, tão poucos velhos amigos e nenhuns velhos inimigos para se embasbacarem perante tal esplendor! Quando ao romper da aurora, se retirou o último convidado, Scarlett desatou a chorar e desabafava a sua ira se não receasse os comentários de Rhett e as suas gargalhadas. E ainda que ele não falasse, temia ler-lhe nos olhos maliciosos: "Eu bem te avisei ... " Por isso se dominou o melhor que pôde e fingiu indiferença.

Desforrou-se no dia seguinte, dando-se ao luxo de fazer uma cena a Melanie.

Insultaste-me, Melly Wikes, e compeliste Ashley e

413

os outros a ofenderem-me também, Sabes perfeitamente que não deixariam a festa tão cedo se não desses o exemplo. Vi-te muito bem! Justamente quando fui buscar o governador Bullock para to apresentar, escapuliste-te como um coelho. - Nunca acreditei que ele fosse apesar do que toda a gente dizia-respondeu Melanie, apouquentada.

-Toda a gente? Com que então toda a gente continua

* implicar comigo!-bradou Scarlett.-E queres dizer com isso que também não irias a minha casa se soubesses que o governador comparecia na festa?

- Não podia ir, Scarlett - balbuciou Melanie, baixando os olhos.

- Parece incrível! Isto é, fazias-me a mesma afronta que os outros fizeram!

-Não quis desgostar-te - replicou Melanie,,no cúmulo da angústia, -És para mim uma irmã querida, a viúva do meu Charles, e eu...

Pousou a mão tímida no braço de Scarlett, mas esta repeliu-a, lastimando não poder dar berros como fazia Gerald quando estava zangado. No entanto, Melanie não se deu por vencida. Fixando a vista nos olhos verdes de Scarlett, endireitou-se e assumiu uma -atitude de dignidade que contrastava singularmente com a sua figura infantil.

-Aflige-me aborrecer-te, mas era-me tão impossível estender a mão ao governa-dor Bullock como estendê-la a um Republicano ou a um Sacola, Seja em tua casa ou na doutra pessoa, não quero conhecer essa gente, nem que eu tenha de... - Melanie fez uma breve pausa, procurando o epíteto que melhor exprimisse o seu pensamento. -

... Nem que tenha de ser malcriada.

-Censuras os meus amigos? -Não, Scarlett. Mas são teus amigos e não meus.

- Achas que procedi mal em ter recebido o governador? Apesar de se ver entre a espada e a parede, Melanie nem pestanejou.

-Quando fazes qualquer coisa obedeces sempre a um motivo sério. Estimo-te, tenho confiança em ti, e sou incapaz de te criticar seja por que for. Nem consinto que te critiquem na minha presença. Mas... - Bruscamente, as palavras brotaram em caudal da boca de Melanie. Palavras duras, violentas, proferidas numa voz baixa onde o ódio transparecia. - Como podes esquecer o que essa gente

414

nos fez? Esquecer a morte do nosso Charles, a saúde arruinada de Ashley o incêndio dos Doze Carvalhos? Oh Scarlett, é impossíVel que já não te lembres daquele @omem horroroso que tu mataste ao vê-lo -agarrado à caixa de costura de tua mãe! P, impossível que já não te lembres da passagem dos soldados de Sherman por Tara, desses bandidos que nos roubaram toda a roupa que tínhamos, e tentaram incendiar-nos a casa e que se atreveram a pegar na espada de meu pai. Oh, Searlett são essas mesmas criaturas, que nos roubaram e nos fizeram passar fome, que tu convidaste para a tua casa! Essas mesmas pessoas que deixaram os pretos impor-nos a sua lei, que nos despojam de tudo e impedem que os nossos homens votem! Eu não posso esquecer, nem quero. Hei-de ensinar o meu filho e os meus netos a odiar aquela gente... e aos filhos dos meus netos, se Deus me der vida até lá! Scarlett, como pudeste esquecer ... ?

Melanie calou-se para tomar alento enquanto a outra a olhava estupefacta pela violência da@ suas palavras.

- Julgas-me parva? -replicou Scarlett com impaciência. -]@ claro que não esqueci. Mas tudo isso pertence ao passado. Hoje o que temos a fazer é aguentar de cara ale-gre, e é isso mesmo que eu faço. O governador Bullock e certos Republicanos decentes ainda nos podem ser muito úteis se representarmos bem o nosso papel.

-Não há Republicanos decentes! -declarou Melanie. Nem preciso deles para nada. E quanto a aguentar de cara alegre, não aguento nada que parta dos yankees.

-Como tu estás, Melly!

- Oh! - exclamou Melanie, como se tivesse súbito rebate de consciência. - Excedi-me. Não queria magoar-te, nem criticar-te. Nem todos pensam da mesma maneira e cada qual tem o direito de pensar como quiser. Sabes bem que te estimo muitoe nada do que faças modificará os meus sentimentos a teu respeito. Espero que não me perdesse a amizade... Não fiz com que me detestasses, pois não? Scarlett, eu morria de desgosto se houvesse alguma coisa entre nós... depois de tudo o que passámos juntas. Dize-me que não me queres mal.

1 -Isso é que se chama uma tempestade num copo de água-retorquiou Scarlett agastada, -mas sem repelir o braço que lhe cingia, a cintura,

Pronto, i à fizemos as pazes -disse Melanie radiante.

415

E acrescentou em voz mais baixa: - Continuaremos a visitar-nos como antes. O que peço é que me previnam com antecedência quando vais receber Republicanos e Sacolas, e nesses dias não aparecerei na tua casa.

-Pouco me importa que apareças ou não-ripostou -Scarlett, pondo o chapéu e abalando furiosa. No entanto, sentiu de certo modo vingada a sua vaidade ferida ao ver uma expressão de mágoa na cara de Melanie.

Nas primeiras semanas depois da recepção, custou a Scarlett manter o seu ar de indiferença pela opinião pública. Exceptuando Melanie e Pitty, Asliley e o tio Henry, nenhuma das antigas relações a foi visitar nem a convidou para as suas modestas recepções o que a desgostou deveras. Não procurara ela, de mQt@-próprio,, pôr termo às- hostilidades e mostrar àquela gente que não guardava rancor pela sua maledicência? Deviam saber muito bem que ela mesma não, tolerava o governador Bullock, mas que tinha conveniência em estar de bem com ele. No fim de contas eram estúpidos! Se todos fossem amáveis para com os hepublicanos talvez Geórgia se levantasse um pouco mais depressa ao triste estado em que jazia.

Não compreendera que, com um só golpe, cortara o elo frágil que ainda a prendia aos amigos e ao passado. Nem a própria Melanie conseguiria recompor o desastre; e esta, desnorreada de coração ferido mas sempre leal, nada fazia para melhorar as coisas. Sem dúvida que Scarlett também, por seu lado, seria incapaz daí por diante de restabelecer aquela ligação com o, pretérito'apesar de todo o seu desejo.

O ódio que envolvia o regime de Bullock envolvia-a também a ela, e a cidade inteira acabara por lhe voltar as costas. Esse ódio não se manifestava caloroso, mas antes numa frieza implacável. Scarlett fizera causa comum com o inimigo e, embora pertencesse, pelo nascimento e pelas relações familiares, aos da Velha Guarda, classificavam-na agora na categoria de quem voltaram a casaca,, dos partidários dos pretos, dos traidores, dos Republicanos e dos renegados.

Depois de haver, durante algum tempo, afectado indiferença, ela por fim revelou-se tal qual era.

Não seria mulher para se deixar abater pelas venetas das outras pessoas ou para se lamentar toda a vida por uma derrota

416

sofrida. Depressa fez tábua rasa dos Merriwethers, Elsinga, Whittings, Bonnells, Meades e quejand". Dissemos da sua pessoa, o que quisessem. Ao menos Melanie visitava-a, e levava consigo Ashley: Asliley era tudo o que interessava. Além disso havia muita gente em Atlanta que concorria às suas reuniões outra gente mais agradável do que esse bando de galinhas peladas. De cada vez que desejasse encher a casa de convidados, podia fazê-lo, com pessoas mais alegres e elegantes do que esses idiotas pretensiosos que a haviam abandonado e lhe censuravam as acções.

Tais pessoas eram as da nova camada de Atlanta, ou conhecimentos anteriores de Rhett, ou associados com ele nesses negócios obscuros a que fingia não ligar grande importância. Também havia os casais encontrados no Hotel Nacional, no tempo em que estavam em Nova Orleães-'E ' finalmente, alguns dos funcionários nomeados pelo governador Bullock.

Era, assim ' dos mais heterogêneos o meio em que Scarlett se movia nessa altura. Entre as suas novas relações contavam-se os Gelerts que tinham vivido sucessivamente em doze Estados, dos quais saíram sempre à pressa, devido aos seus processos fraudulentos; os Conningtons, cuja ligação com a Agência dos Forros dum Estado distante lhes permitira aumentar os cabedais, em prejuízo dos negros que eles pretendiam emancipar; os Deals, que tinham fornecido solas de cartão ao governo confederado, até ao momento em que se viram na necessidade de passar na Europa o último ano da guerra; os Hundons, arrematadores afortunados de contratos estaduais apesar das suas desavenças com a polícia de diferentes épocas; os Carahans, que começaram com uma casa de taboagem para depois arriscarem somas enormes do Estado em empresas ferroviárias inexistentes; os Flahertys, que em 1861 compraram sal a um centimo a libra e enriqueceram quando o sal, dois anos depois, valeu cinquenta centimos; e os Barts, donos do bordejo mais bem afreguesado da metrópole do Norte e frequentadores, ao Presente, da melhor sociedade dos Sacolas.

Toda esta gente era agora da intimidade de Scarlett. Mas também entre os convidados das suas festas mais importantes figuravam indivíduos de certa cultura e distinção> alguns de excelentes famílias. Além da aristocracia dos Sacolas, tinham vindo para Atlanta pessoas respeitá-
27 - Vento Levou - 11 417

-0---

k@iPI

veis do Norte, -atraídas pela actividade mercantil da cidade naquela época de intensa reconstrução e expansão. As famílias Vankees mais abonadas enviavam os seus filhos para o Sul, na mira de conquistar novas fronteiras, e os oficiais yankees, depois de uma luta difícil para se insinuarem ali, acabavam por estabelecer em Atlanta a sua definitiva residência. A princípio, estranhos numa cidade estranha todos aceitaram com alvoroço os convites da hospitaleira s@nhora Butler, mas depressa começaram a esquivar-se. Não lhes foi preciso muito tempo para compreender o que valiam os Sacolas, e passaram a odiá-los tanto como os odiavam os verdadeiros georgianos. Muitos deles tomaram-se Democráticos e mais sulistas que os próprios sulistas.

Se alguns continuaram a frequentar os salões de Scarlett foi simplesmente porque ninguém além dela os queria receber. Gostariam muito mais das tranquilas salas da Velha Guarda, mas a Velha Guarda é que não queria nada com eles. Entre esses encontravam-se os professores yankees que tinham vindo para o Sul com o intuito de elevar o nível intelectual dos pretos, e os Sacolas que, embora educados na tradição democrática haviam ingressado no partido republicano depois da re@dição.

Seria difícil dizer quais eram os mais detestados pelos antigos cidadãos, se os professores yankees se os Sacolas, mas talvez a balança pendesse para o lado destes. Dos professores ainda se podia dizer- cQue é que se esperava de yankees com a mania de proteger os pretos? n claro, julgam que os negros são como eles". Mas para os georgianos que se tinham tornado republicanos é que não havia desculpa nenhuma.

Muitos ex-soldados da Confederação, por já conhecerem esse medo que domina os homens quando vêem a família na miséria, mostravam-se mais tolerantes para com os antigos camaradas que tinham passado para o partido contrário a fim de que os parentes não morressem de fome. Mas as mulheres da Velha Guarda mantinham-se implacáveis. Ainda amavam mais a Causa depois de perdida do que no apogeu da sua glória. Consideravam sagrado tudo o que se relacionasse com ela: as sepulturas dos militares confederados, os campos de batalha, os veteranos, as bandeiras em farrapos os sabres em exibição nos vestibulos, as cartas já amareladas expedidas da área de combate...

418

as mulheres eram impiedosas para os antigos inimigos, e Scarlett estava agora entre os inimigos. Nessa sociedade de elementos discordantes reunidos pelas exigências da situação política, só uma coisa existia de comum: o dinheiro. Como a maioria nunca possuía antes da guerra mais de vinte e cinco dólares, todos se lançavam numa orgia de despesas como Atlanta nunca vira.

Com a subida dos Republicanos ao poder, a cidade entrou numa fase de prodigalidade e de ostentação cujos requintes não conseguiam esconder a vulgaridade e o vício. Jamais o clivo dos muito ricos e muito, pobres fora tão acen- tuado. Os que ocupavam o lugar mais alto, pouco se importavam com os menos af ortunados - exceptuando os pretos, é claro. Nada era bom demais para eles. Tinham os melhores colégios os melhores alojamentos, as roupas mais confortáveis, o@ espectáculos de maior categoria. Porque eles representavam a força política e o voto de cada negro era contado. Em compensação, poderiam morrer de fome es, habitantes de Atlanta empobrecidos pela guerra que os Republicanos endinheirados não levantariam um dedo, para os auxiliar. Recém-casada, bonita e provocante nos seus trajes luxuosos, bem amparada pelo dinheiro de Rhett, Scarlett vogava na crista daquela onda de vulgaridade. Era uma época que vinha ao encontro dos seus gostos: grossaria e arrogância, mulheres aparamentadas como ídolos casas luxuosas' muitas

jóias, muitos cavalos, muitas jóias, muito whisky. Quando por acaso se detinha a reflectir, Scarlett chegava à conclusão de que, segundo as normas de Ellen, nenhuma das suas novas amigas era verdadeira senhora de sociedade. Mas, desde o dia longínquo em que, na sala de Tara, decidira ser amante de Rhett, infringira muitas vezes as normas de Ellen para que isso agora lhe pesasse na consciência.

Talvez que os recentes conhecimentos não fossem de facto pessoas muito finas mas, tal como os amigos de Rhett em Nova Orleães, eram bastante divertidas. Muito mais do que as criaturas com quem convivia noutro tempo em Atlanta, que passavam a vida na igreja e a ler Shakespeare. Exceptuando o breve intervalo da sua lua-de-mel, nunca Scarlett se divertira tanto. Nunca, também, experimentara tamanha impressão de segurança. Agora sentia-se ao abrigo de todos os perigos e só pensava em

419

dançar, em jogar, em comer. e beber bem, em enfeitar-se com sedas e cetins, em espojar-se em camas e sofás estofados de penas. E tudo isso ela fazia. Animada pela tolerância de Rhett livre de todos, de todas as restrições da infância, livre também do medo de recair na pobreza, Scarlett permitia-se o luxo com que sempre sonhara: só fazer aquilo que lhe apetecesse e mandar passear os que não lhe agradassem,

Experimentava a agradável intoxicação própria desses cuja existência é um deliberado insulto à face da sociedade organizada: a sensação do jogador do vigarista, do aventureiro, de todos os que vencem à custa de expedientes habilidosos. Ela dizia e fazia exactamente o que era da sua vontade e, quase dum dia para outro, a sua insolência não conheceu limites.

Não hesitava em tratar com arrogância os novos amigos Republicanos e Renegados — mas a, sua falta de consideração era ainda maior para com os oficiais yankees da guarnição de Atlanta e respectivas famílias. Entre as pessoas que compunham a massa heterogênea que se espalhava pela cidade, só a esses militares é que ela fechou por completo as portas da sua casa. Melanie não era a única incapaz de esquecer o que significava uma farda azul. Para Scarlett, esse uniforme e os botões dourados simbolizavam sempre o pavor do cerco, o terror do combate o saque e o incêndio, a pobreza desesperada e o trabalho extenuante em Tara. Agora que era rica e estava certa da amizade do governador e de vários Republicanos influentes, podia insultar todas as fardas azuis que se lhe deparassem. E insultava.

Rhett, uma vez — fez-lhe notar com ar indiferente que a maior parte dos homens que ela recebia usara pouco tempo antes o mesmo uniforme. Scarlett, porém, retorquiu que um yankee não parecia yankee desde que não andasse fardado. A isto, o marido só ripostou, com um encolher de ombros: — "Conformidade, és uma jóia preciosa!" Como detestava. a cor que eles usavam, Scarlett sentia prazer especial em infligir-lhes toda a espécie de afrontas, o que os deixava admirados. E tinham razão em se admirar de semelhante tratamento, pois quase todos os oficiais eram rapazes tranquilos e bem educados que se sentiam sozinhos num país hostil, desejavam regressar ao Norte

420

e tinham certa vergonha da canalha que se viam obrigados a apoiar. Enfim, pertenciam a um meio muito mais elevado que o das pessoas com quem Scarlett se dava. As esposas dos oficiais espantavam-se que a elegante senhora Butler convivesse com mulheres tão ordinárias, como a ruiva Bridget Flaherty, e a elas mostrasse o maior desprezo.

Mas até as mulheres com quem Scarlett convivia sofriam as suas impertinências. No entanto, tudo suportavam com boa disposição. Scarlett não só representava a riqueza e a elegância, como também o antigo regime, com os seus nomes antigos as suas famílias antigas e as suas tradições. As damas da nova aristocracia ignoravam que a velha aristocracia pusera Scarlett de parte. Sabiam apenas que o pai de Scarlett possuía muitos escravos, que a mãe era uma Robillard, de Savarinali, e que o marido se chamava Rhett Butler e nascera em Charleston. E isto bastava-lhes. Scarlett era para elas a primeira cunha que metiam nessa sociedade em que tanto ambicionavam entrar,

sociedade constituída por pessoas que as desprezavam, que não lhes retribuía as visitas e que mal as cumprimentavam na igreja. Mas Scarlett, ainda era mais do que isso. Para aquelas criaturas de baixa extracção, ela era a sociedade. Senhoras feitas à pressa, não viam o que existia de falso na sua maneira de proceder. Mediam-na pela sua bitola e aceitavam-lhe de boa vontade os grandes axes, <>9 amuos, os acessos de cólera a arrogância a grossaria e a franqueza brutal com que @ssinalava ea& erro cometido por ignorância.

Tinham saído do nada havia tão pouco tempo, estavam tão pouco seguras de si mesmas e empenhavam-se tanto em parecer senhoras finas que nem ousavam ripostar, com receio de mostrar falta de educação. Era preciso, custasse o que custasse, que as, considerassem damas bem nascidas. Fingiam ser delicadas, 'modestas, inocentes. Quem as ouvisse falar julgaria que se tratava de pobres aleijadinhas sem pernas, que não cumpriam uma só função natural e ignoravam tudo o que havia de mau neste mundo. Ninguém imaginaria que Bridget Flaherty, com a sua pele de brancura imaculada e o seu pronunciado sotaque irlandês, tivesse roubado as enonomias do pai a fim de vir como criada de quarto para um hotel de Nova Iorque.- Ao observar Silvia Connington (outrora Sadie Belle) e Mamie Bart,

421

a ninguém passaria pela cabeça que aquela morara num quarto contíguo à taberna do pai, no bairro de Bowery, e que servira os fregueses em dias de maior @afluência; nem que a outra, segundo diziam, escoffiera para marido um dos clientes que frequentavam o bordel de que ela era proprietária. Não, todas essas criaturas eram agora pessoas de modos delicados e comedidos. Os homens se bem que tivessem conseguido enriquecer., aprendíai@ com menos facilidades as boas maneiras ou não se submetiam com tanta paciência às exigências da sua nova posição social. Bebiã à bruta nas, recepções de Scarlett, e quase sempre havia um ou outro que tinha de ficar ali a dormir. Não bebiã como os homens que Scarlett conhecera em rapariga. A embriaguez torna~ va-os estúpidos, ígnóbeis de ver obscenos. E por muitas escarradeiras que Scarlett manda@se pôr no salão, os tapetes apareciam sempre sujos de euspidelas na manhã seguinte. ,Scarlett desprezava toda aquela gente; mas, como a distraíam, abria-lhes a porta de par em par. E, porque despre~ zava semelhantes entes mandava-os para o diabo sempre que a maçavam. No entanto, eles continuavam a suportar-lhes os acessos de mau humor.

Até suportavam Rhett, o que lhes parecia muito mais difícil, pois Rhett conhecia-os à légua e eles sabiam disso. Não hesitava em desnudá-los verbalmente, na sua própria casa e sempre duma maneira que não admitia réplica. Rhett não se envergonhava da forma como enriquecera e, fingindo crer que os outros também não se sentiam vexados com as manigâncias que lhes proporcionaram dinheiro, nunca perdia a, ocasião de aludir a coisas que, de comum acordo, cada qual achava preferível deixar mais ou menos ocultas.

Nunca ninguém sabia se ele, a meio dum ponche, faria ou não qualquer observação deste gênero: "Muito bem, Bill, já sei que tem mais uma parelha de cavalos. Tornou a vender mais uns milhares de acções de caminhos de ferro inexistentes? Bom trabalho, meu rapaz!" "Ralph, se eu fosse esperto como você tinha-me dedicado a explorar viúvas e órfãos em vez de' forçar o bloqueio. Era muito mais seguro". "Parabéns Amos, por ter apanhado aquela empreitada do Estado. Pena foi ver-se obrigado a untar tantas patas para a conseguir!"

As senhoras a-chavam-no odioso e ordinário. Os cava-

422

lheiros diziam, nas costas dele, que era um pulha, um velhaco. Em suma, os novos cidadãos de Atlanta não tin,ham mais simpatia por Bufler do que os antigos, @D ele importava-se tanto atrair as boas graças desses como se importara atrair as dos outros. Prosseguira o seu caminho; divertido, desdenhoso, indiferente à opinião dos que ? rodeavam, e tão cortês que a sua própria cortesia era, insultuosa. Para Scarlett, Rhett continuava a ser um enigma, mas um enigma que ela nem se dava ao

trabalho de decifrar. Estava convencida de que nada lhe agradava nem lhe causava prazer; ou ele desejara ardentemente alguma coisa que não conseguia obter, ou então nunca desejara, nada e por isso tudo lhe era indiferente. Ria-se de tudo quanto a mulher fazia, animava as suas extravagâncias e insolências, troçava das suas pretensões... e pagava, as contas.

50

RHETT nunca deixava os seus modos cortesies imperturbáveis, nem sequer nos momentos de maior intimidade. Mas Scarlett, tinha a impressão de que ele continuava a observá-la e sabia que se voltasse de súbito a cabeça lhe surpreenderia o olhar inquiridor e meditativo, aquele olhar de resignação terrível cuja significação não atingia.

Às vezes, Rhett mostrava-se bastante acomodaticio, apesar da sua aborrecida mania de não conseguir que ninguém na sua presença empregasse mentiras, subterfúgios ou bravatas. Ouvia a mulher discorrer acerca do armazém, das estâncias de madeira, do botequim, dos grillhetas e de quanto custava alimentá-los e dava-lhe sempre conselhos judiciosos. Era infatigável como par dançante e acompanhava Scarlett a todas as festas em cuja comparência ela fazia empenho; mas se ficavam em casa, entretinha-a depois de levantarem a mesa; e quando estavam sozinhos a tomar café e licores, contava-lhe histórias escabrosas. Assim, pensava ela que o marido lhe satisfazia todos os desejos uma vez que fossem manifestados com franqueza e que recusaria o que lhe sugerisse por meios astuciosos. Se tinha o mau sestro de lhe adivinhar os pensamentos e, depois 'rir-lhe na cara!

Magizando na suave indiferença que ele em geral lhe testemunhava, Scarlett não deixava de ficar intrigada, sem

423

AN-

atinar com o motivo que o levava ao casamento. Os homens casam ou por amor ou por dinheiro, ou para ter filhos e um lar! Rhett não o fizera, com certeza, por nenhuma dessas coisas. Não a amava, referia-se à casa nova como se se tratasse dum monstro arquitectónico e até dizia achar preferível viver num hotel do que em semelhante moradia. Jamais aludira a crianças, como tinham feito Charles e Frank. Até que uma vez, em ar de brincadeira, ela lhe perguntou por que motivo a pedira em casamento. A resposta fê-la enfurecer: "Casei contigo para ter um animalzinho de estimação". Não, ele não a desposara por nenhuma das razões que levam os outros homens a dar esse passo. Casara com ela porque a, desejara fisicamente e era só essa a forma de a obter. Assim o confessara na noite em que lhe fizera a proposta. Desejara-a como tinha desejado Belle Watling, e pensar nisso não lisonjeava ninguém: chegava até a ser ofensivo. Ela, porém, pôs de lado essa ideia, como punha de lado todas as que não lhe agradavam disposta a aceitar apenas o lado bom dos factos. Contava, também que Rhett; estivesse satisfeito, se bem que isso, no fundo, a não preocupasse em demasia. Uma tarde tendo ido consultar o Dr. Meade por causa de qualquer perturbação gástrica, veio a saber uma coisa que já não era daquelas que se resolviam com um simples encolher de ombros. Foi até com um olhar de ódio que ela entrou, ao anoitecer, no quarto e anunciou ao marido que ia ter uma criança. Rhett estava reclinado vestido com o seu roupão de seda e parecia meditar ao meio duma nuvem de fumo. Logo que ela começou a falar, fitou-a de maneira perscrutante, sem todavia dizer fosse o que fosse: observava-a em silêncio cheio de ansiedade, esperando a continuação do discurso.' Scarlett, sem dar por isso, expandia-se em frases de indignação e desespero:

- Bem sabes que eu não quero mais crianças! Nunca as desejei. Sempre que as coisas começam a correr bem, acontece-me uma destas! Não estejas aí a rir, muito sossegado. Tu também não querias. Oh, Virgem Santa!

Rhett bebia-lhe as palavras e não eram essas as que ele gostaria de sentir. O rosto endureceu-se-lhe de leve, o olhar tornou-se estranho.

- Então ' por que não o entregaremos ao cuidado da Melly? Não me disseste que ela ansiava por outro filho?

424

- Apetecia-me matar-te. O que te digo é que não o terei. Disso podes estar certo.

- Ah, sim?! Continua.

- Há processos... Já não sou a parvinha provinciana doutro tempo, Sei agora que as mulheres que não desejam ter filhos não os têm!

Ele pusera-se de pé. Agarrou-a pelo pulso, com uma expressão angustiada na cara.

- Scarlett' conta-me tudo. Não fizeste nada, hem?.

- Não, mas hei-de fazer. Pensas que consentirei ver-me outra vez deformada, precisamente quando estou a ficar de novo com a cintura fina, e com tantos divertimentos em perspectiva...

-Quem te meteu isso, na cabeça?

A senhora Bart. Diz ela... A que tinha um bordel! Não me admira que esteja ao facto dessas manobras. Pois o que te afirmo é que essa dama não torna a pôr os pés em minha casa. Aqui mando eu, no fim de contas. Nem consinto que se fale mais dessa criatura na minha presença.

- Larga-me! Hei-de fazer o que quiser. Que tens com isso?

- Não me interessa ter um ou vinte filhos. O que não quero é que morras.

- Eu?

- Sim, tu. A senhora Bart naturalmente não te informou sobre os perigos a que se expõe uma pessoa:- que faz isso...

- Não -confessou Scarlett, de má vontade. - D~nie só que ficaria perfeita.

- Eu mato essa criatura! -bradou Rhett, vermelho de raiva. Baixou o olhar sobre as faces da mulher, onde luziam lágrimas, e a cólera afrouxou. De repente pegou-a ao colo e sentou-se, conservando-a muito unida a si, como se tivesse medo de que ela lhe fugisse.

- Escuta, minha. querida não quero que brinques com a tua saúde. Ouviste? Meu Deus, eu também não desejava filhos, mas, enfim, tenho dinheiro para os sustentar. Acaba-me com esses disparates, porque -ge te atrevesse... Ouve, Scarlett eu conheci uma rapariga que morreu dessa maneira. Não @assava duma... enfim, mas era boa pequena. n uma coisa terrível. Eu...

Quem era, Rhett? Onde foi isso? - exelaniou ela.

425

sobressaltada, pelo tom de voz do marido. Nunca o vira tão impressionado@

- Em Nova Orleães há muitos anos. Eu era novo e muito sensível. - Curv@u a cabeça e beijou-lhe os cabelos. -Terás a criança, Searlett,4nem que seja preciso algemar-te durante nove meses. Ela continuou no colo, dele, mirando-o com estranha -curiosidade. Depois do olhar esgazeado que lhe deitara, Rhett mostrava um sorris>, que se diria obtido por milagre.

- Gostas assim tanto da tua mulher? - perguntou Scarlett, baixando as pálpebras, Rhett ficou a contemplá-la uns momentos, como se quioesse avaliar a dose de manha feminina que havia debaixo daquela pergunta. Depois de ter depreendido que existia sinceridade nas palavra,9 da mulher, respondeu com ar indiferente:

- Sim... CDmpreendes o meu caso.--- Arrisquei em ti um bom capital e não quero que o dinheiro se me vá por água a-baixo.

Melanie saiu do quarto de Scarlett 'cansada do esforço dispendido mas chorando de alegria pelo nascimento da filha dos Èiutlers. Rhett encontrava-se no vestíbulo muito nervoso, rodeado de pontas de charuto, que já, haviam feito buracos no tapete.

-Pode entrar agora, capitão -disse ela timidamente. Rhett precipitou-se para o aposento, e antes que o Dr. Meade fechasse a porta, Melanie pôde -@er aquele pai ansioso curvar-se sobre o corpinho nu da criança, que a Babá segurava ao colo E então comovida por ter sido testemunha involuntária daquel1a cena Intima, Melanie deixou-se afundar numa poltrona.

"Ah! - murmurou - que bela coisa! Como o ca itão, estava aflito, coitado! E não tomou uma única bSida, durante todo este tempo. Há pais que estão completamente bêbados quando lhes nascem os filhos. Se eu lhe oferecesse, ou sugerisse... Não, seria grande atrevimento".

Aninhou-se mais na poltrona, com a impressão de que as costas se lhe partiam, pelos rins tantas eram as dores que ultimamente sentia. Que felicidade para Scarlett ter o marido ali à porta, naquele transe! Se, ao menos, Ashley estivesse presente no pavor~Oia em que Beau veio ao

426 mundo! Não teria, decerto sofrido tanto. E se essa criancinha acabada de nascer fosse sua em vez de irmã de Scarlett! "Sou tão má!" pensou, sentindo-se culpada. "Estou a cobiçar-lhe a filha e ela, tem sido tão boa para mim! Perdoai-me, Senhor! Eu realmente não queria a filha de Scarlett... mas uma que fosse da minha carne e do meu sangue".

Colocou um coxim, atrás das costas doridas e ficou imaginando no prazer que lhe causaria o nascimento duma filha. Mas o Dr. Meade mantinha a mesma opinião a esse respeito. E, embora ela estivesse resolvida a arriscar-se pela vinda doutra criança, Ashley recusava-se terminantemente a colaborar nessa infracção. Uma filha! Como Ashley gostaria duma filha, como a encheria de mimos!

De repente, lembrou-se de que nem dissera a Butler que se tratava duma menina. E decerto ele contava com um rapaz... Iria ter uma. decepção?

Melanie sabia que, para as mães, tanto faz que seja rapaz ou rapariga a criança que nasce. Mas, para um homem, e em especial um homem autoritário como o capitão Butler, uma filha devia constituir um golpe, um atentado à sua virilidade. Ah, ainda bem que o seu único filho era um rapaz! E pensou que se fosse mulher do temível Butler, teria preferido morrer a presenteá-lo com uma menina, como primogénito do casal.

No entanto; Babá, saindo do quarto toda sorridente e vaidosa, veio apaziguar-lhe os receios e ao mesmo tempo incitá-la a reflectir na espécie de homem que seria na realidade o capitão Butler.

- Quando estava a banhá minina - contou Babá comecei quase a pedi desculpa a sinhô de sua filha não sê rapaz, e sabe qui é que ele disse? Disse assim: "Cala a boca, Babá. Quem quê rapaz? Rapaz não tem graça, dá muito desgosto. Rapariga, sim, é engraçado. Não trocava esta filha por doze rap,az". Então quis pegá em minina nua como estava, e eu dei palmada em sua mão e disse: "Espere tempo, sinhô Rhett, e há-de vê quando tivê filho! Vou escangalhá a ri quando ouvi sinhô gritá de alegria" Abanou a cabeça, a ri, e disse assim: "Vossemecê é tonta, Babá. Rapaz não presta p'ra nada. Não está a vê a mim? Que melho prova?" Ah, sinhora Melly nisto ele foi verdadeiro sinhô - reconheceu a ama, sá; relutância.

427

L(kui-

Não escapou a Melanie que o procedimento de Rhett contribuía para o redimir aos olhos da velha preta.

-Talvez tivesse enganada a respeito de sinhô Rhett

- cencluiu Babá. -Dia hoje foi feliz para mim. Já liguei com faixa três gerações de minina Robillard. Belo dia para mim.

- Sim, belo dia, Babá. Os dias mais lindos são aqueles em que nascem crianças.

Havia, contudo alguém em casa para quem o dia não era muito belo. Imediatamente por toda a gente e depois abandonado à sua sorte, Wade vagueava tristemente na sala de jantar. De manhã cedo, Babá acordara-o em sobressalto, vestira-o à pressa e mandara-o com a irmã tomar o primeiro almoço em casa da tia Pitty. Às suas perguntas, só lhe responderam que a mãe estava doente e que o barulho das brincadeiras podia incomodá-la. Na casa da tia Pitty havia grande confusão. Ao saber o que acontecia a Scarlett, a velhota ficara em tal estado de nervos que tivera de recolher à cama e obrigara a criada a postar-se-lhe, à cabeceira, De modo que o primeiro almoço servido às crianças foi uma escassa refeição improvisada pelo velho Peter. Conforme avançava a manhã, o receio começou a invadir a alma de Wade. "E se a mamã morre?" A outros meninos tinha morrido a mãe. Ele vira os caixões sair de casa e ouvira o choro dos seus amiguinhos. "E se a mamã morre?" Wade

gostava muito da mãe, quase tanto como a temia; e, à ideia de que ela podia ir-se embora num carro preto puxado por cavalos com penachos, sentiu tal aperto no coração que mal pôde respirar. Quando soou meio-dia, Wade, aproveitando a ocasião em que Peter estava na cozinha, entreabriu a porta da entrada e esgueirou-se para casa tão depressa quanto lhe permitiam as pernitais curtas. O tio Rhett, a tia Melly ou a Babá haviam de lhe dizer a verdade. Por infelicidade, o tio Rhett e a tia Melly estavam invisíveis. Quanto a Babá e a Dilcey, corriam 'abaixo e acima na escada de serviço, com toalhas e bacias cheias de água quente sem sequer reparar nele. No vestibulo onde se encontravam, ouvia a voz do Dr. Meade de cada vez que se abria e fechava uma porta do primeiro andar. A certa altura ouvindo a mãe gemer, desatou a chorar, com soluços convulsivos. Sabia que ela ia morrer. Para se consolar, quis fazer festas ao gato cor de mel que dormitava ao sol no peitoril da janela. Mas

428

o Pom, que já era velho e não gostava de ser perturbado, agitou a cauda e bufou em sinal de protesto.

Finalmente a Babá, ao descer a escada principal, com a trunfa à banda e o avental amarrotado e cheio de nódoas, viu o pequeno no vestibulo e franziu as sobrancelhas. A -ama fora sempre o refúgio de Wade, e por isso ele tremeu quando a viu de sobrolho carregado.

-Minino é muito desobediente -disse a velha preta. -Não mandei para casa de sua tia Pitty? Por que voltou cá?

- A mamã vai... morrer?

- Nunca vi minino mais tonto! Morrê? Qual morrê!, Deus dê a mim paciência para aturar rapaz. Não sei para que Nosso Senhor dá filho à gente em vez de filha. Rapaz são insuportáveis. Vamos, saia de meu caminho.

Mas Wade não se retirou. Meio convencido pelas palavras de Babá, refugiou-se atrás da Porta do vestibulo, Magoara-o deveras a observação da a-ma a respeito dos rapazes, pois sempre se esforçara por ser o melhor possível. Meia hora depois, Melly desceu por sua vez a escada. Estava pálida, com ar de cansada mas vinha sorridente. Pareceu aterrada ao ver surgir entre as pregas do reposteiro a facezita triste do sobrinho. Em geral a tia Melly acolhia-o de braços abertos. Nunca fazia corno a mãe, que muitas vezes lhe dizia: "Não me maces agora estou com pressa". Ou então: "Safa-te. Tenho que fazer". Contudo, nesse dia observou-lhe com ar zangado-

-Waáe estás a ser muito mauzinho. Por que não ficaste em casa da tia Pitty?

-A mania vai morrer? -Que ideia filho! Não sejas tonto.-E acrescentou, mais meiga: - ã Dr, Meade acaba de lhe trazer uma linda menina, uma irmãzinha para ti, com quem hás-de brincar. Se fores bem comportado poderás vê-la esta noite. Agora, gira daqui e não faças barulho.

Wade escapuliu-se para a casa de jantar, que, estava silenciosa. O seu mundo desmoronava-se, nada lhe parecia já seguro. Não haveria lugar para um triste rapazinho de sete anos, naquela manhã de sol em que as pessoas crescidas procediam de modo tão estranho? Sentou-se no poial da janela e arrancou uma folha de planta que crescia num caixote, do lado de fora. Pôs-se a mordiscá-la mas aquilo soube-lhe tanto a pimenta que o pequeno ficou

429

tom lágrimas nos olhos. Tornou a lembrar-se da mãe, que decerto ia morrer. Ninguém se importava com ele, todos se ocupavam da menina acabada de chegar... Wade não se interessava muito por crianças e muito menos do sexo feminino. A única que conhecia intimamente era Ella, que até essa ocasião nada fizera para lhe impor estima, ou respeito.

Depois de longo intervalo, o Dr. Meade e Rhett desceram a escada e ficaram no vestibulo a conversar em voz baixa. Em seguida saiu o primeiro, a porta fechou-se, e o segundo entrou apressado na casa de jantar e, antes que desse pela presença do enteado, encheu um copo, até às bordas, duma bebida que estava numa garrafa. Wade recuou, pensando que lhe iam outra vez ralar

e dizer-lhe que voltasse para casa da tia Pitty. Mas, em vez disso, o padrasto sorriu. Wade nunca o vira sorrir assim nem mostrar-se tão satisfeito, e, animado, saltou do poial e correu para ele.

-Tens mais uma irmã - declarou Rhett, apertando-o de encontro ao peito. -E a mais linda, criança que at6 hoje vil Mas por que choras?

- A marnã... -A mamã está a jantar com apetite a comer galinha com arroz e molho, c-por cima café sen@ falar no sorvete de creme. Se quiseses podes tam@ém refastelar-te com dois pratos de sorvete.'Vou-te apresentar à mana...

Aliviado com estes informes Wade, tratou de se mo&trar amável a respeito daquela i@mã, mas não o conseguiu. Ninguém falava noutra coisa, ninguém já se importava com ele, nem sequer a tia Melly ou o tio Rhett.

-As pessoas gostam mais das meninas do que dos menínos? - perguntou o pequeno.

Rhett poísou o copo, olhou aquela facezinha infantil com muita atenção e compreendeu logo o que se passava.

- Não, não é bem assim - respondeu com ar sério, como se se tratasse dum problema importante. - As meninas dão mais que fazer, e é por isso que a gente se ocupa mais delas.

-A Babá disse ainda há pouco que os rapazes eram insuportáveis.

-A Babá estava distraída. Ela não queria dizer isso.

- Tio Rhett gostava mais de ter um menino do que urna menina?-' indagou Wade, cheio de esperança,

430

3_.

-Não.-E, vendo' o rosto desanimado do pequeno, acrescentou: -Para que quero meninas, se já tenho um?

-Tem?-exclamou Wade boquiaberto. -Onde é que está?

-Está aqui mesmo- respondeu Rhett, pegando na criança e sentando-a nos joelhos.

Por um momento, a sensação de felicidade foi tão grande que Wade quase tornava a chorar. De garganta contraída, encostou a cabeça ao peito de Rheit.

- É,9 o meu menino 'não és?

- Pode-se ter... dois papás? - perguntou Wade, debatendo-se entre a fidelidade ao pai que ele não chegara a conhecer e a amizade pelo homem que tão bem o compreendia.

- Pode-se, sim, senhor -declarou Rhett com firmeza. Assim como és o menina da tua mãe e da tia Melly. Wade aceitou a explicação. Achando-a plausível, sorriu e en,(.,olheu-se de encontro ao braço que o cingia.

- O tio Rliett. percebe os rapazes pequenos, não percebe?

A cara morena de Rhett tomou uma expressão sombria, e no canto da boca vineGu-se-lhe uma prega.

- Sim, compreendo bem os rapazinhos - confirmou em tom amargo,

Durante uns instantes, o medo voltou a dominar Wade, medo e repentino ciúme. ó tio Rhett não estava a pensar nele, mas noutro qualquer.

-Tem mais meninos? Rhett pôs o pequeno no chão. -Vou beber qualquer coisa, Wade, e tu também vais. Será o teu primeiro copo de vinho, em honra da tua nova, mana.

-Tem mais... -ia insistir Wade mas, ao ver Rhett estender a mão para a garrafa de vínfio de Bordéus, ficou tão COMOVido Dor tomar parte naquela cerimónia de adultos que se esqueceu do que pretendia saber. -Ai, não, não posso, tio Rhett! Prometi à tia não beber senão depois de -sair da Universidade, e ela dá-me um relógio se,eu não faltar à promessa.

- E eu ofereço-te a corrente para o relógio. Esta que eu trago agora, se quiseses -volveu Rhett já sorrilãente outra vez. -A tia, Melly tem muita razão. Vas referia-se a licores, não a vinho. Precisas de aprender a tomar vinho

431

como um senhor, e agora é ótima ocasião de começares a aprender. . Rliett misturou água, ao vinho até o líquido se tornar cor-de-rosa -e apresentou o copo a Wade. Nesse mesmo momento, Éabá entrou fi@a casa de jantar. Mudara de roupa e vinha ataviada com o, seu fato domingueiro. O avental e a trunfa estavam impecáveis. A cada passada ouvia-se o ruído de saias de seda. Desaparecera-lhe o ar carrancudo da cara e um largo sorriso descobria-lhe as gengivas quase desdentadas.

-À sua, saúde, sinhô Rhett!-exclamou logo de entrada.

Wade deteve-se, com o copo à altura dos lábios, Sabia que Babá nunca gostara do padraço. Nunca a ouvira dizer senão "capitão But14--r" e a sua atitude para com ele fora sempre fria. De repente, ei-la a arvorar o mais amável dos sorrisos, a proferir gracinhas e a tratá-lo por "sinhô Rhett"! Que dia tão extraordinário!

-Calculo que prefira rum ao, claretc-disse Rhett, abrindo a frascueira e tirando dali uma garrafa atarracada.

- n um lindo nenê ' não é verdade, Babá?

-Muito lindo-respondeu a preta, pegando no copo e dando um estalo com a língua.

- Já viu menina mais bonita?

- Minina Scarlett quando nasceu também sê bonita, mas não tanto.

-Tome outro, copo, Babá. Explique-me uma coisa, -

acrescentou em tom severo, mas de olhos risonhos. Que é esta farfalhada que estou a ouvir?

- Saiba sínhô Rhett que é meu saio de " encar-nada.

E a Babá pôs-se a rir de tal maneira que o corpo enorme se lhe agitou.

-O seu saio? Não acredito. Faz tanto barulho que até parece um monte de folhas secas a rodopiar com o vento. Deixe cá ver. Levante a saia de fora.

- Credo, sinhô Rhett, isso s^_ muito feio! Babá deu um gritinho, afastou-se cerca dum metro e, com gesto pudico, arregaçou o vestido alguns centímetros e mostrou o folho pregueado do saio de tafetá escarlate.

-Levou tempo a usá-lo -resmungou Rhett, mas com os olhos pretos a reluzir de malícia.

- Sim, sínhô, muito tdmpo.

432 -

Então Rhett proferiu uma, frase que Wade não compreendeu.

-Deixou de haver mula com arreio de cavalo? -Oh, sínhô Rhett! Minina Scarlett teve maldade de contá isso? Sínhô não ficou a querê mal à velha nêga?

-Não sou rancoroso. Se fiz a pergunta foi só para saber... Vai outro copo, Babá? Despeje a. garrafa toda. E tu, Wade, bebe! Faz um brinde.

-À saúde da mana! - exclamou Wade, e tomou o vinho num trago. Engasgou-se tossiu, ficou com soluço, enquanto os outros dois, às g@rgalhadas, lhe batiam na casta.

A partir do dia em que a filha nasceu, o procedimento de Rhett intrigou muita gente e abalou certas opiniões a seu respeito. Quem acreditaria que um ente como ele se mostraria tão contente por ser pai, em especial quando o primogénito não era, do sexo masculino?

E o tempo não afrouxava a sua alegria, o que provocava certa inveja nas senhoras cujos maridos se desinteressavam dos filhos muito tempo antes de estes serem baptizados. Rhett detinha todos os homens na@ rua ' agarrava-os pelas bandas do casaco e conta@va-lhes por miúdo os extraordinários progressos da sua menina, sem sequer se dar ao trabalho de prefaciá-lo com uma frase de@te género: "Bem, sei que todos os pais acham os filhos prodigiosos, mas,..."

Considerava a filha um ser extraordinário, muito diferente das outras crianças, e dizia-o sem reboço. Quando a, nova ama deixou a pequenita chuchar num pedaço de toucinho, o que causou (> primeiro ataque de cólicas a atitude de Rhett fez rir todos os pais e mães de Atlant@. Mandou chamar à pressa o Dr. Meade e mais outros dois médicos, e só com grande dificuldade o impediram de chicotear a pobre mulher. A ama foi despedida, e daí por diante houve uma série de amas que não

permaneciam ali mais de uma semana. Nenhuma delas era capaz de cumprir exactamente as regras estabelecidas por Butler.

Por seu lado, Babá não via com bons olhos as amas que se eucediam na casa, pois tinha ciúmes de todas as pretas estranhas à família e achava que podia, ocupar-se da miúda assim como se ocupava de Wade e de Ella. Mas Babá já se ressentia dos an@s, e o reumatismo não- a deixava andar ligeira, Rhett não tinha coragem de explicar

28 - Vento Levou - rI

433

as razões por que pretendia outra ama. Em vez disso, demonstrou-lhe que um homem da sua posição social não devia ter só uma aia para as crianças. A desculpa não pegou. Então, Rhett anunciou que ia tomar duas criadas para os serviços mais pesados e que Babá passaria a governanta. A ideia agradou à velha preta. Ter várias pessoas sob as suas ordens dava-lhe certo prestígio. Contudo, declarou com energia que não deixaria entrar negrog forras no quarto das crianças. Perante isto Rhett mandou buscar Prissy a Tara, Conhecia-lhe os defeitos, mas ao menos, era da família. Para completar o pem)al Pete@ apresentou a Rhett a sobrinha, uma preta muito alt@, que se chamava Lou e pertencera a uma prima de Pitty Burr.

Antes de completamente restabelecida do parto, Scarlett percebeu o interesse que Rhett dedicava à filha e ficou um tanto constrangida pelas demonstrações de afecto paternal feitas em presença das, visitas. Estava bem que um pai gostasse da sua vergôntea, mas Scarlett achava excessiva as, manifestações de Rhett; devia fazer como, os outros homens, que fingiam sentir certa indiferença.

-Estás a tornar-te ridículo-disse ela em tom irritado.-Não compreendo realmente porquê...

- Não? Da tua parte não admira. Mas a razão aí a tens; é a primeira pessoa que me pertence inteiramente.

-Ela também é minha! -Tens dois outros filhos. Esta é minha filha.

- Ora essa! Quem a deu à luz fui eu, não fui? E, demais, também eu te pertenço...

Rhett olhou por cima; da cabeça escura da pequena e esboçou um sorriso singular.

- Pertences-me, minha querida Scarlett? A entrada de Melanie pôs fim a uma dessas querelas breves e violentas que nessa época tão facilmente explodiam entre os dois @sposos. Scarlett engoliu em seco e Melanie pegou na criança, Tinham resolvido chamar a esta Eugenie Victoria, mas, naquela tarde, Melly deu-lhe, sem querer, um nome que lhe ficou para sempre e fez esquecer aquele - como Pittypat apagou por completo o de Sarah Jane.

Curvado sobre a petiza, Rhett anunciara:

- Os olhos vão-se tornar verdes dum verde ervilha.

- Isso é que não - retorquiu Meíanie, indignada, sem se lembrar que eram quase assim os da mãe. @

Vão ser

434

azuis, como os do senhor O'Hara,, azuis como... a linda bandeira azul (").

- Bbnnie Blue Butler - proclamou o pai, rindo. E, pegando por sua vez na criança, observou-lhe os olhos de perto.

Deste modc> ficou a pequena conhecida por Bonnie, e os próprios pais chegaram a esquecer-se de que ela tinha dois outros nomes, esses verdadeiros, inspirados em duas rainhas.

51

QUANDO Scarlett, por fim, teve ordem de se levantar, pediu a Lou que lhe atasse o espartilho tão apertado quanto pudesse. Em seguida mediu a cintura. "Vinte polegadas! -exclamou, furiosa.-Cá está a consequência de ter filhos". Ficara, pois, tão grossa como a,tia Pitty, ou como a Babá.

-Aperta mais Lou. Vê se consegues que sejam só dezoito polegadas @ meia. Doutra maneira não posso usar os meus vestidos.

- Vai rebentá atilho - preveniu Lou. - Cintura de sinhora está mais forte não se podê fazê nada.

"Há uma coisa a fazer!" I pensou Scarlett, abrindo freneticamente as costuras do vestido a fim de obter maior largura. "Agora é que não quero mais crianças".

É claro que Bormie era bonita e fazia honra à mãe, e que Rhett a adorava,; mas Scarlett não desejava mais filhos. Como conseguiu-lo? Não podia manejar Rhett como o fizera com Frank, o marido não a receava e ela ver-se-ia em grandes apuros se, quisesse levar por diante a sua resolução, a julgar pela forma como Rhett mimava Bonnie. Havia de querer um filho no ano seguinte... Não, ela não lho daria. Nem raparigas, nem rapazes. Três filhos eram suficientes para uma mulher.

Depois de Lou ter recosido as costuras e ajudado a patroa a abotoar o vestido, Scarlett mandou preparar o trem e seguiu para a estância de madeiras. Voltara-lhe o bom humor. Já não, pensava na esbelteza de cintura e só a preocupava a ideia de que se ia encontrar com Ashley

(1) "Bonnie Blue Plag", a bandeira da Confederação.

435

011

a fim de ambos verificarem os livros de contas. Se tivesse sorte, podia falar-lhe a sós. Não o via há muito tempo, desde que a sua gravidez se tornara evidente em demasia. Não quisera aparecer-lhe naquele estado, mas tivera saudades do convívio diário, com Astiley, assim como, sentira saudades das idas às serrações e da sua actividade comercial. É claro que não precisava agora de trabalhar. Podia vender o negócio e depositar o dinheiro em nome de Wade e de Ella; mas, se o fizesse, ficaria condenada, a nunca mais ver Ashley senão em reuniões mundanas. E a sua maior alegria era trabalhar ao lado de Ashley.

Ao chegar à estância, notou com satisfação a altura das rimas de madeira e a quantidade de clientes que estavam a falar com Hugh Elsing. Vários pretos carregavam meia dúzia de carroças, cada qual puxada por duas mulas. "Seis parelhas", pensou Scarlett com orgulho. "E tudo isto é obra minha!" De olhos brilhantes pela alegria de a tornar a ver, Ashley apareceu à porta do escritório, ajudou-a a apagar-se da carruagem e fê-la entrar como se fosse uma rainha.

Mas a satisfação de Scarlett diminuiu bastante quando ela percorreu com a vista os livros de Astiley e os comparou com os de Johnnie Gallegher. Nas contas de Ashley os lucros quase não compensavam as despesas, ao passo que Johnnie tinha uma bonita soma no haver. Scarlett não fez observações, mas Astiley reparou-lhe na expressão de descoroçoamento.

- Scarlett, lastimo muito. Tudo o que posso dizer é que gostava muito mais de ter sob as minhas ordens escravos libertos do que presidiários. Tenho a impressão de que me sairia melhor. _ Pretos! Mas isso seria a nossa ruína! Os forçados custam-nos barato. Pois se Johnnie conseguiu com eles... Os olhos de Astiley fitaram um ponto longínquo, já sem a alegria que os iluminava.

- Sou incapaz de obrigar a trabalhar presidiários, como faz Johnnie Gallegher.

- Santo Deus! O que tem é um coração bom demais, Astiley. Devia obter mais trabalho dessa gente. Disse-me Johnnie que, sempre que qualquer grilheta mandrião participa que está doente, você lhe concede um dia de descanso. Assim não há possibilidade de ganhar dinheiro,

436

Ashley! Uma boa tarefa cura a maior parte das doenças, com excepção de pernas quebradas... - - Scarlett! Scarlett! Não posso ouvi-la falar nesses termos! - exclamou Astiley fixando nela um olhar tão feroz que a fez calar.-Não compreende que eles são seres humanos como nós... que alguns têm escassez de saúde, que são uns entes infelizes mal alimentados ... ? Ah quanto me custa ver em que ele a tomou, a si, que era sempre tão meiga, tão bondosa...

-Quem? O que é que me fizeram?

- Ainda que não tenha o direito de falar neste assunto, preciso de falar. O seu... Rhett Butler... empenha tudo quanto toca. Duma criatura terna generosa e boa, embora obstinada fez ele uma pessoa cruel. Endureceu-lhe o coração, bestializou-a com o seu contacto.

- Oh! - suspirou Scarlett que, ao mesmo tempo que se sentia culpada, estava radiante com a ideia de que Ashley se interessava ainda por ela e a considerava uma mulher cheia de doçura e bondade. Ainda bem que ele atribuía à influência de Rliett, a sua avidez do dinheiro. Rhett nada tinha a, ver com isso, a culpa era dela, mas também. não fazia mal nenhum que o acusassem de mais uma coisa. Já o acusavam de tantas!

- Se se tratasse doutro homem, não me importaria tanto. Mas 11hett Butler! Bem vi o que ele lhe fez. Sem que a Scarlett desse por isso, moldou-a à sua maneira. Não devia falar assim... Ele salvou-me a vida e estou4he muito reconhecido, mas lastimo bastante que não fosse outro qualquer a salvar-ma... Não, não tenho o direito de falar assim...

- Sim, Ashley tem esse direito... e ninguém mais! -Digo lhe qu@ me é impossível suportar isto... Ver a sua delicadeza à mercê da brutalidade, saber que toda a sua beleza e encanto estão sob o poder desse homem... Quando me lembro que ele lhe toca...

"Vai beijar-me", pensou Scarlett em êxtase. "E aculpa não será minha". Inclinou-se para Ashley, mas este recuou como se de súbito compreendesse que falara demais, que dissera coisas que nunca tencionara proferir.

- Perdoe-me, Scarlett. Insinuei que seu marido não~era um cavalheiro e as minhas palavras provam que eu não o sou. Ninguém tem o direito de dizer mal do marido a uma senhora. Não tenho desculpa nenhuma, senão... senão...

437

Scarlett esperou, ofegante, de olhos fitos naquela face crispada.

-Não tenho desculpa nenhuma -concluiu Ashley. Durante todo o trajecto de regresso, Scarlett não cessou de reflectir. Nenhuma desculpa, senão... que ele a amava! Por isso enlouquecia de furor ao lembrar-se de que Rhett a possuía. Nesse ponto, compreendia-o. Se não @soubesse que Ashley e Melanie tinham forçosamente de viver como irmão e irmã, a sua vida seria um tormento, Com que então os abraços de Rhett bestializavam-na... Pois se esta era a opinião de Ashley, ela passaria muito bem sem tais abra. @ ços. Como seria belo e romântico que se conservassem fisicamente fiéis ao seu amor embora casados com outras pessoas! A Wela foi-se desávolvendo no espírito de Scarlett e cada vez mais lhe agradava. Porque também havia o lado prático da questão. Que melhor meio de não ter mais filhos?

Quando chegou a casa, esmoreceu-lhe parte da exaltação prov<>cada pelas palavras de Ashley, ao encarar a per"pectiva de dizer a Rhett que queria quartos separados e de dar a entender o que isso implicava. Seria um caso bicudo... E como informar Ashley que, conforme os seus desejos, não seria mais de Rhett? Para quê sacrificar-se se ninguém o saberia? Se ao menos ela pudesse falar tão abertamente a Ashley como falava a Rhett! Deixá-lo! Havia de descobrir maneira de fazer conhecer a verdade a Ashley.

Subiu a escada e, ao abrir a porta do quarto dos pequenos viu Rhett sentado ao lado do berço de Bonnie, com Eflá sobre os joelhos enquanto Wade despejava diante dele o conteúdo dos bols@s. Ainda bem que Rhett gostava das crianças e não as tratava mal, como certos padrastos.

- Preciso de falar contigo - disse Scarlett antes de entrar no quarto de- dormir. Mais valia dizer-lhe agora a sua resolução<> de . não ter mais filhos, enquanto o amor de Ashley lhe insuflava energia.- Rhett-declarou à queima-roupa, logo que o. marido fechou a porta do quarto, dos pequenos. -Decidi nunca mais ter filhos.

Se ficou surpreendido com tão inesperada declaração, não deixou transparecer nada. Puxou uma cadeira, sentou-se e pôs-se a balançar-se.

-Minha jóia, já te disse antes de Bonnie nascer que tanto me importa que tenhas um ou vinte filhos. Que arte de evitar as discussões!

438

- Acho que três já chegam. Não tenciono ter um todos os anos.

-Três é um bom número.

- Sabes... - começou ela, corando - sabes o que eu quero dizer com isto?
- Sei. E tu sabes que posso pedir o divórcio se te recusares aos deveres conjugais?
- Já, preciso que sejas muito vil para teres semelhantes ideias! - exclamou Scarlett furiosa pelo facto de a conversa não seguir os trâmites que ela planeava. - Se fosses uma pessoa cavalheiresca... farias como... Olha, farias como Aglilei. Melanie não pode ter filhos, e ele...
- Isso é mesmo do senhor Ashley-comentou Rliett, cujos olhos brilharam de modo estranho. - Acaba o discurso.

Scarlett tossiu, pois o discurso chegara ao fim e não havia mais nada a dizer. Compreendia, agora quão tola fora ao supor que regularizaria amigavelmente tão importante questão com um monstro de egoísmo como Rhett.

- Foste hoje à estância, não é verdade?

- Que relação tem a minha ida à estância com esta conversa,

- Gostas de cães, Scarlett, não é assim? E prefere-os nos canis ou nas manjedouras, como o tal que não comia nem deixava comer?

Scarlett não percebeu a alusão, tão fortes eram a sua ira e o seu despeito.

Rhett levantou-se e aproximando-se da mulher, agarrou-lhe no queixo e ergueu-lhe a cabeça.

- Que infantil que tu és! Viveste com três homens e não conheces nada do carácter masculino.

Julgavas decerto que somos como as senhoras de idade que já atingiram a menopausa.

Beliscou-lhe o queixo, e baixou a mão. E, de sobrance-lha levantada, fitou-a longamente com olhar glacial.

- Compenetra-te bem disto Scarlett. Se tu e a tua cama ainda tivessem algum encanto para mim, nem fechaduras nem ameaças impediriam de fazer o que me apetece. E não sentiria remorsos nenhuns, porque fiz um contrato contigo... um contrato de que respeitei os termos, e tu não. Podes guardar para ti o teu casto leito, minha filha.

439

- Queres dizer que te sou indiferente? - replicou Scarlett, indignada.

- Já estás farta da minha pessoa, não é verdade? Pois olha que os homens se fartam mais depressa do que as mulheres. Conserva a tua castidade, Scarlett. E não penses que será para mim um suplício. Não me ralo nada. - Encolheu os ombros e sorriu., - Felizmente não faltam camas neste mundo; há muita cama e muita mulher...

- Tu... vais...

- Coitadinha da inocente! Pois claro! É de admirar que não me tenha desviado mais cedo para esses caminhos. Nunca considereei a fidelidade como uma virtude.

- Todas as noites fecharei à chave o meu quarto.

- Para quê? Se eu te quisesse - para alguma coisa, nenhuma tranca me impediria de entrar, Rhett voltou-lhe as costas como se desse o assunto por terminado e foi-se embora. Scarlett ouviu as exclamações de alegria com que os pequenos o acolheram. Sentou-se bruscamente. Conseguiu o, seu objectivo. Era isso o que ela queria, o que Ashley desejava. No entanto, não se sentia contente. Sofria no seu amor-próprio e mortificava-a a ideia de que Rhett não se afliesse nada com a sua proposta, que já não a desejasse e que a pusesse ao nível doutras mulheres, noutras camas. Gostaria de descobrir maneira delicada de informar Ashley que ela e Rhett já não viviam como marido e mulher. No entanto, sabia que não chegaria a dizer nada. Tudo se lhe afigurava terrivelmente confuso e quase lastimava ter falado. Ia sentir falta das longas e divertidas conversas antes de adormecer. Não tornaria a ver na escuridão, o ponto rubro do charuto aceso de Rhett, nem teria os braços do marido para a consolar quando ela despertasse aterrada do habitual sonho em que se via a correr no meio do nevoeiro.

De repente - sentiu-se - infeliz e apoiando a cabeça no espaldar da, poltrona, desatou a chorar.

52

Um ano após o nascimento de Bonnie, o irmãozito, numa tarde chuvosa errava pela sala e, de tempos a tempos, ia à janela, contendo a cuja vidraça achatava o nariz. Wade era

delgado, pequeno para a idade, pois ia nos oito anos, e tão tranquilo que se diria ser tímido. Jamais falava, excepto se lhe dirigiam a palavra. Tinha o ar de quem se aborrece mortalmente, e não sabia, de fa-eto, corno havia de entre-ter-se pois Ella, brincava com as bmQcas, a um canto, Scarl@tt fazia contas sentada à secretária, e Rhett, estirado no c-hão, baloiçava o relógio na, extremidade da corrente e retirava-o logo que Bonnie estendia a mñozinha.

Wade juntou uns poucos de livros, rnas deixou-os cair, ao mesmo tempo que suspirava fortemente, Scarlett, furiosa, voltou~s-e para ele*

- ó, filho, vai brincar lá para fora! -Não se pode. Está a chover.

- Sim? Não tinha percebido, Então faze qualquer coisa. Enervas-me com isso de andar cáe lá sem fazer nada. Dize ao Pork que prepare o trem e que te leve a casa de Beau.

- Ele não está em casa, marnã - participou Wade, soltando novo suspiro. - Foi à festa dos anos de Paoul Pic-ard.

Raoul era o filho de Maybelle e de Renê Picard, garotinho odioso, segundo Scarlett, e também, segundo ela, mais parecido com um macaco do que com um rapaz.

-Então vai a casa de quem quiseses. Previne o Pork. -Nenhum dos meus amigos está em sua casa. Foram to-dos à festa.

Sem que Wade a tivesse proferido, a frase "todos menos eu", ficou suspensa no ar; mas Scarlett, ocupada com as contas, não se apercebeu disso.

-Por que não foste tu também? -Inquiriu Rhett, werguendo@-se no tapete.

Wade aproximou-se do padrasto, devagarinho, parou, ergueu ora um pé ora outro, e ficou indeciso, com ar ba&tante inf eliz.

- Não fui convidado... Rhett abandonou o relógio à mão destruidora de Bonnie e levantou-se agilmente.

- Interrompe essas malditas contas, Searlett. Por que é que Wade não foi convidado?

- Por amor de Deus, Rhett! Não me aborreças neste momento. Ashley fez de tal maneira, estas contas, que não chego a atinar... Ah, a festa do Raoul?! Wade não foi con-

vidado, e, se o fosse, eu não o deixaria ir. Não te esque--Ç" que se trata do neto da senhora Merriwethere, que esta

441

R"/@

preferiria receber um preto forro nos seus salões a aceitar a nossa presença.

Rhett, que observava o pequeno com ar sonhador, viu-o estremecer.

- Anda cá, meu rapaz - disse, chamando-o a si. - Gostarias de ir a essa festa?

- Não, senhor - respondeu corajosamente Wade, baixando porém, ao mesmo tempo os olhos.

- ilum... Escuta, vais às reuniões do Joe Whítng e do Frank Bonnel... Ao menos, os teus camaradas de escola... convidam-te alguma vez?

-Não, senhor. Não me convidam. -Estás a mentir, Wade! -exclamou a mãe voltando-se de novo para ele. -A semana passada as@ististe a três reuniões, em casa dos Barts, dos Gelerts e dos Hundons.

-Bela colecção de mulas com arreios de cavalo -

observou Rhett, em tom voluntariamente brando. - Divertiste-te nalguma, dessa,9 festas? Vamos, dize a verdade.

- Não, senhor.

- Porquê?

- A Babá diz que são a escória dos brancos.

- Eu hei-de pregar uma bofetada nessa Babá! - acudiu Scarlett, levaiitando-se de chofre. - E a ti, Wade, vou ensinar-te como se fala dos amigos de teus pais.

-O pequeno tem razão e a Babá tanibém -declarou Rhett. - Tu é que nunca f@ste capaz de distinguir o verdadeiro do falso. Não te aflijas, meu rapa,,P,, não és obrigado a ir a casa de pessoas com quem

não gostes de lidar. Toma lá, vai dizer a Pork que prepare o trem. Compra bombons, compra quantos te apeteçam... -Dizendo isto, entregou-lhe uma nota, a que o pequeno -logo lançou mão, deitando um olhar inquiridor à mãe a ver se esta concordava.

gearlett, de olhar carr@ncudo, fitava o marido. Este pegara em Bonnie e, com a cara da petiza encost@ada à sua, embalavaa docemente. A mulher não conseguia decifrar-lhe os pensamentos mas nos olhos dele havia algo de semelhante a receio. Re@eio e remorso.

Animado pela generosidade do padraço, Wade aproximou-se dele timidamente.

-Tio Rhett, posso fazer-lhe uma pergunta?

- Com certeza. - Rhett parecia ansioso e distraído. Apertou Bonnie nos braços e indagou: -Que é, Wade?

442

- Combateu na guerra, tio Rhett?

- Por que me perguntas isso? - voltou aquele fitando o pequeno, mas dando à voz um acento de indiferença.

- n que o Joe Whiting... diz que o tio não se bateu. E o Frankie Bonnell diz o mesmo.

- Ah, ali! E que lhe ripostaste? Wade parecia constrangido.

- Eu... respondi que não sabia. -E, de um fôlego, acrescentou: - Mas não me pus com coisas e atirei-me a eles. Esteve na guerra, tio Rhett?

- Estive - declarou Rhett com súbita violência, -

Cómbatí durante oito meses. Acompanhei as tropas, de L<>vejoy até Frank1in, em Tenneuce.

Estava com Johnston quando ele se rendeu,

Wade meneou-se de orgulho, mas Scarlett riu-se.

- Julgava que tinhas vergonha da tua folha de serviços. NãL me pediste que não falasse nisso?

- Cala-te! - ordenou Rhett. - Ficaste contente, Wade? -Fiquei, sim, senhor. Eu bem sabia que tinha estado na guerra, que, não fugiu como eles dizem. Mas... por que é que não esteve com os pais dos outros meninos?

-Porque os pais dos outros meninos eram azelhas e tiveram de os meter na infantaria. A mim, como frequentei West Point, escolheram-me para a artilharia. Artilharia regular, não a das forças territoriais. É preciso certo jeito para a artilharia, Wade.

- Faço ideia! - retorquiu Wade, satisfeitíssimo. - Foi ferido, tio Rhett?

Rhett hesitou.

- Fala-lhe da tua disenteria - mofou Scarlett.

O marido, pôs a filha no chão com todo o cuidado e, em seguida, puxou para fora das calças a fralda da camisa.

-Chega cá, Wade. Vou mostrar-te onde fui ferido.

O pequeno avançou muito impressionado e olhou para onde Rhett apontava. Uma longa cicatriz sulcava-lhe o peito moreno até ao abdome fortemente musculado, Era a recordação duma ce-na de facadas num terreno aurífero da Califórnia, mas Wade, que não sabia disso, soltou um suspiro de alegria.

- Parece-me que o tio Rhett é quase tão valente como o meu pai.

-Quase, mas não tanto-concordou Rhett, enfiando

443

V

a camisa nas calças, -E agora vai gastar o teu dólar e manda ao diabo quem te disser que não estive na guerra.

Wade saiu a: pular -de contentamento e a chamar pelo velho Pork 'e Rhett voltou a pegar na filha ao colo,

A que propósit<> todas aquelas mentiras, meu wldado úzias perguntou Scarlett, das d

-Um filho deve ter orgulho no pai... ou no padrasto. Não quero que ele se sinta envergonhado diante dos outros garotos. São cruéis, as crianças.

-Ora, ora! -Nunca pensei que estas coisas tivessem tanta importância para Wade - voltou Rhett lentamente. - Nunca pensei que sofresse tanto por causa disso. O mesmo não há-de acontecer a Bonnie.

- Como sabes?

- Supões que vou deixar a minha Bonnie envergonhar-se do pai? Que vou consentir que a ponham de parte quando tiver nove ou dez anos? Não quero que a vexem, como fazem ao pequeno, por coisas de que só eu ou tu somos culpados.

-Ora,, trata-se apenas de festas de crianças! -Depois das festas de crianças vêm aquelas em que se apresentam as raparigas na sociedade. Julgas que vou deixar a minha filha crescer sem frequentar as pessoas decentes de Atlanta? De que valeria mandá-la estudar num colégio do Norte, se ninguém a quisesse receber aqui - ou em Charleston, ou em Savannah, ou em Nova Orleães? Não quero que ela se veja, obrigada a casar com um yankee ou um estrangeiro pelo facto de, no Sul, nenhuma família capaz a, receber no seu seio... visto a mãe se haver portado como uma louca ou o, pai como um patife.

Wade, que voltara, detivera-se à porta interessado pela conversa, embora não a percebesse muito bem.

-Bonnie pode casar-com Beau, tio Rhett-disse ele. Rhett voltou-se para o enteado e logo do rosto lhe desceu~ pareceu a expressão de cólera. Ficou a cogitar nas palavras de Wade, fingindo-se muito sério, como sempre fazia quando se tratava de assuntos de crianças.

- Tens razão, Wade. Bonnie poderá casar com Beau Wilke,s. Mas tu, com quem casarás?

- Eu não casoco-m ninguém - confessou Wade, encantado com aquela conversa, de homem a homem, com a única pessoa, além da tia Melly, que não o tratava com

444

maus modos e até o animava a falar. -Vou para Harvard, para ser advogado como o papá, e depois hei-de ser um militar valente como ele,

- Lastimo muito que Melly não esteja mais calada -

acudiu Scarlett. - Wade, tu não irás para Harvard. n uma escola yankee e eu não quero que vás para lá. Hás-de ir é para outra Universidade, a de Geórgia, e depois de te formares virás dirigir o armazém, em meu lugar. Quanto à valentia de teu pai...

-Cala-te! -ordenou Rhett em tom ainda mais seco; notara o clarão que se acendia nos olhos de Wade, ao ouvir falar do pai que ele não conhecera. -Crescerás e serás valente como teu pai, Wade. Trata de te pareceres com ele, porque foi um herói, e não deixes que ninguém diga o contrário. Pois não casou com tua mãe? Já é uma prova de heroísmo. Eu ajudar-te-ei a ir para Harvard, para seres advogado. Agora gira daqui e dize ao Pork que te leve à cidade,

-Gostaria que me permitisses governar os meus filhos à vontade - disse Scarlett, depois de o filho se ter retirado.

- Governas muito mal. Estragaste já o futuro de Wade e de Ella, mas não consinto que faças o mesmo a respeito de Bonnie. Esta, há-de ser uma princesinha, que toda a gente receberá de braços abertos. Então> julgavas que eu a deixaria lidar com a canalha que frequenta esta casa?

- Para ti são muito bons.

- E ainda melhores para ti, minha jóia. Mas não para Bonnie. Pensas que ela vai casar com um desses miseráveis com quem convives? Irlandeses oportunistas, yankees, brancos malandros, Sacolas novos-ricos... A minha Bonnie, com sangue de Butler e raça de Robillard_

- E de O'Hara...

- Os UHaras pediam ter sido reis da Irlanda noutra @ foi um -tempo, que eu estou nas tintas para isso. O teu pai aventureiro e tu não és melhor prenda. A culpa também é minha. Tenho passado na vida como um morcego escapado do Inferno, sem me importar com as ninhadas acções, visto tudo

me ser indiferente. Agora, quanto, a Borinie, digo~te que me interessa deveras. Tenho sido um insensato! Devemos fazer o possível para que a nossa filha venha a ser recebi-da em toda a parte. -Oh Rhett estás a dar tanta importância a isso, quc chega a @er ridículo,! Com o nosso, dinheiro... 445

-Ora, o dinheiro! Com ele todo jamais compraremos o que desejo para ela. Antes ver a minha Bonnie convidada a comer pão seco na casa pelintra dog Picards ou na baiúca da senhora Elsing, do que vê-la: triunfar num baile republicano. Searlett ' tens sido uma pateta. Devias ter reservado para os teus filhos um lugar na sociedade. Mas não, o fizeste. Nem te dekte -ao trabalho de conservar a .posição que tinhas. Receio que seja agora já muito tarde. Continuas ansiosa por ganhar dinheiro e por tyranizar as pessoas.

-Tudo isto para mim, é uma tempestade num copo de água-diss@ friamente Searlett, retomando os seus papéis como paraIndicar que, quanto a ela, o caso estava arrumado.

- Só podemos contar com a senhora Wilkes, e só fazes tudo para a ofender e afastar. Oh, poupa-me as tuas observações acerca da suai pobreza, dos seus vestidos muito usados! Ela é o fulcro de quanto vale ainda qualquer coisa em Atlanta. Que Deus lhe pague! Espero que me ajude nos meus planos.

-E quais são eles? -Cultivar todas as damas da Velha Guarda, em, especial as senhoras Merriwether. Elsing, Withing e Meade. Sou capaz de rastejar atrás dessas velhas que me detestam. Humilhar-me-ei, arrependido dos meus erros passados. Hei-de contribuir para, as suas estúpidas obras de caridade, para as suas malditas instituições pias. Alardearei os meus serviços à Confederação e, se tanto. for ne-cessário, irei filiar-me na infamíssima Klan ' embora espere que Deus, na sua misericórdia, me poupe essa última provação. Não hesitarei também em recordar aos idiotas que salvei da, força que eles contraíram uma, dívida para comigo. Quanto. a ti, minha querida, espero que não me ponhas obstáculos nas relações que pretendo estabelecer com essas pessoas; não lhes vendas, portanto, madeira em mau estado nem as ofendas de nenhum modo. Além disso, o governador Bullo-ck não. porá mais os pés aqui. Percebes? Nem nenhum membro dessa elegante súcia de ladrões com quem tu lidas. Se os convidares, sentir-te-ás em má posição, pois o dono da casa não estará presente para os receber. Apareçam eles cá, e eu irei logo matar o tempo no botequim da Belle . Watling: como desculpa, direi que não quero estar debaixo do mesmo tecto que essa gente.

446

Scarlett, enervada com este discurso, soltou uma risadinha _be maneira que o homem que jogava, às cartas nos barcos do Mississipi, e especulou durante a, guerra, deseja ago,ra tornar-se respeitável! Pois olha que, para começar, seria preferível vender a casa da Belle Watling.

Era o que se chama um golpe às cegas, porque Scaflett não tinha a certeza de que o marido fosse o dono daquele estabelecimento. Rhett, como se lhe houvesse lido o pensamento, soltou uma gargalhada estrondosa.

-Muito obrigadú, pelo conselho!

Rhett Bufler não podia ter escolhido ocasião menos propícia à sua campanha de reabilitação. Nunca nem antes nem depois, foram tão execrados os nomes d@ Republicar nos e Renegado.s,,, visto haver atingido então c> cúmulo a corrupção do regime sob a égide dos Sacolas. Ora, após a derrota sulista, Rhett andava inexoravelmente ligado à sorte dos yankees e seus amigos.

Em 1866, as pessoas de Atlanta tinham verificado com fúria impotente que a lei marcial sob a. qual viviam não podia ser pior do que era: mas durante o domínio de Bullock, souberam que afinal aquil'(> ainda não fora tudo. Mercê do voto concedido, aos pretos, os republicanos e seus aliados ficaram solidamente estabelecidos nas suas posições e_tornavam a vida difícil aos vencidos, que todavia não, deixavam de protestar.

Haviam espalhado entre os negros a versão de que a Bíblia só mencionava dois partidos políticos: o dos Republicanos e o dos Pecadores. Como nenhum dos antigos escravos queria aliar-se a um partido composto só de pecadores, eles não hesitavam em seguir o dos Republicanos. Os seus novos senhores forçavam-nos a votar, obrigando-os a elegerem para os lugares de maior importância os Renegados e os brancos de baixa extração., sem falar dum ou doutro homem de cor. Estes passavam grande parte do dia no Parlamento, ande comiam, e se descalçavam de vez em quando, pois não tinham ainda os pés, habituados ao uso permanente'das botas. Poucos sabiam ler ou escrever. Acabados de chegar das plantações de algodão e cana de açúcar, viam-se logo com direito a votar sobre impostos e empréstimos, e a abrir grandes créditos aos Republicanos seus amigos, quando não a si mesmos. Disso não prescin-

447

diam eles. O Estado sufocava sob o peso das contribuições, pagas de má vontade, pois os cidadãos sabiam que, na maior parte, as somas destinadas ao interesse geral eram embolsadas por certo, número de indivíduos.

Em torno do Parlamento estadual apertava-se um círculo de oportunistas ' de especuladores, de criaturas sem moral vindas na esperança de tirar proveito da orgia louca das despesas, que a muitos enriquecia. Não tinham dificuldade em obter subvenções do Estado para construir linhas férreas que nunca seriam comftruídas, para comprar carruagens e locomotivas que jamais seriam compradas, para construir edifícios públicos que só se construíam na imaginação desses aventureiros. Emitiam-se títulos da dívida pública, aos milhões, sempre de modo ilegal e fraudulento. O funcionário responsável do Tesouro, homem sério embora republicano, protestava contra essas emissões e negava-lhes a assinatura; mas como acontecia a todos que procuravam opor-se àquela onda de abusos, os seus esforços resultavam inúteis.

A rede dos caminhos de ferro, que outrora proporcionava recursos permanentes ao Estado, vivia em regime deficitário, e a dívida atingia a linda soma de um milhão de dólares. Já não era uma rede de caminhos de ferro, mas uma enorme cavalaria de Augias, onde os parasitas chafurdavam à vontade. Havia inúmeros funcionários nomeados por motivos de ordem política, sem que ninguém quisesse saber da sua competência. Os Republicanos viajavam sem gastar um centimo e os pretos circulavam gratuitamente nos dias em que aos bandos, assaltavam os, combGios de mercadorias e iam dum ponto a outro do território votar e tornar a votar nos mesmos candidatos. O sistema que reinava na administração dos caminhos de ferro exasperava deveras os contribuintes, tanto mais que, em princípio os lucros da exploração, deviam ser aplicados no estabelecimento de escolas gratuitas. Mas, como só havia dívidas e nenhuns lucros, nenhuma escola se abria. Eram poucas as pessoas ricas que pudessem mandar os filhos às instituições pagas, de modo, que essa geração em idade escolar crescia na ignorância, preparando um futuro de homens e mulheres sem qualquer instrução.

Mais ainda que a desordem nas finanças públicas, enfu-,reciam os georgianos contra as autoridades do Norte o desperdício e a corrupção de que dava provas o governador.

448

De cada vez que eles se indignavam contra os prevaricadores, o governador partia a toda a pressa para o Congresso, onde, falava dos atentados dos brancos contra os pretos, declarando que o estado de Geórgia preparava nova rebelião. No entanto, ninguém fazia mal aos pretos dentro do próprio Estado; ninguém desejava nova guerra, ninguém pretendia levantar as massas. Todos aspiravam ao sossego, a fim de se erguerem das ruínas. Infelizmente, à força de calúnia, o governador acabou por convencer o Norte de que os, georgianos, eram rebeldes e que urgia manejá-los com mão de ferro. E a mão de ferro abateu-se sobre o país.

O bando, que asfixiava Geórgia regozijou--se a, valer.

O Exército dos Estados Unidos apoiou com as armas a autoridade do governo local. Atlanta detestava o nome de BullGck, dos Renegados e Republicanos, e de todos os que mantinham

relações com eles. Ora Rhett Butler pertencia a este grupo, e até se dizia que estava associado a todas as piores conibinações político-financeiras. Foi nessa altura que o marido de Scarlett, dando meia volta, e nadando. com todas as suas forças, pretendeu subir a corrente, que pouco antes havia descido com tanta felicidade.

Empreendeu, contudo, a sua campanha com uma, lentidão bem calculada, de forma a não despertar suspeitas naquela súbita reviravolta. Evitou os antigos camaradas de botequim e deixou de acompanhar oficiais yankees, Renegados e Republicanos. Assikiu às reuniões do partido democrático e, à vista de toda a gente, deu a este a sua adesão. Renunciou a jogar forte e tornou-se relativamente abstémio. Quando queria ir a casa da Belle Watling esperava que fosse noite e comparecia lá às ocultas, como o faziam os outros cidadãos respeitáveis nunca deixando o cavalo atrelado diante da porta do boiequim.

Os fiéis da igreja episcopal caíram das nuvens quando viram Rhett entrar no templo e avançar em bicos de pés, dando a mão a Wade. A admiração era causada, não só pela comparência dele mas também do enteado que toda a gente supunha católico, atendendo ao credo @rofessado pela mãe. Esta, porém, abandonara os princípios religiosos, como pusera de lado as normas preconizadas por Ellen; assim, o público achpu que Rhett fazia bem em inculcax no pequeno uma crença, embora não fosse aquela a que ele estava destinado.

29 - Vento Levou - 11

449

Quando se dava ao trabalho de refrear a língua, Bufler conseguia ser amável. E não era raro vê-lo comportar-se em atitude grave e ser mais discreto no seu vestuário. Deste modo lhe foi fácil conquistar a simpatia dos individuos a quem outrora salvara a vida. Hugh Elsing, Renê, os irmãos Simmons And Bonnell achavam-no atencioso e sentiam-se gratos pelo Lto de o outro nunca, aludir ao bem que lhes fizera. Se lhe tocavam no assunto, respondia: "Não tem importância. Outro qualquer, no meu lugar, faria o mesma".

À Comissão encarregada de recolher donativos destinados à reparação da igreja episcopal, Rhett entregou uma quantia àraúda, e outra à Obra do Embelezamento dos Túmulos; dos Nossos Mortos Gloriosos. Dirigiu-se directamente à senhora Elsing e pediu-lhe, em tom humilde, que não dissesse a ninguém donde partia aquele dinheiro, sabendo que era esse o melhor processo de obter que a dama a fosse apregoar por toda a parte, Ainda que a senhora Elsing quisesse recusar a dádiva, os fundos da instituição estavam tão baixos que ela não teve coragem para o fazer.

-Não percebo- observou apenas-por que se interessa tanto pela nossa, Obra...

Rhett declarou-lhe em tom digno que praticava esse rasgo em memória de antigos camaradas de guerra, mais bravos porém menos afortunados do que ele, o que deixou boquiaberta a senhora Elsing. Bem lhe dissera a senhora Merriwether que, segundo Scarlett ' o capitão Butler havia, também combatido. Ela, todavia, não tinha acreditado, como aliás ninguém então acreditara.

-Esteve na guerra, visto isso' Qual era. a mu, companhia... o seu regimento!

Rhett deu todas, as informações. -Ah, sim, a artilharia! Os que eu conheci estiveram uns na cavalaria, outros na infantaria. Assim se explica que...

A senhora Elsing suspendeu-se de repente, na esperança de descobrir um clarão de troça nos olh 'os do seu interlocutor. Mas Rhett baixara a vista e brincava com a corrente do relógio,

- Gostaria, muito de ter estado na infantaria - volveu ele -mas souberam que eu fora aluno de West Point... embora ficasse reprovado no exame final, por causa duma.

450

rapaziada. De forma que me meteram na artilharia na artilharia regular, não na dos milicianos. Precisavam muito de técnicos na fase final da guerra. Bem sabe como as perdas foram pesadas, em especial nos artilheiros. Não encontrei lá ninguém conhecido. Creio que nem um homem de Atlanta...

- Ah, sim?! -A senhora Elsing estava cada vez mais perplexa. Se Rhett entrara na guerra, então o caso era diferente, Começava, a ter remorsos do mal que havia dito dele. - Ah, sim?! Mas por que não disse mais cedo? Parece que tinha vergonha...

Rhett, impassível, fitou a senhora Elsing.

- Minha senhora, acredite que sinto mais honra pelo serviço que prestei à Confederação do que tudo o que jamais fiz ou podia fazer...

- Mas... por que guardou segredo ... ?

- Envergonha-me falar disso por causa... de certas acções que cometi no passado.

A senhora Elsing correu a informar a senhora Merriwether que Rhett dera dinheiro para a Obra e relatou-lhe a sua conversa.

-E dou-te a minha palavra, Dolly, que lhe vieram lágrima,s aos olhos quando disse que se sentia, envergonhado. Sim, vieram-lhe lágrinas aos olhos! Até quase chorei também.

- Acho, isso muito esquisito, um disparate sem pés nem cabeça-replicou a senhora Merriwether. - Acredito tanto nas suw, lágrimas como acredito que combatesse na guerra. Mas hei-de pôr tudo em pratos limpos. Visto pretender que estive na artilharia, vou escrever ao coronel Carleton, que é casado com a filha duma das irmãs de meu avô. Ele era o comandante de artilharia...

ao coronel A senhora Merriwether escreveu de facto < Carleton e com grande desgosto seu, recebeu uma carta em que o @oronel fazia o elogio de Rhett Butier em termos que não dava margem a nenhum equívoco. Artilheiro consumado, soldado corajoso e perfeito homem de sociedade, tão modesto, que recusara promoção quando lha, tinham oferecido...

- Ora esta! - exclamou a senhora Merriwether, mos,trando a carta à senhora Elsing. -Estou pasmada,! Talvez fizéssemos mal em escarnecer da sua, coragem, talvez devêssemos acreditar em Scarlett e Melanie quando afir-

451

mavam que ele se alistara no dia da -rendição de Atlanta, mas o certo é que é um Renegado, um crápula e não gosta dele!

- Apesar de tudo - objectou a senhora, Elsing - não creio que seja tão má pessoa como dizem. Um homem que se bateu pela Confederação não pode ser muito mau. Scarlett é pior que ele. Queres que te diga uma coisa? Tenho cá a impressão de que Butler se envergonha, da mulher, mas, como é bem educado, não G dá a entender.

- Envergonhar-se de Scarlett? Ora, ora! São ambos da mesma força. Onde foste buscar essa ideia: tão tola?

- Não acho. que seja. tola! -protestou a senhora Elsing.

- Ainda ontem, sob uma carga de água, andava, ele a baixo e a cimar na Peachtree Street, a passear de carruagem os três pequenos. Deu-me uma boleia, e, quando lhe observei que a humidade podia fazer mal às crianças e seria melhor levá-las para casa, ficou com ar atrapalhado e não me deu resposta. Mas a Babá encarregou-se de me explicar "que tinham casa cheia de gente branca ordinária e que mais valia aos mininos andá à chuva, que estar lá dentro".

-E que disse o capitão Butler?

- Que havia de dizer? Fez uma carranca à preta e mudou de assunto. Como. sabes , Scarlett organizou ontem uma grande partida de whist e recebeu todas essas criaturas grosseiras com quem se dá. Aposto, que ele não quis que a filha fosse beijada, por tais mulheres.

- Ora, ora! - murmurou a senhora Merriwether, ainda céptica. Mas na semana seguinte capitulou também.

Rhett tinha então uma escrivantina no Banco. Seria difícil aos directores dizerem o que ele fazia ali, mas era 'dor de muitas acções para que alguém se lembrasse possul de protestar contra a sua presença. Aliás, ao fim de certo tempo esqueceram-se de qualquer objecção que tivessem chegado a fazer, pois Rhett era tranquilo, bem educado e percebia de operações bancárias e de empregos de capital. Fosse como fosse, passava, o dia inteiro. no. Banco, e dava a todos a impressão de estar

muito ocupado, pois tinha grande empenho em mostrar-se igual aos seus concidadãos mais respeitáveis que trabalhavam a valer.

A senhora Merriwether, que desejava aumentar a sua pastelaria, tentou que o Banco lhe emprestasse dois mil dólares, dando como garantia a sua casa, mas recusaram-se a isso alegando que o imóvel estava onerado com duas hipo-

452

otecas. Furiosa, ia a sair do Banco quando Rhett a deteve, inquiriu o motivo da sua irritação e lhe disse com ar muito maçado:

- Deve ter havido qualquer equívoco 'senhora Merriwether, um equívoco muito desagradável. Pessoas como a senhora não precisam de dar garantias. E a prova é que me prontificaria a emprestar-lhe o dinheiro sob palavra. Quem montou um negócio como o seu tem a nossa inteira confiança. Oxalá todos os clientes do Banco fossem como a senhora! Queira sentar-se na minha, cadeira e esperar um pouco, que eu vou tratar do seu caso.

Quando voltou, com um sorriso afável nos lábios, Rhett declarou à senhora Merriwether que, tal como calculara, houvera um equívoco, Os dois mil dólares estavam à sua disposição. Quanto à casa... Faria a fineza de assinar, ali ao canto?

Indignada, vexada, furiosíssima por ter de aceitar aquele favor dum homem que ela detestava, a senhora Merriwether agradeceu com a cabeça fria. Rhett fingiu não reparar em nada e, ao acompanhá-la à porta, disse:

-Sempre tive a maior admiração pelas suas capacidades, senhora Merriwether. Seria capaz de me aconselhar sobre determinado assunto?

As plumas do chapéu mal abanaram quando ela baixou a cabeça num leve gesto de aquiescência.

- O que fez quando a sua Maybelle era pequena e chuchava no dedo?

- O quê?

- A minha Bonnie chucha, no polegar, e eu não sei como evitá-lo.

- Tem de lhe fazer passar essa mania -declarou, energicamente, a senhora Merriwether.- Senão, ela acabará por ficar com a boca deformada.

- Pois é... E a garota tem uma boca tão bonita! Não sei, realmente, o que hei-de fazer àquilo...

- Scarlett tinha a obrigação de saber. Ao terceiro filho já não se é inexperiente - observou a senhora Merriwether em tom seco.

Rhett olhou para a biqueira dos sapatos e suspirou. -Lembrei-me de lhe pôr sabão na unha-disse ele, passando por alto o comentário acerca de Scarlett.

- Sabão não serve de nada. Eu pus quinino no dedo de

453

Maybelle, e afirmo-lhe, capitão Butler, que foi remédio santo.

-Quinino! Nunca isso me ocorreu! Não sei como lhe agradecer, minha senhora, Andava tão preocupado com aquele vício da Bonnie!

Dirigiu-lhe um sorriso tão amável, tão impregnado de gratidão que a senhora, Merriwether ficou desconcertada. Quando se despediu de Rhett, já a sua expressão era também sorridente.

Por nada deste mundo confessaria à senhora Elsing que reconhecia ter-se enganado a respeito de Butler, mas, como era sincera, sempre disse que um pai assim extremoso não podia ser muito má pessoa. Que lástima Scarlett não se interessar por uma criaturinha tão adorável como Bonnie!

Chegava a ser comovente o esforço daquele homem para educar sozinho a filha.

Rhett sabia muito bem o que havia de impressionante nesse espectáculo e pouco se importava que a reputação de Scarlett sofresse com isso.

Logo que Bonnie começou a andar, levou-a consigo para toda a parte, ou de carruagem ou escarranchada à sua frente na sela do cavalo. Ao fim da tarde, depois de regressar do Banco, tornava

a sair e descia a Peachtree Street com a filha pela mão, harmonizando o passo pelo de Bonnie e respondendo com a maior paciência às suas perguntas. A essa hora, as pessoas tinham o costume de estar no jardim ou na varanda da entrada da sua residência, e como Bonnie era uma criança tão engraçada, com os seus caracóis pretos e olhos azuis muito vivos, pouca gente resistia ao prazer de lhe falar. Rliett nunca se imiscula na conversa, mas, cheio de orgulho paternal, mostravase reermhecido aos que davam atenção à sua filha,

Os habitantes de Atlanta tinham boa, memória, e, sempre desconfiados, levavam seu tempo a mudar de opinião. A época era má para ele@-, e não viam com bons olhos todo aquele que se desse com Bullock e seus partidários. Mas Bonnie reunia o encanto de Scarlett e de Rhett sob o seu melhor aspecto e o pai servia-se dela. como duma ferramenta pequenina, para desmoronar o muro de frieza que a cidade lhe opunha.

Bonnie crescia a olhos vistos e de dia para, dia se tornava mais notório que tivera 'por avô Gerald O'Hara.

454

A semelhança era flagrante: pernas curtas e robustas, olhos grandes de um azul absolutamente irlandês e queixo quadrado que indicava bem o feitio obstinado da sua possuidora. Herdara de Gerald os bruscos acessos de cólera acompanhados de gritos, que se apaziguavam logo que lhe satisfaziam os caprichos. E era. certo satisfazerem-nos quando o pai se encontrava presente. Apesar das objecções de Scarlett e de Babá, Rhett enchia-a de mimos e em tudo lhe achava graça, Tudo, menos uma coisa: o seu medo da escuridão.

Até à idade de dois anos Bonnie, dormiu, sem fazer cenas, no quarto que partilhava com Wade e Ella. Depois. a'pouco e pouco, sem razão aparente, habituou-se a chorar de cada vez que Babá se retirava com o candeeiro. Daí, passou a acordar de noite, em sobressalto, aos gritos, assu&tando os irmãos e alarmando a casa inteira. Uma vez, Rhett teve de chamar o Dr. Meade e quase foi descortês com ele quando o ouviu dlnagnosticar pesadelos. Como resposta às perguntas que lhe faziam, a, pequena dizia apenas: "Escuro".

Searlett, irritada com a filha, falou em dar-lhe uma tarefa e não quis deixar a luz acesa no quarto das crianças, alegando que isso impediria Wade e Ella de dormirem. Rhett, inquieto, mas não exaltado, depois de interrogar em vão a filha. voltou-se. para a mulher e declarou que, no caso de quererem levar a efeito a solução da tarei@a, ele próprio se encarregaria disso e seria Scarlett quem receberia a sova.

O resultado de tudo isto foi mudarem Borinie para, o quarto que Rliett ocupava sozinho. Puseram a cama da miúda encostada ao enorme leito do pai e deixaram toda a noite acesa a lamparina. O caso transpirou e as más-línguas ocuparam-se dele. Havia algo de inconveniente em permitir a uma pequena, que dormisse no quarto do pai, ainda que essa pequena tivesse apenas dois anos. Os comentários atingiram Scarlett, e de dois mo-dos difereri~ tes. Em primeiro lugar, ficava demonstrado que os esposos dormiam em aposentos diversos, o que já era pouco pr6prio. Em segundo lugar, toda a gente pensou que se a, Petiza tinha medo das trevass, o que havia a faz@r era levarem-na para o quarto da mãe. Scarlett não estava em situação de explicar aos linguaeiros que considerava im-

455

PI-

possível dormir num aposento iluminado e muito menos que o marido lhe proibira conservasse a filha junto de si. Dissera Rhett:

- Tu não acordarias senão se ela grita~ a bom gritar. E? nessa altura, serias capaz de lhe dar uma bofetada.

Scarlett sentia-se maçada pela importância que o marido dava aos terrores nocturnos de Bonnie, mas, no íntimo, estava convencida de que resolveria as coisas a. seu contento e que, na primeira oportunidade, tornaria a pôr a cama da petiza no quarto das crianças. Todas tinham medo do escuro;

portanto, a remédio consistia na firmeza das providências tomadas. Aliás, Rliett só agia assim por maldade: agradava-lhe a ideia de a fazer passar por mãe des~ naturada para se vingar de o ter banido do seu quarto.

Desde aquela vez em que ela -manifestara o desejo de não ter mais filhos, Rhett nunca mais pusera os pés no compartimento em que dormia a mulher. Daí por diante, * até ao dia em que os pesadelos de Borinie começaram * retê-lo em -casa, ele passara a jantar sempre fora. Havia ocasiões em que não voltava à noite, e Scarlett (que ficava .de atalaia atrás da sua porta fechada à chave e ouvia o relógio marear as horas até de manhã) reflectia a, fundo no caso, desejosa de descobrir por onde é que ele se gastava. Lembrava-se da frase "há outras camas" e tremia a, essa ideia, -mas nada podia fazer sob pena de provocar di&cussão, durante a qual Rhett não deixaria de a atacar pelo facto de lhe haver fechado a porta e pela provável relação que isso teria com o seu interesse por Ashley.

Realmente, pondo Bonnie no seu próprio quarto, iluminado por uma

1 mparina, ele procurava tomar a sua desforra. Foi preciso aue se seguisse uma noite -terrível, memorável nos anos oa iamilia, para que Searlett compreendesse a importância que ele dava aos terrores de Bonnie e a sua infinita dedicação à criança.

Nesse dia, Rhett encontrara um antigo camarada do tempo do bloqueio e, corno ambos tivessem muito que contar, foram conversar e beber a qualquer parte. Scarlett não sabia ao certo aonde, mas desconfiou que ao botequim de Belle Watling. A verdade é que ele não veio, de tarde, buscar Bonnie para o passeio costumado, nem compareceu ao jantar. A pequena, que pretendia mostrar ao pai uma colecção de bonecas, passara o dia à janela, espiando-lhe

456

o regresso, mas Lou acabara por a meter na cama, apesar dos violentos protestos de Bonnie.

Se Lou se esquecêh de acender a lamparina ou se esta, se extinguiu por Gi mesma, foi coisa que nunca se soube.

O certo é que a casa estava em pé de guerra quando Rhett, razoavelmente embriagado, reapareceu por fim. Bonnie gritava tão de, rijo que se ouvia na cocheira; acordara em plena treva e tinha chamado inutilmente pelo pai. Na sua imaginação infantil or-aso tomou grande vulto, e as luzes trazidas por Scarlett, e pelos criados não bastavam para a sossegar. Rhett, subindo à pressa a escada, s@urgiu com ar alucinado.

Depois de haver pegado a filha ao colo iE@ ter distinguido -entre os soluços. a palavra "escuro", voltou-se lívido de raiva para a mulher e para os servos e bradou:

- Quem apagou a lamparina? Quem deixou a pequena às escuras? Prissy eu esfolck-te viva...

-Sinliô, mim @ão foi! Foi Lou! -Por amor de Deus, sinhô Rhett, não...

- Tu sabes, Lou, quais são as minhas ordens. Sai e não voltes. Surlett, paga-lhe e trata de a mandar embora antes que eu torne a descer. Agora girem todos. To-dos!

Os pretos &sapareceram. A infeliz Lou chorava de grande, limpando os olhos ao avental. Mas Scarlett ficou. Custava-lhe ver a, sua filha predilecta tranquilizar-se nw braços de Rhett ao passo que nos seus berrara de maneira ensurdecadora. Era bastante triste contemplar aqueles bra- @cinhos a rodearem o pescoço desse homem e ouvir a pe@quena contar com voz sufocada a razão do seu susto -ela que não se dignara dizer uma palavra à mãe!

- Então - murmurou Rhett - ele sentou-se em cima de ti? Era rnuíto, grande?

- Muito ' muito... E tinha unhas compridas,...

- Descansa. Eu vou ficar acordado toda a noite, para, o matar,se ele tornar a vir.

Falava com muita serenidade, de modo que ac, som ,daquela voz, Bonnie. foi espaçando os soluços e' já pôde explicar-se melhor. Numa linguagem que só Rhett compreendia ,entrou a descrever pormenorizadamente o monstro que lhe havia aparecido. Scarlett começava a perder a 'Paciência. Não perdoava ao marido aquilo, de discutir com a filha como se se tratasse duma coisa real.

-Por amor de Deus, Rhett...

457

0* 1

Ele, porém, fez-lhe sinal que se calasse. Quando Bonnie adormeceu, por fim, deitou-a na caminha e puxou os lençóis.

- Esfolora vivo 'o diabo daquela preta -declarou. - Mas a culpa também é tua. Por que não vieste ver se a lamparina estava acesa?

- Deixa-te de tolices, Rhett. A pequena é assim porque tu a tratas com esse, mimo. Todas as crianças têm medo do escuro, mas isso desaparece-lhes. Wade@ passou, por essa fase, e eu não transigi com ele, Se a deixasses chorar à vontade uma ou duas noites...

- Deixá-la cl@orar! - Por momentos, Scarlett teve a impressão de que ele ia bater-lhe. - ns a mulher mais insensata e mais inumana que tenho visto!

-Não quero que ela, mais tarde, se tome nervosa e covarde.

Covarde? C'o@ diabos! Nãa se trata, de- covardia. És incapaz de compreender as torturas dos que têm imaginação... coisa que te falta. Se viesse um monstro chavelhudo e de unhas compridas sentar-se em cima do teu peito, tu mandava-lo passear 'já se -sabe... Pois olha que já te vi acordar aos gritos, só porque sonhaste que ias, a correr no meio do nevoeiro, E isto não foi há muito tempo. Scarlett ficou desconcertada porque não gostava de evocar aquele pesadelo, Além disso lembrou-se de que Rhett, para a consolar, procedera mai,@ ou menos da mesma ma, neira que procedia agora com a, filha, Tratou, pois, de procurar outro meio de ataque.

-Dás-lhe muito mimo e... -E hei-de continuar a dar-lho até que perca o hábito de acordar de noite e esqueça os sonhos que a apoquentam.

- Nesse caso - volveu Scarlett em voz cáustica - se te agrada assim tanto o papel de ama de meninos, será melhor vires para, casa à noite, e não chegares bêbado.

-Regressarei cedo, sim, mas hei-de emborrachar-me -todas as vezes que me apetecer.

Depois dessa noite, Rhett passou efectivamente a voltar cedo para casa. Chegava muito antes da hora de deitar Bonnie; depois, uma vez metida a pequena na cama, sen- @tava-se-lhe ao lado, pegava~lhe na, mão e só a largava quando o sono se apoderava da, filha e lhe fazia afrouxar o punho. Nessa ocasião Rhett descia a escada na ponta dos pés, deixando a lamparina acesa e a porta entreaberta, de

458

,forma a ouvir a, pequena se esta acordasse e comesse a chamá-lo., Estava firmemente resolvido a não permitir que ela tivesse novos acessos de terror nocturno. A família inteira pensava na lamparina acesa, e muitas vezes Scarlett, Babá, Prissy e Pork subiam para ver se por acaso não se teria\ apagado.

Rhett deixara também de beber, mas não foi por causa de Scarlett. Durante, meses ele excedeu, de facto, o que é permitida em matéria de libações e, sem 'vir o que se chama embriagado a verdade é que cheirava muita vez, a whisky. Uma vez, 'ao erguer Bonnie ao ar, perguntou-lhe:

-Queres dar um beijo ao papá? A petiza torceu o nariz e esforçou-se por voltar para o chão.

- Não - respondeu de maneira resoluta. - Mau... -Mau quê?

- Mau cheiro. O tio Ashley não tem mau cheiro.

- Está bem -retorquiu com, ar lúgubre, colocando a pequena sobre o tapete. -Nunca, esperei encontrar em minha própria casa quem me aconselhasse melhor a temperança.

Após este incidente, Rhett limitou-se a beber apenas um copo de vinho depois do jantar. Bonnie, que estava autorizada a escorropichar as últimas gotas do copo não achava desagradável c. cheiro do vinho. As faces, de hett, que haviam começado a inchar retomaram o primitivo contorno e as olheiras principiaram a perder o tom carregado que apresentavam, Corno Bonnie gostasse muito de passear a cavalo, Rhett passou grande parte do tempo aor ar livre, e o sol, queimando-lhe o rosto, deu-lhe um ar ainda mais moreno. Parecia haver ressuscitado o moço atrevida que outrora forçara G bloqueio e que fizera Atlanta, falar ,tanto dele, nos primeiros tempos da guerra,.

As -pessoas que lhe não consagravam muita simpatia não podiam, no entanto, deixar de sorrir ao cavalgar com a filha diante da sela,. As mulheres que até aí se consideravam em perigo quando na -sua vizinhança, já se detinham na rua a conversar com o senhor Butler e a admirar a menina, Bonnie. E até as damas mais renitentes achavam que não podia ser mau um homem que estava, assim ao par das doenças e dos problemas das crianças.

459

53

ERA o dia dos anos de Ashley, e Melanie, querendo fazer-lhe uma surpresa, organizara uma recepção, para essa noite. Exceptuando Ashley, todos sabiam disso; até WadLe o pequeno Beau, que se sentiam envaidecidos por os terem posto ao corrente dum segredo de tamanha importância. Toda a gente boa de Atlanta fora convidada e pro~ metera vir. O general Gordon aceitara o convite em seu nome e no da família. Alexander Stepliens, também compareceria na festa se o seu precário estado de saúde o permitisse; e contavam com a presença de Bob Toombs, a procelária da Confederação.

Toda a manhã, Scarlett, Melanie, India e a tia Pitty andaram numa azáfama, dirigindo os servos. na tarefa. de colocar cortinas lavadas nas. janelas, de arear as pratas, encerar o chão 'cozer bolos preparar refrescos. Scarlett nunca vira Melanie tão entusiasmada e feliz.

- Bem vês, minha, querida, não se festeja o aniversário de Asliley desde que.--- lembras-te da festa nos, Doze Carvalhos, em que houve carne assada no espeto? No dia em que soubemos que Lincoln ia chamar voluntários? Pois é desde essa época. Anda tão cansado, trabalha tanto, que realmente não tem cabeça para se recordar do -seu dia de anos, Que surpresa, quando osconvidados chegarem, depois ,do, jantar!

-Como é que vai conseguir que o senhor Wilkes não dê pelos balões no jardim, quando chegar? - perguntou Archié.

Passara a manhã a observar os preparativos da festa., sem querer mostrar que isso o interessava. Nunca assis~ tira, por dentro, a uma recepção oferecida pelag pessoas da cidade e aquilo, para ele, constituía uma aventura. Não fazia cerimônia em exprimir o que sentia quanto, às correrias das mulheres (como se houvesse fogo em casa) mas não se dignava tomar parte no rebuliço geral. Atraía-lhe em particular a atenção os balões venezianos pinta, dos por Fanny e pela, senhora Elsing, paig era coisa, que nunca tinha visto. Haviam-nos guardado no quarto que ele ocupava no subterrâneo e Archie pudera, examiná-los ,um por um.

-Meu Deus! Não tinha pensado nisso -exclamou Me-

460

laníe. - Ainda bem, Archie, que o lembrou. Que hei-de fazer? Temos de os pendurar nas árvores e nos arbustos, colocar-lhes velinhas no interior e só acendê-los quando chegarem os primeiros convidados. Searlett, és capaz de pedir ao Park que se encarregue disso quando estivermos à mesa?

-A senhora Wilkes é muito mais ajuizada, que todas as outras mulheres, mas também com facilidade se atrapalha - observou Archie. - Esse palerma do Pork não tem nada que mexer nestas coisas. Pegava-lhes fogo dum instante para outro. E era pena, porque são, bem bonitos, os balões - dignou-se ele dizer. - Eu é que os vou pendurar enquanto a senhora e o senhor jantam.

- Muita obrigado, Archie. - Melanie pousou nele um olhar conf @ante e cheio de gratidão. -Não sei o que faria sem a sua ajuda. Se quiser, ponha já as velas. i@ trabalho que fica feito.

- Posso pôr já - resmungou Archie; e lá faí, coxeando, em direcção à escada do subsolo.

- É preciso saber levar a água ao nosso, moinho -

disse Melanie, rindo, depois de o velho desaparecer. - Eu queria que fosse Archie quem pendurasse os balões, mas sabes como ele é. Nunca faz nada do que se lhe pede. Agora ficámos livres dele por algum tempo. Os pretos Um tanto medo de Archie que nem podem trabalhar quando o sentem atrás de si,

-Não queria ter em casa aquele -velho bandido declarou Scarlett mal humorada. Ela e Archie detestavam-se mutuamente e quase nem dirigiam palavra, um ao outro. Só em casa de Melanie ele, suportava a presença de Scarlett, e mesmo assim olhava-a, com desconfiança e desprezo. - Esse homem ainda te vai causar aborrecimentos.

-Oh, não faz mal a ninguém! A questão toda é tratá-lo bem e dar-lhe a impressão, de que dependemos dele -retorquiu Melanie.-E é tão dedicado a Ashley e a Beau que sinto um descanso de espírito sabê-lo presente.

-Diz antes que te é dedicado -interveio India, esboçando um sorriso e fixando na cunhada um olhar afectuoso. -Estou em crer que és a primeira pessoa que inspirou amizade a esse velho rufião desde que a mulher... morreu. No fundo, deve andar desejoso de que alguém te insulte para matar esse alguém e provar assim a, veneração que tem, por ti.

461

- Santo Deus! Que poder de imaginação o teu! - exclamou Melanie, corando. - Sabes bem que me considera umia tonta.

-Não compreendo porque ligam tanta importância às opiniões desse velho fedorento - interrompeu Scarlett. Não esquecera o que Archie lhe dissera acerca de presidiários a trabalhar por conta dela. - Tenho de me ir embora já, Melly. Vou almoçar e, em seguida, devo comparecer no armazém e na estância para liquidar vários, pagamentos.

- Ah, vais à estância.?! - perguntou Melanie. - Ashley deve lá ir esta tarde falar com Hugh Elsing. Poderás retê-lo até às cinco horas? Se voltar cedo para casa, apanha-nos a fazer um bolo ou qualquer coisa assim, e lá se vai a surpresa!

Scarlett sorriu, já bem disposta.

- Descansa., que não o deixo vir antes, das cinco - assegurou.

Nesse momento, notou que India a observava com os seus olhos muito claros e desprovidos de pestanas. "Olha sempre para mim de maneira tão esquisita quando falo de Ashley!" pensou Scarlett.

- Demora-o o maior tempo que puderes. India irá bus-cá-lo de trem. E tu, Scarlett vem cedo esta noite. Não quero que percas nada da nossa festa. Nem uma migalhinha!

No regresso a casa, Scarlett disse consigo mesma.: "Não, quer que eu perca, nem uma migalhinha da festa? Então por que é que não me convidou a ajudá-la a receber os convidados, com India e a Pitty?"

Em tempo normal, Scarlett pouco se importava ajudar Melanie a receber as pessoas que assistiam às suas reuniões insípidas. Mas esta recepção não só era a maior que Melanie jamais oferecera como também era para festejar o aniversário de Ashley, e Scarlett gostaria de estar ao lado dele a acolher os convidados. Sabia, porque não lhe tinham proposto isso. E, se não soubesse, o comentário de Rhett abrir-lhe-ia os olhos.

- Uma Renegada. a receber os vultos mais, eminentes da Confederação? Tens ideias tão encantadoras como absurdas. Já andas com muita sorte terem-te convidado para a festa. Agradece o facto à Melly, por ser tão leal contigo...

Nessa tarde, Scarlett vestiu-se com mais apuro que de costume para ir ao armazém e à estância de madeiras.

462

Envergou o vestido novo de tafetá verde-escuro de cambiante lilás e estreou o chapelinho verde-claro guarnecido de plumas mais escuras. Se Rhett a deixasse usar uma franjinha ondulada na testa quanto melhor lhe ficaria o chapéu! Mas ele jurara que lhe raparia a cabeça à navalha se a visse de franja, e era muito capaz de o fazer, a avaliar, pelo modo atroz como se portava actualmente. A tarde estava linda; soalheira sem ser muito quente, clara mas não ofuscante. A aragem tépida rumorejava nas folhas das árvores ao longo da Peachtree Street e fazia ballar as plumas do chapéu de Scarlett. O coração dela bailava também, como sempre lhe acontecia. à perspectiva dum encontro

c<)m Ashley. Se assim que chegasse à estância liquidasse o que devia a Hugh Elsing e aos carroceiros, talvez eles se retirassem e a deixassem sozinha com Aishley no pequenino, escritório, Era tão raro encontrar-se a s6.9 com Ashley! E Melanie ainda a pedir-lhe que o retivesse! Que coisa tão pândega! ,No armazém, pagou a Willie e aos outros empregados sem sequer indagar se o negócio corria bem, apesar de saber que ao sábado, todos os lavradores dos arredores vinham fazer compras à cidade.

No trajecto até à estância encontrou várias damas dos Sacolas que passeavam em magníficas carruagens (mas nenhuma, tão -sumptuosa como a dela) e detev@-.se para falar com elas e com alguns homens que, de chapéu na: mão, atravessaram a rua empoeirada, a fim de a cumprimentarem. A tarde estava deliciosa. e Scarlett sentia-se feliz e bonita. Avançava, como uma rainha no meio dos seus súbditos! Devido àqueles encontros, chegou à estância mais tarde do que prev@Ira. Hugh e os carroceiros esperavam-na sentados numa pilha de tábuas.

-Ashley já veio? -Está no escritório, a ver se Consegue... verificar as Contas - respondeu Hugh, cujo rosto perdeu o costumado ar solene à aparição radiosa de Scarlett.

-flore não devia preocupar-se com as contas - retorquiu Scarlett. E, baixando a voz, acrescentou: -A Melly encarregou-me de o demorar aqui até estar tudo preparado lá em casa para, a festa desta noite-> .Hugh sorria, pois também fora convidado. Gostava de reuniões mundanas e, pelo júbilo que lia no rosto de Searlett, calculou que ela igualmente as apreciava. -Uma vez

463

pagos Hugh e os carroceiros, ela deixou-os e dirigiu-se ao escritório, -mostrando na sua atitude que não desejava que ninguém a acompanhasse. Ashley surgiu-lhe pela frente, com os cabelos a brilharem ao sol e um leve movimento de lábios que se -poderia qualificar de sorriso.

- Então, Searlett, que faz por aqui a estas horas? Não ficou com a Melanie, ajudando-a a preparar-me a surpresa?

- Esta agora! - exclamou ela. -Você não devia saber de nada. Melly vai ter uma desilusão.

- Eu disfarço, não tenho medo. Serei o homem mais, g surpreendido. de Atlanta -respondeu Ashley, rindo cori os olhos.

- E quem foi que lhe confiou o segredo?

- Estão convidados quase todos os meus conhecidos.

O general Gordon foi o primeiro a receber um bilhete. Disse-me ele que é costume as senhoras organizarem estas festas de, surpresa precisamente quando os homens decidem ficar em casa .à noite, a limpar as armas... O avô Merriwether também me preveniu, e até me contou que a nora projectara certa vez uma recepção em sua honra: mas fora ela a mais surpreendida, porque nesse dia ele tratara, às ocultas o seu reumatismo, com uma garrafa de whisky, e fie-ara tão bêbado, que não conseguiu levantar-se... Enfim, todos aqueles a quem já fizeram surpresas desta. ordem me vieram dar a entender que era a minha.

-Que Patifes! -comentou Scarlett, que não pôde no entanto deixar de sorrir também.

Quando Ashl4ey tinha aquela expressão, assemelhava-se ao homem que ela conhecera nos Doze Carvalhos. Actualmente era tão raro mostrar-se assim prazenteiro! O ar estava leve, o sol era suave... A fisionomia de Ashley parecia alegre, a sua conversa natural... Ah, como o coração de Searlett pulava de satisfação! Dir-se-ia que lhe inchava no peito e lhe chegava, a doer, tal se fosse rebentar sob a pressão da felicidade e das lágrimas que o enchiam. Sentia@se ela outra- vez com dezasseis, anos e contente como era nessa época. Excitada, respirou com mais força. Que desejo enorme de tirar o chapéu de o agitar, gritando: Hurra! Deteve-a o pensamento d@ que Ashley ficaria sobressaltado, mas o que não pôde foi deixar de rir com vontade, de rir a ponto de " lágrimas se lhe soltarem finalmente. Ele riu também, lançando a cabeça. para trás,

464

pensando que a hilaridade da sua, companheira provinha do facto de se haver divulgado o segredo de Melanie.

- Entre, Scarlett, estou a examinar as conus... Scarlett entrou no qu-artinho que o sol doirava e sentou-se numa cadeira, diante da escrivaninha, Ashley seguiu-a e sentou-se também, mas a um Canto da mesa.

- Hoje - disse ela - não nos vamo,% esfaltar a fazer somas, Não me apetece trabalhos fatigantes. Quando ponho um chapéu novo, dá-me a impressão de que todos os algarismos me fogem da cabeça.

- Em especial quando o chapéu é assim janota - re@darguiu ele. - Scarlett ' você está cada vez mais bonita! -

Aproximou-se, pegou-lhe nas mãos, rindo, e afastou-" para lhe apreciar melhor o, vestido. - Sim, senhora está linda! Tenha a certeza de que nunca há-de envelhec@r. 1

Logo que ele lhe to<--ou, Scarlett compreendeu (sem ter perfeita consciência disso) que já esperava por aquela ocasião, Toda aquela tarde venturosa, sonhara com o calor das mãos de A-.hley, com a ternura dos seus olhos, com uma palavra que demonstrasse interesse pela ma pessoa. Era a primeira vez, desde o dia glacial no pomar de Tara, que se ericotravam inteiramente sós, a primeira vez que lhe abandonava as mãos. Durante quantos meses anstara por- aquele momento? Agora, porém... Era estranho, mas "se contacto dos dedoE; não a entusiasmava tanto como seria de supor. Noutro tempo, ficaria logo a tremer. O que experimentava ao presente não passava duina Curiosa sensação de agrado, simplesmente amigável. Das mãos dele não corraera nenhum fluido para as dela. O coração permanecia calmo. Que coisa esquisita, desconcertante! Todavia era ainda o seu Azhley, tão belo e tão amado... Então por que motivo...

Repudiou o pensamento que lhe atravessou o espírito. Já era suficiente est@ar a seu lado sentir-lhe os dedos, vê-lo sorrir, embora não sentisse ne@hum ardor. No entanto parecia facto sobrenatural: acontecer isto quando ela pensava nas palavras ainda não pronunciadas entre ambos, mas tão fortemente sugeridas, Os olhos de Ashley fitaram-na sorridentes, corno ela outrora tanto gostava de ver - _=o se aos dois jamais sucedesse algo que não fosse uma contínua sucessão de bem-estar. Não havia obstáculos entre os olhos de um e de outro, ele não a observava já com aquela expressão arreliadora e distante.

30 - Vento Levou - U

465

Riu-se ela, dizendo: -Oh, Ashley, o que estou é a ficar velha, decrepita!...

- Ora@ ora... Não, Scarlett, quando tiver sessenta anos, será ainda, a mesma para mim. Vê-la-el sempre como estava no dia da nossa última festa ao ar livre... sentada debaixo dum carvalho, com uma dúzia de rapazes em volta. Sou capaz de lhe dizer como estava vestida: de branco com florinhas verdes, e um xaile de renda branca aos oi@bros. Tinha sapatos verdes com laços pretos e um chapéu enorme de palha, cheio de fitas. Lembro-me muito bem porque, na prisão, quando me sentia muito triste, evocava as recordações como quem folheia um livro, detendo-me nos pormenores...

Ashley interrompeu-se bruscamente, e o rosto. toldou-se-lhe. Retirou as mãos e Scarlett, ansiosa, ficou à espera do que ele iria dizer depois disso.

-Desde então cada um de nós seguiu o seu caminho, não é verdade? Caminhos que nunca pensámos trilhar. Você com desembaraço, eu tardo e hesitante...

Sentou-se outra vez ao canto da mesa, olhou para Scarlett e de novo se lhe esboçou um florriso, na face. Mas já não era o sorriso que, pouco tempo antes, a tornara tão ditosa. Era imbuído de tristeza.

- Sim, partiu com desembaraço e levou-me nas rodas da sua carruagem. Searlett às vezes penso cheio de curiosidade no que teria eu si& sem a sua ajuda.

Ela quis logo, defendê-lo, e tanto mais depressa quanto era certo que lhe vinham já ao espírito as palavras de

ett proferidas a esse respeito. -Eu nunca fiz nada por si, Ashley! Sem mim, teria sido exactamente o mesmo que é. Mais dia menos dia será rico, com as suas qualidades.

Não, Scarlett, nunca as tive. E creio que, sem você, eu teria soçobrado... como. esBa infeliz

Cathleen Calvert e tantas outras pessoas que usaram nomes ilustres, de velha cepa.

-Não diga coisas dessas! Acho-o tão melancólico, tão triste _-@rIste não estou. Nem o estarei jamais. Antigamente é que sim. Agora sou apenas...
Parou 'e ela compreendeu logo em que é que ele pensava. Er@ a primeira. vez que podia ler nesse olhar que errava cristalino e distraído. No tempo em que só a ideia
466

-Ê@
desse homem lhe fazia pulsar o coração, o pensamento dele permanecia hermético; agora na pura amizade fraternal que se esboçava entre ambos Searlett conseguia ir um pouco mais além na senda do impenetrável. Depois da rendição das tropas ele estava triste, e triste quando lhe pedira que viesse para Atlanta. Agora, era uma pessoa resignada.
-Detesto ouvi-lo falar assim, Ashley-declarou com veemência. - Dá-me a impressão de estar a ouvir Rhett, que passa odia a dizer-me coisas desse gênero. Chego a ter vontade de gritar.
Ashley sorriu e voltou:
- Nunca lhe passou pela cabeça que Rhett e eu, no fundo éramos parecidos?
-- Não 'nunca! Você é delicado, correcto, ao passo que ele... - Interrompeu-se de súbito, embaraçada.
-Mas é verdade. Os nossos pais assemelhavam-se, recebemos a mesma educação, habituaram-nos a defrontar os mesmos problemas. O que acontece é que, a certa altura do caminho, tomámos rumos diferentes. Ainda somos parecidos, embora sejam diversas as nossas reacções. Por exemplo, nenhum de nós acreditou na guerra ' mas alistámo@-nos ambos e combatemos, eu no começo, ele no fim, Sabíamos que essa guerra era um erro sabíamos que estava perdida de antemão. Aceitei lutar por' uma causa desesperada. Ele, não. Penso às vezesE,@ que Rhett é que teve razão, e, de novo.
-6h, Ashley, quando deixará de encarar sempre os dois aspectos do mesmo problema?! -perguntou Scarlett, sem manifestar contudo aquela impaciência que lhe era peculiar.-Os que fazem isso jamais chegam a qualquer conclusão.
-1@ verdade Scarlett, mas... Ao certo a qual conclusão queria chegar? Eis o que muitas vezesInquiri de mim mesmo. Afinal, nunca pretendi chegar a nenhuma. Sempre desejei ser eu mesmo, e nada mais.
E ela, o que quisera alcançar? A pergunta, reflectindo bem, era tola. O seu propósito, no fim de contas fora obter dinheiro e segurança. Todavia... As Welas e@@rulharam-se-lhe. Tinha ela dinheiro e tanta segurança como a que se poderia desejar num mundo perturbado. Matutando, porém, no caso, concluía que isso não era bastante.
O dinheiro não a tornara particularmente feliz, embora
467

contribuísse para a fazer menos receosa do futuro. "Se eu houvesse tido dinheiro e sossego, e se te tivesse também a ti ao mesmo tempo, então as minhas ambições estariam realizadas". Mas não proferiu estas palavras temendo quebrar o encanto que -se estabelecera entre ela, temendo que o espírito de Ashley se lhe tornasse outra vez impenetrável,
- Deseja ser você. mesmo e nada mais... - repetiu Scarlett com um riso amargo. -Pois olhe, não ser eu própria é que sempre foi difícil para mim, Os meus desejos eram outros, e parece-me que já obtive o que queria: ser rica, deixar de ter preocupações...
- Mas oiça, Scarlett. Nunca lhe veio à ideia que me fosse indiferente ser rico ou pobre?
Não, nunca lhe passara pela cabeça que houvesse al~ guém sem interesse pelo dinheiro.
- Que pretende, nesse caso?
- Agora já não sei. Já soube, mas quase nem me lem~ bro. Queria,'sobretudo, que me deixassem em paz, que não me viessem maçar pessoas de quem não gosto, que não me obrigassem a fazer coisas que me desagradam. Talvez deseje... sim, desejava que os bons tempos voltassem; mas não voltam

e a sua lembrança, obceca-me... Ando -como que atordoado com o fragor do mundo a desmoronar-se à minha volta.

Scarlett ficou silenciosa. Compreendia o, que Ashley queria dizer. A própria entoação da sua voz ajudava a evocar os tempos idos, fazia-lhe pulsar c> coração. Mas desde aquela manhã em que doente e desamparada, dissera no jardim dos Doze Carvalhos, que nunca mais olharia para trás voltara definitivamente as costas ao passado.

- Preê!ro a época em que vivemos -disse ela por fim, mas sem se atrever a encarar Ashley. -Há sempre qualquer coisa de interessante a fazer. Entretenimentos não faltam. A vida hoje é exuberante, e não soturna como antigamente. (Oh, dias ociosos de outrora, oh, serenidade do entardecer nos campos! Ríssonoros que enchiam as' casas! Calor doirado da existência de então, tranquila certeza do dia de amanhã! Como posso eu renegar-vos?) Prefiro a época em que vivemos - repetiu Scarlett; mas a sua voz tremia.

Ashley tornou a pôr-se de pé e, com um sorriso de

468

incredulidade, agarrou no queixo de Scarlett e obrigou-a a fitá-lo.

- Que pobre mentirosa me saiu, Scarlett! Concordo que a vida actual seja exuberante, e aí é que está o mal. Os tempm antigos seriam menos divertidos, mas possulara calma, beleza e encanto muito especiais.

Com o espírito a debater-se entre dois caminhos opostos, Scarlett baixou os olhos. O som da voz de Ashley e o contacto da sua mão abriam docemente portas que ela fechara para sempre. Para além dessas portas estava a beleza doutros tempos. A pouco e pouco, ítivadiu-a o desejo, triste é lancinante de reentrar no passado, Mas sabia que tinha de impedir que as portas se escancarassem, por muito belo que fosse o panorama que elas descobrissem. Para avançar, não se - pode ir vergado ao peso de saudades,

Ashley largou~lhe o queixo e tomou-lhe a mão entre as suas.

- Lembra-se... - principiou ele. E, na memória dela ressoou a voz dum sino- "Não olhes para trás, não olhes para trás!"

Mas não fez caso -da prevenção. Arrastava~a uma onda de felicidade. Sim, acabara por compreender Ashley. As suas almas entendiam-se. Aquele instante era demasiadamente precioso para que o perdesse, quer viesse ou não, mais tarde, a lamentar-se,

- Lembra-se? - continuou ele. E, sob o sortilégio dessa voz, desapareceram as paredes nuas do escritório o tempo desapareceu também; e e!-los a cavalgar lado a'lado, em plena Primavera. Conforme ia Ashley falando, mais lhe apertava os- dedos na mão, mais a voz se tornava duma tristeza mágica, tal -como nas velhas canções esquecidas. Scarlett podia escutar o tinir alegre dos arreios enquanto seguiam debaixo das árvores, a caminho. do piquenique dos Tarletoris; ouvia as suas próprias gargalhadas, via o sol brilhar nos cabelos de oiro do companheiro, apreciava a distinção com que ele se mantinha sobre a sela. Na voz dele havia música, música de violinos e de banjos ao som dos quais dançavam na casa que já não existia. Áo longe ladravam cães de caça, os charcos tomavam tons sombrios: era uma noite de Outono, ao luar, Enchia o ar o aroma dos doces de ovos, viam-se ramos de gilbardeira sorrisos no rosto dos brancos e dos pretos: era Natal.

dhegavam de

469

k . .

tropel os amigos de outrora, rindo como se não tivessem morrido há muitos anos: Stuart e Brent, pernaltas ruivos, brincalhões; Tom e Boyd, fogosos como poldros; Joe Fontaine, com o seu olhar ardente; Cade e Ralford Calvert e a sua lânguida elegância. E ainda John Wilkes; e Cerald, congestionado pelo álcool. Depois um murmúrio, um perfume discreto: era Ellen. De tudo isto se

evoluva uma sensação de segurança, a certeza de que o amanhã lhes traria uma felicidade igual à do dia de hoje.

Asliley parou de falar e os dois fitaram-se nos olhos, por um longo momento, silenciosos e calmos. Entre eles fluía a saudade da juventude perdida, que tinham vivido lado a lado sem dela, se darem conta.

"Agora sei por que é que não pode ser feliz", pensou Scarlett, melancólica. "Ainda não o havia compreendido, Também não sabia o motivo pelo qual eu não conseguia igualmente gozar da felicidade. Mas o quê? Estamos a falar como velhos! Sim, como velhos que desfiavam cinquenta anos de recordações. E não o somos ainda! n que se passaram muitas coisas no, intervalo. Houve tantas mudanças que temos a impressão dum tempo infinito... Ah, não, não somos velhos!"

Todavia ao olhar para Ashley notou que ele já não tinha o esplendor da mocidade. De @abeça curvada, mirava distraído a mão de Scarlett, que conservava entre as suas, e ela pôde verificar que esses cabelos, outrora loiros e brilhantes, se haviam tornado dum tom grisalho, como o i@eflexo do luar numa água tranquila, A radiosa tarde de Abril perdera muito da sua beleza ofusca, tal qua acontecia na paisagem íntima do coração; e de ambas essas recordações ficava um sabor amargo, como o da noz da galha.

"Não lhe devia ter permitido que me deixasse evocar o passado" pensou ela, cheia de desânimo. "Eu tinha razão em querer fazê-lo. Sofre-se muito e, com o coração, despedaçado, também já não nos interessa olhar em frente. Nisso é que Ashley cometeu erro, Já não sabe defrontar o futuro, tem medo, dele; mas também não -,ré o presente e é natural que não se incline sobre o pretérito. Antes eu não compreendia, isto. Jamais compreendera Ashley. Oh,'Ashley, meu querido, nunca devias olhar para trás. De que servirá? Eu fiz mal em ceder à tentação. Para que me pus

470

a evocar os dias felizes? Sofre-se, o coração despedaça-se, ficamos descontentes de nós mesmos". 1,evantou-se, ainda com a mão entre as de Ashley. Tinha de se ir embora. Desanimava-a falar do passado, contemplar o rosto fatigado e triste do seu companheiro.

-Percorremos um longo caminho depois disso -disse ela, diligenciando dominar o tremor da voz e vencer o nó que sentia na garganta. - Nesse tempo, fazíamos belas projectos, não é verdade? - E acrescentou, num ímpeto: -

Oh, Ashley, tudo se passou ao contrário do que prevíamos?

- Nada sucede como se deseja - respondeu ele. -

-A vida não nos dá o que esperamos dela, Aceitemos, pois, o que se nos oferece e regozijemo-nos pelo facto de não ser pior.

O coração de Scarlett, ficou subitamente cheio de dor e cansaço quando ela pensou no longo caminho que percorrera. Na memória surgiu-lhe a imagem da jovem Scarlett O'Hara que tanto gostava de se ver rodeada de admiradores e de usar vestidos bonitos, e que tencionava ser um dia, quando tivesse tempo, uma grande senhora como Ellen.

De repente, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos e es,correram-lhe lentamente pelas faces. Incapaz de proferir uma palavra, Scarlett ficou a olhar para Ashley como uma criança desgostosa. Ashley não disse nada, mas puxou-a para si, apoiou-lhe a cabeça no ombro e encostou a sua cara à dela. Scarlett deixou-se estar assim e abraçou-o pela cintura, As lágrimas estancaram-se-lhe,

Era tão bom, tão consolador, sentir-se nos seus braços, sem paixão, sem ardor, apenas como amiga querida! Ashley tinha recordações iguais às dela, conhecera-a na juventude, assistira à sua entrada na vida e acompanhara-a sempre. Só ele a podia compreender.

Ouviu o som de passos lá fora, mas não fez caso, supondo que fossem os carroceiros a sair da estância. Escutava o bater compassado, do coração de Ashley. Bruscarmente, sentiu-se repelida. Espantada com a violência do gesto, Scarlett ergueu a cara e viu Ashley a olhar por cima do seu ombro, na direcção da entrada.

Voltou-se. A porta estava India, lívida, de olhos faiscantes, e Archie, malévolo, como um papagaio, zabolho. Atrás deles encontrava-se a senhora Elsing.

Scarlett nem soube como saiu do escritório. Mas retirou-se logo por ordem de Ashley, a quem deixou a discutir com Archie no compartimento exíguo e, à entrada, India e a senhora Elsing, que lhe voltaram costas à sua passagem. Foi direita para casa, acabrunhada de vergonha e de medo. Na sua imaginação, Archie, com as suas barbas patriarcais, assumia as proporções dum arcanjo vingador saído das páginas do Testamento Velho.

A casa estava deserta e silenciosa nessa tarde de Abril. Os criados tinham ido a um enterro e as crianças brincavam no jardim de Melanie.

Melanie! Ao lembrar-se dela, Scarlett sentiu um calafrio, enquanto subia a escada para se refugiar no quarto de dormir. Melanie seria informada. India dissera que lhe contaria tudo. Oh, India ficaria muito ufana em falar! Pouco lhe importava denegrir Ashley magoar Melanie, tanto que pudesse dizer mal de Scarlett. E a senhora Elsing também havia de dar à língua, embora não tivesse visto nada, pois que India e Archie lhe barravam a entrada do escritório. Mas isso não a impediria de falar. Toda a cidade ficaria a saber do caso nessa mesma noite. E no dia seguinte de manhã, ao primeiro almoço, até os pretos comentariam o sucedido. Na recepção de Melanie, as senhotas reunir-se-iam nos cantos da sala para cochichar mais à vontade. Scarlett Butler derrubada do seu pedestal! De boca para boca, a história seria aumentada, deformada... Quem as faria calar? De facto, tinham-na encontrado lavada em lágrimas nos braços de Ashley. Mas, antes de a noite descer, todos afirmariam que os tinham surpreendido em flagrante adultério. E, afinal, haviam sido tão inocentes aqueles instantes que ela passara junto, de Ashley! Com a raiva no coração, Scarlett disse consigo mesma: "Ainda se nos apanhassem naquele dia de Natal, em que acabava a sua licença, quando o beijei... Ou no pomar de Tara, quando lhe pedi que fugisse comigo! Oh, se nos surpreendessem em qualquer dessas ocasiões eu que fomos realmente culpados! O caso seria diferente. Mas agora... agora que ele me apertava num abraço puramente fraternal ... "

Ninguém, contudo, lhe aceitaria esta explicação. Não encontraria uma única amiga que tomasse a sua defesa. Nenhuma voz se ergueria para dizer: "Estou convencido de que não havia nenhum mal!" Scarlett ofendera os seus velhos amigos, já desde longa data; quem, dentre esses,

472

tomaria o seu partido? As suas antigas relações, que em silêncio lhe sofriam a arrogância, aproveitariam a ocasião para a vilipendiar. Embora lastimassem ver um homem como Astley Wilkes envolvido no caso eles não admitiriam nenhuma explicação no sentido da inocência. E, como de costume, lançariam todas as culpas sobre a mulher.

Scarlett teria ainda forças de suportar o desdém, as afrontas, os sorrisozinhos, os comentários dos outros... Mas poderia enfrentar Melanie? Não sabia bem por que motivo lhe era particularmente doloroso que Melanie soubesse, mais do que outra qualquer pessoa. Sentia-se apavorada em demasia, dominada em excesso pela sensação das culpas passadas para que se esforçasse por compreender. E, ao pensar no que seria o olhar de Melanie quando India lhe contasse que a surpreendera nos braços de Ashley, Scarlett desatou a soluçar. Que faria Melanie quando o soubesse? Deixar o marido? Que outra resolução tomar que não comprometesse a sua dignidade? "E que faremos, eu e Ashley?" murmurou desesperada, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto. "Oh, Astley vai morrer de vergonha! Deve odiar-me, pelo mal que lhe causei!" De súbito as lágrimas estancaram-se, e um medo mortal lhe atravessou o coração. "E Rhett? Que fátia Rhett?" Talvez nuncachegasse a sabê-lo. Como era aquele velho provérbio, aquele provérbio cínico? Ah, sim: "o marido é o último a saber". Decerto ninguém lhe diria. Seria preciso ser muito corajoso para dizer tal coisa a Rhett Butler, porque este tinha fama de disparar primeiro o revólver e pedir então esclarecimentos. Oxalá não houvesse ninguém com coragem de o informar! Lembrou-se, porém, da cara de Archie no escritório da serração esse olhar frio impiedoso, cheio de aversão por ela e por

todas as m@lheres. Archie não temia Deus nem os homens e odiava as adúlteras. Já assassinara uma. Dissera que ia prevenir Rhett, e fá-lo-la com certeza, apesar de todas as diligências de Asliley para o. dissuadir. A não ser que Ashley o matasse, ,Archie contaria tudo a Rhett, pois tal julgaria ser o seu dever de cristão.

Scarlett, despiu-se e estendeu-se na cama, com os pensamentos a lhe rodopiarem loucamente na cabeça. Se pudesse fechar a porta à chave e não tornar a, ver ninguém! Sentir-se-ia ao menos, em. @;segurança. Era provável que Rhett não f'Gsse informado nessa mesma noite, e ela então

473

mandar-lhe-ia dizer que estava com enxaqueca e não ~a comparecer na recepção. Na manhã seguinte arranjará uma desculpa, começar-ia a preparar a sua defesa.

"Não quero pensar nisso agora" disse consigo, enterrando a cabeça na almofada. "F@ensarei mais tarde, quando tiver forças ... "

Anoitecia, e os criados já tinham voltado. Scarlett teve a impressão de que faziam menos barulho que de costume ao pôr a mesa para o jantar. Ou seria ilusão do seu espírito atormentado? Babá veio bater-lhe à porta mas Scarlett recambiou-a, dizendo que não queria comer' nada. Passou-se o tempo, até que ouviu Rhett a subir a escada. Foi-,se enchendo de toda a coragem, para o enfrentar, mas Rhett atravessou o corredor e entrou no quarto dele. Searlett respirou. O marido não sabia de nada. Graças a Deus, desde o dia em que ela propusera aposentos separados, Rhett respeitara sempre o seu. pedido e nunca pusera os pés no quarto da mulher. Ainda bem, porque se a visse nesse momento perceberia pela sua cara que algo de anormal acontecera, Assim, ela tinha tempo de se recompor. Tempo? Mas que significava isso? Parecia-lhe que o tempo parara. desde aquele terrível minuto em que a haviam encontrado nos braços de Ashley, Ouviu Rhett; andar cá e lá nos aposentos dele e trocar algumas palavras com Pork. Scarlett não se sentia ainda com ânimo de o chamar, a fim de o prevenir que não podia ir a casa de Melanie. Imóvel, no escuro, continuou deitada, na cama, tremendo dos pés à cabeça.

Daí a pouco Rhett batia-lhe à porta,

Entra! - àisse ela, esforçando-se por dominar a voz.

- Convidas-me realmente a penetrar no santuário? - perguntou Rhett, abrindo a porta.

Estava escuro e Scarlett não lhe distinguia as fei~.

O timbre da sua voz também nada lhe indicava. Rhett entrou e fechou a porta.

-Já te vestiste para a recepção?

- Tenho imensa pena, mas estou com enxaqueca. -

Como a sua voz soava natural! E abençoada escuridão que reinava no quarto! - Parece-me que não posso ir. Vai tu, Rhett, e desculpa-me junto de Melanie.

Seguiu-se um silêncio, até, que Rhett falou, sati-càsticamente, arrastando as palavras:

- Que desavergonhada tão cobarde que tu és!

474

Ele sabia! Scarlett tremia toda, incapaz de proferir fosse o que tosse. Ouviu 'Rhett tactear no escuro, acender um fósforo, O quarto iluminou-se de repente. Rhett aproximou-se da cama e observou a mulher. Esta notou que ele estava -com o f ato de cerim6nia.

-Levanta-te-ordenou ele em voz inexpressiva.Vamos l@ recepção de Melanie. Trata de te arranjares depressa.

- Oh, Rhett, não posso! Como vês... -Sim, estou a ver. Levanta-te. -Rhett, Archie atreveu-se... -

Atreveu-se. Archie é um valente, -Devas matá-lo por te vir contar mentiras... -Tenho o estranho costume de não matar as pessoas que dizem verdades. Mas agora não é altura de discutir. Levanta-te.

Scarlett sentou-se na cama e puxou para si o roupão, sem desviar os olhos- de Rhett. A sua cara trigueira mantinha-se impassível.

-Não quero ir à festa, Rhett. Não quero Ir a -casa de Melanie enquanto. . não se desfizer este... equívoco.

- S@ hoje não apareceres em público, nunca mais poderás mostrar-te nesta cidade. E embora eu tolere que minha mulher se porte mal, não tolero que seja cobarde. Há"e ir a essa festa, nem que toda a gente te volte as costas e a senhora Wilkes te expulse de casa.

- Rhett deixa-me explicar... ' -Não I@á tempo, para explicações. Veste-te,

- India, Archie e a senhora Elsing enganaram," . E detestam-me, todos eles. India tem-me tanto ódio que nem hesitaria em dizer mentiras a respeito do, irmão 96 para me prejudicar, Se me deixasses expliear-te... - "Oh, Virgem Santa!" pensou Scarlett, aflita. "Se ele me responde "Pois explíca", que lhe hei-de dizer?" -Devem ter -contado as maiores mentiras a toda a gente. Não quero ir à reunião. desta, noite,

- Hás-de ir, nem que eu te leve arrastada pelos cabelos ou te obrigue a andar à força de pontapés no lindo traseiro.

Os olhos de Rhett tinham um brilho metálico quando, com um puxão, a fez pôr-se de pé. Em seguida, apanhou do chão o espartilho e atirou-lho.

-Põe isto. Eu me encarrego de o atar. Não precisas

475

de chamar a Babá. O que tu querias era fechares-te à chave e ficares aqui acaçapada como cobarde que és.

- Não sou cobarde! - protestou Scarlett, esquecendo os, seus terrores. -Eu...

- Não recomeces com a história de que mataste um yankee. e que enfrentaste as tropas de Sherman. És cobarde, além doutras coisas. Não é por tua causa que quero te apresentes na recepção desta noite.]@ por causa de Bo`nnie, Não podes comprometer-lhe o futuro, percebeste? Vamos, despacha-te, põe o espartilho.

Scarlett despiu o roupão à pressa e ficou em camisa. Se Rhett reparasse como ela era bonita em camisa, talvez lhe desaparecesse da cara aquela expressão. assustadora. No fim de contas, desde muito tempo que não a via naquele traje. Mas- Rhett nem para ela olhou, Abriro o armário onde a mulher pendurava os vestidos e fazia rápida inspecção. Por fim, tirou de lá um vestido novo, de seda verdeJade, muito decotado e com um molho de rosas de veludo * arrematar as pregas que se uniam atrás sobre os rins.

- Enf ia isto -disse, arremessando-o pa@a cima do leito * aproximando-se de Scarlett. -Esta noite, nada de cores modestas como cinzento e lilás, que só convém a senhoras sérias. T@ns de ir com tua bandeira hasteada, e bem presa ao mastro, senão ainda eras capaz de a arrear. E bastante carmim na cara. Estou convencido que a mulher apanhada em flagrante delito de adultério pelos Fariseus não estaria tão pálida como tu. Volta-te.

Agarrou nos cordões do espartilho e puxou com tanta força que Searlett, assustada e humilhada soltou um grito.

-Dói? -observou Rhett, escarninho. '-JÉ: pena que os atilhos não estejam de roda do pescoço.

A vivenda de Melanie era um mar de luzes; já no fim da rua se ouvia o som da música. Quando a carruagem parou, Rhett e Scarlett sentiram o burburinho duma multidão alegre. A casa estava cheia de convidados. Via-se gente nas varandas e até sentadas nos bancos do jardim iluminado pelos balões venezianos.

"Não quero entrar... não posso", dizia Scarlett consigo mesma dentro da carruagem, amachucando o lenço que tinha na mão. "Vou fugir para qualquer parte, para Tara... Por que é que Rhett me obrigou a vir? Como é que estas

476

pessoas me acolherão? E Melanie? Oh, nem tenho cara de me encontrar com ela! Vou fugir".

Como se lhe adivinhasse o pensamento, Rhett. agarrou-a pelo braço, a ponto de a magoar.

- Nunca, vi urna criatura de sangue irlandês tão cob&rde. Para onde foi a coragem de que tanto te ufanava%?

- Por amor de Deus, Rhett, voltemos para.casa e deixa-me explicar...

- Tens uma eternidade para dar explicações e só uma noite para seres uma mártir no circo. Vamas, apeia-te, jóia. Quero ver os leões devorarem-te.

Scarlett subiu o passeio conforme pôde. O braço de Rhett a que ela se agarrava, tinha a firmeza, do granito, e esse contacto dava-lhe certa coragem. Que diabo! Pos>suía estofo para enfrentar essa gente, e enfrentá-la-la. Quem temia ela, afinal? Um bando de lingüareiras invejosas, Pois haviam de ver! O pior era Melanie...

Estavam já na varanda da entrada e Rhett, de chapéu na Mão, cumprimentava, para a direita e para a esquerda com voz suave e despreocupada. Quando entraram na sala, a inúrica parou e Scarlett 'perturbada, teve a, impressão de que essa massa. de gente@ vinha contra ela com um rugido de vagas encapeladas e depois recuava, recuava, e o seu barulho ia esmorecendo. Iriam todo@ voltar-lhe costa!@? Pois que voltassem! Levantou a cabeo,& e os olhos franziram-se-lhe num %orri@so. Antes de Searlett ter tempo de@ cumprimentar as pessoas que se encontravam mais perto da entrada, alguém avançou através da chusma de convidados. Sobre a sala desceu estranho silêncio, que deixou Scarlett transida. Então seguindo o estreito caminho que se abria à sua frente: Melanie aproximou-se a toda a pressa, a fim de ser a primeira a falar com a recém-vinda. Com o busto franzino empiertigado e queixo erguido, parecia indignada, e, ao vê-la, dir-se-la que ninguém senão %carlett a irritava naquela sala. Ao chegar ao seu lado, passou-lhe o braço pela cintura.

- Que lindo vestido, minha querida - proferiu ela com VOZ bem nítida. - Queres ser um anjo, Searlett? India não PÔde vir cá esta noite. Ajudas-me a fazer as honras da ca2a?

477

54

DE novo refugiada. no seu quarto, Scarlett, atirou-se para cima da cama sem se preocupar com o vestido de seda nem com o molho de rosas que o enfeitava, e ali ficou inerte largo tempo sentindo ainda a angústia que a domínava-quando estivera a receber convidados entre Ashley e Melanie. Que horror! Antes afrontar outra vez as tropas de Sherman que tornar a ver-se naquela situação.

Levantou-se, por fim, e pôs-se a passear no quarto, seineando peças do vestuário. Os nervos contidos toda a noite reagiam agora, e Scarlett começou a tremer. Os ganchos caíram-lhe das mãos quando ela desprende o cabelo e. ao tentar escová-lo como fazia sempre, antes de se deitar, magoou-se na fonte com as costas da escova, Por várias ocasiões foi em bicos de pés até à porta e pôs-se à escuta, mas o vestíbulo do andar de baixo estava silencioso como um túmulo.

Rhett mandara-a sozinha para -casa, na carruagem, depois de terminada a recepção, e Scarlett agradecera a Deus esse descanso temporário. Rhett não regressara. E ainda bem porque ela não o poderia encarar, humilhada, assustada, a tremer. Mas onde estaria o marido? Naturalmente em casa daquela criatura. Pela primeira vez ' Scarlett regozijou~se por existirem mulheres como Belle Watling. Que sorte Rhett ter onde ficar, enquanto não lhe passasse a disposição homicida! Searlett reconhecia que não era normal alegrar-se com o facto de o marido encontrar-se em casa duma meretriz, mas não o podia evitar. Quase se sentiria contente se o soubesse morto, pois assim não teria de o ver nessa noite.

"Amanhã... amanhã já não será a mesma coisa". No dia seguinte inventaria uma desculpa, um contra-ataque, arranjaria maneira de convencer Rhett de que ele não tinha razão. No dia seguinte, estaria atenuada a lembrança daquela festa angustiante e ela já não tremeria. Não veria sempre à sua frente a, cara de Astiley, nem se acusaria constantemente de ter sido a causa da sua vergonha. E porque era ela a causa da vergonha de Ashley, querer-lhe-ia mal? Decerto a detestava agora... agora que ambos deviam a sua salvação a Melanie, à sua atitude de revolta, ao timbre afectuoso da sua voz, quando atravessara a sala de

soalho luzidio, para abraçar Scarlett e enfrentar a assistência curiosa, malévola e secretamente hostil. Como Melanie conseguira abafar o escândalo! Não deixara Scarlett um só instante, e todos os presentes, um pouco espantados, tinham-se mostrado corteses, embora um tanto, frios. Oh que ignomínia, ter Melanie como escudo a defendê-la daqueles que a execravam, que de boa vontade a poriam de rastos com os seus comentários maledicentes! Ter-se abrigado atrás da cega confiança de Melanie!

A este pensamento, Se-arlett sentiu um arrepio per-correr-lhe o corpo.

"Se quero dormir", disse consigo, "devo tomar qualquer coisa. Preciso de beber até chegar-me o sono".

Enfiou um roupão por cima da camisa e saiu precipitadamente para o corredor escuro, quebrando o silêncio com o bater dos saltos das chinelas. Ia já a, meio da escada quando viu um raio de luz a filtrar-se sob a porta da sala de jantar. O coração, parou-lhe de pulsar por um momento. Estaria acesa aquela luz quando ela chegara e, na rua perturbação, não teria reparado? Ou seria Rhett quem ali se encontrava? Podia ter entrado pela porta da cozinha, sem fazer barulho... Se era Rhett ela voltaria. para o quarto- em bicos de pés e desistiria 6 conhaque, por muito que o desejasse. Assim, evitaria a presença do marido. Uma vez no quarto, estaria em segurança, porque se fe4cha@ria à chave.

Abaixou-se para descalçar as chinelas e bater em retirada sem que ninguém a ouvisse, quando a porta da sala de jantar se abriu com violência e o vulto de Rhett se destacou à vaga claridade duma vela. Parecia enorme, grande como ela nunca o vira,, tal uma massa negra a baloiçar-se levemente.

-Venha fazer-me companhia, senhora Butler-disse ele em voz um tanto pastosa.

Estava embriagado e mostrava bem que o estava.. Até aí, por muito copiosa que fossem as suas libações, sempre se dominara, Searlett ficou imóvel, sem saber que partido tomar. Não respondeu nada, mas áhett levantou o braço num gesto imperioso.

-Anda cá! - exclamou brutalmente. "Deve estar bêbado como um cacho", pensou ela, a tremer. "Em geral, quanto mais bebe mais delicado é". De facto, nessas ocasiões era ma-is sarcástico, mais cáustico

479

nas frases que proferia, mas a 'sua atitude era, sempre correcta... excessivam ente correcta. "Não devo dar-lhe a perceber que o temo", disse Scarlett consigo mesma, E, aconchegando a gola do roupão ao pescoço, desceu a escada, de cabeça erguida e a martelar com os saltos nos degraus. Rhett desvidu-se para a deixar passar e fez-lhe uma vénia de tão acentuada troça que Searlett estremeceu. Estava sem casaca e a gravata caía-lhe de cada banda do colarinho desabotoado. A camisa, aberta, deixava ver o tufo espesso dos cabelos pretos que lhe cobriam o peito. Estava desgrenhado, com os olhos injectados de sangue. Em cima da mesa ardia uma vela, pequeno foco luminoso que espalhava. sombras monstruosas no tecto alto do quarto e fazia os móveis maciços assemelharem-se a animais acorados. No meio da mesa sobre uma bandeja de prata, via-se uma garrafa rode@da de copos.

- Senta-te - ordenou ríspido, reentrando, atrás dela. Searlett sentia-se invadida por um medo de nova espH& cie, medo que tornava ridículo o alarme que ela sentira antes@ ao pensar que ia defrontar-se com o marido. Ele agora parecia~lhe um desconhecido. Desconcertavam-na os seus modos estranhos, Nunca o tinha visto, nem nos m(>mentos mais íntimos, portar-se com tanta grossaria. Até quando estava encolerizado, Rliett mantinha-se cerímo.nioso, sem abandonar o tom satírico ' e o whisky servia usualmente para intensificar aquelas qualidades. A princípio, a mulher sentira-se irritada e tratara de combater esses ares distantes, mas havia acabado por se acostumar, achando que isso era cómodo. Durante anos supusera que nada o interessava a valer e que não passava de

brincadeira tudo o que a existência lhe deparava, inclusivamente ,a mulher. Ao vê-lo, porém, nesse instante, teve o pressentimento de que havia alguma coisa que lhe importava muito.

- Não há razão para que não tomes o teu capito, ainda que eu não me encontre em condições de estar decentemente em casa - observou ele. - Queres que te sirva?

-Não quero tomar nada -respondeu ela secamente.

- Ouvi um ruído e vim ver o que era.

- Nada ouviste, criatura. Se soubesses que eu estava aqui, conservar-te-ias no quarto. Senti-te andar lá em cima>

480

dum lado para outro. Necessitas de beber, esta é que é a verdade.

-Já disse que... Rhett apoderou-se da garrafa e, com má<> trémula, encheu um copo.

- Rebe! - E apresentou-lhe o copo diante dos olhos. -Estás a tremer da cabeça aos pés. Ah, não te dêesses ares!... Sei que bebes às escondidas e que não é pouco. Há muito tempo que desejo aconselhar-te a acabar com esses fingimentos e escorropichar às claras e à vontade. Que me importa a mim que te embebedes?

Scarlett pegou no copo, amaldiçoando em silêncio, o marido. Ele, porém, lia-lhe os pensamentos, como num livro aberto, Sempre tivera essa faculdade-e, era Rhett precisamente o homem de quem ela desejaria mais esconder aquilo que pensava.

-Bebe, já te disse! Ergueu ela o braço e esvaziou. o copo dum trago, como fazia Gerald, Nem se lembrou de que esse gesto denunciava longa prática. Rhett notou o movimento e teve um trejeito de lábios.

- Senta-te ' para trocarmos impressões acerca da elegante festa a que acabámos, de assistir. _ Estás embriagado -retorquiu Scarlett, friamente - e eu vou-me deitar.

-Estou embriagado, e ainda estarei mais antes de findar a noite. Mas não vais para acama... por enquanto. Senta-te.

Na voz havia a serenidade habitual, mas através das suas palavras adivinhava-se uma violência prestes a explodir, a fustigar como chicotadas, Searlett manteve-se de pé, hesitante. Então Rhett aproximou-se, agarrou-lhe no braço com tal força que a magoou e deu-lhe um repelão, Scarlett sentou-se logo, soltando um gritinho de dor. Agora tinha medo, muito mais do que tivera em toda a sua vida. Como ele se inclinasse para a mulher, esta notou-lhe a vermelhidão das faces e o fulgor inquietante do olhar. Algo de estranho lhe transparecia nos olhos, qualquer coisa mais Profunda do que ira, mais forte do que amargura, Fítou-a durante tanto tempo que Scarlett perdeu o ar de desafio que adoptara e teve de baixar as pálpebras. Por fim, Rhett sentou-se numa cadeira em frente dela e tornou a encher o seu copo. Searlett aproveitou esse intervalo para reflec-

31 - Vento Levou - 11

481

tir e preparar a sua defesa; mas antes de o marido falar, nada podia dizer, pois não sabia ao certo que gênero de acusações lhe faria Rhett.

Este, entretanto tomava a, bebida aos golinhos e observava Searlett por 'cima da borda do copo, enervando-a assim ainda mais do que estava. Ficou uns momentos sem mudar de expressão até que, sempre a olhar para ela, desatou a rir. Aquele riso inesperado fê-la tremer.

- Foi uma comédia divertidíssima a desta noite, não te parece?

Ela não respondeu e, no esforço de dominar o tremor, os dedos dos pés crispam-se-lhe dentro das chinelas.

- Uma agradável comédia a que não faltou nenhuma personagem. A aldeia reunida para lapidar a mulher culpada, o marido atraído a defender a esposa como compete a umcavalheiro, a esposa

traída, animada de espírito cristão envolvendo tudo aquilo no manto da sua reputação imaculada... E o amante...

-Por favor! - exclamou Scarlett, pondo-se de pé. -Queres que me cale? Não. Acho muita piada ao caso para ficar por aqui. Quanto ao amante, estava com ar apalermado e o seu desejo era sumir-se pelo chão abaixo. Que efeito te produziu, minha jóia, veres a mulher que odeias tomar a tua defesa e endossar todas as tuas culpas? Senta-te.

Scarlett tornou a sentar-se.

- Não ficaste a gostar mais dela por isso suponho eu. No teu espírito apenas se debate a dúvida: Mély teria sido informada de tudo? Tomaria aquela atitude para salvar as aparências? E chegas à conclusão de que ela foi bem tola em proceder assim, embora o seu procedimento te salvasse do escândalo...

-Não quero ouvir mais nada.

- Hás-de ouvir. E vou dizer-te uma coisa que trará luz ao teu cérebro. Melly será parva, mas não como tu julgas. n claro que alguém a informou; no entanto, não acreditou no que lhe disseram. Ainda que visse com os seus olhos, não acreditaria. n muito honesta para crer na desonestidade das pessoas de quem gosta. Não sei que mentira lhe contou Ashley Wilkes,... mas qualquer mentira servia, porque ela gosta de Ashley e de ti. Não percebo porquê, mas não há dúvida que tÁE@ estima. A amizade que te dedica. s-erá para ti uma cruz que terás de levar até ao fim.

482

- Se não estivesses tão bêbado, explicar-te-la tudo -
atalhou Scarlett, recuperando um pouco de dignidade. -

Mas agora...

- Não me interessam as tuas explicações. Conheço a verdade melhor que ninguém. Com a breca! Se tornas a levantar-te dessa cadeira... Pois ainda mais engraçado do que a comédia desta noite é o facto de me teres negado virtuosamente as delicias do, teu leito e cobiçares em teu coração Ashley Wilkes. "Cobiçares em teu coração" é uma boa frase, não achas? Há muitas frases boas naquele Livro, não te parece?

"Que livro? Que livro?" pensou Scarlett, desnorteada, enquanto olhava desesperadamente à sua volta e notava os reflexos da vela nas pratas maciças e a escuridão assustadora de certos cantos da sala.

-E repeliste-me porque a tua delicadeza não suportava os meus ardores grosseiros... porque não querias ter mais filhos! Que desgosto me causaste! Que dor me infligiste! Tratei de arranjar consolações agradáveis e abandonei-te aos teus requintes. E, durante esse tempo, perseguiu o senhor Wilkes, que languescia de amor por ti. Mas, com os diabos 'o que é que esse tipo pretende? Não pode ser moralmente fiel à esposa, nem ser-lhe infiel fisicamente. Por que não se decide? Não te recusarias a ter filhos dele... e fazê-los passar por meus, não é verdade?

Scarlett levantou-se de repente, soltando um grito, e Rhett, pondo-se também de pé, começou a rir duma maneira que a mulher sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Obrigou-a a sentar-se de novo e inclinou-se para ela.

- Repara nas minhas mãos - disse, abrindo-as e fechando-as diante da cara de Scarlett. - Sem esforço nenhum reduzir-te-ia a bocados, e era o que faria se com isso te arrancasse Astiley do espírito. Mas não, seria trabalho inútil. Portanto, vou proceder doutro modo para que não penses mais nele. Vou fazer o seguinte: ponho as mãos de cada lado da tua cabeça, assim, esmago-te o crânio como quem parte uma noz, e pronto! Acaba-se de vez com o Asliley nesse cérebro. Pousara-lhe as mãos na cabeça. Com os dedos mergulhados na cabeleira desfeita, acariciou-a, magoou-a, forçou-a a erguer a cara. Scarlett teve a impressão de se encontrar na presença dum desconhecido, dum estranho embrutecido. pelo álcool. Nunca a ela faltara coragem física

483

e, em frente do perigo, o sangue afluíu-lhe, quente, às veias, Endireitou-se e fitou-o ameaçadora.

-Seu estúpido, seu bêbado! -exclamou. -Afaste de mim essas mãos!

Com surpresa sua, Rliett obedeceu e foi sentar-se na borda da mesa, onde tornou a encher o -copo.

- Sempre admirei a tua valentia, minha jóia. E agora mais do que nunca, pois que te vês entre a espada e a parede.

Scarlett cingiu a si o roupão. Oh, se -ao menos pudesse ir para o quarto e fechar-se à chave! Mas tinha de ficar ali e obrigar esse . Rliett desconhecido a deixá-la em paz. Levantou-se sem pressa, apesar do tremor dos joelhos, alisou o roupão nas ancas e prendeu o cabelo que lhe caía nos olhos.

-Não, me vejo entre a espada e a parede-replicou em tom glacial. -A mim não metes medo, Rliett Butler. Não passas dum bêbado, dum bruto que lidou tanto tempo com mulheres de má vida, que não vê senão o mal por toda a parte. Ps incapaz de compreender Asliley e de me compreender.

Viveste muitos anos na lama para que possas sair dela. Tens ciúmes duma coisa que és incapaz de compreender. Boa noite!

Deu meia volta e dirigiu-se para a saída, porém deteve-a, uma risada; virou-se e viu Rhett aproximar-se, cambaleando. Aquele riso e@a terrível. E!-lo já muito perto. Scarlett recuou, encostando-se à parede, e ele então pôs-lhe as mãos nos ombros e conservou-a prisioneira.

-Acaba de rir! -Rio porque me causas dó. -Dó... eu? Antes tu! -Sim, minha jóia, fazes-me pena. Não podes suportar

* meu riso, não é verdade? - Calou-se, e pesou tanto sobre

* corpo de Scarlett que ela se sentiu dolorida. E estava tão perto que ai mulher voltou a cabeça para evitar o hálito do ébrio.

-Sou ciumento hem? Por que não? Sim, tenho, ciúmes de Asliley Wiikes. P, inútil falar. Nada de explicações. Sei que, fisicamente 'tu não me enganaste. Era isso que querias dizer? Ali, sei-o muito bem! Sei há anos. Como o consegui? Ora, pois: conheço AshIey Wilkes e os seus princípios. n um homem sério 'um perfeito cavalheiro. Tanto não direi de mim... E tu... Mas isto não tem impor-
484

tância. Nós dois desconhecemos o que é a honra. Por isso prosperam os nossos negócios.

- Deixa-me ir embora. Não quero ficar aqui a ser insultada.

- Não te insulto, Estou até a louvar a tua virtude física. Mas, enfim, não me tomes por um imbecil, como, é teu costume julgar os homens...]@ mau menosprezar a força ou a inteligência dos adversários. Eu não sou imbecil. Ouve: quando estavas nos meus braços eu bem sabia que pensavas em Ashley Wilkes que fantasiavas ser ele quem te possuía. Não desconfiaste diste,?

Scariett mostrava claramente no rosto a estupefacção que a tomara.

-]@ pândego, hem? Até parece uma história de fantasmas. Três pessoas na mesma cama... quando só deviam estar duas. - Sacudiu-a pelos ombros, teve um soluço, e sorriu. - Ah, sim, f icaste f iel porque Ashley não te quis! Caramba! Eu não iria disputar-lhe o teu corpo! Sei o que valem estes corpinhos... Mas o que não lhe quero ceder é o teu coração e o teu espírito pouco escrupuloso. Posso ter todas as mulheres que desejar. Insisto, porém, em guardar a tua alma e o teu coração coisas que jamais cederei. P, como a alma de Ashley, que íu também não conseguiste. Eis a, razão por que me causas dó.

Apesar do seu espanto e da sua angústia, Scarlett não deixou de considerar nas palavras de Rhett. -Dó... de mim? -Sim, porque és uma criança. Uma criança quechora a pedir a. Lua. Que faria ela da Lua, se -lha dessem? E que farias tu de Ashley se to oferecessem? Causa-me pena ver-te deitar a feliciãade pela janela fora, só porque pretendes outra coisa... que não te fará feliz. Causa-me pena porque és insensata. Ignoras que não há felicidade fora de dois seres que foram feitos um para or outro. Se eu Morresse, se Melanie morresse e ficasses enfim com o teu precioso apaixonado só para ti, julgas que te sentirias feliz Com ele? Pois enganas-te! Nunca chegarias a conhecê-lo, não saberias nunca o que ele pensava e não o entenderias corno não entendes música, poesia, literatura e tudo o que não tem relação com dólares e centimos. Ao passo que nós, esposa do meu coração, podíamos ser perfeitamente felizes se quisesses dar-nos essa, oportunidade, porque somos muito semelhantes. Ambos somos uns crápulas, e nada nos

@detém quando se nos mete alguma coisa em cabeça. Podíamos ter sido felizes porque te amava e porque te conhecia, Scarlett, como jamais Ashley te conhecerá. E teria o maior desprezo -por ti, se te conhecesse... Mas não hás-de passar a vida a suspirar por um homem que nã@ compreendes. E eu, minha jóia, continuarei a consolar-me com meretrizes. E sou capaz de jurar que nos entenderemos melhor que a maioria dos casais.

Largou-a bruscamente e voltou em passo cambaleante até junto da mesa, para, beber mais um copo. Por uns momentos, Searlett ficou como que enraizada ao chão. As ideias rodopiavam-lhe de tal maneira no espírito que nem tinha tempo de, aprofundar uma só, Rhett dissera que a amava. Falaria a sério ou seria apenas efeito da embriaguez? E Ashley... a L@a-... Ela queria a Lua...

Rum ímpeto, Scarlett correu para o vestíbulo escuro corno se um bando de demónios a perseguisse. Oli, se pudesse refugiar-se no quarto! Ia torcendo um pé e a chinela saiu fora do seu lugar. Parou para se desembaraçar dela com um pontapé frenético e, nesse momento, Rhett, pulando com a agilidade dum índio, juntou-se-lhe na sombra do vestíbulo, O seu hálito queimou-lhe a face, e as suas mãos entreabriram-lhe o roupão e enlaçaram-lhe o corpo brutalmente.

-Rejeitas-me e vais atrás dele! Pois juro que esta noite só haverá duas pessoas na minha cama! Ergueu-a do chão tomou-a nos braços e embrenhou-se na escada, Com a cãea. esmagada de encontro ao peito dele, Scarlett ouvia-lhe as pancadas do coração. Rhett magoava-a e de dor e de medo, ela gritou. A escuridão era completa'. Era um, louco 'um louco desconhecido que a' transportava ao colo. Sentia-se perdida nas trevas, mais espessas que as da morte. Era a morte que a levava, que a apertava nos braços duros. Scarlett soltava urros de medo, meio sufocada. Chegado ao patamar Rhett parou de repente e, voltando-a nos braços, inclino@-se para ela e beijou-a com tal instinto de posse que tudo se, varreu do espírito de Scarlett e só ficaram as trevas em que se submergia e o, <@ lábios que se colavam aos seus. Rhett tremia como se um tufão o agitasse. A sua boca abandonara a de Scarlett e percorria-lhe a garganta, o peito, tudo o que o roupão deixara a descoberto. Murmurava coisas que ela não compreendia, e os seus lábios despertavam-lhe sensa-

ção,9 jamais experimentada5. Searlett. tentou falar, mas os beijos impediram-na. De súbito, invadiu-a um frémito selvático como nunca sentira,; alegria medo, loucura, excitação, desejo de se abandonar àqu@Ies braços possantes, àqueles lábios ardentes, ao destino que a arrebatava... Pela primeira vez na vida, encontrara alguém mais forte que ela, alguém a quem não podia intimidar nem domar e que a intimidava e domava. Passou-lhe os braços em volta do pescoço, os seus lábios tremeram sob os dele, e assim foram através da escuridão, doce escuridão que rodopiava e tudo, envolvia.

Na manhã seguinte, quando Scarlett, acordou, Rhett tinha-se ido embora e, se não fosse a almofada toda amarrotada a seu lado ela julgaria que tudo aquilo, não passara dum sonho louc@. Corou à recordação dessa noite e puxando o, lençol até ao pescoço, tentou coordenar as i@elas.

Dois factos se. lhe apresentaram em primeiro lugar no espírito, Vivera durante anos com Rhett, partilhara do seu leito, comera com ele, dera-lhe um filho e, afinal, não o conhecia, O homem que a transportara nos braços, no meio da escuridão era um estranho de que ela nem suspeitava a existência. E agora ainda que o quisesse, não podia detestá-lo. Rhett humilhara-a, ferira-a, tratara-a brutalmente no decorrer dessa noite de loucura, e tudo isso lhe@ fora agradável.

Oli, devia estar envergonhada, expulsar para longe de si a pr6pria lembrança daquele turbilhão nas trevas! Uma senhora, uma genuína senhora, não poderia levantar a fronte após uma noite como essa, Mais forte, porém, do que a vergonha era a, recordação do êxtase que a vencera. Pela primeira vez na sua vida, sentira-se a vibrar, arrastada por uma paixão, tão primitiva como o mede que ela conhecera na noite em que fugira de Atlanta, tão perturbante e consoladora como o ím~ que a levava a pôr fim à vida dum yankee.

Rhett amava-a! Pelo menos assim o dissera; por que havia de duvidar? Era uma coisa, estranha, inquietante, quase inacreditável ser amada por esse selvagem com quem até aí vivera tão friamente. Ainda não sabia ao certo como enfrentar aquela revelação, mas surgiu-lhe uma ideia e Scarlett desatou a rir. Ele amava-a, e ela tinha-o, afinal. Quase se esquecera de que outrora desejara indu-

487

wNkl

zi-lo a consagrar-lhe amor, de modo que pudesse erguer bem alto o chicote sobre a sua cabeça insolente. Agora, Rhett cedera, e isto enchia-a de imensa satisfação. Por uma noite, ele tivera-a ao seu dispor; daí por diante já Scarlett conhecia o ponto fraco da couraça. Para o futuro, o marido deveria curvar-se submisso à vontade da mulher. Sofrera-lhe os sarcasmos durante muito tempo, mas agora teria ele de saltar o are-o, sempre que fosse da vontade forçá-lo a tanto. Mas ao pensar que se encontraria com o marido face a face, à luz do dia, Scarlett experimentou um constrangimento que não deixava de ser excitante.

"Estou nervosa como uma noiva", disse de si para si. "É tudo por causa de Rhett!" A ideia, divertiu-a, provocando-lhe acesso de riso.

Contudo Rhett não apareceu ao jantar nem noutra qualquer refeição. Seguiu-se a noite, uma comprida noite durante a qual Scarlett não conseguiu adormecer, sempre de ouvido à escuta, não fosse ele meter a chave à porta... Mas nunca chegou e, quando acabou o segundo dia sem haver novas de Rhett, a mulher sentiu-se enervada pelo receio e pela desilusão. Foi à casa bancária: não estava lá. Foi ao armazém e mostrou-se indelicada com toda a gente, pois sempre que se abria a porta para deixar passar um freguês, ela ficava com ar de quem sofria uma grande decepção. Foi à estância de madeiras e tratou Hugh com tal rispidez que este acabou por se esconder atrás duma pilha de tábuas. Todavia Rhett não se encontrava em parte nenhuma.

Não podia descer a inquirir dos amigos se por acaso o tinham visto. Também não podia dirigir-se aos criados, embora lhe parecesse que eles sabiam alguma coisa. Os pretos sabiam sempre tudo. O silêncio de Babá não era natural: a ama espiava Scarlett de través e não abria a boca. Na manhã do terceiro dia Scarlett resolveu prevenir a polícia. Talvez tivesse havido um acidente, talvez o cavalo o deitasse por terra e ele jazesse nalgum fosso. Talvez... oh! que horrível pensamento... talvez estivesse morto, àquela hora!

Depois de tomado o primeiro almoço, e quando se encontrava no quarto a pôr o chapéu, ouviu passos rápidos na escada. Sucumbindo ao tremor nervoso que a invadira, Scarlett tombou sobre a cama, precisamente na altura em

488

que Rhett vinha entrando. Fresco barbeado, o marido parecia não estar sob a influência do álcool; mas os olhos injectados e a cara tumefacta denotavam que ele bebera nessas últimas horas. Acenou-lhe com a mão e disse:

-Ora viva! Como era possível um homem proferir aquela saudação depois duma ausência de dois dias e sem começar por explicar-se? Como podia ser tão indiferente após aquela noite que tinham passado juntos? Parecia incrível... a não ser... E uma ideia tremenda logo germinou no cérebro de Scarlett: " ... a não ser que ele tivesse o hábito das noites daquele gênero ... " Por momentos, Scarlett nem pôde falar, e esqueceu-se por completo dos gestos e sorrisos que tencionava usar nesse instante do reencontro. Rhett nem sequer se aproximou para lhe dar o costumado beijo de raspão... Limitou-se a olhar, escarminho, com um charuto aceso entre os dedos.

- Onde tens estado?

- Não me digas que não sabes! Julguei que toda a cidade o soubesse... E ninguém ignora, com certeza, senão tu. Lembra-te do velho adágio, "a esposa é sempre a última a descobrir ... "

-Que queres dizer? -Julguei que, depois da rusga feita pela -policia, anteontem à noite, à casa de Belle...

- Belle! Aquela criatura? Tu estiveste...

- Pois é claro. Onde podia ter estado? Espero que não te hajas sobressaltado...

-Com que então deixaste-me por... -Ora, ora, Scarlett! Não faças papel de esposa traida., Já devias saber que Belle...

-Foste encontrar-te com ela depois de...

- Então? - Esboçou um gesto vago e prosseguiu: -
 Prefiro não falar disso. Apresento-te as minhas desculpas pela maneira como me portei quando da nossa última entrevista. Eu estava bebedíssimo, como sem dúvida percebeste, e deveras perturbado pelos teus encantos... Será preciso enumerá-los?

Scarlett sentiu um repentino desejo de chorar, de se estirar na cama e esconder o rosto para soluçar perdidamente. Rhett não mudara nada havia mudado, ela é que fora estúpida, ridícula, err@ supor que ele a amava. O orgulho cegara-a. Aquilo não passara duma indigna brincadeira

489

L@

de ébrio. Agarrara-a, servíra-se dela, fizera o que podia fazer a qualquer rapariga do estabelecimento de Belle Watling. Ei-lo, agora de volta, trocista, pronto a ofendê-la, e fora do. seu alcance. Scarlett engoliu as lágrimas e d<>Minou-se. Não queria, por nada do mundo, que ele adivinhasse es sentimentos que a mulherexperimentara. Quanto escarneceria, se o descobrisse! Pois bem, não o saberia nunca. Ohou-o muito calma e surpreendeu-lhe nas pupilas esse mesmo clarão que tanto a intrigava, essa expressão de quem pretende devassar o pensamento, como se esperasse... mas que esperava ele? Que a mulher se rebaixasse de novo, que fizesse cenas, que lhe desse razão para se rir? Não e não! Pôs-se muito séria e fitou-o com ar glacial.

-Decerto que eu já suspeitava o gênero de relações que mantinhas com essa mulher.

-Apenas suspeita?, Por que não me perguntaste mais coisas, para, eu te satisfazer a curiosidade? Dir-te-ia tudo. Ilenho vivido com ela desde o dia em que tu e Ashley Wilkes decidistes que devíam<>s dormir em quartos separados.

-Tens o, desprante de te gabares perante mim, tua mulher, que...

-Oh, poupa-me lições de moral! Nunca te importaste com o que eu fazia, contanto que te pagasse as contas. E não ignoravas que, nos últimos tempos, eu me permitia certas liberdades. E quanto ao teu papel de esposa... de pouca importância tem sido depois do nascimento de Bonnie, não é verdade? Não foste uma, boa colocação de capitais. Com Belle tirei mais lucros...

- Colocação de ... ? Queres dizer que lhe deste...

- Fiz de comanditário, para em-pregar o termo rigoroso, Belle é uma pessoa esperta. Queria vê-la desembaraçar-se nos negócios... Só lhe faltava o dinheiro para montar o estabelecimento. Bem sabes os milagres que uma mulher realiza quando gira com um pouco de capital. Tu, por exemplo...

- Comparas-me com...

- Vocês ambas têm queda para o negócio. n claro que Belle vale mais do que tu, porque é uma jóia de rapariga e possui bom coração.

- Peço-te que te retires deste quarto! Sem pressa, com uma sobancelha mais erguida que

490

* >2ÂN@@

outra, numa expressão de zombaria, Rhett dirigiu-se para a porta.

"Como pode ele insultar-me assim?" pensava Scarlett, com ira e mágoa, E maior revolta sentiu ao lembrar-se das horas de ansiedade que passara enquanto o marido se divertia. numa casa de perdição.

- Vai-te embora e não tomes a pôr aqui o& pés. Já urna vez to disse, mas não foste suficientemente cavalheiresco para o compreender. Daqui em diante, fecharei a porta à chave,

-Escusas de te dar a esse trabalho. -Repito que me fecharei à chave, Depois da maneira como procedeste na outra noite... tão embriagado... tão repugnante...

-Repugnante? Hum... Tenho a certeza de que achaste divinal...

- Retire-se!

- Não te@ exaltes. Retiro-me já e prometo nunca mais importunar-te. Tudo acabou entre nós. E se consideras superior às tuas forças o meu procedimento infame, podes pedir e, divórcio. Com a condição de eu ficar com a Bonnie.

- Não quero lançar a desonra na família, com um divórcio.

- Mas não te preocuparias com isso -se Melanie morresse, não é verdade? Até sinto um arrepio na espinha ao pensar na rapidez com que te divorciarias, se acaso a visses morta.

- Fazes favor de te ires embora?

- Sim, vou-me embora. Justamente, para te prevenir disso é que te vim falar. Vou a Charleston a Nova Orleães... Enfim, será uma longa viagem. Parto@ hoje mesmo.

- Oh!

- E levo Bonnie comigo. Manda a, tonta da Prissy emalar os trapos. Também irá comigo.

- Proíbo-te que leves a minha filha..

- Também é minha filha. Com certeza não vais opor-te

* que a pequena acompanhe o pai a Charleston e visite

* avó!

-A avó! Julgas que te entrego a criança, sabendo que te embêbedas todas as noites e que és capaz de a levar para casas como a de Belle ... ?

Rhett atirou ao chão o charuto aceso,-que ficou a fumar sobre o tapete com um cheiro a Ia queimada.. Num

491

ímpeto, atravessou o quarto e aproximou-se de Scarlett, com a fúria estampada no rosto.

-Se fosses homem torcia-te o pescoço por essas palavras. Mas como não â, limito-me a dizer que cales essa maldita boca. Pensas que eu levaria a minha filha para... Enlouqueceste! Falas como se fosses a mais extremosa daq mães. Uma gata é melhor mãe do que tu. Que tens feito pelos teuB filhos? Só serves para assustar Wade e Ella que sem a tia Melanie não saberiam o que é amor e af@ição. Quanto a Bonnie, a minha querida Bonnie... julgas que não sou capaz de me ocupar dela melhor do que tu? Pensas que te deixarei tiranizá-la como fazes aos outros dois? Não, nunca! Manda, preparar a roupa da, pequena e arranja as coisas de, forma que esteja pronta dentro duma hora, senão desde já te previno de que não façx> cerimónia em despegar uma bofetada ou em brandir um chicote.

Deu meia volta e saiu do quarto, sem deixar à mulher tempo para responder. Scarlett ouviu atravessar o corredor e abrir a porta do quarto onde os pequenos brincavam. Estes acolheram-no com exclamações de alegria. e Scarlett distinguiu a vozita de Borinie, que dominava a da irmã.

- Papá, onde esteve? -Andei a caçar coelhos para. oferecer um abafó de peles à minha Bonnie.

Anda, vem, dar-me um beijo. E tu também, Ella.

55

- M~ querida, não precisa de explicações e não ouvirei nenhuma -declarou firmemente Melanie, pondo a mão delicada na, boca, de Scarlett e evitando-lhe palavras. -

Ofendes-te a ti mesma, a mim e a Ashley se pensas que é necessário haver explicações entre nós. Ora vê... todos três somos como soldados que combateram juntos durante anos: seria vergonhoso acreditar que as más línguas nos pudessem agora dividir. Supões que eu dei crédito, à insinuação de que tu e Ashley ... ? Bem sabes que te conheço como as minhas mãos, que não esqueci o que fizeste pelo meu marido, por mim, pelo pequeno. Não só te devo a vida, como o. sustento nestes últimos tempos. Ainda te vejo a caminhar nos regos da charrua, atrás do cavalo do yankee, quase descalça, com as mãos a sangrar. Fazias isso para que eu e meu filho tivéssemos com que matar a fome. Que-

rias que, depois, eu fosse acreditar nessas calúnias! Não dou ouvidos a nada, Scarlett O'Hara. Nem uma palavra escuto!

- Mas... -balbuciou Scarlett, Rhett havia partido uma hora antes levando consigo Bonnie e Prissy, de modo que a desolação se juntava também à vergonha e à cólera que ela sentia. Considerava-se culpada na sua, atitude para com Ashley, e a atitude magnânima de Melanie enchia-a de remorsos. Se Melanie tivesse dado ouvidos a India e a Archie, se a houvesse expulsado da recepção ou sequer recebido com frieza, Scarlett levantaria a cabeça e lutaria com todas as armas ao seu dispor. Mas, pelo contrário, vendo Melanie colocar-se entre ela e o escândalo como uma, lâmina fina e cintilante, parecia-lhe que a única coisa digna que tinha a fazer era confessar tudo, começando por descrever aquele dia longínquo em que o sol vibrava sobre a varanda de Tara. -

A sua consciência, embora há muito tempo adormecida, fora modelada nos preceitos da religião católica e principiava a despertar, incitando-a à confissão. "Declara os teus pecados e faz penitência na aflição e no arrependimento", disse-lhe a mãe centenas de vezes; assim quando surgia uma crise, a educação religiosa ministrada por Ellen fazia a sua reaparição. Scarlett iria, pois, confessar... Sim, confessaria tudo, cada olhar, cada palavra, a mínima carícia... e Deus então aliviaria a sua dor e trar-lhe-ia a paz. Como penitência deveria assistir a um espectáculo terrível: no rosto de Melanie, o amor sincero e a confiança substituir-se-iam por uma expressão incrédula e apavorada, por uma expressão de repulsa. E, toda a vida, ela ficaria condenada a recordar-se da cara de Melanie, a convencer-se de que Melanie sabia o que existia de baixo, mesquinho, desleal, hipócrita na alma de Scarlett.

Outrora deliciara-se à Wela de revelar tudo a Melanie e de ver desmoronar-se como um castelo de cartas as suas ilusões. Mas agora tudo mudara e nada havia que ela menos desejasse. Porquê, não sabia. As ideias baralhavam-se-lhe muito no espírito para que ela pudesse coordená-las. Sabia apenas que, assim como, outrora quisera passar aos olhos da mãe por uma criatura de boa índole modesta e virtuosa, queria a todo o custo conservar a estima de Melanie, Sabia apenas que pouco se importava com a opinião

493

dos outros, incluindo a de Ashley e a de Rhett mas que por nada deste mundo queria perder a consideração de Melanie. Temia contar-lhe a verdade, mas, obedecendo a um dos seus raros ímpetos de honestidade correu a casa da mulher de Ashley, logo após a partida de Rhett e de Bonnie.

- Melly, preciso de te explicar o, que se passou outro dia -começou, com voz trémula.

Melanie, porém, fê-la calar imperiosamente. Scarlett, confusa, fitou aqueles olhos pretos cintilantes de amor e de cólera e compreendeu, de coração oprimido, que a paz e a calma provenientes da confissão lhe seriam para sempre negadas. Como vinda como poucas vezes estivera desde a infância, viu que não podia aliviar o seu coração torturado sem dar provas do maior egoísmo. Livrava-se do seu fardo e carregava uma pessoa inocente e confiante. Melanie tomara a sua defesa. Tinha, pois, uma dívida para com ela, e só lhe podia pagar com o silêncio. Que pagamento cruel, arruinar a vida de Melly com a revelação de que o marido lhe era infiel e que a sua amiga mais querida cooperava na traição!

"Não me é possível -contar-lhe a verdade", pensava Scarlett desesperada. "Nunca, lhe contarei, nem que a consciência me atormente até eu morrer", Lembrou-se da observação de Rhett quando estava embriagado: "Ela não crê na desonestidade daqueles de quem gosta... Será para ti uma cruz que terás de levar até ao fim ... "

Sim, levaria essa cruz até ao fim. Sofreria em silêncio, sentiria o cilício da vergonha a cada olhar a cada gesto terno de Melanie, Teria de se dominar continuamente para não lhe dizer: "Não seas tão boa! Não lutes por mim, que eu o não mereço".

"Se não fosses tão simplória, tão meiga tão confiante, seria menos duro para mim", pensou Scarlett.

"Já carreguei muitos fardos, mas este será o mais pesado de todos".

Melanie havia-se sentado em frente, numa cadeira baixa e com os pés apoiados numa otomana alta que os joelhos lhe sobressaíam como os duma criança, posição que ela nunca tomara se a cólera que a dominava a não, tivesse feito esquecer a noção das conveniências. Estava a bordar, e manejava a agulha com a fúria de um esgrimista a brandir o florete,

494

Se Scarlett se encontrasse, no mesmo estado de espírito, bateria com os pés no chão e teria vociferado como fazia Gerald nos seus bons tempos quando tomava Deus por testemunha da duplicidade e da infâmia dos homens e proferia ameaças de vingança que provocavam calafrios a quem as ouvia. No entanto só o rápido mover da agulha e as sobranceiras franzidas indicavam que Melanie fervia interiormente. A sua voz era calma e a sua linguagem ainda mais comedida que de costume. Apesar de tudo, as frases que proferia soavam de modo estranho porque raras vezes ela emitia opiniões próprias e jamais pronunciava uma palavra severa. Só nessa ocasião, Scarlett, compreendeu que os Wilkes e os Hamiltons eram capazes de se enfurecer tanto como os O'Haras ou mais ainda, embora se manifestassem doutra maneira.,

- Já estou farta de ouvir críticas a teu respeito declarou Melanie. -Estou farta, e, vou pôr cobro a isso. Falam de ti porque te invejam, porque és inteligente e obténs êxito na vida. Conseguiste o que muitos homens não conseguiram, Não te aborreço por eu te dizer isto, Scarlett. De modo nenhum estou a insinuar que não procedes como devem proceder as mulheres, como muita gente assevera sem razão alguma. Não te compreendem, nem toleram que uma mulher seja inteligente, Mas a tua inteligência e o teu êxito não lhes darão o direito de pretender que tu e Ashley... Oli, que de aforo, Santo Deus!

Esta exclamação inofensiva, proferida com tal veemência, seria blasfêmia na boca dum homem. Scarlett ficou a olhar para Melanie, alarmada com aquela explosão de cólera sem precedentes. -E atrevem-se a vir dizer-me mentiras... o Archie, a India e a senhora Elsing! Já claro, a senhora Elsing não veio cá. Não teve coragem. Mas sempre te detestou por seres superior em tudo à sua Fanny. E não te perdoa teres retirado a Hugh a direcção da serraria. Fizeste muito bem e despedi-lo, l@ um imbecil que não serve para nada. Com que rapidez Melanie condenava o seu amigo da infância- O seu antigo apaixonado!-Agora lastimo o que fiz PG@ Archie. Nunca devia ter recolhido na minha casa esse velho bandido. Bastante me preveniram, mas não dei ouvidos a ninguém... Ele não gostava de ti, por causa dos forçados; mas quem é Archie Dara 2e sentir nu direito de te censurar? Um assassino, um homem que matou a mulher!

495

WM"

W."

E, depois dos benefícios que lhe fiz vem dizer-me.,' Afirmo-te que não verteria uma lágrima se Ashley o matasse. Mande-o fazer a trouxa e foi-se embora de orelha murcha, porque esperava que a minha reacção fosse outra. Saiu da cidade, Quanto a India... é uma boa velhaca. Logo no primeiro dia que vi vocês ambas, juntas percebi que ela tetinha inveja e te detestava por seres mais bonita e porque não te faltavam pretendentes. Detestava-te especialmente por causa de Stuart Tarletan. E tanto pensava em Stuart que... custa-me a dizer isto. da irmã de Ashley, mas tenho a impressão de que ficou desarranjada da cabeça de tanto pensar nele. Só assim se explica a sua atitude. Disse-lhe que não tornasse a pôr aqui os pés e que, se alguma vez a ouvisse insinuar coisas do mesmo género, a chamaria mentirosa em público.

Parou, e de repente espalhou-se-lhe na cara, que se ruborizara de cólera, uma expressão de extrema doçura. Melanie possuía em alto grau aquela particularidade dos georgianos e que consiste em considerar que uma querela de família é coisa intolerável. Hesitou um momento antes de prosseguir; mas, enfim, Scarlett estava mais próxima, do que os outros, do seu coração.

- Sim - reconheceu lealmente - Índia sempre foi ciumenta, porque era a ti que eu estimava mais. Aqui é que não torna a vir e eu nem sequer porei os pés em casa das pessoas que a receberem. Ashley concorda comigo neste ponto, embora lhe custe pensar que a irmã é capaz de dizer tais... Ouvindo pronunciar o nome de Ashley, Scarlett desfez-se em lágrimas, nervosa como estava. O destino exigia que ele fosse sempre ferido em pleno coração. O seu maior desejo era vê-lo feliz, protegê-lo, e no entanto, parecia que a sua missão era causar-lhe contínuos dissabores. Scarlett estragara-lhe a vida, quebrara-lhe o orgulho, atingira-o na sua dignidade, perturbara-lhe a paz interior, aquela calma que repousava sobre o sentimento da honra. E agora, separava-o da irmã, que lhe era tão querida! Para salvar a sua própria reputação e a felicidade da mulher, tivera de sacrificar Índia, fazê-la passar por mentirosa, por solteirona ciumenta e semilouca - Índia, cujas suspeitas, eram fundadas, cujas acusações eram justas! De cada vez que Ashley olhasse de frente a irmã, veria luzir-lhe nas pupilas o clarão da verdade, surpreender-lhe-ia na expressão

496

uma censura e aquele frio desprezo em cuja arte os Wilkes eram mestres. Scarlett sabia que Ashley colocava a honra, acima da vida e adivinhava as torturas por que ele devia passar. Como ela, via-se forçado a abrigar-se atrás de Melanie. No entanto apesar de compreender que era essa a única atitude possível de reconhecer que fora em grande parte por culpa sua que Ashley se encontrava em falsa posição, Scarlett não deixava de ser mulher. E como tal, teria maior consideração por Ashley se este matasse Archie e declarasse a toda a gente serem verdadeiras as acusações feitas contra a sua pessoa. Bem sabia que não era razoável pensar assim, mas estava muito desamparada, para se deter com subtilezas, lembrava-se de certas palavras desdenhosas de Rhett e cogitava se, na realidade, Ashley se portara como um homem naquele caso. E, pela primeira vez, começou a empalidecer a auréola brilhante de que ela o envolvera desde o dia em que por ele se apaixonara. A vergonha

* o remorso que experimentava atingiam também Ashley

* cobriam-no com o seu opróbrio. Scarlett procurou afastar de si esta ideia, mas essa luta inútil só a fez chorar mais amargamente.

- Não chores, não chores! - suplicou Melanie que, largando a costura e correndo para o sofá, encostou a si a cabeça de Scarlett. - Não devia falar-te nisto, já que te causa tanta aflição. Calculo o estado em que te encontras. Não direi mais nada a este respeito; é como se nada houvesse acontecido, Mas - acrescentou com fúria mal contida - hei-de mostrar a Índia e à senhora Elsing o que penso acerca delas. Não vão julgar que podem impunemente caluniar o meu marido e a minha melhor amiga. E vou fazê-lo de tal modo que nunca mais levantarão a cabeça em Atlanta. Seja quem for que as acredite ou as receba em casa considerá-lo-ei meu inimigo. Scarlett, pensando tristemente no futuro, compreendeu que era a causadora dum dissídio que, por muitas gerações, lançaria a desunião na cidade e na sua própria família.

Melanie não faltou à sua palavra. Nunca mais tornou a falar naquele assunto, quer diante de Scarlett quer diante de Ashley. Recusou-se também a discuti-lo fosse com quem fosse, e manteve um ar de fria indiferença, que não tardava a transformar-se em polidez glacial se alguém se

32 - Vento UVU - 11

497

atrevia a mencionar o caso. Durante as semanas que seguiram à recepção, enquanto Rhett se eclipsava misteriosamente e a cidade cochichava ainda, tomando partido pró e contra, ela não deu tréguas aos detractores de Scarlett, fossem velhos amigos ou até parentes. E, das palavras, passou aos actos.

Agarrou-se a Scarlett como uma lapa e obrigou-a a ir ao armazém e à estância, na forma do costume todas as

de insistir com ela às manhãs. Até a acompanhava! Às vezes,

1 para dar um passeio de

trem, embora Scarlett não gostasse de se expor aos olhares curiosos dos transeuntes. Melanie, é claro, sentava-se ao lado. Nos dias de recepção, levava-a a fazer visitas forçando-a a entrar em salas

onde já não punha off pés h@via mais de dois anos. E Melanie encetava conversa com aquelas donas de casa boquiabertas, dando a entender que, se não aceitassem a sua amiga, também a ela teriam por adversária. , Nesses dias, tratava de serem elas duas as primeiras a chegar e serem as últimas a sair, privando assim as senhoras do gosto de fazerem rna-lingua em grupinhos. Estas visitas constituíam um tormento para Scarlett, que se via constrangida a a-catar os desejos de Melanie; que horror ter de sentar-se entre damas que no seu foro íntimo, consideravam sempre o problema de Scarlett haver sido ou não apanhada em flagrante delito de adultério! No fundo, ela bem sabia que se não fosse, por amizade para com Melanie, tais pessoas nem sequer lhe dirigiriam a palavra. Se, porém, a recebiam, ficavam implicitamente obrigadas a contá-la entre a número das suas relações.

Quer fosse ou não contra Scarlett, a verdade é que pouca gente baseava a defesa ou o ataque no valor da própria pessoa interessada, e isto era sinal da consideração medíocre que ela desfrutava no meio. "Não dou muito por essa criatura" eis o comentário geral. A mulher de Rhett criara'muito@ inimigos para que lograsse agora obter defensores. As expressões que proferira outrora, os actos que praticara tinham magoado em excesso, e assim o públi co desinteressava-se das consequências que o escândalo podia ter para a sua causadora. Pelo contrário, ninguém queria melindrar Melanie ou India; era, pois mais em volta destas do que em torno de Scarlett que'a tempestade girava, concentrada numa simples interrogativa: "Teria India mentido?"

498

os que aceitavam a explicação de Melanie apontavam triunfantemente o facto de que esta andava sempre na companhia de Scarlett; ora não seria natural que uma pessoa de princípios tão rígidos, como Melanie, se fizesse paladina duma culpada, e culpada com o próprio marido dela. India era pois uma solteirona despeitada, que odiava Scarlett e que persuadira Archie e a senhora Elsing com as suas mentiras.

Mas (objectavam os partidários de India) se Scarlett não era culpada, onde estava o capitão Butler? Por que não se encontrava ao lado da mulher, socorrendo-a com o seu apoio moral? Eis uma pergunta irresponsável. E, à medida que passavam as semanas e se espalhava o boato da gravidez de Searlett, ia aumentando a satisfação no grupo favorável a India. A criança não devia ser do capi~ tão Butler, murmuravam: todos sabiam que os esposos faziam há muito tempo vida à parte. Assim corriam os mexericos, que dividiam a opinião pública e a própria sociedade, tão unida antigamente, dos Hamiltons, Wilkes, Burrs, Whitmans e Winf ields., Qualquer membro destas famílias era obrigado a tomar partido, pois não havia terreno neutral. Disso se encarregavam Melanie com a sua fria polidez e Indía com a sua amargura corrosiva. Todavia, de qualquer lado que arregimentassem os parentes, todos estavam ressentidos para com Scarlett por os ter metido naquela, complicação. Nenhum deles achava que ela merecesse tantos sacrifícios e canseiras. E também, não importa de que lado se encontrassem, todos deploravam que India tomasse a iniciativa de lavar em público a roupa suja da família e envolvesse Ashley num escândalo tão desonroso. Metade de Atlanta pretendia ter parentesco com Melanie e India: para deslindar esses laços de sangue ou afinidade seria preciso ser um georgiano de gema. Todos possuíam ao mais alto grau o espírito de tribo. Em ocasiões difíceis, apresentavam-se numa falange maciça, fosse qual fosse a opinião que cada um tivesse a respeito dos outros componentes do grupo. Com excepção da guerrilha levada a cabo pela tia Pitty contra o tio Henry, e que durante anos fora assunto de troças na família, nunca houvera brecha aberta nesse quadrado tão unido. Eram pessoas bem educadas, tranquilas discretas, e não costumavam altercar com as outras fa M'ílias de Atlanta.

499

Agora, porém, achavam-se divididos, es cidade teve o privilégio- de ver primos' tios e sobrinhos tomarem partido no mais belo escândalo, familiar. Isto pôs à prova o tacto e a paciência da outra metade da população, pois a querela de Indía, e Melanie abalou a própria estrutura social. Os grupos de amigos de teatro e as agremiações de costura, círculos musicais e obras de embelezamento das

sepulturas estavam também envolvidos! neste prélio assim como as quatro igrejas respectivas damas auxiliares e sociedades missionárias. Era preciso estar atento para não meter na mesma comissão membros de facções opostas.

Nas reuniões vespertinas em Atlanta, as donas de casa passavam tormentos entre as quatro e as seis horas, receando sempre que Melanie e Scarlett aparecessem ao mesmo tempo que India e os seus partidários. De toda a família, era a pobre da tia Pitty quem sofria mais com este estado de coisas. Ela, que só desejava viver confortavelmente no, meio da estima, dos seus parentes, gostaria bastante de conservar o cão e o gato no mesmo.sítio, mas nem um nem outro lho permitiam. India vivia com a tia Pitty e seesta se pusesse do lado de Melanie como desejaria f@zer, India, deixá-la-la imediatamente.' Mas, neste último caso, para onde iria, a, tia Pitty? Não podia morar s6. Ver-se-ia obrigada a arranjar uma pessoa estranha para a acompanhar ou acomodar-se na residência de Scarlett. Quanto a este último projecto desconfiava que o capitão Butler não lhe faria grande oposição. Ainda havia outra solução: era a de instalar-se em casa de Melanie, dormindo w cubículo ocupado por Beau.

Pitty não morria de amores por India, que a intimidava, com as suas maneiras secas e as suas convicções apaixonadas; mas, graças à sobrinha gozava de certo bem-estar, e, como obedecia sempre mais às9 considerações desta ordem do que às de natureza, moral, India acabou por ficar. Entretanto, a presença desta na casa atraiu a ternpe,'Z!>tade sobre a cabeça, de Pitty, porque tanto Scarlett como Melanie concluíram que a tia aderira ao partido de India. Scarlett recusou redondamente contribuir para, o sustento de Pitty, enquanto India vivesse debaixo do seu tecto. Todas as semanas, Asliley mandava dinheiro à irmã, mas todas as semanas India lho devolvia com grande desespero da velhota. A situação financeira da casa de tijolos encarnados seria lamentável sem a intervenção. do tio

500

Henry, que obrigou Pitty a aceitar o seu auxili<>, o que muito a vexava.

Pitty gostava de Melanie mais do que a ninguém neste mundo (depois de ela mesma) e agora Melanie portava-se como `unia estranha, cheia de fria polidez. Embora vivesse na vizinhança de Pitty, apenas separadas por um quintal, Melanie nunca a visitava, ao passo que antigamente o fazia dúzias de vezes diariamente. Pitty, no entanto, ia vê-la, chorava e protestava a, sua estima e dedicação; Melanie, contudo, recusava-se a discutir o assunto e nunca lhe retribuía as visitas. Sabia a tia Pitty o que devia a, Scarlett: quase a, sua existência. Nesses dias já distantes, após a guerra, quando defrontava a alternativa; de recorrer ao irmão Henry ou morrer de fome, Scarlett alimentara-a e vestira-a e permitira-lhe manter a sua posição na sociedade de Atlanta. Depois de casar e de ter casa própria, Scarlett, mostrara-se a generosidade personificada. Se G capitão Butler-tão impressionante e sedutor-a visitava na companhia da mulher Pitty encontrava sobre a mesa uma carteira nova com no6s de Banco, ou lenços de renda a atarem moedas de oiro que mão habilidosa insinuara na sua caixa, de costura. Rhett jurava sempre não saber donde vinham esses presentes e acusava Pitty 'de maneira descarada, de ter um admirador clandestino - em geral o barbudo avô Merriwether.

Sim, Pitty devia afecto a Melanie, segurança, a Sca-rlett, Mas o que devia a India? Nada, a não ser que a presença de India lhe evitava renunciar aos seus hábitos de comodidade e tomar decisões pela sua própria cabeça. Tudo isto era tão desesperante e vulgar que Pitty (que jamais tomara deliberações por si mesma) deixou correr o marfim e passou muito tempo a derramar lágrimas que ninguém lhe enxugava.

Por fim, houve pessoas que acreditaram de boa vontade na inocência de Scarlett, não por causa das suas virtudes pessoais, mas porque Melanie depositava confiança nela. Outras fizeram reserva mental mostrando-se todavia corteses para com Scarlett; visitavam-na porque gostavam de Melanie e não, queriam perder a sua afeição. Os partidários de India cumprimentavam Scarlett. com frieza, e

alguns cortaram com ela abertamente. Estes últimos enfureciam-na, embora compreendesse que, se não fosse a, dedi-

501

cação de Melanie e o geu pronto contra-ataque, toda a cidade lhe voltaria as costas e ela ficaria banida da sociedade.

56

RHETT esteve ausente três meses e ' durante todo esse tempo, Scarlett nunca teve notícias dele. Não sabia do seu paradeiro ' nem quando tencionava regressar-se é que tencionava. No decurso desses três meses entregou-se ela às habituais ocupações de cabeça erguiáa e coração amargurado. Não se sentia bem, mas, compelida por Melanie, compareceu diariamente no armazém e tentou intere-war-se pelo trabalho das serrações. No entanto, ela primeira vez, o armazém aborrecia-a e, se bem que fnegócio, prosperasse e os lucros fossem maiores que no ano anterior, Scarlett não se importava com isso e tratava com dureza os empregados. A serração de Johnnie Gallagher dava grandes rendimentos e o fornecimento da estância malchegava para as encomendas mas nada do que Johnnie fazia ou dizia agradava a Sc@rlett. Tão irlandês como ela,, acabou por se encolerizar com as suas observações e ameaçou ir-se embora depois de longa tirada, que finalizou com estas palavras:

- E vá a senhora para o diabo com a maldição de Cromwe11.

Para oacalmar, Scarlett teve de -se 'rebaixar e apresentar4he, desculpas.

Nunca ia à serração de Asliley nem à estância quando calculava que ele lá estivesse. Na'jo podia esquivar-se aos convites de Melanie, e sabia 1que a sua presença. constante em casa de Asliley era para ele um suplício, pois que a evitava tanto quanto possível. Nunca se encontravam a sós, embora, Searlett ardesse em desejos de o interrogar. Gostaria de averiguar se ele a detestava agora que explicações dera a Melanie, mas Asliley mantinha-se a distância e dava bem a. entender que não queria conversas. Atormentava-a a visão daquele rosto envelhecido e apoquentado pelo remorso, e o facto de a serração queele dirigia estar a perder dinheiro todas as semanas era mais um motivo de amargura que ela tinha de calar.

Custava-lhe a ver a impotência de Astiley perante tal situação, 0 que este podia fazer, ela ignorava-o; mas achava

502

que Ashley devia agir. Rhett já teria feito qualquer coisa. Nunca ficava inactivo, ainda que procedesse mal, e essa sua maneira de ser só inspirava a consideração de Scarlett.

Depois que a ira esmorecera,, começara a sentir a falta de Rhett, e cada vez sentia mais, conforme decorriam os dias. Daquela tumulto de êxtase, de cólera, de desilusão e orgulho ferido que Rhett provocara, emergia o desânimo, que nela se instalara tal um corvo que viesse empoleirar-se-lhe no ombro. Tinha saudades do marido,, do seu modo desenvolvido de contar histórias que a faziam soltar gargalhadas, do seu sorriso trocista que reduzia à devida proporção as preocupações da mulher, e até dos seus sarcasmos que a irritavam e lhe faziam perder a cabeça. Lastimava, sobretudo, não o ter ali para lhe relatar as suas pequenas aventuras. Nesse ponto 'Rhett era perfeito. Scarlett podia-lhe dizer tudo sem corar. Se se gabava na sua presença de explorar os clientes em vez de se mostrar escandalizado ele era o primeiro a Èlicitá-la.

Sem Rhett e sem Borinie, sentia-se muito só. Obcecada pelas últimas palavras do marido a respeito de Wade e de Ella, tentou consagrar aos filhos alguns dos seus momentos livres, Mas foi trabalho baldado. As recriminações de Rhett e a reacção das crianças abriram-lhe os olhos à verdade exasperante. Quando os filhos eram pequeninos, Scarlett andava muito absorvida pelas questões de dinheiro, muito preocupada e muito irascível para granjear a sua afeição e confiança, E agora era tarde demais, ou então não tinha jeito nem paciência para penetrar naqueles coraÇõezinhos.

Ainda que isso a contrariasse, Scarlett via-se forçada a reconhecer que Ella, não, era inteligente. O seu espírito não se detinha mais tempo num assunto do que um pássaro se detém num ramo de árvore. Se Scarlett lhe contava uma história, não lhe prestava atenção, interrompendo-a para fazer perguntas que nada tinham a ver com a narrativa e esquecendo o que perguntara muito antes de a mãe acabar de lhe responder. Quanto a Wade... talvez Rhett tivesse razão. Talvez a receasse. Era anormal, e Scarlett sofria com isso. Por que motivo seu filho, seu único filho varão, teria medo dela? De cada vez que procurava obrigá-lo a falar, Wade fitava-a com os seus olhos castanhos e meigos, herdados do pai, e contrafeito, remexia-se na cadeira ou se apoiava ora sobre um pé, ora sobre o outro. No entanto,

503

em presença, de Melanie a pequeno não cessava de tagarelar, e tirava dos bolsos inúmeras coisas cujas formas lhe mostrava, desde vermes para isca até bocados de atilhos.

Melanie sabia tratar com miúdos. Não se lhe podia negar este, mérito. O seu Beau era o petiz mais bem educado e o mais adorável de Atlanta. Scarlett entendia-se melhor com ele do que com o próprio filho porque o pequeno Beau não se deixava intimidar pelas P@ssas crescidas. Quando a apanhava a jeito, trepava-lhe para os joelhos sem esperar por convite. E era tão lindo assim loirinho! O retrato do pai em criança. Se ao menos Wade fosse assim... Já claro que Melanie, não tendo mais filhos, podia ocupar-se deste à vontade. Demais a mais, não a solicitavam as preocupações e os cuidados de Scarlett. Ao menos, estava aí uma desculpa, que esta apresentava a si mesma, embora em sua consciência tivesse de concordar que Melanie dedicava verdadeira afeição às crianças e que ficaria satisfeítíssima se fosse mãe duma dúzia delas. Como lhe fora recusada essa, alegria, a ternura que a enchia transbordava para Wade e para os filhos das suas amigas.

Scarlett jamais esqueceria o abalo que sentira uma vez quando, indo de trem a casa de Melanie buscar Wade, o surpreendera a imitar o grito dos rebeldes... ele que à frente da mãe era calado como um rato. Beau secundava-o com a sua vozinha aguda. Ao entrar na sala, vira os dois pequenos a atacarem o sofá com sabres de pau... E eles, dando pela sua presença, logo se calaram. Melanie, rindo, aparecera atrás do sofá, onde se havia "refugiado", a recompor os cabelos desfeitos.

- É Gettysburgo - explicou ela. - Eu sou os yankees, que estavam em situação difícil. Aqui tens o General Lee... e o General Pickett - acrescentou, designando primeiramente o filho e pondo em seguida a mão no ombro de Wade.

Não havia dúvida: Melanie sabia lidar com gente miúda, coisa que ela jamais conseguira aprender. "Em todo o caso", pensou, "Bonnie é minha amiga e gosta de brincar comigo". Mas, ainda quanto a esta, ela teve de reconhecer que o preferido era Rhett. Ah, não a tomaria a ver, a sua filha?! A avaliar pela falta de notícias, bem podia acontecer que o marido estivesse na Pérsia, ou no Egipto e tivesse intenção de nunca mais voltar.

Quando o Dr. Meade lhe disse que ela se encontrava de

504

novo grávida, Scarlett ficou perplexa, pois esperava que ele diagnosticasse um derramamento de bile acompanhado de depressão nervosa. Lembrou-se então daquela noite violenta e isso bastou para a ruborizar. Seria pois, uma criança o resultado desses momentos de êxtase! Se ao menos nascesse um rapaz... Um rapagão valente e não uma criaturinha frágil como Wade. Quanto amor lhe devotaria! Como seria feliz, agora que tinha tempo disponível para consagrar a um nenê e bastante dinheiro com que lhe facilitasse a existência! Veio-lhe um desejo louco de esmear a Rhett a participar-lhe a notícia e dirigir a carta para casa da mãe dele, em Charleston. Já não era tempo de o marido regressar? Se ele continuasse ausente até o filho nascer? Como explicar depois o caso? Contudo, escrevendo a Rhett não julgaria este que ela queria apenas matar saudade. Era

até capaz de se rir. Não, por nada deste mundo deveria Rhett supor que a- mulher estava saudosa ou que precisava do marido.

E congratulou-se por ter resistido à tentação quando chegaram as primeiras novas de Rhett através duma carta da tia Pauline, enviada de Charleston onde parece que ele se achava de visita à mãe. Que alívio saber que não saíra dos Estados Unidos! Embora a carta a enfurecesse, não deixou, dum modo geral, de a tranquilizar. Rhett fora a casa das tias Robilla e levou-lhes Bonnie. A signatária não se fartava de elogiar tanto o pai como a filha.

"Que linda, pequena! Quando for crescida, há-de ser com certeza um 'encanto. Mas creio que tu também suspeitas de que será difícil a qualquer homem vir um dia, a fazer-lhe a corte. Terá de avir-se com o capitão Butler, que não é pai para brincadeiras. E tenho de te confessar uma coisa: até à altura de o conhecer pessoalmente, considerava o teu casamento como muito desigual, pois aqui ninguém dizia bem dele, muito pelo contrário. Até nem sabíamos se o devíamos receber a tia Eulalie e eu. No fim de contas, a tua linda petiza é nossa, sobrinha-neta e a verdade é que ficámos bem impressionadas com a sua visita e compreendemos que não era cristão dar crédito a esses boatos.

O capitão é um homem bastante simpático, com belo aspecto e pareceu-nos também sério e cortês. E é também teu amigo e da, pequena!

"Agora, minha querida, vou referir-me a qualquer coisa que nos chegou aos ouvidos... qualquer coisa 'que a tia

505

Eulalie e eu nos recusámos de começo a acreditar. É claro que já cáíamos que às vezes te ocupavas do armazém do teu defunto marido. Correram rumores a respeito disso, aos quais não quisemos dar fé. Bem compreendemos que, nos dias terríveis que se seguiram à guerra, se não podia proceder doutro modo, atendendo às circunstâncias. Mas hoje nada, te obriga a adoptar semelhante atitude. Sabemos que o capitão Butler é rico e que tem capacidade suficiente para gerir os teus negócios. Era necessário que puséssemos os pontos nos teus negócios, que lhe falássemos sem subterfúgios deste e doutros assuntos considerados melindrosos.

"Informou-nos, ele, com evidente desgosto, que tu passavas as manhãs no armazém e que não permitias a ninguém mexer nos livros de contas. Confirmou também que tinhas interesses numa, ou mais serrações (não insistimos neste ponto, perturbadas, como estávamos). Contou-nos a seguir que os negócios te forçavam a dar longas voltas de trem, sozinha, ou em companhia dum sujeito que (diz o capitão) é mesmo um assassino. Não nos foi difícil ver quanto isto o apouca e quanto, ele é indulgente, muitíssimo indulgente. Scarlett, isso tem de acabar. Tua mãe já não existe, para to impor, mas a mim compete substituí-la. Pensa no que poderão dizer os teus filhos, quando forem crescidos e te vejam a exercer semelhante profissão. Que aborrecidos hão-de ficar sabendo que te expões a ser insultada, por homens grosseiros; sabendo o que se diz acerca, dessas serrações... É tudo tão pouco feminino!"

Scarlett atirou fora a carta, sem acabar de a ler, e soltou uma praga. Reviu a cena das tias Pauline e Eulalie, na sua casa desmantelada de Charleston, a criticarem as suas acções -elas que morreriam de fome se a sobrinha lhe não mandasse todos, os meses qualquer coisa,! Pouco feminino? Se Scarlett não houvesse tido aquelas iniciativas, quem sabe se as duas tias nessa ocasião, possuiriam um tecto, sob que se abrigassem? E o patife do Rhett a lhes contar toda, a história do armazém, dos livros de contas, das estâncias de madeira? Falara "com evidente desgosto"... Ah, que farsante! Bem se via o prazer que tivera em se fazer passar aos olhos das velhotas por pai e marido amantíssimo. Com que, volúpia não descreveu a vida da mulher e as suas ocupações mercantis! Já era perversidade, essa de se divertir à sua custa.

506

Mas este acesso de raiva não tardou a transformar-se, em apatia. A vida, ultimamente, perdera para ela muito, do seu sabor. Se, ao menos, pudesse reencontrar tudo o que arnava em Ashley... Ou se Rhett voltasse para casa e a, fizesse rir a bom rir!

Pai e filha regressaram sem aviso. O primeiro sinal da sua volta foi o barulho, da bagagem a descarregar no chão do vestíbulo, e a voz de Bonnie a chamar: Mamã!

Scarlett saiu à pressa do quarto e precipitou-se até ao patamar, enquanto a pequena esforçava as pernas curtas para atingir os últimos degraus. Nos braços levava uma gatinha listrada.

- Foi a avó que me deu! - gritou no meio da sua excitação apresentando o animal pendurado pelo cachaço.

Scarlett pegou na filha ao colo e beijou-a, dando intimamente graças pelo facto de a presença da pequena lhe poupar o encontro, a seis com o marido. Olhando por cima da cabeça daquela, viu Rhett em baixo na entrada, a pagar ao cocheiro. Ele voltou-se, descobriu a mulher e cumprimenteou-a com uma saudação rasgada, como era seu costume. Ao encarar-se com os seus olhos pretos, Scarlett sentiu pulsar-lhe o coração. Que importava o que ele era e o que havia, ela estava de regresso, e ela alegrava-se com o facto,

- Que é da Babá? - perguntou Bonnie, esperneando de tal forma que a mãe teve de a pôr na chão. Não ia ser tão fácil, cama julgara, receber o marido com o conveniente à-vontade e anunciar-lhe que esperava um nené. Enquanto Rhett subia a escada, Scarlett não despregou os olhos daquele rosto moreno, tão indiferente, tão hermético. Não, não lhe falaria por enquanto no seu estado. Não ia dar-lhe a notícia assim à queima-roupa. Em geral, os maridos ficam radiantes com esse género de novidade e gostam de ser logo informados mas Scarlett tinha a impressão de que Rhett não, sentiria

prazer nenhum.

Postada no patamar e agarrada ao corrimão, perguntou-lhe:

- És a mesma se ele a beijaria. Mas não. a beijou e limitou-se a dizer:

- Estás pálida. Esgo-tou-se o carmim em Atlanta? Nem uma palavra que exprimisse a alegria de a tornar a ver, ainda que fosse por simples; questão de delicadeza. Ao menos, podia beijá-la em frente de Babá que, depois

507

de breve saudação, se apoderou de Bonnie e a levou para o quarto das crianças. Scarlett detivera-se ao lado de Scarlett e observava-a com ar despreocupado.

- Por acaso essa palidez significará saudades da minha pessoa? - perguntou, com um sorriso que não lhe passou dos lábios.

Eis, pois, a atitude que ele tencionava adoptar. Ia ser tão, odioso como antes. De súbito, a criança, que Scarlett trazia dentro de si e que tanta felicidade lhe causara, transformou-se numa carga indesejável; e aquele homem, espedaçado à sua frente, com o largo panamá sobre a cabeça, tornou-se o seu inimigo mais cruel, a causa de todos os males. Havia algo de perverso no olhar de Scarlett quando ela respondeu, e um rancor tão evidente que Rhett deixou de sorrir.

- Se estou pálida a culpa é tua, e não, porque tivesse saudades da tua, valiosíssima pessoa! Porque... - Oh., não era assim que, queria dar-lhe a notícia, mas as palavras vinham-lhe à boca e ela proferiu-as sem se importar que os criados a ouvissem. -] porque vou ter uma criança!

Rhett engoliu em seco e envolveu Scarlett num olhar rápido. Avançou como, se fosse pousar a mão, no braço da mulher, mas esta recuou e os seus olhos exprimiam tanto ódio que a fisionomia, dele endureceu.

- Ali, sim?! - voltou em tom glacial. - E quem é o feliz pai? Ashley?

Scarlett agarrou-se ao corrimão e com tanta força que as orelhas do leão esculpido na parede se lhe cravaram nas palmas dolorosamente. Embora já conhecesse o feitio de Rhett, não esperava semelhante insulto. Ele gracejava, é claro, mas há gracejos monstruosos demais para serem tolerados. Scarlett só queria poder enterrar-lhe nos olhos as unhas asguçadas, e extinguir aquele estranho fulgor que neles via brilhar.

- Vai para o inferno! - bradou com voz trémula de cólera. - Sabes perfeitamente que esta criança é tua, mas de&ejo-a tanto como tu. Não há mulher nenhuma, que deseje ter filhos dum grosseirão como tu. Oxalá... oli, meu Deus, quem me dera que esta criança não, fosse tua, que fosse de qualquer outro, homem!

Scarlett viu a cara de Rhett alterar-se repentinamente ,s<yb o, efeito da ira, e de mais alguma coisa que ela não con-

508

seguiu analisar. As feições contraíram-se-lhe como se o houvessem picado.

"Atingi-o em cheio!" pensou Scarlett com maligno prazer.

Mas de novo a máscara da impassibilidade cobriu a, face de Rhett que aXa-gou o bigode.

- Não tQ @flijas com is2o! - retorquiu, voltando,-lhe as costas. -]@, possível que tenhas um mau sucesso,

Por um momento, Scarlett, sentiu a cabeça, andar à roda; pensou no que @<@ígnificava a maternidade, com o habitual enjoo, a entediante expectativa, a deformação do corpo, as hora" de sofrimentos -todas essas coisas que um homem não podia, avaliar, E Rhett atrevia-se, a dizer gracejos! Pois ela havia de lhe enterrar as garras na cara. Só a vista, do sangue naquele rosto trigueiroi lhe acalmaria a dor que a, dominava. Lesta como uma gaita, atirou-se a Rhett> mas este, num movimento rápido, estend-eu. o braço, para a, repelir. Scarlett encontrava-se na borda da escada encerrada recentemente, e, ao embater no braço do marido, perdeu o equilíbrio. Tentou ainda segurar-se a um bala.ústre, mas não o conseguiu. Caiu de costas, sentiu uma dor lancinante nas vértebras e, sem que pudesse deter-se, rolou até ao. último degrau.

Era a primeira vez que Scarlett, estava doente exceptuando os seus partos - porque estes não podiam @er catalogados como do,ença, Um parto em forma não era enfermidade. Quando tivera ag crianças, nunca se sentira desamparada, não sentira medo como agora, assustada como, .:§e encontrava, com a fraqueza e o sofrimento. Sabia que o seu estado era mais grave do que lhe diziam e tinha a !dela, Confusa de que poderia morrer. Sempre que respirava, a, costela partida dava-lhe como que uma punhalada. Doía-lhe a cabeça contusa, e também a cara, e todo o corpo parecia entregue a diabinhos que lhe arrancassem a carne ,com pinças ao rubro,, lhe retalhassem os membros com facas rombas e a deixassem por curtos intervalos, tão esgotada que, não tinha tem@o, de se recompor antes dei nova ívestida. Não, um parto não se assemelhava em nada àquela tortura, Duas horas depois do nascimento de Wade, de Ella, de Bonnie Scarlett comera com apetite. Presentemente, só a água f@ia é que não lhe dava náuseais.

Com<> era fácil ter uma criança -e como era doloroso

509

não a ter! E que estranha sensação experimentara ao saber que esta criança não chegaria a nascer! Ainda mais estranho era o facto de esse filho ser o único que ela desejara dar à luz. Tentava compenetrar-se da razão desse desejo, mas tinha o espírito muito fatigado para poder reflectir, para pensar noutra coisa que não fosse o receio da, morte. A morte rondava o quarto e Scarlett estava cheia de medo e não tinha forcas de a repelir. Queria alguém a seu lado, alguém que lhe de~ a, mão e combatesse em seu lugar até que as forças lhe voltassem e ela pudesse continuar-a luta. contra a morte.

O sofrimento abafara a cólera, e Scarlett tinha necessidade de Rhett. Mas Rhett não se encontrava ali e ela não conseguia perguntar pelo marido.

A última recordação, que dele conservara, era a dum homem lívido, de rosto alterado pelo terror, a chamar pela Babá com voz estrangulada. Lembrava-se também de a terem transportado ao colo. E depois... dores e mais dores, murmúrios de vozes, soluços da tia Pitty ordens bruscas do Dr. Meade, passos precipitados na es@ada e no corredor.-. Então como a claridade fulgurante dum relâmpago,

ela compreen'дераque a morte andava por ali, esforçara-se por gritar um nome e o seu grito não passara dum suspiro.

No entanto, aquele suspiro desesperado despertou eco na obscuridade que a envolvia e a voz doce da pessoa por quem chamara fez-se ouvir em tom embalador:

Estou aqui, minha querida. Tenho estado sempre aqui.

Quando Melanie lhe pegou na mão e a encostou à face fresca, a morte e a angústia afastaram--se devagarinho. Scarlett quis voltar-se para a ver, mas não, pôde. Melly ia ter uma criança e os yankees não tardavam. A cidade estava, em chamas e era necessário apressar-se. Mas a Melly ia ter um filho; não se encontrava em condições de correr, Scarlett devia. ficar ao lado dela até que a criança nascesse e mostrar-se forte porque Melly precisava da sua forç@-. Melly sofria tanto... Queimavam-na com ferros quentes, retalhavam-na com facas rombas, e a dor invadia-a como uma onda, Tinha de segurar na mão de Melly.

Mas, afinal, o Dr. Meade comparecera ali, a-pesar da sua presença ser reclamada na estação, onde se amontoavam os soldados feridos. Estava ali, p<>Is que o ouviu dizer:

510

- Ela delira. Onde está o capitão Butler? Veio a noite, e em seguida o dia. E ora ela mesma é que ia ter a criança, <>ã Melanie é que gritava. com as dores do parto; mas esta mantinha-se ali, sempre a seu lado. As suas mãos eram frescas. E não fazia gestos inúteis nem soluçava como a tia, Pitty. De cada vez que Scarlett abria os olhos e dizia "Melly", a sua voz respondia. Scarlett, nesses momentos, ia murmurar: "Rhett... quero Rliett"?mas lembrava-se, como em sonho, que Rhett não a queria, e revia-lhe a cara escura como a dum índio e w alvos dentes à mostra num riso escarninho. Numa ocasião que chamou por Melanie, a voz de Babá respondeu-lhe:

-Sou eu, filha. E Babá pôs-lhe um pano frio na testa. Scarlett, agitando,-se no leito, chamou sem cessar* "Melly.. Melly", mas esta não acudia ao seu aj>elo porqueestava sentada na borda da cama de Rhett, enquanto Rhett, ébrio' soluçante e meio estirado no chão, chorava com a cabeça. apoiada no regaço de Melanie,

Sempre que ela saía do quarto de Scarlett, via Rhett sentado na beira da sua cama, com a porta escancarada e olhar fixo no corredor. O quarto estava em desordem, juncado de pontas de charuto e de pratos em que não, tocara. A e-ama, encontrava-se revolta, e Rhett, com a barba por fazer e cara angustiada, passava aí o tempo, a fumar con&tan,tQmente. Nunca formulava perguntas quando via Mela, nie. Ela avançava até ao limiar e coniunicava-lhe em breves palavras o estado da doente.

"Lastimo dizer, mas está pior". Ou então: "Não, não perguntou ainda por si, Bem vê, está delirante ... " Ou ainda: "Não desespere, capitão Butler. DeiY,C-me preparar-lhe uma xícara de café e qualquer coisa Para comer. Assim, adoece com certeza.]@ preciso reagir".

Melanie tinha pena dele, embora estivesse muito extenuada e muito ensonada para sentir fosse o que fosse. Como podiam as pessoas dizer tanto mal de Rhett? Pretenderem que ele não tinha coração, que, era mau e infiel a SP-arlett, quando o via ali a emagrecer quando, lhe via urn rosto tão atormentado! Apesar de e@gotada, esforçava-se por ser o mais bondosa possível quando lhe ia dar noticias da doente, Rhett parecia um réu à espera da con-@ denação.... ou uma. criança que se encontrasse num mundo

511

",g"

.' "@@q

hostil. Mas, para Melanie, todos se assemelhavam a crianças.

Quando, a transbordar alegria, lhe foi anunciar que Scarlett estava melhor, nunca imaginou o que a esperava. Sobre a mesa de cabeceira encontrava-se uma garrafa de whisky meio despejada; o quarto tresandava a álcool. Rhett ergueu para Melanie um olhar vítreo e os músculos das faces começaram a tremer~lhe, apesar de ele querer domi~ nar-se.

- Morreu?

- Oh ' não! Está muito melhor. -Louvado -seja Deus! -exclamou Rhett, escondendo a cara entre as mãos.

Melanie viu os ombros sacudirem-se-lhe com um tremor nervoso e ficou cheia de comíseração; mas a sua piedade transformou-se em terror quando notou que ele chorava. Nunca ela vira um homem chorar... E Rhett, tão amável, tão gracejador, sempre tão seguro de si mesmo, naquele estado! Chorava com fortes soluços que a, assustavam. Aterrava-a a ideia de que ele estivesse embriagado, porque sempre tivera medo dos bêbados. No entanto, quando Rhett ergueu a cabeça e Melanie viu a expressão do seu olhar, entrou logo no quarto, fechou a porta e aproximou-se dele, Não, nunca vira um homem chorar, ma., enxugara as lágrimas de muitas crianças. Assim que Melanie lhe pousou a mão no ombro, os braços de Rhett enlaçaram-lhe a cintura. Sem saber como, viu-se sentada na cama, enquanto Rhett, ajoelhado no chão, deitava a cabeça no seu regaço e a agarrava com tanta violência que chegava a magoá-la.

Acariciando-lhe os cabelos negros, Melanie quis consolá-lo:

- Então, então -disse, suavemente. -Ela. vai ficar boa. Ao ouvir estas palavras, Rhett abraçou-a ainda com mais força e desatou a falar com extraordinária rapidez, Expressava-se numa voz rouca, e falava, falava como se confiasse os seus segredos a um túmulo que jamais os revelaria a ninguém. Pela primeira vez na vida mostrava-se tal como era. Impiedoso consigo, mesmo, confessou-se a Melanie, à maternal Melanie que o ouvia sem o compreender a princípio. Com a, cabeça encostada ao seu colo, puxava-lhe as pregas da saia, enquanto discorria numa voz que ora se perdia num murmúrio confuso, ora emitia clara-

512

mente frases duras, amargas. Confessou tudo, evidenciou a sua torpeza. Falou de coisas que nem sequer uma mulher jamais mencionara à frente dela, revelou factos secretos que a fizeram ruborizar. Contente por ele não lhe ver a cara, afagava-lhe a cabeça como costumava, afagar a do seu pequeno, Beau, e dizia-lhe:

-Cale-se capitão Butler! Não deve dizer-me isso. Não está em si. dale-se!

Ele contudo, prosseguia. Era uma verdadeira torrente de palavras. Como se fosse a sua última tábua de salvação, agarrava-se cada vez mais à saia de Melanie, Acusava-se de actos que ela não compreendia., Mencionou o nome de Belle Watling e, por fim, sacudindo-a com violência, exclamou:

- Matei Scarlett, matei-a! Não percebe? Ela não queria ter esta criança., e...

-Já lhe disse que não está em si. Cale-se! Não, queria a criança? Mas se todas as mulheres querem...

- Isso é a Melanie, A Scarlet não. Pelo menos filhos meus...

- Cale-se! -Não percebe. Ela não queria e eu gerei-lhe um filho. Essa criança... foi por minha culpa. Havia muito tempo que não dormíamos juntos...

-Não se dizem coisas dessas, Cale-se, capitão Butler.

- Eu estava bêbado, desvairado. Queria fazer-lhe mal... porque ela me fizera a mim. Queria.... e conseguiu-o... mas Scarlett, não queria, nunca me quis. Tentei tudo ...

- Oh, peço-lhe! -Eu não sabia que ela estava nesse estado ... até ao dia em que caiu. Scarlett ignorava o lugar onde me encontrava, para me escrever e contar-me... mas ainda que o soubesse, não me teria escrito. Pois o que lhe digo é que viria logo para casa... se o houvesse sabido... quer ela me desejasse quer não.

- Sim, voltaria. Não duvido.,

- Meu Deus andei desorientado todas estas semanas, desorientado e bêbado! Ah, quando ela me disse, ali na escada... que fiz eu? Que respondi? Dei uma, gargalhada e observei: "Não, te aflijas. É possível que tenhas um mau sucesso". E ela...

33 - Vento Levou - 11

513

JW2

De súbito Melanie tornou-se lívida arregalou os olhos apavorada, desceu a vista sobre a cabeça de Rhett, poisada nos seus joelhos, essa cabeça que estremecia sob o império da comoção. Pela janela aberta, o sol da tarde entrava a jorros, e Melanie, como se fosse pela primeira vez, notou quanto as mãos de Rhett eram grandes morenas e fortes sob o pêlo espessa que lhes cobria as costas. Involuntariamente, teve um movimento de recuo. Pareciam tão vorazes, tão impiedosas; no entanto, enclavinadas nas pregas da sua saia, deram-lhe a ideia de dois objectos quebrados e inúteis. Seria possível que ele houvesse sabido daquele boato relativo a Scarlett e Ashley e acreditando-o, ficasse ciumento? A verdade é que ele deixara a cidade logo após o escândalo. Mas... Não, não era possível. O capitão Butler partia sempre em viagens inesperadas. E não era homem para acreditar em maledicências; pelo contrário tratava-se duma pessoa muito sensata. Aliás, teria matado Ashley ou, pelo menos, pedido uma explicação.

A causa residia na falta de que se achava bêbado naquele dia depois de haver estado tão inquieto nas semanas anteriores. Aquilo não passava duma espécie de delírio que o tomara e o fazia dizer coisas à toa. Os homens suportavam as provações muito menos do que as mulheres. É claro que sempre houvesse fosse o que fosse. Naturalmente questionara com a mulher e o cérebro fatigado ampliara os acontecimentos. Uma ou outra das suas revelações podia ser exacta, mas não todas. A última é que não com certeza! Nenhum homem diria isso à mulher, e Butler amava Scarlett apaixonadamente. Melanie nunca via o mal à sua roda, nem a crueldade, e agora que, pela primeira vez, tomava contacto com isso achava tudo iziverosimil e inacreditável. Rhett estava êrlo. Estava doente, e não convinha contrariar as crianças doentes...

- Então, então! - murmurou, num tom embalsado. -

Não diga mais nada, Eu já compreendi.

Rhett ergueu a cabeça---de modo brusco, fitou-a com os olhos injectados de sangue e repeliu as mãos de Melanie, num gesto altivo,

- Santo Deus é lá capaz de compreender! É boa demais. Não me 'acreditou sequer. Mas tudo o que eu disse é verdade. Sou um selvagem. Sabe por que motivo o fiz? Estava desvairado, com ciúmes. Scarlett nunca me

514

1 Iêk : . 1,11 -

teve amor e eu pensava que a levaria a amar-me. Não, nunca gostou de mim. Não gosta senão de... Aquele olhar esbraseado, de bêbado, encontrou o dela, e Rhett ficou calado, de boca aberta, como se só então percebesse com quem é que estava a falar. Melanie tinha o rosto lívido, transfigurado, mas o seu olhar incrédulo, repleto de lágrimas, conservava-se calmo e mantinha a sua doçura. Dele se evolava uma serenidade luminosa; a inocência que emergia dessas pupilas suaves impressionou-o de tal maneira que se lhe dissiparam em parte os fumos do álcool e se detiveram nos lábios as palavras inconvenientes que se aprestavam a sair. Rhett mastigou, desviou a cara, e recuperou um pouco o sangue-frio.

-Sou indigno - disse por fim, descansando outra vez a cabeça no regaço de Melanie. - Mas não tanto como podia ser... Se eu continuasse, não me acreditaria. É bondosa demais para dar crédito a essas coisas. Antes de a conhecer, eu não havia encontrado ainda uma pessoa que fosse realmente boa. Não me acreditaria, não é verdade?

- Não, não o acreditaria - respondeu Melanie, recomeçando a acariciar-lhe os cabelos. - Scarlett vai restabelecer-se. Então, capitão Butler! Não chore. Ela vai recuperar a saúde.

57

ERA uma mulher pálida e magra a que Rhett conduzia ao comboio de Jonesboro, um mês depois. Wade e Ella, que deviam acompanhar a mãe, calavam-se e sentiam-se constrangidos perante o rosto lívido e parado de Scarlett. Agarravam-se a Prissy, porque, mesmo para os seus pequeninos cérebros infantis, havia, algo de assustador na atmosfera fria e estagnada que reinava entre a mãe e o, padrasto.

Fracamente como estava, Scarlett resolvera seguir para Tara. Tinha a impressão de que sufocaria se ficasse mais um dia em Atlanta. Já não podia pisar e repisar os mesmos pensamentos, que a levavam de contínuo a considerá-los na desordem da sua vida. Adoecera de corpo e alma, e tornara-se numa criança perdida em horríveis pesadelos, sem ter possibilidade de lhes escapar. Fugia de Atlanta como o fizera outrora diante do Exército invasor, e assim relegava para mais tarde as Melas que a atormentavam, graças à fórmula de defesa:

515

"Agora não quero pensar nisto. Senão, não resistirei. Amanhã, em Tara, verei o que posso decidir. No fim de contas, a noite é boa, conselheira". Paralecia-lhe que, se pudesse reencontrar a calma e os verdes campos de algodão da sua terra natal, todas as suas inquietações se extinguiriam e conseguiria reatar o fio dos pensamentos dispersos.

Rhett seguiu o comboio com o olhar, até que ele desapareceu. Então estampou-se-lhe no rosto uma expressão de amargura que fazia mágoa ver. Suspirou, mandou embora o cocheiro com o trem e saltando para o dorso do cavalo, foi em direcção à Ivy Street, onde habitava Melanie.

A manhã estava quente e Melanie senta-se na varanda, que a folhagem revestia, com um cesto, de costura cheio de meias para passar. Confusa, assustada, viu Rhett aparecer-se e amarrar as rédeas do cavalo no moleque de ferro fundido do passeio. Não o tornara a encontrar só, depois daquele dia, terrível em que Scarlett, piorara muito e Rhett se achava... digamos, embriagado. Melanie detestava proferir a palavra que lhe acudira ao espírito. Durante a convalescença, de Scarlett, trocara com ele poucas ou nenhuma impressões e, nesses momentos, mal se atrevera a fitá-lo. Ele, contudo, continuara a dar provas da sua amabilidade peculiar e nada deixava entender a cena que entre eles se passara. Ashley contara-lhe uma vez que os homens esqueciam muitas vezes o que tinham dito quando ébrios, e Melanie desejava sinceramente que Rhett perdesse a memória daquela ocasião. Antes morrer do que saber que ele se lembrava, das suas efusões.

Constrangida, intimidada, ela viu-o subir o passeio. Talvez viesse apenas convidar Beau a ir brincar com Bonnie.

O que não vinha, com certeza, era agradecer-lhe o que fizera por ele no tal dia famoso. Levantou-se para ir ao encontro e, como sempre, notou que Rhett andava com excessiva ligeireza para, um homem da sua corpulência.

Scarlett partiu? Partiu. Tara há-de fazer-lhe bem - respondeu sorrindo. - Às vezes penso que ela é como o gigante Anteu, cuja força aumentava ao tocar o solo pátrio. Necessita de se aproximar de vez em quando daquela lama vermelha, tanto do seu agrado. E então a vista dos algodoeiros em pleno crescimento há-de ser-lhe mais salutar do que todos os remédios do Dr. Meade.

- Não quer sentar-se? - perguntou Melanie, embar-

516

çada. Aquele homem era tão grande, tão másculo! Ao pé dos entes que transbordavam de vigor ela sentia-se sempre atarantada. Parecia desprender-se desse homem uma força e uma vitalidade que a tornavam, aos seus próprios olhos, mais pequena e mais fraca ainda. E que trigueiro que ele estava! Quão impressionante! Os músculos espessos dos braços, moviam-se sob o casaco de linho branco numa forma que intimidava. Custava-lhe a crer ter visto toda aquela força orgulhosa rebaixar-se um dia à sua frente. E pensar que tivera - essa cabeça. poisada nos seus joelhos! "Oh, meu Deus!" murmurou, e-orando de novo.

- Escute - disse Rhett em voz suave - a minha presença aborrece-a? Prefere que me vá embora? Diga-o francamente.

"Oh, ele recorda-se", pensou Melanie. "E sabe como eu estou perturbada..."

Lançou-lhe um olhar suplicante, mas, de repente, a sua confusão e embaraço desapareceram. Havia tanta paz, bondade e compreensão nos olhos de Rhett que ela se admirou de como fora tão estúpida para se impressionar àquele ponto. O marido de Scarlett tinha uma expressão cansada... Melanie

chegou a achar-lhe um ar triste. Como pudera supor que ele fosse tão mal educado que viesse insistir em assuntos sobre os quais ambos desejavam pôr uma pedra? "Coitado", disse para consigo "aflige-se tanto por causa de Scarlett ... " E sorrindo acrescentou em voz alta:

- Faça favor de se sentar, capitão Bútlar. Rhett sentou-se pesadamente e observou Melanie, que tornava, a ocupar-se da costura.

- Vim pedir-lhe um grande favor - começou ele, sorrindo também. -Queria que me promettesse o seu concurso para levar a cabo uma ideia que a princípio talvez a horrorize.

-Qual ideia? -Trata-se de negócios, em suma,

- Ah, nesse caso é ao meu marido que deve dirigir-se! Disso não percebo patavina. Não sou esperta como Scarlett.

-Receio que Scarlett não seja suficientemente esperta para, fazer o que mais lhe convém. Por isso decidi falar consigo. Sabe como ela esteve... doente, Quando voltar de Tara, vai querer retomar a sua actividade no armazém e nas serrações... essas coisas que eu gostaria, de ver destruídas. Temo pela saúde de minha mulher, esta é a verdade.

517

- Scarlett, realmente, tem trabalhado em excesso. Devia obrigá-la a moderar-se.

Butler riu-se. -Bem sabe como ela é teímersa.. Até fujo de encetar uma discussão. n como uma criança cabeçuda, Não quer que eu a ajude, nem eu nem ninguém. Esforcei-me por conseguir que vendesse as serrações, mas qual! Vão lá convencê-la! E agora é altura de tocar na. questão que me trouxe cá. Scarlett seria capaz sim' de vender a sua parte nas fábricas... mas, só a<) senhor W11kes. Ora eu queria que o senhor Wilkes dissesse que comprava...

-Isso seria. uma coisa admirável. O pior é que... Melanie calou-se e mordeu os lábios. Não podia falar a um estranho do estado económico do seu lar. Apesar do que Ashley ganhava na serração, o certo é que o dinheiro não abundava. Era tão difícil fazer economias! Nem sabia como se escoavam as notas... Ashley dava-lhe o necessário para os gastos, caseiros, mas o mal vinha todo das despesas imprevistas e de certas compras a que não resistiam.--A conta do médico era. choruda, os livros e móveis que Ashley encomendava em Nova Iorque perfaziam somas importantes. Depois, os vagabundos que abrigavam no subterrâneo... Além de que Ashley jamais se recusava a emprestar dinheiro -aos velhos camaradas das fileiras da Confederação,

- Oiça. Estou disposto a emprestar a quantia necessária -acudiu ele.

- Muito amável da sua parte, capitão. Mas arriscávamo-nos a nunca poder reembolsá-lo.

- Não faço empenho em ser reembolsado. Peço que não se zangue comigo e que escute até ao fim. Considerar-me-la bem pago se Scarlett não se fatigasse mais a fazer milhas e milhas de trajecto, para ir às fábricas. O armazém basta para a distrair. Compreende?

- Quer dizer que... - começou Melanée, pouco convencida,

- Quer oferecer um garrano ao seu filho, não quer? Quer também que ele curse a Universidade e que viaje em seguida pela Europa...

- Já se vê! - exclamou ela, cujo rosto se iluminou, como acontecia sempre que se tratava, do rapazinho. -

Gosta-ria que ele tivesse tudo isso, mas--- Enfim, os meios de que dispomos...

518

-o senhor W11kes poderá ganhar muito nas serrações

-insinuou Rhett. -E eu ficaria satisfeito se vi~ Beau aproveitar-se dos benefícios que merece,

- Ah capitão Butler, que sabido que o senhor é! Aproveita-ge o orgulho materno, lisonjead"... Estou a perceber tudo...

-Então, deixa-me emprestar-lhe o dinheiro? -atalhou ,Rhett, em cujos olhos brilhou pela. primeira vez um clarão.

- Agora combinemos as coisas como dois conspiradores. Scarlett e W11kes têm de ser iludidos.

- Meu Deus nunca seria capaz... -Se Scarlett desconfiar que eu tramo seja o que for, nas suas coisas; ainda, que seja para bem dela.--- enfim., conhece-a, não é verdade? E também o seu marido não concordaria que eu lhe emprestasse dinheiro, É preciso, pois, que nenhum deles saiba, donde veio essa quantia.

-Tenho a impressão de que Ashley se não importava, uma vez que lhe explicassem tudo,]@ tão amigo de Scarlett!

- Não duvido - comentou Rhett, com a maior doçura.

- Mas recusaria do mesmo modo. Os Wilkes são muito orgulhosos.

- Sim... capitão Bufler... mas eu não posso mentir ao meu marido.

-Ainda que seja, para bem de Scarlett? De Scarlett, que gosta tanto de si?

Tombaram lágrimas dos olhos de Melly.

- Sabe que estou sempre pronta. a fazer tudo por ela.. Nunca lhe pagarei bastante o que Scarlett fez por mim. Não o ignora, "pitão.

- De acordo - voltou ele. - Sei o que minha mulher fez por si. E se dissesse ao senhor Wilkes que um parente <jUalquer lhes deixou dinheiro em testamento?

- Ah, infelizmente os nossos parentes falecidos estavam todos na penúria,!...

- E se eu enviar o dinheiro ao seu marido, pelo correio, ,sem que ele saiba, o nome do expedidor?

Paria, com que aprovaQitasse essa quantia para comprar o negócio... e que não o distribuísse, em vez disso, pelos confederados pobres?

Melanie sentiu-se ferida com estas últimas palavras, que pareciam dirigidas ao próprio Ashley. Mas Rhett sorriu com um ar tão compreensivo que ela lhe retribuiu o sorriso.

-Está bem, Farei o que me pede.

519

- Então, é negócio arrumado? E guardamos segredo não é verdade?

- Mas eu nunca. tenho segredos para o meu marido...

- Acredito, minha senhora, Olhando-o n.~ momento, Melanie pensou como apreclara com justiça o verdadeiro carácter desse homem, quando toda a gente se enganava a seu respeito. Acusavam-no de brutal, desdenhoso, mal educado e desonesto, embora já alguns comessem a formar opinião diferente. 'Ela, ao menos, previra desde logo que Butler era, uma, pessoa admirável, Nunca a tratara senão com todo o respeito e demonstrava sempre compreend&1a muito bem. Além disso, era doido por Scarlett. Melanie achava, deveras- delicado o processo de que ele se queria servir para desembaraçar a mulher dos seus trabalhos excessivos. E, num impulso de simpatia, exclamou:

- Scarlett tem sorte em possuir um marido como o senhor!

- Acha que gim? Se ela nos estivesse a ouvir, naturalmente não concordaria consigo. Mas também quero ser útil a si e dou-lhe mais do que dou a, Scarlett.

- A mim? - retorquiu Melly, admirada. - Quer dizer... a Beau.

Rhett peg@o,u no chapéu e levantou-se, Ficou um instante a contemplar o rosto desgracioso de Melanie, em forma de coração, de testa baixa e olhos escuros e sério rosto duma mulher indefesa, contra os ataques da vida.

-Não, não é a Beau. Tento, oferecer-lhe qualquer coisa ainda melhor do que Beau, se é possível imaginá-lo.

- De facto, é-me impossível - voltou ela, no cúmulo da. surpresa. -Não tenho nada no mundo mais precioso do que Beau... a não ser Ashley.

Rhett não disse nada e continuou a contemplá-la. -É muito amável da sua parte, capitão Butler... mas já sou tão afortunada, tenho tudo aquilo a, que uma mulher pode aspirar neste mundo...

-Ótimo - redarguiu ele, franzindo de repente o cenho. -E eu pretendo fazer com que conserve tudo isso que tem.

Quando Scarlett regressou de Tara mostrava já um parecer menos doentio. As f&ces haviam-se-lhe enchido e tinham um pouca de cor. Nos olhos via-se-lhe, 0, fulgor de

outro tempo, a costumada vivacidade, Pela primeira vez, depois de tantas semanas, ela riu alto ao ver Rhett mais a pequena, na estação, a esperá-la com o trem. O marido exibia duas penas de peru na aba do chapéu, e Bonnie, metida num velho vestido, domingueiro, tinha a cara pintada de azul e uma pena, de pavão, quase do seu tamanho, espetada nos caracóis. Sem dúvida que pai e filha brinca~vam aos índios quando chegou a hora do comboio e pelo ar encolhido de Rhett e pelo aspecto indignado de habá, Scarlett compreendeu que a pequena se recusara a mudar de traje, apesar de ter de ir esperar a mãe.

-Em que lindo, estado os encontro! -exclamou esta, beijando a, criança. e apresentando o rosto ao marido. A estação estava cheia de gente que se comprimia, aliás ela não se teria prestado àquela manifestação de ternura. Apesar do constrangimento que lhe causava. a mascarada de Bonnie, Scarlett não deixou de notar que as pessoas, em vez de troçarem do pai e da filha riam com agrado perante o espectáculo que estes davam e os <,> consideravam simpáticos. Ninguém ignorava que a petiza de Butler fazia dele tudo o que queria, e todos concordavam com isso e pareciam ficar agradados, O grande amor de Rhett pela 'miúda' contribuía muito para o elevar na estima dos habitantes de Atlanta. " No trem que a levava a casa, Scarlett não cessou de contar novidades da comarca. O tempo quente e seco era favorável ao algodão: nas &cia tão depressa, a que se diria v&lo surgir da terra. Infelizmente, Will profetizava preços baixos lá para o Outono, Suellen esperava outro filho. (Isto foi dito em voz baixa, por causa dos pequenos). Ellen -que chegava, também> com Wade - mostrara muita coragem, dando uma dentada na filha mais velha de Suellen, o que aliás fora merecido pois a garota saía muito à mãe. Esta e Scarlett tinham-se zangado, e houvera entre as duas uma alteração forte, que lembrara as rixas dos bons tempos, de outrora. Wade, sozinho, matara uma vilbora. Randa e Camilla Tarleton eram agora mestras o que tinha imensa graça, porque nenhuma das Tarletons fora até aí capaz de pronunciar correctamente a mais simples das palavras, a, @etsy Tarleton casara-se com um sujeito gordo, de LoveJOY, e el"> e Hetty, e Jim, Tarleton cultivavam belo algodão em Fairh111, A senhora. Tarleton possuía, uma égua e um poldro e estava tão, feliz como se dispusesse de um

521

@@1

mil-hão de dólares. Na casa dos Calverts viviam pretos, os quais a haviam adquirido em hasta pública. A propriedade encontrava-se em estado lastimoso; até dava vontade de chorar quando se passava por lá. Ninguém sabia onde estava Cathleen neni-o indesejado marido, Alex ia desposar Sally, viúva do irmão, Imagine-se, depois de terem vivido por muitos anos debaixo do mesmo tecto! Todos diziam tratar-se dum casamento de conveniência, pois as más-línguas começavam a ocupar-se deles depois da morte da avó e da mãe, que habitavam no mesmo prédio. Dimity Munroe ficara inuito impressionada com o caso. Mas de quem a culpa? Se fosse mulher de mais iniciativa já teria descoberto outro homem há muito tempo, em vez de esperar que Alex tivesse dinheiro para lhe pedir a mão,

Scarlett tagarelava alegremente. Havia, porém, outras coisas que ela omitia, coisas que entristeciam só de as evocar. Percorrera a comarca inteira em carruagem na companhia de Will, e procurara, varrer da ideia a, @poca em que os algodoeiros reverdeciam aqueles milhares de acres de terreno fértil, Agora a, floresta invadia as plantações, e as giestas, os carvalhos e os pinheiros até cresciam no meio das ruínas. Em cada cem acres, só um se achava cultivado. Dava a impressão de se estar atravessando uma região morta.,

Serão precisos cinquenta anos para restabelecer a terra no que foi, se tal for possível! Isto dissera Will, que acrescentara: Graças a si, Scarlett, e a mim, Tara é ainda a melhor quinta da comarca; mas é apenas uma quinta que se lavracom duas mulas não chega a ser uma plantação. Depois de Tara, há

à propriedade dos Fontaines, e em seguida a dos Tarletons. Ninguém tira muito dinheiro, mas trabalha-se com energia. Quanto às restantes...

Não, Scarlett não gostava de se recordar do aspecto daquela zona deserta que ainda parecia mais lúgubre quando se comparava com Atlanta, em plena prosperidade.

-Correu tudo bem por aqui?-perguntou ela, já em casa, quando estavam sentados na varanda, Discorrera rápida, sem descanso, durante todo o caminho, temendo o silêncio que se pudesse estabelecer. Não tomara a falar só com o marido desde o dia em que -caíra na escada, agora pouca vontade mostrava de se encontrar junto dele, sem mais testemunhas. Ignorava os sentimentos que o marido nutria a seu respeito. Fora bondoso enquanto

522

---OL

durara essa penosa convalescença, mas aquilo parecia-se à bondade impessoal dum estranho. Adivinhara-lhe os desejos, impedira as crianças de a incomodarem superintendera no armazém e nas serrações. Nunca, porém, dissera: "Coitada!" Talvez não estivesse arrependido. Talvez continuasse a pensar que não era seu o filho que não chegou a nascer, Quem poderia decifrar o que se passava sob aquela ni'seara impenetrável? Mostrava-se, contudo, disposto à delicadeza, pela primeira vez na sua vida de casados e a deixar correr o marfim, como se nada de desagradável houvesse ocorrido entre eles... como se, pensou Scarlett sem entusiasmo, jamais entre ambos tivesse havido fosse o que fosse. - Correu, tudo bem? - repetiu. -

Arranjaste o toldo novo para o armazém? Trocaste as mulas? Por amor de Deus, Rhett tira-me essas penas do chapéu, Pareces um tonto. És, cá de te esquecer e sair assim para a cidade, -Não! -acudiu Bonnie, agarrando o chapéu do pai, para o proteger.

- Tudo correu bem - respondeu Rhett. - Bonnie e eu divertimo-nos bastante. Desde que partiste nenhuma só v@z a pentearam, ao que suponho, Não trinques as penas, minha querida. Pode fazer-te mal. Sim, o toldo está pronto e, quanto às mfflas, fiz excelente negócio. NQvidades, nenhu~ mas. Tudo -na mesma. - Em seguida, como quem se lembra de qualquer coisa, acrescentou-. -O ilustre Wilkes veio cá a noite passada. Queria saber o que eu pensava quanto à hipi@tese de lhe venderes uma das serrações e

parte da outra,

Scarlett, que oscilava na cadeira de baloiço, abanando-se com um leque, parou bruscamente.

-Vender? Mas onde arranjou Ashley dinheiro? Bem sabes que eles nunca têm nada. Melanie gasta tudo o que ele ganha,

Rhett encolheu os ombros.

- Calcula va que ela fosse pessoa económica. Mas a verdade é que não estou ao facto, como tu, do deve e haver da família Wilkes.

Este remoque, muito no velho estilo de Rhett, teve o condão de a enervar.

- Vai-te embora, minha linda -ordenou ela à pequena.

- A mamã precisa de convemr com o papk.

523

,1

@@' @á' @@

. -Não -declarou terminantemente Bonnie, que trepou para o colo de Rhett.

Scarlett carregou a cenho e a pequena, olhando-a de soslaio, assemelh.ou-se tanto @ Gerald O'Hara que a mãe esteve quase a rir.

- Deixa-a ficar - disse Rhett. - Quanto à forma. como ele arranjou dinheiro parece que foi assim: mandou-lho um sujeito que Wilke@ curou de varíola, em Rock Island... o que renova a minha fé na existência da gratidão. Vê-se que ela ainda existe no género humano.

-Que sujeito? Alguém do nosso conhecimento? -A carta não estava assinada. Vinha de Washington. Wilkes tem matutado, o mais possível para descobrir a identidade do remetente. Mas as pessoas

como Wilkes espia, lham tantas acções boa-s pelp mundo que não são capazes de se recordarem de todas.

Se a surpresa não a houvesse atordoadado, Searlett ripostaria como de costume, embora em Tara, decidisse não recommear as discussões com o marido, relativas a Ashley.

O terreno que ela, pisava era demasiadamente incerto e, antes que soubesse como devia proceder com qualquer desses homens, não, lhe convinha tomar nenhuma atitude.

-Com que então quer comprar-me a serração?

- Quer. Mas eu, é claro, fui-lhe dizendo que tu não vendias.

-Isso agora é comigo.

- Ora, bem sabes que não podes dQsfazer-te das serra- "s. Diss@-_1he que ele conhecia tanto quanto eu o teu feitió... Que não admitias a ideia de não dar ordens e conselhos a respeito de negócios.

- Atreveste-te a falar assim?

- Porque não? Se é a pura verdade... Suponho que ele concordou comigo inteiramente. Mas já sabe que não ia dizê-lo...]@ muito bem educado para o fazer.

- Pois enganas@-te! Vou vender! - exclamou Scarlett, furiosa.

Até essa altura não tinha nenhuma vontade de se desfazer das serrações. Vários motivos a levavam a pensar assim, entre eles o do valor monetário que elas representavam. Nos últimos tempos poderia ter-se desfeito delas, e até por somas importantes, mas havia recusado sempre todas as ofertas. As duas serrações eram a prova real de que fora capaz de fazer sem ajuda de ninguém, e à custa

524

de muitos obstáculos. Além disso, eram o 'nico cio que a)jgava a Ashley. Se elas saíssem da sua mão significava que perdia a possibilidade de se avistar a sós com Ashley... e precisava falar-lhe sem testemunhas. Não podia continuar mais tempo na dúvida quanto aos s@entimentos dele a seu respeito. Perdera para sempre o seu amor depois da horrível noite da recepção de Melanie? Na geátão dos negócios poderia encontrá-lo muitas vezes, sem dar a impressão de que o procurava. E, com o tempo, haveria de reconquistar o terreno que tivesse acaso perdido no seu coração. Mas, vendendo as serrações...

Não, não queria vendê-las; mas, espicaçada pela ideia de que Rhett a descrevera a Ashley sob um aspecto tão pouco amável embora verdadeiro, a sua resolução firInou-&e imediámente. Ashley teria o negócio, e por um preço tão baixo que não deixaria de uensar quanto ela era generosa,

- Vou vender! - repetiu. - Que te parece? Nos olhos de Rhett luziu uma chama de triunfo. Para a esconder, ele baixou-se e atacou um dos sapatos de Bonnie.

- Parece-me que te vais arrepender... Já ela, de facto, se arrependera da sua precipitação. Se aquelas palavras tivessem sido ditas a outra pessoa, que não a Rhett, Scarlett não teria dúvida em retirá-las. Por que se não contivera? Olhou, com semblante carrancudo, para o marido e viu que ele a observava com o seu ar investigador. @Zotando-lhe o aspecto irado, Rhett soltou uma gargalhada, que lhe pôs à mostra a fileira de dentes brancos, Scarlett teve a desagradável impressão de que ele lhe pregara uma partida,

- Entrevieste de algum modo neste assunto? - perguntou-lhe em tom seco.

-Eu? -volveu Rhett, erguendo as sobrancelhas num movimento de espanto. - Já tinhas obrigação de me conhecer bem. Não costumo andar por aí a praticar boas acções, quando nada me obriga a isso. Nessa noite, ela vendeu as serrações a Ashley, Não perdeu no negócio porque o comprador se recusou a aceitar o preço módic6 proposto pela vendedora e insistiu em adquirir na base da oferta mais alta feita até então. Depois de haver assinado o contrato, e depois de Melanie celebrar a transacção com o convite a Rhett e a Ashlcy para toorna-

525

rem cada um o seu copo de vinha, Scarlett sentiu-se tão despojada como se houvesse cedido um dos seus filhos,

As serrarias tinham sido o seu enlevo, o seu orgulho, a obra das suas mãos avaras. Começara com uma, bastante modesta, quando Atlanta principiava a erguer-se das ruínas e das cinzas. Combatera por elas - protegendo,--as nos tempos sinistros em que os yankees tudo queriam confiscar, na altura em que rareava o dinheiro e os homens mais espertos dificilmente se mantinham, Depois, quando Atlanta cicatrizara as feridas e por toda a parte se reconstruía, e constantemente chegavam bandos de estranhos à cidade, Scarlett foi dona de duas belas serrações e duma dúzia de pares de mulas, e teve forçados a trabalharem por sua conta, a um preço compensador. Dizer adeus a tudo isso era fechar para sempre uma porta sobre uma época da sua vida, dura e amarga, sem dúvida, mas que ela recordava com saudade e satisfação. _Montara sozinha esse negócio; e agora, que o vendera, sentia-se oprimida pela certeza de que sem ela a dirigir-Ia, Asliley ia perder tudo... tudo o que for@ tão laboriosamente edificado. Asliley confiava em toda a gente e pouco sabia de contas. Infelizmente já não poderia ajudá-lo com a sua experiência... porque I@1;ett lhe dissera que ela não admitia a ideia de não dar ordens e conselhos...

"Maldito Rhett", pensou, Espiando-o, teve a certeza de que ele andava metido, no caso. Como e porquê, eis o que lhe restava averiguar. Nesse momento, o marido conversava com Ashley, e as palavras ouvidas arrancaram-na de súbito às suas reflexões.

- Naturalmente, vai desembaraçar-se dos forçados, sem demora...

Desembaraçar-se dos forçados? Mas por que razão? Rhett sabia muito bem que se as serrarias davam bons lucros, isso se devia à mão-@e~obra barata, E como é que Rhett falava com tanta convicção acerca, do que Asliley ia fazer? Como, o sabia?

- Sim, vou mandá-los já embora - replicou o novo dono, evitando o olhar estupefacto de Scarlett.

- Enlouque@eeu? - bradou esta. - Vai perder todo o dinheiro do depósito que fiz. E depois, que operários os vão substituir?

-Contratarei pretos- replicou Asliley.

- Pretos! Que ideia asua! Não sabe o salário que ele9

526

pedem? E vai tex os yankees todo o dia a fiscalizarem, a quererem ver se lhes dá galinha a todas as refeições e se lhes põe edredões na cama. Se der açoites a qualquer deles, para o curar da preguiça, ouvirá os yankees soltarem gritos de ç(ó da guarda" e -você acaba por ir parar à cadeia. Fique sabendo-que os forçados são os únicos...

Melanie baixGu a cabeça e contemplou as mãos, Ashley pare"cia infeliz e reservado; durante momentos não falou, mas os seus olhos, encontrando os de Rhett, neles dir-se-ia terem encontrado ânimo. A Scarlett não passou despercebida aquela cena muda.

-Não os utilizarei Scarlett-declarou Ashley. -Essa agora! - v(&eu, ela, ofegante. -E por que não? Tem medo de que o público diga de si o que disse de mim?

Ashley ergueu a cabeça e redarguiu: -Não tenho, medo do que o público disser - ,urna vez que eu esteja no bom caminho. Aliás, nunca considerei justo utilizar o trabalho, dos grilhetas.

-Mas... -Não quero ganhar à custa. da violência, explorando a desgraça alheia,

-Mas teve escravos! -Não eram infelizes. Além disso, depois da morte de meu pai, ter-lhes-ía dado liberdade se a guerra não se houvesse encarregado de o fazer, Agora, quanto aos forçados, o caso. é diferente, Seariett. O regimen presta-se a muitos abusos, Talvez não saiba... mas eu sei. Sei que Johnnie, Gallegher matou, pelo menos, um homem dos que lhe estavam confiados, Ou dois... Quem se importa com Um forçado a mais ou a menos? Desculpou-se alegando que o homem fora atingido quando pretendia fugir-. Mas não é o que outros insinuam. Sei também que ele emprega homens demasiadamente fracos para trabalharem, Chame a isto o que quiser, mas não me parece que se possa ser feliz explorando o sofrimento dos outros.

- O ra adeus! Bem se vê que escutou os sermões do reverendo Wallace acerca do dinheiro impuro...

- Não precisei de os ouvir. Há muito tempo que comPartilho das suas idelas, . - Então h@-de acreditar que todo o meu dinheiro é IMPurG - ripostou Searlett, que começava a revoltar-se. - Empreguei trabalho de forçados, explorei um botequim... Calou-se de repente. Ambos os W11kes pareciam emba-
527

raçados, ao paisso que, Rhett se divertia a valer. "Maldito Rhett!" pensou ela pela segunda vez. "Não, tarda a repetir @
ue eu meto o nariz nos negócios dos outros, e Ashiey á-de ser da mesma opinião. Quem me dera esmagar-lhes a cabeça, uma de encontro à outra!" Disfarçou a cólera e tratou de assumir um ar ao mesmo tempo digno e distante, a que não conseguiu inteiramente. - n claro - rematou ela -que não tenho nada a ver com essas coisas...
- Scarlett, não julgue que a estou a criticar. Não. O que acontece é vermos as- coisas por um prisma diverso,
O que é bom para@ si pode não ser para mim,
Que desejo doido e repentina de se encontrar a sós com ele! De mandar Ilhett e Melanie para os antípodas, a fim de,poder exclaimar sem receio: "Mas quero ver as coisas exac,tamente como tu. Dize-me ao certo quais são as tuas ideias, para que eu me compenetre delao".
No entanto, com Melanie presente, e assustada com esta cena, e Rhett a divertir-se à socapa, Scarlett não teve outro recurso senão empregar um tom frio de virtude ofendida e responder.
-Bem sei que isto não me diz respeito e longe de mim o propóm.'to de lhe dar conselhos. Ma@ sempre lhe quero dizer que não compreendo nem a sua atitude nem as suas, observações.
Ah, se estivessem s& de modo que ela, não se visse obrigada a dizer-lhe aqueias coisas rispidas, aquelas palavras que o entristeciam!
-Melindrei-a, Scarlett, sem querer. Creia na minha estima e perdoe-me. Quis apenas mostrar-lhe que, quanto a mim, não dá felicidade o dinheiro adquirido por certos meios...
- Não, tem razão! - gritou ela, incapaz de se conter mais tempo. -Veja o meu cago, Sabe donde vem o meu dinheiro, sabe a situação em que me encontrava antes de o ganhar. Lembra-se daquele Inverno em Tara tão frio? Cortávamos bocados de tapete para fazer pan6fas, não tínhainos que comer e inquietávamo-nos pelo futuro de Beau e de Wade... Lembra-se...
-Sim, lembro-me de tudo isso -declarou Ashley, com ar cansado. -E prefiro esquecer.
-Não se pode dizer que fôssemos felizes nessa. época: Pois bem, repare agora em cada um de nós. Você possui uma casa bonita, o futuro sorri-lhe. Conhece alguém que
528

seja dono duma moradia melhor do que a minha? Mulher que use vestidos mais belos que dê recepções mais sumptuosas? Os, meus filhos têm' tudo o que desejam. Corno obtive o dinheiro necessário para realizar isto tudo? Esperando que ele me caísse do céu, aos trambolhões? Não, senhor. Trabalho dos grilhetas um botequim...
-E não te esqueças do ass@ssí io desse yankee - atalhou Rhett, em voz branda. -Foi ele o verdadeiro ponto de partida...
Sear,lett deteve-se, boquiaberta, relanceando a vísita pelos omutros três. Melanie quase chorava de aflição. Ashley, lívido, parecia distanciar-se'e Rhett, de charuto nos dedos, observava-a satisfeito. A vontade de Scarlett seria gritar: "Sim, sim, o dinheiro deu-me a telicidade!"
Mas, fosse porque fosse, ficou silenciosa.
DEPOIS da sua driença, Scarlett, verificou certa, mudança, era. Rhett e ficou indecisa quanto a eonsiderá-la vantajosa ou não. Rhett tornara-se calmo não bebila, mas aparentava andar preocupado. Muitas v@zes 'depois do jantar, deixava-se estar em casa. Mostrava-se tolerante com os criados, afectuoso com Wade e Ella. Não, fazia a menor alusão ao passado e dir~se-ia

querer levar Scarlett a imitá-lo. Esta @calava-se, porque era mais cómodo, e, na aparência, a vida prosseguia sem sobressalto. Rhett mantinha a atitude cortês que iniciara na convalescença da mulher, evitando agora crivá-la de sarcasmos. Scarlett achava, que, se Rhett a irritava antes com observações maliciosas, forçando-a a ripostar, era porque se interessava, pela sua pessoa. Ao presente punha em dúvida que ele ainda se preocupasse consigo. Via-o amável, sim, mas distante. Quanto a réplicas

2, céradas e disputas, tudo isso findara.

Portava-se tão delicadamente com ela como se fosse uma estranha, e os seus olhos, que antigamente a seguiam por toda a parte, só buscavam o vulto de Bonnie. Era como se o fluxo ardente da sua vida se fosse convergindo para um canal estreito. Scarlett achava que, se Rhett lhe houvesse dado metade da atenção que dispensava a Bonnie, a sua existência teria sido muito diferente. Às vezes custava-lhe até a sorrir quando lhe diziam. "O capitão Butler adora

34 - Vento i., evou - ri

529

Tiffil

esta criança!" Se, porém, não sorrisse, os outros achariam esquisito, e Scarlett por nada deste mundo queria confessar aos outros que tinha ciúmes da petiza, tanto mais que se tratava da sua filha dilecta. Ela desejava sempre ocupar o primeiro lugar no coração dos que a rodeavam, mas era, evidente que Rhett e Bonnie se aproximavam cada vez mais um do outro.

Rhett, em certas noites, saía e voltava a desoras, mas nunca embriagado. Ao sair, passava defronte da porta de Scarlett, que o ouvia assobiar baixinho. Noutras ocasiões trazia amigos consigo, pela noite adiante e ficavam todos conversando na casa de jantar, em frente duma garrafa de conhaque; não eram, no entanto os mesmos com quem ele costumava beber, nos primeiros tempos do casamento. Já não convidava nem Sacolas, nem Renegados, nem Republicanos. Scarlett, alçando-se na ponta dos pés, debruçava-se no corrimão e estupefacta, reconhecia a voz de René Pícard ou a de Ruá@ Elsing, ou as dos irmãos Sinimons, ou a de Andy Bonne11. O avô Merriwether e o tio Henry nunca faltavam a essas reuniões. Uma vez, com grande espanto seu ouviu falar o Dr. Meade. Pensar que esses homens já tinham achado a força boa demais para Rhett Butler!

Este grupinho estava sempre, no seu espírito, associado à morte de Frank e as idas e vindas nocturnas - de Rhett mais lhe lembrava ainda os dias que precederam o assalto da Ku Klux Man, em que o segundo marido perdera a vida. Recordou-se, com terror, de que Rhett lhe dissera ser capaz de ir ao ponto de filiar-se na maldita sociedade secreta para se tornar respeitável, embora fizesse votos para que Deus lhe não impusesse tão dura penitência. Ora se Rhett, como, acontecera a Frank...

Uma noite em que ele entrou mais, tarde que de costume, Scarlett, não pôde resistir: ouvindo a chave na fechadura, envolveu-se no roupão e, saindo ao patamar do primeiro piso, que um bico de gás iluminava, esperou Rhett no alto da escada. Ele parecia distraído, mas a surpresa estampou-se-lhe na cara, quando descobriu a mulher.

- Rhett, preciso saber! Preciso saber se tu... se a Man... se é por causa disso que voltas a estas horas. Pertences à ... ?

À luz indecisa do gás, ele mirou-a com ar indiferente, e sorriu.

530

Estás atrasada - respondeu. - Já não há Man em Atlanta, e provavelmente não. Existe no Estado de Geórgia. os teus amigos Sacolas e Renegados meteram-te coisas na cabeça.

- Não há Klan? Não dizes isso apenas para me sossegar?

- Minha querida, quando é que eu tentei sossegar-te? Não, não há Klan nenhuma. Nós achamos que essa sociedade era mais perniciosa do que útil, porque só fazia excitar os yankees e favorecer as calúnias de Sua Excelência o governador Bullock. O homem continuará no poder enquanto disser ao Governo Federal e aos jornais yankees que Geórgia é um foco de revolta e que atrás de cada árvore se esconde um membro da Klan. Para se manter, ele tem atribuído a essa sociedade crimes que

nunca foram cometidos; que enforcaram Republicanos; que lincharam negros inocentes sob o pretexto de que tinham violado brancas. Mas está a esgrimir contra fantasmas e já começa a cair em si. Agradeço o teu cuidado, mas a Klan deixou de existir pouco depois de eu, de Renegado, me ter feito modesto Democrático,

A maior parte do que ele contara do governador Bullock entrara-lhe por um ouvido e saíra por outro, pois não pensava senão no alívio que lhe dera a notícia relativa à extinção da Klan. Rhett não seria morto como o fora Kennedy; ela não perderia o armazém nem o dinheiro. Entretanto ficara-lhe gravada na memória uma palavra que ele dissera: "nós". Assim se ligava com esses que ele designava pela expressão de Velha Guarda.

-Rhett, interviste na dissolução da Klan?-perguntou ela de súbito.

O marido envolveu-a num olhar demorado e nas suas pupilas surgiu um clarão irónico.

-Sim, meu amor. Asliley Wilkes e eu somos os principais responsáveis desta providência.

Asliley... e tu? l@ estranho, mas verdadeiro. Em política, estamos associados. Não nos une grande simpatia; Ashley, porém, sempre foi contra a Klan, por ser adversário da violência. Eu, por meu lado, nunca gostei dela, achando-a um sisterna de loucura furiosa: o melhor meio de termos os yankees à perna, até ao dia do Juízo Final. Nós ambos convencemos os mais teimosos, fazendo-lhes ver que observar,

531

esperar e trabalhar era muito melhor para todôs do que andar de noite encapuzados.

- Não me digas que os rapazes da Klan deram ouvidos a quem, como tu...

- n um especulador? Um Renegado? Um amigo dos yankees-? Esquece-se senhora Butler, de que sou presentemente um Democrático sincero, devotado até à morte ao nosso Estado, que desejo arrancar das mãos dos intrusos! O meu conselho. foi bom e eles seguiram-no. Também tenho aconselhado menos mal noutras matérias políticas. Temos agora, no, Parlamento, uma bela maioria democrática, não é verdade? Qualquer dia minha jóia, metemos na cadeia alguns dos nossos amigo@ Republicanos, Nestes últimos tempos têm sido vorazes em excesso.

-Vais encarregar-te disso? Olha que foram teus companheiros. Meteram-te naquele negócio do caminho de ferro, de que tiraste milhares de dólares.

Rhett exibiu o seu risinho de outrora, chocarreiro.

- Oh, não lhes quero mal nenhum! Mas eu agora estou do outrG lado da barreira e, se puder contribuir para os mandar embora, não hesitarei um segundo. E que reforço para o meu crédito! Conheço-lhes tão bem os podres que as minhas informações serão preciosas quando o Parlamento empreender investigações... o que não há-de tardar, avaliando pela marcha que tomam os acontecimentos. Hão-de também interrogar o governador e metê-lo na cadeia. Seria conveniente dizeres já aos teus bons amigos Gelerts e Hundons que fossem arrumando as malas, Se deitarem a mão ao Bullock deitam também a mão a eles.

Durante muitos anos @,carlett vira os Republicanos demasiadamente apoiados' pelo. Exército para que acreditasse nas palavras de Rhett. O governador estava entrincheirado com a maior solidez no seu posto: como é que o Parlamento iria deslocá-lo e, ainda por cima, fechá-lo na, cadeia?

-Como tu vais longe...

- Pelo menos, não o reelegem. Há-de seguir-se-lhe um governador democrático, para variar.

-Creio que não deixarás de intervir nessa eleição... -observou ela em tom sarcástico.

-Pois claro, minha jóia. Já estou a tratar,disso. Eis até a razão por que volto tão, tarde para casa. Trabalho mais do que no tempo das pesquisas de oiro, com a. pá na

532

mão... E fique sabendo, senhora Butler, (embora a coisa lhe desagrade) que não recuso o meu auxílio financeiro. Lembras-te de me teres dito há anos, no armazém de Frank que era indignidade

eu conservar o dinheiro da Confe@eração? Aqui me tens de acordo contigo... e o oiro da Confederação corre em fio, estimulandoos Confederados a regressarem ao poder.

- n o mesmo que deitá-lo pela janela fora,! -O quê? Tens essa opinião do partido democrático? -Os olhos dele cintilaram de malícia. Depois retomaram a expressão de indif erenç-a. - No fundo, pouco me importa que vençam ou não. O que interessa é saber que trabalho com eles, que despendo dinheiro para as eleições... Não se esquecerão disto, e mais tarde o facto pode vir a beneficiar a nossa Bonnie.

- A princípio receei que tivesses mudado de convicções. Agora, vejo que não és mais Democrático do que Republicano...

-Não, não mudei. Só à superfície. Se, apagarem as manchas da pele dum leopardo, o animal não deixará de serleopardo.

Bonnie, despertada pelo som de vozes no vestibulo, chamou ainda sonolenta mas com toda a sua energia:

- Pa pá! Rhett ia acudir ao chamamento. -Espera ainda um minuto-disse Scarlett.-Tenho, uma coisa a pedir-te. Não leves mais a, Bonnie a essas reuniões políticas. Não é lugar para uma pequena, e até se torna ridículo. Eu não me lembraria disto se o tio Henry não me houvesse falado. Ele supunha que eu estivesse ao corrente...

O marido deu meia volta, carrancudo. -Que mal podes achar no facto de um pai sentarr a filha nos joelhos enquanto conversa com os amigos? Parece-te ridículo? Está bem. Mas crê que o não é, Essa gente há-de lembrar-se um dia que a petiza, estava ao colo do pai quando este ajudava os Democráticos a expulsarem de Ge' a os Republicanos. Lembrar-se-ão por muito tempo...

orgí

- Desapareceu-lhe o ar taciturno e de novo fulgurou a expressão de malícia. - Sa-bes o que ela responde, quando lhe perguntam de quem gosta mais? "Do papã e dos Dímocatas". E sabes quem é que eladetesta? "Os Rinig04dQs". Estas coisas, felizmente, não esquecem!

533

- Espero que na(> lhég tenhas dito que sou uma Rene. j@ada! -exclamou Scarlett, furiosa.

- Papã! -repetiu a vozita, agora impaciente, de Bonnie.

E Rhett Butler, rindo, atravessou 'o vestibulo para ir beiJar a filha.

No mês de Outubro Builock pediu a, demissão e desapareceu de Geórgia. A éoncussão e o peculato haviam atingido tais proporções -durante o seu governo que o edificio político se desmoronava por si mesmo, Os Democráticos, tinham já maioria no Parlamento, e que significav@, para Bullock, um próximo inquérito aos seus actos administrativos. Temendo isso, não esperou mais, fez as malas e saiu às ocultas, havendo preparado as coisas para que a, demissão do cargo só fosse conhecida depois de ele ter chegado ao Norte.

Quando se divulgou a notícia, na semana seguinte o júbilo dos atlantenses não conheceu limites, Veio tod@ a gente para, a rua, os homens apertavam-se a mão e riam, as senhoras beijavam~se e vertiam lágrimas. Todos davam festas comemorativas, e os bombeiros andaram numa roda viva a extinguir os fogos ateados pelos rapazes mais entusiastas. Acabavam as provas, e estava quase terminada a época da Reconstrução. P, claro que o governador interino também era Republicano; as eleições, porém, realizar-se-iam em Dezembro e o seu resultado a ninguém deixava dúvidas. Nessa altur@, a despeito dos esforços dos Republicanos, Geórgia teria enfim um governador democrático. A satisfação era grande na cidade, muito diferente do regozijo oficial exibido quando da chegada de Bullock. Tratava-se duma alegria sincera, duma comoção profunda. Os habitantes sentiam-se gratos e iam às igrejas impelidos pelo seu reconhecimento. Ao júbilo e à exaltação misturava-se também o orgulho - orgulho pela circunstância de Geórgia cair nas mãos de seu povo, apesar de todas as diligências contrárias empreendidas pelo governo de Washington, pelo Exército, pelos Sacolas e Renegados, e pelos Republicanos locais.

Por sete vezes o Congresso votara leis draconianas contra o Estado a fim de o conservar na situação de província conquistada. Três vezes fora aplicada a lei marcial. Os pretos haviam sido eleitos para o Parlamento, os estranhos

534

tinham ocupado, vorazes, os lugares administrativos. Geórgia encontrara-se atada de pés e mãos fora torturada, esmagada. Agora, apesar de tanto sofrimento, erguia de novo a cabeça e encontrava-se capaz de dirigir os seus destinos,

Nem todos, porém, receberam com satisfação a derrota dos Republicanos. Nas fileiras destes, e na dos Sacolas e Renegados houve é claro, consternação. Os Gelerts e os Hundons prevenidos a tempo saíram da cidade e nunca mais ninguém se lembrou deles. Os outros partidários dos vencidos, que ficaram em Atlanta, andavam inquietos, receosos de que o inquérito aberto pelo Parlamento desvendasse os negócios escuros em que eles estavam metidos. Já não se mostravam insolentes, mas apenas intimidados. As senhoras que visitavam Scarlett comentavam assim os acontecimentos: -Quem diria que as coisas enveredassem por este caminho? Julgávamos que o governador fosse mais influente... Parecia tão sólido no seu posto! Pensávamos...

Scarlett estava também surpreendida, mau grado os avisos de Rhett quanto à direcção que os sucessos iam tomar. Não que se aborresse por Bullock ter partido e por haverem voltada os Democráticos. No fundo, regozijava-se com a expulsão dos yankees embora ninguém lhe suspeitasse tais sentimentos. Lembrava-se muito bem da sua luta no início da Reconstrução, o medo que tivera de que os Sacolas e os soldados lhe confiscassem o dinheiro e os bens. Recordava-se da sua impotência, e do medo que isso lhe causara, e do ódio que nutria pelos yankees que haviam imposto ao Sul um sistema execrável. Nunca deixara de os odiar; mas, fazendo das tripas coração, procurando fugir à derrocada, ela insensivelmente passara para o lado do vencedor. Se bem que os detestasse, não deixara de conviver com eles, separando-se até dos amigos velhos e adoptando outro gênero de vida. Findava agora o domínio dos conquistadores: Scarlett jogara na carta de Bullock e perdia a partida.

Olhando em volta de si, nesse Natal de 1871, o mais feliz depois de dez anos, o que ela sentia era apenas ansiedade. Não podia deixar de ver que Rhett, outrora o homem mais abominado de Atlanta, se tornara dos mais populares pois abjurara humildemente das suas heresias republicanas, e gastara tempo, trabalho e dinheiro para ajudar a

535

ressurreição do Estado. Quando ele ia a cavala pelas ruas, sorridente, cumprimentador, com a filha Bonnie à frente da sela, toda a gente lhe retribuía o sorriso e olhava com afecto para a pequenita. Ao passo que ela, Scarlett...

59

NixGuEm duvidava de que Mnie Bufler se estava a tornar insuportável e que precisava de mão firme para a corrigir; mas como todos a adoravam não havia quem tomasse a iniciativa de a educar a sério! Durante essa viagem de meses, realizada na companhia do pai, a pequena só fizera o que muito bem lhe apetecia. Em Nova Orleães e Charlegeton, permitiram-lhe que se deitasse tarde; levaram-na a teatros, restaurantes e casas de jogo, donde vinha em braços adormecida já. Depois disso, tornou-se necessário recorrer à força para a obrigar a ir para a cama ao mesmo tempo que a irmã Ella exemplo de docilidade. Enquanto andou com, Rhett, escondeu-a usar o traje que quisesse, o que fez com que, mais para diante, se enfurecesse quando a Babá tentava pôr-lhe vestidos simples, com bibe, em vez de tafetás e golas de renda.

Dir-se-ia ser impossível readquirir o tempo perdido na dita viagem, e depois da doença de Scarlett, e a sua ausência em Tara. Bonnie crescia, a mãe procurava domá-la, para evitar que se transformasse numa criança muito mimada e teimosa. Tudo inútil. Rhett dava-lhe sempre razão, por mais extravagantes que fossem os caprichos, da filha. Além disso animava-a a dizer quanto lhe

viesses à cabeça e escutava-lhe as opiniões como se se tratasse duma pessoa crescida. Como resultado, disto, Bonnie interrompia os adultos a cada passo, chegando a contraditá-los; o pai limitava-se a rir, e nem consentia que Scarlett lhe desse uma palmada, a fim de a repreender com mais vigor.

"Se não fosse tão pequenina e engraçada, seria intolerável", pensava Scarlett, compreendendo no entanto que a miúda nascera datada de um temperamento semelhante ao seu. "Adora o pai, mas este, se quisesse, poderia reprimi-la".

Rhett, todavia, não mostrava nenhum desejo de a emetlar. Tudo o que ela fizesse estava bem feito. Se lhe fosse possível agarrar a, Lua., não hesitaria um instante, quando

536

a filha lho pedisse, Tinha orgulho desmedido na beleza de Bonnie, nos seus caracóis, rias covinhas da face, nos tre =

deliciava-o a sua vivacidade, a, dedicação, a maneira al e meiga de lhe demonstrar a sua estima. Por mais autoritária e mimada que fosse, o pai considerava-a sempre um amor e era incapaz de lhe ralhar. Para ela, Rhett tomara as proporções dum deus, o centro do seu pequenino mundo, e ele apreciava tanto isso que temia perdê-lo com uma simples repreensão. Bonnie apegara-se-lhe como a sua própria sombra. Acordava-o mais cedo do que ele desejaria. À mesa sentava-se ao lado do pai e tanto comia do prato deste como do seu. Se Rhett montava a cavalo, ela subia também para a sela. Só ele tinha, o direito de * despir e de a deitar na cama, que estava junto da sua.

Divertia-a e ao mesmo tempo apouquentava Scarlett ver * modo imperioso come, Bonnie mandava no pai. Quem imaginaria que esse mesmo Rhett, levaria tão a sério a sua paternidade? Às vezes, Scarlett sentia uma ponta de ciúmes, pois a, pequena, aos quatro anos, compreendia Rhett melhor do que ela jamais o compreendera e conseguia manejá-lo como nunca a própria mulher o conseguira,.

Por essa altura, Babá começou a dizer não ser conveniente andar uma menina a, cavalgar adiante do papá, com as saias levantadas. Rhett deu atenção a este comentário, como fazia a todos os da, velha ama, e o resultado foi adquirirem um garrano castanho, de pêlo sedoso, preciosamente arreado, Em teoria, o cavaleiro era para os três pequenos, tanto mais que Rhett comDra uma sela especial para Wade. Mas c, rapaz preferia, mil vezes o seu cão S. Bernardo, e Ella, por seu lado, tinha medo de animais. De forma que o garrano se tornou exclusivo de Bonnie, que a Principio se desgostou com o facto de não poder montar corno, os hornens. O pai, entretanto, explicou-lhe o que devia fazer e ela, depressa, aprendeu a ser amazona. Rhett verificou, satisfeito, que Bonnie tinha mão firme e boa posição.

-Deixem-na crescer-dizia ele-e verão o que fará Da Caça. Ninguém lhe chegará aos calcanhares. Hei-de levá-la a Virgínia, que é onde se realizam verdadeiras caçadas. Também em Kentucky . apreciam, os bons cavaleiros.

Quando, foi ocasião de escolher o, traje, deixaram isso,

537

como habitualmente, à sua vontade, e a pequena optou pela cor azul.

-Mas não este veludo azul, minha filha---observou Scarlett. - n bom é para mim,, para um vestido de cerimónia, O que as meninas usam e fazenda preta. - Vendo-a ficar carrancuda, a mãe acrescentou, voltando-se para o marido: - Rhett, convence-a de que não, lhe ficaria bem... que sujaria depressa...

Ele porém, replicou tranquilamente:

- beixá-la levar este veludo azul. Se sujar, arranja-se-lhe outro fato.

Destarte Bonnie teve o seu fato de amazona, de veludo azul com uma saia. tão comprida que chegava, quase ao chão. Para o chapéu deram-lhe uma pluma encarnada, por influência da, história de Jeb Stuart que a tia Melly lhe contara e que lhe ferira a imaginação. Nos dias de bom tempo, viam-se os dois, pai e filha, passear pela Peachtree Street; Rhett, no seu cavalo preto,

regulava o passo pelo do garrano de Bonnie. Às vezes metiam a galope pelos caminhos tranquilos, assustando galinhas, cães e crianças.

Desde que Rhett se convenceu de que a pequena se aguentava bem e não tinha medo, achou ser oportuno ensinar a saltar obstáculos adequados ao tamanho do cavaleiro. Para esse efeito, @nandou arranjar uma estacada no jardim e pagou ao sobrinho de Peter, o pequeno Wash, vinte e cinco cêntimos diários para dar lições ao animal: o rapaz começou com uma vara colocada a duas polegadas do solo, a qual foi gradualmente subindo até atingir um pé de altura.

Este conluiou desagradou as três partes interessadas, Wash temia os cavalos, e só a ideia do lucro o convencia a obrigar o animal a dar saltos várias vezes por dia. Este, embora consentisse que a sua dona lhe puxasse pela cauda e lhe examinasse os cascos, não aceitava de bom ânimo o desporto a que o sujeitavam. E Borinieciosa do que era seu, embirrava com o espectáculo do pr@tinho escanchado no seu lindo garrano.

Quando a treino foi considerado suficiente Rhett autorizou a filha a saltar e ela não coube em si de contente. Gostou tanto que já não achava prazer nenhum nos passeios pela cidade, em companhia do pai. Scarlett não podia deixar de rir de orgulho manifestado pelo marido e pela, filha, mãe esperava que Bonnie se enfastiasse

538

daquilo e desse a preferência a outras distrações menos perigosas. Isto contudo, não sucedia, e todas as manhãs soavam gritos de alegria na pista improvisada do quintal.

Ao fim da primeira semana, Bonnie pediu licença para saltar uma barra mais alta, a pé e meio do chão.

- Quando tiveres seis anos - respondeu-lhe o pai. -

Nessa altura até te comprarei um cavalo, maior, As pernas deste são muito curtas para isso.

-Não são, papã. Já saltei por cima das roseiras da tia Melly, que são tão altas!

-Tens de esperar -sentenciou Rhett, desta vez enérgico. Mas a, sua firmeza cedeu um pouco perante a insistência de Bonnie e dos seus acessos de cólera. - Pois bem -disse um dia, de manhã, rindo e colocando a barra no lugar desejado. - Se caíres não te queixes.

- Mamã! -gritou Bonnie, voltando a cabeça para o quarto de Scarlett. - Mainã, veja! O papá diz que posso saltar.

Scarlett, que estava a pentear-se, chegou à janela e sorriu vendo a filha tão satisfeita no seu fato de amazona já todo, sujo.

"Tenho de lhe mandar fazer outro", pensou. "Sa-be Deus quanto lhe vai custar pôr aquele de lado,".

-Veja, mamã! -Estou a ver! -respondeu a mãe. Enquanto Rhett @ergula a pequena e a instalava no garrano, Scarlett sentiu invadi-la uma onda de vaidade. Como a, filha estava bonita! Que belo porte que ela tinha!

A pequena bateu com os calcanhares na barriga do cavalo que partiu à desfilada em direcção ao obstáculo.

- Èpare, mamã, veja-me saltar isto! - exclamou ela, brandindo o chicote.

Veja-me saltar isto! Scarlett ouviu badalar o sino da memória. Naquelas Palavras havia qualquer coisa de sinistro. O que era? Por que não, se lembrava? Olhou para a filha, que se equilibrava na sela do cavaleiro a galope, e percorreu-lhe o corpo um arrepio. Bonnie atirava-se contra o obstáculo: saltavam-lhe os caracóis escuros, os olhos azuis brilhavam-lhe.

"São como os olhos de meu pai" disse consigo Scarlett. "Os olhos azuis de irlandês&. l@ @ retrato do avô".

E, pensando em Gerald O'Hara, o que ela procurava na

539

m@mória surgiu, de repente, semelhante a um relâmpago cujo, clarão iluminasse o passado com uma luz sobrenatural. Ouviu cantar uma voz de, irlandês ou o passo rápido dum cavalo subindo o campo de Tar@. A voz tinha urti acento ousadG, como a da, filha: Ellen 'vê-ine saltaT isto!
- Não! - bradou Scarlett. - Pára, Bonnie! No momento em que se debruçava na janela 'ouviu-se um som de madeira a estalar com grande fragor. Rhett soltou um grito tremendo e viu-, -@@e uma confusão de veludo azul no solo e quatro cascos agitando-se no ar. Depois,. o cavalo levantou-se, alastando-se a trote com a sela vazia,

Na terceira noite após a morte de Bannie, a velha ama subiu lentamente os degraus que davam acesso à cozinha de Melanie. Ia vestida de preto dos pés à cabeça. Tinha os olhos injectados de sangue e húmidos de lágrimas, e todo aquele corpo enorme resumava uma dor imensa. Hayia,, no entanto, algo de resoluto no queixo proeminente. Disse algumas palavras a Dilcey, que baixou a cabeça com ar de assentimento, como se houvesse decretado um armistício no meio da sua antiga querela. Dilcey poisou então o prato que tinha na mão, atravessou devagar a copa e dirigiu-se à casa, de jantar. Daí a pouco aparecia Melanie na cozinha, de guardanapo na mão, com a ansiedade estampada no rosto.

-A senhora não está ... ?

- Senhora faz como os outros - disse Babá. - Não queria incomodá-la senhora durante seu jantar. Podia 'tá esperando para dizê uma coisa que tenho em minha cabeça.

- O jantar pode esperar = respondeu Melanie. - Dilcey, serve o resto. Anda comigo, Babá.

A preta arrastou-se atrás dela, atravessou o vestibulo e passou diante da sala em que estava Asliley sentado à mesa, com Beau a seu lado e da outra banda os dois filhos de Scarlett, que acabavam de comer a sopa. As suas visitas frescas enchiam o ambiente. Para eles, estar uns dias em casa da tia Melly era @como ir a um piquenique. A tia era tão bondosa, e agora, ainda o era mais! Pouco os afectara a morte da irmãzinha. Bonnie caíra do garrano, a mãe chorara durante muito tempo e a tia Meily fora buscá-los a casa para brincarem no quintal com o primo Beau e comerem os bolos que quisessem.

540

Melanie conduziu Babá à saleta, fechou a porta e disse à velha ama que se sentasse no sofá.

-Eu estava para ir lá imediatamente depois do jantar - declarou a dona da casa. -Agora que já chegou a mãe do senhor capitão, julgo que o enterro não demora mais. Deve ser amanhã, de manhã...

- i9@, mesmo, por via disso qui vim falá a senhora. Tamos todos aborrecidos! Pidimos sua ajuda. Ah, que desgraça tão grande!

- A senhora estará doente? - atalhou Melanie. - Mal a vi desde a morte da menina. Nunca sai do quarto. E o senhor capitão...

De súbito as lágrimas inundaram as faces negras de Babá, Melanie sentou-se ao lado dela, e tocou-lhe amigavelmente no braço. A preta ergueu a aba da saia e enxugou os olhos,

-Tem que vi ajudá a gente, minha senhora. Já fiz tudo que pude.

-A senhora... Babá ergueu o busto. -Conhece minha patroa como eu conheço não é verdade?

Quando tem desgosto Deus dá a ela for@@ de suportá. Este foi muito forte mas também suporta. Vim por causa de sinhô capitão. '

- Tanto desejei vê-lo, mas ou ele estava fora ou se fechava no quarto com... Quanto à senhora pareceu-me um fantasma. Não abriu a boca! Escuta, Babá, sabes que eu farei tudo o que puder...

- Digo que minha patroa pode suportá porque tem sofrido muitas coisas. Mas o sinhô Rhett... Nunca vi nada assim. Tem de vi comigo.

- Explica-te, Babá.

- Senhora... o sinhô Rhett tá maluco. Não quê deixá minina...

O quê? Não é possível! 'J@ pura verdade senhora. Não quê que se interre minina. A mim me di@se não faz uma hora.

- Mas não pode... Tem de...

- Por isso digo que sinhô tá maluco. Vou contá tudo a sinhora. Não devia dizê a ninguém, más sinhora é da família. Sabe como ele gostava de minína. Nunca vi homem branco ou nêgo gostá tanto de seu filho. A gente pensou que ele ia enlouquecê logo que Dr. Mea& lhe disse que

541

minina partiu cabeça. Ele pegou em espingarda e foi mat4 garrano e custou não deixá que se matasse também. Eu não sabia que fazê com sinhora desmaiada. E quando sinhora acordou, eu pensei que eles dois se iam consolá um ao outro. - De nova lhe correram as lágrimas pela cara abaixo, mas Babá já não tentou detê-las. -Então ela foi à varanda onde tava sinhô com minina nos braço e disse: "Dá-me minha filha que tu mataste",

- Oh, Scarlett não podia dizer isso!...

- Sim, sinhora. Foi mesmo o que ela disse, E eu tive tanta pena de' sinhô Rhett que comecei a chorá. Disse-lhe então: "Dê minina a sua mamã". E peguei na Bonnie e levei-a para o quarto para lavar sua cara. Ouvi que eles falavam e fiquei sem pinga de sangue. Sinhora acusava o marido de assassiná sua filha e sinhô dizia que ela não gostava de nenhum dos mininos.

-Cala-te, Babá! Não me contes essas coisas-acudiu Melanie, que procurava afastar do espírito as imagens evocadas pelas palavras da ama,

- Bem sei que não tenho direito de dizê tudo isto, mas tou muito triste para sabê que digo. Então sinhô foi ele mesmo a casa do homem que faz enterro e depois meteu Bonnie na caminha, que é no quarto dele. E quando sinhora lhe disse que devia pôr minina na sala dentro de caixão, eu tive med(> que slnbô lhe batesse, Disse assim: "Não sal daqui". E voltou-se para mim t- gritou: "Babâ - não deixes levá minina antes de eu voltá". Foi então a co@rê a, cavalo e só voltou já noitinha. Quando entrou logo vi que tinha bebido, mas aguentava bem sua bebida como sempre. Entrou em casa sem falá síqué à patroa ou sinhora Pitty nem às outras senhorasque tinha vindo e subiu correndo ao quarto a chamá por mim com toda sua força. Quando cheguei ele estava junto da cama de minína, mas era tão grande o escuro que não podia vê nada. "Abre jancla", disse ele zangado; eu abri e vi que sinhô tinha um ar tão esquisito! "Traz a luz" mandou ele. "Bem sabes que minina tem medo de es6rIdão@>,

De olhos esbugalhados, Melaníe contemplava Babá, que abanou a cabeça e prosseguiu.

- Quando acabei de trazê uma dúzia de vela, sinhÔ disse: "Vai embora" e fechou porta à chave e ficou lá dentro com filha e nem abriu quando minina Searlett foi lá batê com toda a, força. Há dois dias que ele tá assim. Não

542

quê ouvi falá de enterro e de manhã fecha porta à chave e sai em seu cavalo e à noite volta aos tombo e não come nada e não dorme.'Agora chegou a velha sinhora Butler de Charleston e minina Suellen e sinhô Wíll de Tara, mas sinhô Rhett não quê falá a ninguém. Que horrô, sinhora Melly! E ainda vai ser pió... Esta noite minina Scarlett agarrou sinhô no corredô e entrou com ele no quarto a dizê que o enterro deve sê amanhã de manhã. "Se fizeres isso eu te mato!" respondeu Rhett.

-Realmente, não deve estar bom da cabeça... -Sim, sínhora, não tá. Falaram ambos baixo que eu não entendi, só que sinh^ dizia que minina tinha medo de escuro e que no caixão não havia luz, até que minha patroa respondeu: "P, um horrô fazeres isso depois de ter matado Bonnie. Que escândalo para a cidade! Tás sempre bêbado e se julgas que não sei onde tens passado tempo é que és idiota! Sei que foste a casa dessa criatura, dessa Belle Watling!"

-Oh, Babá, será possível?!

- Sim, minha sinhora. Foi o que ela disse. Os nêgo sabem muitas coisa e mais depressa que branco. Eu sabia que se passava, mas não dizia nada. Ele não desmentia minína Scarlett. Respondeu: "Fui lâ, sim, e não precisas ficá danada porque não me importa. Uma casa de tolerada é paraíso depois desta casa que é inferno. Belle tem muito bom coração. Ela não acusa a mim de ter matado minha filha"

- bli! - repetiu Melanie impressionada ao máximo. A sua vida era tão pacífica tão agradável as pessoas que a rodeavam queriam-lhe tanto que o relato de, Babá chegava a ultrapassar a sua compreensão, Custava-lhe a acreditar no que dizia a velha ama, e todavia, na sua memória, insistia uma lembrança que ela tratava de repelir. Rliett falara de Belle, Watling no dia em que soluçara no seu regaço. No entanto, amava Scarlett, não havia dúvida a esse respeito, e Scarlett, naturalmente retribuía-lhe esse amor. Que se passara, pois, entre eles? domo é que marido e mulher se podiam dilacerar assim um ao outro?

Babá retomou o, fio da história:

- Daí a pouco minina Scarlett, saiu do quarto branca como cal, com os dentes cerrados, e disse quando me viu: "O enterro é amanhã". Patroa faz sempre que quê e sinhô Rhett é como ela. Disse que a matava! Ah, senhora Melly,

543

eu ainda tou mais triste por tê uma coisa a pesar na consciência. Fui eu que meti medo da noite a minina Bonnie.

- Que importância tem isso Babá?

- Todo o mal vem daí. Pensas que devê dizer a, sinhô Rliett para aliviar consciência e entrei logo no quarto antes de ele fechar a porta e disse: "Sinhô Rhett, venho-me confessar". Ele voltou-se como louco e respondeu: "Sai!", mas pedi para, me deixar falar. Se não falar, pensei, isto vai-me matar. "Fui eu que meti medo do escuro a minina". Então baixei a cabeça e esperei que o sinhô me batesse, mas ele não se mexeu. E eu continuei: "Não foi por mal o sinhô Rhett, minina não tinha medo de nada, saltava da cama quando toda pessoa estava deitada e andava pela casa de pé de."calço. Eu tinha medo, daquilo podê fazer mal a minina e disse que havia fantasma de noite quando estava, escuro,". E, sabe que ele fez, senhora Melly? Ele disse: "Era corajosa, não era? Só tinha medo do escuro". E quando comecei a chorar, sinhô respondeu: "Não chores, Babá" e passou sua mão; em meu braço. "Não, te desgostes assim", disse ele. "Tou contente com tua palavra, eras amiga de Bonnie o coração é que vale". Vê, senhora Melly? É bom consolar-se como fez sinhô Rhett. Então atrevi a perguntar: "E quando é enterro?" Ele olhou como um selvagem e respondeu: "Julgava, que tu ao menos compreendias, mas tu não compreendes. Pensas que vou deixar levar minha filha para o, escuro, quando ela tem tanto medo?" Ali, senhora Melly, então percebi que sinhô tava louco! Anda embriagado, precisa de comer e de dormir. Põe-me fora do quarto. Tá maluco. Pensei então que ele não quer enterrar filha e vim aqui porque minina Scarlett diz que enterro é amanhã, e ele diz que mata sua mãe. A casa tá cheia de pessoas de família e de vizinho e vai ser um escândalo. Por isso vim falar à senhora Melly para me ajudar.

Mas eu não posso meter-me nesse assunto... Se não pode, quem há-de ser então? Qijé queres que faça, Babá? -Eu não sei, senhora Melly mas acho que pode fazer qualquer coisa. Falar ao sinhô Rhett, que ele talvez escute. Ele diz que senhora Melly é a única dama que merece este nome...

Melanie ergueu-se, sobressaltada à ideia de se defrontar com Rhett e de discutir com um homem a quem o desgosto transtornara o juízo. E que podia fazer? Que havia de

544

dizer àquele pai para lhe atenuar a dor e chamá-lo à razão? Durante um momento esteve a reflectir, sem saber que resoluções tomasse enquanto através da porta fechada lhe chegavam aos ouvidos as gargalhadas do pequeno Beau. Já estreineceu à ideia de o seu filho morrer também, fazer inanimado e frio, com o riso sufocado para sempre...

- Oh!-exclamou, assustada., apertando em pensamento o coração do pequeno contra o seu.

Compreendia Rhett. Se Beau morresse, como, poderia ela separar-se do filho querido, deixá-lo só nas trevas, debaixo, do vento e da chuva?

- CQit! do capitão Butler! - murmurou então. - Vou já ter com ele, sem demora.

Voltou à pressa, à casa de jantar, disse meia dúzia de palavras ao ouvido de Ashley e espantou o filho com uma inesperada manifestação de ternura.

Saiu de casa, -mesmo sem chapéu e ainda com o guardanapo na, mão, e seguiu num passo tão largo que Babá tinha. dificuldade em a acompanhar. Uma vez na entrada da residência vizinha, cumprimentou de fugida a assustada Pittypat, a majestosa senhora Butler (mãe de Rhett), Will e Suellen e subiu a correr a escada, sempre com Babá na cola, ofegante. Por instantes, deteve-se defronte da porta fechada do quarto de Searlett.

-Não, não, faça isso, senhora Melly -acudiu Babá. Melanie prosseguiu então sempre rápida, atravessou o corredor e encontrou-se diante do aposento de Rhett. Hesi- tou uns segundos, mas, animando-se, bateu e disse com voz suave:

- Deixe-me entrar, capitão Butler. n a Melanie. Quero ver Bonnié.

A porta abriu-se logo e Babá encolhida na sombra, viu o vulto escuro e maciço de Rl@ett destacar- @9e no reflexo cintilante das velas. Cambaleava, e Babá percebeu que o hálito. dele cheirava a whisky. Rhett mirou a visitante, tomou-a pelo braço, convidou-a a entrar e fechou a porta.

A preta chegou-se sem ruído até a uma, cadeira que estava perto e deixou-se cair nela com toda a força do corpo,volumoso. Aí ficou imóvel, a verter lágrimas silênciosas. De tempos a tempos erguia o rebordo da saia para enxugar os olhos. Por mais que apurasse o ouvido, não sentia nenhum som no quarto, além dum. murinúrio, surdo e entrecortado.

35 - Vento Levou - 11

545

Após um período interminável, a porta abriu-se e ap<-treceu o rosto lívido e angustiado de Melanie.

-Vai buscar café e sanduíches -ordenou. Quando as circunstâncias o impUnham, Babá sabia recuperar a viveza dos vinte anos e, levada pela curiosidade de entrar no quarto de Rhett, foi logo desempenhar-se da incumbência. Entretanto iludiu-se a ma esperança, pois Melanie limitou-se a entreabrir a porta, quando ela voltou, e a receber-lhe a bandeja das mãos. Babá ficou muito tempo ali especada, mas não distinguiu senão o bater da xícara no pires e o sussurro doce da voz de Melanie. Depois ouviu estalar a cama sob o peso dum corpo e o cair, uma após outra, de duas botas no chão. Por fim, Melly saiu, sem que Babá tivesse oportunidade, apesar do esforço que fez, para deitar uma vista de olhos ao aposento. Melanie tinha um ar fatigado, mas o rosto estava serenomau grado as lágrimas que ae lhe desprendiam das Destanas.

-Participa à senhora, que o senhor capitão está resolvido a, deixar sair 0, enterro amanhã de manhã - disse ela em voz baixa. __ Graças a Deus! - exclamou Babá. - Como é ... ?

-Não fales tão alto, Ele vai dormir. Dize também à oenhora que eu passo cã a noite, e prepara-me café. Podes trazê-lo aqui.

-A este quarto?

- Sim. Prometi ao senhor velar a menina enquanto ele descansasse um pouco, Depressa, vai prevenir a senhora, para que não se aflija mais,

Babá afastou-se fazendo ranger o soalho do corredor.

O coração dela, aliviado, entoava uni hino de satisfação. Diante da porta de Searlett parou para reflectir. A gratidão e a curiosidade disputavam primazia no seu espírito.

"O que a senhora Melly fez eu não percebo. Tem os anjo a seu lado, é o que é. Vou dizê à minina Scarlett que o enterro vai sê amanhã, mas era mió não lhe dizê que senhora Melly está velando Bonnie, Ela não havia de gostá".

ao

HAviA qualquer coisa de irregular no mundo, onde reinava uma atmosfera sombria e assustadora, semelhante a um nevoeiro impalpável que tudo invadissem e rodeasse lenta-

546

.4

mente Scarlett dum véu cada vez mais denso. Essa impressão não vinha da morte de Borinie, pois a dor angustiosa do principio cedera o lugar a uma, tristeza resignada. Contudo, ela sentia que a ameaçava um perigo, como se um capuz ffie descesse pela ca-beça abaixo ou o chã> lhe fugisse sob os pés,

Nunca antes conhecera semelhante espécie de medo. Toda a vida a orientara o bom senso, e as únicos receios que a tomavam eram a fome, a pobreza e a perda do amor de Ashley. Se bem que destitui-da de faculdades de introspecção, Scarlett procurava analisar-se, sem resultado positivo. Perdera o filho predilecto; essa provação, contudo, podia-a, suportar, como suportara outras provações cruéis. Gozava de perfeita saúde, era rica, e tinha Ashley, embora raras vezes quisesse. O constrangimento que entre eles existia desde a recepção de Melly não chegara a afequentá-la muito, porque Scarlett sabia não ser coisa, duradoira. Não, não temia o sofrimento, nem a fome, nem a perda do seu amor. Os pavores desta natureza nunca, aliás, a tinham abatido como sucedia agora com esse sentimento confuso, lesse terror doentio que se assemelhava de modo curioso àquele pesadelo de outro tempo, quando, de coração angustiado corria no meio da névoa movediça como uma criança extraviada que procura um abrigo, Lembrou-se de como Rhett triunfava sempre dessas aflições levando-a a rir-se de tudo, isso. Recordou-se do conforto que encontrava naquele peito largo e nesses braços fortes. Foi então que se voltou para ele, com olhos que realmente o viram pela primeira, vez, depois de várias semanas, E a mudança que notou impressionou-a deveras.

O homem já não ria, nem seria capaz de a, consolar.

Por algum tempo, após a morte de Bonnie, Scarlett, andou, muito preocupada consigo para lhe dirigir mais do que simples palavras de cortesia, diante dos criados. Durante esses dias trataram-se quase, como estranhos como "pedes desconhecido" que compartilham de certas salas comuns do mesmo, hotel. Cada, qual guardava para, si os seus pensamentos.

Como se sentia só e ansiosa, o seu desejo seria derrubar a barreira para se aproximar do, marido; notava, porém, que ele a mantinha a distância, como, não quisesse Passar de relações superficiais. E visto que o ressentimento lhe ia desaparecendo, gostaria também de lhe dizer

547

MA.,

que o não considerava responsável da morte da filha. Quem lhe dera chorar nos seus braços, confessar-lhe que se orgulhara igualmente da desenvoltura de Bonnie, que fora em demasia indulgente para com os seus caprichos! Humilhar-se-ia de bom grado, com sinceridade lhe contaria que, se o acusara de culpado, fora só para atenuar a própria dor, agravando-a pena dele. Contudo, o momento não parecia oportuno. Ar, desculpas, quando transcorria, mais difíceis se tomavam de- formular, até que chegavam, a ser impossíveis.

Por que seria assim? Rhett era seu marido e entre eles existia o laço, que a ninguém era dado quebrar, de dois entes que partilharam a mesmo leito, que haviam tido um filho. e que, depois de tão mimado, o destino arrebatara perante os seus olhos. Não havia outra consolo senão nos braços desse pai, senão a. permuta de recordações saudadas, recordações que a princípio seriam amargas mas, que ajudariam por fim a cicatrizar a, ferida, Todavia ' no estado presente das coisas, equivalia isso a confiar-se aos braços dum estranho.

Ele, já não estava em casa. Quando jantavam juntos, Rhett já se encontrava embriagado. Não bebia como outrora, o álcool não, tinha o efeito de o tornar malicioso e cáustico, Não. contava aquelas histórias divertidas e espirituosas que a faziam rir, mesmo contra vontade. Era uma embriaguez sombria, silenciosa, que chegava a ser de caixão à cova, lá para o fim da noite. Às vezes às primeiras horas da manhã, Scarlett ouvia-o entrar a calçada no pátio e bater à porta da casa dos criados para acordar Pork e es,te ajudá-lo a subir a escada. Pensar que Rhett, noutro tempo, via rolar os seus camaradas para debaixo da mesa, sem que ele, desse o mais pequeno indício de embriaguez! Ele, que outrora andava sempre muito bem posto, não tinha já nenhum cuidado com a sua pessoa e Pork devia usar da sua autoridade de velho servidor para que o patrão se vestisse decentemente quando ia para a mesa. O álcool alterava-lhe a fisionomia. O queixo duro e quadrado enchia-se duma papada malsã, as olheiras tornavam-se balo,fas, o corpo vigoroso começava a dar a impressão de coisa bamba.

Acontecia também não voltar a casa, sem sequer se dar ao trabalho de prevenir. Devia nessas ocasiões, cozer a bebedeira, nalgum botequim, mas, para Scarlett, ele estaria

548

fatalmente metido no estabelecimento de Belle Watling. Certo dia, ela encontrou-se com Belle numa loja.--- A cortesã era já uma mulher de meia-idade, cuja beleza fenecia: conservava no entanto um ar amável e maternal, e, em vez de baixar os olhos, ou de tomar atitude provocante (como faziam aquelas mulheres em presença duma senhora) Belle contemplou Scarlett com tal expressão de dó, que esta se ruborizou.

Daí por diante, ela sentiu-se tão incapaz de querer mal a Rhett, de se zangar com ele ou exigir-lhe fidelidade, como de lhe pedir perdão de o haver acusado da morte de Bonnie. Estava tomada duma apatia, inexplicável, duma tristeza sem causa aparente, mas que a atingia mais fundo do que tudo quanto até ali conhecera. Encontrava-se só; e não se lembrava de qualquer jamais estado só. Talvez até esse momento não houvesse tido vagar de medir a sua solidão. Sentia-se abandonada, sentia medo e não havia ninguém a quem recorresse, a não ser Melanie. Babá, seu principal sustentáculo essa mesma a deixara, regressando definitivamente a Égara., sem sequer explicar os motivos da partida, Os seus olhos de velha cansada poisaram,-se com tristeza sobre Scarlett' quando lhe pediu dinheiro para * comboio. Por mais que a senhora chorasse e suplicasse, * ama, limitou-se a responder:

- Parece que senhora Ellen disse a mim: "Babá, volta para casa. Teu trabalho acabou".

Rhett, que assistira à cena, deu o dinheiro a Babá e foi-

Uma noite, festa no braço,

-Tens razão, Babá, E a senhora Ellen também. O teu trabalho está terminado. Volta para casa. Se precisares de qualquer coisa, manda-me dizer, -Como Scarlett se indignasse, dizendo a Babá que tinha de ficar, ele exclamou: -Cala-te! Deixa-a partir. Quem é que deseja permanecer nesta casa... agora? -E acompanhou estas palavras com um olhar tão desvairado, que a mulher, atemorizada, recuou.

Mais tarde, Scarlett, perguntou ao Dr. Meade: -Acha que Rhett esteja desarranjado do, miolo?

- Não, senhora - replicou o médico. - Mas bebe como uma esponja e, a -continuar assim morrerá.

Gostava muito da pequena e procura dessa forma o esquecimento. Se quer um bom conselho, dê-lhe um filho o mais depressa possível.

5-49

"Ah! - murmurou Scarlett, ao sair do consultório. -

é mais fácil dizer do que fazer". Não desejava ela outra coisa: um, dois, muitos filhos, se isso pudesse mudar a expressão de Rhett e preencher o vazio do seu próprio coração martirizado. Sim, um rapaz que fosse belo como Rhett, ou então outra pequena. Outra pequena, bonita, alegre, cheia de vida, não como essa insípida da Ellen. Por que não lhe levava, Deus esta filha, já que devia ser uma? A sobrinha não lhe servia de consolação. Mas Rhett parecia não querer mais filhos. Pelo menos, nunca entrava no quarto da mulher, embora já não estivesse fechado à chave e até a porta ficasse entreaberta de propósito. Dir-se-ia que ele, se não interessava por nada. Só contava, para si, o whisky, além daquela criatura, ordinária de cabelos ruivos. Tornara-se azedo e brutal. Depois da morte de Bonnie, muitas senhoras, seduzidas pela forma, como ele tratara a filha diligenciaram demonstrar-lhe a pena que sentiam. Para-ela na rua, a, fim de lhe apresentarem pêsames, ou então falavam-lhe, através da grade do jardim, declarando quanto partilhavam da sua dor. Ele, porém, fugia dessas pessoas bem intencionadas chegando muitas vezes a voltar-lhes as costas, sem cerimônia.

As damas contudo, não se melindravam com tais modos. Compreendiam-no ou fingiam compreendê-lo. Quando Rhett entrava em casa, à noite, demasiadamente bêbado, para se equilibrar bem na sela, elas compadeciam-se ainda mais e redobravam de atenções. Queixavam-se, porém, de não acharem melhor acolhimento junto de Scarlett.

Toda a gente sabia como- Scarlett. era seca, insensível. Todos se espantavam d& facilidade com que ela parecia ter-se conformado com a morte de Bonnie, e ninguém percebia ou tentava perceber o esforço que representava essa resignação, aparente. Rhett desfrutava da simpatia da cidade inteira, sem que desse por isso ou que, sabendo-o, ficasse mais satisfeito. Quanto à mulher, quem se interessava por ela? No entanto, Scarlett teria acolhido com alívio, a solicitude dos seus -amigos de outrora.

Além da tia Pitty, de Melanée e de Ashley, não a procurou nenhuma das suas antigas visitas. Só as amigas mais modernas compareceram, vindas nas suas belas carruagens. Estavam ávidas de lhe demonstrarem afeição, e tratavam de a distrair contando-lhe, mexeriquices que lhe eram indiferentes. Tudo pessoas que mal a conheciam e

550

que não, a conheceriam nunca a fundo. Ignoravam qual tinha sido a sua existência antes de se instalar na esplendorosa residência da Peachtree Street. Aquelas, mulheres evitavam também revelar-lhe o que fora a sua vida antes de usarem vestidos de brocado e de passearem em carruagens puxadas por cavalos que custavam um dinheirão. Não sabiam quais haviam sido as lutas travadas por Scarlett, nem quais as suas privações, nem nada do que ela sofrera; não sabiam e pouco lhes importaria saber. Eram criaturas que pareciam levar sempre uma existência superficial, sem nada de comum com Scarlett, com a guerra, com a fome, -com as mil e uma dificuldades de outrora. Não tinham raízes que mergulhassem na mesma terra vermelha.

No seu isolamento., Scarlett gostaria de passar as tardes com Maybelle, ou Fanny, ou as senhoras Elsing e Whiting, ou mesmo com essa temível adversária que era a senhora Merriwether. Ou a senhora Bonnel, ou... qualquer dos velhos amigos ou vizinhos. Essas sabiam. Essas, conheceram a guerra, e o terror, e o fogo; tinham assistido à morte prematura de entes queridos; haviam sofrido, fome usado andrajos, vivido com todo o gênero de privações. Nas ruínas, tinham conseguido reerguer o seu lar.

Seria agradável sentar-se ao lado de Maybelle, recordar que esta perdera um filho na ocasião da fuga precipitada diante das tropas de Sherman. Seria consolador tornar a ver Fanny, que também ficara viúva, nos tempos sombrios da lei marcial. Seria, engraçado. evocar, com, a, senhora Elsing, a travessia que ela fizera na carroça, quando da rendição de Atlanta... levando consigo o saque, dos armazém da, Manutenção Militar. Também não -seria desagradável dizer à senhora, Merriwether 'cuja confeitaria prosperava: "Lembra-se ao certo da sua situação, depois -da queda da cidade? Nem sabia como consertar o seu calçado velho! E agora... é vê-la!"

Sim, acharia. graça em dizer-lhe isso. Scarlett compreendia a razão por que se demoravam tanto à conversa, quando se encontravam os camaradas da Confederação. Falavam da guerra. Era tão desculpável o orgulho deles.... as suas saudades... A guerra pusera-lhes à prova a coragem, mas haviam-se portado dignamente. Veteranos! Scarlett, também era veterana, mas não tinha camaradas com que trocasse impressões dos combates travados outrora. Ah, se Pudesse lidar de novo com essa gente que, passara pelas

551

mesmas provas! Provas terríveis, sem, dúvida, mas que apesar de tudo ocupavam tão grande espaço no coração de cada um.

Mas, fosse como fosse, os outros haviam-se afastado. Scarlett percebeu que a, culpa era, sua. Até aí o facto não a preocupara - mas, desde que Bonnie morrera, ela achava-se só, cheia de medo, e via mover-se no extremo da mesa sumptuosa um indivíduo quase estranho, emburrado. Cído, pelo álcool.

411

SeARLETT estava em Marietta quando lhe chegou um telegrama de Rhett. Daí a, dez minutos havia um comboio para Atlanta, e ela conseguiu apanhá-lo, embora: não levasse mais bagagem do que a sua, mala de mão. Wade e E" continuaram no hotel, com a Prissy.

Atlanta ficava apenas a vinte milhas de distância, mas o comboio arrastava-se interminavelmente naquela tarde húmida do começo de Outono e parava em todos os apea, deiros em que estava alguém para embarcar. Assustada com o telegrama do marido, enervada com as demoras, Scarlett sentia desejos de gritar. Sem se apressar, aquela série de carruagens atravessava florestas de tons de oiro, deixava para trás outeiros de terra vermelha, espaços vazios onde em tempos foram instalados peças de artilharia, restos de trincheiras, buracos produzidos por obuses e agora invadidos pelas ervas. Era o caminho que haviam tomado os soldados, de Johnson na sua, retirada, combatendo paoso a passo. Cada estação, cada encruzilhada cujo nome o empregado do comboio apregoava correspondia ao nome duma batalha ou duma simples escaramuça. Noutra ocasião teriam suscitado em Scarlett recordações dolorosas. 169 agora os seus pensamentos eram outros.

O telegrama de Rhett dizia.- "Melanie doente. Volta já".

O crepúsculo demia quando entraram em Atlanta. Sobre a cidade espalhava-se uma névoa sombria. Os bicos de gás, a-marementos, lançavam um clarão confuso entre a bruma., Rhett esperava a mulher, com o trem, e o ar estranho do marido apavorou-a ainda mais do que a mensagem urgente: nunca o vira tão esquisito.

-Não me digas que...

552

- Não. Ainda vive. - Ajudou-a a subir para o trem e ordenou ao cocheiro: - Para casa da senhora Wilkes. o mais depressa que pudes.

-Que lhe aconteceu? Não sabia, que estivesse doente. A semana passada tinha tão bom aspecto! Foi algum desastre. Oh, Rhett, não há-de ser assim tão grave

- Está moribunda - retorquiu ele numa voz que emparelhava com a sua fisionomia, -E deseja v er-te.

- Mas que se passou? -Teve um mau sucesso.

- Oh... um... -Depois da triste notícia, aquele pormenor sufocava-lhe as palavras.

- Não sabias que estava para ter uma criança? - Searlett nem pôde fazer um sinal negativo de cabeça. - Realmente, não devias saber. Creio que ela não disse a ninguém. Queria fazer surpresa... Mas eu sabia-o.

-Como? Não to confessou, por certo. -Nem era preciso. Percebi logo. Vía, tão feliz nestes dois últimos meses... Compreendi que não podia ser outra coisa.

-Mas o médico tinha-a avisado de que outro filho a poderia matar.

-E é o que sucede-concluiu Rhett. Depois, virando-se para. o cocheiro: - Por amor de Deus! Não podes ir mais depressa?

-Oh, Rhett... achas que está moribunda? Eu não... Eu...

-Não tem a tua força, Scarlett. Sempre foi unia fracalhona. Nunca, teve nada senão coração.

O trem parou bruscamente defronte duma cancela atrás da qual estava uma, casa pequenina, Rhett estendeu a mão à mulher. Trémula, assustada, invadida por uma sensação repentina de isolamento, Scarlett, agarrou-se ao braço do marido:

-Vens comigo, não?

- Não-límitou-se ele a responder. E reentrou no trem. Scarlett subiu uns dègraus, atravessou unia varanda e abriu a porta do vestíbulo. Ali, à claridade amarela dum candeeiro, estava As<hley com India e a tia Pitty. "Que fará India aqui?" pensou a recém-chegada. "Melanie orde~ nou-lhe que não tornasse a pôr os pés na sua casa". Os três levantaram-se ao v&la, a tia Pitty mordendo os lábios trémulos, para os aquietar, India olhando com expressão

553

"14 @ '.

aflita onde já não se descobriu nenhum ódio. Ashley tinha um a@ de sonâmbulo; adiantou-,se para Scarlett, pegou~lhe no braço e falou-lhe como num sonho:

- Ela, perguntou por si... Perguntou por si...

- Posso ir vê-la? - Dizendo isto, voltou-se para a porta fechada do quarto de Melanie.

- Não, o Dr. Meade está lá. Ainda bem que velo, Scarlett.

- Vim o mais depressa que pude -declarou Scarlett, desembaraçando-se do chapéu e da capa. -O comboio... Realmente, a Melanie ... ? Diga-me, está melhor, não está, Ashley? Fale! Não olhe desmaneiral Ela realmente...?

- Tem perguntado muito por si-repeti@ Ashley, fitandc@a- E, nesse olhar, Scarlett leu a resposta, às suas perguntas..Por momentos, o coração parou de bater-lhe depois encheu4he o peito um medo estranho, mais fort@ que a ansiedade, mais forte do que a dor. "É impossível! -disse de si para si, tentando lutar contra aquele medo.-Os médicos enganam-se. Não quero crer que seja verdade. Não pode ser, senão grito, como uma louca. Tenho de pensar noutra, coisa". E em voz alta, olhando para &% três pessoas presentes ' de semblante tão aflito, bradou-lhes como se quisesse impedi-1a9 de a contradizerem:

-Não acredito! E por que é que Melanie me não preveniu? Se eu soubesse, nunca teria- ido para@ Marietta.

Ashley parecia atormentado ao máximo. -Não disse a ninguém, Searlett, e sobretudo não lho diria a si. Tinha receio de que lhe ralhasse. Queria esperar três meses... até que já não houvesse perigo. Era uma surpresa que preparava... e assim ria---;e dos médicos. Andava tão feliz! Sabe como ela adoracrianças... e como desejava ter uma filha, Ia tudo tão bem--- e de repente, sem mais nem menos...

Abriu-se a, porta devagarinho e o Dr. Meade saiu, tornando outra vez a fechá-La. A sua aparição emudeceu os circunstantes. Scarlett, para quem ele se adiantou, leu-lhe nos olhos um misto de tristeza e,desdém, e o coração encheu-se-lhe dum vago, sentimento de culpa,.

-Ora até que enfim! Já chegou! -disse o médico. Antes que Scarlett, respondesse, Aqhley dirigiu-se à porta. da doente, mas o doutor deteve-o, explicando que era à senhora. Buflar que ela desejava falar,

-Deixe-me entrar tamWm um instante- acudiu In-

554

dia. - Queria, dizerlhe... tenho de lhe dizer que... me enganei a respeito--- duma coisa.

Não olhara para, o irmão nem para Searlett, mas o Dr. Meade não deixou de observar esta última.

-Com a condição- replicou ele-de não a fatigar. Ela sabe que você se enganou, e isso de estar a ouvir, des- ,culpas pode cansá-la inutilmente.

Pitty interveio também, com timidez:

- Peço-lhe, doutor...

- Minha senhora, bem sabe que começaria a, chorar... se é que não desmaiava. Enfim, talvez mais tarde. Quanto à Sca,rlett, pode entrar agora. -Ao chegarem à porta, recomendou-lhe: - Nada, de crises nervosas nem de confissões da última hora, Vamos não tome esses ares ino-i centes, Sabe muito bem a, qu@ me refiro. Meily vai teT uma morte suave; acho preferível não lhe contar histórias, a respeito de Ashley só para aliviar a sua própria@ consciência, Nunca fiz ma,1 a uma mulher... mas se disser, seja o que for, terá de prestar-me contas.

Abriu, sem deixar a Scarlett tempo de responder, empurrou-a para, dentro do quarto, e fe@choa a porta. O quartinho, sumariamente mobilado de peças de nogueira escura,, estava mergulhado numa semiobscuridade. Um jornal %er--@ via de quebra-luz ao candeeiro, Havia ali um arranjo pobre, e meticuloso: a cama era estreita e baixa, as cortinas de@ tarrafa estavam seguras em ganchos, os tapetes tinharrk tons desbotados, e tudo fazia grande diferença. do luxuoso. quarto de dormir de Scarlett, com os seus móveis escul-, PídOs e imponentes, os seus brocados cor-de-rosa, a sua alcatifa serneada de florinhas, Sob a colcha, adivinhava-se@ o corpo franzino deMelanle liso como o duma rapariguita, Enquad,ravam-ílhe o rosto duas grossas tranças pretas. Os olhc>s enco-vavam-

se-lhe na,9 órbitas, envoltos num círculo violáceu. Perante aquele espectáculo, Scarlett ficou como que pregada ao chão. Apesar da obscuridade, podia ver que, a doente tinha o nariz afilado, a rosto cor de cera. Até esse Inomento, esperara que o Dr. Meade se tivesse iludido;, rnas, agora, sabia que era verdade, Nos hospitais durante a guerra, observara muitas faces que tinham ess@ expres-' São e compreendia que era, inevitável o desfecho previsto.

Melanie estava moribunda. No entanto, Scarlett, não queria acreditar. Melanie não podia. morrer. Era imposSível. Deus não a deixaria morrer quando ela, Scarlett,

555

1^

tantá necessitava da. sua presença no mundo. Nunca até aí lhe ocorrera que, tinha necessidade de Melanie. Mas agora a verdade surgía-lhe dos mais profundos recessos da alma, Sempre confiara em Melanie corno confiava, em si própria, e nunca dera por isso. E neste momento, que Melanié estava a morrer, é que Scarlett compreendia que não podia passar sem ela. Avançou em bicos de pés, aproximou-se do leito, de coração oprimido pelo terror. Só agora se compenetrava de que Melanie fora a sua espada e o seu escudo, a sua consolação e a sua força,

"Tenho; de a reter neste mundo!" pensou, ajoelizando-se junto da cama com um farfalhar de sedas. Pegou na mão inerte pousada sobre a colcha e o seu pavor aumentou quele contacto gelado.

-Sou eu, Melly-disse em voz baixa, Melanie entreabriu os olhos como para se certificar de que era realmente Scarlett @uem ali estava, e tornou a fechá-los. Passados instantes, soltou um suspiro e murmurou:

- Fazes-me uma promesEW -Todas as que quiseres!

- Peço-te... toma conta de Beau. Scarlett nem pôde falar. Sentia um nó na garganta. Em sinal de aquiescência, apertou a mão que segurava, entre as suas.

- Confio-to. - Nos lábios de Melanie perpassou a sombra dum sorriso, -Já uma vez to confiei... Lembras-te? Antes de ele nascer...

Se ela se lembrava? Podia acaso esquecer? Quase tão nitidamente como nesse dia terrível, sentiu o calor sufocante daquela tarde de Setembro; recordou-se do seu medo dos yankees, do barulho das tropas a tocar a, retirada, da voz de Melanie a pedir-lhe que te@inasse conta da -criança no cago, de ela morrer... E recordou-ge também de quanto detestara Melanio naquele dia e quanto desejara que ela morresse.

"Matei-a," pensou Sr-arlett, cheia de angústia. supersticiosa. "Tanto desejei a sua marte que Deus acabou por me ouvi,r@ e me castigar".

- Oh, Melly! Não digas essas coisas! Vais ficar boía,

- Não fico, não. Promete! Searlett engoliu a saliva.

556

-Bem sabes que prometo. Tratá~lo-ei como se fosse meu filho.

- o liceu...

- Sim, o liceu e a, Universidade. E uma viagem Europa Tudo o que ele quiser, até um garrano, e lições de música. oh M-e,lly, suplico4e:!-- Faze um esforço.

De nova s@ estabeleceu ,4ilêncio. O rosto de Melanie reflectiu c> combate em que ela se embreinhara para ter forças de falar.

- Ashley - disse por f im. - Ashley e tu... Embrulhou as palavras e calou-se. ouvindo proferir o nome de Ashle-y, Scarlett julgou parar-lhe o coração e tornar-se frio como- um bloco de granito. Melanie sabia tudo. Baixou a cabeça e teve um soluço. Scarlett nem expeTimentava já a simples sensação de vergonha. Não sentia abso-lutamente nada. Só o remorso a torturava, o, remorso de ter feito sofrer durante anos aquela criatura tão delicada. Melanie sabia, e continuara a ser sua amiga leal. Ah, se pudesse, ao menos, tornar a viver esse tempo! Nem alharia então para Ashley...

"Meu Deus - disse como numa oração. - Permiti que ela viva! Portar-me-ei o melhor possível, serei boa, capaz até de não dirigir mais nenhuma vez a palavra a Ashley ... "

- Ashley-mur-murava a múribunda, e@stendendo a mão para tocar na cabeça, inclinada de Scarlett. Entre o pol@egar e o índex, tomou-lhe uma porçãd de cabelos que puxou com menos força que a dum recém-nascido, 'Searlett sabia o que significava esse gesto: Melanie queriaque a amiga a olhasse, mascomo, suster-lhe o olhar, esse olhar onde lia que estava ao, facto de tudo? - Ashley - continuou Melanie. A outra acabou poT fitá-la, pensando todavia qwe, no Juízo Final, quando se encontrasse frente a frente com Deus, a provação não seria mais angustiante, Mais atroz. ,Mw@ viu iguais ao que sempre foram os olhos escuros de Melaníe, agora apenas enlanguescidos pela morte. Viu-lhe a boca, sempre a mesma, a contrair-se num esforÇO doloroso. Nenhuma censura, nenhuma acusação nenhum receio nesses olhos e nessa4 boca... só a ansied@Ae de mal ter forças de ver e de falar. Por instantes, Scarlett ficou demasiadamente perplexa para que sequer sentisse qualquer alívio. Depois, enquanto apertava. cada vez mais a, mão de Melanie na sua, um fluxo de tépida gratidão se

557

lhe espalhou. pela corpo, e, pela, primeira. vez desde a infância, balbuciou uma, prece humilde sem a mInima sombra de pensamento egoísta..

"Meu Deus, sei que não sou digna, mas agradeço,-vos do coração se ela não souber nada ... "

-Que querias dizer a respeito de Ashley, Melly?

Que... que cuidasses dele...

- Fica descansada.

- Constipa-se tão facilmente... Houve uma pausa.

Ocupa--te dos seus negócios. Compreendes? Compreendo. Ocupar-me-ei deles. Melanie fez um esforço, maior.

Asliley não tem--- espírito prático. -Fora preei@,a a vizinhança da, morte para que a mulher lhe fizesse aquela deslealdade. -Cuida dele... mas que ele não o saiba.

-Cuidarei de Arhley, olharei pelos seus negócios e ele jamais o saberá. Dar-lhe-el apenas sugestões.

Melanie esboçou um vago sorriso, que no entanta desabrochou quando os seus olhos encontraram de novo os de Scarlett. E o olhar que troicaram. foi como a assinatura dum acordo entre essas duas mulheres: uma. encarregando a outra de defender Ashley W"es dum mundo exces&ivamente duro e de agir de maneira que o seu orgulha dQ homem nada sofresse com isso.

Desaparecera toda a, ansiedade do rosto fatigado de Melanie, como se, com a promessa de ScaIrlett, descesse sobre ela a tranquilidade.

- Foste tão corajosa... sempre tão boa, para mim... A estas, palavras, Scarlett sentiu quei os soluços lhe iam irromper da garganta e levou a mão à boca. Estava prestes a chorar corno uma criança e a gr`itar, "Fui um monstro! Tratei-te sempre mal! Nunca fiz nada por ti! Tudo o que faízia era por Aghley!"

Pôs-se de pé bruscamente e mordeu og dedos para se dominar. E mais uma vez lhe vieram ao espírito as palavras de Rhett: "A afeição de Melly será para ti uma cruz..." Bem pesada era essa cruz, e aloraj mais do que nunca.

Arrependera-se já de ter empregado todas as manhas para afastar Ashley da mulher, mas ainda maiores remorsos sentia ao ver Melanie, que toda a vida confiara, nela cegamente, levar para a morte a mesma afeição e a mesma

558

confiança, Não, não podia falar. Nem sequer podia repetir: "Fa-ze um esforço para, viver". Devia deixar Melanie- apagar-se suavemente, sem luta, sem prantos, sem desgosto.

A porta entreabriu-se e o Dr. Meade chamou-a com gesto imperioso. Scarlett inclinou-se para o leito, conteve as lágrimas e, pegando na, mão de Melanie, encostou-a à face.

-Boa noite -disse ela, e a sua voz era tão firme quanto possível,
 - Prometcs-me... -proferiu Melly, quase num sopro. -Tudo o que quiseres, minha querida. -Sê bondosa para... o capitão Butler. Ele ama-te... tanto...
 "Rliett?" pensou Scarlett, admirada. Mas as palavras de Melanie nada significaram para, ela.
 - Sim, prometo - respondeu maquinalmente, E, depois de beijar ao de leve a mão da moribunda, tornou a pousá-la sobre a cama.
 -Diga às senhoras que venham já-sussurrou o m& dico quando Scarlett ia. asair.
 Através das lágrimas ' Searlett viu India e P!t@y entrarem no quarto, segurando nas saias com as duas mao@ para as impedir de rumorejar. A porta fechou-se e a casa ficou mergulhada em silêncio. Asliley desaparecera. "riett apoiou a cabeça à parede, como uma criança rabinha que mandaram de castigo para um cainto, e esfregou a garganta dorida,
 Atrás daquela porta, Melanie morria, e, com ela, morria a força com que Scarlett contara. durante anos e anos, sem o saber. Oli, porque não compreendera mais cedo quanto gostava e precisava de Melanie? Mas, quem toma~ ria por baluarte a franzina Melly de rosto desgracioso? Aquela Melanie tão tímida dos, estranhos, que não formu~ lava nunca uma opinião pessoal, receosa de incQrrer no desagrado dos outros, aquela Melanie que tinha medo da própria sombra... E no entanto---
 Searlett recuou ao passado e lembrou-se de certo dia quente, lá em Tara. Dum corpo fardado de azul subia, um fumo cinzento, em espirais. Melanie, com o sabre de Charles na mão, estava ao alto da escadaria. Qual fora a, sua reflexão, nesse momento? Ah, fora esta: "Que absurda! Uelly nem pode com a espada..." Mas agora sabia que,

559

se fosse preciso, ela desceria ós degraus empunhando a arma--- e teria dado cabo do yankee ou morreria então.
 Sim, Melly estivera nesse dia com a sabre na mão, pronta, a lutar por Scarlett, E tempos volvidos, ao vaguear o olhar triste pelo passado @ompreendia que essa amiga se encontrara sempre a sei@ lado, discreta como, uma soni-@ bra, carinhosa, combatendo por ela com apaixonada leal~ dade, rechaçando os yankees, o incêndio, a fome, a pobreza a opinião pública, e até os parentes que tanto estimava' E Scarlett sentiu a coragem -e a confiança abandoná-la ao pensar que a espada simbólica,, que cintilava entre ela e Melanie, recç>lhera para sempre à bainha.,
 "Melly foi a única amiga que eu tive", disse de si para si, desesperada. "A única mulher que me teve alguma, estima, à exceção de minha mãe. E parece-se com minha mãe. Todos os que a, conheceram procuraram imitá-la.*.
 Foi corno se, de súbito, Ellen jazesse atrás daquela porta fechada @-Como -se deixwse o mundo pela segunda vez. Searlett achou-!se repentinamente em Tara, desolada por não poder enfrentar a vida sem a força tremenda que provém da fraqueza, da bondade, da, ternur& do coração.
 Elacontinuou no vestíbulo, indecisa e assustada. A ela~ ridade do fogão, aceso na, sala, lançava altas sombras incertas às paredes que a rodeavam. Toda a casa, recaíra em completo silêncio, e esse silêncio penetravak-a como uma chuva fininha e glacial. Ashley! Onde estava Ashley?
 Entrou na sala, procurando, As.hley como um animal friorento que se aprakima do lume. Ele> porém, não estava ali. Tinha de o encontrar, custasse o que custasse, Descobrirá, sim, quão grande era, a força, de Melanie, e compreendera como este apoio lhe era indispensável - mas só no preciso momento em que essa mesma força a abandC@I nava. Restava-lhe, contudo, ainda Ashley, Astiley era fortQ, assisado, seria, pois o seu socorro. Nele, no seu amor, residia um poder so@re o qual Scarlett apoiaria a sua fraqueza uma coragem de que havia de extr&ir a energia neces@ár!a para, combater os seus terrores, um consolo que suavizaria o seu desgosto.
 "Deve estar no quarto", pensou e, atravessando o vestíbulo nos bicers dos pés foi bater discretamente à porta de Ashley. Não obteve r@si)osta. Empurrou então a porta entreaberta e viu-o logo defronte do toucador, a contem-

560

placar um par de luvas velhas de Melanie, Em primeiro lugar pegava numa l@ observav&-a-, como se nunca a vira antes; depois poisava-a devagar, W se fosse feita de vidro, e em seguida erguia outra, - Ashley - chamou Scarlett,,com, voz trémula. Ele voltou-se sem press& e fitou-a. Aqueles olhos cinzentos tinham perdido o seu ar sonhador. Muito. abertos não ocultavam os sentimentos que o animavam. Scarlett' decifrou neles unia, inquietação igual à sua, um desespero mais profundo, um - espanto que ela jamais revelara. Aquilo redobrou-lhe a intensidade do medo experimentado pouca antes no ves-4 túbulo, Aproximou-se de Asliley e disse-lhe: - Estou assus, tada. Proteja-me. Tenha tanto medo!

Sem se mexer, Ashley limitou-se a olhá-la, continuando a fechar na mão a luva de Melanie. Scarlett tocou-lhe no braço e murmurou-. "Que tem?"

O olhar dele <lír-se-ía buscar desesperadamente em Scariett fosse o que fosse que não conseguia achar. Por fim, falou num tom muito diferente do seu:

- Quería vê-la... Estava mesmo para ir em sua, procura,... correr como uma criança que precisasse de cons<>lação. E vejo outra criança mais intimidada do que eu.---

a correr para mim,

-Não, não deve estar assustado, AshIey. Nunca teve medo, sempre foi forte. Mas eu---

-Se fui forte, é que a tinha a meu lado-declarou Ashley quase num soluço, Baixando os olhos contemplou outra @ez a luva, cujos dedos alisou. - E... t@da a minha, forÇa vai com ela!

Havia tanto desânimo nas suas palavras que Scarlett deixou escorregar a mão e recuou. E, no silêncio, pesado que se seguiu 'ela teve pela primeira vez a certeza de que compreendia aquele homem,

- Escute, Asliley - murmurou. @- Ama-a, não é verdade?

Ashley respondeu com visível esforço:

- P, o @inko dos meus sonhw que viveu... e@ que ri o se desfez perante a realidade.

"Sonhos", pensou SearJett, que sentiu renas-oer-lhe a irritação de outrora, "@Qmpre s@onhos! --k' incapaz de ter bom sensD" * E' cheia de- amargura, observou:-E você. louco, não viu que ela valia mil vezes mais da que eu? sr, - Vento Levou - li

561

- Scarlett por amor de Deus! Mal sabe o que tenho sofrido desde'que o médico...

-O que tem, sofrido! Não acha que eu...? Oh, AshIey, devia saber, há muito tempo, que era, a ela-que amava e não a mim. Como é que não percebeu isso? Teria sido tudo tão diverso, tão... Devia ter percebido e não andar a pregar-me os seus sermões sobre a honra e o sacrifício, Se mo tivesse dito, há anos, eu... Sim, a desgosto seria grande, mas sempre reM,,iria. O pior é que você esperava este momento, esperava que Melly agonizasse para descobrir a verdade. Agora é tarde demais para. fazer seja o que for, Oh, Ashley, os homens é"que deviam saberestas coisas... não as mulheres. Devia saber que a amava, a ela@... e que a mim desejava, apenas... como Rhett deseja essa tal tling! Ashley estremeceu a es@a explicação, mas os seus olhos continuaram suplicantes implorando consolo. Lia-se-lhe a confissão em cada uma às suas feições. O próprio vergar dos ombros denunciava o rebate de consciência, mais cruel do que ela. lho poderia sugerir. Ficou, pois, silencioso, apertando a, luva de Melanie, como se fora uma verdadeira mão, compreensível. A indignação de Searlett cedeu o lugar a um sentimento de dó matizado de desprezo. Arrependeu-se de haver atacado um homem indefeso... um homem por quem prometera, à moribunda, velar daí por diante.

"Precisamente", pensou, "quando, faço esta promessa é que lhe digo coisas tão contundentes. Ele não ignora a verdade, e é isso que o mata. Não é um homem; é uma criança como eu, e está desorientado pela ideia de perder a mulh@r. Melly conhecia-O` melhor de que eu o conheço. Sabia, o que ia suceder, Por isso me encarregou de velar tanto por ele como pelo filho. Como irá Ashley suportar este desfecho? Eu suporto-o, porque suporto tudo. Tive de -suportar muito mais. Mas ele... ele não aguenta nada, sem ela!" - Perdoe-me, meu amigo - disse em voz alta, meiga e estendendo-

lhe os braços. -Sei quanto vai sofrer. Mas lembre-se de que ela ignora tudo--- que riunca desconfiou de nada. Deus concedeu-nos esta graça,
Ashley correu para Scarlett. e apertou-a, convulsivamente ao peito.
-Não chore - disse ela, alçando-se na ponta, dos pés a fim de encostar à dele a sua face escaldante. Com uma das mãos acariciou-lhe o cabelo, e prosseguiu: -Melly quer
562

que seja corajoso. Daqui a pouco vai mandar chamá-lo e, nessa altura, é preciso que tenha ânimo. Não convém que ela o veja chorar. Transtorná-la-ia muito.
Apertando-a ainda com mais força, tanto que mal a deixava respirar, Ashley redarguiu soluçando:
- Que vai ser de mim! Não posso, não posso viver sem ela!
"Eu também não", pensou Scarlett, lembrando-se da possibilidade de viver muitos anos sem Melanie. Mas fez um esforço para se animar. Ashley dependera dela, Melanie igualmente... Como outrora, numa noite de luar em Tara, em que se sentira morta, de fadiga, Scarlett disse consigo: "A carga foi feita para os ombros que a podem suportar". Pois bem. Ela tinha ombros fortes, ao contrário de Ashley, Preparou-se para aguentar o fardo, e, com uma calma que estava longe de sentir, beijou a face molhada de Ashley sem febre, sem paixão: um beija de puro afecto. -Havemo,s de conseguir- declarou.
Abriu-se violentamente uma porta e apareceu o Dr. Meade.
-Ashley, depressa-ch4mDu. ele, em tom imperioso. "Meu Deus, morreu! -disse de si para si Scarlett. -

E Ashley não se despediu... Mas,talvez que ... "-Depressa!
- bradou empurrando Ashley que a olhava como que petrificad6. - Vã a correr! - Puxou-o por um braço e ele, electrizado por essas palavras precipitou-se no vestíbulo, seni nunca largar a luva de Mélanie. Scarlett ouviu-o afastar-se1e depois o som duma porta que se fecha. "Meu Deus"_repetiu, Aproximando-se da cama, sentou-,se e apoiou a cabeça nas mãos. Sentia~se novamente inerte, decerto tanto como nuncai o estivera. Os nervos, prontos a estalar, haviam cedido enfim. Estava esgotada, vazia até de toda e qualquer comoção, Já não experimentava desgosto, neni remorso, nem angústia. Na sua lassidão, distinguia vagamente o tiquetaque maquinal dos pensamentos, semelhante à do relógio do fogão.
Dessa bruma, uma ideia se ergueu. Ashley não a amava, jamais a amara; esta verificação não tinha, porém, nada de penoso, se bem que o devesse ter, se bem que Scarlett devesse estar desolada, aflita, de coração despedaçado. Por que não se insurgia ela contra o destino? Contara durante tanto tempo com o amor de Ashley ele ajudara-a a dissipa as trevas! Todavia, a verdade estava acolá. Ashley não
563

k@-'

a amava, nunca a amara, Que importava, no fim de contas, se ela o não amava também? Não o amando, nada do que ele fizesse ou dissesse a poderia magoar.
Estendeu-se na cama e descansou a cabeça no travesseiro. Era inútil combater o pensamento, inútil repetir: "Mas eu amo-o, sempre o amei. O amor não pode, num, instante, transforinar-,se em apatia". Contudo, o amor podia ter mudado. E mudara. "Nunca existiu, afinal, senão na minha imaginação," disse Scarlett consigo mesma, extenuada. "Amei qualquer coisa que construí com as minhas mãos, qualquer coisa que está tão morta como M@-_Ily. Talhei um, rico traje e apaíxo@nei-me por ele. E quando Asffiley chegou a cavalo, tão sedutor e tão belo, vesti-o com aquele fato e disse-lhe que o usasse sem reparar se lhe acertava ou não. Não a queria ver doutra forma. Continuei a amar a roupa... e não o indivíduo que a envergava".
Scarlett podia ver agora, o passado, evocar a longa série dos anos pretéritos, E!-la na varanda cheia de sol em Tara. Tinha um vestido de fustão verde., semeado de dorinhas, e o seu coração pulsava pelo gentil cavaleiro, cuja, cabeça loira cintilava, qual um capacete de oiro. Compreendia, enfim

que Ashley não fora, para ela mais do que um capricho infantil, sem máis importância, do que esses brincos de águas-marinhas que obrigara o pai a oferecer-lhe, à força de carícias. Uma vez de posse deles, esses brincos haviam perdido todo o seu prestígio. Ashley teria sofrido a mesma sorte se, nessa época, distante ela houvesse tido o prazer de lhe recusar a sua mão. Se o tivesse nessa altura às suas ordens, se o visse apaixonado e ciumento como os outros rapazes a paixão louca cedo lhe passaria, desfazendo-se como a névoa ao sol. Bastava que, aparecesse outro pretendente.

"Como fui tola!" pensou com amargura. "Agora terei de pagar tudo isto muito caro. Realizou-se o que desejei.. Desejei a morte de Melly para conseguir apoderar-me de Asliley. E!-Ia morta, tenho-o à minha disposição, e não o quero. Com a, sua maldita, preocupação da honra, há-de perguntar-me se desejo o divórcio para casar com ele. Casar com Ashley? Não o queria numa bandeja de prata! O pior é que o hei-de ter às costas para o resto da minha vida: cuidar da sua saúde, evitar que os outros o ofendam... Será o mesmo que andar com outra. criança agar-

rada às salas. Perdi um anjalito-, e encontrei outro. filho... Se não houvesse prometido à Melly... Pouco me importaria não o tornar a ver!

ouviu um murmúrio de vozes, foi à porta, e viu

o Vitor no estíbulum um grupo de criados pretos, todos ao fundo da sala tinha nos braços Beau adormecido com ar assustado. Dilcey, heira enxugava as lágrimas cidas, Peter chorava, a cozinheira queriam perguntar-lhe o avental. Vendo Scarlett, pararam.

Do lado da sala estava Índia e Pitty, ambas caladas de mão dada. na companhia da tia até (> seu aspecto rígido. Como os primeiros perderam os pretos, olhavam com ar suplicante, esperando que Scarlett, ao vê-la avançar, as duas senholetas lhes desse instruções e se aproximaram-se.

- o que devemos. - começou a tia Pitty, cujos lábios carnudos e infantis tremiam.

Scarlett.

- Não me digam nada, ou grito - preveniu

vos falava, era tom agudo e conserDominada pelos nervos e outra vez vava os,

punhos crispados. A garganta dava-lhe um upar das coisas relacionadas-i(>um nó só à ideia de ter de se OC" _ Não quero, ouvi-las, nada com a morte de Melanie agora! - acrescentou.

Havia qualquer coisa de tão autoritário na sua voz que as duas recuaram, espantadas. "Não devo chorar diante delas", pensou Scarlett. "Os pretos desatarão a chorar também e isto, seria uma confusão. Preciso de me conter., Tanto tenho que deliberar' primeiramente ir à agência funerária tratar do enterro, depois pôr a casa em ordem e receber as visitas. Ashley é incapaz de fazer qualquer destes trabalhos, e Pitty e Índia muito menos. Contam comigo. Oh, que fardo! Sempre tive um a transportar aos ombros... e sempre, o fardo dos outros!"

Observou o rosto de Índia e o da tia, e arrependeu-se do que lhes dissera. Melanie não teria gostado de a ver tratar tão rudemente os que ela estimava,

- Lastimo haver-me exaltado - confessou, falando com

dificuldade. -Mas, se me exalto, é por causa dos nervos. Vou até à varanda. Preciso estar só. Depois voltarei, e nós então...

565

@M" -

Passou a mão no braço de Pitty e saiu à pressa, pois sabia que, se continuasse ali, não conseguiria manter-se nos justos limites. De facto, necessitava estar só, e chorar para impedir que o coração lhe rebentasse.

Entrou na varanda, fechou a porta, e sentiu no rosto o ar fresco e húmido da noite. A chuva tinha cessado, e não se ouvia nenhum rumor senão, de tempos a tempos o cair duma gota de água do beiral. A terra estava envolta em névoa espessa. Todas as casas, do outro lado da rua, se esbatiam nas trevas - todas excepto uma, cuja janela iluminada luzia entre a bruma, semeando a sua volta

partículas douradas, Dír-se-ia que o mundo inteiro dormia sob um lençol, de fumo cor de cinza. E o mundo inteiro conservava-se silencioso.

Apoiou a cabeça a um pilar da varanda, e quis chorar; mas as lágrimas não acorreram, o seu desgosto era grande demais para que o conseguisse fazer. Estremeceu então, lembrando-se do fragor com que se haviam desmoronado as duas cidadelas invulneráveis da sua vida, e tentou aplicar a si mesma a velha fórmula: "Amanhã pensarei nisto, quando estiver melhor". Mas também lhe não foi possível realizar esse desejo. Daí por diante teria duas coisas no primeiro plano das suas apoquentações, Evocando Melanie compreendia quanta falta a sua amiga lhe fazia; evocando Ashley, acudia-lhe à mente a obstinação desse homem e a sua própria cegueira, que a impedira de ver como ele era na verdade. Esses dois pensamentos ser-lhe-iam penosos amanhã e depois, e em todos os dias que lhe faltavam para terminar a existência.

"Não, hoje não posso tornar-lhe a falar a Ashley. Falta-me a coragem de o ver e de o consolar. Voltarei amanhã cedo, farei tudo o que for preciso, direi a cada um as palavras adequadas. Mas esta noite, não. Não posso. Vou-me embora".

A casa dela ficava distante dali apenas cinco quarteirões. Não esperaria que o lacrimoso Peter lhe atrelasse o cavalo ao trem, não esperaria pelo Dr. Meade para a levar em sua companhia. Scarlett não suportaria as lágrimas de um nem o silêncio cheio de censuras do outro, Desceu à pressa os degraus da escada e, mesmo sem capa nem chapéu, mergulhou na noite brumosa. Depois de dobrar a esquina, iniciou a subida do alicive que conduzia a Peachtree Street: caminhava num mundo calado e húmido, e os

566

Corno OS que se dão em sonhos, não produziam seus passos, lágrimas que
ni ruído. nenhuma, o peito oprimido pelas
Enquanto O's -xperimentar a sensação de se não brotavam começou a e
stâncias. "Que, muitas vezes lias mesma, eircun. te. r -Visto já s. U. @ apressando o, asso os nervos
prega Clisparateb5 pen; persistia e apodevam-lhe partidas dessas! Mas a sensaçã<
quieta olhou der-
-lhe jurtivamente 111) espírito. III certo hue, todavia ra lVa@sc estranha, de, 1
redor è, si. Era unia ideia e animal que sente o perigo,
iiliar. Como um que Me cansei em se tornava fari iada. 4, PO r ela ergueu a cabeça,
desconf ailar. "Além disso, excesso" f disse consigo, para se tranq1 oiro... Nunca VI
está esquisita 1 Corri tanW nev a noite ini excepto... excepto ... " sua angústia foi nenhuma
as! te e a
Então a verdade surgiu elaramen
Sabia já o que era. Por mais de cem vle's ainda maior. . no meio duma névoa SeMetivera
aq-aele pesadelo, -. fugia a<:Io de
ern brumadensas, POVO lhante, num país envolto mento sombras e de
espectros. Sonhava, Pois, nesse mo
o sonho tornara-se realidade? . sas Mais forte do ou Por instantes perdeu a noção <:las coi
. , entada voltava
s vezes exPerIm e o que nunca, a sensação tanta erar o coração. A morte
dominá-la, fazendo-lhe, acel 1 outrora em Tara.
iviam-, a de novo, Come restwsilêncio envo importava nc, inundo, só
Desapaxecera tudo o que a. uni te@ror pânico, tal se, vam ruínas, NO coração uiva-ç
frio A névoa enlaçava-lhC fossem rajadas de vento muito e @@arlett desatou a correr
s como que a, prendê-la, ; seus sonhos, fugindo as mão ,er* corno centenas de vezes noE
ida. por UM -a corr` Lava, PersegI cegamente sem saber já onde es1
@ ela prO @udo, entre a bruma grisalha medo estr@nho. CO-nt -se sem. perigo.
curava o sítio onde Poderia acolher 1
seura, de cabeça baixa coração Pal

Assim subia a rua e do orvalho da noite, ASS árvores pitante, lábios húmidos @ cima da cabeça. Sim*, erguiam-se-lhe, e ane@, @çadoras Por - país lúgubre algures um refúgio, naquele so ao trede-via haver 1 Estugou mais o pas feito de silêncio niolhado: -lhe geladas, CON- par a encosta, com as saias a batereim lhe estalavam. torriOz,elos. Parecia que os Pulmões ia-se-lhe pelo tra os o arnachu-cava-lhe as costelas, met o espartilh filei coração, dentro. uma rã de luzes @ De repente SU'giu-lhe uni, clarão, ra clarifoscas, e, trémulas. No seu pesadelo jamais houve 567

dade, mas apenas nevoeiro cinzento e frio. Luzes significavam segurança gente, realidade. Scarlett deixou de correr, cerrou os punhos, lutou contra os terrores que a dominavam e olhou fixamente a fila de lampiões: deste modo compreendeu que estava em Atlanta, na Peachtree Street, e não no reino do sonho e dos espectros.

Ofegante, sentou-se numa pedra, diligenciando domar os nervos como qdém. puxa cordelinhos, com os dedos. @ "Corri... corri como uma louca. Mas para onde é que fugia?"

Principiava a respirar mais facilmente. PÔs a mão no peito, para comprimir o coração e com, a olhar, percorreu a rua de lés a lês. Lá ao alto ajava-se a sua moradia, com, todas as janelas iluminadas, com<> se desafiassem o, nevoeiro. A sua casa... o seu lar... Com quanta gratidão a contemplou, essa construção maciça que se elevava entre a bruma! Pouco a pouco o espírito acalmou-se-lhe.

O seu lar... Para ai é que desejava ir. Para aí é que corria. Junto de Rhett!

Bastou-lhe lembrar-se, disso para que experimentasse uma sensação de alívio. Estivera prisioneira, mas acabava de se libertar das grades e, ao mesmo tempo, daquele medo que lhe povoava os sonhos desde o, dia em que, regressando a Tara, tinha encontrado morto o seu mundo. Em Tara não havia achado nem segurança, nem força, nem juízo, nem ternura, nem compreensão-eóias que Ellen. representava, e que foram o baluarte da sua juventude. E emhora depois disso alcançasse bem-estar material, os pesadelos continuaram pelo tempo adiante. Contudo, o porto de abrigo que procurava nos seus sonhos e se ocultava sempre entre montanhas de névoa,, já ela ag'ora sabia <:> nele ficava. Não, era Ashley, não-1 Nele havia tanto calor como um fogo-fátuo, tanta estabilidade como -nas areias movediças; era Rhett, Rhett que possuía braços fortes para a agarrar, peito largo para descansar a cabeça, riso trocista para fazer os seus cuidados retomarem as suas devidas proporções. Rhett parecia-se com ela, porque também sabia ver a verdade nua e crua, desprezando noções teóricas da honra, do sacrifício, da exagerada fé na natureza humana. E ele arnava-a. Por que é que não percebera isso mais cedo, apesar do., sarcasmos com que Rliett dava, a entender o contrário? Melanie vira com mais clarividência e, no seu

568

último suspiro, dissera que fosse boa para com ele. "Oh.

- murmurou - Ashley não é o único a ser estupidamente ,cego! Eu também devia ter enxergad<> melhor".

Durante anos fora amparada pelo amor forte de Rhett, e fizera tanto caso disso como o fizera da amizade de Mela nie, vanglorianão@-se de extrair de si mesma a sua própria energia. E assim como pouco antes compreendera que Melanie a não abandonara na sua áspera campanha contra a vida, também agora percebia que Rhett sempre estivera por trás dela, -calado, amoroso e compreensivo, pronto a lhe prestar o seu auxílio. Na quermess@e, ele tinha-lhe lido nos olhos o seu desejo e convidara-a logo a dançar; ajudara-a a fugir à escravidão da viuvez acompanhara-a através do incêndio e das explosões, naqu@la. poite da rendição de Atlanta, eniprestara-lhe o dinheiro,

necessário para entrar nos negócios, confortara-a quando acordava assustada depois dos pesadelos... Que homem faria isso tudo, se não estivesse loucamente apaixonado?

Das árvores caíam gotas de orvalho, mas Scarlett não as sentia. O nevoeiro girava à sua volta, e ela não lhe dava atenção. Quando pensava nesse homem de rosto trigueiro, olhos vivos, e dentes cintilantes, era certo corar a tremer.

"Amo-o" 'pensou _ E, corno. sempre, aceitou a verdade sem grande admiração, como uma Criança que recebe um presente* @ (Não sei desde quando é este amor, mas sei que é real. Ashley não me deixava descobrir, Ashley estava sempre à minha frente".

Amava-o. assim velhaco tal qual era, sem escrúpulos, sem honra... pelo menos sem aquela honra que tanto preocupava Ashley, "Que o diabo, a leve, essa honra de que fala Ashley! Sempre me prejudiquei com isso desde o princípio, quando ele me visitava e já sabia que a família queria o seu casamento com Melanie. Rhett, pelo contrário, nunca me deixou mal colocada, nem sequer na tal noite da recepção em casa d'us, Wilkes... quando podia muito bem ter-me tornado o pescoço.

Mesmo ao largar-me na estrada, no dia da queda de Atlanta, mesmo aí ele contava que eu me salvaria, fosse como fosse. Até quando fingiu querer compensações, na visita que lhe fiz à prisão yankee! Não me obrigaria, com certeza, a ser sua amante... Era só para ele experimentar. Concedia-me o seu amor e eu procedia, por meu lado, com tanta mesquinhez! Não deixei nunca

-569

de o ofender; Rhett, porém, sendo orgulhoso, jamais o deu a entender. E quando Bonnie morreu... ah, como é que eu pude?!"

Levantou-se e olhou para a casa, no cimo do outeiro. Meia hora antes, julgara, ter perdido tudo no mundo, excepto o dinheiro; tudo o que tornava a existência desejável, Ellen, Gerald, Bonnie, Babá, Melanie e Ashley. Foi preciso perdê-los realmente para compreender que amava Rhett... que o amava porque era forte e sem escrúpulos, apaixonado e materialista... como ela.

"Dir-lhe-ei isto mesmo, e Rhett perceberá. Sempre me percebeu. Dir-lhe-ei quanto fui parva e quanto o amo. Dir-lhe-ei que vou emendar-me".

De repente sentiu-se feliz, cheia de força. Não tinha medo do escuro, nem da névoa, e, com o coração jubiloso, pensou que nunca mais teria medo, por mais nevoeiros que a rodeassem. Sabia onde estava o seu refúgio. A toda a pressa, retomou o caminho para casa. iEsta, no entanto, pareceu-lhe distante, muito distante. Mas Scarlett corria, erguendo as saias até aos joelhos. Desta vez não fugia apavorada: precipitava-se para a frente, porque ao fim da rua a esperavam os braços de Rhett.

1 63

A porta da rua estava aberta, e Scarlett, quase sem fôlego, penetrou no vestíbulo e parou um instante debaixo dos prismas arco-irisados do lustre. Apesar da profusa iluminação, reinava silêncio, na casa. Não era a serenidade do sono, mas qualquer coisa lúgubre, que infundia inquietação. Scarlett percebeu logo que Rhett se não encontrava nem na sala nem na biblioteca, e, ocoração, oprimiu-se-lhe. Havia saído... fora ter com Belle, ou então para um desses lugares onde passava as noites, quando não vinha jantar. Sernelhante hipótese é que ela não previra.

Já ia subir a escada, a fim de o ir procurar e de súbito notou que a porta da casa de jantar se encontrava fechada. Defronte dessa porta fechada sentiu uma espécie de vergonha porque se lembrou das vezes em que Rhett ficava sozinho a beber, até que Pork o fosse buscar para o meter na cama. De quem a culpa, senão sua, se o marido se embebedava assim? Ora, daí por diante, tudo iria mudar.

570

"Meu Deus - murmurou - faze! com que ele não esteja hoje embriagado. Se bebeu demais, não me acreditará. Há-de rir-se de mim, e eu morrerei de dor",

Entreabriu devagarinho a porta e lançou um olhar a toda a volta da casa de jantar. Enterrado na poltrona do costume Rliett achava-se diante da mesa, sobre a qual se via um@ garrafa intacta e um copo ainda não servido. Graças a Deus, não tomara nada! Scarlett ia falar, quando o offiar dele a deteve, @c-omia que pregando-a ao limiar.

Fitava-a com os,seus olhos escuros, cheios de fadiga, em cujas pupilas quase não havia claridade, Embora os cabelos da mulher lhe tombassem pelos ombros, e ela arquejasse e as saias estivessem enlameadas, Rliett não mostrou n nhum espanto, os "seus lábios não esboçaram nenhum sorriso escarninho. Continuou enterrado na poltrona; o fato amarrotado fazia-lhe pregas na altura do estômago proeminente. Tudo no seu corpo acusava a ruína do atleta, o envilecimento do vulto enérgico. O álcool e outros vícios tinham marcado aquele perfil de medalha; já nãcr era o rosto dum príncipe pagão cunhado em oiro, mas uma cabeça de César decadente numa velha moeda de cobre muito gasta pelo, uso. Olhou Scarlett sem se mover, com a mão poi%ada no peito: um olhar calmo, quase amigável, que a assustou deveras,

- Andá sentar-te - disse ele. - Já morreu? Scarlett fez que sim com a cabeça e aproximou-se do marido cora passo hesitante. Desconcertava-a aquela nova expressão nã face de Rhett. Sem se erguer, ele puxou uma cadeira com o pé e Scarlett deixou-se cair nela. Teria preferido que lhe não falasse tão, cedo de Melanie, que não a obrigasse a reviver os horrores dessa hora acabada de passar. Havia muito tempo para se ocupar disso. O que lhe parecia necessário era declarar já que o amava: nessa mesma noite ' nesse momento, é que devia dizer-lhe tudo o que sentia. Mas calou-se, porque na cara de Rhett não sei que viu que a envergonhou de súbito falar de amor, quando-Melanie ainda não arrefecera de todo.

- @ntão, paz à sua alma - acrescentou melancólico. -

Foi a única pessoa realmente boa que eu conheci.

- Sim, Rhett! - exclamou a mulher, desesperada, lembrando-se de tudo o que Melanie fizera para seu bem. -

Por que não vieste comigo? Precisei tanto de ti! '

- Não teria coragem - limitou-se ele a declarar.

571

Calou-se um instante e ajuntou com voz suave: -Uma grande dama!

O seu olhar sombrio relanceoua, e ela, notQu-lhe a mesma expressão que tinha nessa noite da rendição de Atlanta, quando Rhett lhe anunciara o propósito de se reunir às tropas' em retirada. Era o ar dum homem que se conhece a fundo mas que, descobrindo em si mesmo virtudes e comoções inesperadas ' se sente 'um tanto ridículo com a sua descoberta. E c> olhar continuou inquiridor, querendo ver por cima do ombro de Scarlett como se julgasse que MeJanie atravessava em sil^ncio o @uarto e se dirigia para a porta. Era um adeus; porém a fisionomia não denotou tristeza nem mágoa,, apenas uma. espécie de surpresa pelo regresso de sentimentos mortos desde a infância. Scarlett estremeceu. Extinguia-se a bela chama interior que a incitara a voltar para casa. Adivinhou em parte o que se passava na alma do marido ao dizer aquele adeus' à única pessoa que ele respeitara, De novo Scarlett experimentou uma sensação de perplexidade. Não podia compreender nem analisar por completa o que Rhett sentia, mas pareceu-lhe também que fora tocada de leve por uma saia rumorejante, cujo brando contacto se assemelhara a uma derradeira carícia; e seguia nos olhos de Rhett não a passagem duma mulher, mas dum símbolo: o símbolo das mulheres gentis, apagadas e contudo indomáveis, nas quais o Sul tinha haurido a sua energia durante a guerra civil e cujos braços dignos e fiéis o acalentaram depois da derrota.

Ao fim de certo tempo, ele baixou o olhar sobre Scar~ lett, e disse, já num tom frio e despreocupado:

- Com que então, morreu... A ti convém, não é verdade?

-Como tens coragem de dizer semelhanteg coisas? Sabes quanto gostava dela!

-Não, não sabia. n uma surpresa, Mas fica-te muito bem esse sentimento, conhecendo-se a tua propensão para a canalha. Ao menos soubeste apreciá-la... à última hora.
-Sempre a apre6ei! Tu é que não, Não a conhecias como eu. Nem podias compreender ... como ela era bondosa.
-Palavra? Talvez tenhas razão ...
572

- Melanie pensava em todos, menos em si mesma. Olha, estas derradeiras palavras foram a teu respeito,,
Nos Gibos de Rhett brilhou um clarão de sinceridade, quando ele inquiriu:
-Que disse ela? -Depois te contarei, Rhett.
- Dize agora. Falava com frieza, mas agarrou-lhe o pulso e apertou-o com força. Searlett não queria ainda falar da morte de Melanie; não era assim que desejava aflorar o, assunto ,do seu amor, Mas a mão de Rhett não a largava.
-Disse... disse que fosse "boa para o capitão Butler, que te ama tanto".
Rhett titou-a e desprendeu-lhe o pulso. Depois fecliQu os olhos -- o rosto tornou-se-lhe impenetrável. Até que, levantando-se, foi à janela, afastou as cortinas e perscrutou a noite, cQmo se houvesse alguma coisa a ver lá fora, além do nevoeiro,
- Não disse mais nada? - perguntou, sem se virar.
- Pediu-me que tomasse conta do pequeno Beau. Prometi ocupar-me dele como sic@ fosse meu filho.
- E que mais?
- Pediu~m@@ também... que olhasse por Ashley. Rhett esteve um bocado silencioso e começou a rir em surdina.
- n cómodo ter autorização da primeira esposa. -Que significa isso? Rhett voltou-se e ela ficou admirada de não lhe ver nenhum traço de. sarcasmo na fisionomia. Estava com ar tão indiferente como uma pessoa que assiste ao último acto duma comédia maçadora.
- Suponho que é claro o sentido das minhas palavras. Melly morreu. Tens t<)das as provas necessárias para requerer o divórcio e a tua reputação não é tão grande que esse facto te cause embarços, Também não, tens sentimentos religiosos. Então, por que há"e esperar? Os teus sonhos realizam-se com a bênção de Melly.
- Divorciar-me? - bradou Scarlett. - Não e não! Sem saber ck que- fazia,, levantou-se dum pulo, correu ao marido e agarrou-lhe num braço. - Ah, enganas-te redondamente! Não posso divorciar-me, Eu... - Calou-se, incapaz de encontrar uma só frase com que prosseguisse.
Rhett pegou-lhe no queixo, voltou-lhe acara para a luz,
573

lab@k@
VV@_"

in.speccionou-lhe as Pupilas, Searlett suportou o exame dos olhos dilatados palavras não aê
Quis fala@' os lábios tremeram~lhe @ as dele unia como, udiram. Diligenciava descobrir no olhar de alegria @ão igual à sua clarão de esperança ou . Rhett devia já sai;erurnMas a sua vista ansiosa outra coisa não lobrigou além frável. dum rosto fechado, indeci---
Rhett largou-l,he o queixo sentou-s,e com ar fatigado Ije cabeça baixa, continuaoue
voltou Para a Poltron a observar a mulher, mas -sempre sem 17rande interesse. Ela aproximou-se e, unindo e desunindo diante do mariâ0 os dedos, postou_se
--Enganas-te* disse por fini.-Esta noite Rhett quando mecompenetrel da verdade, corri todo o Para ta dizer. Oh meu querido eu... @aminh@ E - Estás canáda -volveu '1@hett
rã melhor que te fosses deitar, ainda a mirá-la.
-Tenho que te dizer... -Scarlett, não quero... ouvir absolutamente nada. -Mas não sabes o que eu ia...

- Ora, está escrito na tua cara. Qualquer coisa... alguém... fez-te compreender que o infeliz Wilkes era uma Pilula muito amarga de engolir. Ao mesmo tempo, os meus encantos apareceram~te sob um aspecto novo... - Suspirou e concluiu. -Não vale a pena falar mais disto.

Scarlett teve um sobressalto de espanto. Era certo que Rhett lia sempre nos olhos dela. Até aí Scarlett irritara~se, com o caso, mas agora depois, da primeira impressão, experimentou uma espécie de alívio, de prazer. Ele sabia, ele compreendia; a sua tarefa estava grandemente facilitada. Não valia a pena falar mais. Sem dúvida que o marido a acusava no íntimo de o haver p r tanto tempo desprezado, e deste modo o que se

Q
ntia era desconfiança pela brusca reviravolta. Convinha preparar-lhe melhor o terreno, provar-lhe o seu amor numa forma categórica. Havia de ser tão bom!

- Meu querido vou dizer-te tudo - começou ela, pondo a mão no braço da poltrona e inclinando-se para o marido.

- Tenho, sido tão estúpida, tão...

- Scarlett, não continues nesse tom. Nada de humilhações à minha frente. Não suporto isso.

Conservemos um Pouco de dignidade, POUPEmo-nos este final...

Ela endireitou-se de súbito, pensando:

574

retenderá dizer com essa frase? Não, "Este final? Que P se trata de fim nenhum! n um começo, pelo contrário". F., em voz alta, replicou:

- Mas eu quero, explicar-te... - Falava precipitadamente com medo de que ele lhe tapa ' a boca. -

Oh,

s" Rhett, amo-te tanto, meu querido! Devia ter-te amado durante muito tempo... mas era estúpida demais para o saber. Acredita~me, Rhett.

O marido envolveu-a num olhar demorado, que a penetrou até ao íntimo. E Scarlett, percebeu que ele acreditara, mas que não lhe interessava saber. Iria ser descortês, como das outras vezes?

Atormentá-la? Pagar-lhe na mesma moeda?

- Creio-te - confessou por fim. -Mas, a respeito de Ashley?

- Asliley - repetiu Scarlett, fazendo um movimento de impaciência. - Penso... penso que não me inspira nenhum sentimento... que nunca mo inspirou... Era uma espécie de hábito, adquirido na mocidade... Se eu soubesse o que Astiley era na realidade, bem me parece que nunca me preocuparia com ele. É tão apático... com a mania da verdade, da honra...

- Não - interrompeu Rhett. - Se tens de o julgar exactamente como é põe as coisas nos devidos termos. Astiley-não passa dum cavalheiro metido à força num mundo que não. lhe pertence e ao qual se esQrça por aplicar as normas doutro mundo desaparecido.

- @@ melhor não falarmos dele, Rhett. Que nos importa agora esse homem? Não ficaste satisfeito por saber que... isto é... - Tornou a encontrar os olhos do marido e deteve-se, intimidada, como uma rapariga em presença do namorado. Se ele ao menos lhe facilitasse o trabalho! Se lhe estendesse os braços, para que ela se precipitasse neles e se sentasse no seu colo! Os lábios de ambos, unidos, seriam mais eloquentes do que todas as palavras. Mas, observando-o Scarlett compreendeu que, não era por maldade que Rhett a repelia. Dir-se-ia que deixara de sentir fosse o que fosse. A confissão da mulher não despertara nada no peito do marido.

- Satisfeito? Outrora, teria agradecido a Deus, de joelhos, a alegria de ouvir tudo isso. Agora... ê-me indiferente.

575

Indiferente? Que estás a dizer? Rhett, tu gostas d,@ mim, A Melly avisou-me.

-Sim, ela tinha razão, tanto quanto podia saber. Mas escuta, Scarlett: já pensaste que ainda mesmo o amor eterno... acaba por se extinguir? -Boquiaberta a Mulber olhava-o sem saber que lhe dissesse.

Rhett coAtinuou: -

O meu extinguiu-se. Foi de encontro a Ashley Wilkes e à tua insensata teimosia, que te obrigava a agarrares-te como uma lapa a tudo o que queria,9 imaginar... O meu amor morreu.

-O amor não pode morrer, Rhett! -O mesmo sucedeu ao que tu sentias por Ashley. -Mas eu, na realidade, nunca o amei. -Então, fingiste-o lindamente... até esta noite. Scarlett, não te acuso. Esse tempo passou. Poupa-me as tuas queixas e os teus protestos, Se conseguires ouvir-me cinco minutos sem me interromperes - eu sou capaz de te explicar o que sinto, embora não me considere obrigado a explicações, graças a Deus. A verdade salta aos olhos, Scarlett sentou-se. A luz crua do gás batia-lhe em cheio na cara lívida. Mergulhou depois o olhar naqueles olhos, que ela conhecia ao mesmo tempo, tão bem e tão mal, e escutou-essa voz tranquila dizer-lhe palavras que, de começo, não significavam nada. Era a primeira vez que Rhett lhe falava assim, como toda a gente, sem ironias nem enigmas.

-Jamais te passou pela cabeça que eu te amasse tanto como, um homem pode amar uma mulher? Que te amei durante anos antes de seres, minha? Durante a guerra, parti para longe, na ideia de te esquecer; mas não deu resultado, tive de voltar. Depois da guerra deixei-me prender, porque vim em tua procura. Amava-te tanto que julgo seria capaz de matar Frank Kennedy se ele não morresse de outra forma. Amava-te, mas não queria que o soubesses. Tu és cruel para com os que te amam, Scarlett. Pegas no amor deles, fazendó-o estalar sobre as suas próprias cabeças, como um chicote. De tudo isto, só lhe interessava o facto de ele a amar. Ao som da voz de Rhett, onde perpassavam um eco débil de paixão, ela sentia-se invadida outra vez dum assomo de prazer. E ficou imóvel, retendo a respiração, ouvindo, esperando... _ Sabia que não me dedicavas amor, quando casaste

576

comigo, Sabia o. que pensavas de Ashley, mas, insensato ..Mo,era, pensei conseguir um dia o que não tinha. Podes rir, se quiseres; a verdade é que pretendi tomar cuidado em ti e dar-te tudo o que desejasses. Quis casar contigo, proteger-te, conceder-te carta branca em tudo que te fizesse feliz-exactamente como fiz com Bonnie. Tinhas lutado tanto! Ninguém sabia tão bem como eu as privações por que havias passado. Quis que deixasses de combater, porque eu combateria por ti. Quis que te distraísse@ como uma criança, porque eras uma criança teimosa, ao mesmo, tempo heróica e assustadiça. Creio que ainda és assim. Só uma criança poderia ser-tão obstinada e insensível.

Rhett exprimia-se numa voz calma e cansada, mas na sua entoação havia qualquer coisa que suscitava em Scarlett o fantasma duma lembrança. Ouvira já certa voz como aquela, em determinada e dolorosa época da sua vida. Onde? A voz dum homem que se analisava a si mesmo e ao seu mundo, sem comoção, sem indecisões, sem esperança.

Onde? Quem? E Ashley na quinta de Tara, em certo dia invernos. Falava do espectáculo das sombras com resignada placidez, mais irritante do que acentos de amargura. Da mesma forma que a voz de Ashley a tinha gelado, despertando@-lhe o medo das, coisas que não podia compreender, assim a voz de Rhett lhe enchia de angústia o coração. O seu tom, a atitude revelada desesperavam-na mais do que as próprias palavras, obrigando-a a verificar que era prematura a agradável excitação de momentos antes, Havia algo que não estava bem, que estava, por assim dizer, muito mal. O que fosse não o. sabia ela, mas ouvia desalentada, fitando-o, esperando, por outras frases que desfizessem a impressão, das primeiras.

-1@ evidente que fomos feitos um para o outro, Tão evidente... que eu era e, único homem das tuas relações capaz de te amar depois de te conhecer a fundo... de saber que eras cruel voraz e pouco escrupulosa como eu. Ama, va-te e tentei a sorte. Pensei que Ashley se apagaria da tua memória. Todavia - acrescentou, encolhendo os ombros, eXPerimentel tudo o que estava no meu poder e não tirei resultado. Se ao menos me tivesses deixado agir, poderia ser o marido mais terno de quantos existem. Mas não queria que conhecesses a minha ternura, porque então me considerarias fraco e tratarias de te servir do meu amor...

37 - Vento I--vou - n

577

1,1

1"iil

@W@'í í i o,

contra mim. E Ashley continuava... Comecei a perder a cabeça. Não podia sentar-me à tua frente sem perceber que terias preferido fosse Ashley e não eu quem ali estivesse. Não podia apertar-te nos braços sem desconfiar que... Isto, porém, já não interessa. Chego a perguntar agora por que é que sofri. Eis o que me levou a, procurar Belle. Experimenta-se conforto, embora grosseiro, junto duma mulher que nos ama de corpo e alma e que nos respeita como cavalheiro... ainda que essa mulher seja uma prostituta iletrada. Isso lisonjeava-me a vaidade. Tu nunca foste muito meiga, Scarlett.

-Oh, Rhett!-acudiu. ela, mais desgostosa ainda ao ouvir pronunciar o nome de Belle. Mas o marido interrompeu-a.

-E então, naquela noite em que te levei em braços... pensei... esperei... esperei tanto que tive medo de te enca-rar no dia seguinte. Medo de me haver enganado quanto ao teu amor. Temi que troçasses... e saí, e embebedei-me. Quando voltei, tremia como um colegial; se fizesses o mínimo gesto de acolhiment<), cairia de joelhos a teus pés. Tu, contudo, não me animaste.

-E eu que tinha tanta necessidade de ti, Rhett! Desejava-te... Creio que f<>i nessa altura que me compenetrei de quanto te amava. Quanto a Ashley... pouco me importava com ele, depois disso. Mas tu andavas tão intratável...

- Ali, sim, dá-me a impressão de que brincávamos às escondidas! Acabou-se, já não interessa. Conto-te tudo isto só para que não tenhas dúvidas quanto a certos pontos. Quando adoceste, por minha culpa, fiquei à tua porta à espera que me chamasses; mas não o fizeste, e então compreendi como fora tolo. Compreendi também que estava tudo acabado.

Parou e olhou-a sem a ver, como Ashley tantas vezes a olhara: fitando a<> longe qualquer coisa que ela não lobrigava. Incapaz de se exprimir, Scarlett só podia fitar aquele rosto pensativo.

- Mas - prosseguiu Rhett - havia ainda Bonnie e eu pensei que talvez nem tudo tivesse acabado.

Entretínha-me a imaginar que Bonnie eras tu, que te tornaras outra vez criança, que a cena se passava antes da guerra, antes que a pobreza te houvesse marcado tão profundamente. Parecia-se contigo autoritária, destemida, alegre, cheia de iniciativa. Eu í>@dia acariciá-la, mimá-là...

exactamente como

578

desejaria fazer a ti. Havia só uma diferença: ela gostava de mim. Foi coisa abençoada, esta de poder empregar na filha o amor que a mulher não queria aceitar. Quando Bonnie morreu, levou tudo consigo.

De súbito, Scarlett sentiu-se apiedada. Teve tanta pena, dele que não pensou na sua própria dor nem nas ameaçaE; que se continham nas palavras ditas pelo marido. Era, a primeira vez na sua vida que ela se condoía de alguém, sem lhe votar ao mesmo tempo desprezo; era a primeira. vez que entendia um ser humano. Achava até natural, aquela teimosia orgulhosa, semelhante à sua, de não querer confessar o amor, com medo dum desaire.

- Ah, meu querido - disse Scarlett, aproximando-se mais, na ideia de que ele lhe estendeãe os braços e a. sentasse nos joelhos, - Meu querido Rhett, estou tão arrependida... Façamos por esquecer isso tudo! Podemos ser felizes, agora que conhecemos a verdade... Escuta... quem. sabe ainda se teremos filhos... não como Bonnie, mas....

-Não, obrigadQ-ripostou o marido, como, quem, recusa um bocado de pão. - Não arriscarei o meu coração pela terceira vez.

- Oh, Rhett, não digas -essas coisas! Que hei-de fazer para que me compreendas? Já te confessei o meu arrependimento.

- 2s uma criança, Scarlett. Julgas que, dizendo "arrendo-me" em relação a todos os erros e pecados, eles se apagam de vez da memória; que as- feridas ficam todas cicatrizadas. Aqui tens um lenço. Nunca te vi usar lenços, Scarlett, nas tuas crises.

Ela recebeu-o, assoo-u-se ' e voltou a sentar-se. Não havia dúvida que Rhett se desinteressava de a apertar nos braços. Era óbvio que o seu longo discurso sobre o amor se referia apenas ao passado. Dir-se-la até falar duma coisa que não acontecera com ele. Eis o que se tornava mais assustador! E Rhett olhava-a com bondade, e até com ar inquiridor,

- Que idade tens, minha filha? - perguntou, vagamente sonhador, - Nunca mo disseste.

- Vinte e oito - respondeu ela em tom abafado, com, o lenço ainda na boca.

- £ pouco. -£ pouco para já ter empreendido a conquista do mundo e haver perdido a alma. Não estejas preocupada. Não é ao Inferno que eu aludo, pensando na tua.

579

aventura com Astiley. Fala metaforicamente. Desde que te conheço que te vi a desejar duas ceríças, ter Ashley e pos@ suir bastante dinheiro para mandar os QuIros à fava. Pois és ri@a, mandaste os outros bugiar e podias ter AshIey se o quisesses. No entanto, i)arece que> isso já não te bast@... Searlett estava apavorada, mas não pela perspectiva do Inferno, Dizia consigo: "A minha alma é Rhett e eu vou pe.rdê-IQ. Se assim suceder, nada mais terá interesse para mim, nem amigos, nem dinheiro, nada. Conseguísse--o ter, a ele, que me importaria a pobreza? Que me importaria o frio e a fome? Ah, não é Poss@vel que ele se vã... Não o não!" Limpou os alhos e, perguntou: - Ilhett, se me tiveste tanto amor... ainda haverá um bocadinho dele um só?

-Olha, quando reflecto em tudo isto, concluo que só restam duas coisas, justamente as duas que tu mais dete

e tas: a piedade... e uma estranha sensação de berievolência.

"Piedade! Benevolência! Oli, meu Deus!" pensou ela, desesperada. Só benevolência e piedade.

Sempre que experimentava esses dois sentimentos por alguém, era fataL, misturar-se a eles um terceiro: o desprezo. Rhett desprezá~la-ia agora? Tudo lhe seria preferível, até a cínica frieza do tempo da guerra da Secessão, a frenesi de alcoólico com, que a levava nos braços, as observações fustigantes sob as quais (sabia-o ao presente) se escondia um amor cheio de amargura. Tudo, menos essa benevolente indiferença que se estampava tão claramente no rosto, Queres dizer... então... que arruinei tudo... que não, me tens amor?

Nem mais. Mas - voltou Scarlett, com a obstinação duma criança que supõe suficiente formular um desejo, para logo o obter; -mas eu amo-te!

Tanto pior para ti. Olhou--o bem, a ver se descortinava ironia naquelas palavras. Mas não havia nenhuma. Ilhett limitava-se a. estatuir um facto, porém um facto em que ela ainda não acreditava... nem podia acreditar. Mirou-o com esses olhos em que ardia tão teim~ desespero e apertou de repente os lábios, mostrando o queixo duro que tanto se assemelhava ao de Gerald.

- Rhett, não sejas estúpido! Eu posso... -Ele ergueu a mão, arremedando um gesto de horror, pô-la diante de si, como para tapar a vista, e nas sobran--@

580

celhãs arqu@_adas desenhou-se a dupla curva zombeteira de outros tempos. _Scarlett, deixa esse ar resoluto. Assustas-me. Vejo ,que estás a querer transferir de Ashley para mim os teus ardores tumultuosos. Temo pela minha liberdade e paz de espírito. Não, nã<> quero a sortedo infeliz Asliley. Além, disse vou-me embora.

o@ lábios de Searlett tremeram. Ir-se embora? Não, tudo menos isso. Como continuaria a viver sem ele? Todos que lhe interessavam a haviam abandonado já, todos fora Rhett. Este não poderia deixá-la. Mas como impedir que o fizesse? Scarlett não conseguiria nada contra aquela determinação fria, contra aquelas palavras indiferentes.

- Vou-me embora. Tencionava prevenir-te, quando regressaste de Marietta.

- Abandonas-me? -Não faças de esposa trágica e desprezada, Scarlett. Esse papel não te vai bem.

Parece-me ter compreendido que não desejavas nem divórcio nem separação judicial. Pois bem. De vez em quando virei cá, para pôr cobro às más-línguas.

- Quero lá saber de mãs-línguas! - bradou ela, furiosa. -A ti é que eu quero, Leva-me contigo.
 - Não - respondeu Rhett num tom que era o mais peremptório deste mundo. Por instantes, Scarlett esteve para ter uma crise >de lágrimas, como qualquer criança. Quis deitar-se no chão, injuriar, bater com o pé... Deteve-a: um resto de orgulho e de bom senso. "Se o fizer" pensou, "ele põe-se a rir, limitando-se a observar-me. 1@ão devo chorar, nem pedir-lhe que reconsidere; tudo isso aumentaria o seu desdém. Há-de respeitar-me, ainda que não me tenha amor". Ergueu a cabeça e conseguiu perguntar-lhe, muito calma:
 - Para onde vais? Ao responder, Rhett mostrou certa admiração no brilho dos seus olhos.
 - Talvez para Inglaterra... ou Paris. Talvez a Charleston, a fim de tentar fazer as pazes com a família.
 - Mas tu detestas essa gente! Ouvi~te trocar tanta vez. Ihett encolheu os ombros.
 - E ainda troço. Mas já estou farto de vida errante. Tenho quarenta e cinco anos, é idade em que se começa a apreciar as coisas que tão levianamente se, desprezaram,
 581

na mocidade: os laços de família, a honra, a paz, as raízes profundamente enterradas- nó solo... Oli não, não me arrependo de nada do que fiz! Divertí-me @astante, começo a enfastiar-me, desejo conhecer coisas diferentes. Apenas mudar de pele, como as cobras. Quero experimentar 0,9 aborrecimentos da respeitabilidade... a dos outros, não, a minha. Quero encontrar a dignidade calma da existência, que se leva no meio das pessoas de bom tom, rever o encanto benéfico dog dias idas ... Outrora eu não! soube apreciar-lhes a deliciosa lentidão ...
 Searlett sentia-se de nov<> transportada à sua quintade Tara; embalava-a o vento, e ela discernia na face do marido a mesma expressão que contemplara um dia no rostoi de Ashley. As frases deste voltavani-lhe com tanta nitidez que Scarlett, supunha ouvi-lo, em lugar de Rhett. Lembrou-se de fragmentos delas 'e repetiu-as em voz alta, como um papagaio: -Sedução... perfeição... Simetria da arte grega...
 -Que estás a dizer? -inquiriu o marido, intrigado. -Era. isso precisamente a que eu ia dizer.
 -Assim falou... mais ou menos... Asliley, um dia, a propósito do passado.
 Rhiett encolheu crutra vez <>s ombros. O brilhQ extinguiu-se-lhe dos olhos.
 - Sempre Ashley! -exclamou. E calou-se por um momento. - Scarlett, - prosseguiu daí a pouco - quando tiveres quarenta e cinco anos, talvez compreendas o que quero dizer; talvez estejas também fatigada das pessoas que fingem ser distintas 'que têm atitudes frustradas e sensações baratas. Ainda assim, ponho em dúvida. Creio, antes, que serás sempre a mesma, atraída pelo que cintila e não pelo oiro autêntico. Seja como for, não posso esperar. tanto tempo, para ver. Nem sinto muita vontade nisso. Irei explorar velhas cidades, velhos países onde deve subsistir um pouco do passado. Tornei-me seniimental. Para mim, Atlanta é muito brutal, muito moderna.
 -Cala-te -ordenou bruscamente a mulher. Mal escutava o que ele dizia. Não percebera o sentida daquela divagação: vendo que não existia na voz de Rhett nada que revelasse o seu amor por ela, Scarlett compreendeu apenas que não tolerava mais semelhante discurso.
 Rhett calou-se, e olhou-a admirado.
 582

- Hem? Não percebeste o que eu disse? - indagou, levantando~se.
 Scarlett estendeu-lhe as mãos, repetindo <> gesto imeInorial dos que imploram. De novo a sua fislonomia expressou todos os sentimentos de que o coração transbordava.,
 - Não! - gritou. - Tudo o que sei é que não me tens, amor e que te vais embora. Oh, meu querido, se te fores... o que será de mim?!
 Rhett hesitou, como se escolhesse entre uma mentira piedosa ou a verdade pura e simples, Depois respondew

- Scarlett, nunca fui homem para reunir pacientemente os bocados partidos dum objecto, a fim de dizer que assim consertado, valia tanto como novo. O que se quebrou, quebrou-se. Prefiro guardar a recordação do que era belo a contemplar o resto da vida os pedaços colados. Talvez, se fosse mais novo... - Suspirou e concluiu: -

Mas sou muito velho já para crer que se pode recomeçar, Sou muito velho para trazer aos ombros o peso das mentiras perpétuas que acompanham a existência dos que se nutrem de ilusões. Não poderia viver contigo, sempre a mentir-te... e muito menos a mentir a mim próprio. Nem consigo mentir-te neste instante. Desejaria interessar-me pelo que hás-de fazer ou por aquilo em que hás-de tornar-te, mas não posso. - Soltou um suspiro fundo e declarou em tom indiferente, mas delicado: - Minha querida, faze o que quiseses.

Ela ficou silenciosa. e viu-o subir a escada. A dor apertava-lhe tão, fortemente a garganta que teve a impressão de que ia sufocar. Com o som dos passos dele a se extinguirem no corredor do -primeiro andar, extinguiram-se também as últimas coisas que lhe interessavam no mundo. Sabia agora não haver súplica ou raciocínio que pudesse levar esse cérebro frio a reconsiderar na sua sentença.

Compreendia que ele pesaria cada palavra, apesar do tom leviano com que as pronunciara. E tinha essa certeza Porque adivinhava confusamente em Rhett algo de muito forte, inflexível e implacável... todas as qualidades que debalde procurara em Ashley.

Não entendera nenhum desses homens que amara; por isso a ambos os perdia. Agora os pensamentos, seguindo

583

uma trajectória imprecisa, diziam-lhe que, se tivesse percebido Ashley, decerto nunca o haveria amado e que se houvesse compreendido Rhett, não o teria perdido. E, desesperada, chegava a perguntar a si mesma se jamais entendera alguém neste mundo!

Apoderava-se do seu espírito um torpor misericordioso torpor que ela sabia, por experiência, ceder depressa; lugar a uma dor aguda -como o breve intervalo, de insensibilidade de que beneficiam os tecidos falhados pelo operador, antes de principiar o sofrimento.

"Não quero pensar nisto", decidiu com toda a sua energia "Enlouquecerei se pensar que Rhett me abandonaria. Deixarei o caso para amanhã. Mas -interveio o coração magoado, recusando aquele remédio passageiro - não posso deixá-lo partir! Há-de haver maneira de o evitar". -Não, não quero pensar! - repetiu em voz alta. Tentava esconder o desgosto no fundo da consciência erguendo uma comporta contra a maré alta da dor. - Irá... irei eu amanhã para Tara!" E, com esta ideia, retomou um pouco de coragem.

1

Voltara já uma vez a, Tara, cheia de desespero e saíra depois dessas muralhas protectoras forte e armada para a vitória. O que fizera então... que Deus lhe permitisse tornar a fazer! Como, não sabia. Nesse instante não queria reflectir, tudo o que desejava era uma delonga, e depois um refúgio para aí tratar das feridas e esboçar os seus planos de campanha. Lembrar-se de Tara correspondia a um bálsamo, refrigerante. Via já a casa muito branca a, dar-lhe as boas-vindas, através da folhagem avermelhada do Outono; sentia o silêncio calmo do crepúsculo rural descer como uma bênção, sentia o orvalho cair sobre a verdura dos campos entremeados de tufozinhos claros; contemplava o rubro violento da terra e a beleza triste e sombria dos pinheiros nos montes: ondulantes.

A evocação destas imagens proporcionou-lhe um pouco de consolo, reanimando-a e refregando para longe as saudades que ameaçavam tirar-lhe o uso da razão. Ficou um momento imóvel a lembrar-se de simples pormenores da alameda dos cedros escuros que conduzia à quinta, dos bardos de jasmineiros apoiados à casa, das cortinas nas janelas, flutuando muito altas. E Babá encontrava-se ali... De súbito, Scarlett desejou ardentemente a presença de Babá. Precisava dela como, no tempo -em que era criança,

584

necessitava dum peito largo para descansar a cabeça e duns dedos nodosos e negros qu4-- lhe acariciassem os cabelos. Babá era o último elo que a ligava aos dias bons de outrora.

E Scarlett, com a energia, dos da sua raça, que nunca, se confessam vencidos ainda quando sofrem a derrota; ergueu o busto e pensou que faria com que Rhett voltasse para ela. Consegui-lo-ia, não o duvidava. Nenhum homem jamais lhe resistira, sempre que se lhe metem na idéia deitar-lhe a mão. "Pensarei em tudo isto amanhã, em Tara. Será mais fácil. Amanhã decidirei qual o melhor processo de o fazer voltar. No fim de contas, é só mais um dia ... "

Acabado de imprimir em Março de 1988 por Minigráfica - Cooperativa de Artes Gráficas CRL

Depósito Legal:

21136/88